

Rainha do Ar e da Escuridão

CASSANDRA CLARE

OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS

LIVRO TRES

UM ROMANCE DOS CAÇADORES DE SOMBRAS

Sequência dos Bestsellers #1 do New York Times e USA Today Bestsellers
Dama da Meia-Noite e Senhor das Sombras


Rainha do Ar
e da Escuridão
CASSANDRA CLARE
OS ARTIFÍCIOS DAS TREVAS
LIVRO TRES
UM ROMANCE DOS CAÇADORES DE SOMBRAS
Sequência dos Bestsellers #1 do New York Times e USA Today Bestsellers
Dama da Meia-Noite e Senhor das Sombras

Rainha do Ar e da Escuridão

CASSANDRA CLARE

Para Sarah.
Ela sabe o que ela fez.



Tradução feita pela WhitethornTeca: Drive e Traduções.
Siga o nosso Twitter: @whitethornteca

Olhai! a Morte edific Olhai! a Morte edificou seu trono
Numa estranha cidade solitária
Por entre as sombras do longínquo oeste.
Lá, os bons, os maus, os piores e os melhores,
Foram todos buscar repouso eterno.
Seus monumentos, catedrais e torres
(Torres que o tempo rói e não vacilam!)
Em nada se parecem com os humanos.
E em volta, pelos ventos olvidadas,
Olhando o firmamento, silenciosas
E calmas, dormem águas melancólicas.

Ah! luz nenhuma cai do céu sagrado
Sobre a cidade, em sua imensa noite.
Mas um clarão que vem do oecano lívido
Invade dos torreões, silentemente,
E sobe, iluminando capitéis,
Pórticos régios, cúpulas e cimos,
Templos e babilônicas muralhas;
Sobe aos arcos templos magníficos, sem conta,
Onde os frios se enroscam e entretecem
De vinhedos, violetas, sempre-vivas.
Olhando o firmamento, silenciosas,
Calmas, dormem as águias melancólicas.
Torreões e sombras tanto se confundem
Que é tudo como solto nos espaços.
E a Morte, do alto de soberba torre,
contempla, gigantesca, o panorama.
Lá, os sepulcros e os templos se escancaram
mesmo ao nível das águas luminosas;

Mas não pode a riqueza portenhosa
Dos ídolos com olhos de diamente,
Nem das jóias que riem sobre os mortos,
Tirar as vagas de seu leito imóvel;
Pois, ai! nem leve movimento ondula
Esse imenso deserto cristalino!

Nem ondas falam de possíveis ventos
Sobre mares distantes, mais felizes;
Ondas nào contam que existiram ventos
Em mar de menos espantosa calma.
Mas, vede! Um frêmito percorre os ares.
Uma onda… Fez-se ali um movimento!

E dir-se-ia que as torres vacilaram
E afundaram de leve na água turva,
Abrindo com seus cumes, debilmente,
Um vazio nos céus enevoados.
As ondas têm, agora, luz mais rubra,
As horas fluem, lânguidas e fracas.
E quando, entre gemidos sobre-humanos,
A cidade submersa for fixar-se no fundo,
O Inferno, erguido de mil tronos,
Curvar-se-á, reverente.
—Edgar Allan Poe, “A Cidade no Mar”

PARTE UM

Sinta-se Sem Tristeza



Na Terra das Fadas,
como mortais não sentem tristeza, também não festejam.
— Provérbio das Fadas

1
A MORTE OLHA PARA BAIXO

HAVIA SANGUE NO tablado do Conselho, sangue nos degraus, sangue nas paredes, no chão e nos restos da Espada Mortal. Mais tarde, Emma se lembraria disso como uma espécie de névoa vermelha. Um pedaço de poesia quebrada continuava passando por sua mente, algo sobre não ser capaz de imaginar que as pessoas podiam ter tanto sangue nelas.

Eles disseram que o choque amortecia grandes golpes, mas Emma não se sentia entorpecida. Ela podia ver e ouvir tudo: o salão do Conselho cheio de guardas. Os gritos. Ela tentou lutar para abrir caminho até Julian. Guardas surgiram na frente dela em uma onda. Ela podia ouvir mais gritos.

— *Emma Carstairs quebrou a Espada Mortal! Ela destruiu um instrumento mortal! Prendam ela!*

Ela não se importava com o que eles falavam dela; ela tinha que chegar até Julian. Ele ainda estava no chão com Livvy em seus braços, resistindo a todos os esforços dos guardas para levantar seu corpo morto para longe dele.

— Deixe-me passar — disse ela. — Eu sou sua *parabatai*, deixe-me passar.

— Me dê a espada. — Era a voz da Consulesa. — Dê-me Cortana, Emma, e você pode ajudar Julian.

Ela engasgou e sentiu o gosto de sangue em sua boca. Alec estava sobre o estrado agora, ajoelhado ao lado do corpo do pai. O chão do corredor era uma onda de figuras apressadas, entre elas, Emma vislumbrou Mark, levando Ty, inconsciente, para fora do corredor, empurrando outros Nephilins para o lado enquanto ele se afastava. Ele parecia mais sombrio do que ela já o vira. Kit estava com ele; onde estava Dru? Lá, ela estava sozinha no chão. Não, Diana estava com ela, segurando-a e chorando, e lá estava Helen, lutando para chegar ao palanque.

Emma deu um passo para trás e quase tropeçou. O chão de madeira estava escorregadio com sangue. A Consulesa Jia Penhallow ainda estava

na frente dela, a mão magra estendida para Cortana. Cortana. A espada era parte da família de Emma, fazia parte de sua memória desde que ela se lembrava. Ainda se lembrava de Julian colocando-a em seus braços depois que seus pais morreram, como ela segurava a espada como se fosse uma criança, sem se importar com o corte profundo que a lâmina deixava em seu braço.

Jia estava pedindo a ela para entregar um pedaço de si mesma.

Mas Julian estava lá sozinho, curvado em aflição, encharcado de sangue. E ele era mais parte dela do que Cortana jamais seria. Emma entregou a espada, sentindo-a arrancada de seus braços, todo o seu corpo ficou tenso. Ela quase achou que podia ouvir Cortana gritar por se separar dela.

— Vá — disse Jia. Emma podia ouvir outras vozes, incluindo Horace Dearborn, exigindo que ela fosse detida, que a destruição da Espada Mortal e o desaparecimento de Annabel Blackthorn fossem punidos. Jia estava gritando com os guardas, dizendo-lhes para escoltar todos do Hall: Agora era um momento de tristeza, não um momento de vingança – Annabel seria encontrada – *Vá com dignidade, Horace, ou você será escoltado para fora, agora é não é o momento* – Aline ajudou Dru e Diana a se levantarem, ajudando-as a sair da sala enquanto Emma caiu de joelhos ao lado de Julian. O cheiro metálico de sangue estava por toda parte. Livvy estava em uma forma amassada nos braços de Julian, a pele da cor de leite desnatado. Ele parou de chamá-la de volta a vida e a estava balançando como se ela fosse uma criança, com o queixo contra o topo da cabeça.

— Jules — Emma sussurrou, mas a palavra estava amarga em sua língua: esse era o nome de infância dela para ele, e ele era um adulto agora, um pai em luto. Livvy não era apenas sua irmã. Por anos ele a criou como filha. — Julian. — Ela tocou sua bochecha fria, então a mais fria de Livvy. — Julian, amor, por favor, deixe-me ajudá-lo.

Ele levantou a cabeça lentamente. Ele parecia como se alguém tivesse jogado um balde cheio de sangue nele. O sangue encharcou seu peito, sua garganta, respingou em seu queixo e bochechas.

— Emma — Sua voz era apenas um sussurro. — Emma, eu desenhei tantos *iratzes*.

Mas Livvy já estava morta antes de cair na madeira do estrado. Antes mesmo de Julian erguê-la em seus braços. Nenhuma runa, nenhum *iratze*, teria ajudado.

— Jules! — Helen tinha finalmente forçado a passagem pelos guardas. Ela se jogou ao lado de Emma e Julian, sem se importar com o sangue. Emma assistiu entorpecida enquanto Helen removia cuidadosamente o fragmento quebrado da Espada Mortal do corpo de Livvy e o colocava no chão. Manchava as mãos dela com sangue. Seus lábios estavam brancos de dor e ela colocou os braços em volta de Julian e Livvy, sussurrando palavras suaves.

A sala estava esvaziando em torno deles. Magnus tinha entrado, andando muito devagar e parecendo pálido. Uma longa fileira de Irmãos do Silêncio seguindo-o. Ele subiu no estrado e Alec se levantou, atirando-se nos braços de Magnus. Eles se abraçaram sem palavras quando quatro dos irmãos se ajoelharam e ergueram o corpo de Robert Lightwood. Suas mãos foram dobradas sobre o peito, os olhos cuidadosamente fechados. Murmúrios suaves de "*Ave atque vale, Robert Lightwood"* ecoaram atrás dele enquanto os Irmãos levavam seu corpo da sala.

A Consulesa se aproximou deles. Havia guardas com ela. Os Irmãos do Silêncio pairavam atrás deles, como fantasmas, um borrão em um pergaminho.

— Você tem que deixá-la ir, Jules — Helen disse em sua voz mais gentil. — Ela tem que ser levada para a Cidade do Silêncio.

Julian olhou para Emma. Seus olhos eram duros como o céu de inverno, mas ela podia lê-los.

— Deixe-o fazer isso — disse Emma. — Ele quer que a última pessoa que carregue Livvy seja ele.

Helen acariciou o cabelo de seu irmão e beijou sua testa antes de se levantar. Ela disse:

— Jia, por favor.

A Consulesa assentiu. Julian ficou de pé lentamente, Livvy embalada contra ele. Ele começou a se mover em direção às escadas que levavam para baixo do tablado, Helen ao seu lado e os Irmãos do Silêncio seguindo, mas quando Emma se levantou também, Jia estendeu a mão para impedi-lá.

— Só a família, Emma — disse ela.

Eu sou família. Deixe-me ir com eles. Deixe-me ir com Livvy, Emma gritou em silêncio, mas ela manteve a boca firmemente fechada: Ela não podia adicionar sua própria tristeza ao horror já existente. E as regras da Cidade do Silêncio eram imutáveis. *A lei é dura, mas é a lei.*

A pequena procissão estava se movendo em direção às portas. A Corte tinha ido embora, mas ainda havia alguns guardas e outros Caçadores de Sombras na sala: um coro baixo de "*Saudações e Adeus, Livia Blackthorn*" seguiu-os.

A Consulesa se virou, Cortana brilhando em sua mão e desceu os degraus até Aline, que estivera observando enquanto Livvy era levada. Emma começou a tremer, um arrepio que começou no fundo de seus ossos. Ela nunca se sentira tão sozinha – Julian estava se afastando dela, e os outros Blackthorns pareciam a milhões de quilômetros de distância como estrelas distantes, e ela queria seus pais com uma intensidade dolorosa que era quase humilhante, e queria Jem e ela queria Cortana de volta em seus braços e ela queria esquecer Livvy sangrando e morrendo e amassada como uma boneca quebrada quando a janela do Salão do Conselho explodiu e a coroa quebrada levou Annabel – será que alguém mais tinha visto, além dela?

— Emma — Braços a envolveram, braços familiares e gentis, levantando-a do chão. Era Cristina, que devia ter esperado todo o caos por ela, que se mantivera teimosamente no Salão enquanto os guardas gritavam para que todos saíssem, a fim de ficar ao lado de Emma. — Emma, venha comigo, não fique aqui. Eu cuidarei de você. Eu sei onde podemos ir. Emma, *Corazoncita*. Venha comigo.

Emma deixou Cristina ajudá-la a ficar de pé. Magnus e Alec estavam vindo até elas, o rosto de Alec enrijecido, os olhos vermelhos. Emma ficou com a mão entrelaçada na de Cristina e olhou para o Hall, que lhe parecia um lugar completamente diferente de quando chegaram horas antes. Talvez porque o sol estivesse alto então, ela pensou, ouvindo vagamente Magnus e Alec conversando com Cristina sobre levar Emma para a casa que havia sido reservada para os Blackthorns. Talvez porque o quarto tivesse escurecido e as sombras fossem grossas como tinta nos cantos. Ou talvez porque tudo havia mudado agora. Talvez porque nada mais seria o mesmo novamente.

* * *

— Dru? — Helen bateu suavemente na porta fechada do quarto. — Dru, posso falar com você?

Pelo menos, ela tinha quase certeza de que era o quarto de Dru. A casa do canal, ao lado da residência da Consuela, na Rua Princewater, fora

preparada para os Blackthorns antes da reunião, já que todos haviam assumido que passariam várias noites em Idris. Helen e Aline haviam sido apresentadas à casa antes por Diana, e Helen tinha apreciado o toque leve das mãos amorosas de Diana em todos os lugares: havia flores na cozinha, e os quartos tinham nomes colados nas portas – o que tinha duas camas estreitas era para os gêmeos. A de Tavvy estava cheia de livros e brinquedos que Diana trouxera de sua casa pela loja de armas.

Helen tinha parado em frente a um pequeno quarto com papel de parede florido.

— Para Dru, talvez? — Ela disse. — É bonito.

Diana parecia duvidosa.

— Ah, Dru não é assim — ela disse. — Talvez se o papel de parede tivesse morcegos ou esqueletos.

Helen estremeceu. Aline pegou a mão dela.

— Não se preocupe — ela sussurrou. — Você vai conhecê-los novamente. — Ela beijou a bochecha de Helen — vai ser fácil.

E talvez teria sido, pensou Helen, olhando para a porta com o bilhete que dizia *Drusilla*. Talvez se tudo tivesse corrido bem. O luto explodiu em seu peito – ela se sentiu como um peixe preso em um anzol, girando e se sacudindo para se afastar do pico de dor que entrava em sua carne.

Lembrou-se da dor da morte de seu pai, quando apenas o pensamento de que ela devia cuidar de sua família tinha conseguido fazer com que ela continuasse indo. Ela estava tentando fazer o mesmo agora, mas estava claro que as crianças – se elas poderiam mesmo ser chamadas assim; apenas Tavvy era realmente uma criança, e ele estava na casa do Inquisidor, tendo felizmente perdido o horror no Conselho Municipal – sentiam-se estranhas ao seu redor. Como se ela fosse uma estranha.

O que só fez a dor penetrar mais fundo em seu peito. Ela desejava que Aline estivesse com ela, mas Aline foi ficar com os pais por algumas horas.

— Dru — Helen disse novamente, batendo com mais força. — *Por favor*, deixe-me entrar.

A porta se abriu e Helen puxou a mão antes de ela acidentalmente socar Dru no ombro. Sua irmã estava na frente dela, olhando em suas roupas negras mal ajustadas, muito apertadas na cintura e no peito. Seus olhos estavam tão avermelhados que parecia que ela havia espalhado uma sombra escarlate nas pálpebras.

— Eu sei que você pode querer ficar sozinha — disse Helen. — Mas eu preciso saber se você está…

— Bem? — Dru disse, um pouco bruscamente. A implicação era clara: *Como eu poderia estar bem?*

— Sobrevivendo.

Dru desviou o olhar por um momento; seus lábios, apertados juntos, tremeram. Helen ansiava por agarrar sua irmã mais nova e abraçá-la, para abraçar Dru do jeito que ela tinha feito anos atrás quando Dru era uma criança teimosa.

— Eu quero saber como Ty está.

— Ele está dormindo — disse Helen. — Os Irmãos do Silêncio lhe deram uma poção sedativa, e Mark está sentado com ele. Você também quer se sentar com ele?

— Eu… — Dru hesitou, enquanto Helen desejava poder pensar em algo reconfortante para dizer sobre Ty. Ela estava apavorada com o que aconteceria quando ele acordasse. Ele desmaiou no Salão do Conselho, e Mark o levou para os Irmãos.

Eles o examinaram em um estranho silêncio e declararam que fisicamente ele era saudável, mas eles lhe davam ervas que o manteriam dormindo. Que, às vezes, a mente sabia quando precisava se desligar para se preparar para curar. Embora Helen não soubesse como uma noite de sono, ou mesmo um ano disso, prepararia Ty para perder sua irmã gêmea.

— Eu quero Jules — Dru disse finalmente. — Ele está aqui?

— Não — disse Helen. — Ele ainda está com Livvy. Na Cidade do Silêncio. — Ela queria dizer que ele voltaria a qualquer momento — Aline havia dito que a cerimônia de colocar alguém na cidade como uma preparação para a cremação era curta — mas ela não queria dizer nada para Dru que acabaria por não ser verdade.

— E Emma? — A voz de Dru era educada, mas parecia: *Eu quero as pessoas que conheço, não você.*

— Eu vou procurá-la — disse Helen.

Ela mal tinha se afastado da porta de Dru quando esta se fechou atrás dela com um pequeno, mas determinado, clique. Ela piscou as lágrimas e viu Mark, parado no corredor a poucos metros dela. Ele se aproximou tão silenciosamente que ela não o ouviu. Ele segurava um pedaço de papel amassado na mão que parecia uma mensagem de fogo.

— Helen — disse ele. Sua voz era áspera. Depois de todos os seus anos na Caçada, ele ficava de luto como fadas? Ele parecia amarrotado, cansado: Havia linhas muito humanas sob seus olhos, nos lados de sua boca. — Ty não está sozinho, Diana e Kit estão com ele e ele dorme. Eu precisava falar com você.

— Eu tenho que procurar Emma — disse Helen. — Dru a quer.

— O quarto dela é logo ali, nós certamente podemos pegá-la antes de sairmos — Mark disse, indicando a extremidade mais distante do corredor. A casa era revestida de madeira cor de mel, as lâmpadas de pedra enfeitiçada acendendo-a ao calor; em outro dia, teria sido um lugar bonito.

— Sair? — Helen disse, intrigada.

— Eu recebi uma mensagem de Magnus e Alec, na casa do Inquisidor. Eu preciso ir buscar Tavvy e dizer a ele que nossa irmã está morta — Mark estendeu a mão para ela, seu rosto se contorcendo de dor. — Por favor, Helen. Venha comigo.

* * *

Quando Diana era jovem, ela visitou um museu em Londres, onde a atração principal era uma Bela Adormecida feita de cera. Sua pele era como sebo pálido, e seu peito subia e descia enquanto ela "respirava" com a ajuda de um pequeno motor implantado em seu corpo.

Algo sobre a quietude e palidez de Ty a lembrava agora da garota de cera. Ele estava parcialmente coberto com os cobertores em sua cama, seu único movimento era sua respiração. Suas mãos estavam soltas e abertas a seus lados. Diana não queria nada mais do que ver seus dedos se movendo, brincando com uma das criações de Julian ou com o fio de seus fones de ouvido.

— Ele vai ficar bem? — Kit falou em um meio sussurro. A sala estava forrada de amarelo alegre, ambas as camas de solteiro cobertas com colchas de pano. Kit poderia ter se sentado na cama vazia que deveria ser da Livvy, mas ele não tinha feito isso. Ele estava agachado em um canto da sala, as costas contra a parede, as pernas contra o peito. Ele estava olhando para Ty.

Diana colocou a mão na testa de Ty. Ela se sentiu entorpecida por todo o corpo.

— Ele está bem, Kit — disse ela. Ela puxou o cobertor sobre Ty; Ele se mexeu e murmurou, encolhendo os ombros. As janelas estavam abertas — achavam que o ar poderia ser melhor para Ty — mas Diana atravessou a

sala para fechá-las agora. Sua mãe sempre foi obcecada com a ideia de que a pior coisa que poderia acontecer com alguém era pegar um resfriado e, aparentemente, você nunca esquece o que seus pais lhe ensinaram.

Além da janela, ela podia ver a cidade, delineada no início do anoitecer, e a lua nascente. Ela pensou em uma figura a cavalo, cavalgando pelo vasto céu. Ela se perguntou se Gwyn sabia dos acontecimentos desta tarde ou se teria que enviar uma mensagem a ele. E o que ele faria ou diria quando recebesse? Ele tinha vindo até ela uma vez antes, quando Livvy, Ty e Kit estavam em perigo, mas ele tinha sido chamado por Mark então. Ela ainda não tinha certeza se ele tinha feito isso porque ele realmente gostava das crianças, ou se ele simplesmente tinha uma dívida.

Ela fez uma pausa, a mão na cortina da janela. Na verdade, ela sabia pouco sobre Gwyn. Como líder da Caçada Selvagem, ele era quase mais mítico que humano.

Ela se perguntou como as emoções devem ser sentidas por aqueles tão poderosos e velhos que se tornaram parte de mitos e histórias. Como ele poderia realmente se importar com a pequena vida de qualquer mortal, dado o escopo do que ele havia experimentado?

E ainda assim ele a abraçou e a consolou em seu antigo quarto, quando ela lhe contou o que ela só havia dito à Catarina e a seus pais antes e seus pais estavam mortos.

Ele tinha sido gentil… não tinha?

Pare com isso. Ela se voltou para o quarto. Agora não era a hora de pensar em Gwyn, mesmo que alguma parte dela esperasse que ele viesse e a consolasse novamente. Não quando Ty poderia acordar a qualquer momento em um mundo de uma dor nova e terrível. Não quando Kit estava agachado contra a parede como se tivesse chegado a uma praia deserta após um desastre no mar.

Ela estava prestes a colocar a mão no ombro de Kit quando ele olhou para ela. Não havia marcas de lágrimas no rosto. Ele tinha ficado com os olhos secos depois da morte de seu pai também, ela lembrou, quando ele abriu a porta do Instituto pela primeira vez e percebeu que ele era um Caçador de Sombras.

— Ty gosta de coisas familiares — disse Kit. — Ele não vai saber onde está quando acordar. Devemos ter certeza de que a bolsa dele está aqui e tudo o que ele trouxe de Londres.

— Está ali.— Diana apontou para onde a mochila de Ty tinha sido colocada, debaixo da cama que deveria ter sido de Livvy. Sem olhar para ela, Kit se levantou e foi até lá. Ele abriu o zíper e tirou um livro – um livro grosso, com uma encadernação de página antiquada. Silenciosamente, colocou-o na cama ao lado da mão esquerda de Ty, e Diana teve um vislumbre do título gravado em ouro na capa e percebeu que até mesmo seu coração adormecido podia tremer de dor.

O Retorno de Sherlock Holmes

* * *

A lua começara a subir e as torres demoníacas de Alicante brilhavam à sua luz.

Fazia muitos anos desde que Mark estivera em Alicante. A Caça Selvagem havia sobrevoado-a, e ele se lembrou de ter visto a terra de Idris abaixo dele enquanto os outros na Caçada gritavam e uivavam, divertindo-se em voar sobre a terra dos Nephilins. Mas o coração de Mark sempre batia mais rápido com a visão da pátria dos Caçadores de Sombras; o brilhante bairro prateado do Lago Lyn, o verde da Floresta Brocelind, as mansões de pedra do campo e o vislumbre de Alicante em sua colina. E Kieran ao lado dele, pensativo, observando Mark enquanto Mark observava Idris.

Meu lugar, meu povo. Minha casa, ele pensou. Mas parecia diferente do nível do solo: mais prosaico, preenchido com o cheiro da água do canal no verão, ruas iluminadas por pedra enfeitiçada.

Não era longe a casa do Inquisidor, mas eles estavam andando devagar. Passaram vários minutos antes de Helen falar pela primeira vez:

— Você viu a nossa tia no Reino das Fadas — disse ela. — Nene. Apenas Nene, certo?

— Ela estava na Corte Seelie. — Mark assentiu, feliz por ter o silêncio quebrado. — Quantas irmãs nossa mãe teve?

— Seis ou sete, eu acho — disse Helen. — Nene é a única que é gentil.

— Eu pensei que você não sabia onde Nene estava?

— Ela nunca falou de sua localização para mim, mas ela se comunicou comigo em mais de uma ocasião desde que fui enviada para a ilha de Wrangel — disse Helen. — Eu acho que ela sentiu simpatia em seu coração por mim.

— Ela nos ajudou a nos esconder e a curar Kieran — disse Mark. — Ela me contou os nossos nomes de fadas. — Ele olhou ao redor; eles haviam chegado à casa do Inquisidor, a maior nesse trecho de calçada, com varandas sobre o canal. — Eu nunca pensei que voltaria aqui. Não para Alicante. Não como um Caçador de Sombras.

Helen apertou seu ombro e eles caminharam juntos até a porta; ela bateu, e um Simon Lewis apressado abriu a porta. Fazia anos desde que Mark o vira, e ele parecia mais velho agora: seus ombros eram mais largos, seu cabelo castanho mais comprido e havia barba por fazer ao longo de sua mandíbula.

Ele deu a Helen um sorriso torto.

— A última vez que você e eu estávamos aqui eu estava bêbado e gritando na janela de Isabelle. — Ele se virou para Mark. — E a última vez que te vi, eu estava preso em uma gaiola no Reino das Fadas.

Mark lembrou-se: Simon olhou para ele através das barras da jaula, Mark dizendo a ele: *Eu não sou nenhuma fada. Eu sou Mark Blackthorn, do Instituto de Los Angeles. Não importa o que dizem ou o que fazem comigo. Ainda me lembro quem sou.*

— Sim — disse Mark. — Você me contou sobre meus irmãos e irmãs, sobre o casamento de Helen. Fiquei grato. — Ele fez uma pequena reverência, por hábito, e viu Helen parecer surpresa.

— Eu gostaria de ter lhe contado mais — Simon disse, com uma voz mais séria. — E eu sinto muito. Sobre Livvy. Estamos em luto aqui também.

Simon abriu a porta completamente. Mark viu uma grande entrada no interior, com um grande lustre pendurado no teto; à esquerda, havia um quarto de família, onde Rafe, Max e Tavvy estavam sentados em frente a uma lareira vazia, brincando com uma pequena pilha de brinquedos.

Isabelle e Alec sentaram-se no sofá: ela tinha os braços em volta do pescoço dele e soluçava baixinho contra seu peito. Soluços baixos e sem esperança que ecoaram profundamente em seu próprio coração.

— Por favor, diga a Isabelle e Alec que sentimos muito pela perda do pai deles — disse Helen. — Nós não pretendíamos nos intrometer. Estamos aqui por Octavian.

Naquele momento, Magnus apareceu na entrada. Ele acenou para eles e foi até as crianças, levantando Tavvy em seus braços. Embora Tavvy estivesse ficando muito grande para ser carregado, Mark pensou, em

muitos aspectos, Tavvy era jovem para a idade dele, como se a tristeza inicial o tivesse mantido mais infantil. Quando Magnus se aproximou deles, Helen começou a levantar as mãos, mas Tavvy estendeu os braços para Mark.

Em alguma surpresa, Mark pegou seu irmãozinho em seus braços. Tavvy se contorceu, cansado, mas alerta.

— O que aconteceu? — Ele disse. — Todo mundo está chorando.

Magnus passou a mão pelos cabelos. Ele parecia extremamente cansado.

— Nós não dissemos nada a ele — disse ele. — Nós pensamos que era para você dizer.

Mark deu alguns passos para trás da porta, Helen seguindo depois dele, para que ficassem no iluminado quadrado de iluminação da entrada. Ele colocou Tavvy no chão. Era assim que as fadas davam más notícias. Cara-a-cara.

— Livvy se foi, criança — disse ele.

Tavvy parecia confuso.

— Foi para onde?

— Ela passou para as Terras das Sombras — disse Mark. Ele estava lutando pelas palavras; a morte no Reino das Fadas era uma coisa tão diferente do que era para os seres humanos.

Os olhos de Blackthorn verde-azulados de Tavvy estavam arregalados.

— Então podemos resgatá-la — disse ele. — Podemos ir atrás dela, certo? Como se tivéssemos voltado de Faerie. Como você foi atrás de Kieran.

Helen fez um pequeno barulho.

— Ah, Octavian — disse ela.

— Ela está *morta* — disse Mark impotente, e viu Tavvy se afastar das palavras. — As vidas mortais são curtas e frágeis em face da eternidade.

Os olhos de Tavvy se encheram de lágrimas.

— *Mark* — Helen disse, e se ajoelhou no chão, estendendo as mãos para Tavvy. — Ela morreu tão bravamente — disse ela. — Ela estava defendendo Julian e Emma. Nossa irmã, ela era corajosa.

As lágrimas começaram a derramar no rosto de Tavvy.

— Onde está Julian? — Ele disse. — Onde ele foi?

Helen baixou as mãos.

— Ele está com Livvy na Cidade do Silêncio, ele estará de volta em breve. Vamos levá-lo de volta para casa, na casa do canal.

— *Casa?* — Tavvy disse com desdém. — Nada aqui se parece com nossa *casa*.

Mark estava ciente de Simon ter chegado ao lado dele.

— Deus, pobre garoto — disse ele. — Olha, Mark…

— Octavian — Era a voz de Magnus. Ele estava parado na porta ainda, olhando para o pequeno menino com o rosto manchado de lágrimas. Havia exaustão em seus olhos, mas também uma imensa compaixão: o tipo de compaixão que vinha com grande velhice.

Parecia que ele teria dito mais, mas Rafe e Max se juntaram a ele. Silenciosamente eles desceram os degraus e foram até Tavvy; Rafe era quase tão alto quanto ele, embora tivesse apenas cinco anos. Ele estendeu a mão para abraçar Tavvy, e Max também – e para surpresa de Mark, Tavvy pareceu relaxar um pouco, permitindo os abraços, assentindo quando Max disse algo para ele em voz baixa.

Helen levantou-se e Mark se perguntou se o rosto dele exibia a mesma expressão que a dela, de dor e vergonha. Vergonha que eles não pudessem fazer mais para consolar um irmão mais novo que mal os conhecia.

— Está tudo bem — disse Simon. — Olha, você tentou.

— Nós falhamos — disse Mark.

— Você não pode consertar o luto — disse Simon. — Um rabino me disse isso quando meu pai morreu. A única coisa que conserta o sofrimento é o tempo e o amor das pessoas que se importam com você, e o Tavvy tem isso. — Ele apertou o ombro de Mark brevemente. — Cuide-se — disse ele. — *Shelo ted'u od tza'ar, Mark Blackthorn.*

— O que isso significa? — Disse Mark.

— É uma bênção — disse Simon. — Outra coisa que o rabino me ensinou. "*Que não deves conhecer mais tristeza."*

Mark inclinou a cabeça em gratidão; as fadas conheciam o valor das bênçãos dadas livremente. Mas seu peito parecia pesado mesmo assim. Ele não podia imaginar que as tristezas de sua família terminariam em breve.

2
Águas Melancólicas

CRISTINA ESTAVA DESESPERADA na cozinha extremamente limpa da casa do canal da Princewater Street e desejou que houvesse algo que pudesse arrumar.

Ela lavou pratos que não precisavam ser lavados. Ela enxugou o chão e colocou e reorganizou a mesa. Ela arrumou flores em um vaso e depois as jogou fora e, então, as recuperou do lixo e as organizou novamente. Ela queria deixar a cozinha bonita, a casa bonita, mas alguém realmente se importaria se a cozinha fosse agradável e a casa estivesse bonita?

Ela sabia que não. Mas ela tinha que fazer alguma coisa. Ela queria estar com Emma e consolá-la, mas Emma estava com Drusilla, que chorou até dormir segurando as mãos de Emma. Ela queria estar com Mark e consolá-lo, mas ele tinha saído com Helen, e ela estava feliz que ele finalmente estava passando tempo com a irmã que ele perdeu por tanto tempo.

A porta da frente se abriu, surpreendendo Cristina, e ela bateu com um prato na mesa que caiu no chão e se despedaçou. Ela estava prestes a pegá-lo quando viu Julian entrar, fechando a porta atrás de si. Runas de tranca eram mais comuns do que chaves em Idris, mas ele não as desenhou com sua estela, apenas olhou sem ver da entrada para as escadas.

Cristina ficou congelada. Julian parecia o fantasma de uma peça de Shakespeare. Ele claramente não se trocou desde o ocorrido no Salão do Conselho; sua camisa e jaqueta estavam rígidas com sangue seco.

Ela nunca sabia como falar com Julian de qualquer maneira; ela sabia mais sobre ele do que estava confortável graças a Emma. Ela sabia que ele estava desesperadamente apaixonado por sua amiga. Era óbvio na maneira como ele olhava para Emma, falava com ela, em gestos tão pequenos quanto a entrega de um prato sobre a mesa. Ela não sabia como todo mundo não via também. Ela conhecia outros *parabatai* e eles não se olhavam assim.

Ter essas informações pessoais sobre alguém era estranho, na melhor das hipóteses. A expressão de Julian estava em branco; ele foi para o corredor e, enquanto caminhava, o sangue seco de sua irmã caiu do paletó e foi para o chão.

Se ela apenas ficasse parada, pensou Cristina, ele poderia não vê-la, e ele poderia subir e ambos seriam poupados de um momento embaraçoso. Mas mesmo quando ela pensou, a desolação em seu rosto machucou seu coração.

Ela estava na porta antes de perceber que tinha se levantado.

— Julian — Disse baixinho.

Ele não pareceu surpreso. Ele virou-se para encará-la tão lentamente quanto um autômato se acalmando.

— Como eles estão?

— Eles estão bem cuidados — disse ela finalmente. — Helen esteve aqui, e Diana e Mark.

— Ty…?

— Ainda está dormindo.

Ela puxou nervosamente a saia. Ela mudou todas as roupas desde o Council Hall, apenas para se sentir limpa. Pela primeira vez, ele encontrou seus olhos. Os dele tingidos com vermelho, embora ela não se lembrasse de tê-lo visto chorar. Ou talvez ele tivesse chorado quando estava segurando Livvy — ela não queria se lembrar disso.

— Emma — disse ele. — Ela está bem? Você saberia, ela diria a você.

— Ela está com Drusilla. Mas tenho certeza que ela gostaria de ver você.

— Mas ela está bem?

— Não — disse Cristina. — Como ela poderia ficar bem?

Ele olhou para os degraus, como se não pudesse imaginar o esforço que seria necessário para escalá-los.

— Robert ia nos ajudar — disse ele. — Emma e eu. Você sabe sobre nós, eu sei que você sabe como nos sentimos.

Cristina hesitou, atordoada. Ela nunca pensou que Julian mencionaria nada disso para ela.

— Talvez o próximo inquisidor …

— Eu passei pelo Gard no meu caminho de volta — disse Julian. — Eles já estão se encontrando. A maior parte da corte e metade do Conselho. Falando sobre quem será o próximo inquisidor. Eu duvido que vai ser

alguém que vai nos ajudar. Não depois de hoje. Eu deveria me importar — ele disse. — Mas agora eu não me importo.

Uma porta se abriu no topo dos degraus e a luz se espalhou no patamar escuro.

— Julian? — Emma chamou. — Julian, é você?

Ele se endireitou um pouco, inconscientemente, ao som de sua voz.

— Eu estou indo Ele não olhou para Cristina enquanto subia as escadas, mas acenou para ela, um rápido gesto de reconhecimento.

Ela ouviu seus passos desaparecerem, sua voz se misturando com a de Emma. Ela olhou de volta para a cozinha. O prato quebrado estava no canto. Ela poderia varrê-lo. Seria a coisa mais prática a fazer, e Cristina sempre pensara em si mesma como prática. Um momento depois, ela jogou sua jaqueta sobre suas roupas. Colocando várias lâminas de Serafim em seu cinto de armas, ela saiu silenciosamente porta afora e foi rumo às ruas de Alicante.

* * *

Emma ouviu o som familiar de Julian subindo as escadas. Os passos de seus pés era como a música que ela sempre conhecera, tão familiar que quase deixara de ser música.

Emma resistiu em chamá-lo novamente – ela estava no quarto de Dru e Dru acabara de adormecer, exausta, ainda com as roupas que usara na reunião do Conselho. Emma ouviu os passos de Julian no corredor e depois o som de uma porta se abrindo e fechando.

Cuidadosamente, para não acordar Dru, ela saiu do quarto. Ela sabia onde Julian estava sem ter que se perguntar: no final do corredor, onde, em algumas portas, ficava o quarto emprestado de Ty.

No interior, a sala estava suavemente iluminada. Diana sentou-se em uma poltrona ao lado da cabeceira da cama de Ty, com o rosto apertado pela tristeza e cansaço. Kit estava dormindo, encostado na parede, as mãos no colo.

Julian ficou ao lado da cama de Ty, olhando para baixo, com as mãos ao lado do corpo. Ty dormia sem inquietação, um sono drogado, cabelos escuros contra os travesseiros brancos. Ainda assim, mesmo no sono, ele se manteve no lado esquerdo da cama, como se deixando o espaço ao lado dele aberto para Livvy.

—… suas bochechas estão coradas — disse Julian. — como se ele estivesse com febre.

— Ele não está com febre — disse Diana com firmeza. — Ele precisa disso, Jules. O sono cura.

Emma viu a dúvida no rosto de Julian. Ela sabia o que ele estava pensando: *O sono não me curou quando minha mãe morreu, ou meu pai, e não vai curar isso também. Será sempre uma ferida.*

Diana olhou para Emma.

— Dru? — Ela disse.

Julian olhou para cima e seus olhos encontraram os de Emma. Ela sentiu a dor em seu olhar como um golpe em seu peito. De repente, foi difícil respirar.

— Dormindo — ela disse, quase em um sussurro. — Demorou um pouco, mas ela finalmente dormiu.

— Eu estava na Cidade do Silêncio — disse ele. — Nós levamos Livvy até lá. Eu ajudei-os com o corpo dela.

Diana estendeu a mão para colocar a mão no braço dele.

— Jules — ela disse baixinho. — Você precisa ir se limpar e descansar um pouco.

— Eu deveria ficar aqui — disse Julian em voz baixa. — Se Ty acordar e eu não estiver aqui…

— Ele não vai — disse Diana. — Os Irmãos do Silêncio são precisos com suas doses.

— Se ele acordar e você estiver aqui coberto com o sangue de Livvy, Julian, não vai ajudar em nada — disse Emma. Diana olhou para ela, claramente surpresa com a dureza de suas palavras, mas Julian piscou como se tivesse saído de um sonho.

Emma estendeu a mão para ele.

—Vamos — disse ela.

* * *

O céu era uma mistura de azul escuro e preto, onde as nuvens de tempestade haviam se acumulado sobre as montanhas ao longe. Felizmente, o caminho para o Gard foi iluminado por tochas de pedra enfeitiçada. Cristina andou ao longo do caminho, mantendo-se nas sombras. O ar continha o cheiro de ozônio de uma tempestade que se aproximava, fazendo-a pensar no cheiro amargo de sangue.

Quando ela chegou às portas da frente do Gard, eles se abriram e um grupo de Irmãos do Silêncio surgiu. Suas vestes de marfim pareciam refletir gotas de chuva.

Cristina se pressionou contra a parede. Ela não estava fazendo nada de errado – qualquer Caçador de Sombras poderia vir ao Gard quando eles quisessem – mas ela instintivamente não queria ser vista. Quando os Irmãos passaram perto dela, ela viu que não eram gotas de chuva em suas vestes, mas uma fina camada de vidro.

Eles devem ter estado no Corredor do Conselho. Ela se lembrou da janela sendo quebrada quando Annabel desapareceu. Tinha sido um borrão de ruído e luz lascada, mas Cristina estava concentrada nos Blackthorns. Em Emma, no olhar de devastação em seu rosto. Em Mark, seu corpo curvado para dentro como se estivesse absorvendo a força de um golpe físico.

O interior do Gard estava quieto. De cabeça baixa, ela caminhou rapidamente pelos corredores, seguindo o som de vozes em direção ao Salão. Ela desviou para o lado para subir as escadas até os assentos do segundo andar, que se projetavam sobre o resto da sala como a varanda de um teatro. Havia uma multidão de Nephilim circulando no estrado abaixo. Alguém (os Irmãos do Silêncio?) havia limpado o vidro quebrado e o sangue. A janela voltou ao normal.

Limpe as evidências o quanto quiser, pensou Cristina, ajoelhando-se para espiar por cima da grade da sacada. *Ainda não vai fazer desaparecer o que aconteceu.*

Ela podia ver Horace Dearborn sentado em um banquinho alto. Ele era um homem grande e ossudo, não musculoso, embora seus braços e pescoço estivessem cobertos com tendões. Sua filha, Zara Dearborn – com o cabelo em uma trança organizada em volta da cabeça, o equipamento imaculado – estava atrás dele. Ela não se parecia muito com o pai, exceto talvez com a raiva de suas expressões e paixão pela Corte, uma facção dentro da Clave que acreditava na supremacia dos Caçadores das Sombras sobre os integrantes do submundo, mesmo quando se tratava de quebrar a Lei.

Ao redor deles estavam outros Caçadores de Sombras, jovens e velhos. Cristina reconheceu alguns Centuriões – Manuel Casales Villalobos, Jéssica Beausejours e Samantha Larkspear entre eles – assim como muitos outros Nefilins que carregavam cartazes da Corte na reunião.

Havia muito poucos, porém, que, até onde ela sabia, não eram membros da Corte. Como Lazlo Balogh, o chefe escarpado do Instituto de Budapeste,

que havia sido um dos principais arquitetos da Paz Fria e suas medidas punitivas contra os Integrantes do Submundo. Josiane Pontmercy do Instituto de Marselha. Delaney Scarsbury ensinou na Academia. Alguns outros que ela reconheceu como amigos de sua mãe — Trini Castel, do Conclave de Barcelona, e Luana Carvalho, que administrava o Instituto em São Paulo, conheciam-na quando ela era pequena.

Eles eram todos membros do Conselho. Cristina fez uma silenciosa oração de agradecimento por sua mãe não estar aqui, por estar ocupada demais lidando com um surto de demônios Halphas na Alameda Central para participar, confiando que Diego representasse seus interesses.

— Não há tempo a perder — disse Horace. Ele exalava uma sensação de intensidade sem humor, assim como sua filha. — Estamos sem um inquisidor agora e em um momento crítico, sob ameaça fora e dentro da Clave. — Ele olhou ao redor da sala. — Esperamos que depois dos acontecimentos de hoje, aqueles de vocês que duvidaram da nossa causa sejam crentes.

Cristina sentiu frio por dentro. Isso foi mais do que apenas uma reunião da Corte. Este foi o recrutamento da Corte. Dentro do vazio corredor, onde Livvy morrera. Ela se sentiu mal.

— O que você acha que aprendeu exatamente, Horace? — Disse uma mulher com um sotaque australiano. — Seja claro com a gente, assim todos entenderemos a mesma coisa.

Ele sorriu um pouco.

— Andrea Sedgewick — disse ele. — Você era a favor da Paz Fria, se bem me lembro.

Ela parecia que havia levado um soco.

— Eu não penso muito em Integrantes do Submundo. Mas o que aconteceu aqui hoje…

— Fomos atacados — disse Dearborn. — Traídos, atacados, por dentro e por fora. Tenho certeza de que todos vocês viram o que vi o símbolo da Corte Unseelie?

Cristina lembrou. Quando Annabel desapareceu, levada pela janela quebrada do salão como se por mãos invisíveis, uma única imagem brilhou no ar: uma coroa quebrada.

A multidão murmurou seu consentimento. O medo pairava no ar. Dearborn claramente adorou, quase lambendo os lábios enquanto olhava ao redor da sala.

— O Rei Unseelie, atingindo o coração da nossa pátria. Ele zomba da paz fria. Ele sabe que somos fracos. Ele ri de nossa incapacidade de aprovar leis mais rigorosas, de fazer qualquer coisa que realmente controlasse as fad….

— Ninguém pode controlar as fadas — disse Scarsbury.

— Essa é exatamente a atitude que enfraqueceu a Clave durante todos esses anos — retrucou Zara. Seu pai sorriu para ela.

— Minha filha está certa — disse ele. — As fadas têm suas fraquezas, como todos os Integrantes do Submundo. Eles não foram criados por Deus ou por nosso Anjo. Eles têm falhas e nunca as exploramos, mas eles exploram nossa misericórdia e riem de nós por trás de suas costas.

— O que você está sugerindo? — Disse Trini. — Um muro ao redor do Reino das Fadas?

Houve um pequeno riso irônico. Fadas existiam em toda parte e em nenhum lugar: era outro plano de sobrevivência. Ninguém poderia impedi-los com um *muro*.

Horace estreitou os olhos.

— Você ri — disse ele. — Mas as portas de ferro em todas as entradas e saídas do Reino das Fadas fariam muito para impedir suas incursões em nosso mundo.

— Esse é o objetivo? — Manuel falou preguiçosamente, como se ele não tivesse investido muito na resposta. — Fechar o Reino das Fadas?

— Não há apenas um objetivo, como você bem sabe, menino — disse Dearborn. De repente, ele sorriu, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer. — Você sabe da praga, Manuel. Talvez você deva compartilhar seu conhecimento, já que o Cônsul não compartilhou. Talvez essas pessoas boas devam estar cientes do que acontece quando as portas entre as fadas e o mundo são largas.

Segurando o colar, Cristina fervia silenciosamente enquanto Manuel descrevia as manchas de terra morta e morta na Floresta Brocelind: a maneira como resistiam à magia dos Caçadores de Sombras, o fato de que a mesma ferrugem parecia existir nas Terras dos Unseelie de Faerie. *Como ele sabia disso?* Cristina agonizou em silêncio. *Tinha sido o que Kieran iria dizer ao Conselho, mas ele não teve a chance. Como Manuel sabia?*

Ela só estava agradecida por Diego ter feito o que lhe pedira e levado Kieran a Scholomance. Estava claro que não haveria segurança para uma fada de sangue puro aqui.

— O Rei Unseelie está criando um veneno e começando a espalhá-lo para o nosso mundo, um que fará Caçadores de Sombras impotentes contra ele. Precisamos nos mover agora para mostrar nossa força — disse Zara, cortando Manuel antes de terminar.

— Da mesma forma que você se moveu contra Malcolm? — Disse Lazlo. Houve risadas, e Zara corou — ela orgulhosamente alegara ter matado Malcolm Fade, um poderoso feiticeiro, embora mais tarde tivesse descoberto que ela havia mentido. Cristina e os outros esperavam que o fato desacreditasse Zara — mas agora, depois do que aconteceu com Annabel, a mentira de Zara se tornou pouco mais que uma piada.

Dearborn levantou-se.

— Esse não é o problema agora, Balogh. Os Blackthorns têm sangue de fada em sua família. Eles trouxeram uma criatura… Uma coisa necromântica meio morta que matou nosso Inquisidor e encheu o Salão de sangue e terror em Alicante.

— A irmã deles também foi morta — disse Luana. — Nós vimos a dor deles. Eles não planejaram o que aconteceu.

Cristina podia ver os cálculos acontecendo dentro da cabeça de Dearborn – ele teria gostado muito de culpar os Blackthorns e ver todos eles jogados nas prisões da Cidade do Silêncio, mas o espetáculo de Julian segurando o corpo de Livvy enquanto ela morria era crua demais e visceral mesmo para a Corte a ignorar.

— Eles também são vítimas — disse ele. — Do príncipe do Povo das Fadas em quem confiavam e, possivelmente, de seus próprios irmãos parte fadas. Talvez eles possam ser trazidos para vermos seu ponto de vista. Afinal, eles são Caçadores de Sombras, e é sobre isso que a Corte se refere – proteger Caçadores de Sombras. Proteger a nossa própria espécie.

Ele colocou a mão no ombro de Zara.

— Quando a Espada Mortal for restaurada, tenho certeza de que Zara ficará feliz em esclarecer qualquer dúvida sobre suas conquistas.

Zara corou e assentiu. Cristina achou que ela parecia culpada, mas o resto da multidão se distraiu com a menção da Espada.

— A Espada Mortal pode ser restaurada? — Disse Trini. Ela acreditava profundamente no Anjo e no seu poder, como a família de Cristina também. Ela parecia ansiosa agora, suas mãos finas trabalhando em seu colo.

— Nossa conexão insubstituível com o Anjo Raziel — você acredita que será devolvido para nós?

— Ela será restaurada — disse Dearborn suavemente. — Jia se reunirá com as Irmãs de Ferro amanhã. Como foi forjada, também pode ser reforjada.

— Mas foi forjada no céu — protestou Trini. — Não na cidadela adamantina.

— E o céu a deixou quebrar — disse Dearborn, e Cristina reprimiu um suspiro. Como ele poderia reivindicar uma coisa tão descarada? No entanto, os outros claramente confiavam nele. Nada pode destruir a Espada Mortal, exceto a vontade de Raziel. Ele olhou para nós e viu que éramos indignos. Ele viu que nos afastamos de sua mensagem, de nosso serviço para com os anjos, e que estávamos servindo a Integrantes do Submundo. Então, ele quebrou a espada para nos avisar. — Seus olhos brilhavam com uma luz fanática. — Se nos provarmos dignos novamente, Raziel permitirá que a Espada seja reforjada. Eu não tenho dúvidas.

Como ele ousa falar por Raziel? Como ousa falar como se fosse Deus? Cristina tremeu de fúria, mas os outros pareciam estar olhando para ele como se lhes oferecesse uma luz na escuridão. Como se ele fosse sua única esperança.

— E como podemos nos provar dignos? — Disse Balogh em uma voz mais sombria.

— Devemos nos lembrar que os Caçadores de Sombras foram escolhidos — disse Horace. — Devemos nos lembrar que temos um mandato. Nós estamos em primeiro lugar diante do mal e, portanto, *chegamos primeiro*. Se trabalharmos juntos com uma liderança forte…

— Mas nós não temos uma liderança forte — disse Jessica Beausejours, uma das amigas Centuriões de Zara. — Temos Jia Penhallow, e ela é contaminada pela associação de sua filha com fadas e meio-sangues.

Houve um suspiro e uma risada. Todos os olhos se voltaram para Horace, mas ele apenas balançou a cabeça.

— Eu não vou pronunciar uma palavra contra a nossa Consulesa — disse ele primordialmente.

Mais murmúrios. Claramente a pretensão de lealdade de Horace lhe rendera algum apoio. Cristina tentou não apertar os dentes.

— A lealdade dela à família é compreensível, mesmo que possa tê-la cegado — disse Horace. — O que importa agora são as leis que a Clave

passa. Precisamos impor regulamentos estritos aos Integrantes do Submundo, os mais estritos de todos ao Reino das Fadas — embora não haja nada justo sobre eles.

— Isso não vai parar o Rei Unseelie — disse Jessica, embora Cristina teve a sensação de que ela apenas duvidou de Horace com o intuito levá-lo além.

— A questão é impedir que fadas e outros integrantes se juntem à causa do Rei — disse Horace. — É por isso que eles precisam ser observados e, se necessário, encarcerados antes que tenham a chance de nos trair.

— Encarcerado? — Trini ecoou. — Mas como…?

— Ah, existem várias maneiras — disse Horace. — Wrangel Island, por exemplo, poderia conter uma série de Integrantes do Submundo. O importante é que começamos com controle. Aplicação dos Acordos. Registro de cada Integrante, seu nome e localização. Nós começaríamos com as fadas, é claro.

Houve um zumbido de aprovação.

— Nós, é claro, precisamos de um inquisidor forte para aprovar e fazer cumprir essas leis — disse Horace.

— Então deixe ser você! — Gritou Trini.

— Nós perdemos uma Espada Mortal e um Inquisidor esta noite; vamos pelo menos substituir um. — há suficientes Caçadores de Sombras para colocar Horácio à frente para a posição do Inquisidor. Podemos realizar a votação amanhã de manhã. Quem está comigo?

Um canto de "Dearborn! Dearborn!" encheu a sala. Cristina segurou o corrimão da sacada, com os ouvidos zumbindo. Isso não poderia acontecer. Não poderia. Trini não era assim. Os amigos da mãe dela não eram assim. Esta não poderia ser a verdadeira face do Conselho.

Ela ficou de pé, incapaz de suportar outro segundo, e fugiu da galeria.

* * *

O quarto de Emma era pequeno e pintado com um tom incongruentemente brilhante de amarelo. Uma cama de dossel pintada de branco dominava o espaço. Emma puxou Julian em direção a ela, sentando-o suavemente, e foi trancar a porta.

— Por que você está trancando a porta? — Julian levantou a cabeça. Foi a primeira coisa que ele disse desde que eles deixaram o quarto de Ty.

— Você precisa de um pouco de privacidade, Julian. — Ela se virou para ele. Deus, o jeito que ele estava quebrou seu coração. O sangue manchou sua pele, escureceu suas roupas duras, secou em forma de manchas em suas botas.

Sangue de Livvy. Emma desejou ter estado mais perto de Livvy naqueles últimos momentos, prestado mais atenção a ela, em vez de se preocupar com a Corte, sobre Manuel, Zara e Jessica, sobre Robert Lightwood e o exílio, sobre seu próprio coração quebrado e bagunçado. Ela desejou ter segurado Livvy mais uma vez, maravilhada com o quão alta e adulta ela era, como ela tinha mudado da criança gordinha que Emma recordava em suas próprias memórias mais antigas.

— Não — Julian disse asperamente.

Emma chegou mais perto dele; ela não conseguia se conter. Ele teve que olhar para cima para encontrar seus olhos.

— Não o quê?

— Culpe a si mesma — disse ele. — Eu posso sentir você pensando em como você deveria ter feito algo diferente. Eu não posso deixar esse tipo de pensamento entrar ou eu vou me quebrar aos pedaços.

Ele estava sentado na beira da cama, como se não pudesse suportar a ideia de se deitar. Muito gentilmente, Emma tocou seu rosto, deslizando a palma da mão pela mandíbula dele. Ele estremeceu e pegou o pulso dela com força.

— Emma — ele disse, e em uma das primeiras vezes em sua vida, ela não pôde ler a voz dele – era baixa e escura, áspera sem estar com raiva, querendo algo, mas ela não sabia o quê.

— O que eu posso fazer? — ela respirou. — O que eu posso fazer, sou sua *parabatai*, Julian, preciso ajudá-lo.

Ele ainda estava segurando o pulso dela; suas pupilas eram discos largos, transformando o azul esverdeado de suas íris em halos.

— Eu faço planos um passo de cada vez — disse ele. — Quando tudo parece esmagador, me pergunto qual problema precisa ser resolvido primeiro. Quando isso está resolvido, o próximo. Mas eu não sei nem por onde começar aqui.

— Julian — disse ela. — Eu sou sua parceira de guerra. Me escute agora. Este é o primeiro passo. Levante-se.

Ele estreitou os olhos para ela por um momento, depois se obrigou a levantar-se. Eles estavam de pé juntos; ela podia sentir a solidez e o calor

dele. Ela tirou o paletó dos ombros dele, depois estendeu a mão e segurou a frente da camisa dele. Tinha uma textura como o oleado agora, pegajoso de sangue. Ela puxou e abriu, deixando-a pendurada em seus braços.

Os olhos de Julian se arregalaram, mas ele não fez nenhum movimento para impedi-la. Ela arrancou a camisa e jogou no chão. Ela se abaixou e tirou suas botas ensanguentadas. Quando ela se levantou, ele estava olhando para ela com as sobrancelhas levantadas.

— Você vai mesmo tirar minhas calças?— Ele disse.

— Elas têm sangue nelas — disse ela, quase engasgando com as palavras. Ela tocou o peito dele, sentiu-o respirar. Ela imaginou que podia sentir as bordas irregulares de seu coração sob o músculo. Havia sangue em sua pele também: manchas dela haviam secado em seu pescoço, seu ombro. Nos lugares que ele segurou Livvy contra seu peito.

— Você precisa tomar banho — disse ela. — Eu vou esperar por você.

Ele tocou o queixo dela, levemente, com as pontas dos dedos.

— Emma — disse ele. — Nós dois precisamos estar limpos.

Ele se virou e entrou no banheiro, deixando a porta aberta. Depois de um momento, ela seguiu.

Ele havia deixado o resto de suas roupas em uma pilha no chão. Ele estava de pé no chuveiro apenas de cueca, deixando a água escorrer pelo seu rosto, seu cabelo.

Engolindo em seco, Emma entrou atrás dele. A água estava escaldante, enchendo o pequeno espaço de pedra com vapor. Ele permaneceu imóvel sob o jato, deixando a pele escarlate.

Emma chegou em torno dele e baixou a temperatura. Ele a observou, sem palavras, enquanto ela pegava uma barra de sabão e ensaboava entre as mãos. Quando ela colocou as mãos com sabão em seu corpo, ele inalou bruscamente, como se doesse, mas ele não se moveu nem uma polegada.

Ela esfregou a pele dele, quase cavando os dedos enquanto raspava o sangue. A água corria em vermelho rosado no ralo. O sabonete tinha um forte cheiro de limão. Seu corpo estava duro sob o toque dela, com cicatrizes e músculos, não o corpo de um garoto.

Não mais. Quando ele mudou? Ela não conseguia lembrar o dia, a hora, o momento.

Ele inclinou a cabeça e ela esfregou a espuma no cabelo dele, passando os dedos pelos cachos. Quando ela terminou, ela inclinou a cabeça para trás, deixando a água correr sobre os dois até que ela se dissipasse. Ela

estava encharcada, sua camisola grudada nela. Ela se moveu ao redor de Julian para desligar a água e sentiu-o virar a cabeça em seu pescoço, seus lábios contra sua bochecha.

Ela congelou. O chuveiro tinha parado de correr, mas o vapor subia em torno deles. O peito de Julian estava subindo e descendo rápido, como se ele estivesse perto de desmaiar depois de uma corrida. Soluços secos, ela percebeu. Ele não chorou – ela não conseguia se lembrar da última vez que o viu chorar. Ele precisava da liberação das lágrimas, ela pensou, mas ele tinha esquecido os mecanismos de choro depois de tantos anos se segurando.

Ela colocou os braços ao redor dele.

— Está tudo bem — disse ela. Sua pele estava quente contra a dela. Ela engoliu o sal de suas próprias lágrimas. — Julian…

Ele recuou quando ela levantou a cabeça, e seus lábios roçaram nos dela – e foi instantâneo, desesperado, mais como uma queda sobre a borda de um penhasco do que qualquer outra coisa. Suas bocas colidiram, dentes e línguas e calor, sacudindo Emma através do contato.

— Emma — Ele parecia atordoado, com as mãos atadas no material encharcado de sua camisola. — Eu posso…?

Ela assentiu com a cabeça, sentindo os músculos de seus braços apertarem quando ele a levantou em seus braços. Ela fechou os olhos, agarrando-se a ele, seus ombros, seus cabelos, suas mãos escorregadias com água enquanto ele a levava para seu quarto, caindo sobre a cama. Um segundo depois ele estava acima dela, apoiado nos cotovelos, sua boca devorando febrilmente a dela. Cada movimento era feroz, frenético, e Emma sabia: Estas eram as lágrimas que ele não conseguia chorar, as palavras de tristeza que ele não podia falar. Esse era o alívio que ele só podia permitir-se assim, na aniquilação do desejo compartilhado.

Gestos frenéticos os livraram de suas roupas molhadas. Ela e Julian estavam pele a pele agora: ela estava segurando-o contra seu corpo, seu coração. Sua mão deslizou para baixo, com os dedos dançando em seu quadril.

— Deixe-me…

Ela sabia o que ele queria dizer: *Deixe-me te agradar, deixe-me fazer você se sentir bem primeiro*. Mas isso não era o que ela queria, não agora.

— Venha cá — ela sussurrou. — Mais próximo…

Suas mãos se curvaram sobre seus ombros. Ele beijou sua garganta, sua clavícula. Ela sentiu ele estremecer, e sussurrou:

— O quê….?

Ele já havia se afastado dela. Sentando-se, ele pegou suas roupas, puxando-as com as mãos trêmulas.

— Nós não podemos — ele disse, sua voz abafada. — Emma, nós não podemos.

— Tudo bem, mas, Julian — Ela lutou em uma posição sentada, puxando o cobertor sobre si mesma. — Você não tem que ir.

Ele se inclinou sobre a borda da cama para pegar sua camisa rasgada e ensanguentada. Ele olhou para ela com uma espécie de selvageria.

— Eu tenho — disse ele. — Eu realmente tenho.

— Julian, não…

Mas ele já estava de pé, recuperando o resto de suas roupas, puxando-as enquanto ela olhava. Ele se foi sem colocar as botas, quase batendo a porta atrás dele. Emma olhou para a escuridão, tão aturdida e desorientada como se tivesse caído de uma grande altura.

* * *

Ty acordou de repente, como se alguém explodisse na superfície da água, ofegando por ar. O barulho tirou Kit de seu cochilo — ele dormiu pesadamente, sonhando com seu pai, andando pelo Mercado das Sombras com uma ferida enorme em seu estômago que vazava sangue.

— *É assim, Kit* — ele estava dizendo. — *Esta é a vida com os Nephilim.*

Ainda meio adormecido, Kit levantou-se na parede com uma mão. Ty era uma sombra imóvel na cama. Diana não estava mais lá, ela provavelmente estava tirando alguns momentos de sono em seu próprio quarto. Ele estava sozinho com Ty.

Ele se deu conta de como estava completamente despreparado com tudo isso. Com a morte de Livvy, sim, embora ele tenha visto o próprio pai morrer, e ele sabia que ainda havia aspectos dessa perda que ele não havia enfrentado. Nunca tendo lidado com essa perda, como ele poderia lidar com isso? E dado que ele nunca soube como ajudar a ninguém, como oferecer conforto normal, como ele poderia ajudar Ty?

Ele queria gritar por Julian, mas algo lhe disse que não – que os gritos poderiam alarmar Ty. Quando os olhos de Kit se ajustaram, ele pôde ver o outro garoto com mais clareza: Ty parecia… “desconectado” pode ser a

melhor palavra para isso, como se ele não tivesse realmente encontrado a terra. Seu cabelo preto e macio parecia amassado, como linho escuro, e havia sombras sob seus olhos.

— Jules? — Ele disse, sua voz baixa.

Kit ficou totalmente de pé, seu coração batendo desigualmente.

— Sou eu — ele disse. — Kit.

Ele se preparou para o desapontamento de Ty, mas ele apenas olhou para ele com grandes olhos cinzentos.

— Minha bolsa — disse Ty. — Cadê? Está aí?

Kit estava muito atordoado para falar. Ty lembrava o que havia acontecido? Seria pior se ele dissesse ou não?

— Minha mochila — disse Ty. Havia uma tensão definida em sua voz agora. — Lá eu preciso dela.

A mochila estava embaixo da segunda cama. Quando Kit foi buscá-la, ele olhou para a vista – as torres de cristal das torres demoníacas se estendendo em direção ao céu, a água brilhando como gelo nos canais, as paredes da cidade e os campos além. Ele nunca esteve em um lugar tão bonito ou tão irreal.

Ele levou a bolsa até Ty, que estava sentado com as pernas penduradas no lado da cama. Ty pegou a mochila e começou a vasculhá-la.

— Você quer que eu chame Julian? — Kit disse.

— Agora não — disse Ty.

Kit não tinha ideia do que fazer. Ele nunca em toda a sua vida tinha tão pouca ideia do que fazer, na verdade. Nem quando ele encontrou um golem examinando o sorvete na geladeira às quatro da manhã, quando tinha dez anos. Nem quando uma sereia tinha acampado por semanas em seu sofá quando ele tinha doze anos e passava todos os dias comendo bolachas douradas.

Nem mesmo quando ele foi atacado por demônios Mantid. Havia um instinto então, um senso de Caçador de Sombras que tinha chutado e impelido seu corpo em ação.

Nada estava impulsionando-o agora. Ele ficou impressionado com o desejo de se ajoelhar e agarrar as mãos de Ty, e segurá-lo do jeito que ele estava no telhado de Londres, quando Livvy se feriu. Ao mesmo tempo, ele ficou tão impressionado com a voz em sua cabeça que lhe disse que seria uma ideia terrível, que ele não tinha ideia do que Ty precisava agora.

Ty ainda estava remexendo na bolsa. *Ele não deve se lembrar*, Kit pensou com crescente pânico. Ele deve ter anulado os eventos no salão do Conselho. Kit não estava lá quando Robert e Livvy morreram, mas ele ouviu o suficiente de Diana para saber o que Ty deve ter testemunhado. As pessoas esqueciam coisas horríveis às vezes, ele sabia, seus cérebros simplesmente se recusavam a processar ou armazenar o que tinham visto.

— Eu vou buscar Helen — disse ele finalmente. — Ela pode dizer-lhe o que aconteceu.

— Eu sei o que aconteceu — disse Ty. Ele localizou seu telefone, no fundo da bolsa. A tensão deixou seu corpo; seu alívio era claro. Kit ficou perplexo. Não havia sinal em nenhum lugar em Idris; o telefone seria inútil. — Eu vou voltar a dormir agora — disse Ty. — Ainda existem drogas no meu sistema. Eu posso senti-las — Ele não parecia satisfeito.

— Devo ficar? — Kit disse. Ty jogou a mochila no chão e recostou-se nos travesseiros. Ele segurava o telefone com a mão direita, com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos, mas, por outro lado, ele não mostrava sinais reconhecíveis de angústia.

Ele olhou para Kit. Seus olhos cinzentos estavam prateados ao luar, planos como dois quartos. Kit não imaginava o que ele estava pensando.

— Sim, prefiro que você fique — disse ele. — E vá dormir se você quiser. Eu vou ficar bem.

Ele fechou os olhos. Depois de um longo momento, Kit sentou-se na cama em frente a de Ty, aquela que deveria ser a de Livvy. Ele pensou na última vez que a viu sozinha, ajudando-a com seu colar antes da grande reunião do Conselho, o jeito que ela sorria, a cor e a vida em seu rosto. Parecia absolutamente impossível que ela tivesse ido embora. Talvez Ty não fosse a única a agir de forma estranha – talvez o resto deles, ao aceitar o fato de sua morte, fosse aqueles que não entendiam.

* * *

Parecia uma centena de quilômetros entre o quarto de Emma e o dele, pensou Julian. Ou mil. Ele fez o seu caminho através dos corredores da casa do canal como se estivesse em um sonho.

Seu ombro queimava e doía.

Emma era a única pessoa que ele já desejara, e a força desse desejo às vezes o deixava perplexo. Mas nunca tanto quanto essa noite. Ele havia se perdido nela, neles, por uma totalidade de tempo; ele sentiu apenas seu

corpo e a parte de seu coração que amava e não se machucava. Emma era toda a parte boa dele, ele pensou, tudo dele que queimava brilhante.

Mas então a dor veio, e a sensação de algo errado, e ele sabia. Enquanto se apressava em direção ao seu quarto, o medo bateu contra o lado de fora de sua consciência, uivando para ser deixado entrar e reconhecido, como mãos esqueléticas arranhando uma janela. Era o medo de seu próprio desespero. Ele *sabia* que estava amortecido pelo choque agora, que ele havia tocado apenas a ponta do iceberg da dor e da perda uivante. Chegaria, a escuridão e o horror: ele havia passado por isso antes, com a perda de seu pai.

E isso – Livvy – seria pior. Ele não conseguia controlar sua dor. Ele não conseguia controlar seus sentimentos por Emma. Toda a sua vida tinha sido construída em torno de exercer controle sobre si mesmo, sobre a máscara que ele mostrou ao mundo, e agora estava rachando.

— Jules?

Ele tinha chegado ao seu quarto, mas ele não estava livre ainda. Mark estava esperando por ele, encostado na porta. Ele parecia cansado, cabelos e roupas amarrotados. Não que Julian estivesse diferente, já que suas próprias roupas estavam rasgadas e ensangüentadas, seus pés descalços.

Julian parou.

— Está tudo bem?

Eles iriam perguntar isso um ao outro constantemente por algum tempo, ele adivinhou. E isso nunca seria bom, mas de qualquer maneira eles se tranquilizariam sobre as pequenas coisas, à medida que ocorressem pequenas vitórias: sim, Dru dormia um pouco; sim, Ty está comendo um pouco; sim, todos nós ainda estamos respirando. Julian ouviu mecanicamente quando Mark explicou que ele e Helen haviam pegado Tavvy, e ele sabia sobre Lívia agora, e não era bom, mas estava tudo bem e Tavvy estava dormindo.

— Eu não queria incomodá-lo no meio da noite — disse Mark. — Mas Helen insistiu. Ela disse que a primeira coisa que aconteceria quando você acordasse era que você ficaria louco por Tavvy.

— Claro — disse Julian, espantado por ele parecer tão coerente. — Obrigado por me avisar.

Mark deu-lhe um longo olhar.

— Você era muito jovem quando perdemos Eleanor, sua mãe — disse ele. — Ela me disse uma vez que há um relógio no coração dos pais. A

maior parte do tempo é silenciosa, mas você pode ouvir o tique-taque quando seu filho não está com você e você não sabe onde ele está, ou quando estão acordados durante a noite e querem você. Vai marcar até você estar com eles novamente.

— Tavvy não é meu filho — disse Julian. — Eu não sou seu pai.

Mark tocou a bochecha de seu irmão. Era quase mais um toque de fada do que humano, embora a mão de Mark fosse quente, calejada e real. Na verdade, não parecia um toque, Julian pensou. Parecia uma bênção.

— Você sabe que é — disse Mark. — Eu devo pedir seu perdão, Julian. Eu contei a Helen do seu sacrifício.

— Meu sacrifício? — A mente de Julian estava em branco.

— Os anos em que você administrou o Instituto em segredo — disse Mark. — Como você cuidou das crianças. A maneira como eles olham para você e como você os ama. Eu sei que era um segredo, mas achei que ela deveria saber disso.

— Tudo bem — disse Julian. Não importava. Nada importava. — Ela estava com raiva?

Mark pareceu surpreso.

— Ela disse que sentiu tanto orgulho por você que partiu seu coração.

Era como um pequeno ponto de luz, quebrando a escuridão.

— É mesmo?

Mark parecia prestes a responder quando um segundo dardo de dor passou pelo ombro de Julian. Ele sabia exatamente a localização dessa pontada. Seu batimento cardíaco acelerou; ele disse alguma coisa para Mark sobre vê-lo mais tarde, ou pelo menos ele pensou que sim, antes de entrar em seu quarto e trancar a porta. Ele estava no banheiro em segundos, aumentando o brilho da luz da pedra enfeitiçada olhava para o espelho.

Ele puxou o colarinho da camisa para olhar melhor – e olhou fixamente.

Era a sua runa parabatai. Era gritante contra sua pele, mas não mais negra. Dentro das linhas densamente desenhadas ele viu o que pareciam manchas vermelhas e brilhantes, como se a runa tivesse começado a queimar de dentro para fora.

Ele agarrou a borda da pia enquanto uma onda de tontura passava por ele. Ele estava se forçando a não pensar sobre o que a morte de Robert significava, sobre seus planos desfeitos para o exílio. Sobre a maldição que viria em qualquer parabatai que se apaixonasse. Uma maldição de poder e destruição. Ele estava pensando apenas em quanto ele precisava

desesperadamente de Emma, e não em todos os motivos que ele não poderia tê-la, o que permaneceu inalterado.

Eles haviam se esquecido disso ao procurarem-se um ao outro no abismo da dor, como sempre se tinham procurado um ao outro durante toda a vida. Mas isso não poderia acontecer, Julian disse a si mesmo, mordendo o lábio com força, provando seu próprio sangue.

Não poderia haver mais destruição.

Começara a chover lá fora. Ele podia ouvir o som suave no telhado da casa. Ele se abaixou e rasgou uma tira de material da camisa que ele usava na reunião do Conselho.

Estava duro e escuro com o sangue seco de sua irmã.

Ele amarrou-o no pulso direito. Ele ficaria lá até que ele tivesse vingança. Até que houvesse justiça para Livvy. Até que toda essa bagunça sangrenta fosse esclarecida. Até que todos que ele amava estivessem seguros.

Ele voltou para o quarto e começou a procurar roupas e sapatos limpos. Ele sabia exatamente onde precisava ir.

* * *

Julian correu pelas ruas vazias de Idris. Chuva quente de verão colou o cabelo na testa e encharcou sua camisa e jaqueta.

Seu coração batia forte: já sentia falta de Emma, lamentava deixá-la. E ainda assim ele não conseguia parar de correr, como se conseguisse superar a dor da morte de Livvy. Era quase uma surpresa que ele pudesse chorar por sua irmã e amar Emma ao mesmo tempo e sentir os dois, não diminuindo o outro: Livvy amava Emma também.

Ele podia imaginar como Livvy teria ficado feliz em saber que ele e Emma estavam juntos; se fosse possível que eles se casassem, Livvy teria ficado louca de alegria com a ideia de ajudar a planejar um casamento. O pensamento foi como um golpe na barriga, a torção de uma lâmina em suas entranhas.

A chuva caía nos canais, transformando o mundo em neblina e água. A casa do Inquisidor surgiu do nevoeiro como uma sombra, e Julian subiu correndo os degraus da frente com tanta força que quase caiu na porta da frente. Ele bateu e Magnus abriu, parecendo invulgarmente pálido. Ele usava uma camiseta preta e calça jeans com um robe de seda azul jogado sobre eles. Suas mãos estavam vazias de seus anéis habituais.

Quando ele viu Julian, ele caiu um pouco contra o batente da porta. Ele não se mexeu nem falou, apenas ficou olhando, como se não estivesse olhando para Julian, mas para alguma coisa ou outra pessoa.

— Magnus — disse Julian, um pouco alarmado. Ele lembrou que Magnus não estava bem. Ele quase esqueceu isso. Magnus sempre pareceu o mesmo: eterno, imutável, invulnerável. — Eu…

— *Estou aqui sozinho* — disse Magnus, com voz baixa e distante. — *Preciso da sua ajuda. Não há absolutamente mais ninguém que eu possa pedir.*

— Isso não é o que eu… — Julian empurrou o cabelo encharcado de seus olhos, sua voz sumiu em realização. — Você está se lembrando de alguém.

Magnus pareceu se sacudir um pouco, como um cachorro emergindo do mar.

— Outra noite, um menino diferente de olhos azuis. Tempo úmido em Londres, mas quando foi mais alguma coisa?

Julian não pressionou.

— Bem, você está certo. Eu preciso da sua ajuda. E não há mais ninguém para quem eu possa pedir.

Magnus suspirou.

— Entre, então. Mas fique quieto. Todo mundo está dormindo, e isso é uma conquista, considerando tudo o que aconteceu.

É claro, Julian pensou, seguindo Magnus para uma sala de visitas central. *Esta também é uma casa de luto.*

O interior da casa era grandioso, com tetos altos e móveis que pareciam pesados e caros. Robert parecia ter acrescentado pouco em termos de personalidade e decoração.

Não havia fotos de família e pouca arte na parede além de paisagens genéricas.

— Eu não via Alec chorar em um longo tempo — disse Magnus, afundando no sofá e olhando para o nada. Julian ficou onde estava, pingando no tapete. — Ou Isabelle. Eu entendo o que é ter um pai que é um bastardo. Mas ele ainda é o seu bastardo. E ele os amava e tentava fazer as pazes. O que é mais do que você pode dizer pelo meu. — Ele lançou um olhar para Julian.

— Eu espero que você não se importe se eu não usar um feitiço de secagem em você. Estou tentando economizar energia. Há um cobertor naquela cadeira.

Julian ignorou o cobertor e a cadeira.

— Eu não deveria estar aqui — disse ele.

O olhar de Magnus caiu no pano ensanguentado amarrado no pulso de Julian. Sua expressão se suavizou.

— Está tudo bem — disse ele. — Pela primeira vez em muito tempo, estou me sentindo desesperado. Isso me faz atacar. Meu Alec perdeu o pai e a Clave perdeu um inquisidor decente. Mas você perdeu sua esperança de salvação. Não pense que eu não entendo isso.

— Minha runa começou a queimar — disse Julian. — Esta noite. Como se tivesse sido desenhada na minha pele com fogo.

Magnus se curvou para frente e esfregou o rosto cansado. Linhas de dor e cansaço estavam gravadas ao lado de sua boca. Seus olhos pareciam afundados.

— Eu gostaria de saber mais sobre isso — disse ele. — Que destruição isso trará para você, para Emma. Para os outros. — Ele fez uma pausa. — Eu deveria ser mais gentil com você. Você perdeu uma filha.

— Eu pensei que iria apagar tudo — disse Julian, sua voz raspada crua. — Eu pensei que não haveria mais nada em meu coração a não ser agonia, mas há espaço para eu ficar aterrorizado com Ty, e entrar em pânico com Dru, e há espaço para mais ódio do que eu pensava que alguém pudesse sentir — a dor em sua runa parabatai se dilatou e ele sentiu suas pernas cederem.

Ele cambaleou e caiu de joelhos na frente de Magnus. Magnus não pareceu surpreso que ele estivesse ajoelhado. Ele só olhou para Julian com uma paciência tranquila e rara, como um padre ouvindo uma confissão.

— O que dói mais — Magnus perguntou. — O amor ou o ódio?

— Eu não sei — disse Julian. Ele cravou os dedos molhados no tapete em cada lado dos joelhos. Ele sentiu como se estivesse tendo dificuldade em recuperar o fôlego. — Eu ainda amo Emma mais do que jamais pensei ser possível. Eu a amo mais a cada dia, e mais toda vez que tento parar. Eu a amo como se estivesse sendo rasgado ao meio. E eu quero cortar as gargantas de todos na Corte.

— Esse é um discurso de amor inconvencional — disse Magnus, inclinando-se para frente. — E quanto a Annabel?

— Eu também a odeio — disse Julian, sem emoção. — Há muito espaço para eu odiar todos eles.

Os olhos de gato de Magnus brilharam.

— Não pense que eu não sei o que você sente — disse ele. — E há algo que eu poderia fazer. Seria um tampão. Um tampão difícil. E eu não faria de bom grado.

— Por favor. — Ajoelhado no chão em frente ao feiticeiro, Julian olhou para cima; ele nunca implorou por nada em sua vida, mas ele não se importava se estivesse implorando agora. — Eu sei que você está doente, eu sei que eu nem deveria perguntar, mas não há mais nada que eu possa fazer e nenhum lugar para onde eu possa ir.

Magnus suspirou.

— Haveria consequências. Você já ouviu a expressão "O sono da razão traz monstros"?

— Sim — disse Julian. — Mas eu vou ser um monstro de qualquer maneira.

Magnus se levantou. Por um momento ele pareceu se erguer sobre Julian, uma figura tão alta e escura quanto um monstro em um pesadelo de uma criança.

— Por favor — disse Julian novamente. — Eu não tenho mais nada a perder.

— Sim, você tem — disse Magnus.

Ele ergueu a mão esquerda e olhou para ela, intrigado. Fagulhas de cobalto começaram a queimar nas pontas de cada um dos dedos.

— Ah sim, como você tem.

O quarto se iluminou com fogo azul, e Julian fechou os olhos

3
DESCANSO ETERNO

O FUNERAL ESTAVA marcado para o meio-dia, mas Emma estava se virando e se remexendo desde às três ou quatro da manhã. Seus olhos estavam secos e coçando e suas mãos tremiam quando ela escovou os cabelos e os enrolou com cuidado em um nó na parte de trás da cabeça.

Depois que Julian saiu, ela correu para a janela, enrolada em um lençol, e ficou olhando com choque e descrença. Ela o viu sair da casa e correr para a chuva, nem mesmo se incomodando em ir mais devagar até fechar o paletó.

Depois disso, não parecia que havia muito que ela pudesse fazer. Não era como se Julian estivesse em perigo nas ruas de Alicante. Ainda assim, ela esperou até ouvir o passo dele na escada, voltando, e ouviu a porta do quarto dele abrir e fechar.

Ela levantou-se e foi checar Ty, que ainda estava dormindo, Kit ao lado dele. Ela percebeu que a mochila de Livvy ainda estava na sala e a pegou, com medo de machucar Ty quando ele acordasse. Em seu quarto, ela se sentou na cama e abriu o zíper brevemente. Não havia muito nos pertences escassos de Livvy – algumas camisas e saias, um livro, uma escova de dentes e sabão cuidadosamente embalados. Uma das camisas tinha sujeira, e Emma pensou que talvez devesse lavar as roupas de Livvy, pois talvez isso fosse útil, mas então ela percebeu exatamente por que isso não seria útil e não importava, e se enrolou sobre a sacola, soluçando como se seu coração se partisse ao meio.

No final, ela caiu em um sono profundo cheio de sonhos de fogo e sangue. Ela tinha sido acordada pelo som de Cristina batendo em sua porta com uma caneca de chá e a desagradável notícia de que Horace havia sido eleito o novo inquisidor em uma votação de emergência naquela manhã. Ela já havia contado ao resto da família, que estava acordada e se preparando para o funeral.

O chá tinha cerca de três mil colheres de sopa de açúcar, mas não tirou o gosto amargo das notícias do Inquisidor.

Emma estava olhando pela janela quando Cristina entrou de novo, desta vez carregando uma pilha de roupas. Ela estava vestida toda de branco, da cor do luto dos Caçadores de Sombras e dos funerais. Jaqueta branca, camisa branca, flores brancas em seu cabelo escuro solto.

Cristina franziu a testa.

— Saia daí.

— Por quê? — Emma olhou pela janela; a casa tinha uma vista dominante sobre a parte baixa da cidade. As paredes eram visíveis e os campos verdes além também.

Ela pôde ver uma fila de figuras muito distantes de branco, passando pelos portões da cidade. No centro dos campos verdes, duas enormes pilhas de gravetos erguiam-se como pirâmides.

— Eles já construíram as piras — disse Emma, e uma onda de tontura veio sobre ela. Ela sentiu a mão quente de Cristina se fechar sobre a dela, e um momento depois as duas estavam sentados na beira da cama e Cristina estava dizendo para ela respirar.

— Sinto muito — disse Emma. — Eu sinto muito. Eu não queria desmoronar.

Alguns dos cabelos de Emma tinham caído do nó. As mãos de Cristina foram habilidosas quando ela estendeu a mão para colocar os fios de volta no lugar.

— Quando meu tio morreu — disse ela. — Ele foi enterrado em Idris e eu não pude ir ao funeral, porque minha mãe achava que Idris ainda era perigoso. Quando ela chegou em casa, fui abraçá-la e suas roupas cheiravam a fumaça. Eu pensei: *Isso é tudo o que sobrou do meu tio agora, essa fumaça na jaqueta da minha mãe.*

— Eu preciso ser forte — disse Emma. — Eu tenho que estar lá para os Blackthorns. Julian está… *Quebrado, despedaçado, em pedaços. Ausente. Não, não ausente. Apenas não está comigo.*

— Você pode chorar por Livvy também — disse Cristina. — Ela era uma irmã para você. Família é mais do que sangue.

— Mas…

— O luto não nos enfraquece — disse Cristina com firmeza. — Ele nos faz humanos. Como você poderia consolar Dru, Ty ou Jules se você não

sabe o que eles sentiam por ela? A simpatia é comum. Saber a forma exata do buraco que a perda de alguém deixa no seu coração é raro.

— Eu acho que nenhum de nós possa entender a magnitude da perda de Ty — disse Emma. Seu medo por Ty era intenso, como um gosto amargo constante no fundo de sua garganta, misturando-se com sua dor por Livvy até que ela pensou que poderia engasgar.

Cristina deu a Emma um último tapinha na mão.

— É melhor você se vestir — disse ela. — Eu vou estar na cozinha.

Emma se vestiu em um estado meio atordoado. Quando ela terminou, ela se olhou no espelho. As roupas brancas estavam cobertas com as runas escarlates do luto, repetidas vezes, em um padrão sobreposto que se tornou rapidamente sem sentido para o olho, como uma palavra que é dita repetidamente se torna sem significado para o ouvido. Isso fez com que o cabelo e a pele dela parecessem mais pálidos, e até seus olhos pareciam frios. Ela parecia um pingente de gelo, pensou, ou a lâmina de uma faca.

Se ela tivesse Cortana com ela… Ela poderia entrar em Brocelind e gritar e gritar e golpear o ar até que ela caísse de exaustão no chão, a agonia da perda se infiltrando em cada poro como sangue.

Sentindo-se incompleta sem a espada, ela desceu as escadas.

* * *

Diana estava na cozinha quando Ty desceu as escadas. Não havia ninguém com ele, e sua mão apertou o vidro que ela estava segurando tão ferozmente que seus dedos doíam.

Ela não tinha certeza do que ela estava esperando. Ela se sentou com Ty a maior parte da noite enquanto dormia um sono morto, silencioso e imóvel. Ela tentou se lembrar de como rezar para Raziel, mas fazia muito tempo. Ela havia feito oferendas de incenso e flores na Tailândia depois que sua irmã morrera, mas nada disso ajudara ou chegara perto de curar o buraco em seu coração onde Aria deveria estar.

E Livvy era gêmea de Ty. Nenhum dos dois jamais conhecera um mundo sem o outro. As últimas palavras de Livvy foram *Ty, eu*… Ninguém jamais saberia o resto do que ela queria dizer. Como ele poderia lidar com isso? Como alguém poderia?

A consulesa providenciara a todos roupas de luto, o que era gentil. Diana usava seu próprio vestido branco e uma jaqueta de uniforme, e Ty vestia uma roupa formal de luto. Ele usava elegantemente uma jaqueta branca,

calças brancas e botas, o cabelo muito preto contra tudo. Pela primeira vez, Diana percebeu que, quando Ty crescesse, ele ficaria deslumbrante. Ela pensou nele como uma criança adorável por tanto tempo que nunca passou pela sua cabeça que um dia o conceito mais adulto de beleza pudesse ser aplicado a ele.

Ele franziu a testa. Ele estava muito, muito, pálido, quase da cor de papel branqueado, mas seu cabelo estava bem penteado e ele parecia quase comum.

— Vinte e três minutos — disse ele.

— O quê?

— Levaremos vinte e três minutos para chegar aos Campos e as cerimônias começarão em vinte e cinco. Onde está todo mundo?

Diana quase pegou o telefone para enviar mensagens a Julian antes de se lembrar que os telefones não funcionavam em Idris. *Foco*, ela disse a si mesma.

— Tenho certeza de que eles estão a caminho.

— Eu queria falar com Julian — Ty não parecia exigente; ele soava mais como se estivesse tentando se lembrar de uma lista significativa de coisas de que precisava em devida ordem. — Ele foi com Livvy para a Cidade do Silêncio. Preciso saber o que ele viu e o que fizeram com ela lá.

Eu não queria saber essas coisas sobre Aria, pensou Diana, e imediatamente se repreendeu. Ela não era Ty. Ty se conforta com os fatos. Ele odiava o desconhecido. O corpo de Livvy havia sido levado e trancado atrás de portas de pedra. É claro que ele gostaria de saber: eles tinham honrado o corpo dela, eles tinham guardado as coisas dela, tinham limpado o sangue do rosto dela? Só sabendo ele seria capaz de entender.

Houve um barulho de pés nas escadas. De repente, a cozinha estava cheia de Blackthorns. Ty moveu-se para ficar fora do caminho quando Dru desceu, com os olhos vermelhos em uma jaqueta em um tamanho pequeno demais. Helen, carregando Tavvy, ambos em branco; Aline e Mark, Aline com o cabelo preso e pequenos brincos de ouro na forma de runas de luto. Diana percebeu com um sobressalto que estava procurando por Kieran ao lado de Mark, esperando, e se esquecera de que ele havia partido.

Cristina apareceu e, depois, Emma, ambas subjugadas. Diana havia posto torradas, manteiga e chá, e Helen colocou Tavvy no chão e foi buscar algumas. Ninguém mais parecia interessado em comer.

Ty olhou ansiosamente para o relógio. Um momento depois, Kit estava no andar de baixo, parecendo desconfortável com uma jaqueta de uniforme branca. Ty não disse nada, nem olhou para ele, mas a tensão nos ombros relaxou um pouco.

Para surpresa de Diana, o último a descer as escadas foi Julian. Ela queria correr até ele para ver se ele estava bem, mas fazia muito tempo desde que ele a deixara fazer isso. Se ele já deixara alguma vez. Ele sempre foi um garoto independente, relutante em mostrar qualquer emoção negativa na frente de sua família.

Ela viu Emma olhar para ele, mas ele não retornou seu olhar. Ele estava olhando ao redor da sala, avaliando o humor de todos, fazendo quaisquer cálculos mentais que ele estivesse invisibilizando por trás do escudo de seus olhos azul-esverdeados.

— Devemos ir — disse ele. — Eles vão esperar por nós, mas não por muito tempo, e devemos estar lá para a cerimônia de Robert.

Havia algo diferente em sua voz, apesar de Diana não conseguir dizer exatamente o quê. O peso do luto, provavelmente.

Todos se voltaram para ele. Ele era o centro, pensou Diana, o fulcro no qual a família se transformava: Emma e Cristina se afastaram, não sendo Blackthorns, e Helen pareceu aliviada quando Julian falou, como se estivesse temendo em falar com o grupo.

Tavvy foi até Julian e pegou a mão dele. Eles saíram pela porta em uma procissão silenciosa, um rio de branco descendo os degraus de pedra da casa.

Diana não pôde deixar de pensar em sua irmã e em como ela havia sido queimada na Tailândia e suas cinzas enviadas de volta a Idris para serem enterradas na Cidade do Silêncio. Mas Diana não estava lá para o funeral. Na época, ela achava que nunca mais voltaria a Idris.

Ao passarem pela rua em direção à Silversteel Bridge, alguém abriu uma janela no alto. Uma longa faixa branca marcada com uma runa de luto caiu; Ty levantou a cabeça e Diana percebeu que a ponte e, depois, a rua, até os portões da cidade, estavam enfeitadas com faixas brancas. Eles caminharam entre eles, até mesmo Tavvy olhando para cima e ao redor, maravilhado.

Talvez as faixas sejam principalmente para Robert, o Inquisidor, mas elas também eram para Livvy. Pelo menos os Blackthorns sempre teriam

isso, ela pensou, essa lembrança da honra que havia sido mostrada a sua irmã.

Ela esperava que a eleição de Horácio como Inquisidor não deixasse o dia pior. Durante toda a sua vida ela tinha estado ciente da trégua desconfortável não apenas entre Caçadores de Sombras e Habitantes do Submundo, mas entre os Nefilins que pensavam que os Seres do Submundo deveriam ser abraçados pela Clave – e aqueles que não o faziam. Muitos comemoraram quando os Membros do Submundo finalmente se juntaram ao Conselho após a Guerra das Trevas. Mas ela ouvira os sussurros dos que não tinham – aqueles como Lazlo Balogh e Horace Dearborn. A Paz Fria lhes dera a liberdade de expressar o ódio em seus corações, confiantes de que todos os Nefilins de pensamento correto concordavam com eles.

Ela sempre acreditou que eles estavam errados, mas a eleição de Horace a encheu de medo de que houvesse mais Nefilins do que ela jamais sonhara, irremediavelmente encharcados de ódio.

Quando eles pisaram na ponte, algo roçou no ombro de Diana. Ela estendeu a mão para afastá-lo e percebeu que era uma flor branca – uma das que crescia apenas em Idris.

Ela olhou para cima; nuvens percorriam o céu, empurradas por um vento forte, mas ela viu o contorno de um homem a cavalo desaparecer atrás de uma delas.

Gwyn. O pensamento acendeu uma centelha de calor em seu coração. Ela fechou a mão cuidadosamente em torno das pétalas.

* * *

Os campos imperecíveis.

Era assim que eles eram chamados, embora a maioria das pessoas os chamasse simplesmente de Campos. Estendiam-se pelas planícies fora de Alicante, desde as muralhas da cidade que haviam sido construídas após a Guerra Maligna até as árvores da Floresta Brocelind.

A brisa era suave e única para Idris; de certa forma, Emma preferia o vento do oceano de Los Angeles, com sua mordida de sal. Esse vento parecia muito gentil para o dia do funeral de Livvy. Ela levantou o cabelo e jogou o vestido branco em volta dos joelhos.

Eles caminhavam em direção à mata e, enquanto se aproximavam das piras funerárias, Cristina segurou a mão de Emma. Emma recuou quando chegaram perto o suficiente da multidão onde Emma podia ver as pessoas

olhando e ouvir os murmúrios se intensificando ao redor deles. Havia olhares de simpatia pelos Blackthorns, certamente, mas também olhavam para ela e Julian, afinal Julian trouxera Annabel para Idris e Emma era a garota que quebrara a Espada Mortal.

— Uma lâmina tão poderosa quanto Cortana não pode ficar nas mãos de uma criança — disse uma mulher de cabelos loiros enquanto Emma passava.

— A coisa toda cheira a magia negra — disse outra pessoa.

Emma decidiu tentar não ouvir. Ela olhou para a frente: ela podia ver Jia de pé entre as piras, toda de branco. Memórias da Guerra das Trevas a inundaram. Tantas pessoas de branco; muitas, muitas piras em chamas.

Ao lado de Jia estava uma mulher com longos cabelos ruivos que Emma reconheceu como a mãe de Clary, Jocelyn. Ao lado dela estava Maryse Lightwood, com os cabelos negros soltos nas costas. Havia fios cinzas em seus cabelos. Ela parecia estar falando com Jia, embora elas estivessem muito longe para Emma ouvir o que elas estavam dizendo.

Ambas as piras estavam no fim, embora os corpos ainda não tivessem sido trazidos da Cidade do Silêncio. Poucos Caçadores de Sombras se reuniram – ninguém era obrigado a comparecer aos funerais, mas Robert era popular, e as mortes dele e de Livvy chocaram todos com seu horror.

A família de Robert estava perto da pira à direita – as vestes cerimoniais do inquisidor tinham sido colocadas no topo. Elas queimariam com ele. Ao redor do fogo estavam Alec e Magnus, Simon e Isabelle, todos em roupas rituais de luto, até mesmo o pequeno Max e Rafe. Isabelle olhou para Emma quando ela se aproximou e acenou uma saudação; seus olhos estavam inchados de tanto chorar.

Simon, ao lado dela, parecia tenso como uma corda de arco. Ele estava olhando ao redor, seu olhar correndo entre as pessoas na multidão. Emma não podia deixar de se perguntar se ele estava procurando as mesmas pessoas que ela estava – as pessoas que por todos os direitos deveriam estar aqui quando Robert Lightwood fosse posto para descansar.

Onde estavam Jace e Clary?

* * *

Os Caçadores das Sombras raramente pareciam tão estranhos a Kit como agora.

Eles estavam por toda parte, vestidos de branco, uma cor que ele associava a casamentos e Páscoa. Os estandartes, as runas, as brilhantes torres demoníacas ao longe – tudo isso colaborava para fazê-lo sentir-se como se estivesse em outro planeta.

Sem mencionar que os Caçadores de Sombras não choraram. Kit tinha ido a funerais antes e os viu na TV. As pessoas seguravam lenços e choravam neles. Mas não aqui; aqui eles estavam em silêncio, esticados, e o som dos pássaros era mais alto do que o som de conversas ou choros.

Não que Kit estivesse chorando, e não que ele tivesse chorado quando seu pai morreu. Ele sabia que não era saudável, mas seu pai sempre disse que entregar-se à dor significava que você estaria quebrado para sempre. Kit devia demais aos Blackthorns, especialmente a Ty, uma despedida a Livvy. Ela quereria isso. Ela gostaria que ele estivesse lá por Ty.

Um após o outro, os Nefilins aproximaram-se dos Blackthorn e ofereceram suas condolências. Julian havia se colocado à frente de sua família como um escudo e estava desviando friamente todas as tentativas cordiais de conversar com seus irmãos e irmãs, que estavam em um grupo atrás dele. Julian parecia mais frio e mais afastado do que o habitual, mas isso não era surpreendente. O luto atingia todos de maneiras diferentes.

Isso significava que ele soltou a mão de Tavvy, então Tavvy foi até o lado de Dru, pressionando-se para o lado dela. Também deixou Ty sozinho, e Kit foi até o garoto, sentindo-se resplandecentemente bobo com calças de couro branca e jaqueta. Ele sabia que era uma roupa de luto formal, mas o fazia se sentir como se estivesse fazendo cosplay de alguém em um videoclipe dos anos oitenta.

— Os funerais são sempre tão tristes — disse uma mulher que se apresentou como Irina Cartwright, olhando para Julian com um profundo olhar de pena. Quando ele não respondeu, ela desviou o olhar para Kit. — Você não acha?

— Eu não sei — disse Kit. — Meu pai foi comido por demônios.

Irina Cartwright parecia desconcertada e se apressou a falar algumas frases mais triviais. Julian levantou uma sobrancelha para Kit antes de cumprimentar o próximo enlutado.

— Você ainda tem… o telefone? — Kit perguntou a Ty e imediatamente se sentiu um idiota. Quem ia até alguém no funeral de sua irmã gêmea e perguntava se ele tinha o celular? Especialmente quando não havia sinal em

nenhum lugar em Idris? — Quero dizer… Não que você possa ligar pra qualquer um.

— Há um telefone em Idris que funciona. Está no escritório da Consulesa — disse Ty. Ele não parecia estar de cosplay de uma estrela de videoclipes dos anos 80; ele parecia frio e marcante e…

A palavra "lindo" piscou na cabeça de Kit como um sinal de néon bruxuleante. Ele ignorou isso.

Elegante. Ty parecia elegante. Pessoas com cabelos escuros provavelmente pareciam naturalmente melhores em branco.

— Não é o sinal de telefone que eu preciso — disse Ty. — São as fotos no telefone.

— Fotos de Livvy? — Kit perguntou, confuso.

Ty olhou para ele. Kit se lembrava dos dias em Londres em que eles estavam trabalhando juntos, resolvendo – bem, resolvendo mistérios. Como Watson e Holmes. Ele nunca sentiu como se não entendesse Ty. Mas ele sentiu isso agora.

— Não — disse Ty.

Ele olhou ao redor. Kit se perguntou se o número crescente de pessoas estava incomodando Ty. Ele odiava multidões. Magnus e Alec estavam com seus filhos perto da Consulesa; eles estavam com uma linda garota de cabelos negros, com sobrancelhas exatamente como Alec e um menino – bem, ele provavelmente tinha vinte e poucos anos – com cabelos castanhos desarrumados. O menino deu a Kit um olhar que parecia dizer que ele parecia familiar. Várias pessoas fizeram o mesmo. Kit adivinhou que era por que ele se parecia com Jace, se Jace tivesse sofrido um estirão repentino e inesperado e músculos.

— Eu preciso falar com você mais tarde — Ty disse, sua voz baixa, e Kit não tinha certeza se estava preocupado ou agradecido. Até onde ele sabia, Ty não falava com ninguém desde que Livvy morreu.

— Você não quer falar com seu irmão? Com Julian?

— Não. Preciso falar com você. — Ty hesitou, como se estivesse prestes a dizer algo mais.

Houve um som baixo e pesaroso como se um chifre soprasse, e as pessoas se voltaram para olhar para a cidade. Kit seguiu seus olhares e viu que uma procissão estava saindo dos portões. Dezenas de Irmãos do Silêncio em seus uniformes de pergaminho, andando em duas linhas de

cada lado de dois esquifes. Os caixões eram carregados na altura dos ombros pelos guardas do Conselho.

Eles estavam muito distantes para Kit ver qual era o de Livvy: ele via apenas um corpo deitado em cada plataforma, envolto em branco. E então eles se aproximaram, e ele viu que um corpo era muito menor do que o outro, e ele se virou para Ty sem ser capaz de se conter.

— Sinto muito — disse ele. — Eu sinto muito.

Ty estava olhando para a cidade. Uma de suas mãos estava abrindo e fechando, seus longos dedos se curvando para baixo, mas fora isso ele não mostrava sinais de qualquer emoção.

— Não há motivo para você sentir — disse ele. — Então, por favor, não sinta.

Kit ficou sem fala. Havia uma tensão fria dentro dele, um medo que ele não conseguia se livrar… Que ele perdera não apenas Livvy, mas Ty também

* * *

— Eles ainda não voltaram — disse Isabelle. Ela estava composta e imaculada nas roupas, uma faixa de seda branca segurando o cabelo dela. Ela estava segurando a mão de Simon, os nós dos dedos brancos como uma flor na lapela.

Emma sempre pensara que o pesar era como uma garra. A garra de um monstro enorme que você não podia ver, que descia do céu e se apoderava de você, impedindo a respiração, deixando apenas uma dor da qual você não conseguia se desvencilhar ou evitar. Você só tinha que suportar isso enquanto a garra tivesse você em suas mãos.

Ela podia ver a dor nos olhos de Isabelle, atrás de seu exterior calmo, e parte dela queria estender a mão e abraçar a outra garota. Ela queria que Clary estivesse aqui – Clary e Isabelle eram como irmãs, e Clary podia confortar Izzy da maneira que só uma melhor amiga poderia fazer.

— Eu pensei que você soubesse — Simon disse, suas sobrancelhas franzidas quando ele olhou para Emma. Ela pensou em Clary dizendo que ela não podia contar a Simon sobre suas visões da morte, que ele desmoronaria. — Eu pensei que eles disseram a você onde eles estavam indo.

Ninguém parecia estar prestando muita atenção a eles – Jia ainda conversava com Jocelyn e Maryse, e os outros Caçadores de Sombras

presentes haviam ido até Julian e os outros para oferecer condolências.

— Eles foram para o Reino das Fadas. Eu sei.

Simon e Isabelle se aproximaram instintivamente dela. Ela esperava que eles não parecessem muito como se estivessem se amontoando, compartilhando segredos, já que isso era exatamente o que estava acontecendo.

— É só que eu pensei que eles estariam de volta agora — disse Emma.

— Eles devem voltar amanhã. — Isabelle fez um barulho arrogante, e se abaixou para pegar Max. Ela segurou-o nos braços, enfiando o queixo no cabelo dele. — Eu sei — é horrível. Se houvesse apenas uma maneira de conseguir uma mensagem…

— Não poderíamos pedir exatamente à Clave para atrasar o funeral — disse Simon.

Corpos de Caçadores de Sombras não eram embalsamados; eles eram queimados o mais rápido possível antes de começarem a se deteriorar.

— Jace vai ficar destruído — disse Izzy. Ela olhou por cima do ombro para onde seu irmão estava segurando Rafe pela mão, olhando para Magnus enquanto eles conversavam. — Especialmente por não ter estado aqui para Alec.

— O luto dura muito tempo — disse Emma, com a garganta apertada. — Muitas pessoas estão lá para você no começo, quando acontece pela primeira vez. Mas se Jace estiver lá para Alec depois, depois de todo o barulho do funeral e de todas as superficialidades de estranhos indo embora, isso será ainda melhor.

Os olhos de Izzy se suavizaram.

— Obrigada. E tente não se preocupar com Clary e Jace. Sabíamos que não poderíamos estar em contato com eles enquanto estivessem fora. Simon é *parabatai* de Clary. Ele sentiria se algo tivesse acontecido com ela. E Alec também, sobre Jace.

Emma não podia discutir a força do vínculo *parabatai*. Ela olhou para baixo, imaginando…

— Eles vieram — Era Magnus, chegando para pegar Max de Isabelle. Ele deu a Emma um estranho olhar de lado que ela não sabia ler. — Os irmãos.

Emma olhou por cima. Era verdade: eles tinham deslizado quase sem som para a multidão, separando-a como o Mar Vermelho. Os Caçadores de

Sombras recuaram quando os caixões que levavam Livvy e Robert passaram entre eles e pararam entre as piras.

Livvy estava pálida e sem sangue, o corpo envolto em um vestido de seda branca, a seda branca prendendo os olhos. Seu colar de ouro brilhava em sua garganta. Seus longos cabelos castanhos estavam cheios de flores brancas.

Livvy dançando em sua cama, usando um vestido de chiffon verde-claro que ela comprou no Hidden Treasures. *Emma, Emma, olha meu vestido novo!* Emma lutou contra a lembrança, contra a verdade fria: *este era o último vestido que ela veria Livvy usar. Esta foi a última vez que ela viu seu familiar cabelo castanho, a curva de sua bochecha, seu queixo teimoso. Livvy, minha Livvy, minha sábia mocinha, minha querida irmãzinha.*

Ela queria gritar, mas os Caçadores de Sombras não gritariam diante da morte. Eles falaram as palavras antigas, transmitidas através dos tempos.

"Ave atque vale." O murmúrio atravessou a multidão. "Ave atque vale, Robert Lightwood. Ave atque vale, Livia Blackthorn."

Isabelle e Alec se viraram para encarar o caixão do pai. Julian e os outros Blackthorn ainda estavam presos por simpatizantes. Por um momento, Emma estava sozinha com Simon.

— Eu conversei com Clary antes de ela sair — disse ela, as palavras saindo como uma pressão quente no fundo de sua garganta. — Ela estava preocupada que algo ruim fosse acontecer.

Simon pareceu intrigado.

— Que tipo de coisa ruim?

Emma sacudiu a cabeça.

— Apenas se ela não voltar quando deveria…

Simon olhou para ela com olhos preocupados, mas antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Jia se adiantou e começou a falar.

* * *

— Caçadores de Sombras morrem jovens — disse alguém na multidão. Julian não reconheceu o homem: ele provavelmente tinha quarenta e poucos anos, com sobrancelhas grossas e negras. Ele usava um remendo em seu equipamento com o símbolo da Scholomance, mas pouco o diferenciava das dezenas de outras pessoas que tinham ido até Julian para dizer que lamentavam que sua irmã estivesse morta.

— Mas quinze — O homem balançou a cabeça. Gladstone, lembrou Julian. Seu sobrenome era Gladstone. — Robert viveu uma vida plena. Ele era um primo distante meu, você sabe. Mas o que aconteceu com sua irmã nunca deveria ter acontecido. Ela era apenas uma criança.

Mark fez um barulho estrangulado atrás de Julian. Julian disse alguma coisa educada para mandar Gladstone embora. Tudo parecia distante, abafado, como se ele ou o mundo tivessem sido envoltos em almofadas de algodão.

— Eu não gostei dele — disse Dru depois que Gladstone foi embora. A pele sob seus olhos era brilhante e apertada, onde as lágrimas deixaram vestígios que não podiam ser lavados.

Era como se houvesse dois Julians. Um deles era o Julian de antes, o Julian que teria estendido a mão para consolar Dru e bagunçar seus cabelos. O Julian de agora não fez isso. Ele permaneceu imóvel enquanto a multidão começava a se afastar para abrir caminho para a procissão fúnebre, e viu Helen levantar Tavvy em seus braços.

— Ele tem sete anos — ele disse a ela. — Ele é velho demais para ser levado para todo lugar.

Ela deu a ele um olhar meio surpreso, meio reprovador, mas não disse nada. Os Irmãos do Silêncio estavam andando entre eles com seus vigias, e a família Blackthorn se acalmou quando o ar se encheu com o canto dos Nephilins.

"Ave atque vale, Livia Blackthorn. Saudações e adeus."

Dru levou as palmas das mãos aos olhos. Aline pôs um braço ao redor dela. Julian procurou por Ty. Ele não conseguiu se impedir.

Mark foi até Ty e conversou com ele; Kit estava ao lado dele, mãos enfiadas nos bolsos, ombros curvados, totalmente desanimados. O próprio Ty estava olhando para o esquife de Livvy, uma mancha vermelha em cada uma de suas bochechas. No caminho da cidade, ele havia incomodado Julian com perguntas: *Quem a tocou na Cidade do Silêncio? Eles lavaram o sangue dela? Eles escovaram o cabelo dela? Eles levaram o colar dela? Eles deixaram você guardar suas roupas? Quem escolheu o vestido para ela ser enterrada? Eles fecharam os olhos antes de amarrarem a seda sobre eles?* até que Julian estivesse exausto e quase explodindo.

As escadas haviam sido colocadas ao lado das piras, cada uma delas uma enorme pilha de troncos e gravetos. Um Irmão do Silêncio pegou o corpo de Livvy e começou a subir a escada. Quando chegou ao topo, ele deitou o

corpo dela; na segunda pira, um Irmão do Silêncio estava fazendo o mesmo com o cadáver de Robert Lightwood.

Diana também foi ficar ao lado de Ty. Havia uma flor branca enfiada em seu colarinho, pálida contra sua pele escura. Ela disse algo em voz baixa para ele, e Ty olhou para ela.

Julian doía por dentro, uma dor física, como se tivesse levado um soco no estômago e só agora estivesse recuperando o fôlego. Ele podia sentir o pano ensanguentado amarrado no pulso, como um círculo de fogo.

Emma. Ele olhou para ela no meio da multidão e a viu em pé ao lado de Simon. Cristina foi ficar com eles. As escadas foram afastadas e os Irmãos do Silêncio avançaram com suas tochas acesas. O fogo deles era brilhante o suficiente para iluminar até o dia. Os cabelos de Emma brilharam e pegaram seu brilho quando os Irmãos do Silêncio tomaram seus lugares ao redor das piras.

— Essas chamas… — disse Mark, que apareceu ao lado de Julian. — Na Caçada Selvagem fazemos enterros no céu.

Julian olhou para ele. Mark estava vermelho, seus cachos pálidos desordenados. Suas runas de luto tinham sido aplicadas com cuidado e precisão, o que significava que ele próprio não as havia feito. Elas eram lindas e delicadas – o trabalho de Cristina.

— Deixaríamos os corpos no topo das geleiras ou árvores altas, para os pássaros os escolherem — disse Mark.

— Que tal você não sugerir isso a ninguém neste funeral? — disse Julian.

Mark estremeceu.

— Desculpe, nem sempre sei a coisa certa a dizer.

— Quando estiver em dúvida, não diga nada — disse Julian. — Literalmente, é melhor que você não fale nada.

Mark deu a ele o mesmo olhar que Helen tinha antes – meio magoado e meio surpreso, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Jia Penhallow, em trajes cerimoniais em um deslumbrante branco-neve, começou a falar.

— Companheiros Caçadores de Sombras — ela disse, sua voz rica transportada através dos Campos Imperecíveis. — Uma grande tragédia chegou até nós. Um dos nossos servos mais fiéis da Clave, Robert Lightwood, foi morto no salão do Conselho, onde a nossa lei sempre prevaleceu.

— Bom trabalho não mencionar que ele era um traidor — murmurou alguém na multidão.

Era Zara. Um surto de riso sibilante explodiu ao redor dela, como um bule explodindo. Seus amigos, Manuel Villalobos, Samantha Larkspear e Jessica Beausejours, ficaram em torno dela em um círculo apertado.

— Eu não posso acreditar que eles estão aqui. — Era Emma. De alguma forma, ela havia chegado ao lado de Julian. Ele não se lembrava disso ter acontecido, mas a realidade parecia estar piscando para dentro e para fora como um obturador de câmera abrindo e fechando. Ela pareceu um pouco surpresa quando Julian não respondeu, mas ela se esgueirou para a multidão, deixando Gladstone fora do caminho.

— Também um dos nossos Caçadores de Sombras mais jovens e promissores foi assassinado e o sangue dela derramou na frente de todos nós — disse Jia quando Emma alcançou Zara e suas amigas. Zara deu um salto para trás e tentou esconder sua perda de equilíbrio com um olhar penetrante.

Emma não se importava de um jeito ou de outro, Julian pensou, sobre o equilíbrio de Zara. Ela estava gesticulando para Zara e depois para os Blackthorns e Ty, quando a voz de Jia soou sobre o prado: — Não vamos deixar essas mortes ficarem impunes. Não vamos esquecer quem foi o responsável. Somos guerreiros e vamos lutar e lutar.

Zara e seus amigos estavam parecendo obstinados. Todos menos Manuel, que sorria com um sorriso de lado que, sob outras circunstâncias, teria dado a Julian arrepios. Emma se virou e se afastou deles. Sua expressão era sombria.

Ainda assim, Zara parou de falar, o que era alguma coisa.

— Eles se foram — disse Jia. — Os Nephilins perderam duas grandes almas. Deixe Raziel abençoá-los. Deixe Jonathan Caçador de Sombras honrá-los. Deixe David, o Silencioso, lembrar-se deles. E vamos recomendar seus corpos para a necrópole, onde eles servirão para sempre.

A voz da Consulesa havia se suavizado. Todos olhavam para ela, até as crianças como Tavvy, Rafe e Max, então todos viram sua expressão mudar e escurecer. Ela falou as próximas palavras como se tivessem um gosto amargo em sua boca.

— E agora, nosso novo Inquisidor quer dizer algumas palavras.

Horace Dearborn deu um passo à frente; Julian não o havia notado até aquele momento. Ele usava um manto branco de luto e uma expressão

adequadamente grave, embora parecesse haver um sorriso de escárnio por trás, como uma sombra atrás do vidro.

Zara sorria abertamente, e mais amigos dela do Scholomance se reuniram perto dela. Ela deu um pequeno aceno para o pai, ainda sorrindo, e o sorriso de Manuel se espalhou até cobrir a maior parte do rosto.

Julian viu a náusea nas expressões de Isabelle e Simon, o horror no rosto de Emma, a raiva de Magnus e Alec.

Ele se esforçou para sentir o que eles sentiam, mas ele não podia. Ele não sentiu nada.

* * *

Horace Dearborn levou um longo momento para examinar a multidão. Kit havia coletado o suficiente dos outros para saber que o pai de Zara era um fanático ainda pior do que ela e que ele tinha sido nomeado o novo Inquisidor por uma maioria do Conselho, todos os quais pareciam mais assustados com a Corte Unseelie e a ameaça de Membros do Submundo do que em investir em um homem claramente mal com poder.

Não que Kit achasse isso surpreendente. Apenas deprimente.

Ty, ao lado dele, não parecia estar olhando para Horace. Ele estava olhando para Livvy, ou o pouco dela que eles podiam ver – ela era um pedaço de branco no topo de uma pilha alta de lenha de madeira. Ao olhar para a irmã, ele passou o indicador direito pelas costas da mão esquerda, repetidamente.

— Hoje — Horace disse finalmente. — Como a Consulesa disse, pode, de fato, ser um dia para a tristeza.

— É bom que ele reconheça — murmurou Diana.

— *No entanto* — A voz de Horace se levantou, e ele apontou um dedo para a multidão, como se estivesse acusando todos de um crime terrível. — Essas mortes não vieram do nada. Não há dúvidas de quem foram os responsáveis por esses assassinatos, embora os tolos Caçadores de Sombras possam ter permitido que eles ocorressem, as mãos do Rei Unseelie, de todas as fadas e de todos os Membros do Submundo conectados com eles estão por trás desse ato!

Por que isso aconteceria? Kit pensou. Horace lembrava-lhe de políticos gritando na TV, homens de rosto vermelho que sempre pareciam irritados e sempre queriam que você soubesse que havia algo que você precisava ter medo.

A ideia de que o Rei Unseelie era responsável pelas mortes de Livvy e Robert, e de que todos os Membros do Submundo eram culpados, não fazia sentido para Kit, mas se ele estava esperando por um protesto da multidão, ele ficou desapontado. A multidão estava estranhamente tranquila e Kit não teve a sensação de que eles eram contra Horace. Em vez disso, pareciam sentir que seria indelicado animar-se. Magnus olhou sem nenhuma expressão, como se tivesse sido enxugado de seu rosto com uma borracha.

— A morte deles serve como um lembrete — disse Horace, e Kit olhou para Julian, cujo cabelo castanho escuro estava soprando no vento crescente. Kit duvidou que isso fosse um lembrete de que Julian precisava. — Um lembrete de que temos apenas uma vida e devemos vivê-la como guerreiros. Um lembrete de que temos apenas uma chance de fazer as escolhas corretas. Um lembrete de que a hora está chegando, a hora em que todos os Caçadores de Sombras terão que decidir onde estarão. Eles estarão com traidores e amantes do Submundo? Eles estarão com aqueles que destruiriam nosso modo de vida e nossa própria cultura? Eles… *Rapaz, o que você está fazendo? Desça daí!*

— Ah, pelo Anjo — sussurrou Diana.

Ty estava subindo ao lado da pira de sua irmã. Não parecia fácil — a madeira tinha sido empilhada para queimar com eficiência máxima, não para escalar, mas ele estava encontrando apoio para as mãos e para os pés de qualquer maneira. Ele já estava alto o suficiente do chão que Kit sentiu um raio de medo passar por ele com o pensamento do que aconteceria se um dos troncos de madeira se soltasse e ele caísse.

Kit começou a ir atrás dele sem pensar, apenas para sentir uma mão perto de seu colarinho. Ele foi empurrado de volta por Diana.

— Não — disse ela. — Você não. — Seu rosto estava definido em linhas sombrias.

Você não. Kit viu o que ela quis dizer em um momento: Julian Blackthorn já estava correndo, passando pelo Inquisidor – que gritou, indignado – e pulando para a pira. Ele começou a subir atrás de seu irmão.

* * *

— Julian! — Emma chamou, mas ela duvidava que ele pudesse ouvi-la. Todos gritavam agora — os guardas do Conselho, os enlutados, a Consulesa e o Inquisidor. Zara e seus amigos estavam gargalhando, apontando para Ty.

Ele quase chegara ao topo da pira e parecia não ouvir nada nem ninguém ao seu redor: ele estava escalando com uma intensidade obstinada. Julian, abaixo dele, subindo com mais cuidado, não conseguiu igualar sua velocidade.

Apenas os Blackthorns estavam completamente silenciosos. Emma tentou empurrar para frente, mas Cristina segurou seu pulso, sacudindo a cabeça.

— Não, não é seguro, é melhor não distrair Julian…

Ty havia alcançado a plataforma no topo da pira. Ele sentou-se ali, empoleirado ao lado do corpo da irmã.

Helen deu um pequeno gemido.

— *Ty…*

Não havia proteção contra o vento no topo da pira. O cabelo de Ty girou em torno de seu rosto enquanto ele se inclinava sobre Livvy. Parecia que ele estava tocando as mãos dela. Emma sentiu uma onda de pesar empático como um soco no estômago, seguida por outra onda de ansiedade.

Julian alcançou a plataforma ao lado de Ty e Livvy. Ele se ajoelhou ao lado de seu irmão. Eles pareciam duas peças de xadrez pálidas, apenas a cor de seus cabelos – a de Ty um pouco mais escura – diferenciando-os em cores.

Emma sentiu o batimento cardíaco na garganta. Foi uma das coisas mais difíceis que ela já fez, não correr para a pira e escalá-la. Tudo, a não ser Julian e Ty, parecia distante, mesmo quando ela ouviu Zara e seus amigos rindo e dizendo que os Irmãos do Silêncio deveriam acender a pira e queimar Ty e Julian junto com Livvy se quisessem ficar com ela.

Ela sentiu Cristina endurecer ao lado dela. Mark estava andando pela grama, na direção das duas piras. Zara e seus amigos estavam murmurando sobre ele agora, sobre suas orelhas pontudas, seu sangue de fada. Mark caminhou com a cabeça para baixo, determinado, e Emma não aguentava mais: ela se afastou de Cristina e correu pela grama.

Se Mark fosse atrás de Julian e Ty, então ela também iria.

Ela teve um vislumbre de Jia, ao lado de Maryse e Jocelyn, todas imóveis, um quadro horrorizado. Caçadores de Sombras não faziam esse tipo de coisa. Eles não faziam um espetáculo de sua dor. Eles não gritavam, não se enfureciam, não desmoronavam, não subiam ao topo das piras.

Julian se curvou e segurou o rosto do irmão nas mãos. Fez um retrato peculiarmente terno, apesar de sua localização. Emma podia imaginar o

quão difícil isso era para ele: ele odiava mostrar emoções na frente de qualquer um em quem ele não podia confiar, mas ele não parecia estar pensando sobre isso; ele estava murmurando para Ty, suas testas quase se tocando.

— As escadas — Emma disse para Mark, e ele assentiu sem perguntar mais nada.

Eles passaram por um grupo de espectadores e pegaram uma das pesadas escadas que os Irmãos do Silêncio levaram para o Campo, apoiando-a contra a lateral da pira de Livvy.

— Julian — Emma chamou, e ela o viu olhar para ela enquanto ela e Mark mantinham a escada firme. Em algum lugar, Horace estava gritando para eles deixarem isso em paz e para os guardas do Conselho virem e arrastarem os garotos para baixo. Mas ninguém se mexeu.

Julian tocou Ty uma vez no rosto e Ty hesitou, seus braços se aproximando para se abraçar brevemente. Ele os largou e seguiu Julian enquanto desciam a escada, Julian primeiro. Quando ele bateu no chão ele não se moveu, apenas olhou para cima, pronto para pegar seu irmão se ele caísse.

Ty chegou ao chão e afastou-se da pira sem parar para recuperar o fôlego, atravessando a grama em direção a Kit e Diana.

Alguém estava gritando para que eles se movimentassem: Mark içou a escada e levou-a para os Irmãos do Silêncio, enquanto Emma segurava os pulsos de Julian e afastava-o gentilmente do local das piras.

Ele parecia atordoado, como se tivesse sido atingido com força suficiente para deixá-lo tonto. Ela parou a alguma distância de qualquer outra pessoa e pegou as duas mãos dele nas dela.

Ninguém pensaria nisso como algo estranho; esse era um tipo normal de afeto entre *parabatai*. Ainda assim, ela estremeceu, com a combinação de tocá-lo e o horror da situação e o olhar vazio em seu rosto.

— Julian — ela disse, e ele estremeceu.

— Minhas mãos — disse ele, parecendo surpreso. — Eu não senti isso.

Ela olhou para baixo e respirou fundo. Suas palmas eram uma colcha de retalhos de lascas sangrentas da madeira. Algumas eram pequenas linhas escuras contra sua pele, mas outras eram palitos de madeira cortados, maiores, que haviam entrado em um ângulo, escorrendo sangue.

— Você precisa de um *iratze* — disse ela, soltando um de seus pulsos e alcançando seu cinto para uma estela. —Deixe-me…

— Não. — Ele puxou seu outro pulso livre de seu aperto. Sua expressão era mais fria que o gelo glacial. — Eu não acho que seja uma boa ideia.

Ele se afastou enquanto Emma lutava para respirar. Ty e Mark tinham voltado para o lugar onde os Blackthorns estavam: Ty estava perto de Kit, como quase sempre estava, como um ímã se encaixando.

Ela viu Mark estender a mão para segurar a mão de Cristina e pensar: *eu deveria estar segurando as mãos de Julian, eu deveria estar lá para ele, lembrando a ele que ainda existem coisas no mundo pelas quais vale a pena viver*.

Mas as mãos de Julian estavam sangrentas e feridas e ele não queria que ela tocasse nelas. Como sua alma estava rasgada e sangrenta e talvez ele não quisesse ninguém perto dela, também, mas ela era diferente, ela era sua *parabatai*, não era?

Está na hora. A voz silenciosa de um dos irmãos atravessou os campos. Todos o ouviram falar – exceto Magnus e Max, que olhavam em volta, confusos. Emma mal teve tempo de se preparar antes que os Irmãos do Silêncio tocassem suas tochas na lenha de madeira ao pé de cada pira. O fogo explodiu para cima, ondulando em tons de dourado e vermelho, e por um momento foi quase lindo.

Então o rugido das chamas a atingiu, como o som de uma onda quebrando, e o calor rolou pela grama, e o corpo de Livvy desapareceu atrás de uma folha de fumaça.

* * *

Kit mal podia ouvir o suave canto dos Nefilins sobre o ganido das chamas:

— *Saudações, saudações, saudações. Adeus, adeus, adeus.*

A fumaça era espessa. Seus olhos arderam e queimaram, e ele não conseguia parar de pensar no fato de que seu próprio pai não tinha tido um funeral, que havia pouco dele enterrado, sua carne transformada em cinzas pelo veneno de Mantid, seus restos mortais eliminados pelos Irmãos do Silêncio.

Kit não suportava olhar para os Blackthorns, então ele olhou para os Lightwoods. Ele tinha ouvido todos os seus nomes agora: ele sabia que a irmã de Alec era Isabelle, a garota de cabelos negros que estava com os braços em volta de Alec e sua mãe, Maryse. Rafe e Max seguravam as mãos um do outro; Simon e Magnus estavam perto dos outros, como pequenas luas de conforto orbitando um planeta de pesar. Kit lembrou-se de

alguém dizendo que os funerais eram para os vivos, não para os mortos, para que eles pudessem se despedir. Ele se perguntou sobre o fogo: *Assim os Nephilins poderiam se despedir do fogo que os lembrava dos anjos?*

Ele viu um homem aproximar-se dos Lightwoods e piscou os olhos lacrimejantes. Ele era um homem jovem, bonito, com cabelo castanho encaracolado e uma mandíbula quadrada. Ele não estava vestindo branco, como os outros, mas com um simples equipamento preto. Ao passar por Maryse, ele parou e colocou a mão no ombro dela.

Ela não virou ou pareceu notar. Nem mais ninguém. Magnus olhou rapidamente, franzindo a testa, mas desviou o olhar novamente; Kit percebeu com uma frieza no peito que ele era o único que realmente podia ver o rapaz – e que a fumaça parecia fluir através do estranho, como se ele fosse feito de ar.

Um fantasma, ele pensou. *Como Jessamine.* Ele olhou em volta loucamente. Certamente haveria mais fantasmas aqui, nos Campos Imperecíveis, seus pés mortos não deixando vestígios na grama?

Mas ele viu apenas os Blackthorns, juntos, Emma e Cristina lado a lado, e Julian com Tavvy, enquanto a fumaça subia e os contornava. Meio relutante, ele olhou para trás: o jovem de cabelos escuros se movera para se ajoelhar ao lado da pira de Robert Lightwood.

Ele estava mais perto das chamas do que qualquer humano poderia ter conseguido, e elas pareciam se mover dentro do contorno de seu corpo, iluminando os olhos com lágrimas de fogo.

Parabatai, Kit pensou de repente. Na depressão dos ombros do jovem, em suas mãos estendidas, na saudade estampada em seu rosto, ele viu Emma e Julian, ele viu Alec enquanto falava sobre Jace; ele sabia que estava olhando para o fantasma do parabatai de Robert Lightwood. Ele não sabia como sabia disso, mas ele o fazia. Um tipo de vínculo cruel, pensou ele, que transformava uma pessoa em duas pessoas e deixava essa devastação quando a metade já havia desaparecido.

Ele desviou o olhar do fantasma, percebendo que a fumaça e o fogo tinham feito uma parede agora, e as piras não eram mais visíveis. Livvy tinha desaparecido atrás da escuridão fervente. A última coisa que viu antes que as lágrimas o cegassem era Ty ao seu lado, levantando o rosto e fechando os olhos, uma silhueta escura delineada pelo brilho do fogo como se estivesse aureolada em ouro

4
NADA QUE SEJA NOSSO

AS PIRAS AINDA ESTAVAM QUEIMANDO enquanto a procissão se virava e voltava para a cidade. Era costume a fumaça subir toda a noite e as famílias se reunirem na Praça do Anjo para lamentar com os outros.

Não que Emma achasse provável que os Blackthorns fizessem isso. Eles permaneceriam em casa, confinados um com o outro: tinham estado separados demais a vida toda para desejar o conforto de outros Caçadores de Sombras que eles mal conheciam.

Ela tinha se afastado do resto do grupo, muito cedo para querer tentar falar com Julian novamente na frente de sua família.

— Emma — disse uma voz ao lado dela. Ela se virou e viu Jem Carstairs.

Jem. Ela estava muito surpresa para falar. Jem tinha sido um Irmão do Silêncio uma vez, e embora ele fosse um Carstairs, ele era um parente muito distante, devido a ter mais de um século de idade. Contudo, ele parecia ter apenas cerca de vinte e cinco anos e vestia jeans e sapatos gastos. Ele usava um suéter branco, que ela supunha ser sua concessão aos brancos funerários dos Caçadores de Sombras. Jem não era mais um Caçador das Sombras, apesar de ter sido um por muitos anos.

— Jem — ela sussurrou, não querendo incomodar ninguém na procissão. — Obrigada por ter vindo.

— Eu queria que você soubesse que sinto muito — disse ele. Ele parecia pálido e esgotado. — Eu sei que você amava Livia como uma irmã.

— Eu tive que vê-la morrer — disse Emma. — Você já viu alguém que você amava morrer?

— Sim — disse Jem.

Essa era a coisa sobre pessoas quase imortais, Emma pensou. *Era raro que você tivesse uma experiência de vida que elas não tivessem vivenciado também.*

— Podemos conversar — Ela disse abruptamente. — Só nós?

— Sim. Eu queria falar a sós com você. — Ele indicou uma elevação baixa a certa distância, parcialmente escondida por um conjunto de árvores. Depois ela sussurrou para Cristina que ela iria falar com Jem.

— *O* Jem? O realmente velho? Que é casado com uma feiticeira? *Sério*?

Ela seguiu Jem até onde ele estava sentado na grama, entre um monte de pedras antigas. Eles se sentaram por um momento em silêncio, ambos olhando para os Campos Imperecíveis.

— Quando você era um Irmão do Silêncio — Emma disse abruptamente. — Você queimou pessoas?

Jem olhou para ela. Seus olhos estavam muito escuros.

— Ajudei a acender as piras — disse ele. — Um homem inteligente que eu conheci disse uma vez que não podemos compreender a vida e, portanto, não podemos esperar compreender a morte. Eu perdi muitos que amava para a morte, e isso não fica mais fácil, nem a observar as piras queimarem.

— *Somos pó e sombras* — disse Emma. — Acho que somos cinzas também.

— Era para nos fazer todos iguais — disse Jem. — Somos todos queimados. Nossas cinzas vão construir a Cidade dos Ossos.

— Exceto criminosos — disse Emma.

A testa de Jem se franziu.

— Livia dificilmente era isso — disse ele. — Nem você é, a menos que esteja pensando em cometer um crime?

Eu já cometi um. Eu estou criminalmente apaixonada por meu parabatai. O desejo de dizer as palavras, confessá-las a alguém – a Jem, especificamente – era como uma pressão por trás dos olhos de Emma. Ela disse apressadamente:

— Seu *parabatai* se afastou de você? Quando você, você sabe, queria conversar?

— As pessoas fazem coisas estranhas quando estão sofrendo — disse Jem gentilmente. — Eu estava assistindo de longe mais cedo. Eu vi Julian subir ao topo da pira por seu irmão. Eu sei o quanto ele sempre amou aquelas crianças. Nada do que ele diz ou faz, nestes primeiros e piores dias, é quem ele é. Além disso — acrescentou ele com um leve sorriso. — Ser *parabatai* é complicado. Eu bati no meu uma vez no rosto.

— Você fez o quê?

— Como eu disse — Jem parecia apreciar seu espanto. — Eu acertei meu *parabatai* e eu o amava mais do que qualquer outra pessoa no mundo

que eu já amei, exceto Tessa, e eu o acertei no rosto porque meu coração estava quebrando. Eu não posso julgar ninguém.

— Tessa! — Emma exclamou. — Onde ela está?

A mão de Jem fez um punho na grama.

— Você sabe da doença dos feiticeiros?

Emma lembrou-se de ouvir falar da fraqueza de Magnus, a rapidez com que sua magia foi esgotada. Que não era só ele, mas outros feiticeiros também.

— Tessa está doente? — Ela disse.

— Não — disse Jem. — Ela estava doente, mas se recuperou.

— Então os feiticeiros podem melhorar?

— Tessa é a única que se recuperou da doença. Ela acredita que é protegida por seu sangue de Caçadora de Sombras. Mas cada vez mais feiticeiros estão adoecendo agora e aqueles que são mais velhos, que usam mais magia e magia poderosa, estão adoecendo primeiro.

— Como Magnus — Emma sussurrou. — Quanto Tessa sabe sobre isso? O que ela descobriu?

— Tessa acha que pode estar ligado aos feitiços que Malcolm Fade usou para ressuscitar Annabel — disse Jem. — Ele usou as linhas ley para alimentar sua magia necromântica, se elas estão envenenadas com essa escuridão, pode estar passando esse veneno para qualquer feiticeiro que as use.

— Os feiticeiros não podem apenas *não* usá-las?

— Existem apenas algumas fontes de energia — disse Jem. — As linhas Ley são as mais fáceis. Muitos dos feiticeiros pararam de usá-las, mas isso significa que eles estão esgotando seus poderes muito rapidamente, o que também não é saudável.

Ele deu a ela um sorriso pouco convincente.

— Tessa vai resolver isso — disse ele. — Ela encontrou Kit, ela vai encontrar a resposta para isso também.

Jem inclinou a cabeça. Ele manteve o cabelo curto, e Emma podia ver as marcas de suas cicatrizes do Irmão Silencioso, onde runas de silêncio haviam sido colocadas ao longo de sua bochecha.

— Eu queria falar com você sobre Kit, na verdade — disse ele. — É, em parte, por isso que eu vim.

— Mesmo? Por causa de Kit? Ele está bem, até onde eu sei. Triste, como o resto de nós.

— Kit é mais do que apenas um Herondale — disse ele. — Os Herondales são importantes para mim, mas os Carstairs e os Blackthorns também são. Mas Tessa e eu sabíamos que Kit estava em perigo desde a primeira vez que descobrimos qual era sua herança. Nós corremos para encontrá-lo, mas Johnny Rook o havia escondido bem.

— Sua herança? Johnny Rook era um vigarista e Kit diz que sua mãe era uma dançarina em Las Vegas.

— Johnny *era* um vigarista, mas também tinha sangue de Caçador de Sombras em sua família. Há muito tempo, provavelmente centenas de anos. Isso não é o que é significativo sobre Kit, no entanto. O que é significativo é o que ele herdou de sua mãe. — Ele hesitou. — A família da mãe de Kit foi caçada por fadas por muitas gerações. O Rei Unseelie está empenhado em destruí-la, e Kit é o último da linhagem dela.

Emma caiu de lado na grama.

— Mais fadas, não — ela gemeu.

Jem sorriu, mas seus olhos estavam preocupados.

— A mãe de Kit foi assassinada por um cavaleiro — disse ele. — Fal. Eu acredito que você o conheceu.

— Eu acredito que eu o matei — disse Emma. Ela se empurrou de volta para se sentar ao lado de Jem. — E agora estou feliz. Ele matou a mãe de Kit? Isso é horrível.

— Eu não posso te dizer tanto quanto eu gostaria — disse Jem. — Ainda não. Mas posso dizer que há sangue de fada na família de Kit. A mãe de Kit foi caçada, e o pai dela também, através de gerações. Kit está vivo porque sua mãe fez um grande esforço para esconder o fato de que ele nasceu. Ela cobriu todos os elos entre eles e, quando morreu, o rei achou que a linhagem tinha morrido com ela.

— E isso mudou? — Disse Emma.

— Nós tememos que possa ter mudado — disse Jem. — Tessa e eu deixamos Kit com você no Instituto porque a doença dos feiticeiros já estava começando. Nós não sabíamos, então, se era algo que poderia se espalhar para os humanos. Nós também precisávamos estar no Labirinto Espiral e eles não nos deixariam levar Kit. Sempre tínhamos a intenção de voltar por ele. Não tínhamos ideia de que os Cavaleiros seriam enviados para encontrá-lo. Não podemos saber se eles o reconheceram ou não. Ele parece muito com a mãe dele.

— Acho que não — disse Emma. Kit parecia com Jace, na opinião dela. — Então você vai levar Kit com você agora? — Disse Emma. — Não queremos perdê-lo, mas se você tiver que…

— A doença dos feiticeiros só piorou. Tessa e eu estamos trabalhando dia e noite no Labirinto da Espiral para encontrar uma cura. E há outra coisa — ele hesitou. — Tessa está grávida.

— Ah! *Parabéns*! — Foi a primeira boa notícia que Emma tinha recebido no que pareceu uma eternidade.

Jem sorriu o tipo de sorriso que fez parecer que uma luz se acendeu dentro dele. Ele estava sozinho há tanto tempo, Emma sabia, imaginando que ele nunca teria uma família. Ter uma esposa agora e um bebê a caminho – o tipo de milagre que compunha uma vida comum – deve ser extraordinário para ele.

— É maravilhoso — disse ele. Ele colocou a mão na dela. — Eu confio em você, Emma. Gostaria apenas de pedir que você olhasse Kit e, se vir algo suspeito, se vir algum sinal de busca, por favor, me avise. Eu virei imediatamente.

— Devo enviar uma mensagem de fogo? — Emma disse, sua felicidade sobre o bebê desaparecendo.

— Às vezes não é possível enviar uma mensagem de fogo. Existem maneiras mais fáceis.

Ele pressionou algo na mão dela. Um simples anel de prata com uma pedra clara.

— É vidro — disse ele. — Esmague o anel e Tessa saberá; ela tem o correspondente.

Emma deslizou o anel em seu dedo. Ela pensou em Kit permanecendo fielmente ao lado de Ty no funeral. Ela pensou em seus cachos pálidos e olhos azuis. Deveria ter adivinhado que ele tinha sangue de fada em algum lugar? Não. Ele não se parecia com Mark. Ele parecia um Herondale. Como se isso fosse tudo o que ele era.

— Você pode confiar em mim — disse ela. — Eu vou cuidar de Kit. Existe alguma coisa que eu possa fazer sobre as linhas ley?

— Seria útil ter um Caçador de Sombras em Los Angeles checando o ponto locus da magia de Malcolm — disse Jem.— Quando chegar em casa, contate Catarina Loss. Ela pode querer sua ajuda.

— Eu vou — disse Emma. — É bom para mim ter um propósito, eu acho. Livvy está morta, Jace e Clary estão em uma missão e não podem ser

alcançados e Horace Dearborn é o Inquisidor. É como se não houvesse esperança para nada agora.

— Sempre há esperança — disse Jem. — Quando eu era muito jovem, ainda era permitido levar os espólios, a propriedade dos Integrantes do Submundo poderia ser confiscada por qualquer Caçador de Sombras. Conheci um homem que mantinha as cabeças das fadas abatidas no Instituto que administrava.

Emma fez um barulho nauseado.

— Já houve essa tensão venenosa no coração negro da Clave. Mas há muitos que sabem que os Integrantes do Submundo são nossos irmãos. Somos todos crianças diante do Anjo — ele suspirou. — E embora eu não possa ficar com você, simplesmente esmague este anel e eu virei, não importa o quão distante eu possa estar. — Ele colocou um braço ao redor dela e a abraçou por um momento. — Tome cuidado, *mei mei*.

— O que isso significa? — Perguntou Emma. Mas ele já tinha ido embora, desaparecendo nas árvores tão rapidamente quanto apareceu.

* * *

Kit levantou-se e observou a fumaça subindo à distância pela janela do quarto que ele dividia com Ty.

Pelo menos, ele assumiu que compartilhava o quarto com Ty. Sua bolsa estava aqui, jogada em um canto, e ninguém nunca se preocupou em dizer se ele deveria estar em um quarto diferente. Ele tinha se vestido no banheiro naquela manhã e saiu para encontrar Ty, colocando sua camiseta sobre a cabeça. Suas Marcas pareciam estranhamente negras, provavelmente porque sua pele era tão pálida. Ele parecia tão delicado – Kit teve que desviar o olhar da forma de suas omoplatas, a fragilidade de sua espinha. Como ele poderia ser assim e ser forte o suficiente para lutar contra os demônios?

Agora Ty estava no andar de baixo, com o resto de sua família. As pessoas tendiam a cozinhar quando alguém morria e os Caçadores das Sombras não eram exceção. Alguém provavelmente estava fazendo uma caçarola. Um caçarola demoníaca. Kit encostou a cabeça no vidro frio da janela.

Houve um tempo que ele poderia ter corrido, Kit pensou. Ele poderia ter corrido e deixado os Caçadores de Sombras para trás e se perdido no

mundo subterrâneo do Mercado das Sombras. Como seu pai, não fazendo parte de nenhum mundo, existindo entre eles.

No reflexo do vidro da janela, Kit viu a porta do quarto se abrir e Ty entrar. Ele ainda estava usando suas roupas de luto, embora tivesse tirado a jaqueta e estivesse apenas com uma camiseta de mangas compridas. E Kit sabia que era tarde demais para correr, que ele se importava com essas pessoas agora e, especificamente, com Ty.

— Estou feliz que você esteja aqui — Ty sentou-se na cama e começou a desamarrar suas botas. — Eu queria falar com você.

A porta ainda estava ligeiramente aberta e Kit podia ouvir vozes vindas da cozinha no andar de baixo. Helen, Dru, Emma, Julian. Diana voltou para sua própria casa.

Aparentemente, ela morava em uma loja de armas ou algo assim. Ela voltou para pegar algum tipo de ferramenta que ela achava que poderia pescar as lascas das mãos sangrentas de Julian.

As mãos de Ty estavam bem, mas ele usava luvas. Kit tinha visto Julian quando ele tinha ido enxaguá-los na pia, e parecia que estilhaços estouraram nas palmas das mãos dele.

Emma estava por perto, parecendo preocupada, mas Julian tinha dito que ele não queria um *iratze*, que apenas curaria a pele fechada sobre os pedaços de madeira. Sua voz soava tão plana que Kit mal a reconhecera.

— Eu sei como isso vai soar — disse Kit, virando-se de costas para o vidro frio. Ty estava debruçado e Kit captou o brilho de ouro em seu pescoço. — Mas você não está agindo da maneira que eu esperava.

Ty chutou as botas dele.

— Por que eu subi na pira?

— Não, isso foi realmente a coisa mais esperada que você fez — disse Kit. — Eu só…

— Eu fiz isso para conseguir isso — disse Ty, e colocou a mão na garganta. Kit reconheceu a corrente de ouro e o disco fino de metal ligado a ela: *O medalhão de Livvy*, o que ele recuperou em Londres. Tinha um anel dos espinhos da família na frente e ela lhe dissera que Julian havia acrescentado uma gravura na parte de trás: Um par de sabres cruzados, a arma de Livvy.

Kit se lembrava vividamente dela segurando o cabelo para o lado enquanto ele fechava o fecho, e o cheiro do perfume dela. Seu estômago se revirou com tristeza.

— O colar de Livvy — disse ele. — Quero dizer, acho que isso faz sentido. Eu apenas pensei que você fosse…

— Chorar? — Ty não parecia zangado, mas a intensidade em seus olhos cinzentos tinha se aprofundado. Ele ainda estava segurando o pingente. — Todo mundo deveria estar triste. Mas isso é porque eles aceitaram que Livvy está morta. Eu não. Eu não aceito isso.

— O quê?

— Eu vou trazê-la de volta — disse Ty.

Kit sentou-se pesadamente no peitoril da janela.

— Como você vai fazer isso?

Ty soltou o colar e tirou o celular do bolso.

— Estas fotos estavam no telefone de Julian — disse ele. — Ele os tirou quando estava na biblioteca com Annabel. São fotos das páginas do Volume Negro dos Mortos.

— Quando você conseguiu isso? — Kit sabia que mensagens de texto não funcionavam em Idris.— Julian sabe que você os têm?

— Eu configurei o telefone dele com o meu. Eu acho que ele não percebeu. Então, quando os vi em Londres, eu… — Ty franziu o cenho para Kit. — Você não vai dizer a ele, vai?

— Claro que não.

— Você vem sentar ao meu lado para ver as fotos?

Kit queria dizer não; ele não podia dizer isso. Ele queria que isso não estivesse acontecendo, mas estava. Quando se sentou ao lado de Ty na cama, o colchão afundou, e ele bateu no cotovelo de Ty acidentalmente. A pele de Ty estava quente contra a dele, mesmo através da camiseta, como se o outro menino estivesse com febre.

Nunca passou por sua cabeça que Ty estivesse mentindo ou errado e ele não parecia estar. Depois de quinze anos com Johnny Rook, Kit estava bastante familiarizado com o quão ruim os livros de feitiços eram, e este parecia decididamente maligno. Feitiços em caligrafia abarrotada enchiam as páginas, junto com esboços assustadores de cadáveres rastejando para fora da sepultura, rostos gritando e esqueletos carbonizados.

Ty não estava olhando as fotos como se fossem assustadoras; ele estava olhando para elas como se fossem o Santo Graal.

— Este é o livro de feitiços mais poderoso para trazer de volta os mortos que já existiu — disse ele. — É por isso que não importa se eles queimaram o corpo de Livvy. Com feitiços como estes, ela pode ser trazida

de volta inteira, não importa o que tenha acontecido com ela, não importa quanto tempo… — Ele parou com um suspiro trêmulo. — Mas eu não quero esperar. Quero começar assim que voltarmos a Los Angeles.

— Malcolm matou muita gente para trazer Annabel de volta? — Disse Kit.

— Correlação, não causação, Watson — disse Ty. — A maneira mais simples de fazer necromancia é com a energia da morte. Vida para a morte, basicamente. Mas existem outras fontes de energia. Eu nunca mataria alguém.

Ele fez uma cara que provavelmente deveria ser desdenhosa, mas na verdade era bonitinha.

— Eu não acho que Livvy gostaria que você fizesse necromancia — disse Kit.

Ty colocou o telefone longe.

— Eu não acho que Livvy gostaria de estar morta.

Kit sentiu as palavras como um soco no peito, mas antes que ele pudesse responder, houve uma comoção no andar de baixo. Ele e Ty correram para o alto da escada, Ty de meias, e olharam para a cozinha.

O amigo espanhol de Zara Dearborn, Manuel, estava lá, usando o uniforme de um oficial do Gard e um sorriso afetado. Kit inclinou-se para ver com quem ele estava falando. Ele avistou Julian encostado na mesa da cozinha, o rosto inexpressivo. Os outros estavam ao redor da cozinha – Emma parecia furiosa, e Cristina tinha a mão no braço da outra garota como se para segurá-la.

— Sério? — Helen disse furiosamente. — Você não poderia esperar até o dia depois do funeral da nossa irmã para arrastar Emma e Jules para o Gard?

Manuel encolheu os ombros, claramente indiferente.

— Tem que ser agora. — disse ele. — A Consulesa insiste.

— O que está acontecendo? — Aline disse. — Você está falando da minha mãe, Manuel. Ela não exigiria vê-los sem um bom motivo.

— É sobre a Espada Mortal — disse Manuel. — Essa é uma razão boa o suficiente para todos vocês?

Ty puxou o braço de Kit, puxando-o para longe das escadas. Eles desceram o corredor do andar de cima, as vozes da cozinha recuando, mas ainda urgentes.

— Você acha que eles vão? — Kit disse.

— Emma e Jules? Eles têm que ir. A Consulesa está pedindo — disse Ty. — Mas é ela, não o Inquisidor, então tudo vai dar certo.

Ele se inclinou para Kit, cujas costas estavam contra a parede. Ele cheirava como uma fogueira.

— Eu posso fazer isso sem você. Trazer de volta Livvy, quero dizer — disse ele. — Mas eu não quero. Sherlock não faz coisas sem o Watson.

— Você contou a mais alguém?

— Não.

Ty tinha puxado as mangas da camisa para baixo sobre as mãos e estava brincando com o tecido com os dedos.

— Eu sei que tem que ser um segredo. As pessoas não gostariam, mas quando Livvy voltar, elas ficarão felizes e não se importarão.

— É melhor pedir perdão do que permissão — disse Kit, sentindo-se atordoado.

— Sim.

Ty não estava olhando diretamente para Kit. Ele nunca o fazia, mas seus olhos brilharam esperançosos; na penumbra do corredor, o cinza neles estava tão pálido que parecia lágrimas. Kit pensou em Ty dormindo, como ele dormiu o dia inteiro da morte de Livvy e a noite, e a maneira como Kit o assistiu dormir aterrorizado com o que aconteceria quando ele acordasse.

Todos ficaram aterrorizados. Ty iria desmoronar, eles pensaram. Kit se lembrava de Julian de pé sobre Ty enquanto dormia, uma mão acariciando o cabelo de seu irmão, e ele estava orando – Kit nem sabia que Caçadores de Sombras rezavam, mas Julian definitivamente tinha rezado. Ty iria desmoronar em um mundo sem sua irmã, todos pensavam; ele cairia em cinzas como o corpo de Livvy.

E agora ele estava pedindo a ajuda de Kit para isso, dizendo que ele não queria fazer isso sem ele, e se Kit dissesse que não e Ty desmoronasse com a pressão de tentar fazer isso sozinho? E se Kit tirasse sua última esperança e ele se desmoronasse por causa disso?

— Você precisa de mim? — Kit perguntou lentamente.

— Sim.

— Então — Kit disse, já sabendo que estava cometendo um grande erro. — eu vou te ajudar.

* * *

Estava frio na Scholomance, mesmo durante o verão. A escola tinha sido esculpida em uma encosta da montanha, com longas janelas correndo ao longo da face do penhasco.

Elas forneciam luz, assim como os candelabros de luz de bruxa em quase todos os cômodos, mas sem calor. O frio do lago abaixo, profundo e negro ao luar, parecia ter penetrado na pedra das paredes e no chão e irradiava para fora, razão pela qual, mesmo no início de setembro, Diego Rocío Rosales usava um suéter grosso e casaco sobre seus jeans.

Os candelabros de luz de bruxa empoeirados projetavam sua sombra longa e fina à sua frente enquanto ele corria pelo corredor em direção à biblioteca. Em sua opinião, a Scholomance estava necessitando de uma atualização. Na única vez que seu irmão Jaime já havia visitado a escola, ele dissera que parecia ter sido decorada pelo Drácula.

Isso, infelizmente, era verdade.

Em todos os lugares havia candelabros de ferro (que faziam Kieran se encolher), candelabros de bronze em forma de dragão contendo antigas pedras de luz de bruxa e lareiras de pedra cavernosas com enormes anjos esculpidos em pé, proibitivamente de ambos os lados.

Refeições comunitárias eram feitas em uma mesa longa que poderia ter acomodado a população da Bélgica, embora no momento houvesse menos de vinte pessoas em residência na escola. A maioria dos professores e alunos estava em casa ou em Idris.

O que tornou muito mais fácil para Diego esconder um príncipe das fadas no local.

Ele estava nervoso com a ideia de esconder Kieran na Scholomance – ele não era um bom mentiroso nos melhores momentos, e o esforço de manter um "relacionamento" com Zara já o desgastara. Mas Cristina pediu a ele que escondesse Kieran e ele teria feito qualquer coisa por Cristina.

Ele chegou ao final do corredor, onde ficava a porta da biblioteca. Há muito tempo, a palavra "*Biblioteca*" havia adornado a porta em letras douradas. Agora apenas os contornos das letras permaneciam, e as dobradiças rangeram como ratos aflitos quando Diego abriu a porta.

Na primeira vez que ele conheceu a biblioteca, ele achou que era uma brincadeira.

Era uma sala enorme que ficava no último andar da Scholomance, onde o telhado era feito de vidro grosso e luz filtrada através dele. Durante o tempo em que a escola estava deserta, árvores gigantescas haviam se

enraizado na sujeira sob o piso: Kieran comentara que elas pareciam ter a força dos carvalhos das fadas. Ninguém teve tempo ou dinheiro para removê-los. Elas permaneceram, cercadas pelo pó de pedra quebrada; suas raízes tinham rachado o chão e serpenteavam entre as cadeiras e prateleiras. Galhos se estendiam bem acima, formando um dossel sobre as prateleiras, espanando os assentos e o chão com folhas caídas.

Às vezes, Diego se perguntava se Kieran gostava daqui porque lembrava uma floresta. Ele certamente passou a maior parte do tempo em um assento na janela, lendo um pouco de tudo na seção sobre fadas. Ele havia feito uma pilha de livros que considerava preciosos. A pilha era pequena.

Ele olhou quando Diego entrou. Seu cabelo era preto-azulado, a cor do lago do lado de fora da janela. Ele havia colocado dois livros em sua pilha e estava lendo um terceiro: *Hábitos de acasalamento dos Unseelie.*

— Eu não conheço ninguém no Reino das Fadas que se casou com uma cabra — disse ele irritado. — Tanto na Corte Seelie quanto na Unseelie.

— Não leve para o lado pessoal — disse Diego.

Ele puxou uma cadeira e se sentou de frente para Kieran. Ele podia ver os dois refletidos na janela. Os pulsos ósseos de Kieran estavam embaixo das mangas de seu uniforme emprestado. As roupas de Diego tinham sido grandes demais para ele, então Rayan Maduabuchi se ofereceu para emprestar a Kieran algumas – ele não parecia incomodado que Diego estava escondendo uma fada em seu quarto, mas nada bagunçava a superfície da calma de Rayan. Divya, por outro lado, a outra melhor amiga de Diego na escola, saltava nervosamente no ar toda vez que alguém mencionava que estava indo à biblioteca, apesar da incrível habilidade de Kieran de se esconder.

Divya e Rayan eram as únicas pessoas que Diego havia contado sobre Kieran, principalmente porque eram as únicas pessoas na Scholomance em quem ele confiava.

Havia apenas um professor na residência – o professor Gladstone, que estava atualmente em Idris para o funeral do inquisidor. Além disso, embora houvesse um tempo em que Diego confiaria em um professor sem pensar duas vezes, esse tempo passou.

— Você ouviu alguma coisa de Idris? — perguntou Kieran, olhando para o livro.

— Quer dizer Mark — disse Diego. — Eu não ouvi nada sobre ele. Eu não sou sua pessoa favorita.

Kieran olhou para cima.

— Você é a pessoa favorita de *alguém*?

De alguma forma, ele conseguiu perguntar como se não fosse uma pergunta insultante, mas algo que ele simplesmente queria saber.

Diego, que, às vezes, se perguntava o mesmo, não respondeu.

— Eu pensei que você poderia ter ouvido sobre Cristina — Kieran fechou o livro, marcando seu lugar com o dedo. — Se ela está bem, e Mark. Eu pensei que os funerais fossem hoje.

— Eles foram — disse Diego. Ele também achava que ele poderia ter ouvido sobre Cristina; ele sabia que ela gostava de Livia Blackthorn. — Mas funerais para nós são muito ocupados. Há muita cerimônia e muitas pessoas que visitam e expressam condolências. Ela pode não ter muito tempo.

Kieran parecia aflito.

— Isso parece chato. No Reino das Fadas, sabemos deixar os que estão sofrendo por si mesmos.

— É irritante, mas também não é — disse Diego.

Ele pensou na morte de seu avô, como a casa estava cheia de velas, velas que queimavam com uma luz bonita. Como os visitantes vieram e trouxeram presentes e comida, e eles tinham comido e bebido juntos e lembrado de seu *abuelo*. Por toda parte havia calêndulas e o cheiro de canela de atole e o som de risadas.

Parecia frio para ele e solitário chorar sozinho. Mas fadas eram diferentes.

Os olhos de Kieran se afiaram, como se ele tivesse visto algo revelador na expressão de Diego.

— Existe um plano para mim? — Ele perguntou. — Para onde devo ser enviado, quando meu tempo escondido aqui acabar?

— Eu pensei que você poderia querer voltar para Los Angeles — disse Diego, surpreso.

Kieran sacudiu a cabeça. As mechas de seu cabelo ficaram brancas; sua cor de cabelo parecia mudar com seu humor.

— Não. Eu não vou voltar para onde Mark está.

Diego ficou em silêncio, ele realmente não tinha um plano. Cristina lhe pedira para esconder Kieran, mas nunca disse por quanto tempo. Ele queria fazer isso por ela porque sabia que lhe devia; ele tinha pensado em Zara e se lembrou da dor no rosto de Cristina quando ela a conheceu.

Foi culpa dele. Ele não contou a ela sobre Zara porque ele estava desesperadamente esperando que algo acontecesse e o tirasse do noivado antes que fosse necessário. Foram os Dearborns que insistiram no contrato de casamento. Eles ameaçaram expor os segredos da família Rocio Rosales se Diego não fizesse algo para provar a eles que ele estava falando a verdade quando disse que não sabia onde seu irmão estava e não sabia onde estava o artefato que Jaime havia tomado. .

Nunca houve uma questão de ele amar Zara, nem de ela amá-lo. Ela parecia sentir que era uma pedra em seu sapato ser noiva de um filho de uma família importante, mas não havia paixão nela a não ser a paixão pelas horríveis causas que o pai abraçava.

Os olhos de Kieran se arregalaram.

— O que é isso?

Uma luz brilhante, como um fogo-fátuo, surgiu sobre o ombro de Diego. Uma mensagem de fogo. Ele a pegou do ar e o papel se desenrolou em sua mão: Ele reconheceu a letra imediatamente.

— Cristina — disse ele. — É uma mensagem de Cristina.

Kieran sentou-se tão rápido que o livro caiu de seu colo no chão.

— Cristina? O que ela diz? Ela está bem?

Estranho, Diego pensou; ele teria imaginado que Kieran teria perguntado se Mark estava bem. Mas o pensamento voou de sua mente quase imediatamente, rabiscado pelas palavras que ele estava lendo.

Sentindo-se como se tivesse sido chutado no intestino, Diego entregou a mensagem a Kieran e observou o outro rapaz ficar pálido enquanto lia que Horace Dearborn tinha sido eleito como novo Inquisidor.

— Isso é um tapa no rosto dos Blackthorns — disse Kieran, com a mão tremendo. — Eles ficarão com o coração partido, assim como Cristina. E ele é um homem perigoso. Um homem mortal.

Ele olhou para Diego, seus olhos negros e tempestuosos.

— O que podemos fazer?

— Está claro que não conheço nada sobre as pessoas — disse Diego, pensando em Zara, em Jaime, em todas as mentiras que contara e em como nenhuma delas havia conseguido o que ele queria, mas só tornaram tudo pior. — Ninguém deveria me perguntar como resolver qualquer coisa.

Quando Kieran olhou para ele, atônito, ele baixou o rosto para as mãos.

* * *

— Eu sei que essas palavras devem parecer vazias neste momento — disse Jia. — mas eu sinto muito por Livia.

— Você está certa — disse Julian. — Elas parecem.

Era como se a dor tivesse mergulhado Julian em um banho de gelo, Emma pensou.

Tudo sobre ele era frio, seus olhos, sua expressão, o tom de sua voz. Ela tentou se lembrar do garoto que se agarrou a ela com tanta paixão na noite anterior, mas ele parecia estar a um milhão de quilômetros de distância.

Era final da tarde e as torres demoníacas estavam aparecendo no horizonte de Alicante como uma fileira de diamantes irregulares. Emma olhou em volta, lembrando-se da última vez em que estivera nesse quarto – ela tinha doze anos, e ficara tão impressionada com o quão luxuoso era, com grossos tapetes sob os pés e uma escrivaninha de mogno reluzente. Ela, Julian e Diana estavam todos sentados em poltronas em frente à mesa de Jia. Diana parecia furiosa. Julian apenas pareceu atônito.

— Essas crianças estão cansadas e pesarosas — disse Diana. — Eu respeito o seu julgamento, Jia, mas isso tem que ser agora?

— Sim — ela disse — porque Horace Dearborn quer interrogar Helen e Mark, e qualquer outro Membro do Submundo em Alicante. Magnus e Alec já estão empacotando suas coisas para o Portal hoje à noite. Evelyn Highsmith retornou ao Instituto de Londres, para que possam ir para Nova York. — Jia pressionou os dedos contra a testa. — Eu teria pensado que você gostaria que Helen e Mark saíssem também.

— Ele quer *o quê*? — Emma endireitou-se, indignada. — Você não pode deixá-lo.

— Eu não tenho escolha. Ele foi eleito por maioria de votos. — Jia franziu a testa. — Interrogar as pessoas é o que o inquisidor faz, a decisão fica a seu critério.

— Horace Dearborn não tem discrição — disse Diana.

— É por isso que estou avisando com antecedência — disse Jia. — Eu sugiro que Helen e Mark e Aline, desde que ela não deixa Helen – sejam transportadas para Los Angeles hoje à noite.

Houve um momento de silêncio.

— Você está se oferecendo para enviar Helen para Los Angeles? — Disse Julian finalmente. — Não à Ilha Wrangel?

— Estou sugerindo que Helen e Aline administrem temporariamente o Instituto de Los Angeles — disse Jia, e Emma realmente sentiu a boca se

abrir. — Como Consulesa, isso está ao meu alcance, e acredito que posso fazer isso acontecer agora, enquanto Dearborn está distraído.

— Então você está dizendo que devemos todos voltar? — Emma disse. — E Helen e Aline podem vir conosco? Isso é ótimo, é…

— Ela não disse todos nós — disse Julian. Suas mãos estavam ambas enfaixadas. Ele mesmo pegou a maior parte das lascas, com a ponta de uma faca afiada, e havia sangue nas bandagens. Ele não parecia ter sentido isso. — Emma sentiu a dor, observando a pele dele se dividir sob a lâmina, mas ele nunca vacilou. — Significa que Diana, você e eu vamos ficar aqui, em Idris.

— Você sempre foi inteligente, Julian — disse Jia, embora não como se admirasse tanto a qualidade.

— Se Helen e Mark não estiverem aqui, ele nos interrogará — disse Julian. — Isso não é verdade?

— Não — disse Diana bruscamente. — Eles são *crianças*.

— Sim — disse Jia. — E um deles quebrou a Espada Mortal. O Inquisidor, como todo mundo, está desesperado para saber como. Cortana é uma espada lendária, mas ainda é apenas uma espada. Não deveria ter sido capaz de destruir Maellartach.

— Ele pode me perguntar, mas eu *não sei* por que foi quebrada — disse Emma. — Eu me virei para Annabel porque ela estava tentando me matar. Foi autodefesa…

— As pessoas estão aterrorizadas. E o medo não é lógico — disse Jia.

— Graças ao Anjo que o Cálice e o Espelho não foram afetados — ela suspirou. — Este foi o pior momento possível para a Espada Mortal ser quebrada, em um momento de séria instabilidade e na véspera de uma possível guerra com fadas. E depois que o Rei Unseelie arrebatou Annabel do Salão do Conselho, não entende como a Clave está ciente de que você a trouxe aqui?

— Isso foi apenas eu — Julian estava branco ao redor da boca. — Emma não teve nada a ver com isso.

Emma sentiu uma ligeira faísca de alívio entre seu medo. *Ele ainda a estava protegendo.*

Jia olhou para as mãos dela.

— Se eu fosse mandar todos vocês de volta para casa agora, haveria um motim. Se Dearborn tiver permissão para questioná-lo, a atenção do

público se desviará de você. A Corte suspeita de sua lealdade, principalmente por causa de Helen e Mark.

Julian deu uma risada severa.

— Eles suspeitam de nós por causa de nosso irmão e irmã? E não por que foi eu quem trouxe Annabel para a cidade? E prometi que tudo ficaria bem? É o sangue de Mark e Helen que importa?

— O sangue sempre importa para o tipo errado de pessoas — disse Jia, e havia uma rara amargura em sua voz. Ela passou a mão pelo rosto. — Eu não estou pedindo para você ficar do lado dele. Deus, eu não estou pedindo isso. Apenas faça com que ele entenda que você é vítima de Annabel. Aqueles que não estão na Corte são muito simpáticos a você agora por causa de Livia, ele não quer ir muito contra a opinião pública.

— Então, isso é como uma pequena dança inútil que estamos fazendo? — Disse Emma. — Nós deixamos o Inquisidor nos questionar, principalmente por show, e então podemos ir para casa?

Jia sorriu sombriamente.

— Agora você entende de política.

— Você não está preocupada em fazer Aline e Helen comandarem o Instituto de Los Angeles? Dadas as preocupações da Corte sobre Helen? — Disse Diana.

— Será apenas Aline — Julian olhou inabalavelmente para Jia. — A filha da Consulesa… Helen não vai estar executando nada.

— Isso mesmo — disse Jia. — E não, eu também não gosto disso. Mas esta pode ser uma chance de recuperá-las permanentemente da Ilha Wrangel. É por isso que estou pedindo sua ajuda. A vocês três.

— Eu vou ser interrogada também? — Havia uma tensão aguda na voz de Diana.

— Não — disse Jia. — Mas eu gostaria da sua ajuda. Como você me ajudou antes com esses arquivos.

— Arquivos? — Ecoou Emma. — Como os arquivos são importantes agora?

Mas Diana parecia entender alguma linguagem secreta que Jia estava falando.

— Eu vou ficar, certamente — disse ela. — Desde que fique claro que estou ajudando você e que meus interesses não estão, de forma alguma, alinhados com o Inquisidor.

— Eu entendo — disse Jia.

— Mas as crianças — disse Emma. — Eles não podem voltar para Los Angeles sem nós.

Ela se virou para olhar para Julian, esperando que ele dissesse que não seria separado de seus irmãos mais novos. Que precisavam dele, que deviam ficar em Idris.

— Helen pode cuidar deles — disse ele, sem olhar para ela. — Ela quer. Vai ficar tudo bem. Ela é irmã deles.

— Então, está decidido — disse Jia, levantando-se de trás de sua mesa. — Você pode prepará-los, vamos abrir o Portal para eles hoje à noite.

Julian se levantou também, empurrando para trás o cabelo que havia caído em seus olhos com uma de suas mãos enfaixadas. *O que diabos está errado com você?* Emma pensou. Havia algo acontecendo com Julian além do que poderia ser explicado pela dor. Ela não sabia, mas sentia, no lugar profundo onde o laço *parabatai* puxava seu coração.

E, mais tarde, hoje à noite, quando os outros fossem embora, ela descobriria o que era.

5
REGIÃO DO VIDRO

QUANDO EMMA ENTROU NO quarto de Cristina, ela encontrou sua amiga já fazendo as malas. Cristina empacotou, como ela fez tudo mais, com limpeza e precisão. Ela cuidadosamente enrolou todas as suas roupas para que elas não ficassem enrugadas, selou qualquer coisa úmida em plástico e colocou seus sapatos em sacos macios para que eles não marcassem nenhum tecido.

— Você percebe que, quando eu faço as malas, jogo tudo em uma mala, e depois sento nela enquanto Julian tenta fechar, certo? — Disse Emma.

Cristina olhou para cima e sorriu.

— O pensamento me dá urticária.

Emma se encostou na parede. Sentia-se cansada e estranhamente solitária, como se Cristina e os Blackthorn já tivessem partido.

— Por favor, me diga que você vai estar no Instituto de L.A. quando eu voltar — disse ela.

Cristina parou de fazer as malas. Ela olhou para a mala que os Penhallows tinham fornecido, aberta na cama, mordendo o lábio inferior entre os dentes.

— Você sabe quanto tempo vai ser?

— Alguns dias.

— Você acha que a família vai querer que eu fique? — Cristina virou os olhos escuros para Emma. — Eu poderia ir para casa. Meu ano de estudo não acabou, mas eles entenderiam. Eu me sinto como se estivesse me intrometendo…

Emma se desencostou da parede, sacudindo a cabeça vigorosamente.

— Não, não, você não está, Tina, você não está.

Rapidamente, ela descreveu sua conversa com Jem e a questão da contaminação da linha ley.

— Jem pensou que eu voltaria para Los Angele — disse ela. — Ele me pediu para entrar em contato com Catarina e ajudá-la a descobrir mais

sobre as linhas ley, mas terá que ser você. Helen e Aline ficarão tão sobrecarregadas com as crianças, e com a dor delas, e todo mundo. Eu sei que você pode fazer isso, Cristina. Eu confio em você.

Cristina deu-lhe um sorriso levemente aguado.

— Eu confio em você também.

Emma se sentou na cama.

— Eu não quero dizer que Helen e Aline não vão ajudar. É só que todo mundo está destruído por causa da tristeza. Eles vão precisar de alguém que não esteja destruído para recorrer, eles vão precisar de *você*. — Ela respirou fundo. — Mark vai precisar de você.

Os olhos de Cristina se arregalaram, e Emma de repente se lembrou do rosto de Mark uma hora atrás na cozinha, quando ela e Julian deram a notícia de que a família voltaria a Los Angeles esta noite sem os dois.

Sua expressão endureceu. Ele balançou a cabeça e disse: "*Más notícias. Eu não consigo...*" Parando, ele se sentou à mesa, suas mãos tremendo levemente. Helen, já sentada à mesa, ficou branca, mas não disse nada, enquanto Aline colocava a mão no ombro da esposa.

Dru saiu silenciosamente do quarto. Depois de um momento, Mark se levantou e foi atrás dela. Tavvy estava protestando, oferecendo uma centena de argumentos diferentes sobre por que Julian deveria ir com eles e por que eles não precisavam ficar e o Inquisidor poderia ir a Los Angeles ou eles poderiam fazer o interrogatório por Skype, o que teria feito Emma rir se ela não se sentisse tão horrível.

— Estamos indo para casa? — Helen havia dito. Julian se abaixara para falar com Tavvy em voz baixa; Emma não podia mais ouvi-los. — De volta a Los Angeles?

— Estou muito feliz por você, e Jia diz que acha que você pode ficar — dissera Emma.

— Ela *espera* — disse Aline. — Ela espera que possamos ficar. — Ela parecia calma, mas seu aperto em Helen estava apertado.

— Mas não sem você — disse Helen, parecendo incomodada. — Devemos ficar o tempo que você estiver aqui.

— Não. — Para surpresa de todos, foi Ty. — Isso seria perigoso para Mark e para você. Este plano faz sentido.

Kit dera a Ty um olhar quase indecifrável, metade preocupado e metade outra coisa.

— Lar — disse Helen, com os olhos brilhando de lágrimas.

Ela olhou para Julian, mas ele estava pegando um Tavvy protestando no colo. Ele o levou para fora do quarto.

— Eu não sei se estou chorando porque estou triste ou feliz — ela acrescentou, enxugando as lágrimas com os dedos úmidos.

Aline havia beijado o topo de sua cabeça.

— Ambos, eu imagino.

Emma estava na metade da escada, a caminho para o quarto de Cristina quando viu Mark, encostado na parede do patamar e parecendo desanimada.

— Dru não me deixa entrar para falar com ela — disse ele. — Eu estou preocupado. É como uma fada sofre o luto, sozinha, mas não, eu entendo, como um Caçador de Sombras.

Emma hesitou. Ela estava prestes a dizer que não era incomum Dru se trancar em seu quarto sozinha, mas Dru parecia mais do que um pouco chateada quando ela deixou a cozinha.

— Continue tentando — ela aconselhou. — Às vezes, você tem que bater por vinte minutos ou mais. Ou você poderia se oferecer para assistir a um filme de terror com ela.

Mark parecia triste.

— Eu não acho que eu iria gostar de um filme de terror.

— Você nunca sabe — disse Emma.

Ele se virou para voltar a subir as escadas e hesitou.

— Estou preocupado com você e Jules também — disse ele, mais calmamente. — Eu não gosto do Inquisidor nem da ideia de você ser questionado por ele. Ele me lembra do Rei Unseelie.

Emma ficou surpresa.

— Ele lembra?

— Eles me passam o mesmo sentimento — disse Mark. — Eu não posso explicar, mas…

Uma porta se abriu no patamar acima: era a de Cristina. Ela saiu, olhando para baixo.

— Emma? Eu me perguntei se você estava…

Ela parou quando viu Mark, e ela e Mark se entreolharam de um jeito que fez Emma se sentir como se tivesse desaparecido completamente.

— Eu não pretendia interromper — disse Cristina, mas ela ainda estava olhando para Mark, e ele estava olhando para trás como se seus olhares estivessem irremediavelmente amarrados juntos.

Mark se sacudiu como se estivesse jogando fora teias de aranha ou sonhos.

— Está tudo bem, eu devo ir falar com Drusilla. — Ele subiu as escadas e desapareceu de vista, desaparecendo em torno da curva no corredor.

Cristina tinha saído e convidou Emma para entrar, e agora era como se o momento com Mark nunca tivesse acontecido, embora Emma estivesse ansiosa para perguntar sobre isso.

— Mark vai precisar de você — ela disse novamente, e Cristina torceu as mãos no colo.

— Mark — disse ela, e fez uma pausa. — Eu não sei o que Mark está pensando. Se ele está com raiva de mim.

— Por que ele estaria com raiva de você?

— Por causa de Kieran — disse ela. — Eles não terminaram bem as coisas, e agora Kieran está na Scholomance e longe, o que foi minha culpa.

— Você não fez com que ele terminasse com Kieran — Emma protestou. — Se você fez alguma coisa foi ajudá-los e mantê-los juntos por mais tempo. Lembre-se: trio quente de fadas.

Cristina colocou o rosto nas mãos.

— Mrfuffhfhs — disse ela.

— O quê?

— Eu disse — repetiu Cristina, levantando o rosto. — que Kieran me enviou um recado.

— Ele *mandou*? Como? Quando?

— Esta manhã. Em uma bolota — Cristina passou um pequeno pedaço de papel para Emma. — Não é muito esclarecedor.

Senhora das Rosas, Embora a Scholomance seja fria, e Diego seja entediante, continuo grato por ter encontrado valor suficiente em minha vida para salvá-la. Você é tão gentil quanto linda. Meus pensamentos estão com você.

Kieran

— Por que ele mandou isso para você? — Emma entregou o bilhete de volta para Cristina, sacudindo a cabeça. — É estranho. Ele é tão estranho!

— Acho que ele só queria me agradecer pelo plano de fuga — protestou Cristina. — Isso é tudo.

— As fadas não gostam de agradecer às pessoas — Disse Emma. — Este é um recado *romântico*.

Cristina corou.

— É assim que as fadas falam. Isso não significa nada.

— Quando se trata de fadas — Emma disse sombriamente — *Tudo* significa alguma coisa.

* * *

Dru ignorou as batidas na porta. Não foi difícil – desde que Livvy morreu, ela sentia como se estivesse debaixo d'água e tudo estivesse acontecendo a uma distância enorme, muito acima da superfície. As palavras pareciam ser ecos, e as pessoas eram borrões que iam e vinham como lampejos de sol ou sombras.

Às vezes, ela dizia as palavras para si mesma: *Livvy, minha irmã Livvy, está morta.*

Mas elas não se pareciam reais também. Até mesmo assistir a queima da pira parecia um evento que estava acontecendo com outra pessoa.

Ela olhou pela janela. As torres demoníacas brilhavam como cacos de vidro bonitos. Dru as odiava – toda vez que ela esteve em Alicante, coisas horríveis aconteceram. Pessoas haviam morrido. Helen havia sido exilada.

Ela sentou-se no peitoril da janela, ainda segurando uma camiseta enrolada na mão. *Helen*, por muito tempo todos eles queriam Helen de volta. Tinha sido um objetivo de família, como querer Mark de volta e querer o fim da Paz Fria e querer que Jules fosse feliz e que aquela linha sempre preocupada entre os olhos dele fosse embora. Mas agora Helen estava de volta. Ela estava de volta e aparentemente iria assumir o lugar de Jules.

Helen vai cuidar de você, ele disse. Como se ele pudesse se afastar disso e Helen pudesse tomar seu lugar, como se eles não fossem uma família. *Você está me tratando como um gerbo*, ela pensou, e se perguntou o que aconteceria se dissesse isso para Jules. Mas ela não podia. Desde que Livvy morrera, a linha preocupada passara de entre as sobrancelhas para um olhar inexpressivo que era mil vezes pior.

Conseguir Mark de volta tinha sido uma coisa. Mark tinha ficado feliz em estar com eles, mesmo quando ele era estranho e dizia coisas estranhas, e ele disse a Drusilla que ela era linda, e ele tentou cozinhar, mesmo que ele não conseguisse. Mas Helen era magra e bonita e remota; Dru lembrou-se de quando Helen foi para a Europa para seu ano de estudo com um aceno desdenhoso e uma ânsia de ir embora que parecera uma bofetada. Ela

retornou com Aline, brilhantemente feliz, mas Dru nunca tinha esquecido o quão feliz ela estava ao deixá-los.

Ela não vai querer assistir a filmes de terror comigo e comer caramelo, Dru pensou. *Ela provavelmente não come nada além de pétalas de flores. Ela não vai entender nada sobre mim e não vai tentar.*

Desembrulhando a camiseta que segurava, tirou a faca e o bilhete que Jaime Rocio Rosales lhe dera em Londres. Ela tinha lido a nota tantas vezes que o papel ficou fino e gasto. Ela se debruçou sobre ele, enrolada no peitoril da janela quando Mark bateu na porta e chamou o nome dela em vão.

* * *

A casa parecia muito vazia.

A viagem de ida e volta para a sala do Portal no Gard tinha sido caótica, com Tavvy reclamando, e Helen perguntando freneticamente a Julian sobre o funcionamento diário do Instituto, e a estranha eletricidade entre Cristina e Mark, e Ty fazendo algo mais estranho ainda com seu telefone. Na caminhada de volta, Diana tinha misericordiosamente quebrado o silêncio entre Emma e Julian e conversando sobre se ela iria ou não vender a loja de armas na rua Flintlock. Emma sabia que Diana estava fazendo um esforço consciente para evitar interrupções desconfortáveis na conversa, mas ela apreciava mesmo assim.

Agora Diana se fora, e Emma e Julian subiram os degraus da casa do canal em silêncio.

Vários guardas foram postados ao redor do lugar, mas ainda parecia vazio. A casa estava cheia de gente naquela manhã; agora era só restava ela e Julian. Ele jogou o ferrolho na porta da frente e se virou para subir as escadas sem uma palavra.

— Julian — disse ela. — Nós precisamos… Eu preciso falar com você.

Ele parou onde estava, a mão no corrimão. Ele não se virou para olhar para ela.

— Isso não é um clichê? — Ele disse. — *Nós precisamos conversar?*

— Sim, é por isso que eu mudei para "eu preciso falar com você", mas de qualquer forma, é um fato e você sabe disso — disse Emma. — Especialmente desde que nós estaremos sozinhos um com o outro durante os próximos dias. E nós temos que enfrentar o Inquisidor juntos.

— Mas isso não é sobre o Inquisidor. — Ele finalmente se virou para olhar para ela, e seus olhos queimavam como um ácido azul-esverdeado. — É?

— Não — disse Emma.

Por um momento, ela se perguntou se ele iria se recusar a ter uma conversa, mas ele finalmente deu de ombros e conduziu o caminho para o andar de cima sem falar.

Em seu quarto, ela fechou a porta e ele riu, um tipo cansado de barulho.

— Você não precisa fazer isso. Não há mais ninguém aqui.

Emma podia pensar em uma ocasião em que ficariam felizes em ter uma casa só para eles. Quando era um sonho que eles compartilharam. Uma casa para si, para sempre, uma vida própria. Mas parecia quase uma blasfêmia pensar nisso com Livvy morta.

Ela havia rido, mais cedo, com Cristina. Um lampejo de alegria no escuro. Agora ela queria tremer quando Julian se virou, o rosto ainda vazio, e olhou para ela.

Ela se aproximou dele, incapaz de se impedir de estudar o rosto dele. Ele lhe explicara uma vez que o que o fascinava na pintura e no desenho era o momento em que uma ilustração adquiria vida. A pincelada de tinta ou caneta que muda um desenho de uma cópia plana para uma interpretação viva e respirante – o sorriso de Mona Lisa, o olhar nos olhos da *Moça com Brinco de Pérola.*

Isso era o que estava faltando em Julian, ela pensou, tremendo novamente. As milhares de emoções que sempre viveram por trás de suas expressões, o amor – por ela, por seus irmãos – por trás de seus olhos. Até mesmo sua preocupação parecia ter desaparecido, e isso era mais estranho que qualquer outra coisa.

Ele sentou-se na beira da cama. Havia um caderno de desenho em espiral ali; Ele empurrou descuidadamente para o lado, quase debaixo de um dos travesseiros. Julian geralmente era meticuloso em relação a seus materiais de arte; Emma afundou a vontade de resgatar o bloco de rascunho. Ela se sentiu perdida no mar.

Tanto parecia ter mudado.

— O que está acontecendo com você? — Ela disse.

— Eu não sei o que você quer dizer — disse Julian. — Eu estou de luto pela minha irmã. Como eu deveria estar agindo?

— Não assim — disse Emma. — Eu sou sua *parabatai*. Eu posso dizer quando algo está errado. E a tristeza não está errada. A tristeza é o que estou sentindo, o que sei que você estava sentindo ontem à noite, mas Julian, o que sinto em você agora *não é isso*. E isso me assusta mais do que tudo.

Julian ficou em silêncio por um longo momento.

— Isso vai soar estranho — disse ele finalmente. — Mas eu posso tocar em você?

Emma deu um passo à frente, de modo que ela estava entre as pernas dele, ao alcance do braço.

— Sim — ela disse.

Ele colocou as mãos nos quadris dela, logo acima da faixa de seus jeans. Ele a puxou para mais perto, e ela colocou as mãos gentilmente nas laterais do rosto dele, enroscando as pontas dos dedos contra as maçãs do rosto dele.

Ele fechou os olhos e ela sentiu seus cílios roçarem os lados de seus dedos. *O que foi?* ela pensou. *Julian, o que foi?* Não era como se ele nunca tivesse escondido nada dela antes. Ele escondeu toda uma vida secreta dela por anos. Às vezes, ele era como um livro escrito em uma linguagem indecifrável. Mas agora ele era como um livro que havia sido fechado e trancado com uma dúzia de fechos pesados.

Ele inclinou a cabeça contra ela, o cabelo macio e ondulado roçando sua pele onde sua camiseta subia. Ele levantou a cabeça ligeiramente e ela sentiu o calor de sua respiração através do tecido. Ela estremeceu quando ele deu um beijo suave no ponto logo acima do osso do quadril; quando ele olhou para ela, seus olhos estavam febris.

— Acho que resolvi nosso problema — disse ele.

Ela engoliu seu desejo, sua confusão, seu emaranhado de sentimentos indiferentes. — O que você quer dizer?

— Quando Robert Lightwood morreu — disse Julian. — Perdemos nossa chance de exílio. Eu pensei que talvez a tristeza, a dor esmagadora disso, me fizesse parar de amar você. — Suas mãos ainda estavam nos quadris de Emma, mas ela não se sentia confortada por isso: Sua voz era terrivelmente plana. — Mas não parou. Você sabe disso. Noite passada…

— Nós paramos — disse Emma, suas bochechas corando como ela se lembrava: o chuveiro, o emaranhado de lençóis, o gosto de sal e sabão dos beijos.

— Não são as ações, são as emoções — disse Julian. — Nada me fez parar de te amar. Nada me fez diminuir ainda mais. Então eu tive que consertar isso.

Um frio de pavor se instalou no estômago de Emma.

— O que você fez?

— Eu falei com Magnus — disse Julian. — Ele concordou em fazer um feitiço. Magnus disse que esse tipo de mágica, que bagunça as emoções das pessoas, pode ter repercussões perigosas, mas…

— Bagunça suas emoções? — Emma deu um passo para trás, e suas mãos caíram para os lados. — *O que você quer dizer*?

— Ele os levou — disse Julian. — Minhas emoções. Meus sentimentos por você. Eles foram embora.

— Eu não entendo. — Emma sempre se perguntou por que as pessoas diziam que, quando estava claro, elas entendiam perfeitamente. Ela percebeu agora: era porque elas não queriam entender. Era uma maneira de dizer: *Não, você não pode dizer isso. Não é o que você acabou de dizer. Me diga que não é verdade.*

— Enquanto nossos sentimentos não forem mútuos — ele disse. — Não é um problema, certo? A maldição não pode acontecer.

— Talvez. — Emma respirou fundo, tremendo. — Mas não é apenas como você se sente em relação a mim. Você é *diferente*. Você não discutiu com Jia por deixar as crianças…

Ele pareceu um pouco surpreso.

— Eu suponho que não — disse ele. Ele se levantou, estendendo a mão para ela, mas ela se afastou. Ele deixou cair o braço. — Magnus disse que essas coisas não são precisas. Por isso foi um problema. Feitiços de amor, feitiços de amor verdadeiro, o tipo que faz você se apaixonar por alguém, são magia negra. Eles são uma maneira de forçar a emoção nas pessoas. O que ele fez comigo é quase o oposto, ele não estava forçando nada em mim, eu até pedi, mas ele disse que as emoções não são *singulares*, é por isso que não há verdadeiras mágicas de "cancelar o amor." Todos os seus sentimentos estão ligados a outros sentimentos, e eles estão ligados aos seus pensamentos e a quem você é.

Algo vibrou em seu pulso quando ele gesticulou: Parecia um laço de tecido vermelho.

— Então ele disse que faria o melhor para afetar apenas uma parte das minhas emoções. A parte do *eros*. Amor romântico. Mas ele disse que

provavelmente afetaria tudo o que eu também sentia.

— E afetou? — Emma disse.

Ele franziu a testa. E observando-o franzir a testa, partiu-lhe o coração: Era uma *emoção*, mesmo que fosse apenas frustração ou espanto.

— Sinto-me como se estivesse atrás de um painel de vidro — disse ele. — E todo mundo está do outro lado. Minha raiva ainda está lá, posso sentir isso facilmente. Eu estava com raiva de Jia. E quando subi a pira atrás de Ty foi altruísta, uma necessidade de protegê-lo, mas não havia pensamento consciente para isso. — Ele olhou para as mãos enfaixadas. — Ainda sinto pesar por Livvy, mas é *suportável*. Não parece que está arrancando minha respiração. E você…

— E nós — Emma disse severamente.

— Eu sei que te amei — disse ele. — Mas eu não consigo *sentir* isso.

Amei. O pretérito do verbo era como ser socada; ela deu outro passo para trás, em direção à porta. Ela tinha que sair do quarto.

— *Peça-me para não te deixar* — disse ela, pegando a maçaneta. — Mas você me deixou. Você me deixou, Julian.

— Emma, pare — disse ele. — Ontem à noite, quando fui a Magnus, a maldição estava *acontecendo*. Eu senti. *Eu sei*, eu sei que não suportaria mais uma pessoa morrendo.

— Eu nunca teria concordado em ficar aqui com você se soubesse o que você fez — disse Emma. — Você poderia ao menos ter me dito. Honestidade não é uma emoção, Julian.

Com isso, ela pensou, ele recuou – embora pudesse ter sido um começo de surpresa.

— Emma…

— Chega — disse ela, e fugiu do quarto.

* * *

Ela não estava esperando por Gwyn, Diana disse a si mesma. Ela definitivamente não estava sentada em sua cama nas primeiras horas da manhã, vestindo um belo top de seda que ela encontrou em seu armário, mesmo que ela normalmente usasse um pijama, por qualquer motivo que não fosse limpar espadas.

Ela tinha três ou quatro espadas espalhadas pela colcha, e as polia na tentativa de trazer de volta um pouco de sua glória original. Elas já foram gravados com rosas, estrelas, flores e espinhos, mas, ao longo dos anos,

algumas tinham escurecido e descolorido. Ela sentiu uma pontada de culpa por ter negligenciado a loja de seu pai, misturada com a velha culpa familiar que sempre acompanhava os pensamentos de seus pais.

Houve um tempo em que tudo o que ela queria era ser Diana e ser dona a dona do Diana's Arrow, quando ansiava por Idris e a chance de ser ela mesma no país natal dos Caçadores de Sombras. Agora, ela sentia uma inquietação que ia além disso; as velhas esperanças pareciam confinadas demais, como se fossem um vestido que ela havia superado. Talvez você supera seus sonhos à medida que seu mundo se expande.

Tap. Tap. Diana levantou e saiu da cama no momento em que a janela sacudiu. Ela destrancou a janela e se inclinou para fora. Gwyn estava pairando ao nível de seus olhos, seu cavalo sarapintado brilhando à luz das torres demoníacas. Seu capacete estava pendurado por uma alça no pescoço de seu cavalo; havia uma espada enorme nas costas, o cabo enegrecido por anos de uso.

— Eu não pude vir mais cedo — disse ele. — Vi a fumaça no céu hoje e observei de cima das nuvens. Você pode vir comigo para onde é seguro?

Ela começou a sair pela janela antes que ele terminasse a pergunta. Deslizar para as costas do cavalo na frente dele parecia familiar agora, assim como estar sendo circundado por seus enormes braços. Ela sempre foi uma mulher alta, e poucas coisas a fazia se sentir pequena e delicada, mas Gwyn fazia. Foi, no mínimo, um sentimento novo.

Ela deixou sua mente vagar enquanto eles voavam em silêncio, passando pela cidade, por cima de suas muralhas e dos Campos Imperecíveis.

As piras haviam queimado até as cinzas, cobrindo a grama em estranhos círculos de cinza descascada. Seus olhos ardiam e ela desviou o olhar apressada para a floresta: as árvores verdes se aproximando e depois se estendendo abaixo deles, os riachos de prata e o ocasional surgimento de uma mansão de pedra nas margens da floresta.

Ela pensou em Emma e Julian, no choque solitário no rosto de Emma quando a Consulesa lhes disse que precisariam ficar em Idris, no preocupante vazio de Julian. Ela sabia que o choque do vazio poderia forçar você. Ela podia ver em Ty, também, o profundo silêncio e quietude causados por uma dor tão grande que nenhum lamento ou lágrimas a tocariam.

Lembrou-se da própria perda de Aria, como se deitara no chão da cabana de Catarina, girando e torcendo o corpo como se pudesse de algum modo

escapar da dor de sentir falta da irmã.

— Chegamos — disse Gwyn, e eles estavam pousando na clareira que ela se lembrava. Gwyn desmontou e estava chegando para ajudá-la a descer.

Ela acariciou o lado do pescoço do cavalo e cutucou-o com o nariz macio.

— Seu cavalo tem um nome?

Gwyn pareceu intrigado.

— Nome?

— Vou chamá-lo de Orion — disse Diana, sentando-se no chão. A grama embaixo dela era elástica, e o ar estava cheio de pinheiros e flores. Ela recostou-se nas mãos e parte da tensão começou a sair de seu corpo.

— Eu gostei disso. O meu corcel ser nomeado por você.

Gwyn se sentou em frente a ela, mãos grandes ao lado do corpo, a testa franzida de preocupação. Seu tamanho e volume de alguma forma o faziam parecer mais desamparado do que ele teria de outra forma.

— Eu sei o que aconteceu — disse ele. — Quando a morte vem em grandes e inesperadas maneiras, a Caçada Selvagem sabe disso. Nós ouvimos as histórias contadas pelo sangue derramado.

Diana não sabia o que dizer – que a morte era injusta? Que Livvy não merecia morrer assim, ou de qualquer forma? Que os corações partidos dos Blackthorns nunca seriam os mesmos? Tudo parecia banal, cem vezes dito e compreendido já. Em vez disso, ela disse:

— Eu acho que eu gostaria que você me beijasse.

Gwyn não hesitou. Ele estava ao lado dela em um momento, gracioso apesar de seu tamanho. Ele colocou os braços ao redor dela e, então, ela estava cercada pelo calor e pelo cheiro da floresta e dos cavalos. Ela franziu o nariz levemente e sorriu, e ele beijou sua boca sorridente.

Foi um beijo gentil, mesmo com todo o seu tamanho. A suavidade de sua boca contrastava com o risco de sua barba e a musculatura dura sob suas mãos quando ela as colocou timidamente sobre os ombros e acariciou.

Ele se inclinou para o toque com um baixo estrondo de prazer. Diana estendeu a mão para acariciar seu rosto, maravilhada com a sensação da pele de outra pessoa. Fazia muito tempo que ela nunca imaginara algo assim: o luar e as flores eram para outras pessoas.

Mas aparentemente não. Suas grandes mãos acariciavam seus cabelos. Ela nunca se sentiu tão quente ou tão bem cuidada, tão completamente contida no afeto de outra pessoa. Quando pararam de beijar, foi tão natural

como quando começaram, e Gwyn a puxou para mais perto, colocando-a em seu corpo. Ele riu.

— O quê? — Ela perguntou, esticando a cabeça para cima.

— Eu me perguntei se beijar uma fada era diferente de beijar uma Caçadora de Sombras — disse ele com um sorriso surpreendentemente infantil.

— Eu nunca beijei um — disse ela. Era verdade. Há muito tempo, ela era muito tímida para beijar alguém e triste demais, e depois… — Eu beijei alguns mundanos. Eu os conheci em Bangkok; alguns eram trans, como eu. Mas naquela época eu sempre sentia muito como se estivesse mantendo o segredo de ser Nephilim, e isso caiu como uma sombra entre eu e outras pessoas… — Ela suspirou. — Eu sinto que você é talvez a única pessoa além de Catarina que realmente sabe tudo sobre mim.

Gwyn fez um barulho baixo e pensativo.

— Eu gosto de tudo sobre você que eu conheço.

E eu gosto de você, ela queria dizer. Ela ficou chocada com o quanto ela gostava dele, esse estranho homem fada com sua grande gentileza e igual capacidade de violência. Ela tinha experimentado ele como gentil, mas pelas histórias de Mark ela sabia que havia outro lado dele: o lado que levava a Caçada Selvagem em seu caminho sangrento entre as estrelas.

— Vou contar tudo a eles — ela disse. — Emma e Julian. Estamos todos presos aqui em Idris juntos, e eu os amo como se fossem meus irmão e irmã mais novos. Eles deveriam saber.

— Faça isso se você tiver facilidade para fazê-lo — disse Gwyn. — Você não lhes deve nada; você cuidou deles e os ajudou e eles a conhecem como quem você é. Nenhum de nós deve cada pedaço da história de nossa alma a outra pessoa.

— Estou fazendo isso por *mim*. Eu serei mais feliz.

— Então faça. — Gwyn deu um beijo em sua cabeça.

Diana sentou-se no círculo quente de seus braços e pensou em Livvy e em como a tristeza e o contentamento podiam compartilhar um lugar no coração humano. Ela se perguntou que perdas Gwyn tinha sofrido em sua vida. Ele deve ter tido uma mãe, um pai, irmãos e irmãs, mas ela não podia imaginá-los e ainda não conseguia perguntar.

Mais tarde, quando estava caminhando para o cavalo de Gwyn para a viagem de volta a Alicante, notou que as pontas dos dedos estavam manchadas de cinza e franziu a testa.

Cinzas devem ter soprado no vento das piras naquela manhã, mas ainda assim. Foi muito estranho.

Ela tirou isso de sua mente quando Gwyn a ergueu nas costas de Orion e eles navegaram rumo às estrelas.

* * *

Os quartos da Scholomance não eram tão agradáveis quanto os quartos da maioria dos Institutos, nem tão desagradáveis quanto os da Academia dos Caçadores de Sombras. Eles eram limpos e nus e tinham, na opinião de Diego, uma sensação de mosteiros. Cada quarto tinha duas camas, duas escrivaninhas pesadas e – graças à ausência de armários – dois roupeiros maciços.

Devido ao baixo número de matrículas, Diego geralmente não tinha um companheiro de quarto, mas no momento, Kieran estava deitado em um emaranhado ranzinza no chão, envolto em cobertores.

Dobrando os braços atrás da cabeça, Diego olhou para o teto. Ele memorizou os caroços e solavancos no gesso. Pela primeira vez em sua vida, ele não tinha concentração para ler ou meditar. Sua mente deslizou como uma aranha nervosa sobre os pensamentos de Jaime, de Cristina, dos Dearborn e do novo Inquisidor.

Sem mencionar o infeliz príncipe das fadas que estava se debatendo no chão.

— Quanto tempo você está planejando me manter aqui? — A voz de Kieran estava abafada. Ele tirou um pedaço do cobertor do rosto e olhou para o teto como se pudesse entender o que Diego viu nele.

— Manter você aqui? — Diego rolou para o lado. — Você não é um prisioneiro. Você pode ir embora quando quiser.

— Eu não posso — disse Kieran. — Eu não posso voltar para a Caçada Selvagem sem trazer a ira do Rei sobre a Caçada. Não posso voltar para o Reino das Fadas, pois o Rei me encontrará e me matará. Não posso vagar pelo mundo como uma fada selvagem, pois serei reconhecido e ainda não sei se o Rei está me procurando.

— Por que não volta ao Instituto de Los Angeles? Mesmo se você estiver com raiva de Mark, Cristina irá…

— É por causa de Mark e Cristina que não posso ir para lá — O cabelo de Kieran estava mudando de cor na penumbra, azul escuro à branco pálido.

— E não estou zangado com nenhum deles. É só que eu não quero…. — Ele se sentou. — Ou talvez eu queira muito.

— Nós podemos descobrir quando chegar a hora — disse Diego. — O que será melhor para você.

Kieran olhou para ele, um olhar estranho e agudo que fez Diego se levantar em seu cotovelo.

— Não é isso que você sempre faz? — Ele disse. — Você decide que encontrará uma solução quando chegar a hora, mas quando o pior acontece, você se vê despreparado.

Diego abriu a boca para protestar quando houve uma batida na porta. Kieran foi embora num piscar de olhos, tão rápido que Diego só pôde adivinhar para onde ele havia desaparecido.

Diego pigarreou e gritou:

— *Pásale!*

Divya entrou no quarto, seguido por Rayan. Eles estavam em seus uniformes, Rayan vestindo um suéter grosso sobre o dele. Tanto ele quanto Divya acharam difícil se acostumar com o ar frio na Scholomance.

Divya carregava uma luz de bruxa, seus raios iluminando sua expressão ansiosa.

— Diego — disse ela. — Kieran está aqui?

— Acho que ele está debaixo da cama — disse Diego.

— Isso é estranho — disse Rayan. Ele não parecia ansioso, mas Rayan raramente traía muita emoção.

— Ele poderia estar no guarda-roupa — disse Diego. — Por quê?

— A Corte — disse Divya. — Zara e alguns dos outros, Samantha e Manuel e Jessica, acabaram chegar com o Professor Gladstone.

Kieran saiu de debaixo da cama. Havia uma bola de poeira no cabelo dele.

— Eles sabem que eu estou aqui? — Ele se sentou, os olhos brilhando. — Me dê uma arma. Qualquer arma.

— Acalme-se — Divya levantou a mão. — Na verdade, estávamos pensando em uma abordagem mais contida. Como esconder você.

— Eu já estava me escondendo — apontou Kieran.

— Ele *estava* debaixo da cama — disse Diego.

— Sim, mas desde que Zara Dearborn está prestes a falar com Diego, este não é o quarto mais seguro — disse Rayan. — E a Corte suspeita de lealdade de Diego à causa deles de qualquer maneira.

— É mesmo — disse Divya. — Nós os ouvimos conversando.

Ela estendeu a mão para Kieran como se para ajudá-lo. Ele olhou com surpresa, depois levantou-se sem ajuda.

— Eu não a mataria se ela estivesse desarmada — disse Kieran. — Eu a desafiaria para uma luta justa.

— Sim, e então todos saberiam que você estava aqui, incluindo a Clave — disse Divya. Ela estalou os dedos. — Vamos. Vamos lá. Pare de perder tempo.

Kieran parecia um pouco atordoado. Ele olhou para Diego e Diego assentiu.

— Será mais seguro para nós dois.

— Você que manda — disse Kieran, e seguiu Rayan e Divya para fora do quarto, a luz de bruxa oscilando sobre todos eles. Eles escorregaram nas sombras e foram embora; Diego mal teve tempo de sair da cama e colocar uma camiseta antes que a porta se abrisse.

Zara estava na porta com as mãos nos quadris, carrancuda. Diego se perguntou se deveria agradecê-la por bater, mas decidiu que ela provavelmente não entenderia o sarcasmo.

— Estou farta de você — disse ela.

Diego recostou-se no guarda-roupa e cruzou os braços sobre o peito. Os olhos de Zara patinaram em seus bíceps. Ela sorriu.

— Eu realmente tive esperança para a nossa aliança — disse ela. — Mas é melhor você se endireitar e parar de simpatizar com os Membros do Submundo, criminosos e ingratos.

— Ingratos? — Diego ecoou. — Só posso sair com os agradecidos?

Zara piscou.

— O quê?

— Não tenho certeza se essa palavra significa o que você acha que significa — disse Diego. — Inglês é minha segunda língua, mas…

— Os Blackthorns são ingratos — esclareceu ela. — Você precisa esquecê-los e a todos associados a eles.

Seus olhos o perfuraram.

— Se você quer dizer Cristina, somos apenas amigos…

— Eu não me importo. Os Blackthorns são terríveis. Mark é um mestiço, Ty é um pouco recluso, Dru é gorda e estúpida, e Julian é como… como Sebastian Morgenstern.

Diego começou a rir.

— Ele é o quê?

Ela corou.

— Ele ressuscitou os mortos!

— Ele não ressuscitou, na verdade — disse Diego, embora soubesse que isso não importava. A Corte mudava constantemente as regras do jogo quando tentavam argumentar. Eles não se importavam muito se as provas eram precisas, nem se interessariam pela diferença entre ressuscitar os mortos e apenas se associar a eles.

— Você vai se arrepender quando ele estiver queimando o mundo — ela disse sombriamente.

— Eu aposto que vou — disse Diego. — Olha, você tem mais alguma coisa a dizer? Porque é o meio da noite e eu gostaria de dormir um pouco.

— Lembre-se por que você concordou em ficar noivo de mim em primeiro lugar — disse ela, com um sorriso afiado.

— Talvez você devesse pensar em quais seriam as conseqüências se eu tivesse que terminá-lo.

Ela se virou para ir e Diego a viu parar, como se tivesse visto algo que a surpreendeu. Ela lançou um último olhar para ele e saiu pelo corredor.

Não havia trancas na porta. Tudo o que Diego podia fazer era chutá-la antes de cair de novo na cama. Ele olhou para o teto novamente, mas desta vez ele não forneceu distração.

6
De Uma Torre Orgulhosa

EMMA ACORDOU COM uma forte dor de cabeça ao ouvir uma batida na porta de seu quarto. Ela tinha adormecido no chão ainda de uniforme; seu cabelo estava úmido e grudado a sua bochecha. Ela se sentia, e suspeitava que se parecia, como uma sobrevivente de um naufrágio.

— Entre — ela disse, e a porta se abriu. Era Julian.

Ela se sentou. Por um momento eles apenas se encararam. Emma sentiu seu corpo todo gelar, ele notaria seu rosto manchado, suas roupas amassadas. Mesmo não a amando, ele se sentiria…

— É melhor você se arrumar e trocar de roupa — ele disse. Ele usava calça jeans e um suéter azul e parecia ter dormido bem. Ele parecia bem. *Parecia um desconhecido bonito, alguém que ela não conhecia.*

Não havia nenhuma rispidez em sua voz, apenas uma calma pragmática. Ela não precisava se preocupar se ele sentia pena dela, ou culpa; ele não *sentia nada*.

— Dane Larkspear acabou de vir entregar uma mensagem — ele disse. — O Inquisidor quer nos ver imediatamente.

***

No momento em que Cristina abriu a porta da cozinha, Helen surgiu de trás do balcão segurando uma concha e sorrindo de forma radiante.

— Bom dia!

Cristina tinha acordado cedo, seu corpo confuso por causa do fuso horário entre Los Angeles e Idris, e se arrastado sonolenta até a cozinha, atrás de uma xícara de café e torradas. O comprimento animado de Helen a fez querer deitar e tirar um cochilo na mesa. Ela jamais entenderia pessoas matinais, especialmente as que funcionavam sem uma boa dose de cafeína.

— Eu estou fazendo mingau de aveia — Helen continuou.

— Ah — disse Cristina. Ela realmente não gostava de mingau de aveia.

— A Aline está no escritório, tentando entender toda aquela papelada. Parece que os centuriões viraram o lugar de cabeça para baixo. — Helen fez uma careta.

— Eu sei. — Cristina olhou saudosamente para a cafeteira. Seria mal educado passar por Helen para pegar os grãos de café e o filtro?

— Nem se dê ao trabalho — Helen disse — Os centuriões deixaram café mofado no bule. — ela apontou para a pia onde o bule estava de molho.

Instantaneamente, Cristina odiou ainda mais os centuriões. — Tem alguma coisa que eles não estragaram?

— E eles deixaram roupa suja — Mark falou, entrando com seu cabelo molhado, ele devia ter acabado de tomar banho. Cristina sentiu o imediato e incontrolável frio na barriga, e se sentou num banquinho. Ela podia ver o pedaço de pele em volta do pulso do Mark que ainda estava sarando, onde o feitiço de ligação o tinha machucado; ela tinha um igual. Os olhos dele brilhavam com a luz da manhã, azul e dourado como o coração do oceano; ela desviou o olhar dele rapidamente e passou a estudar um azulejo da cozinha que tinha o corpo de Hector sendo arrastado pelos muros de Tróia. — Tanta roupa suja, pilhas e pilhas de roupa suja.

— Eu lavo a roupa. — Helen tinha saído do fogão e agora estava mexendo em uma vasilha de forma fervorosa. — Estou cozinhando mingau de aveia.

— Ah — disse Mark. Ele olhou dentro dos olhos de Cristina rapidamente. Um momento compartilhado entre duas pessoas que não gostavam de mingau de aveia.

Mais Blackthorns começaram a entrar na cozinha: Ty, seguido por Kit, depois Dru e Tavvy. Havia um zumbido de vozes e por um segundo tudo quase parecia normal. Quase. Sem Emma, ela sabia, o Instituto nunca seria normal para ela. Emma foi a primeira pessoa que ela conheceu em Los Angeles; Emma havia se tornado sua amiga instantaneamente e sem hesitar. Sua introdução a Los Angeles tinha sido visitar todos os lugares favoritos da Emma, suas praias secretas e trilhas do cânion; tinha sido andar de carro juntas com o rádio ligado e os cabelos soltos, comer cachorro-quente no Pink's e torta no Apple Pan de madrugada.

Era difícil não se sentir desamparada agora, sem uma âncora, um barco solto na maré. Mas ela se agarrou ao que Emma lhe disse: *Eles vão*

precisar de você, Mark vai precisar de você.

Ty pegou um saco de salgadinho do balcão e o entregou para Kit, que o respondeu com um joinha. Eles tinham sua própria forma de se comunicar, quase como Emma e Julian tinham uma.

— Você não vai precisar disso — Helen falou — Eu estou fazendo mingau de aveia! — ela apontou para a mesa com a colher: Ela tinha colocado duas tigelas idênticas para o mingau e até um vaso com algumas flores recém-colhidas.

— Ah — disse Kit.

— Eu quero panquecas — declarou Tavvy.

— Nós não vamos ficar para o café da manhã — disse Ty — Kit e eu vamos a praia. Vemos vocês depois.

— Mas… — Helen começou, mas era inútil; eles já haviam saído, Ty arrastando Kit atrás de si com uma mão firme no pulso do outro menino. Kit encolheu os ombros se desculpando antes de desaparecer pela porta.

— Eu odeio mingau de aveia — disse Dru. Ela sentou a mesa, fazendo careta.

— Eu também odeio mingau de aveia — disse Tavvy, se arrastando para o lado da irmã. Ele fez uma careta também, e por um momento a semelhança entre eles se tornou quase cômica.

— Bem, mingau é o que tem pra hoje — disse Helen — Mas eu posso fazer torradas também.

— Nada de torradas — falou Tavvy — Panquecas.

Helen desligou o fogão. Por um momento ela apenas encarou a panela de mingau esfriando. E num tom de voz baixo, ela disse — Eu não sei cozinhar panquecas.

Cristina se levantou apressada do banquinho. — Helen, me deixe te ajudar a preparar alguns ovos e torradas — ela falou.

— Julian sabe fazer panquecas — resmungou Tavvy.

Helen tinha dado espaço para Cristina no balcão perto do fogão. Cristina lhe entregou o pão; e enquanto Helen o colocava na torradeira, Cristina viu que as mãos dela tremiam.

— Eu realmente não quero comer ovos no café — disse Dru. Ela pegou uma das flores que estavam no vaso e arrancou seu miolo, pétalas se espalharam pela superfície da mesa.

— Qual é, vocês dois — disse Mark, indo até seus irmãos mais novos e bagunçando seus cabelos de forma carinhosa — Nós acabamos de voltar,

não peguem pesado com a Helen.

— Bem, ela não precisa fazer o café da manhã — falou Dru — Nós podemos fazer isso sozinhos.

Helen se apressou com o prato de torradas, o colocando na mesa. Dru o encarou sem expressão — Qual é Dru — ela disse — só come o pão.

Dru enrijeceu sua postura. — Não me diga o que devo ou não devo comer — ela disse.

Helen vacilou. Tavvy alcançou o pote de geleia e o abriu, sacudindo até que toda a geleia estivesse espalhada pelo seu prato, a mesa e suas mãos. Ele riu.

— Não, *não*! — Helen exclamou, arrancando o pote das mãos dele — Tavvy você não pode fazer isso!

— Eu não tenho que obedecer você. — Tavvy disse. Seu rostinho ficando corado — eu nem conheço você.

Ele passou por Dru e saiu disparado da cozinha. Depois de um segundo, Dru lançou um olhar reprovador para Helen e foi atrás dele.

Helen continuou onde estava, segurando o pote de plástico vazio e lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Cristina sentiu um aperto no coração. Tudo o que ela queria era agradar os irmãos, mas eles eram incapazes de a perdoar por não ser Julian.

Ela se virou em direção a Helen, mas Mark já estava lá. Colocando seus braços ao redor da irmã, sujando sua camiseta de geleia. — Está tudo bem — Cristina o ouviu dizer. — Assim que eu voltei, eu estava sempre estragando as coisas. Eu fazia tudo errado…

Se sentindo como uma intrusa, Cristina saiu da cozinha; certos momentos familiares eram particulares. Ela seguiu pelo corredor devagar (ela tinha certeza que tinha outra cafeteira na biblioteca), metade de seus pensamentos focados no que Mark havia dito a Helen. Ela se perguntou se ele realmente se sentia desse jeito. Ela se lembrava da primeira vez que o havia visto, encolhido contra a parede de seu quarto enquanto o vento levantava as cortinas ao seu redor como velas de navio. A conexão que ela tinha tido com ele foi imediata, ela não o conheceu antes dele ter sido levado pela Caçada e não tinha nenhuma expectativa de como ele era ou deveria ser. Isso os tinha aproximado com tanta intensidade quanto o feitiço de ligação, mas e se tudo tivesse mudado? E se o que eles tinham estivesse quebrado de forma irreparável?

— Cristina!

Ela se virou. Mark estava atrás dela, corado; ele tinha corrido para alcançá-la. Ele parou quando ela se virou e hesitou por um momento, parecia alguém prestes a dar o último passo para pular de um penhasco.

— Eu preciso ficar com a Helen agora — ele falou — Mas eu tenho que falar com você. Estou precisando falar com você desde… já faz um bom tempo. Me encontre no estacionamento essa noite, quando a lua já estiver alta céu.

Ela assentiu, muito surpresa pra falar qualquer coisa. No momento em que percebeu que "quando a lua estiver alta no céu" não era lá muito útil - e se estivesse nublado? - ele já tinha desaparecido pelo corredor. Com um suspiro, ela foi enviar uma mensagem de fogo para Catarina Loss.

***

Haviam passados poucos dias desde a morte de Robert Lightwood, mas Horace Dearborn já havia redecorado o escritório por completo.

A primeira coisa que Emma notou foi que a tapeçaria da Batalha de Burren havia sumido. Agora a lareira estava acesa, e na parte de cima dela a imagem de Alec Lightwood havia sido substituída pela imagem de Zara Dearborn. Era um retrato dela uniformizada, com seu longo cabelo castanho claro alcançando sua cintura em duas tranças no estilo Viking. ZARA DEARBORN, HEROÍNA DA CLAVE, dizia a placa dourada na moldura.

— Sutil — Julian comentou. Ele e Emma tinham acabado de entrar no escritório de Horace; o Inquisidor estava inclinado e tamborilava os dedos na mesa, claramente os ignorando. Pelo menos a mesa era a mesma, apesar de uma grande placa pendurada atrás dele dizer: PUREZA É FORÇA, FORÇA É VITÓRIA, PORTANTO PUREZA É VITÓRIA.

Dearborn se endireitou. — Heroína da Clave talvez seja modesto demais — ele disse pensativo, deixando bem claro ter ouvido o comentário de Julian — Eu estava pensando em algo como "Boadicea moderna" caso vocês não saibam quem ela foi…

— Eu sei quem foi Boadicea — falou Julian, se sentando; Emma o imitou. As cadeiras também eram novas, o estofamento era duro — Uma rainha guerreira da Grã-Bretanha.

— O tio do Julian era um historiador — disse Emma.

— Ah sim, foi o que a Zara me disse — Horace se sentou de um modo bruto em sua própria cadeira, atrás da mesa de mogno. Ele era um homem grande, ossos largos e um rosto indescritível, apenas seu tamanho era marcante, suas mãos enormes, seus ombros largos espremidos no material do uniforme. Eles ainda não devem ter tido tempo para fazer um especificamente para ele. — Agora, crianças. Eu devo admitir que estou surpreso com vocês dois. Sempre existiu uma… ligação vibrante entre as famílias Blackthorn e Carstairs com a Clave.

— A Clave mudou — disse Emma.

— Nem toda mudança é pra pior — falou Horace — Isso já vem acontecendo a muito tempo.

Julian ergueu seus pés, colocando suas botas na mesa de Horace. Emma piscou. Julian sempre teve um coração rebelde, mas raramente agia de acordo. Ele sorriu como um anjo e disse: — Por que você simplesmente não nos conta o que quer?

Os olhos de Horace se arregalaram. Havia raiva neles, mas sua voz era suave enquanto ele falava. — Vocês dois realmente foderam tudo — ele disse — Mais do que vocês imaginam.

Emma estava surpresa. Caçadores de Sombras adultos, especialmente aqueles em posições de poder, raramente xingavam na frente de qualquer um que eles consideravam crianças.

— O que você quer dizer? — ela perguntou.

Ele abriu a gaveta da mesa e tirou um caderno com uma capa de couro preto. — As anotações de Robert Lightwood — Ele falou — Ele as escreveu depois de cada reunião que teve. Ele as escreveu após a reunião que teve com vocês.

Julian ficou pálido; ele claramente se lembrava do caderno. Robert deveria ter escrito nele após Emma sair do escritório acompanhada de Manuel.

— Eu sei o que contaram para ele sobre a relação de vocês — Dearborn saboreava as palavras — *Parabatai* apaixonados. Nojento. E eu sei o que vocês pediram a ele. Exílio.

Apesar da cor ter sumido do seu rosto a voz de Julian era estável. — Eu ainda acho que você deveria nos contar o que quer da gente.

— Se apaixonar pelo seu parabatai é, devo lembrá-los, uma quebra de contrato. O contrato que vocês têm como Nephilim, com a Clave. Isso suja a mais sagrada das nossas ligações sagradas.

Ele colocou o caderno de volta na gaveta. — Mas eu não sou um homem inflexível. Eu cheguei a uma solução mutuamente benéfica para todos os nossos pequenos problemas. E para alguns dos grandes problemas também.

— Soluções normalmente não são de mútuo benefício quando uma das partes detém todo o poder — disse Julian.

Dearborn o ignorou. — Se vocês concordarem em serem enviados a uma missão no Reino das Fadas, se vocês prometerem achar e matar Annabel Blackthorn lá e trouxerem o Volume Negro dos Mortos, eu honrarei a promessa de Robert. Exílio e discrição. Ninguém nunca saberá.

— Você não pode ter certeza de que ela está no Reino das Fadas — começou Julian.

— Você está de brincadeira com a minha cara — Emma disse ao mesmo tempo.

— Minhas fontes dizem que ela está escondida na corte Unseelie, e não, eu não estou "brincando" — falou Dearborn — Eu juraria segurando a espada mortal se Carstairs não a tivesse quebrado.

Emma corou. — Pra que você quer o Volume Negro? Planeja ressuscitar algum morto?

— Eu não tenho nenhum interesse em um lamentável livro de divertimentos necromânticos para feiticeiros — disse Horace — além de mantê-lo *longe* das mãos da Annabel e do Rei Unseelie. E não ousem considerar tentar me enganar com imitações e cópias. Eu saberei, e irei punir vocês. Eu quero o Volume Negro sob controle dos Nephilim, não submundanos.

— Você não deve ter gente mais velha, mais capaz de fazer isso? — disse Julian.

— Essa missão deve ser realizada em segredo absoluto — Dearborn respondeu — Quem tem um motivo melhor de manter isso em segredo do que vocês?

— Mas o tempo funciona diferente no Reino das Fadas — disse Julian — Nós poderíamos acabar voltando dez anos depois, isso não te ajudaria muito.

— Ah — Dearborn se sentou. Tinha uma pilha de tecidos atrás dele, em um dos cantos da sala; Emma percebeu com baque que era a tapeçaria da batalha de Burren, jogada no canto como se fosse lixo.

Estranho para um homem que clamava dar valor para a história dos Nephilim. — Há muito tempo atrás, três medalhões foram dados a clave

pelo povo das fadas. Eles impediam que o tempo mudasse no Reino das Fadas. Um deles sumiu, mas vocês receberão um dos outros dois que sobraram. Vocês podem devolver quando voltarem.

Um medalhão? Emma se lembrava do colar de Cristina, seu poder de controlar o tempo no Reino das Fadas. *Um deles sumiu…*

—E como vocês esperam que a gente volte? — Emma disse — Não é como se voltar do Reino das Fadas fosse fácil para um humano.

— Vocês vão usar o mapa que irão receber para localizar um lugar chamado O Cruzamento de Bram — disse Horace — Lá vocês encontrarão um amigo pronto para trazê-los para casa. Ele cruzou seus dedos. — Eu vou lidar com o fato de que vocês não estão em Alicante colocando guardas ao redor da casa de Princewater. O boato vai ser que vocês estão em prisão domiciliar até que o assunto da Espada Mortal seja esclarecido. Mas eu devo insistir que vocês achem o livro e retornem dentro de quatro dias. Ou então eu irei assumir que vocês decidiram agir por conta própria, nesse caso eu não terei outra escolha a não ser trazer o seu segredo a público.

— O que te faz pensar que nós somos capazes de fazer isso em quatro dias? — perguntou Julian.

— Porque vocês não têm outra opção. — Horace respondeu.

Emma trocou um olhar com Julian. Ela suspeitava que os sentimentos dele, independente de como estivessem, refletiam o mesmo que os dela - dúvida e desespero. Eles não podiam confiar em Horace Dearborn, mas se eles não concordassem com esse plano, ele destruiria suas vidas. Suas marcas seriam arrancadas. Eles jamais veriam os outros Blackthorns novamente.

— Não tem motivo para vocês se mostrarem tão desconfiados — disse Dearborn — Nós estamos juntos nessa. Nenhum de nós quer que Annabel Blackthorn ou o Rei Unseelie tenha posse de algo tão poderoso como o Volume Negro — ele deu um sorriso amarelo — Além disso, Julian, eu achei que você ficaria contente. Essa é sua chance de matar Annabel Blackthorn e arrancar o precioso livro dela de suas mãos. Eu pensei que você iria querer vingança.

Incapaz de aguentar a forma como o Inquisidor encarava Julian, Emma se levantou — Eu quero a Cortana — ela disse. — Ela pertenceu ao meu pai antes de ser minha, e ela tem pertencido a minha família antes mesmo de Jem e Cordelia Carstairs. Me devolva.

— Não — disse Horace, sua boca fina em uma linha reta — Nós ainda estamos investigando como ela foi capaz de quebrar a Espada Mortal. Nós vamos prover vocês com armas, comida, um mapa, e todo o uniforme que precisarem, mas nada de Cortana.

— Lâminas Serafim não funcionam no Mundo das Fadas — disse Julian — E nossas runas também não.

Dearborn bufou — Então vocês receberão adagas, espadas e arcos. Vocês terão todas as armas das quais vão precisar. — ele se levantou — Eu não me importo com o que vocês usarão para matar Annabel Blackthorn. Apenas matem-na. Vocês trouxeram aquela vadia até nós. É responsabilidade de vocês se livrarem dela.

Julian tirou suas botas da mesa — Quando você pretende que seja nossa partida?

— E como nós vamos chegar lá? — Emma questionou.

— Isso é apenas relevante para mim — disse Dearborn — E sobre quando vocês partirão, pode muito bem ser agora. Não é como se vocês tivessem que fazer algo em Alicante — ele gesticulou em direção a porta, como se não pudesse esperar para se livrar deles — Vão para casa e guardem qualquer item pessoal que vocês precisem. E não percam tempo. Guardas irão buscar vocês em breve. Estejam prontos.

— Certo — disse Emma. Ela caminhou até o canto da sala e pegou a tapeçaria de Alec — E eu fico com isso.

Era surpreendentemente pesado. Dearborn ergueu suas sobrancelhas, mas não disse nada enquanto ela saía do escritório carregando o tecido.

***

— Aonde estamos indo? — Kit perguntou. Ele carregava o pacote de batatas, resquícios de sal e gordura estavam em seus dedos. Era um café da manhã esquisito, mas ele já tinha vivido coisas mais estranhas em sua vida. Além disso, a brisa do mar estava erguendo seu cabelo de sua testa, a praia estava vazia, e ele e Ty estavam andando em uma névoa dourada de areia e sol. Apesar de tudo, seu humor estava melhorando.

— Se lembra da caverna? — disse Ty — Aquela em que nós vimos a Zara conversando com o Manuel?

— Aham — Kit disse, e quase completou, quando nós estávamos com a Livvy, mas ele sabia que era isso que Ty quis dizer com “nós”. Essa era

uma palavra que para ele sempre incluiria Livvy. A sombra da memória apagou o bom humor de Kit: Ele se lembrava daquela noite, Livvy rindo, Ty segurando uma estrela-do-mar - o sal do ar enrolando o seu cabelo normalmente liso, e seus olhos tinham um eco prateado como a lua. Ele estava sorrindo, seu verdadeiro, brilhante sorriso de Ty. Kit havia se sentindo mais próximos dos dois do que já sentiu com qualquer outra pessoa. — Espera, por que estamos indo até lá?

Eles alcançaram a parte da praia onde longos dedos de granito saiam da superfície do oceano. As ondas aceleravam no mar, batendo contra as pedras, se espirrando em um spray branco-prateado.

Ty alcançou o pacote de salgadinho, seu braço encostando no de Kit. — Porque nós vamos precisar de ajuda para fazer necromancia. Nós não podemos fazer isso sozinhos.

— Por favor, me diga que nós não precisamos da ajuda de um exército de zumbis, eu odeio exércitos de gente morta.

— Não um exército de zumbis. Hypatia Vex.

Kit quase derrubou as batatinhas. — Hypatia Vex? A feiticeira de Londres?

— Aham — disse Ty — Presta atenção, Watson.

— Isso não é um "presta atenção" — disse Kit — Como que eu ia saber que você entrou em contato com ela? Eu não achei que ela gostasse muito de nós.

— E isso importa?

— Você tem um ponto — Kit parou, areia voando ao redor dos seus tênis — Chegamos.

O buraco escuro na pedra se abriu diante deles. Ty parou também, remexendo os bolsos de seu casaco. — Eu tenho uma coisa para você.

Kit enrolou o pacote de salgadinho e o colocou preso atrás de uma pedra. — Você tem?

Ty mostrou uma pequena pedra branca, do tamanho de uma bola de golfe, com uma runa desenhada na superfície. — Sua pedra enfeitiçada. Todo Caçador de Sombras tem uma — Ele pegou a mão de Kit despreocupadamente e colocou a pedra em sua palma. Uma onda quente inundou o estômago de Kit, o surpreendendo. Ele nunca tinha se sentido assim antes.

— Obrigado — ele disse — Como eu ligo isso?

— Feche seus dedos ao redor da pedra e pense em luz — falou Ty — Imagine um interruptor de luz ligando; foi o que o Julian me disse. Vem, eu te mostro.

Kit segurou a pedra desajeitadamente enquanto eles seguiam a trilha até a entrada da caverna. Alguns passos dentro da caverna e a escuridão os envolveu como veludo, abafando o som das ondas do lado de fora. Kit mal conseguia enxergar Ty, a sombra de uma sombra ao seu lado.

Como ligar um interruptor, ele pensou, e fechou seus dedos ao redor da pedra enfeitiçada. Ela deu leve tranco antes da luz se espalhar, iluminando o corredor familiar. Estava muito parecido com o que era antes, feito de pedra e cheio de aranhas, lembrava Kit de um túnel subterrâneo no primeiro filme do Indiana Jones.

Pelo menos dessa vez eles sabiam onde estavam indo. Eles seguiram a curva do corredor até chegar em uma enorme câmara de pedra. As paredes eram de granito, mas linhas pretas corriam por elas mostrando onde tinham rachado há muito tempo atrás. O cômodo cheirava a algo doce - provavelmente a fumaça que se erguia das velas localizadas na mesa de madeira no centro do lugar. Uma figura encapuzada, usando um robe preto e com seu rosto escondido pelas sombras, sentava onde Zara havia se sentado da última vez que eles estiveram ali.

— Hypatia? — perguntou Ty dando um passo à frente.

A figura ergueu um único e silenciador dedo. Ambos, Kit e Ty, hesitaram enquanto duas mãos enluvadas se ergueram e retiraram o capuz.

Ty lambeu seus lábios secos. — Você… não é a Hypatia — ele se virou para Kit — Esse não é ela.

— Não — Kit concordou — Parece ser um cara verde e com chifres.

— Eu não sou a Hypatia, mas ela me enviou. — disse o feiticeiro. — Nós já nos conhecemos antes, nós três. No Mercado das Sombras de Londres.

Kit se lembrava das rápidas mãos verdes em movimento. — Eu devo dizer que nunca achei que teria o prazer de entreter o Herondale Perdido.

— Shade — ele disse.

O feiticeiro parecia satisfeito. — Não é meu verdadeiro nome, mas serve.

Ty estava balançando sua cabeça — Eu quero negociar com Hypatia — ele falou — Não com você.

Shade se inclinou em sua cadeira. — A maioria dos feiticeiros não mexe com necromancia — ele disse calmamente — Hypatia não é diferente; na

verdade, ela é mais esperta que a maioria. Ela quer comandar o Mercado das Sombras um dia, e ela não vai arruinar suas chances.

A expressão de Ty parecia lascada, como o rosto rachado de uma estátua. — Eu nunca disse nada sobre necromancia…

— Sua irmã gêmea acabou de morrer — disse Shade — e você contatou uma feiticeira com um pedido desesperado. Não é necessário ser um gênio para adivinhar o que você quer.

Kit colocou a mão no ombro de Ty. — Nós não precisamos ficar aqui,l — ele sussurrou — Nós podemos apenas ir…

— Não — Shade falou — Me escutem antes, pequenos Caçadores de Sombras, se vocês desejam a minha ajuda. Eu entendo. O luto enlouquece as pessoas, vocês procuram uma forma de acabar com isso.

— Sim — disse Ty — Eu quero trazer minha irmã de volta. Eu vou trazer minha irmã de volta.

Os olhos escuros de Shade estavam insensíveis. — Você deseja ressuscitar os mortos. Você tem ideia de quantas pessoas querem isso? Não é uma boa ideia. Eu sugiro que você desista. Eu poderia te ajudar com outra coisa. Você já teve vontade de mover objetos com a sua mente?

— Claro — disse Kit — Parece incrível — Qualquer coisa menos isso.

Eu tenho o Volume Negro dos Mortos — disse Ty — Ou pelo menos uma cópia dele.

Ele não pareceu perceber a surpresa no rosto de Shade, mas Kit sim. Isso aumentou tanto seu orgulho de Ty quanto sua preocupação.

— Bem — disse Shade por fim — Isso é melhor do que o original.

Que coisa esquisita de se dizer, pensou Kit.

— Não é com o feitiço que nós precisamos de ajuda — falou Ty — Nós precisamos de ajuda para conseguir os ingredientes do feitiço. Alguns são fáceis de arranjar, mas Caçadores de Sombras não são bem vindos no Mercado das Sombras, então se você for, eu posso te dar o dinheiro, ou nós podemos te dar armas preciosas do Instituto…

Kit estava satisfeito. — Eu mesmo pensei em vendê-las, uma vez.

Shade ergueu suas mãos enluvadas. — Não — ele disse — Eu ajudarei vocês, tudo bem? Mas isso não será rápido e também não será fácil.

— Bom — disse Ty, mas Kit ficou instantaneamente desconfiado.

— Por que? — perguntou Kit — Por que você nos ajudaria? Você não aprova…

— Não aprovo — respondeu Shade — Mas se não for eu, será outra pessoa, um outro feiticeiro com menos escrúpulos. Pelo menos eu posso ter certeza que vocês farão isso da melhor forma possível. Eu posso ensiná-los a realizar o feitiço corretamente. Eu posso arranjar um catalisador para vocês, uma fonte limpa de energia que não vai corromper o que vocês querem fazer.

— Mas você não irá ao Mercado das Sombras? — perguntou Kit.

— O feitiço só funciona se a pessoa que for lançar o feitiço tiver coletado os ingredientes — disse Shade — e serão vocês que vão realizá-lo, mesmo se precisarem de mim para direcionar vocês. Então o que quer que seja que esteja entre vocês dois e as pessoas do Mercado das Sombras, e eu mesmo vi parte disso, resolvam — a voz dele estava rouca — Vocês são espertos, vão achar alguma forma. Quando vocês tiverem o que precisam, voltem até mim. Eu vou permanecer aqui na gruta enquanto vocês estiverem interessados nesse projeto maluco. Mas me mandem uma mensagem se quiserem vir fazer uma visita. Eu gosto da minha privacidade.

O rosto de Ty estava iluminado de alívio, e Kit sabia no que ele estava pensando: uma etapa realizada, um passo mais próximo de ter a Livvy de volta. Shade o olhou e sacudiu a cabeça, seu cabelo branco brilhando por causa da luz das velas — Mas é claro, se vocês reconsiderarem, e eu nunca mais ouvir falar de vocês, isso vai ser ainda melhor — ele disse — pensem nisso, crianças. Algumas luzes nunca foram destinadas a brilhar por muito tempo.

Ele fechou seus dedos enluvados ao redor da chama da vela mais grossa, a apagando. Um fio de fumaça branca subiu em direção ao teto. Kit encarou Ty novamente, mas ele não tinha reagido; talvez nem tivesse escutado o que Shade disse. Ele estava sorrindo para si mesmo; não o sorriso arrebatador do qual Kit sentiu falta na praia, mas um quieto, sorriso particular.

Se nós vamos seguir com isso, eu vou ter que aguentar tudo sozinho. Kit pensou. *Qualquer culpa, qualquer apreensão. É apenas minha.*

Ele desviou o olhar do feiticeiro antes que Shade pudesse encontrar qualquer dúvida em seu olhar.

Algumas luzes nunca foram destinadas a brilhar por muito tempo.

***

— Eu não acredito que os Centuriões deixaram tanta bagunça. — Helen disse.

Por anos, Helen tinha prometido a Aline que ela a levaria para um tour completo pelo Instituto e a mostraria todos os lugares favoritos de sua infância.

Mas apenas parte da mente de Helen estava mostrando os arredores para Aline. Parte dela estava na destruição que os Centuriões deixaram para trás no Instituto - toalhas espalhadas por todo canto, manchas nas mesas, e comida velha apodrecendo na geladeira e cozinha. Parte dela estava na mensagem que ela tinha enviado através de outra fada para sua tia Nene na Corte Seelie. Mas a maior parte estava em sua família.

— Aqueles babacas não são o que está realmente te incomodando — disse Aline. Elas estavam dispostas a alguma distância do Instituto. De onde estavam você conseguia ver o deserto, coberto de flores silvestres e folhagem verde, também dava para ver o oceano, azul e brilhante ao fundo. Havia oceano na Ilha Wrangel, frio, intimidador e belo, de forma alguma convidativo. Esse era o mar da sua infância - o mar de dias longos passados pulando ondas com seus irmãos e irmãs — Você pode me contar qualquer coisa, Helen.

— Eles me odeiam — Helen disse baixinho.

— Quem te odeia? — exigiu Aline — Eu vou matá-los.

— Meus irmãos e irmã — disse Helen — Mas por favor não os mate.

Aline parecia surpresa — O que você quer dizer com eles te odeiam?

— O Ty me ignora — disse Helen — Dru rosna pra mim. Tavvy odeia que eu não seja o Julian. E Mark, bem, Mark não me odeia, mas a mente dele parece distante. Eu não posso arrastá-lo para isso.

Aline cruzou seus braços e encarou o oceano pensativamente. Isso era uma das coisas que Helen amava em sua esposa. Se Helen dissesse que algo estava errado, Aline iria considerar a situação de todos os ângulos. Ela nunca era desdenhosa.

— Eu pedi ao Julian para dizer às crianças que eu estava feliz na Ilha Wrangel — disse Helen — Eu não queria que eles se preocupassem. Mas agora, eu acho que eles acreditam que eu passei todos esses anos não me importando de estar longe deles. Eles não fazem ideia do quando eu senti saudade deles. Eles não sabem o quão mal me sinto pelo Julian ter que ter aguentado toda essa responsabilidade, por todos esses anos. *Eu* não sabia.

— O negócio é — disse Aline — Eles não te veem só como a substituta do Julian, a pessoa que cuida deles. Você também surgiu na vida deles no momento em que a Livvy os deixou.

— Mas eu também amava a Livvy! Eu também sinto falta dela…

— Eu sei — disse Aline gentilmente — Mas eles são só crianças. Eles estão lidando com o luto como podem. Eles não sabem o porquê estão bravos, eles apenas estão.

— Eu não consigo fazer isso — Helen tentou manter sua voz estável, mas isso era quase impossível. Ela torceu para que isso fosse amenizado pelo som das ondas quebrando abaixo delas, mas Aline a conhecia muito bem. Ela conseguia sentir quando Helen estava chateada, mesmo quando ela estava se esforçando para não mostrar — É muito difícil.

— Querida — Aline se aproximou, enlaçando seus braços ao redor de Helen, tocando seus lábios levemente no da outra mulher — Você consegue. Você consegue fazer qualquer coisa.

Helen relaxou nos braços de sua esposa. Quando conheceu Aline pela primeira vez, ela achou que a outra garota era mais alta que ela, mas mais tarde ela percebeu que era a forma como Aline se portava. Reta e altiva. A consulesa, mãe dela, se portava da mesma forma, com o mesmo orgulho - não que elas fossem arrogantes, mas era mais próximo disso do que simples confiança, pensava Helen. Ela se lembrava da primeira carta de amor que Aline lhe escreveu. O mundo mudou porque você é feita de marfim e ouro. A curva dos seus lábios reescreveu a história. Mais tarde, ela descobriu que era uma citação de Oscar Wilde, e disse para Aline, sorrindo, *Você tem muita coragem.*

Aline tinha olhado de volta para ela firmemente. *Eu sei. Eu tenho*.

Ambas tinham, sempre, e isso as manteve em um bom lugar. Mas essa não era uma situação onde coragem importava tanto quanto paciência. Helen tinha esperado que seus irmãos e irmã mais nova a amassem; ela precisava disso, de certa forma. Agora ela percebia que precisava mostrar a eles seu amor primeiro.

— De certa forma, a raiva deles significa algo bom — disse Aline — Isso significa que eles sabem que você sempre vai amá-los, não importa o que aconteça. Eventualmente eles vão parar de testar você.

— Tem alguma forma de acelerar o “eventualmente”?

— Ajudaria pensar nisso como “um dia”?

Helen suprimiu uma risada. — Não.

Aline acariciou seu ombro gentilmente. — Não custava tentar.

***

Tinha uma dúzia ou mais de guardas plantados quando Emma e Julian retornaram para casa. Era um dia claro, e o sol refletia nas espadas presas nos ombros deles e na água no canal.

Enquanto eles subiam as escadas, Dane Larkspear estava inclinado contra um dos lados da porta, seu rosto branco chocante contra o cabelo preto. Ele piscou para Emma enquanto Julian, o ignorando, pegava sua estela. — Que bom te ver.

— Não posso dizer o mesmo — falou Emma — Cadê sua gêmea malvada? E eu quero dizer literalmente. Ela é sua gêmea, e ela é malvada.

— É, eu entendi — disse Dane, revirando os olhos — Samantha está na Scholomance. E vocês têm visitas.

Emma ficou tensa. — Na casa? O motivo para ter guardas não é mantê-los longe?

Dane riu. — Por favor. O motivo de estarmos aqui é para manter vocês por perto.

Julian desenhou uma runa de desbloqueio na porta e lançou um olhar sombrio para Dane. — Quinze contra dois?

O sorriso de Dane se alargou. — Só lembrando vocês quem realmente está no controle — ele disse — Nós controlamos a situação. Eu não me sinto mal por isso.

— Você não poderia — Julian respondeu, e entrou na casa.

— Como se eu já não estivesse péssima com toda essa situação — Emma resmungou, e seguiu Julian. Ela estava alerta - não tinha gostado da forma como Dane dissera a palavra “convidados”. Ela fechou a porta da frente devagar, mão na bainha da adaga em seu cinto de armas.

Ela ouviu Julian chamando seu nome. — Na cozinha — ele falou — Está tudo bem, Emma.

Normalmente ela confiava em Julian mais do que confiava em si mesma. Mas as coisas estavam diferentes agora. Ela entrou cuidadosamente na cozinha, apenas soltando sua adaga quando viu Isabelle sentada na mesa, suas longas pernas cruzadas. Ela estava vestindo um casaco de veludo curto e uma saia longa de tule. O reflexo brilhante de jóias de prata brilhando em seus pulsos e tornozelos.

Simon estava sentado em uma das mesas da cozinha, cotovelos na mesa, óculos de sol empurrados para cima da cabeça. — Espero que não se importem — ele disse — Os guardas nos deixaram entrar.

— Nem um pouco — respondeu Julian, se inclinando contra um dos cantos — Estou apenas surpreso que eles deixaram.

— Persuasão amigável — disse Isabelle, e abriu um sorriso que era todo de dentes — A Tropa não tem todo o poder ainda. Nós conhecemos muitas pessoas em posições importantes.

— Onde vocês estavam? — Simon inquiriu — Os guardas não nos disseram nada.

— O Inquisidor queria conversar com a gente — falou Emma.

Simon franziu a testa — Dearborn? Você quer dizer que ele queria interrogar vocês?

— Não exatamente — Emma tirou sua jaqueta e a colocou nas costas de uma cadeira — Ele queria nos pedir um favor. Mas o que vocês estão fazendo aqui?

Isabelle e Simon trocaram um olhar. — Nós temos algumas notícias ruins — Simon disse.

Emma os encarou firmemente. Izzy parecia cansada, Simon tenso, mas isso não era nenhuma surpresa. Ela apenas podia imaginar como estava sua aparência.

— Meus irmãos e irmãs… — Julian começou, sua voz apertada, e Emma o encarou. Ela se lembrava do que ele tinha dito sobre escalar a pira atrás de Ty; foi atávico, a necessidade de protegê-lo, não havia nenhuma consciência naquilo.

— Nada parecido com isso — disse Simon — Jace e Clary não voltaram no horário planejado.

Sem palavras, Emma caiu na cadeira no lado oposto ao de Simon.

— Isso é interessante — Julian falou — O que você acha que aconteceu?

Simon o olhou de forma esquisita. Isabelle o cutucou com seu joelho, e através de sua surpresa e preocupação, Emma a ouviu sussurrar algo sobre a recente morte da irmã de Julian e como ele provavelmente ainda estava em choque.

— Talvez eles só estejam atrasados porque o tempo age de forma diferente no Reino das Fadas — disse Emma. — Ou eles receberam um dos medalhões?

— Eles não são afetados pela magia temporal no Reino das Fadas por causa do sangue de anjo extra deles — disse Isabelle — Por isso a Clave os escolheu para essa missão. As runas deles ainda funcionam, mesmo nas partes de terra morta — ela franziu o cenho — Que medalhões?

— Ah — Emma trocou um olhar com Julian — A Clave tem medalhões que impedem essa mudança de tempo no Reino das Fadas. Dearborn nos deu um.

Isabelle e Simon trocaram um olhar desnorteado. — O que? Por que ele daria isso a vocês…?

— O favor que Dearborn nos pediu — disse Julian — Ele envolve o Reino das Fadas.

Simon se endireitou, ele trincou sua mandíbula, seu rosto sério de uma forma que lembrou Emma que ele não era apenas o noivo simpático e tranquilo de Isabelle Lightwood. Ele era um herói por conta própria. Ele tinha encarado o Anjo Raziel sozinho. Poucos além de Clary podiam dizer o mesmo — *Ele fez o que?*

—Eu explico — falou Julian, e ele o fez. De uma forma, econômica, seca e pálida sem emoção. De qualquer forma, quando ele acabou, Isabelle e Simon pareciam furiosos.

— Como ele ousa — disse Simon — Como ele pode pensar…

— Mas ele é o Inquisidor agora. Ele deve saber que Clary e Jace não voltaram — interrompeu Isabelle — A Clave sabe que é perigoso, especialmente agora. Por que ele enviaria vocês?

— Porque Annabel fugiu para o Reino das Fadas, e ele acha que a Annabel é problema nosso — Emma disse.

— É ridículo; vocês são apenas crianças — falou Simon.

Isabelle o chutou levemente. — Nós fizemos muita coisa quando éramos crianças.

— Porque nós não tínhamos o que fazer — disse Simon — Porque nós não tínhamos opção — Ele se virou para Emma e Julian — Nós podemos tirar vocês dessa. Nós podemos esconder vocês.

— Não — falou Julian.

— Ele quer dizer que nós também não temos opção — disse Emma — Tem uma possibilidade grande do Volume Negro ser usado para algo terrível, ou pela Annabel ou pelo Rei Unseelie. E não tem como saber quem vai se machucar, e nós temos uma chance maior de encontrar o livro.

Ninguém mais teve que lidar com Annabel nos últimos séculos. De uma forma esquisita, Julian é quem a conhece melhor.

— E nós podemos procurar por Jace e Clary. Não é como se Horace fosse enviar outra pessoa pra procurar por eles — completou Julian.

Isabelle o olhou duramente. — Porque ele é um babaca, você quer dizer?

— Porque ele não gosta do apoio que eles têm, ou da forma como as pessoas os enxergam, e ao Alec e a vocês — Julian disse — Quanto mais tempo eles estiverem longe, melhor para ele. Ele quer consolidar poder, ele não precisa de heróis voltando. Eu tenho certeza que Jia vai tentar ajudar, mas ele não vai facilitar para ela. Ele sempre pode ficar atrapalhando o caminho dela.

Julian estava muito pálido, e seus olhos pareciam com o vidro marinho no seu bracelete. O *parabatai* dela podia não estar sentindo nada, Emma pensou, mas ele ainda entendia os sentimentos das outras pessoas, quase bem demais. Ele tinha apresentado o único argumento que Simon e Isabelle não seriam capazes de recusar: a segurança de Clary e Jace.

Ainda sim, Simon tentou. — Nós podemos pensar em alguma coisa nós mesmos — ele disse — Alguma forma de procurar por eles. A oferta de esconder vocês ainda está de pé.

— Eles vão castigar a minha família se eu desaparecer — Julian respondeu — Essa é uma nova Clave.

— Ou talvez apenas o que sempre esteve por baixo da antiga — disse Emma — Vocês podem jurar que não contarão para ninguém, nem mesmo a Jia, sobre estarmos indo para o Reino das Fadas?

Ninguém pode saber. Se Jia confrontar Horace, ele contará nosso segredo.

Simon e Isabelle pareciam preocupados, mas ambos prometeram. — Quando eles pediram para vocês partirem? — disse Isabelle.

— Logo — respondeu Julian — Nós só voltamos para arrumar nossas coisas.

Simon resmungou um xingamento. Isabelle balançou a cabeça, então se abaixou e retirou uma corrente de um dos seus belos tornozelos. Ela o entregou para Emma. — Isso é ferro abençoado. Perigoso para as fadas. Use isso e você poderá dar um belo chute.

— Obrigada — Emma aceitou a corrente e a enrolou duas vezes em seu pulso a fechando apertada.

— Eu tenho alguma coisa de ferro? — Simon olhou ao redor e então colocou a mão no bolso e tirou de lá uma miniatura de um boneco de arqueiro — Esse é meu personagem de Dungeons e Dragons, Lorde Montgomery.

— Ai meu Deus — exclamou Isabelle.

— A maioria das figuras de ação são feitas de estanho, mas essa é de ferro. Eu a consegui no Kickstarter — Simon ofereceu para Julian — Apenas pegue, pode ser útil.

— Eu não entendi metade do que você disse, mas obrigado — disse Julian, colocando o brinquedo no bolso.

Houve um momento de silêncio constrangedor. Foi Isabelle quem o quebrou, seu olhar escuro passando de Julian para Emma, e então ao contrário. — Muito obrigada — ela disse — Vocês dois. Isso é algo extremamente corajoso de se fazer — ela respirou fundo — Quando vocês encontrarem Clary e Jace, e eu sei que vocês irão, contem a Jace sobre Robert. Ele deve saber o que aconteceu com sua família.

7
FLORES DE PEDRA

ERA UMA NOITE CLARA NA CALIFÓRNIA, com um vento quente soprando do deserto para o interior, e a lua estava clara e muito alta no céu quando Cristina saiu pela porta dos fundos do Instituto e hesitou no primeiro degrau.

Tinha sido uma noite estranha - Helen e Aline haviam feito espaguete e deixado a panela no fogão para que qualquer pessoa que gostasse pudesse vir e se servir. Cristina tinha comido com Kit e Ty, que tinham olhos brilhantes e distantes, apanhados em seu próprio mundo; em algum momento Dru entrou com tigelas e as colocou na pia. — Eu jantei com Tavvy em seu quarto,— ela anunciou, e Cristina - sentindo-se completamente no mar - gaguejou algo sobre como ela estava feliz por eles terem comido.

Mark não apareceu.

Cristina esperou até a meia-noite antes de colocar um vestido e uma jaqueta jeans para ir ver Mark. Era estranho ter suas próprias roupas de volta, seu quarto com sua árvore de vida, seus próprios lençóis e cobertores. Não era bem voltar para casa, mas era próximo.

Ela parou no topo da escada. Ao longe, as ondas balançavam e caíram. Ela estava aqui uma vez e viu Kieran e Mark se beijando, Kieran segurando Mark como se ele fosse tudo no mundo.

Parecia há muito tempo atrás agora.

Ela desceu os degraus, o vento batendo na bainha de seu vestido amarelo claro, fazendo-o soar como uma flor. O “estacionamento” era na verdade um grande retângulo de areia raiada onde o carro do Instituto passava o tempo - pelo menos isso os Centuriões não pareciam ter incendiado, o que já era uma coisa. Perto do terreno havia estátuas de filósofos e dramaturgos gregos e romanos, brilhando palidamente sob as estrelas, colocadas ali por Arthur Blackthorn. Eles pareciam deslocados no chaparral das colinas de Malibu.

— Senhora das Rosas — disse uma voz atrás dela.

Kieran! ela pensou, e se virou. E, claro, não era Kieran - era Mark, cabelos loiros claros despenteados, jeans e uma camisa de flanela, que ele abotoou ligeiramente errado. A Marca dele a fez corar, em parte por sua proximidade e em parte por ter pensado por um momento que ele poderia ser outra pessoa.

Era só que Kieran foi o único que a chamou de Senhora das Rosas.

— Eu não posso suportar todo esse ferro — disse Mark, e ele parecia mais cansado do que ela já ouviu alguém soar. — Eu não posso suportar esses espaços internos. E eu senti tanto a sua falta. Você iria no deserto comigo?

Cristina lembrou da última vez que eles estiveram no deserto e o que ele havia dito. Ele havia tocado seu rosto: Estou imaginando você? Eu estava pensando em você e agora você está aqui.

Fadas não podiam mentir, mas Mark podia, e ainda assim era a sua dolorosa honestidade que pegou no coração de Cristina. — Claro que vou — disse ela.

Ele sorriu e iluminou seu rosto. Ele atravessou o estacionamento, Cristina ao lado dele, seguindo um rastro quase invisível entre arbustos emaranhados e pedras envoltas em samambaias. — Eu costumava andar aqui o tempo todo quando eu era mais jovem—, disse ele. — Antes da Guerra Maligna. Eu costumava vir aqui para pensar nos meus problemas. Refletir sobre eles, ou qualquer coisa que você quiser chamar.

— Que problemas? — Ela brincou. — Românticos?

Ele riu. — Eu realmente nunca namorei ninguém naquela época — disse ele. — Vanessa Ashdown por cerca de uma semana, mas apenas - bem, ela não era muito legal. Então eu tive uma queda por um garoto que estava no Conclave, mas a família dele se mudou de volta para Idris depois da Guerra Mortal, e agora eu não me lembro do nome dele.

— Oh querido — disse ela. — Você olha para os meninos em Idris agora e acha que 'pode ser ele'?

— Ele teria vinte anos agora — disse Mark. — Pelo que sei, ele é casado e tem uma dúzia de filhos.

— Aos vinte anos? — Perguntou Cristina. — Ele teria que ter trigêmeos todos os anos durante quatro anos!

— Ou dois conjuntos de sêxtuplos — disse Mark. — Poderia acontecer.

Ambos estavam rindo agora, suavemente, no meio de pessoas que estavam apenas contentes de estarem juntas. Senti sua falta, dissera ele, e por um momento Cristina se esqueceu dos últimos dias e ficou feliz de estar com Mark naquela bela noite. Ela sempre amou as linhas de desertos: os emaranhados reluzentes de artemísia e espinhos, as enormes sombras das montanhas ao longe, o cheiro de pinheiro-alvar e incenso de cedro, a areia dourada tornada prateada ao luar. Quando chegaram ao topo plano de uma colina íngreme, o chão desceu abaixo deles e ela pôde ver o oceano a distância, seu brilho tocado pelo vento alcançando o horizonte em um sonho de prata e preto.

— Este é um dos meus lugares favoritos. — Mark afundou na areia, inclinando-se para trás em suas mãos. — O Instituto e a rodovia estão escondidos e o mundo todo vai embora. É só você e o deserto.

Ela sentou-se ao lado dele. A areia ainda estava quente da luz do sol que absorvera durante o dia. Ela cavou os dedos, feliz por ter usado sandálias. — É aqui que você costumava pensar?

Ele não respondeu. Ele parecia ter ficado absorto em olhar para as próprias mãos; Eles estavam com cicatrizes leves por toda parte, calejados como os de algum Caçador de Sombras, sua runa de Clarividência estava a toda na mão direita.

— Está tudo bem,— disse ela. — Não há problema em você não conseguir ficar de pé no ferro ou em espaços internos ou em salas fechadas, nem na vista do oceano nem em nada. Sua irmã acabou de morrer. Não há nada que você possa sentir que esteja errado.

Seu peito engatou com uma respiração irregular. — E se eu te contasse - se lhe dissesse que estou de luto por minha irmã, mas desde que, há cinco anos, decidi que ela estava morta, que toda a minha família estava morta, que eu já fiquei de luto de alguma forma? Que minha dor é diferente da tristeza do resto da minha família e, portanto, não posso falar com eles sobre isso? Eu a perdi e então eu a ganhei e a perdi novamente. É mais como se a experiência de a ter fosse um breve sonho.

— Pode ser que seja mais fácil pensar dessa maneira — disse ela. — Quando perdi Jaime - embora não seja o mesmo,- mas quando ele desapareceu e nossa amizade terminou, eu sofri por ele apesar da minha raiva, e então comecei a me perguntar às vezes se talvez o tivesse sonhado. Ninguém mais falou dele, e eu pensei que talvez ele nunca tivesse existido. —Ela levantou os joelhos, colocando os braços ao redor deles. — E então

eu vim para cá e ninguém o conhecia, e foi ainda mais como se ele nunca tivesse existido.

Mark estava olhando para ela agora. Ele era prateado e branco ao luar e tão bonito para ela que seu coração se partiu um pouco. — Ele era seu melhor amigo.

— Ele ia ser meu *parabatai*.

— Então você não apenas perdeu ele — disse Mark. — Você perdeu a Cristina. Aquela com um *parabatai*.

— E você perdeu aquele Mark — disse ela. — Aquele que era irmão de Livia.

Seu sorriso era irônico. — Você é sábia, Cristina.

Ela ficou tensa contra os sentimentos que se elevaram nela ao ver o sorriso dele. — Não. Eu sou muito tola.

Seu olhar se aguçou. — E Diego. Você também o perdeu.

— Sim — ela disse. — E eu o amava - ele foi meu primeiro amor.

— Mas você não o ama agora? — Seus olhos tinham escurecido; azul e dourado para um preto mais profundo.

— Você não deveria ter que perguntar — ela sussurrou.

Ele estendeu a mão para ela; o cabelo dela estava solto e solto, e ele pegou uma mecha e enrolou-a em volta do dedo, seu toque incrivelmente gentil. — Eu precisava saber — disse ele. — Eu precisava saber se eu poderia beijar você e tudo ficaria bem.

Ela não podia falar; ela assentiu, e ele enfiou as mãos no cabelo dela, levantou um punhado de mechas no rosto e beijou-as. — Senhora das Rosas — ele sussurrou. — Seu cabelo, como rosas negras. Eu tenho desejado você.

Me queira então. Me beija. Tudo. Tudo, Mark. Seus pensamentos se dissolveram quando ele se inclinou para ela; quando ela murmurou contra sua boca, foi em espanhol. — *Bésame*, Mark.

Eles afundaram na areia, entrelaçados, as mãos correndo pelo cabelo dela. Sua boca estava quente na dela e depois quente, e a gentileza se foi, substituída por uma intensidade feroz. Foi maravilhosamente como cair; ele a puxou para baixo dele, a areia embalando seu corpo, e suas mãos correram sobre ele, tocando todos os lugares que ela desejava tocar: o cabelo dele, o arco das costas, as asas das omoplatas.

Ele já estava muito mais presente do que quando chegou ao Instituto, quando parecia que um vento forte poderia afastá-lo. Ele ganhou peso,

aumentou o músculo, e ela apreciou a solidez dele, os músculos longos e elegantes que se curvavam ao longo de sua espinha, a largura e o calor de seus ombros. Ela passou as mãos por baixo da camisa dele, onde a pele dele estava lisa e ardendo, e ele engasgou em sua boca.

— Te adoro — ele sussurrou, e ela riu.

— Onde você aprendeu isso?

— Eu procurei — disse ele, segurando a parte de trás do pescoço dela, escovando beijos ao longo de sua bochecha, sua mandíbula. — É verdade. Eu te adoro, Cristina Mendoza Rosales, filha de montanhas e das rosas.

— Eu também te adoro — ela sussurrou. — Mesmo que seu sotaque seja terrível, eu adoro você, Mark Blackthorn, filho dos espinhos. Ela passou a mão pelo rosto dele e sorriu. — Embora você não seja tão espinhoso.

— Você prefere que eu tenha uma barba? — Mark brincou, esfregando sua bochecha contra a dela, e ela riu e sussurrou para ele que sua camisa estava abotoada errada.

— Eu posso consertar isso — disse ele, e puxou; ela ouviu alguns dos botões estourar e esperou que não fosse uma camiseta favorita. Ela ficou maravilhada com a linda pele nua dele, salpicada de cicatrizes. Seus olhos se aprofundaram em cor; Eles eram negros como as profundezas do oceano agora, tanto o azul quanto o dourado.

— Eu amo o jeito que você olha para mim — disse ele.

Ambos pararam de rir; Ela correu as palmas das mãos até o peito nu, o estômago, até o cinto do jeans, e ele meio que fechou os olhos. Suas próprias mãos foram para os botões que desciam pela frente do vestido dela. Ela continuou a tocá-lo enquanto ele os desabotoava, do pescoço até a bainha, até que o vestido caiu e ela estava deitada sobre ele apenas de sutiã e calcinha.

Ela teria esperado sentir-se autoconsciente. Ela sempre esteve com Diego. Mas Mark estava olhando para ela como se estivesse atordoado, como se tivesse desembrulhado um presente e achasse que era a única coisa que ele sempre quis.

— Posso tocar em você? — Ele disse, e quando ela disse sim, ele exalou um suspiro trêmulo. Ele abaixou-se lentamente sobre ela, beijando sua boca, e ela envolveu suas pernas ao redor de seus quadris, o ar do deserto em sua pele nua como seda.

Ele seguiu um caminho de beijos pela garganta dela; Beijou-a onde o vento lhe tocava a pele, a barriga e os seios, os picos dos quadris. No

momento em que ele deslizou de volta até seu corpo até a boca, ela estava tremendo. Eu quero tocá-lo, tenho que, ela pensou vagamente; Ela deslizou a mão por seu corpo e sob o cós da calça jeans. Ele respirou fundo, murmurando entre beijos para ela não parar. Seu corpo manteve o tempo com o movimento de sua mão, seus quadris pressionando mais e mais contra ela. Até que ele se afastou, sentando-se, sua respiração entrando em suspiros duros.

— Nós temos que parar - ou vai acabar agora — disse ele, soando mais humano e menos fada do que ela se lembrava dele já soando antes.

— Você me disse para não parar — ela apontou, sorrindo para ele.

— Eu disse? — Ele disse, parecendo surpreso. — Eu quero que seja bom para você também, Cristina — disse ele. — Eu não sei o que você e Diego…

— Nós não…— ela interrompeu. — Eu sou virgem.

— Você é? — Ele parecia absolutamente chocado.

— Eu não estava pronta — disse ela. — Agora, estou pronta.

— Eu apenas pensei - você estava namorando há muito tempo -

— Nem todas as relações são sobre sexo. — disse ela, e então se perguntou se fazer essa declaração enquanto estavam deitados seminus em uma colina a tornava um pouco menos convincente. — As pessoas só devem fazer sexo se quiserem, e eu quero, com você.

— E eu quero com você — disse ele, seus olhos suavizando. — Mas você tem a runa?

A runa.

A runa do controle de natalidade. Cristina nunca havia colocado aquilo; ela nunca pensou que estava tão perto de precisar disso. — Oh, não — disse ela. — Minha estela está no Instituto.

— A minha também — disse ele. Cristina quase deu uma risadinha com o olhar desapontado no rosto dele, embora sentisse o mesmo. — Ainda assim — disse ele, iluminando. — Há muito mais que posso fazer para você se sentir bem. Permita-me?

Cristina se acomodou na areia, sentindo que poderia morrer de corar. — Tudo bem.

Ele voltou para os braços dela, e eles se abraçaram e beijaram a noite toda, e ele a tocou e mostrou a ela que ele realmente sabia como fazê-la se sentir bem - tão bem que ela balançou em seus braços e abafou seus gritos contra seu ombro. E ela fez o mesmo por ele, e desta vez ele não pediu para

ela parar, mas arqueou as costas e gritou o nome dela, sussurrando depois que ele a adorava, que ela o fazia se sentir completo.

Eles decidiram voltar ao Instituto quando o amanhecer começou a virar o céu de cor rosada, e os dedos de luz iluminaram sua mesa no topo da colina. Voltaram pelo caminho de mãos dadas e só soltaram os dedos quando chegaram à porta dos fundos do Instituto. A porta ficou presa quando Mark a empurrou, e ele pegou sua estela para rabiscar uma rápida runa de abertura na madeira.

Ele abriu, e ele segurou para Cristina, que passou por ele na entrada. Ela se sentia incrivelmente desgrenhada, com a areia presa a metade do corpo e o cabelo uma bagunça emaranhada. Mark não parecia muito melhor, especialmente considerando que a maioria dos botões tinha sido arrancada de sua camisa.

Ele sorriu para ela, um sorriso doce e derretendo o coração. — Amanhã à noite…

— Você está com sua estela. — disse Cristina.

Ele piscou. — O que?

— Você está com sua estela. Você me disse que não, quando eu precisava fazer a runa do controle de natalidade. Mas você acabou de usá-la para abrir a porta.

Ele olhou para longe dela, e qualquer esperança que Cristina tinha de simplesmente ter esquecido ou estar errada desapareceu. — Cristina, eu…

— Eu simplesmente não sei porque você mentiu para mim — disse ela.

Ela se afastou dele e subiu as escadas que levavam ao seu quarto. Seu corpo estava zumbindo de felicidade; agora ela se sentia atordoada, pegajosa e precisando de um banho. Ela ouviu Mark chamar seu nome atrás dela, mas ela não se virou.

*

Diego dormia e sonhava inquieto com poças de água azul nas quais uma mulher morta flutuava. Então ele só ficou um pouco chateado ao ser acordado pelo impacto de uma bota voadora.

Ele se sentou, alcançando automaticamente o machado ao lado de sua cama. A próxima coisa que o atingiu foi uma bola de meias, que não doeu, mas foi irritante. — O que? — Ele falou. — O que está acontecendo?

— Acorde — disse Divya. — Pelo Anjo, você ronca como um motor de caminhão.— Ela gesticulou para ele. — Coloque suas roupas.

— Por quê? — Disse Diego, no que ele sentia ser uma maneira muito razoável.

— Eles levaram Kieran — disse Divya.

— Quem levou Kieran? — Diego estava de pé, pegando um suéter e enfiando os pés em meias e botas.

— A Tropa — disse Divya. Ela própria parecia como se tivesse acabado de acordar; o cabelo grosso e escuro estava emaranhado, e ela usava uma jaqueta de engrenagem desabotoada sobre o uniforme. — Eles invadiram meu quarto e o agarraram. Nós tentamos combatê-los, mas haviam muitos.

O coração de Diego disparou: Kieran estava sob sua proteção. Se ele foi machucado, Diego teria falhado, não apenas por Cristina, mas ele próprio. Ele agarrou seu machado.

— Diego, pare — disse Divya. — Você não pode machadar Manuel até a morte. Ele ainda é um

estudante.

— Bem. Eu vou pegar uma lâmina mais curta. — Diego empurrou o machado contra a parede com um estrondo e pegou uma adaga. — Para onde eles levaram Kieran?

— O Lugar da Reflexão, ou pelo menos é o que eles disseram — disse Divya. — Rayan está procurando por eles. Vamos.

Diego sacudiu as últimas teias de aranha de sono da cabeça e fugiu atrás de Divya. Eles correram pelos corredores, chamando por Rayan.

— O Lugar da Reflexão — disse Diego. — Isso não parece tão ruim. Isso é um lugar para meditação quieta ou …?

— Não. Você não entende. É chamado de Local da Reflexão porque há um espelho d'água, mas não é um espelho d'água regular. Algumas pessoas chamam de Lugar Oco.

Oh. Diego conhecia o Lugar Oco, uma sala secreta onde uma piscina estava cheia de água encantada. Olhar dentro da água era contemplar sua própria alma: ver todo o mal que você já havia cometido, intencionalmente ou não.

— É horrível para qualquer um — disse Divya. — E para alguém na Caçada Selvagem, poderia matá-lo.

— O quê? — Eles viraram uma esquina e encontraram um raio de luz. Era Rayan, parado no meio de um longo corredor, com uma expressão

sombria. Ele tinha uma espada enorme presa às costas.

— Eles acabaram de entrar no Lugar Oco — disse ele. — Eu não pude segui-los - eu não estou com a minha estela. Algum de vocês está?

— Eu estou — disse Diego, e eles correram por um corredor curto e inclinado para um conjunto de portas fechadas. Risadas altas saíam de dentro do quarto.

Diego rabiscou uma rápida runa de abertura na porta. Ela se abriu com uma nuvem de ferrugem e eles entraram.

O Lugar Oco era um espaço amplo com piso de granito, livre de qualquer mobília. As paredes eram de rocha áspera, brilhando com mica. No centro da sala havia uma piscina forrada de azulejos com água tão clara e limpa que refletia como um espelho. Letras de metal douradas decoravam o chão:

E Deus dividiu o lugar oco e a água saiu dele.

— Bem, Graças ao Anjo — retrucou Manuel, que estava encostado a uma parede distante em uma pose de total desinteresse. — Veja quem está aqui para nos salvar.

Zara deu uma risadinha. Ela estava cercada por um grupo de outros membros da Tropa - entre eles, Diego reconheceu vários estudantes da Scholomance e seus familiares. Mallory Bridgestock e Milo Coldridge. Anush Joshi, primo de Divya. Vários Centurions estavam lá também: Timothy Rockford, Samantha Larkspear e Jessica Beausejours estavam de pé, sorrindo enquanto Anush arrastava Kieran em direção à piscina no centro da sala. Kieran estava empurrando e torcendo em seu aperto; havia sangue em seu rosto, em sua camisa.

— É uma punição justa para o principezinho, não acha? — Disse Zara. — Se você olhar ou nadar na água da piscina, sentirá a dor que causou aos outros. Então, se ele é inocente, deve ser bom para ele.

— Ninguém é tão inocente assim — disse Rayan. — A piscina deve ser usada com parcimônia, para permitir que os alunos busquem a verdade dentro de si mesmos. Não como um dispositivo de tortura.

— Que pensamento interessante, Rayan. — disse Manuel. — Obrigado por compartilhar. Mas eu não vejo Gladstone correndo aqui para nos parar, não é? É possível que você não quisesse ter problemas por abrigar um fugitivo fada?

— Acho interessante que você saiba muito sobre Kieran — disse Divya. — É possível que você soubesse que ele estava aqui e não queria denunciá-lo para que você pudesse torturá-lo e matá-lo você mesmo?

Ela estava certa, pensou Diego, mas nada disso estava ajudando Kieran, que estava sufocando e engasgando com o próprio sangue.

Eu jurei que iria protegê-lo. Diego procurou por seu machado, apenas para perceber que não estava lá. Ele viu os olhos de Zara se estreitarem e se virou; Divya tirou a espada de Rayan da bainha e apontou para a Tropa.

— Chega — ela disse. — Parem com isso, todos vocês. E eu estou especialmente envergonhada de você, Anush. — ela adicionou, atirando em seu primo um olhar sombrio. — Você sabe o que é ser tratado injustamente. Quando sua mãe descobrir…

Anush deixou Kieran ir com um empurrão. Ele aterrissou na beira da piscina com um grunhido de agonia. Afaste-se da água, pensou Diego, mas Kieran estava claramente ferido; Ele se ajoelhou no lugar, ofuscado e ofegante.

— Estamos nos divertindo um pouco — protestou Anush.

— O que você vai fazer, Divya, nos atacar? — Disse Samantha. — Só por se divertir um pouco?

— Ele está sangrando—, disse Diego. —Isso é mais do que apenas— um pouco de diversão. — E o que acontece se você matá-lo? Você realmente quer lidar com as conseqüências? Ele é o filho do Rei Unseelie.

Houve um estrondo de descontentamento entre a Tropa. Claramente eles nunca pensaram sobre isso.

— Tudo bem, tudo bem — disse Zara. — Seja um estraga-prazeres. Mas eu sabia que ele estava aqui, escondido no seu quarto. — disse ela a Diego. — Eu vi uma noz vazia no seu chão. Então isso é culpa sua. Se você não tivesse trazido ele aqui, nada disso teria acontecido.

— Dá um tempo, Zara — disse Divya, ainda segurando a espada na horizontal. —Diego, vá buscar Kieran.

Diego começou a atravessar a sala, e Manuel falou. — Por que você não olha para a água, Rocio Rosales? — Ele disse. — Se você acha que sua alma é tão limpa. Deve ser indolor para você.

— *Cállate la pinche boca* — disparou Diego, quase ao lado de Kieran; o príncipe das fadas estava tossindo, sangue nos lábios. Ele começou a se levantar quando Manuel se moveu com a velocidade de uma cobra: Plantando uma bota nas costas de Kieran, ele o chutou na água.

Diego se lançou para frente, pegando a parte de trás da camisa de Kieran, mas não antes de Kieran ter ficado cara a cara com a água da piscina. Diego

puxou-o para fora, tossindo e ofegando, e tentou colocá-lo de pé; Kieran cambaleou e Rayan o pegou.

— Saia daqui — disse Samantha, caminhando na direção deles. — Quando o inquisidor ouvir sobre isso…

— Samantha!— Jessica chamou em alarme, mas já era tarde demais; Samantha havia escorregado na água na beira da piscina e caiu com um grito.

— Pelo Anjo. — Divya abaixou a espada, olhando. — Ela…

Samantha emergiu, gritando. Foi um grito terrível, como se ela estivesse morrendo, ou assistindo alguém que amava morrer. Foi um grito de horror e repulsa e miséria.

Os membros da Tropa ficaram atônitos; apenas alguns se moveram em direção a Samantha. Mãos entraram na água, agarraram seus braços e a puxaram para fora.

As mãos de Kieran. Ainda tossindo sangue, ele depositou Samantha ao lado da piscina. Ela rolou, vomitando e engasgando água, enquanto Zara se empurrava entre Samantha e o príncipe das fadas. — Afaste-se dela — ela rosnou para Kieran.

Ele se virou e mancou em direção a Diego. Diego pegou Kieran e ele quase desmoronou. A Tropa estava ocupada com Samantha; não havia tempo a perder. Enquanto Diego se apressava para sair do quarto, meio que apoiando Kieran entre ele e Rayan, Divya seguia com sua espada, ele estava quase certo de que podia ouvir Manuel rindo.

*

— Ok — disse Julian. — Vamos ver o que temos.

Eles estavam no que Emma só poderia descrever como uma clareira. Clareiras eram o tipo de coisa que ela não tinha muita experiência - não havia muitas em Los Angeles - mas esta era definitivamente uma: aberta e gramada, cercada por árvores, cheia de luz do sol e o zumbido baixo do que poderia foram insetos ou pequenos duendes.

Você nunca poderia dizer em Reino das Fadas.

Ela ainda estava tonta da viagem através do portão das fadas, enterrado na Florestas Brocelind. Como Horace sabia sobre isso, ela não conseguia adivinhar. Talvez fosse informação dada a todos os altos funcionários da

Clave. Ele estava impaciente, quase empurrando-os sem cerimônia, mas não muito impaciente para dar a Emma o medalhão, e ambos, mochilas pretas cheias de armas, equipamentos e comida.

A última coisa que ele disse foi: —Lembre-se, você está indo em direção à Corte Unseelie. Siga o mapa.

Um mapa não funcionaria em Reino das Fadas, Emma pensou, mas Horace a empurrou em direção ao portão de galhos retorcidos, e um momento depois ela estava batendo de joelhos na grama verde e o cheiro de fada estava no nariz e na boca.

Ela estendeu a mão e tocou o medalhão. Não tinha um anjo, como o da Cristina; na verdade, parecia que uma vez levou um brasão de uma família dos Caçadores de Sombras que havia sido arrancado. Do contrário, parecia muito com o colar dos Rosales. Isso fez um peso reconfortante na base de sua garganta.

— A Clave nos embalou sanduíches — disse Julian, olhando em sua mochila. — Eu acho que por hoje, porque eles não vão continuar. Há queijo, pão, carne seca e frutas. Algumas garrafas de água.

Emma se aproximou dele para ver o que ele estava desembalando e espalhando na grama. Ele tirou dois cobertores cinzentos, uma variedade de armas - eles também carregavam armas nos cintos - e roupas dobradas. Quando Julian os sacudiu para fora, eles se revelaram linho liso em tons de terra, presos com laços e laços, sem zíperes ou botões.

— Roupas do Reino das Fadas — disse Emma.

— É uma boa ideia — disse Julian. Ambas as roupas consistiam em uma camisola comprida, calça amarrada na frente e coletes feitos de couro duro. — Nós devemos nos trocar. Quanto mais tempo ficarmos no vestimento dos Caçadores de Sombras, mais seremos um alvo.

Emma pegou o conjunto menor de roupas e foi atrás de um bosque de árvores para trocar de roupa. Ela gostaria de ter pedido a Julian para ir com ela, especialmente quando ela estava pulando em um pé, puxando as calças com uma mão enquanto segurava o cinto de armas com a outra. Ela raramente se sentia mais vulnerável ao ataque, mas mesmo que Julian a tivesse visto sem roupas, parecia estranho agora. Ela não tinha certeza de como esse novo Julian, o sem sentimentos, iria reagir, e não tinha certeza se queria saber.

Pelo menos, as roupas das fadas eram confortáveis, macias e soltas. Quando ela emergiu das árvores, ela ficou piscando na luz do sol por um

momento, procurando por Julian.

Ela o viu quando ele se virou; ele estava segurando o que parecia um pedaço de pergaminho velho, franzindo a testa. Ele havia colocado as calças das fadas, mas estava nu da cintura para cima.

Seu estômago se apertou. Emma tinha visto Julian sem camisa na praia muitas vezes, mas de alguma forma isso era diferente. Talvez porque agora ela soubesse como era passar as mãos sobre os ombros dele, ouro pálido à luz do sol. Ele estava todo musculado, os sulcos em seu abdômen nitidamente definidos. Ela havia beijado sua pele enquanto ele passava as mãos pelos cabelos, dizendo Emma, Emma, na voz mais gentil. Agora ela estava olhando como uma espectadora curiosa.

Mas ela não conseguia parar. Havia algo sobre isso - ilícito, estressante - como se Julian fosse um estranho perigoso. Seu olhar deslizou sobre ele: seu cabelo, macio, escuro e grosso, ondulando onde tocava sua nuca; seus quadris e clavículas criavam elegantes arcos sob sua pele; suas runas descreviam espirais e espirais em seu peito e bíceps. Sua runa *parabatai* parecia brilhar sob o sol. Ao redor de seu pulso estava o mesmo pano de tecido marrom avermelhado.

Ele olhou para aquele momento e a viu. Ele abaixou o pergaminho que estava segurando, inclinando-o para cobrir a coisa em seu pulso. — Venha aqui. — ele chamou. — E olhe para o mapa. — E se virou, pegando sua camisa. No momento em que ela chegou perto dele, ele puxou e o pano estava coberto.

Ele entregou o mapa e ela esqueceu todo o resto. Ela olhou para ele quando ele se ajoelhou, desembalando a comida de uma das mochilas.

O pergaminho mostrava um esboço de Reino das Fadas - as Montanhas Thorn, vários lagos e riachos e as Cortes Seelie e Unseelie. Ele também mostrou um ponto vermelho brilhante que parecia tremer um pouco, como se não fizesse parte da página.

— Esse ponto nos representa — disse Julian, guardando sanduíches. — Eu entendi o mapa - mostra onde estamos em relação às Cortes. Nenhum mapa real funcionaria aqui. A paisagem de Reino das Fadas sempre muda, e a Corte Unseelie se movimenta. Mas desde que isto mostra onde nós estamos e onde a Corte Unseelie está, contanto que nós continuemos caminhando em sua direção, nós ficaremos bem.

Emma sentou-se na grama em frente a ele e pegou um sanduíche. Eles eram de queijo, alface e tomate - não o favorito dela, mas ela não se

importava, já que ela estava com fome o suficiente para comer praticamente qualquer coisa.

— E quanto a Jace e Clary? Nós dissemos a Simon e Isabelle que nós iríamos procurá-los.

— Temos apenas quatro dias — disse Julian. — Nós temos que encontrar o Volume Negro primeiro, ou Horace irá destruir nossas vidas.

E a vida das crianças. E a de Helen e Aline. E até mesmo da Cristina, porque ela sabia do nosso segredo e não contou. Emma sabia que era tudo verdade, e Julian estava sendo prático. Ainda assim, ela desejou que ele parecesse mais arrependido que eles não pudessem procurar por seus amigos ainda.

— Mas podemos procurá-los se encontrarmos o livro? — Disse Emma.

— Se ainda tivermos tempo no relógio de Horace — disse Julian. —Eu não vejo porque não.

— Quatro dias não é muito tempo — disse Emma. — Você acha que esse plano poderia funcionar? Ou Horace está apenas tentando nos matar?

— Seria uma maneira bem elaborada para nos matar — disse Julian. Ele deu uma mordida no sanduíche e olhou meditativamente para a distância. — Ele quer o Volume Negro. Você ouviu ele. Eu não acho que ele se importe como consiga, e nós provavelmente teremos que prestar atenção em nossos movimentos. Mas desde que tenhamos isso em nossas mãos… — Ele apontou para o mapa. — Veja. A Encruzilhada de Bram.

O fato de que seu ponto de extração realmente existia fez Emma se sentir um pouco melhor.

— Eu gostaria de saber o que ele fará com o Volume Negro. — resmungou Emma.

— Provavelmente nada. Ele quer que as fadas não o possuam. Seria um golpe político para ele. O Cônsul não conseguiu, agora ele consegue, ele o segura na próxima reunião do Conselho e elogia a si mesmo.

— Ele provavelmente dirá que Zara encontrou — Emma disse - e então parou, olhando para Julian. — Você está comendo alface — disse ela.

— Sim? — Ele estava inclinado sobre o mapa, seus dedos mantendo-o plano.

— Você odeia alface.— Ela pensou em todas as vezes que ele comeu alface na frente das crianças para ser um bom exemplo e depois reclamou para ela mais tarde que tinha gosto de papel crocante. — Você sempre odiou.

— Eu odeio? — Ele parecia intrigado. Ele levantou-se, começando a juntar suas coisas. — Nós devemos sair. Desta vez viajamos de dia. Muitas coisas estranhas no Reino das Fadas à noite.

É só alface, Emma disse para si mesma. Não é tão importante. Ainda assim, ela se viu mordendo o lábio enquanto se inclinava para pegar sua mochila. Julian estava amarrando o arco nas costas; sua mochila atravessou o outro ombro.

Da mata veio um ruído estridente, o tipo que um ramo quebrando poderia fazer. Emma se virou, a mão no quadril, sentindo o cabo de uma faca. — Você ouviu isso? — Julian apertou a alça da sua besta. Ficaram ali por longos momentos, em guarda, mas não houve nenhum segundo som e nada apareceu. Emma desejou ferozmente por uma runa de visão ou audição. — Pode ter sido nada — disse Julian, finalmente, e, embora Emma soubesse que ele não estava realmente tentando consolá-la, apenas tentando levá-los para a estrada, ainda parecia algo que o Julian que ela conhecia diria.

Em silêncio, eles se afastaram da clareira, que momentos antes brilhava com a luz do sol e agora parecia sinistra e cheia de sombras.

8
Castelos Há Muito Esquecidos

DIANA SE APRESSOU em direção à casa do canal na rua Princewater, o vento fresco da manhã levantando seu cabelo. Ela se sentiu atingida por adrenalina tensa com a perspectiva de contar sua história para Emma e Jules. Ela manteve guardada por tantos anos, dizer para Gwyn tinha sido como abrir as costelas e mostrar seu coração.

Ela esperava que a segunda vez fosse mais fácil. Emma e Julian a amavam ela disse a si mesma. Eles iriam…

Ela parou, os saltos de suas botas batendo nos paralelepípedos. A casa do canal azul alegremente pintada de rosa na frente dela, mas era cercada por um anel de guardas do Conselho. Não apenas guardas do Conselho, na verdade alguns deles eram jovens Centuriões. Cada um estava armado com um oak bo staff*.

*Bo Staff é uma arma japonesa que é basicamente um pedaço de pau de comprimento, variando entre 180 cm e 210 cm.

Ela olhou ao redor, alguns Caçadores de Sombras se apressaram, nenhum deles olhando para a casa. Ela se perguntou quantos deles sabiam que Jules e Emma ainda estava em Alicante — Mas o Inquisidor planejava fazer um exemplo do testemunho deles. Eles teriam que saber eventualmente.

No topo da escada estava Amelia Overbeck, que estava rindo com Zara no funeral. Aborrecimento acelerou o passo de Diana e ela passou o primeiro anel de guardas e subiu os degraus. Amelia, que estava encostada na porta conversando com uma garota com longos cabelos vermelho-alaranjado, virou-se para Diana com um sorriso frágil. — Senhorita Wrayburn, — Ela disse. — Existe algo que você queira?

— Eu gostaria de ver Julian Blackthorn e Emma Carstairs, — Disse Diana, mantendo sua voz tão neutra quanto possível.

— Deus, — Disse Amelia, claramente se divertindo. — Eu acho que não.

— Amelia, eu tenho todo o direito, - Disse Diana. — Deixe-me entrar.

Amelia olhou para o ruivo. — Esta é Diana Wrayburn, Vanessa — Disse ela. — Ela acha que é muito importante — Vanessa Ashdown? — Diana olhou mais de perto: a prima de Cameron tinha saído para a Academia como uma adolescente magra, e estava quase irreconhecível agora. — Eu conheço seu primo Cameron.

Vanessa revirou os olhos. — Ele é chato. Cachorro chicoteado de Emma. E não, não pense que você pode entrar nessa casa sendo legal comigo. Eu não gosto dos Blackthorns ou qualquer dos amigos deles.

— Ótima notícia, já que supostamente você deveria protegê-los — Disse Diana. — Sua adrenalina estava se enraivecendo. — Olha, eu vou abrir essa porta. E se você quer tentar me impedir…

— Diana!

Diana se virou, empurrando o cabelo para fora do rosto: Jia estava do lado de fora do anel de guardas, a mão erguida como se estivesse cumprimentando.

— A Cônsul. — Os olhos de Vanessa saltaram para fora. — Oh mer…

— Cale a boca, Vanessa, — Sussurrou Amelia. Ela não parecia preocupada ou com medo de Jia, apenas irritada.

Diana desceu os degraus e foi para o lado de Jia. Jia usava uma blusa de seda e calça, o cabelo preso com um clipe de jóias. Sua boca era uma linha de raiva. — Não se incomode, — Disse ela em voz baixa, colocando a mão no cotovelo de Diana e a guiando para longe da multidão gritante guardas. — Eu os ouvi dizer que Emma e Julian estavam com o Inquisidor.

— Bem, por que elas não me disseram isso? — Diana retrucou, exasperada. Ela olhou por cima do ombro para Vanessa Ashdown, que estava rindo. — Vanessa Ashdown. Minha mãe costumava dizer que algumas pessoas tinham mais cabelo do que bom senso.

— Ela parece provar a teoria, — Disse Jia secamente. Ela tinha parado a alguma distância da casa, onde um pequeno banco de pedra se inclinava para o canal, tinha uma camada espessa de musgo, verde brilhante sob a água prateada que derramava ao seu lado. — Olha, Diana, eu preciso falar com você. Onde podemos ir e não ser escutadas?

Diana olhou para Jia de perto. Era sua imaginação, ou quando a Cônsul olhou para os Centuriões que cercavam a pequena casa do canal, ela parecia — receosa?

— Não se preocupe, — Disse Diana. — Eu sei exatamente o que fazer.

***

Ela estava subindo uma escada em espiral que parecia alcançar as estrelas. Cristina não lembrava como havia encontrado a escada, nem se lembrava do seu destino. A escada subiu das trevas e subia para as nuvens; ela manteve o material de suas longas saias agarrado em suas mãos para não tropeçar. Seu cabelo parecia denso e pesado, e o aroma de rosas brancas engrossava o ar.

As escadas terminaram abruptamente e ela saiu maravilhada para um telhado familiar: Ela estava empoleirada no topo do Instituto na Cidade do México, ela podia ver a cidade: El Ángel, brilhando ouro no topo do Monumento à Independência, o Parque Chapultepec, o Palácio de Bellas Artes iluminado e brilhante, as torres em forma de sino do Guadalupe Basílica, as montanhas subindo atrás de tudo, cobrindo a cidade como se estivesse em uma palma aberta.

Uma figura sombria estava na beira do telhado: esbelta e masculina, mãos enroladas nas costas. Ela sabia antes que ele se virasse que era Mark: ninguém mais tinha cabelos assim, como ouro martelado a prata arejada. Ele usava uma longa túnica com cinto, um punhal empurrado através da correia de couro e calças de linho. Seus pés estavam descalços quando ele veio em direção a ela e a tomou em seus braços.

Seus olhos estavam sombreados, cobertos de desejo, seus movimentos tão lentos quanto se ambos estivessem debaixo d'água. Ele a puxou para ele, passando os dedos pelo cabelo dela, e ela percebeu por que ele se sentia tão pesada: O tecido era feito completamente de videiras em que cresciam rosas vermelhas. Elas caíram ao redor de Mark enquanto ele a embalava com seu outro braço, a mão livre correndo dos cabelos até os lábios, as clavículas, dedos mergulhando abaixo do decote de seu vestido. Suas mãos estavam quentes, a noite fria e seus lábios nos dela estavam ainda mais quentes. Ela balançou para ele, suas mãos encontrando suas caminho para a parte de trás do pescoço, onde os pêlos finos eram mais macios, desviando-se para tocar suas cicatrizes…

Ele recuou. — Cristina, - ele murmurou. — Se vire.

Ela se virou em seus braços e viu Kieran. Ele estava em veludo, onde Mark estava na somente em linho, e havia anéis de ouro pesados em seus dedos, seus olhos brilhando com preto aros de kohl*. Ele era um pedaço arrancado do céu noturno: prata e preto. Um dos braços de Mark passou por Cristina. O outro alcançou Kieran. E Cristina estendeu a mão para ele também, suas mãos encontrando a suavidade de seu gibão, puxando-o em

direção a ela e a Mark, envolvendo-os no veludo escuro dele. Ele beijou Mark, e então se inclinou para ela, os braços de Mark ao redor dela enquanto os lábios de Kieran encontravam os dela…

— Cristina. — A voz perfurou o sono de Cristina, e ela sentou-se instantaneamente, segurando os cobertores contra o peito, com os olhos arregalados de choque. — Cristina Mendoza Rosales?

Era a voz de uma mulher. Sem fôlego, Cristina olhou em volta enquanto seu quarto entrava em foco: a mobília do Instituto, a luz do sol brilhante através da janela, um cobertor emprestado a ela por Emma dobrado ao pé da cama. Havia um mulher sentada no peitoril da janela. Ela tinha pele azul e cabelos da cor de papel branco. As pupilas dos olhos dela eram de um azul muito profundo.

— Eu recebi sua mensagem de fogo,— Ela disse enquanto Cristina olhava para ela, atordoada.

O que eu acabei de sonhar? Não agora, Cristina. Pense nisso depois.

— Catarina Loss? — Cristina queria falar com a feiticeira, ela reconhecia, mas não esperava que Catarina aparecesse em seu quarto, e certamente não em um momento tão estranho. — Como você chegou aqui…?

— Eu não cheguei. Eu sou uma projeção. — Catarina moveu a mão na frente da brilhante superfície da janela; a luz do sol passava por ela como se passasse por um vidro manchado.

Cristina puxou discretamente o cabelo dela. Sem rosas. Ay — Que horas são?

— Dez,— Disse Catarina. — Sinto muito - eu realmente achei que você estaria acordada. Aqui. —Ela fez um gesto com os dedos, e um copo de papel apareceu na cabeceira de Cristina.

— Café do Peet — Disse Catarina. — Meu favorito na Costa Oeste.

Cristina abraçou o copo contra o peito. Catarina era sua nova favorita pessoa.

— Eu realmente queria saber se eu ouviria de você. — Cristina tomou um gole de café. — Eu sei que foi uma pergunta estranha — Eu também não tinha certeza. — Catarina suspirou. — De certa forma, isso é negócio de feiticeiros, Caçadores de Sombras não usam Linhas Ley.

— Mas nós usamos feiticeiros. Vocês são nossos aliados, se estão ficando doentes, então nós devemos fazer alguma coisa. Catarina pareceu surpresa, depois sorriu. — Eu não estava — é bom ouvir você dizendo isso.

— Ela olhou para baixo. — Está ficando pior. Mais e mais feiticeiros estão sendo afetados.

— Como está Magnus Bane? — Disse Cristina. Ela não conhecia Magnus há muito tempo, mas gostava muito dele.

Ela ficou surpresa ao ver lágrimas nos olhos de Catarina. — Magnus é - bem, Alec cuida bem dele. Mas não, ele não está bem.

Cristina colocou o café para baixo.— Então, por favor, nos deixe ajudar. Como seria um sinal de contaminação nas Linhas Ley? O que devemos procurar?

— Bem, em um lugar onde as Linhas Ley foram comprometidas, teria aumento da atividade demoníaca — Afirmou Catarina.

— Isso é algo que podemos definitivamente verificar.

— Eu posso olhar isso sozinha. Vou enviar-lhe um mapa marcado via mensagem de fogo. — Catarina levantou-se e a luz do sol atravessou seu cabelo branco transparente. — Mas se você for investigar uma área com atividade demoníaca aumentada, não vá sozinha. Leve vários outros com você. Vocês Caçadores de Sombras podem ser tão descuidados.

— Não somos todos Jace Herondale — Disse Cristina, que geralmente era a menos uma pessoa descuidada que ela conhecia.

— Por favor. Eu ensinei na Academia dos Caçadores de Sombras. Eu… — Catarina começou a tossir, seus ombros tremendo. Seus olhos se arregalaram.

Cristina saiu da cama alarmada. — Você está bem…?

Mas Catarina havia desaparecido. Não havia nem um redemoinho de ar para mostrar onde sua projeção tinha estado.

Cristina vestiu suas roupas: jeans e uma camiseta velha de Emma. Cheirava como o perfume de Emma, uma mistura de limão e alecrim. Cristina desejou com todo o coração que Emma estivesse aqui, que elas pudessem conversar sobre a noite passada, que Emma pudesse dar seus conselhos e um ombro para chorar.

Mas ela não estava e não podia. Cristina tocou o colar dela, sussurrou uma oração rápida para o Anjo, e seguiu pelo corredor até o quarto de Mark.

Ele tinha ficado acordado até tão tarde quanto ela, então havia uma grande possibilidade de ele ainda estar dormindo. Ela bateu na porta, hesitante e depois mais forte; finalmente Mark abriu-a, bocejando e completamente nu.

— *Híjole*! — Cristina gritou, e puxou o colarinho da camiseta para cima do rosto. — Coloque suas calças!

— Desculpe — Ele falou, se escondendo atrás da porta. — Pelo menos você já viu tudo.

— Não em uma boa iluminação! — Cristina ainda podia ver Mark através da lacuna na porta; Ele estava vestindo um calção boxer e colocando uma camisa. Sua cabeça apareceu através do colarinho, seu cabelo loiro adoravelmente desarrumado.

Não, não adorável, ela disse a si mesma. Terrível. Irritante.

Nu.

Não, ela não ia pensar sobre isso também. Estou acordada? ela perguntou. Ela ainda se sentia vacilante com o sonho que tivera. Sonhos não significam alguma coisa, ela lembrou a si mesma. Provavelmente tem algo a ver com ansiedade, e não com Mark e Kieran.

Mark reapareceu na porta. — Eu sinto muito. Eu… Nós frequentemente dormíamos nus na Caçada, e eu esqueci…

Cristina puxou a blusa de volta para baixo. — Não vamos discutir isso.

— Você quer falar sobre a noite passada? — Ele parecia ansioso. — Eu posso explicar.

— Não. Eu não quero — disse ela com firmeza. — Eu preciso da sua ajuda, e eu - bem, eu não poderia perguntar alguém mais. Ty e os outros são jovens demais, e Aline e Helen sentiriam que tem que dizer a Jia.

Mark pareceu desapontado, mas se recuperou. — Isso é algo que a Clave não pode saber?

— Eu não sei. Eu só - neste momento, me pergunto se podemos dizer alguma coisa a eles.

— Você pode ao menos me dizer do que se trata? Demônios?

— Para variar, sim — disse Cristina, e explicou sobre as Linhas Ley, a doença dos feiticeiros, e sua conversa com Catarina. — Tudo o que faremos é ver se há algo incomum para relatar. Nós provavelmente nem iremos sair do carro.

Mark se animou. — Você estará dirigindo? Seremos apenas nós dois?

— Eu estarei — disse ela. — Esteja pronto às sete da noite. — Ela começou a se afastar, então parou e olhou por cima do ombro. Ela não pôde evitar. — Só me faça um favor esta noite. Use calças.

***

Quando Kit entrou na cozinha, Ty não estava lá.

Ele quase se virou e saiu, mas os outros já o tinham visto. Aline, de calça preta e blusa, estava no fogão, o cabelo amarrado no topo da cabeça, uma carranca de concentração em seu rosto. Dru, Mark, Cristina e Tavvy estava na mesa; Dru inquieta com Tavvy, mas Cristina e Mark cumprimentaram Kit com um aceno.

Ele sentou-se e foi imediatamente dominado pelo constrangimento. Ele tinha nunca passava muito tempo com qualquer um dos Blackthorns além de Ty e Livvy. Sem nenhum deles, ele sentiu como se tivesse entrado em uma festa cheia de pessoas que ele mal conhecia, com as quais se esperava que ele fizesse conversa fiada.

— Você dormiu bem? — Perguntou Cristina. Era difícil se sentir estranho em torno de Cristina - ela parecia irradiar gentileza. Kit conseguiu, no entanto. Johnny Rook tinha defraudado muitas pessoas extremamente gentis em sua vida e Kit duvidava que ele não tivesse a capacidade de fazer o mesmo.

Ele murmurou algo em resposta e se serviu um suco de laranja. Ele dormiu bem? Na verdade não. Ele passou metade da noite acordado se preocupando sobre ir ao Mercado das Sombras com Ty, e a outra metade sendo estranhamente animado em ir ao Mercado das Sombras com Ty.

— Onde está Helen? — Dru disse em voz baixa, olhando para Aline. Kit estava se perguntando o mesmo. Ela parecia muito estressada no dia anterior. Ele não iria culpá-la se ela percebesse o que ela havia feito e tivesse saído correndo e gritando para o deserto.

— O Conclave está se reunindo hoje — Disse Mark. — Helen está participando.

— Mas não é Aline quem deveria estar dirigindo o Instituto? — Dru parecia intrigada.

— Helen pensou que o Conclave deveria se acostumar com ela —Disse Mark. — Lembrar que ela é uma Caçadora de Sombras como qualquer outra Caçadora de Sombras. E que ela é um Blackthorn, especialmente porque eles podem acabar falando sobre coisas como se Diana precisa ser substituída como nossa tutora…

— Eu não quero outro professor! — Tavvy exclamou. — Eu quero Diana!

— Mas com certeza ela só vai ficar mais alguns dias fora — Disse Cristina. ansiosamente. — No máximo?

Mark encolheu os ombros. — Todos nós estamos por aqui sem um tutor ou um o horário, isso é o tipo de coisa que deixa a Conclave nervosa.

— Mas Tavvy está certo — Disse Dru. — Nós já estamos estudando com a Diana. Nós não precisa começar com outra pessoa. Não é verdade, Kit?

Kit ficou tão surpreso ao falarem com ele que seu copo de suco quase caiu de sua mão. Antes que ele pudesse responder, Aline os interrompeu indo até a mesa segurando uma frigideira. Cheiros fantásticos exalavam dela. A boca de Kit começou a salivar.

— O que é isso? — Tavvy perguntou, seus olhos grandes.

— Isso,— Disse Aline — É uma fritada. E todos vocês vão comer isso. -—Ela bateu a comida sobre um tripé de metal no centro da mesa.

— Não gosto de fritada — Disse Tavvy.

— Que pena — Disse Aline, cruzando os braços e olhando para cada um deles antes de virar. — Você fez Helen chorar ontem, então você vai comer essa frittata — o que, a propósito, é delicioso — E você vai gostar disso. Isto é o que tem para o café da manhã, e como não sou Helen, eu não me importo se você morrer de fome ou comer Cheetos em cada refeição. Helen e eu temos muito trabalho a fazer, o Clave não está nos dando um centímetro, tudo o que ela quer é estar com vocês, e você está não irá fazê-la chorar novamente. Entendido?

Dru e Tavvy assentiram com os olhos arregalados.

— Sinto muito, Aline — disse Cristina em voz baixa.

— Eu não quis dizer você, Cristina.—Aline revirou os olhos. — E onde está Ty? Eu não quero repetir esta palestra novamente. — Ela olhou para Kit. — Você é o que fica grudado ao lado dele. Onde ele está?

— Provavelmente dormindo — Disse Kit. Ele supôs que Ty tinha ficado acordado até tarde, pesquisando magia negra. Não que ele dissesse isso em voz alta.

— Bem. Diga a ele o que eu disse quando ele acordar. E coloque a frigideira na maldita pia quando vocês terminarem o café da manhã. — Aline pegou sua jaqueta na parte de trás de uma cadeira, deslizou os braços para as mangas, e saiu da sala.

Kit se preparou para Tavvy ou Dru começarem a chorar. Nenhum deles o fez. — Isso foi muito legal — disse Dru, servido-se um pouco de fritada, que acabou por ser uma mistura de ovos, salsicha, queijo e cebola caramelizada. — Eu gosto do jeito que ela defendeu a Helen.

— Você gritou com Helen no outro dia — assinalou Mark.

— Ela é minha irmã — disse Dru, amontoando fritada no prato de Tavvy. Mark fez um barulho exasperado. Cristina deu uma mordida na fritada e fechou seus olhos de prazer.

— Eu aposto que você costumava gritar com seu pai — Dru disse para Kit. — Quero dizer, toda família brigas às vezes.

— Nós não éramos uma família realmente gritante. Na maioria das vezes meu pai ou me ignorava, ou gastava seu tempo tentando me ensinar a arrombar fechaduras.

O rosto de Dru se iluminou. Ela ainda parecia pálida e cansada, e muito jovem em sua camisa grande, mas quando ela sorriu, lembrou Kit de Livvy. — Você pode arrombar fechaduras?

— Eu posso te mostrar como, se você quiser.

Ela largou o garfo e bateu palmas. — Sim! Mark, eu posso ir aprende como arrombar fechaduras agora?

— Temos runas de abertura, Dru — Disse Mark.

— E? E se eu fosse sequestrada por um demônio de tentáculos, derrubasse minha estela e fosse algemado a uma cadeira? O que eu faria?

— Isso não vai acontecer — disse Mark.

— Isso pode acontecer — disse Tavvy.

— Realmente não pode. Demônios com tentáculos não podem operar algemas. — Mark olhou exasperado.

— Por favor? — Dru implorou a ele com os olhos.

— Eu… Suponho que não faria mal — Disse Mark, claramente fora de seu habitat. Ele olhou de lado para Cristina, como se procurasse sua aprovação, mas ela parecia ter se afastado rapidamente. — Só não cometa nenhum crime real com o seu recém-descoberto conhecimento, Dru. A última coisa que precisamos é outra coisa para a Clave ficar irritada

***

— Aquela água é assustadoramente mágica — disse Kieran. Ele estava inclinado fortemente contra o lado de Diego enquanto eles faziam o caminho o mais rápido possível pelos corredores da Scholomance. Divya e Rayan ficaram para trás nas portas do Lugar Oco, para evitar que a Tropa corresse atrás de Kieran e Diego. — Eu ouvi-os rir disso, enquanto me arrastavam pelos corredores, vendado. — Havia uma amargura altiva em sua voz, ainda os tons de um príncipe. Por baixo, havia uma camada de raiva e vergonha. — Eu não acreditei que eles soubessem do que estavam falando, mas eles sabiam.

— Sinto muito, — disse Diego. Ele colocou a mão no ombro do príncipe das fadas, tentativamente. Parecia que ele podia sentir o coração de Kieran batendo até através dos ossos e músculos. — Eu estava destinado a proteger você. Eu falhei.

— Você não falhou, — Disse Kieran. — Se não fosse por você, eu teria morrido. — Ele soava desconfortável. Fadas não gostavam de desculpas ou dívidas. — Nós não podemos voltar para o seu quarto, — Kieran falou quando eles viraram outra esquina. — Eles vão nos procurar lá.

— Temos que nos esconder, disse Diego. — Em algum lugar em que poderemos te enfaixar. Há dúzias de quartos vazios— Kieran se afastou. Ele estava andando como um bêbado, instável. — Bandagens são para aqueles que merecem se curar, —disse ele.

Diego olhou para ele preocupado. — A dor está ruim?

— Não é minha dor, — Disse Kieran. Um grito ecoou pelos corredores. Um grito feminino torturado, abruptamente cortado fora.

— A garota que caiu nas águas, —disse Kieran. — Eu tentei alcançá-la mais cedo— Samantha. Diego podia não ter gostado dela, mas ninguém merecia dor que fazia você gritar assim.

— Talvez devêssemos sair da Scholomance, — Disse Diego. A principal entrada era pelo lado da montanha, mas sempre era vigiada. Havia outras saídas, até mesmo um corredor de vidro que serpenteava através das águas do lago para o outro lado.

Kieran levantou o queixo. — Alguém está vindo.

Diego pegou Kieran com uma mão e sua adaga com a outra, então congelou quando reconheceu a figura na frente dele. Cabelo preto, mandíbula tensa e sobrancelhas franzidas, olhos fixos em Kieran.

Martin Gladstone.

— Você não vai deixar o Scholomance, — Disse Gladstone. — Não brevemente.

— Você não entende, — Disse Diego. — Os outros… o grupo de Zara… eles tentaram matar Kieran… Gladstone passou os olhos de desprezo por Diego e seu companheiro. — Então você realmente teve a ousadia de trazê-lo aqui —disse ele, claramente referindo-se a Kieran. — A fada é um membro de um exército inimigo. De alto escalão.

— Ele iria testemunhar contra o Rei Unseelie! — Disse Diego. — Ele ia arriscar a si mesmo… arriscar a ira do rei… para ajudar Caçadores de Sombras!

— Ele nunca teve essa chance, não é? — Zombou Gladstone. — Então nós não sabemos o que ele teria feito.

— Eu teria testemunhado, — Disse Kieran, encostado na parede. — Eu não sinto amor por meu pai.

— Fadas não podem mentir, — Disse Diego. — Você não pode ouvir?

— Eles podem enganar e manipular. Como ele conseguiu que você ajudasse ele, Diego Rocio Rosales?

— Ele não 'conseguiu' me fazer nada, — Disse Diego. — Eu sei em quem confio. E se você matar Kieran, ou deixar esses bastardos machucá-lo, você estará quebrando os Acordos.

— Interessante escalação — Disse Gladstone. — Eu não tenho intenção de matar ou prejudicar o filho do Rei. Em vez disso, vocês ficarão na biblioteca até que o Inquisidor possa chegar e lidar com você ambos.

***

Emma e Julian estavam andando por algumas horas quando Emma percebeu que eles estavam sendo seguidos.

Na verdade, tinha sido um passeio bastante agradável ao longo de um caminho de árvores. Julian era suficientemente fácil para conversar quando Emma não pensava sobre o feitiço, ou como ele se sentia sobre ela, ou sobre como ele se sentia, ponto final. Eles evitaram os tópicos de Livvy e a maldição parabatai, e falaram sobre a Clave e quais seriam seus próximos planos e como Zara poderia descobrir eles. Julian andou na frente, segurando o mapa, consultando quando luz suficiente raiava através das árvores para tornar o mapa legível.

— Poderíamos chegar a Corte Unseelie até amanhã de manhã, — disse ele, parando no meio de uma clareira. Flores azuis e verdes acenaram em remendos no chão da floresta, e a luz do sol transformou as folhas em véus verdes. — Dependendo de quanto estamos dispostos a viajar à noite— Emma parou em sua trilha. — Estamos sendo seguidos, — disse ela.

Julian parou também e virou-se para ela, dobrando o mapa no bolso. — Você tem certeza?

Sua voz estava quieta. Emma se esforçou para ouvir o que ela tinha ouvido antes: o som baixo de galhos quebrando atrás deles, o baque de uma pisada. — Tenho certeza.

Não havia dúvida nos olhos de Julian; Emma sentiu uma leve gratificação que mesmo em seu atual estado encantado, ele confiava em suas habilidades implicitamente.

— Não podemos correr, — disse ele, ele estava certo; a trilha era muito rochosa e a vegetação rasteira era grossa demais para eles terem certeza de que eles fugiriam de um perseguidor.

— Vamos. — Emma agarrou a mão de Julian; um momento depois eles estavam escalando o tronco do mais alto dos carvalhos que cercam a clareira. Emma encontrou a bifurcação de um galho e se acomodou nele; um segundo depois, Julian subiu em um galho em frente ao dela. Eles se agarraram ao tronco da árvore e olharam para baixo.

Os passos estavam se aproximando. Cascos, Emma percebeu, e depois um kelpie - verde escuro, com uma crina de algas cintilantes - entrou no clareira, um cavaleiro em suas costas.

Emma respirou fundo. O cavaleiro era um homem, usando o equipamento de Caçador de Sombras.

Ela se inclinou, ansiosa para ver mais. Não um homem, ela percebeu, um menino— fino e estreito, com um choque de cabelo preto.

— Dane Larkspear em um kelpie, - Julian murmurou. — O que é isso?

— Se eu vir a Zara subindo no monstro do Lago Ness, vamos para casa — Emma assobiou de volta.

O kelpie tinha parado no meio da clareira. Estava rolando seus olhos — pretos profundos sem partes brancas. Mais de perto, parecia menos um cavalo, mesmo apesar de ter uma crina, cauda e quatro pernas, e mais como uma assustadora criatura, algo que nunca foi feito para sair da água.

— Apresse-se. — Dane refreou o kelpie e uma memória piscou em a parte de trás da mente de Emma - algo sobre como refrear um kelpie para força-lo a te obedecer. Ela se perguntou como Dane tinha conseguido. — Precisamos encontrar a trilha do Blackthorn e da Carstairs antes do anoitecer ou nós os perderemos.

O kelpie falou. Emma sacudiu. Sua voz soava como a quebra de ondas contra rochas. — Eu não conheço essas criaturas, Mestre. Eu não sei como eles parecem.

— Não importa! Pegue a trilha deles! — Dane bateu no outro lado do ombro do kelpie e sentou-se, carrancudo. — Ok, vou descrevê-los para você. Julian é o tipo de cara que teria uma garota como um parabatai. Pegou?

— Não — disse o kelpie.

— Passa o tempo todo caçando crianças pequenas. Tem quase um milhão de crianças e ele age como se fosse pai deles. É assustador. Agora, Emma,

ela é o tipo de garota que ficaria gostosa se calasse a boca. Pegou?

— Eu vou matá-lo — Emma murmurou.— Eu vou matá-lo enquanto falo o tempo todo.

— Eu não entendo as atitudes humanas em relação à beleza — disse o kelpie. — Eu gosto de um brilho fino de algas em uma mulher.

— Cale a boca. — Dane refreou e o kelpie expôs os dentes como agulhas em um assobio. — Precisamos encontrá-los antes que o sol se ponha. — O sorriso dele era feio. — Quando eu voltar com o Volume Negro, Horace vai me dar qualquer coisa que quiser. Talvez a última irmã de Julian Blackthorn para brincar. Dru o-que-é-isso. Melhores tetas da família.

Emma estava fora da árvore tão rápido que o mundo era um borrão de folhas verdes e raiva vermelha. Ela pousou em Dane Larkspear e o derrubou para fora de sua sela, forçando um suspiro de dor dele quando eles caíram no chão juntos. Ela socou-o com força no estômago e ele dobrou enquanto ela pulava em pé. Ela agarrou sua espada; por um momento ela estava preocupada de Julian não ter a seguido, mas ele já estava no chão, arrancando fora o freio do kelpie.

— Meu senhor! — O kelpie curvou suas pernas dianteiras para Julian. Dane estava tossindo e engasgos, rolando no chão de dor. — Obrigado por me libertar.

— Não mencione isso. — Julian jogou o freio de lado, e o kelpie correu para dentro dentro da floresta.

Emma ainda estava em pé sobre Dane com a espada apontada para sua garganta, onde algo ouro brilhou. Deitado no chão, ele olhou para ela.

— O que você está fazendo aqui, Larkspear? — Ela exigiu. — Fomos enviados para obter o Volume Negro, não você.

— Afaste-se de mim. — Dane virou a cabeça e cuspiu sangue. Ele limpou sua boca, deixando uma mancha vermelha na mão. — Se você me machucar, os Dearborns irão arrancar suas Marcas. — E daí? — Disse Emma. — Nós nem temos o Volume Negro. Então você acabou desperdiçando seu tempo nos seguindo, Dane. E, a propósito, você é péssimo. Você soou como um elefante. Um elefante sexista. Você é um terrível Caçador de Sombras.

— Eu sei que vocês não o tem — Disse Dane em desgosto. — Mas vocês terão, vocês vão encontra-lo. E quando vocês fizerem— Dane se interrompeu.

— O quê? — A voz de Emma escorria de desprezo. — Estou falando muito?

Emma de repente percebeu que Dane não estava olhando para ela, mas atrás dela; Julian tinha chegado e estava de pé com sua espada longa em sua mão, olhando para Dane com uma frieza assustadora. — Você sabe — Ele disse baixinho — que se você alguma vez tocasse em Dru, eu te mataria?

Dane se levantou nos cotovelos. — Você acha que é tão especial — Ele sibilou em uma voz fina e chorosa. — Você acha que é tão bom - acha que sua irmã é boa demais para mim…

— Ela é jovem demais para você — disse Emma. — Ela tem treze anos, esquisito.

— Você acha que o Inquisidor mandou você em alguma missão especial porque você tão boa, mas ele te mandou porque você é descartável! Porque você não importa! Ele quer que você morra!

Dane congelou, como se ele percebesse que tinha falado demais.

Emma se virou para Julian. — Ele quer dizer…

— Ele quer dizer que o Inquisidor mandou-o para nos matar — Disse Julian. — Ele está vestindo um dos medalhões que Horace nos deu. Os que impedem que o tempo corra.

Dane colocou uma mão protetoramente em sua garganta, mas não antes de Emma ver. Julian estava certo. Ela olhou para Dane. — Então Horace enviou você para pegar o Volume Negro e nos matar e voltar sozinho com ele?

— E então ele diz a todos que fomos assassinados pelo pessoal do Reino das Fadas, disse Julian. — Bônus extra para ele.

Um lampejo de medo cruzou o rosto de Dane. — Como você adivinhou isso?

— Eu sou mais inteligente que você. — Julian disse. — Mas eu é grande coisa, até a porta é mais inteligente.

— Há uma diferença entre enviar alguém em uma missão perigosa e mandar alguém atrás deles para apunhalá-los pelas costas — disse Emma. — Quando a Clave descobrir…

— Eles não vão descobrir!, —Gritou Dane. — Vocês nunca vão voltar daqui! Você acha que é só eu? — Ele cambaleou a seus pés; Emma deu um passo para trás, não tinha certeza do que fazer. Eles poderiam derrubar Dane, mas e depois? Amarrá-lo? Devolvê-lo para Idris de alguma forma?

— A Tropa tem um longo alcance e nós não precisamos de traidores como você. Quanto menos de vocês houver no mundo, melhor, nós tivemos um bom começo com o Livvy, mas…

A espada de Julian brilhou como um relâmpago quando ele enfiou a lâmina no coração de Dane.

Emma sabia que era o coração de Dane, porque o corpo de Dane estava espasmódico e arqueado, como um peixe apanhado com um anzol. Ele tossiu sangue como um spray vermelho, seus olhos fixos em Julian com um olhar de incredulidade.

Julian tirou sua espada. Dane caiu no chão, a boca entreaberta, sua expressão vítrea e plana.

Emma se virou para Julian. — O que você acabou de fazer?

Julian se inclinou para limpar a lâmina de sua espada em um pedaço de grama e flores. — Matar a pessoa que estava planejando nos matar.

— Você o assassinou — Disse Emma.

— Emma, seja prática. Ele foi enviado aqui para nos matar. Ele teria feito isso conosco, se eu não tivesse feito isso com ele. E ele disse que pode haver outros, também, outros membros da Tropa. Se o deixássemos vivo, poderíamos estar enfrentando muito mais adversários em breve.

Emma sentiu como se não pudesse recuperar o fôlego. Julian tinha embainhado sua espada; as flores a seus pés estavam manchadas de sangue. Ela não podia olhar o corpo de Dane. — Você não apenas mata outros Caçadores de Sombras. As pessoas não fazem isso. Pessoas com sentimentos não fazem isso.

— Talvez — Disse Julian. — Mas ele era um problema, e agora ele não é.

Houve um farfalhar no mato. Um momento depois o kelpie reapareceu, cintilando verde na luz do sol. Ele chegou até Dane. Emma se perguntou por um segundo se estava lamentando seu mestre anterior.

Houve um som trincado quando afundou seus dentes de agulha em Dane, manchando o lado manchado de sangue. O cheiro acobreado de sangue explodiu no ar, o kelpie engoliu em seco e olhou para Julian, seus dentes verdes brilhando em vermelho, como um visão perturbadora do Natal.

— Oh Deus. - Emma recuou, revoltada. — Desculpe — Disse o kelpie. — Você queria dividir? Ele está muito gostoso.

— Não, obrigada. — Julian não parecia nem incomodado nem divertido com o horroroso espetáculo.

— Você é muito generoso, Julian Blackthorn — Disse o kelpie. — Certifique-se de que o irei recompensar algum dia.

— Precisamos sair — disse Emma, tentando não engasgar. Ela desviou o olhar, mas não antes de ver as costelas de Dane brilharem brancas ao sol. — Precisamos sair de aqui agora.

Ela girou cegamente. Ela continuou vendo o sangue nas flores, o caminho que os olhos de Dane tinham feito ao rolar em sua cabeça. O ar ficou subitamente grosso com o cheiro de cobre de sangue, e Emma estendeu a mão para se firmar no estreito tronco de uma árvore de vidoeiro.

— Emma? — Julian disse atrás dela, e de repente havia o explosivo trovão de cascos e dois cavalos, um cinzento e um castanho, apareceram na clareira. Um cavaleiro fada sentava-se montado: uma mulher de cabelos louros no cinza cavalo, e um homem de pele de trigo no marrom.

— É o Grande Centro do Reino das Fadas? — Disse Emma, encostando a testa contra a árvore. — Todo mundo vem aqui?

— Emma Carstairs? — Disse a mulher de cabelos louros. Emma a reconheceu através da visão turva: era a tia de Mark, Nene. Ao lado dela andava um dos cortesãos da Rainha Seelie, Fergus. Ele estava carrancudo.

— Isso é um Caçador de Sombras morto? — Ele exigiu.

— Ele me aprisionou e essas pessoas boas me libertaram — disse o kelpie.

— Vá, kelpie,— Disse Fergus. — Saia deste lugar. As palavras dos cortesãos de Seelie não são para você.

O kelpie deu um suspiro reluzente e arrastou o corpo de Dane para a vegetação rasteira. Emma virou-se devagar, mantendo-se de costas à árvore. Ela estava fervorosamente feliz pelo desaparecimento do cadáver, embora o chão ainda estivesse molhado de sangue, as pétalas das flores pesadas dele.

— Emma Carstairs e Julian Blackthorn — disse Nene. — Seu curso foi encadernado em direção à Corte Seelie. Por quê?

— Não, nós estávamos a caminho da Corte Unseelie — disse Emma. — Estávamos…

— Sabemos quais caminhos nas terras levam a certos destinos — Disse Fergus agudamente. — Não tente seus truques humanos.

Emma abriu a boca para protestar - e viu Julian balançar a cabeça para ela, uma pequena fração de uma negação, mas ela soube imediatamente o que significava. Eles estavam viajando pelo caminho errado. Por qualquer

motivo, ele havia mentido para ela; cada vez que ele consultou o mapa, aproximou-os da Corte Seelie.

O sabor da traição era amargo na boca dela, mais amargo que o cobre de sangue.

— Nós temos o Volume Negro — disse Julian para Nene, para Fergus e Emma olhou para ele em total espanto. Do que ele estava falando? — É por isso que nós retornamos ao Reino das Fadas. A rainha nos pediu para recuperá-lo para ela, e nós viemos, e nós viemos pelo que ela prometeu.

Ele se endireitou, a cabeça jogada para trás. Seu rosto estava muito pálido, mas seus olhos estavam brilhando, verde-azulado brilhante e ele estava lindo; mesmo com sangue em seu rosto era lindo, e Emma desejou que não pudesse ver, mas podia.

— Pedimos formalmente uma audiência com a Rainha Seelie — Disse ele.

9
PÓRTICOS RÉGIOS

VOANDO PELO AR COM Gwyn, Diana se sentiu livre, apesar de sua preocupação incômoda sobre Emma e Julian. Ela supôs que eles estavam seguros em casa, mas ela não gostava da ideia de não ser capaz de vê-los. Isso a fez perceber o quanto eles se tornaram sua família nos últimos cinco anos, e como ela se sentia desconectada de Alicante.

Andando pelas ruas, até rostos familiares pareciam máscaras de estranhos. *Você votou em Horace Dearborn para Inquisidor? Você culpa os Blackthorns pela morte da própria irmã? Você acredita que fadas são monstros? Quem é você realmente?*

Ela segurou Gwyn com mais força quando eles pousaram em sua pequena clareira agora familiar entre as tílias. A lua tinha diminuído e a clareira estava cheia de silêncio e sombra profunda. Gwyn desmontou primeiro e ajudou Diana a descer. Desta vez, ele não trouxera alforjes cheios de comida, mas uma espada sem corte na cintura. Diana sabia que ele confiava nela, e ele não fez perguntas quando ela pediu que ele a trouxesse aqui hoje à noite. Ele não confiava em outros Shadowhunters, e ela não podia culpá-lo por isso.

Uma luz surgiu entre as sombras, e Jia saiu de trás de uma pedra inclinada. Diana franziu a testa quando a Consulesa se aproximou deles. A última vez que Diana esteve aqui, a terra estava verde sob seus pés. Agora os sapatos de Jia rangiam em musgo seco, marrom e preto. Poderia ser simplesmente porque o Inverno estava se aproximando, mas a praga…

— Diana — Disse Jia. — Eu preciso da sua ajuda.

Diana levantou a mão.

— Primeiro preciso saber por que não posso ver Emma e Julian. Por que estou sendo mantida longe deles?

— Todo mundo deve ser mantido longe deles — Disse Jia. Ela sentou-se cuidadosamente em uma pedra chata, os tornozelos cruzados. Ela não tinha

um fio de cabelo fora do lugar. — Horace disse que não quer comprometer seu testemunho.

Diana fez um barulho incrédulo.

— Como ele está planejando forçá-los a testemunhar? Não há Espada Mortal!

— Eu entendo o quão preocupada você deve estar — Disse Jia.

— Mas falei com Simon antes de ele partir para Nova York. Ele e Isabelle conseguiram ver Emma e Julian esta manhã e disseram que eles estavam bem e que o encontro deles com Horace ocorreu tão bem quanto se poderia esperar.

Uma mistura de alívio e aborrecimento tomou conta de Diana.

— Jia, você tem que fazer alguma coisa. Dearborn não pode mantê-los isolados até um futuro imaginário em que a Espada estiver consertada.

— Eu sei — disse Jia. — É por isso que eu queria me encontrar com você. Lembra quando pedi para você ficar comigo?

— Sim — disse Diana.

— A Tropa está ciente da praga na floresta — disse Jia. — Afinal, Patrick levou Manuel com ele para ver, antes de percebermos o quão perigosos todos eles eram, até mesmo as crianças — ela suspirou e olhou para Gwyn, que estava sem expressão. Com seus anos de experiência nos duelos políticos das Cortes das Fadas, Diana não pôde deixar de imaginar o que ele achava de tudo isso. — Eles decidiram usá-lo como uma ferramenta política. Eles vão reivindicar isso como trabalho das fadas especificamente. Eles querem queimar a floresta para matar a praga.

— Isso não vai matar a praga — disse Gwyn. — Só vai matar a floresta. A praga é a morte e a decadência. Você não pode destruir a própria destruição mais do que você pode curar veneno com veneno.

Jia olhou para Gwyn novamente, desta vez dura e diretamente.

— *É* magia de fada? A maldição?

— Não é uma magia de fada que eu já vi, e eu vivi muito tempo — Disse Gwyn. — Eu não estou dizendo que o Rei Unseelie não tem nenhum dedo nisso. Mas esta é uma magia mais demoníaca do que qualquer outra usada no Reino das Fadas. Não é natural, mas não é não natural.

— Então queimar a floresta não vai adiantar nada? — Disse Diana.

— Vai adiantar *alguma* coisa — disse Gwyn. — Isso expulsará os Submundanos que chamam Brocelind de lar — todas as fadas e matilhas de lobisomem que vivem lá há gerações.

— É uma desculpa, acredito, para começar a expulsar os Submundanos de Idris — Disse Jia. — Dearborn pretende usar o medo dos Nephilim para criar leis anti-Submundanos mais rigorosas. Eu sabia que ele faria isso, mas não esperava que sua tentativa de esvaziar Idris dos Submundanos viesse tão rápida.

— Você acha que a Clave se alinharia a ele? — Perguntou Diana.

— Temo que sim — Disse Jia com uma amargura raramente expressa. — Eles estão tão focados em seu medo e ódio que não veem que estão ferindo a si mesmos. Eles comeriam um banquete envenenado se achassem que os Submundanos estivessem comendo com eles.

Diana abraçou a si mesma para não tremer.

— Então, o que podemos fazer?

— Horace fará uma reunião em dois dias. Será sua primeira oportunidade de apresentar seus planos ao público. As pessoas te respeitam — os Wrayburns são uma família orgulhosa e você lutou bravamente na Guerra Maligna. Deve haver outros como nós que se levantem e resistam a ele. Mesmo que haja tantos com medo de falar.

— Não tenho medo — disse Diana, e viu Gwyn olhando-a com admiração.

— O mundo pode mudar rapidamente — Disse Jia. — Um dia, o futuro parece promissor e, no dia seguinte, nuvens de ódio e fanatismo se juntam como se tivessem sido sopradas de algum mar inimaginável.

— Elas sempre estiveram lá, Jia — Disse Diana. — Mesmo que não quiséssemos reconhecê-las, elas sempre estiveram no horizonte.

Jia parecia cansada, e Diana se perguntou se ela andara até lá, embora duvidasse que o esforço físico tivesse cansado a Consulesa.

— Eu não sei se podemos reunir forças o suficiente para limpar os céus novamente.

* * *

— Ok — Disse Kit. — Primeiro, vamos fazer uma chave de tensão com o clipe de papel.

— Nós vamos fazer o que com o quê? — Dru prendeu o cabelo atrás das orelhas e olhou para Kit com os olhos arregalados. Ambos estavam sentados em cima de uma das grandes mesas da biblioteca, com um cadeado e uma pilha de clipes entre eles.

Ele gemeu.

— Não me diga que você não sabe o que é um clipe de papel.

Ela parecia indignada.

— Claro que eu sei. É isso aqui — Ela apontou um clipe com o dedo. — Mas o que estamos fazendo?

— Eu vou te mostrar. Pegue um clipe.

Ela pegou um.

— Dobre em forma de L — ele instruiu. — A parte reta é a parte superior. Ok, bom. — Seu rosto estava deformado em uma careta de concentração. Ela vestia uma camiseta preta que dizia "Além da sepultura" e mostrava uma lápide quebrada.

Kit pegou um segundo clipe e endireitou-o completamente.

— Esta é a sua ferramenta — disse ele. — O que você está segurando é uma chave de tensão.

— Tudo bem — disse ela. — Agora, como você usa isso para destrancar a fechadura?

Ele riu.

— Calma aí. Ok, pegue o cadeado, você vai pegar a chave de tensão e inseri-la na parte inferior do buraco da fechadura, que é chamada de linha de corte.

Dru fez o que ele havia instruído. Sua língua cutucou um canto da boca: ela parecia uma menininha concentrada em um livro.

— Vire na direção em que a fechadura giraria — ele disse. — Esquerda, não — isso mesmo. Assim. Agora segure a chave de tensão com a outra mão.

— Não, espere… — ela riu. — Isso é confuso.

— Ok, eu vou te mostrar. — Ele deslizou o segundo clipe na própria fechadura e começou a movê-lo para frente e para trás, tentando empurrar o grampo para cima. Seu pai o ensinara a sentir os pinos da fechadura – essa fechadura tinha cinco – e ele começou a movê-los delicadamente, levantando um pino após o outro. — Vire sua chave — disse ele de repente, e Dru pulou. — Vire-a para a direita.

Ela torceu, e o cadeado se abriu. Dru deu um grito abafado.

— Isso é tão legal!

Kit sentiu vontade de sorrir para ela – nunca lhe ocorrera querer uma irmãzinha, mas havia algo de bom em ter alguém para ensinar as coisas.

— Ty sabe como fazer isso? — Perguntou ela.

— Acho que não — disse Kit, trancando o cadeado e entregando a ela. — Mas ele provavelmente aprenderia rápido — ele entregou-lhe a chave de tensão e sentou-se. — Sua vez.

Ela gemeu.

— Não é justo.

— Você só aprenderá fazendo — era algo que o pai de Kit sempre dissera.

— Você soa como Julian. — Dru soltou uma risadinha e começou a mexer no cadeado. Suas unhas estavam pintadas com um esmalte preto lascado. Kit ficou impressionado com a delicadeza com que ela segurava a chave e o pino.

— Eu nunca pensei que alguém diria que eu soo como Julian Blackthorn.

Dru olhou para cima.

— Você sabe o que quero dizer. Coisas de pai — ela torceu a chave de tensão. — Estou feliz que você seja amigo de Ty. — Ela disse inesperadamente. Kit sentiu seu coração dar um solavanco súbito no peito — quero dizer, ele sempre teve Livvy. Então ele nunca precisou de nenhum outro amigo. Era como um pequeno clube que ninguém poderia entrar, mas então você chegou e entrou.

Ela fez uma pausa, ainda segurando o cadeado. Ela estava olhando para ele com olhos muito parecidos com os de Livvy, aquele largo verde azulado com cílios escuros.

— Eu sinto muito? — ele disse.

— Não sinta. Eu sou nova demais. Ty nunca teria me deixado entrar, mesmo se você não tivesse aparecido — ela disse isso com naturalidade. — Eu amo Julian. Ele é como o melhor pai do mundo. Você sabe que ele sempre te colocará em primeiro lugar. Mas Ty sempre foi o irmão legal. Ele tinha coisas incríveis em seu quarto, e os animais gostavam dele, e ele sabia de tudo…

Ela se interrompeu, suas bochechas ficando rosadas. Ty tinha entrado no cômodo, o cabelo em cachos macios e úmidos, e Kit sentiu um solavanco, como se seu estômago estivesse se revirando. Ele disse a si mesmo que provavelmente se sentia desconfortável porque Ty os havia abordado falando sobre ele.

— Estou aprendendo a arrombar cadeados — disse Dru.

— Ok — Ty lhe deu um olhar superficial. — Mas preciso falar com Kit agora.

Kit deslizou rapidamente de seu assento, quase derrubando a pilha de clipes de papel.

— Dru está indo muito bem — disse ele.

— Ok — Ty disse novamente. — Mas preciso falar com você.

— Então fale — disse Dru. Ela colocou a ferramenta de abrir fechaduras na mesa e olhou para Ty.

— Não com você aqui — disse ele.

Tinha sido bastante óbvio, mas Dru fez um barulho de dor mesmo assim, e pulou da mesa. Ela saiu da biblioteca batendo a porta atrás dela.

— Isso não foi… ela não estava… — Kit começou. Ele não conseguiu terminar, no entanto; ele não podia repreender Ty. Agora não.

Ty abriu o zíper do casaco e enfiou a mão bruscamente no bolso interno.

— Precisamos ir ao Mercado das Sombras esta noite — disse ele.

Kit puxou seu cérebro de volta ao presente.

— Estou proibido de entrar no Mercado. Suspeito que você também esteja.

— Podemos fazer uma petição no portão — disse Ty. — Eu li sobre pessoas fazendo isso. O Mercados das Sombras têm portões, certo?

— Sim, existem portões. Eles estão marcados. Eles não mantêm as pessoas fora ou dentro; eles são mais como pontos de encontro. E sim, você pode fazer uma petição ao chefe do Mercado, exceto que neste caso o chefe é Barnabé e ele me odeia.

Ty pegou um clipe de papel da mesa e olhou para ele com interesse. Havia hematomas em seu pescoço, Kit percebeu de repente. Ele não se lembrava deles, o que lhe pareceu estranho, mas depois, quem notava todos os machucados na pele de outra pessoa? Ty deve ter conseguido eles quando eles lutaram contra os Cavaleiros em Londres.

— Só temos que convencê-lo de que nos deixar entrar é algo do seu interesse.

— Como você planeja fazer isso? Não somos exatamente os melhores negociadores.

Ty, que estava arrumando o clipe de papel, deu a Kit um de seus raros sorrisos que parecia o nascer-do-sol-sobre-a-água.

— Você é.

— Eu… — Kit percebeu que estava sorrindo, e parou. Ele sempre tinha um tom sarcástico e nunca aceitava elogios facilmente, mas era como se houvesse algo sobre Ty Blackthorn que desatava todos os nós de proteção

que ele mantinha. Ele se perguntou se era isso o que as pessoas queriam dizer quanto a se se sentirem *desfeitas*.

Ty franziu a testa como se não tivesse notado o sorriso estúpido de Kit.

— O problema é que — ele disse. — Nenhum de nós dirige. Não temos como chegar ao mercado.

— Mas você tem um iPhone — disse Kit. — Na verdade, existem vários no Instituto. Eu os vi.

— Claro — disse Ty. — Mas….

— Vou apresentar a você uma invenção maravilhosa chamada Uber — disse Kit. — Sua vida está prestes a mudar, Ty Blackthorn.

— Ah, Watson — disse Ty, colocando o clipe no bolso. — Você pode não ser luminoso, mas é um extraordinário condutor de luz.

* * *

Diego ficou surpreso que Gladstone quisesse trancá-los na biblioteca. Ele nunca pensou nela como uma sala particularmente segura. Uma vez que ambos estavam lá dentro, Diego tirou as armas e a estela e, assim que a sólida porta de carvalho foi trancada, Diego começou a procurar as vantagens que a biblioteca tinha como uma prisão.

As paredes eram grossas e não havia janelas, exceto pelo vidro maciço no teto muitos pés acima. As paredes íngremes tornavam impossível subir e quebrá-lo, e nada na sala rendia como uma arma útil. Eles poderiam jogar livros, Diego supôs, ou tentar virar as mesas, mas ele não imaginou que quaisquer dessas coisas funcionassem.

Ele andou até onde Kieran estava sentado, ao pé da maciça árvore que crescia do chão. Se ele fosse alto o suficiente para chegar ao teto, pensou Diego… Kieran estava encurvado contra o tronco. Ele tinha enfiado as palmas das mãos em seus olhos, como se ele pudesse cegar a si mesmo.

— Você está bem? — Perguntou Diego.

Kieran baixou as mãos.

— Sinto muito — ele olhou para Diego, que podia ver as marcas das palmas de Kieran contra as maçãs do rosto.

— Está tudo bem. Você foi ferido. Eu posso procurar maneiras de sair daqui sozinho — disse Diego, deliberadamente o entendendo mal.

— Não, eu *sinto muito* — Kieran sufocou. — *Eu não posso*.

— Você não pode o quê?

— Afastar-me disso. Eu me sinto culpado, como se estivesse emaranhado em uma cortina de espinhos. Todo o caminho que eu sigo eu sou perfurado novamente.

A piscina faz você sentir cada ferida que você já causou aos outros.

— Não há nenhum de nós sem culpa — disse Diego, e ele pensou em sua família, em Cristina. — Cada um de nós feriu alguém, inadvertidamente ou não.

— Você não entende. — Kieran estava balançando a cabeça. Uma mecha de cabelo caiu através de sua testa, prata escurecendo até tornar-se azul. — Quando eu estava na Caçada, eu era uma palha flutuando no vento ou na água e tudo o que eu fazia era agarrar-me às outras palhas. Eu acreditava que não tinha efeito no mundo, que eu importava tão pouco que não podia ajudar nem prejudicar — ele esticou as mãos em punhos. — Agora eu senti a dor que era de Emma e a tristeza que era de Mark, e a dor de todos que eu machuquei na Caçada, até mesmo a dor de Erec quando ele morreu. Mas como eu poderia ter sido a pessoa que causou tanta dor quando sou alguém cujas ações estão escritas na água?

Seus olhos, pretos e prateados, estavam assombrados. Diego disse:

— Kieran. Você não causou apenas dor neste mundo. A piscina não mostra as coisas boas, apenas as que machucam.

— Como você sabe? — Kieran chorou. — Nós mal nos conhecemos, você e eu…

— Por causa de Cristina — disse Diego. — Cristina tinha fé em você. Fé verdadeira, imaculada e ininterrupta. Por que acha que eu concordei em te esconder aqui? Porque ela acreditava que você era bom e eu acreditei nela.

Ele parou antes que ele pudesse dizer demais, mas Kieran já tinha estremecido à menção de Cristina. Sua próxima pergunta intrigou Diego.

— Como posso encará-la novamente? — Ele disse.

— Você se importa tanto com o que ela pensa? — Perguntou Diego. Não tinha ocorrido a ele que Kieran se importaria. Certamente ele não conhecia Cristina tão bem.

— Mais do que você imagina ou adivinharia — disse Kieran. — Como você a enfrentou novamente, depois que você se comprometeu com Zara e partiu seu coração?

— Sério? — Diego se sentia alfinetado. — Precisamos trazer isso à tona?

Kieran olhou para ele com olhos selvagens. Diego suspirou.

— Sim, eu desapontei Cristina e perdi seu respeito, você deve saber como é isso. Desiludir alguém que você amava. Desapontar a si mesmo.

— Talvez não exatamente — disse Kieran, com uma sombra de sua antiga ironia. — Ninguém me chama de Kieran Perfeito.

— Eu não *me* chamo de Diego Perfeito! — Diego protestou, sentindo que a conversa havia se dispersado. — Ninguém chamaria a si mesmo assim!

Houve um barulho na porta. Ambos se viraram, prontos para o perigo, mas quando se abriu, Diego ficou chocado ao ver Divya no limiar.

Ela parecia ter estado em uma briga. Arranhada e sangrando, ela segurou a chave.

— Eu consegui isso de Gladstone em meio ao caos da enfermaria — disse ela. — Duvido que tenhamos muito tempo antes que ele perceba que sumiu.

Diego passou por ela e abriu uma fresta da porta da biblioteca.

O corredor estava vazio.

— O que está acontecendo? Onde está Rayan?

— Tentando descobrir o que os outros, aqueles que vieram de Alicante e não estão na Tropa, sabem. Todas as estelas foram confiscadas. Zara voltou para Idris pouco depois de você levar Kieran embora. E Gladstone está na enfermaria com Samantha — disse Divya. — Ela não para de gritar — ela mordeu o lábio. — Isso é muito ruim.

Kieran se levantou, embora ainda estivesse usando a árvore para se sustentar.

— Vocês dois devem correr — disse ele. — Deem o fora daqui. Sou eu quem eles querem, vocês já se arriscaram demais por mim.

Divya deu-lhe um olhar irônico.

— Pelo Anjo, ele está todo altruísta depois que caiu naquela piscina. Fada, você não *me* fez nenhum mal. Estamos bem.

— Eu fiz você se preocupar e sentir medo — disse Kieran, olhando para ela com um olhar assombroso. — Você estava com medo do que poderia acontecer com você e com os outros, da retaliação por me esconder. Você temia por Rayan — ele olhou para Diego. — E você…

— Não. — Diego levantou a mão. — Eu não quero ouvir sobre meus sentimentos.

— É o que todo homem diz — Divya brincou, mas seus olhos estavam muito brilhantes. — Olha, há mais coisas que preciso contar, e acho melhor vocês ouvirem. Ouvi Zara rir com Gladstone na enfermaria antes de

Samantha ser trazida. O Inquisidor enviou dois Caçadores de Sombras em uma missão suicida ao Reino das Fadas para encontrar o Volume Negro.

— Jace e Clary? — Diego disse, intrigado. — Essa não é uma missão suicida.

— Eles, não. Emma e Julian Blackthorn. Eles foram embora ontem.

— Eles nunca concordariam com uma missão suicida — disse Kieran. — Julian não deixaria seus irmãos e irmãs. Nunca.

— Eles não sabem que é uma missão suicida. Dearborn enviou alguém para segui-los e matá-los antes que eles possam voltar.

— Isto é contra a lei — foi tudo o que Diego pôde pensar em dizer e ele imediatamente se sentiu ridículo.

— Horace Dearborn não se importa com suas leis — disse Kieran. Suas bochechas estavam coradas com uma cor escura. — Ele não se importa com nada além de promover seu propósito. Para ele, um Nephilim que não concorda com ele não é melhor do que um Submundano. Eles são todos vermes a serem destruídos.

— Kieran está certo — disse Divya. — Ele é o Inquisidor, Diego. Ele vai mudar todas as leis, mudá-las para que ele possa fazer o que quiser.

— Temos que ir — disse Kieran. — Não há um momento a perder. Nós temos que dizer aos Blackthorns. Mark e Cristina…

— Todas as saídas estão guardadas — disse Divya. — Eu não estou dizendo que é impossível, mas vamos precisar de Rayan e Gen e os outros. Nós não podemos lutar contra a Tropa sozinhos. Especialmente sem estelas. Nós precisamos planejar…

— Não temos tempo para planejar — Kieran começou.

Diego pensou de repente em Cristina, na maneira como ela escreveu sobre Kieran em sua carta, pedindo Diego para escondê-lo. O fascínio que ela tinha com fadas, mesmo quando ela era uma garotinha, o jeito que ela chorou quando a Paz Fria foi aprovada, dizendo a Diego de novo e de novo que fadas eram boas e que seus poderes faziam parte da abençoada magia do mundo.

— Kieran — disse Diego bruscamente. — Você é um príncipe do Reino das Fadas. Seja um príncipe do Reino das Fadas.

Kieran deu-lhe um olhar selvagem e sombrio. Sua respiração estava irregular.

Divya olhou para Diego como se dissesse *o que você está fazendo?* Kieran acabara de se escorar em um ramo da árvore.

Ele fechou seus olhos pretos e prateados. Seu rosto era uma máscara pálida. Sua mandíbula apertou-se mesmo quando as folhas da árvore começaram a farfalhar, como num vento forte, como se a árvore o estivesse chamando.

— O que está acontecendo? — Sussurrou Divya.

A luz crepitava em cima e embaixo da árvore – não um relâmpago, mas, sim, faíscas puras e brilhantes. Elas circulavam Kieran como se o estivessem contornando com tinta dourada. Seu cabelo havia se transformado em um estranho verde-ouro, algo que Diego nunca tinha visto antes.

— Kieran — Diego começou.

Kieran jogou as mãos para cima. Seus olhos ainda estavam fechados; palavras sendo derramadas de sua boca, uma língua que Diego nunca ouvira. Ele desejou que Cristina estivesse aqui. Cristina poderia traduzir. Kieran começou a gritar e Diego pensou ter ouvido a palavra "Lança do Vento" repetidas vezes.

Lança do Vento? pensou Diego. *Esse não é...?*

— Há pessoas chegando! — Divya gritou. Ela correu para a porta da biblioteca, bateu-a, fechando-a, e trancou, mas ela estava balançando a cabeça. — Tem muitos deles. Diego…

O teto de vidro explodiu. Tanto Diego quanto Divya arfaram.

Um cavalo branco caiu do teto. Um cavalo branco *voador*, orgulhoso e lindo. O vidro foi pulverizado e Diego mergulhou debaixo de uma mesa próxima, arrastando Divya com ele. Kieran abriu os olhos; ele alcançou Lança do Vento, dando-lhe boas-vindas quando ele cortou o ar, rápido como uma flecha, leve como uma semente de espinheiro.

— Pelo Anjo em boas-vindas — Divya sussurrou. — Deus, eu costumava amar pôneis quando era pequena.

Kieran pulou nas costas de Lança do Vento. Seu cabelo havia voltado para o azul-preto habitual, mas ele ainda estava crepitando com energia, faíscas saindo de suas mãos enquanto se movia. Ele estendeu a mão para Diego, que saiu de debaixo da mesa, Divya ao lado dele, suas botas mastigando o vidro quebrado.

— Venham comigo — Kieran chamou. A sala estava cheia de vento e frio, o cheiro dos Cárpatos e água do lago. Acima deles, a janela quebrada abria-se para um céu cheio de estrelas. — Vocês não estarão seguros aqui.

Mas Divya balançou a cabeça. Esmagando o desejo de escapar daquela vermelhidão dentro dele, Diego fez o mesmo.

— Vamos ficar e lutar — ele disse. — Nós somos Caçadores de Sombras. Nós não podemos fugir e deixar que o pior entre nós tome o poder. Nós devemos resistir.

Kieran hesitou assim que a porta da biblioteca se abriu. Gladstone e uma dezena de membros da Tropa entraram, seus olhos se arregalando.

— Parem-no! — Gladstone gritou, jogando um braço em direção a Kieran. — Manuel, Anush…

— Kieran, vá! — Diego rugiu, e Kieran agarrou a crina de Lança do Vento; eles explodiram no ar antes que Manuel pudesse fazer mais do que dar um passo à frente. Diego pensou ter visto Kieran olhar para ele uma última vez antes que Lança do Vento atravessasse o teto e brilhar como uma faixa branca no céu.

Diego ouviu alguém aparecer atrás dele. Do outro lado da sala, Divya estava olhando para ele. Havia lágrimas em seus olhos. Atrás dela, sua prima Anush estava a algemando.

— Você vai se arrepender de ter feito isso — disse Manuel, o sussurro satisfeito raspando no ouvido de Diego. — Sinto muito, Rocio Rosales.

E, então, só havia escuridão.

* * *

Emma foi levada para trás de Nene em seu palafrém cinza, enquanto Julian cavalgava atrás de Fergus, então não havia chance de conversar. Frustração agitou dentro de Emma enquanto cavalgavam sob as árvores verdes, lanças douradas de luz brilhando através das aberturas e transformando-se em um bronze mais profundo conforme o dia avançava.

Ela queria falar com Julian, queria criar um plano para o que eles iriam fazer quando chegassem à Corte Seelie. O que eles diriam à Rainha? Como eles sairiam de novo? O que eles queriam a ela?

Mas parte dela também estava zangada demais para falar com Julian – como ele ousava manter uma parte maciça do seu plano escondida dela? Como ele a deixou andar cegamente no Reino das Fadas, acreditando que tinham uma missão quando aparentemente eles tinham outra? E uma parte menor e mais fria dentro dela disse: *A única razão pela qual ele não lhe disse é porque ele sabia que você ia recusar-se a seguir o plano dele.* Qualquer que fosse o plano, Emma não teria gostado.

E, ainda mais fundo, onde ela mal tinha as palavras para o que sentia, ela sabia que se não fosse pelo feitiço, Julian nunca teria feito isso, porque ela nunca foi uma das pessoas que Julian manipulou e mentiu. Ela era da família, fazia parte de seu círculo de proteção, e por causa disso ela perdoou as mentiras e os planos, porque eles não foram direcionados a ela. Eles foram dirigidos aos inimigos da família. O Julian que teve que mentir e manipular era uma pessoa criada por uma criança assustada para proteger as pessoas que ele amava. Mas e se o feitiço tivesse feito essa pessoa real? E se esse era quem Julian era agora?

Eles haviam deixado a floresta para trás e estavam em um lugar de campos verdes que não mostrava sinais de habitação, apenas grama verde ondulando por milhas, com manchas pontuadas de flores azuis, roxas e montanhas violetas à distância. Uma colina surgiu à frente deles como uma onda verde, e Emma arriscou um olhar para Julian enquanto a frente da colina se erguia como uma ponte levadiça, revelando a entrada maciça de mármore.

As coisas no Reino das Fadas raramente pareciam duas vezes iguais, Emma sabia; a última vez que eles entraram na Corte Seelie foi por meio de uma colina onde eles encontraram um corredor estreito; agora eles andavam rumo a um elegante portão de bronze com arabescos de cavalos empinando. Nene e Fergus desmontaram, e só depois que Emma deslizou para o chão de mármore, ela viu que as rédeas de ambos os cavalos tinha sido tomado por diminutas fadas esvoaçantes com asas azuis, vermelhas e douradas abertas.

Os cavalos se chocaram, liderados pelas pequenas fadas zumbis.

— Eu poderia usar uma daquelas para fazer meu cabelo de manhã — disse Emma para Nene, que lhe deu um sorriso ilegível. Era enervante o quanto Nene parecia com Mark – o mesmo cabelo louro-encaracolado e ossos estreitos.

Fergus estreitou os olhos.

— Meu filho é casado com uma dessas fadas pequenas — ele disse. — Por favor, não façam perguntas intrusivas sobre isso.

Julian levantou as sobrancelhas, mas não disse nada. Ele e Emma ficaram um ao lado do outro enquanto seguiam Nene e Fergus da sala de mármore a um corredor cheio de terra.

— Acho que tudo ocorreu de acordo com o seu plano, não? — Disse Emma friamente, sem olhar para Julian. Ela podia senti-lo ao lado dela, no

entanto, seu calor familiar e sua forma. O *parabatai* que ela teria reconhecido surda e vendada. — Se você está mentindo sobre ter o Volume Negro, as coisas não vão ocorrer bem para nós dois.

— Eu não estou mentindo — disse ele. — Havia uma loja de cópias perto do Instituto de Londres. Você verá.

— Nós não deveríamos *sair* do Instituto, Julian…

— Esta foi a melhor opção — disse Julian. — Você pode ser muito sentimental para ver claramente, mas isso nos aproxima do que queríamos.

— Como? — Emma assobiou. — Qual é a razão de virmos falar com a Rainha Seelie? Não podemos confiar nela mais do que podemos confiar em Horace ou Annabel.

Os olhos de Julian brilharam como as pedras preciosas colocadas nas paredes do longo túnel. Eles brilhavam em listras de jaspe e quartzo. O chão sob os pés tinha se tornado azulejo polido, um verde-leitoso branco.

— Não confiar na Rainha é parte do meu plano.

Emma queria chutar uma parede.

— Você não deveria ter um plano que *inclua* a Rainha, entende? Estamos todos lidando com a Paz Fria por causa da traição dela.

— Esses sentimentos anti-Reino das Fadas… — disse Julian, abaixando-se sob uma cortina cinza de renda. — Estou surpreso com você.

Emma andou atrás dele.

— Não tem nada a ver com as fadas em geral. Mas a Rainha é um pouco sem limites já que… — Oi, Majestade!

Ah, droga. Parecia que a cortina cinzenta pela qual passaram era a entrada para a Corte da Rainha. A própria Rainha estava sentada no meio do cômodo, em seu trono, olhando para Emma friamente.

A câmara parecia como antes, como se o cômodo tivesse sido varrido por um incêndio anos atrás e ninguém tivesse realmente limpado o dano. O chão de mármore estava enegrecido e rachado. O trono da Rainha estava manchado de bronze, a parte de trás dele subindo acima de sua cabeça em um pergaminho em forma de leque. As paredes estavam arrancadas aqui e ali, como se um animal enorme tivesse cavado coágulos de mármore com suas garras.

A Rainha era chama e osso. Suas clavículas se erguiam do corpete de seu vestido azul e dourado intricadamente adornado, seus braços nus eram longos e finos como varas. Tudo ao seu redor despencava em seu rico

cabelo ruivo como grossas ondas como sangue e fogo. Em seu rosto branco e estreito, olhos azuis brilhavam como chamas de gás brilhavam.

Emma limpou a garganta.

— Já que a Rainha é tão brilhante quanto à luz do sol — disse ela. — Isso é o que eu ia dizer.

— Você não vai me cumprimentar dessa maneira informal, Emma Carstairs — ela disse. — Você entendeu?

— Eles foram assaltados na estrada e atacados — disse Nene. — Nós enviamos fadas mensageiras à frente para lhe dizer …

— Eu ouvi — disse a Rainha. — Isso não desculpa a grosseria.

— Eu acho que a loira estava prestes a chamar a Rainha de vassoura — Fergus murmurou para Nene, que parecia tão exasperada quanto os cortesãos de fada jamais pareceriam.

— É verdade — disse Emma.

— Ajoelhem-se — Rebateu a Rainha. — Ajoelhem-se, Emma Carstairs e Julian Blackthorn, e mostrem o devido respeito.

Emma sentiu o queixo subir como se tivesse sido puxado em uma corda.

— Nós somos Nephilim — ela disse. — Nós não nos ajoelhamos.

— Por que os Nephilim são gigantes na terra, com a força de mil homens? — O tom da Rainha foi gentilmente zombeteiro. — Até mesmo os poderosos caem.

Julian deu um passo em direção ao trono. Os olhos da Rainha baixaram-se, avaliando, medindo.

— Você prefere um gesto vazio ou algo que você realmente quer? — Ele perguntou.

Os olhos azuis da Rainha brilharam.

— Você está sugerindo que você tem algo que eu verdadeiramente quero? Pense com cuidado. Não é fácil adivinhar o que uma monarca deseja.

— Eu tenho o Volume Negro dos Mortos — disse Julian.

A Rainha riu.

— Eu ouvi dizer que você o perdeu — disse ela. — Junto com a vida de sua irmã.

Julian ficou branco, mas sua expressão não mudou.

— Você nunca especificou qual cópia do Volume Negro você queria. — Com a Rainha e Emma olhando, ele enfiou a mão na mochila e tirou um manuscrito branco encadernado. Buracos foram perfurados no lado

esquerdo junto com laços de plástico grossos. A Rainha se recostou, o cabelo vermelho-fogo brilhante contra o metal escuro de seu trono.

— Esse não é o Volume Negro.

— Eu acho que se você examinar as páginas vai descobrir que é — disse Julian. — Um livro é composto pelas palavras que ele contém, nada mais. Tirei fotos de todas as páginas do Volume Negro com meu telefone e ele foi impresso e encadernado em uma loja de cópias.

A Rainha inclinou a cabeça, e o círculo de ouro fino amarrando em sua testa cintilou.

— Eu não entendo as palavras de seus feitiços e rituais mortais — ela disse. Sua voz subiu para um tom agudo. Por trás dos olhos que, às vezes zombavam e, às vezes riam, Emma pensou ter vislumbrado a verdadeira Rainha, e o que aconteceria se alguém cruzasse seu caminho erroneamente, e ela se sentiu fria. — Eu não vou ser enganada ou ridicularizada, Julian Blackthorn, e eu não confio em seus truques. Nene, pegue o livro dele e examine-o!

Nene se adiantou e estendeu a mão. Nos cantos sombrios do cômodo, houve um movimento; Emma percebeu que as paredes estavam forradas de guardas-fadas em uniformes cinza. Não é à toa que eles permitiram que ela e Julian entrassem carregando suas armas. Devia haver cinquenta guardas aqui e mais nos túneis.

Deixe Nene examinar o livro, Julian, ela pensou, e, de fato, ele o entregou sem um murmúrio e assistiu calmamente enquanto Nene olhava, seus olhos folheando as páginas. Por fim, ela disse:

— Isso foi feito por um especialista calígrafo. As pinceladas são exatamente como eu me lembro.

— Um calígrafo habilidoso chamado OfficeMax — murmurou Julian, mas Emma não sorriu para ele.

A Rainha ficou em silêncio por um longo tempo.

A batida de seu pé calçado era o único som na sala enquanto todos esperavam que ela falasse. Finalmente ela disse:

— Esta não é a primeira vez que você me apresenta uma questão complexa, Julian Blackthorn, e suspeito que não será a última.

— Não é para ser complexa — disse Julian. — É o Volume Negro. E você disse que se nós lhe déssemos o Volume Negro, você nos ajudaria.

— Não é bem assim — disse a Rainha. — Eu me lembro de fazer promessas, mas algumas podem não ser mais relevantes.

— Estou lhe pedindo para lembrar que você nos prometeu ajuda — disse Julian. — Estou pedindo para nos ajudar a encontrar Annabel Blackthorn aqui no Reino das Fadas.

— Já estamos aqui para encontrá-la — disse Emma. — Nós não precisamos disso… isso… essa ajuda pessoal. — Ela olhou para a Rainha.

— Temos um mapa que mal funciona — disse Julian. — A Rainha tem espiões por toda parte do Reino das Fadas. Podemos levar semanas para encontrar Annabel. Nós poderíamos passear por Reino das Fadas para sempre, enquanto a nossa comida se esgota. A Rainha poderia nos levar direto a ela, pois nada acontece neste reino sem o conhecimento dela.

A Rainha sorriu maliciosamente.

— E o que você quer de Annabel quando encontrá-la? O egundo Volume Negro?

— Sim — disse Julian. — Você pode manter esta cópia. Eu preciso pegar o Volume Original para levar comigo para Idris e provar à Clave que não está mais no mãos de Annabel Blackthorn. — Ele fez uma pausa. — E eu quero vingança. Pura e simples.

— Não há nada simples sobre a vingança e nada puro — disse a Rainha, mas seus olhos brilhavam com interesse.

Se a Rainha sabia tanto, por que ela simplesmente não matou Annabel e pegou o Volume Negro? Emma se perguntou. *Por causa do envolvimento com a Corte Unseelie?* Mas ela manteve a boca fechada – ficou claro que ela e Julian não estavam de forma alguma em acordo com a Rainha.

— Antes, você desejava um exército — disse a Rainha. — Agora você só me quer para encontrar Annabel para você?

— É uma barganha melhor para você — disse Julian, e Emma notou que ele não tinha dito "sim." Ele queria mais do que isso da Rainha.

— Talvez, mas eu não serei a palavra final sobre o mérito deste volume — disse a Rainha. — Eu preciso ter um especialista concordando primeiro. E você deve permanecer na Corte até que isso seja feito.

— Não! — Emma disse. — Nós não vamos ficar no Reino das Fadas por tempo indeterminado — Ela girou para Julian. — É assim que eles te pegam! Com quantidades de tempo indeterminadas!

— Vou cuidar de vocês dois — disse Nene inesperadamente. — Por causa de Mark. Eu vou cuidar de vocês e me certificar de que nenhum dano aconteça.

A Rainha lançou um olhar hostil a Nene antes de voltar a olhar para Emma e Julian.

— O que você diz?

— Não tenho certeza — disse Julian. — Pagamos um alto preço por este livro em sangue e perda. Para sermos instruídos a esperar…

— Ah, muito bem — disse a Rainha e, em seus olhos, Emma viu uma luz estranha de ânsia. Talvez ela estivesse mais desesperada pelo livro do que Emma pensava? — Como sinal da minha boa fé, darei a você parte do que prometi. Eu vou te dizer, Julian, como certos laços podem ser quebrados. Mas eu não vou contar a *ela* — ela gesticulou para Emma. — Isso não fazia parte da barganha.

Emma o ouviu inalar arduamente. Os sentimentos de Julian por ela podiam estar mortos, ela pensou, mas por alguma razão, ele ainda queria isso desesperadamente, o conhecimento de como seu laço podia ser dissolvido. Talvez isso era um desejo atávico, como ele havia descrito seu desejo de proteger Ty – uma profunda necessidade de sobrevivência enraizada?

— Nene — disse a Rainha. — Por favor, escolte Emma até o quarto em que ela esteve na última vez que foi uma convidada da Corte.

Fergus gemeu. Tinha sido seu quarto em que Emma e Julian tinham dormido anteriormente. Nene se aproximou da Rainha, colocou a cópia do volume preto aos seus pés, e recuou para ficar ao lado de Emma. A Rainha sorriu com os lábios vermelhos.

— Julian e eu permaneceremos aqui para falar em particular — disse ela. — Guardas, vocês pode me deixar. Nos deixar.

— Eu não preciso — disse Emma. — Eu sei do que se trata, quebrar todas as ligações *parabatai*. Nós não precisamos ouvir sobre isso. Isso não vai acontecer.

O olhar da Rainha foi desdenhoso.

— Pequena garota tola — ela disse. — Você provavelmente pensa que está protegendo algo sagrado. Algo bom.

— Eu sei que é algo que você não entenderia — disse Emma.

— O que você diria — disse a Rainha. — Se eu dissesse que existe uma corrupção no coração do vínculo *parabatai*? Um veneno. Uma escuridão nele que espelha sua bondade. Há uma razão pela qual *parabatai* não podem se apaixonar e é mais monstruoso do que tudo que você poderia imaginar — sua boca brilhava como um maçã envenenada enquanto sorria.

— A runa *parabatai* não foi dada a você pelo Anjo, mas pelos homens, e os homens são falhos. Davi, o Silencioso e Jonathan Caçador de Sombras criaram a runa e a cerimônia. Você imagina acha que ela não traz consequências?

Era verdade, e Emma sabia disso. A runa *parabatai* não estava no Livro Cinza. Mas nem a runa da *Alliance* que Clary havia criado, e isso era considerado um bem universal.

A Rainha estava torcendo a verdade para se adequar a si, como sempre fazia. Os olhos dela, fixos em Emma, eram pedaços de gelo azul.

— Eu vejo que você não entende — ela disse. — Mas você irá.

Antes que Emma pudesse protestar, Nene pegou seu braço.

— Venha — ela murmurou. — Enquanto a Rainha ainda está de bom humor.

Emma olhou para Julian. Ele não tinha se movido de onde estava, as costas rígidas, seu olhar fixado firmemente na Rainha. Emma sabia que deveria dizer alguma coisa. Protestar, dizer a ele não ouvir as palavras malandrinas da Rainha, dizer que não havia maneira, não importava o que estava em jogo, de justificar a quebra de todos os laços *parabatai* no mundo.

Mesmo que isso os libertasse. Mesmo que isso trouxesse Julian de volta para ela. Ela não pôde dar voz às palavras.

Ela saiu da câmara da Rainha ao lado de Nene sem nenhuma outra palavra.

10
MUITOS SANTUÁRIOS MARAVILHOSOS

A VISÃO DO MERCADO DAS SOMBRAS enviou um soco de familiaridade através do peito de Kit. Era uma noite típica de Los Angeles — a temperatura caiu assim que o sol se pôs e um vento frio soprou pelo terreno baldio onde o mercado estava, fazendo as dezenas de sinos de fadas que pendiam do cantos dos estandes com dossel branco balançarem.

Ty estava cheio de excitação reprimida por todo o caminho até lá na parte de trás do Uber, com o qual ele lidou empurrando a manga da camisa de Kit e dando-lhe várias runas. Kit tinha três deles: Visão Noturna, Agilidade e uma chamada Talento, que Ty disse que o tornaria mais persuasivo. Agora eles estavam de pé na entrada do mercado, tendo sido abandonados em Vale Kendall.

Ambos estavam vestidos o mais mundanamente possível, em jeans, jaquetas com zíper fontral e botas. Mas Ty ainda era visivelmente um Caçador das Sombras.

Ele se mantinha como um, andava como um e parecia um, e havia até mesmo runas visíveis na pele delicada do pescoço e pulsos.

E hematomas também — em todos os lados de sua mãos, o tipo que nenhum menino mundano teria qualquer negócio a menos que ele estivesse em um clube de luta ilegal.

Não teria importado se ele pudesse cobri-los, no entanto.

Caçadores de Sombras pareciam sangrar a herança de seus anjos através de seus poros. Kit perguntou—se se ele mesmo já fazia isso.

— Eu não vejo nenhum portão — disse Ty, esticando a cabeça.

— Os portões são metafísicos, não são exatamente reais — Kit explicou.

Eles caminhavam em direção à seção do Mercado, onde poções e encantos eram vendidos. Um estande coberto de rosas que caíam em tons de vermelho, rosa e branco vendia encantos de amor, um com um toldo verde e branco vendia boa sorte e fortuna, e um estande cinza perolado com cortinas de renda penduradas, proporcionando privacidade, vendia itens

mais perigosos. Necromancia e magia negra foram ambas proibidas no mercado, mas as regras nunca foram rigorosamente aplicadas ali.

Uma puca estava encostada na coluna de um poste nas proximidades, fumando um cigarro. Atrás dele, as ruas do mercado pareciam pequenas e brilhantes, seduzindo Kit com gritos de "Venha comprar!" Vozes clamavam, jóias tilintavam e sacudiam, especiarias e incenso perfumavam o ar. Kit sentiu desejo misturado com ansiedade — ele lançou um rápido olhar para Ty. Eles não tinham entrado no mercado ainda; Ty estaria pensando em quanto odiava o Mercado de Londres, em como isso o fazia suar e entrar em pânico com tantos barulhos, tanta luz e tanta pressão.

Ele queria perguntar a Ty se estava bem, mas ele sabia que o outro garoto não queria isso. Ty estava encarando o mercado, tenso de curiosidade. Kit virou-se para a puca.

— Guardião — disse ele. — Nós pedimos para entrar no Mercado das Sombras.

Ty olhou atentamente. A puca era alta, escura e magra, com fios de bronze e ouro que passavam por seus longos cabelos. Ele usava uma calça roxa e estava e sem sapatos. O poste de luz em que ele se apoiava estava entre duas barracas, nitidamente bloqueando o caminho para o Mercado.

— Kit Rook — disse a puca. — Que elogio , ainda ser reconhecido por alguém que nos deixou para habitar entre os anjos.

— Ele conhece você — Murmurou Ty.

— Todo mundo no Mercado das Sombras me conhece — Disse Kit, esperando que Ty estivesse impressionado.

A puca apagou o cigarro que liberou um cheiro adocicado de ervas carbonizadas. — Senha — disse ele.

— Eu não vou dizer o isso, — Disse Kit. — Você acha que é engraçado tentar fazer as pessoas dizerem isso.

— Dizer o quê? Qual é a senha? — Ty exigiu.

A puca sorriu.

— Espere aqui, Kit Rook, — Disse ele, e derreteu de volta para as sombras do mercado.

— Ele vai trazer Hale — Disse Kit, tentando esconder os sinais de seu nervosismo.

— Eles podem nos ver? — Perguntou Ty. Ele estava olhando para o Mercado das Sombras, onde aglomerados de Submundos, bruxas e outros

membros variados do submundo mágico, movimentando-se entre os clamores. — Lá dentro?

Era como estar do lado de fora de um quarto iluminado no escuro, pensou Kit. E embora Ty não expressasse dessa maneira, Kit suspeitava que ele sentia o mesmo.

— Se eles podem, eles nunca demonstram — Disse ele.

Ty se virou para ele de repente.

Seu olhar deslizou pela orelha de Kit, sua maçãs do rosto, não encontrando os olhos dele. — Watson…

— Kit Rook e Ty Blackthorn, — estalou uma voz das sombras.

foi Barnabas Hale, chefe do mercado. — Na verdade, estou supondo que vocês não são Kit Rook e Ty Blackthorn de verdade, porque eles nunca seriam estúpidos o suficiente para aparecer aqui.

— Isso pareceu um elogio, — disse Ty, que parecia sinceramente surpreso.

— Claro, talvez não sejamos nós — Disse Kit. — Talvez alguém tenha acabado de obter as especificações para o diagrama de doces que você encomendou descontroladamente.

Hale franziu a testa em aborrecimento.

Ele se parecia como sempre: pequeno, com escamas esfolados e olhos esbugalhados de serpente. Ele usava um terno listrado que Kit assumiu ter sido fortemente alterado para caber, a maioria dos humanos não eram três pés de altura e três pés de largura.

A puca retornou com Hale.

Silenciosamente, ele se inclinou contra o poste de luz novamente, seus olhos escuros brilhando.

— Prove que você é Kit Rook, — disse Hale. — Qual é a senha?

— Eu ainda não vou dizer isso. Eu nunca vou dizer isso, — Disse Kit.

— O que é? — Ty exigiu.

— Deixe-nos entrar, — disse Kit. — Nós não queremos nenhum tipo de problema.

Hale soltou uma risada. — Vocês não querem problemas?

Vocês dois? Você tem que estarbrincando comigo. Você sabe que tipo de caos causou em Londres? Propriedade destruída, vendedores atacados e você — Ele apontou para Ty — Destruíu uma grande quantidade de estoque de fadas. Eu odeio vocês dois. Vão embora.

— Ouça-me — disse Kit. — Lembra quando aquela fada queimou metade do Mercado a baixo e foi bem recebida no ano seguinte, porque ela teve uma boa safra de dentes de galinha?

Lembra do lobisomem, da lhama e de como acabou? E ele não foi banido, porque ele tinha uma linha em um suprimento de yin fen.

— Qual é o seu ponto?, — Disse Hale. Ele suspirou. — Deus, eu gostaria de ter um charuto. Tive que parar.

— O espírito do mercado é simples, — disse Kit. — Tudo está bem desde que você faça um lucro. Certo?

— Claro, — disse Hale. — E é por isso que tolerávamos Johnny Rook. Nós tolerávamos você porque os Caçadores de Sombras ainda não tinham te encontrado. Mas agora eles o têm e será fácil para descobrirem quem você realmente é…

— O que é que isso quer dizer? — Disse Ty.

O vento tinha levantado e estava soprando seu cabelo escuro como flâmulas.

— Nada de graça — Disse Hale, com o aborrecimento de um homem que falou muito e quem queria um charuto e não poderia ter.

— Além disso, o seu dinheiro não é bom aqui, Rook. — Ele acenou com a mão na direção de Ty. — Eu posso ser capaz de conseguir algo em troca do seu amigo magro nos círculos certos, mas não o suficiente.

— Teoricamente, quanto? — Perguntou Ty com interesse.

Hale parecia sombrio.

— Não um preço tão bom quanto eu poderia conseguir por Emma Carstairs — ainda mais por apenas a cabeça dela.

Ty empalideceu.

Kit sentiu, recordando Ty que o mercado era, de fato, verdadeiramente perigoso. Que tudo era verdadeiramente perigoso.

Kit sentiu que a situação estava se afastando dele. — Sem cabeças. Olha meu pai não confiava em ninguém, Sr. Hale. Você sabe disso. Ele escondeu seu mais precioso itens em toda Los Angeles, enterrados em lugares que ele achava que ninguém jamais encontrá—los.

— Estou ouvindo, — Disse Hale.

Kit sabia que essa era a parte arriscada.

— Um está bem aqui no Mercado das Sombras. Uma cópia incrustada de rubis dos Manuscritos Vermelhos da Magia. — A puca assobiou, longo e baixo. — Não só vou dar a você, vou dar a você de graça, — Disse Kit. —

Tudo que vocês tem que fazer é nos deixar livres para ir ao Mercado das Sombras. Comércio livre.

Hale balançou a cabeça em arrependimento.

— Agora eu realmente gostaria de ter um charuto, então eu poderia comemorar, — disse ele. — Eu já achei isso, seu idiota. Nós desenterramos a barraca de seu pai depois que os Demônios Mantids o mataram. — Ele se virou, então parou, olhando por cima do ombro.

O luar parecia refletir em sua pele branca e escamada. — Vocês estão fora do seu nível, crianças. Saiam do Submundo antes que alguém mate vocês. Essa pessoa pode até ser eu.

Uma língua bifurcada passou por entre os dentes e lambeu os lábios. Kit começando a voltar, revoltado, enquanto Hale se fundia no Mercado e era engolido pela multidão.

Kit não podia olhar para Ty.

Ele sentiu como se o ar tivesse sido arrancado dele, choque e vergonha em guerra por uma chance igual de virar o seu estômago.

— Eu.. — Ele começou.

— Você deveria ter dado a senha, — disse o puca.

Sem paciência, Kit levantou lentamente o dedo do meio.

— Aqui está a senha.

Ty abafou uma risada e agarrou a manga de Kit. — Vamos — disse ele. — Vamos dar o fora daqui.

***

— Tenho orgulho de anunciar — Disse Horace Dearborn — que a proposta do Registro de Submundanos está pronta para se tornar realidade.

O som que passou pelas filas de Nephilim sentados no Salão Conselho foi difícil de decifrar. Para Diana soava como o rugido de um animal conduzindo outro animal faminto para longe de sua presa.

Horace ficou com as mãos cruzadas atrás das costas, um sorriso inexpressivo em seu rosto. À sua esquerda estava Zara, em pleno traje de Centurião, o cabelo trançado em uma coroa em volta da cabeça. À sua direita estava Manuel, sua expressão cuidadosamente em branco, seus olhos dançando com malícia.

Eles pareciam um escárnio horrível de um retrato de família.

— Todos os Institutos terão um curto período de tempo para registrar seus Submundanos — disse Horace. — Os chefes dos Institutos devem

atender a uma cota de registros, com base em nosso conhecimento das populações locais de Submundanos, nas primeiras semanas que esta Lei entra em vigor.

Diana sentou-se, deixando as palavras passarem por ela em ondas de horror. Ela não podia ajudar, mas olhou para Jia, que ocupava um assento alto de madeira na beira do estrado. Seu rosto era uma máscara tensa, Diana não pôde deixar de se perguntar se isso era mais extremo até do que Jia temia que Horace pudesse propor.

— E se os habitantes do Submundo se recusarem? — Alguém gritou da platéia.

— Então eles terão as proteções dos Acordos retiradas, — Disse Zara, e Diana sentiu todo seu corpo ficar gelado. Nenhuma proteção dos Acordos significava que um Caçador de Sombras poderia matar um Submundano na rua sem motivo e não haveria consequências. — Entendemos que isso será um grande fardo de trabalho nos Institutos, mas é importante que todos cooperem, para o bom de todos os Caçadores de Sombras.

— Cada Submundano registrado receberá um número, — disse Horace. — Se um Submundano for parado por um Caçador de Sombras por qualquer motivo, em qualquer lugar, eles pode ser solicitado deste número.

O barulho na sala soava decididamente mais preocupado agora.

— Pense nisso como uma espécie de cartão de identificação, — Disse Manuel. — Segurança e responsabilidade são duas das nossas principais preocupações.

— Eu quero isso ouvir da consuelesa!— Gritou Carmen Delgado Mendoza, chefe do Instituto da Cidade do México, da platéia. Ela era a mãe de Cristina e parecia mais do que um pouco como a filha dela.

Horace parecia irritado; tecnicamente, como o que propõe uma nova lei, ele tinha a palavra e podia falar por um certo número de minutos ininterruptos. Diana sentiu que ele já falava há vários anos.

Ele gesticulou ingenuamente para Jia, que segurou os braços da cadeira dela. firmemente.

— Minha opinião é que esta lei não é uma boa idéia— Disse ela.

— Seres do Submundo irão resistir ao que eles verão ser um grande parte dos Nephilim. Isso estabelece uma atmosfera de desconfiança.

— Isso é porque não confiamos neles — disse Manuel. Houve um vendaval risadas do fundo da sala.

Diana não aguentou mais, ela se levantou. — Eu tenho uma pergunta para o Inquisidor!

Horace olhou para ela com olhos encobertos. — Nós vamos tirar dúvidas e comenta depois, *Diana*.

Diana não gostou da ênfase que ele colocou em seu nome, como se estivesse encontrado algo desagradável. Provavelmente Zara contara ao pai um monte de mentiras sobre Diana; Que Diana uma vez humilhara Zara na frente de seus colegas Centuriões.

Narcisistas como Zara não se esquecem de insultos.

— Deixe-a falar, — Disse Jia. — Todos no Conselho têm voz.

Intensamente consciente dos olhos nela, Diana disse: — Isso pode parecer uma pequena ação, mas não vai parecer pequena para os Submundanos. Terá repercussões, mesmo que o registro seja temporário, sempre haverá razões para continuar. É muito mais difícil desmantelar esse tipo de estrutura do que construir. Poderíamos enfrentar uma situação em que os Submundanos insistam que os Caçadores de Sombras também devam ser registrados, por igualdade. Você está preparado para ter *Os nephilins* carregando os papéis por toda parte?

Isso teve o efeito desejado. O Conselho explodiu em zumbido irritado. — Não! Nunca! — Dearborn retrucou.

— Então isso efetivamente torna os Submundanos uma subclasse — disse Diana. — Nós teremos direitos que eles não têm.

Pensem sobre isso.

— E por que você está tão incomodado com essa ideia, Diana Wrayburn?, — Disse Manuel em sua voz suave e encantadora. Seus olhos brilhavam como bolinhas de gude. — Tem algum Submundano, talvez querido para você, que você se preocupe seja afetado?

— Muitos Caçadores de Sombras têm Submundanos que são queridos para eles — Disse Diana uniformemente. — Você não pode nos separar de um grupo de seres humanos que têm mais em comum conosco que os mundanos.

Diana sabia a resposta para isso: *Não temos medo de mundanos, temos dos Seres do Submundo e procuramos controlar o que tememos.* Mas era improvável que Horace tivesse esse tipo de autoconsciência. Ele a olhou com aversão aberta quando ela se sentou.

— Esta é claramente uma questão complexa — disse Jia, levantando-se. — Eu sugiro que nós continuemos essa votação daqui há uma semana até

que o Conselho tenha tido tempo de chegar a um acordo com todas as suas ramificações.

Horace transferiu seu olhar para ela, mas não disse nada. O

Conselho emitiu agora um zumbido de alívio, e até mesmo Horace Dearborn sabia que não deveria voar diretamente no rosto da opinião popular durante uma votação. Ele ficou no estrado quandoo reunião foi acabada, seus partidários reunidos em torno dele em um grupo espesso.

Sentindo-se inexpressivamente cansada, Diana foi a uma das saídas. Ela sentiu como se tivesse sido chamada para testemunhar uma execução sangrenta apenas para ver a vítima poupada por uma semana. Alívio misturado com medo do que o futuro traria.

— Diana! — Disse uma voz leve e acentuada atrás dela. Diana se virou para ver uma das mulheres do Instituto de Barcelona — Trini Castel — se aproximar dela. Ela colocou uma mão de passarinho no braço de Diana.

— Eu fiquei inspirada pelo que você disse, senhorita Wrayburn — Disse ela. — Você está certa de que os direitos - os direitos de qualquer pessoa - não devem ser descartados com leviandade.

— Obrigado — disse Diana, mais do que um pouco surpresa.

Trini Castel deu a ela Um sorriso rápido e correu para longe, deixando Diana com uma visão clara do estrado.

Zara permaneceu na borda, seu olhar fixo em Diana. Com a luz pálida filtrada através da janela, o ódio nu em seu rosto - muito mais do que alguém pode se sentir sobre um insulto do passado - estava claro como o dia. Estremecendo, Diana se virou e se apressou pelo corredor.

*

A convergência suspeita de Catarina nas linhas ley acabou por ser em um pequeno parque deserto perto do Vale Antelope, famoso por suas formações de arenito maciço. Tanto Helen quanto Aline pareciam ligeiramente surpresas que Mark e Cristina estivessem planejando sair em patrulha, mas elas não tinham feito nada para pará-los, como se elas relutantemente reconhecessem que o patrulhamento era uma parte normal da vida dos Caçadores de Sombras, e quanto mais cedo todos voltassem à vida normal, melhor.

No caminho de Malibu eles pegaram o caminhão de Diana, que havia sido deixado no estacionamento do Instituto - Cristina se lembrou da longa estrada de viagens que ela teve com Emma.

Janelas do caminhão, música tocando baixo nos alto-falantes, a praia se tornando rodovia e se transformando em deserto enquanto o sol se punha em uma névoa de fogo. Mark tinha suas longas pernas no painel e às vezes virava a cabeça para olhá-la enquanto eles rodavam em silêncio; O peso do olhar dele parecia pele contra pele.

Como um toque.

O Parque Vasquez Rocks fechava ao pôr do sol e o estacionamento de terra batida estava vazio quando Cristina cruzava o caminhão e desligava o motor. Eles recolheram suas armas da cama do caminhão, tirando os protetores de pulso e cintos de armas da flambagem. Cristina amarrou uma espada longa e a confiou em seu cinto, enquanto Mark encontrava um chicote preto e estalava algumas vezes. Ele tinha um olhar de prazer em seu rosto enquanto seu olhar serpenteava através do céu escuro.

Eles correram antes de partirem. Cristina podia ver a runa da Visão Noturna que cintilava negra contra a garganta de Mark enquanto eles passavam sob as luzes da estação de guarda-florestal e cruzavam um caminho de sujeira que ferida através de matagal e das rochas que se torciam e se dobravam como envelopes.

Cristina respirou profundamente. De todas as coisas que ela amava na Califórnia, ela amava mais o cheiro do deserto: ar puro misturado com zimbro, manzanita e sábio. O céu se abriu acima deles como um segredo contado, espalhado em um milhão de estrelas.

Eles passaram por uma placa de madeira para uma trilha, assim como uma formação maciça de rocha que subiu à frente deles, quase bloqueando a lua. — A convergência das linhas ley — Mark disse, apontando.

Cristina não perguntou como ele sabia; fadas tinham um senso para tais coisas. Eles se aproximaram das rochas, que se erguiam acima deles em lajes inclinadas, como o restos de uma nave espacial que caiu na areia. As botas de Cristina trituraram a areia, o som alto em seus ouvidos graças a sua runa de áudio.

Um som zumbido de agudo de insetos atrás dela. Ela virou.

Mark foi franzindo o cenho para o sensor na mão. — Está fazendo um zumbido, mas não um que eu já tenha ouvido antes — Ele disse.

Cristina se virou devagar. O deserto se estendia ao redor dela, um tapete de ouro preto, marrom e escuro. O céu era de veludo escuro. — Eu não vejo nada.

— Devemos esperar aqui, — disse Mark. — Veja se acontece de novo.

Cristina não estava com vontade de ficar por baixo da uma lua romântica com Mark.

— Acho que devemos continuar andando.

— Cristina — Disse Mark. — Você parece irritada comigo.

Cristina revirou os olhos. — Nada passa por você, Mark Blackthorn.

Mark baixou o sensor. — Ontem à noite, não era que eu não quisesse - e eu queria…

Cristina corou furiosamente. — Não é isso, Mark — Disse ela. — Você pode querer ou não. É assunto seu. Foi porque você mentiu.

— Humanos mentem, — ele disse, seus olhos bicolores de repente brilhando. — Os mortais mentem para uns aos outros todos os dias, especialmente em questões de amor. É que a minha mentira não foi boa bastante? Eu deveria ser mais experiente?

— Não! — Ela girou para ele. — Eu gosto que você não minta, Mark. É por isso que eu estava tão… Mark, você não consegue entender? Eu não esperava que você mentisse para mim.

— Você me viu mentir para Kieran — Disse ele.

— Sim, mas isso foi para salvar vidas, — Disse ela. — A menos que você esteja me dizendo que você não quer fazer sexo comigo tem algo a ver com salvar vidas, que acho difícil de acreditar…

— Eu queria! — Mark explodiu. — Uma coisa que você deve entender é que eu quero estar com você dessa maneira, e de todas as formas, e isso não é mentira.

Cristina afundou em uma pedra baixa. Seu coração estava batendo. E ela só disse a palavra “sexo” o que a embaraçou horrivelmente. — Então eu não entendo porque você fez isso — disse ela em voz baixa. — Você estava tentando poupar alguém? Kieran?

— Eu estava tentando poupá—la — Ele disse , sua voz escura e dura, como lampejo de inverno.

— Me poupar de que?

— Você sabe quem você é — Ele gritou, assustando-a. Ela olhou para ele, sem compreender - não era como se ela fosse uma estranha, para ele ou para alguém. O que ele quis dizer? — Kieran te chamou de Princesa dos Nephilim, e com razão, — Disse ele. A lua estava completamente apagada e a luz branca prateada iluminou seu cabelo como um halo. Ela também iluminou seus olhos — largos, dourados, azuis e cheio de dor. — Você é um dos melhores exemplos de pessoas que eu já conheci - brilhante, justa,

virtuosa. Você é todas as coisas boas que eu posso pensar, e todas as coisas que eu gostaria de ser e saber mas nunca consigo. Eu não quero que você faça algo que depois se arrependa. Eu não quero que mais tarde você perceba o quão baixo o seu padrão chegou para me alcançar.

— *Mark!* — Ela saltou da rocha e foi até ele. Ela ouviu um baque como algo atingindo o chão, e jogou os braços ao redor de Mark, abraçando-o com força.

Por um momento ele se manteve rígido e congelado. Então ele amoleceu contra ela, seus braços envolvendo seu corpo, seus lábios roçando sua bochecha, os cachos macios de seu cabelo haviam escapado de sua trança.

— Cristina — ele sussurrou.

Ela recuou o suficiente para tocar seu rosto, seus dedos traçando as linhas das suas maçãs do rosto. Sua pele tinha aquela suavidade impossível de fada que vinha de nunca ter precisado do toque de uma navalha. — Mark Blackthorn — Disse ela, e seus ossos estremeceram profundamente ao olhar nos seus olhos. — Eu queria que você pudesse ver você mesmo como eu vejo. Você é tantas coisas que eu nunca pensei querer, mas eu quero. Eu quero todas as coisas com você.

Seus braços se apertaram ao redor dela; ele a puxou para ele como se estivesse reunindo uma braçada de flores. Seus lábios patinaram ao longo de sua bochecha, de sua mandíbula e finalmente suas bocas se encontraram, queimando quente no ar frio, Cristina deu um pequeno ofego com o desejo que a atravessou, afiado como uma ponta de flecha.

Ele tinha gosto de mel e vinho de fada. Eles cambalearam para trás, buscando apoio contra uma pilha de rochas. As mãos de Mark estavam em sua jaqueta de equipamentos, ele estava a desabotoando e deslizando as mãos para dentro, sob a camisa, como se estivesse desesperado pelo toque de a pele dela. Ele murmurou palavras como “linda” e “perfeita” e ela sorriu e passou a língua lentamente pelo seu lábio inferior, fazendo-o ofegar como se ela o tivesse esfaqueado. Ele gemeu impotente e puxou-a mais apertado.

O sensor zumbiu, alto e longo.

Eles se separaram, ofegando. Cristina fechou a jaqueta com as mãos trêmulas enquanto Mark se curvou desajeitadamente para pegar o Sensor. Ele zumbiu novamente e ambos giraram, se encarando.

— *No mames*, ela sussurrou. A sirene fez outro barulho insistente e alguma coisa a atingiu com força do lado.

Foi oMark. Ele a derrubou no chão; ambos rolaram para o lado sobre a terra oca e esburacada enquanto algo enorme e sombrio subiu acima deles. Asas negras se espalhavam como sombras irregulares. Cristina se levantou do cotovelo, tirou uma adaga do cinto e a jogou.

Houve um grito esganiçado, a luz das pedras enfeitiçadas iluminou o céu; Mark estava de joelhos uma pedra rúnica na mão.

Acima deles um enorme demônio de cara branca e penas como um manto sombrio de trapos agitavam suas asas; o cabo do punhal de Cristina se projetava do peito da criatura. Seu contorno já começava a se confundir quando ele gritou novamente, arranhando o punho com uma garra talonada, antes de se dobrar como papel e desaparecer.

— Um demônio Harpyia — Disse Mark, saltando para seus pés.

Ele se abaixou para ajudar Cristina depois dele. — Provavelmente se escondendo nas rochas. É por isso que o sensor não pegou bem.

— Nós devemos ir. — Cristina olhou ao redor. — A julgar pelo Sensor, existem mais.

Eles começaram a correr em direção à trilha de terra, Cristina olhando por cima do ombro para ver se alguma coisa os estava seguindo.

— Eu só quero deixar claro que eu não planejei a interrupção do demônio Harpyia — Disse Mark, — Eu estava realmente ansioso para continuar com a nossa conferência sexual.

Cristina suspirou. — É bom saber. — Ela cortou lateralmente para baixo através das artemisia. Ao longe, ela podia ver o brilho metálico do caminhão estacionado.

Os passos de Mark diminuíram. — Cristina. Veja.

Ela olhou ao redor. — Eu não vejo nada.

— Olhe para baixo — disse ele, e ela o fez.

Ela se lembrou de pensar que suas botas haviam esmagado estranhamente a areia. Agora ela percebeu que era porque não era areia, uma paisagem lunar desolada esticou-se ao redor deles num raio de vinte pés. As plantas suculentas e artemísias murchas eram brancas como ossos velhos. A areia parecia como se tivesse sido atingido por incêndios florestais e os esqueletos de coelhos e cobras foram espalhados entre as rochas.

— É a praga — Disse Mark. — A mesma ferrugem que vimos na Reino das Fadas.

— Mas por que estaria aqui? — Perguntou Cristina, desnorteada. — O que as linhas ley tem a ver com a praga? Isso não é magia de fada?

Mark sacudiu a cabeça. — Eu não…

Um coro de gritos estridentes rasgou o ar. Cristina girou, chutando uma nuvem de poeira e viu sombras saindo do deserto ao redor deles. Agora Cristina podia vê—los mais de perto: eles pareciam pássaros apenas porque eram alados. O que parecia ser penas eram, na verdade, panos negros que envolviam seus corpos brancos e magros. Suas bocas estavam tão cheias de dentes tortos e pontiagudos que davam a impressão de estarem sorrindo grotescamente. Seus olhos estavam estourando como lâmpadas amarelas com pupilas pretas.

— Mas o Sensor — Ela sussurrou. — Não saiu. Não…

— Corra — Disse Mark, e eles correram, enquanto os demônios Harpyias subiam gritando e rindo para o céu. Uma pedra bateu no chão perto de Cristina, e outro mal passou pela cabeça de Mark.

Cristina ansiava por se virar e mergulhar sua balisong no demônio mais próximo, mas era muito difícil mirar enquanto ambos corriam. Ela podia ouvir Mark xingando enquanto ele se esquivava de pedras do tamanho de bolas de beisebol. Uma bateu dolorosamente na mão de Cristina, quando chegaram ao caminhão e ela abriu a porta; Marck subiu no outro lado, e por um momento eles se sentaram ofegando enquanto as pedras batiam na cabine do caminhão como granizo.

— Diana não vai ficar feliz com o carro dela — Disse Mark.

— Temos problemas maiores. — Cristina enfiou as chaves na ignição; o caminhão deu partida com um solavanco, rolou para trás e parou. O som do rochas que batiam no telhado de metal tinham cessado também, e o silêncio de repente parecia estranho. — O que está acontecendo? — Ela exigiu, pisando no acelerador.

— Saia! — Mark gritou. — Temos que sair!

Ele agarrou o braço de Cristina, puxando-a sobre o console central. Ambos saíram da porta do lado do passageiro quando o caminhão se ergueu ar, Cristina aterrissando desajeitadamente meio em cima de Mark.

Ela se virou para ver que os demônios Harpyia haviam se apoderado do caminhão, garras perfurando os lados de metal da cama e cavando quadros na janela. O veículo navegou no ar, os demônios Harpyia gritando e rindo enquanto eles o transportavam para o céu — e o soltavam.

Ele girou de ponta a ponta e atingiu o chão com um enorme impacto de metal e vidro, rolando para os lados para se deitar na areia. Um dos Harpyia tinha montado como se fosse uma prancha de surfe e ainda agachado, grunindo e dando risadinhas enquanto eles o levantavam para o céu — e o derrubavam..

Cristina ficou de pé e seguiu em direção ao caminhão. Quando ela se aproximou, podia sentir o cheiro de gasolina derramando. O

Harpyia, muito estúpido para perceber o perigo, virou o rosto branco e sorridente para ela. — *As rochas são o nosso lugar* — sibilou ele. — *Envenenado. Melhor lugar*.

— *Cállate!* — ela estalou, desembainhou sua espada longa e cortando a cabeça.

Icor explodiu para cima em um borrifo mesmo quando o corpo do Harpyia se dobrou e piscou para fora da existência. Os outros demônios uivaram e mergulharam, Cristina viu um deles bombardear Mark e gritou seu nome, Ele pulou em uma pedra e o cortou com seu chicote. Ichor abriu uma costura brilhante no peito do Harpyia e bateu na areia, chiando, mas outra Harpyia já estava cruzando o céu. O

chicote de Mark se enrolou em torno de sua garganta e ele se sacudiu com força, fazendo a cabeça bater como um arbusto entre as pedras.

Algo atingiu as costas de Cristina, ela gritou quando seus pés deixaram o chão. Uma Harpyia tinha afundado suas garras na parte de trás de sua jaqueta de equipamento e estava a levantando ela no ar. Ela pensou em histórias sobre como as águias voavam alto no céu com suas presas e, em seguida, os liberta, deixando seus corpos se quebrarem no chão abaixo. O chão estava recuando abaixo dela em uma velocidade aterrorizante.

Com um grito de medo e raiva, ela cortou para cima e para baixo com sua espada, cortando as garras do Harpyia na articulação.

O demônio gritou e Cristina caiu no ar, sua espada caindo de sua mão, estendendo a mão como se pudesse pegar algo para retardar sua queda.

Algo a pegou no céu.

Ela engasgou quando uma mão pegou seu cotovelo e ela foi puxada para o lado para pousar desajeitadamente em cima de algo quente e vivo. Um cavalo voador. Ela engasgou e tentou se segurar com as unhas, cavando a crina da criatura enquanto mergulhava e mergulhava.

— Cristina! Fique parada!

Era Kieran gritando. Kieran estava atrás dela, um braço chicoteando ao redor da sua cintura para puxá—la contra ele. O que parecia ser uma carga elétrica passou através dela Kieran estava com os olhos arregalados, o cabelo negro—azulado profundo, e ela percebeu de repente que o cavalo era Lança do Vento, mesmo quando o garanhão se atirou através da multidão de Harpyias em direção a Mark.

— Kieran, olhe para trás — Ela gritou, enquanto os demônios Harpyia virou sua atenção para Lança do Vento, seus olhos amarelos estalando girando como lanternas.

Kieran jogou o braço para fora e Cristina sentiu a carga elétrica através dela novamente. O fogo branco brilhou e os demônios Harpyia recuaram conforme Lança do Vento pousou levemente na frente de Mark.

— Mark! Para mim! — Kieran gritou. Mark olhou para ele e sorriu - um sorriso de Caçador, um sorriso de batalha, todos os dentes - antes de decapitar um último Harpyia com um puxão de seu chicote. Salpicado de sangue e icor, Mark saltou para o cavalo atrás de Kieran, colocando seus braços ao redor da cintura de Kieran.

Lança do Vento saltou no ar e o Harpyia seguiu, suas bocas sorrindo abertas para mostrar fileiras de dentes semelhantes a tubarões.

Kieran gritou algo em uma língua fada que Cristina não conhecia, e Lança do Vento se inclinou em um ângulo impossível. O

cavalo se atirou para cima como uma flecha, o caminhão abaixo deles tinha finalmente explodido, engolindo o demônio Harpyia em uma enorme coroa de chamas.

Diana vai ficar muito brava pelo seu caminhão, pensou Cristina, e caiu contra a juba de Lança do Vento enquanto o cavalo fada circulava abaixo das nuvens, virava—se em direção ao oceano.

*

Kit nunca tinha estado no telhado do Instituto de Los Angeles antes, ele tinha que admitir que tinha uma visão melhor do que o Instituto de Londres, a menos que você fosse um otário para arranha —céus. Daqui você podia ver o deserto se estendendo para trás a casa, por todo o caminho para as montanhas. Seus topos foram tocados pela luz refletindo na cidade do outro lado da faixa, seus vales na sombra profunda. O céu estava brilhante com estrelas.

Na frente da casa estava o oceano, sua imensidão aterrorizante e gloriosa. Hoje à noite o vento era como dedos leves acariciando sua superfície, deixando rastros de ondas de prata atrás.

— Você parece triste — disse Ty. — Você está?

Eles estavam sentados na beira do telhado, as pernas balançando—se no espaço vazio. Esta foi provavelmente a maneira que ele deveria ter vivido seus anos da escola, Kit pensou, subindo em lugares altos, fazendo besteiras perigosas coisas que preocupariam seus pais. Só ele não tinha pais para se preocupar, e os coisas perigosas que ele estava fazendo eram realmente perigosas.

Ele não estava preocupado por si mesmo, mas estava preocupado com Ty.

Ty, quem estava olhando para ele com preocupação, seu olhar cinzento patinando sobre o rosto de Kit como se fosse um livro que ele estava tendo dificuldade em ler.

Sim, estou triste, pensou Kit. *Estou preso e frustrado. Eu queria impressionar você no Mercado das Sombras e eu me envolvi tanto que me esqueci de todo o resto. Sobre como nós realmente não deveríamos estar fazendo isso. Sobre como eu não posso te dizer que não devemos estar fazendo isso.*

Ty estendeu a mão e afastou o cabelo de Kit do rosto, uma espécie de gesto ausente que enviou uma imagem de algo através de Kit, uma sensação como se tivesse tocado uma cerca elétrica viva.

Ele olhou e Ty disse: — Você deveria cortar o cabelo. Julian corta o cabelo de Tavvy.

— Julian não está aqui — Disse Kit. — E eu não sei se quero que ele corte meu cabelo.

— Ele não é ruim nisso. — Ty baixou a mão. — Você disse que seu pai tinha coisas escondidas por todo o lado em Los Angeles.

Existe alguma coisa que possa nos ajudar?

Seu pai. Como se Julian fosse o pai de Ty. Então, novamente, ele era de certa forma.

— Nada necromântico — disse Kit.

Ty pareceu desapontado. Ainda tonto com o choque da cerca elétrica, Kit não aguentava. Ele tinha que consertar isso, aquele olhar no rosto de Ty. — Olha, nós tentamos a abordagem direta. Agora temos que tentar o golpe.

— Eu realmente não entendo — Disse Ty. — Eu leio um livro sobre eles, mas eu não posso entender como as pessoas se deixam enganar assim.

Os olhos de Kit caíram no medalhão de ouro ao redor do pescoço de Ty. Ainda havia sangue nele. Pareciam manchas de ferrugem. — Não é sobre fazer as pessoas acreditem no que você quer que eles acreditem. É sobre deixá-los acreditar no que eles querem acreditar. Sobre dar a eles o que eles acham que precisam.

Ty levantou os olhos; embora eles não conhecessem os de Kit, Kit poderia ler a expressão neles, a consciência do amanhecer. *Ele consegue?* Kit pensou, com alívio e apreensão misturados.

Ty ficou de pé. — Eu tenho que enviar uma mensagem de fogo para Hypatia Vex — ele disse.

Isso não era nada do que Kit esperava que ele dissesse. — Por quê? Ela já disse não sobre nos ajudar.

— Ela disse. Mas Shade diz que ela sempre quis administrar o Mercado das Sombras — Ty sorriu de lado, e naquele momento, apesar de sua diferença coloração, ele parecia Julian. — É o que ela acha que precisa.

*

O céu era uma estrada e as estrelas faziam caminhos; a lua era uma torre de vigia, um farol que te levou para casa.

Estar nas costas de Lança do Vento era totalmente estranho e totalmente familiar para Mark. Estar com seus braços ao redor de Kieran. Ele voou por tantos céus segurando Kieran, e a sensação do corpo de Kieran contra o dele, a força de seu chicote, o cheiro fraco de sal e oceano de sua pele e cabelo, era tudo mapeado no sangue de Mark.

Ao mesmo tempo, ele podia ouvir Cristina, ouvi—la rir, vê—la como ela se inclinou para apontar pontos de referência piscando por baixo deles. Ela perguntou a Kieran se pudiam sobrevoar o letreiro de Hollywood e ele tivesse obrigado; Kieran, que fez questão de ser desobediente.

E o coração de Mark se agitou com a risada dela; agitou quando tocou Kieran, ele estava entre eles novamente, como estivera em Londres, e apesar da agitação arrepiou seus nervos com o pensamento, ele não podia fingir que não estava feliz por ter Kieran de volta.

Kieran trouxe Lança do Vento para baixo no lote atrás do Instituto. Tudo estava parado, quebrado apenas pelo som de chilreios de cigarras. Foi

difícil acreditar que dez minutos antes eles estavam em uma luta contra a morte com demônios Harpyia.

— Você está bem? — Cristina disse com uma carranca, quando ela deslizou nas costas do cavalo. — Você não parece bem.

Com um pulo, Mark percebeu que ela estava conversando com Kieran. E que ela estava certa. Kieran chegou ao Vasquez Rocks quase crepitando com energia, era uma espécie de magia, magia numinosa que Mark associava à família real mas nunca tinha visto Kieran empregar antes.

Mas a energia parecia tê-lo deixado; Ele encostou a mão contra o lado de Lança do Vento, respirando com dificuldade. Havia sangue nas mãos, no colarinho e na pele; seu rosto estava sem cor.

Mark deu um passo à frente e hesitou. Ele se lembrou de Kieran dizendo a ele que eles foram feitos. — Eu não sabia que você estava ferido nas rochas, Kier — Disse ele.

— Não. Isso aconteceu na Scholomance.

— Por que você foi embora? — Perguntou Cristina.

— Há algo que eu preciso te dizer. — Kieran estremeceu e deu um tapa em Lança do Vento no flanco. O cavalo relinchou e correu para as sombras, derretendo na escuridão. — Primeiro temos que te levar para cima. — Cristina olhou para Mark como se ela esperasse que ele desse um passo à frente para ajudar Kieran. Quando ele não fez, ela se mudou para o lado de Kieran, curvando o braço em volta do ombro dela. — Precisamos ver o quanto você está ferido.

— É importante…— Kieran começou.

— Então é isso. — Cristina avançou com Kieran inclinando-se sobre ela. Mark não aguentava mais; ele se virou para o outro lado de Kieran e juntos eles entraram na casa, Kieran mancando entre eles.

— Obrigado, Mark — Disse Kieran em voz baixa. Quando Mark arriscou um olhar de lado, ele não viu raiva nos olhos de Kieran, mas Kieran não estava com raiva da última vez que eles estiveram juntos?

Kieran tinha esquecido que Mark tinha prejudicado ele? Não era da natureza dos príncipes esquecer os erros ou perdoar eles.

Cristina estava dizendo alguma coisa sobre água e comida; A mente de Mark estava em um giro, e por um momento, quando eles entraram na cozinha, ele piscou em torno de confusão. Ele pensou que eles estavam indo para um dos seus quartos. Cristina ajudou Mark a colocar Kieran em uma cadeira antes de ir até a pia para pegar toalhas úmidas e sabão.

— Preciso falar com você sobre o que aprendi, — dizia Kieran; ele estava empoleirado na cadeira, todos os membros longos e escuros, roupas estranhas e olhos ardentes. Seu cabelo brilhava profundamente azul. Ele parecia uma fada fora de lugar no mundo humano, e isso apunhalou Mark com uma dolorosa simpatia misturada com medo de que ele pudesse parecer assim.

— Deixe-me ver seu rosto. — Cristina roçou Kieran com dedos gentis; ele Inclinou—se em seu toque, e Mark não podia culpá-lo.

— O que está acontecendo? — A luz brilhou na cozinha; era Helen, carregando uma pedra rúnica em uma mão. — Alguém está ferido?

Mark e Cristina trocaram olhares assustados; Kieran olhou entre Mark e Helen, seus lábios se separando em realização.

— Você estava esperando por nós? — Mark exigiu. — Já passou da meia-noite.

— Eu fui… Não. — Helen olhou para as calças de moletom culpadas. — Eu queria um sanduíche. — Ela olhou para Kieran. — Você trocou o caminhão de Diana por uma fada? Um príncipe?

Kieran ainda estava olhando para ela com a mesma realização e Mark sabia o que ele devia estar vendo: alguém que era tão claramente a irmã de Mark, tão claramente a Helen que Mark tinha falado com tanta dor por tantos anos na Na Caçada.

Ele levantou—se e atravessou a sala para Helen. Ele levantou a mão livre e beijou as costas dela.

— A amada irmã do meu amado Mark. É uma alegria vê-la bem e reunida com sua família.

— Eu gosto dele — Disse Helen para Mark.

Kieran abaixou a mão. — Posso compartilhar minha tristeza com a morte de sua irmã, Livia, — ele disse. — É uma pena ver uma estrela tão brilhante e bonita intempestivamente extinta.

— Sim. — Os olhos de Helen brilharam. — Obrigada.

Eu não entendo, Mark sentiu como se estivesse em um sonho.

Ele tinha imaginado Kieran encontrando sua família, mas não tinha sido assim, e Kieran nunca tinha foi tão gracioso, mesmo na imaginação de Mark.

— Talvez todos devêssemos nos sentar — disse Helen. — Eu acho melhor ouvir sobre o que aconteceu hoje à noite em sua “patrulha normal”? — Ela levantou uma sobrancelha para Mark.

— Primeiro devo dizer-lhe o que aconteceu na Scholomance — Disse Kieran firmemente. — É imperativo.

— O que aconteceu? — Perguntou Cristina. — Eu pensei que seria seguro para você lá…

— Foi por um curto período de tempo, — disse Kieran. — Então a Tropa retornou de Idris e me descobriu. Mas essa história deve esperar. Eu vim para trazer notícias para você. — Ele olhou em volta para os rostos esperançosos. — O Inquisidor da Clave enviou Emma e Julian em uma missão secreta para o Reino das Fadas. Eles não esperam que eles retornem ou sobrevivam.

Mark sentiu-se entorpecido por completo. — O que você quer dizer?

— É uma missão perigosa — e alguém foi enviado atrás deles para se certificar que eles não o completem… — Ofegando, Kieran caiu de volta em sua cadeira, parecendo terrivelmente pálido.

Mark e Cristina chegaram a firmá—lo ao mesmo tempo. Eles olharam um para o outro sobre a cabeça curvada de Kieran com alguma surpresa.

— Kieran, você está sangrando! — Cristina exclamou, afastando a mão de seu ombro. Estava manchado de vermelho.

— Não é nada, — Disse Kieran asperamente. Não era mentira, precisamente — Mark tinha certeza de que ele acreditava, mas seu rosto pálido e olhos febris contavam outra história.

— Kier, você não está bem — Disse Mark. — Você precisa descansar. Você não pode fazer qualquer coisa boa a ninguém nessa condição.

— Concordo. — Cristina levantou-se, a mão ainda vermelha com o sangue de Kieran. — Nós devemos ver suas feridas de uma vez.

***

— Você mudou, filho dos espinhos — Disse a rainha.

Ela ficou em silêncio por alguns minutos enquanto o quarto estava vazio de guardas e observadores. Mesmo então, Julian não acreditava inteiramente que eles estivessem sozinhos. Quem sabia o que sprites ou cluricauns poderiam se esconder entre as sombras?

Julian estava andando de um lado para o outro, impelido por uma inquietação que ele não conseguia explicar. Então, novamente, ele poderia explicar pouco do que sentiu nos dias de hoje. Havia impulsos ele seguiu, outros ele evitou, se irritou, não gostou e até esperou, mas ele não poderia ter explicado a emoção que o levou a matar Dane, ou o que ele sentiu

depois. Era como se as palavras que ele precisava para descrever o que ele sentia que desaparecera de seu vocabulário mental.

Ele lembrou que alguém lhe disse uma vez que as últimas palavras de Sebastian Morgenstern tinha sido *eu nunca me senti tão leve.* Ele próprio sentiu a luz, tendo colocado um peso de medo constante e saudade, ao qual se acostumara tanto a carregar que já não o notava. Mas ainda assim, no fundo, o pensamento de Sebastian o arrepiou. Foi errado sentir leveza?

Agora que ele estava consciente de sua impaciência e de seu conhecimento, embora fosse distante, que ele estava brincando com fogo. Mas o conhecimento não veio acompanhado por medo ou por excitação. Foi distante. Clínico.

— Estamos sozinhos — disse a rainha. — Nós poderíamos nos divertir.

Agora ele olhou para ela. Seu trono havia mudado, e ela também. Ela parecia estar pendurada ao longo das almofadas de uma chaise vermelha, seu cabelo acobreado caindo em volta dela.

Ela era radiantemente linda, os contornos esqueléticos dela rosto preenchido com juventude e saúde, seus olhos castanhos brilhando.

Os olhos da rainha são azuis. Os da Emma são marrons.

Mas isso não mudou o que ele estava vendo; os olhos da rainha eram da cor de pedras de olho de tigre e brilhou quando ela olhou para ele. Seu vestido era branco cetim, e quando ela lentamente levantou uma perna, deslizando o dedo ao longo da sua panturrilha oposta, abriu—se na fenda, revelando as pernas até os quadris.

— Isso é um glamour — Disse Julian. — Eu sei o que está por baixo.

Ela descansou o queixo na mão. — A maioria das pessoas não ousaria falar isso para a Rainha Seelie.

— A maioria das pessoas não tem algo que a Rainha Seelie quer — disse Julian. Ele não sentiu nada, olhando para ela: ela era linda, mas ele não poderia ter desejado-a menos se tivesse sido uma bela rocha ou um belo pôr do sol.

Ela estreitou os olhos e eles piscaram de volta para o azul. — Você está realmente diferente — ela disse — mais como uma fada.

— Estou melhor — disse ele.

— Sério? — A Rainha sentou-se lentamente, seu vestido de seda se arrumando ao redor dela. — Há um ditado entre o meu povo, sobre os mortais que trazemos aqui: no *Reino das Fadas, como os mortais não sentem tristeza, não podem sentir alegria.*

— E por que isso? — Perguntou Julian.

Ela riu. — Você já se perguntou como atraímos mortais para viver aqui? Entre fadas e nos servir, filho dos espinhos? Nós escolhemos aqueles que perderam algo e prometemos o que os seres humanos desejam acima de tudo, um cessar à sua dor e sofrimento. Mal sabem eles que uma vez que eles entram nossas Terras, elas estão na jaula e nunca mais sentirão felicidade. — Inclinou-se para a frente. — Você está naquela jaula, garoto.

Um arrepio subiu pela espinha de Julian. Foi atávico, primitivo, como o impulso que o levou a subir a pira de Livvy. — Você está tentando me distrair, minha senhora. Que tal me dar o que você prometeu?

— O que, *você se importa* com o vínculo parabatai agora?

Parece que você não está mais com Emma. Eu vi no jeito que ela olhou para você. Como se ela sentisse sua falta embora você estivesse de pé ao lado dela.

— Os laços — disse Julian entre os dentes. — Como eles podem ser quebrados? — Sua cabeça latejava. Talvez ele estivesse desidratado.

— Muito bem. — A rainha se inclinou para trás, deixando o cabelo longo derramar sobre o lado da chaise e até o chão. — Embora possa não agradar a você.

— Conte-me.

— A runa *parabatai* tem uma fraqueza que nenhuma outra runa tem, porque foi criado por Jonathan Caçador de Sombras, ao invés do Anjo Raziel — disse o Rainha. enquanto falava, ela desenhou no ar espirais preguiçosas com a ponta do dedo — Mantida na Cidade do Silêncio esta a runa *parabatai* original inscrita por Jonathan, Caçador de Sombras e Davi, o Silencioso. Se for destruída, todas as runas parabatai no mundo serão quebradas.

Julian mal podia respirar. Seu coração estava martelando contra o peito. Todos os laços do mundo. Quebrados. Ele ainda não conseguia explicar o que era o sentimento, mas a intensidade disso o fez sentir como se estivesse explodindo em sua própria pele.

— Por que eu não ficaria satisfeito em ouvir isso? — Ele perguntou. — Porque isso seria difícil?

— Não é difícil. Impossível. Ah, nem sempre foi impossível — disse o Rainha, sentando-se e sorrindo para ele. — Quando falei com você sobre isso primeiro, foi de boa fé. Mas as coisas mudaram.

— O que você quer dizer? — Julian exigiu. — Como as coisas mudaram?

— Quero dizer, há apenas uma maneira de destruir a runa — disse a rainha. — Deve ser destruída com ajuda da Espada Mortal.

11
Algum Mar Mais Distante E Mais Feliz

A FERIDA ERA GRANDE, MAS não profunda, e pegava a parte superior do braço direito de Kieran. Ele se sentou com os dentes cerrados sobre a cama em um dos quartos de hóspedes vazios do Instituto, com a manga cortada pelo canivete de Cristina. Mark se inclinou nervosamente contra uma parede próxima, observando.

Cristina ficou um pouco surpresa com a força do braço de Kieran, mesmo depois que ele a carregou por Londres; ela pensava que as fadas eram delicadas, de ossos finos. E ele era, mas havia dureza lá também. Os músculos dele pareciam firmemente envoltos contra seus ossos, mais do que um humano, dando a seu corpo uma força esguia e firme.

Cuidadosamente, ela terminou de limpar o sangue do corte e correu os dedos levemente sobre a pele ao seu redor. Kieran estremeceu, meio que fechando os olhos. Ela se sentiu culpada por lhe causar dor.

— Não vejo sinal de infecção ou necessidade de suturar — disse ela. — Essa bandagem deve resolver o problema.

Kieran olhou para ela de lado; era difícil discernir sua expressão nas sombras: Havia apenas uma lâmpada na sala e ela estava fortemente atenuada.

— Sinto muito por ter trazido problemas para vocês — disse Kieran em uma voz suave. Uma voz noturna, tomando cuidando para não acordar quem poderia estar dormindo. — Para vocês dois.

— Você não nos trouxe problemas — disse Mark, sua voz áspera com cansaço. — Você nos trouxe informações que podem nos ajudar a salvar a vida de pessoas que amamos. Somos gratos por isso.

Kieran franziu a testa, como se não gostasse muito da palavra “grato”. Antes que Cristina pudesse acrescentar qualquer coisa, um grito rompeu a noite — um grito de terror. Mesmo sabendo o que era, Cristina estremeceu.

— Tavvy — disse ela.

— Ele está tendo um pesadelo — afirmou Mark.

— Pobre criança — disse Kieran. — Os terrores noturnos são realmente sombrios.

— Ele vai ficar bem — disse Mark, embora a preocupação obscurecesse sua expressão. — Ele não estava lá quando Livvy morreu, graças ao Anjo, mas acho que ele ouviu sussurros sobre.

Talvez não devêssemos tê-lo levado ao funeral. Ver as piras…

— Acredito que essas coisas são um conforto — disse Cristina.

— Acredito que elas permitem que nossas almas digam adeus.

A porta rangeu ao ser aberta — alguém deveria checar as dobradiças mais tarde — e Helen enfiou a cabeça para dentro, parecendo angustiada.

— Mark, você pode ver Tavvy?

Mark hesitou.

— Helen, eu não deveria— — Por favor. — Helen se inclinou, exausta, contra a batente da porta. — Ele ainda não está acostumado comigo, não vai parar de chorar.

— Eu vou cuidar de Kieran — disse Cristina, com mais confiança do que ela sentia.

Mark seguiu Helen para fora da sala com clara relutância.

Sentindo-se desajeitada por ter ficado sozinha com Kieran, Cristina tirou uma bandagem do kit e começou a enrolá-la em volta do braço de Kieran.

— Parece que eu sempre acabo cuidando de suas feridas. — ela disse meio brincando.

Kieran não sorriu.

— Deve ser por isso — ele disse. — que eu sempre sofro, porque anseio o toque das suas mãos.

Cristina olhou para ele com surpresa. Ele estava claramente mais delirante do que ela tinha pensado. Ela colocou a mão na testa dele: ele estava queimando. Ela se perguntou se aquela era uma temperatura normal para as fadas.

— Deite-se. — Ela amarrou a bandagem. — Você deveria descansar.

O cabelo dela balançou para frente quando ela se inclinou sobre ele. Ele estendeu a mão e enfiou uma mecha atrás da orelha dela.

Ela ficou imóvel, com o coração disparado.

— Eu pensei em você na Scholomance — disse ele. — Eu pensei em você todas as vezes em que alguém dizia o nome do Diego, Rosales. Eu não

conseguia parar de pensar em você.

— Você queria? — Sua voz tremeu. — Parar de pensar em mim?

Ele tocou o cabelo dela novamente, os dedos dele brilhando onde roçaram na bochecha dela. A sensação trouxe arrepios à sua pele.

— Eu sei que você e Mark estão juntos. Eu não sei onde eu me encaixo em tudo isso. — Suas bochechas estavam coradas de febre.

— Eu sei o quanto eu machuquei vocês dois. Eu sinto isso nos meus ossos. Eu nunca iria querer machucar nenhum de vocês pela segunda vez. Amanhã eu vou sair daqui, e nenhum de vocês irá me ver novamente.

— Não! — Cristina exclamou, com uma força que a surpreendeu. — Não vá, não sozinho.

— Cristina. — Sua mão direita foi até a curva de sua face; ele tocava seu rosto. Sua pele estava quente; ela podia ver as manchas de febre em suas bochechas, sua clavícula. — Princesa. Você ficará melhor sem mim.

— Eu não sou uma princesa — disse ela; ela estava inclinada sobre ele, uma de suas mãos apoiada contra o cobertor, seu rosto estava perto do dele, tão perto que ela podia ver a franja escura de seus cílios. — E eu não quero que você vá.

Ele sentou-se, as mãos ainda embalando o rosto dela. Ela deu um pequeno suspiro e sentiu sua própria temperatura atingir um calor equivalente ao das mãos dele enquanto elas se moviam pelo rosto dela, depois pelos ombros, pela curva da cintura, puxando-a para ele.

Ela se deixou cair em cima dele, seu corpo esticado ao longo do dele, seus quadris e peitos alinhados.

Ele estava tenso como a corda de um arco, apertado e arqueado sob ela. Suas mãos estavam quentes por causa da febre, passando por seu cabelo macio.

Ela colocou as palmas das mãos contra o peito duro dele, que subia e descia rapidamente. A mente dela estava girando. Ela queria pressionar os lábios contra a pele fina de sua bochecha, roçar o queixo dele com beijos. Ela queria, e a intensidade do querer a chocou.

Ela nunca sentira tanta intensidade por ninguém além de Mark.

Mark. Ela se afastou de Kieran, quase caindo na colcha.

— Kieran, eu e você não devemos… você…. você está com febre.

Ele rolou para o lado, olhos brilhantes enquanto a estudava.

— Eu estou com febre — ele disse. — Eu não estou louco, no entanto. Eu tive vontade de te abraçar por muito tempo.

— Você nem me conhece há tanto tempo — ela sussurrou, embora soubesse que ela estava mentindo de uma forma muito humana, escondendo o que ela realmente queria dizer por trás de irrelevâncias. A verdade é que ela queria Kieran também, e ela suspeitava que ela o queria há algum tempo. — Deite-se. Você precisa de descanso. Nós teremos muito tempo para… conversar se você não for embora. — Ela se sentou. — Prometa-me que não vai embora.

Os olhos de Kieran se desviaram dos dela, seus cílios como os raios de uma estrela negra.

— Eu não deveria ficar. Eu só vou trazer tristeza para você e para Mark.

— *Prometa-me* — Cristina exigiu.

— Eu prometo que vou ficar — disse ele finalmente. — Mas eu não posso prometer que você não vai se arrepender de ter me feito prometer isso.

***

Nene mostrou para Emma o quarto que ela e Julian tinham ficado na última vez que estavam na Corte Seelie, as paredes de quartzo prateado pulsavam com pouca luz, e a cerca rosa que Emma se lembrava tinha ido embora. Em vez disso, uma cachoeira cascateando ferozmente abaixo da parede de rocha, como se alimentada por uma inundação, despejava-se em uma piscina sem sombra a vários metros abaixo do chão.

— É muito gentil da parte de Fergus nos deixar ficar em seu quarto — disse Emma quando Nene a conduziu para dentro.

— Fergus não tem escolha — disse Nene serenamente. — É o que a Rainha deseja.

Emma piscou. Isso parecia estranho e nem um pouco auspicioso. Por que a Rainha se preocupava com o local que eles ficavam? Seu olhar se desviou para o resto do cômodo — havia uma mesa na qual ela poderia colocar sua bolsa, um sofá feito de vinhas intimamente entrelaçadas juntas… Ela franziu a testa.

— Onde está a cama?

— Atrás da cachoeira, no pavilhão de Fergus.

— No *o quê*?

— No pavilhão. — Nene apontou para um conjunto de degraus de pedra enrolados atrás da cachoeira… Aparentemente Fergus gostava de misturar o design da área. — O que há de errado com um pavilhão?

— Nada — disse Emma. — Eu estava pensando em comprar um.

Nene deu-lhe um olhar desconfiado antes de deixá-la sozinha.

Emma ouviu a chave girar na fechadura quando ela fechou a porta e nem se incomodou em tentar abri-la. Mesmo que ela escapasse do cômodo, não teria como encontrar o caminho em meio a tantos corredores. E não era como se ela fosse a algum lugar sem Julian, que queria estar aqui de qualquer jeito.

A última coisa que ela queria era dormir, mas ela aprendeu a pegar no sono em qualquer momento nas missões. Ela vestiu a camisola e subiu os degraus de pedra atrás da cachoeira, que a levaram a uma plataforma de pedra escondida atrás da água.

Apesar de seu humor miserável, Emma ficou impressionada com a beleza daquilo. A cama era enorme, com uma pilha de almofadas brancas e uma colcha pesada, a cachoeira encobrindo o pé da cama em uma cortina de prata cintilante; a pressa e rugido da água cercaram o espaço, lembrando Emma da quebra de ondas contra a areia da praia.

Ela afundou na cama.

— Belo quarto — disse ela, para ninguém em particular. — Desculpe. Pavilhão.

Hora de dormir, ela decidiu. Ela se deitou e fechou os olhos, mas a primeira imagem que surgiu contra suas pálpebras foi a imagem de Julian segurando o corpo de Livvy no Salão do Conselho.

Seu rosto contra o cabelo de Livvy, molhado de sangue. As pálpebras de Emma se abriram, e ela se remexeu, inquieta. Isso não ajudou. Na próxima vez que ela tentou dormir, ela viu os olhos abertos e esbugalhados de Dane quando o kelpie afundou seus dentes em seu corpo.

Era demais. Muito sangue, muito horror. Ela queria muito Julian; ela sentia falta dele como se tivesse passado uma semana desde que o vira, e, de certa forma, tinha. Até mesmo sua runa *parabatai* parecia estranha — ela estava acostumada com o pulso de sua energia, mas mesmo antes de chegarem ao Reino das Fadas, alcançar aquela energia tinha sido como bater em uma parede.

Ela se virou novamente, desejando Cristina, com quem ela poderia conversa. Cristina, quem iria entender. Mas ela poderia dizer a Cristina sobre o feitiço que tirou as emoções de Julian? E sobre o seu acordo com a Rainha? O acordo tinha sido brilhante, ela pensou, fazer uma cópia para o Povo das Fadas. Eles eram complicados e literais o suficiente para, pelo menos, considerar a cópia como suficiente para seus propósitos. Era ruim

que Julian não pudesse simplesmente dar a cópia a Horace, mas mesmo Dearborn sabia o papel de uma impressora. Além disso, ele não queria os feitiços do livro; ele simplesmente queria de volta a propriedade que ele acreditava que Annabel roubou, o Volume Negro que viveu tantos anos nas prateleiras do Instituto de Cornwall.

Ela ouviu a porta do quarto abrir, vozes e os passos de Julian nas escadas e, então, ele estava ao lado dela na cama; ela não tinha percebido como a luz se derramava através da água e se transformava em uma efígie de prata. Até o cabelo escuro dele estava prateado, como se ela o visse do jeito que ele poderia parecer em trinta anos.

Ela se sentou. Ele não se mexeu ou pareceu querer dizer alguma coisa. Ele ficou olhando para ela e, quando ele levantou a mão para empurrar o cabelo para trás, ela viu novamente o tecido manchado amarrado em seu pulso.

— Então, como foi? — Ela perguntou finalmente. — Você descobriu como quebrar todas as ligações *parabatai* no mundo?

— Sim, mas não é possível. — ele se inclinou contra a cabeceira da cama. — Você deve estar satisfeita.

— Sim — la chutou um travesseiro até o pé da cama. — Quero dizer, isso é um alívio, mas eu ainda estou curiosa para saber por que, de repente, você decidiu confiar na Rainha Seelie quando ela literalmente nunca foi confiável.

— Ela nunca nos traiu — disse Julian. — Nós fizemos um acordo com ela, mas nós nunca trouxemos a ela o Volume Negro — até agora.

— Ela fez coisas terríveis com Jace e Clary— — Talvez eles simplesmente não souberam como lidar com ela adequadamente — seus olhos verdes brilharam. — A Rainha só se importa com a Rainha. Ela não está interessada em causar dor apenas por causar.

Ela só quer o que ela quer e, se você se lembrar disso, pode lidar com ela.

— Mas por que nós tivemos que…

— Olha, era óbvio que não podíamos confiar em Dearborn desde o começo, porque essa não é apenas uma missão secreta como a de Clary e Jace. Ele nos levou para Brocelind sozinhos e nos mandou através da porta para o Reino das Fadas sem que ninguém mais estivesse lá. Horace Dearborn não está do nosso lado — disse Julian. — Ele acha que somos seus inimigos. Amantes do submundo.

Claro, ele acha que podemos recuperar o Volume Negro para ele, mas ele planejou que nós morrêssemos fazendo isso. O que você acha que aconteceria, Emma, se fôssemos para casa sem o Volume Negro? Na verdade, como você acha que nós iríamos *voltar* — você realmente acha que podemos confiar em um cara parado na Encruzilhada de Bram sob as ordens de Horace?

Ela ficou tão absorta na raiva que sentia por Julian que não parou para pensar sobre como eles sairiam do Reino das Fadas e voltariam para casa.

— Dane disse que não era só ele — ela disse. — Você acha que ele quis dizer que haverá alguém esperando na Encruzilhada de Bram para nos matar?

— Pode ter alguém esperando para nos matar a cada esquina — Julian disse. — Dane era um idiota — ele veio atrás de nós muito rápido, antes mesmo de termos o livro verdadeiro. Mas nem todos eles podem ser tolos. Nossas vidas estão em perigo a cada segundo e, se nós tivermos um acordo com a Rainha, estaremos sob a proteção dela.

— Precisamos de um aliado — disse Emma. — E ela é estranha, oportunista e terrível, mas é melhor do que nada. É isso o que você está dizendo?

— Todo plano envolve riscos — Disse Julian. — *Não* ir atrás da Rainha era um risco. Criar estratégias consiste em escolher entre os riscos — não há um caminho seguro, Emma, não para nós. Não desde o minuto em que Horace nos chamou em seu escritório.

— E se voltarmos com o verdadeiro Volume Negro, ele vai nos matar e pegá-lo — disse Emma. — Esse é o seu plano de qualquer maneira.

— Não — disse Julian. — Esse era o plano dele quando ele achava que estava controlando como voltamos. Se decidirmos como e onde retornaremos, podemos entrar em qualquer Reunião do Conselho e apresentar o Volume Negro, corajosamente resgatado de nosso inimigos fadas. Horace pensou que ele poderia se livrar de nós facilmente porque estávamos em desgraça. Vai ser muito mais difícil se voltarmos em triunfo.

— Tudo bem — disse ela. — Eu entendo o que você está fazendo. Não sei se concordo sobre trabalhar com a Rainha, mas pelo menos eu entendo. Mas você sabe o que teria sido melhor? Se você tivesse me incluído na parte em que escolhia qual o risco iríamos correr.

— Eu não vejo por quê — disse ele. — Você teria se preocupado e para quê?

Emma sentiu as lágrimas queimarem por trás dos olhos.

— Esse não é você. *Você* nunca diria isso.

Os olhos de Julian brilharam.

— Você sabe que eu sempre fiz o que precisava ser feito para nos manter seguros. Eu pensei que você entendesse isso.

— Isto é diferente. Lembra-se, Julian, lembra-se do que Dane disse, que você era o tipo de cara que teria uma garota como *parabatai*? — Ela se ajoelhou na cama, levantando o queixo para olhá-lo diretamente nos olhos. — Isso é o que eu sempre amei em você antes mesmo de me apaixonar. Você nunca pensou, nem por um segundo, que ter uma garota como parceira de guerra iria te diminuir, você nunca agiu como se eu fosse nada menos que sua igual por completo. Você nunca fez com que eu me sentisse fraca para você ser forte.

Ele desviou o olhar. Emma pressionou: — Você sabia que sempre seríamos mais fortes juntos. Você sempre me tratou como se minha opinião fosse importante. Você sempre respeitou minha capacidade de fazer decisões por conta própria, mas você não está agindo assim agora. Isso não é sobre uma pequena mentira, Julian, é sobre trair tudo o que juramos em nossa cerimônia *parabatai*. Uma coisa é você não querer me tratar como sua namorada, outra coisa é você não querer me tratar como sua *parabatai*.

Julian se arrastou até a cama ao lado dela.

— Isso não é o que eu planejei — disse ele. — Eu estava preocupado que você se recusasse a ir à Corte Seelie, então eu agi rápido — o brilho da cachoeira mudou, e o cabelo de Julian estava escuro novamente, seus cílios fazendo sombras contra suas bochechas. — Eu não fazia ideia de você ficaria tão chateada com tudo isso.

— É claro que você não fazia ideia. — ter Julian tão perto fez seus nervos se sentirem como se estivessem pulando dentro de sua pele. Ambos estavam ajoelhados, de frente para o outro; ele estava tão perto que ela poderia ter estendido a mão e colocado os braços ao redor dele sem nem precisar se inclinar para frente. — Você não fazia ideia porque você não tem sentimentos. Porque você desligou todas as suas emoções, não apenas sobre mim mas sobre tudo — *Sobre Livvy, até sobre Livvy* — e isso vai se voltar contra você no final.

— Eu não… — disse ele.

— Você não o quê?

Ele deslizou a mão pela cama de modo que as pontas dos dedos dele tocassem as dela, apenas um pouco. O coração de Emma começou a bater mais rápido.

— Não é que eu não tenha sentimentos — ele parecia perdido e um pouco confuso. — Eu simplesmente não entendo completamente o que eu sinto. Exceto que… eu preciso que você não fique com raiva, Emma.

Ela congelou. Seus dedos se curvaram para acariciar o interior de seu pulso, Emma sentiu como se todas as terminações nervosas em seu corpo estivessem concentradas ali, onde seus dedos a tocavam. Ele estava tocando o pulso dela. O coração dela.

— Sinto muito, Emma — ele disse. — Eu sinto muito.

Seu coração saltou. Com um gemido baixo, ela estendeu a mão para ele; de joelhos, Eles envolveram seus braços em volta um do outro. Ele baixou a cabeça para beijá-la e toda sua respiração deixou seu corpo.

Ele tinha o gosto que ela imaginou que a fruta das fadas teria, mais doce do que qualquer açúcar na terra. Ela estava tonta com a lembrança da primeira vez que ela o beijou, do gosto da água do mar, da fome e do desespero. Dessa vez, o beijo foi lânguido e quente como um desejo lento: ele explorou sua boca completamente com a sua, acariciando as pontas dos dedos sobre as maçãs do rosto, inclinando sua mandíbula e a cabeça para trás.

Ele a puxou para mais perto. *Seu corpo ainda funciona da mesma forma,* ela pensou. *Com sentimentos ou não.*

Havia uma satisfação terrível nisso, em ele sentir algo por ela, mesmo que fosse algo físico.

Mas ele havia dito que sentia muito. Certamente isso significava alguma coisa. Talvez o feitiço estivesse acabando. Talvez não fosse permanente. Talvez— Ele beijou o canto de sua boca, o pulsar em seu pescoço. Seus lábios eram macios contra sua garganta, suas mãos pegaram a bainha de sua camisola, trabalhando em suas coxas.

Deixe acontecer, seu corpo disse. *Consiga o que puder dele, porque pode ser que você nunca mais consiga outra coisa.*

Suas mãos estavam sob o vestido dela. Ele sabia onde ela gostava de ser tocada. Sabia o que a faria tremer e beijá-lo mais forte.

Ninguém a conhecia como Julian.

Seus olhos se abriram, sua visão turva de desejo. Ela começou a — Julian estava olhando para ela, seus próprios olhos abertos, e a expressão

neles era fria e pensativo. Foi como se um balde de água gelada fosse jogada em seu rosto; ela quase ofegou.

Eu preciso que você não fique com raiva, ele disse.

Suas mãos ainda estavam curvadas ao redor das costas de suas coxas, segurando-a contra ele. Contra sua boca, ela sussurrou: — Você não está realmente arrependido, está?

Seus olhos se fecharam: ela conhecia aquele olhar. Ele estava pensando na coisa certa a dizer. Não a coisa verdadeira, mas a melhor coisa, a coisa mais inteligente e eficaz. A coisa que ia conseguir o que ele queria e precisava.

Ela sempre se orgulhou dele por sua esperteza, ela adorava e entendia a necessidade disso. Era o estilingue de David, era a forma que Julian encontrou de se defender e de defender a sua família contra um mundo massivo; era a única maneira que ele conhecia para proteger o que ele amava.

Mas sem amor, que era a força motriz por trás de tudo que ele fazia, do que ele seria capaz? Um Julian sem sentimentos era um Julian que poderia manipular qualquer um.

Inclusive ela.

Ele afundou em seus calcanhares, suas mãos caindo para os lados, sua expressão ainda indecifrável. Antes que ele pudesse falar, o som de alguém entrando no quarto ecoou do andar de baixo.

Eles saíram da cama em alarme. Alguns segundos depois eles estavam de pé, indo, mesmo que, em alguma desordem, aos degraus que levavam à sala principal.

Nene estava lá, com uma chave na mão, olhando para eles. Ela usava o uniforme de escudeiro da Corte Seelie. Quando ela os viu, sua pálidas sobrancelhas se levantaram.

— Como é que os humanos dizem? Esse é um mau momento?

— Está tudo bem — disse Julian. Sua expressão havia voltado ao normal, como se nada tivesse acontecido. Emma não sabia como seu próprio rosto parecia, mas ela sabia como se sentia: como se um buraco tivesse sido perfurado em seu peito.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Nene, espreitando para o centro da sala e virando-se para enfrentá-los. — Porque precisamos conversar. Rápido, venham para o andar de baixo. A rainha os traiu e há pouco tempo para agir.

***

Tavvy estava finalmente dormindo, segurando um livro, seu rosto ainda manchado com as lágrimas recentes. Mark estava ajoelhado ao seu lado, desgrenhando seu cabelo macio. Helen sentiu o coração doer com amor por Tavvy, com preocupação, com saudade de Julian, que teria sido capaz de acalmar os medos de Tavvy em minutos, não nas horas que Helen estava levando.

Quando Mark puxou um cobertor sobre seu irmão mais novo, Helen se levantou para abrir as janelas e deixar um pouco de ar fresco entrar no quarto. Ela não tinha ouvido falar de Julian ou de Emma desde que eles tinham sido deixados em Alicante, embora Jia jurasse para Aline que eles estavam bem.

E, no entanto, Helen raramente se sentiu tão longe de sua família. Mesmo na Ilha Wrangel, onde ela se sentia isolada do mundo, ela havia confiado que Julian estava cuidando deles — que eles estavam tão felizes quanto poderiam estar — e imagens deles, felizes, se sustentavam em sua mente.

A realidade deles aqui foi um choque. Sem Julian, eles estavam olhando para ela, e ela não tinha ideia do porquê Tavvy chorava quando ela o tocava, ou por que Dru olhava fixamente para ela. Ty mal parecia saber que ela estava lá. E Mark…

— Eu nunca deveria ter deixado que eles nos separassem — disse Helen. — Em Idris. Quando eles quiseram manter Jules e Emma para trás, eu não deveria ter deixado.

— A Clave forçou isso — disse Mark, levantando-se. — Você não teve escolha.

— Sempre temos escolhas — disse Helen.

— Você não pode se culpar. É muito difícil lutar contra Julian quando ele está sendo teimoso. Ele tem uma vontade muito forte. E

ele queria ficar.

— Você acha mesmo?

— Eu acho que ele não queria voltar com a gente. Ele estava agindo de forma estranha antes de sairmos de Idris, você não acha?

— É difícil dizer — Helen fechou a janela. — Julian sempre foi capaz de fazer sacrifícios que eram difíceis e esconder a dor que eles causavam a ele.

— Sim — disse Mark. — Mas mesmo quando ele estava escondendo coisas, ele estava fazendo por amor. Antes de sairmos, ele estava sendo frio.

Ele falou simplesmente, sem qualquer dúvida. Ele olhou para Tavvy de novo e se levantou.

— Eu tenho que voltar para Kieran. Ele está ferido e já está tudo resolvido com Tavvy.

Helen assentiu.

— Eu vou com você.

Os corredores do Instituto estavam escuros e silenciosos. Em algum lugar abaixo no Hall, Aline estava dormindo. Helen deixou-se pensar, por um momento, no quanto ela queria rastejar de volta para a cama com sua esposa, enrolar-se no calor de Aline e esquecer-se de todo o resto.

— Talvez pudéssemos tentar uma runa *Familias* — disse Helen.

— Algo que nos levaria a Julian.

Mark pareceu intrigado.

— Você sabe que não vai funcionar além da fronteira com o Reino das Fadas. E Julian também precisaria usar um.

— Claro — Helen se sentiu como anos atrás, quando Eleanor Blackthorn tinha morrido, como se ela estivesse congelada por dentro e fosse difícil pensar. — Eu sei disso.

Mark deu-lhe um olhar preocupado quando eles entraram no quarto de hóspedes onde eles colocaram Kieran. O quarto estava escuro e Cristina estava sentada em uma cadeira ao lado da cama, segurando a mão de Kieran; Kieran estava enterrado embaixo do cobertor, embora seu peito subisse e caísse com a respiração regular e rápida normal das fadas.

Helen sabia pouco sobre Kieran, somente o que Mark havia dito a ela nas poucas conversas rápidas que eles tiveram desde que ele retornou do Reino das Fadas, até ela chegar em Idris; ela e Mark ficaram conversando na casa do canal depois de recuperar Tavvy, e ela ouviu toda a história. Ela sabia como os sentimentos de Mark por Kieran eram complicados, embora, no momento, enquanto Mark olhava para o outro rapaz com preocupação, ela poderia ter adivinhado que eles estavam mais simples.

Mas nada nunca foi simples, foi? Helen pegou um olhar rápido de Mark entre os cílios quando ele se sentou ao lado de Cristina: preocupação — por Kieran, por Emma e Julian, por todos eles. Havia muito com o que se preocupar.

— Eu sei que você vai querer ir atrás de Julian — disse Helen.

— Rumo ao Reino das Fadas. Por favor, não faça nada estúpido, Mark.

Os olhos de Mark queimaram na escuridão. Azul e dourado, mar e sol.

— Eu vou fazer o que for preciso para salvar Julian e Emma. Eu vou voltar à Caçada se for preciso.

— Mark! — Helen ficou chocada. — Você não voltaria!

— Eu faria o que fosse preciso — ele disse de novo e, em sua voz, não ouviu o irmão mais novo que ela criou, mas o menino que tinha voltado da Caçada Selvagem como um adulto.

— Eu sei que você viveu com a Caçada por anos e conhece coisas que eu não conheço — disse Helen. — Mas eu estive em contato com a nossa tia Nene e sei de coisas você não sabe. Eu sei como você e Julian e os outros não são vistos no Reino das Fadas como crianças, mas como inimigos temíveis. Você lutou contra os Cavaleiros de Mannan. Você envergonhou o Rei Unseelie em sua própria Corte, e Emma matou Fal, que é quase como um deus para o Povo das Fada. Embora você encontre alguns amigos no Reino das Fadas, você encontrará muitos, muitos inimigos.

— Isso sempre foi verdade — Disse Mark.

— Você não entende — disse Helen em um sussurro áspero. — Fora de Idris, cada entrada para a Terra das Fadas é guardada, e tem sido assim desde o desastre no Salão do Conselho. O povo do Reino das Fadas sabe que os Nefilins os consideram culpados. Mesmo se você pegar a Estrada da Lua, o phouka que a guarda iria denunciar seu entrada imediatamente, e você seria recebido com espadas do outro lado.

— O que você propõe, então? — Mark exigiu. — Deixar nosso irmão e Emma no Reino das Fadas para morrer e apodrecer? Eu fui abandonado no Reino das Fadas e eu sei como eles se sentem. Eu nunca vou deixar isso acontecer com Emma e Julian!

— Não. Eu proponho que eu vá atrás deles. Eu não sou uma inimiga na Terra das Fadas. Eu vou direto para Nene, ela vai me ajudar.

Mark ficou de pé.

— Você não pode ir. As crianças precisam de você aqui. Alguém precisa cuidar delas.

— Aline pode cuidar deles. Ela está fazendo um trabalho melhor do que eu mesmo. As crianças nem gostam de mim, Mark.

— Elas podem não gostar de você, mas eles te amam — disse Mark furiosamente, — E eu amo você, e não vou perder outro irmão para o Reino

das Fadas!

Helen endireitou-se — embora ela não estivesse nem perto do seu irmão, o que a enervava agora — e olhou para Mark.

— Nem eu vou.

— Eu posso ter uma solução — disse Cristina. — Há uma herança na Família Rosales. Nós chamamos isso de Eternidad, por significar um tempo que não tem começo ou fim, como o tempo no Reino das Fadas. Isso nos permitirá entrar lá sem sermos detectados.

— Você vai me deixar levá-lo?, — disse Mark.

— Eu ainda não o tenho — e apenas um Rosales pode usá-lo apropriadamente, então eu irei.

— Então eu vou com você — disse Kieran, que se apoiou em seus cotovelos, seu cabelo estava desgrenhado e havia sombras sob seus olhos.

— Você está acordado? — disse Mark.

— Eu estou acordado há um tempo — admitiu Kieran. — Mas eu fingi estar adormecido porque era uma situação constrangedora.

— Hmm — disse Helen. — Eu acho que isso é o que Aline quer dizer com honestidade radical.

— Cristina não pode viajar para o Reino das Fadas sozinha — disse Kieran teimosamente. — É perigoso demais.

— Eu concordo — Disse Mark. Ele se virou para Helen. — Eu vou com Cristina e Kieran, trabalhamos melhor como uma equipe, nós três.

Helen hesitou. Como ela poderia deixá-los ir em direção ao perigo? Mas, ainda assim, era isso o que os Caçadores de Sombras faziam, não era? Correr em direção ao perigo? Ela desejou desesperadamente poder conversar com sua mãe. Talvez a melhor pergunta era, como ela poderia impedi-los, quando Mark e Kieran eram melhores em andarem no Reino das Fadas do que qualquer outra pessoa? Enviar Cristina sozinha seria como mandá-la para a destruição; mandar todos significava que ela poderia perder Mark e Julian. Mas não deixá-los partir significava abandonar Julian no Reino das Fadas.

— Por favor, Helen — disse Mark. — Meu irmão foi para o Reino das Fadas para me salvar. Eu devo ser capaz de fazer o mesmo por ele. Eu fui um prisioneiro antes. Não me faça um prisioneiro novamente.

Helen sentiu seus músculos arriarem. Ele estava certo. Ela sentou-se na cama antes ela pudesse começar a chorar.

— Quando vocês iriam?

— Assim que Jaime chegar aqui com nossa herança — disse Cristina. — Faz quase uma hora desde que eu o chamei até aqui com uma mensagem de fogo, mas não sei quanto tempo levará para ele chegar.

— Jaime Rosales? — disseram Mark e Kieran ao mesmo tempo.

Helen olhou entre eles. Ambos pareciam surpresos e um pouco atentos, como se estivessem com ciúmes. Ela descartou o pensamento, estava perdendo a cabeça, provavelmente por causa da tensão.

— Oh, Mark — disse ela. Em tempos de tensão, a cadência de sua voz, como a dele, entrou em uma formalidade de fada ancestral.

— Eu não posso suportar deixá-lo ir, mas suponho que devo.

Os olhos de Mark se suavizaram.

— Helen. Sinto muito. Eu prometo voltar para você com segurança, e trazer Julian e Emma de volta em segurança também.

Antes de Helen salientar que esta não era uma promessa que ele realmente poderia fazer, Kieran pigarreou. O som era muito comum e tão humano que quase fez Helen sorrir apesar de tudo.

— Eu gostaria de ter tido um irmão que me amasse tanto quanto vocês amam uns aos outros — disse ele, parecendo muito com um príncipe do Reino das Fadas; a semelhança foi rapidamente dissipada, porém, quando ele limpou a garganta novamente e disse: — Entretanto, Helen, devo lhe pedir para se retirar da minha perna.

Você está sentada em cima e está se tornando bastante doloroso.

***

— Alguns monstros são humanos — disse Gwyn. Eles estavam nos quartos de Diana na Rua Flintlock. Ela ficou deitada na cama, com a cabeça no colo de Gwyn enquanto ele acariciava o cabelo dela. — Horace Dearborn é um deles.

Diana passou a mão pela lã da túnica de Gwyn. Ela gostava de vê-lo assim — sem seu capacete ou cota de malha, apenas um homem com uma túnica gasta e botas arranhadas. Um homem com orelhas pontudas e olhos de duas cores, mas Diana parou de ver isso como estranho. Eram apenas partes de Gwyn.

— Acredito que há boas pessoas no Conselho — disse Diana.

— Elas foram assustados por Horace, bem como por suas terríveis previsões. Ele se aproveitou de um grande poder em um curto espaço de tempo.

— Ele fez de Idris um lugar sem segurança — disse Gwyn. — Eu quero que você deixe Alicante, Diana.

Ela se sentou, surpresa.

— Deixar Alicante?

— Eu vi grande parte da História — disse Gwyn. — Leis terríveis geralmente são aprovadas antes de serem revogadas depois de muito sofrimento. Mentes pequenas e medo sempre encontram um jeito de ganhar. Você me disse que Horace e sua filha não gostam de você.

— Não — disse Diana. — Embora eu não saiba por que— — Eles temem sua influência — disse Gwyn. — Eles sabem que os outros ouvem você. Você é muito persuasiva, Diana, e surpreendentemente sábia.

Ela fez uma careta para ele.

— Bajulador.

— Eu não estou bajulando você — ele se levantou. — Estou com medo por você. Horace Dearborn pode não ser um ditador ainda, mas ele deseja ser um. Seu primeiro movimento será eliminar todos aqueles que discordam dele. Ele irá extinguir as luzes mais brilhantes primeiro, aquelas que iluminam o caminho para os outros Diana estremeceu. Ela podia ouvir os cascos de seu cavalo andando em cima do telhado.

— Você é amargo, Gwyn.

— É possível que eu nem sempre veja o melhor nas pessoas — ele disse. — da mesma forma como caço as almas dos guerreiros mortos no campo de batalha.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Você está fazendo uma piada?

— Não — ele pareceu intrigado. — Eu quis dizer o que eu disse.

Diana, deixe-me levá-la daqui. Estaríamos seguros no Reino das Fadas. À noite as estrelas são de mil cores e durante o dia os campos estão cheios de rosas.

— Eu não posso, Gwyn. Eu não posso abandonar essa luta.

Ele sentou-se na cama, segurando a cabeça, cansado.

— Diana…

Era estranho depois de tanto tempo sentir o desejo de estar perto de alguém tanto fisicamente, como emocionalmente.

— Você não me disse que, na primeira vez em que você me viu, você se importou comigo porque eu era corajosa? Você gostaria, agora, que eu fosse uma covarde?

Ele olhou para ela, uma emoção crua em seu rosto marcado.

— É diferente agora.

— Por que seria diferente?

Ele curvou as mãos grandes ao redor da cintura dela.

— Porque eu sei que amo você.

Seu coração sofreu uma forte vibração dentro de seu peito. Ela não esperava ouvir tais palavras de qualquer pessoa, tinha considerado isso o preço que ela pagaria por ser transgênero e Nephilim. Ela certamente não esperava ouvir isso de alguém como Gwyn: que sabia tudo o que havia para saber sobre ela, que não podia mentir, que era um príncipe da magia selvagem.

— Gwyn — disse ela, e segurou o rosto dele em suas mãos, inclinando-se para beijá-lo. Ele se inclinou para trás, gentilmente a puxando com ele até que se deitaram na cama, o coração batendo rápido contra a aspereza de sua túnica. Ele se curvou sobre ela, seu corpo lançando uma sombra sobre o dela, e nessa sombra ela fechou os olhos e moveu-se com os movimentos de seus beijos e toques suaves enquanto se tornavam mais doces e afiados, até chegarem juntos a um lugar onde o medo se foi; onde havia apenas uma aliança entre almas que havia deixado a solidão para trás.

***

Helen tinha ido dizer a Aline o que estava acontecendo; Mark não conseguiu adivinhar o quão tarde era, mas ele não conseguia mais ver a luz da lua através da janela. Ele estava sentado no colchão ao lado de Kieran, e Cristina se enrolou na cadeira ao lado da cama.

Ele evitou encontrar os olhos dela. Ele sabia que não tinha feito nada errado ao beijá-la, ou ela ao beijá-lo. Ele se lembrou da última vez que falou com Kieran sozinho, no Santuário de Londres. Como Kieran tocou o raio élfico que pendia em volta do pescoço de Mark.

Aquele colar havia se tornado um símbolo deles. O que Kieran tinha dito em seguida ainda reverberava em seus ouvidos: *Nós acabamos por aqui.*

Ele não sabia se poderia explicar o que ele sentia por Kieran, ou mesmo por Cristina. Ele sabia apenas que não sentia como se houvesse acabado: não com Kieran, nem com Cristina..

— Você está se sentindo melhor, Kieran? — ele disse suavemente.

— Sim, Cristina é uma enfermeira muito boa.

Cristina revirou os olhos.

— Eu apenas coloquei um curativo. Não exagere.

Kieran olhou tristemente para o braço enfaixado.

— Eu me sinto um pouco estranho com a minha manga faltando.

Mark não pôde deixar de sorrir — É muito elegante. É uma grande tendência com mundanos, ter apenas uma manga.

Os olhos de Kieran se arregalaram.

— É?

Tanto Mark quanto Cristina riram. Kieran franziu a testa.

— Você não deveria zombar de mim.

— Todo mundo acaba sendo zombado — disse Cristina brincando. — É isso o que amigos fazem.

O rosto de Kieran se iluminou tanto que Mark sentiu um impulso doloroso de abraçá-lo. Os príncipes das fadas não tinham amigos, ele adivinhou, apesar de ele e Kieran nunca tenham realmente falado sobre isso. Houve um tempo em que os dois tinham sido amigos, mas o amor e a dor transmutaram isso de uma maneira que Mark agora sabia não ser inevitável. Havia pessoas que se apaixonavam, mas ficavam amigas, como Magnus e Alec, ou Clary e Jace, ou Helen e Aline.

O sorriso de Kieran desapareceu. Ele se moveu, inquieto, sob as cobertas.

— Há algo que preciso dizer a vocês dois. Algo que preciso explicar.

Cristina parecia preocupada.

— Não se você não quiser— — É sobre a Scholomance — disse Kieran, e ambos ficaram em silêncio. Eles escutaram enquanto Kieran lhes contava sobre o *Hollow Place*. Mark tendia a perder-se em histórias de outras pessoas. Ele sempre foi assim, desde que ele era um criança, e ele lembrou o quanto ele amava quando Kieran contava histórias quando eles estavam na Caçada — como ele tinha ido dormir com os dedos de Kieran em seus cabelos e sua voz em seus ouvidos, contando-lhe contos de Bloduwedd, a princesa feita de flores, e do caldeirão negro que ressuscitava os mortos, e da batalha entre Gwyn Ap Nudd e Herne, o Caçador, que havia abalado e derrubando árvores.

Cristina nunca se perdia nas histórias da mesma maneira, pensou Mark; ela estava inteiramente presente, sua expressão escurecendo e seus olhos se arregalando com horror quando Kieran contou-lhes sobre a Tropa, a luta na piscina, a escolha de Diego que o tinha salvado, e como ele escapou da biblioteca.

— Eles são horríveis — disse Cristina, quase antes de Kieran ter terminado de falar. — Horríveis. Ele foram longe demais dessa vez!

— Temos que checar com Diego e os outros — disse Mark, embora Diego Rocio Rosales fosse uma de suas pessoas menos favoritas. — Ver se eles estão bem.

— Vou escrever para Diego — disse Cristina. — Kieran, eu sinto muito. Eu pensei que você estaria seguro na Scholomance.

— Você não poderia saber — disse Kieran. — Enquanto eu estava na Scholomance, eu repreendi Diego por não planejar o futuro, mas esse não é um futuro que qualquer um poderia imaginar.

— Kieran está certo. Não é sua culpa — disse Mark. — A Tropa está fora de controle. Eu acho que foi um deles que seguiu Emma e Julian no Reino das Fadas.

Kieran empurrou seus cobertores com um gesto áspero e súbito.

— Eu devo a Emma e Julian. Eu entendo isso agora. Eu me arrependi do que fiz a eles antes mesmo que a água da piscina me tocasse. Mas eu nunca fui capaz de provar isso. Eu nunca fui capaz de ganhar o perdão deles ou compensar o que eu fiz.

— Emma perdoou você — disse Cristina.

Kieran não parecia convencido. Quando ele falou, foi hesitante.

— Eu quero mostrar a vocês uma coisa.

Quando nem Mark nem Cristina se mexeram, ele se virou, ajoelhando-se na cama, e puxou sua camisa, expondo suas costas.

Mark ouviu Cristina arfar quando a pele de Kieran foi revelada.

Estava coberta de marcas de chicote. Elas pareciam recém curadas, como se tivessem algumas semanas, sem qualquer sangue, mas ainda escarlates. Mark engoliu em seco. Ele conhecia todas as marca e cicatrizes na pele de Kieran. Essas eram novas.

— A Tropa chicoteou você? — Ele sussurrou.

— Não — disse Kieran. Ele deixou sua camisa cair, embora ele não tivesse se movido de onde estava, ainda em frente à parede atrás da cama. — Essas marcas apareceram nas minhas costas quando a água da piscina me tocou. Elas são de Emma. Eu as carrego agora como um lembrete da agonia que não teria sido causada se não fosse por mim. Quando a água da piscina me tocou, eu senti o medo dela e a dor. Como ela poderia me perdoar por isso?

Cristina se levantou. Seus olhos castanhos brilhavam de angústia; ela encostou sua mão levemente nas costas de Kieran.

— Kieran — disse ela. — Todos nós temos uma capacidade infinita para cometer erros e todos nós temos uma capacidade infinita para perdoar. Emma carrega estas cicatrizes alegremente porque, para ela, elas são marcas de valor. Deixe que elas sejam o mesmo para você. Você é um príncipe das fadas. Eu tenho visto você ser tão corajoso quanto qualquer um que eu conheça. Às vezes a coisa mais corajosa que nós podemos fazer é confrontar nossas próprias falhas.

— *Você é um príncipe do Reino das Fadas* — Kieran sorriu um pouco, embora fosse um sorriso torto. — Alguém disse isso para mim esta noite.

— Perceber que você cometeu erros e corrigi-los é tudo o que qualquer um pode esperar fazer — disse Mark. — Às vezes podemos ter as melhores intenções — você estava tentando salvar a minha vida quando você foi até Gwyn e Iarlath — e os resultados serem terríveis. Todos nós tivemos as melhores intenções quando fomos para a reunião do Conselho, e agora Livvy está morta e Alicante está nas mãos da Tropa.

Estremecendo, Kieran se virou para encarar os dois.

— Eu juro para vocês — disse ele. — Eu vou lutar até meu último suspiro para ajudar vocês a salvar aqueles que amam.

Cristina sorriu, claramente tocada.

— Vamos nos concentrar em Emma e Julian agora — disse ela.

— Nós estamos gratos em tê-lo conosco no Reino das Fadas amanhã.

Mark estendeu a mão por trás do pescoço e desamarrou o colar de elfo.

— Eu quero você passe a usar isso, Kieran. Você nunca deveria ficar indefeso novamente.

Kieran não alcançou o raio elfo.

— Eu dei a você porque eu queria que você o tivesse.

— E agora eu quero que você o tenha — disse Mark. — Há muitas pessoas que querem prejudicá-lo, aqui e no Reino das Fadas.

Eu quero ter certeza de que você sempre terá uma arma perto de suas mãos.

Kieran lentamente estendeu a mão e pegou o colar da mão de Mark.

— Eu vou usá-lo então, se isso lhe agrada.

Cristina deu a Mark um olhar ilegível enquanto Kieran enrolava o colar a sua cabeça. Havia algo de aprovação em sua expressão, como se ela estivesse contente com a generosidade de Mark.

Kieran passou as mãos pelos cabelos. Ele escorregou por entre os dedos uma mecha azul.

— A exaustão me reclama — disse ele. — Sinto muito.

Na Caçada, Mark teria abraçado Kieran e o segurado. Eles teriam sido almofadas para os corpos uns dos outros contra o chão.

— Você gostaria que a gente fizesse uma cama de cobertores no chão? — Mark ofereceu.

Kieran olhou para cima, seus olhos como brilhantes espelhos polidos: um preto, um prata.

— Acho que eu poderia dormir na cama se você ficasse comigo.

Cristina ficou vermelha.

— Tudo bem — disse ela. — Eu darei boa noite então— — Não — disse Kieran rapidamente. — Eu quero dizer vocês dois. Eu quero que vocês dois fiquem comigo.

Mark e Cristina trocaram um olhar. Foi a primeira vez, pensou Mark. que ele realmente olhou para Cristina desde que eles voltaram do Vasquez Rochas: ele se sentiu muito estranho, muito envergonhado de sua própria confusão. Agora ele percebeu que ela parecia tão corada e intrigada quanto ele.

Os ombros de Kieran se curvaram ligeiramente.

— Se vocês não quiserem, eu compreendo.

Foi Cristina quem tirou os sapatos e subiu na cama ao lado Kieran; ela ainda estava vestindo jeans e camiseta, uma tira rasgada por um demônio Harpyia. Mark subiu na cama do outro lado de Kieran, descansando a cabeça dele em sua mão. Eles ficaram lá por longos momentos em silêncio. O calor de Kieran e seu corpo eram familiares — tão familiares que era difícil não se enrolar contra ele.

Puxar os cobertores sobre eles, para esquecer tudo na escuridão.

Mas Cristina estava lá, e sua presença parecia mudar a composição dos átomos no ar e do equilíbrio químico entre Kieran e Mark. Não era mais possível cair no esquecimento. Mark estava nitidamente consciente da proximidade de Kieran de uma forma que ele não tinha estado desde a primeira vez que o encontrou, como se o relógio tivesse sido rebobinado em seu relacionamento.

E ele também estava ciente de Cristina, não menos acentuadamente. Desajeitado, tímido, ele ancorou no lugar. Ele olhou para ela; podia ver o brilho de seu cabelo escuro contra o travesseiro, o ombro marrom nu. Um calor confuso passou pela cabeça de Mark, em seus pensamentos.

— Sonharei com as Terras da Fronteira — disse Kieran. — Adaon tem uma casa de campo lá, em terras que não são nem Seelie, nem Unseelie. Um pequeno lugar de pedra, com rosas escalando as paredes. Na Caçada, quando eu estava com fome e frio, eu diria para mim mesmo que nada daquilo era real e tentaria tornar a casa de campo real em minha mente. Eu fingiria que estava lá, olhando pela janela, e não onde eu realmente estava. Tornou-se mais real para mim do que a realidade era.

Cristina tocou sua bochecha levemente.

— *Ya duérmete* — ela murmurou. — Vá dormir, seu idiota.

Mark não pôde deixar de sorrir.

— Alguém já te chamou de idiota antes, Príncipe Kieran? — ele sussurrou enquanto Cristina fechava os olhos para dormir.

Mas Kieran estava olhando para Cristina, seu cabelo escuro emaranhado, seus olhos amaciados com cansaço e outra coisa mais.

— Acho que ela é a garota mais linda que eu já vi — disse ele em um voz ruminativa.

— Eu sempre pensei o mesmo — disse Mark.

— Vocês estão diferentes um com outro — disse Kieran. — Está claro. Vocês estiveram juntos enquanto eu estava fora.

Mark não mentiria sobre isso.

— Isso é verdade.

Kieran estendeu a mão e tocou o cabelo de Mark. Um leve toque, mandando um banho de faíscas pelo corpo de Mark. A boca de Kieran era uma curva sonolenta e suave.

— Eu esperava que vocês estivessem — disse ele. — O

pensamento me deu conforto quando eu estava na Scholomance.

Kieran se enrolou nos cobertores e fechou os olhos, mas Mark permaneceu acordado por um longo tempo, olhando para o escuro.

12
SOB O CÉU

MARK, KIERAN E CRISTINA ESTAVAM na livraria, fazendo as malas para a partida para o Reino das Fadas. Todos os outros estavam lá também; quer dizer, todos menos Dru, que levou Tavvy até a praia para mantê-lo distraído. De qualquer jeito, Kit duvidava que ela realmente quisesse vê-los se preparando para sair.

Kit se sentiu mal por ela — seus olhos ainda estavam vermelhos quando ela saiu com Tavvy e com uma mochila cheia de brinquedos e baldes de areia, embora tivesse mantido a voz alegre ao prometer a Tavvy que o ajudaria a fazer um castelo de areia numa cidade.

Mas ele se sentiu pior por Ty.

Não só porque Mark estava voltando para o Reino das Fadas.

Isso era ruim o suficiente. Foi sobre o motivo dele estar indo. Quando Mark e Helen explicaram que Emma e Julian estavam em uma missão nas Terras Imortais e precisavam de ajuda, Kit ficou tenso de pânico. Ty não amava apenas Julian, ele precisava dele do jeito que as crianças precisavam de seus pais. E, tendo em vista o que aconteceu com Livvy, como ele lidaria com isso?

Eles estavam na cozinha, no início da manhã, a sala estava sendo inundada pelo sol. A mesa ainda estava espalhada com os restos do café da manhã, Dru provocando Tavvy fazendo mini lâminas serafins com pedaços de torrada e mergulhando-os em geleia. Então, Aline se levantou com algum sinal não dito de Helen e levou Tavvy para fora da sala, prometendo mostrar a ele seu livro ilustrado favorito na biblioteca.

E, então, Helen explicou o que estava acontecendo. Mark e Cristina interviram ocasionalmente, mas Kieran ficou quieto junto à janela enquanto conversavam, com seu cabelo azul escuro entremeado de branco.

Quando terminaram, Drusilla estava chorando baixinho. Ty estava em absoluto silêncio, mas Kit pôde ver que sua mão direita, debaixo da mesa, se movendo como um pianista, seus dedos esticando e curvando-se. Ele se

perguntou se Ty havia esquecido seus brinquedos de mão — a Internet os chamava de brinquedos estimulantes ou de objetos amassados. Ele olhou ao redor em busca de algo que pudesse entregar a Ty, quando Mark se inclinou para frente e tocou de leve o rosto do irmão mais novo.

— Tiberius — disse ele. — E Drusilla. Eu sei que isso deve ser difícil para você, mas vamos trazer Julian de volta e, então. todos estaremos juntos novamente.

Dru sorriu fracamente para ele. *Não diga isso*, Kit pensou. *E se você não puder trazê-lo de volta? E se ele morrer lá no Reino das Fadas? Fazer promessas que você não pode cumprir é pior do que não fazer promessas*.

Ty se levantou e saiu da cozinha sem dizer uma palavra. Kit começou a empurrar a cadeira para trás e hesitou. Talvez ele não devesse ir atrás de Ty. Talvez Ty não quisesse que ele fosse.

Quando ele olhou para cima, viu que Mark e Cristina estavam ambos olhando para ele — na verdade, Kieran também estava, com seus estranhos olhos claros e escuros.

— Você deveria ir atrás dele — disse Mark. — Você é quem ele quer.

Kit piscou e se levantou. Cristina deu-lhe um sorriso encorajador enquanto ele saía da cozinha.

Ty não foi longe; ele estava no corredor do lado de fora, encostado na parede. Seus olhos estavam fechados, seus lábios se movendo silenciosamente. Ele tinha uma caneta retrátil na mão direita e estava clicando na parte de cima, repetidamente, estalando.

— Você está bem? — Kit disse, pairando desajeitadamente do lado de fora da porta da cozinha.

Ty abriu os olhos e olhou para Kit.

— Sim.

Kit não disse nada. Parecia desesperadamente improvável para ele naquele momento que Ty estivesse realmente bem. Era demais.

Perder Livvy e, agora, o medo de perder Julian e Mark — e Emma e Cristina. Ele sentiu como se estivesse testemunhando a queima da família Blackthorn. Como se a destruição que Malcolm desejara estivesse acontecendo agora, mesmo depois que Malcolm se fora, e todos se perderiam, um por um.

Mas não Ty. Por favor, não faça isso com Ty. Ele é bom, ele merece mais.

Não que as pessoas sempre tivessem o que mereciam, Kit sabia. Foi uma das primeiras coisas que ele aprendeu sobre a vida.

— Estou bem — disse Ty, como se pudesse ouvir as dúvidas de Kit. — Eu tenho que ficar bem por Livvy. E, se alguma coisa acontecer com Mark ou com Julian ou Emma no Reino das Fadas, tudo bem, porque podemos trazê-los de volta. Nós temos o Volume Negro. Nós podemos trazê-los de volta.

Kit ficou olhando; sua mente parecia cheia de ruído e em choque. Ty não quis dizer isso, ele disse a si mesmo. Ele não podia dizer isso. A porta da cozinha se abriu atrás dele e Mark saiu; ele disse algo que Kit não ouviu e então foi até Ty e colocou os braços ao redor dele.

Ty o abraçou de volta, sua testa contra o ombro de Mark. Ele ainda estava segurando a caneta. Kit viu de novo os hematomas nas mãos e nos pulsos de Ty, aqueles que devem ter sido feitos por ele ter escalado a pira em Idris. Eles se destacaram tão fortemente contra a pele pálida de Ty que Kit imaginou que ele mesmo podia sentir a dor deles.

E, agora, ele e Kit estavam sentados em uma das mesas da biblioteca, observando os outros fazerem as malas. Kit não conseguia se livrar da sensação de estranheza. A última vez que Mark e Cristina tinham desaparecido no Reino das Fadas, não houve nenhum aviso e nenhuma preparação. Eles desapareceram durante a noite com Emma e Julian. Desta vez, não só todos sabiam sobre isso, mas também todos estavam se juntando para ajudar como se fosse uma viagem de acampamento.

Mark, Cristina e Kieran estavam vestidos com a menor semelhança às roupas de Caça às Sombras que puderam encontrar.

Cristina usava um vestido branco na altura do joelho, e Mark e Kieran usavam camisas e calças que Aline havia atacado com uma tesoura para fazê-las parecerem esfarrapadas e irregulares. Eles usavam sapatos macios, sem fivelas de metal, e o cabelo de Cristina estava amarrado com fita.

Helen tinha embalado comida em recipientes de plástico — barras de granola, maçãs, coisas que não pereceriam. Havia cobertores, bandagens e até spray antisséptico, já que suas estelas não funcionavam no Reino das Fadas. E é claro que havia todas as armas: o canivete de Cristina, dezenas de punhais e facas de arremesso envoltas em couro macio, uma besta para Mark e até mesmo uma espada curta de bronze para Kieran, que tinha afivelado na cintura com o olhar de prazer de alguém que sentiu falta de estar armado.

— Talvez não devêssemos empacotar a comida agora — Helen disse nervosamente, pegando um recipiente de Tupperware que ela tinha acabado

de embalar de volta da sacola. — Talvez devêssemos esperar até que eles estejam saindo.

Aline suspirou. Ela andava de um lado para o outro o dia todo, olhando como se fosse chorar e parecendo gritar com Mark, Kieran e Cristina por fazerem Helen chorar.

— A maior parte dessa comida vai continuar boa. Essa é a questão.

— Só podemos esperar um determinado tempo para partir — disse Mark. — Isso é urgente. — Ele olhou para Kit e Ty; Kit se virou e percebeu que Ty havia desaparecido. Ninguém havia saído da biblioteca, então ele tinha que estar em algum lugar da sala.

— Jaime virá o mais rápido que puder — disse Cristina. Ela estava habilmente atando um rolo de facas de arremesso.

— Se ele não estiver aqui hoje à noite, talvez precisemos pegar a Estrada da Lua — disse Kieran.

— E arriscar ser denunciado às cortes? — Perguntou Helen. — É muito perigoso. Não. Vocês não podem ir a lugar nenhum até que Jaime Rosales apareça.

— Ele virá — disse Cristina, empurrando o rolo de facas em sua mochila com alguma força. — Eu confio nele.

— Se ele não vir, será muito arriscado. Especialmente considerando para onde você está indo.

Kit saiu da mesa quando Kieran protestou; ninguém prestava atenção nele de qualquer maneira. Ele caminhou ao lado das fileiras de estantes de livros até que viu Ty, entre duas pilhas de livros, com a cabeça inclinada sobre um pedaço de papel.

Ele parou por um momento e apenas olhou para ele. Ele estava ciente de Kieran o observando do outro lado da sala e se perguntou por quê; eles compartilharam uma conversa interessante uma vez, no telhado do Instituto de Londres, onde perceberam que eram estranhos em relação à família Blackthorn.

Kit não tinha certeza de que era verdade, no entanto. Seja para ele ou para Kieran. E eles não se falavam desde então.

Ele deslizou entre as fileiras de livros. Ele não pôde deixar de notar que eles estavam, de certo modo, ironicamente na seção CRIATURAS MARINHAS E COISAS AQUÁTICAS.

— Ty — disse ele. — Ty, o que está acontecendo?

Talvez Ty finalmente tivesse rompido; talvez o peso da tristeza, perda e medo tivesse chegado a ele. Havia algo incrivelmente vulnerável sobre a magreza de seus dedos, o rubor em suas bochechas quando ele olhou para cima. Talvez– Kit percebeu que os olhos de Ty estavam brilhando e não com lágrimas. Ty levantou o papel em suas mãos; foi uma carta.

— É de Hypatia Vex — disse ele em voz baixa. — Ela concordou em nos ajudar com o Mercado das Sombras.

*

— O que está acontecendo? — Julian correu os passos curvos do caramanchão de Fergus, torcendo a camisa ao redor enquanto ele ia. Emma seguiu com mais cautela, tendo parado para vestir roupas e pegar sua mochila.

Nene estava no centro do quarto de Fergus, usando um longo vestido verde e um pesado manto verde sobre ele, enfeitado com penas verdes e azuis. Ela sacudiu o capuz com dedos impacientes e os encarou.

— A Rainha traiu vocês — ela disse novamente. — Agora mesmo ela se prepara para ir à Corte Unseelie com o Volume Negro.

Emma começou.

— A Corte Unseelie? Mas por quê?

Nene deu-lhes um olhar duro.

— Você entende que estou traindo minha Corte e minha senhora falando com vocês assim? — disse ela. — Se eu for descoberta, será pior para mim do que você pode imaginar.

— Você veio até nós — apontou Julian. Ele era ele mesmo novamente, calmo, medido. Talvez isso fosse o significado de estar sem suas emoções; talvez você nunca tenha se perdido em nada. — Nós não fomos até você.

— Eu vim porque devo aos Blackthorns — disse ela. — Por causa do mal que minha Irmã Celithe fez a Arthur em torturá-lo, em destruir sua mente com magia para que ele nunca fosse curado. E

porque eu não quero que o Rei Unseelie tenha o Volume Negro dos Mortos.

— Mas ele pode muito bem já tê-lo — disse Emma. — Ele levou Annabel — e Annabel tem o livro.

— Temos espiões na Corte, é claro — disse Nene. — Ele tem Annabel. Mas ela não lhe dará o Volume Negro e, porque ela sabe seu verdadeiro nome, ele não pode fazê-la dar.

— Então, por que ela está ficando na Corte? — Julian exigiu.

— Isso eu não posso dizer — disse Nene. — Só sei o que a Rainha está fazendo. Ela não considera nenhuma promessa que fez a você, porque o livro que você trouxe é uma cópia e não o original.

— Isso é um tecnicismo ridículo — disse Emma.

— O Reino das Fadas liga sobre tecnicidades ridículas — disse Nene. — A Rainha fará o que a Rainha deseja fazer. Essa é a natureza de Seelie.

— Mas por que ela quer dar o livro ao Rei? Ela odeia o Rei! Ela disse que queria deixar isso fora do controle dele… — Emma começou.

— Ela disse, sim, que queria deixar isso fora do controle dele — disse Julian. Ele estava pálido. — Mas não disse que não daria a ele, de qualquer maneira.

— Não — disse Nene. — Ela não disse.

As palavras da Rainha ecoaram na cabeça de Emma. *O Volume Negro é mais que necromancia. Ele contém feitiços que me permitirão recuperar o prisioneiro da Corte Unseelie*.

— Ela vai trocar o livro pelo prisioneiro na Corte Unseelie, seja ele quem for — disse Emma. — Ou ela.

— Ele — disse Nene. — O filho dela é o prisioneiro.

Julian respirou fundo.

— Por que você não nos disse isso antes? Se eu soubesse que…

Nene olhou para ele.

— Trair minha Rainha não é uma coisa fácil para mim! Se não fosse pelos filhos da minha irmã, eu nunca …

— Eu esperava que a Rainha nos traísse — disse Julian. — Mas não que faria isso tão cedo, ou desse jeito. Ela deve estar desesperada.

— Porque ela está tentando salvar seu filho — disse Emma. — Quantos anos tem ele?

— Eu não sei — disse Nene. — Ash estava sempre escondido de nós. Eu não o reconheceria se o visse.

— O Rei não pode ter o livro. A Rainha disse que ele estava arruinando as Terras das Fadas com magia negra e enchendo os rios de sangue. Imagine o que ele faria se tivesse o Volume Negro.

— Isso se podemos acreditar na Rainha — disse Julian.

— É a verdade, tanto quanto eu sei — disse Nene. — Desde a Paz Fria, a Terra dos Invisíveis está sangrando mal. Diz-se que uma grande arma

reside lá, algo que precisa da magia do Volume Negro para dar vida aos seus poderes. É algo que poderia acabar com toda a magia angelical.

— Temos que chegar à Corte Unseelie — disse Emma. — Temos que parar a Rainha.

Os olhos de Julian brilharam. Emma sabia o que ele estava pensando. Que na Corte Unseelie estava Annabel e, com Annabel, ele se vingaria pela morte de Livvy.

— Eu concordo com você — disse ele. — Podemos seguir a Rainha...

— Vocês não podem viajar tão rápido quanto uma procissão de cavalos fadas — disse ela. — Nem mesmo os Nephilim podem correr assim. Você deve interceptar a Rainha antes que ela alcance a Torre.

— A Torre? — Ecoou Emma.

— É a única fortaleza permanente dos Unseelie, o lugar para onde eles recuam quando estão sob cerco. Suas fortificações são incomparáveis no Reino das Fadas; ninguém pode escalar as paredes ou enfrentar os espinhos, e a sala do trono no topo da torre é protegida por capuzes vermelhos. Você deve se juntar à procissão para poder alcançar a Rainha antes que ela esteja dentro da torre, e seja tarde demais.

— Juntar-nos à procissão? Seremos notados! — Emma exclamou, mas Nene já estava segurando um manto de capuz que havia sido pendurado na porta e jogado para Julian.

— Use isso — disse ela. — É de Fergus. Levante o capuz.

Ninguém vai olhá-lo de perto. — Ela tirou a própria capa e entregou a Emma. — E você estará disfarçada como eu. — Ela olhou para Emma criticamente enquanto Emma colocava a capa, prendendo-a na garganta. — Pelo menos o cabelo loiro está parecido.

Julian havia desaparecido nos degraus; quando ele voltou, estava carregando seu cinto de armas e o de Emma. O manto de Fergus — preto, com asas de corvos cintilando como óleo no peito e capuz — cobria-o completamente.

— Nós não vamos sem isso.

— Mantenha-as sob suas capas — disse Nene. — Elas fazem claramente o tipo Caçador de Sombras. — Ela olhou para cima e para baixo. — Assim como vocês. Ah, bem. Faremos o melhor que pudermos.

— E se precisarmos fugir do Reino das Fadas? — Disse Emma.

— E se conseguirmos o Volume Negro e precisarmos voltar para Idris?

Nene hesitou.

— Você já traiu os segredos de fadas — disse Julian. — O que custa trair mais um?

Nene estreitou os olhos.

— Você mudou — disse ela. — Só posso esperar que seja por causa do luto.

Luto. Todos em Alicante haviam pensado que foi o luto que mudou o comportamento de Julian, suas reações. Emma pensara no começo.

— Vão até as Cataratas de Branwen — disse Nene. — Abaixo das cachoeiras você encontrará um caminho de volta a Alicante. E se você falar desse segredo para outra alma, além de vocês mesmo, minha maldição estará em suas cabeças.

Ela empurrou a porta e eles correram pelo corredor.

*

Tavvy nunca se satisfez com castelos de areia. Eles o entediavam. Ele gostava de construir o que ele chamava de cidades de areia — fileiras de estruturas quadradas de areia moldadas por caixas de leite vazias viradas de cabeça para baixo. Eram casas, lojas e escolas, completas com placas feitas com as frentes rasgadas das caixas de fósforos.

Dru arrastou-se para cima e para baixo na praia, descalça, ajudando Tavvy a encontrar bastões, pedras e conchas que se tornariam postes de iluminação, paredes e pontos de ônibus. Às vezes, ela encontrava um pedaço de vidro do mar, vermelho, verde ou azul, e o colocava no bolso do macacão.

A praia estava vazia, exceto por ela e Tavvy. Ela estava olhando para ele com o canto do olho enquanto ele se ajoelhava na areia molhada, moldando uma parede maciça para cercar sua cidade — depois do que tinha acontecido com Malcolm, ela não pretendia tirar os olhos dele novamente. Mas a maior parte de sua mente estava cheia de pensamentos sobre Mark, Emma e Julian. Mark estava indo para o Reino das Fadas, e ele estava indo porque Julian e Emma estavam em apuros. Mark não disse, mas Dru tinha certeza de que era um problema ruim. Nada de bom vinha de uma ida ao Reino das Fadas, e Mark, Cristina e Kieran não correriam para salvá-los se eles achassem que ficariam bem por conta própria.

As pessoas estão me deixando uma por uma, pensou ela.

Primeiro Livvy, depois Julian e Emma, agora Mark. Ela parou para olhar para o oceano: ondas azuis cintilantes rolando por cima e por baixo. Uma

vez, ela viu aquele oceano pensando que, em algum lugar, Helen estava em sua ilha, protegendo as portas do mundo. Ela se lembrava da risada de sua irmã, seu cabelo loiro, e a imaginava como uma espécie de Valquíria, segurando uma lança na entrada do mundo, não deixando os demônios passarem por ela.

Nos dias de hoje, ela podia dizer que, toda vez que Helen olhava para ela, ela ficava triste porque Dru não era mais amigável, mais aberta à união fraternal. Dru sabia que era verdade, mas ela não podia mudar isso. Helen não entendia que se Dru se deixasse amar sua irmã mais velha, Helen seria apenas mais uma pessoa para Dru perder?

— Alguém está vindo — disse Tavvy. Ele estava olhando para a praia, seus olhos verde-azulados apertados contra o sol.

Dru se virou e olhou. Um garoto estava andando pela praia vazia, consultando um pequeno objeto em sua mão enquanto ia caminhando. Um garoto alto e magro, com cabelos negros, pele morena que brilhava ao sol, e braços nus e escorregadios.

Ela soltou as conchas que estava segurando.

— Jaime! — Ela gritou. — Jaime!

Ele olhou para cima e pareceu vê-la pela primeira vez. Um largo sorriso espalhou-se por seu rosto e ele começou a correr, atravessando a areia até chegar a ela. Ele a agarrou em um abraço, gritando e girando ao redor dela.

Ela ainda se lembrava do estranho sonho que tivera antes de Jaime deixar o Instituto de Londres, onde ela estava em algum lugar — parecia com o Reino das Fadas, mas como ela saberia o que era de fato o Reino das Fadas? Ela decidiu esquecer, mas a fraca lembrança voltou agora que ele estava aqui — junto com outras memórias: dele sentado e assistindo filmes com ela, conversando com ela sobre sua família, ouvindo-a.

— É bom ver você de novo, amiga — disse ele, colocando-a na areia e bagunçando o cabelo dela. — É muito bom.

Ele parecia cansado, inexprimivelmente cansado, como se ele não tivesse atingido o chão exceto pela corrida desde a última vez que o viu. Havia círculos escuros sob seus olhos. Tavvy estava correndo para ver quem ele era, e Jaime estava perguntando se ela ainda tinha a faca que ele tinha dado a ela, e ela não pôde deixar de sorrir, seu primeiro sorriso real desde Livvy.

Ele voltou, Dru pensou. Finalmente, alguém não foi embora — em vez disso, ele voltava.

*

Eles rastejaram pelos corredores com Nene, mantendo-se nas sombras. Emma e Julian mantinham os capuzes arrumados; Nene tinha enfiado o cabelo debaixo de um boné e, de calça e camisa solta, parecia um serviçal à primeira vista.

— E quanto a Fergus? — Disse Emma.

Nene sorriu sombriamente.

— Fergus foi assaltado por uma dríade do tipo que ele mais admira. Uma jovem rebenta.

— Ai — disse Julian. — Farpas.

Nene o ignorou.

— Eu conheço Fergus há muito tempo, sei tudo sobre suas inclinações. Ele ficará ocupado por um bom tempo.

Eles haviam chegado a um corredor inclinado familiar para Emma. Ela podia sentir o cheiro do ar da noite vindo de um lado do corredor, o cheiro de folhas e seiva. Ela se perguntou se era a mesma estação no Reino das Fadas como era em casa. Ou se era mais tarde, como se o outono já tivesse tocado as Terras das Fadas com uma geada precoce.

O corredor terminou abruptamente, abrindo-se para uma clareira cheia de grama e estrelas. Árvores ficavam em volta de um círculo alto, sacudindo folhas de ouro e castanho-avermelhado em uma multidão de cortesãos de fadas e seus cavalos.

A própria Rainha sentou-se de lado em uma égua branca à frente da procissão. Um véu de renda branca cobria seu rosto e ombros, luvas brancas cobriam suas mãos. Seu cabelo vermelho escorria pelas costas dela. Seus cortesãos, em seda dourada e veludo brilhante, cavalgavam atrás dela: a maioria em cavalos, mas alguns em maciços gatos com patas e lobos de olhos estreitos, do tamanho de carros pequenos. Uma dríade de pele verde com uma massa de folhas no cabelo se enfiava nos galhos de uma árvore ambulante.

Emma não pôde deixar de olhar em volta, maravilhada. Ela era uma Caçadora de Sombras, acostumada à magia; ainda assim, havia algo tão estranho no coração das Cortes do Reino das Fadas que ainda a deixava maravilhada.

Nene conduziu-os pelas sombras até onde seu cavalo e o de Fergus esperavam, já na linha da procissão, entre um duende montado num cogumelo alado e duas fadas de vestidos castanhos com idênticos cabelos

negros, que se sentavam um na frente do outro numa baía. égua. Emma subiu na sela do palafrém cinza de Nene.

Nene deu um tapinha no pescoço do cavalo com carinho.

— O nome dela é Juba de Prata. Seja gentil com ela. Ela conhece seu próprio caminho para casa.

Emma assentiu enquanto Julian montava o garanhão da baía de Fergus.

— Qual é o nome dele? — Ele perguntou enquanto o cavalo batia no chão e bufava.

— Criador de Viúvas — disse Nene.

Julian bufou por baixo do capuz.

— Ele faz as pessoas que o montam serem viúvas ou as pessoas de quem ele não gosta?

— Ambos — disse Nene. Ela enfiou a mão na capa e tirou dois frascos de cristal, cada um enrolado em uma corrente de ouro. Ela entregou um para Julian e o outro para Emma.

— Use-os em torno de suas gargantas — disse ela em voz baixa. — E mantenha-os perto.

Emma enrolou a corrente obedientemente ao redor de sua garganta. O frasco era do tamanho do polegar dela. O líquido dourado pálido era visível dentro dele, brilhando enquanto o frasco se movia.

— Para que são estes?

— Se você está em perigo na Corte do Rei, quebre o vidro e beba o líquido — disse Nene.

— É veneno? — Julian parecia curioso quando ele prendeu a corrente ao redor de sua garganta. O frasco caiu contra o peito.

— Não, isso vai torná-lo invisível para as fadas dos Unseelie, pelo menos por um tempo. Não sei quanto tempo dura a magia. Eu nunca tive motivo para usá-la.

Um duende barulhento com um pedaço de pergaminho e uma enorme pena de pena corria ao lado da procissão, marcando os nomes. Ele lançou um rápido olhar para Emma e Julian.

— Lady Nene, Lorde Fergus — disse ele. — Nós estamos prestes a partir.

— Nós? — disse Julian em uma voz entediada. Emma piscou, espantada com o quanto ele parecia uma fada. — Você está nos acompanhando, duende? Você gostaria de passar as férias na Corte de Unseelie?

O duende apertou os olhos.

— Você está bem, Lorde Fergus? Você parece diferente.

— Talvez porque eu torço para ter cabeças de duendes para decorar meu pavilhão — disse Julian. — Menos com você. — Ele apontou um chute no duende, que fez um som de assobio de susto e deslizou para longe deles, correndo pela linha.

— Cuidado com as máscaras que você usa, criança — disse Nene — você pode perder sua verdadeira face para sempre.

— Falsa ou verdadeira, é tudo a mesma coisa — disse Julian, e pegou as rédeas enquanto a procissão começava a avançar para a noite.

*

Antes que Kit pudesse responder a Ty, uma comoção na biblioteca os tirou de trás das prateleiras.

Dru havia retornado à biblioteca e estava pendurada na porta, parecendo tímida, mas sorrindo. Um rapaz de olhos escuros e bonito que se parecia com uma versão mais estreita de Diego Rocio Rosales estava abraçando Cristina. Mark e Kieran estavam olhando para ele com expressões desconfortáveis. Assim que Cristina o soltou, Helen se aproximou para apertar sua mão.

— Bem-vindo ao Instituto de Los Angeles, Jaime — disse ela. — Muito obrigado por vir em tão curto prazo.

— Jaime Rocio Rosales — disse Ty a Kit, em voz baixa.

— Eu o encontrei na praia e o trouxe direto para cá — Dru disse orgulhosamente.

Helen pareceu intrigada.

— Mas como você o reconheceu?

Dru trocou olhares com Jaime, parte pânico e parte resignação.

— Ele ficou comigo por alguns dias quando estávamos no Instituto de Londres — disse Dru.

Todos pareciam surpresos, embora Kit não soubesse exatamente por quê. As relações entre as diferentes famílias dos Caçadores de Sombras eram incessantemente confusas: algumas, como Emma, Jace e Clary, eram tratadas quase como a família Blackthorn; algumas não eram. Ele tinha que parabenizar Dru, no entanto, por ter que esconder de todo mundo o fato de que ela tinha alguém em seu quarto em Londres. Aquilo indicava um talento para enganações. Junto com suas habilidades de abrir cadeados, ela definitivamente tinha uma inclinação criminal que ele admirava.

— Você quer dizer que ele estava no seu quarto? — Mark exigiu, incrédulo. Ele se virou para Jaime, que recuou contra uma das longas mesas. — Ela tem apenas treze anos!

Jaime pareceu incrédulo.

— Eu pensei que ela tinha pelo menos dezesseis.

Helen respirou fundo. Mark entregou sua mochila a Kieran, que a pegou, parecendo confuso.

— Fique onde você está, Jaime Rosales.

— Por quê? — Perguntou Jaime, desconfiado.

Mark avançou.

— Para eu poder golpeá-lo.

Como um acrobata, Jaime virou-se para trás, aterrissando diretamente sobre a mesa. Ele olhou para Mark.

— Eu não sei o que você acha que aconteceu, mas nada aconteceu. Dru é minha amiga, qualquer que seja sua idade. Isso é tudo.

Ty virou-se para sussurrar no ouvido de Kit.

— Eu não entendo — por que Mark está com raiva?

Kit pensou sobre isso. Era uma das coisas incríveis sobre Ty, na verdade — ele fazia você considerar os fios da lógica subconsciente que se entrelaçavam na superfície das conversas comuns. As suposições e os pressupostos feitos pelas pessoas sem nunca considerar o porquê, as implicações de certas palavras e gestos. Kit não achava que ele aceitaria essas coisas de novo.

— Você sabe como cavaleiros em histórias defendem a honra de uma dama? — Ele sussurrou. — Mark acha que ele tem que defender a honra de Drusilla.

— Essa mesa vai quebrar — disse Ty.

Ele estava certo. As pernas da mesa em que Jaime estava parado balançavam perigosamente.

Dru saltou entre Mark e Jaime, de braços abertos.

— Pare — ela disse ferozmente. — Eu não contei a Jaime quantos anos eu tinha porque ele era meu amigo. Ele me ouviu e assistiu filmes de terror comigo e agiu como se eu fosse importante e eu não queria que ele me tratasse como uma criança.

— Mas você é apenas uma criança — disse Mark. — Ele não deveria tratá-la como uma adulta.

— Ele me tratou como uma amiga — disse Dru. — Eu posso ser jovem, mas não sou uma mentirosa.

— Ela está dizendo que você tem que confiar nela, Mark — disse Kieran. Ele raramente dizia muito em torno dos Blackthorns; Kit ficou surpreso, mas não conseguiu discordar.

Cristina deu um passo ao redor de Mark e se moveu para ficar ao lado de Dru. Elas não poderiam parecer mais diferentes — Cristina em seu vestido branco, Dru de macacão e camiseta preta — mas elas estavam com expressões teimosas idênticas.

— Mark — disse Cristina. — Eu entendo que você não esteve aqui para proteger sua família por tantos anos. Mas isso não significa desconfiar deles agora. Nem que Jaime machucaria Dru.

A porta da biblioteca se abriu; era Aline. Ninguém além de Kit viu quando ela atravessou a sala e sussurrou no ouvido de Helen.

Ninguém além de Kit viu a expressão de Helen mudar, seus lábios se embranqueceram.

— Dru é como uma irmãzinha para mim — disse Jaime, e Dru estremeceu quase imperceptivelmente.

Mark virou-se para Dru.

— Sinto muito, irmã. Eu deveria ter te escutado. — Ele olhou para Jaime e seus olhos brilharam. — Eu acredito em você, Jaime Rocio Rosales. Mas eu não posso falar pelo que Julian fará quando descobrir.

— Vocês estão realmente me incentivando a deixá-los usar a Eternidad para chegar ao Reino das Fadas — disse Jaime.

— Parem de brigar — A voz de Helen soou. — Mais cedo eu mandei uma mensagem para minha tia Nene na Corte Seelie. Ela acabou de devolver minha mensagem. Ela disse que Emma e Julian estavam lá — mas eles foram embora. Eles apenas partiram da Corte Seelie para a Corte Unseelie.

Os olhos de Kieran se escureceram. Cristina disse: — Por que eles fariam isso?

— Eu não sei — disse Helen. — Mas isso significa que temos um local específico onde sabemos que eles estarão.

Kieran tocou a espada em sua cintura.

— Eu conheço um lugar ao longo da estrada que leva entre Seelie e Unseelie, que podemos usar. Mas, uma vez que eles passem, podemos chegar tarde demais. Se vamos, devemos ir agora.

Jaime saltou da mesa com a leveza de um gato.

— Eu vou pegar a herança. — Ele começou a vasculhar sua mochila. — Cristina, só você pode usá-la, porque quem usa deve ter sangue Rosales.

Cristina e Jaime trocaram um olhar significativo, indecifrável para Kit.

— Você pode usá-lo para chegar ao Reino das Fadas, e também para voltar — disse Jaime — Sua passagem para dentro e para fora das Terras será indetectável. Mas não pode protegê-la enquanto estiver lá.

Ele entregou algo a Cristina; Kit só conseguiu vislumbrar.

Parecia uma madeira lisa, torcida em uma forma estranha.

Kieran e Mark estavam amarrando suas mochilas. Dru foi até Helen, que parecia querer dar um abraço na irmã mais nova, mas Dru não estava perto o suficiente para isso.

Algo sobre a visão deles fez Kit colocar a mão no ombro de Ty.

Ele estava ciente do calor da pele do outro garoto através de sua camiseta. Ty olhou para ele de lado.

— É melhor você ir dizer adeus, ou boa viagem — disse Kit desajeitadamente.

Ty hesitou por um momento e, então, a mão de Kit foi escorregando de seu ombro como se Ty nunca tivesse notado que ela estava ali. Kit ficou para trás durante as despedidas, os abraços lacrimosos, as promessas sussurradas, o cabelo despenteado. Helen se agarrou ferozmente a Mark como se nunca quisesse deixá-lo ir, enquanto Aline foi buscar Tavvy, que estava brincando em seu quarto.

Jaime também ficou para trás, embora tenha observado Kit com o canto do olho, com um olhar curioso, como se dissesse: Quem é esse cara?

Quando Aline voltou, Tavvy respeitosamente abraçou todos que estavam saindo — até mesmo Kieran, que parecia assustado e tocado. Ele baixou a mão para tocar levemente o cabelo de Tavvy.

— Não se preocupe, pequenino.

E, então, chegou a hora de Ty e Mark se despedirem, e Mark tocou Ty suavemente em cada bochecha, uma vez — um adeus de fada.

— Não morra — disse Ty.

O sorriso de Mark parecia doloroso.

— Não vou.

Helen estendeu a mão para Ty e o pequeno grupo de Blackthorns restantes reuniu-se enquanto Cristina segurava a Eternidad contra o peito.

Era definitivamente uma peça de madeira polida, Kit viu agora, de alguma forma se contorcia no símbolo do infinito — sem começo nem fim.

— Reúnam-se todos vocês que estão indo para o Reino das Fadas — disse Jaime. — Vocês têm que estar se tocando.

Mark e Kieran colocaram uma mão em um dos ombros de Cristina. Ela parecia bem pequena entre eles. Mark esfregou a nuca dela com o polegar: um gesto calmante e quase ausente; a intimidade disso assustou Kit.

Jaime pareceu notar também; seu olhar se aguçou. Mas tudo o que ele disse foi: — Você deve dizer ao artefato onde levar você.

Você não quer deixar que ele escolha.

Kieran se virou para Cristina.

— Nós vamos para a Encruzilhada de Bram.

Cristina baixou o olhar, as mãos roçando levemente o artefato.

— Leve-nos para a Encruzilhada de Bram — disse ela.

A magia do Reino das Fadas era quieta, pensou Kit. Não houve barulho, nem tumulto, nem luzes bruxuleantes. Entre uma respiração e outra, Mark, Kieran e Cristina simplesmente desapareceram.

*

Outra reunião, Diana pensou. E uma de emergência: ela foi acordada de manhã cedo por uma mensagem de fogo, convocando-a para uma reunião do Conselho no Gard.

Gwyn tentou convencê-la a voltar para a cama, mas Diana estava preocupada demais. Preocupada com Jia. Preocupada por Emma e Julian. Ela sabia que Horace estava fazendo um exemplo deles com esta prisão domiciliar, mas eles eram apenas crianças.

Quanto tempo está durando essa punição? E por quanto tempo Julian ficaria bem separado de seus irmãos?

Ela deixou Gwyn com um beijo e correu para o Gard, onde ela descobriu Caçadores de Sombras por todos os lados — não apenas o grupo habitual de Alicante — entrando no Gard através de portas guardadas por Centurions. Ela mal se sentou na frente, ao lado de Kadir Safar, do Conclave de Nova York.

Quando as portas foram fechadas, todos ficaram olhando para um tablado vazio, exceto por uma única cadeira com costas altas de madeira e uma mesa coberta de preto. A cortina parecia cobrir algo — encaroçado —

que provocou um arrepio na espinha de Diana. Ela disse a si mesma que não poderia ser o que parecia. Talvez fosse uma pilha de armas.

Enquanto o Conselho lentamente se acomodava em seus lugares, um silêncio caiu sobre a sala. Horace Dearborn, completamente vestido com suas vestes inquisidoras, estava caminhando sobre o estrado, seguido por Manuel e Zara em trajes de Centurião, cada um carregando uma longa lança gravada com as palavras *primus pilus*.

— *Primeiras lanças* — traduziu Kadir. Diana o conhecera antes: um homem, muitas vezes silencioso, que havia sido o segundo em comando de Maryse durante anos, e ainda liderava o Conclave de Nova York. Ele parecia cansado e tenso, uma mancha na pele escura que não estava lá antes. — Isso significa que eles foram promovidos a Centuriões que guardam pessoalmente o Inquisidor e a Consulesa.

— Falando na Consulesa — Diana sussurrou de volta — Onde está Jia?

O murmúrio dela pegou, como uma faísca em brasa seca, e logo todo o Conselho estava resmungando. Horace levantou uma mão apaziguadora.

— Saudações, Nephilim — disse ele. — Nossa Consulesa, Jia Penhallow, envia cumprimentos. Ela está na Cidadela Adamante, consultando as Irmãs de Ferro sobre a Espada Mortal. Em breve será reforjada, permitindo que os interrogatórios recomecem.

O barulho diminuiu para um murmúrio.

— É uma infeliz coincidência que ambas as reuniões tenham sido realizadas no mesmo momento — Horace continuou — mas o tempo é da essência. Será difícil ter essa reunião sem Jia, mas sei de suas posições e as representarei aqui.

Sua voz ecoou pela sala. *Ele deve estar usando uma runa de amplificação*, pensou Diana.

— A última vez que nos encontramos aqui, discutimos leis mais rígidas que codificariam a responsabilidade entre os Submundanos — disse Horace. — Nossa Consulesa, em sua gentileza e generosidade, desejou que adiassem a decisão de implementar essas leis — mas essas pessoas não respondem com gentileza. — O rosto dele ficou vermelho sob o cabelo loiro ralo. — Eles respondem com *força*! E nós devemos fazer os Caçadores de Sombras serem fortes de novo!

Um murmúrio se espalhou pelo corredor. Diana procurou por Carmen, que falara tão bravamente no último encontro, mas não conseguiu encontrá-la na multidão. Ela sussurrou para Kadir: — O

que é isso? Por que ele nos trouxe aqui para reclamar de nós?

Kadir parecia sombrio.

— A questão é, a que ponto ele está querendo chegar?

Diana estudou os rostos de Manuel e Zara, mas não conseguiu ler nada sobre eles, exceto a presunção em Zara. Manuel estava tão vazio quanto um pedaço de papel novo.

— Com todo o respeito pela nossa Consulesa, eu estava disposto a aceitar o atraso — disse Horace — mas agora ocorreram alguns eventos que tornam a espera impossível.

Um murmúrio de expectativa percorreu a sala — sobre o que ele estava falando?

Ele se virou para a filha.

— Zara, deixe-os ver a atrocidade que o Povo Justo tem cometido contra nós!

Com uma expressão sombria de prazer, Zara atravessou o tablado para a mesa e tirou o lençol preto como se fosse uma maga se apresentando diante de uma multidão.

Um gemido de horror atravessou a multidão. Diana sentiu sua própria garganta se erguer. Sob o lençol estavam os restos de Dane Larkspear, estendidos sobre a mesa como um cadáver pronto para ser autopsiado.

Sua cabeça estava inclinada para trás, a boca aberta em um grito silencioso. Sua caixa torácica tinha sido rasgada em pedaços, pedaços de osso branco e tendão amarelo espreitando através dos cortes grotescos. Sua pele parecia murcha e pálida, como se ele estivesse morto há algum tempo.

A voz de Horace subiu para uma oitava.

— Vocês veem diante de vocês um jovem corajoso que foi enviado em uma missão de paz ao Reino das Fadas, e foi isso que eles mandaram de volta para nós. Este cadáver selvagem!

Um grito terrível rasgou o silêncio. Uma mulher com o cabelo escuro e o rosto magro de Dane Larkspear estava de pé, uivando.

Elena Larkspear, Diana percebeu. Um homem volumoso cujas feições pareciam estar se desmoronando com choque e horror a tinha em seus braços; enquanto a multidão olhava abertamente, ele a arrastou gritando do cômodo.

Diana sentiu-se mal. Ela não gostava de Dane Larkspear, mas ele era apenas uma criança, e a dor de seus pais era real.

— É *assim* que a família descobriu?

Havia amargura no tom de Kadir.

— Isso contribui para um teatro melhor. Dearborn sempre foi menos político do que artista.

Do outro lado do corredor, Lazlo Balogh lançou a ambos um olhar sujo. Ele não era um membro oficial da Tropa, até onde Diana sabia, mas ele definitivamente era um simpatizante.

— E foi selvagem! — Zara gritou, seus olhos brilhando. — Veja as marcas da mordida — o trabalho dos kelpies! Talvez até tenha recebido ajuda de vampiros ou lobisomens…

— Pare com isso, Zara — Manuel murmurou. Ninguém parecia ter notado a reclamação de Zara, no entanto. Havia muito caos na multidão. Caçadores de Sombras estavam amaldiçoando e jurando em uma dúzia de idiomas diferentes. Diana sentiu um desespero frio pousar sobre ela.

— Isso não é tudo — mais crimes no mundo do submundo vieram à luz nestes últimos dias — disse Horace. — Um grupo de Centuriões corajosos, leais à sua herança de Caçador de Sombras, descobriram um príncipe Unseelie escondido na Scholomance. — Ele se virou para Zara e Manuel. — Tragam os traidores!

— Não é assim que fazemos as coisas — sussurrou Diana. — Não é assim que os Caçadores de Sombras se comportam, nem é assim que nos responsabilizamos.

Ela parou antes que Kadir pudesse responder. Zara e Manuel haviam desaparecido em um dos corredores ao lado do estrado; eles retornaram com Timothy Rockford ao seu lado. Entre eles, marcharam uma fila de estudantes familiarizados com Diana — Diego Rosales, Rayan Maduabuchi e Divya Joshi.

Suas mãos estavam atadas atrás deles, suas bocas fechadas com runas de Quietude, runas que usualmente só os Irmãos do Silêncio carregavam. Os olhos de Diana encontraram os de Diego: ela viu o medo crasso por trás deles.

— Runas da Quietude — disse Kadir em desgosto, quando o salão explodiu em gritos. — Imagine ser tratado assim e silenciado — incapaz de protestar.

Diana ficou de pé.

— O que você está fazendo, Horace? Estas são apenas crianças! Crianças de *Caçadores de Sombras*! É nosso trabalho protegê-los!

A voz amplificada de Horace fez seu assobio de irritação ecoar pela sala.

— Sim, eles são nossos filhos, nossa esperança para o futuro! E

nossa simpatia para com os Seres do Submundo os tornaram presas fáceis para o engano. Essas almas equivocadas contrabandearam um "príncipe" das fadas do Scholomance depois de seu violento ataque a outra de nossas mentes jovens mais promissoras.

A sala ficou em silêncio. Diana trocou um olhar perplexo com Kadir. Sobre o que Horace estava falando?

Os olhos de Manuel voaram para a esquerda. Ele estava sorrindo. Um segundo depois, Gladstone apareceu, carregando uma garota em um vestido esfarrapado, com um manto de centurião jogado sobre os ombros.

Era Samantha Larkspear. Seu cabelo preto pendia sobre o rosto em cordas e seus olhos corriam para frente e para trás como insetos presos. Suas mãos estavam tortas em garras em seus lados: ela segurou uma, batendo em direção à platéia como se estivesse espantando as moscas.

Diana sentiu que podia vomitar.

Manuel se aproximou dela com as mãos presas descuidadamente às costas. — Samantha Larkspear — disse ele. Um gemido percorreu a multidão quando as pessoas perceberam que aquela era a irmã do garoto morto e mutilado na mesa. — Conte-nos sobre o príncipe Kieran!

Samantha começou a balançar a cabeça para trás e para a frente, os cabelos balançando.

— Não, não! Que dor terrível! — Ela gemeu. — Não me faça pensar no príncipe Kieran!

— Aquela pobre menina — anunciou Lazlo Balogh em voz alta.

— Traumatizada por Submundanos.

Diana podia ver Diego balançando a cabeça, Rayan tentando falar, mas nenhum som ou palavras saindo. Divya limitou-se a olhar friamente para Manuel, com ódio claro em todas as suas expressões.

— Talvez você gostaria de conversar com os prisioneiros — Manuel sugeriu a Samantha, seu tom como uma carícia oleosa. — Aqueles que deixaram o Príncipe Kieran livre?

Samantha se afastou de Diego e dos outros, o rosto contorcido.

— Não! Mantenha-os longe de mim! Não deixe que eles olhem para mim!

Diana se afundou em seu assento. O que quer que tenha acontecido com Samantha, ela sabia que não era culpa de Kieran ou dos outros, mas ela podia sentir o humor da multidão: horror gritante.

Ninguém gostaria de ouvir uma defesa deles agora.

— Meu Deus, o que ele vai fazer? — Ela sussurrou, meio para si mesma. — O que Horace vai fazer com Diego e os outros?

— Colocá-los na cadeia — disse Kadir friamente. — Fazer deles um exemplo. Eles não podem ser interrogados agora, enquanto a Espada Mortal está quebrada. Horace vai deixá-los lá para inspirar ódio e medo. Um símbolo para apontar sempre que suas políticas forem questionadas. *Veja o que aconteceu*.

No estrado, Samantha estava soluçando. Manuel a tomara em seus braços, como se para confortá-la, mas Diana pôde ver a força com que ele segurava a garota que choramingava. Ele estava a restringindo enquanto a multidão rugia para Horace falar.

Horace deu um passo à frente, sua voz amplificada carregando o ruído enquanto Zara olhava com prazer orgulhoso.

— Não podemos permitir que mais jovens Caçadores de Sombras sofram e morram! — Ele gritou, e a multidão explodiu em concordância.

Como se Diego, Divya e Rayan não fossem jovens Caçadores de Sombras. Como se eles não estivessem sofrendo.

— Não podemos permitir que nosso mundo seja tirado de nós — Horace gritou, enquanto os dedos de Manuel afundavam nos ombros de Samantha. — Devemos ser fortes o suficiente para proteger nossos filhos e nossa pátria. Chegou a hora de colocar os Nephilim em primeiro lugar! — Horace levantou os punhos triunfantemente cerrados. — Quem vai se juntar a mim na votação para o registro de todos os Submundanos?

O uivo da multidão que respondeu era como um rio rugindo fora de controle, varrendo todas as esperanças de Diana.

13
BABILÔNIA

HAVIA APENAS UMA LASCA de lua, mas as estrelas multicoloridas do Reino das Fadas iluminavam o céu como fogueiras, iluminando a procissão da Rainha enquanto ela serpenteava pelo campo silencioso, por colinas verdes e campos extensos.

Às vezes, eles passavam por rios cheios de sangue, o líquido escarlate espirrava e manchava as pernas dos cavalos. Às vezes, passavam por áreas de mata, paisagens fantasmagóricas de cinza e preto. As fadas Seelie sussurravam e se chocavam nervosamente umas com as outras toda vez que outro pedaço de terra surgia, mas Emma nunca conseguia entender exatamente o que estavam dizendo.

Quando eles começaram a ouvir o barulho, Emma estava meio adormecida nas costas de Juba de Prata. Uma música distante a despertou e o som de pessoas gritando. Ela piscou, meio acordada, colocando o capuz de volta no lugar.

Eles estavam se aproximando de uma encruzilhada, a primeira que ela tinha visto naquela noite. Névoa pesada pairava sobre a estrada, obscurecendo o caminho à frente. Grupos de árvores altas cresciam no X, onde as estradas se encontravam, e jaulas vazias de ferro pendiam dos galhos. Emma estremeceu. As gaiolas eram grandes o suficiente para conter um ser humano.

Ela olhou para Julian. Ele sentou-se alerta em Criador de Viúvas, seu cabelo escuro escondido pelo capuz do manto de Fergus.

Ela podia ver apenas uma lasca de sua pele, como a lua acima.

— Música — disse ele em voz baixa, puxando seu cavalo ao lado do dela. — Provavelmente há uma festa chegando.

Ele estava certo. Eles passaram pela encruzilhada, e a espessa neblina se separou imediatamente. A música ficou mais alta, cachimbos, violinos e instrumentos parecidos com flautas que Emma não reconheceu. O campo

ao norte da estrada era dominado por um enorme pavilhão coberto de seda e pendurado com a bandeira da coroa quebrada do Rei Unseelie.

Figuras de dança selvagem cercaram o pavilhão. A maioria parecia nua, ou quase, vestida com farrapos diáfanos. Não se parecia muito com dança — eles pareciam estar se contorcendo principalmente, rindo, entrando e saindo de uma enorme piscina de água rodeada de pedras prateadas. Névoa branca subia da água, obscurecendo, mas não cobrindo uma série de corpos semi-nus.

Emma corou, principalmente porque Julian estava lá, e desviou o olhar. As meninas — elas tinham que ser irmãs — na égua da baía atrás dela riam, brincando com as fitas em suas gargantas.

— Deve ser uma festa do Príncipe Oban — disse um deles. — Não poderia ser de outro.

Sua irmã parecia melancólica.

— Nós poderíamos ir, mas a Rainha não aprovaria.

Emma olhou de volta para o festim. Ela tinha ouvido Mark falar de festas de fadas antes como se fossem mais do que grandes festas selvagens. Elas eram uma maneira de chamar a magia selvagem, ele disse. Eles tinham uma corrente aterrorizante, um poder mal controlado. Olhando para o campo, Emma não pôde deixar de sentir como se alguns dos rostos sorridentes que ela via estivessem realmente gritando em agonia.

— À frente — disse Julian, tirando-a de seu devaneio. — É a torre da Corte Unseelie.

Emma olhou e, por um momento, uma memória vertiginosa a assaltou: o mural na parede do quarto de Julian mostrando um castelo cercado por sebes espinhosas. À sua frente, uma torre cinza escura se erguia das colinas e das sombras. Apenas o topo da torre era visível. Crescendo ao redor dele, seus afiados espinhos visíveis até mesmo desta distância, havia uma parede maciça de espinhos.

***

— Bem, é isso — disse Helen em uma voz curiosamente plana.

Ela sentou-se à cabeceira da mesa da biblioteca. Aline franziu a testa e colocou a mão nas costas de Helen. — Eles foram embora.

Dru tentou pegar o olhar de Jaime, mas ele não estava olhando para ela. Ele olhou com curiosidade para Kit e Ty e agora estava amarrando as correias de sua mochila.

— Você não pode ir — ela disse a ele um pouco desesperadamente. — Você deve estar tão cansado…

— Eu estou bem. — Ele ainda não olhava para ela. Dru se sentiu infeliz. Ela não pretendia mentir para Jaime. Ela nunca mencionou sua idade, porque tinha medo que ele pensasse que ela era uma criança estúpida. E então Mark gritou com ele sobre isso.

— Não, Dru está certa. — Helen sorriu com algum esforço. — Deixe-nos lhe dar pelo menos um jantar.

Jaime hesitou. Ele ficou de pé torcendo os laços da mochila, indeciso, quando Kit e Ty passaram por ele e Ty disse alguma coisa sobre subir no telhado. Kit acenou e os dois saíram da biblioteca. De volta ao seu mundo particular, Dru pensou. Ty nunca iria deixá-la entrar, ele nunca deixaria ninguém tomar o lugar de Livvy.

Não que Dru quisesse fazer isso. Ela só queria ser amiga do irmão dela. *Assim como Helen só quer ser sua amiga*, disse uma voz irritante na parte de trás da cabeça. Ela ignorou isso.

— Aline é uma ótima cozinheira — ela disse. Aline revirou os olhos, mas Dru a ignorou. Jaime estava realmente magro — mais magro do que quando o vira em Londres. Ele deve estar com fome.

Talvez se ela conseguisse que ele ficasse, ela poderia explicar– Houve um barulho como uma explosão suave. Dru deu um pequeno grito e um envelope caiu do teto direto na mesa. Um leve fio de fumaça pairava no ar.

— Está endereçado a você, querida — Helen disse, entregando o envelope para Aline. — Aline Penhallow, diretora do Instituto. — Franzindo a testa, Aline abriu o envelope. Seu rosto se apertou. Ela leu em voz alta: *Aline Penhallow: De acordo com a mais recente reunião do Conselho realizada em Alicante, o Registro de Submundanos agora será executado.*

Como Chefes de Institutos e Conclaves, é sua responsabilidade garantir que os Submundanos de sua região sejam registrados e recebam números de identificação. Você receberá um carimbo para usar no registro, em tinta que aparecerá somente em luz enfeitiçada.

Seres do Submundo devem estar prontos para mostrar seus documentos marcados a qualquer momento. Os registros de todas as inscrições devem ser entregues ao Escritório do Inquisidor. Não fazê-

lo pode resultar na suspensão de privilégios ou no retorno a Alicante.

Sed lex, dura lex. A lei é dura, mas é a lei. Nestes tempos conturbados, todos devem ser responsabilizados. Obrigado pela sua compreensão.

Horace Dearborn PS: Como reflete nossa nova política de prestação de contas, todos os chefes do Instituto devem ser avisados de que os traidores Diego Rosales, Divya Joshi e Rayan Maduabuchi estão aguardando condenação no Gard por ajudar na fuga de um Submundano procurado. Assim que a Espada Mortal for reforjada, eles serão julgados.

Houve uma colisão. Jaime largou a mochila. Drusilla moveu-se para pegá-lo, mas ele já havia agarrado-a de volta.

— Aquele desgraçado, Dearborn — ele disse através dos lábios brancos. — Meu irmão não é um traidor. Ele é dolorosamente honesto, bom... — Ele olhou em volta para os rostos feridos ao redor dele. — O que importa? — Ele sussurrou. — Nenhum de vocês o conhece.

Helen começou a levantar-se.

— Jaime…

Ele saiu da biblioteca. Um segundo depois, Dru correu atrás dele.

Ele era rápido, mas ele não conhecia a casa ou a maneira como a porta da frente estava disposta. Dru o alcançou enquanto ele lutava para abri-la.

— Jaime! — Ela chorou.

Ele ergueu a mão.

— Pare. Eu tenho que ir, Drusilla. É meu irmão, você entende?

— Eu sei. Mas, por favor, tenha cuidado. — Ela se atrapalhou com o cinto e segurou algo para ele. Sua mão estava tremendo. — Pegue sua adaga. Você precisa mais do que eu.

Ele olhou para a lâmina que ela segurava; ele deu a ela, deixou no quarto dela no Institutos de Londres quando ele foi embora. Um punhal de caça de ouro esculpido com rosas.

Gentilmente, ele segurou a mão dela, fechando os dedos sobre a adaga.

— É sua. Um presente — disse ele.

Sua voz soava pequena.

— Isso significa que ainda somos amigos?

Seu sorriso fugaz foi triste. Ele puxou a maçaneta da porta e, desta vez, abriu; Jaime passou por ela, passou por ela e desapareceu nas sombras.

— Dru? Você está bem?

Ela se virou, esfregando furiosamente seus olhos ardendo. Ela não queria chorar na frente de Helen — e era Helen, sua irmã no último degrau da

escada principal, olhando para ela com olhos preocupados.

— Você não precisa se preocupar comigo — disse ela em uma voz tremendo. — Eu sei que você acha que é estúpido, mas ele foi meu primeiro amigo de verdade — Eu não acho que é estúpido! — Helen atravessou a sala para Dru em passos rápidos.

A garganta de Dru doía quase demais para ela falar.

— Eu sinto que as pessoas continuam indo embora — ela sussurrou.

De perto, Helen parecia ainda mais magra e bonita e cheirava a laranjeiras. Mas pela primeira vez, ela não parecia remota, como uma estrela distante. Ela parecia angustiada e preocupada, e muito presente. Havia até uma mancha de tinta na manga.

— Eu sei como você se sente — Helen continuou. — Eu senti tanto a sua falta enquanto estava na Ilha Wrangel que eu não conseguia respirar. Eu ficava pensando em tudo o que estava perdendo, e como eu sentiria sua falta envelhecendo, todas as pequenas coisas, e quando eu te vi no Salão do Conselho eu fiquei pensando…

Dru se preparou.

— … como você ficou linda. Você parece muito com a mamãe.

— Helen fungou. — Eu costumava vê-la se preparando para sair. Ela era tão glamourosa, ela tinha esse estilo... tudo que eu posso pensar em usar é jeans e uma camisa.

Dru olhou espantada.

— Eu vou ficar — disse Helen ferozmente. — Eu não vou te deixar nunca mais. — Ela pegou Dru — e Dru assentiu, apenas o menor aceno de cabeça. Helen colocou os braços em volta dela e segurou-a com força.

Dru descansou a testa contra a irmã e, finalmente, se permitiu lembrar de Helen pegando-a quando ela era pequena, balançando-a enquanto ria, amarrando fitas em seus cabelos e encontrando seus sapatos perdidos, inevitavelmente descartados na praia. Elas se encaixavam de maneira diferente agora, Dru pensou, enquanto ela abraçava Helen. Elas tinham alturas e formas diferentes, pessoas diferentes do que haviam sido uma vez.

Mas mesmo se elas se encaixam de maneira diferente agora, elas ainda se encaixam como irmãs.

***

Não era nada como um Portal; não havia tumulto apressado, nenhuma sensação de ser pego por um tornado e arremessado ao redor descontroladamente. Em um momento, Cristina estava em pé na biblioteca

do Instituto e, no outro, ela estava em um campo verde, com Mark e Kieran em ambos os lados dela, com música no ar.

Mark soltou a mão do ombro dela; o mesmo aconteceu com Kieran. Cristina enfiou o artefato em sua mochila e pendurou-o em suas costas, puxando as correias com força enquanto os garotos olhavam em volta, espantados.

— É uma festa — disse Mark, incrédulo. — Nós pousamos no meio de uma festa.

— Bem, não no meio — disse Kieran. Ele estava tecnicamente correto; eles estavam do lado de fora de um campo cheio de dançarinos girando. Pavilhões haviam sido montados no gramado, com um, mais maciço do que os outros, coberto de pontas de seda.

— Eu pensei que estávamos indo para as Encruzilhadas de Bram — disse Cristina.

— Estamos perto disso. — Kieran apontou. Do outro lado do campo, Cristina podia ver o lugar onde duas estradas se encontravam, cercadas por enormes carvalhos. — É o lugar onde as Terras dos Seelie e as Terras dos Invisíveis se encontram.

— Quem é Bram? — Disse Cristina.

— Bram era o rei antecedente a meu pai, há muito tempo — disse Kieran. Ele indicou a estrada do sul. — Emma e Julian estariam vindo de lá. As Terras Seelie. Qualquer procissão oficial passaria pela Encruzilhada.

— Então, temos que pegar a estrada — disse Mark. — Temos que passar pelo festim. — Ele se virou. — Disfarce-se, príncipe Kieran.

Kieran deu a Mark um olhar sombrio. Cristina, não querendo perder tempo, desafivelou a mochila de Kieran, tirou um manto enrolado e entregou a ele.

Kieran vestiu o manto, puxando o capuz para cima. — Estou disfarçado?

Cristina ainda podia ver um vislumbre de cabelos negros sob a borda do capuz, mas esperava que ninguém olhasse de perto. Se o fizessem, poderiam dizer facilmente que ele era um príncipe. Era seu porte, a maneira como ele se movia, o olhar em seu rosto.

Mark deve ter tido o mesmo pensamento, pois se abaixou, pegou um punhado de lama e esfregou-o com firmeza no rosto surpreso de Kieran, deixando manchas de sujeira em sua bochecha e nariz.

Kieran não ficou satisfeito. Ele o encarou.

— Você fez isso porque gostou.

Mark sorriu como um garotinho e jogou a lama restante de lado.

Kieran esfregou o nariz, ainda encarando. Ele parecia menos principesco, no entanto.

— Pare com isso — disse Cristina.

— Obrigado — disse Kieran.

Com um sorriso, Cristina pegou um pouco de lama e manchou um pouco a bochecha de Kieran.

— Tem que ter dos dois lados.

Mark riu; Kieran pareceu indignado por vários segundos antes de ceder e rir também.

— Agora, não vamos perder mais tempo — disse Cristina, um pouco pesarosa. Ela desejou que os três pudessem simplesmente ficar aqui, juntos, e não se juntar ao festim.

Mas eles não tinham escolha. Eles avançaram para a festa, através da área onde muitos dos dançarinos já haviam desmoronado, exaustos. Um menino com tinta metálica manchada no rosto e calções listrados estava olhando para suas mãos em uma névoa drogada enquanto os movia lentamente pelo ar. Passaram por uma poça de água fumegante cercada de névoa; corpos escorregadios eram visíveis através de aberturas na fumaça. Cristina sentiu as bochechas vermelhas.

Eles seguiram em frente, e a multidão se fechou ao redor deles como videiras de rápido crescimento. Não era nada como a festa que Cristina tinha visto a última vez que esteve no Reino das Fadas. Essa tinha sido uma festa de dança maciça. Isto era mais como uma fatia de uma pintura de Bosch. Um grupo de homens fadas estava lutando; as partes superiores nuas, escorregadias de sangue, brilhavam à luz das estrelas. Um kelpie festejava faminto no cadáver de um brownie, seus olhos abertos olhando sem visão para o céu. Corpos nus estavam entrelaçados na grama, seus membros se moviam com lentidão. Canos e violinos gritavam e o ar cheirava a vinho e sangue.

Eles passaram por um gigante inconsciente na grama. Em todo o seu enorme corpo havia centenas de duendes, correndo e dançando, como um mar em movimento. Não, Cristina percebeu, eles não estavam dançando. Eles estavam-Ela olhou para longe. Suas bochechas pareciam estar em chamas.

— Isso é coisa do meu irmão — disse Kieran, olhando severamente para o maior dos pavilhões, o que tinha a crista da Corte Unseelie. Um assento

ornado de trono foi colocado ali, mas estava vazio. — Príncipe Oban. Suas festas são famosas por sua duração e sua devassidão. — Ele franziu a testa quando um grupo de acrobatas nus buzinou de uma árvore próxima. — Ele faz Magnus Bane parecer uma freira púdica.

Mark parecia ter ouvido que havia um sol alternativo nove milhões de vezes mais quente que o sol da Terra.

— Você nunca mencionou Oban.

— Ele me envergonha — disse Kieran. Um ramo quebrou acima deles, depositando um cavalo do tamanho de um goblin usando uma cinta-liga no chão na frente deles. Ele usava uma mangueira de lã com corridas e capas douradas.

— Eu posso ver o porquê — disse Mark quando o cavalo se afastou, mordiscando a grama. Evitou cuidadosamente os casais que se abraçavam na vegetação rasteira emaranhada.

Dançarinos passaram por Cristina em um círculo ao redor de uma árvore com fitas, mas nenhum deles usava expressões de prazer. Seus rostos estavam em branco, os olhos arregalados, os braços agitados. De vez em quando, um cavaleiro fada bêbado puxava um dos dançarinos do círculo para a grama alta. Cristina estremeceu.

Do alto da árvore havia uma gaiola. Dentro da gaiola havia uma figura encurvada, branca e viscosa como uma lesma pálida, com o corpo coberto de pústulas cinzentas. *Parece um demônio de Eidolon em sua verdadeira forma*, pensou Cristina. Mas por que um príncipe do Reino das Fadas teria um demônio de Eidolon em uma gaiola?

Uma buzina soou. A música ficou mais azeda, quase sinistra.

Cristina olhou novamente para os dançarinos e percebeu, de repente, que eles estavam enfeitiçados. Ela se lembrava da última vez em que se divertira e como fora arrastada pela música; ela não se sentia assim agora, e silenciosamente agradeceu a Eternidade.

Ela tinha lido sobre as festas das fadas, onde os mortais eram forçados a dançar até que os ossos em seus pés estilhaçassem, mas ela não percebeu que era algo que as fadas podiam fazer uma com a outra. As lindas garotas e garotos no círculo estavam sendo "dançados" de seus pés, seus membros superiores caindo ao mesmo tempo em que suas pernas se moviam incansavelmente ao ritmo.

Kieran parecia sombrio.

— Oban sente prazer em testemunhar a dor dos outros. Esses são os espinhos de suas rosas, o veneno na flor de seu gregariousness e presentes.

Cristina se aproximou dos dançarinos, preocupada.

— Todos eles vão morrer Kieran pegou sua manga, puxando-a de volta para ele e Mark.

— Cristina, não. — Ele soou sinceramente alarmado por ela. — Oban vai deixá-los viver, uma vez que eles forem humilhados o suficiente.

— Como você pode ter certeza? — Perguntou Cristina.

— Eles são a pequena nobreza. Criados da Corte. Oban estaria em apuros com meu pai se ele matasse todos eles.

— Kieran está certo — disse Mark, o luar prateando seu cabelo.

— Você não pode salvá-los, Cristina. E não podemos ficar aqui.

Relutantemente, Cristina seguiu enquanto eles passavam rapidamente pela multidão. O ar estava cheio de fumaça doce e áspera, misturando-se com a névoa da ocasional piscina de água.

— Príncipe Kieran. — Uma mulher fada com cabelo como um relógio de dente de leão se aproximou deles. Ela usava um vestido de filamentos brancos e seus olhos eram verdes como caules. — Você vem até nós disfarçado.

A mão de Mark foi para o cinto de armas, mas Kieran fez um rápido gesto para ele. — Eu posso confiar em você para manter o meu segredo, não posso?

— Se você me disser por que um Príncipe Unseelie viria escondido para a festança de seu próprio irmão, talvez — disse a mulher, seus olhos verdes atentos.

— Eu procuro um amigo — disse Kieran.

Os olhos da mulher se voltaram para Cristina e depois para Mark. Sua boca se alargou em um sorriso.

— Você parece ter vários.

— Chega — disse Mark. — O príncipe deveria prosseguir desimpedido.

— Agora, se fosse uma poção de amor que você procurava, você poderia vir até mim — disse a mulher fada, ignorando Mark. — Mas qual destes dois Nefilim você ama? E quem te ama?

Kieran levantou uma mão de advertência.

— Chega.

— Ah, entendo, entendo. — Cristina se perguntou o que foi que ela entendeu. — Nenhuma poção de amor poderia ajudar com isso.

— Seus olhos dançaram. — Agora, no Reino das Fadas, você poderia amar os dois e ter ambos amando você. Você não teria problemas. Mas no mundo do Anjo…

— Chega, eu disse! — Kieran corou. — O que seria necessário para acabar com essa loucura?

A mulher fada riu. — Um beijo.

Com um olhar de exasperação, Kieran inclinou a cabeça e beijou levemente a mulher fada na boca. Cristina sentiu-se tensa, o estômago apertado. Foi uma sensação desagradável.

Ela percebeu que Mark, ao lado dela, tinha ficado tenso também, mas nenhum deles se moveu quando a mulher fada recuou, piscou e dançou para longe na multidão.

Kieran passou as costas da mão pelos lábios.

— Dizem que um beijo de um príncipe traz boa sorte — disse ele.

— Mesmo um desgraçado, aparentemente.

— Você não precisava fazer isso, Kier — disse Mark. —Nós poderíamos ter nos livrado dela.

— Não sem confusão — disse Kieran. — E eu suspeito que Oban e seus homens estão aqui no meio da multidão, em algum lugar.

Cristina olhou para o pavilhão. Kieran estava certo — ainda estava vazio. Onde estava o príncipe Oban? Entre os casais no cio na grama? Eles haviam começado a atravessar a clareira novamente: faces de todos os matizes emergiam da névoa para ela, retorcidas em caretas; Cristina até imaginou ter visto Manuel e lembrou-se de como Emma fora forçada a ver uma imagem de seu pai na última vez em que estiveram no Reino das Fadas. Ela estremeceu, e quando olhou de novo, não era Manuel, a não ser uma fada com o corpo de um homem e o rosto de um sábio gato malhado, piscando os olhos dourados.

— Bebidas, madame e senhores? Para os refrescar depois de dançar? — disse a fada malhada em uma voz suave e arrogante.

Cristina ficou olhando, lembrando-se. Mark tinha comprado para ela uma bebida dessa fada de cara de gato na festa que ela tinha ido com ele. Ele segurava a mesma bandeja de ouro com copos. Até mesmo seu terno eduardiano esfarrapado não havia mudado.

— Sem bebidas, Tom Tildrum, rei dos gatos — disse Kieran.

Sua voz era aguda, mas ele reconheceu claramente o gato das fadas.

— Precisamos encontrar uma procissão de Seelie. Poderia haver várias moedas para você se você nos levasse para a estrada.

Tom deu um assobio baixo.

— Você está muito atrasado. A procissão da Rainha passou aqui uma hora atrás.

Mark xingou e jogou o capuz para trás. Cristina nem teve tempo de se surpreender com a gentileza de que Mark estava xingando; 3la sentiu como se um buraco tivesse sido perfurado no peito dela.

Emma e Jules. Eles sentiam falta deles. Kieran também parecia desanimado.

— Então me dê uma bebida, Tom — disse Mark, e pegou um copo de líquido cor de rubi da bandeja.

Kieran estendeu a mão.

— Mark! Você é quem mais sabe!

— É só suco de fruta — disse Mark, com os olhos na boca de Cristina. Ela corou e desviou o olhar enquanto ele drenava o copo.

Um momento depois, ele caiu no chão, seus olhos revirando em sua cabeça.

— Mark! — Cristina engasgou, jogando-se no chão ao lado dele.

Ele estava claramente inconsciente, mas da mesma forma claramente respirando. Na verdade, ele estava roncando um pouco. — Mas foi apenas suco de frutas! — Ela protestou.

— Eu gosto de servir uma variedade de bebidas — disse Tom.

Kieran se ajoelhou ao lado de Cristina. O capuz dele tinha caído parcialmente para trás, e Cristina podia ver a preocupação em seu rosto enquanto ele tocava o peito de Mark levemente. As manchas em

suas bochechas faziam seus olhos se

destacarem completamente.

— Tom Tildrum — disse ele em uma voz firme. — Não é seguro aqui.

— Não para você, pois os filhos do Rei Unseelie estão nas gargantas um do outro feito gatos — disse Tom Tildrum com um flash de incisivos.

— Então você vê por que você deve nos levar para a estrada — disse Kieran.

— E se eu não levar?

Kieran levantou-se, conseguindo exalar uma ameaça principesca apesar de seu rosto sujo.

— Então eu vou puxar sua cauda até você uivar.

Tom Tildrum assobiou quando Kieran e Cristina se inclinaram para levantar Mark e carregá-lo entre eles.

— Venha comigo, então, e seja rápido, antes que o Príncipe Oban veja. Ele não gostaria que eu te ajudasse, Príncipe Kieran. Ele não gostaria nada disso.

***

Kit estava deitado no telhado do Instituto, com as mãos atrás da cabeça. O ar soprava do deserto, quente e macio como um cobertor fazendo cócegas em sua pele. Se ele virasse a cabeça para um lado, poderia ver Malibu, uma cadeia de luzes cintilantes ao longo da curva da praia.

Era o povo de Los Angeles que cantava canções pop, pensou, e colocava no cinema; mar e areia e casas caras, clima perfeito e ar que respirava tão macio quanto pó. Ele nunca havia conhecido isso antes, morando com o pai à sombra do smog e dos arranha-céus do centro.

Se ele virasse a cabeça para o outro lado, ele poderia ver Ty, uma figura em preto e branco empoleirada ao lado dele na borda do telhado. As mangas do moletom de Ty foram puxadas para baixo e ele se preocupou com as bordas desgastadas com os dedos. Seus cílios negros eram tão compridos que Kit podia ver a brisa movendo-os como se estivesse bagunçando ervas marinhas.

A sensação de seu próprio coração se transformando agora era tão familiar que Kit não questionou ou o que isso significava.

— Eu não posso acreditar que Hypatia concordou com o nosso plano — disse Kit. — Você acha que ela realmente está falando sério?

— Ela provavelmente está — disse Ty, olhando para o oceano.

A lua estava escondida atrás das nuvens, e o oceano parecia estar absorvendo a luz, sugando-a em sua profundidade negra. Ao longo da fronteira onde o mar encontrava a costa, a espuma branca corria como uma fita costurada. — Ela não teria nos enviado o dinheiro se ela não tivesse. Especialmente dinheiro encantado.

Kit bocejou.

— Verdade. Quando um feiticeiro lhe envia dinheiro, você sabe que é sério. Garanto-lhe que, se não fizermos isso como dissemos que faríamos, ela virá atrás de nós – pelo menos pelo dinheiro.

Ty puxou os joelhos contra o peito.

— A questão aqui é que temos que ter uma reunião com Barnabas, mas ele nos odeia. Nós já vimos isso. Não podemos nos aproximar dele.

— Você deveria ter pensado nisso antes de fazer esse acordo — disse Kit.

Ty pareceu confuso por um momento, depois sorriu.

— Detalhes, Watson. — Ele passou a mão pelo cabelo. — Talvez devêssemos nos disfarçar.

— Eu acho que devemos perguntar à Dru.

— Dru? Por que Dru? — Agora Ty parecia perplexo. — Perguntar a ela o quê?

— Se ela pode nos ajudar. Barnabas não a conhece. E ela parece muito mais velha do que aparenta.

— Não. Dru, não.

Kit se lembrou do rosto de Dru na biblioteca quando ela falou sobre Jaime. *Ele me ouviu e assistiu a filmes de terror comigo e agiu como se eu fosse importante*. Ele se lembrava de como ela ficara feliz em aprender a abrir cadeados.

— Por que não? Nós podemos confiar nela. Ela está sozinha e entediada. Acho que ela gostaria de ser incluída.

— Mas não podemos falar sobre a Sombra. — Ty estava pálido como a lua. — Ou o Volume Negro.

É verdade, Kit pensou consigo mesmo. *Eu definitivamente não estou dizendo a Drusilla sobre um plano que eu espero que desmorone antes mesmo que aconteça.*

Ele sentou-se.

— Não, não, definitivamente não. Seria perigoso para ela saber algo sobre isso. Tudo o que precisamos dizer a ela é que estamos tentando nos reconciliar com o Mercado das Sombras.

O olhar de Ty se afastou de Kit.

— Você realmente gosta de Drusilla.

— Eu acho que ela se sente muito sozinha — disse Kit. — Eu entendo.

— Eu não quero que ela esteja em perigo — disse Ty. — Ela não pode estar em qualquer tipo de perigo. — Ele puxou as mangas de seu capuz. — Quando Livvy voltar, vou dizer a ela que quero fazer a cerimônia *parabatai* imediatamente.

— Eu pensei que você queria ir para a Scholomance — disse Kit sem pensar. *Se pelo menos Ty pudesse ver que isso era uma possibilidade para ele agora*, Kit desejou — e imediatamente se odiou por pensar nisso. É

claro que Ty não gostaria de considerar a morte de Livvy como uma forma de liberdade.

— Não — disse Ty bruscamente. — Lembre-se, eu te disse, eu não quero mais ir lá. Além disso, você não pode ter *parabatai* na Scholomance. É uma regra. E as regras são importantes.

Kit nem sequer queria pensar em quantas regras estavam quebrando agora. Ty tinha claramente compartimentado o que seria necessário para trazer Livvy de volta, mas nada parecido com isso já funcionou perfeitamente. Ele estava se preocupando com as algemas de seu moletom agora, seus dedos tremendo um pouco.

Kit tocou o ombro de Ty. Ele estava sentado um pouco atrás dele. As costas de Ty se curvaram quando ele se inclinou para frente, mas ele não evitou o toque.

— Quantas janelas tem a fachada do Instituto? — Disse Kit.

— Trinta e seis — disse Ty. — Trinta e sete se você contar o sótão, mas está coberto de papel. Por quê?

— Porque é isso que eu gosto em você — disse Kit em voz baixa, e a voz de Ty está tremendo ligeiramente. — A maneira como você percebe tudo. Nada é esquecido. Nada — *e ninguém* — é esquecido.

***

Emma começou a cochilar novamente enquanto a noite avançava. Ela acordou quando o cavalo parou e puxou o capuz para trás, olhando em volta.

Eles haviam alcançado a torre. A aurora estava quebrando e, nos primeiros fios de luz, a única manifestação permanente da Corte Unseelie parecia menos com o mural de Julian e mais como algo de um pesadelo. A cerca de espinhos que cercava a torre não era nada parecida com roseiras modestas. Os espinhos eram de cor de aço, cada um facilmente com trinta centímetros de comprimento. Aqui e ali, eles estavam cravejados com o que pareciam enormes flores brancas. As paredes da torre eram lisas e escuras como antracito e sem janelas.

A respiração de Emma fez rastros contra o ar frio. Ela estremeceu e puxou o manto de Nene para mais perto, murmúrios se erguendo ao redor enquanto a sonolenta procissão de fadas Seelie começava a voltar à vigília. As garotas atrás dela tagarelavam sobre que tipo de quartos e as boas-vindas poderiam esperar do rei. Julian estava imóvel ao lado de Emma, com a coluna reta, o capuz escondendo o rosto.

Houve um barulho alto, como o toque de um sino. Emma olhou à frente para ver que haviam portões na cerca espinhosa, altos portões de bronze que haviam sido abertos. Ela podia ver um pátio logo depois dos portões e um grande arco preto que levava à torre.

Cavaleiros de Unseelie em mantos pretos guardavam um dos lados dos portões. Eles estavam parando cada membro da procissão antes de permitir que eles passassem para o pátio, onde duas linhas de fadas Unseelie flanqueavam o caminho para as portas da torre.

As estrelas multicoloridas começavam a desaparecer do ar e, na ausência delas, a luz do sol nascente lançava sombras douradas sobre a torre, sombriamente linda como um cano de arma polido. Ao redor da cerca havia uma planície plana e gramada, pontuada aqui e ali por meio de galhos de espinheiro. A linha de fadas de Seelie se inclinou para frente novamente, e um alto grunhido se elevou entre a profusão de sedas e veludos, asas e cascos. As garotas na égua da baía estavam resmungando: *o quão lentas estamos aqui na Corte Noturna. Como é rude nos manter esperando.*

O ar da manhã pegou a borda do capô de Emma quando ela se virou.

— O que é isso?

Uma das garotas balançou a cabeça.

— O Rei é desconfiado, naturalmente. Por muito tempo houve inimizade entre as Cortes. Os Cavaleiros estão inspecionando cada convidado.

Emma congelou.

— Os Cavaleiros de Mannan?

A outra garota riu.

— Como se houvesse outros Cavaleiros!

Julian se inclinou para Emma e falou em voz baixa: — Não há como atravessarmos os portões com o resto da procissão sem que os Cavaleiros nos reconheçam. Especialmente você. Precisamos sair daqui.

O lugar onde Cortana costumava ficar pendurada nas costas de Emma doía como um membro fantasma. Ela havia matado um dos Cavaleiros com sua espada — não havia chance de eles não se lembrarem dela.

— Concordo. Alguma ideia de como fazer isso?

Julian olhou para cima e para baixo na linha inquieta do povo Seelie. Ela se estendia dos portões da torre até a distância, até onde os olhos podiam ver.

— Não nesse momento.

Um barulho irrompeu da linha à frente. A dríade na árvore estava discutindo com um par de goblins. Na verdade, pequenos argumentos pareciam irromper pela linha. Ocasionalmente, um cavaleiro fada cavalgava preguiçosamente e pedia ordem, mas ninguém parecia interessado em manter as coisas calmas.

Emma olhou ansiosamente para o horizonte; era madrugada e logo haveria mais luz, o que dificilmente ajudaria qualquer tentativa dela e de Julian de tentar fugir. Eles poderiam fugir para os portões, mas os guardas os bloqueariam; se eles corressem para as sebes espinhosas ou tentassem sair da linha, certamente seriam vistos.

Então aceite que você será vista, pensou Emma. Ela se virou para Julian, puxando-se imperiosamente.

— Fergus, seu tolo! — Ela retrucou. — A Rainha exigiu explicitamente que você ficasse na retaguarda dessa procissão!

Os lábios de Julian formaram a palavra — Quê? — silenciosamente. Ele não se mexeu, e as garotas na égua da baía riram novamente.

Emma bateu levemente no ombro dele, os dedos dela deslizando pelas costas dele, desenhando um símbolo rápido que ambos sabiam. Isso significava: *eu tenho um plano*.

— Você estava… distraído por uma dríade? — Ela disse. Ela enfiou os calcanhares no lado de Juba de Prata e o cavalo, assustado, trotou bruscamente no lugar. — A Rainha terá sua cabeça por isso. Venha comigo!

Risadinhas se espalharam pelas fadas próximas. Emma virou-se para Juba de Prata e começou a andar na parte de trás da procissão.

Depois de um momento, Julian a seguiu. As risadinhas se desvaneceram atrás deles enquanto eles trotavam pela linha; Emma não queria atrair a atenção indo depressa demais.

Para seu alívio, ninguém prestou muita atenção a eles.

Enquanto se afastavam da torre, a ordem da procissão de Seelie começou a se deteriorar. O povo do Reino das Fadas foram agrupados juntos rindo, brincando e jogando cartas. Nenhum deles parecia interessado em seu progresso em direção à torre, muito menos em algo mais próximo.

— Por aqui — Julian murmurou. Ele se inclinou sobre Criador de Viúvas, e o cavalo correu na direção de um bosque próximo de árvores. Emma agarrou suas próprias rédeas com força quando Juba de Prata saltou atrás do garanhão. O mundo correu em um borrão — ela estava galopando, que era como voar, os pés do cavalo mal parecendo tocar o chão. Emma

prendeu a respiração. Era como o terror e a liberdade de estar no oceano, à mercê de algo muito mais forte que você. Seu capuz voou para trás e o vento a arrebatou, seus cabelos loiros chicoteando como uma bandeira.

Eles pararam do outro lado do bosque, fora da vista do povo Seelie. Emma olhou para Julian, sem fôlego. Suas bochechas estavam coradas ao brilho pelo ar frio. Atrás dele, o horizonte se transformou em ouro brilhante.

— Bom trabalho — disse ele.

Emma não conseguiu reprimir um sorriso quando escorregou das costas de Juba de Prata.

— Podemos não ter magia angelical aqui, mas ainda somos Caçadores de Sombras.

Julian desmontou ao lado dela. Nem precisava dizer que não conseguiriam manter os cavalos com eles; Emma acertou Juba de Prata levemente no flanco e a égua partiu em direção ao horizonte iluminado. Ela conhecia seu próprio caminho para casa.

Criador de Viúvas desapareceu atrás dela em um borrão escuro, e Emma e Julian se viraram para a torre. As longas sombras do amanhecer estavam começando a se estender pela grama. A torre levantou-se diante deles, a sebe alta circulando-a como um colar mortal.

Emma olhou a grama entre as árvores e a cerca nervosamente.

Não havia cobertura e, embora estivessem fora da vista dos portões, qualquer um que estivesse observando da torre poderia vê-los se aproximar.

Julian se virou para ela, empurrando o capuz para trás. Emma supôs que isso não importava mais; ele já estava farto de fingir ser Fergus. Seu cabelo estava despenteado e umedecido pelo suor do capuz. Como se tivesse lido a mente dela, ele disse: — Não podemos nos preocupar com cobertura. Teremos que agir descaradamente até chegarmos à cerca.

Ele deslizou a mão na dela. Emma tentou se impedir de pular.

Sua palma estava quente contra a palma da mão; ele a puxou para ele e eles começaram a atravessar a grama.

— Mantenha a cabeça virada para mim — disse Julian em voz baixa. — Fadas são românticas, à sua maneira.

Emma percebeu com um sobressalto que eles estavam brincando de ser um casal, dando um passeio afetuoso na luz do amanhecer. Seus ombros roçaram, e ela estremeceu, mesmo quando o sol se elevou, aquecendo o ar.

Ela olhou de lado para Julian. Ele não parecia alguém em um passeio romântico; seus olhos estavam cautelosos, sua mandíbula cerrada. Ele parecia uma estátua de si mesmo, uma esculpida por alguém que não o conhecia bem, que nunca tinha visto o brilho em seus olhos que ele reservava para sua família, que nunca tinha visto o sorriso que ele reservava para Emma quando estavam sozinhos.

Eles haviam alcançado a cerca. Ergueu-se acima deles um emaranhado de videiras retorcidas, e Emma tirou a mão de Julian com uma respiração entrecortada. De perto, a sebe parecia feita de aço brilhante, os espinhos estendidos para todos os lados em ângulos irregulares. Alguns eram tão longos quanto espadas. O que Emma achava que eram flores eram os esqueletos branqueadores daqueles que tentaram escalar a parede, um aviso para futuros invasores.

— Isso pode ser impossível — disse Julian, olhando para cima.

— Poderíamos esperar até o anoitecer — tentar nos esgueirar pelos portões.

— Não podemos esperar tanto tempo — está amanhecendo agora. Temos que parar a Rainha. — Emma tirou uma adaga do cinto. Não era Cortana, mas ainda era aço de Caçador de Sombras, longo e afiado. Ela colocou a borda contra um dos espinhos, cortando em um ângulo. Ela esperava resistência; não havia nenhuma. O

espinho cortou facilmente, deixando para trás um coto que pingava seiva acinzentada.

— Ugh — disse ela, chutando o espinho caído longe. Um cheiro estranho, sem brilho e verde, subiu da cerca danificada. Ela respirou fundo, tentando diminuir seu desconforto. — OK. Eu vou cortar o meu caminho. Eu posso até ver a torre através das videiras. — Era verdade; de perto, ficou claro que a sebe não era uma parede sólida, e havia lacunas entre as videiras grandes o suficiente para empurrar um corpo humano.

— Emma... — Julian se moveu como se fosse para se aproximar dela, em seguida, baixou a mão. — Eu não gosto disso.

Não somos as primeiras pessoas que tentaram atravessar a cerca.

Ele indicou os esqueletos acima e ao redor deles com um movimento do queixo.

— Mas nós somos os primeiros Caçadores de Sombras — disse Emma, com uma bravura que ela não sentia. Ela cortou a cerca.

Espinhos desciam ao redor dela em uma chuva leve.

A luz começou a desvanecer-se quando ela avançou, mais para dentro da sebe. Era tão espesso quanto a pista de uma rodovia, e as trepadeiras pareciam se entrelaçar acima dela, formando um escudo contra a luz do sol. Ela pensou ter ouvido Julian chamá-la, mas a voz dele estava abafada. Ela olhou para trás surpresa e endureceu de horror.

A sebe se fechou atrás dela como água. Ela estava cercada por uma grossa parede verde-acinzentada, cheia de espinhos mortais.

Ela cortou descontroladamente com a adaga, mas a borda dela bateu no espinho mais próximo com um tinido, como se fosse feito de aço.

Uma dor aguda apunhalou seu peito. As videiras estavam se movendo, pressionando em direção a Emma lentamente. A ponta afiada de uma cutucou acima de seu coração; outra apunhalou seu pulso; ela afastou a mão, largando a adaga; ela tinha mais em sua mochila, mas não havia como alcançá-las agora. Seu coração batia forte quando as videiras se aproximaram dela; ela podia ver relâmpagos brancos através das videiras enquanto se moviam, outros que haviam ficado presos no coração da parede de cerca viva.

A ponta de um espinho cortou ao longo de sua bochecha e o sangue correu calorosamente pelo rosto dela. Emma se encolheu e mais espinhos apunhalaram suas costas e ombros. *Eu vou morrer*, ela pensou, seus pensamentos escurecendo com o terror.

Mas os Caçadores de Sombras não deveriam ter medo, não deveriam sentir medo. Em sua mente, Emma implorou o perdão de seus pais, seu *parabatai*, seus amigos. Ela sempre pensou que morreria em batalha, não que seria esmagada até a morte por mil lâminas, sozinha e sem Cortana em sua mão.

Algo esfaqueou em sua garganta. Ela se torceu, tentando se afastar da agonia; ela ouviu Julian chamar seu nome.

Algo bateu na palma da mão dela. Seus dedos se fecharam reflexivamente ao redor, seu corpo conhecendo a sensação do punho da espada antes que sua mente registrasse o que ela estava segurando.

Foi uma espada. Uma espada com uma lâmina branca, como uma fatia cortada da lua. Ela reconheceu imediatamente a partir de ilustrações em livros antigos: Era Durendal, a espada de Roland, lâmina-irmã de Cortana.

Não houve tempo para fazer perguntas. Contra os espinhos, ela balançou o braço para cima, Durendal um borrão prateado. Houve um grito, como de metal retorcido, enquanto Durendal cortava espinhos e trepadeiras. Ela os

pulverizou, sendo as picadas dos cortes abertos de Emma, mas ela não se importou; ela cortou de novo e de novo, a lâmina girando em sua mão, e as videiras caíram ao redor dela. A sebe se contorceu como se sentisse dor e as videiras começaram a recuar, como se tivessem medo de Durendal. Um caminho se abriu à sua frente e atrás dela, como a divisão do Mar Vermelho. Emma fugiu pela estreita abertura entre as videiras, chamando Julian para segui-la.

Ela explodiu do outro lado em um mundo de cor, luz e ruído: grama verde, céu azul, os sons distantes da procissão avançando para a torre. Ela caiu de joelhos, ainda segurando Durendal. Suas mãos estavam cheias de sangue e seiva; ela estava ofegando, sangrando pelos longos buracos em sua túnica.

Uma sombra escureceu o céu acima dela. Era Julian. Ele caiu de joelhos em frente a ela, seu rosto branco como um osso. Ele pegou em seus ombros e Emma segurou um estremecimento. Ter as mãos sobre ela era mais do que a pena, assim como o olhar em seu rosto.

— Emma — disse ele. — Isso foi incrível. Como-?

Ela ergueu a espada.

— Durendal veio até mim — disse ela. Sangue de seus cortes bateu na lâmina quando ela começou a brilhar e desaparecer. Em um momento, ela estava segurando apenas o ar vazio, os dedos ainda curvados em torno do lugar onde o punho de ouro tinha estado. — Eu precisava de Cortana e ela enviou Durendal para mim.

— *Eu sou do mesmo aço e temperamento que Joyeuse e Durendal* — Julian murmurou. — Lâminas gêmeas. Interessante. — Ele soltou os ombros dela e arrancou uma tira de tecido da bainha de sua túnica, amassando-a para pressionar o corte em sua bochecha com uma gentileza surpreendente.

Alegria surgiu através dela, mais brilhante que sua dor. Ela sabia que ele não podia amá-la, mas naquele momento parecia que ele amava.

***

— Mãe? — Aline disse. — Mãe, você está aí?

Helen apertou os olhos. Ela estava sentada na mesa do escritório do Instituto, Aline ao lado dela. Jia parecia estar tentando aparecer como uma Projeção contra a parede oposta, mas no momento ela era apenas uma sombra um pouco instável, como uma imagem tirada com uma câmera de mão.

— Mãe! — Exclamou Aline, claramente exasperada. — Você poderia por favor aparecer? Nós realmente precisamos conversar com você.

Jia afiava as bordas. Agora Helen podia vê-la, ainda em suas vestes de Consulesa. Ela parecia forçada, tão magra a ponto de ficar preocupada e macilenta.

A textura da parede ainda era visível através dela, mas ela era sólida o suficiente para Helen ler sua expressão: isso espelhava a filha em aborrecimento.

— Não é fácil projetar a partir do Gard — disse ela. — Poderíamos ter falado ao telefone.

— Eu queria ver você — disse Aline. Houve um leve tremor em sua voz. — Eu precisava saber o que está acontecendo com este registro. Por que o Conselho aprovou este pedaço de lixo?

— Horace — Jia começou.

A voz de Aline falhou.

— Onde você estava, mamãe? Como você deixou isso acontecer?

— Eu não deixei isso acontecer — disse Jia. — Horace mentiu para mim. Uma reunião muito significativa foi organizada esta manhã, uma reunião com a irmã Cleophas das Irmãs de Ferro sobre a Espada Mortal.

—

Está consertada?

—

Disse Aline, desviando momentaneamente.

— Eles não fizeram progresso para reforjá-la. Foi criado por anjos, não humanos, e talvez apenas um anjo possa curá-la. — Jia suspirou. — Horace estava destinado a realizar uma reunião muito padrão sobre protocolos de fronteira enquanto eu estava na Cidadela Adamante. Em vez disso, tornou-se esse fiasco.

— Eu não entendo como ele convenceu as pessoas de que isso era uma boa ideia — disse Helen.

Jia começou a andar de um lado para o outro. Sua sombra oscilou para cima e para baixo na parede como um boneco sendo puxado para frente e para trás em um palco.

— Horace nunca deveria ter sido um político. Ele deveria ter tido uma carreira no teatro. Ele brincou com os piores medos de todos.

Ele enviou um espião para o Reino das Fadas e, quando ele se feriu, alegou que ele era uma criança inocente e assassinada. Ele alegou que

Kieran Kingson levou Samantha Larkspear à loucura…

— Mark me disse que ela ficou louca porque caiu na piscina no Hollow Place enquanto a Corte estava atormentando Kieran — disse Helen, indignada. — *Ela* tentou assassinar *ele*.

Jia parecia tristemente divertida.

— Devo perguntar onde Kieran está agora?

— De volta ao Reino das Fadas — disse Aline. — Agora, você deveria me dizer onde Horace está agora para que eu possa dar um soco mais forte do que ele já foi socado em sua vida.

— Socá-lo não vai ajudar — disse Jia. Essa era uma conversa que ela e Aline costumavam ter. — Tenho que pensar em como tomar medidas construtivas para desfazer o dano que ele causou.

— Por que ele prendeu as crianças da Scholomance? — Helen disse. — De acordo com Mark, Rayan e Divya e Diego foram os mais dignos dos Centuriões.

— Para fazer deles um exemplo. *Isto é o que acontece se você ajudar os Submundanos* — disse Jia.

— Não podemos registrar pessoas — disse Aline. — É

desumano. Isso é o que eu vou dizer à Clave.

A projeção de Jia fervia com raiva nas bordas.

— Não se atreva — disse ela. — Você não ouviu o que eu acabei de dizer? Dearborn está determinado a prejudicar Helen por causa de seu sangue de fada. Você vai acabar na cadeia se fizer isso e alguém mais compatível será instalado em seu lugar. Você tem que pelo menos fazer parecer que os está registrando.

— Como fazemos isso? — Helen sempre teve um pouco de medo de sua sogra.. Ela sempre imaginou que Jia não poderia estar satisfeita por Aline ter escolhido se casar com uma mulher, muito menos com uma meio fada. Jia nunca havia indicado, por palavras ou ações, que estava desapontada com a escolha de Aline, mas Helen sentia mesmo assim. Ainda assim, ela não podia deixar de falar agora. — Submundanos estão destinados a vir para o Santuário e temos que entregar as inscrições para a Clave.

— Eu sei, Helen — disse Jia. — Mas você não pode ignorar os pedidos. Horace estará atento para garantir que o Instituto de Los Angeles atenda sua cota. Acabei de receber vocês duas de volta do exílio. Eu não vou perder vocês de novo. Você é inteligente Encontre uma maneira criativa de minar o mandato de registro sem ignorá-lo.

Apesar de tudo, Helen sentiu um pouco de felicidade. *Vocês duas*, Jia havia dito. Como se ela tivesse perdido não apenas Aline, mas também Helen.

— Há uma coisa boa, pelo menos — disse Jia. — Eu estava com a irmã Cleophas quando a notícia chegou e ela ficou furiosa. As Irmãs de Ferro estão definitivamente do nosso lado. Elas podem ser formidáveis quando querem. Eu não acho que Horace vai gostar de tê-las como inimigas.

— Mãe — disse Aline. — Você e papai têm que sair de Idris.

Venha ficar aqui por um tempo. Não é seguro aí.

Helen pegou a mão de Aline e apertou, porque ela sabia qual seria a resposta.

— Eu não posso simplesmente sair — disse Jia, soando não como a mãe de Aline, mas como a Consulesa da Clave. — Eu não posso abandonar nosso pessoal. Eu jurei proteger Nefilim, e isso significa resistir a essa tempestade e fazer tudo o que puder para reverter o que Horace fez — tirar essas crianças da prisão de Gard...

— Jia olhou por cima do ombro. — Eu preciso ir. Mas lembre-se, meninas — o Conselho é basicamente bom, e assim são os corações da maioria das pessoas.

Ela desapareceu.

— Eu gostaria de acreditar nisso — disse Aline. — Eu gostaria de entender como minha mãe poderia acreditar nisso, depois de todo esse tempo como Consulesa.

Ela parecia zangada com Jia, mas Helen sabia que não era o que estava acontecendo.

— Sua mãe é esperta. Ela estará segura.

— Espero que sim — disse Aline, olhando para a mão dela e a de Helen, entrelaçadas na mesa. — E agora precisamos descobrir como registrar pessoas sem realmente registrá-las. Um plano que não envolve socar Horace. Por que eu nunca consigo fazer as coisas que quero fazer?

Apesar de tudo, Helen riu.

— Na verdade, tenho uma ideia. E acho que você pode gostar disso.

***

A clareira dava para a estrada abaixo, visível como uma fita branca através das árvores. A lua acima estava presa nos galhos, lançando iluminação suficiente para que Cristina pudesse ver a clareira claramente:

cercada por espinhentas árvores de espinheiro, a grama sob os pés estava cheia de água e fresca, úmida de orvalho.

Ela tinha espalhado o rolo de cobertor de Mark e ele dormiu nele, enrolado em parte ao lado dele, suas bochechas coradas.

Cristina sentou-se ao lado dele, as pernas estendidas diante dela na grama molhada de orvalho. Kieran estava por perto, encostado no tronco de um espinheiro. Ao longe, Cristina pôde ouvir os sons do festim, carregados no ar puro.

— Isso — disse Kieran, seu olhar fixo na estrada abaixo, — não era assim que eu esperava que os eventos que se seguiram à nossa chegada no Reino das Fadas para transpirar.

Cristina tirou o cabelo de Mark do rosto dele. Sua pele estava com febril; suspeitava que fosse um efeito colateral de tudo o que o gato fada lhe dera para beber.

— Quanto tempo você acha que Mark vai ficar inconsciente?

Kieran virou-se para pressionar as costas contra a árvore. Na escuridão, seu rosto era um mapa de sombras em preto e branco. Ele tinha caído em silêncio no momento em que chegaram à clareira e conseguiram Mark se estabelecer. Cristina só podia imaginar o que ele estava pensando.

— Mais uma hora, provavelmente.

Cristina sentiu como se um peso de chumbo estivesse pressionando seu peito.

— Cada momento que esperamos nos afasta de Emma e Julian — ela disse. — Eu não vejo como poderíamos alcançá-los agora.

Kieran esticou as mãos na frente deles. Mãos fadas de dedos longos, quase duplamente juntas.

— Eu poderia convocar Lança do Vento novamente — disse ele um pouco hesitante. — Ela é rápida o suficiente para alcançá-los.

— Você não parece gostar muito dessa ideia — observou Cristina, mas Kieran apenas deu de ombros.

Ele se afastou da árvore e veio na direção de Mark, inclinando-se para dobrar um canto do cobertor sobre o ombro de Mark. Cristina observou-o com consideração. Lança do Vento era o cavalo de um príncipe, ela pensou. Lança de Vento chamaria atenção aqui no Reino das Fadas. Ele poderia alertar o Reino para a presença de Kieran, colocá-lo em perigo. Mas Kieran parecia disposto a chamá-lo de qualquer maneira.

— Lança de Vento, não — disse ela. — Mesmo se tivéssemos ele — o que faríamos, tentaríamos arrancá-los da procissão pelo ar?

Seríamos notados e pense no perigo — para Mark, para Jules e Emma.

Kieran alisou o cobertor sobre o ombro de Mark e se levantou.

— Eu não sei — disse ele. — Eu não tenho respostas. — Ele puxou seu manto ao redor dele. — Mas você está certa. Não podemos esperar.

Cristina olhou para ele.

— Nós não podemos deixar Mark, também.

— Eu sei. Eu acho que você deveria me deixar ir sozinho. Você fica aqui com Mark.

— Não! — Exclamou Cristina. — Não, você não vai sozinho. E

não sem o artefato. É a nossa única saída.

— Não importa — disse Kieran. Ele se abaixou para levantar sua bolsa, balançando-a por cima do ombro. — Não importa o que acontece comigo.

— Claro que importa! — Cristina levantou-se e estremeceu; suas pernas estavam ardendo com alfinetes e agulhas. Ela correu atrás de Kieran, no entanto, mancando um pouco.

Movendo-se rapidamente, Kieran alcançou a borda da clareira quando ela o alcançou. Ela segurou o braço dele, os dedos cavando no tecido da manga dele.

— Kieran, *pare*.

Ele parou, embora não olhasse para ela. Ele estava olhando para a estrada e para o além. Em uma voz remota, ele disse: — Por que você me impede?

— Ir sozinho nessa estrada é perigoso, especialmente para você.

Kieran não pareceu ouvi-la. — Quando toquei a piscina no Scholomance, senti a confusão e a dor que causei a você — disse ele.

Cristina esperou. Ele não disse mais nada. — E?

— E? — Ele ecoou em descrença. — Eu não posso suportar!

Que eu te machuque assim, machuque você e Mark assim, eu não suporto isso.

— Mas você deve — disse Cristina.

Os lábios de Kieran se separaram em espanto.

— O quê?

— Esta é a natureza de ter uma alma, Kieran e um coração.

Todos nós tropeçamos no escuro e causamos dor um ao outro e tentamos compensar o melhor que podemos. Estamos todos confusos.

— Então, deixe-me compensar isso. — Suavemente, mas com firmeza, ele tirou a mão da manga. — Deixe-me ir atrás deles.

Ele começou a descer a colina, mas Cristina seguiu, bloqueando seu caminho.

— Não, você não deve— Ele tentou contorná-la. Ela se moveu na frente dele.

— Deixe-me-

— Eu não vou deixar você se arriscar! — Ela gritou, e pegou a frente de sua camisa com as mãos, o tecido áspero sob os dedos.

Ela o ouviu exalar de surpresa.

Ela teve que inclinar a cabeça para trás para olhar nos olhos dele; eles brilhavam, pretos e prateados e remotos como a lua.

— Por que não? — Ele exigiu.

Ela podia sentir o calor dele através da roupa de sua camisa.

Houve um tempo em que ela poderia tê-lo considerado frágil, irreal como raios de lua, mas agora sabia que ele era forte. Ela podia se ver refletida em seu olho escuro; seu olho prateado era um espelho para as estrelas. Havia um cansaço em seu rosto que falava de dor, mas também uma constância, mais bonita que a simetria de características. Não é de admirar que Mark tivesse se apaixonado por ele na Caçada. Quem não teria?

— Talvez você não esteja confuso — ela disse em um sussurro.

— Mas eu estou. Você me confunde muito.

— Cristina — ele sussurrou. Ele tocou seu rosto levemente; ela se inclinou para o calor da mão dele, e os dedos dele deslizaram através de sua bochecha até a boca. Ele delineou a forma dos lábios dela com as pontas dos dedos, os olhos semicerrados. Ela estendeu a mão para envolver os braços em volta do pescoço dele.

Ele a puxou contra ele, e suas bocas se uniram tão rapidamente que ela não poderia ter dito quem beijou quem. Era tudo fogo: o gosto dele em sua boca, e sua pele suave onde ela tocou, deslizando os dedos sob o colarinho de sua capa. Seus lábios eram finos, macios mas firmes; ele tomou um gole de sua boca como se estivesse bebendo um bom vinho. Suas mãos encontraram o cabelo dele e se enterraram nas mechas suaves.

— Minha senhora — ele sussurrou contra sua boca, e seu corpo emocionado ao som de sua voz. — Senhora das Rosas.

Suas mãos deslizaram pelo corpo da, por cima de suas curvas e suavidade, e ela estava perdida no calor e no fogo, no sentimento dele contra ela, tão diferente de Mark, mas tão maravilhoso. Ele segurou a cintura dela e puxou-a com força para ele e um choque passou por ela: ele era tão quente e humano, e não remoto em tudo.

— Kieran — ela respirou, e ouviu a voz de Mark em sua cabeça, dizendo seu nome: Kier, Kieran, meu moreno, e ela se lembrou de Mark e Kieran se beijando no deserto e sentiu uma vibração de excitação profunda em seus ossos.

— O que está acontecendo?

Era a voz de Mark — não apenas em sua cabeça, mas cortando a noite, através da névoa do desejo. Cristina e Kieran se afastaram um do outro, quase tropeçando, e Cristina olhou para Mark, uma silhueta prateada e dourada na escuridão, piscando para eles.

— Mark — disse Kieran, uma pegadinha em sua voz.

De repente, a clareira estava cheia de luz. Mark ergueu um braço, afastando-se do súbito brilho não natural.

— Mark! — Kieran disse novamente, e desta vez a pegada em sua voz foi de alarme. Ele se moveu em direção a Mark, puxando Cristina atrás dele, a mão dele na dela. Eles tropeçaram juntos no centro da clareira, bem no momento que um contingente de guardas de fadas estourou das árvores, suas tochas brilhando como bandeiras contra a noite.

Eles eram liderados por Manuel Villalobos. Cristina olhou em choque. Ele usava a mesma roupa: uma túnica com o símbolo da coroa quebrada pairando sobre um trono. Seu cabelo arenoso estava desgrenhado, seu sorriso ligeiramente maníaco. Um medalhão como o que Cristina sempre usava brilhava em sua garganta.

— Príncipe Kieran — disse ele enquanto os guardas cercavam Kieran, Mark e Cristina. — Quão deliciado seu irmão Oban ficará em ver você.

Kieran tinha a mão no punho de sua espada. Ele falou sem rodeios. — Seria a primeira vez. Ele nunca gostou de me ver antes.

— O que você está fazendo aqui, Manuel? — Perguntou Cristina.

Manuel virou-se para ela com um sorriso de escárnio. — Eu estou aqui a negócios. Ao contrário de você.

— Você não sabe por que estou aqui — ela retrucou.

— Aparentemente, sendo a prostituta de uma fada e seu amante mestiço — disse Manuel. — Atividades interessantes para uma Caçadora de

Sombras.

A espada de Mark brilhou. Ele atacou Manuel, que saltou para trás, fazendo um pedido aos guardas do príncipe. Eles avançaram; Cristina mal teve tempo de libertá-la e lançá-la para a frente, cortando um longo corte no peito de um guarda com cabelos raiados de púrpura e azul.

Mark e Kieran já estavam lutando, cada um com uma espada na mão. Eles eram maravilhosamente rápidos e mortais; vários guardas caíram, gritando de dor, e Cristina acrescentou mais dois à pilha de feridos.

Mas havia muitos deles. Através do brilho das tochas e do flash de lâminas, Cristina pôde ver Manuel encostado no tronco de uma árvore. Quando ela chamou sua atenção, ele sorriu e fez um gesto obsceno para ela. Ele claramente não estava preocupado sobre quem iria ganhar isso.

Mark gritou. Três guardas haviam agarrado Kieran, que lutava enquanto torciam os braços atrás das costas. Mais dois estavam avançando sobre Mark, e outro pulou para Cristina; ela afundou o canivete no ombro dele e empurrou o corpo dele para Mark e Kieran.

— Amarre-os! — Manuel chamou. — O príncipe Oban os levaria ao Rei para interrogatório! Não os machuque. — Ele sorriu. — O Rei quer fazer isso sozinho.

Os olhos de Cristina encontraram os de Mark quando os dois guardas o agarraram. Ele balançou a cabeça para ela freneticamente, gritando através do clamor: — Cristina! Pegue o artefato! Vai!

Cristina sacudiu a cabeça — *não posso deixar você, não posso* —, mas seus olhos caíram sobre Kieran, que a olhava com uma esperança nua e implorando. Lendo o significado em seu olhar, ela saltou para onde sua mochila estava no chão.

Vários guardas de Oban correram em sua direção, com as armas estendidas, enquanto Manuel clamava por eles para impedi-la.

Ela enfiou a mão na bolsa e pegou o artefato. Com toda a sua vontade, ela concentrou sua mente na única pessoa que achava que poderia ajudá-los.

Leve-me até ele. Leve-me.

A clareira desapareceu assim que os guardas se aproximaram.<

14
O Vinhedo, a Violeta, e a Videira

A BUSCA POR DRU DEMOROU um pouco mais do que Kit esperava.

Ela não estava na biblioteca, nem no quarto dela, nem na praia. Eles a encontraram na sala de TV, vasculhando uma pilha de fitas cassetes antigas com nomes como *Grite, Grite Outra Vez!* e *Aniversário Sangrento*.

O olhar que ela deu quando eles chegaram não era amigável.

Seus olhos estavam inchados, viu Kit, como se tivesse chorado recentemente. Ele se perguntou se era sobre Emma e Julian estarem em apuros no Reino das Fadas, ou Jaime, ou alguma combinação de ambos. Ela parecia com o coração partido quando ele fugiu.

— O que? — ela disse. — Helen e Aline estão com Tavvy, se você veio me falar para olhar ele.

— Na verdade — disse Ty, sentando-se em um banco de piano — precisamos de sua ajuda com outra coisa.

— Deixe-me adivinhar. — Dru deixou cair a fita de vídeo que ela estava segurando e Kit se conteve de comentar sobre o fato de que ele não achava que ninguém com menos de oitenta anos possuísse fitas de vídeo. — Lavar pratos? Lavanderia? Deitar em frente ao Instituto para que você possa me usar para dar um passo?

Ty franziu as sobrancelhas. — O que— Kit cortou rapidamente. — Não é nada disso. É uma missão.

Dru hesitou. — Que tipo de missão?

— Uma missão secreta — disse Ty.

Ela puxou uma trança. Ambas as tranças eram curtas e estendiam-se quase horizontalmente nos dois lados da cabeça. — Você não pode simplesmente me ignorar até que você queira que eu faça alguma coisa. — ela disse, embora parecesse despedaçada.

Ty começou a protestar. Kit interrompeu, levantando a mão para reprimir os dois. — Queríamos pedir-lhe para participar antes — disse ele. — Ty não queria colocar você em perigo.

— Perigo? — Dru se animou. — Vai haver perigo?

— Tanto perigo — disse Kit.

Dru estreitou os olhos. — Do que estamos falando aqui, exatamente?

— Precisamos entrar em melhores condições com o Mercado das Sombras — disse Ty. — Como não podemos ir ao Reino das Fadas, queremos ver se há algo que possamos fazer para ajudar Emma e Julian desse lado. Qualquer informação que pudermos obter.

— Eu gostaria de ajudar Emma e Jules — Dru disse lentamente.

— Achamos que há respostas no mercado — disse Kit. — Mas é chefiado por este feiticeiro realmente horrível, Barnabas Hale. Ele concordou em uma reunião com Vanessa Ashdown.

— Vanessa Ashdown? — Dru parecia atordoado. — Ela está nisso?

— Não, ela não está — disse Ty. — Nós mentimos para ele sobre quem queria vê-lo para que pudéssemos fazer a reunião.

Dru bufou. — Você não se parece com Vanessa. Nenhum de vocês.

— É aí que você entra — disse Kit. — Mesmo se não estivéssemos fingindo ser Vanessa Ashdown, ele nunca ficaria se aparecêssemos no local da reunião, porque ele nos odeia.

Dru sorriu um pouco. — Você não quer dizer que ele *te* odeia?

— Ela disse para Kit.

— Ele também me odeia — Ty disse com orgulho. — Porque Livvy e eu estávamos com Kit no Mercado das Sombras em Londres.

Dru sentou-se. — Livvy teria feito isso por você, certo, se ela estivesse aqui?

Ty não disse nada. Ele levantara os olhos para o teto, onde o ventilador girava preguiçosamente e olhava para ele como se sua vida dependesse disso.

— Eu não pareço nada com Vanessa Ashdown — Dru acrescentou hesitante.

— Ele não sabe como ela é — disse Kit. — Só sabe que ela tem muito dinheiro para ele.

— Ele provavelmente não acha que ela tem treze anos — disse Dru. — Ele tem que imaginar que ela é uma adulta, especialmente se ela tem muito dinheiro. Que, por acaso, por que você tem muito dinheiro?

— Você parece muito mais velha do que você é — disse Kit, ignorando sua pergunta. — E nós pensamos…

Ty se levantou e foi para o corredor. Os dois olharam para onde ele estava, Kit imaginando se a menção a Livvy o havia feito sair correndo. Se alguma rachadura estava começando a aparecer na parede de sua crença de que Livvy estava voltando.

— Eu o aborreci? — Dru disse em voz baixa.

Antes que Kit pudesse responder, Ty retornou. Ele estava carregando o que parecia ser uma pilha de tecido cinza. — Eu percebi que as pessoas olham para as roupas muito mais do que olham para os rostos das outras pessoas. Eu pensei que talvez você pudesse usar um dos ternos da mamãe. — Ele estendeu uma saia e jaqueta cor de ardósia. — Eu acho que vocês tinham tamanhos semelhantes.

Dru se levantou e estendeu a mão para as roupas. — Tudo bem — disse ela, tomando-os em seus braços com cuidado. Kit se perguntou o quanto ela se lembrava de sua mãe. Ela tinha lembranças obscuras, como ele tinha, de uma voz gentil, o som de cantar? — Ok, eu vou fazer isso. Onde estamos indo?

— Hollywood — disse Kit. — Amanhã.

Dru franziu a testa. — Helen e Aline não sabem disso. E elas disseram que estariam no Santuário amanhã à noite. Algo a ver com os Submundanos.

— Bom — disse Kit. — Assim elas não vão ficar imaginando onde estamos.

— Claro, mas como vamos chegar lá?

Ty sorriu e bateu no bolso lateral, onde seu telefone estava. — Drusilla Blackthorn, conheça o Uber.

***

Pela terceira vez, Emma e Julian pararam na sombra de uma porta para consultar o mapa. O interior da torre era quase inexpressivo – se não fosse pelo mapa, Emma suspeitava, eles ficariam perdidos por dias.

Ela estremeceu e sofreu toda vez que se movia. Julian fizera o melhor que podia para a remendar do lado de fora da torre, usando tiras rasgadas de sua camisa como bandagens. Eles estavam tão acostumados a funcionar com runas curativas e as habilidades dos Irmãos do Silêncio, Emma pensou, que eles nunca esperavam trabalhar machucados, não por mais do que um breve período de tempo. Passar pela dor onde os espinhos tinham

penetrado seu corpo era exaustivo, e ela se viu feliz pela chance de descansar por um momento enquanto Julian olhava para o mapa.

O interior da torre lembrava o interior de uma concha. Os corredores giravam ao redor em círculos, sempre se estreitando enquanto subiam, mantendo-se nas sombras. Eles haviam discutido se deveriam usar a poção de Nene, mas Julian dissera que deviam guardá-la até que fosse absolutamente necessário – no momento, os corredores estavam lotados o bastante com fadas, Seelie e Unseelie, e ninguém dava uma olhada em duas figuras apressadas usando capas rasgadas.

— Os corredores se dividem aqui — disse Julian. — Um leva para baixo, um para cima. A sala do trono não está marcada no mapa…

— Mas sabemos que está perto do topo da torre — disse Emma. — A Rainha provavelmente já está lá. Não podemos deixar o Rei colocar as mãos no Volume Negro.

— Então eu acho que nós vamos desse jeito — disse Julian, indicando o corredor ascendente. — Continue subindo e espere por algum tipo de sinalização útil no caminho.

— Certo. Porque as fadas são ótimas em sinalizações úteis.

Julian quase sorriu. — Tudo certo. Mantenha o seu capuz para baixo.

Eles se dirigiram para o corredor íngreme e inclinado, os capuzes puxados para baixo. Enquanto subiam, a multidão de fadas começou a afinar, como se estivessem alcançando um ar rarefeito. As paredes eram revestidas de portas, cada uma delas mais elaboradamente decorada do que a anterior, com lascas de pedras raras e ouro incrustado. Emma podia ouvir vozes, risadas e conversas por trás delas; ela adivinhou que esta era a área onde os cortesãos viviam.

Uma porta estava semi-obscurecida por uma tapeçaria estampada em estrelas. Do lado de fora estavam dois guardas vestidos com armaduras incomuns de ouro e preto, com os rostos escondidos por capacetes. Emma sentiu um calafrio enquanto passavam, passando por uma área onde o corredor se estreitava de novo, como se estivessem realmente se aproximando do coração de uma concha. As tochas queimavam mais abaixo em seus suportes, e Emma olhou à frente, desejando uma runa de Visão Noturna.

Julian apertou o braço dela, puxando-a para um nicho raso. — Capuzes Vermelhos — ele assobiou.

Emma olhou ao redor da parede. De fato, duas linhas de capuzes vermelhos estavam guardando um arco alto. Capuzes vermelhos estavam entre os mais cruéis dos guerreiros das fadas.

Eles usavam uniformes escarlates tingidos no sangue daqueles que haviam matado. Incomumente para as fadas, esses guardas estavam barbudos, com rostos desgastados pelo tempo. Eles carregavam cajados cujas pontas de lança de metal estavam incrustadas com sangue seco.

— Deve ser isso — Julian sussurrou. — A sala do trono.

Ele puxou a corrente com o frasco sobre a cabeça, tirou a tampa e engoliu o líquido dentro. Emma correu para fazer o mesmo e abafou um suspiro. Queimou, como se tivesse engolido fogo líquido. Ela viu Julian fazer uma cara de dor antes de deixar cair seu frasco vazio no bolso.

Eles se encararam. Além da queimação em sua garganta e estômago, Emma sentia o mesmo. Ela ainda podia ver suas próprias mãos e pés, claros como o dia, e Julian não tinha começado a ficar difuso. Não foi bem o que ela imaginou.

— Nene disse que seríamos apenas invisíveis para as fadas Unseelie — disse Julian calmamente após um longo momento. Seus olhos de repente se estreitaram. — Emma…?

— O quê? — Ela sussurrou. — O que é isso?

Lentamente, ele levantou a mão e bateu no peito, onde estava sua runa *parabatai*, sob suas roupas. Emma piscou. Ela podia ver um brilho vermelho escuro emanando do lugar, como se o coração dele estivesse brilhando. O brilho estava se movendo, mudando, como uma minúscula tempestade de areia.

— Julian… — Ela olhou para baixo. Havia um brilho em torno de sua própria runa também. Era estranho o suficiente para fazê-la estremecer, mas ela afastou o sentimento e saiu para o corredor. Um momento depois, Julian estava ao lado dela.

A linha de capuzes vermelhos ainda estava lá, em frente ao arco escuro. Emma começou a se mover na direção deles, consciente de Julian ao seu lado. Ela podia vê-lo claramente, e ouvir seus passos, mas enquanto se moviam em direção à sala do trono e escorregavam entre as filas de capuzes vermelhos, ninguém se virou na direção deles. Nem um único capuz vermelho apareceu para ouvi-los ou vê-los.

Emma podia ver a luz escura como se estivesse amarrada no peito de Julian. Mas por que uma poção de invisibilidade faria sua runa *parabatai*

brilhar? Não fazia sentido, mas ela não tinha tempo para pensar sobre isto – eles estavam passando o último par de capuzes vermelhos. Ela se sentia como um camundongo andando alegremente na frente de um gato inconsciente.

Um momento depois, eles estavam no limiar e dentro da sala do trono do Rei.

Não era o que Emma esperava. Em vez de ouro brilhante e decoração rica, a sala estava vazia, o chão de pedra cinza escuro. As paredes eram sem janelas, exceto pela parede norte: um enorme retângulo de vidro dava para uma visão noturna. A sala estava repleta de montes de pedras caídas, algumas tão grandes quanto elefantes, muitas se quebrando em pequenos pedaços. Parecia as ruínas do playground de um gigante.

Não havia assentos na sala, exceto o trono, que era em si um pedregulho no qual havia sido esculpido um assento. Pedra se erguia ao redor das costas e dos lados, como se estivesse ali para proteger o Rei, que estava sentado imóvel no trono.

Em suas mãos estava a cópia de Julian do Volume Negro.

Quando entraram, o Rei levantou os olhos, franzindo a testa, e por um momento de pânico, Emma pensou que ele pudesse vê-los.

Seu rosto era tão horrível quanto ela se lembrava: dividido exatamente no meio como se fosse uma lâmina, era metade do rosto de um homem belíssimo e meio esquelético. Ele usava um rico gibão de veludo vermelho, uma capa estava presa aos ombros com fileiras de aiguillettes douradas, e uma coroa dourada amarrava sua testa.

Um frasco claro pendia de uma corrente ao redor de sua garganta, cheio de uma poção escarlate.

Reflexivamente, Emma e Julian se abaixaram atrás da pilha de pedras quebradas mais próxima, quando quatro guardas entraram, cercando uma mulher de branco com longos cabelos escuros. Atrás dela marchou um menino com uma argola dourada em volta da cabeça. Dois guardas o acompanharam. Eles usavam a incomum armadura preta e dourada que Emma havia notado antes, no corredor.

Ela não teve muito tempo para pensar sobre isso, porque, quando a mulher de branco entrou no recinto, ela virou a cabeça, e Emma a reconheceu.

Era Annabel Blackthorn.

A memória surgiu na parte de trás da garganta de Emma, uma onda amarga. Annabel no estrado do salão do Conselho. Annabel, com seus olhos selvagens, conduzindo os fragmentos da Espada Mortal no peito de Livvy. Annabel coberta de sangue, o estrado nadando com ele, Julian segurando Livvy em seus braços.

Ao lado de Emma, Julian respirou asfixiado. Ele ficou rígido.

Emma agarrou seu ombro. Parecia granito: inflexível, desumano.

Sua mão estava no cinto, no punho de uma palavra curta. Seus olhos estavam fixos em Annabel. Seu corpo inteiro estava tenso com energia mal controlada.

Ele vai matá-la. Emma sabia disso da mesma maneira que ela sabia cada um dos seus próximos movimentos em uma luta, o ritmo de sua respiração na batalha. Ela o puxou, o fazendo encará-la, embora fosse como tentar mover uma pedra.

— Não. — Ela falou em um sussurro áspero. — Você não pode.

Agora não.

Julian estava respirando com dificuldade, como se estivesse correndo. — Deixe-me ir, Emma.

— Ela pode nos ver — Emma sussurrou. — Ela não é uma fada.

Ela nos verá chegando, Julian.

Ele olhou para ela com olhos selvagens.

— Ela vai soar o alarme e nós vamos ser interrompidos. Se você tentar matar a Annabel agora, nós dois seremos pegos. E nós nunca vamos recuperar o Volume Negro.

— Ela precisa morrer pelo que fez. — Dois pontos vermelhos duros queimaram em suas bochechas. — Deixe-me matá-la e o Rei pode manter o maldito livro Emma pegou seu manto. — Nós dois vamos morrer aqui se você tentar!

Julian ficou em silêncio, seus dedos se fechando ao seu lado. A mancha vermelha acima de sua runa *parabatai* brilhou como fogo, e linhas negras a perseguiram, como se fosse um vidro prestes a quebrar.

— Você realmente escolheria vingança ao invés de Tavvy, Dru e Ty? — Emma balançou-o com força e soltou. — Você quer que eles saibam que você o fez?

Julian recuou contra uma pedra. Ele balançou a cabeça devagar, como se não acreditasse, mas o brilho vermelho em torno dele havia diminuído. Talvez a menção dos Blackthorn tivesse sido um golpe baixo, Emma

pensou, mas não se importou; valeu a pena impedir que Julian se jogasse de cabeça no suicídio. Suas pernas ainda estavam tremendo quando ela se virou para olhar a sala do trono através de uma abertura nas rochas.

Annabel e o menino se aproximaram do trono. Annabel não se parecia em nada como era antes – ela usava um vestido de linho branqueado, recolhido sob o peito, caindo para escovar os tornozelos.

Seu cabelo caiu pelas costas em um rio liso. Ela parecia quieta, comum e inofensiva. Ela segurou a mão do menino na coroa com cuidado, como se estivesse pronta para protegê-lo do perigo, se necessário.

Eles ainda estavam cercados por guardas Unseelie em ouro e preto. O Rei sorriu para eles com metade do rosto, um sorriso horrível. — Annabel — disse o rei. — Ash. Eu tive neste dia algumas notícias interessantes.

Ash. Emma olhou para o menino. Então esse era o filho da Rainha Seelie. Ele tinha cabelo loiro claro e olhos verdes profundos como folhas da floresta; ele usava uma túnica de veludo de gola alta e a faixa dourada em volta da testa era uma versão menor da faixa do Rei. Ele provavelmente não tinha mais do que a idade de Dru, magro de uma forma que não parecia saudável, e havia uma contusão em sua bochecha. Ele se portou com a mesma postura reta que Kieran portava. Príncipes provavelmente não deveriam cair.

Ele parecia familiar de uma maneira que ela não conseguia lembrar. Era apenas que ele se parecia com a mãe?

— Hoje recebi a visita da Rainha da Corte Seelie — disse o rei.

Ash levantou a cabeça bruscamente. — O que minha mãe queria?

— Como você sabe, ela há muito tempo negociou seu retorno, e só hoje me trouxe o que eu pedi. — O Rei sentou-se para frente e falou com prazer. — O Volume Negro dos Mortos.

— Isso é impossível — disse Annabel, suas bochechas pálidas corando. — Eu estou com o Volume Negro. A Rainha é uma mentirosa.

O rei bateu dois dedos enluvados contra sua bochecha óssea.

— Ela é — ele meditou. — É uma questão filosófica interessante, não é? O que é um livro? É a encadernação, a tinta, as páginas ou a soma das palavras contidas?

Annabel franziu a testa. — Eu não entendo.

O Rei desenhou a cópia do Volume Negro de onde havia descansado ao seu lado. Ele segurou-a para que Annabel e Ash pudessem ver. — Esta é uma cópia do Volume Negro dos Mortos — disse ele. — O livro que

também é chamado de os Artifícios das Trevas, pois contém em si algumas das magias mais formidáveis já registradas. — Ele acariciou a primeira página. — A Rainha diz que é uma duplicata exata. Foi feito com a ajuda de um mago de grande poder chamado OfficeMax, de quem eu não sei nada.

— Jesus Cristo — Julian murmurou.

— A Rainha a deixou comigo por um único dia — disse o Rei — para que eu decidisse se desejo trocar Ash pela cópia. Eu jurei devolver a ela no nascer do sol amanhã de manhã.

— A Rainha está te enganando. — Annabel aproximou Ash do seu lado. — Ela iria enganá-lo a trocar Ash por isso… Por essa cópia defeituosa.

— Talvez. — Os olhos do rei estavam encapuzados. — Eu ainda tenho que tomar minha decisão. Mas você, Annabel, também tem suas decisões a tomar. Eu observei que você se tornou muito próxima de Ash. Eu suspeito que você sentiria falta dele se vocês se separassem. Isso não é verdade?

Uma expressão estrondosa se deparou com o rosto de Annabel, mas por um momento Emma ficou mais interessada em Ash. Havia um olhar em seus olhos que o fazia parecer mais familiar para ela do que nunca. Uma espécie de frieza, surpreendente em alguém tão jovem.

— Mas você precisa de Ash — disse Annabel. — Você disse isso uma dúzia de vezes. Você precisa dele como sua arma. — Ela falou com desprezo. — Você já trabalhou com magia desde que o levou da corte de sua mãe. Se você o devolver…

O Rei recostou-se no banco de pedra. — Eu não vou devolvê-lo.

A Rainha vai ver a razão. Levará algum tempo para o Volume Negro trabalhar sua vontade sobre Ash. Mas quando isso acontecer, não precisaremos mais do Portal. Ele será capaz de espalhar ferrugem e destruição com suas próprias mãos. A Rainha odeia os Caçadores de Sombras tanto quanto eu. Dentro de um mês, a preciosa terra de Idris ficará assim…

Ele apontou para a janela na parede. De repente, a vista através do vidro mudou – na verdade, não havia vidro. Era como se um buraco tivesse sido rasgado no mundo, e através dele Emma podia ver uma visão de um deserto soprando e um céu cinzento chamuscado com relâmpago. A areia estava manchada de sangue e as árvores quebradas pareciam espantalhos contra o horizonte ácido.

— Isso não é o nosso mundo — murmurou Julian. — É outra dimensão, como Edom, mas Edom foi destruída.

Emma não conseguia parar de olhar. Figuras humanas, meio cobertas pela areia; o branco do osso. — Julian, eu consigo ver corpos.

O Rei acenou com a mão novamente e o Portal ficou escuro. — Como Thule está agora, Idris será.

Thule? A palavra era familiar. Emma franziu a testa.

— Você acha que conseguirá convencer a Rainha a colocar seu filho em risco apenas pelo poder — disse Annabel. — Nem todo mundo é como você.

— Mas a Rainha é — disse o rei Unseelie. — Eu sei, porque Ash não seria o primeiro. — Ele sorriu um sorriso esquelético. — Annabel Blackthorn, você brincou comigo porque eu permiti. Você não tem poder de verdade aqui.

— Eu sei o seu nome — Annabel ofegou. — Malcolm contou para mim. Eu posso te forçar…

— Você vai morrer no momento em que o nome deixar seus lábios, e Ash morrerá depois — disse o Rei. — Mas porque eu não desejo derramamento de sangue, eu lhe darei uma noite para decidir.

Dê-me o verdadeiro Volume Negro, e você pode ficar aqui com Ash e ser guardiã dele. Se não, eu unirei forças com a Rainha e expulsarei você de minhas terras, e você nunca mais verá Ash.

Ash se afastou das mãos restritivas de Annabel. — E se *eu* disser não? E se eu recusar?

O Rei voltou seu olhar vermelho para o menino. — Você é um candidato perfeito para os Artifícios das Trevas — disse ele. — Mas no final, você realmente acha que eu iria parar de prejudicar o pirralho de Sebastian Morgenstern?

O nome foi como um golpe. *Sebastian Morgenstern.* Mas como…

— Não! — Annabel gritou. — Não toque nele!

— Guardas — disse o Rei, e os guardas chamaram a atenção.

— Leve a mulher e o menino embora. Eu já acabei com eles.

Julian ficou de pé. — Nós temos que segui-los.

— Nós não podemos — Emma sussurrou. — A poção está acabando. Veja. A luz vermelha está quase acabando.

Julian olhou para baixo. O brilho escarlate acima de seu coração escureceu para um tom de brasa.

Os guardas haviam se fechado em torno de Annabel e Ash e estavam marchando da câmara. Emma segurou a mão de Julian e juntos eles saíram de trás das pedras.

Os guardas estavam escoltando Annabel e Ash pela porta em arco. Por um momento, Emma e Julian fizeram uma pausa no centro da sala do trono, diretamente na linha da visão do Rei.

Ele estava olhando diretamente para a frente dele. No lado intocado de seu rosto, Emma pensou que poderia ver um pouco de Kieran – um Kieran dividido no meio, meio torturado e desumano.

Ela sentiu a mão de Julian apertar a dela. Cada um de seus nervos estavam gritando que o Rei podia vê-los, que a qualquer momento ele chamaria seus guardas, que eles morreriam aqui antes que Emma tivesse a chance de levantar uma lâmina.

Ela disse a si mesma que pelo menos tentaria mergulhar a adaga no coração do Rei antes de morrer.

Julian puxou seus dedos. Incrivelmente, ele tinha o mapa na outra mão; ele empurrou o queixo em direção ao arco abaixo do qual Ash e Annabel haviam desaparecido.

Não havia mais tempo. Eles correram pelo arco.

*

Havia pouco sentido em lutar; havia pelo menos três guardas fadas de cada lado de Mark, e o aperto em seus braços era implacável. Ele foi arrastado através do festim, ainda tonto da poção em seu sangue. Formas pareciam surgir de cada lado dele: dançarinos girando, borrados como se fossem vistos através do prisma de uma lágrima. O Rei dos Gatos, olhando para ele com brilhantes olhos de gato malhado. Uma fileira de cavalos, afastando-se das faíscas de um incêndio.

Ele não podia ver Kieran. Kieran estava em algum lugar atrás dele; Mark podia ouvir os guardas gritando para ele, quase abafados pelos sons da música e do riso. Kieran. Cristina. Seu coração era um frio nó de medo por ambos quando ele foi empurrado por uma poça imunda e subiu um conjunto de degraus de madeira.

Uma aba de dossel de veludo lhe deu um tapa no rosto; Mark balbuciou enquanto o guarda que o segurava riu. Havia mãos em sua cintura, soltando o cinto de armas.

Ele chutou reflexivamente e foi empurrado para o chão. — Ajoelhe-se, mestiço — disparou um dos guardas. Eles o soltaram, e Mark se agachou onde estava, de joelhos, o peito latejando de raiva.

Dois guardas ficaram atrás dele, segurando as lanças ao lado do pescoço de Mark. A poucos metros de distância, Kieran estava na mesma posição, embora estivesse sangrando de um lábio cortado.

Sua expressão foi definida em um rosnado amargo.

Eles estavam dentro do pavilhão de Oban. As paredes eram de veludo pesado, o chão de tapetes caros que haviam sido pisoteados e enlameados por incontáveis pés. Mesas de madeira continham dezenas de garrafas de vinho vazias e meio vazias; algumas caíram e derramaram, enchendo a sala com o cheiro de álcool.

— Bem, bem — disse uma voz arrastada. Mark olhou para cima; na frente deles havia um sofá de veludo vermelho e, esparramado sobre ele, havia um jovem de aparência indolente. O cabelo listrado de preto e roxo caía ao redor de suas orelhas pontudas, e o *kohl* preto estava borrado em volta dos olhos prateados cintilantes. Ele usava um gibão de seda prateada e uma mangueira, e a renda branca saía de seus punhos. — Irmãozinho Kieran. Que bom te ver.

— Seus olhos prateados se voltaram para Mark. — Com um cara. — Ele sacudiu a mão de desprezo na direção de Mark e virou seu sorriso para Manuel. — Bom trabalho.

— Eu disse que os vi — disse Manuel. — Eles estavam no festim.

— Eu admito que nunca me ocorreu que eles seriam estúpidos o suficiente para colocar os pés nas Terras Unseelie — disse Oban. — Você ganha esse ponto, Villalobos.

— Eles fazem um excelente presente — disse Manuel. Ele ficou entre os guardas com as lanças, os braços cruzados sobre o peito.

Ele estava sorrindo. — Seu pai ficará satisfeito.

— Meu pai? — Oban bateu os dedos no braço do sofá. — Você acha que eu deveria entregar Kieran ao meu pai? Ele só vai matá-lo.

Maçante.

Mark lançou um olhar para Kieran através de seus cílios. Kieran estava de joelhos. Ele não parecia assustado com Oban, mas ele nunca demonstraria se estivesse.

— Um presente é mais do que apenas um presente — disse Manuel. — É um método de persuasão. Seu pai – por engano – acha que você é fraco,

Príncipe. Se você trouxer o príncipe Kieran e o Caçador de Sombras mestiço, ele perceberá que deveria levá-lo mais a sério. — Ele baixou a voz. — Podemos convencê-lo a matar os prisioneiros e seguir em frente com o nosso plano.

Prisioneiros? Que prisioneiros? Mark ficou tenso. Ele poderia estar falando de Julian e Emma? Mas isso não seria possível. Eles estavam com a procissão de Seelie.

Pelo menos Cristina estava a salvo. Ela havia desaparecido, escapando dos guardas. O Anjo sabia onde ela estava agora. Mark deu uma olhada de lado para Kieran: ele não estava em pânico também? Ele não estava apavorado por Cristina como Mark estava?

Ele deveria estar, considerando o jeito que eles estavam se beijando.

Oban estendeu a mão para a mesa lateral e vasculhou as garrafas empilhadas em cima, procurando uma com álcool ainda dentro dela. — Meu pai não me respeita — disse ele. — Ele acha que meus irmãos são mais dignos do trono. Embora eles não sejam.

— Tenho certeza que eles pensam o mesmo sobre você — Mark murmurou.

Oban encontrou uma garrafa e levantou-a para a luz, apertando os olhos para ver a metade do líquido âmbar ainda dentro. — Um prisioneiro procurado pode mudar de ideia, mas pode não ser suficiente.

— Você quer subir em favor de seu pai, não é? — Disse Manuel.

Oban tomou um gole de sua garrafa. — Claro. Bastante.

Mark teve a sensação de que Manuel estava revirando os olhos internamente. — Então você precisa demonstrar que ele deveria levá-

lo a sério. A primeira vez que você foi até ele, ele nem sequer ouviu você.

— Velho tolo — resmungou Oban, jogando a garrafa vazia de lado. Ela se despedaçou.

— Se você levar esses prisioneiros, ele vai ouvir você. Eu irei com você – direi a ele que juntos os rastreamos. Deixarei claro que, como representante da Tropa, gostaria de trabalhar apenas com você como nosso contato na Corte Unseelie. Isso fará você parecer importante.

— Parecer? — Disse Oban.

Kieran fez um barulho desalinhado.

— Isso fará com que ele entenda como você é importante — Manuel corrigiu suavemente. — Seu pai vai perceber o valor que você traz para ele.

Os reféns são a chave para uma conversa entre Nefilim e o povo Unseelie que não tem precedentes em nossa história.

Quando todos os Caçadores de Sombras verem você encontrar e alcançar uma paz mutuamente benéfica, todos perceberão que você e Horace Dearborn são os maiores líderes, capazes de alcançar a aliança que seus antepassados não puderam.

— O quê? — Disse Mark, incapaz de ficar em silêncio. — Do que você está falando?

— Isso não traria uma guerra real? — Oban havia encontrado outra garrafa. — A guerra parece ser uma má ideia.

Com paciência exasperada, Manuel disse: — Não haverá guerra. Eu já te disse. — Ele olhou para Kieran e depois para Mark.

— A guerra não é o objetivo aqui. E acho que o Rei quer que Kieran morra mais do que você pensa.

— Porque as pessoas o amam — disse Oban, em tom sentimental. — Eles queriam que ele fosse Rei. Porque ele era gentil.

— A bondade não é uma qualidade real — disse Manuel. — O

povo vai descobrir isso assim que seu pai pendurar Kieran em uma forca bem acima dos jardins da torre.

Mark se empurrou para trás e quase se empalou em uma lança.

— Você-

— A bondade pode não ser uma qualidade real, mas a misericórdia é — interrompeu Kieran. — Você não tem que fazer isso, Oban. Manuel não vale o seu esforço, e seus planos são tantas mentiras.

Oban suspirou. — Você é tediosamente previsível, filho mais novo. — Ele deixou cair a garrafa que estava segurando, e o líquido escarlate correu pelo chão como sangue. — Eu quero o trono, e eu terei o trono, e Manuel me ajudará a conseguir. Isso é tudo com o que eu me importo. Isso é tudo que importa. — Um sorriso tocou os cantos de sua boca. — Ao contrário de você, eu não vim amar e perseguir sombras, mas apenas o que é real.

Lembre-se, Mark pensou. *Lembre-se de que nada disso é real.*

Oban passou a mão na direção dos dois enquanto Manuel sorria quase audivelmente. — Junte-os e encontre cavalos para eles. Nós cavalgamos pela Corte Unseelie esta noite.

***

Barnabas já estava na Cafeteria 101 em Hollywood quando Drusilla chegou. Ele estava sentado em uma cabine de bronzeado e pegando um prato de huevos rancheros de aparência deliciosa. Ele usava um chapéu de cowboy preto e uma gravata que parecia estar sufocando-o, mas ele parecia satisfeito consigo mesmo.

Dru parou para olhar seu reflexo nas janelas que corriam ao lado do restaurante. O outro lado era uma parede de pedra kitsch; no canto havia uma jukebox e dezenas de fotos emolduradas do que Dru supôs serem a família e os amigos do dono.

Estava escuro lá fora e a janela mostrava-lhe uma imagem clara de si mesma. Cabelos escuros puxados para cima e suave, terno cinza, saltos clássicos (roubados do armário de Emma). Ela usava batom vermelho e nenhuma outra maquiagem; Kit assegurou que menos era mais. — Você não quer parecer um palhaço — ele disse, jogando o pó corado em Racy Rose por cima do ombro como se fosse uma granada.

Em algum lugar lá fora, nas sombras, Kit e Ty estavam observando, prontos para pularem em sua defesa, se algo desse errado. Saber disso a fez se sentir menos preocupada. Erguendo a pasta na mão, atravessou a lanchonete passando por poltronas de couro marfim e cor de caramelo, e sentou-se na cabine em frente a Barnabas.

Os olhos de sua cobra se moveram para observá-la. De perto, ele não parecia bem. Suas escamas eram opacas e seus olhos estavam vermelhos. — Vanessa Ashdown?

— Sou eu — Dru disse, colocando a pasta no chão. — Na carne.

Sua língua bifurcada escorregou de sua boca. — E como. Não se preocupe, eu gosto de mulheres com curvas. A maioria de vocês, Caçadores de Sombras, são tão ossudas.

Eca, Dru pensou. Ela bateu na pasta. — Negócios, Sr. Hale.

— Certo. — Sua língua desapareceu, para seu alívio. — Então, linda. Você tem provas de que Hypatia Vex tem passado segredos aos Caçadores de Sombras?

— Bem aqui. — Dru sorriu e empurrou a pasta em direção a ele.

Ele desabotoou-a e abriu-a, depois franziu a testa. — Isso é dinheiro.

— Sim. — Ela deu-lhe um sorriso brilhante e tentou não olhar ao redor para ver se alguém estava vindo para apoiá-la. — É o dinheiro que reservamos para Hypatia em troca de segredos.

Ele revirou os olhos. — Normalmente, fico feliz em ver uma grande caixa de dinheiro, não me entenda mal. Mas eu estava meio que esperando fotos dela entregando provas para alguns Blackthorns.

— Por que Blackthorns? — Drusilla disse.

— Porque — disse Barnabas. — Eles são pequenos ratos idiotas. — Ele se sentou de volta. — Você tem que me dar algo melhor do que isso, Vanessa.

— Bem, olhe mais de perto para o dinheiro. — Dru jogou por tempo. — Porque, ah, não é dinheiro comum.

Parecendo entediado, Barnabas pegou uma pilha de vinte. Dru ficou tensa. Kit tinha dito a ela para manter Barnabas falando, mas não era como se ela pudesse distraí-lo, contando a trama de Aniversário Sangrento ou sobre a nova coisa fofa que Church tinha feito.

— Não há nada de especial sobre esse dinheiro — Barnabas começou, e parou quando a porta da lanchonete se abriu e uma mulher alta, de cabelos escuros e bronze entrou na sala. Ela usava um terninho brilhante e saltos altíssimos. Ela foi seguida por dois outros Submundanos – um lobisomem musculoso e um vampiro pálido de cabelos escuros.

— Droga — disse Barnabas. — Hypatia, o que-?

— Ouvi dizer que você estava vendendo segredos para os Caçadores de Sombras, Hale — disse Hypatia. — Olhe para isso — pegou a bolsa na mão. Ela piscou para Dru. As pupilas dos olhos dela tinham a forma de estrelas douradas.

— Como você pôde? — Exigiu o vampiro. — Eu pensei que era tudo mentira, Barnabas! — Ela fungou e olhou para Dru. — Você estava realmente comprando segredos dele? De qualquer modo, quem é você?

— Drusilla — disse Dru. — Drusilla Blackthorn.

— Uma Blackthorn? — Disse Barnabas, indignado.

— E ele estava definitivamente vendendo segredos — disse Dru. — Por exemplo, ele acabou de me dizer que tirou uma cópia dos Manuscritos Vermelhos da Magia do estande de Johnny Rook assim que ele morreu. E ele tem guardado para si mesmo.

— Isso é verdade? — Rugiu o lobisomem. — E você se chama de chefe do Mercado das Sombras?

— Sua pequena- — Barnabas se lançou do outro lado da mesa em Dru. Ela saiu da cabine rapidamente e colidiu com o torso de alguém com força.

Ela olhou para cima. Era Ty, uma espada na mão, apontada diretamente para o peito de Barnabas.

Ele colocou um braço protetoramente ao redor de Dru, seu olhar nunca vacilando do feiticeiro. — Deixe minha irmã em paz — disse ele.

— Isso mesmo — disse Kit. Ele acenou do estande ao lado. — Eu esqueci minhas armas. Mas eu tenho esse garfo. — Ele mexeu. — Você é tão bifurcado — disse ele a Barnabas.

— Ah, cale a boca — Barnabas disse. Mas ele parecia derrotado; o lobisomem já o agarrou, puxando seus braços atrás das costas. Hypatia estava tirando a pasta e o dinheiro da mesa.

Ela piscou os olhos para Ty e Dru. — Hora de vocês Caçadores de Sombras irem — disse ela. — Isso marca o fim do seu pequeno negócio de Submundano. E diga ao seu novo Inquisidor que não queremos nada com ele ou com suas regras intolerantes. Nós vamos para onde queremos, quando queremos.

Ty abaixou a espada devagar. Kit largou o garfo e os três saíram do restaurante. Uma vez na calçada, Dru respirou profundamente, aliviada – era uma noite quente, e a lua estava alta e brilhante sobre a Avenida Franklin. Ela se sentiu arrepiada de excitação – ela fez isso!

Ela enganou um famoso bruxo. Deu um golpe. Ela era uma mulher vigarista agora!

— Acho que Hypatia realmente quis dizer o que ela disse para nós — disse Kit, olhando para trás através das janelas do café.

Hypatia e os outros Seres do Submundo estavam escoltando um Barnabas lutando para a porta dos fundos. — Todo esse negócio sobre dizer ao Inquisidor – isso não fazia parte do engodo. Essa foi uma mensagem real.

— Como se pudéssemos conversar com o inquisidor — disse Ty. Ele tocou a mão distraidamente no medalhão em sua garganta. — Isso foi bom. Você fez um ótimo trabalho, Dru.

— Sim. Você manteve a calma — disse Kit. Ele olhou para cima e para baixo na rua. — Eu sugiro que tomemos milk-shakes ou algo para comemorar, mas isso é uma espécie de bairro assustador.

— Caçadores de Sombras não se preocupam com vizinhanças assustadoras — disse Dru.

— Você não aprendeu nada com a morte dos pais do Batman?

— Disse Kit, fingindo estar chocado.

Ty sorriu. E pela primeira vez desde que Livvy morreu, Dru riu.

*

Com a ajuda de Aline e Tavvy, Helen tinha montado uma grande mesa dentro do Santuário. Duas cadeiras estavam na parte de trás dele, e a mesa estava coberta com os acessórios da burocracia: canetas e formulários em branco que haviam sido enviados pela Clave, pastas de arquivo e carimbos de borracha. Tudo era melancolicamente mundano, na opinião de Helen. Uma longa fila de lobisomens, bruxos, vampiros e fadas se estendia pela sala e saía pelas portas da frente. Eles montaram sua "Estação de Registro" no topo da runa de Poder Angelical, no chão, bloqueando as portas que levavam ao Instituto.

O primeiro Submundano a subir ao seu improvisado escritório era um lobisomem. Ele tinha um enorme bigode que lembrava Helen de filmes policiais dos anos setenta. Ele estava carrancudo. — Meu nome é Greg.

— Seu nome é Elton John — disse Aline, anotando.

— Não — disse o lobisomem. — É o Greg. Greg Anderson.

— É Elton John — disse Aline, pegando um selo. — Você tem trinta e seis anos e você é um limpador de chaminés que mora em Bel Air. — Ela carimbou o papel com tinta vermelha – registrado – e devolveu o papel.

O lobisomem pegou o papel, piscando perplexo. — O que você está fazendo?

— Isso significa que a Clave não poderá encontrá-lo — explicou Tavvy, que estava sentado embaixo da mesa, brincando com um carrinho de brinquedo. — Mas você está registrado.

— Tecnicamente — disse Helen, desejando que ele aceitasse o truque. Se ele não tivesse, eles teriam problemas com os outros.

Greg olhou para o papel novamente. — Apenas minha opinião — ele disse, — mas o cara atrás de mim parece o Humphrey Bogart.

— Humphrey é! — Disse Aline, acenando com o carimbo. — Você quer ser Humphrey Bogart? — Ela perguntou ao próximo Submundano, um mago alto e magro com um rosto triste e orelhas de poodle.

— Quem não quer? — Disse o bruxo.

A maioria dos Submundanos era cautelosa enquanto seguiam pelo resto da linha, mas cooperando. Houve até alguns sorrisos e agradecimentos. Eles pareciam entender que Aline e Helen estavam tentando minar o sistema, se não por quê.

Aline apontou para uma fada loira alta na linha, usando um vestido de gaze. — Essa é Taylor Swift.

Helen sorriu quando ela entregou um lobisomem uma forma carimbada. — Em quantos problemas vamos entrar por isso?

— Isso importa? — Disse Aline. — Nós vamos fazer isso de qualquer maneira.

— É verdade — disse Helen, e pegou outra forma.

***

Leve-me até ele. Leve-me.

Houve calmaria e silêncio – e depois luz, e mil dores agudas e pontiagudas. Cristina gritou e se livrou do que parecia ser um emaranhado de urzes, caindo de lado e batendo com força na terra coberta de grama.

Ela sentou-se, olhando tristemente para as mãos e braços, pontilhados com dezenas de minúsculas pontinhas de sangue. Ela havia pousado em uma roseira, o que era mais do que um pouco irônico.

Ela ficou de pé, se afastando. Ela ainda estava no Reino das Fadas, mas parecia estar de dia aqui. A luz dourada do sol queimava uma cabana de palha de pedra amarela pálida. Um rio azul-turquesa passava pela pequena casa, coberta de flores de tremoço azul e roxo.

Cristina não tinha certeza do que ela esperava, mas não tinha sido essa felicidade pastoral. Ela limpou suavemente o sangue em suas mãos e braços, desistiu e olhou para cima e para baixo na pequena trilha sinuosa que cortava a grama alta. Levava da porta da frente do chalé, atravessava o prado e desaparecia na neblina da distância.

Cristina marchou até a porta da cabana e bateu com firmeza. — Adaon! — Ela chamou. — Adaon Kingson!

A porta se abriu como se Adaon estivesse esperando do outro lado. A última vez que Cristina o viu, ele tinha sido vestido com a regalia da Corte Unseelie, com a insígnia da coroa quebrada no peito.

Agora ele usava uma túnica e calça de linho simples. Sua pele morena parecia quente à luz do sol. Foi a primeira vez que ela pôde ver sua semelhança com Kieran.

Talvez fosse porque ele parecia furioso.

— Como é possível que você esteja aqui? — Ele exigiu, olhando em volta como se não pudesse acreditar que ela tivesse vindo sozinha.

— Eu procurei ajuda — disse ela. — Eu estava no Reino das Fadas.

Ele estreitou os olhos. Ele parecia estar olhando desconfiado para um pássaro azul. — Entre imediatamente. Não é seguro falar do lado de fora.

No momento em que ela estava dentro da cabana, Adaon fechou a porta e se preparou para prender uma série de fechaduras complexas e intrincadas. — O Reino das Fadas é um lugar perigoso agora. Existem todos os tipos de maneiras pelas quais você poderia ter sido rastreada ou seguida.

Eles estavam dentro de uma pequena entrada com painéis de madeira. Uma porta em arco levava ao resto da cabana. Adaon estava bloqueando, braços cruzados na frente do peito.

Ele estava carrancudo. Depois de um momento de hesitação, Cristina estendeu o artefato para ele. — Eu não poderia ter sido rastreada. Eu usei isso.

Se ela esperava que Adaon ficaria aliviado, ele ficou. — Onde você conseguiu isso?

— É uma herança de família — disse Cristina. — Foi dado livremente como um presente por uma família de *hadas* que um ancestral meu ajudou.

Adaon franziu o cenho. — É um sinal de Rhiannon. Trate-o com cuidado. — Ele saiu da entrada e entrou em uma pequena sala de estar, onde uma mesa de madeira bem esfregada estava em um raio de sol entrando pelas janelas largas e cheias de chumbo. Uma pequena cozinha era visível: um vaso na mesa continha uma profusão de flores coloridas e tigelas empilhadas de cerâmica pintada.

Cristina sentiu um pouco como se estivesse dentro da cabana dos anões em *Branca de Neve*: tudo estava diminuto, e Adaon parecia se erguer, a cabeça quase raspando o teto. Ele gesticulou para ela se sentar. Ela tomou uma cadeira, percebendo assim que se sentou, o quanto seu corpo estava exausto e o quanto ela estava toda dolorida. A preocupação por Emma e Julian, agora agravada pelo pânico sobre Mark e Kieran, bateu através dela como batidas do coração.

— Por que você está aqui? — Adaon exigiu. Ele não estava sentado. Seus grandes braços ainda estavam cruzados sobre o peito.

— Eu preciso da sua ajuda — disse Cristina.

Adaon bateu a mão na mesa, fazendo-a pular. — Não. Eu não posso dar ajuda ou ajudar os Nefilins. Eu posso não concordar com o meu pai em muitas coisas, mas eu não iria diretamente contra a sua vontade, conspirando para ajudar uma Caçadora de Sombras.

Ele ficou parado por um momento em silêncio. A luz do sol iluminava as bordas das cortinas de renda branca na janela. Através do vidro, Cristina viu um campo de papoulas estendendo-se na distância em direção a falésias cintilantes e um leve brilho de água azul. A casa cheirava a sálvia e chá, um aroma suave e caseiro que fazia a dor dentro dela piorar.

— Você sabe por que eu vim até você? — Ela perguntou.

— Não — disse Adaon severamente.

— Em Londres, eu segui Kieran do Instituto porque não confiava nele — disse ela. — Eu pensei que ele estava a caminho de nos trair.

Acontece que ele estava a caminho para falar com você.

A carranca de Adaon não se moveu.

— Eu percebi enquanto vocês dois conversavam, que ele estava certo em confiar em você, que você era o único dos irmãos que cuidava dele — disse Cristina. — Ele disse que você deu a ele Lança do Vento. Você é o único membro de sua família de quem ele fala com algum carinho.

Adaon levantou a mão como se para afastar suas palavras. — Chega! Eu não quero mais ouvir.

— Você precisa ouvir isso.

— Eu não preciso dos Nefilins para me contar sobre Kieran!

— Você precisa! — disse Cristina. — Os guardas estão levando Kieran ao seu pai agora, enquanto falamos. Ele certamente será morto se não fizermos nada.

Adaon não se mexeu. Se Cristina não o tivesse visto engolir, ela teria pensado que ele era uma estátua. Uma estátua zangada e imponente. — Ajudá-lo seria uma verdadeira traição ao meu pai.

— Se você não ajudar, então será uma verdadeira traição ao seu irmão — disse Cristina. — Às vezes você não pode ser fiel a todos.

Adaon apoiou as mãos grandes nas costas de uma cadeira. — Por que você veio aqui? — Ele disse. — Por que você me trouxe essa notícia? É possível que meu pai o poupe. Ele é bem apreciado pelo povo.

— Você sabe que seu pai vai matá-lo por esse motivo — disse Cristina. Sua voz tremeu. — Antes da Caçada, ninguém na vida de Kieran jamais amou ou se importou com ele, exceto você. Você realmente vai abandoná-lo agora?

15
TORRES E SOMBRAS

— FILHO DO SEBASTIAN — EMMA SUSSURROU. — ELE teve um filho.

Eles haviam se abrigado em uma sala que parecia uma despensa de comida abandonada. Prateleiras nuas cobriam as paredes e cestos vazios cobriam o chão. Emma pensou no fruto e no pão que haviam segurado, e tentou ignorar a dor do estômago. Ela não tinha comido desde os sanduíches do dia anterior.

— Sempre houve rumores de que Sebastian teve um caso com a Rainha — disse Julian. Ele estava sentado de costas contra a parede da despensa. Sua voz soava remota, como se estivesse vindo do fundo de um poço. Ele soou assim desde que eles deixaram a sala do trono. Emma não sabia se era um efeito colateral da poção ou de ver Annabel e deixá-la ir. — Mas ele morreu apenas cinco anos atrás.

— O tempo passa de maneira diferente nos Reino das Fadas — disse Emma. — Ash parece que talvez tenha treze. — Ela fez uma careta. — Ele se parece com Sebastian. Eu lembro de ter visto Sebastian no Instituto. Ele era assim… — Perverso. Frio. Desumano.

— Loiro.

Julian não olhou para cima. Sua voz era como gelo.

— Você deveria ter me deixado acabar com ela.

— Julian, não. — Emma esfregou as têmporas; sua cabeça estava doendo. — Você absolutamente teria sido morto se você tentasse.

— Emma …

— Não! — Ela baixou as mãos. — Eu também odeio Annabel.

Eu a odeio por estar viva quando Livvy está morta. Eu a odeio pelo que ela fez. Mas há coisas mais importantes em jogo agora do que nossa vingança Julian levantou a cabeça.

— Você viveu por vingança por anos. Tudo o que você pensou foi em vingar-se por seus pais.

— Eu sei. E então eu me vinguei, e isso não fez nada por mim.

Isso apenas fez com que eu me sentisse vazia e fria.

— Fez isso? — Seus olhos estavam frios e duros como bolinhas verde-azuladas.

— Sim — Emma insistiu. — Além disso, Malcolm voltou dos mortos como um monstro marinho…

— Então você está dizendo que eu não deveria matar Annabel porque ela voltará como um monstro marinho?

— Estou apenas apontando a futilidade do meu assassinato de Malcolm — disse Emma. — E você sabe quem acabou matando ele no final? Annabel.

Houve um longo silêncio. Julian passou os dedos pelos cabelos; Emma queria rastejar pela sala até ele em suas mãos e joelhos, implorar para ele voltar a ser o Julian que ele costumava ser. Mas talvez isso fosse impossível. Talvez a morte de Livvy tivesse caído como uma foice entre aquele Julian e este, matando qualquer possibilidade de que ele pudesse se transformar, como os príncipes cisnes no conto de fadas, de volta ao pensativo garoto que ela amava, com segredos em seu coração e tinta nas mãos.

— Então, o que você está dizendo? — Ele perguntou por fim.

— Ninguém te culparia por matar Annabel — disse Emma. — Mas, às vezes, temos que deixar de lado o que queremos agora para algo maior. Você me ensinou isso. O velho você.

— Talvez — disse Julian. Ele puxou a manga da camisa e Emma viu novamente o que ela vira na clareira — o pano peculiar de ferrugem amarrado no pulso direito.

Ela colocou a mão em seu braço, acalmando seu movimento.

— O que é *isso*?

— É o sangue de Livvy — disse ele. — Eu rasguei uma tira da camisa que estava usando quando ela morreu e amarrei no meu pulso. Vou tirá-la quando matar Annabel. Não antes.

— Julian…

Ele puxou a manga para baixo — Eu entendo o que você está dizendo. Eu só não vejo por que eu deveria ser o único a parar.

Sua voz era sem tom. Emma sentiu frio por toda parte. Era como olhar para alguém sangrando de uma ferida mortal que não parecia saber ou entender que eles estavam feridos.

— De qualquer forma — disse Julian. — Precisamos ir encontrar Ash.

Eu falhei, Emma pensou. *Havia outra coisa que deveria ter dito, algo que o teria convencido e falhei*.

— Por que precisamos encontrar Ash?

— Você ouviu o Rei. Ash é a arma. Aquela que Clary e Jace vieram encontrar.

— Ele faz parte de uma arma — disse Emma. — O Rei está envenenando sua própria terra e também a Floresta Brocelind. Ele acha que pode usar Ash para tornar o veneno ainda mais mortal, para destruir mais de Idris.

— Essa é a impressão que eu tenho, sim. Mas o Rei precisa do Volume Negro para fazer essa segunda parte funcionar.

— Então não é melhor ir atrás do Volume negro?

— Qual deles? — Julian disse. — Annabel tem o verdadeiro. A Rainha tem a cópia —- bem, o Rei a tem no momento, mas é dela.

Isso divide nosso objetivo — a menos que tiremos Ash da equação.

— O cabelo de Julian caiu em torno de seu rosto na escuridão; Emma podia ver os finos arranhões em toda a sua pele, onde os espinhos da sebe o haviam cortado. — Ambas as suas barganhas dependem de Ash — Annabel quer Ash, e a Rainha também. Tomar Ash nos dará tempo e evitará que o Rei faça um acordo.

— Eu não vou machucar uma criança, Julian. — Emma disse categoricamente. — Se é isso que você quer dizer com 'tirar Ash da equação', eu não vou fazer isso.

— Não precisamos machucá-lo — disse Julian. — Sequestrar ele deve funcionar muito bem.

Emma suspirou.

— E então o quê?

— Oferecemos a Annabel uma troca — o Volume Negro por Ash. Ela faria qualquer coisa por ele.

Emma se perguntou se deveria mostrar o quanto isso era estranho. Ela decidiu que não — este Julian não entendia por que alguém se sentiria assim sobre qualquer coisa.

— Então nós a matamos e pegamos o livro — ele terminou.

— E a Rainha?

— Se o Rei não tem Ash, ela não tem razão para trocar o Volume Negro, e ela não vai. Enquanto isso, chegamos às quedas, voltamos para Idris com Ash e com o Volume Negro original, e o plano de Dearborn não funcionará.

Entramos no Conselho com essas duas coisas e seremos heróis. A Clave não deixará a Tropa nos tocar.

— Ash não é uma coisa — disse Emma.

— O Rei chamou-o de arma — disse Julian.

Emma mudou de rumo.

— Não sabemos como encontrar Ash na torre.

— Eu sei que você viu aqueles guardas no corredor, assim como eu vi — disse Julian. — E mais tarde na sala do trono. Eles são os guardas de Ash. Nós sabemos onde é o seu quarto. Nós vimos. — Seus olhos estavam brilhando com determinação. — Eu preciso de você comigo, Emma.

— Então me prometa uma coisa — disse ela. — Prometa que vamos levar Ash para Jia, não para Dearborn.

— Tudo bem — disse Julian. — Eu não me importo com o que acontece com o filho de Sebastian Morgenstern.

O verdadeiro Julian teria se importado, Emma pensou. O

verdadeiro Julian teria se importado com qualquer criança, porque ele amava as dele. Ele teria visto Tavvy em Ash, e Dru e Ty, não importando quem era o pai de Ash.

— Então você vem comigo? — Ele disse.

Eu vou, ela pensou. *Porque alguém tem que proteger Ash de você e protegê-lo de si mesmo.*

Ela levantou-se.

— Eu estou com você — disse ela.

***

— Olá? — Ty avançou para a escuridão da caverna, sua pedra enfeitiçada brilhando em sua mão. Ele parecia uma pintura para Kit, com a iluminação brilhante em seu cabelo escuro e pele pálida. — Shade? Você está aqui?

Kit tinha sua própria pedra no bolso, mas a pedra de Ty lançava muita luz, escolhendo as rachaduras nas paredes de granito, a mesa de madeira marcada com marcas antigas de facas e fogo, as letras em sua superfície brilhando brevemente na vida: *o fogo quer queimar*.

Eles deixaram Dru de volta ao Instituto; ela foi cantarolando para a cama e Kit ficou satisfeito por eles a terem feito feliz. Ela se saiu bem com Barnabas também. Kit estava certo: tinha muito de trapaceira nela.

— Shade — Ty disse no momento em que Drusilla estava fora do alcance da voz. — Nós temos que conversar com Shade.

Ele estava vibrando de excitação, suas bochechas coradas, seus dedos trabalhando em um de seus brinquedos inquietos.

Era uma noite clara com uma lua de três quartos, o céu vivo com nuvens em movimento rápido, soprado pelo vento do oceano. Ty praticamente correu ao longo da beira da água, os pés sem som na areia úmida; Kit descobriu que não estava tão sem fôlego quanto ele esperava, ao tentar acompanhá-lo. Talvez ele estivesse se transformando mais em um Caçador das Sombras do que ele pensava.

— Shade? — Ty chamou novamente, e desta vez as sombras se moveram e uma luz se acendeu dentro da caverna. Uma lâmpada na mesa tinha sido ligada, enchendo a câmara com iluminação e sombras. Das sombras mais profundas, uma voz mal-humorada falou: — Quem é? Quem está me incomodando?

— Kit Herondale e Ty Blackthorn — disse Ty, sua pedra tremulando mais alto. — Precisamos conversar com você.

Houve um suspiro e o som de algo sendo embaralhado.

— É melhor você ter uma boa razão para me acordar.— As sombras se moveram e se transformaram em Shade, saindo de um saco de dormir. Ele usava um pijama listrado e chinelos felpudos em seus pés verdes.

— Nós enviamos uma nota dizendo que estávamos chegando — disse Kit.

Shade olhou com raiva.

— Eu estava dormindo. São três da manhã.

O saco de dormir se mexeu. Um momento depois, Church se arrastou, fazendo barulhos de chilrear. Ele se enrolou em cima da bolsa, piscando seus grandes olhos amarelos.

— Isso não é muito leal — disse Ty, olhando para Church com severidade.

Shade bocejou.

— Nós nos conhecemos há muito tempo, esse gato e eu.

Tivemos algumas coisas para pôr em dia.

Kit sentiu a conversa se afastando dele.

— Fizemos o que você nos disse para fazer. — disse ele para o feiticeiro que estava bocejando. — Nós somos bem-vindos ao Mercado das Sombras.

— Isso mesmo. — disse Ty. — Hypatia Vex está no comando agora e diz que podemos ir lá sempre que quisermos.

Uma expressão estranha passou pelo rosto do bruxo; curiosamente, Shade não parecia feliz. Ele pareceu surpreso e perturbado. Kit arquivou o fato para consideração futura.

— Então você pode começar o feitiço — disse Shade lentamente. — Depois de adquirir todos os ingredientes, é claro.

— Quais são os ingredientes?— Perguntou Kit. — Por favor, me diga que não precisamos fazer as coisas de Malcolm com as mãos de doze assassinos. Eu não conheço doze assassinos. Eu nem conheço doze ladrões de lojas.

— Não .— Shade começou a andar. — Malcolm trouxe Annabel de volta do jeito que ele fez, porque ele tinha o corpo dela. Nós não temos o corpo da sua irmã, então não podemos usar os métodos dele.

— Ela não era minha irmã. — murmurou Kit.

— Se bem me lembro, há apenas um feitiço do livro que você pode usar — disse Shade, ainda andando de um lado para o outro.

— Isso mesmo — disse Ty.

— Há realmente um feitiço?— Kit disse. Os dois olharam para ele. — Eu só— eu não vejo como você pode trazer alguém de volta dos mortos quando o corpo sumiu.

Ty ficou todo tenso.

— O livro diz que você pode fazer isso — disse ele. — Diz que é possível.

Shade estalou os dedos e uma caneca de algo fumegante apareceu na mesa. Ele caiu na cadeira e enrolou as mãos em volta dela, parecendo sombrio, ou tão sombrio quanto um bruxo verde em pantufas felpudas poderia parecer.

— Porque não há corpo, este é um feitiço altamente instável — disse ele. — Você não é o primeiro a experimentá-lo. Nada é verdadeiramente destruído. Isso é verdade. Existem maneiras pelas quais os mortos sem corpo podem retornar. Seu espírito pode ser colocado em outro corpo, mas isso é um verdadeiro mal, porque o primeiro corpo morrerá.

— Não! — Disse Ty. — Eu não quero isso. Livvy não iria querer isso.

— O corpo pode retornar como um cadáver vivo — continuou Shade. — Não morto, mas não inteiramente vivo. O corpo poderia voltar com uma mente corrompida, parecendo-se perfeitamente com Livvy, mas incapaz de pensar ou falar. O espírito desencarnado poderia retornar, ou em alguns

casos uma Livvy de outro mundo — como Edom — poderia ser arrebatado para o nosso, deixando um buraco no mundo de onde ela partiu.

— Parece que não há boas opções — disse Kit nervosamente.

— Mas pode funcionar — disse Ty. Todo o sangue tinha drenado de seu rosto. — Funcionou no passado. As pessoas foram trazidas de volta, perfeitamente.

— Infelizmente, — disse Shade — sim.

Kit já sabia que "sim" era tudo que Ty ouviria.

— Vamos acertar — disse Ty. — Vamos trazer a verdadeira Livvy de volta.

Kit sentiu sua nuca se arrepiar. Ele não sabia dizer se Ty estava em pânico, mas Kit definitivamente estava. O que em sua vida ele já teve de tão certo que ele teve a coragem de se voluntariar para um projeto que absolutamente não poderia dar errado?

— Quais são as coisas que precisamos do Mercado? — Ty disse. Ele não parecia estar em pânico, e sua calma deixou Kit respirar novamente.

Shade suspirou e puxou um pedaço de papel em direção a ele do outro lado da mesa; ele já deve ter rabiscado algum tempo antes.

Ele começou a ler a lista em voz alta: *"Incenso do coração de um vulcão.*
Giz em pó dos ossos de uma vítima de assassinato.
Sangue, cabelo e osso da pessoa a ser trazida.
Mirra cultivada por fadas, colhida à meia-noite com uma foice de prata.
Um objeto de outro mundo."

— A pessoa a ser trazida? — Ty disse. — Essa é Livvy, certo?

— Claro — disse Shade.

— Sem o corpo dela, como podemos obter sangue, cabelo e ossos? — Disse Kit. Sua mente correu junto com a pergunta: Talvez fosse impossível, talvez eles não pudessem obter os ingredientes, e nunca haveria uma chance de errar o feitiço e acontecer um desastre.

— Isso pode ser feito — disse Ty calmamente. Seus dedos tocaram o medalhão no pescoço dele brevemente. — O incenso, a mirra — podemos pegá-los no Mercado.

— E um objeto de outro mundo? — Disse Kit.

— Há alguns nesta dimensão — disse Shade. — A maioria está no Labirinto Espiral. — Ele levantou a mão. — E antes que vocês perguntem, não, eu não vou ajudá-los a conseguir um. Minha assistência termina em aconselhá-lo.

Ty franziu o cenho.

— Mas vamos precisar de você para ajudar com o feitiço — disse ele. — Caçadores de Sombras— nós não podemos fazer magia.

Kit sabia o que Ty queria dizer. Os feiticeiros estavam entre os poucos que podiam naturalmente fazer magia no mundo; mágicos como seu pai tinham que encontrar uma fonte de energia porque não conseguiam acessar as Linhas Ley, e as fontes de energia — especialmente aquelas limpas como a que Shade havia prometido a elas — não eram fáceis de obter. Mesmo se você pudesse encontrar alguém para lhe vender um catalisador, os Caçadores de Sombras eram proibidos por Lei de comprar esse tipo de coisa, e mesmo que Ty não se importasse em quebrar a Lei, levaria anos para aprender como fazer magia do jeito Johnny Rook fazia.

— Eu disse que contribuiria com um catalisador que você poderia usar — disse Shade. — Você deve fazer o resto por conta própria. Eu não vou tocar em necromancia.

Church miou.

Ty pegou a lista de ingredientes; seus olhos eram profundos e escuros, mais negros do que cinzas na luz da caverna.

— Tudo bem — disse ele. — Bom o bastante.

Ele pegou sua luz enfeitiçada e gesticulou para Kit segui-lo; Shade levantou-se e disse algo sobre andar com eles. Kit correu atrás de Ty, que parecia tão ansioso em partir como estava para chegar em primeiro lugar.

Eles chegaram ao fim do túnel, onde a rocha se abriu na areia e no oceano, quando Shade colocou a mão no ombro de Kit.

— Christopher — disse ele. — Espere um momento.

Ty já havia saído para a praia. Ele estava curvado; Kit percebeu que estava acariciando os pelos de Church. O gato os seguiu silenciosamente e estava fazendo oitos entre as pernas de Ty, esfregando a cabeça contra as panturrilhas do menino.

— Tome conta de Tiberius — disse Shade. Havia algo em sua voz, uma entoação, que fazia parecer que ele havia aprendido Inglês há muito tempo. — Há muitas maneiras de ser ameaçado pela magia.

Kit levantou os olhos surpreso.

— O que você quer dizer? Não precisamos matar ninguém ou criar qualquer energia mágica de morte. Não é isso que faz a necromancia errada?

Shade suspirou.

— Magia é como termodinâmica — disse ele. — Você está sempre pegando algo de algum lugar. Todo ato tem repercussão, e este pode ter repercussões que você não espera e não pode evitar.

Eu vejo você pensar em si mesmo como protetor de Ty. — Sua voz suavizou. — Às vezes você precisa proteger as pessoas contra as coisas que elas querem, assim como as coisas que elas temem.

O coração de Kit se apertou.

Na praia, Ty se endireitou. O vento soprou seus cabelos e ele ergueu as mãos, sem hesitação e sem consciência, para tocar o vento e o ar da noite. Seu rosto brilhava como uma estrela. Em todo o mundo, Kit nunca conhecera alguém que ele acreditasse ser tão incapaz de fazer o mal.

— Eu nunca deixaria algo machucar Ty — disse ele. — Você vê, eu— Ele se virou para dizer a Shade, para explicar como era, como sempre seria. Mas o feiticeiro desapareceu.

***

A pele de Mark queimava suavemente onde as algemas de ferro tinham sido acorrentadas em torno de seus pulsos.

Oban e sua guarda cavalgavam à frente em seus cavalos; Manuel estava entre eles, como se fosse natural para um Caçador de Sombras cavalgar entre os anfitriões Unseelie. Ele se virou ocasionalmente para sorrir para Mark e Kieran, que caminhavam atrás do grupo. Algemas circulavam seus pulsos, conectadas a uma grossa corrente de ferro que se encaixava no pomo da sela de Oban.

Foi uma punição que Mark já tinha visto antes. Ele manteve um olho atento em Kieran no caso de ele tropeçar. Um prisioneiro que caísse seria arrastado atrás de cavalos Unseelie enquanto os guardas riam.

Kieran já estava pálido de dor. O ferro frio o afetava muito mais do que Mark; seus pulsos estavam sangrando e irritados onde o ferro os tocava.

— Eles falaram de reféns — disse ele finalmente, quando chegaram ao topo de uma colina baixa. — De quem será a morte pela qual estamos sendo trocados?

— Nós vamos descobrir em breve — disse Mark.

— Estou com medo — disse Kieran, honestidade crua em sua voz. — Manuel Villalobos estava na Scholomance quando eu estava escondido lá. Ele é uma pessoa terrível. Não há nada que ele não faria. A maioria da Tropa me parece seguidores do que líderes, até Zara. Ela faz o que seu pai

lhe diz, como ela foi ensinada, embora sejam ensinamentos de ódio e crueldade. Mas Manuel é diferente.

Ele faz o que faz porque deseja causar dor às pessoas.

—Sim — disse Mark. — É o que o torna perigoso. Ele não é um verdadeiro crente. — Ele olhou ao redor deles; eles estavam passando perto de um pedaço de ferrugem. Ele começou a se acostumar com a visão deles, aniquilou paisagens de grama cinzenta e árvores mortas, como se o ácido tivesse sido derramado na terra do céu. — Podemos confiar em Cristina — disse ele em um quase sussurro. — Ela vai estar à procura de ajuda para nós, mesmo agora.

— Você notou algo curioso? — Disse Kieran. — Oban não nos perguntou sobre ela. Onde ela poderia ter desaparecido ou quem ela poderia ter procurado.

— Talvez ele estivesse ciente de que não sabíamos.

Kieran bufou.

—Não. Manuel não lhe disse que Cristina estava lá, marque minhas palavras. Ele preferiria que Oban não ficasse bravo por ele ter deixado escapar um Caçador de Sombras.

— O que Manuel está fazendo com Oban? Sem ofensa, mas Oban não parece ser o mais brilhante dos seus irmãos.

Os olhos de Kieran se estreitaram.

— Ele é um bêbado e um nabo.

— Mas um nabo ambicioso.

Kieran riu relutantemente.

— Parece-me que Manuel alimentou a ambição de Oban. É

verdade que a Tropa não pode influenciar meu pai, mas talvez eles esperem influenciar quem será o próximo rei dos Unseelie. Um fraco, que eles podem influenciar facilmente. Oban seria perfeito para isso.

Eles alcançaram o topo da colina. Mark podia ver a torre se erguer à distância, um espinho negro perfurando o céu azul. Ele havia voado sobre a Torre Unseelie com a Caçada Selvagem, mas ele nunca havia entrado. Ele nunca quis.

— Por que Manuel pensaria que haveria um novo Rei Unseelie em breve? Seu pai é rei há tanto tempo que ninguém consegue se lembrar de como era o Rei Bram.

Kieran olhou para a torre. Uma nova gargalhada veio de Oban e dos outros à frente.

— Talvez seja porque as pessoas estão com raiva do meu pai.

Eu ouço coisas de Adaon. Há sussurros de descontentamento. Que o Rei trouxe esta praga sobre nossa terra. Que sua obsessão por Caçadores de Sombras deixou seu povo dividido e empobrecido. As fadas mais velhas dos Unseelie desconfiam dele desde o desaparecimento da Primeira Herdeira. Eles sentem que o rei não se esforçou o suficiente para encontrá-la.

Mark ficou surpreso.

— O Primeiro Herdeiro era uma menina? Eu pensei que o Rei assassinou todas as suas filhas.

Kieran não disse nada. Mark se recordou da última vez que enfrentaram o Rei no Reino das Fadas, quando Mark veio com Emma, Julian e Cristina para salvar Kieran do Senhor das Sombras.

As coisas eram diferentes agora. Ele se voltou, de repente, para a clareira, despertando para ver Cristina e Kieran nos braços um do outro, pouco antes de os guardas chegarem.

— Por que você beijou Cristina? — Mark disse baixinho. — Se você fez isso para me irritar ou me deixar com ciúmes, isso foi uma coisa terrível para se fazer com ela.

Kieran se virou para ele com surpresa.

— Não foi para aborrecê-lo ou deixá-lo com ciúmes, Mark.

— Ela gosta de você — disse Mark. Ele sabia disso há algum tempo, mas nunca havia falado em voz alta antes.

Kieran corou.

— Isso é muito estranho para mim. Eu não mereço isso.

— Eu não tenho certeza se também mereço o carinho dela — disse Mark. — Talvez ela não conceda seu coração com o cuidado que deveria. — Ele olhou para os pulsos ensanguentados. — Não a machuque.

— Eu não poderia — disse Kieran. — Eu não faria. E sinto muito, Mark, se você ficou com ciúmes. Eu não pretendia isso.

— Está tudo bem — disse Mark com uma espécie de perplexidade, como se estivesse surpreso com a verdade. — Eu não estava com ciúmes.

De nenhum de vocês. Como isso é possível?

A sombra da torre caiu sobre eles, escurecendo o chão onde eles estavam. O ar pareceu subitamente mais frio.

Na frente deles, a enorme cerca espinhosa que cercava a torre se erguia como uma parede de espinhos. Os ossos brancos pendiam dos espinhos, que

haviam ficado pendurados por centenas de anos.

Fazia muito, muito tempo desde que um guerreiro havia desafiado a muralha. E Mark não se lembrava de ter ouvido falar de alguém que fizera isso e vivia.

—Mark — Kieran sussurrou.

Mark deu um passo à frente e quase tropeçou; a corrente que os ligava aos cavalos estava no chão. Oban e os outros haviam parado no arco dos enormes portões que eram o único caminho através da sebe de espinhos.

Kieran alcançou Mark e pegou em seu ombro com as mãos algemadas. Seus lábios estavam rachados e sangrando. Ele olhou nos olhos de Mark com um olhar de súplica terrível. Mark esqueceu sua estranha discussão sobre Cristina, esqueceu tudo, menos a dor de Kieran e seu próprio desejo de protegê-lo.

— Mark — Kieran respirou. — Eu tenho que avisá-lo. Vamos percorrer o caminho da punição até a torre. Eu vi isso acontecer com os outros. É… não posso…

— Kieran. Tudo ficará bem.

— Não. — Kieran balançou a cabeça descontroladamente o suficiente para fazer o cabelo azul-escuro voar ao redor de sua cabeça. — Meu pai terá alinhado o caminho para a torre com a nobreza. Eles vão gritar para nós. Eles vão atirar pedras e pedras. É

como meu pai quer isso. Ele me ameaçou depois da morte de Iarlath.

Agora eu sou responsável pela morte de Erec também. Não haverá piedade para mim — Ele engasgou com suas palavras. — Sinto muito que você tenha que estar aqui para isso.

Sentindo-se estranhamente calmo, Mark disse: — Não é melhor me ter com você?

— Não — disse Kieran, e em seus olhos Mark pensou ter visto o oceano, preto e prateado sob a lua. Distante e intocável. Lindo e eterno. — Porque eu amo você.

O mundo pareceu se apressar em silêncio.

— Mas eu pensei— você disse que nós tínhamos terminados um com o outro.

— Eu não terminei com você — disse Kieran. — Eu nunca poderia terminar com você, Mark Blackthorn.

Todo o corpo de Mark cantarolou de surpresa. Ele mal registrou quando começaram a avançar novamente, até o aperto de Kieran deslizar de seu

ombro. A realidade voltou correndo, como uma onda: ele ouviu Kieran prender o fôlego, preparando-se para o pior quando passaram pelos portões depois de Oban e os outros.

Suas correntes sacudiam sobre os paralelepípedos do caminho que levava dos portões até as portas da torre, um ruído obscenamente alto. O pátio de cada lado estava cheio de fadas Unseelie. Alguns carregavam pedras, enquanto alguns seguravam chicotes feitos de espinhosas trepadeiras.

Atrapalhando ligeiramente, torcendo o pulso contra as algemas, Mark conseguiu pegar a mão de Kieran na sua.

— Iremos em frente, sem medo — disse ele em voz baixa. — Pois sou um Caçador de Sombras e você é o filho de um Rei.

Kieran lançou-lhe um olhar agradecido. Um momento depois eles estavam se movendo ao longo do caminho, e a multidão, carregando seus chicotes e pedras, flanqueavam-nos de ambos os lados.

Mark levantou a cabeça. Eles não veriam um Caçador de Sombras se encolher de medo ou dor. Ao lado dele, Kieran endireitou as costas; sua expressão era arrogante, seu corpo preparado.

Preparado — para golpes que não vieram. Enquanto Mark e Kieran caminhavam entre as fileiras de fadas, eles permaneciam imóveis como estátuas, suas rochas despencadas, seus chicotes imóveis.

O único som veio de Oban e seus guardas, seus murmúrios se elevando no ar silencioso. Oban virou-se para o lado, seu olhar raivoso varreu a multidão.

— Mexam-se, imbecis! — Ele gritou. — Vocês não sabem o que deveriam estar fazendo? Estes são assassinos! Eles mataram Iarlath!

Eles assassinaram o Príncipe Erec!

Um murmúrio atravessou a multidão, mas não foi um murmúrio de raiva. Mark pensou ter ouvido o nome de Erec falado com raiva, e Kieran com muito mais gentileza; o próprio Kieran estava olhando em volta com grande surpresa.

E mesmo assim multidão não se mexeu. Em vez disso, quando Kieran e Mark se moveram através deles e entre eles, as vozes começaram a subir. Mark ouviu incredulamente enquanto cada um contava uma história. *Ele me deu pão quando eu estava morrendo de fome ao lado da estrada. Ele interveio quando os Capuzes Vermelhos do Rei tomaram minha fazenda. Ele salvou meu marido da execução.*

Ele assumiu a responsabilidade por um crime cometido pelo meu filho. Ele tentou salvar minha mãe dos Cavaleiros de Mannan. E por sua bondade, o rei o enviou para a Caça Selvagem.

Oban se virou, seu rosto se contorceu de raiva. Manuel colocou a mão no ombro de Oban; ele se inclinou e sussurrou no ouvido do príncipe. Oban assentiu, parecendo furioso.

Kieran olhou para Mark com espanto, seus lábios entreabertos.

— Eu não entendo — ele sussurrou.

— Eles odeiam seu pai — disse Mark. — Mas eu não acho que eles te odeiam.

Eles haviam alcançado os degraus da torre. Eles pararam quando Oban e os outros desmontaram. Houve um flash de movimento na multidão. Uma pequena criança fada, uma menina com o cabelo em tiras e pés descalços, escorregou de entre as outras pessoas fadas e correu até Kieran. Ela pressionou algo timidamente na mão dele.

— Por sua gentileza, príncipe Kieran.

— O que foi isso? — Mark perguntou quando Kieran fechou a mão ao redor do objeto. Mas os guardas já os haviam cercado e estavam empurrando-os para as portas da torre, e Kieran não respondeu.

*

Enquanto Diana voava com Gwyn por cima de Brocelind, fumaça saía da floresta abaixo, como dedos cinzentos e negros se fechando contra o céu.

A Tropa havia queimado as áreas arruinadas, mas ao acaso — Diana podia ver os tocos fumegantes das árvores, mas a terra cinza-escura se estendia ainda mais do que antes, e algumas manchas pareciam intocadas pelo fogo. Diana olhou consternada. O que a Tropa achava que eles estavam fazendo?

Eles pousaram e Gwyn ajudou Diana a descer das costas de Orion. Jia estava esperando por eles ansiosamente.

Diana correu para ela.

— Ouvi dizer que você tinha notícias de Emma e Julian. Eles estão bem? Eles foram mandados de volta para L.A.?

Jia hesitou. Ela estava magra e exausta, sua pele parecia papel e cinza.

— Eles não foram.

O alívio fluiu através de Diana: Então Emma e Julian ainda estavam em Alicante.

— Eu estava tão preocupada com a reunião — disse ela. — O que Horace está fazendo com Diego e os outros é impensável.

Culpando-os por crimes e fechando suas bocas para que eles não possam falar por si mesmos. Isso me deixou quase feliz por Emma e Julian estarem presos naquela casa …

— Diana. Não — disse Jia. Ela colocou uma mão fina no pulso de Diana; Gwyn tinha chegado e estava ouvindo em silêncio, a cabeça grisalha inclinada para o lado. — Um membro da Clave, alguém leal a mim, ouviu Zara conversando com Manuel. Ela disse que Horace enviou Emma e Julian para o Reino das Fadas em uma missão suicida. Eu fiz meu pessoal verificar a casa e está vazia. Eles não estão aqui, Diana. Eles foram enviados para o Reino das Fadas.

Houve uma explosão suave dentro de sua cabeça: raiva, fúria, raiva de si mesma — ela sabia que algo estava *errado,* sentiu isso.

Por que ela não confiou em seus instintos?

— Gwyn — disse ela, sua voz quase irreconhecível em seus próprios ouvidos. — Leve-me para o Reino das Fadas. Agora.

Jia segurou o pulso de Diana.

— Diana, pense. O Reino das Fadas é uma terra enorme — não sabemos onde eles podem estar…

— Gwyn e seu povo são Caçadores — disse Diana. — Nós os encontraremos. Gwyn…

Ela se virou para ele, mas ele endureceu por completo, como uma raposa farejando cães.

— Atenção! — Exclamou ele, e sacou um machado da bainha nas costas.

As árvores sussurravam; Jia e Diana mal tiveram tempo de tirar suas próprias armas quando a Tropa invadiu a clareira, liderada por Zara Dearborn, brandindo uma espada brilhante.

Uma espada brilhante que Diana conhecia. Com a sensação de ter engolido um pedaço de gelo, Diana reconheceu Cortana.

Jessica Beausejours estava com Zara, junto com Anush Joshi, Timothy Rockford e Amelia Overbeck. Zara, em seu uniforme de Centurião, sorriu em triunfo.

— Eu sabia! Eu sabia que iríamos te pegar conspirando com os Submundanos!

Gwyn levantou uma sobrancelha.

— Há apenas um Submundano aqui.

Zara o ignorou.

— Eu não esperava nada melhor de você, Diana Wrayburn, mas da Consulesa Penhallow? Violando a Paz Fria em sua própria pátria?

Como você pode?

Jia segurou seu *dao* curvado sobre o peito.

— Me poupe dos dramas, Zara — disse ela em tom cortante. — Você não entende o que está acontecendo e seus acessos de raiva causam apenas problemas.

— Não estamos conspirando com fadas, Zara — disse Diana.

Zara cuspiu no chão. Foi um gesto surpreendente em seu selvagem desprezo.

— Como você se atreve a negar que está conspirando quando pegamos você em flagrante?

— Zara…

— Não se incomode — disse Jia para Diana. — Ela e a Tropa não vão ouvir você. Eles só ouvem o que querem ouvir. Eles não aceitam nada que contradiga as crenças que já possuem.

Zara se virou para seus seguidores.

— Levem-os em custódia— disse ela. — Nós vamos levá-los para o Gard.

Gwyn jogou seu machado. Foi um gesto tão repentino que Diana deu um salto de surpresa; o machado passou sobre as cabeças da tropa e bateu no tronco de um carvalho. Vários membros da tropa gritaram quando a árvore caiu com o rugido ensurdecedor de galhos quebrando e terra quebrando.

Gwyn estendeu a mão e o machado voltou ao seu aperto. Ele mostrou os dentes para os Caçadores das Sombras se encolhendo.

— Fiquem para trás, ou vou cortar vocês em pedaços!

— Veja! — Zara caiu de joelhos quando a árvore desabou; ela lutou para cima agora, apertando Cortana com força. — Viram? Uma conspiração! Nós devemos lutar — Anush!

Mas Anush fugiu para os arbustos. Os outros, visivelmente abalados, relutantemente se agruparam em torno de Zara enquanto ela dava vários passos determinados em direção a Gwyn.

— O que ele vai fazer? — Jia disse em voz baixa.

— Ele vai matar todos eles. Ele é o líder da Caçada Selvagem, eles não são nada para ele.

—Eles são crianças — disse Jia. — O pobre Anush fugiu. Ele tem apenas dezesseis anos.

Diana hesitou. Eles eram apenas crianças — crianças odiosas, mas Gwyn não podia derrubá-las. Não era uma solução.

Ela correu para ele, sem se importar com o que Tropa pensaria, e falou em seu ouvido.

— Deixe-nos — ela sussurrou. — Por favor. Eles nos levarão ao Gard, mas não será por muito tempo. Você deve ir atrás de Emma e Julian.

Gwyn virou-se para ela, preocupação simples em seu rosto.

— Mas você…

— Encontre-os para mim — disse Diana. — Eu estarei segura!

— Ela assobiou. — *Orion*!

Orion entrou na clareira, cortando entre a Tropa e Gwyn. Gwyn subiu nas costas do cavalo e se inclinou para beijar Diana, segurando o rosto nas mãos por um longo momento.

— Fique segura — disse ele, e Orion levantou-se para o céu. A Tropa estava toda gritando: a maioria nunca tinha visto nada como um corcel da Caça Selvagem antes. Eles realmente eram crianças, pensou Diana cansada: ainda se maravilhavam como elas, misturadas com sua ignorância e ódio.

E ela não podia ferir crianças. Ela ficou quieta ao lado de Jia enquanto Zara e Timothy os tiravam das armas e acorrentavam suas mãos atrás das costas.

*

Com suas poções de invisibilidade acabadas, Emma e Julian tiveram que confiar nas sombras, encapuzados, enquanto se esgueiravam pelos corredores da torre. Felizmente, parecia que todos tinham sido convocados para algum tipo de evento — as multidões tinham diminuído, e havia menos fadas Unseelie correndo de um lado para o outro pelos corredores. Os guardas pareciam distraídos também, e ninguém os questionou enquanto deslizavam pela curva de um corredor e se encontravam em frente à tapeçaria pendurada com seu padrão de estrelas.

Emma olhou ao redor, preocupada.

— Os guardas se foram.

O corredor estava, de fato, vazio. Os nervos de Emma formigaram. Algo não estava certo.

— Bom — disse Julian. — Talvez eles fizeram uma pausa ou algo assim.

— Eu não gosto disso — disse Emma. — Eles não deixariam Ash desprotegido.

— Os guardas podem estar dentro da sala.

— Isso não parece certo — Alguém está vindo.— Na verdade, havia passos à distância. O rosto de Julian estava apertado de tensão. — Emma, precisamos nos mover.

Contra seu melhor julgamento, Emma tirou uma espada curta do cinto e passou pela tapeçaria depois de Julian.

A sala além estava silenciosa, estranhamente vazia de guardas.

A primeira impressão de Emma foi de um lugar ricamente decorado e muito frio. Uma grande cama de dossel esculpida em um único pedaço maciço de madeira dominava o espaço. Tapeçarias pendiam das paredes, retratando cenas requintadas de beleza natural no Reino das Fadas — florestas cobertas de névoa, cachoeiras glaciais, flores silvestres crescendo em penhascos acima do mar.

Emma não pôde deixar de pensar na praga. As tapeçarias eram impressionantes, uma ode amorosa à beleza do Reino das Fadas, mas fora desses muros as verdadeiras Terras do Unseelie estavam sendo consumidas pela praga. O Rei decorou este espaço? Ele via a ironia disso?

Julian havia se colocado na porta da tapeçaria, a espada desembainhada. Ele estava olhando em volta com curiosidade — era difícil não notar as roupas espalhadas por toda parte. Aparentemente, Ash, como a maioria dos garotos adolescentes, era meio desleixado.

Uma janela tinha sido aberta e o ar frio passava. A coroa de ouro de Ash tinha sido jogada no peitoril da janela, quase como se ele estivesse desafiando uma gralha a roubá-la.

Emma se aproximou da cama onde Ash estava deitado, uma figura imóvel sob uma colcha ricamente bordada. Seus olhos estavam fechados, metade círculos perfeitos com cílios prateados. Ele parecia inocente, angelical. O coração de Emma compadeceu-se com ele — o que era surpreendente, considerando sua semelhança com Sebastian. Mas não era uma duplicação exata, ela percebeu, aproximando-se, para que sua sombra caísse sobre a cama.

— Ele se parece um pouco com Clary — ela sussurrou.

— Não importa com quem ele se parece — disse Julian. — Ele é filho de Sebastian.

Ele é uma criança, ela queria protestar, mas sabia que isso não importaria. Ela estendeu a mão para colocá-la hesitante no ombro do menino; ao fazê-lo, viu que havia uma cicatriz larga no lado da garganta de Ash, não mais escondida pela gola da camisa, na forma de um X. Havia marcas estranhas na parede atrás da cama também: como runas, mas runas sinistras, como as que os Endarkened tinham usado.

Um feroz desejo de protegê-lo levantou-se nela, surpreendendo-a tanto com sua força quanto em sua completa falta de lógica. Ela nem conhecia esse garoto, ela pensou, mas ela não conseguiu se conter para sacudi-lo gentilmente.

—Ash — ela sussurrou. — Ash, acorde. Estamos aqui para resgatar você.

Seus olhos se abriram, e ela realmente viu Clary nele, então; eles eram da mesma cor verde que os dela. Eles se fixaram em Emma quando ele se sentou, estendendo a mão. Eles eram firmes e claros e um pensamento passou pela sua cabeça: *ele podia ser um verdadeiro líder, não como Sebastian, mas como Sebastian deveria ter sido.*

Do outro lado da sala, Julian estava balançando a cabeça.

— Emma, não — disse ele. — O que você…

Ash empurrou a mão para trás e gritou: — *Ethna! Eochaid!*

Cavaleiros, me ajudem!

Julian se virou para a porta, mas os dois Cavaleiros já tinham rasgado a tapeçaria. Sua armadura de bronze brilhava como a luz do sol ofuscante; Julian atacou com sua lâmina, cortando-a pela frente do peito de Eochaid, mas o Cavaleiro se afastou.

O cabelo metálico de Ethna voou ao redor dela quando ela se lançou em Julian com um grito de raiva. Ele levantou a espada, mas não foi rápido o suficiente; ela bateu nele, agarrando Julian e esmagando-o contra a parede.

Ash rolou pelo cobertor; Emma agarrou-o e puxou-o para trás, seus dedos afundando em seu ombro. Ela sentiu como se tivesse saído de um nevoeiro: tonta, sem fôlego e, de repente, muito, muito zangada.

—Pare! — Ela gritou. — Deixe Julian ir ou eu vou cortar a garganta do príncipe.

Ethna olhou para cima com um grunhido; ela estava de pé em cima de Julian, a lâmina dela fora. Ele estava agachado com as costas contra a parede, um fio de sangue correndo de sua têmpora.

Seus olhos estavam atentos.

— Não seja tola — disse Eochaid. — Você não entende que sua única chance de viver é deixar o príncipe ir?

Emma pressionou a lâmina contra a garganta de Ash. Ele era como um arame firme em seu aperto. *Proteja Ash*, sussurrou uma voz na parte de trás de sua cabeça. *Ash é o que importa.*

Ela mordeu o lábio, a dor cortou a voz em sua cabeça.

— Explique-se, Cavaleiro.

— Estamos na torre — disse Ethna em tom de desgosto. — Não podemos matar você sem a permissão do Rei. Ele ficaria irritado. Mas se você estivesse ameaçando Ash… — Seu olhar estava com fome.

— Então não teríamos escolha a não ser protegê-lo.

Julian limpou o sangue do rosto.

— Ela está certa. Eles não podem nos matar. Deixe Ash ir, Emma.

Ash estava olhando fixamente para Julian.

— Você se parece com ela — disse ele com surpresa.

Confusa, Emma hesitou, e Ash aproveitou a oportunidade para afundar seus dentes em sua mão. Ela gritou e soltou ele; um círculo de dentes sangrentos marcou a curva do polegar e do indicador.

— Por quê? — Ela exigiu. — Você é um prisioneiro aqui. Você não quer sair?

Ash estava agachado na cama, uma estranha expressão feroz no rosto. Ele estava completamente vestido com calças, uma túnica de linho e botas.

— Em Alicante eu seria o filho do seu inimigo mais odiado. Você me levaria para a minha morte.

— Não é assim.. .— Emma começou, mas não terminou; a cabeça dela voou para trás quando Ethna lhe deu uma bofetada na bochecha.

—Pare de reclamar — disse Eochaid.

Emma se virou uma vez para olhar para Ash quando ela e Julian foram marchar da sala no ponto da espada. Ele ficou no meio da câmara, olhando para eles; seu rosto estava vazio, sem a arrogância e a crueldade de Sebastian — mas sem a bondade de Clary também.

Ele parecia alguém que havia conseguido um movimento de xadrez bem-sucedido.

Nem Julian nem Emma falaram enquanto eles marchavam pelos corredores, o povo fada ao redor deles murmurando e encarando. Os corredores deram lugar em breve aos corredores mais úmidos, descendo mais abruptamente. Quando a luz se apagou, Emma deu uma breve olhada

na expressão de frustração e amargura no rosto de Julian antes que as sombras se juntassem e ela pudesse ver apenas formas móveis na ocasional iluminação fraca de tochas verdes penduradas nas paredes.

— Parece quase uma pena — disse Eochaid, quebrando o silêncio quando chegaram a uma longa sala serpentina que levava a um buraco escuro em uma parede distante. Emma podia ver o vislumbre de uniformes de guarda, mesmo no escuro. — Matar esses dois antes que eles possam testemunhar a destruição dos Nephilim.

— Bobagem — disse Ethna secamente. — Sangue por sangue.

Eles assassinaram nosso irmão. Talvez o Rei nos deixe balançar a foice e terminar isso.

Eles haviam alcançado o buraco na parede oposta. Era uma porta sem porta, cortada em uma parede espessa de pedra. Os guardas de ambos os lados pareciam intrigados.

— Mais prisioneiros? — Disse o da esquerda, que estava descansando em cima de um enorme baú de madeira.

— Cativos do rei — disse Ethna em voz baixa.

— Praticamente uma festa — disse o guarda, e riu. — Não que eles ficarão por muito tempo, quero dizer.

Ethna revirou os olhos e empurrou Emma para a frente com a ponta da espada entre as omoplatas. Ela e Julian foram conduzidos a uma sala ampla e quadrada com paredes de pedra rústica. Vinhas cresciam do teto, descendo até o chão de terra batida. Elas se entrelaçaram em forma de caixas — celas, Emma percebeu: celas cujas paredes eram feitas de espinhosas trepadeiras, duras como ferro flexível.

Ela se lembrou daqueles espinhos que a apunhalaram e estremeceu.

Ethna riu desagradavelmente.

— Arrepie tudo o que você quiser — disse ela. — Não há escapatória aqui, e não há pena.— Ela pegou o cinto de armas de Emma de sua cintura e a forçou a remover o medalhão de ouro da Clave de sua garganta. Emma lançou a Julian um olhar de pânico — nada impediria que eles sofressem a mudança do tempo no Reino das Fadas agora.

Furiosa, Emma foi empurrada para dentro de uma cela por uma brecha nas videiras. Para seu alívio, Julian seguiu um momento depois. Ela tinha medo que eles fossem separados e que ela enlouquecesse sozinha. Ele também estava sem armas. Ele se virou para encarar os Cavaleiros enquanto Ethna batia no final de sua espada contra a gaiola; as trepadeiras

que se separaram rapidamente deslizaram e torceram juntas, fechando qualquer possibilidade de uma saída.

Ethna estava sorrindo. O olhar de triunfo em seu rosto fez o estômago de Emma se contorcer de maneira ácida.

— Pequenos Caçadores de Sombras — ela cantou. — O que todo o seu sangue de anjo lhe oferece agora?

— Venha, irmã — disse Eochaid, embora ele estivesse sorrindo indulgentemente. — O Rei espera.

Ethna cuspiu no chão antes de se virar para seguir seu irmão.

Seus passos se desvaneceram e havia escuridão e silêncio — e frio, pressionando o silêncio. Apenas uma pequena iluminação fraca veio de tochas enfumaçadas no alto das paredes.

A força deixou os membros de Emma como água saindo de uma represa quebrada. Ela caiu no chão no centro da gaiola, encolhendo-se longe dos espinhos ao seu redor.

— Julian — ela sussurrou. — O que nós vamos fazer?

Ele caiu de joelhos. Ela podia ver onde arrepios tinham subido por toda sua pele. A atadura sangrenta ao redor de seu pulso parecia brilhar como um fantasma no escuro.

— Eu nos trouxe aqui — ele disse. — Eu vou nos tirar daqui.

Emma abriu a boca para protestar, mas nenhuma palavra veio; estava perto o suficiente da verdade. O velho Julian, seu Julian, teria escutado quando ela disse que sentiu que a situação do lado de fora do quarto de Ash não estava certa. Ele teria confiado em seu instinto.

Pela primeira vez, ela sentiu algo próximo do verdadeiro luto por aquele Julian, como se este Julian não fosse apenas temporário — como se seu Julian pudesse nunca mais voltar.

— Você se importa? — Ela disse.

— Você acha que eu quero morrer aqui? — Ele disse. — Eu ainda tenho um instinto de autopreservação, Emma, e isso significa preservar você também. E eu sei, eu sei que sou um melhor Caçador de Sombras do que eu era.

— Ser um Caçador de Sombras não é apenas reflexos rápidos ou músculos fortes. — Ela apertou a mão contra o coração dele, o linho da camisa dele contra os dedos. — Está aqui. — *Aqui, onde você está quebrado.*

Seus olhos azul-esverdeados pareciam a única cor na prisão; até mesmo as vinhas de sua cela eram cinza metálico.

— Emma…

— São eles! — Disse uma voz, e Emma saltou quando a luz se acendeu ao redor deles. E não apenas qualquer luz. Luz branca-prateada, irradiando da cela oposta a deles; ela podia ver agora, na nova iluminação. Duas figuras estavam lá dentro, olhando para elas através das videiras, e uma delas segurava uma pedra rúnica brilhante em sua mão.

— Pedra enfeitiçada — respirou Julian, levantando-se.

— Julian? Emma? — chamou a mesma voz — familiar e cheia de surpresa e alívio. A luz da pedra enfeitiçada cresceu e Emma pôde ver as figuras na cela oposta claramente agora. Ela se levantou com espanto. — Somos nós. Jace e Clary.

16
Mil Tronos

OBAN E SEUS GUARDAS LEVARAM Mark e Kieran com os olhos vendados através da torre, então, se houvesse mais reações à presença de Kieran, Mark seria incapaz de notá-los. No entanto, ele ouvira Manuel e Oban rindo do que o Rei provavelmente faria a Kieran, e também a Mark, e lutara contra suas algemas e a raiva. *Como ousam falar assim quando Kieran podia ouvi-los? Por que alguém teria prazer em tal tortura?*

Eles foram levados, finalmente, para uma sala feita de pedras sem janelas e saíram de lá com as mãos ainda algemadas. Oban retirou as vendas deles enquanto saía do quarto, rindo.

— Olhem uma última vez um para o outro antes de morrerem.

E Mark olhou para Kieran no quarto escuro. Embora não houvessem janelas, a luz se filtrava de uma grade muito acima. A sala estava fechada e opressiva como o fundo de um poço de elevador.

— É para ser horrível — disse Kieran, respondendo à pergunta que Mark não havia feito. — É aqui que o Rei deixa os prisioneiros antes de levá-los à sala do trono. É para aterrorizá-los.

— Kieran — Mark se aproximou do outro garoto. — Tudo ficará bem.

Kieran sorriu dolorosamente.

— Isso é o que eu amo nos mortais — disse ele. — Poder dizer essas coisas, para o conforto, não importando se elas são verdadeiras ou não.

— O que aquela garota te deu? — Mark disse. O cabelo de Kieran estava azul-preto nas sombras. — A garotinha nos degraus.

— Uma flor — as mãos de Kieran estavam amarradas na frente dele; ele abriu uma e mostrou a Mark a flor branca esmagada. — Um narciso branco.

— Perdão — disse Mark. Kieran olhou para ele com perplexidade; sua educação não tinha sido focada nas flores. — As flores têm seus próprios significados. Um narciso branco significa perdão.

Kieran deixou a flor cair de sua mão.

— Eu ouvi as palavras que aquelas pessoas disseram enquanto eu passava pelo pátio — disse ele. — Eu não me lembro de ter feito tudo aquilo.

— Você acha que seu pai fez você esquecer? — As mãos de Mark começaram a doer.

— Não. Eu acho que isso não importava para mim. Eu acho que fui gentil porque eu era um príncipe, arrogante e descuidado, e me convinha ser gentil, mas eu poderia facilmente ter sido cruel. Não me lembro de salvar uma fazenda ou uma criança. Eu estava bêbado por uma vida fácil naqueles dias. Eu não deveria ser agradecido ou perdoado.

— Kieran…

— E durante a Caçada, eu pensei apenas em mim mesmo — fios brancos dispararam através do cabelo escuro de Kieran. Ele deixou a cabeça cair de volta contra a parede de pedra.

— Não — disse Mark. — Você pensou em mim. Você foi gentil comigo.

— Eu queria você — Kieran disse, torcendo a boca. — Eu fui gentil com você porque isso me beneficiaria no final.

Mark sacudiu a cabeça.

— Quando os mortais dizem que as coisas vão dar certo, não é apenas para conforto — disse ele. — Em parte, é porque nós, como as fadas, não acreditamos em uma verdade absoluta. Nós trazemos nossa própria verdade para o mundo. Porque acredito que as coisas vão dar certo, ficarei menos infeliz e com menos medo. E porque você está com raiva de si mesmo, você acredita que tudo o que você fez, você fez por egoísmo.

— Eu tenho sido egoísta — protestou Kieran. — Eu…

— Somos todos egoístas às vezes — disse Mark. — E eu não estou dizendo que você não tem nada para purgar. Talvez você fosse um príncipe egoísta, mas não era um cruel. Você tinha poder e escolheu usá-lo para ser gentil. Você poderia ter escolhido o oposto. Não descarte as escolhas que você fez. Elas não eram sem significado.

— Por que você tenta me confortar e me animar? — Kieran disse em uma voz seca, como se sua garganta doesse. — Eu estava com raiva de você quando você concordou em voltar para sua família na Caçada — eu lhe disse que nada daquilo era real.

— Como se eu não soubesse por que você disse isso — disse Mark. — Eu ouvi você na Caçada. Quando eles te açoitavam, quando você era

atormentado, você sussurrava para si mesmo que nada daquilo era real. Como se dissesse que toda a dor era um sonho.

Aquele era um presente que você queria me dar — o dom de escapar da agonia, de recuar para um lugar em sua mente onde você estaria seguro.

— Eu pensei que os Caçadores de Sombras eram cruéis. Eu pensei que eles iriam te machucar — disse Kieran. — Com você, com sua família, percebi que estava errado. Pensei que te amava na Caçada, Mark, mas aquilo era uma sombra do que sinto por você agora, sabendo da bondade que você é capaz.

O raio-élfico na garganta brilhou enquanto subia e descia com sua respiração rápida.

— Na Caçada, você precisava de mim — disse Kieran. — Você precisava tanto de mim que eu nunca soube se você iria me querer, se você não precisasse de mim. Você quereria?

Mark tropeçou um pouco, aproximando-se de Kieran. Seus pulsos estavam queimando, mas ele não se importava. Ele pressionou o rosto perto de Kieran, e as mãos amarradas de Kieran pegaram a cintura de Mark, tentando puxar Mark para mais perto dele. Seus calcanhares levantaram do chão quando ele se inclinou para Kieran, os dois tentando chegar o mais perto possível, para consolar um ao outro apesar de suas mãos amarradas.

Mark enterrou o rosto na curva do pescoço de Kieran, respirando seu cheiro familiar: grama e céu. Talvez esta fosse a última grama e céu que ele sentiria.

A porta da cela se abriu e uma explosão de luz cortou os olhos de Mark. Ele sentiu Kieran ficar tenso contra ele.

Winter, o general dos Capuzes Vermelhos, estava na entrada, a camisa e o boné da cor do velho sangue enferrujado, as botas de sola de ferro batendo no chão de pedra. Na mão dele havia uma longa arma com ponta de aço.

— Afastem-se, vocês dois — disse ele, com a voz cortada. — O Rei irá vê-los agora.

***

Emma voou para a frente da cela e lembrou-se dos espinhos bem a tempo, pulando para trás ao tocá-los. Julian a seguiu com uma hesitação maior.

— Oh, agradeço ao Anjo que vocês estão aqui — disse Emma. — Quero dizer, não que vocês estejam aqui, na prisão, porque isso é ruim, mas… —

ela ergueu as mãos. — Estou feliz em ver vocês.

Clary riu baixinho.

— Nós sabemos o que você quer dizer. Fico feliz em ver vocês também.

Seu rosto estava sujo e seu cabelo vermelho amarrado em um nó na parte de trás de sua cabeça. À luz da pedra de luz enfeitiçada, Emma podia ver que ela parecia um pouco magra; a jaqueta jeans manchada de sujeira pendia solta em volta dos ombros. Jace, atrás dela, estava alto e dourado como sempre, os olhos brilhando na escuridão, o queixo sombreado pela barba áspera.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Ele disse, dispensando gentilezas. — Vocês estavam no Reino das Fadas? Por quê?

— Estávamos em uma missão — disse Julian.

Clary abaixou o rosto.

— Por favor, não me diga que era uma missão para nos encontrar.

— Era para encontrar o Volume Negro dos Mortos. O Inquisidor nos enviou.

Jace parecia incrédulo.

— Robert os enviou até aqui?

Emma e Julian se entreolharam. Houve um silêncio terrível.

Jace se aproximou das barras espinhosas da jaula que o prendiam e a Clary.

— O que quer que vocês não estejam nos dizendo, não se detenham — ele disse. — Se algo aconteceu, vocês precisam nos contar.

Talvez não surpreendentemente, foi Julian quem falou.

— Robert Lightwood está morto.

A luz da pedra enfeitiçada apagou.

Na escuridão, com sua runa da Visão Noturna inútil, Emma não pôde ver nada. Ela ouviu Jace fazer um barulho abafado, e Clary sussurrando. Palavras de conforto, palavras tranquilizadoras — Emma tinha certeza disso. Ela se viu neles, murmurando para Julian no silêncio da noite.

O sussurro parou e a luz da pedra enfeitiçada voltou a acender. Jace a estava segurando em uma mão, a outra enrolada firmemente em torno de um dos espinhos. Sangue corria entre seus dedos, descendo pelo braço. Emma imaginou os espinhos apunhalando sua palma e estremeceu.

— E quanto aos outros? — Ele disse em uma voz tão apertada que mal era humana. — E quanto a Alec?

Emma se aproximou da frente da cela.

— Ele está bem — disse ela, e contou, o mais rápido possível, sobre o que havia acontecido, desde o assassinato de Robert e Livvy por Annabel até a ascensão de Horace como Inquisidor.

Houve um silêncio quando ela terminou, mas pelo menos Jace soltou o espinho.

— Eu sinto muito pela sua irmã — Clary disse suavemente. — Desculpe por não estarmos lá.

Julian não disse nada.

— Não há nada que você possa ter feito — disse Emma.

— O Rei está perto de obter o Volume Negro — disse Jace. Ele abriu e fechou sua mão sangrenta. — Essa é realmente uma má notícia.

— Mas vocês não vieram aqui por isso — disse Julian. — Vocês vieram aqui para encontrar Ash. Ele é a arma que vocês estavam procurando, certo?

Clary assentiu.

— Recebemos uma dica do Labirinto Espiral de que havia uma arma no Reino das Fadas que o Rei Unseelie tinha acesso, algo que poderia anular os poderes dos Caçadores de Sombras.

— Fomos enviados para cá por causa do nosso sangue angelical.

Rumores da ineficácia da magia dos Caçadores de Sombras nas Cortes estavam rodando; os Irmãos do Silêncio disseram que seríamos mais resistentes aos efeitos — disse Jace. — Não sofremos com o tempo aqui, e podemos usar runas — ou, pelo menos, podíamos, antes que eles tirassem nossas estelas. Pelo menos ainda temos isto. — Ele ergueu a luz da pedra enfeitiçada, brilhante, pulsando em sua mão.

— Então, sabíamos que estávamos procurando por algo — disse Clary. — Mas não que era meu… que era Ash.

— Como vocês descobriram *isso*? — Disse Emma.

— Descobrimos bem cedo que o Rei havia raptado o filho da Rainha Seelie — disse Jace. — É um segredo que todos sabem nas Cortes.

E, então, na primeira vez que Clary o viu… bem, nós fomos capturados antes de chegarmos perto.

Clary se moveu inquieta dentro da cela.

— Eu soube quem ele era imediatamente. Ele se parece exatamente com meu irmão.

Emma tinha ouvido Julian e Livvy e Mark e Dru dizerem as palavras “meu irmão” mais vezes do que ela podia contar. Nunca soara como Clary

dizia: imbuído de amargura e arrependimento.

— E agora o Rei tem o Volume Negro, o que significa que quase não temos tempo — Jace disse, passando a mão levemente pela nuca de Clary.

— Tudo bem — disse Julian. — O que exatamente o Rei planeja fazer com o Volume Negro para fazer de Ash uma arma?

Jace abaixou a voz, embora Emma duvidasse que alguém pudesse ouvi-los.

— Há feitiços no Volume Negro que dariam a Ash certos poderes. O Rei fez algo assim antes…

— Vocês já ouviram falar da Primeira Herdeira? — Clary disse.

— Sim — disse Emma. — Kieran a mencionou — ou pelo menos mencionou a história.

— Foi algo que seu irmão Adaon disse a ele — Julian estava franzindo a testa.

— Kieran disse que seu pai queria o livro desde que a Primeira Herdeira foi roubada. Talvez para ressuscitar a criança dos mortos?

Mas o que isso tem a ver com Ash?

— É uma história antiga — disse Jace. —Mas, como você sabe, todas as histórias são verdadeiras.

— Ou, pelo menos, são verdadeiras em parte — Clary sorriu para ele. Emma sentiu uma centelha de saudade — mesmo na escuridão e no frio desta prisão, o amor deles não foi danificado.

Clary se virou para Julian e Emma. — Aprendemos que, há muito tempo, o Rei Unseelie e a Rainha Seelie decidiram unir as Cortes.

Parte de seus planos envolvia ter um filho juntos, uma criança que seria herdeira de ambas Cortes. Mas isso não era suficiente para eles — eles queriam criar uma criança fada tão poderosa que ela pudesse destruir os Nefilins.

— Antes da criança nascer, eles usavam ritos e feitiços para dar à criança "dons" — disse Jace. — Pense na Bela Adormecida, mas os pais são as fadas más.

— A criança seria perfeitamente linda, uma líder perfeita, inspiradora da lealdade perfeita — disse Clary. — Mas quando a criança nasceu, ela era uma menina. Nunca havia ocorrido ao Rei que a criança não fosse homem — sendo quem ele é, ele achava que o líder perfeito tinha que ser um homem. O Rei ficou furioso e pensou que a Rainha o havia traído. A Rainha, por sua vez, ficou furiosa por ele querer abandonar todo o seu

plano só porque a criança era menina. Então, a criança foi sequestrada e, possivelmente, assassinada.

— Não é de se admirar que o Rei odeie todas as filhas — Emma refletiu.

— O que você quis dizer com "possivelmente"? — Disse Julian.

Jace disse: — Nós não fomos capazes de descobrir o que aconteceu com aquela criança. Ninguém sabe — a alegação do Rei era de que ela foi sequestrada e assassinada, mas parece que ela escapou do Reino e viveu. — Ele encolheu os ombros. — O que está claro é que Ash tem nele o sangue das fadas reais, o sangue dos Nefilins e o sangue dos demônios. O Rei acredita que ele é o candidato perfeito para terminar o que ele começou com a Primeira Herdeira.

— O fim de todos os Caçadores de Sombras — disse Julian lentamente.

— A praga que o Rei trouxe vem tomando conta lentamente — disse Clary. — Mas se o Rei tem permissão para realizar os feitiços que ele quer em Ash, Ash se tornará uma arma ainda mais poderosa do que a praga. Nós não sabemos tudo o que ele poderá fazer, mas ele tem a mesma mistura de sangue seráfico e infernal que Sebastian tinha.

— Ele seria demoníaco, mas acessível às runas ou à magia angelical — disse Jace. — Ele poderia suportar runas, mas nada demoníaco poderia machucá-lo. O toque de suas mãos poderia fazer a praga se espalhar como fogo.

— A praga já está em Idris — disse Emma. — Partes da Floresta Brocelind foram destruídas.

— Precisamos voltar — disse Clary. Ela parecia ainda mais pálida do que antes e mais jovem. Emma lembrou-se de Clary no telhado do Instituto de LA. *Sabendo que algo terrível estava chegando. Como uma parede de escuridão e sangue. Uma sombra que se espalharia pelo mundo e apagaria tudo.*

— Não podemos esperar mais — disse Jace. — Temos que sair daqui.

— Eu estou supondo que o desejo de sair daqui não funcionou até agora, já que você ainda está preso — disse Julian.

Jace estreitou os olhos.

— *Julian* — disse Emma. Ela queria acrescentar um *desculpe, ele não tem nenhum sentimento de empatia*, mas ela não o fez, porque, naquele momento, ouviu um grito, seguido por um baque alto. Jace fechou a mão sobre sua luz enfeitiçada e, na escuridão quase total, Emma se afastou das paredes da cela. Ela não queria esbarrar acidentalmente nos espinhos.

Houve um rangido quando a porta da prisão se abriu.

— Provavelmente guardas — disse Clary em voz baixa.

Emma olhou para a escuridão sombria. Havia duas figuras vindo na direção deles; ela podia ver o brilho dourado da trança em uniformes de guarda.

— Está carregando uma espada — sussurrou Emma.

— Eles provavelmente estão vindo atrás de nós — disse Clary. — Nós estamos aqui há mais tempo.

— Não — disse Julian. Emma sabia o que ele estava pensando. Jace e Clary eram reféns valiosos à sua maneira. Emma e Julian eram ladrões de Caçadores de Sombras que haviam matado um Cavaleiro.

Eles não seriam deixados nas masmorras para definhar. Eles seriam decapitados rapidamente para o entretenimento da Corte.

— Contra-ataque — Jace disse com urgência. — Se eles abrirem sua cela, lute de volta— *Cortana*, Emma pensou em desespero. *Cortana!*

Mas nada aconteceu. Não havia um peso repentino e reconfortante na mão dela. Apenas uma pressão contra o ombro dela; Julian tinha se movido para ficar ao lado dela. Sem armas, eles enfrentaram a frente de sua cela. Houve o som de um suspiro, depois pés correndo — Emma ergueu os punhos.

O menor dos guardas chegou à cela e agarrou uma das videiras, depois gritou de dor. Uma voz murmurou algo em uma língua de fada, e as tochas ao longo das paredes explodiram em chamas fracas.

Emma se viu olhando através do emaranhado de trepadeiras e espinhos para Cristina, vestindo a farda de um guarda das fadas, uma espada comprida amarrada nas costas.

— Emma? — Cristina respirou, com os olhos arregalados. — *O que você está fazendo aqui?*

***

Tome conta de Tiberius.

Kit estava fazendo exatamente isso. Ou pelo menos ele estava olhando para Ty, que parecia perto o suficiente. Eles estavam na praia abaixo do Instituto; Ty tirara as meias e os sapatos e andava na beira da água. Ele olhou para Kit, que estava sentado em uma elevação de areia, e chamou-o para mais perto.

— A água não está tão fria! — Ele chamou. — Eu prometo.

Eu acredito em você, Kit queria dizer. Ele sempre acreditou em Ty. Ty não era um mentiroso, a menos que tivesse que ser, embora fosse bom em esconder coisas. Ele se perguntou o que aconteceria se Helen perguntasse a eles diretamente se eles estavam tentando trazer Livvy dos mortos.

Talvez ele seria o único que dissesse a verdade. Afinal, ele era o único que realmente não queria fazer isso.

Kit levantou-se lentamente e desceu a praia para se juntar a Ty. As ondas estavam se quebrando a pelo menos seis metros; no momento em que chegaram ao litoral eram espuma branca e água prateada.

Uma onda se espalhou sobre os pés descalços de Ty e os tênis de Kit ensopados.

Ty estava certo. Não estava tão fria assim.

— Então, amanhã nós vamos ao Mercado das Sombras — disse Ty. O luar tocava as sombras delicadas em seu rosto. Ele parecia calmo, Kit pensou, e percebeu que fazia muito tempo que não se sentia como se Ty fosse um arame apertado, batendo ao seu lado.

— Você odiava o Mercado das Sombras em Londres — disse Kit. — Aquilo realmente te incomodou. Os ruídos e a multidão…

O olhar de Ty foi até Kit.

— Vou usar meus fones de ouvido. Eu ficarei bem.

—… e eu não sei se devemos ir novamente tão cedo — acrescentou Kit. — E se Helen e Aline suspeitarem?

O olhar cinzento de Ty escureceu.

— Julian me disse uma vez — ele disse. — que quando as pessoas continuam criando desculpas para não fazer algo, é porque elas não querem fazer isso. Você não quer fazer isso? O feitiço, tudo?

A voz de Ty soou firme. Contudo, havia uma vibração nela, pulsante e aguda com tensão. Sob o algodão de sua camisa, seus ombros finos também se apertaram. O colarinho da camisa estava solto, a delicada linha da clavícula aparecendo.

Kit sentiu uma onda de ternura por Ty, misturado com quase pânico.

Em outras circunstâncias, ele pensou, ele teria mentido. Mas ele não podia mentir para Ty.

Ele mergulhou mais na água, até que seu jeans estava molhado abaixo dos joelhos. Ele se virou, a espuma das ondas se espalhando ao redor dele.

— Você não ouviu o que Shade disse? A Livvy que voltará pode não ser nada parecida com a nossa Livvy. Sua Livvy.

Ty seguiu-o pela água. A névoa estava descendo para tocar a água, envolvendo-os em branco e cinza.

— Se fizermos o feitiço corretamente, ela será. Isso é tudo.

Temos que fazer certo.

Kit podia provar sal em sua boca.

— Eu não sei…

Ty estendeu a mão, varrendo o braço em direção ao horizonte, onde as estrelas começavam a desaparecer na névoa. O horizonte era uma linha negra manchada de prata. — Livvy está lá fora — disse ele.

— Além de onde eu possa alcançá-la, mas eu posso ouvi-la. Ela diz meu nome. Ela quer que eu a traga de volta. Ela precisa de mim para trazê-la de volta — o canto da boca de Ty tremeu. — Eu não quero fazer isso sem você. Mas eu vou se precisar.

Kit deu mais um passo no oceano e parou. Quanto mais fundo ele ia, mais frio ficava. *E não era assim com tudo*? ele pensou. *Há muitas maneiras de ser ameaçado pela magia.*

Eu poderia ir embora, ele disse para si mesmo. *Eu poderia deixar Ty fazer isso sozinho. Mas eu não posso dizer a mim mesmo que não seria o fim da nossa amizade, porque seria. Eu sendo deixado de fora dos planos de Ty, assim como Helen, assim como Dru. Assim como todo mundo.*

Parecia que o ar estava sendo sugado de seus pulmões. Ele girou de volta para Ty. — Ok. Eu vou fazer isso. Podemos ir ao Mercado das Sombras amanhã.

Ty sorriu. Ou talvez fosse mais correto dizer que um sorriso atravessou seu rosto, como o sol nascendo. Kit ficou sem fôlego, a água recuando ao redor dele, quando Ty se aproximou e colocou os braços ao redor do pescoço de Kit.

Ele se lembrava de ter segurado Ty no telhado do Instituto em Londres, mas isso apenas aconteceu porque Ty estava em pânico.

Foi como segurar um animal selvagem. Este era Ty abraçando-o porque ele queria. O algodão macio da camisa de Ty, a sensação do cabelo de Ty roçando sua bochecha enquanto ele escondia sua expressão de Ty, enterrando o rosto no ombro do outro garoto. Ele podia ouvir Ty respirando. Ele passou os braços em volta de Ty, cruzando as mãos frias sobre as costas dele. Quando Ty se inclinou para ele com um suspiro, ele sentiu como se tivesse ganhado uma corrida que ele não sabia que estava correndo.

— Não se preocupe — Ty disse baixinho. — Nós vamos tê-la novamente. Eu prometo.

É disso que eu tenho medo. Mas Kit não disse nada em voz alta. Ele segurou Ty, com uma felicidade miserável, e fechou os olhos contra a luz da lua.

***

— Estamos aqui para ajudá-los — disse o companheiro de Cristina. Emma o reconheceu tardiamente: o príncipe Adaon, um dos filhos do Rei Unseelie. Ela o viu na última vez que esteve no Reino das Fadas. Ele era um cavaleiro fada alto com as cores do Unseelie, bonito e de pele escura, com dois punhais em sua cintura. Ele estendeu a mão para agarrar as videiras de sua cela, que se separaram sob seu toque. Emma contorceu-se através delas e lançou os braços ao redor de Cristina.

— Cristina — disse ela. — Minha durona maravilhosa.

Cristina sorriu e deu um tapinha nas costas de Emma enquanto Adaon libertou Julian e depois Jace e Clary. Jace foi o último a escorregar pelas videiras. Ele levantou uma sobrancelha para Julian.

— O que você estava dizendo sobre desejar ser resgatado? — ele disse.

— Não podemos ficar aqui por muito tempo — disse Adaon. — Haverá outros guardas e cavaleiros — Ele olhou para cima e para baixo na fileira de celas, franzindo a testa. — Onde eles estão?

— Onde estão quem? — disse Emma, soltando Cristina com relutância.

— Mark e Kieran — disse Cristina. — Onde estão Mark e Kieran?

— Eu vim aqui para resgatar meu irmão, não esvaziar as prisões de criminosos do palácio — disse Adaon, que Emma estava começando a pensar que poderia não ser a pessoa mais alegre do mundo.

— Estamos muito agradecidos por seus esforços — disse Clary. Ela notou que Emma estava tremendo de frio. Ela tirou a jaqueta jeans e entregou a Emma com um tapinha suave no ombro.

Emma vestiu a jaqueta, com frio e cansada e ferida demais para protestar.

— Mas por que Mark e Kieran estariam aqui? Por que você está aqui, Cristina?

Adaon tinha começado a subir e descer a fila de celas, espiando em cada uma delas. Cristina olhou em volta nervosamente.

— Mark, Kieran e eu ouvimos que Dearborn mandou vocês em uma missão suicida — ela disse para Emma e Julian. — Viemos ajudá-los.

— Mas Mark não está com você? — disse Julian, que desviou sua atenção ao ouvir o nome do irmão. — Vocês se separaram aqui?

Dentro da torre?

— Não. Eles foram sequestrados na estrada, pelo pior dos meus irmãos — disse Adaon, que retornara de sua busca pelas celas. — Cristina veio me pedir ajuda. Eu sabia que Oban teria trazido Mark e Kieran aqui, mas eu pensei que eles estariam na prisão — sua boca se fixou em linhas sombrias. — Oban está sempre ansioso. Ele deve tê-los levado diretamente para o meu pai.

— Você quer dizer para a sala do trono? — disse Emma, um pouco tonta com a rapidez com que as coisas estavam acontecendo.

— Sim — disse Adaon. — Para o Rei. Eles seriam prêmios valiosos e Oban estaria ansioso para expô-los.

— Eles vão matar Kieran — disse Cristina, um fino fio de pânico em sua voz. — Ele já escapou da execução uma vez. Eles matarão Mark também.

— Então é melhor chegarmos lá e impedi-los — disse Jace. Debaixo da terra e da barba, ele estava começando a parecer mais com o Jace que Emma sempre conhecera, o que ela uma vez quis ser — o melhor guerreiro entre todos os Caçadores de Sombras. — Agora.

Adaon lançou-lhe um olhar desdenhoso.

— É muito perigoso para você, Nefilim.

— Você veio até aqui para salvar o seu irmão — disse Julian, com os olhos em chamas. — Estamos atrás do meu. Se você quiser nos impedir, terá que usar a força.

— Todos nós devemos ir juntos — disse Clary. — Quanto mais de nós houver, mais facilmente poderemos derrotar o Rei.

— Mas você é impotente aqui, Nefilim — disse Adaon.

— Não — Jace disse, e a luz da pedra enfeitiçada brilhou em sua mão, luz atravessando seus dedos. Todos eles ficaram banhados em sua luz branca.

Cristina o olhou com a boca aberta; Adaon mascarou o choque do jeito que as fadas costumavam fazer, movendo um ou dois músculos faciais levemente.

— Muito bem — ele disse friamente. — Mas não vou me arriscar a ser pego pelos guardas vagando pela torre abertamente, como tolos.

Todos vocês andem antes de mim. Vocês vão se comportar como meus prisioneiros agora.

— Você quer que nós ajamos como prisioneiros sendo levados para o Rei? — Perguntou Julian, que não parecia satisfeito com o pensamento.

— Eu quero que vocês pareçam com medo — disse Adaon, puxando sua espada e fazendo sinal para eles irem à frente dele. — Porque vocês deveriam estar.

***

Diana esperava ser trancada em uma cela nas prisões do Gard, mas foi levada para um quarto surpreendentemente luxuoso. Um tapete turco cobria o chão e fogo ardia em uma lareira de pedra esculpida. Poltronas de veludo profundo foram puxadas para perto do fogo; ela sentou-se em uma, rígida de tensão, e olhou pela janela para os telhados de Idris.

Sua mente estava cheia de Gwyn e Emma e Julian. E se ela tivesse enviado Gwyn para o perigo? Por que ela achava que ele iria viajar para o Reino das Fadas para encontrar dois Caçadores de Sombras só porque ela pediu?

Quanto a Emma e Julian, duas palavras circulavam em sua cabeça como tubarões, repetidas vezes.

Missão suicida.

Horace Dearborn entrou, carregando uma bandeja de prata com um jogo de chá. *Agora eu já vi de tudo*, pensou Diana, sentando-se e colocando a bandeja em uma mesinha entre eles.

— Diana Wrayburn — disse ele. — Estou querendo ter uma conversa particular com você há um longo tempo.

— Você poderia ter me convidado para ir ao Gard a qualquer momento. Não precisava me prender na floresta.

Ele suspirou profundamente.

— Sinto muito que tenha acontecido dessa forma, mas você estava consorciando com fadas e quebrando a Paz Fria. Entenda, eu gosto de uma mulher com espírito — seu olhar deslizou sobre ela de um jeito que fez com que ela estremecesse.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Onde está Jia?

Horace pegou o bule e começou a derramar o líquido dele. Cada movimento foi medido e calmo.

— Por vontade do Conselho, a Consulesa está sob prisão domiciliar até que sua conexão com as fadas seja investigada.

Não foi realmente uma surpresa, mas ainda assim pareceu um golpe.

— Não me diga. O julgamento dela será realizado assim que a Espada Mortal for reforjada — disse Diana com amargura.

Ele balançou a cabeça com entusiasmo.

— Exatamente, exatamente — ele colocou o bule na mesa. — Uma situação infeliz. E você pode vivenciar uma situação parecida, a menos que esteja disposta a fazer uma barganha comigo.

— Que tipo de barganha?

Ele lhe entregou uma xícara de chá; mecanicamente, Diana a pegou.

— A próxima reunião do Conselho será difícil, pois a Clave entenderá que as decisões futuras deverão ser tomadas sem a Consulesa. Uma transição de poder é sempre difícil, você não diria?

Diana olhou para ele friamente.

— Deixe-me ser claro — disse Horace e, embora sua expressão fosse fácil e amigável, não havia simpatia em seus olhos. — Fique do meu lado na próxima reunião do Conselho. Você tem influência sobre as pessoas. Sobre o Instituto de L.A., sobre o Instituto de Nova Iorque — muitos Institutos vão ouvir você. Se você me apoiar como o próximo Cônsul, um substituto para Penhallow, eles também o farão.

— As pessoas me ouvem porque eu não comprometo meus valores — disse Diana. — Eles sabem que quando eu digo alguma coisa, eu acredito nisso. Eu nunca poderia acreditar que você daria um bom Cônsul.

— É mesmo? — A falsa simpatia desapareceu de seu rosto. — Você acha que eu me importo com seus *valores*, Diana Wrayburn? Você vai ficar do meu lado, porque se você não fizer isso, revelarei seu segredo para a Clave.

A garganta de Diana se apertou.

— Que segredo?

Horace levantou-se, sua expressão estrondosa.

— Mesmo com toda a sua conversa sobre valores, eu sei que você tem um segredo. Eu sei que você se recusou a se tornar Líder do Instituto de Los Angeles todos esses anos — deixando um louco no comando —, sei que você carrega uma sombra com você, Diana Wrayburn, e eu sei o que é. Eu sei que você se submeteu a um tratamento médico mundano em Bangkok.

Aturdida e furiosa, Diana ficou em silêncio. *Como ele sabia?* Sua mente viajou: a Clave considerava um Caçador de Sombras que deixava médicos mundanos examinarem o seu sangue, e aprender seus segredos, um traidor.

Não importava que Catarina tenha encoberto todos os resultados incomuns. Horace iria culpá-la de qualquer maneira.

— E deixe-me dizer-lhe isto — disse Horace. — Vou usar essa informação o máximo que posso, a menos que você faça o que eu digo. Você será arrancada daqueles Blackthorns que você tanto ama.

Presa, talvez, ao lado de outros traidores.

— A menos que o quê?

— A menos que você concorde em ficar do meu lado na próxima reunião e declarar que Jia é incompetente e que eu deveria ser o próximo Cônsul. Você entendeu?

Diana sentiu como se estivesse se vendo através do lado errado de um telescópio, uma pequena figura com Horace pairando, enorme, sobre ela.

— Entendi.

— E você concordará em dar seu apoio à Tropa?

— Sim — Ela ficou de pé. Ela estava muito consciente de suas roupas rasgadas e sujas — a Tropa não fora gentil com ela ou com Jia, embora tivessem se rendido.

Horace abriu a boca, talvez para chamar os guardas para levá-la embora. Movendo-se mais rapidamente do que ela poderia imaginar ser possível, Diana agarrou a espada do Inquisidor do cinto em sua cintura e golpeou.

Horace gritou. Ele cambaleou para trás, ainda gritando e caiu de joelhos; havia sangue em todas as suas vestes. Seu braço estava pendurado em um ângulo estranho.

Guardas invadiram a sala, mas Diana já havia corrido para a janela e a abrido. Ela se jogou no telhado, derrapando quase até a borda antes que caísse, pegando os ladrilhos de ardósia para se equilibrar.

Os guardas estavam na janela. Ela ficou de pé e correu pelo telhado, procurando por uma saliência da qual pudesse se balançar.

Uma sombra passou pela lua, obscurecendo as torres de demônios.

Ela ouviu o som de cascos e ela soube.

Enquanto os guardas se arrastavam pela janela, ela se atirou do telhado.

— *Diana!* — Gwyn guiou Orion, virou-se e estendeu a mão para pegá-la. Ela caiu desajeitadamente, jogando os braços ao redor do pescoço dele. Mãos fortes envolveram sua cintura; ela olhou para trás uma vez e viu os rostos pálidos dos guardas observando do teto do Gard enquanto navegavam pela noite.

***

Dru desligou a TV no meio de *As abelhas mortais*, o que era incomum porque era um dos seus filmes de terror favoritos. Ela até comprou um par de brincos de abelha de ouro na Praia de Veneza uma vez para poder usá-los enquanto assistia às cenas de morte por ferrão.

Ela estava muito inquieta para ficar parada, no entanto. A excitação que ela sentiu do lado de fora do 101 Café ainda lhe arrepiou a nuca.

Foi muito divertido se unir a Kit e Ty, rindo com eles, em seus planos.

Ela tirou as pernas do sofá e saiu descalça para o corredor. Ela pintou as unhas de um pé de verde ácido, mas ela não sentiu vontade de ficar por perto para fazer o outro. Ela sentiu vontade de encontrar Livvy e se enroscar com ela na cama, rindo de revistas mundanas desatualizadas.

A dor de lembrar Livvy mudava de momento a momento; às vezes, um incômodo, dolorido, às vezes parecia que uma agulha quente lhe perfurava a pele. Se Julian ou Emma estivessem aqui, ela poderia ter conversado com eles sobre isso, ou mesmo com Mark.

Ao passar pela grande escadaria que levava à entrada, ela podia ouvir o som das vozes do Santuário. Helen, amigável e calma, e Aline, afiada e autoritária. Ela se perguntou se teria ido a qualquer uma delas, mesmo que não estivessem tão ocupados. Dru não podia imaginar isso.

Ela pensou naquela noite, porém, rindo na parte de trás do carro com Kit e Ty, e o vento do deserto em seus cabelos. Levava o cheiro de espirradeira branca até no centro de Hollywood. A noite encheu o desejo de fazer algo dentro dela que ela nem percebeu que estava lá.

Ela chegou aos quartos dos gêmeos. Ty e Livvy sempre tiveram quartos diretamente um do outro; a porta do quarto de Livvy estava fechada e estava desde que voltaram de Idris.

Dru colocou a mão sobre ela, como se ela pudesse sentir o batimento cardíaco de sua irmã através da madeira. Livvy pintou a porta vermelha uma vez, e a tinta descascando foi áspera contra os dedos de Dru.

Em um filme de terror, Dru pensou, Livvy apareceria meio apodrecida, agarrando Dru com as mãos mortas. A ideia não a assustou em nada. Talvez fosse por isso que ela gostava de filmes de terror, pensou Dru; os mortos nunca ficaram mortos, e os que ficaram para trás estavam ocupados demais vagando pelos bosques para ter tempo de sofrer ou sentir perda.

Ela saiu da porta de Livvy e foi até a de Ty. Ela bateu, mas havia música tocando no quarto e ela não conseguiu ouvir uma resposta.

Ela empurrou a porta e congelou.

O rádio estava ligado, Chopin explodindo, mas Ty não estava lá. O espaço estava gelado. Todas as janelas estavam abertas. Dru quase tropeçou atravessando a sala para fechar a maior das janelas. Ela olhou para baixo e viu que os livros de Ty estavam espalhados pelo chão, não mais em fileiras ordenadas por assunto e cor. Sua cadeira de escrivaninha estava em pedaços, suas roupas estavam espalhadas por toda parte e havia manchas de sangue seco em seus lençóis e fronhas.

Ty. Oh, Ty.

Dru fechou a porta o mais depressa que pôde, sem bater, e correu pelo corredor como se um monstro de um de seus filmes antigos a estivesse perseguindo.

***

Eles pararam do lado de fora da prisão, onde o cadáver do guarda jazia sobre o baú de madeira que Emma havia notado antes.

Adaon fez uma careta e usou a ponta da bota para empurrar o corpo do guarda para o lado. Atingiu as lajotas manchadas de sangue com um baque. Para a perplexidade de Emma, Adaon se ajoelhou e abriu o baú, as dobradiças gemendo e rangendo.

Seu espanto desapareceu rapidamente. O baú estava cheio de armas - espadas longas, punhais, arcos. Emma reconheceu a espada que os Cavaleiros tinham tirado dela, e Julian também. Ela esticou o pescoço para olhar, mas ela não viu o medalhão em nenhum lugar entre os itens confiscados.

Adaon pegou várias espadas. Jace estendeu a mão para uma.

— Venha para o papai — ele cantou.

— Não acredito que você está com uma barba — observou Emma, momentaneamente desviada.

Jace tocou sua bochecha eriçada.

— Bem, já passou uma semana, pelo menos. Espero que me faça parecer viril, como um deus polido.

— Eu odiei — disse Emma.

— Eu gostei — disse Clary lealmente.

— Eu não acredito em você — disse Emma. Ela estendeu a mão para Adaon. — Me dê minha espada. Jace pode usá-la para fazer a barba.

Adaon olhou para todos eles.

— Vocês não devem portar lâminas. Você não pode estar armado se estiver destinado a ser prisioneiro. Vou levar as espadas.

— Ele as levantou por cima do ombro como se fossem um monte de gravetos. — Agora venham.

Eles marcharam à frente de Adaon, através dos corredores subterrâneos agora úmidos e familiares. Julian ficou em silêncio, perdido em pensamentos. *O que ele sentiu?* Emma se perguntou. Ele amava sua família, ainda, mas ele havia dito que era diferente agora.

Isso significava que ele não estava com medo por Mark?

Emma se aproximou de Cristina.

— Como você acabou encontrando Adaon? — Ela sussurrou. — Você acabou de bater em seus saltos de rubi e pediu para ser levada para o filho mais gostoso do Rei Unseelie?

Cristina revirou os olhos.

— Eu vi Adaon em Londres, com Kieran — ela sussurrou. — Ele parecia se importar com Kieran. Eu tomei uma chance.

— E como você chegou a ele?

— Eu vou te dizer mais tarde. E ele não é o mais gostoso príncipe dos Unseelie. Kieran é o mais gostoso — disse Cristina, e corou como uma beterraba vermelha.

Emma olhou os músculos de Adaon, que estavam se agrupando espetacularmente sob sua túnica enquanto ele equilibrava as espadas.

— Eu pensei que Kieran estava na Scholomance?

Cristina suspirou.

— Você perdeu muito. Eu vou te contar tudo, se nós…

— Sobrevivermos? — disse Emma. — Sim. Eu tenho muito a dizer também.

— *Fiquem quietas!* — exclamou Adaon. — Chega de tagarelice, prisioneiros!

Eles emergiram dos túneis subterrâneos para os níveis mais baixos da torre. As fadas Seelie e Unseelie passavam correndo, indo e voltando. Um Capuz Vermelho passando deu a Adaon uma piscadela ampla.

— Bom trabalho, príncipe — ele rosnou. — Reúna os Nephilim!

—Obrigado — disse Adaon. — Eles são muito barulhentos.

Ele olhou para Cristina e Emma.

— Ainda acha que ele é gostoso? — Cristina murmurou.

— Possivelmente mais — sussurrou Emma. Ela sentiu um desejo insano de rir, apesar da terrível situação. Ela estava tão feliz de ver Cristina

novamente. — Nós vamos passar por isso, e nós vamos voltar para casa, e vamos contar tudo uma a outra.

— Já chega. Vocês duas se afastem — retrucou Adaon, e Emma timidamente foi caminhar ao lado de Clary. Eles haviam chegado à parte menos residencial e mais movimentada da torre, com suas fileiras de portas ricamente decoradas.

Clary parecia exausta, suas roupas manchadas de sangue e sujeira.

— Como você foi pega? — Emma murmurou, mantendo um olho em Adaon.

— Os Cavaleiros de Mannan — disse Clary em voz baixa. — Eles foram destinados a tarefa de guardar Ash. Tentamos combatê-los, mas eles são mais poderosos aqui do que em nosso mundo. — Ela olhou de lado para Emma. — Eu ouvi que você matou um deles. Isso é impressionante.

— Eu acho que foi Cortana, não eu.

— Não subestime o poder da lâmina certa — disse Clary. — Eu sinto falta de Heosphoros às vezes. Sinto falta da sensação dela na minha mão.

Heosphoros, como Cortana, foram forjadas pelo lendário fabricante de armas Wayland, o Ferreiro. Todos os alunos sabiam que Clary tinha levado a espada para Edom e matado Sebastian Morgenstern, e que ela havia sido destruída na conflagração resultante.

Clary estava pensando em Sebastian? Sem ser capaz de se conter, Emma sussurrou: — Eu não acho que Ash tenha que ser como o pai dele. Ele ainda é um garotinho. Ele poderia crescer melhor — mais gentil.

O sorriso de Clary estava triste.

— Então ele chegou até você também.

— O que?

— ‘Um líder perfeito, inspirando a lealdade perfeita — disse Clary. — O rei já fez coisas com Ash, usando seu sangue, eu acho, para fazê-lo gostar do Primeiro Herdeiro. Quando você falou com ele, queria segui-lo e protegê-lo, não é?

Emma empalideceu.

— Sim, mas…

— *Príncipe Adaon!* — Gritou uma voz áspera. Emma olhou para cima para ver que eles estavam na frente das filas de Capuzes Vermelhos que guardavam a sala do trono. O líder deles — o que tinha o boné e o uniforme mais vermelho — olhava para Adaon com alguma surpresa.

— O que é isso?

— Prisioneiros do Rei — Adaon disse.

— Estes foram capturados à uma semana. — O soldado apontou para Jace e Clary.

— Sim, mas eu descobri esses outros na prisão, tentando libertá-los.

— Adaon indicou Cristina, Julian e Emma. — Eles são espiões Nephilim. Eles afirmam que têm informações para o rei, que trocariam por suas vidas miseráveis e parecidas com vermes.

— *Parecidas com vermes?* — Julian murmurou. — *Jura*?

— Espere aqui por um momento — disse o líder. Ele se abaixou através do arco. Um momento depois, ele retornou, com um leve sorriso no rosto. — Príncipe Adaon, passe. Seu pai o verá e pediu para que eu lhe desse a expectativa de uma reunião familiar.

Uma reunião familiar. O rei poderia apenas significar a si mesmo, é claro. Mas ele também poderia significar Kieran e Mark.

Julian também reagiu, se em silêncio. Sua mão apertou como se ele pudesse segurar uma lâmina imaginária, e seus olhos se fixaram no arco escuro.

— Obrigado, General Winter — disse Adaon, e começou a guiá-los para a frente.

Desta vez eles não estavam andando na sala do trono invisível para todos os olhos. Desta vez eles seriam vistos. A garganta de Emma estava seca, seu coração batendo forte.

Ao contrário da sala do trono da Rainha Seelie em constante mudança, o santuário interior do rei estava inalterado. O enorme portal ainda cobria uma parede. Mostrava uma paisagem desértica, onde as árvores saíam do chão como mãos esqueléticas arranhando o ar. A luz do deserto amarelo-brilhante emprestou um tom não natural a sala, como se estivessem à luz de chamas invisíveis.

O rei estava em seu trono, seu único olho ardendo em vermelho. Na frente dele estavam Mark e Kieran, cercados por Capuzes Vermelhos.

As mãos de Mark foram algemadas juntas; Kieran se ajoelhou, seus pulsos amarrados ligados a uma corrente de metal afundada no chão de pedra. Quando eles se viraram para ver quem tinha entrado, choque e alívio inundaram o rosto de Mark, seguidos de horror. Havia um corte sangrento na testa de Kieran.

Seus lábios formaram uma única palavra. *Cristina*.

Cristina deu um suspiro irregular. Emma chegou para pegar o pulso de sua amiga, mas ela estava congelada no lugar.

Foi Julian quem correu para frente, seu olhar fixo em Mark. Adaon pegou-o com o braço livre e puxou-o de volta. Emma lembrou-se do que Julian havia dito sobre a necessidade atávica de proteger Ty.

Parecia que ele também sentia por seus outros irmãos: ainda estava lutando quando Adaon se virou e disse algo para Jace. A runa de Força no antebraço de Jace brilhou quando ele lançou um braço em volta do peito de Julian, imobilizando-o.

— Controle-o!- Winter, o general dos Capuzes Vermelhos, apontou a ponta do piquete para Julian. Mais Capuzes Vermelhos tinham entrado para ficar entre os prisioneiros de Adaon e o rei, uma fina linha carmesim.

O corpo de Julian era uma linha tensa de tensão e ódio quando ele olhou para o rei, que estava sorrindo seu estranho sorriso meio esquelético.

— Muito bem, Adaon — disse o rei. — Ouvi dizer que você frustrou uma tentativa de fuga de nossos prisioneiros.

Os ombros de Mark caíram. Kieran olhou para o pai com aversão.

— Olhe sua suficiência, meu filho — o rei disse a Kieran. — Seus amigos são todos meus prisioneiros. Não há esperança para você. — Ele se virou. — Deixe-me vê-los, Adaon.

Com a ponta da espada, Adaon levou Emma e os outros para o trono.

Emma sentiu o peito apertar, lembrando-se da última vez em que estivera diante do Rei dos Unseelie, como ele havia olhado em seu coração de alguma forma e visto o que ela mais queria, e dado a ela como uma dose de veneno.

— Você — disse o rei, seus olhos em Emma. — Você lutou meu campeão.

— E ela ganhou — disse Cristina orgulhosa, com as costas retas.

O rei a ignorou.

— E você matou um Cavaleiro, meu Fal. Interessante. — Ele se virou para Julian. —Você interrompeu minha corte e levou meu filho como refém. Seu sangue está em suas mãos. — Por último ele olhou para Jace e Clary. — Por causa de vocês, nós sofremos a Paz Fria.

Adaon limpou a garganta.

— Então por que eles ainda estão vivos, pai? Por que você não os matou?

— Não está ajudando — Jace murmurou. Ele soltou Julian, que estava parado como um corredor esperando pela largada inicial.

— Para avançar contra a Clave — disse o rei, acariciando o braço de seu trono. A pedra foi esculpida com um padrão de rostos gritando. — Para nós, eles são inimigos. Para a Clave, eles são heróis. É sempre o caminho da guerra.

— Mas não procuramos o fim da Paz Fria? — disse Adaon. — Se nós devolvêssemos esses prisioneiros à Clave, poderíamos reabrir as negociações. Encontre um terreno comum. Eles vão ver que não somos todos assassinos sanguinários, como eles acreditam.

O rei ficou em silêncio por um momento. Ele estava sem expressão, mas havia uma expressão de apreensão no rosto de Kieran que Emma não gostou.

Por fim, o rei sorriu.

— Adaon, você é verdadeiramente o melhor dos meus filhos.

Em seu coração você anseia por paz que teremos — quando os Nefilins perceberem que temos uma arma que pode destruir todos eles…

— Ash — Emma sussurrou.

Ela nem pretendia falar em voz alta, mas o rei ouviu. Seu rosto medonho virou-se para ela. Nas profundezas de suas órbitas oculares cavernosas, luzes pontiagudas brilhavam.

— Venha aqui — disse ele.

Julian fez um barulho de protesto — ou talvez fosse outra coisa; Emma não sabia dizer. Ele estava mordendo o lábio com força, o sangue escorrendo pelo queixo. Ele não pareceu notar, entretanto, e ele não fez nada para pará-la quando ela se virou para ir em direção ao Rei. Ela se perguntou se ele sequer tinha notado o sangue.

Ela se aproximou do trono, passando pela linha de Capuzes Vermelhos. Ela se sentiu completamente nua sem uma arma na mão.

Ela não se sentia tão vulnerável desde que Iarlath a tinha chicoteado contra a árvore de viga rápida.

O rei estendeu a mão.

— Pare — disse ele, e Emma parou. Havia adrenalina o suficiente através dela que ela se sentiu um pouco bêbada. Ela não queria nada mais do que se atirar no rei, rasgá-lo, socá-lo e chutá-lo.

Mas ela sabia que, se tentasse, estaria morta em um instante. Os Capuzes Vermelhos estavam por toda parte.

— Um de vocês escolherá voltar para a Clave como meu mensageiro — disse o rei. — Poderia ser você.

Emma levantou o queixo.

— Eu não quero levar suas mensagens.

O rei riu.

— Eu não queria que você matasse um dos meus Cavaleiros, mas você matou. Talvez isso seja o seu castigo.

— Castigue-me, mantendo-me aqui — disse Emma. — Deixe os outros irem.

— Uma tentativa nobre, mas estúpida, de um estratagema — disse o rei. — Criança, toda a sabedoria dos Nephilim poderia caber em uma bolota na mão de uma fada. Vocês são um povo jovem e tolo e, na sua tolice, você vai morrer. — Ele se inclinou para frente, o ponto de referência brilhando em seu olho direito desabrochando em um círculo de chamas. — Como você sabe sobre Ash?

— Não! *Não! Deixe-o em paz*! — Emma girou; o grito de uma mulher atravessou a sala como a varredura de uma lâmina afiada. Ela se sentiu tensa ainda mais; Ethna e Eochaid entraram na sala, levando Ash entre eles. Ele estava sem sua coroa de ouro e parecia mal-humorado e zangado.

Correndo atrás dele estava Annabel chorando.

— Pare! Você não fez o suficiente? *Pare*, eu te digo! Ash é minha responsabilidade…

Ela viu Emma e congelou. Seus olhos se voltaram para Adaon, iluminando Julian, que olhou para ela com ódio ardente. Jace estava segurando seu ombro novamente.

Ela parecia se encolher em suas roupas — um vestido de linho cinza e jaqueta de lã. Sua mão esquerda era uma garra que agarrava o verdadeiro volume negro.

— Não — ela gemeu. — Não, não, eu não quis fazer aquilo. Eu não quis…

Emma ouviu um grunhido profundo. Um momento depois, ela percebeu que era Mark, suas correntes chacoalhando. Annabel ofegou, reconhecendo-o. Ela cambaleou para trás quando um dos soldados disparou em direção a Mark, levantando o pique.

Mark recuou, mas ele não estava recuando, viu Emma, apenas soltando as correntes que prendiam seus pulsos. Ele girou, arremessando as correntes ao redor do pescoço do soldado; o pique caiu no chão quando ele agarrou o comprimento da corrente e sacudiu com força.

O guarda foi atirado para trás, arremessando-se contra seus colegas.

Eles todos tropeçaram. Mark ficou parado e respirando com dificuldade, seus olhos ferozes e duros como vidro. Winter olhou para ele e Kieran com um olhar pensativo.

— Devo matá-lo por você, meu Rei? — perguntou Winter.

O rei balançou a cabeça, claramente irritado.

— Espanque-o até os ossos mais tarde. Capuzes Vermelhos, sejam mais cautelosos com os prisioneiros. — Ele zombou. — Eles mordem.

Annabel ainda estava gemendo baixinho. Ela lançou um olhar aterrorizado para Emma, Julian e Mark - o que era ridículo, Emma pensou, já que todos obviamente eram prisioneiros — e um olhar de desejo de Ash.

Lealdade perfeita, Emma pensou. Não é de admirar que Annabel tenha se ligado tão rapidamente e firmemente a Ash.

O rei estalou os dedos para Emma.

— Volte para Adaon, garota.

Emma se arrepiou, mas não disse nada. Ela voltou para o outro lado da sala, para Adaon e os outros, recusando-se a dar ao rei a satisfação de se apressar.

Emma alcançou o resto do grupo assim que Annabel deu outro grito choramingando. Emma ficou ao lado de Julian, tomando o braço dele.

Seus músculos saltaram sob o toque dela. Ela envolveu a mão em torno de seu antebraço e Jace se afastou deles, dando-lhes espaço.

Emma podia sentir a forma do pano sangrento amarrado no antebraço de Julian sob seus dedos. *Lembre-se do que Livvy iria querer*, ela pensou. *Não se mate*.

O rei virou-se para Eochaid.

— Dê a Ash sua espada, Cavaleiro.

Eochaid recuou, claramente atordoado. Ele se virou na direção de Ethna, mas ela balançou a cabeça, o cabelo cor de bronze caindo sobre os ombros. Sua mensagem era clara: *faça isso.*

Eles assistiram quando Eochaid entregou sua reluzente espada de ouro e bronze. Era grande demais para Ash, que o pegou com o controle de alguém que estava acostumado a manusear armas, mas não tão grandes e pesadas. Ele olhou para o rei com olhos chocados.

— Corte a garganta de Kieran, Ash Morgenstern — disse o rei.

Ele nem está fingindo, Emma pensou. *Ele não se importa se sabemos exatamente quem é Ash ou não.*

— Não! — gritou Mark. Ele pulou em direção a Ash e Kieran, mas os soldados o interromperam. Eles eram incrivelmente rápidos e estavam irritados agora — ele havia machucado um deles.

Clary ofegou. Emma podia ouvir Cristina sussurrando freneticamente ao lado dela, embora não as palavras individuais. Kieran ficou onde estava, olhando fixamente à distância como se o rei não tivesse falado.

— Por quê? — disse Ash. Sua voz tremeu. Emma se perguntou se era real ou fingida por simpatia.

— Você deve derramar sangue real — disse o rei — e Kieran é o mais dispensável.

— *Você é um bastardo!* — Mark gritou, lutando contra suas algemas e o aperto dos soldados.

— Isso é demais — Annabel chorou. — *Ele é apenas uma criança.*

— É por isso que isso deve ser feito agora — disse o rei. — Os Artifícios das Trevas matariam uma criança mais velha. — Ele se inclinou para frente para olhar Ash no rosto, uma paródia de um adulto preocupado.

— Kieran vai morrer independentemente — disse ele — se a sua mão empunha a lâmina ou não. E se você não fizer isso, ele morrerá lentamente, com uma dor uivante.

O olhar de Kieran percorreu lentamente a sala — mas não para Ash.

Ele olhou para Cristina, que estava olhando impotente para ele, e depois para Mark, lutando contra o aperto dos soldados.

Ele sorriu.

Ash deu um passo à frente. A espada estava solta na mão e ele estava mordendo o lábio. Por fim, Kieran olhou para ele.

— Faça o que você deve, criança — disse ele, sua voz gentil e quieta.

— Eu sei o que é não ter sido dada nenhuma boa escolha pelo Rei da Corte Unseelie.

— Filho ingrato! — latiu o rei, zombando de Kieran. — Ash, *agora!*

Emma olhou descontroladamente para Julian e os outros. Adaon não poderia ajudá-los; havia muitos soldados e os Cavaleiros eram impossíveis de lutar.

Mais soldados foram derramados no quarto. Emma levou um momento para perceber que eles estavam correndo. Fugindo do terror da tempestade que se seguiu — uma figura magra resplandecente em escarlate e ouro, com cabelos ruivos fluindo ao redor dela como sangue derramado.

A Rainha Seelie.

Uma expressão de surpresa cruzou o rosto do Rei Unseelie, seguido rapidamente por raiva. Ash largou a espada que estava segurando com um ruído, afastando-se de Kieran quando a Rainha se aproximou.

Emma nunca tinha visto a Rainha Seelie assim. Seus olhos eram brilhantes, ardentes de emoção. Ela era como um maremoto, correndo em direção ao filho.

— *Não!* — O grito de Annabel era quase desumano. Empurrando o Volume Negro em sua jaqueta, ela disparou na direção de Ash, com os braços estendidos.

A Rainha Seelie se virou em um movimento suave e estendeu a mão; Annabel voou pelo ar e bateu na parede de pedra da câmara.

Ela deslizou para o chão, ofegante.

Ela havia dado tempo aos Cavaleiros para se reunirem em torno de Ash. A Rainha andou a passos largos na direção deles, o rosto radiante de poder e raiva.

— Você não pode tocá-lo — disse Ethna, sua voz cintilando com um zumbido metálico. — Ele pertence ao rei.

— Ele é meu *filho* — disse a Rainha com desprezo. Seu olhar cintilou entre os dois Cavaleiros. — Vocês são da magia mais antiga, a magia dos elementos. Vocês merecem mais do que lamber as botas do Rei Unseelie como cachorros.

Ela desviou o olhar de Ash e foi até o Rei, a luz cintilando em seus cabelos como pequenas chamas.

— Você — disse ela. — Enganador. Suas palavras de uma aliança foram tantas folhas secas sopradas no ar vazio.

O Rei colocou a cópia do Volume Negro no braço de seu trono e levantou-se. Emma sentiu um raio de admiração descer por sua espinha. O Rei e a Rainha do Reino das Fadas, enfrentando-se diante dela. Foi como uma cena da lenda.

Seus dedos coçavam quase insuportavelmente por uma espada.

— Eu faço o que faço porque preciso — disse o rei. — Ninguém mais tem força para fazer isso! Os Nephilins são nosso maior inimigo. Eles sempre foram. No entanto, você faria tratados com eles, buscaria a paz com eles, viveria ao lado deles. — Ele zombou. — Deu o seu corpo para eles.

A boca de Emma caiu aberta. *Tão rude*, ela falou para Cristina.

A Rainha endireitou as costas. Ela ainda era magra e pálida, mas o poder de sua rainha parecia irradiar através dela como luz através de uma

lâmpada.

— Você teve sua chance com a nossa filha, e porque você não acreditava que uma mulher pudesse ser forte, você a jogou fora. Não lhe darei outro dos meus filhos pelo seu massacre descuidado!

A Primeira Herdeira, Emma pensou . *Então é verdade.*

Houve um murmúrio de choque na sala — não dos prisioneiros humanos, mas dos Cavaleiros e dos Capuzes Vermelhos. Um rubor sombrio de raiva passou pelo rosto do rei. Ele estendeu o braço, embainhado até o cotovelo em uma luva de ouro, em direção ao Portal na parede norte.

— Olhe para este Portal, gloriosa Rainha — disse ele entre dentes, e a imagem no Portal começou a mudar. Onde antes era uma paisagem desértica, agora era possível ver figuras arremessadas entre os redemoinhos de areia cor de veneno. O céu acima da paisagem havia se transformado em ferrugem e ouro.

Emma ouviu Clary fazer um barulho estranho de asfixia.

— Eu abri um buraco para outro mundo — disse o rei. — Um mundo cuja própria substância é venenosa para os Nephilins. Nossas terras já estão protegidas por sua terra e o veneno começa a se espalhar em Idris.

— Não são as linhas ley — sussurrou Cristina. — É a praga.

Eles viraram para olhar o Portal. A cena mudou de novo. Agora mostrava o mesmo deserto no rescaldo de uma batalha. O sangue manchava a areia vermelha. Corpos estavam espalhados por toda parte, torcidos e enegrecidos pelo sol. Pequenos gritos e gemidos podiam ser ouvidos, obscurecidos como a lembrança de algo horrível.

Jace se virou para o rei.

— O que é isso? O que é este mundo? O que é que você fez?

A mão de Clary circulou o pulso de Emma, apertando com força. Sua voz era um sussurro nu.

— *Aquela sou eu.*

Emma olhou através do Portal. O vento soprava areia em rajadas ásperas, descobrindo um corpo em equipamento preto dos Caçadores de Sombras, o peito aberto e branco mostrando ossos.

Um cacho de cabelo ruivo atravessou a areia, misturando-se com sangue.

— Esse foi o meu sonho — Clary sussurrou. Sua voz estava embargada de lágrimas. Emma ficou congelada, olhando para o corpo morto de Clary. — *Isso* é o que eu vi.

A areia explodiu novamente, e o corpo de Clary desapareceu da vista, assim como Jace se virou de volta.

— Que mundo é esse? — ele exigiu.

— Ore para que você nunca tenha que descobrir — disse o Rei.

— A terra de Thule é a morte e choverá a morte em seu mundo. Nas mãos de Ash, será a maior arma já conhecida.

— E qual será o custo para Ash? — perguntou a Rainha. — Qual será o custo para *ele?* Você já colocou feitiços nele. Você já fez ele sangrar. Você usa o sangue dele em volta da sua garganta!

Negue, se puder!

Emma olhou para o frasco ao redor da garganta do rei: ela pensara que era uma poção escarlate. Não era. Ela se lembrou da cicatriz na garganta de Ash e se sentiu mal.

O rei riu.

— Eu não tenho nenhum desejo de negar isto. Seu sangue é único - sangue Nephilim e sangue demoníaco, misturado com o sangue dos feéricos. Eu extraio poder disso, embora apenas uma fração do poder que Ash poderia ter se você me permitir manter o Volume Negro.

O rosto da rainha se torceu.

— Você está vinculado por seu juramento para devolvê-lo para mim, rei.

O rei ficou tenso; Emma não entendia tanto sobre fadas quanto Cristina, mas sabia que, se o rei jurasse que ele devolveria o livro para a rainha de madrugada, ele não teria escolha a não ser fazê-lo.

— Isso nos trará um poder indescritível. Apenas deixe-me mostrar-lhe…

— *Não!* — Uma mecha de linho cinza e cabelo escuro atravessou a sala e segurou Ash, girando-o para longe de seus pés.

Ash gritou quando Annabel se apoderou dele. Ela voou com ele através do quarto, o pulso de Ash apertou firmemente em sua mão.

Os Cavaleiros correram atrás dela, os soldados circulando a porta.

Girando como um coelho preso, ela mostrou os dentes, o pulso de Ash ainda preso no dela.

— Eu vou falar o seu nome! — ela gritou para o Rei, e ele congelou. — Na frente de todas essas pessoas! Mesmo se você me matar, todos eles terão ouvido a palavra! Agora diga a eles para se afastarem! Eles devem se afastar!

O Rei fez um som de asfixia. Enquanto a Rainha olhava incrédula, ele cerrou os punhos com tanta força que suas manoplas se dobraram e se

quebraram. Seu metal apunhalou em sua pele e o sangue floresceu ao redor das bordas irregulares.

— Ela sabe o seu nome? — A Rainha exigiu, sua voz subindo.

— *Aquela Nephilim sabe seu nome?*

— Afastem-se, cavaleiros — disse o Rei em uma voz que soava como se estivesse sendo estrangulado. — Afastem-se, todos vocês!

Os Cavaleiros e os soldados congelaram. Percebendo o que estava acontecendo, a Rainha gritou e correu em direção a Annabel, levantando as mãos. Mas ela chegou tarde demais. Jogando os braços ao redor de Ash, Annabel se lançou para trás através do Portal.

Houve um som de tecido grosso rasgando. O Portal se estendia e se fechava sobre Annabel e Ash. A rainha derrapou até parar, torcendo o corpo para evitar atravessar o Portal.

Julian respirou fundo. A imagem no Portal havia mudado — agora eles podiam ver Annabel e Ash em pé na terra devastada, areia rodando sobre eles. A Rainha gritou, estendendo as mãos como se pudesse tocar em Ash e envolvê-lo em seus braços.

Por um momento Emma quase sentiu pena dela.

A areia voltou a rodar e Ash e Annabel desapareceram de vista. O

Rei caiu em seu trono, com o rosto nas mãos.

A Rainha se afastou do Portal, caminhando em direção ao trono. O

luto e a raiva estavam gravados em suas feições.

— Você trouxe o segundo dos meus filhos até a morte dele, Senhor das Sombras — disse ela. — *Nunca* haverá outro.

— Chega de sua tolice! — O Rei estalou. — Eu sou o único que sacrificou algo por nossa filha! — Ele indicou a ruína de seu rosto, o vislumbre de osso branco onde a carne deveria estar. — Seus filhos sempre foram nada além de ornamentos para sua vaidade!

A Rainha gritou algo em uma língua que Emma não entendeu e atirou-se ao Rei, tirando uma adaga de joias do corpete.

— Guardas! — gritou o rei. — Matem ela!

Mas os soldados tinham congelado, encarando em choque a Rainha quando ela derrubou a adaga. O Rei levantou um braço para se defender. Ele rugiu de dor quando a faca afundou em seu ombro, e o sangue espirrou no chão abaixo do trono.

Parecia estimular os soldados em ação. Eles correram para a frente para agarrar a Rainha, que os atacou em fúria. Até os Cavaleiros estavam

encarando.

— *Agora* — disse Adaon.

Ele se moveu rapidamente, arremessando as espadas que ele segurava nas mãos ansiosas dos Caçadores de Sombras que o rodeavam. Emma pegou uma no ar e correu em direção a Mark e Kieran, Julian e Cristina em ambos os lados dela.

Seus nervos pegaram fogo quando os soldados, percebendo o que estava acontecendo, correram para o avanço dos Nephilins. Ela odiava cada momento de ficar parada; Quando um soldado se lançou para ela, ela saltou para o pedregulho mais próximo, afastou-se dele e usou a força de seu rebote para cortar a cabeça de outro enquanto aterrissava. Sangue pulverizado, vermelho-escuro.

O rosto do Rei estava impregnado de sangue ao ver o que seu filho estava fazendo. — *Adaon*! — ele berrou, o som como um rugido, mas Adaon já estava correndo em direção a Mark e Kieran, derrubando os soldados de lado com golpes selvagens de sua espada larga.

É isso mesmo, Emma pensou com um prazer selvagem, *cada um dos seus filhos te odeia, Rei.*

Ela girou para engatar outro soldado, sua lâmina colidindo contra sua haste de pique de ferro. Jace e Clary estavam lutando com mais soldados. Julian e Cristina estavam atrás de Adaon, empurrando em direção a Kieran e Mark, que estavam cercados por guardas.

— Cavaleiros! — gritou o rei, cuspindo nos lábios. — Parem ele!

Parem Adaon!

Eochaid saltou sobre as cabeças de um grupo de soldados para pousar em frente a Adaon. A espada larga do príncipe se movia com uma velocidade incrível, aparando a lâmina de Eochaid. Adaon gritou para Cristina e Julian para chegar a Mark e Kieran, e voltou-se para Eochaid assim que Ethna se aproximou deles, com a espada desembainhada.

Emma se abaixou, cortando as pernas do soldado; ela disse uma silenciosa oração de agradecimento pela pulseira de Isabelle, energizando seus golpes enquanto seu próprio corpo enfraquecia. O

guarda caiu em uma confusão de sangue quando Jace correu para o lado de Adaon. Sua espada bateu contra Ethna com um tinido.

E Emma lembrou porque ela sempre quis ser Jace Herondale quando ela era criança. Sua espada voou ao redor dele como a luz do sol dançando na

água, e por vários momentos ele empurrou Ethna para trás, enquanto Adaon pressionava Eochaid, afastando-o do trono e de Kieran e Mark.

Clary saltou sobre uma pedra, aterrissando ao lado de Emma; ela estava ofegando e sua espada estava encharcada de sangue.

— Nós temos que segurar os soldados — disse ela. — Venha comigo!

Emma correu atrás dela, golpeando os guardas enquanto corria.

Um grupo de soldados incluindo o General Winter havia cercado Cristina e Julian, impedindo-os de se aproximarem de Kieran e Mark.

Emma saltou para a parede áspera da sala do trono. Ela subiu com uma das mãos, olhando para o caos abaixo. A Rainha e o Rei estavam lutando de um lado para outro diante do trono. Adaon e Jace estavam se segurando contra os Cavaleiros, embora Adaon tivesse um longo corte em um ombro que estava sangrando livremente. E

Clary estava girando, rapidamente, golpeando os guardas vermelhos e, em seguida, se afastando com uma rapidez surpreendente.

Emma se jogou para longe da parede, o ar passando por ela enquanto girava e torcia, aterrissando as botas primeiro e enviando Winter para o chão. Os outros soldados se apressaram e ela balançou a lâmina em um arco, cortando as pontas de suas piquetes.

Ela se afastou de Winter e avançou sobre os outros guardas, sua espada arqueando no ar.

— Eu matei Fal, o Cavaleiro — ela disse em sua voz mais ameaçadora. — *Eu vou matar vocês também.*

Eles empalideceram acentuadamente. Vários recuaram, pois atrás deles Julian e Cristina correram para Mark e Kieran. Julian levou Mark a seus pés, derrubando sua espada para cortar a corrente que ligava os pulsos de Mark. Eles se soltaram, cada um ainda segurando uma pulseira de ferro.

Mark segurou seu irmão com os braços algemados e o abraçou rapidamente, ferozmente. Os olhos de Emma se arrepiaram, mas não houve tempo para olhá-los; ela girou e chutou e cortou, o mundo um caos de prata e gelo e sangue.

Emma ouviu Cristina chamar seu nome.

Gelo virou fogo. Ela correu em direção ao som, saltou sobre pedras tombadas e encontrou Cristina em pé com uma lâmina quebrada na mão. Kieran ainda estava ajoelhado, pedaços da espada quebrada espalhados pela corrente que prendia seus pulsos à terra.

— *Emma, por favor…* — Cristina começou, mas Emma já estava abaixando a espada. Não era Cortana, mas serviu; a corrente quebrou e Kieran saltou para seus pés. Cristina agarrou-o pelo braço.

— Temos de ir — disse ela, com os olhos frenéticos. — Eu posso usar o artefato para voltar.

— Chame todo mundo para você — disse Emma. Ela apertou sua espada na mão de Cristina. — Eu preciso pegar a cópia do Volume Negro.

Cristina tentou empurrar a espada de volta para Emma.

— O que? Onde?

Mas Emma já estava correndo, chutando o chão irregular para se lançar nos degraus do trono. Ela ouviu o Rei berrar; ela ouviu Julian gritar seu nome. Ela chegou ao topo dos degraus. O trono se erguia diante dela, escuro e granito, as páginas encadernadas na impressora do Volume Negro repousando sobre um grande braço de pedra.

Emma pegou o livro e se virou bem a tempo de ouvir Adaon gritar, um grito de dor rouca. Eochaid o tinha preso contra o lado de uma pedra enorme. A frente da túnica de Adaon estava encharcada de sangue e a espada de Eochaid lhe beijou a garganta.

— Devo matá-lo, Rei? — Eochaid disse em uma voz alegre.

A maioria dos transeuntes na sala havia congelado. Cristina colocou a mão sobre a boca; foi ela quem trouxe Adaon aqui, afinal.

Até os soldados estavam encarando.

— Seu filho traidor? Devo acabar com a vida dele?

A Rainha começou a rir. Soldados a pegaram pelos braços, mas ela ainda estava sorrindo seu sorriso estranho e felino.

— Oh, meu senhor — disse ela. — Existe um dos seus filhos que não odeia o seu nome?

O Rei mostrou os dentes.

— Corte-lhe a garganta — disse ele a Eochaid.

Os músculos de Adaon ficaram tensos. O cérebro de Emma trabalhou freneticamente — ela viu Kieran começar a avançar, mas não havia como chegar a Adaon a tempo — Eochaid ergueu a lâmina como um carrasco, o outro braço apoiado no peito de Adaon.

Houve um horrível choro de asfixia. *Adaon,* Emma pensou descontroladamente, tropeçando escada abaixo, mas não, Eochaid estava se afastando de seu prisioneiro, sua espada ainda levantada, seu rosto contorcido de surpresa.

O Rei estava caindo de joelhos, o sangue escorrendo livremente pela frente do seu rico gibão. A mão de Kieran ainda estava levantada no ar. Algo se projetava da garganta do rei — uma lasca do que parecia quase vidro…

A ponta de flecha de elfo, Emma percebeu com um sobressalto.

Kieran tinha atirado seu colar no Rei com uma força incrível.

Eochaid e Ethna correram em direção ao Rei, com as espadas reluzentes na mão, os rostos de desalento. Adaon também andou em direção ao pai. Kieran não se mexeu. Ele estava apoiado no ombro de Cristina, o rosto inexpressivo.

Ajoelhado, o Rei agarrou sua garganta. Para o choque de Emma, ele parecia estar enfraquecendo — sua mão agarrou o raio elfo embutido e depois caiu para o lado, pendendo inutilmente.

Adaon olhou para ele.

— Pai — disse ele em voz baixa. — Me perdoe.

O rosto de Ethna se contorceu em uma máscara. Jace e Clary, ambos ensanguentados e imundos, estavam olhando maravilhados.

Distantemente, Emma sabia que ela estava vendo algo notável. A morte de um Rei que governou por mil anos.

Ethna se virou para encarar Kieran.

— Matador de Reis! — ela chorou.

— Ele estava tentando salvar Adaon! — Mark gritou de volta. — Você é cego, Cavaleiro?

— Porque ele quer ser Rei — rosnou Eochaid. — Porque ele quer o trono!

A Rainha começou a rir. Ela se soltou dos soldados que a seguravam como se o toque deles não passasse de teias de aranha, embora vários caíssem gritando no chão, as palmas das mãos queimadas e enegrecidas, os dedos estalando.

— Eles já vasculham seu trono como cães se preocupando com um osso — disse ela ao Rei, enquanto o sangue escorria dos cantos de sua boca e seus olhos se voltavam para os brancos.

Ela agarrou Adaon pelo braço. Ele gritou em choque e dor; o cabelo da Rainha chicoteava ao redor deles enquanto ela sorria para o rei.

— Você levou meu filho — disse ela. — Agora eu levo o seu.

Ela desapareceu e Adaon desapareceu com ela. O Rei soltou um grito e caiu no chão, esbarrando na terra com as mãos amontadas. Sua coroa caiu

de sua cabeça e atingiu o chão de pedra quando ele sufocou palavras truncadas.

Talvez ele estivesse tentando dizer o nome da Rainha, talvez o de Adaon. Talvez até o de Kieran. Emma nunca saberia. O corpo do Rei endureceu e caiu, e Eochaid e Ethna gritaram.

Ele tinha morrido. Mas o sangue dele continuou a correr ao redor dele, serpenteando pelo chão em riachos. Os soldados estavam se afastando do corpo do Rei, seus rostos eram máscaras de horror.

Winter abaixou sua arma que ele estava mirando em Emma.

— O rei está morto! O rei Arawn está morto! — gritou ele, e Emma percebeu que devia ser verdade: era seguro falar o verdadeiro nome do rei, agora que ele não estava mais vivo.

Os soldados fugiram - exceto Winter, que se manteve firme — saindo da sala do trono em um rio de carmesim. Cristina estava gritando pelos outros Caçadores de Sombras; ela segurou Mark por uma mão, e ele agarrou um Kieran de aparência atordoada. Jace e Clary estavam lutando sobre uma pilha de pedras para chegar até eles.

Julian estava a poucos metros de distância; Emma começou a correr quando o corpo do rei explodiu em chamas.

Ela lançou um olhar para trás por cima do ombro. O rei estava queimando e o chão também estava em toda parte que seu sangue havia derramado - pequenos fogos e outros maiores, ardendo ferozmente e quentes, consumindo o chão de pedra como se estivesse queimando. O corpo do rei já havia desaparecido atrás de uma folha de chamas.

Uma figura surgiu da fumaça, impedindo Emma.

Era Ethna. Ela brilhou toda como uma arma, sua armadura de bronze não foi alterada, seus olhos metálicos brilhando com sede de sangue.

— Meu juramento ao rei morreu com ele — disse ela, mostrando os dentes. — Sua vida está perdida agora, assassina!

Ela atacou Emma, que estava sem sua espada. Ela jogou a cópia do Volume Negro e a espada de Ethna mergulhou nela. Ethna atirou-a para o lado com desgosto; os restos rasgados do livro pousaram no chão em chamas, suas páginas explodindo em chamas.

Emma podia ouvir Clary chamando ela e os outros, gritando para ela vir rapidamente. Ela percebeu com um coração que eles não deviam ser capazes de vê-la; eles não saberiam que ela precisava de ajuda, eles não

saberiam A lâmina de Ethna voou pelo ar, o bronze cortou a fumaça. Emma se virou e caiu no chão, rolando para evitar os golpes que se seguiram.

Cada vez que a lâmina de Ethna mal a sentia, cortava um buraco profundo no chão de pedra.

Estava ficando mais difícil para Emma respirar. Ela ficou de joelhos, apenas para que Ethna colocasse um pé em seu ombro. Ela empurrou, e Emma se esparramou para trás, batendo no chão com força.

— Morra de costas, vadia — disse Ethna, erguendo a espada para o alto.

Emma jogou as mãos para cima como se pudessem afastar a lâmina.

Ethna riu e desceu…

E tombou de lado. Emma ficou de pé, engasgada com a fumaça e a descrença.

Julian.

Ele havia se jogado sobre Ethna e estava ajoelhado de costas, apunhalando-a repetidamente com algo apertado em seu punho.

Emma percebeu com um choque que era a estatueta de ferro que Simon havia dado a ele. Ethna estava gritando, tentando se afastar do ferro. Emma girou ao redor: a sala estava em chamas, os pedregulhos brilhando como carvão em brasa. A dor quente esfaqueou seu lado; um carvão caíra na manga do casaco dela. Ela arrancou furiosamente e pisou nele, apagando o fogo. *Desculpe, Clary.*

Ela pensou que ainda podia ver as figuras sombrias dos outros através da fumaça. A superfície do Portal parecia ondular como vidro derretido.

— Julian! — ela gritou, e estendeu a mão. — Deixe-a! Temos que ir para os outros!

Ele olhou para cima, com os olhos selvagens de raiva, e Ethna se afastou dele com um grito de raiva e dor. Julian aterrissou de pé, já correndo em direção a Emma. Juntos, eles fugiram em direção ao som da voz de Cristina, levantando-se e desesperados, gritando seus nomes. Emma achou que também podia ouvir Mark e os outros.

Uma folha de chamas resplandeceu do chão, repelindo-as. Eles se viraram, procurando uma maneira de contorná-lo, e Emma engasgou: Ethna e Eochaid estavam caminhando na direção deles, Ethna ensanguentada e gritante, Eochaid brilhando e com um olhar mortal.

Os Cavaleiros estavam no centro de seu poder. Emma e Julian estavam famintos, exaustos e enfraquecidos. O coração de Emma afundou.

— Cristina! — ela gritou. — Vai! Vai! Saia daqui!

Julian segurou seu pulso.

— Só há um jeito.

Seus olhos se voltaram para o Portal — ela ficou tensa, depois assentiu — e os dois saíram correndo, no momento em que os Cavaleiros começaram a erguer as espadas.

Emma ouviu-os gritarem em confusão e desapontada sede de sangue. Ela não se importou; o Portal se erguia diante dela como a janela escura de um edifício alto, toda sombra e brilho.

Ela alcançou e saltou, a mão de Julian na dela, e juntos eles navegaram pelo Portal.

***

Diego não tinha certeza de quanto tempo ele estava na cela de pedra estéril. Não havia janelas nem senso de tempo. Ele sabia que Rayan e Divya estavam na mesma prisão, mas as espessas paredes de pedra das celas os impediam de gritar ou chamar uns aos outros.

Era quase um alívio quando havia passos no corredor e — em vez do guarda costumeiro que vinha duas vezes por dia com um prato de comida sem graça —, Zara apareceu, resplandecente em equipamentos de Centurião. Ele teria pensado que ela estaria sorrindo, mas ela estava estranhamente inexpressiva. Cortana foi amarrada a seu lado, e ela acariciou seu punho distraidamente enquanto olhava para ele através das barras, como se estivesse acariciando a cabeça de um cachorro.

— Meu querido noivo — disse ela. — Como você está achando as acomodações? Não é muito frio e hostil?

Ele não disse nada. A runa de Quietude que a Tropa havia colocado nele tinha sido removida quase imediatamente após a reunião, mas isso não significava que ele tinha algo para conversar com Zara.

— E pensar que — ela continuou. — Se você tivesse jogado suas cartas de forma um pouco diferente, você poderia estar morando na torre do Gard comigo.

— E isso não teria sido frio e hostil? — cuspiu Diego. — Morando com alguém que eu odeio?

Ela se encolheu um pouco. Diego ficou surpreso. Certamente ela sabia que eles se odiavam?

— Você não tem razão para me odiar — disse ela. — Eu sou a única que foi traída. Você era uma perspectiva de casamento conveniente.

Agora você é um traidor. Seria uma vergonha se eu me casasse com você.

Diego deixou a cabeça cair contra a parede.

— Bom — ele disse cansado. — Você tirou tudo de mim. Pelo menos não preciso mais fingir que amo você.

Seus lábios se apertaram.

— Eu sei que você nunca pretendeu passar pelo casamento.

Você estava apenas tentando ganhar tempo para o seu irmão vigilante. Ainda assim, farei um acordo. Você diz que Jaime ainda tem o artefato das fadas. Nós o queremos. Deveria estar nas mãos do governo. — Seus lábios se torceram em um sorriso feio. — Se você nos disser onde encontrá-lo, eu perdoarei você.

— Eu não tenho a menor ideia — disse Diego. — E carregar essa espada não fará de você Emma Carstairs.

Ela olhou para ele.

— Você não deveria ter dito isso. Sabe a coisa sobre como eu já tirei tudo de você. Você ainda tem muito a perder. — ela virou a cabeça. — Milo? Traga o segundo prisioneiro para a frente.

Houve um borrão de movimento no sombrio corredor e a porta da cela se abriu. Diego se esticou para frente quando uma figura escura foi atirada na cela ao lado dele.

Milo fechou a porta e trancou-a quando o recém-chegado gemeu e sentou-se. O coração de Diego se revirou no peito. Mesmo machucado e sangrando, com o lábio cortado e uma cicatriz queimada em sua bochecha, ele reconheceria seu irmão mais novo em qualquer lugar.

— *Jaime* — ele respirou.

— Ele parece não saber mais sobre o artefato do que você — disse Zara. — Mas, sem a Espada Mortal, não podemos fazê-lo dizer a verdade. Então temos que recorrer a métodos mais antiquados de lidar com mentirosos e traidores. — Ela traçou o cabo de Cortana com os dedos amorosos. — Eu tenho certeza que você sabe o que quero dizer.

— Jaime — disse Diego novamente. O teto era baixo demais para ele se levantar; ele se arrastou pelo chão até o irmão, puxando Jaime contra ele.

Jaime, semiconsciente, recostou-se no ombro dele, com os olhos quase fechados. Suas roupas estavam rasgadas e molhadas de sangue. Diego sentiu um medo frio em seu coração: *Que feridas estavam por baixo?*

— *Hola, hermano* — Jaime sussurrou.

— Durante suas discussões com o Inquisidor sobre a localização do artefato, seu irmão ficou superexcitado. Ele precisava ser subjugado.

— Agora Zara sorria. — Os guardas acidentalmente, digamos, o feriram. Seria uma pena se seus ferimentos fossem infectados ou se ele morresse porque não tinha atendimento médico adequado.

— Dê-me uma estela — sibilou Diego. Ele nunca odiou mais ninguém do que odiou Zara naquele momento. — Ele precisa de um *iratze*.

— Dê-me o artefato — disse Zara. — E ele pode ter um.

Diego não disse nada. Não fazia ideia de onde estava a *Eternidad*, a herança que Jaime sofrera tanto para proteger. Ele segurou seu irmão mais apertado, seus lábios pressionados juntos. Ele não imploraria a Zara por misericórdia.

— Não? Como você quiser. Talvez quando seu irmão estiver gritando com febre, você se sinta diferente. Chame por mim, Diego querido, se você mudar de ideia.

***

Manuel entrou na sala do trono, sorrindo, Oban nos calcanhares.

Manuel não pôde impedir o sorriso; como ele às vezes dizia às pessoas, era apenas a expressão natural de seu rosto. Era verdade que ele também gostava de caos, e agora, havia caos em abundância para agradá-lo.

A sala do trono parecia carbonizada, as paredes de pedra e o chão manchados de cinza negra. O lugar cheirava a sangue e enxofre.

Corpos de soldados estavam espalhados no chão, um coberto por uma tapeçaria de aparência cara. Na parede oposta, o portal encolhido mostrava uma praia à noite, sob uma lua vermelha.

Oban estalou a língua, que Manuel aprendera ser o equivalente das fadas a soltar um assobio baixo.

— O que aconteceu aqui? Parece o resultado de uma das minhas festas mais famosas.

Manuel cutucou o monte coberto de tapeçaria com o dedo do pé.

— E os campos do lado de fora estão cheios de Seelie em fuga, agora que a Rainha se foi — prosseguiu Oban. — Manuel, eu exijo uma explicação. Onde está o meu pai?

Winter, o sombrio líder dos Capuzes Vermelhos, aproximou-se deles.

Ele estava coberto de sangue e cinzas.

— Príncipe — disse ele. — Seu pai está aqui.

Ele indicou o monte que Manuel estava cutucando com o dedo do pé.

Manuel se inclinou e puxou a tapeçaria de volta. A coisa embaixo não parecia humana, ou feérica, ou como se tivesse vivido alguma vez.

Era o contorno enegrecido e desmoronado de um homem em cinzas, o rosto um rito. Algo brilhou em sua garganta.

Manuel se ajoelhou para pegá-lo. Um frasco de vidro gravado de líquido escarlate. *Interessante*. Ele colocou no bolso do paletó.

— O que é isso? — perguntou Oban. Por um momento, Manuel sentiu uma pontada de preocupação por Oban ter escolhido se interessar por algo importante. Felizmente, não era esse o caso — Oban tinha visto um reluzente colar de elfo entre os restos mortais de seu pai. Ele se inclinou para pegar a coisa brilhante, deixando-a balançar entre os dedos. — Kieran? — ele disse incrédulo. — *Kieran* matou nosso pai?

— Isso importa? — disse Manuel em voz baixa. — O velho está morto. São boas notícias.

De fato. O Rei anterior tinha sido um aliado desconfortável, se alguém pudesse chamá-lo de aliado. Embora a Tropa o tivesse ajudado a espalhar a praga em Idris e isso o tivesse agradado, ele nunca confiara neles nem se interessara por seus planos maiores.

Nem os avisara de sua intenção de tomar o Volume Negro, um acontecimento que irritara muito Horace.

Oban seria diferente. Ele confiaria naqueles que o colocaram no poder.

Ele era um tolo.

— Isso poderia dar a Kieran o direito de reivindicar o trono, se isso fosse conhecido — disse Oban, seu rosto bonito e sombrio escurecendo. — Quem viu o Rei morto? E os companheiros Nephilim de Kieran?

— Meus soldados viram, mas eles não vão falar — disse Winter quando Oban se mudou para o trono. A coroa do rei descansou em seu assento, brilhando fracamente. — O Príncipe Kieran fugiu com a maioria dos Nephilim para o mundo humano.

O rosto de Oban se apertou.

— Onde ele pode se gabar de matar nosso pai?

— Eu não acho que ele vai fazer isso — disse o general. Um olhar de alívio cruzou o rosto de Oban. Ele tendia a responder como massa a qualquer autoridade, pensou Manuel. — Ele parece amar muito aqueles Nephilim com quem ele fez amizade, e eles a ele. Eu não acho que ele quer o trono, ou os colocaria em perigo.

— Vamos ficar de olho — disse Oban. — Onde está Adaon?

— Adaon foi feito prisioneiro pela Rainha Seelie.

— Adaon foi feito prisioneiro? — perguntou Oban, e quando Winter assentiu, ele riu e caiu no assento do trono. — E o filho da Rainha, o pirralho?

— Foi com a bruxa morta-viva, através do Portal — disse o general. — Não parece provável que eles vão sobreviver por muito tempo.

— Bem, o reino não pode continuar sem um governante. Parece que meu destino me encontrou. — Oban entregou a coroa a Winter. — Coroe-me.

Com a morte do Rei, o Portal estava desaparecendo. Agora era do tamanho de uma vigia em um barco. Através do pequeno círculo, Manuel podia ver uma cidade morta, torres arruinadas e estradas quebradas. Algo estava no chão perto do Portal, entre os sinais de uma briga. Manuel parou para pegá-lo; era uma jaqueta de jeans sangrenta.

Ele franziu a testa, virando-a nas mãos. Era uma jaqueta pequena, uma garota, cortada e ensanguentada, com uma manga parcialmente queimada. Ele enfiou os dedos no bolso do paletó e retirou um anel estampado com borboletas.

Fairchild.

Manuel retornou a Oban no momento em que Winter colocou a coroa na cabeça do príncipe, parecendo extremamente desconfortável.

Manuel sacudiu a jaqueta na direção de Winter.

— Você disse que a maioria dos Nephilins retornou ao mundo humano. O que aconteceu com a garota que usava isso? A menina e o menino, os prisioneiros dos Nephilim?

— Eles passaram pelo Portal. — Winter gesticulou em direção a ele.

— Eles são tão bons quanto mortos. Aquela terra é venenosa, especialmente para aqueles como eles. — Ele se afastou de Oban. — Você é o Rei agora, senhor.

Oban tocou a coroa em sua cabeça e riu.

— Traga vinho, Winter! Estou ressecado! Esvazie as adegas! As mais belas donzelas e jovens da corte, tragam para mim! Hoje é um grande dia!

Manuel sorriu para a jaqueta ensanguentada.

— Sim. Hoje é de fato um dia para a celebração.

PARTE DOIS

Thule



Sonhei e não era propriamente um sonho
O sol se apagara, as estrelas
vagavam opacas no espaço eterno..
A Terra, gélida e cega,
oscilava obscura no firmamento sem luar;
Lampejos abriam as trevas, mas o dia não retornava.
Apavorados, os seres humanos abandonavam suas paixões.
Naquela devastação e percorridos por calafrios, desunidos corações,
em uma egoísta prece pela luz.

—Lord Byron, “Escuridão”

17
EM UMA CIDADE ESTRANHA

NÃO ERA UM DESERTO. Era uma praia.

A escuridão do Portal tinha sido como nada que Julian já tivesse experimentado antes. Sem luz, som ou movimento, apenas o estômago tendo a sensação de ter caído no poço de um elevador.

Quando o mundo Finalmente retornou, era uma explosão silenciosa correndo em sua direção. Renascendo em som e movimento, ele bateu no chão duro, areia pulverizando ao seu redor.

Ele rolou para o lado, coração batendo forte. Ele havia perdido a mão de Emma em algum lugar na escuridão, mas lá estava ela, debatendo-se de joelhos ao lado dele. Suas roupas de fada estavam rasgadas e manchadas de sangue, mas ela parecia ilesa.

Uma dor ofegante passou por ele, aguda como uma flecha. Ele levou um momento para reconhecê-la como alívio.

Emma estava se levantando, se afastando. Julian se levantou vertiginosamente; eles estavam em uma praia grande e familiar à noite, pontilhada de formações rochosas meio erodidas. A costa íngreme ergueu-se atrás deles, escadas de madeira bambas torcendo baixando os rostos para conectar a estrada acima com a areia.

A música estava tocando, alta e dissonante. O extremo da praia era aglomerado de pessoas, nenhum dos quais parecia ter notado sua abrupta chegada. Era uma multidão peculiar – uma mistura de humanos, vampiros e até algumas fadas pontilhadas aqui e ali, vestidas de preto e metal. Julian piscou mas não conseguia distinguir detalhes.

Emma tocou a runa da Visão Noturna em seu próprio braço e franziu a testa para ele.

— Minhas runas não estão funcionando — Ela sussurrou. — O

mesmo que na Terra das Fadas.

Julian balançou a cabeça como se dissesse: *não sei o que está acontecendo.* Ele começou quando algo afiado picou o seu lado – olhando

para baixo, ele percebeu que seu telefone tinha sido esmagado em pedaços. Pedaços irregulares de plástico presos em sua pele. Ele deixou cair o telefone estremecendo. – não teria uso para ninguém agora.

Ele olhou ao redor. O céu estava fortemente nublado, e uma lua vermelho-sangue lançou um brilho sombrio na areia.

— Eu conheço esta praia — disse ele. As formações rochosas eram familiares, a curva da linha da costa, a forma das ondas embora a cor da água do oceano fosse como tinta preta, e onde elas quebravam contra o litoral deixavam bordas de renda.

Emma tocou seu ombro.

— Julian? Nós precisamos fazer um plano.

Ela estava cinza de cansaço, sombras borradas sob seus profundos olhos castanhos. Seus cabelos dourados caíam em grossos emaranhados ao redor de seus ombros. Emoção explodiu dentro de Julian. Dor, amor, pânico, pesar e saudade derramaram-se por ele como sangue de uma ferida cujas suturas se rasgaram.

Ele cambaleou para longe de Emma e se encolheu contra uma rocha, seu estômago arfando violentamente enquanto se esvaziava de bile amarga. Quando seu corpo parou de ter espasmos, ele limpou a boca, esfregou as mãos com areia e voltou para onde Emma havia subido parcialmente em uma das formações rochosas. Pilhas de mar, eles eram chamadas, ou algo parecido.

Ele cerrou as mãos. Suas emoções agitaram como uma maré de furacões, pressionando o interior de seu crânio, e em resposta sua mente parecia estar correndo por todo lugar, pegando aleatoriamente informações e jogando-as como bloqueios de estrada.

Foco, ele disse a si mesmo, e mordeu o lábio até que a dor clareou sua cabeça. Ele podia provar o sangue.

Emma estava na metade do caminho do mar, olhando para o sul.

— Isso é muito, muito estranho.

— Estranho como? — Ele ficou surpreso com o quão normal ele soava. Na distância, duas figuras passaram. Ambos os vampiros, uma menina com longos cabelos castanhos. Ambos acenaram para ele casualmente. O que diabos estava acontecendo?

Ela pulou para baixo.

— Você está bem? — Ela perguntou, empurrando o cabelo para trás.

— Acho que foi a viagem pelo Portal — ele mentiu. O que quer que estivesse acontecendo com ele, não era isso.

— Olhe para isso. — Emma tinha de alguma forma conseguido segurar seu telefone através de todas as suas dificuldades. Ela passou o dedo para mostrar a Julian a foto que ela tinha tirado da pilha de mar.

Estava escuro, mas ele imediatamente reconheceu a costa, e no distanciar as ruínas do Cais de Santa Mônica. A roda gigante tinha sido derrubada, um pedaço esmagado de metal. Formas escuras giravam no céu acima, elas definitivamente não eram pássaros.

Emma engoliu em seco.

— Aqui é Los Angeles, Julian. Isso é bem perto do Instituto.

— Mas o rei disse que era Thule, ele disse que era um mundo que era venenoso para Nephilim...

Ele parou em horror. No extremo oposto da praia da multidão, duas longas colunas de figuras humanas estavam marchando em formação militar. Quando se aproximaram, Julian viu um lampejo de equipamento escarlate.

Ele e Emma mergulharam atrás da formação rochosa mais próxima, pressionando-os contra ela. Eles podiam ver os manifestantes se aproximando. Uma multidão no outro lado da praia também começou a se mover na direção deles, e a música havia desaparecido.

Havia apenas o som das ondas quebrando, o vento e os pés marchando.

— Crepusculares — Emma respirou quando eles se aproximaram. Durante a Guerra Maligna, Sebastian Morgenstern havia sequestrado centenas de Caçadores de Sombras e os controlava usando sua própria versão do Cálice Mortal. Eles foram chamados de Crepusculares, e foram reconhecidos pelo uniforme escarlate que eles usavam.

O pai de Julian tinha sido um deles, até que Julian o matou. Ele ainda sonhava com isso.

— Mas os Crepusculares estão todos mortos — Disse Julian em um distante e mecânico tom. — Eles morreram quando Sebastian morreu.

— No nosso mundo. — Emma se virou para ele. — Julian, sabemos o que é isso. Nós só não queremos que seja a verdade. Isto é... Thule é uma versão do nosso mundo. Algo deve ter acontecido de maneira diferente no passado aqui, algo que coloca esse mundo em um caminho alternativo. Como Edom.

Julian sabia que ela estava certa; ele sabia desde que reconheceu o píer. Ele empurrou para trás os pensamentos de sua própria família, de seu pai. Ele não conseguia pensar sobre isso agora.

As colunas da marcha dos Crepusculares deram lugar a um grupo de guardas segurando bandeiras, cada uma tinha a insígnia de uma estrela dentro de um círculo.

— Pelo anjo — Emma sussurrou. Ela apertou a mão contra ela boca.

Morgenstern. A estrela da manhã Atrás dos portadores da bandeira caminhava Sebastian.

Ele parecia mais velho do que na última vez que Julian o viu, um adolescente com cabelo como gelo branco, alimentado por ódio e veneno. Ele parecia estar em seus vinte e poucos anos agora, ainda esguio e infantil, mas com um ar mais duro no rosto. As características que eram gentilmente afiadas eram afiadas como vidro agora, e seus olhos negros queimavam. Phaphorphoros, a espada de Morgenstern, estava pendurada em seu ombro em uma bainha trabalhada em um design de estrelas e chamas.

Andando logo atrás dele estava Jace Herondale. Foi um golpe duro e estranho. Eles tinham acabado de sair de Jace, lutando pela ao seu lado na Corte Unseelie, exausto e aborrecido, mas ainda feroz e protetor, este Jace parecia ter a mesma idade que o outro, ele era todo musculoso, seu cabelo dourado desgrenhado, seu rosto tão bonito como sempre. Mas havia uma luz morta, uma luz escura em seus olhos dourados. Uma ferocidade soturna que Julian associava com a Tropa e seu grupo, aqueles que atacavam, em vez daqueles que protegiam.

Atrás deles veio uma mulher com cabelos castanhos acinzentados que Julian reconheceu como Amatis Graymark, a irmã de Luke. Ela tinha sido uma das primeiras e mais ferozes Crepusculares de Sebastian, e isso parecia ser verdade aqui também.

Seu rosto estava profundamente alinhada, sua boca sombria. Ela empurrou um prisioneiro à frente dela, alguém vestido de preto Nephilim, uma tira de lona áspera embrulhada ao redor de sua cabeça, obscurecendo suas características.

— Venha! — Sebastian gritou, e alguma força invisível amplificou sua voz tanto que ela explodiu para cima e para baixo na praia. — Crepusculares, convidados, se reúnam ao redor. Estamos aqui para celebrar a captura e execução de um traidor significativo.

Aquele que se voltou contra a luz da Estrela.

Houve um rugido de excitação. A multidão começou a se reunir em um retângulo solto com Sebastian e seus guardas no extremo sul do mesmo. Julian viu Jace inclinar-se para dizer algo para Sebastian, e Sebastian riu com um fácil camaradagem que causou um arrepio na espinha de Julian. Jace usava um paletó cinza, não um uniforme escarlate... então ele não era um Crepuscular? Seu olhar sacudiu em volta da multidão; além de Amatis, ele reconheceu vários Caçadores de Sombras ele sabia vagamente do Conclave de Los Angeles, ele viu a jovem vampira que tinha acenado para ele antes, rindo e conversando com Anselm Nightshade...

E ele viu Emma.

Era claramente Emma.

Ele teria conhecido Emma em qualquer lugar, em qualquer traje, na escuridão ou na luz. O luar sangrento se derramou sobre ela, sobre seu cabelo; ela usava um vestido vermelho de costa nua, e sua pele era lisa e sem runas. Ela estava conversando com um garoto alto que estava na maior parte na sombra, mas Julian mal olhou para ele: Ele estava olhando para ela, sua Emma, linda e viva e segura e...

Ela riu e alcançou seus braços para cima. O jovem alto enroscou a sua mãos no cabelo de Emma e ela o beijou.

Ele foi acertado com a força de um trem. Ciúme: branco-quente, fervente, venenoso. Era tudo o que Julian podia fazer para ficar atrás da rocha enquanto as mãos do menino se arrastavam pelas costas nuas de Emma.

Ele tremeu com a força de seu sentimento. Emoção o rasgou, ameaçou dominá-lo e deixá-lo de joelhos. Ondas quentes de ciúmes misturadas com desejo desesperado. Essas deveriam ser as mãos dele no cabelo de Emma, em sua pele.

Ele virou a cabeça para o lado, ofegando. Sua camisa estava presa ao seu corpo com suor. Emma, a verdadeira Emma, ainda pressionada contra a rocha ao lado dele olhou para ele com alarme.

— Julian, o que há de errado?

Seu batimento cardíaco já começara a diminuir. *Essa* era sua Emma. A outra era uma farsa, uma imitação.

— Olha — ele sussurrou e gesticulou.

Emma seguiu seu olhar e corou.

— Oh. Aqueles *somos nós*?

Julian olhou ao redor da rocha novamente. Emma e o menino se separaram, e como ele não tinha visto? Foi como olhar para um espelho que te mostrou como você pode parecer daqui a alguns anos. Lá estava ele, cabelo dos Blackthorn e olhos, pulseira de vidro de mar, vestido de vermelho e preto. Julian observou como o outro ele aproximou-se da outra Emma e a beijou novamente.

Definitivamente não foi um primeiro beijo, ou mesmo um segundo beijo. Os dedos do Outro Julian desceram pelas costas da Outra Emma, obviamente deleitando-se com a sensação da sua pele nua. Suas mãos encontraram seus quadris cobertos de cetim e se espalharam sobre eles, puxando seu corpo mais perto; ela levantou uma perna e enganchou-a no quadril, deixando a cabeça cair de volta para que ele pudesse pressionar os lábios em sua garganta.

O Outro Julian era um beijador muito confiante, aparentemente.

— Esse é o pior — disse Emma. — Não só aparentemente somos Crepusculares nesse mundo, como somos enormes exibicionistas.

— Os outros Crepusculares provavelmente não podem nos suportar — disse Julian. — Emma, isso parece recente. Esse mundo não pode ter se separado do nosso há muito tempo...

— Silêncio! — A voz de Sebastian ecoou para todos os lados da praia e da multidão silenciosa. Emma e Julian pararam de se beijar, o que foi um alívio. — Jace, coloque a traidora de joelhos.

Então era uma mulher. Julian assistiu com uma sensação de torção no seu estômago vazio enquanto Jace empurrou a prisioneira de joelhos e começou lentamente a afrouxar sua venda.

— Ash! — Sebastian chamou. — Ash, venha assistir, meu filho, e aprenda!

Julian sentiu Emma congelar em choque ao lado dele. Houve uma agitação entre os guardas, e entre eles apareceu Ash Morgenstern, sua expressão rígida.

Ele havia mudado mais desde a última vez que o viram mais do que Jace ou Sebastian tinha. Ele tinha ido de treze para o que Emma tinha adivinhado, dezessete; ele não era mais um garoto magro, mas um menino à beira de idade adulta, alto e de ombros largos. Seu cabelo branco-loiro havia sido cortado curto e ele não estava vestindo vermelho Crepuscular, apenas uma camisa branca térmica comum e jeans.

Ele ainda tinha a cicatriz em forma de X em sua garganta, no entanto. Era inconfundível mesmo a essa distância.

Ash cruzou os braços sobre o peito.

— Estou aqui, pai — disse ele suavemente, e pareceu a Julian como era peculiar esse menino chamar alguém que parecia cinco anos mais velho do que ele de "pai".

— Este é o Ash do nosso mundo — disse Julian. — Aquele que Annabel trouxe pelo portal.

Emma assentiu.

— Sua cicatriz. Eu vi.

Jace tirou o último dos cobertores longe do rosto da mulher ajoelhada. Emma recuou como se tivesse sido atingida.

Era Maryse Lightwood.

Seu cabelo tinha sido cortado muito curto e seu rosto estava abatido. Ash assistiu inexpressivo enquanto ela olhava ao seu redor em horror silencioso. Uma corrente de prata pendurado em torno de sua garganta; Julian não se lembrava dela tê-lo na Terra das Fadas.

Quantos anos se passaram para ele aqui entre sua fuga para o Portal e a chegada de Emma e Julian em Thule?

— Maryse Lightwood — disse Sebastian, andando em um círculo lento em torno dela. Emma não se moveu ou fez um som desde sua hesitação inicial. Julian perguntou se ela estivesse se lembrando de Maryse em seu mundo, sofrendo ao lado da pira do ex-marido, mas cercada por seus filhos e netos Emma deve estar se perguntando sobre seus próprios pais, ele percebeu com um choque.

Imaginando se eles estavam vivos neste mundo. Mas ela não disse uma palavra.

— Você é acusada de ajudar e auxiliar os rebeldes contra a causa da Estrela Caída. Agora, sabemos que você fez isso, então não estamos fazendo um teste, porque somos contra aqueles de qualquer maneira. Mas você, você cometeu a maior traição de todos.

Você tentou romper o vínculo entre dois irmãos. Jace e eu somos irmãos. Você não é sua mãe. A única família que ele tem sou eu.

— Oh meu Deus — sussurrou Emma. — Esse é o vínculo estranho que eles tinham quando Sebastian possuiu Jace, lembra?

Então, *isso* aconteceu nesse mundo...

— Eu matei minha própria mãe, Lilith, por Jace — disse Sebastian. — Agora ele vai matar sua mãe por mim.

Jace desembainhou a espada em sua cintura. Tinha uma lâmina prateada longa e perversa que brilhava vermelha ao luar. Julian pensou novamente no Jace em seu mundo: rindo, brincando, animado. Parecia algo mais do que posse estava funcionando aqui.

Jace estava morto por dentro.

Os lábios de Sebastian estavam com os cantos curvados; ele estava sorrindo, mas não era um sorriso muito humano.

— Alguma última palavra, Maryse?

Maryse virou-se de modo que ela estava olhando para Jace. As linhas tensas de seu rosto parecia relaxar, e por um momento, Julian viu John Carstairs olhando para Emma, ou sua própria mãe olhando para ele, essa mistura de amor pelo o que é e tristeza pelo que não pode ser mantido.

— Você se lembra, Jace? — Ela disse. — Essa música eu costumava cantar para você quando você era um menino. — Ela começou a cantar, sua voz alta e vacilante.

À la claire fontaine m'en promete allant J'ai trouvé l'eau si belle que je m'y suis baigné.

Il y a longtemps que je t'aime, jamais je ne t'oublierai.

Julian só sabia o suficiente em francês para traduzir algumas palavras. e *u tenho amado você por muito tempo. Nunca te esquecerei*.

— *Il y a longtemps que je t'aime* — Maryse cantou, sua voz subindo, tremendo a nota mais alta...

Ash estava segurando seus cotovelos com força. Ele virou a cabeça de lado, apenas em o momento em que Jace trouxe a espada para baixo, cortando a cabeça de Maryse de seu corpo. Osso branco, sangue vermelho; seu corpo caiu na areia, sua cabeça rolando para se deitar de bruços, olhos abertos. Ela ainda parecia estar olhando para Jace.

O sangue havia espirrado no rosto de Ash, em sua camisa. A multidão estava batendo palmas e torcendo. Jace se inclinou para limpar a espada na areia enquanto Sebastian passeava para Ash, seu sorriso se transformando em desumano para outra coisa. Alguma coisa possessiva.

— Espero que tenha sido uma experiência de aprendizado — disse ele a Ash.

— Eu aprendi a não usar branco para uma execução — Disse Ash, escovando a mão na frente da camisa dele; deixando manchas vermelhas para trás. — Útil.

— Quando tivermos os Instrumentos Mortais na mão, você verá muito mais morte, Ash. — Sebastian riu e mais uma vez levantou a voz. — Hora da alimentação — ele anunciou, e as palavras tocaram na praia. Houve um grito dentro da cabeça de Julian, arranhando para sair; ele olhou para Emma e viu o mesmo grito nos olhos dela. Talvez pertencesse a ambos.

Ela agarrou seu pulso com força suficiente para moer os pequenos ossos.

— Temos de ir. Temos que nos afastar.

Suas palavras caíram umas sobre as outras; Julian nem teve tempo para concordar. Quando os vampiros se aproximaram do corpo de Maryse, correram costa abaixo. A noite foi preenchida com uma cacofonia de gritos e uivos e o ar carregava o tom acobreado de sangue. Emma estava sussurrando: " *Não, não, não",* sob sua respiração, mesmo quando ela bateu no fundo de uma escadaria de madeira frágil e trancou-a em uma corrida agachada.. Julian seguiu, fazendo o seu melhor para não olhar de volta.

As escadas tremeram sob os pés, mas seguraram; o topo da costa estava à vista. Emma chegou ao final das escadas e gritou quando ela sumiu de vista.

A visão de Julian ficou branca. Ele não tinha consciência de escalar o resto do passos; ele estava simplesmente no topo dos penhascos. Estrada familiar, filas de carros estacionados, areia e grama sob os pés... e havia Emma, sendo segurada no aperto de um garoto alto e ruivo cujo rosto familiar deu um soco no intestino de Julian.

— Cameron? — Julian disse, incrédulo. — Cameron Ashdown?

Cameron parecia ter cerca de dezenove ou vinte. Seu cabelo vermelho grosso foi cortado em corte militar. Ele era magro, vestindo uma camiseta bege e calças camufladas, O cinto de Sam Browne pendurado diagonalmente por cima do ombro. Houve uma estocada de pistola através dele.

Seu rosto se contorceu em desgosto.

— Vocês dois juntos. Eu poderia ter adivinhado.

Julian deu um passo à frente.

— Deixe-a ir, seu pedaço Crepuscular de...

Os olhos de Cameron se arregalaram com surpresa quase cômica, e Emma levou vantagem do momento de chutar para trás de forma selvagem, torcendo o corpo para entregar vários socos rápidos ao seu lado. Ela se afastou dele enquanto ele silenciava, mas ele já tinha tirado a pistola do coldre.

Ele apontou para os dois. Caçadores de Sombras não usavam armas, mas Julian poderia dizer apenas pelo jeito que ele segurou que este Cameron Ashdown os conhecia bem.

Se Cameron atirasse, Julian pensou, talvez houvesse tempo para ele jogar se na frente de Emma. Ele pegaria a bala, mesmo que ele odiasse a ideia de deixar ela aqui sozinha... Cameron levantou a voz.

— Livia! — ele chamou. — Você vai querer ver isto.

O peito de Julian se transformou em gelo. Ele imaginou que ele ainda estava respirando, ele devia estar ou ele morreria, mas ele não podia sentir, não podia sentir o sangue em seu corpo ou o pulso de sua respiração ou a batida de seu coração. Ele só a viu, aparecendo entre dois carros: ela caminhou em direção a eles casualmente, seu longo escuro cabelos Blackthorns soprando ao vento do mar.

Livvy.

Ela parecia ter dezessete anos. Ela usava calças de couro preto com um cinto com munição pendurada ao redor de sua cintura e um top cinza com buracos sobre uma camisa de malha. Suas botas eram de sola grossa com uma dúzia de fivelas. Em seus pulsos havia pulseiras de lona com argola em D com facas de arremesso curtas enfiadas sob as alças. Uma cicatriz – uma de muitas – atravessava o rosto dela, do topo da têmpora esquerda, do outro lado o olho até o meio da bochecha dela. Ela carregava uma espingarda, enquanto andava em direção a eles, ela levantou-a sem esforço e apontou diretamente para Julian.

— São eles – disse Cameron. — Não sei o que eles estão fazendo longe dos outros Crepusculares.

— Quem se importa? – disse Livvy. — Eu vou matá-los, e eles me agradeceriam por isso se eles ainda tivessem almas.

Julian levantou as mãos. Alegria em vê-la incontrolável e vertiginosa guerreou com pânico.

— Livvy, *somos nós*...

— Nem *tente* – Ela cuspiu. Ela bombeou a espingarda habilmente. — Eu diria a você para rezar, mas o Anjo está morto.

— Olha... — Emma começou, e Livvy começou a balançar a arma na direção dela; Julian deu um passo em direção a sua irmã e, em seguida, Cameron, que Julian quase esquecido estava lá, disse: — *Espere*.

Livvy congelou.

— É melhor que seja bom, Cam.

Cameron apontou para Julian.

— Seu colarinho está rasgado — ele balançou a cabeça impacientemente. — Mostre a ela — disse ele a Julian.

— *Sua runa* — Sussurrou Emma, e Julian, percepção explodindo brilhantemente por trás de seus olhos, puxou a gola para baixo para mostrar a runa de Livvy em seu peito. Embora as runas temporárias de Julian – Visão Noturna, Furtividade, Golpe Claro – estivessem ficando cinza desde que eles entraram na Terra das Fadas, sua runa *parabatai* estava preto e claro.

Livvy congelou.

— Os Crepusculares não podem suportar runas Nephilim — disse Julian. — Você sabe disso, Livvy.

— Eu sei que você acha que somos Emma e Julian, a versão Crepuscular — disse Emma — Mas nós os vimos. Eles estão na praia. — Ela apontou. — É sério, *olha*.

Um lampejo de dúvida cruzou o rosto de Livvy.

— Cameron. Vá procurar.

Cameron foi até a borda dos penhascos e olhou através de um par de binóculos. Julian prendeu a respiração; ele poderia dizer que Emma estava segurando a dela como bem.

— Sim, eles estão lá — disse Cameron após uma longa pausa.

— E eles estão se beijando. Nojento.

— Eles estavam sempre fazendo isso antes de serem Crepusculares — disse Livvy. — Algumas coisas nunca mudam.

Emma levantou a mão esquerda para mostrar sua runa de Clarividência.

— Somos Caçadores de Sombras. Nós conhecemos você, Livvy, e nós amamos você...

— *Pare* — disse Livvy ferozmente. — Tudo bem, talvez você não seja os Crepusculares, mas isso ainda poderia ser algum tipo de mudança demoníaca de forma...

— Estas são runas *angelicais* — disse Julian. — Nós não somos demônios.

— Então *quem são vocês*? — Livvy gritou, e sua voz ecoou com uma horrível desesperança, uma solidão tão escura e sem fundo como um poço. — Quem eu deveria pensar que vocês são?

— Nós ainda somos nós — disse Emma. — Jules e Emma. Nós somos de outro mundo. Um onde Sebastian não está no comando.

Um com runas.

Livvy olhou para ela sem expressão.

— Liv — disse Cameron, abaixando seus binóculos. — A festa na praia está começando a se separar. Eles estarão subindo aqui a qualquer segundo. O que nós fazemos?

Livvy hesitou, mas apenas por um segundo. Julian adivinhou que muito tempo livre para tomar decisões não era um luxo que essa versão de sua irmã tinha.

— Vamos levá-los de volta para o Bradbury — disse ela. — Talvez Diana esteja de volta. Ela viu muito, pode ter alguma idéia do que está acontecendo aqui.

— Diana? Diana Wrayburn? — disse Emma com alívio. — Sim, leve-nos a Diana, *por favor*.

Cameron e Livvy trocaram um olhar de completo desconcerto.

— Tudo bem, tudo bem — disse Livvy finalmente. Ela apontou para um jipe preto Wrangler com vidros escuros estacionados ao longo do lado da estrada. — Entrem no carro, vocês dois, no banco de trás. E nem considere tentar nenhuma gracinha. Eu vou explodir suas cabeças.

*

Livvy estava montando a espingarda, o que significava que ela estava sentada no banco do passageiro com uma espingarda de verdade pendurada no colo dela. Ao lado dela, Cameron dirigiu com uma eficiência afiada que estava totalmente em desacordo com o infeliz, um pouco preguiçoso Cameron que Emma conhecia em seu próprio mundo. Ele navegou no carro sem esforço em volta dos buracos maciços que pegavam o asfalto da estrada da costa do Pacífico como golpes na lateral de um carro velho.

Julian ficou em silêncio, olhando pela janela com um fascínio chocado. Havia pouco para ver, exceto a estrada arruinada varrida por seus faróis, mas a escuridão em si era surpreendente. A ausência de postes de luz, sinais de trânsito e janelas iluminadas ao longo da estrada era chocante por si só, como olhar para um face faltando os olhos.

A luz finalmente evoluiu das trevas quando chegaram ao fim do rodovia, onde um túnel conectou-os à rodovia 10. À direita deles estava o Santa Monica Pier, o cais familiar agora em ruínas, como se um gigante tivesse o destruído com um machado. Pedaços de madeira e concreto caíram e se romperam na água. Apenas o velho carrossel estava intocado. Foi iluminado, música atonal derramando de seus alto-falantes. Agarrados às costas dos pôneis pintados à moda antiga havia formas sombrias e inumanas, suas risadinhas no ar noturno. Os rostos dos pôneis pareciam estar torcidos e atormentados, máscaras de gritos.

Emma olhou para longe, feliz quando o carro entrou no túnel, cortando a vista do carrossel.

— O píer é um dos primeiros lugares que as feras infernais tomaram conta — Cameron disse, olhando para o banco de trás. — Quem saberia que os demônios gostavam de parques de diversão?

Emma limpou a garganta.

— Loucos por Pretzels?

Cameron riu secamente.

— A mesma velha Emma. Sarcástica em face da adversidade.

Livvy lançou um olhar penetrante para ele.

— Eu acho que não devemos perguntar sobre a Disneylândia — disse Julian em uma voz monótona.

Julian provavelmente não esperava que Cameron e Livvy rissem, mas o caminho ambos ficaram tensos sugeriu que algo realmente terrível tinha acontecido na Disneylândia. Emma decidiu não prosseguir.

Havia questões maiores.

— Quando tudo isso aconteceu? — ela disse.

— Logo após a Guerra Maligna — disse Livvy. — Quando Sebastian ganhou.

— Então ele ainda atacou todos os Institutos? — Perguntou Emma. Ela não queria pensar sobre isso, não queria cortejar nem a pequena possibilidade de que ela os pais podem estar vivos neste mundo, mas ela não pode ajudar a captura da esperança na voz dela.

— de Los Angeles também?

— Sim — disse Livvy. Sua voz era plana. — Seus pais foram mortos. Nosso pai virou Crepuscular.

Emma se encolheu. Ela sabia que não havia esperança real, mas ainda doía. E Julian deve ter se perguntado sobre seu pai, ela sabia. Ela queria

alcançar uma mão para ele, mas a memória do Julian sem emoção da semana passada segurou-a de volta.

— No nosso mundo, essas coisas também aconteceram — disse Julian, depois de uma longa pausa. — Mas nós vencemos a guerra.

— Sebastian morreu — disse Emma. — Clary matou ele.

— Clary Fairchild? — Perguntou Cameron. Sua voz estava cheia de dúvidas. — Ela foi assassinada pelo demônio Lilith na Batalha de Burren.

— Não — disse Emma teimosamente. — Clary e seus amigos ganharam na batalha de Burren. Há pinturas deles. Ela resgatou Jace com a espada Gloriosa e eles rastrearam Sebastian em Edom; ele nunca ganhou...

Livvy bateu as unhas curtas no cano de sua arma.

— Boa história. assim você está dizendo que você veio de um lugar onde Sebastian está morto, demônios não estão vagando pelas ruas, e os Caçadores de Sombras ainda têm poder angelical?

— Sim — disse Emma.

Livvy se virou para olhá-la. A cicatriz que atravessou o olho dela era uma raiva vermelho no luar escarlate. — Bem, se é tão bom lá, o que você está fazendo aqui?

— Não foi uma viagem planejada. Nem tudo em nosso mundo é perfeito — Emma disse. — Longe disso, realmente.

Ela olhou para Julian e, para sua surpresa, encontrou-o olhando para ela, combinando o olhar dela com o dele. Um eco do seu antigo sua antiga comunicação instantânea explodiu — *Devemos dizer a Livvy que ela está morta em nosso mundo?*

Emma sacudiu a cabeça ligeiramente. Livvy não acreditou neles sobre nada ainda. Essa informação não ajudaria.

— Tenho que sair — disse Cameron. Havia algumas luzes aqui, iluminando manchas de rodovia, e Emma podia ver as ocasionais iluminação pontilhando a planície plana da cidade além. Não parecia nada como Los Angeles à noite, no entanto. As cadeias de diamantes de luz branca tinham ido, substituídas por manchas irregulares de brilho. Um fogo queimava em algum lugar em uma colina distante.

Na frente deles, uma enorme rachadura dividia a estrada, como se alguém tivesse cortado ordenadamente pelo concreto. Cameron se afastou da fenda, tomando a rampa de saída mais próxima. Ele diminuiu os faróis quando eles chegaram às ruas, e cruzou a uma velocidade lenta através de um bairro residencial.

Era uma rua normal de Los Angeles, ladeada por casas de um nível. A maioria deles foram tapados, as cortinas puxadas, apenas pequenos vislumbres de luz visíveis dentro. Muitas estavam completamente escuras, e algumas deles mostravam sinais de entrada forçada – portas arrancadas nas dobradiças, manchas de sangue manchando o branco paredes de estuque. Ao longo da calçada foram alguns carros abandonados com suas portas ainda abertas como se as pessoas que os possuíssem tivessem sido levado embora enquanto tentando fazer uma pausa para isso.

Os mais tristes de todos eram os sinais de que as crianças tinham vivido aqui: um dilacerado trepa-trepa, um triciclo dobrado no meio de uma entrada de automóveis. Um conjunto de balanços fantasmagórico empurrados pela brisa.

Uma curva na estrada apareceu na frente deles. Enquanto Cameron virava o carro, os faróis deram uma visão estranha. Uma família – dois pais e duas crianças, um menino e uma menina – estavam sentadas em uma mesa de piquenique no gramado. Eles estavam comendo em silêncio de pratos de carne grelhada, salada de repolho e salada de batata. Eles estavam todos mortalmente pálidos.

Emma se virou para olhar enquanto se afastavam.

— O que está acontecendo com eles?

— Forsworn — disse Livvy, curvando o lábio com desgosto. — Eles são mundanos que são leais a Sebastian. Ele dirige os Institutos agora e protege os mundanos que juram lealdade a ele. Metade dos mundanos restantes no mundo são Forsworn.

— E a outra metade? — perguntou Julian.

— Rebeldes. Lutadores da liberdade. Você pode ser um ou outro.

— Vocês são rebeldes? — Disse Emma Cameron riu e olhou com carinho para Livvy. — Livia não é apenas um rebelde. Ela é a rebelde mais fodona de todos.

Ele acariciou a parte de trás do pescoço de Livvy gentilmente.

Emma esperava que a cabeça de Julian não explodisse imediatamente. Livvy claramente não tinha mais quinze anos, mas ela ainda era a irmãzinha de Julian, mais ou menos. Apressadamente, Emma disse: — Caçadores de Sombras e mundanos estão unidos como uma rebelião? E os Submundanos?

— Não há mais Caçadores de Sombras — disse Livvy. Ela levantou a mão direita. Não havia runa de Clarividência. Se Emma apertasse os olhos,

ela pensou, ela podia vislumbrar a leve cicatriz onde antes estivera: uma sombra de uma sombra. — O poder do Anjo está quebrado. Estelas não funcionam, runas desaparecem como fantasmas. Sebastian Morgenstern foi de Instituto para Instituto e matou todos que não prometeram sua lealdade a ele. Ele abriu o mundo para demônios e eles salgaram a terra com seus venenos e quebraram as torres de vidro. Idris foi invadida e a Cidadela Adamantina foi destruída. Magia Angelical não funciona. Magia demoníaca é a única mágica que existe. — Ela apertou as mãos na espingarda. — A maioria das pessoas que já foram Caçadores de Sombras são Crepusculares agora.

Um mundo sem Caçadores de Sombras. Um mundo sem anjos.

Eles tinham saído por trás do bairro residencial e estavam rolando no que Emma adivinhado pode ser Sunset Boulevard. Foi difícil dizer sem as placas de rua. Havia outros carros na estrada, finalmente, e até uma ligeira desaceleração no tráfico. Emma olhou para o lado e viu um pálido vampiro atrás da roda de um Subaru na pista seguinte.

Ele olhou para ela e piscou.

— Estamos chegando a um ponto de verificação — disse Cameron.

— Vamos lidar com isso — disse Livvy. — Não fale.

O carro desacelerou para um rastro; à frente Emma podia ver barreiras listradas. A maioria dos prédios ao longo da avenida eram conchas arruinadas. Eles haviam se aproximado de um cujas paredes em ruínas circundavam um pátio quase intacto que claramente fora o saguão de um prédio de escritórios. Demônios se agrupavam em todos os lugares: em pilhas de móveis derrubados, escalando o estilhaço paredes, alimentando-se de calhas metálicas de material pegajoso escuro que poderia ser sangue. No centro da sala havia um poste com uma mulher de vestido branco amarrado a ele, sangue escoando através de seu vestido. Sua cabeça pendeu para o lado como se ela tivesse desmaiado.

Emma começou a desabotoar o cinto de segurança.

— Nós temos que fazer alguma coisa.

— Não! — Livvy disse bruscamente. — Você será morta e nos matará também. Nós não pode mais proteger o mundo assim.

— Eu não tenho medo — disse Emma.

Livvy lançou-lhe um olhar de raiva.

— Você deveria ter.

— Posto de checagem — retrucou Cameron, e o carro disparou para a frente e parou nas barreiras. Cam abaixou a janela do lado do motorista, e Emma quase pulou de seu assento enquanto um demônio sem olhos com uma cabeça enrugada como uma velha uva-passa encostou no carro. Ele usava um uniforme cinza de colarinho alto e, embora não tivesse nariz nem olhos, tinha uma boca que se estendia pelo rosto.

— Credenciais — Sibilou.

Cameron puxou a manga e estendeu a mão esquerda, mostrando sua pulso. Emma vislumbrou uma marca em seu pulso interno, acima do ponto de seu pulso, enquanto o demônio expulsou uma língua cinzenta e rouca que parecia um longo verme morto e lambeu o pulso de Cameron.

Por favor, Emma pensou, *não me deixe vomitar na parte de trás do carro. Eu lembro desse carro. Eu dei uns amassos com Cameron na parte de trás deste carro. Oh Deus, esse demônio lambeu seu pulso. O carro inteiro fede como carne demoníaca.*

Algo cobriu a mão dela, algo quente e reconfortante. Ela piscou.

Julian envolveu seus dedos ao redor dos dela. A surpresa a trouxe de volta para si mesma bruscamente.

— Ah, Sr. Ashdown — disse o demônio. — Eu não percebi.

Tenha um agradável noite. — Ele recuou e Cameron acelerou. Eles tinham dirigido por vários bloqueia antes que alguém falasse.

— O que era aquilo com... — Julian começou.

— A língua! Eu sei! — Emma disse. — Que diabos?

— ...o demônio te chamando Sr. Ashdown? — Julian terminou.

— Minha família é da família Forsworn, fiel à Estrela Caída — Disse Cam brevemente. — Eles dirigem o Instituto aqui para Sebastian. Membros da Legião da Estrela estão marcados com tatuagens especiais.

Livvy mostrou-lhes o interior de seu pulso direito, onde um desenho era marcado, uma estrela dentro de um círculo. A mesma insígnia que tinha estado nas bandeiras de Sebastian anteriormente.

— O meu é forjado. É por isso que Cameron está dirigindo — disse Livvy. Ela olhou para ele com carinho irônico. — Sua família não sabe que ele não é fiel à estrela.

— Eu não posso dizer que estou surpresa que Paige e Vanessa se revelaram traidoras — disse Emma, e ela viu Livvy lançar-lhe um olhar estranho. Surpresa que ela sabia quem Paige e Vanessa eram?

Concordância? Emma não tinha certeza.

Eles haviam chegado ao centro de LA, uma área que tinha sido bastante espessa com atividade demoníaca mesmo no mundo normal. Aqui as ruas foram surpreendentemente lotadas. Emma viu vampiros e fadas andando livremente, e até mesmo uma reaproveitada loja de conveniência e publicidade de milk-shakes de sangue na janela. Um grupo de grandes felinos correu e, quando viraram a cabeça, Emma viu que eles tinham os rostos de bebês humanos. Ninguém na calçada deu a eles uma segunda olhada.

— Então, Submundanos — disse Julian. — Como eles se encaixam aqui?

— Você não quer saber — disse Livvy.

— Nós queremos — disse Emma. — Conhecemos bruxos, poderíamos tentar entrar em contato com eles aqui, conseguir ajuda — Feiticeiros? — Livvy retrucou. — Não há feiticeiros. Uma vez que Sebastian abriu o mundo para o inferno, os bruxos começaram a ficar doentes. Alguns morreram e quanto ao resto, sua humanidade se degradou. Eles se transformaram em demônios.

— Em *demônios*? — Emma disse. — Completamente demônios?

— E quanto a Magnus? — Perguntou Julian. — Magnus Bane?

Emma sentiu um calafrio percorrê-la. Até agora eles não tinham perguntado sobre o bem-estar de alguém que eles conheciam. Ela suspeitava que os dois achavam a perspectiva aterrorizante.

— Magnus Bane foi uma das primeiras grandes tragédias — disse Livvy como se ela estavam recitando uma velha história que todos conheciam. — Bane percebeu que ele estava se transformando em um demônio. Ele implorou a seu namorado, Alexander Lightwood, para matá-lo. Alec fez, e então virou a espada em si mesmo. Seus corpos foram encontrados juntos em ruínas de Nova York.

Julian ficou mais branco que papel. Emma abaixou a cabeça, sentindo ela poderia desmaiar.

Magnus e Alec, que sempre foram um símbolo de tudo que era bom, terrivelmente desaparecidos.

— Então, isso é feiticeiros — disse Livvy. — O Reino das Fadas é aliado de Sebastian e principalmente eles vivem nos seus reinos protegidos, embora alguns gostem de visitar nosso mundo, fazer um pouco de travessura. Você sabe.

— Eu não acho que sei — disse Julian. — Os reinos do Reino das Fadas estão protegidos?

— As fadas eram aliadas de Sebastian durante a Guerra Maligna — disse Livvy. — Eles perderam muitos guerreiros. A própria rainha Seelie foi morta. Sebastian recompensou-os depois da guerra, dando-lhes o que eles queriam, isolamento. Entradas para o Reino das Fadas estão cercadas neste mundo, e qualquer humano ou mesmo Crepuscular que ameace uma das poucas fadas restantes em Thule é severamente punidos.

— A Rainha Seelie nunca teve uma… uma criança? — Perguntou Julian.

— Ela morreu sem filhos — disse Livvy. — O Rei Unseelie uniu ambas as Cortes e reina sobre tudo lá agora. Seu herdeiro é o príncipe Erec, ou pelo menos foi o que ouvimos pela última vez. Não são muitas notícias que saem de lá.

Então não havia um segundo Ash neste mundo, pensou Emma.

Provavelmente bom desde que um Ash parecia mais do que suficiente.

— Quanto aos lobisomens, as matilhas estão todas espalhadas — disse Cameron. — Você tem alguns lobos solitários, alguns que jogaram sua sorte com Sebastian, alguns são rebeldes conosco, a maioria foi morta. Os vampiros estão um pouco melhores porque os demônios não gostam de comê-los tanto, eles já estão mortos — Há alguns covis de vampiros que se juntaram a Sebastian — disse Livvy — Eles o adoram e acreditam que quando comerem a todos em Thule, ele os levará a um mundo de mais pessoas com mais sangue — Raphael Santiago diz que eles são idiotas, e quando todas as pessoas se forem, eles vão morrer de fome — disse Cameron.

— Raphael Santiago ainda está vivo? Em nosso mundo ele está morto — disse Julian.

— Bem, um ponto para Thule — disse Livvy com um sorriso torto. — Quando chegamos ao prédio que você verá...

Ela parou quando um humano veio saindo de um beco. Um adolescente imundo e magro ao ponto da fome, cabelo pendurado em tufos emaranhados. As roupas dele estavam sujas, uma mochila esfarrapada pendurada em um braço.

Livvy ficou tensa.

— Humano não jurado, disse ela. — Demônios podem caçá-los por esporte. Cam...

— Livvy, não deveríamos — disse Cameron.

— Encoste! — Livvy retrucou. Cameron pisou no freio, jogando todos eles para a frente; Julian estava de pé e fora do seu lugar, jogando o braço

para fora pegar Livvy pelo ombro e impedi-la de bater a cabeça.

Ela lançou-lhe um olhar assustado. Então ela estava sacudindo-o e descendo a janela, inclinando-se para gritar para o menino.

— Por aqui!

O garoto mudou de rumo e correu na direção deles. Atrás dele, algo apareceu na boca do beco. Algo que parecia como se fosse feito de sombras e asas negras esfarrapadas. Mergulhou em direção a ele a uma velocidade incrível e Livvy praguejou.

— Ele não vai conseguir.

— Ele pode — disse Cameron. — Dez dólares.

— Que diabos? — disse Emma. Ela pegou o maçaneta da porta e empurrou-a abrindo — Julian agarrou-a pela manga de sua túnica, puxando-a de volta... e a sombra irregular estava no garoto como um falcão de rato. Ele deu um grito aterrorizado quando o agarrou, e ambos dispararam para o ar, desaparecendo no céu cinza.

Cam bateu no acelerador; alguns transeuntes olhavam para eles. Emma foi respirando com dificuldade. Mundanos não deveriam ser mortos por demônios. Caçadores de Sombras deveriam ser capazes de ajudar. Mas não havia Caçadores de Sombras aqui.

— Você me deve quatro mil dólares, Cam — disse Livvy sem emoção.

— Sim — disse Cameron. — Eu vou pagar você assim que o sistema de banco internacional for restabelecido.

— E a nossa família? — Julian disse abruptamente. Ele soltou a manga de Emma; ela quase esqueceu que ele estava segurando ela.

— Algum deles está aqui, Lívia?

A boca de Livvy se achatou em uma linha tensa.

— Eu ainda não estou convencida de que você é Julian — disse ela. — E minha família é da minha conta.

Eles se viraram abruptamente para fora da rua, e por um momento Emma pensou que eles eram famosos no centro de Bradbury Building, surpreendentemente ainda de pé. No que parecia ser o último minuto, uma folha de tijolos e arenito se ergueu e eles entraram em um espaço escuro e cavernoso... Uma garagem.

Eles saíram do carro e Cameron foi conversar com um menina em calças camo e um top preto que estava virando uma manivela de metal que deslizou a porta da garagem fechada. Era uma laje maciça de tijolo e metal operado por um conjunto de engrenagens habilmente articulado.

— Temos nosso próprio gerador aqui — disse Livvy. — E nós fazemos um monte de coisas a mão. Nós não precisamos dos Forsworn nos seguindo pelo nosso uso de eletricidade. — ela jogou a espingarda de volta no carro. — Vamos.

Eles a seguiram até uma porta que dava para uma entrada espaçosa. Era claro eles estavam dentro de um grande prédio de escritórios. As paredes eram de tijolos e mármore, piso de azulejos, e acima dela, ela podia ver um labirinto intrincado de passarelas de metal escadarias e o brilho de ferro velho.

Livvy estreitou os olhos para os dois.

— Tudo bem — ela disse lentamente.

— Tudo bem, o que? — Disse Emma.

— Vocês acabaram de passar por um corredor cujas paredes estavam cheias de sal, ouro e ferro frio — disse Livvy. — Um velho milionário louco construiu este lugar. Ele acredita em fantasmas e ele encheu o prédio com tudo o que é feito para repelir o sobrenatural.

Algumas delas ainda funcionam.

A porta atrás deles bateu. Cameron retornou.

— Divya diz que Diana não está de volta ainda —- disse ele. — Você quer que eu leve esses dois no andar de cima para esperar?

— Sim. — Livvy esfregou as costas da mão em sua testa cansadamente. — Eles chegaram aqui. Talvez eles sejam inofensivos.

— Você quer dizer que talvez eu seja realmente seu irmão — disse Julian.

As costas de Livvy ficaram rígidas.

— Eu não disse isso. — Ela apontou para Cameron. — Leve-os a um dos quartos novos. Certifique-se de que há guardas no andar.

Sem outra palavra, ela se virou e foi embora, indo para um dos as escadas de ferro. Julian exalou bruscamente, olhando para ela.

Emma não conseguiu ajudar; Seu coração doeu em sua expressão.

Ele parecia como se estivesse sendo esmagado de dentro para fora.

A imagem dele embalando o corpo de sua irmã enquanto ela sangrava no Hall do Conselho subiu como um pesadelo atrás de seus olhos.

Ela alcançou Livvy na escada; Livvy se virou para ela e cicatrizes em seu rosto cortaram Emma novamente como se ela pudesse sentir a dor de telas — Sério? — disse Livvy. — O que você quer?

— Vamos lá, Livvy — disse Emma, e Livvy ergueu as sobrancelhas.

— Você sabe que é realmente Julian. Em seu coração, você sabe. No carro ele tentou te proteger de bater a cabeça, assim como ele sempre fez; ele não pode se ajudar. Ninguém pode fingir isso.

Livvy ficou tensa.

— Você não entende. Eu não posso...

— Tome isso. — Emma enfiou o telefone nas mãos de Livvy.

Livvy olhou para ele como se ela nunca tivesse visto um iPhone antes. Então ela balançou a cabeça.

— Você pode se surpreender ao ouvir isso, mas nós realmente não temos muito sinal de celular por aqui — disse ela.

— Fofo — disse Emma. — Eu quero que você olhe para as fotos. — Ela apontou para o telefone com um dedo tremendo. — Fotos dos últimos cinco anos. Olha, aqui está Dru. — Ela ouviu Livvy respirar fundo. — E Mark na praia, e aqui está o casamento de Helen e Aline. E Ty, no mês passado... — Livvy fez um barulho meio abafado. — Ty está vivo em seu mundo?

Emma congelou.

— Sim — ela sussurrou. — Sim, claro que ele está.

Livvy apertou a mão no telefone. Ela se virou e subiu as escadas, suas botas batendo contra o quadro de ferro. Mas não antes de Emma ver que os olhos dela estavam brilhando de lágrimas.

18
Inferno Crescente

ENQUANTO JULIAN E EMMA SEGUIAM Cameron pelo Saguão de Bradbury, eles passaram por vários outros grupos de rebeldes de Livvy. Era assim que Julian os estava chamando em sua mente, de qualquer maneira. Estas eram pessoas de Livvy; ela era claramente importante aqui. Ele sentiu-se orgulhoso dela ao mesmo tempo em que sentiu outras milhares de emoções rasgando-o — alegria, desespero, horror, medo, tristeza, amor e esperança. Elas golpearam-no como o mar na maré alta.

E anseio também. Um anseio por Emma que parecia como facas em seu sangue. Quando ela falava, ele não conseguia parar de olhar para sua boca, o modo como o lábio superior dela se curvava como um arco perfeitamente feito. Foi por isso que ele implorou a Magnus para desligar seus sentimentos por ela? Ele não conseguia se lembrar se tinha sido assim antes ou se agora estava pior. Ele estava se afogando.

— Olhe — sussurrou Emma, tocando o braço dele, e sua pele queimava onde ela tocava e, *pare*, ele disse a si mesmo ferozmente.

Pare. — É Maia Roberts e Bat Velasquez.

Grato pela distração, Julian olhou para a garota que era a representante dos lobisomens do Conselho em sua realidade. O

cabelo dela estava amarrado em duas tranças grossas, e ela estava descendo um conjunto de escadas ao lado de um menino bonito e cheio de cicatrizes que Julian reconheceu como seu namorado. Como Livvy, suas roupas pareciam ter sido roubadas de uma loja da marinha do exército. Casacos militares, roupas de camuflagem, botas e cintos de balas.

Havia muitas balas neste mundo. As portas da frente do prédio tinham sido fechadas, as placas estavam cobertas de cimento para segurá-las no lugar. Fileiras de pregos ao lado das portas continham armas de todas as formas e tamanhos; caixas de munição estavam empilhadas no chão. Na parede por perto, alguém escrevera ANJOS

E MINISTROS DA GRAÇA NOS DEFENDAM com tinta vermelha.

Eles seguiram Cameron até outro conjunto de escadas de madeira e ferro. Provavelmente o interior do prédio havia sido deslumbrantemente belo algum dia, quando a luz entrava pelas janelas e o teto de vidro acima. Mesmo agora era impressionante, embora as janelas e o telhado tivessem sido fechados, as paredes de terracota rachadas. Luzes elétricas queimavam em amarelo-sódio, e a rede de escadas e passarelas ficavam pretas ao passarem pela penumbra e ao passarem por guardas rebeldes armados de pistolas.

— Muitas armas — disse Emma, um pouco duvidosa, quando chegaram ao último andar.

— As balas não funcionam em demônios, mas elas ainda derrubam um vampiro ruim ou um Crepuscular — disse Cameron.

Eles estavam passando por uma passarela. Além da balaustrada de ferro do lado esquerdo, havia a escuridão do átrio; a parede da direita estava coberta de portas. — Costumava haver uma filial do LAPD*

neste prédio, você sabe, quando havia polícia. Os demônios os tiraram em minutos, mas deixaram para trás muitas armas.

Ele fez uma pausa.

— Aqui estamos.

Ele abriu uma porta de madeira simples e acendeu a luz. Julian seguiu Emma para o quarto: claramente em algum momento havia sido um escritório, reaproveitado em um quarto. *Quartos dos novatos*, disse Livvy. Havia uma escrivaninha e um guarda-roupa aberto onde estavam penduradas uma coleção variada de roupas. As paredes eram de estuque claro e madeira velha quente, e através de uma porta Julian podia vislumbrar um pequeno banheiro azulejado.

Parecia que alguém tinha tido tempo para tentar fazer o lugar parecer um pouco bonito — uma folha de metal cobria a única janela, mas tinha sido pintada de azul escuro pontilhada com pequenas estrelas amarelas, e havia um cobertor colorido na cama.

— Desculpe a cama não ser maior — disse Cameron. — Nós não temos muitos casais. Também temos preservativos na gaveta do criado mudo.

Ele disse isso com naturalidade. Emma corou. Julian tentou ficar sem expressão.

— Alguém vai trazer um pouco de comida para vocês — acrescentou Cameron. — Há barras energéticas e Gatorade no guarda-roupa, se vocês não puderem esperar. Não tentem sair da sala… há guardas por toda parte.

Ele hesitou na porta.

—E, bem, bem-vindos — acrescentou ele, um pouco desajeitado, e saiu.

Emma não perdeu tempo em invadir o guarda-roupa para procurar as barras de energia, e encontrou um pequeno saco de batatas fritas como um bônus.

— Você quer metade? — ela perguntou, jogando a Julian uma barra e segurando as batatas.

— Não. — Ele sabia que deveria estar faminto. Ele mal conseguia se lembrar da última vez que eles tinham comido. Mas ele realmente se sentia um pouco doente. Ele estava sozinho com Emma agora, e era esmagador.

— Se Ash está aqui, onde está Annabel? — ela disse. — Eles viajaram juntos pelo Portal.

— Ela pode estar em qualquer lugar em Thule — disse Julian.

— Mesmo se ela descobrisse uma maneira de retornar ao nosso mundo, duvido que ela deixaria Ash.

Emma suspirou.

— Falando nisso, acho que devemos falar sobre como tentaremos voltar para casa. Não pode ser impossível. Se pudéssemos entrar no Reino das Fadas de alguma forma, pode ter alguém lá, alguém que possa fazer magia…

— Livvy não disse que as entradas para o Reino das Fadas tinham sido bloqueadas?

— Já passamos pelos muros antes — Emma disse calmamente, e ele sabia que ela estava pensando, assim como ele, nos espinhos ao redor da Torre Unseelie.

— Eu sei.

Julian não conseguia parar de olhar para ela. Ambos estavam imundos, ambos com sangue e fome e exaustos. Mas contra a escuridão e o caos deste mundo, sua Emma brilhava mais do que nunca.

— Por que você está me olhando assim? — ela disse. Ela jogou o saco vazio de batatas em uma lixeira de metal. — Coma sua barra de energia, Julian.

Ele abriu a embalagem, limpando a garganta.

— Eu provavelmente deveria dormir no chão.

Ela parou de andar.

— Se você quiser, — disse ela. — Eu acho que neste mundo nós sempre fomos um casal. Não *parabatais*. Quero dizer, isso faz sentido. Se a Guerra

Maligna não tivesse acontecido como aconteceu, nós nunca teríamos…

— Há quanto tempo ficamos juntos aqui antes de sermos Crepusculares? — disse Julian.

—Talvez Livvy nos diga. Quer dizer, eu sei que ela não é realmente Livvy. Não nossa Livvy. Ela é o que a Livvy poderia ter sido.

— Ela está viva — disse Julian. Ele olhou para sua barra de energia. O pensamento de comê-la o deixava nauseado. — E ela passou pelo inferno. Eu não estava aqui para protegê-la.

Os olhos castanhos de Emma eram escuros e diretos.

— Você se importa?

Ele encontrou seu olhar, e pela primeira vez no que pareceu uma eternidade, ele podia sentir o que ela estava sentindo, como ele tinha sido capaz por tanto tempo. Ele sentiu sua cautela, a dor profunda dela nos ossos, e ele sabia que ele tinha sido o único a machucá-la. Ele a rejeitou várias vezes, afastou-a, disse que não sentia nada.

— Emma.

Sua voz era áspera.

— O feitiço… acabou.

— O quê?

— Quando Livvy e Cameron disseram que não havia magia aqui, eles quiseram dizer exatamente isso. O feitiço que Magnus colocou em mim, não está funcionando aqui. Eu posso sentir as coisas novamente.

Emma apenas ficou olhando.

— Você quer dizer que sente coisas por mim?

— Sim.

Quando ela não se mexeu, Julian deu um passo à frente e colocou os braços ao redor dela. Ela ficou tão rígida quanto uma escultura de madeira, os braços ao lado do corpo. Foi como abraçar uma estátua.

— Eu sinto tudo — ele disse desesperadamente. — Eu sinto como eu sentia antes.

Ela se afastou dele.

— Bem, talvez eu não.

— Emma…

Ele não se moveu em direção a ela. Ela merecia seu espaço.

Ela merecia o que quisesse. Ela deveria ter represado tantas palavras enquanto ele esteve sob o feitiço, palavras que teriam sido completamente

inúteis dizer ao seu eu sem emoção. Ele só podia imaginar o controle que deveria ter tomado.

— O que você quer dizer?

— Você me machucou — disse Emma. — Você me machucou muito.

Ela deu um suspiro trêmulo.

— Eu sei que você fez isso por causa de um feitiço, mas você colocou esse feitiço em você mesmo sem pensar em como isso afetaria a mim ou a sua família ou o seu papel como um Caçador de Sombras. E eu odeio te contar tudo isso agora, porque nós estamos nesse lugar terrível e você acabou de descobrir que sua irmã está viva, mais ou menos, e ela parece uma espécie de Mad Max, o que é legal, na verdade, mas esse é o único lugar em que eu posso lhe dizer isso, porque quando chegarmos em casa… se algum dia chegarmos em casa… você não se importará.

Ela fez uma pausa, respirando como se estivesse correndo.

— OK. Certo. Estou indo tomar um banho. Se você pensar em me seguir até o banheiro para conversar, eu vou atirar em você.

— Você não tem uma arma — apontou Julian.

Não foi uma coisa útil para se dizer — Emma entrou no banheiro e bateu a porta atrás dela. Um momento depois, ouvia-se o som de água corrente.

Julian se afundou na cama. Depois de ter sua alma envolvida em algodão por tanto tempo, a nova crueza da emoção era como um fio de navalha cortando seu coração toda vez que se expandia com a respiração.

Mas não era apenas dor. Havia a corrente luminosa de alegria por estar vendo Livvy, ouvindo sua voz. Orgulho em ver Emma brilhando como fogo no Ártico, como as luzes do norte.

Uma voz pareceu soar em sua cabeça, clara como um sino; era a voz da Rainha Seelie.

Alguma vez você já se perguntou como atraímos mortais para viver entre fadas e nos servir, Filho dos Espinhos? Escolhemos aqueles que perderam algo e prometemos aquilo que os humanos desejam acima de tudo, uma cessação à sua dor e sofrimento. Mal sabem eles que uma vez que eles entram em nossas terras, eles estão na gaiola e nunca mais sentirão felicidade.

Você está nessa gaiola, garoto.

A Rainha era enganadora, mas às vezes, ela estava certa. O

luto poderia ser como um lobo rasgando suas entranhas, e você faria qualquer coisa para fazê-lo parar. Ele lembrou-se de seu desespero

enquanto se olhava no espelho em Alicante e sabia que havia perdido Livvy e logo também perderia Emma. Ele tinha ido até Magnus como um homem naufragado lutando contra uma rocha solitária, sabendo que ele poderia morrer no dia seguinte de calor ou sede, mas desesperado para escapar da tempestade.

E, então, a tempestade se foi. Ele estivera no olho do furacão, a tempestade ao seu redor, mas ele saíra intocado. Pareceu uma cessação ao sofrimento. Só agora ele reconhecera o que ele não podia ver antes: que ele estava passando pela vida com um buraco negro no centro dele, um espaço como o vazio entre os Portais.

Mesmo nos momentos em que uma emoção era tão forte que parecia perfurar o véu, ele a sentira como se ela fosse incolor, como se estivesse por trás de um vidro… Ty no topo da pira de Livvy, Emma quando os espinhos da torre rasgaram-na. Ele podia vê-la agora, tudo preto e branco, as únicas manchas de cor onde o sangue tinha sido desenhado.

Houve uma batida na porta. A garganta de Julian estava apertada demais para ele falar, mas ele não parecia se importar: Cameron Ashdown entrou de qualquer maneira, carregando uma pilha de roupas. Ele as jogou no armário, voltou para o corredor e voltou com uma caixa de comida enlatada, pasta de dente, sabão e outros itens básicos. Deixando cair sobre a mesa, ele rolou os ombros para trás com um suspiro exagerado.

— Jeans e camisas de gola alta, luvas e botas. Se você for para fora, cubra o máximo que puder para esconder suas runas. Há corretivo também, se você quiser ficar chique. Precisa de mais alguma coisa?

Julian deu-lhe um longo olhar.

— Sim — ele disse finalmente. — Na verdade, sim.

Cameron tinha acabado de sair resmungando quando Julian ouviu a água no banheiro desligar. Um momento depois, Emma apareceu envolta em uma toalha, as bochechas rosadas e brilhantes.

Ela sempre se pareceu assim? Cores tão intensas, o ouro do cabelo dela, Marcas negras contra a pele pálida, o castanho suave dos seus olhos…

— Sinto muito — disse ele enquanto ela pegava as roupas na cama. Ela congelou. — Estou apenas começando a entender como sinto muito.

Ela entrou no banheiro e saiu um instante depois vestida com calças pretas e uma blusa verde. As Marcas permanentes entrelaçando seus braços pareciam duras e surpreendentes, um lembrete de que ninguém mais as tinha ali.

— Quem quer que tenha olhado nossos tamanhos superestimou meus atributos — ela disse, afivelando o cinto. — O sutiã que eles me deram é enorme. Eu poderia usá-lo como um chapéu.

Cameron voltou a entrar sem bater de novo.

— Consegui o que você pediu — disse ele, e jogou uma pilha de lápis e um bloco de desenho de papel canson no colo de Julian. — Tenho que admitir, essa é a primeira vez. A maioria dos novatos pede chocolate.

— Você tem chocolate? — disse Emma.

—Não — disse Cameron, e saiu do quarto. Emma o observou ir com uma expressão confusa. — Eu realmente gosto deste novo Cameron — disse ela. — Quem imaginava que ele poderia ser tão durão? Ele era um cara tão legal, mas…

— Ele sempre teve uma espécie de lado secreto — disse Julian.

Ele se perguntou se havia alguma coisa sobre repentinamente ter suas emoções de volta que significava que ele não queria cobrir as coisas. Talvez ele se arrependesse depois.

— Um tempo atrás, ele se aproximou de Diana, porque ele tinha certeza de que Anselm Nightshade estava assassinando crianças lobisomens. Ele não podia provar, mas ele tinha algumas boas razões para pensar isso. Sua família sempre dizia para ele desistir, que Nightshade tinha amigos poderosos. Então ele trouxe o caso para nós… para o Instituto.

— É por isso que você prendeu Nightshade — disse Emma, percebendo. — Você queria que a Clave fosse capaz de revistar a casa dele.

— Diana me disse que encontraram um porão cheio de ossos — disse Julian. — Ossos de crianças lobisomens, assim como Cameron disse. Eles testaram as coisas no restaurante e havia magia da morte em todo o lugar. Cameron estava certo, e ele enfrentou a sua família à sua maneira. E ele fez isso por Seres do Submundo que ele nem conhecia.

— Você nunca disse nada — disse Emma. — Nem sobre Cameron, ou sobre por que você… por que você realmente prendeu Anselm. Há pessoas que ainda te culpam.

Ele deu-lhe um sorriso triste.

— Às vezes você tem que deixar as pessoas culparem você.

Quando a única outra opção é permitir que coisas ruins aconteçam, não importa o que as pessoas pensam.

Ela não respondeu. Quando ele olhou para ela, ela parecia ter esquecido tudo sobre Cameron e Nightshade. Seus olhos estavam arregalados e

luminosos quando ela estendeu a mão para tocar alguns dos lápis coloridos que rolaram na cama.

— Você pediu materiais de arte? — Ela sussurrou.

Julian olhou para as mãos.

— Todo esse tempo, desde o feitiço, eu tenho andado por aí perdendo todo o centro de mim mesmo, mas a coisa é… eu nem percebi. Não conscientemente. Mas eu senti isso. Eu estava vivendo em preto e branco e agora a cor está de volta.

Ele exalou.

— Estou dizendo tudo errado.

— Não — Emma disse, — acho que entendi. Você quer dizer que a parte de você que sente também é a parte de você que cria as coisas.

— Eles sempre dizem que fadas roubam crianças humanas porque elas não podem fazer arte ou música próprias. Nem bruxos ou vampiros podem. É preciso mortalidade para fazer arte. O

conhecimento da morte, das coisas limitadas. Há fogo dentro de nós, Emma, e à medida que ele arde, nos queima, e a queima provoca dor… mas sem a luz deste fogo, não consigo desenhar.

— Então, desenhe agora — disse ela, com a voz rouca. Ela apertou vários lápis na mão aberta e começou a se virar.

— Sinto muito — ele disse novamente. — Eu não deveria te sobrecarregar— — Você não está me sobrecarregando, — ela disse, ainda de costas. — Você está me lembrando do porquê eu te amo.

As palavras pregaram em seu coração, afiadas com uma alegria dolorosa.

— Você não está perdoado, no entanto, — acrescentou ela, e foi até o guarda-roupa.

Ele a deixou sozinha para vasculhar os pares de meias e sapatos, procurando por algo que pudesse se encaixar. Ele queria falar com ela — conversar com ela para sempre, sobre tudo —, mas isso tinha que ser ao critério dela. Não dele.

Em vez disso, ele colocou o lápis no papel e deixou a imaginação ir, deixou as imagens se erguerem dentro dele e capturarem o prata de Alicante e o verde do Seelie, o preto do Unseelie e o vermelho do sangue. Ele desenhou o Rei em seu trono, pálido e poderoso e infeliz. Ele desenhou Annabel segurando a mão de Ash. Ele desenhou Emma com Cortana, cercada por espinhos. Ele desenhou Drusilla, toda de preto, um assassino com corvos circulando atrás dela.

Ele estava consciente de que Emma se deitara ao lado dele e estava observando-o com uma quieta curiosidade, com a cabeça apoiada no braço. Ela estava meio adormecida, lábios entreabertos, quando a porta se abriu novamente. Julian jogou o caderno para baixo.

— Olha, Cameron…

Mas não foi Cameron. Foi Livvy.

Ela havia tirado o cinto de munição de Sam Browne, mas, de certa forma, parecia igual. À luz mais clara do quarto, Julian podia ver as sombras borradas sob seus olhos.

— Cameron disse que você pediu um bloco de desenho e lápis — disse ela em um quase sussurro.

Julian não se mexeu. Ele meio que sentiu como se qualquer movimento a assustasse, como se ele estivesse tentando atrair uma criatura nervosa da floresta para mais perto.

— Você quer ver?

Julian estendeu o bloco de desenho; ela pegou e folheou, devagar e depois mais rápido. Emma agora estava sentada, segurando um dos travesseiros.

Livvy empurrou o bloco de rascunho de volta para Julian. Ela estava olhando para baixo; ele não podia ver seu rosto, apenas as franjas dos cílios escuros. Ele sentiu uma pontada de desapontamento. *Ela não acredita em mim; as imagens não significavam nada para ela. Eu não sou nada para ela.*

— Ninguém desenha como meu irmão — disse ela, respirando fundo e soltando o ar lentamente. Ela levantou a cabeça e olhou diretamente para Julian com uma espécie de perplexidade que estava meio ferida, meio esperançosa. — Mas você o faz.

— Você se lembra de quando tentei te ensinar a desenhar, quando você tinha nove anos? — Disse Julian. — E você quebrou todos os meus lápis?

Algo quase como um sorriso tocou a borda da boca de Livvy.

Por um momento, ela era a familiar Livvy, apesar das cicatrizes e do couro preto. Um segundo depois, era como se uma máscara tivesse passado pelo rosto dela, e ela fosse uma Lívia diferente, uma líder rebelde, uma guerreira com cicatrizes.

— Você não precisa mais tentar me convencer — disse ela. Ela se virou, seus movimentos precisos e militares. — Terminem de se limpar. Encontro vocês dois no escritório principal em uma hora.

***

— Nós já namoramos neste mundo? — Emma disse. — Você sabe, você e eu.

Cameron quase caiu nos vários degraus de metal. Eles estavam no labirinto de escadas e passarelas que cruzavam o interior do Edifício Bradbury.

— Claro que não!

Emma sentiu uma leve picada. Ela sabia que não era grande coisa, mas, às vezes, você queria se concentrar em algo trivial para tirar sua mente do apocalipse. Cameron, no mundo dela tinha sido quase embaraçosamente devotado, sempre voltando depois que eles terminavam, enviando cartas de amor, flores e tristes fotos de lhama.

— Você estava sempre com Julian — acrescentou Cameron. — Vocês não estão juntos em seu mundo?

— Estou bem aqui — Julian disse no tom enganosamente suave que significava que ele estava irritado.

— Quero dizer, sim — disse Emma. — Estamos sempre indo e voltando. Às vezes, indo até demais, às vezes, voltando até demais.

Você e eu namoramos brevemente, isso é tudo.

— Não temos tempo para esse tipo de drama pessoal aqui — disse Cameron. — É difícil se concentrar em sua vida amorosa quando aranhas gigantes estão perseguindo você.

Cameron era bem engraçado aqui, Emma pensou. Se ele tivesse sido tão divertido em seu mundo, o relacionamento deles poderia ter durado mais tempo.

— Quando você diz "gigante" o quão gigante é exatamente? — Ela disse. — Maior do que lixeiras?

— Não os bebês — disse Cameron, e deu-lhes um sorriso horrível. — Aqui estamos… continuem, e não conte para a Livvy que namoramos em seu mundo, porque é estranho.

Eles encontraram Livvy em outro escritório reaproveitado — este claramente um dia tinha sido um sótão, grande e arejado e provavelmente cheio de luz antes que as janelas fossem cobertas.

Tiras de tijolos se alternavam com madeira polida nas paredes e dúzias de rótulos de frutas vintage anunciando maçãs, peras e laranjas da Califórnia estavam penduradas entre as janelas cobertas de tábuas. Um

grupo de quatro poltronas modernas e elegantes formava um quadrado em torno de uma mesa de centro de vidro.

Livvy estava descansando em um dos sofás, bebendo um copo com um líquido marrom escuro.

— Isso não é álcool, é? — Julian parecia chocado. — Você não deveria estar bebendo.

— Você estará bebendo amanhã — disse Livvy, e apontou para uma garrafa de Jack Daniel's na mesa de vidro. — Apenas dizendo.

— Ela acenou com a mão. — Sentem-se.

Eles se acomodaram no sofá em frente a ela. Havia uma lareira na sala também, mas a grade tinha sido fechada com metal há algum tempo. Alguém com senso de humor havia pintado chamas no metal.

Era muito ruim. Emma teria gostado do fogo. Teria sentido isso como algo natural.

Livvy virou o copo nas mãos cheias de cicatrizes.

— Então eu acredito em você — disse ela. — Você é quem diz ser. O que significa que eu sei o que você quer me perguntar.

—Sim — disse Julian. Ele limpou a garganta. — Mark, — disse ele. — Ty? Helen e Dru…

— Mas você também provavelmente quer sair daqui — Livvy interrompeu. — Desde que você acabou aqui por acidente e seu mundo parece um lugar muito melhor.

— Temos que sair — disse Emma. — Há pessoas em nosso mundo que podem ser feridas ou até mesmo mortas se não voltarmos…

— Mas queremos levá-la conosco — disse Julian. Emma sabia que ele ia dizer isso; eles não discutiram, mas nunca foi uma pergunta. É claro que Julian gostaria que Livvy voltasse com eles.

Livvy deu um longo e lento aceno de cabeça.

— Certo — disse ela. — Você tem um motivo para pensar que há alguma maneira de voltar? Viagens interdimensionais não são exatamente fáceis.

— Nós apenas começamos a discutir isso — disse Emma. — Mas vamos pensar em algo. — Ela falou com mais confiança do que se sentia.

Livvy levantou a mão.

— Se há alguma chance de vocês saírem, tem certeza de que quer saber o que aconteceu… com todos aqui? Porque eu desejo, todos os dias, não saber.

Sem tirar os olhos de Livvy, Julian disse: — O que eu desejo é que eu pudesse estar aqui para você.

O olhar de Livvy estava distante.

— Você esteve, eu acho. Vocês dois. — Ela puxou os joelhos para baixo dela. — Vocês salvaram nossas vidas quando se sacrificaram para nos tirar de Manhattan no dia em que caiu.

Emma estremeceu.

— Nova Iorque? Por que estávamos em Nova Iorque?

— A Batalha do Burren foi quando tudo deu errado — disse Livvy. — Clary estava lá, Alec e Isabelle Lightwood, Magnus Bane… e Helen e Aline, é claro. Eles estavam ganhando. Jace estava sob o domínio de Sebastian, mas Clary estava empunhando a Gloriosa, a espada do Anjo do Paraíso. Ela estava prestes a libertá-lo quando Lilith apareceu. Ela lançou a espada no Inferno e matou Clary. Helen e os outros tiveram a sorte de escapar com vida.

"Essa foi a grande vitória de Sebastian. Depois disso, ele juntou forças com o Povo das Fadas. Eles invadiram Alicante enquanto nos escondíamos no Salão dos Acordos. Os Caçadores de Sombras lutaram — nosso pai lutou —, mas Sebastian era poderoso demais.

Como Alicante estava cedendo, um grupo de feiticeiros abriu um Portal para as crianças. Apenas pessoas menores de quinze anos.

Nós tivemos que deixar Helen e Mark para trás. Dru estava gritando quando eles a arrancaram dos braços de Helen e nos levaram através do Portal para Manhattan.

"Catarina Loss e Magnus Bane montaram um abrigo temporário lá. A guerra se alastrou em Idris. Nós recebemos uma mensagem de Helen. Mark tinha sido levado pelo Povo das Fadas. Ela não sabia o que eles fizeram com ele. Eu ainda não sei. Espero que ele esteja no Reino das Fadas e seja verde e brilhante e ele tenha se esquecido de todos nós".

—Ele não esqueceu — disse Julian em voz baixa. — Mark não se esqueceu.

Livvy apenas piscou, rápido, como se seus olhos ardessem.

— Helen e Aline continuaram lutando. Às vezes recebíamos uma mensagem de fogo delas. Ouvimos que estranhas manchas cinzentas começaram a aparecer na Floresta de Brocelind. Eles os chamavam de "praga". Eles se revelaram portais para demônios.

— Portais para demônios? — Exigiu Emma, sentando-se em linha reta, mas Livvy foi pega em sua história, virando seu copo repetidamente em suas mãos tão rápido que Emma ficou surpresa por não ter começado a faiscar.

— Demônios invadiram Idris. O Povo das Fadas e os Crepusculares expulsaram os Caçadores de Sombras de Alicante, e os demônios acabaram com eles. Estávamos em Nova York quando descobrimos que Idris havia caído. Todos queriam saber os nomes dos mortos, mas não havia informação. Não conseguimos descobrir o que aconteceu com Helen e Aline, se elas sobreviveram ou se tornaram Crepusculares… nós não sabíamos.

"Sabíamos que não estaríamos seguros por muito tempo.

Sebastian não se importava em guardar segredos do mundo humano.

Ele queria queimar tudo. Demônios começaram a aparecer em todos os lugares, correndo soltos, matando humanos nas ruas. A praga se espalhou, aparecendo em todo o mundo. Ele envenenava tudo o que tocava e os feiticeiros começaram a adoecer.

"Depois de dois meses, o abrigo foi destruído. As ruas estavam cheias de monstros e os feiticeiros estavam ficando cada vez mais doentes e doentes. Quanto mais poderosos eles eram, e mais magia eles usavam, mais rápido eles ficavam doentes e era mais provável que eles se transformassem em demônios. Catarina fugiu para não machucar ninguém. Você ouviu o que aconteceu com Alec e Magnus.

O abrigo desmoronou e as crianças se espalharam pelas ruas".

Ela olhou para Julian.

— Era inverno. Não tínhamos para onde ir. Mas você nos manteve juntos. Você disse, a todo custo, para ficamos juntos. Nós sobrevivemos porque estávamos juntos. Nós *nunca* abandonamos uns ao outros.

Julian pigarreou.

— Isso parece certo.

Os olhos de Livvy estavam fixados nele.

— Antes de partir, Catarina Loss organizou um monte de trens para levar as crianças dos Caçadores de Sombras e habitantes do Submundo pelo país. Os demônios estavam se espalhando de leste a oeste, e o boato era de que a Califórnia estava mais limpa. Saímos da estação de White Plains… andamos a noite toda e você levou Tavvy.

Ele estava com tanta fome. Estávamos todos com fome. Você continuou tentando nos dar sua comida, especialmente para Ty.

Chegamos à estação e o último trem foi embora. Foi quando os vimos. Os Crepusculares. Eles vieram até nós em seus trajes vermelhos, como uma chuva de sangue. Eles iam nos matar antes de entrarmos naquele trem.

"Você nem sequer nos deu um beijo de adeus — disse Livvy, com a voz distante. — Você apenas nos empurrou para os trens.

Você gritou para nós continuarmos, disse para eu cuidar dos mais jovens. E vocês foram até os Crepusculares com suas espadas empunhadas. Nós conseguimos vê-los lutando contra eles enquanto o trem saía… só vocês dois e cinquenta Crepusculares, na neve".

Pelo menos perecemos protegendo-os, Emma pensou. Foi um conforto frio.

— E então éramos quatro — disse Livvy, e pegou a garrafa de uísque. — Eu e Ty, Dru e Tavvy. Eu fiz o que você disse. Eu cuidei deles. Os trens avançavam pelo inverno. Nós nos encontramos com Cameron em algum lugar perto de Chicago… todos nós começamos a ir de trem a trem até lá, trocando comida por fósforos, esse tipo de coisa. Cameron disse que deveríamos ir para Los Angeles, que a irmã dele estava lá e ela disse que as coisas estavam bem.

"É claro que, quando chegamos à Union Station, aconteceu que Paige Ashdown tinha se juntado à Legião da Estrela. Eles se autodenominavam assim. Traidores, nós os chamamos. Ela estava lá, com um grande sorriso assassino e sangrento e com uma dúzia de Crepusculares em torno dela. Cameron me deu um empurrão e Ty e eu corremos. Nós estávamos arrastando Dru e Tavvy conosco. Eles estavam chorando e gritando. Eles pensavam que estavam voltando para casa.

"Eu acho que, até então, nós não tínhamos percebido como as coisas estavam ruins.

Demônios caçavam humanos não—

juramentados pelas ruas e não havia nada que pudéssemos fazer.

Nossas Marcas estavam desaparecendo. Nós estávamos ficando mais fracos a cada dia. Runas e lâminas de Serafim não funcionavam. Não tínhamos nada para lutar contra os demônios, então nos escondemos. Como covardes".

— Pelo Anjo, Livvy, você não podia ter feito qualquer outra coisa. Você tinha *dez* anos — Emma disse.

— Ninguém diz “Pelo Anjo” mais.

Livvy se serviu de mais uma dose de Jack Daniel’s e recolocou a garrafa na mesa.

— Pelo menos não estava frio. Eu me lembrei do que você disse, Jules, para cuidar dos mais novos. Ty não é… ele não era…

muito mais novo do que eu, mas ele estava quebrado. Seu coração inteiro estava quebrado quando perdemos você. Ele amava muito você, Jules.

Julian não falou. Ele estava pálido como a neve na história de Livvy. Emma deslizou a mão pelo sofá, tocando seus dedos nos dele.

Eles estavam gelados. Este mundo era a pura essência destilada de seus pesadelos, pensou Emma. Um lugar onde seus irmãos tinham sido arrancados dele, onde ele não podia protegê-los enquanto o mundo caía ao redor deles em escuridão e em chamas.

— Nós dormimos em becos, em casas abandonadas de humanos assassinados — disse Livvy. — Nós buscamos comida nos supermercados. Nós nunca ficamos no mesmo lugar por mais de duas noites. Tavvy gritava para dormir em meus braços todas as noites, mas nós fomos cuidadosos. Eu pensei que nós éramos cuidadosos. Dormimos dentro de círculos de sal e ferro. Eu tentei, mas…

Ela tomou um gole de uísque.

Emma teria engasgado; Livvy parecia ter se acostumado com isso.

— Uma noite estávamos dormindo na rua. Nas ruínas do Bosque. Ainda havia lojas com comida e roupas lá. Eu tinha nos cercados de sal, mas um demônio Shinagami veio de cima… era um borrão rápido com asas e garras como facas. Ele levou Tavvy para longe de mim… nós dois estávamos gritando.

Ela respirou fundo.

— Havia uma fonte ornamental estúpida. Ty pulou para o lado e atacou o Shinagami com uma faca de arremesso. Eu acho que ele bateu, mas sem runas, há apenas… bem, *você não pode machucá-los*. Ele ainda estava segurando Tavvy. Ele acabou virando e, com uma garra, cortou a garganta de Ty-Ty.

Ela não pareceu notar ou se importar que ela o estava chamando pelo nome de bebê dele. Ela estava segurando o copo com força, os olhos vazios e assombrados.

— Meu Ty, ele caiu na fonte e tudo era água e sangue. O

Shinagami foi embora. Tavvy se foi. Eu tirei Ty da fonte, mas ele estava morto em meus braços.

Morto em meus braços. Emma apertou mais a mão de Julian, vendo-o no palco do Conselho, segurando Livvy enquanto a vida e o sangue saíam dela.

— Eu o beijei. Eu disse a ele que o amava. Então, peguei um jarro de gasolina e queimei seu corpo para que os demônios não o encontrassem.

A boca de Livvy se contorceu.

— E, então, éramos apenas Dru e eu.

— Livia…

Julian se inclinou para frente, mas sua irmã levantou a mão como se para afastar o que ele ia dizer em seguida.

— Deixe-me terminar — disse ela. — Eu cheguei até aqui.

Ela tomou outro gole e fechou os olhos.

— Depois disso, Dru parou de falar. Eu disse a ela que iríamos ao Instituto e conseguiríamos ajuda. Ela não disse nada. Eu sabia que não havia ajuda lá. Mas eu pensei que talvez pudéssemos nos juntar à Legião da Estrela… eu não me importava mais. Estávamos andando pela estrada quando um carro parou. Era Cameron.

Ele conseguia ver que estávamos sangrando e morrendo de fome. E que havia apenas dois de nós. Ele não fez perguntas. Ele nos contou sobre esse lugar, o Edifício Bradbury. Ele foi aproveitado na resistência. Era minúsculo, então, mas havia dois ex-Caçadores de Sombras que uma vez caçaram um demônio ali. Eles disseram que era um prédio antigo e forte, cheio de sal e ferro, fácil de ser trancado.

Além disso, por causa do espaço de locação do LAPD, havia um estoque de armas lá.

“Nós nos juntamos aos outros e os ajudamos a entrar. Até Dru ajudou, embora ela ainda não estivesse falando. Nós começamos a reforçar o edifício e espalhar a palavra de que aqueles que resistissem a Sebastian eram bem-vindos aqui. As pessoas vieram de Nova Iorque, do Canadá e do México, de todas as partes. Nós lentamente construímos uma população, fizemos um refúgio para refugiados”.

— Então Dru ainda está…?

Emma começou ansiosamente, mas Livvy continuou.

— Dois anos atrás ela saiu com um grupo de reconhecimento.

Nunca mais voltou. Isso acontece o tempo todo.

— Você procurou por ela? — Julian disse.

Livvy virou um olhar fixo para ele.

— Nós não vamos atrás das pessoas aqui — disse ela. — Nós não fazemos missões de resgate. Elas matam ainda mais pessoas.

Se eu desaparecesse, não esperaria que alguém viesse atrás de mim. Eu espero que eles não sejam tão estúpidos.

Ela colocou o copo na mesa.

— De qualquer forma, agora vocês sabem. Essa é a história.

Eles encararam um ao outro, os três, por um longo momento.

Então Julian se levantou. Ele deu a volta na mesa e levantou Livvy e a abraçou com tanta força que Emma a viu ofegar de surpresa.

Não o afaste, ela pensou *, por favor, não o afaste.*

Livvy não o afastou. Ela fechou os olhos e agarrou Julian. Eles ficaram abraçados por um longo momento como duas pessoas se afogando agarradas ao mesmo bote salva-vidas. Livvy pressionou o rosto contra o ombro de Julian e soltou um soluço seco.

Emma tropeçou em seus próprios pés e se aproximou deles, não a ponto de se inserir no abraço, mas gentilmente acariciando o cabelo de Livvy. Livvy levantou a cabeça do ombro de Julian e ofereceu-lhe um pequeno sorriso.

— Volte com a gente para o nosso mundo — disse Julian. —Ty está vivo lá. Todos estão vivos lá. Nós vamos levá-la conosco. Você pertence lá, não aqui.

Emma esperou por Livvy perguntar sobre seu próprio destino em seu mundo, mas ela não o fez. Em vez disso, afastou-se um pouco de Julian e sacudiu a cabeça… não com raiva, mas com imensa tristeza.

— Há coisas que tenho que fazer aqui, — disse ela. — Não é como se estivéssemos apenas parados aqui esperando morrer.

Estamos *lutando*, Jules.

— Jesus, Livs, — disse ele em uma voz meio quebrada. — É

tão perigoso …

—Eu sei — disse ela, e acariciou o rosto dele levemente, do jeito que ela tinha feito, por vezes, quando era uma menina muito pequena, como se a forma familiar de suas características fosse reconfortante. Então ela se afastou, quebrando o abraço. Ela alisou o cabelo para trás e disse: — Eu não falei sobre os Irmãos do Silêncio.

— Os Irmãos do Silêncio? — Emma ficou intrigada.

— Quando Idris caiu, os Irmãos do Silêncio foram mortos, mas antes de morrer eles selaram a Cidade do Silêncio, com o Cálice Mortal e a Espada Mortal dentro dela. Ninguém pode entrar. Nem mesmo Sebastian. E ele os quer, desesperadamente.

— Por que ele quer os Instrumentos Mortais? — Perguntou Julian.

— Ele tem uma versão do Cálice que controla o Crepusculares — disse Livvy. — Mas ele quer nos dominar. Ele acha que, se conseguir juntar os Instrumentos Mortais, poderá controlar o que resta dos Nephilim… transformar-nos de rebeldes a escravos.

— Sebastian disse algo na praia — Emma recordou. — sobre os Instrumentos Mortais.

— Temos pessoas lá dentro, como Cameron. — Disse Livvy. — O boato é de que Sebastian está chegando perto de descobrir um caminho para a cidade. — Ela hesitou. — Isso seria o fim de todos nós. Tudo o que podemos fazer é esperar que ele não o faça, ou que o progresso seja lento. Nós não podemos pará-lo.

Emma e Julian se entreolharam.

— E se pudéssemos encontrar um feiticeiro? — Emma sugeriu.

— Alguém que poderia *ajudá-la* a entrar na Cidade do Silêncio primeiro?

Livvy hesitou.

— Eu gosto do seu entusiasmo, — disse ela. — mas todos os feiticeiros estão mortos ou são demônios.

— Ouça-me — disse Emma. Ela estava pensando em Cristina, na Corte Unseelie: *Não são as linhas ley. É a praga.* — Você estava falando sobre como os demônios entraram em Idris através de manchas da praga. Nós temos essas manchas em nosso mundo também, embora os demônios ainda não tenham chegando. E nossos feiticeiros também estão ficando doentes… o mais antigo e mais poderoso primeiro. Eles não estão se transformando em demônios…

ainda não, de qualquer forma… mas a doença é a mesma.

— E? — Julian disse.

Ele estava olhando para ela com respeito ponderado. Emma sempre tinha sido elogiada por suas habilidades de luta, mas apenas Julian estava lá para tranquilizá-la de que ela também era inteligente e capaz. Ela percebeu, de repente, o quanto ela sentia falta disso.

— No nosso mundo, há uma feiticeira que é imune à doença — disse Emma. — Tessa Gray. Se ela for imune aqui também, ela pode nos ajudar.

Livvy estava encarando.

— Há rumores sobre a Última Feiticeira, mas eu nunca vi Tessa aqui em Los Angeles. Eu nem sei se ela ainda está viva.

— Eu tenho uma maneira de contatá-la.

Emma levantou a mão.

— Este anel. Talvez funcione aqui. Vale a pena arriscar.

Livvy olhou do anel para Emma. Ela falou devagar.

— Eu me lembro desse anel. Você costumava usá-lo. O Irmão Zachariah deu a você enquanto estávamos em Manhattan, mas se perdeu quando você… quando Emma se perdeu.

Uma faísca de esperança explodiu no coração de Emma.

— Ele me deu no meu mundo também — disse ela. — Poderia funcionar aqui se Tessa ainda tiver o outro.

Livvy não disse nada. Emma tinha a sensação de que há muito tempo ela desistira de acreditar que as coisas valessem a pena.

— Deixe-me tentar — disse Emma, e balançou a mão esquerda contra um dos pilares de concreto. O vidro do anel quebrou, e o metal do anel escureceu, de repente manchado com marcas que se pareciam com ferrugem ou sangue. As pontas que seguraram o vidro desapareceram — o anel era agora apenas uma faixa de metal.

Livvy exalou.

— Magia de verdade — ela disse. — Eu não vejo isso há muito tempo.

— Parece um bom sinal — disse Julian. — Se Tessa ainda estiver aqui, ela pode ter poderes que ainda funcionam.

Parecia uma corda fina, como uma teia de aranha, para aguentar a esperança, Emma pensou. Mas o que mais eles tinham?

Livvy foi até uma das mesas e voltou com o celular de Emma.

— Aqui está — ela disse, um pouco relutante.

— Fique com você se você quiser — disse Emma; ela sabia que Julian estava olhando para ela, as sobrancelhas erguidas em surpresa. — Mesmo…

— A bateria está acabando de qualquer maneira — disse Livvy, mas havia algo mais em sua voz, algo que dizia que doía olhar para as fotos de uma vida que havia sido tirada dela. — Ty cresceu e está tão bonito — acrescentou. — As garotas devem estar todas atrás dele. Ou os garotos —

acrescentou ela com um sorriso de lado que desapareceu rapidamente. — De qualquer forma. Pegue-o.

Emma colocou o telefone no bolso. Enquanto Livvy se virava, Emma pensou ter visto a borda de uma marca negra logo abaixo da gola da camiseta de Livvy. Ela piscou… mas não havia nenhuma Marca aqui?

Parecia um pedaço de uma runa de luto.

Livvy caiu de volta no sofá.

— Bem, não faz sentido esperar aqui — disse ela. — Isso apenas nos deixará tensos. Vocês devem dormir um pouco. Se nada acontecer até amanhã à tarde, podemos nos reagrupar.

Emma e Julian caminharam até a saída. Na porta, Julian hesitou.

— Eu estava pensando — disse ele. — Este lugar é melhor à luz do dia?

Livvy estudava as mãos dela, com seus padrões de cicatrizes.

Ela ergueu os olhos e, por um momento, eles brilharam, o familiar azul dos Blackthorn.

— Espere para ver — ela disse.

***

Os pijamas não pareciam existir em Thule. Depois do banho, Julian se sentou na cama com uma calça de moletom e uma camiseta, olhando para a janela de metal pintada com suas falsas estrelas de prata. Ele estava pensando em Mark. Quando Mark tinha sido um cativo da Caçada Selvagem, ele tinha contado todas as noites os nomes de seus irmãos e irmãs a partir dos pontos de luz acima.

Em Thule você não podia ver as estrelas. O que Livvy fazia?

Como ela se lembrava de todos eles? Ou teria sido menos doloroso tentar esquecê-los? Mark achava que seus irmãos estavam vivos e felizes sem ele. Livvy sabia que eles estavam mortos ou escravizados. Qual era pior?

— Ela não perguntou — disse ele a Emma quando ela saiu do banheiro em sua blusa e em um par de cuecas boxer. — Livvy, ela não perguntou sobre o nosso mundo. Nada mesmo.

Emma afundou na cama ao lado dele. Ela puxou o cabelo para trás em uma trança; ele podia sentir o calor dela e cheirar o sabão em sua pele. Suas entranhas se apertaram.

— Você pode culpá-la? Nosso mundo não é perfeito. Mas não é isso. Não é um mundo com aniversários que ela perdeu, e crescimentos que ela não

conseguiu ver, e o conforto que ela nunca conseguiu ter.

— Ela está viva aqui, no entanto — disse Julian.

— Julian.

Emma tocou seu rosto levemente. Ele queria se inclinar ao toque, mas se conteve com um esforço de enrijecer o corpo.

— Ela está *sobrevivendo* aqui.

—E há uma diferença?

Ela deu-lhe um longo olhar antes de largar a mão e recostar-se nos travesseiros.

— Você sabe que existe.

Ela deitou-se de lado, mechas de cabelos claros escapando de sua trança, ouro contra as almofadas brancas. Seus olhos eram da cor de madeira polida, o corpo curvado como um violino. Julian queria pegar seu bloco de desenho, desenhá-la, do jeito que sempre fazia quando seus sentimentos por ela se tornavam intensos demais. Seu coração explodindo tinta e cores porque ele não podia tansformá-los em palavras.

— Você quer que eu durma no chão? — Ele perguntou. Sua voz estava rouca. Nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Ela balançou a cabeça, ainda olhando para ele com aqueles olhos enormes.

— Eu estava pensando — disse ela. — se a magia dos Caçadores de Sombras se foi aqui… Se as lâminas de serafim não funcionam, ou magia angelical…

— Então nosso laço *parabatai* provavelmente se foi também — ele terminou. — Eu pensei nisso também.

— Mas não podemos ter certeza, — disse ela. — Quero dizer, acho que poderíamos tentar fazer algo, fazer algo acontecer, da mesma forma como queimamos aquela igreja…

— Provavelmente não é uma boa ideia criar um incêndio criminoso.

Julian podia sentir seu coração batendo. Emma estava se inclinando para perto dele. Ele podia ver a curva suave de sua clavícula, o lugar onde sua pele bronzeada ficava mais pálida. Ele arrastou o olhar para longe.

— Poderíamos tentar a outra coisa — disse ela. — Você sabe.

Se beijar.

— Emma…

— Eu sinto quando nos beijamos.

Suas pupilas eram enormes.

— Eu sei que você sente também. O laço.

Era como ter hélio bombeado em seu sangue. Ele se sentiu leve como o ar.

— Você tem certeza? Você absolutamente quer isso?

— Sim.

Ela recostou-se mais nos travesseiros. Ela estava olhando para ele agora, seu queixo teimoso inclinado para cima, os cotovelos na cama. Suas pernas estendidas, longas e gloriosas. Ele deslizou para mais perto dela. Ele podia ver o pulso dela pulsando em sua garganta. Seus lábios se separaram, sua voz baixa: — Eu quero isso.

Ele se moveu sobre ela, não a tocando ainda, seu corpo um sussurro do dela. Ele viu os olhos dela escurecerem. Ela se contorceu sob ele, suas pernas deslizando contra as dele.

— Emma, — ele disse asperamente. — O que aconteceu com aquele sutiã? Você sabe, o enorme?

Ela sorriu.

— Eu estou sem.

O ar na sala pareceu subitamente superaquecido. Julian tentou respirar normalmente, apesar de saber que, se deslizasse as mãos sob o top de Emma, encontraria apenas uma pele macia e curvas nuas.

Mas ela não pediu para ele fazer isso. Ela pediu um beijo. Ele se apoiou sobre ela, uma mão em cada lado da cabeça dela.

Lentamente, ele se abaixou: requintadamente devagar, até que suas bocas estavam a uma polegada de distância. Ele podia sentir seu hálito quente contra seu rosto. Ainda assim, seus corpos mal se tocavam. Ela se moveu, inquieta, sob ele, seus dedos cavando a colcha.

— Beije-me — ela murmurou, e ele se inclinou para roçar os lábios nos dela — apenas uma pincelada, o mais leve dos toques. Ela perseguiu seus lábios com os seus; ele virou o rosto para o lado, traçando o mesmo toque quente e leve ao longo de sua mandíbula, sua bochecha. Quando ele alcançou sua boca novamente, ela estava ofegante, seus olhos semicerrados. Ele puxou o lábio inferior dela em sua boca, passando a língua ao longo dela, traçando a curva, os cantos sensíveis.

Ela engasgou novamente, pressionando as costas mais fundo nas almofadas, seu corpo arqueando. Ele sentiu os seios dela roçarem seu peito, enviando um tiro de calor diretamente para sua virilha. Ele enfiou os dedos no colchão, desejando manter o controle.

Para dar a ela apenas e exatamente o que ela pediu.

Um beijo.

Ele chupou e lambeu o lábio inferior dela, traçando a forma do arco da parte superior. Lambeu ao longo da costura dos dois até que seus lábios se separaram e ele selou sua boca na dela, todo o calor e umidade e o gosto dela, hortelã e chá. Ela colocou as mãos em torno de seus bíceps, arqueando-se contra ele enquanto se beijavam sem parar. Seu corpo era suave e quente; ela estava gemendo em sua boca, arrastando seus calcanhares até as costas de suas panturrilhas, suas mãos deslizando para sua camisa, os dedos enrolando embaixo…

Ela se afastou. Ela estava respirando como se estivesse correndo uma maratona, seus lábios úmidos e rosados de beijos, suas bochechas ardendo.

— Puta m… — Ela começou, então tossiu e corou. — Você tem *praticado*?

—Não — disse Julian. Ele estava orgulhoso de si mesmo por gerenciar uma sílaba inteira. Ele decidiu experimentar uma sentença.

— Eu não tenho praticado.

— Ok — Emma respirou. — Ok. Ninguém está pegando fogo, não há nenhum sinal do laço *parabatai*. Esse é o máximo de teste que farei agora.

Julian rolou cuidadosamente para o lado dela.

— Mas eu ainda posso dormir na cama, certo?

Seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Eu acho que você merece isso, sim.

— Eu posso me arrastar até a beira da cama — ele ofereceu.

— Não force a barra, Julian — disse ela, e rolou contra ele, seu corpo enrolado no dele. Ele colocou os braços timidamente ao redor dela, e ela se aproximou, fechando os olhos.

—Emma? — Ele disse.

Sem resposta.

Ele não podia acreditar. Ela estava dormindo. Respirando suavemente e regularmente, seu pequeno nariz frio pressionou sua clavícula. Ela estava dormindo, e ele sentiu como se todo o seu corpo estivesse queimando. As ondas trêmulas de prazer e desejo que rolaram sobre ele apenas por beijá-la ainda o aturdiam.

Aquilo foi bom. Quase euforicamente bom. E não apenas por causa do que floresceu dentro de suas próprias células, sua própria pele. Tinha sido Emma, os barulhos que ela fez, o jeito que ela o tocou. Não era o vínculo

parabatai, mas era o vínculo deles. Foi o prazer que ele deu a ela, espelhado de volta nele mil vezes. Era tudo que ele não conseguia sentir desde o feitiço.

A voz da Rainha veio, indesejada, como um sino e cheia de malícia: *Você está na gaiola, garoto.*

Ele estremeceu e puxou Emma para si.

* LAPD: Los Angeles Police Department - Departamento de Polícia de Los Angeles.

19
A Jóia Dos Mortos

EMMA SONHOU COM FOGO E trovões, e foi acordada pelo som de madeira lascada. Pelo menos, parecia que a madeira estava se despedaçando. Quando ela se sentou, grogue e confusa, o braço de Julian ainda está em volta da cintura dela, ela percebeu que era alguém batendo muito, muito forte na porta do quarto.

Julian se moveu, gemendo baixinho em seu sono; Emma se soltou e caminhou para abrir a porta, esperando encontrar Cameron ou Livvy.

Era Diana.

A visão dela agia como uma dose de cafeína. Ela estava toda de preto, de suas botas de motociclista pretas para suas calças de couro e jaqueta. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo apertado e encaracolado na parte de trás de sua cabeça. Ela parecia intimidante, mas Emma não se importava muito: ela deu um gritinho e jogou os braços ao redor de Diana, que fez um barulho alto de surpresa.

— E aí, sumida — ela disse. — Como você está?

— Desculpe. — Julian apareceu e gentilmente afastou Emma.

— No nosso mundo, você é nossa tutora.

— Oh, certo. Sua dimensão alternativa. Livvy me contou sobre isso quando eu voltei da minha ida à farmácia. — Diana levantou as sobrancelhas. — Muito bem.

— Você não nos conhece de forma alguma aqui? — Emma perguntou com alguma decepção.

— Não desde que vocês eram crianças. Eu vi vocês no Salão dos Acordos durante a Guerra Maligna, antes de eles mandarem todas as crianças pelo portal. Vocês eram bons lutadores — ela adicionou. — Então, eu ouvi que vocês se tornaram Crepusculares.

Eu não esperava vê-los novamente, a menos que vocês estivessem apontando a ponta de uma arma para mim.

— Bem — Emma disse. — É uma boa surpresa, não?

Diana parecia sombriamente divertida.

— Vamos. Você pode me dizer como eu sou em seu mundo enquanto eu os levo para o saguão.

Eles vestiram roupas — botas, camisas de mangas compridas, jaquetas de bombardeio. Emma se perguntou onde os rebeldes conseguiram seus suprimentos. Sua calça preta parecia que era feita de lona ou algo mais grosso da mesma forma e coçava. As botas eram legais, porém, e ela teve que admitir que gostava da maneira como Julian usava sua camisa desbotada e a calça militar. Eles se agarravam ao seu corpo magro, musculoso, de forma que a fez tentar não pensar na noite anterior.

Quando saíram da sala, Julian tirou uma página do caderno de anotações e enfiou-a no bolso da jaqueta.

— Para dar sorte — ele disse.

Eles se juntaram a Diana no corredor, suas botas batendo ruidosamente na madeira polida.

— Em nosso mundo, — Emma disse, enquanto desciam um lance de escadas, — você está namorando uma fada.

Diana franziu a testa.

— Uma fada? Por que eu estaria namorando um traidor?

— As coisas são um pouco mais complicadas em nosso mundo.

— As coisas são bem complicadas aqui, criança — Diana disse quando chegaram ao andar térreo. — Entrem.

Eles passaram por baixo de um arco de tijolos e entraram em uma sala enorme cheia de móveis que pareciam ter sido arrancados de diferentes escritórios. Havia poltronas modernas de aço e couro e colcha de retalhos vintage e de veludo. Poltronas de algodão e chita, algumas em bom estado e algumas rasgadas; mesas baratas com pernas de metal, colocadas de ponta a ponta para criar uma espécie de efeito de sala de reuniões.

Havia uma multidão na sala: Emma viu Livvy e Cameron, Bat e Maia, e alguns rostos familiares — Divya Joshi e Rayan Maduabuchi, um ou dois dos membros mais antigos do Conclave de Los Angeles.

Eles estavam todos olhando para a parede leste da sala — tijolo comum e arenito, estavam queimando com enormes letras de fogo, alcançando de uma extremidade da parede à outra.

PROCUREM POR CHURCH.

— Vocês entendem isso? — Diana disse. — Ninguém aqui entendeu. As igrejas não estão indo bem neste mundo. Elas são todas desconsagradas e

cheias de demônios.

— Todo mundo está tão quieto — Emma disse, sussurrando a si mesma. — Eles estão assustados?

— Na verdade, não, — disse Diana. — Acho que faz tanto tempo desde que qualquer um de nós viu magia.

Livvy abriu caminho através da multidão em direção a eles, deixando Cameron para trás.

— Isso é de Tessa Gray? — ela exigiu, olhos arregalados, quando os alcançou. — Essa é uma resposta à convocação?

Funcionou?

— Sim — Julian disse. — Tenho certeza de que é exatamente isso. Tessa quer que a encontremos.

— Não é muito confiável — disse Diana. — Ela deve ter algum senso.

— Mas a parte da igreja? — Livvy parecia intrigada. — O que ela quer dizer com *Church*?

— Ela quer dizer um gato — disse Julian.

— E, por favor, não diga que todos os gatos estão mortos — disse Emma. — Não tenho certeza se posso lidar com a morte de felinos em grande escala.

— Gatos, na verdade, se dão bem aqui — disse Diana. — Eles são um pouco demoníacos.

Livvy acenou com as mãos.

— Podemos nos ater aos detalhes? O que você quer dizer com um gato?

— Um gato incomum — disse Julian. — O nome dele é Church.

Ele pertencia a Jem Carstairs, uma vez, e morava conosco no Instituto depois da Guerra Maligna.

— Nós não podemos ir ao Instituto — disse Emma. — Está cheio de Ashdowns do mal.

— Sim, mas Church era um gato migratório… você se lembra — disse Julian. — Ele não morava no Instituto com a gente. Ele caminhava ao redor da praia e parava quando sentia que era necessário. E ele nos guiava para onde ele queria que nós fôssemos.

Se encontrarmos Church… ele pode nos levar a Tessa.

— Tessa e o irmão Zachariah tinham um gato mal-humorado com eles em Nova Iorque, depois da guerra — disse Livvy.

— Eu vou com vocês à praia — disse Diana.

— Isso significa que você terá que atravessar toda a cidade à luz do dia — disse Livvy. — Eu não gosto disso.

— Seria mais seguro ir à noite? — disse Julian.

— Não, seria ainda pior — disse Livvy.

— Hey — disse uma voz suave.

Emma se virou para ver um garoto com cabelos ondulados e pele castanha clara olhando para eles com uma mistura de aborrecimento e… não, era apenas aborrecimento.

— Raphael Santiago? — ela disse.

Ela o reconheceu da Guerra Maligna, de fotos em livros de história sobre seus heróis. Emma sempre pensara que Raphael, que fizera seu famoso sacrifício para salvar a vida de Magnus Bane, tinha um rosto angelical. A coroa de cachos, a cicatriz da cruz na garganta e os olhos arregalados no rosto redondo de criança eram os mesmos.

Ela não esperava a expressão sardônica que cobria tudo isso.

— Eu sei quem você é — disse Emma.

Ele não parecia impressionado.

— Eu sei quem você é também. Vocês são os Crepusculares que sempre fazem uma exibição repugnante de si mesmos. Eu sei que vocês são malvados, mas por que vocês não podem ser mais discretos?

— Esses realmente não somos nós — disse Julian. — Essas são pessoas diferentes.

— Se você diz — disse Raphael. — Este é um plano estúpido e todos vocês vão morrer. Eu vejo que todos os dons do Anjo se foram, exceto o dom Nephilim de não enxergar as coisas mais óbvias. Fora da frigideira demoníaca, de volta à frigideira demoníaca.

— Você está dizendo que não devemos responder a convocação de Tessa? — disse Emma, que estava começando a ficar irritada.

— Raphael está de mau humor, — disse Livvy. Ela bagunçou o cabelo encaracolado de Raphael. — Você não está de mau humor?

— ela murmurou.

Raphael olhou furiosamente para ela. Livvy sorriu.

— Eu não disse se você deveria ou não deveria fazer nada — retrucou Raphael. — Vá em frente e procure por Tessa. Mas você pode querer minha ajuda. Você tem muito mais chances de atravessar a cidade se tiver transporte. Mas minha ajuda não é de graça.

— Irritantemente, tudo o que ele diz é verdade — admitiu Livvy.

— Tudo bem — disse Julian. — O que você quer, vampiro?

— Informações — disse Raphael. — No seu mundo, a minha cidade ainda está de pé? Nova Iorque.

Julian assentiu.

— Eu estou vivo? — Raphael disse.

— Não — disse Emma. Não parecia haver nenhum motivo para omitir a verdade.

Raphael fez uma pausa apenas por um momento.

— Então, quem é o líder do clã de vampiros de Nova Iorque lá?

— disse Raphael.

— Lily Chen — disse Emma.

Raphael sorriu, surpreendendo-a. Era um sorriso real, com verdadeiro carinho. Emma se sentiu amolecer.

— No nosso mundo, você é um herói. Você sacrificou sua vida para que Magnus pudesse viver — disse ela.

Raphael parecia horrorizado.

— Diga-me que você não está falando sobre Magnus Bane. Me diga que você está falando de um Magnus muito mais legal. Eu nunca faria isso. Se eu fizesse isso, nunca iria querer que ninguém falasse sobre o assunto. Eu não posso acreditar que Magnus iria me envergonhar falando sobre isso.

A boca de Julian se contorceu no canto.

— Ele nomeou o filho dele em homenagem a você. Rafael Santiago Lightwood-Bane.

— Isso é revoltante. Então todo mundo sabe? Estou tão envergonhado — disse Raphael. Ele olhou para Diana. — Sob uma lona na garagem estão várias das minhas motos. Tome duas delas.

Não as bata, ou ficarei muito zangado.

— Anotado — disse Diana. — Nós as traremos ao anoitecer.

— Você não deveria estar dormindo, Raphael? — disse Emma, de repente. — Você é um vampiro. É dia.

Raphael sorriu friamente.

— Oh, pequena Caçadora de Sombras, — disse ele. — Espere até ver o sol.

***

Eles encontraram as motos na garagem como Raphael dissera que iriam, e Divya abriu a porta de metal para que pudessem rodar as motocicletas na

rua. Ela fechou rapidamente depois deles e, ao som do tinido e zumbido das engrenagens, Julian olhou para cima e viu o céu.

Seu primeiro pensamento foi que ele deveria entrar na frente de Emma e protegê-la, de alguma forma, das ruínas do sol. O segundo era uma lembrança fragmentada de uma poesia que seu tio lhe ensinara. *Veio e foi-se a manhã – Veio e não trouxe o dia*; O sol era uma brasa vermelho-preto, brilhando contra um banco de nuvens entrecruzadas. Lançava uma luz feia — uma luz marrom-avermelhada, como se estivessem vendo o mundo através da água tingida de sangue. O ar era denso e carregava o gosto de terra e cobre.

Eles estavam no que Julian imaginou ser a West Broadway, a rua estava mais vazia do que na noite anterior. A sombra ocasional que entrava e saía das aberturas entre os prédios e a loja de conveniência que oferecia milk-shakes de sangue estava, surpreendentemente, aberta. Algo estava atrás do balcão, lendo uma revista antiga, mas não tinha a forma de um ser humano.

Lixo explodia na rua quase vazia, carregada pelo vento quente.

Esse tipo de clima, às vezes, chegava a Los Angeles, quando o vento soprava do deserto. Los Angelenos os chamava de "ventos do diabo"

ou "ventos assassinos". Talvez eles viessem o tempo todo em Thule.

— Vocês estão prontos? — disse Diana, jogando uma perna sobre a sua motocicleta e gesticulando para a segunda.

Julian nunca havia andado de moto. Ele estava disposto a ter dificuldades nisso, mas Emma já havia subido. Ela fechou o zíper da jaqueta de couro que tirou do guarda-roupa e esticou o dedo para Julian.

— Mark me mostrou como montar uma dessas — disse ela. — Lembra?

Julian lembrou-se. Ele se lembrava de como ele sentia ciúmes de Mark… Mark, que podia flertar com Emma casualmente. Que poderia beijá-la, abraçá-la, enquanto Julian tinha que tratá-la como uma bomba que explodiria se ele a tocasse. Se eles se tocassem.

Mas não aqui, ele lembrou a si mesmo. Isso poderia ser o inferno, mas eles não eram *parabatai* aqui. Ele se acomodou no banco atrás de Emma e colocou os braços em volta da cintura dela.

Ela tinha uma arma empurrada pelo cinto, assim como ele.

Ela estendeu a mão para roçar os dedos nas mãos entrelaçadas, onde eles descansaram acima do cinto. Ele abaixou a cabeça e beijou a parte de trás do pescoço dela.

Ela estremeceu.

— Chega, pessoal — disse Diana. — Vamos lá.

Ela decolou e Emma deu partida em sua motocicleta, puxando a embreagem enquanto pressionava o botão de partida. O motor acelerou com um barulho alto e eles estavam correndo atrás de Diana pela rua deserta. Diana disparou sua moto em direção a uma colina; Emma se agachou e Julian fez o mesmo.

— Espere — Emma gritou ao vento, e sua moto levantou do chão, dobrando no ar. O chão ficou para trás, e eles estavam subindo, Diana ao lado deles. Julian não pôde deixar de pensar na Caçada Selvagem, em voar pelo ar acima de uma Inglaterra adormecida, percorrendo um caminho de vento e estrelas.

Mas isso era diferente. De cima, eles podiam ver claramente a destruição total da cidade. O céu estava cheio de figuras escuras de rodas — outras motocicletas aerotransportadas e demônios no exterior à luz do dia, protegidos pelo sol opaco e pela espessa cobertura de nuvens. Incêndios queimavam em intervalos, fumaça saindo da Miracle Mile. As ruas ao redor de Beverly Hills tinham sido represadas e inundadas, formando uma espécie de fosso ao redor de Bel Air, e, à medida que se elevavam sobre ele, Julian olhava para a água agitada. Um enorme monstro marinho, medonho e corcunda, caminhava pelo fosso com seus tentáculos. Ele jogou a cabeça para trás e uivou, e Julian vislumbrou uma boca negra, cheia de dentes, como um grande tubarão branco.

Eles voaram sobre Wilshire, que se tornou uma avenida de horrores. Julian vislumbrou um músico humano pendurado em cordas de marionetes feitas de seus próprios nervos e vasos sanguíneos, sendo forçado a tocar um bandolim enquanto gritava em agonia. Um demônio descansava em uma mesa coberta onde xilofones de costelas humanas estavam à venda, outro — uma enorme serpente de um olho — enrolada em uma barraca de "limonada", onde vampiros se aproximavam para pegar uma fatia de limão e uma mordida de um humano gritando e aterrorizado.

Julian fechou os olhos.

Quando os abriu novamente, eles estavam voando para o norte pela estrada junto ao mar. Pelo menos aqui estava quase deserto, embora pudessem ver as ruínas das casas, outrora ricas, que se alinhavam nas margens de Malibu. Estavam cobertas agora com as piscinas vazias ou cheias de água negra. Até o oceano parecia diferente. À luz do dia, a água estava escura e agitada, sem peixes ou algas marinhas para serem vistos.

Ele sentiu Emma ficar tensa. Suas palavras foram arrancadas pelo vento, mas ele pegou o suficiente delas para entender.

— Julian… o *Instituto*. — Ele olhou para o leste. Lá estava o Instituto deles, vidro, pedra e aço, erguendo-se da grama das montanhas de Santa Mônica. Seu coração se agitou com saudade.

Parecia tão familiar, mesmo sob o brilho vermelho-alaranjado do inferno do sol poente.

Mas não… duas bandeiras voaram do teto do Instituto. Um mostrava o símbolo da estrela em círculo de Sebastian, e o outro o brasão da família dos Ashdowns: um freixo cercado de folhas.

Ele ficou feliz quando Emma girou a moto e o Instituto não estava mais à vista.

Diana estava à frente deles, sua motocicleta descendo em direção à praia. Aterrissou com algumas baforadas de areia e se virou para observar quando Emma e Julian se aproximaram dela com considerável menos graça. Eles bateram na areia com força suficiente para fazer com que os dentes de Julian estalassem.

— Ai! — ele disse.

Emma se virou, as bochechas rosadas, o cabelo soprado pelo vento.

— Você acha que poderia fazer melhor?

— Não — disse ele, e beijou sua bochecha.

O rosto dela ficou mais rosado e Diana fez um barulho exasperado.

— Vocês dois são quase tão ruins quanto as versões Crepusculares de vocês mesmos. Agora vamos… temos que esconder essas motos.

Enquanto Julian rolava a motocicleta deles sob um balanço de pedra, ele percebeu que não se importava com a provocação de Diana. Ele não se importava com a provocação de Cameron sobre a cama também. Era tudo um lembrete de que aqui, ele e Emma tinham um relacionamento completamente normal… nada secreto, nada proibido. Nada perigoso.

Era, talvez, a única coisa em Thule que *era* comum, que, neste mundo sem anjos, parecia uma bênção.

— Bem, aqui estamos — disse Diana, uma vez que as motos estavam escondidas. — Procurando por um gato na praia.

— Church geralmente vem até nós — disse Julian, olhando ao redor. — Parece… quase comum aqui.

— Eu não entraria na água — disse Diana sombriamente. — Mas, sim, Sebastian parece gostar da praia. Na maior parte, ele a deixa sozinha e a usa

para cerimônias e execuções. — Emma começou a miar para chamar o gato, estalando em ruídos de gatinho-venha-aqui.

— Não me culpe se você invocar um demônio-gato — disse Diana. Ela se espreguiçou, as articulações dos pulsos estourando audivelmente. — Uma semana para voltar da Cidade do México e, agora, isso acontece dois dias depois de eu chegar em casa, — ela disse, meio para si mesma. — Eu realmente pensei que poderia ter a chance de descansar. Sou uma tola.

Emma se virou.

— Cidade do México? — ela exigiu. — Você sabe se Cristina Mendoza Rosales está bem?

— Cristina Rosales? A Rosa do México? — Diana disse, parecendo surpresa. — Por causa dela, a Cidade do México é uma das poucas fortalezas dos Caçadores de Sombras que restam. Quer dizer, não há magia angelical, mas eles patrulham e mantém os demônios afastados. A família Rosales é uma lenda da resistência.

— Eu sabia, — disse Emma. Ela limpou apressadamente o rosto úmido. — *Eu sabia.*

— Existem outros grupos? Lugares em que as pessoas estão resistindo? — Julian disse.

— Livvy está fazendo o que pode aqui — disse Diana um pouco incisivamente. — Haveria muito mais mortos se não fosse por ela.

Nós ouvimos coisas sobre Jerusalém… Cingapura… Sri Lanka. Ah, e Bangkok, o que não me surpreende. Eu conheço essa cidade muito bem desde que fiz a transição.

Emma pareceu intrigada.

— O que você quer dizer com transição?

— Eu sou transexual — disse Diana intrigada. — Você deveria saber disso se você me conhecesse em seu mundo.

— Certo — disse Julian apressadamente. — Nós simplesmente não sabíamos sobre a coisa de Bangkok.

Diana pareceu ainda mais intrigada.

— Mas quando eu… — Ela se interrompeu. — É o que eu acho que é?

Ela apontou. Sentado em cima de uma pedra próxima havia um gato. Não apenas qualquer gato — um gato persa azul de aparência raivosa com uma cauda agressivamente fofa.

— Church! — Emma pegou-o nos braços e Church fez o que ele costumava fazer. Ele ficou mole.

— Esse gato está morto? — Diana exigiu.

— Não, ele não está — Emma murmurou, e beijou seu rosto peludo. Church hesitou. — Ele só odeia carinho.

Diana sacudiu a cabeça. Ela parecia completamente indiferente por ter lhes dito algo que, em seu mundo, era um segredo que ela guardara. Culpa e aborrecimento consigo mesmo estavam subindo dentro de Julian; ele tentou empurrá-los para baixo. Agora não era a hora, nem seria correto sobrecarregar essa Diana com seus sentimentos.

— Eu adoro você — disse Emma a Church. — Eu adoro você demais.

Church se soltou de suas mãos e miou. Ele andou em direção a Julian, miou de novo e depois virou-se para se afastar pela praia.

— Ele quer que o sigamos — disse Julian, andando atrás de Church. Suas enormes botas traziam dor quando se tratava de andar na areia. Ele ouviu Diana murmurar algo sobre como "se ela quisesse correr atrás de animais dementes, ela teria se oferecido para a patrulha do zoológico", mas ela foi atrás deles de qualquer maneira.

Eles seguiram Church ao longo dos penhascos internos até chegarem a um caminho que levava a um buraco na face do penhasco. Julian sabia bem disso. Quando você cresce na praia, você explora cada pedra, arco, enseada e caverna. Este levava a uma caverna impressionante, mas, vazia, que ele se lembrava corretamente. Ele e Emma uma vez arrastaram uma mesa até lá e fizeram reuniões antes de se cansarem de ter uma sociedade secreta com apenas duas pessoas.

Church subiu até a entrada da caverna e miou alto. Houve um rangido como pedra se afastando e uma figura saiu das sombras.

Era um homem de cabelos escuros, com longas vestes de pergaminho. Suas bochechas estavam marcadas, seus olhos escuros, cheios de sabedoria e tristeza.

— Jem! — Emma gritou, e começou a correr pelo caminho, o rosto brilhando de ansiedade.

Jem levantou a mão. Suas palmas estavam cheias de runas, e Julian ansiava por vê-las — runas, neste lugar sem-terra.

Discernimento. Quietude. Coragem.

E, então, Jem começou a mudar. Diana praguejou e tirou uma pistola do cinto enquanto uma onda passava pelas feições de Jem e as vestes de pergaminho escorregaram para o chão. Seu cabelo se iluminou e caiu, longo e ondulado, no meio das costas; seus olhos ficaram cinzentos e com

longos cílios, sua figura curvada e feminina dentro de um vestido cinza simples.

Diana levantou a pistola.

— Quem é você?

Emma parou no meio do caminho. Ela piscou para conter as lágrimas e disse: — É ela. A Última Feiticeira. Tessa Gray.

***

Tessa tinha decorado o interior da caverna o mais confortavelmente possível. Havia uma pequena lareira cuja fumaça subia por uma chaminé construída nas rochas. O chão de pedra estava limpo e pontilhado de carpetes; havia um pequeno anexo para dormir e várias cadeiras cobertas de almofadas e travesseiros macios. Havia até uma pequena cozinha com um pequeno fogão, uma geladeira funcionando sem estar ligada a nada, uma mesa de madeira já com xícaras e um pão quente e doce.

Percebendo que ela não tinha tomado café da manhã, Emma se perguntou se seria um passo em falso pular no pão e devorá-lo.

Provavelmente.

— Sentem-se e comam — disse Tessa, como se lesse sua mente. Enquanto se acomodavam ao redor da mesa, Church subiu no colo de Emma, rolou de costas e prontamente adormeceu com os pés no ar.

Diana arrancou um pedaço do pão e enfiou-o na boca. Ela fechou os olhos em êxtase.

— Oh. Meu. Deus.

Emma decidiu que era sua deixa. Durante o minuto seguinte, ela trancou o mundo ao seu redor e entrou em um delicioso coma de carboidratos. A última vez que ela comeu comida de verdade estava naquela clareira com Julian, e isso era quente e feito em casa e tinha o sabor da esperança.

Quando ela abriu os olhos, percebeu que Julian ainda não tinha dado uma mordida. Ele estava olhando para Tessa… aquele olhar de Julian que parecia completamente inocente, mas, na verdade, significava que ele estava medindo alguém, avaliando suas fraquezas e decidindo se ele confiava nelas.

Ele estava muito bonito, na verdade. Emma chupou um pedaço de açúcar do polegar e tentou não sorrir para si mesma.

— Você deve estar se perguntando quem somos — disse ele enquanto Tessa servia o chá.

— Não. — Tessa colocou o bule no chão e sentou-se, envolvendo um xale em volta dos ombros. — Eu sei quem vocês são.

Você são Emma Carstairs e Julian Blackthorn, mas não os deste mundo.

— Você já sabia disso? — perguntou Diana, surpresa.

— Eu vejo como um feiticeiro vê — disse Tessa. — Eu sei que eles não pertencem aqui. — Ela indicou Julian e Emma. — E eu vi um pouco de outros mundos… seu mundo, em particular. Está mais perto deste do que gostaríamos de pensar.

— O que você quer dizer? — Julian disse. — Eles parecem muito diferentes para mim.

— Há pontos pacíficos na história, — disse Tessa. — Lugares onde há muito em jogo. Batalhas, tratados de paz, casamentos. Esse tipo de coisas. É aí que os cronogramas provavelmente se dividirão.

Nossos dois cronogramas se dividem na Batalha de Burren. Em seu mundo, o demônio Lilith estava fraco demais para ajudar totalmente Sebastian Morgenstern. Em Thule, outro demônio deu ajuda e força a Lilith. Ela foi capaz de matar Clary Fairchild, e é aí que nossos cronogramas se dividem… apenas sete anos.

— Então é assim que nosso mundo seria sem Clary, — disse Emma, lembrando-se de todas as vezes que ela ouviu pessoas — a maioria homens — dizerem que Clary não era uma heroína, que ela não tinha feito muito para receber aqueles elogios, que ela era egoísta, mesmo sem valor, apenas uma garota que estava nos lugares certos nos momentos certos.

— Sim, — disse Tessa. — Interessante, não é? Eu entendo que, no seu mundo, Jace Herondale é um herói. Aqui ele é um monstro que perde apenas para Sebastian.

— Ele não se importa que Sebastian tenha deixado Lilith matar Clary? — Perguntou Emma. — Mesmo quando Jace estava sendo escravizado por Sebastian em nosso mundo, ele amava Clary.

— Sebastian afirma que a morte de Clary não era o que ele queria — disse Tessa. — Ele diz que ele assassinou Lilith como vingança por ela ter tirado a vida de Clary.

— Não tenho certeza se alguém acredita nisso, mas Jace acredita — disse Diana.

— Ele é o único que o faz — disse Tessa. Ela passou o dedo pela borda da xícara de chá. — Eu devo pedir desculpas por testar você — disse ela abruptamente. — Eu apareci como Jem quando você chegou porque eu sabia que a verdadeira Emma Carstairs teria o maior prazer em vê-lo, enquanto alguém alinhado com Sebastian ficaria horrorizado com a visão de um Irmão do Silêncio.

— Jem…? — Emma sussurrou. Ela sabia o que Livvy dissera, que todos os Irmãos tinham ido embora, mas ainda assim ela tinha esperanças.

Tessa não olhou para cima.

— Ele morreu na tentativa de selar a Cidade do Silêncio. Foi bem-sucedido, mas ele deu sua vida para segurar os Crepusculares de Sebastian, assim como os Irmãos deram sua vida para proteger os Instrumentos Mortais.

— Sinto muito — disse Julian. Emma se lembrou de Tessa e Jem em seu próprio mundo, olhos apenas um para o outro.

Tessa pigarreou.

— Sebastian já tem posse do Espelho Mortal — o Lago Lyn.

Está rodeado de demônios, dez mil fortes. Ninguém pode chegar perto disso.

— Por que ele está guardando o lago tão ferozmente? — disse Emma. — Se ninguém pode chegar a qualquer um dos Instrumentos Mortais…

— Quando os feiticeiros estavam adoecendo, descobrimos que a água do Lago Lyn poderia neutralizar a praga que estava comendo nosso mundo. Nós corremos lá para coletar a água. Mas quando chegamos ao lago, Sebastian o rodeara com incontáveis demônios.

Emma e Julian trocaram um olhar.

— Com a o fim da praga, os feiticeiros teriam sido curados?

— Nós acreditamos que sim — disse Tessa. — Nós tínhamos uma pequena quantidade de água e a usamos para curar a praga ao redor do Labirinto Espiral. Nós até a demos para alguns feiticeiros, misturados com água comum, e eles começaram a melhorar. Mas isso simplesmente não foi suficiente. Os feiticeiros começaram a adoecer novamente. Nós não poderíamos salvá-los.

O coração de Emma bateu mais forte. Se a água do Lago Lyn tivesse neutralizado alguns dos danos aqui em Thule… se isso tivesse ajudado os feiticeiros, mesmo que este mundo estivesse se transformando em um

mundo demoníaco… certamente a água de seu próprio lago Lyn, em seu próprio mundo, poderia ser uma cura?

Eles precisavam chegar em casa mais rápido do que nunca.

Mas primeiro…

— Precisamos da sua ajuda — disse Emma. — É por isso que nós a chamamos.

— Eu imaginei isso. — Tessa descansou o queixo na mão. Ela parecia jovem, não mais de vinte anos, embora Emma soubesse que ela tinha mais de cem anos. — É sobre vocês quererem voltar para seu mundo?

— Não é só isso — disse Julian. — Precisamos entrar na Cidade do Silêncio. Temos que chegar ao Cálice Mortal e à Espada Mortal antes de Sebastian.

— E depois? — disse Tessa.

— E, então, nós os destruímos para que Sebastian não possa usá-los — disse Emma.

Tessa levantou as sobrancelhas.

— Destruir os Instrumentos Mortais? Eles são quase indestrutíveis.

Emma pensou na Espada Mortal se partindo sob a lâmina de Cortana.

— Se você abrir um Portal de volta ao nosso mundo, nós podemos levá-los conosco. Sebastian nunca conseguirá encontrá-los.

— Se fosse assim tão simples — Tessa disse bruscamente, — eu já teria aberto um Portal, saltado e levado o Cálice e a Espada comigo. Abrir um Portal entre mundos… isso é magia complexa e poderosa, muito além do poder da maioria dos feiticeiros. Eu posso ver seu mundo, mas não posso alcançá-lo.

— Mas você pode entrar na Cidade do Silêncio, certo? — disse Emma.

— Eu acredito que sim, embora eu nunca tenha tentado — disse Tessa. — Eu pensei que a Espada e o Cálice estavam a salvo lá. Os Irmãos do Silêncio morreram para proteger os Instrumentos e removê-los os deixaria vulneráveis a Sebastian. No entanto, agora ele está perto de quebrar o selo nas portas. — Ela franziu a testa. — Se você puder realmente levar os Instrumentos de volta ao seu mundo, eles estarão mais seguros lá. Mas sem o conhecimento de que um Portal pode ser aberto, existe outra maneira de acabar com a ameaça.

— O que você quer dizer? — perguntou Julian. — Não há nada que possamos fazer com a Espada ou o Cálice aqui, além da magia demoníaca.

— As pessoas costumavam dizer que a Espada Mortal poderia matar Sebastian — disse Diana, seu olhar afiado. — Mas isso não é verdade, é? Eu estava na última batalha de Idris. Eu vi Isabelle Lightwood pegar a Espada Mortal e dar um golpe incrível em Sebastian. Ele nem sequer foi cortado. Ele bateu nela em vez disso.

— *Ave atque vale,* Isabelle Lightwood. — Tessa fechou os olhos. — Você tem que entender. A essa altura, a invulnerabilidade concedida a Sebastian por Lilith havia se tornado tão forte que nenhum guerreiro desta terra poderia matá-lo. Mas há algo que a maioria não sabe. Até Sebastian não sabe disso. — Ela abriu os olhos. — Ele está ligado a Thule e Thule a ele. Um guerreiro deste mundo não pode matá-lo com a espada. Mas os Irmãos do Silêncio sabiam que isso não se aplicava a um guerreiro que não fosse de Thule. Eles trancaram a Espada, esperando por um dia em que um guerreiro chegaria do Céu e acabaria com o reinado de Sebastian.

Por um longo momento, ela olhou fixamente para Emma e Julian.

— Nós não somos do Céu — disse Emma. — Apesar do que algumas linhas de captação ruins que ouvi ao longo dos anos podem fazer você acreditar.

— Parece o Céu se comparado a aqui — disse Diana.

— Não podemos esperar para sermos resgatados pelos anjos — disse Tessa. — Isso é um presente, vocês estão aqui.

— Vamos ser claros. — Julian deu uma mordida no pão. Seu rosto estava inexpressivo, mas Emma podia ler seus olhos, sabia que as engrenagens giravam em seu cérebro. — Você está nos pedindo para matarmos Sebastian.

— Eu tenho que pedir, — disse Tessa. — Eu tenho que fazer o sacrifício de Jem significar algo.

— Em nosso mundo — disse Julian, — o vínculo entre Jace e Sebastian significava que matar Jace destruiria Sebastian, e o contrário também. Se nós…

Tessa sacudiu a cabeça.

— Houve um ponto em que isso era verdade aqui, quando Sebastian acreditou que o protegia da Clave. Não há Clave agora, nem esse aspecto de seu vínculo.

— Eu entendo, — disse Emma. — Mas com o quão longe este mundo é… apenas matar Sebastian faria muita diferença?

Tessa se recostou na cadeira.

— No seu mundo, o que aconteceu quando Sebastian morreu?

— Foi o fim dos Crepusculares — disse Emma, embora tivesse a sensação de que Tessa já soubesse disso.

— Isso nos daria uma chance de lutar, — disse Tessa. — Sebastian não pode fazer tudo sozinho. Ele deixa a maior parte do trabalho sujo para os Crepusculares e os Renegados — Ela olhou para Diana. — Eu sei que você concorda comigo.

— Talvez — disse Diana. — Mas ir atrás de Sebastian parece uma missão suicida.

— Eu não pediria a eles se houvesse outra escolha — Tessa disse calmamente. Ela se virou para Emma e Julian. — Como vocês pediram, eu vou quebrar o selo e abrir a Cidade do Silêncio para vocês. E farei o que puder para levar vocês para casa. Tudo que eu peço é que, se vocês tiverem uma chance, uma abertura… que vocês matem Sebastian.

Emma olhou através da mesa para Julian. Em seus claros olhos azul-esverdeados, ela podia ver tanto seu desejo de concordar com o que Tessa estava perguntando quanto seu medo de colocá-la, Emma, em perigo.

— Eu sei que Thule não é seu mundo, é apenas um sopro de distância — disse Tessa. — Se eu pudesse salvar o Jem que vive em seu mundo, eu o faria. E agora você tem a chance de salvar sua irmã aqui.

Na voz de Tessa, Emma ouviu que ela entendeu que a Livvy em seu mundo estava morta.

— Ela está segura no Bradbury, mas por quanto tempo? Quão seguro é para algum de nós? Qualquer segurança é temporária enquanto Sebastian viver.

Ignorando o miado indignado de Church, Emma estendeu a mão por cima da mesa e pôs a mão sobre Julian. *Não tenha medo por mim, parabatai, ela pensou. Esta é uma chance para nós dois. Para você salvar Livvy como você não pôde em nosso mundo, e para euvingar meus pais, como eu também não pude.*

— Nós vamos fazer isso, — disse ela, e os olhos de Julian brilharam como uma fogueira incendiada. — Claro que sim. Apenas diga-nos o que temos que fazer.

***

Enquanto subiam nas motocicletas, Diana avisou-os de que voltariam pelas ruas da superfície, não voando — quanto mais perto do anoitecer, dizia ela,

mais cheio o céu ficava de demônios. Até os vampiros ficavam fora depois de escurecer.

Emma ficou surpresa ao descobrir que Diana os tinha acordado mais tarde do que ela pensara. As nuances da luz da manhã, da luz da tarde e do final da tarde, foram perdidas aqui: havia apenas o sol agonizante e a lua de sangue. Enquanto suas motocicletas corriam pela Pacific Coast Highway, a lua se ergueu lentamente, mal iluminando a estrada à frente. Em vez de cintilar em cima das ondas, o luar transformava a água em uma cor ainda mais venenosa — não mais o azul-esverdeado dos Blackthorn, mas cinzenta.

Emma estava feliz pelo calor dos braços de Julian ao redor dela quando eles saíram da estrada e entraram em Wilshire. Estar tão perto de tudo que estava arruinado era doloroso. Ela conhecia essas ruas. Ela tinha ido a esse supermercado para pegar cereal para Tavvy: agora era uma ruína de madeira quebrada e vigas quebradas, onde alguns humanos não-juramentados se amontoavam ao redor de fogueiras, com os rostos abatidos pelo desespero e pela fome. E

havia uma loja de doces naquela esquina, onde agora um demônio vigiava fileiras de tanques de vidro nos quais os corpos afogados flutuavam. De vez em quando ele mergulhava uma concha em um dos tanques, despejava um pouco da água viscosa em uma tigela e a vendia para um passante demoníaco.

Por quanto tempo Thule poderia continuar assim? Emma se perguntou enquanto rolavam pela Miracle Mile. Os altos edifícios de escritórios estavam vazios, as janelas, quebradas. As ruas estavam desertas. Os humanos estavam sendo caçados até a extinção, e, assim como Rafael, ela duvidava que Sebastian tivesse outro mundo cheio de sangue fresco e carne na manga. O que aconteceria quando todos forem embora? Os demônios se voltariam aos Crepusculares?

Aos vampiros? Eles se mudariam para outro mundo, deixando Sebastian decidir sobre o vazio?

— Devagar — Julian disse em seu ouvido, e ela percebeu que, enquanto ela estava pensando, eles chegaram a uma sessão lotada e bem iluminada de rua. — Ponto de verificação.

Ela ficou em silêncio e entrou atrás de Diana. A área estava agitada — Crepusculares subiam e desciam a rua, e os bares e restaurantes ali estavam

basicamente intactos, alguns deles iluminados de azul e verde e amarelos ácidos. Emma podia até ouvir música atonal e lamentadora.

Havia barreiras pretas e brancas na frente deles, bloqueando a estrada. Um demônio lagarto de duas pernas com um círculo de olhos de aranha negra tocando sua cabeça escalada saiu de um pequeno guichê e foi até Diana.

— Eu não vou deixar algum demônio me lamber — murmurou Emma. — Isso não está acontecendo.

— Tenho certeza de que ele apenas lambeu Cameron para se certificar de que sua tatuagem era real.

— Claro — disse Emma. — Essa é a sua história.

Diana virou-se de bicicleta e deu-lhes um sorriso firme e artificial. O coração de Emma começou a bater mais rápido. Ela não gostou da aparência daquele sorriso.

O demônio lagarto correu na direção deles. Era enorme, pelo menos nove metros de altura e metade novamente tão larga. Parecia estar usando um uniforme da polícia, embora Emma não tivesse ideia de onde tinha conseguido um que coubesse.

— O chefe tem procurado por você durante todo o dia, — ele falou arrastado. Emma adivinhou que sua boca não era realmente moldada para a fala humana. — Onde vocês estiveram?

— O chefe? — Emma ecoou.

Felizmente, o lagarto era burro demais para desconfiar.

— A Estrela Caída — ele arrastou. — Sebastian Morgenstern. Ele quer falar com vocês dois.

20
As Horas Estão Respirando

SEBASTIAN QUER FALA CONOSCO? Emma pensou com horror, e então, com uma pontada de realização: *Ele acha que somos as versões Crepusculares de nós mesmos*. Bem, isso explica a expressão de Diana.

Os dedos de Julian apertaram o braço de Emma com força. Ele deslizou casualmente para fora da moto. — Ok — ele disse. — Onde está o chefe?

O lagarto demônio tirou um saco de papel do bolso em seu peito. O saco parecia estar cheio de aranhas se contorcendo. Ele colocou uma em sua boca enquanto o estômago de Emma revirava.

—Na antiga boate — disse com a boca cheia de aranhas crocantes, e apontou para um edifício rebaixado de vidro e aço preto.

Um tapete vermelho fosco estava estirado na calçada em frente à entrada. — Vão. Eu vou olhar sua motocicleta.

Emma desceu da moto, sentindo como se gelo tivesse invadido suas veias. Nem ela nem Julian olharam um para o outro, de alguma maneira os dois estavam atravessando a rua, caminhando ao lado um do outro como se nada anormal estivesse acontecendo.

Sebastian sabe quem realmente somos, Emma pensou. *Ele sabe, e ele vai nos matar.*

Ela continuou andando. Eles alcançaram o pavimento, e ela escutou o ronco de uma motocicleta ligando, ela se virou para ver Diana acelerando para longe do ponto de verificação. Ela sabia porque Diana tinha precisado ir, e não a culpava, mas a visão enviou uma pontada fria em seu peito: Eles estavam sozinhos.

A boate era vigiada por demônios Iblis, que lhes deram uma olhada casual e os deixaram passar pelas portas em um corredor estreito repleto de espelhos. Emma podia ver seu próprio reflexo: ela parecia completamente pálida, sua boca era uma linha apertada. Isso era ruim. Ela precisava relaxar. Julian, ao lado dela, parecia calmo e reflexivo, o cabelo despenteado da motocicleta, mas fora isso nada fora do lugar.

Ele pegou a mão dela quando o corredor se abriu em uma sala enorme. Calor parecia fluir dele, através da mão de Emma, em suas veias; Ela respirou fundo, quando uma onda de ar frio bateu neles.

A boate era branca prateada e preto, uma escura terra de contos de gelo. Um longo bar esculpido em um bloco de gelo corria ao longo de uma parede. Cascatas de água congelada, azul polar e verde ártico, derramavam-se do teto, transformando a pista de dança em um labirinto de lençóis cintilantes.

A mão de Julian apertou a de Emma. Ela olhou para baixo; o chão debaixo deles era de gelo sólido, e sob o gelo ela podia ver as sombras dos corpos presos - ali a forma de uma mão, ali um rosto gritante e congelado. Seu peito se apertou. *Estamos andando sobre os corpos dos mortos*, ela pensou.

Julian olhou de lado para ela, balançou a cabeça levemente como se dissesse: *Não podemos pensar nisso agora.*

Compartimentando ela pensou enquanto se dirigiam para uma área isolada na parte de trás do clube. Foi assim que Julian passou pelas coisas. Empurrando pensamentos, protegendo-os, vivendo no momento do ato que se tornou sua realidade.

De perto, ele era claramente mais velho do que o menino que Emma lembrava de seu mundo. Ele era mais largo, a mandíbula mais quadrada, os olhos negros. Ele usava um terno de grife preto com um padrão de rosas nas lapelas, um casaco de pele grossa sobre ele.

Seu cabelo branco como gelo se misturava com o pelo dourado claro; se Emma não soubesse quem ele era e o odiasse, ela teria pensado que ele era lindo, um príncipe invernal.

De pé ao lado dele, com os dedos descansando levemente nas costas da cadeira de Sebastian, estava Jace. Ele também usava um terno preto, e quando ele se virou um pouco, Emma viu a alça de um coldre embaixo dele. Havia manoplas de couro nos pulsos, sob as algemas afiadas do paletó. Ela teria apostado que ele estava carregando várias facas.

Ele é o guarda-costas de Sebastian? ela imaginou. *Divertia Sebastian manter um dos heróis da Clave como uma espécie de animal de estimação, vinculado ao seu lado?*

E então havia Ash. Usando jeans e uma camiseta, esparramado em uma cadeira a certa distância com um dispositivo eletrônico nas mãos, ele

parecia estar jogando videogame. A luz do jogo veio e se foi, iluminando seu rosto de feições afiadas, as pontas de suas orelhas.

O olhar frio de Sebastian varreu Emma e Julian. Emma sentiu todo o seu corpo tenso. Ela sabia que suas runas estavam cobertas por tecido e corretivo, mas ela ainda se sentia como se Sebastian pudesse ver através dela. Como se ele soubesse imediatamente que não eram Crepusculares.

— Se não são os dois pombinhos — ele demorou. Ele olhou para Emma. — Eu realmente não vi seu rosto antes. Seu amigo aqui estava muito ocupado sugando.

Julian respondeu em um jeito monótono. — Desculpe ter te incomodado, senhor.

— Isso não me incomoda — disse Sebastian. — Apenas uma observação. — Ele se recostou na cadeira. — Eu mesmo prefiro ruivas.

Um lampejo de alguma coisa passou pelo rosto de Jace. Foi embora depressa demais para Emma adivinhar seu significado. Ash olhou para cima, porém, e Emma ficou tensa. Se Ash os reconhecesse…

Ele olhou de volta para o seu jogo, sua expressão evidenciando nenhum interesse. Emma estava achando difícil não tremer. O frio era intenso e o olhar de Sebastian estava ainda mais frio. Ele esticou os dedos sob o queixo. — Os rumores têm dito — ele disse — que uma certa Livia Blackthorn está levantando uma patética rebelião no centro.

O estômago de Emma embrulhou.

— Ela não é nada para nós — disse Julian rapidamente. Ele soou como se ele quisesse dizer isso também.

— Claro que não — disse Sebastian. — Mas você já foi seu irmão e sua amiga. Os humanos são lamentavelmente sentimentais.

Ela pode ser enganada e confiar em vocês.

— Livvy nunca confiaria em um par de Crepusculares — Emma disse, e congelou. Foi a coisa errada a se dizer.

Os olhos dourados de Jace se estreitaram com suspeita. Ele começou a falar, mas Sebastian interrompeu-o com um aceno desconsiderado. — Agora não, Jace.

A expressão de Jace ficou em branco. Ele se afastou de Sebastian e foi até Ash, inclinando-se sobre as costas da cadeira para apontar algo em sua tela de jogo. Ash assentiu.

Quase teria parecido um doce momento fraternal se não tivesse sido tão estragado e horrível. Se o lustre não tivesse sido feito de braços humanos

congelados, cada um segurando uma tocha que cuspia luz demoníaca. Se Emma pudesse esquecer os rostos embaixo do chão.

— O que Emma quer dizer é que Livvy sempre foi esperta — disse Julian. — De uma forma rasa.

— Interessante — disse Sebastian. — Eu tenho a tendência de aprovar rasa astúcia, embora não quando dirigida a mim, é claro.

— Nós a conhecemos muito bem — disse Julian. —Tenho certeza de que podemos descobrir a localização de sua pequena rebelião sem muita dificuldade.

Sebastian sorriu. — Eu gosto da sua confiança — disse ele. — Você não acreditaria no que eu… — Ele se interrompeu com uma carranca. — Aquele maldito cachorro está latindo de novo?

Era um cachorro latindo. Alguns segundos depois, um terrier preto e branco entrou na sala no final de uma longa coleira. No outro extremo da coleira havia uma mulher com longos cabelos negros.

Era Annabel Blackthorn.

Ela usava um vestido vermelho sem mangas, embora ela devesse estar congelando no ar gelado. Sua pele estava branca como se estivesse morta.

Vendo Emma e Julian, ela ficou ainda mais branca. Seu aperto aumentou na coleira do cachorro.

A adrenalina se espalhou pelas veias de Emma. Annabel ia contar, ela iria entregá-los. Ela não tinha razão para não fazer. E

então Sebastian iria matá-los. *Eu juro*, Emma pensou, *vou encontrar uma maneira de fazê-lo sangrar antes de morrer.*

Eu vou encontrar uma maneira de fazer os dois sangrarem.

— Eu sinto muito — disse Annabel petulantemente. — Ele queria ver Ash. Não é, Malcolm?

Até a expressão de Julian mudou com isso. Emma assistiu com horror quando Annabel se abaixou para esfregar as orelhas do cachorro. Ele olhou para ela com olhos cor de lavanda e latiu novamente.

Malcolm Fade, Alto Feiticeiro de Los Angeles, era agora um demônio terrier.

— Tire seu desagradável familiar daqui — Sebastian retrucou.

— Estou fazendo negócios. Se Ash precisar de algo, ele vai chamar você, Annabel. Ele é praticamente um homem adulto. Ele não precisa mais de uma babá.

— Todo mundo precisa de uma mãe — disse Annabel. — Não é, Ash?

Ash não disse nada. Ele estava imerso em seu jogo. Com um suspiro irritado, Annabel saiu da sala, Malcolm trotando atrás dela.

— Como eu estava dizendo — O rosto de Sebastian estava contorcido de irritação. — Annabel é uma das minhas melhores torturadoras - você não acreditaria na habilidade criativa que ela pode exibir com uma única faca e um Caçador de Sombras - mas, como o resto das pessoas ao meu redor, ela é muito vulnerável a suas emoções. Eu não sei porque as pessoas não entendem apenas o que é melhor para elas.

— Se eles fizessem, eles não precisariam de líderes — disse Julian. — Como você.

Sebastian deu-lhe um olhar considerado. — Eu suponho que isso seja verdade. Mas é como um peso de responsabilidade, me esmagando. Você entende.

— Nos deixe procurar Livia para você — disse Julian. — Nós vamos cuidar da ameaça e trazer de volta a cabeça dela.

Sebastian parecia satisfeito. Ele olhou para Emma. — Você não fala muito, não é?

Eu não consigo, Emma pensou. *Eu não consigo ficar aqui e mentir e fingir como Julian. Eu não consigo.*

Mas o calor da mão de Julian ainda estava na sua, a força de seu vínculo - mesmo quando não era mais mágico - levantando seu queixo, apertando sua mandíbula com força. Ela tirou a mão da de Julian e lentamente, deliberadamente, estalou os nós dos dedos.

— Eu prefiro matar — disse ela. — 'Fale com as balas', esse é o meu lema.

Sebastian na verdade riu, e por um momento Emma lembrou de Clary no telhado do Instituto, falando sobre um irmão de olhos verdes que nunca existiu, mas poderia ter feito isso. Talvez em algum outro mundo, melhor do que Thule.

— Muito bem — disse Sebastian. — Vocês serão bem recompensados se conseguirem isso. Pode até haver uma casa da Bel Air para vocês. Especialmente se vocês encontrarem alguma bela ruiva entre os rebeldes e trazê-la de volta para Jace e eu brincarmos — Ele sorriu. — Vão agora, antes que vocês congelem até a morte.

Ele deu um gesto desdenhoso para eles. Havia uma força por trás disso - Emma sentiu-se girada como se fosse uma mão em seu ombro. Ela quase

cambaleou, recuperou o equilíbrio e descobriu que eles estavam quase às portas do clube. Ela nem se lembrava de ter passado pelos espelhos.

Então eles estavam na rua, e ela estava ofegante o ar de suor quente e sujo, o calor da noite úmida de repente bem-vindo. Eles recuperaram a motocicleta do guarda de lagarto e andaram vários quarteirões sem dizer uma palavra até que Julian se inclinou para frente e disse, com os dentes cerrados — Encosta.

O quarteirão em que pararam estava quase deserto, as luzes da rua quebradas e o asfalto escuro. Assim que Emma parou, Julian saiu da moto, e cambaleou até a loja de Starbucks destruída. Emma podia ouvi-lo vomitar nas sombras. Seu estômago se apertou em solidariedade. Ela queria ir até ele, mas tinha medo de sair da moto.

Era o único caminho de volta ao Bradbury. Sem isso eles estavam mortos.

Quando Julian voltou, com o rosto manchado de sombras e hematomas, Emma entregou-lhe uma garrafa de água.

— Você foi incrível na boate — disse ela.

Ele tomou um gole da garrafa. — Eu senti como se estivesse sendo dilacerado por dentro — disse ele com naturalidade. — Ficar lá e dizer aquelas coisas sobre Livvy - chamar aquele monstro bastardo de ‘senhor’ - evitar rasgar Annabel pedaço por pedaço.

— Faça agora, então — disse uma voz das sombras. — Rasgue-me em pedaços, se você puder.

A arma de Emma já estava fora quando ela se virou, abaixando-a para apontar diretamente para a mulher pálida nas sombras. Seu vestido vermelho era uma mancha de sangue contra a noite.

Os lábios incolores de Annabel se curvaram em um sorriso. — Essa arma não vai me machucar — disse ela. — E o tiro, os gritos, trarão os Crepusculares correndo. Arrisque se quiser. Eu não o faria.

Julian largou a garrafa. A água espirrou sobre as botas dele.

Emma rezou para ele não se lançar em Annabel; as mãos dele tremiam. — Podemos machucá-la — disse ele. — Nós podemos fazer você sangrar.

Estava tão perto do que Emma pensara dentro da boate que ficou surpresa por um momento.

— Os Crepusculares virão — disse Annabel. — Tudo o que tenho que fazer é gritar — Suas Marcas haviam desaparecido, assim como todos os outros Caçadores de Sombras; sua pele estava pálida como leite, sem um

único desenho. Emma ficou surpresa com o quão calma ela parecia. O quão sã. Mas então, vários anos passaram por aqui, para ela. — Eu sabia quem vocês eram no momento em que os vi. Vocês estão exatamente como estavam na Coorte Unseelie. As marcas da batalha em seus rostos não foram curadas.

— Então por que você não contou a Sebastian? — Emma cuspiu. — Se você queria se livrar de nós…

— Eu não quero me livrar de vocês. Eu quero fazer um acordo com vocês.

Julian puxou a manga direita com força suficiente para rasgar o tecido. Ali, em seu pulso, estava o trapo que ele usara por toda a Terra das Fadas, ainda com a crosta de sangue seco. — Este é o sangue da minha irmã — ele disse. — Sangue que você derramou.

Por que eu iria querer fazer um acordo com você?

Annabel parecia indiferente à visão do sangue de Livvy. — Porque você quer chegar em casa — disse ela. — Porque você não consegue parar de pensar no que pode estar acontecendo com o resto da sua família. Eu ainda sou possuidora de magias negras poderosas, você sabe. O volume negro funciona ainda melhor aqui.

Eu posso abrir um portal para te levar para casa. Eu sou a única neste mundo que pode.

— Por que você faria isso por nós? — Disse Emma.

Annabel deu um pequeno sorriso estranho. Em seu vestido vermelho, ela parecia flutuar suspensa como uma gota de sangue na água. — O Inquisidor mandou vocês para o Reino das Fadas para morrerem — ela disse. — A Clave os despreza e os querem mortos.

Tudo porque vocês queriam proteger o que amavam. Como eu não entenderia como é isso?

Emma achava que isso era uma lógica bastante distorcida.

Julian, entretanto, estava encarando Annabel como se ela fosse um pesadelo do qual ele não pudesse desviar o olhar.

— Você se enfeitiçou — Annabel continuou, seu olhar fixo em Julian. — Para não sentir nada. Eu senti o feitiço quando te vi no Reino das Fadas. Eu vi, e senti *alegria* — Ela girou, sua saia vermelha girando em torno dela. — Você fez como Malcolm. Ele se afastou das emoções para me recuperar.

— Não — disse Emma, incapaz de suportar o olhar no rosto de Julian. — Ele tentou te recuperar porque ele *amava você*. Porque ele *sentiu* emoções.

— Talvez no começo — Annabel parou de girar. — Mas já não era o caso quando ele me reviveu, era? Ele me manteve presa e torturada todos esses anos, então ele poderia me trazer de volta para *ele*, não para *mim*. Isso não é amor, sacrificar a felicidade do seu amado por suas próprias necessidades. No momento em que ele conseguiu me recuperar, estava tão divorciado do mundo que se importava mais com seu objetivo do que com os tipos de amor que importam. Uma coisa que era verdadeira, pura e bela se tornou corrupta e má — Ela sorriu, e seus dentes brilhavam como pérolas subaquáticas. — Uma vez que você não sente mais empatia, você se torna um monstro. Você pode não estar sob o feitiço aqui, Julian Blackthorn, mas e quando você voltar? O que você fará então, quando não puder suportar sentir o que sente?

— Cale a boca — Emma disse entre os dentes. — Você não entende nada — Ela se virou para Julian. — Vamos sair daqui.

Mas Julian ainda estava encarando Annabel. — Você quer algo — disse ele em um tom de voz mortal. — O que?

— Ah — Annabel ainda estava sorrindo. — Quando eu abrir o Portal, leve Ash com você. Ele está em perigo.

— *Ash*? — Julian repetiu, incrédulo.

— Ash parece estar bem aqui — disse Emma, abaixando sua arma. — Quero dizer, talvez ele esteja ficando entediado com sua seleção de videogames desde que, você sabe, Sebastian matou todas as pessoas que fazem videogames. Ou ele pode estar ficando sem baterias. Mas eu não tenho certeza se isso é um *perigo*.

O rosto de Annabel ficou sombrio. — Ele é bom demais para esse lugar — disse ela. — E mais do que isso - quando nos encontramos pela primeira vez aqui, eu o trouxe para Sebastian. Eu acreditava que Sebastian cuidaria de Ash porque ele é seu pai. E por um tempo, ele fez. Mas circulam rumores de que a drenagem de energia para manter tantos Crepusculares está lentamente dilacerando Sebastian. As forças vitais dos Crepusculares estão envenenadas. Sem utilidade. Mas Ash não está. Acredito que eventualmente ele vai matá-lo e usar sua considerável força vital para se rejuvenescer.

— Ninguém está seguro, não é? — Perguntou Julian. Ele soou distintamente não impressionado.

— Este é um bom mundo para mim — disse Annabel. — Eu odeio os Nephilim e sou poderosa o suficiente para estar a salvo de demônios.

— E Sebastian permite que você torture Nephilim — disse Emma.

— De fato. Eu visito as feridas que uma vez me foram visitadas pelo Conselho — Não havia emoção em sua voz, nem mesmo um leve indício de regozijo, apenas uma estupidez mortal que era ainda pior. — Mas não é um bom lugar para Ash. Não podemos nos esconder. Sebastian iria caçá-lo em qualquer lugar. Ele ficará melhor em seu mundo.

— Então, por que você não o leva até lá? — disse Emma.

— Eu faria se eu pudesse. Me deixa doente me separar dele — disse Annabel. — Eu dei toda a minha vida nestes anos para o seu cuidado.

Lealdade perfeita, Emma pensou. Foi essa lealdade que fez Annabel tão abatida, tão doentia? Sempre colocando Ash diante de si, seguindo-o de um lugar para outro, pronta para morrer por ele a qualquer momento, e nunca sabendo realmente por quê?

— Mas no seu mundo — continuou Annabel — Eu seria caçada e separada de Ash. Ele não teria ninguém para protegê-lo. Desta forma, ele terá você.

— Você parece ter muita confiança em nós — disse Julian. — Á
que você sabe que a odiamos.

— Mas vocês não odeiam Ash — disse Annabel. — Ele é inocente e você sempre protegeu os inocentes. É o que você *faz* — Ela sorriu, um sorriso familiar, como se sentisse em seu coração que ela os pegou em uma rede. — Além disso. Você está desesperado para chegar em casa e o desespero sempre tem um preço. Então, que tal Nephilim? Nós temos um acordo?

*

Ash pegou o pedaço de papel que havia caído do casaco de Julian Blackthorn no chão da boate. Ele teve o cuidado de não deixar Sebastian vê-lo fazer isso. Ele tinha estado em Thule tempo suficiente para saber que nunca era uma boa ideia pegar a atenção de Sebastian desprevenido.

Não que Sebastian fosse sempre cruel. Ele era generoso em trancos e barrancos, quando se lembrava que Ash existia. Ele lhe entregaria armas ou jogos que encontrou em ataques a casas rebeldes. Ele assegurou que Ash se vestisse bem, já que ele considerava Ash como um reflexo de si mesmo. Jace era o único que era realmente gentil, no entanto, parecendo encontrar em Ash algum lugar para colocar os sentimentos frustrados e engarrafados que ainda carregava por Clary Fairchild e Alexander e Isabelle Lightwood.

E então havia Annabel. Mas Ash não queria pensar em Annabel.

Ash desdobrou o papel. Um choque passou por seu corpo. Ele se virou rapidamente para que Jace e Sebastian, em profunda conversa, não notassem sua expressão.

Era *ela*, a estranha garota humana que ele tinha visto uma vez na sala de armas Unseelie. Cabelos escuros, olhos da cor do céu que ele lembrava apenas parcialmente. Um bando de corvos circulou no céu atrás dela. Não uma fotografia, mas um desenho, feito com uma mão melancólica, um sentimento de amor e saudade emanando da página. Um nome foi rabiscado em um canto: *Drusilla Blackthorn*.

Drusilla. Ela parecia solitária, Ash pensou, mas também determinada, como se uma esperança vivesse por trás daqueles olhos azuis de verão, uma esperança que não podia ser saciada pela perda, uma esperança forte demais para sentir desespero.

O coração de Ash estava batendo, embora ele não pudesse dizer o porquê. Apressadamente, ele dobrou o desenho e enfiou no bolso.

*

Diana estava esperando por eles do lado de fora do Bradbury, encostada na porta da garagem fechada com uma espingarda no ombro. Ela abaixou a arma com um olhar de alívio visível quando a motocicleta de Emma e Julian parou na frente dela.

— Eu sabia que você ia conseguir — disse ela quando Julian saiu da moto.

— Aw — disse Emma, desmontando. — Você estava preocupada com a gente!

Diana bateu na porta da garagem com a ponta da espingarda.

Ela disse algo para Emma que estava perdida na moenda das engrenagens quando a porta se abriu.

Julian observou Emma responder a Diana com um sorriso e se perguntou como ela fez isso. De alguma forma, Emma sempre poderia encontrar leveza ou uma brincadeira mesmo sob o maior estresse. Talvez fosse da mesma maneira que ele pudesse ficar na frente de Sebastian e fingir ser a versão Crepuscular de si mesmo, mesmo sem sentir suas mãos tremerem. Isso começou apenas quando acabou.

— Sinto muito por tido que ir — disse Diana quando a porta foi fechada e trancada e a motocicleta colocada de volta sob a lona de Raphael. — Se

eu tivesse ficado por perto e vocês fossem pegos…

— Não há nada que você possa ter feito por nós — disse Julian.

— E eles teriam te matado, uma vez que descobrissem quem realmente éramos.

— Pelo menos dessa forma alguém estava trazendo as notícias sobre Tessa de volta para Livvy. Nós entendemos — Emma acrescentou. — Você já disse a ela?

— Eu estava esperando por vocês — ela sorriu de lado. — E eu não queria ter que dizer a Livvy que tinha perdido o irmão dela.

O irmão dela. As palavras eram como palavras de um sonho, meio verdadeiras, no entanto Julian talvez quisesse que fossem totalmente reais.

— Então, o que Sebastian queria de vocês? — Diana perguntou enquanto ela os deixava entrar no prédio.

Devem ter chegado muito tarde na noite anterior, Julian percebeu - a essa hora, os corredores ainda estavam cheios de pessoas, correndo de um lado para o outro. Passaram pela porta aberta de uma despensa, cheia de produtos enlatados e em jarras. A cozinha provavelmente estava perto; o ar cheirava a sopa de tomate.

— Ele nos ofereceu uma casa em Bel Air — disse Emma.

Diana estalou a língua. — Chique. Bel Air é onde Sebastian vive, e os mais favorecidos Crepusculares. O fosso os protege.

— Aquele feito de ossos gigantes? — disse Julian.

— Sim, esse fosso — disse Diana. Eles chegaram à porta do escritório de Livvy; Diana bateu com o quadril e os conduziu para dentro.

De alguma forma Julian pensara que Livvy estaria sozinha, esperando por eles, mas ela não estava. Ela estava de pé atrás de uma das longas mesas de arquitetura com Bat e Maia, olhando para um mapa de Los Angeles. Cameron andava de um lado para o outro na sala.

Livvy olhou para cima quando a porta se abriu e o alívio apareceu em seu rosto. Por um momento, Julian assistiu a uma pequena Livvy na praia, presa em uma pedra pela maré, o mesmo olhar de alívio desesperado em seu rosto quando ele foi buscá-la e levá-la de volta à areia.

Mas esta Livvy não era a mesma menina. Ela não era uma garotinha. Ela cobriu o olhar de alívio rapidamente. — Que bom que você voltou — ela disse. — Alguma sorte?

Julian os informou sobre a reunião com Tessa - deixando de fora, por enquanto, a parte em que ela pediu que eles matassem Sebastian - enquanto

Emma foi até a cafeteira no canto e pegou café quente para os dois. Era amargo e preto e doeu quando ele engoliu.

— Eu acho que lhe devo cinco mil dólares — disse Cameron para Livvy quando Julian terminou. — Eu não achava que Tessa ainda estava viva, muito menos que ela poderia nos levar para a Cidade do Silêncio.

— Esta é uma ótima notícia — disse Maia. Ela estava encostada na borda da mesa do mapa. Uma mão estava casualmente enrolada em torno do cotovelo oposto, e Julian podia vislumbrar uma tatuagem de um lírio no antebraço de Maia.

— Devemos começar uma sessão de estratégia. Atribuir grupos.

Alguns podem circular a entrada da Cidade do Silêncio, alguns podem estar em vigia.

— Há também algumas notícias ruins — disse Julian. — No caminho de volta da praia, fomos parados em um posto de controle.

Sebastian queria nos ver.

Livvy ficou toda tensa. — O que? Por quê?

— Ele achava que éramos as versões Crepusculares de nós mesmos. Emma e Julian deste mundo — disse Emma.

— Ele sabe que você tem algo acontecendo aqui no centro — disse Julian. — Ele até sabe o seu nome, Livvy.

Houve um momento de silêncio sombrio.

— Eu disse a ela para ir pôr um apelido como 'O Vingador Mascarado', mas ela não iria me ouvir — disse Bat com um sorriso forçado.

— Ah — disse Emma. —Rindo na cara do perigo. Eu gostei.

Livvy retorceu a ponta do nariz. — Isso significa que não temos tempo a perder. Você pode entrar em contato com a Tessa?

— Agora que sabemos onde ela está, qualquer um pode pegar minha bicicleta emprestada e levar uma mensagem para ela — disse Diana. — Não tem problema.

— Devemos fazer isso durante o dia. Muitos demônios à noite — acrescentou Livvy.

— Eu acho que isso nos dá ainda menos de tempo — disse Diana.

Cameron colocou a mão no ombro de Livvy. Isso deu a Julian uma sensação estranha - ele tinha sido tão ciumento com Cameron em seu próprio mundo, da maneira que ele e Emma se comportavam juntos quando estavam namorando. Eles tinham tudo o que ele e Emma nunca teriam - a habilidade de se tocar casualmente, beijar em público. Agora, este Cameron

era o namorado de Livvy, provocando a proteção de Julian, em vez de seu ciúme. Ele teve que admitir a contragosto, porém, parecia que Cameron tinha sido um bom namorado. Ele era gentil, apesar de sua família terrível, e obviamente pensou que o sol nasceu e se pôs em Livvy.

Assim como ele deveria.

— Venham ver o mapa — disse Maia, e todos se reuniram em volta. Ela passou um dedo com anel de bronze pelo papel, indicando a localização deles. — Aqui estamos nós. Aqui está a entrada para a Cidade do Silêncio. É apenas a alguns quarteirões de distância, então podemos caminhar, mas provavelmente devemos encontrar com Crepusculares.

— Vamos ao amanhecer para a menor atividade demoníaca — disse Livvy. — Quanto a Tessa Gray…

— Tudo o que temos a fazer é deixá-la saber quando e ela vai nos encontrar na entrada da Cidade do Silêncio — disse Julian. — É

onde está no nosso mundo? Angels Flight?

Bat pareceu surpreso. — Sim. É a mesma.

A Angels Flight era uma ferrovia de bitola estreita que subia a Bunker Hill no centro de Los Angeles, com a trilha parecendo alcançar o céu. Julian a visitou apenas uma vez na entrada da Cidade do Silêncio.

— Ok — Maia bateu as mãos juntas. — Todo mundo vai estar no refeitório para o jantar, então vamos montar algumas equipes.

— Você pode discutir com Raphael — disse Bat.

Maia revirou os olhos. — Certo. Ele sempre diz que não vai cooperar e então nos cobre com um monte de vampiros no último minuto.

— Eu vou lidar com os lobos — disse Bat.

Diana levantou as mãos. — E eu vou reunir todo mundo. De quantos nós precisamos? Trinta, talvez? Uma multidão muito grande atrairá a atenção de que não precisamos — Gente — disse Livvy, olhando através da mesa do mapa para Julian. — Eu gostaria de falar com meu irmão sozinha, se vocês não se importam.

— Ah, claro — disse Maia. — Sem problemas. Vejo vocês em daqui a pouco. — Ela saiu com Bat.

Cameron beijou Livvy na bochecha.

— Te vejo mais tarde.

— Eu vou estar com as armas — disse Diana, indo para a porta.

Emma encontrou os olhos de Julian.

— As armas parecem ótimas — disse ela. — Eu vou com a Diana.

Assim que a porta se fechou atrás deles, Livvy foi até um dos sofás compridos e sentou-se. Ela olhou para Julian com seu olhar direto, muito parecido com a de sua Livvy, exceto pela cicatriz em seus olhos.

— Jules — ela disse. — O que você não está me dizendo? Tem algo que você não está me contando.

Julian recostou-se contra a longa mesa. Ele falou com cuidado.

— O que te faz pensar isso?

— Porque você nos disse como invadir a Cidade do Silêncio e pegar os Instrumentos Mortais, mas você não disse que descobriu como destruí-los. Eu sei que você não sugeriria que os mantivéssemos assim que os tivermos, seremos os principais alvos de Sebastian.

— Estamos planejando levá-los de volta ao nosso mundo — disse Julian. — Sebastian não vai encontrá-los lá.

— Ok — disse Livvy lentamente. — Então Tessa Gray pode abrir um Portal para você voltar para casa?

— Não — Julian flexionou as mãos; sua pele estava apertada.

— Não exatamente.

Livvy estalou os dedos. — E aqui está a parte que você estava deixando de fora. O que?

— Você conhece uma mulher chamada Annabel? — Julian perguntou. — Ela é do nosso mundo, mas você pode tê-la visto com Sebastian aqui. Cabelo comprido e escuro…

— Aquela necromante que apareceu com o filho de Sebastian? O

nome dela é Annabel? — Livvy assobiou. — Eles não a chamam assim aqui. A Legião da Estrela a chama de a Rainha do Ar e da Escuridão .

— Isso é de um antigo poema — disse Julian, parecendo pensativo.

— Então, isso significa que Ash Morgenstern é do seu mundo também — disse Livvy.

— Sim. Na verdade, ele é do Reino das Fadas em nosso mundo. Todos nós viemos pelo mesmo Portal, mas aparecemos aqui cinco anos depois, eu suponho. Dois anos após a Batalha do Burren.

Eu suspeito que eles foram direto para Sebastian. Ela sabia que ele era filho de Sebastian e que Sebastian está vivo aqui e no comando…

— Acho que estou com dor de cabeça. — Livvy esfregou as têmporas. — Reino das Fadas, hein? Eu acho que isso explica por que Ash está tão perto da idade de seu ‘pai’.

Julian assentiu. — O tempo nas Terras Imortais é super estranho. Eu não finjo entender isso. Ele passou a mão pelo cabelo. A coisa é - Annabel me ofereceu um acordo.

— Que tipo de acordo? — Disse Livvy com cautela.

— Ela é uma maga poderosa — disse Julian. Ele falou com imensa deliberação. Não havia necessidade de dizer a Livvy que Annabel era um Blackthorn. Isso traria mais perguntas, as quais ele não queria responder. — Porque ela pegou o Volume Negro do nosso mundo, ela pode abrir um Portal para voltar a ele. Ela se ofereceu para abrir um para nós.

— Por que ela se ofereceria para fazer isso por você se ela é uma das servas de Sebastian?

— Ela não se importa com Sebastian. Ela só se importa com Ash e tem medo dele. Ela está se oferecendo para nos mandar de volta se o levarmos conosco.

— Ela provavelmente não está errada em se preocupar.

Sebastian arruina todos perto dele. Livvy puxou as pernas para baixo.

— Você confia nessa Annabel?

— Eu a odeio — disse Julian, antes que ele pudesse se conter.

Ele viu os olhos de Livvy se arregalarem e se forçou a continuar com mais calma. — Mas eu confio que os sentimentos dela por Ash são reais. Ele tem uma certa influência sobre as pessoas.

— Isso é interessante — O olhar de Livvy estava um pouco fora de foco. — Dru o viu alguns anos atrás. Em uma execução, como a que você viu na praia. Ela continuou falando sobre ele depois, sobre como ele não parecia que realmente queria estar lá — Ela colocou um pedaço de cabelo atrás da orelha. — Você, se você atravessar o Portal, ainda quer que eu vá com você?

— Claro que sim — disse Julian. — É parte da razão pela qual eu não matei Annabel. Eu quero tirar você daqui.

Livvy mordeu o lábio. —E quanto a ‘eu’ que existe em seu mundo? Isso não vai ficar confuso?

Julian não disse nada; ele esperava isso, e mesmo assim ainda não tinha resposta. Ele assistiu seu rosto mudar, estabelecendo-se em linhas de certeza, frieza e resignação, e sentiu um pedaço de seu coração murchar.

— Eu estou morta, não estou? — a voz de Livvy estava firme. — Eu estou morta no seu mundo. Eu posso dizer pelo jeito que você olha para mim.

— Sim — Julian estava tremendo como se estivesse com frio, embora o ar estivesse quente e parado. — Foi minha culpa, Livs.

Você…

— Não. — ela se levantou e atravessou a sala até ele, colocando as mãos contra o peito dele como se quisesse empurrá-lo.

— Você não fez nada para me machucar, Jules. Eu te conheço muito bem para você me convencer disso. Você esquece, que neste mundo, você se sacrificou por mim — seus olhos de Blackthorn estavam arregalados, brilhantes e sem lágrimas. — Sinto muito que nos perdemos em seu mundo. Eu gostaria de pensar em algum lugar que estamos intactos. Todos nós juntos. — ela deu um passo para trás. — Deixe-me mostrar-lhe algo.

Sua garganta estava muito seca para ele falar. Ele viu quando ela se virou, de costas para ele, e tirou o moletom. Sob ele, ela usava um top branco. Não fez nada para esconder a enorme tatuagem que se estendia por suas costas como asas: uma runa de luto, espalhando-se da base do pescoço até o meio da espinha, as bordas tocando os ombros.

Sua voz falhou. — Para Ty.

Ela se abaixou e pegou o moletom, puxando-o de volta para esconder a runa. Quando ela se virou para olhar para ele, seus olhos estavam brilhando. — Para todos vocês — disse ela.

— Volte para casa comigo — Julian sussurrou. — Livvy…

Ela suspirou. — Eu posso dizer que você quer minha permissão para fazer este acordo com a necromante, Jules. Eu posso dizer que você acha que isso tornaria uma escolha mais fácil e melhor. Mas eu não posso fazer isso — ela balançou a cabeça. — Em Thule, escolhas terríveis são tudo o que temos. Esta é sua para fazer.

*

No armário de suprimentos de armas, Emma entrou alegremente; ela nunca esteve tão interessada em armas - elas não funcionavam com demônios, então os Caçadores de Sombras não as usavam - mas havia muitos outros itens de destruição localizada. Ela enfiou um punhado de facas no cinto e dirigiu-se a uma mesa de adagas.

Diana encostou-se na parede e a observou com uma diversão cansada. — No seu mundo — ela disse. — Vocês eram *parabatai*?

Emma fez uma pausa, uma lâmina na mão. — Nós éramos.

— Eu não mencionaria muito isso se fosse você — disse Diana.

— As pessoas daqui não gostam muito de pensar em *parabatai*.

— Por que não?

Diana suspirou. — Quando Sebastian ganhou o controle do mundo, e ficou mais escuro e mais desesperado, *parabatais* mudaram. Aconteceu durante a noite, ao contrário da mudança dos feiticeiros. Um dia o mundo acordou para descobrir que aqueles que eram *parabatai* se tornaram monstros.

Emma quase deixou cair a faca. — Eles se tornaram maus?

— Monstros — repetiu Diana. — Suas runas começaram a queimar como fogo, como se tivessem fogo em suas veias em vez de sangue. As pessoas diziam que as lâminas daqueles que os combatiam se estilhaçavam em suas mãos. Linhas pretas se espalharam por seus corpos e se tornaram monstruosas - fisicamente monstruosas. Eu nunca vi isso acontecer, se lembre - ouvi tudo isso em terceira mão. Histórias sobre criaturas brilhantes e implacáveis, destruindo cidades. Sebastian teve que libertar milhares de demônios para derrubá-los. Muitos mundanos e Caçadores de Sombras morreram.

— Mas por que isso aconteceria? — Emma sussurrou, sua garganta de repente seca.

— Provavelmente a mesma razão pela qual os feiticeiros se transformaram em demônios. O mundo se tornando retorcido e demoníaco. Ninguém sabe, realmente.

— Você está preocupada que isso aconteça com a gente? — perguntou Emma. Ela estava cegamente pegando mais armas, sem realmente olhar para o que ela estava segurando mais. — Que poderíamos mudar aqui?

— Nenhuma chance disso — disse Diana. — Uma vez que a magia angelical parou de funcionar completamente, os poucos *parabatai* que sobreviveram estavam bem. Seus laços quebraram e eles não mudaram.

Emma assentiu. — Eu posso sentir que meu vínculo com Julian está quebrado aqui.

— Sim. Não há mais Caçadores de Sombras, então não há mais *parabatai*. Ainda assim, como eu disse, eu não mencionaria isso para as pessoas. Suas runas acabarão desaparecendo em breve. Você sabe. Se você ficar aqui.

— Se ficarmos aqui — Emma ecoou, um pouco fraca. Sua cabeça estava girando. — Certo. Eu acho que deveria voltar agora.

Julian pode estar se perguntando onde estou.

*

— Eu vejo que você esteve decorando — disse Julian quando entrou no quarto. Ele parecia cansado, mas alerta, seu cabelo castanho chocolate ainda despenteado do passeio de moto.

Emma olhou ao redor - ela libertou um número surpreendente de armas do armário de suprimentos no andar de baixo. Havia uma pilha de adagas e facas de arremesso em um canto, uma de espadas em outra e outra de armas do Departamento de Polícia de Los Angeles: armas e Berettas, principalmente.

— Obrigada — disse ela. — O tema é: Coisas que podem matar você.

Julian riu e entrou no banheiro; ela ouviu a água da pia correndo enquanto escovava os dentes. Ela pegou emprestada uma das camisas masculinas de botão que entregaram a Julian e vestiu como uma camisola de dormir por cima da calcinha: não era, pensou ela, a mais sexy de todas as opções de pijama, mas era confortável.

Emma enrolou dobrou as pernas e resistiu à vontade de perguntar a Julian se ele estava bem. Depois que ela voltou de sua expedição com Diana, ela esperou por Julian com crescente ansiedade. Este era um mundo que poderia prejudicá-los de várias maneiras. Eles poderiam ser abatidos por demônios ou caçados por Crepusculares. E se eles tivessem chegado mais cedo, aparentemente, poderiam ter se transformado em monstros e destruído uma cidade.

Há uma corrupção no coração do laço de parabatai. Um veneno.

Uma escuridão que espelha sua bondade. Há uma razão pela qual parabatai não podem se apaixonar, e é monstruoso além de tudo o que você pode imaginar.

Ela balançou a cabeça. Ela não escutaria as palavras mentirosas da Rainha. Tudo em Thule era retorcido e monstruoso — é claro que o laço parabatai não teria sido poupado.

Mais real e perigosa era a sombra do coração partido em cada esquina. Ela sabia o quanto Julian queria que essa Livvy voltasse ao mundo deles com eles, mas ela tinha visto a expressão de Livvy quando ele perguntou, e ela se questionou.

Quando ele voltou para o quarto, seus cabelos e camiseta estavam úmidos, e ele parecia um pouco mais acordado. Ela achou que ele tinha jogado água no rosto.

— Eles tinham bestas? — Ele perguntou, examinando a pilha de espadas. Ele pegou uma e examinou, a lâmina refratando a luz enquanto ele virava de um lado para o outro.

Borboletas agitaram no estômago de Emma.

Apenas algumas, mas havia algo em ver Julian ser um *Caçador de Sombras*, ser o guerreiro que ela viu crescer. Os músculos se moveram suavemente em seu braço e ombro enquanto ele manipulava a lâmina e a colocava de volta novamente, um olhar pensativo em seu rosto.

Emma esperava que suas bochechas não estivessem rosadas.

— Eu peguei para você. Está no guarda-roupa.

Ele foi checar. — Se conseguirmos chegar à Cidade do Silêncio sem que nenhum Crepuscular ou demônios notem, talvez não precisemos usar nenhum deles.

— Diana sempre disse que as melhores armas eram mantidas em grande forma para uso, mas nunca precisavam ser usadas — disse Emma. — Claro que eu nunca soube realmente do que ela estava falando.

— Obviamente. — ele sorriu, mas não alcançou seus olhos. — Emma, eu preciso te dizer uma coisa.

Ela se ergueu contra a cabeceira da cama. Seu coração pulou uma batida, mas ela tentou manter sua expressão calma e acolhedora. Julian não era bom em se abrir, mesmo quando ele *tinha* emoções; ainda assim, ela sentia falta da partilha dos segredos e fardos um do outro mais do que qualquer outra coisa quando ele estava sob o feitiço.

Ele sentou-se na beira da cama e olhou para o teto. — Eu não contei a Livvy sobre Tessa nos pedindo para matar Sebastian — ele disse.

— Claro — disse Emma. — Se não pudermos entrar na Cidade do Silêncio e pegar os Instrumentos Mortais, isso nunca importará.

Por que assustá-la cedo?

— Mas eu disse a ela que se pegássemos a Espada e o Cálice, nós os traríamos de volta. Para protegê-los.

Emma esperou. Ela não tinha certeza de onde Julian estava indo com isso.

— Quando estávamos na Corte Seelie — disse Julian. — Apenas desta última vez - quando conversei com a Rainha - ela me disse como seria possível romper todos os laços parabatai de uma só vez.

Emma agarrou as cobertas. — Sim. E você me disse que era impossível.

Seus olhos eram janelas para um oceano que não existia mais neste mundo.

— Nós fizemos o que ela pediu — disse ele. — Nós trouxemos para ela o Volume Negro. Então ela me disse, porque achava que seria engraçado. Você vê, só há uma maneira de fazer isso. Você tem que destruir a primeira runa parabatai gravada, que é mantida na Cidade do Silêncio. E você tem que fazer isso com a Espada Mortal.

— E no nosso mundo, a Espada está quebrada — disse Emma.

Fazia sentido, de uma maneira distorcida: ela podia imaginar o prazer da rainha em entregar essa notícia.

— Eu não lhe contei porque achei que não importava — ele disse. — Isso nunca seria possível. A espada foi quebrada.

— E você não me contou por causa do feitiço — ela disse, gentilmente. — Você não sentiu que precisava.

— Sim — ele disse. Ele respirou estremecendo. — Mas agora estamos falando sobre trazer essa espada de volta ao nosso mundo e eu sei que é uma chance em um milhão, mas poderia ser possível -

quero dizer, poderíamos estar olhando para essa escolha. Poderia ser.

Havia um milhão de coisas que Emma queria dizer. *Você prometeu que não faria* e *seria uma coisa terrível para fazer* tremendo na ponta da sua língua. Ela se lembrou da certeza moral que sentiu quando Julian lhe contou pela primeira vez que a Rainha balançava essa tentação na frente deles.

Mas foi difícil depois da morte de Livvy ter uma garantia moral sobre qualquer coisa.

— Eu pedi a Magnus para colocar esse feitiço em mim porque eu estava apavorado — disse Julian. — Eu me imaginei nos transformando em monstros. Destruindo tudo o que amamos. Eu ainda tinha o sangue de Livvy sob minhas unhas. — Sua voz tremeu.

— Mas há algo mais que eu tenho tanto medo, e é por isso que a voz da Rainha continua ecoando em minha mente.

Emma olhou para ele, esperando.

— Perder você — disse ele. — Você é a única pessoa que eu amei assim, e sei que você é a única pessoa que eu amarei. E eu não sou eu mesmo sem você, Emma. Uma vez que você dissolve o corante na água, você não pode retirá-lo. É assim. Eu não posso tirar você de mim. Significa cortar meu coração e não gosto de mim mesmo sem meu coração. Eu sei disso agora.

— Julian — Emma sussurrou.

— Eu não vou fazer isso — disse ele. — Eu não vou usar a espada. Eu não posso causar dor nas outras pessoas como a dor que eu senti. Mas se chegarmos em casa e tivermos a Espada, acho que precisamos trocá-la com o Inquisidor pelo exílio. Acho que não temos outra escolha.

— Verdadeiro exílio? — Perguntou Emma. — Eles vão nos separar das crianças, Julian, eles vão separar você — Eu sei — disse ele. — Houve uma época em que pensei que não poderia haver nada pior. Mas percebo agora que estava errado. Eu segurei Livvy enquanto ela morria, e isso foi pior. O que aconteceu com Livvy aqui -

perdendo todos nós - é inimaginavelmente pior. Eu me perguntei se preferiria passar pelo que Mark passou - sendo separado da família, mas pensando neles também e feliz - ou o que Livvy passou por aqui, sabendo que seus irmãos e irmãs estavam mortos. Não tem questão.

Eu preferiria que eles estivessem seguros e vivos, mesmo que eu não pudesse estar com eles.

— Eu não sei, Julian…

Sua expressão era nitidamente vulnerável.

— A menos que você não se sinta assim sobre mim — disse ele. — Se você tivesse parado de me amar enquanto eu estava sob o feitiço, eu não culparia você.

— Eu acho que isso resolveria nosso problema — ela disse sem pensar.

Julian se encolheu.

Emma rastejou apressadamente pela cama na direção dele. Ela se ajoelhou no centro da colcha e estendeu a mão para tocar o ombro dele. Ele virou a cabeça para olhar para ela, estremecendo um pouco, como se estivesse olhando para o sol.

— Julian — disse ela. — Eu estava com raiva de você. Senti sua falta. Mas eu não parei de te amar. — ela passou as costas da mão levemente contra sua bochecha. — Enquanto você existir e eu existir, eu vou amar você.

— Emma — Ele se moveu para se ajoelhar na cama em frente a ela. Ela era uma cabeça menor que ele nessa posição. Ele tocou o cabelo dela, puxando-o para frente por cima do ombro. Seus olhos eram sombrios. — Eu não sei o que vai acontecer quando voltarmos — disse ele. — Eu não sei se pedir o exílio ao Dearborn funcionará.

Eu não sei se vamos nos separar. Mas se formos, vou pensar no que você acabou de dizer e vai me levar até o que acontecer. No escuro, nas sombras, nos momentos em que estou sozinho, vou me lembrar.

Os olhos dela ardiam.

— Eu posso dizer de novo.

— Não precisa. — Ele tocou sua bochecha levemente. — Eu sempre me lembrarei de como você era quando você disse isso.

— Então eu gostaria de ter usado algo um pouco mais sexy — disse ela com uma risada trêmula.

Seus olhos escureceram - aquele escurecimento de desejo que só ela conseguia ver.

— Acredite em mim, não há nada mais sexy do que você em uma das minhas camisas — disse ele. Ele tocou a gola da camisa levemente. Arrepios explodiram na pele dela. Sua voz era baixa e áspera. — Eu sempre quis você. Mesmo quando eu não sabia disso.

— Mesmo durante a nossa cerimônia *parabatai*?

Ela meio que esperava que ele risse, mas ao invés disso, o dedo dele traçou o material de sua camisa, ao longo de sua clavícula até o entalhe na base de sua garganta. — Especialmente nela.

—Julian…

— Rogai-me para não deixá-lo — ele sussurrou. — Ou voltar após segui-lo — ele abriu o botão de cima de sua camisa, mostrando um pequeno pedaço de pele. Ele olhou para ela e ela assentiu com a boca seca: *Sim, eu quero isso, sim.*

— Pois, para onde fores, irei. — os dedos dele deslizaram para baixo. Outro botão se abriu. O inchaço dos seios dela era visível; suas pupilas se expandiram, escurecidas.

Havia algo de herético nisso, algo que carregava o frisson do que era proibido. As palavras da cerimônia *parabatai* não foram feitas para transmitir desejo. No entanto, cada palavra estremeceu nos nervos de Emma, como se as asas dos anjos lhe roçassem a pele.

Ela pegou a camisa dele e a tirou pela cabeça. Alisou as mãos pelo peito até a cintura, os músculos do abdômen . Traçou cada cicatriz.

— E onde estiver, eu estarei.

Os dedos dele encontraram outro botão e outro. A camisa dela se abriu com um sussurro do pano. Lentamente, ele empurrou-a dos ombros, deixando-a escorregar pelos braços dela. Seus olhos estavam famintos, mas

suas mãos eram gentis; ele acariciou seus ombros nus e se inclinou para beijar os lugares que a camisa revelara, traçando um caminho entre seus seios enquanto ela se arqueava para trás em seus braços. Ele murmurou contra sua pele.

— Os teus serão os meus. Teu Deus, meu Deus.

Ela caiu para trás, puxando Julian para cima dela. Seu peso a pressionou na suavidade da cama. Ele enrolou as mãos debaixo do corpo dela e beijou-a por muito tempo e devagar. Ela passou os dedos pelo cabelo dele como sempre adorara fazer, os cachos sedosos fazendo cócegas nas palmas das mãos.

Eles tiram as roupas sem pressa. Cada novo pedaço de pele revelado foi motivo de outro toque reverente, outro beijo lento.

— Onde morreres, eu morrerei — Julian sussurrou contra a boca dela.

Ela soltou o jeans dele e ele o chutou para longe. Ela podia senti-lo duro contra ela, mas não havia pressa: seus dedos traçaram as curvas dela, as depressões e cavidades de seu corpo, como se ele estivesse descrevendo um retrato dela em dourado e marfim com cada pincel de suas mãos.

Ela envolveu as pernas ao redor dele para mantê-lo perto dela.

Seus lábios roçaram sua bochecha, seu cabelo, enquanto ele se movia dentro dela; seu olhar nunca rompeu com o dela, atraindo os dois para cima. Eles se levantaram como fogo e faíscas, cada momento mais brilhante; e quando finalmente eles quebraram e caíram juntos, eles eram estrelas em colapso em ouro e glória.

Depois, Emma se encolheu contra Julian, sem fôlego. Ele estava corado, coberto de suor, quando ele juntou o cabelo dela em uma mão, enrolando-o entre os dedos.

— Nada se não a morte partirá a mim e a ti, Emma — ele disse, e pressionou seus lábios nos fios.

Emma fechou os olhos enquanto sussurrava: — Julian. Julian.

Nada se não a morte partirá a mim e a ti.

*

Julian sentou-se na beira da cama, olhando para a escuridão.

Seu coração estava completo com Emma, mas sua mente estava em tumulto. Ele estava feliz por ter dito a ela a verdade sobre as palavras da Rainha, sobre sua determinação em buscar o exílio.

Ele queria dizer mais.

Enquanto você existir e eu existir, eu amarei você. As palavras encheram seu coração e o quebraram. O perigo de amar Emma tornara-se uma cicatriz de batalha: uma fonte de orgulho, uma lembrança de dor. Ele não foi capaz de dizer o resto: *Mas e se o feitiço voltar quando formos para casa? E se eu parar de entender o que significa amar você?*

Ela tinha sido tão corajosa, sua Emma, e tão bonita, e ele a queria tanto que suas mãos estavam tremendo quando ele desabotoou a blusa dela, quando ele alcançou a gaveta do criado mudo. Ela estava dormindo agora, os cobertores em volta dela, o ombro dela parecia uma pálida lua crescente. E ele estava sentado na beira da cama, segurando a adaga de jóias que Emma trouxera mais cedo do armário de armas no andar de baixo.

Ele virou-a na mão. Era pequena, com uma lâmina afiada e pedras vermelhas no pomo. Ele podia ouvir a voz da Rainha em sua cabeça. No Reino das Fadas, como os mortais não sentem tristeza, nem sentem alegria.

Ele pensou no jeito que ele e Emma sempre escreveram na pele um do outro com os dedos, soletrando palavras que ninguém mais podia ouvir.

Pensou no grande vazio que carregara dentro de si depois do feitiço, sem saber que o carregava, como um mundano possuído por um demônio que se agarrava às suas costas e se alimentava de sua alma, nunca sabendo de onde vinha a miséria.

Uma vez que você não sente mais empatia, você se torna um monstro. Você pode não estar sob o feitiço aqui, Julian Blackthorn, mas e quando você voltar? O que você fará então, quando não puder suportar sentir o que sente?

Ele esticou o braço e trouxe a lâmina para baixo

21
NENHUM RAIO DO CÉU

DIANA CHEGOU AO AMANHECER E bateu na porta deles. Emma acordou grogue, o cabelo emaranhado e os lábios doloridos. Ela rolou para encontrar Julian deitado de lado, completamente vestido com uma camisa preta de mangas compridas e calça verde-de-exército.

Ele parecia recém-lavado, o cabelo molhado demais para estar encaracolado, a boca com gosto de creme dental quando ela se inclinou para beijá-lo. Teria ele dormido mesmo?

Ela cambaleou para tomar banho e se vestir. Com cada peça de roupa que vestia, sentiu outra camada de antecipação, despertando-a com mais segurança do que a cafeína ou o açúcar jamais conseguiram. Camisa de manga comprida. Colete acolchoado. Calça de lona. Botas de sola grossa. Adagas e chigiriki no cinto, jogando estrelas nos bolsos, uma espada longa em uma bainha nas costas.

Ela amarrou o cabelo em uma trança e, com alguma relutância, pegou uma arma e enfiou-a no coldre preso ao cinto.

— Pronto — ela anunciou.

Julian estava encostado na parede ao lado da porta, um pé com botas apoiado atrás dele. Ele sacudiu um pedaço de cabelo dos olhos.

— Eu estou pronto há horas — disse ele.

Emma jogou um travesseiro nele.

Era bom ter essas brincadeiras de volta, ela pensou, enquanto se dirigiam para o andar de baixo. Estranho como o humor e a habilidade de brincar estavam ligados a emoções; um Julian que não sentia nada era um Julian cujo humor era escuro e amargo.

O refeitório estava lotado e cheirava a café. Lobisomens, vampiros e ex-Caçadores de Sombras sentavam-se em mesas compridas, comendo e bebendo tigelas e canecas lascadas e sem correspondência. Era uma cena estranhamente unificada, Emma pensou. Ela não podia imaginar uma situação em seu mundo onde um grande grupo de Caçadores de Sombras e

Habitantes do Submundo estivessem sentados juntos para uma refeição casual.

Talvez a Aliança entre Caçadores de Sombras e Seres do Submundo de Alec e Magnus comessem juntos, mas ela tinha que admitir que sabia vergonhosamente pouco sobre eles.

— Ei — Era Maia, mostrando a eles uma longa mesa onde Bat e Cameron estavam sentados. Duas tigelas de aveia e canecas de café foram colocadas para eles. Emma olhou para o café enquanto se sentava. Mesmo em Thule, todos assumiram que ela bebia as coisas.

— Coma — disse Maia, sentando-se ao lado de Bat. — Todos nós precisamos da energia.

— Onde está Livvy? — Disse Julian, dando uma mordida no mingau de aveia.

— Ali — Cameron apontou com a colher. — Correndo por aí apagando incêndios como de costume.

Emma tentou a aveia. Tinha gosto de papel cozido.

— Aqui — Maia entregou-lhe uma pequena tigela lascada. — Canela. Torna o sabor melhor.

Quando Emma pegou a tigela, notou que havia outras tatuagens no braço de Maia ao lado do lírio — uma flecha inclinada, uma chama azul e uma folha de sálvia.

— Isso significa alguma coisa? — ela perguntou. Julian estava conversando com Cameron, algo que Emma não poderia ter imaginado acontecendo em seu mundo. Ela ficou um pouco surpresa que estivesse acontecendo aqui. — Suas tatuagens, quero dizer.

Maia tocou as pequenas ilustrações com dedos leves.

— Eles honram meus amigos que caíram — ela disse calmamente. — A folha de sálvia é para Clary. A flecha e a chama são para Alec e Magnus. O lírio…

— Lily Chen — Emma disse, pensando na expressão de Raphael quando ela disse o nome de Lily.

— Sim — disse Maia. — Nós nos tornamos amigos em Nova York após a Batalha de Burren.

— Eu sinto muito por seus amigos.

Maia se recostou.

— Não sinta, Emma Carstairs — disse ela. — Você e Julian nos trouxeram esperança. Esse - hoje - é o primeiro movimento que faremos

contra Sebastian, a primeira coisa que faremos não apenas para sobreviver. Então, obrigada por isso.

O fundo dos olhos de Emma arderam. Ela olhou para baixo e deu outra mordida no mingau de aveia. Maia estava certa — era melhor com canela.

— Você não quer seu café? — Diana disse, aparecendo em sua mesa. Ela estava vestida inteiramente de preto da cabeça aos pés, dois cintos de bala amarrados em torno de sua cintura. — Eu vou beber isso.

Emma estremeceu.

— Tire isso daqui. Eu ficaria grata.

Um grupo de pessoas vestidas de preto, como Diana, carregando armas, marcharam pela porta em formação.

— Atiradores — disse Diana. — Eles vão nos cobrir por cima.

— Diana, nós seguiremos em frente agora — disse Raphael, aparecendo do nada daquela forma irritante que os vampiros tinham.

Ele não se incomodou com qualquer tipo de roupa militar; ele usava jeans e uma camiseta e parecia ter quinze anos.

— Você irá espionar? — Disse Emma.

— Essa é a minha desculpa para não viajar com vocês, humanos, sim — disse Raphael.

Era um tanto misterioso, Emma pensou, que Magnus e Alec gostassem bastante desse cara para nomear seu filho com seu nome.

Mas eu estava tão ansiosa para brincar de espiã — disse ela.

— Você teria perdido — disse Raphael. — Vampiros se destacam em brincar de espião.

Enquanto se afastava, ele parou para falar com alguém. Livvy.

Ela deu um tapinha no ombro dele e, para a surpresa de Emma, ele não a encarou furiosamente — ele balançou a cabeça, um aceno quase amigável, e foi se juntar ao seu grupo de batedores de vampiros. Eles saíram pela porta enquanto Livvy se aproximava da mesa de Emma e Julian.

— Todo mundo está pronto — disse ela. Ela parecia muito com quando a viram em Thule. Durona e pronta para qualquer coisa. Seu cabelo foi puxado para trás em um rabo de cavalo apertado; ela se inclinou para beijar Cameron na bochecha e deu um tapinha no ombro de Julian. — Jules, você e Emma vêm comigo. Nós temos neblina hoje.

— Neblina não parece tão ruim — disse Emma.

Livvy suspirou.

— Você verá.

*

Emma viu. O nevoeiro em Thule era como tudo em Thule: surpreendentemente horrível.

Eles deixaram o Edifício Bradbury em um pequeno grupo: Emma, Julian, Livvy, Cameron, Bat, Maia, Divya, Rayan e alguns outros rebeldes que Emma não conhecia pelo nome. E o nevoeiro os atingira como uma parede: espessas colunas de névoa subiam do chão e flutuavam pelo ar, transformando tudo mais do que alguns metros à frente em um borrão. Fedia e ardia, como a fumaça de um fogo profundo.

— Vai fazer seus olhos arderem, e sua garganta também, mas isso não te machuca — disse Livvy enquanto se dividiam em grupos menores, espalhando-se pela Broadway. — Será difícil para os atiradores, no entanto.

— Sem visibilidade.

Ela estava andando com Emma e Julian na sarjeta ao lado da calçada. Eles seguiram Livvy, desde que ela parecia saber onde ela estava indo. A neblina cortou a luz fraca do sol quase completamente; Livvy havia apagado uma lanterna e apontava a viga para a neblina à frente.

— Pelo menos não haverá carros — disse Livvy. — Às vezes, os Crepusculares tentam te atropelar se eles acham que você não está envolvido. Mas ninguém dirige pela neblina.

— Já choveu aqui? — Perguntou Emma.

— Acredite em mim — disse Livvy — você não quer estar aqui quando chover.

O tom dela sugeria que Emma não deveria perguntar mais e que provavelmente choveria facas ou sapos raivosos.

A névoa branca parecia encobrir tanto o som quanto a visão.

Eles avançaram, os passos abafados, seguindo o feixe de luz de Livvy. Julian parecia perdido em pensamentos; Livvy olhou para ele e depois para Emma.

— Eu tenho algo que eu quero que você guarde. — disse ela em uma voz tão baixa que Emma teve que se inclinar para ouvi-la. — É

uma carta que escrevi para Ty.

Ela colocou o envelope na mão de Emma; Emma colocou-a no bolso interno depois de olhar para o nome rabiscado no envelope.

Tiberius.

— Tudo bem. — Emma olhou para a frente. — Mas se você não voltará pelo Portal conosco, você tem que dizer a Julian.

— O Portal não existe, existe?— Livvy disse suavemente.

— Nós vamos voltar — disse Emma. — De alguma forma.

Livvy inclinou a cabeça, reconhecendo a determinação de Emma.

— Eu ainda não me decidi.

— Olha — disse Julian. Ele parecia afiar em torno das bordas enquanto se aproximava delas, não mais embaçado pela neblina. — Estamos quase lá.

O Angels Flight apareceu acima deles, seu volume cortando a névoa. A ferrovia em si já fora cercada há muito tempo, quando as pessoas se importavam com coisas como segurança, mas a cerca havia sido pisada, e faixas rasgadas de elos de corrente estavam espalhadas na calçada. Dois bondes de madeira estavam deitados no meio da colina, derrubados dos trilhos como brinquedos quebrados.

Um arco ornamentado laranja e preto com as palavras ANGELS

FLIGHT se erguia sobre a entrada da ferrovia.

Em pé na frente de um dos pilares que sustentam a arcada estava Tessa.

Ela não estava disfarçada como Jem hoje. Nem estava vestida como uma Caçadora de Sombras ou um Irmão do Silêncio. Ela usava um vestido preto liso, o cabelo solto e reto. Ela parecia ter a idade de Clary.

— Vocês estão aqui — disse ela.

Livvy parou no meio do caminho; ela estendeu a mão indicando que Julian e Emma deveriam parar também. Ela desligou a lanterna quando várias dezenas de figuras emergiram da névoa. Emma ficou tensa, depois relaxou quando os reconheceu — Diana. Bat. Cameron.

Raphael. Maia. E dúzias de rebeldes, vestidos de preto e verde.

Eles ficaram em silêncio em duas longas filas. Formação militar.

Nenhum deles se mexeu.

Tessa olhou para Livvy, imaginando.

— Todas essas pessoas são seu povo?

— Sim — disse Livvy. Ela estava olhando para Tessa com uma mistura de desconfiança e esperança. — Estas são as minhas pessoas.

Tessa sorriu, um sorriso súbito e maravilhoso.

— Você fez bem, Livia Blackthorn. Você honrou sua família.

Livvy parecia surpresa.

— Minha família?

— Há muitos Blackthorns — disse Tessa — E há muito tempo eles viveram com honra. Eu vejo muita honra aqui — ela olhou na direção dos

rebeldes, e então se virou - parecendo despreocupada com a demonstração de força às suas costas - e levantou as mãos na frente dela.

Houve inspiração dos rebeldes enquanto os dedos de Tessa se inflamavam com fogo amarelo. Uma porta - duas portas - surgiu sob suas mãos, enchendo a arcada. Cada uma era uma enorme laje de pedra. Através delas ambas tinham sido grosseiramente esculpidos com uma frase em latim. *Nescis quid serus vesper vehat*.

— Quem sabe o que o anoitecer traz? — Julian traduziu, e um arrepio subiu pela espinha de Emma.

Tessa passou as chamas amarelas de seus dedos pelas portas, e um som alto de rangido cortou o nevoeiro abafado. As portas estremeceram e começaram a se abrir, o pó caindo dos anos de desuso.

Um grito oco ecoou da escuridão quando as portas se abriram completamente. A escuridão profunda era tudo o que era visível além da entrada: Emma não podia ver as escadas que ela conhecia que levavam para a Cidade do Silêncio. Ela podia ver apenas sombras.

Emma e Julian se adiantaram, Emma espiando a escuridão da entrada da Cidade do Silêncio, no momento em que Tessa afundou no chão.

Eles correram para o lado dela. Ela se levantou contra um pilar, o rosto branco como a névoa.

— Estou bem, estou bem — disse ela, embora, de perto, os lados da boca e dos olhos estavam enroscados de vermelho, como se os pequenos vasos sangüíneos ali houvessem estourado de tensão. — Nós deveríamos nos apressar. Não é sensato deixar a Cidade do Silêncio aberta…

Ela tentou se levantar e caiu com um suspiro.

Livvy entregou sua lanterna para Emma e se ajoelhou ao lado de Tessa.

— Cameron! Diana! Vão com Emma e Jules para a Cidade dos Ossos. Maia, preciso de um médico.

Houve uma onda de atividade. Quando Cameron e Diana se juntaram a eles, Emma tentou argumentar que ela deveria ser a única a ficar com Tessa, mas Livvy era inflexível.

— Você fez a cerimônia *parabatai* — disse ela. — Você conhece a Cidade do Silêncio. Não há razão para que sua arquitetura aqui seja diferente.

— Depressa — Tessa disse novamente quando Maia se abaixou ao lado dela com um kit de primeiros socorros. — Os instrumentos estão na Câmara da Estrela — ela tossiu. — Vão!

Emma acendeu a lanterna de Livvy e disparou pela entrada da cidade, Julian a seu lado, Cameron e Diana tomando a retaguarda. O

barulho da rua desapareceu quase que imediatamente, abafado pela neblina e pelas pesadas paredes de pedra. A Cidade do Silêncio estava mais silenciosa do que nunca, pensou ela. O facho da lanterna refletia nas paredes, iluminando lascas de pedra e, à medida que se aproximavam mais abaixo no subsolo, ossos brancos e amarelados.

Livvy estava certa. A arquitetura da Cidade do Silêncio era a mesma aqui. Julian andou ao lado de Emma, lembrando-a da última vez que eles estiveram juntos neste lugar, em sua cerimônia *parabatai*. A cidade, então, cheirava a coisas velhas, como ossos, poeira e pedra, mas era um lugar vivo e habitado. Agora cheirava a desuso e morte.

Não era sua Cidade dos Ossos, é claro. Mas ela foi ensinada desde a infância que todas as cidades eram uma cidade; havia entradas diferentes, mas apenas uma fortaleza. Ao passarem pelas salas arqueadas dos mausoléus, Emma não pôde deixar de pensar: *nunca mais guerreiros serão acrescentados a esse exército; nunca mais suas cinzas ajudarão a construir a Cidade dos Ossos.*

Eles passaram por um túnel que se abria para um pavilhão quadrado. Pináculos de ossos entalhados ocupavam cada canto.

Quadrados de mármore como um tabuleiro de xadrez, bronze e vermelho, formavam o chão; no centro estava o mosaico que dava à sala seu nome, um desenho parabólico de estrelas prateadas.

Uma mesa de basalto negro corria ao longo de uma parede. Em cima dela havia dois objetos: um cálice e uma espada. O cálice era dourado, com uma borda cravejada de rubis; a espada era uma pesada prata escura, com um punho em forma de asas de anjo.

Emma conhecia os dois. Cada Caçador de Sombras os conhecia, a partir de mil pinturas e tapeçarias e ilustrações em livros de história. Ela notou, com uma estranha surpresa, que nem o cálice nem a espada haviam acumulado poeira.

Cameron respirou fundo.

— Eu nunca pensei em vê-los novamente. Não depois da guerra.

— Me dê a lanterna — disse Diana, estendendo a mão para Emma. — Vão em frente, vocês dois.

Emma entregou a lanterna, e ela e Julian se aproximaram da mesa. Julian pegou o cálice e enfiou-o pela alça do cinto Sam Browne sobre o peito,

depois fechou o paletó sobre ele. Emma demorou um pouco mais para se endireitar para pegar a espada. Sua última visão dela era na mão de Annabel quando Annabel cortou Robert Lightwood e mergulhou os fragmentos da espada no peito de Livvy.

Mas esta era outra espada: não sangrada, intacta. Ela segurou o aperto e o trocou com a espada longa nas costas; a Espada Mortal era um peso pesado contra sua espinha, e ela se lembrou do que a Rainha havia dito: que os Nephilim haviam sido gigantes na terra, com a força de mil homens.

— É melhor irmos — disse Diana. — Como a feiticeira disse, é melhor não deixar este lugar aberto por muito tempo.

Cameron olhou em volta com um arrepio de desgosto.

— Não posso sair daqui, é muito cedo para mim.

Ao passarem pela cidade, o facho da lanterna dançou nas pedras semipreciosas incrustadas nos arcos dos ossos. Eles brilhavam de um jeito que deixava Emma triste: *Qual era o ponto de beleza se ninguém a via?* Chegaram a um túnel e ela percebeu, com alívio que eles deviam estar chegando perto das escadas e da superfície: ela podia ouvir o vento, o som de um carro saindo pela culatra …

Ela endureceu. Ninguém dirige no meio do nevoeiro.

— Que barulho é esse? — Ela disse.

Todos eles prestaram atenção. O som voltou e desta vez Cameron empalideceu.

— Tiros — disse Diana, tirando uma arma do coldre no quadril.

— Livvy — Cameron começou a correr; ele tinha andado alguns metros quando figuras surgiram das sombras, figuras envoltos em fumaça e escarlates. Uma lâmina de prata saiu da escuridão.

— Crepusculares! — Julian gritou.

A espada longa de Emma já estava em sua mão esquerda; ela correu para frente, tirando uma shuriken de seu cinto e atirando-a para uma das figuras em vermelho. Eles cambalearam de volta, um jato de sangue pintando a parede atrás deles.

Uma mulher Crepuscular com longos cabelos castanhos avançou em direção a ela. Cameron estava lutando com um ao pé de um conjunto de escadas. Um tiro ecoou nos ouvidos de Emma; o Crepuscular caiu como uma rocha. Emma olhou para trás para ver Julian abaixando uma pistola, sua expressão de pedra. A fumaça ainda se curvava ao redor do cano.

— *Vão!* — Diana deixou cair a lanterna, empurrou Emma por trás e mirou. — Vá para Livvy! Chegue aos outros!

A implicação era clara: tirar o cálice e a espada dos Crepusculares. Emma decolou, com a espada longa na mão, em dois arcos de golpes cortantes; ela viu Cameron lutando com um Crepuscular que ela reconheceu ser Dane Larkspear. Podre em um mundo, podre em outro, ela pensou, quando Cameron chutou as pernas de Dane debaixo dele.

Havia mais Crepusculares chegando, porém, de um dos outros túneis. Ela ouviu Julian gritar e, então, eles subiram as escadas, Emma com sua espada e Julian com sua arma. Eles irromperam da entrada da Cidade do Silêncio — No meio de um quadro horrível.

O nevoeiro ainda estava ondulando por toda parte, fios brancos como a teia de uma enorme aranha. Mas Emma podia ver o que ela precisava ver. Dezenas de rebeldes de Livvy se ajoelharam em silêncio, mãos atrás da cabeça. Atrás deles havia longas fileiras de Crepusculares armados com baionetas e metralhadoras. Tessa ainda estava caída contra o pilar da arcada, mas era Raphael segurando-a agora, e com surpreendente cuidado.

Livvy estava de pé, no centro do grupo de Crepusculares e rebeldes. Ela estava de pé porque Julian - um Julian mais alto, mais velho e maior, com um sorriso sombrio e mortal, vestido todo de vermelho - estava de pé atrás dela, com um braço em volta de sua garganta. Sua mão livre segurava uma pistola na têmpora.

Atrás dele estava Sebastian, em outro terno escuro caro, e com Sebastian, flanqueando-o, estavam Jace e Ash. Ash estava sem armas, mas Jace carregava uma espada que Emma reconheceu: Heosphoros, que em seu mundo tinha sido de Clary. Era uma linda espada, sua cruz de ouro e obsidiana, a lâmina de prata escura estampada com estrelas negras.

Tudo pareceu desacelerar. Emma ouviu a respiração de Julian na garganta; ele parou, como se tivesse sido transformado em pedra.

— Julian Blackthorn — Sebastian disse, e a névoa branca que se enroscava ao redor dele era da cor de seu cabelo, do cabelo de Ash. Dois príncipes do inverno. — Você realmente achou que eu pudesse ser enganado pelo seu mau desempenho na boate?

— Annabel — disse Julian, com a voz rouca, e Emma sabia o que ele estava pensando: Annabel deve tê-los traído, Annabel, que sabia quem eles realmente eram.

A testa de Sebastian se franziu.

— E quanto a Annabel?

Ash sacudiu a cabeça ligeiramente. Era um movimento minúsculo, uma negação minúscula, mas Emma viu, e tinha quase certeza de que Julian também tinha visto. Não, ele estava dizendo.

Annabel não os traiu.

Mas por que Ash…?

— Largue sua arma — disse Sebastian, e Julian, jogou-a no nevoeiro. Sebastian mal olhou para Emma; agora ele virava seu olhar desdenhoso em sua direção. — E você. Largue essa espada barata.

Emma deixou cair a espada longa com um clangor. Ele não tinha visto a Espada Mortal amarrada nas costas dela?

— Você tem o sol em sua pele — disse Sebastian. — Isso por si só teria me dito que você não era de Thule. E graças a Ash, conheço a história do seu mundo. Eu conhecia o Portal. Eu estive me perguntando todo esse tempo se um de vocês tropeçaria nele. Eu sabia que você iria direto para os Instrumentos Mortais para escondê-

los de mim. Tudo o que tive que fazer foi prostar alguns guardas aqui e esperar a informação. — ele sorriu como um jaguar. — Agora entregue os Instrumentos Mortais ou o Julian aqui vai explodir a cabeça da sua irmã.

O verdadeiro Julian olhou para Livvy. Emma estava gritando por dentro: ele não podia vê-la morrer de novo, não de novo, ninguém poderia passar por isso duas vezes.

O olhar de Livvy estava firme no de seu irmão. Não havia medo em sua expressão.

— Você não vai deixá-la viver — disse Julian. — Não importa o que eu faça, você vai matá-la.

Sebastian sorriu um pouco mais.

— Você terá que esperar e ver.

— Tudo bem — disse Julian. Seus ombros caíram. — Estou procurando pelo Cálice. — disse ele, levantando uma mão enquanto o outro descompactou sua jaqueta. Emma observou-o desanimada quando ela chegou lá dentro. — Eu vou segurá-lo para você…

Ele tirou a mão do paletó; ele estava segurando uma faca de arremesso, pequena e afiada com pedras vermelhas no cabo; Emma mal teve tempo de reconhecê-lo antes que ele a jogasse. Ela chicoteou no ar, roçando a bochecha de Livvy e afundando profundamente no olho do Julian crepuscular que a segurava.

Ele nem gritou. Ele caiu para trás, batendo no chão com um baque, a pistola rolando para fora da mão aberta; Sebastian gritou, mas Livvy já tinha ido embora, abaixando-se e rolando na névoa.

Emma sacou a Espada Mortal e atacou diretamente Sebastian.

O mundo explodiu em caos. Sebastian gritou por seus Crepusculares e eles vieram correndo, abandonando os rebeldes para se jogarem entre Emma e seu líder. Jace se lançou contra Emma, empurrando Ash atrás dele, mas Julian já estava lá; ele havia pegado a espada longa caída e ela batia forte contra Heosphoros enquanto direcionava Jace para longe de Emma.

Emma atacou o mais próximo Crepuscular com a Espada Mortal. Seu peso se transformou em luz em suas garras; cantava enquanto o empunhava como só Cortana cantara antes e, de repente, lembrou-se do nome: Maellartach. Um Crepuscular com cabelo loiro cortado curto apontou uma pistola nela; a bala tocou a lâmina de Maellartach. O Crepuscular ficou boquiaberto e Emma enfiou a Espada Mortal no peito dele, arremessando-o para trás com tanta força que ele levou outro Crepuscular com ele enquanto caía.

Ela ouviu alguém gritar; foi Livvy, saltando para a briga. Ela se abaixou, rolou e atirou, pegando um Crepuscular que estava atacando Bat. Os sons da batalha ecoaram como um trovão nas paredes de névoa que se enrolavam e deslizavam ao redor deles.

Maellartach era um borrão de prata na mão de Emma, virando as lâminas e as balas enquanto se aproximava de Sebastian. Ela viu o Bat se aproximar de Ash, a baioneta na mão. Ash não estava se movendo; ele estava de pé observando o caos como um espectador no teatro.

— Coloque as mãos atrás das costas — disse Bat, e Ash olhou para ele com uma careta, como se ele fosse um convidado rude que havia interrompido uma peça. Bat levantou a baioneta. — Olha, garoto, é melhor você…

Ash fixou Bat com um olhar fixo e verde. — Você não quer fazer isso — disse ele.

Bat congelou, segurando sua arma. Ash se virou e se afastou -

não se apressando, quase *andando*, na verdade - e desapareceu na neblina.

— Bat! *Cuidado*! — exclamou Maia, e Bat se virou para mergulhar a baioneta no corpo de um guerreiro que avançava em direção aos Crepusculares.

E então veio o grito. Um uivo de agonia tão estridente e intenso que perfurou o nevoeiro. Uma mulher de uniforme Crepuscular voou pela praça, seu cabelo se desenrolando atrás dela como um estandarte de ouro, e se jogou sobre o corpo morto de Julian Blackthorn.

Emma sabia que era ela mesma; a Emma de Thule, agarrando o corpo de seu parceiro morto, soluçando contra seu peito, seus dedos arranhando suas roupas molhadas de sangue. Ela gritou repetidamente, cada um uivo agudo e curto, como um alarme de carro saindo em uma rua vazia.

Emma não pôde evitar olhar fixamente, e Julian - seu próprio Julian - se sobressaltou e se virou para olhar - reconhecendo o som da voz de Emma, ela adivinhou. A fração de segundo em sua atenção deixou uma abertura para Jace, que avançou com Heosphoros; Julian torceu para o lado, mal conseguindo evitar a lâmina, mas tropeçou; Jace deu uma rasteira nele e ele caiu.

Não. Emma virou-se, invertendo o curso, mas se Jace derrubasse a espada, não havia como ela chegar a tempo…

Uma pluma de chama amarela disparou entre Jace e Julian.

Julian recuou quando Jace se virou para olhar; Raphael estava segurando Tessa na vertical, e sua mão estava esticada, fogo amarelo ainda dançando na ponta dos dedos. Ela parecia puída e exausta, mas seus olhos estavam sombrios de tristeza quando se fixaram em Jace.

Foi um momento estranho e congelado, do tipo que, às vezes, acontecia no meio da batalha. Foi quebrado por uma figura tropeçando na entrada da Cidade do Silêncio - Diana, manchada de sangue e ofegante, mas viva. O coração de Emma saltou de alívio.

Os olhos de Sebastian se estreitaram.

— Vão para a Cidade! — Ele gritou. — Encontre tudo! Pegue livros! Registros! Traga tudo para mim!

Tessa ofegou.

— Não, a destruição que ele poderia causar…

Jace imediatamente se afastou de Julian, como se ele tivesse esquecido que ele estava lá.

— Crepusculares — ele chamou. Sua voz era profunda e plana, sem tom ou emoção. — Venham até mim.

Emma se virou para correr em direção à entrada da cidade; ela podia ouvir Sebastian rindo. Julian havia se levantado e estava ao lado dela;

Livvy girou, chutou um Crepuscular e correu em direção a Tessa e os outros.

— Feche as portas! Feche as portas!

— Não! Diana olhou descontroladamente ao redor da cena de carnificina. — Cameron ainda está lá!

Julian se virou para Tessa.

— O que podemos fazer?

— Eu posso fechar as portas, mas você deve entender que não posso abri-las novamente — disse Tessa. — Cameron ficará preso.

Um olhar de agonia passou pelo rosto de Livvy. Jace e os outros Crepusculares estavam se movendo em direção a eles; havia segundos para decidir.

A agonia não deixou os olhos de Livvy, mas seu maxilar endureceu. Naquele momento, ela nunca se pareceu mais com Julian.

— Feche as portas — disse ela.

— Pare a feiticeira!— Sebastian chorou. — Pare ela!

Ele parou com um uivo. Maia, atrás dele, havia mergulhado uma espada em seu lado. A lâmina entrou nele, manchada de sangue negro. Ele mal pareceu notar.

— Tessa — Emma começou, e ela não sabia o que planejava dizer, se ela planejava perguntar a Tessa se ela tinha forças para fechar as portas, se pretendia dizer a ela para o fazer ou não. Tessa se moveu antes que ela pudesse terminar sua sentença, levantando seus braços esguios, murmurando palavras que Emma sempre tentaria lembrar e sempre encontrar em sua mente.

Faíscas douradas voaram dos dedos de Tessa, iluminando o arco. As portas começaram a deslizar fechadas, rangendo e chocalhando. Sebastian gritou de raiva e pegou a espada que se projetava do seu lado. Ele a soltou e atirou em Maia, que se jogou no chão para evitar ser atingida.

— Pare! — Ele gritou, caminhando em direção à entrada da cidade. — Pare *agora*.

As portas se fecharam com um eco que reverberou pela neblina.

Emma olhou para Tessa, que lhe deu um sorriso doce e triste.

Sangue corria dos cantos da boca de Tessa, de suas unhas rachadas.

— *Não* — disse Raphael. Ele estava tão quieto, que Emma quase esquecera que ele estava lá. Tessa…

Tessa Gray explodiu em chamas. Não era como se ela tivesse pegado fogo, não de verdade; entre um momento e outro, ela se tornou fogo, tornou-se um brilhante pilar de conflagração. A luz acesa era branca e dourada: cortava a névoa, iluminando o mundo.

Raphael caiu para trás, um braço no rosto para se proteger da luz. No brilho, Emma podia ver detalhes nítidos: o corte no rosto de Livvy, onde a lâmina de Julian a tinha roçado, as lágrimas nos olhos de Diana, a raiva no rosto de Sebastian enquanto ele olhava para as portas fechadas, o medo do Crepusculares enquanto se encolhiam diante da luz.

— Covardes! A luz não podem os machucar! — Sebastian gritou. — Lutem!

— Nós temos que voltar para o Edifício Bradbury — disse Livia desesperadamente. — Temos que sair daqui.

— Livvy — disse Julian. — Não podemos levá-los de volta à sua sede. Temos que lidar com eles agora.

— E só há uma maneira de fazer isso — disse Emma. Ela apertou ainda mais a Espada Mortal e se dirigiu para Sebastian.

Ela estava queimando com uma nova fúria, enchendo-a, sustentando-a. Cameron. Tessa. Ela pensou em Livvy, tendo perdido alguém que amava. E ela se lançou em Sebastian, a Espada Mortal se curvando no ar como um chicote feito de fogo e ouro.

Sebastian rosnou. Phaesphoros pulou na mão dele, e ele caminhou em direção a Emma. A fúria parecia dançar ao redor dele como faíscas.

— Você pensa em me derrubar com a Espada Mortal — disse ele. — Isabelle Lightwood tentou isso, e agora ela está em um túmulo em Idris.

— E se eu cortar sua cabeça? — Emma provocou. — Você continuará sendo o governante deste planeta partido ao meio?

Sebastian girou, a espada Morgenstern um borrão preto e prateado. Emma saltou, a espada cortando sob seus pés. Ela caiu como um hidrante tombado.

— Vá em frente e tente — Sebastian disse em uma voz entediada. — Outros tentaram; eu não posso ser morto. Vou cansar você, garota, e te cortar em peças de quebra-cabeça para divertir os demônios.

O confronto da batalha estava ao redor deles. O fogo de Tessa estava diminuindo, e no clamor da névoa, Emma podia ver Julian, lutando contra Jace. Julian pegara uma das espadas de um Crepuscular e lutava

defensivamente, como Diana lhes ensinara quando o adversário era mais forte do que eles.

Livvy estava lutando contra Crepusculares com uma nova raiva e energia. Assim como Raphael. Quando Emma lançou seu olhar para os outros, viu Raphael agarrar uma mulher de cabelos vermelhos e arrancar sua garganta com os dentes.

E então ela viu: um brilho à distância. Uma luz giratória e giratória que ela conhecia bem: a luz de um Portal.

Emma saltou do chão e continuou seu ataque; Sebastian, na verdade, recuou por um momento, surpreso, antes de se recuperar e revidar ainda mais. A lâmina zumbiu na mão de Emma enquanto seu coração batia duas palavras: *distraia-o, distraia-o*.

Phaesphoros bateu contra Maellartach. Sebastian mostrou os dentes em um sorriso que não era nada como um sorriso real. Emma se perguntou se ele já foi capaz de fingir um sorriso humano e se esqueceu como. Ela pensou no jeito que Clary falava dele, em alguém que estava perdido muito antes de morrer.

Uma dor aguda cortou através dela. A espada de Sebastian tinha marcado a frente de sua coxa esquerda; sangue manchava o rasgo em suas calças de lona. Ele sorriu novamente e chutou sua ferida violentamente; a dor abafou sua visão e ela se sentiu inclinar.

Ela bateu no chão com um estrondo que ela tinha quase certeza de que quebrara sua clavícula.

— Você está começando a me entediar — disse Sebastian, rondando acima dela como um gato. Sua visão estava borrada de dor, mas ela podia ver a luz do Portal ficando mais forte. O ar parecia brilhar. Ao longe, ela ainda podia ouvir a outra Emma soluçando.

— Outros mundos — ele meditou. — Por que eu deveria me importar com algum outro mundo quando eu domino este? O que algum outro mundo deveria significar para mim?

— Você quer saber como você morreu lá? — disse Emma. A dor de seu osso quebrado passou por ela. Ela podia ouvir a batalha ao redor dela, ouvir Julian e Jace lutando. Ela lutou para não desmaiar.

Quanto mais tempo ela distraía Sebastian, melhor.

— Você quer viver para sempre neste mundo — disse ela. — Você não quer saber como você morreu no nosso mundo? Talvez isso possa acontecer aqui também. Ash não sabe disso. Nem Annabel. Mas eu, sim.

Ele abaixou Phaesphoros e deixou a ponta dele cortar sua clavícula. Emma quase gritou de dor.

— Conte-me.

— Clary matou você — disse Emma, e viu seus olhos se abrirem. — Com fogo celestial. Queimou tudo o que era mal em você, e não sobrou o suficiente para você viver por muito tempo. Mas você morreu nos braços de sua mãe e sua irmã chorou por você. No clube ontem você falou sobre o peso em você, o esmagando. Em nosso mundo, suas últimas palavras foram *"Nunca me senti tão leve"*.

Seu rosto se contorceu. Por um momento, havia medo ali, em seus olhos, e mais do que medo - arrependimento, talvez até dor.

— Você está mentindo — ele sussurrou, deslizando a ponta de sua espada até o esterno, onde um golpe cortaria sua aorta abdominal. Ela iria sangrar em agonia. — Diga-me que não é a verdade. Conte-me!

Sua mão apertou a lâmina.

Havia um borrão atrás dele, uma rajada de asas, e algo o atingiu com força, um golpe no ombro que o fez cambalear para o lado.

Emma viu Sebastian girar, um olhar de fúria no rosto. — Ash! O que você está fazendo?

A boca de Emma se abriu em surpresa. Era Ash — e das suas costas estendia um par de asas. Para Emma, que tinha sido passado toda a sua vida vendo imagens de Raziel, foi como um golpe: ela se levantou nos cotovelos, olhando fixamente.

Elas eram asas de anjo e, no entanto, não eram. Elas eram negras, com pontas de prata; elas brilhavam como o céu noturno. Ela adivinhou que elas eram mais largos do que a extensão de seus braços estendidos.

Elas eram lindas, a coisa mais linda que ela tinha visto em Thule.

— Não — Ash disse calmamente, olhando para seu pai, e arrancou a espada da mão de Sebastian. Ele recuou, e Emma ficou de pé, sua clavícula gritando de dor, e empurrou a Espada Mortal no peito de Sebastian.

Ela a soltou, sentindo a lâmina raspar contra o osso da caixa torácica, preparada para empurrar de novo, para cortá-lo em pedaços.

Quando ela puxou a espada de volta, ele estremeceu. Ele não fez um som quando ela o esfaqueou; agora sua boca se abria e sangue negro caía em cascata sobre o lábio inferior e o queixo enquanto seus olhos rolavam para trás. Emma podia ouvir o grito dos Crepusculares. Sua pele começou a se dividir e queimar.

Ele jogou a cabeça para trás em um grito silencioso e explodiu em cinzas, como os demônios desapareciam no mundo de Emma.

Os gritos da Emma de Thule cessaram abruptamente. Ela se esparramou sem vida sobre o corpo de Julian. Um por um, os outros Crepusculares começaram a cair, amassados aos pés dos rebeldes que estavam lutando.

Jace deu um grito e caiu de joelhos. Atrás dele, Emma podia ver a iluminação do Portal, aberta agora e brilhando com a luz azul.

— Jace — ela sussurrou, e moveu-se para ir em direção a ele.

Ash entrou na frente dela.

— Eu não faria isso — disse ele. Ele falou com a mesma voz estranhamente calma em que ele dissera ao pai: *Não*. — Ele esteve sob o controle de Sebastian por muito tempo. Ele não é o que você pensa. Ele não pode voltar.

Ela balançou a espada para apontar para Ash, perto da náusea pela dor da clavícula quebrada. Ash olhou para ela, inabalável.

— Por que você fez isso?— ela exigiu. — Trair Sebastian. Por quê?

— Ele ia me matar — disse Ash. Ele tinha uma voz baixa, um pouco rouca, não a voz do garoto que ele tinha na Corte Unseelie. — Além disso, gostei do seu discurso sobre Clary. Foi interessante.

Julian se afastou de Jace, que ainda se ajoelhava no chão, olhando para a espada em suas mãos. Julian se moveu em direção a Emma enquanto Livvy olhava; ela tinha algumas feridas, mas ainda estava de pé, e seus rebeldes se aproximavam para circular em volta dela. Eles usavam expressões de choque e descrença.

Um grito atravessou o assustador silêncio dos mortos. Um grito que Emma conhecia bem.

— Não o machuque! — Annabel chorou. Ela correu em direção a Ash, com as mãos estendidas. Ela usava seu vestido vermelho e seus pés estavam nus enquanto corria.

Ela agarrou o braço de Ash e começou a arrastá-lo para o Portal.

Emma saiu de seu estado congelado e começou a correr em direção a Julian enquanto ele se movia para ficar em frente ao Portal.

Sua espada brilhou quando ele levantou, assim como Ash puxou com força contra o aperto de Annabel. Ele estava gritando para ela que ele não queria ir, não sem Jace.

Annabel era forte; Emma sabia o quão forte. Mas parecia que Ash era mais forte. Ele se soltou e começou a correr em direção a Jace.

A luz do Portal começara a escurecer. Annabel estava fechando, ou estava morrendo por conta própria, naturalmente? De qualquer maneira, o coração de Emma acelerou, batendo contra sua caixa torácica. Ela saltou sobre o corpo de um Crepuscular e apareceu do outro lado; Annabel girou até ela.

— Fique para trás! — Annabel gritou. — Nenhum de vocês pode entrar no Portal! Não sem Ash!

Ash se virou para olhar o som do nome dele; ele estava ajoelhado ao lado de Jace, a mão no ombro de Jace. O rosto de Ash estava retorcido com o que parecia ser pesar.

Annabel começou a avançar em Emma. Seu rosto estava assustadoramente vazio, do jeito que tinha sido naquele dia no estrado. O dia em que ela empurrou a Espada Mortal no coração de Livvy e parou para sempre.

Atrás de Annabel, Julian levantou a mão livre. Emma soube imediatamente o que ele queria dizer, o que ele queria.

Ela ergueu a Espada Mortal, rangendo os dentes de dor e atirou-a.

Passou por Annabel; Julian jogou a própria espada para o lado e pegou-a no ar. Ele balançou a lâmina ainda ensanguentada em um arco curvo, cortando a espinha de Annabel.

Annabel deu um grito terrível e desumano, como o grito de um gato pescador. Ela girou como uma blusa com defeito, e Julian enfiou a Espada Mortal em seu peito, assim como fizera com Livvy.

Ele puxou a lâmina livre, seu sangue pingando sobre o punho cerrado, salpicando sua pele. Ele ficou como uma estátua, segurando a Espada Mortal enquanto Annabel desabava no chão como uma marionete com suas cordas cortadas.

Caída de costas, o rosto virado para cima, uma poça de escarlate começando a se espalhar ao redor dela, misturando-se com os babados rasgados de seu vestido vermelho. Suas mãos, amarradas em garras em seus lados, relaxaram na morte; seus pés descalços eram escarlates escuros, como se ela estivesse usando chinelos feitos de sangue.

Julian olhou para o corpo dela. Seus olhos, ainda de tom azul-escuro, já começavam a filmar.

— Rainha do Ar e da Escuridão — disse ele em voz baixa. — Eu nunca serei como Malcolm.

Emma respirou longa e irregular quando Julian lhe devolveu a Espada Mortal. Então ele rasgou o pano ensanguentado de seu pulso e o jogou ao lado do corpo de Annabel.

Seu sangue começou a se misturar com o de Livvy.

Antes que Emma pudesse falar, ela ouviu Ash gritar. Se foi um grito de dor ou triunfo, ela não sabia dizer. Ele ainda estava ajoelhado ao lado de Jace.

Julian estendeu a mão.

— Ash! — Ele chorou. — Venha conosco! Eu juro que vamos cuidar de você!

Ash olhou para ele por um longo momento com olhos verdes firmes e ilegíveis. Então, ele balaçou a sua cabeça. Suas asas bateram no ar sombriamente; segurando Jace, ele subiu, ambos desaparecendo no céu nublado.

Julian baixou a mão, o rosto conturbado, mas Livvy já estava correndo em direção a ele, o rosto branco de angústia.

— Jules! Emma! O portal!

Emma virou-se; o Portal tinha diminuído ainda mais, sua luz oscilando. Livvy alcançou Julian e ele passou um braço ao redor dela, abraçando-a com força contra seu lado.

— Temos que ir — disse ele. — O Portal está desaparecendo -

ele só vai aguentar por alguns minutos agora que Annabel se foi.

Livvy pressionou o rosto no ombro de Julian e, por um momento, o abraçou incrivelmente apertado. Quando ela soltou, seu rosto estava brilhando com lágrimas.

— Vá — ela sussurrou.

— Venha conosco — disse Julian.

— Não, Julian. Você sabe que eu não posso — disse Livvy. — Meu povo finalmente têm uma chance. Você nos deu uma chance. Eu sou grata, mas eu não verei Cameron morrer pela segurança de um mundo pelo qual eu estou disposta a fugir.

Emma temia que Julian protestasse. Ele não fez isso. Talvez ele estivesse mais preparado para isso do que ela pensava. Ele enfiou a mão no paletó e tirou o cálice; brilhava como o ouro opaco na luz do Portal — a luz azul de um céu com um sol de verdade.

— Tome isto — ele apertou nas mãos de Livvy. — Com isso, talvez os Nephilins possam renascer aqui.

Livvy embalou em seus dedos.

— Eu posso não ser capaz de usar isso.

— Você pode — disse Emma. — Pegue.

— E deixe-me lhe dar uma última coisa — disse Julian. Ele se inclinou e sussurrou no ouvido de Livvy. Seus olhos se arregalaram.

— Vão! — Alguém gritou; foi Raphael, que junto com Diana, Bat e Maia, estava observando-os. — Vocês, humanos estúpidos, vão antes que seja tarde demais!

Julian e Livvy se entreolharam uma última vez. Quando ele se virou, Emma pensou que podia ouvir o som de seu coração se despedaçando: uma parte dele sempre estaria aqui, em Thule, com Livvy.

— Vão! — Raphael gritou novamente; o Portal havia se reduzido a um espaço menor que uma porta. — E diga a Magnus e Alec para mudar o nome de seu filho!

Emma deslizou a mão para Julian. Sua outra mão agarrou a Espada Mortal. Julian olhou para ela; na luz do sol do Portal, seus olhos eram azuis-marinhos.

— Vejo você do outro lado — ele sussurrou, e juntos eles entraram.

22
O Pior E o Melhor

A Cidade do Silêncio estava vazia, cheia de ecos de sonhos passados e sussurros. As tochas nas paredes estavam acesas, lançando um brilho dourado sobre as torres de ossos e mausoléus de rodolita e ágata branca.

Emma andou sem pressa entre os ossos dos mortos. Ela sabia que deveria estar ansiosa, talvez apressada, mas não conseguia lembrar o porquê, ou o que estava procurando. Ela sabia que estava usando equipamento de batalha, preto e prata como um céu estrelado. Suas botas ecoando no mármore eram o único som na Cidade.

Ela passou por uma sala familiar com um teto alto e abobadado.

Mármore de todas as cores fluíam juntas em padrões muito intrincados para o olho seguir. No chão havia dois círculos entrelaçados: era ali que ela e Julian se tornaram parabatai.

Além daquela sala estava a Câmara da Estrela. As estrelas parabólicas brilhavam no chão; a Espada Mortal estava pendurada atrás do bar de basalto, como se estivesse esperando por ela. Ela segurou-a e achou-a leve. Atravessando a sala, ela entrou na praça das estrelas que falavam.

— Emma! Emma, sou eu, Cristina. — uma mão fria segurava a dela. Ela estava se virando e girando; havia uma dor lancinante em sua garganta.

— Cristina — ela sussurrou, seus lábios secos e rachados. — Esconda a espada. Por favor, por favor, esconda isso.

Houve um clique. O chão abaixo dela se abriu ao longo de uma costura invisível, duas placas de mármore rolando suavemente separadas. Revelado abaixo deles havia um compartimento quadrado contendo uma tábua de pedra, na qual estava pintada uma runa parabatai crua. Não era bom nem belo trabalho, mas irradiava poder.

Segurando o punho de Maellartach, Emma derrubou, primeiro ponto. A lâmina separou a barra e Emma cambaleou para trás em uma nuvem de poeira e energia.

Está cortado, ela pensou. O vínculo está cortado.

Ela não sentiu alegria nem alívio. Apenas o medo como uma voz sussurrante chamou seu nome: — Emma, Emma, como você pôde?

Ela se virou para ver Jem em suas vestes de Irmão do Silêncio.

Uma mancha vermelha se espalhava lentamente pelo peito dele. Ela gritou quando ele caiu…

— Emma, fale comigo. Você vai ficar bem. Julian vai ficar bem — Cristina parecia à beira das lágrimas.

Emma sabia que estava em uma cama, mas era como se algemas enormes tivessem acorrentado a seus braços e pernas. Elas eram tão pesadas. Vozes aumentavam e diminuíam ao redor dela: ela reconheceu a voz de Mark e de Helen.

— O que aconteceu com eles? — Perguntou Helen. — Eles apareceram apenas alguns momentos depois de você, mas com roupas totalmente diferentes. Eu não entendo.

— Nem eu — Mark soou miserável. Emma sentiu a mão dele roçar o cabelo dela. — Emma, onde você esteve?

Emma estava diante do espelho de prata. Ela viu-se refletida de volta: cabelo claro, pele corrida, tudo familiar, mas seus olhos eram o vermelho opaco da lua em Thule.

Então ela estava caindo, caindo através da água. Ela viu os grandes monstros das profundezas, com barbatanas de tubarão e dentes de serpente, e então viu Ash se erguer através da água com suas asas negras brilhando em prata e ouro, e os monstros se afastaram dele com medo…

Ela acordou com um grito rouco, lutando contra as algas marinhas que a arrastavam para baixo, em águas mais profundas – ela percebeu que estava lutando contra lençóis que estavam enrolados em volta dela, e se enclinou para trás, ofegante. As mãos estavam nos ombros dela, depois penteando o cabelo para trás; uma voz suave estava dizendo o nome dela.

— Emma — disse Cristina. — Emma, tudo bem. Você está sonhando.

Emma abriu os olhos. Ela estava em seu quarto no Instituto; pintura azul, mural familiar na parede, das andorinhas em vôo sobre as torres do castelo, a luz do sol derramando através de uma janela aberta. Ela podia ouvir os sons do mar, da música tocando em outra sala.

— Cristina — Emma sussurrou. — Estou tão feliz que seja você.

Cristina soltou um ruído de soluço e colocou seus braços ao redor de Emma, abraçando-a com força. — Eu sinto muito — disse ela. — Eu sinto

muito por termos deixado o Reino das Fadas sem você, é tudo em que eu pude pensar. Eu nunca, nunca te deixei…

Como se de uma grande distância, Emma se lembrou da Corte Unseelie. Como as chamas os haviam separado de Cristina e dos outros, como ela assentira para ela, dando-lhe permissão para se salvar, os outros. — Tina! — Ela exclamou, dando tapinhas nas costas de sua amiga. Sua voz estava rouca, sua garganta estranhamente dolorida. — Está tudo bem, eu lhe disse para ir.

Cristina recostou-se, o nariz e os olhos rosados. — Mas onde você foi? E por que você continuou me chamando de Rosa do México? — Ela franziu a testa em perplexidade.

Emma fez um barulho que foi meio rir, meio ofegar. — Tenho muito a dizer — disse ela. — Mas primeiro, eu só tenho que saber — ela pegou a mão de Cristina — todo mundo está vivo? Julian, todos os outros…

— Claro! — Cristina parecia horrorizada. — Todo mundo está vivo. Todos.

Emma apertou a mão de Cristina e soltou. — O que a maldição fez para Magnus? Chegamos muito tarde?

— É estranho você perguntar isso. Alec e Magnus chegaram aqui ontem. — Cristina hesitou. — Magnus não está indo bem. Ele está muito doente. Nós estivemos em contato com o Labirinto da Espiral…

— Mas eles ainda acham que são as linhas ley — Emma começou a balançar as pernas para fora da cama. Uma onda de tontura a inundou, e ela se apoiou nos travesseiros, respirando com dificuldade.

— Não, não, eles não acham. Eu percebi que era a praga no Reino das Fadas. Emma, não tente se levantar…

— E quanto a Diana? — Emma exigiu. — Ela estava em Idris…

— Ela não está mais. — Cristina parecia sombria. — Essa é outra longa história. Mas ela está bem.

— Emma! — A porta se abriu e Helen entrou, todo cabelo desgrenhado e olhos ansiosos. Ela correu para abraçar Emma, e Emma sentiu outra onda de tontura passar por ela: pensou em Thule e em como Helen se separara de sua família para sempre. Ela nunca perdoaria a Clave por exilar Helen na Ilha Wrangel, mas pelo menos ela estava de volta. Pelo menos esse era um mundo em que era possível se perder e depois voltar.

Helen abraçou Emma até que ela acenou com os braços para indicar que precisava de oxigênio. Cristina se atrapalhou quando Emma uma vez tentou

se levantar e conseguiu se apoiar contra os travesseiros enquanto Aline, Dru, Tavvy, Jace e Clary se amontoavam.

— Emma! — Tavvy exclamou, não tendo tempo para protocolos de enfermaria, ele pulou na cama. Emma o abraçou gentilmente e bagunçou seus cabelos enquanto os outros se juntavam; ela ouviu Jace perguntar a Cristina se Emma estava falando e se ela parecia coerente.

— Você raspou — disse ela, apontando para ele. — É uma grande melhoria.

Houve um amontoado de abraços e choros; Clary veio por último e sorriu para Emma da mesma forma que uma vez ela sorriu do lado de fora do Conselho Municipal, a primeira vez que eles se conheceram, quando Clary ajudou a dissipar os medos de uma criança aterrorizada.

— Eu sabia que você ficaria bem — disse Clary, sua voz tão baixa que só Emma podia ouvi-la.

Houve uma batida na porta, que mal se abria para a sala lotada.

Emma sentiu um toque como uma ponta de fósforo contra o braço esquerdo, e percebeu com um choque de alegria o que era, assim que Julian entrou no quarto, apoiando-se no ombro de Mark.

Sua runa *parabatai*. Parecia uma eternidade desde que tinha despertado com vida. Seus olhos encontraram Julian e por um momento ela não teve conhecimento de mais nada: só que Julian estava lá, que ele estava bem, que havia bandagens em seu braço esquerdo e visíveis sob sua camiseta, mas não importava, ele estava vivo.

— Ele acabou de acordar há uma hora atrás — disse Mark enquanto os outros sorriam para Julian. — Ele está perguntando por você, Emma.

Aline bateu palmas juntas. — Ok, agora que já nos abraçamos e tal, onde vocês estavam? — ela indicou Emma e Julian com um aceno acusatório de sua mão. — Você sabe como ficamos apavorados quando Mark, Cristina e os outros de repente apareceram e vocês não estavam com eles, e então vocês de repente apareceram do nada, todo surrados e vestindo roupas estranhas? — ela apontou para a mesa de Emma, onde suas roupas de Thule estavam dobradas.

— Eu… — Emma começou e parou quando Aline saiu da sala.

— Ela está louca?

— Preocupada — disse Helen diplomaticamente. — Todos nós estávamos. Emma, você quebrou uma clavícula, e Julian quebrou as costelas. Devem estar melhores agora – já faz três dias. — a exaustão e a

preocupação daqueles três dias estavam explícitos nos círculos escuros sob os olhos.

— E você estava incoerente — disse Jace. — Julian estava com frio no começo, mas você ficava gritando sobre demônios, céus negros e um sol morto. Como se você tivesse ido à Edom. — os olhos de Jace se estreitaram. Ele não estava longe, pensou Emma; Jace poderia ser bobo quando ele quisesse, mas ele era esperto.

Aline voltou para o quarto. Ela tinha um grande sobressalto para uma mulher que foi construída ao longo de linhas delicadas.

— Além disso, o que é isso? — Ela exigiu, segurando a Espada Mortal.

Tavvy fez um barulho deliciado. — Eu conheço esse! É a Espada Mortal!

— Não, a Espada Mortal está quebrada — disse Dru. — Isso tem que ser outra coisa. — Ela franziu a testa. — O que é isso, Jules?

— É a Espada Mortal — disse Julian. — Mas nós temos que manter a sua existência aqui um segredo absoluto.

Outro tumulto irrompeu. Alguém bateu na porta; acontece que Kit e Ty estavam no corredor. Eles estavam lá embaixo com Kieran, Alec e Magnus e acabaram de descobrir que Emma estava acordada.

Cristina repreendeu todo mundo em espanhol por fazer barulho, Jace queria segurar a Espada Mortal, Julian indicou a Mark que ele poderia ficar em pé sozinho, Aline enfiou a cabeça no corredor para dizer alguma coisa para Ty e Kit, e Emma olhou para Julian, que estava olhando diretamente para ela.

— Tudo bem, pare — disse Emma, jogando as mãos para cima.

— Dêem a mim e Julian um segundo sozinhos para conversar. Então nós vamos lhe contar tudo. — ela franziu a testa. — Mas não no meu quarto. Está lotado e me dá problemas de privacidade.

— A biblioteca — disse Clary. — Vou ajudar a preparar e comprar comida para você. Você deve estar morrendo de fome, mesmo que tenhamos dado a você alguns deles. — ela tocou a runa Nutrição no braço de Emma. — Ok, vamos limpar o quarto…

— Dê um abraço em Ty para mim — Emma disse para Tavvy enquanto ele descia. Ele parecia duvidoso sobre a transferência de abraços, mas saiu com todos os outros.

E então a sala ficou quieta e vazia, exceto Emma e Julian. Ela deslizou para fora da cama, e desta vez ela conseguiu ficar sem tontura. Ela sentiu a

leve pontada de sua runa e pensou: é porque Julian está aqui, eu estou tirando força dele.

— Você sente? — ela disse, tocando seu bíceps esquerdo. — A runa *parabatai*?

— Eu não sinto muito — disse ele, e o coração de Emma afundou. Ela sabia disso, desde o momento em que ele entrou, mas ela não notou o quanto ainda tinha esperança na ideia de que, de alguma forma, o feitiço poderia ter sido quebrado.

— Vire-se — ela disse. — Eu tenho que me vestir.

Julian levantou as sobrancelhas. — Eu já vi tudo isso antes, você sabe.

— O que não dá direito a mais privilégios de me ver sem roupas — disse Emma. — Vire-se Julian se virou. Emma procurou em seu armário a roupa que menos tinha em Thule e acabou pescando um vestido florido e sandálias vintage. Ela mudou, observando Julian enquanto ele observava a parede.

— Então, só para ficar claro, o feitiço está de volta — disse ela uma vez que o vestido estava ligado. Silenciosamente, ela pegou o colete que usara em Thule, pegou a carta de Livvy e a transferiu para o bolso do vestido.

— Sim — ele disse, e ela sentiu a palavra como uma agulha em seu coração. — Eu tive alguns sonhos, sonhos com emoções, mas no momento em que acordei… eles se desvaneceram. Eu sei que eu senti, até mesmo como senti, mas eu não posso sentir isso. É como saber que eu tive uma ferida, mas não consigo lembrar como foi a dor.

Emma chutou os pés em suas sandálias e prendeu o cabelo em um nó. Ela suspeitava que provavelmente parecia pálida e horrível, mas isso importava? Julian era a única pessoa que ela queria impressionar, e ele não se importava.

— Vire-se — disse ela, e ele se virou. Ele parecia mais sombrio do que ela teria pensado, como se o feitiço não estivesse quebrado também era amargo para ele. — Então o que você vai fazer?

— Venha aqui — disse ele, e ela chegou perto dele com um pouco de relutância quando ele começou a desenrolar as bandagens em seu braço. Era difícil não lembrar do jeito que ele falou com ela em Thule, do jeito que ele colocou cada pedaço de si mesmo, sua esperança e desejo e desejo e medo, em suas mãos.

Eu não sou eu mesmo sem você, Emma. Uma vez que você dissolve o corante na água, você não pode retirá-lo. É assim. Eu não posso tirar você

de mim. Significaria cortar meu coração e não gosto de mim mesmo sem meu coração.

As ataduras se soltaram e ele estendeu o antebraço para ela.

Ela respirou fundo. — Quem fez isso? — ela exigiu.

— Eu fiz — disse ele. — Antes de sairmos de Thule.

Através da pele de seu braço interior, ele havia cortado palavras: palavras que haviam cicatrizado agora, em cicatrizes vermelho-negras.

VOCÊ ESTÁ NA GAIOLA.

— Você sabe o que isso significa? — ele disse. — O motivo de eu ter feito isso?

Seu coração parecia estar quebrando em mil pedaços. — Eu sei — disse ela. — Você sabe?

Alguém bateu na porta; Julian deu um salto para trás e começou a revolver seu braço apressadamente.

— Qual é o problema? — Emma chamou. — Estamos quase prontos.

— Eu só queria vim chamá-los para descer — disse Mark. — Estamos todos ansiosos para ouvir sua história e eu fiz meus famosos sanduíches de donuts.

— Eu não tenho certeza se 'Tavvy gosta deles' é exatamente o que a maioria das pessoas quer dizer quando dizem 'famoso' — disse Emma.

Julian, seu Julian, teria rido. Este Julian apenas disse: — Melhor irmos — e passou por ela até a porta.

*

De primeira Cristina pensou que o cabelo de Kieran tinha virado branco de choque ou aborrecimento. Demorou alguns minutos para ela perceber que estava com açúcar em pó.

Eles estavam na cozinha, ajudando Mark enquanto ele montava as placas de maçãs e queijo e "sanduíches de donut" – uma mistura verdadeiramente horrível envolvendo rosquinhas cortadas ao meio e preenchidas com manteiga de amendoim, mel e geléia.

Kieran gostou do mel, no entanto. Ele lambeu alguns de seus dedos e começou a descascar uma maçã com uma faca pequena e afiada.

— Guácala. — Cristina riu. — Nojento! Lave as mãos depois de lambê-los.

— Nós nunca lavamos as mãos na Caça — disse Kieran, sugando o mel de seu dedo em uma forma que fez o estômago de Cristina sentir oscilante.

— Isso é verdade. Não lavamos — Mark concordou, cortando um donut na metade e jogando em si mesmo uma outra nuvem de açúcar em pó.

— Isso é porque vocês viveram como selvagens — disse Cristina. — Vá lavar as mãos! — ela dirigiu Kieran para a pia, cujas torneiras ainda o confundiam, e foi até a poeira de açúcar ao longo das costas da camisa de Mark.

Ele virou-se para sorrir para ela, e seu estômago embrulhou novamente. Sentindo-se muito estranha, ela deixou Mark e voltou para cortar o queijo em cubos pequenos enquanto Kieran e Mark disputavam com carinho sobre se era ou não nojento comer açúcar diretamente da caixa.

Havia algo sobre estar com os dois que era docemente e calmamente doméstico de uma forma que ela não sentia desde que ela saiu de casa. O que era estranho, porque não havia nada de comum sobre Mark ou Kieran e nada de normal sobre como se sentia em relação a eles dois.

Ela na verdade, mal tinha os visto desde que haviam retornado do Reino das Fadas. Ela passou seu tempo no quarto de Emma, preocupada que Emma acordasse e ela não estaria lá. Ela dormia em um colchão ao lado da cama, embora não tivesse dormido tanto assim; Emma tinha se sacudido incansavelmente dia e noite e chamou repetidas vezes: por Livvy, por Dru e Ty e Mark, para seus pais, e na maioria das vezes, por Julian.

Essa foi outra razão pela qual Cristina queria estar no quarto com Emma, uma que ela não tinha admitido a ninguém. Em seu estado incoerente, Emma estava chamando por Julian, que ela o amava, para ele vir e segurá-la. Qualquer uma dessas declarações podem ser descritas como o amor sentido entre *parabatai* – mas, novamente, elas podem não ser. Como um guardião do segredo de Emma e Julian, Cristina sentiu que devia isso a eles doidos, proteger confidências inconscientes de Emma.

Ela sabia que Mark sentia o mesmo: ele estava com Julian, embora ele tenha dito que Julian chorava muito menos. Era uma das poucas coisas que Mark havia dito a ela desde que eles tinham voltado do Reino das Fadas. Ela estava evitando Mark e Kieran deliberadamente – Diego e Jaime estavam na prisão, a consulesa estava em prisão domiciliar, os Dearborns ainda estavam no poder, e Emma e Julian estavam inconscientes; ela estava muito desgastada para lidar com sua bagunça de uma vida amorosa no momento.

Ela não tinha percebido até o momento o quanto sentira falta deles.

— Olá! — era Tavvy, saltando para a cozinha. Ele foi subjugado nos últimos dias enquanto Julian estava doente, mas ele se recuperou com a admirável elasticidade das crianças. — Eu tenho que levar sanduíches — acrescentou ele com o ar de alguém que recebeu uma tarefa de grande importância.

Mark deu a ele um prato com os donuts, e outro a Kieran, que conduziu Tavvy para fora do quarto do jeito que de uma pessoa que estava acostumada a estar cercada por uma grande família.

— Eu gostaria de ter uma câmera — disse Cristina depois que eles saíram. — Uma fotografia de um príncipe arrogante do Reino das Fadas carregando um prato de terríveis sanduíches de donuts seria uma grande lembrança.

— Meus sanduíches não são terríveis. — Mark encostou-se no balcão com uma graça fácil. Em jeans e camiseta, ele parecia inteiramente humano – se você não notasse suas orelhas pontudas.

— Você realmente se importa com ele, não é?

— Com Kieran? — Cristina sentiu seu pulso acelerar por causa nervosismo e proximidade com Mark. Eles tinham falado apenas de coisas superficiais durante dias. A intimidade de discutir seus sentimentos reais estava fazendo seu coração disparar. — Sim. Eu quero dizer, você sabe disso, não é? — Ela se sentiu corar. — Você viu a gente se beijar.

— Eu vi — disse Mark. — Não sabia o que significava para você, nem para Kieran também — Ele parecia pensativo. — É fácil ser levado no Reino das Fadas. Eu queria tranquilizá-la de que não estava zangado ou com ciúmes. Eu realmente não estou, Cristina.

— Tudo bem — ela disse sem jeito. — Obrigado.

Mas o que significava ele não estar zangado ou com ciúmes?

Se o que aconteceu com ela e Kieran no Reino das Fadas tivesse acontecido entre Caçadores de Sombras, ela teria considerado uma declaração de interesse. E teria se preocupado caso Mark estivesse chateado. Mas não foi, não é? Pode ter significado nada mais para Kieran do que um aperto de mão.

Ela arrastou a mão ao longo do topo liso do balcão. Ela não pôde deixar de lembrar uma conversa que teve com Mark uma vez, aqui no Instituto. Foi há muito tempo atrás. Voltou para ela como um sonho lúcido: Não havia nada ensaiado sobre o olhar que Mark deu a ela, então. — Eu falei

sério quando disse que você era linda. Eu quero você e Kieran não se importaria…

— Você me quer?

— Sim — disse Mark simplesmente, e Cristina olhou para longe, de repente, muito consciente de quão perto seu corpo estava do dela.

Da forma de seus ombros sob o paletó. Ele era adorável como fadas eram adoráveis, com um tipo de desvestimidade, tão rápido como luar na água. Ele não parecia muito palpável, mas ela o viu beijar Kieran e sabia melhor.
— Você não quer ser desejada?

Em outro momento, um tempo atrás, Cristina teria corado. — Não é o tipo de elogio que as mulheres mortais gostam.

— Mas por que não? — Disse Mark.

— Porque faz parecer que eu sou uma coisa que você quer usar. E quando você diz que Kieran não se importaria, você faz parecer que ele não se importava porque eu não importo.

— Isso é muito humano — disse ele. — Ter ciúmes de um corpo, mas não de um coração.

— Entenda, eu não quero um corpo sem coração — disse ela.

Um corpo sem coração.

Ela poderia ter Mark e Kieran agora, da maneira que Mark havia sugerido há muito tempo – ela poderia beijá-los, e estar com eles, e despedir-se deles quando eles a deixassem, porque eles iriam.

— Cristina — disse Mark. — Você está bem? Você parece triste.

Eu teria esperado tranquilizá-la. — ele tocou o lado do rosto dela levemente, seus dedos traçando a forma de sua bochecha.

Eu não quero falar sobre isso, pensou Cristina. Eles passaram três dias falando sobre nada de importante, exceto Emma e Julian.

Aqueles três dias e a paz deles pareciam delicados, como se muita discussão sobre a realidade e sua dureza pudesse quebrar tudo.

— Não temos tempo para conversar agora — disse ela. — Talvez mais tarde…

— Então deixe-me dizer uma coisa. — Mark falou baixinho. — Eu tenho estado muito dividido entre dois mundos. Eu pensei que era um Caçador de Sombras, disse a mim mesmo que eu era apenas isso. Mas percebi que meus laços com o Reino das Fadas são mais fortes do que eu pensava. Eu não posso deixar metade do meu sangue, metade do meu coração, em

qualquer mundo. Eu sonho que seja possível ter os dois, mas sei que não pode ser assim.

Cristina se virou para não ver o olhar em seu rosto. Mark escolheria o Reino das Fadas, ela sabia. Mark escolheria Kieran. Eles tiveram sua história juntos, um grande amor no passado. Ambos eram fadas, e embora ela tivesse estudado no Reino das Fadas e ansiara por isso com todo seu coração, não era o mesmo. Eles estariam juntos porque eles pertenciam um ao outro, porque eles eram lindos juntos, e só haveria dor para ela quando ela perdesse os dois.

Mas esse era o caminho para os mortais que amavam o povo do Reino das Fadas. Eles sempre pagaram um preço alto.

*

Emma descobriu que não era realmente possível odiar um sanduíche de rosquinha. Mesmo que suas artérias possam pagar por isso um dia depois. Ela comeu três.

Mark os colocou com cuidado em pratos, que ficavam no meio de uma das grandes mesas da biblioteca – algo sobre o desejo de agradar com o gesto tocou o coração de Emma.

Todos os outros estavam amontoados ao redor da longa mesa, incluindo Kieran, que estava sentado em silêncio, com o rosto em branco, ao lado de Mark. Ele usava uma camisa preta simples e calças de linho; não se parecia em nada com a última vez que Emma o vira, na Corte Unseelie, coberto de sangue e terra, com o rosto retorcido de raiva.

Magnus parecia diferente da última vez que o viu também. E

não de um jeito bom. Ele havia descido até a biblioteca, recostado fortemente em Alec, o rosto cinzento e apertado, fortemente marcado pela dor. Ele estava deitado em um longo sofá perto da mesa, um cobertor em volta dos ombros. Apesar do cobertor e do clima quente, ele estremecia com frequência. Toda vez que ele fazia isso, Alec se inclinava sobre ele e alisava o cabelo para trás ou puxava os cobertores com mais força sobre os ombros.

E toda vez que Alec fazia isso, Jace – sentado do outro lado da mesa, ao lado de Clary – ficava tenso, suas mãos se enrolando em punhos inúteis. Porque era isso que ser *parabatai* significava, Emma sabia. Sentir a dor de outra pessoa como se fosse sua.

Magnus manteve os olhos fechados enquanto Emma contava a história de Thule, Julian intervia baixinho quando ela esquecia um detalhe ou encobria algo que ele achava necessário. Ele não a pressionou, no entanto, nas partes mais difíceis – quando ela teve que falar sobre como Alec e Magnus haviam morrido ou sobre a última posição de Isabelle com a Espada Mortal. Sobre a morte de Clary nas mãos de Lilith.

E sobre Jace. Seus olhos se arregalaram incredulamente quando Emma falou sobre o Jace que vivia em Thule, que tinha sido amarrado a Sebastian por tanto tempo que nunca seria livre. Emma viu Clary se aproximar para apertar sua mão com força, seus olhos brilhando com lágrimas de um jeito que não brilhou quando sua própria morte tinha sido descrita.

Mas o pior, claro, foi descrever Livvy. Porque enquanto as outras histórias eram horrores, saber sobre Livvy em Thule lembrava que havia uma história de terror neste mundo que eles não podiam mudar nem reverter.

Dru, que insistira em se sentar à mesa com todos os outros, não disse nada quando descreveram Livvy, mas lágrimas escorreram silenciosamente por suas bochechas. Mark ficou pálido. E Ty – que parecia mais magro do que Emma se lembrava, mordido como uma unha esfarrapada – também não fez nenhum som. Kit, que estava sentado ao lado dele, timidamente colocou a mão sobre Ty onde estava na mesa; Ty não reagiu, embora não tenha se desviado do Kit.

Emma continuou, porque não tinha escolha a não ser seguir em frente. Sua garganta doía muito quando terminou; com o rosto cinza, Cristina empurrou um copo de água em sua direção e ela aceitou com gratidão.

Um silêncio havia caído. Ninguém parecia saber o que dizer. O

único som era o leve tilintar da música vinda dos fones de ouvido de Tavvy enquanto ele tocava com um trem no canto – eram fones de ouvido de Ty, na verdade, mas os colocava gentilmente na cabeça de Tavvy antes que Emma começasse a falar.

— Pobre Ash — disse Clary. Ela estava muito pálida. — Ele era meu sobrinho. Quer dizer, meu irmão era um monstro, mas…

— Ash me salvou — disse Emma. — Ele salvou minha vida. E

ele disse que era porque ele gostou de algo que eu disse sobre você.

Mas ele ficou porque queria ficar em Thule. Nós nos oferecemos para trazê-lo de volta. Ele não queria vir.

Clary sorriu com força, seus olhos brilhando com lágrimas. — Obrigada.

— Ok, vamos falar sobre a parte importante. — Magnus virou-se para Alec com um olhar furioso no rosto. — Você se matou? Por que você faria isso?

Alec pareceu surpreso. — Aquilo não era eu — ele apontou. — É um universo alternativo, Magnus!

Magnus agarrou Alec pela frente de sua camisa. — Se eu morrer, você não poderá fazer nada assim! Quem cuidaria dos nossos filhos? Como você pôde fazer isso com eles?

— Nós nunca tivemos filhos nesse mundo! — Alec protestou.

— Onde estão Rafe e Max? — sussurrou Emma para Cristina.

— Simon e Isabelle estão cuidando deles em Nova York. Alec verifica todos os dias para ver se Max está ficando doente, mas ele parece bem até agora — Cristina sussurrou de volta.

— Você não tem permissão para se machucar, sob quaisquer circunstâncias — Magnus disse, sua voz rouca. — Você entende isso, Alexander?

— Eu nunca faria algo assim — disse Alec suavemente, acariciando a bochecha de Magnus. Magnus apertou a mão de Alec contra seu rosto. — Nunca.

Todos olharam para o outro lado, deixando Magnus e Alec terem seu momento em privacidade.

— Eu vejo porque você me arranhou quando tentei te levantar — Jace disse para Emma. Seus olhos dourados estavam escuros com um arrependimento que ela só podia começar a entender. — Quando você veio pela primeira vez através do Portal. Você estava deitada no chão e eu… você estava sangrando e achei que eu deveria levá-la à enfermaria, mas você me arranhou e gritou como se eu fosse um monstro.

— Eu não me lembro — Emma disse honestamente. — Jace, eu sei que você é uma pessoa completamente diferente dele, mesmo que ele se parecesse com você. Você não pode se sentir mal ou responsável por aquilo, que alguém que não foi você, fez. — ela se virou para olhar para o resto da mesa. — As versões Thule de nós não são realmente nós — acrescentou. — Se você pensar neles como cópias de você, ele vai deixá-lo louco.

— Aquela Livvy — disse Ty. — Ela não é minha. Ela não é minha Livvy.

Kit deu-lhe um olhar rápido, assustado. Os outros Blackthorns parecia confuso, mas – embora Julian tenha levantado a mão, depois baixado novamente, como se quisesse protestar contra – ninguém falou nada.

Talvez fosse melhor para Ty conhecer e compreender que a Livvy em Thule não era a mesma Livvy que ele tinha perdido. Ainda assim, Emma pensou na carta, agora em seu bolso, e sentiu seu peso como se fosse feito de ferro, em vez de papel e tinta.

— É terrível acreditar que pode haver uma escuridão tão perto do nosso próprio mundo — disse Mark, em voz baixa. — Que nós evitamos esse futuro por uma linha tão tênue.

— Não foi apenas acaso, Mark — disse Helen. — Foi porque tivemos Clary, porque tivemos Jace, porque tínhamos boas pessoas trabalhando juntos para fazer as coisas direito.

— Temos boas pessoas agora — disse Magnus. — Eu vi pessoas boas caírem e falharem no passado.

— Magnus, você e Alec vieram aqui porque você pensaram que poderiam aprender a curar-se — começou Helen.

— Porque Catarina nos disse para fazer isso — Magnus corrigiu. — Acredite em mim, eu não vou simplesmente para a Califórnia pela minha saúde em circunstâncias normais.

— Não há nada normal sobre nada disso — disse Emma.

— Por favor — disse Helen. — Eu sei que esta foi uma história horrível, e estamos todos chateados, mas temos que nos concentrar.

— Espere um segundo — disse Magnus. — Isso significa que Max está se transformando em um pequeno demônio? Você sabe quantas listas de espera de pré-escola ele está? Ele nunca entrará na Little Red School House agora.

Aline jogou uma lâmpada. Ninguém esperava, e o resultado foi espetacular: quebrou-se contra uma das janelas do sótão e pedaços de cerâmica voaram por toda parte.

Ela se levantou, limpando as mãos. — Todo mundo, FIQUEM

QUIETOS E ESCUTEM MINHA MULHER — disse ela. — Magnus, eu sei que você faz piadas quando está com medo. Eu me lembro de Roma. — Ela deu-lhe um sorriso surpreendentemente doce. — Mas temos que nos concentrar. — ela se virou para Helen. — Vá em frente, querida. Você está indo bem.

Ela se sentou de novo e cruzou as mãos.

— Ela definitivamente tem um temperamento — sussurrou Emma para Cristina. — Eu gosto disso.

— Lembre-me de contar sobre a fritada — Cristina sussurrou de volta.

— O importante aqui — disse Helen — é a praga. Nós não percebemos o quão importante era – que as áreas arruinadas se tornariam portas para os demônios. Que nossos feiticeiros — ela olhou para Magnus — iriam se transformar em demônios. Temos que fechar essas portas e destruir a praga, e não podemos esperar qualquer ajuda de Idris.

— Por quê? — Disse Julian. — O que está acontecendo? E

sobre Jia?

— Ela está em prisão domiciliar em Idris — Aline disse calmamente. — Horace está alegando que ele a pegou se encontrando com fadas em Brocelind. Ela e Diana foram presas juntas, mas Diana escapou.

— Nós soubemos um pouco sobre isso por Diana — disse Clary. — Depois que ela escapou de Idris, Gwyn trouxe aqui e ela encheu-nos sobre o que aconteceu com ela em Alicante.

— Por que ela ainda não está aqui? — Perguntou Emma. — Por que ela foi embora?

— Olhe para isso — Mark empurrou um pedaço de papel sobre a mesa; Julian e Emma se inclinaram para lê-lo juntos.

Era uma mensagem da Clave. Ela dizia que Diana Wrayburn estava desaparecida, que se acredita estar sob a influência das fadas. Todos os Institutos devem estar procurando por ela, para seu próprio bem, e prontos para alertar o Inquisidor, assim que ela for flagrada.

— É tudo bobagem — disse Aline. — Meu pai diz que eles estão com medo da influência de Diana e não queriam simplesmente nomeá-la como uma traidora. Eles estão até mesmo mentindo sobre o que aconteceu com o Inquisidor. Eles estão alegando que ele perdeu o braço em uma batalha com Submundanos quando eles estavam os enxotando para fora de Idris — O braço? — Ecoou Emma, confuso.

— Diana cortou fora o braço do Inquisidor — disse Jace.

Emma abaixou seu copo de água. — Ela fez o quê?

— Ele estava ameaçando-a — disse Clary severamente. — Se Gwyn não estivesse por perto para tirá-la de Alicante, eu não sei o que teria acontecido.

— Foi foda — disse Jace.

— Bem, bom para ela — disse Emma. — Isso definitivamente exige uma grande tapeçaria num tempo como esse.

— Cinquenta dólares que o Inquisidor desenvolve um braço robótico de alta tecnologia que dispara feixes de laser — disse Kit.

Todos olhavam para ele. — Isso sempre acontece nos filmes — explicou ele.

— Somos Caçadores de Sombras — disse Julian. — Não somos de alta tecnologia.

Ele se sentou em sua cadeira. Emma podia ver as ataduras sob a manga quando ele se mexeu.

VOCÊ ESTÁ NA GAIOLA.

Ela estremeceu.

— Queríamos que Diana ficasse aqui conosco, mas ela achava que isso nos tornaria um alvo — disse Helen. — Ela foi se esconder com Gwyn, mas deve voltar em alguns dias.

Emma esperou em particular que Diana e Gwyn estivessem tendo um momento romântico fabuloso em uma copa de árvore ou algo assim. Diana merecia isso.

— Isso tudo é horrível — disse Alec. — O registro de Submundano está quase completo – com, claro, algumas exceções notáveis. — Ele indicou Helen e Aline com um aceno de cabeça.

— Bastantes Submundanos conseguiram escapar do Registro, inclusive moi — disse Magnus. — Alec ameaçou me matar se eu sequer considerasse colocar meu nome em alguma lista sinistra dos indesejáveis da Tropa.

— Não houve ameaça real — disse Alec, no caso de alguém estar se perguntando.

— Bem, todos os Submundanos foram removidos de Idris, incluindo os que eram professores da Academia dos Caçadores de Sombras — disse Mark.

— Os rumores estão correndo soltos entre os Submundanos de ataques furtivos de Caçadores de Sombras. É como os velhos e maus dias antes dos Acordos — Magnus disse.

— As Irmãs de Ferro cortaram a comunicação com a Tropa — disse Aline. — Os Irmãos do Silêncio ainda não disseram nada, mas houve uma declaração das Irmãs de Ferro que eles não aceitaram a autoridade de Horace. Horace está furioso e continua perseguindo-os, especialmente porque eles têm os fragmentos da Espada Mortal.

— Tem mais — disse Cristina. — Diego, Divya e Rayan foram presos, junto com muitos outros.— sua voz estava tensa.

— Eles estão jogando todos que não concordam com eles na prisão — disse Aline.

Em voz baixa, Dru disse: — Jaime foi tentar salvar seu irmão, mas acabou na prisão também. Nós ouvimos sobre isso de Patrick Penhallow.

Emma olhou para Cristina, que estava mordendo o lábio, infeliz.

— Como não temos ajuda da Clave e, talvez, oposição ativa, o que fazemos? — Perguntou Julian.

— Nós fazemos o que Tessa disse para você fazer em Thule — disse Magnus. — Eu confio em Tessa; eu sempre confiei. Assim como você confiava em Livvy quando a encontrou em Thule. Podem não ser cópias exatas de nós, esses eus alternados, mas também não são tão diferentes.

— Então, despejamos um pouco da água do Lago Lyn nas áreas deterioradas e economizamos um pouco para curar os bruxos — disse Helen. — O grande problema é como chegaremos ao Lago Lyn passando pelos guardas da Tropa que estão em toda a Idris. E

então, como nós voltaremos…

— Eu vou fazer isso — disse Magnus, sentando-se. O cobertor caiu frouxamente ao redor dele. — Eu vou…

— Não! — Alec disse bruscamente. — Você não vai se arriscar, Magnus, não em sua condição.

Magnus abriu a boca para objetar. Clary se inclinou sobre a mesa, seus olhos suplicantes. — Por favor, Magnus. Você nos ajudou tantas vezes. Deixe-nos ajudá-lo.

— Como? — Magnus disse rispidamente.

Jace levantou-se. — Nós vamos para Idris.

Clary se levantou também; ela só alcançava o bíceps de Jace, mas sua determinação era clara. — Eu posso criar portais. Não podemos entrar em Alicante, mas não precisamos – apenas em Idris.

Nós vamos para o Lago Lyn, e então Brocelind, e voltamos o mais rápido possível. Nós vamos quantas vezes precisarmos para conseguir água suficiente.

— Há guardas patrulhando toda Idris — disse Helen. — Vocês precisarão estar armados e preparados.

— Então, vamos começar a nos armar agora. — Jace piscou para Magnus. — Prepare-se para ser ajudado, bruxo, quer você goste ou não.

— Não — Magnus resmungou, afundando em seu cobertor, mas ele estava sorrindo. E o olhar que Alec deu a Jace e Clary foi mais eloquente do que qualquer discurso.

— Espere — Aline levantou a mão. Ela estava arrastando uma pilha de papéis sobre a mesa. — Eu tenho os horários das patrulhas aqui. Eles estão varrendo diferentes locais em Idris para se certificar de que estão "limpos" de Submundanos. — ela falou as palavras com desagrado. — Eles estão rondando o Lago Lyn hoje e hoje à noite. — Ela olhou para cima. — Vocês não podem ir agora.

— Podemos lidar com alguns guardas — disse Jace.

— Não — disse Magnus. — É muito perigoso. Você poderia lidar com dez guardas, ou vinte, mas isso vai ser cinquenta ou cem…

— Cem — disse Helen, olhando por cima do ombro de Aline. — No mínimo.

— Eu não vou deixar você correr o risco — disse Magnus. — Eu vou me desgastar usando minha magia para arrastar você de volta.

— Magnus. — Clary soou chocada.

— O que a agenda diz? — perguntou Julian. — Quando eles podem ir?

— Amanhã, ao amanhecer — disse Aline. — Eles devem ter se dispersado até então. — ela colocou os papéis para baixo. — Eu sei que não é ideal, mas é o que precisamos fazer. Vamos organizar tudo hoje e deixá-los prontos. Garantir que tudo corra sem problemas.

Houve um burburinho geral quando todos se ofereceram para participar, alegando uma responsabilidade ou outra: Emma e Cristina iriam falar com Catarina sobre a possível cura, Mark e Julian iriam checar os mapas de Brocelind para descobrir onde eram as áreas de praga, Clary e Jace iriam recolher seus equipamentos e armas, e Helen e Aline iriam tentar descobrir exatamente quando a patrulha estaria se movendo do Lago Lyn para a Floresta Brocelind. Ty e Kit, enquanto isso, começaram a montar listas de bruxos locais que poderiam precisar de água do lago quando ela fosse recuperada.

Enquanto todos juntavam suas coisas, Ty foi até a esquina onde Tavvy estava jogando e se ajoelhou para lhe entregar um pequeno trem. Em meio a confusão, Emma deslizou atrás dele. Ele parecia ter oferecido o trem como um comércio para seus fones de ouvido.

— Ty — disse Emma, agachando-se. Tavvy estava ocupado transformando os trens de cabeça para baixo. — Eu tenho que te dar uma coisa.

— Que tipo de coisa? — ele parecia intrigado.

Ela hesitou e depois tirou o envelope do bolso. — É uma carta — disse ela. — Da Livvy na outra dimensão – em Thule. Falamos com a ela sobre você e ela queria escrever algo para você ler. Eu não li — ela acrescentou. — É só para você.

Ty levantou-se. Ele era gracioso como um pássaro de ossos ocos e parecia tão leve e frágil. — Ela não é minha Livvy.

— Eu sei — disse Emma. Ela não conseguia parar de olhar para as mãos dele – as juntas dele eram cruas e vermelhas. Seu Julian já teria percebido isso e estaria se movendo no céu e na terra para descobrir o que aconteceu. — E você não precisa ler. Mas é sua, e acho que você deveria tê-la. — Ela fez uma pausa. — Afinal, veio de um longo caminho.

Um olhar passou por seu rosto que ela não conseguiu decifrar; ele pegou, no entanto, e dobrou-a dentro de sua jaqueta.

— Obrigado — disse ele, e atravessou a sala para se juntar a Kit na seção SUBMUNDANOS-FEITICEIROS, onde Kit estava lutando com vários livros pesados.

— Não — ela ouviu Cristina dizer, e olhou em volta, surpresa.

Ela não viu Cristina em nenhum lugar, mas definitivamente tinha sido a voz dela. Ela olhou ao redor; Tavvy estava absorto com o trem e todos os outros corriam de um lado para o outro. — Kieran. Eu sei que você está preocupado com Adaon, mas você não falou uma palavra durante toda a reunião.

Oh querida, Emma pensou. Ela percebeu que a voz de Cristina estava vindo do outro lado de uma estante, e que Cristina e Kieran não tinham ideia de que ela estava lá. Se ela tentasse sair, no entanto, eles saberiam imediatamente.

— Essas são as políticas dos Caçadores de Sombras — disse Kieran. Havia algo em sua voz, Emma pensou. Algo diferente. — Não é algo que eu entenda. Não é minha luta.

— É a sua luta — respondeu Cristina. Emma raramente a ouvira falar com tanta intensidade. — Você luta pelo que você ama. Todos nós fazemos isso. — ela hesitou. — Seu coração está oculto, mas eu sei que você ama Mark. Eu sei que você ama o Reino das Fadas.

Lute por isso, Kieran.

— Cristina — Kieran começou, mas Cristina já havia se apressado; ela saiu do seu lado da estante e viu Emma imediatamente. Ela pareceu surpresa, depois culpada e saiu rapidamente do quarto.

Kieran começou a segui-la, mas parou no meio do quarto e encostou as mãos na mesa, inclinando a cabeça.

Emma começou a sair de trás da estante de livros, esperando chegar sorrateiramente à porta sem ser notada. Ela deveria ter pensado em algo melhor do que tentar se esgueirar por uma fada, ela percebeu com tristeza; Kieran olhou para a primeira batida de seus sapatos no chão de madeira polida. — Emma?

— Apenas passando — disse ela. — Não se importe comigo.

— Mas eu gostaria de me importar com você — disse ele, saindo de trás da mesa. Ele era gracioso em todos os ângulos, palidez e escuridão. Emma supôs que ela podia ver o que atraiu Cristina para ele. — Eu tive motivos para entender quanta dor eu trouxe para você, quando você foi chicoteada por Iarlath — disse ele.

— Eu nunca desejei esse resultado, mas eu causei isso. Eu não posso mudar isso, mas

posso oferecer meus sinceros arrependimentos e jurar realizar qualquer tarefa que você me definir.

Emma não esperava por isso. — Alguma tarefa? Você estaria disposto a aprender a dançar hula?

— Isso é uma tortura do seu povo? — Disse Kieran. — Então sim, eu me submeteria a isso, por você.

Infelizmente Emma deixou de lado o pensamento de Kieran em uma saia de grama. — Você lutou ao nosso lado na Corte Unseelie — disse ela. — Você trouxe Mark e Cristina de volta em segurança com você, e eles significam tudo para mim. Você provou ser um verdadeiro amigo, Kieran. Você tem meu perdão e você não precisa fazer mais nada para conquistá-lo.

Ele realmente corou, o toque de cor aquecendo suas bochechas pálidas. — Isso não é algo que uma fada diria.

— É o que eu digo — disse Emma alegremente.

Kieran andou a passos largos em direção à porta, onde ele fez uma pausa e se virou para ela. — Eu sei como a Cristina te ama e entendo o porquê. Se você tivesse nascido uma fada, você seria um grande cavaleiro da Corte. Você é uma das pessoas mais corajosas que já conheci.

Emma gaguejou um agradecimento, mas Kieran já tinha ido embora, como uma sombra se fundindo na floresta. Ela ficou olhando para ele, percebendo o que ouvira anteriormente na maneira como ele dizia o nome

de Cristina, como se fosse um tormento que ele adorava: ela nunca o ouvira falar nenhum nome a não ser Mark desse jeito antes.

*

— Tem alguma coisa que você queira falar comigo? — Magnus perguntou enquanto Julian se preparava para deixar a biblioteca.

Ele pensou que Magnus estava dormindo – ele estava recostado no sofá, os olhos fechados. Havia sombras profundas abaixo deles, do tipo que vinha de várias noites sem dormir.

— Não. — Julian ficou tenso todo. Ele pensou nas palavras cortadas na pele de seu braço. Ele sabia que se ele mostrasse a Magnus, o feiticeiro iria querer tirar o feitiço dele imediatamente, e Magnus estava fraco demais para isso. O esforço pode matá-lo.

Ele também sabia que sua reação ao pensamento de Magnus morrer estava fora de ordem e errada. Estava embotada, achatada.

Ele não queria que Magnus morresse, mas ele sabia que deveria sentir-se mais do que não querendo, assim como deveria ter sentido mais que um alívio ao se reunir com seus irmãos.

E ele sabia que deveria sentir mais quando visse Emma. Era como se um espaço branco de nada tivesse sido cortado ao redor dela e quando ele entrou, tudo ficou em branco. Era difícil até falar.

Estava pior do que antes, pensou ele. De alguma forma, suas emoções eram ainda mais atenuadas do que antes de Thule.

Ele sentiu o desespero, mas também era monótono e distante.

Isso o fez querer segurar a lâmina de uma faca só para sentir qualquer coisa.

— Eu suponho que você não falaria — disse Magnus. — Dado ao fato de que você provavelmente não sente muito. — Seus olhos de gato brilharam. — Eu não deveria ter colocado esse feitiço em você.

Eu me arrependo disso.

— Não — disse Julian, e ele não tinha certeza se ele queria dizer, não diga isso para mim ou não me arrependo. Suas emoções eram muito distante para ele alcançá-las. Ele sabia que ele queria parar de falar com Magnus agora, e ele saiu para o corredor, tenso e sem fôlego.

— Jules! — Ele se virou e viu Ty, vindo em sua direção ao longo do corredor. A parte distante de si mesmo, disse que Ty parecia diferente. Sua

mente misturava as palavras "machucado *magoado* frágil" e ele não conseguia segurá-las. — Posso falar com você?

Estranho, pensou. Ele parece atípico para Ty. Ele parou tentando encontrar palavras e seguiu Ty até um dos quartos vagos ao longo do corredor, onde Ty fechou a porta atrás deles, virou-se e jogou os braços ao redor Julian sem uma palavra de advertência.

Foi terrível.

Não porque estar sendo abraçado por Ty fosse horrível. Era bom, tanto quanto Julian podia sentir que era agradável: Seu cérebro dizia isso é seu sangue, sua família, e seus braços subiu automaticamente para abraçar Ty volta. Seu irmão era frágil em seus braços, com todo seu cabelo macio e ossos afiados, como se ele fosse feito de conchas e cotão de dente-de-leão e amarrado junto com fios finos de seda.

— Estou feliz que você está de volta — disse Ty em uma voz abafada. Ele pressionou sua cabeça no ombro de Julian, e seus fones de ouvido havia inclinado para o lado. Ty estendeu a mão automaticamente para a direita-los. — Eu tive medo que nunca estaríamos todos juntos novamente.

— Mas estamos juntos novamente — disse Julian.

Ty recostou-se um pouco, as mãos segurando a frente da jaqueta de Julian. — Eu quero que você saiba que sinto muito — disse ele, às pressas, como alguém que havia praticado um discurso por um longo tempo. — No funeral de Livvy eu subi a pira e você cortou suas mãos vindo atrás de mim, e eu pensei que talvez você fosse embora porque você não queria lidar comigo.

Algo na cabeça de Julian estava gritando. Gritando que ele amava seu irmãozinho mais do que amava quase qualquer outra coisa na terra. Gritando que Ty raramente se aproximava assim, raramente iniciava contato físico com Julian assim. Um Julian que se sentia muito longe estava lutando desesperadamente, querendo reagir corretamente, querendo dar a Ty o que ele precisava para que ele pudesse se recuperar da morte de Livvy e não ser destruído ou perdido.

Mas foi como bater no vidro à prova de som. O Julian que ele era agora não conseguia ouvir. O silêncio de seu coração era quase tão profundo quanto o silêncio que sentia em volta de Emma.

— Não é isso — disse ele. — Quero dizer, não foi isso. Nós partimos por causa do Inquisidor. — O distante Julian estava machucando suas mãos

batendo contra o vidro. Este Julian lutou por palavras e disse: — Não é sua culpa.

— Tudo bem — disse Ty. — Eu tenho um plano. Um plano para consertar tudo.

— Isso é bom — disse Julian, e Ty pareceu surpreso, mas ele não viu. Ele estava lutando para se segurar, para tentar encontrar as palavras certas, as palavras de sentimento para dizer a Ty, que pensara que Julian tinha ido embora porque estava com raiva. — Tenho certeza de que você tem um ótimo plano. Eu confio em você.

Ele soltou Ty e virou-se para a porta. Melhor ser feito do que arriscar dizer a coisa errada. Ele ficaria bem assim que o feitiço estivesse fora dele. Então ele poderia falar com Ty.

— Jules…? — Ty disse. Ele ficou de pé, incerto, pelo braço do sofá, mexendo no fio dos fones de ouvido. — Você quer saber…?

— É ótimo que você esteja melhor, Ty — disse Julian, sem olhar para o rosto de Ty, suas mãos eloqüentemente em movimento.

Foram apenas alguns segundos, mas quando Julian saiu para o corredor, respirava com tanta força como se tivesse escapado de um monstro.

23
Que Os Ventos Possam Ser

DIEGO ESTAVA COMEÇANDO A FICAR seriamente preocupado com Jaime.

Era difícil dizer por quantos dias os irmãos estavam na prisão do Gard. Eles podiam ouvir apenas murmúrios das outras celas: a grossa parede de pedra abafava o barulho deliberadamente para impedir a comunicação entre os prisioneiros. Eles também não haviam visto Zara novamente. As únicas pessoas que iam na cela deles eram os guardas que traziam refeições ocasionais.

Algumas vezes Diego implorava para os guardas – vestidos em azul escuro e dourado dos Guardiões do Gard – darem a ele uma estela ou remédio para seu irmão, mas eles sempre o ignoravam. Ele pensou amargamente que era exatamente o tipo de esperteza de Dearborn garantir que os Guardiões que trabalhavam no Gard fossem subordinados à causa da Tropa.

Jaime se moveu cansadamente na pilha de roupas e palha que Diego conseguira montar como uma cama. Ele doou seu próprio suéter e sentou-se tremendo em sua camiseta leve. Ainda assim, ele desejou que houvesse mais que ele pudesse fazer. Jaime estava corado, a pele tensa e brilhante de febre.

— Eu juro que a vi ontem à noite — ele murmurou.

— Quem? — disse Diego. Ele estava sentado de costas para a parede de pedra fria, perto o suficiente para tocar seu irmão se Jaime precisasse dele. — Zara?

Os olhos de Jaime estavam fechados. — A consulesa. Ela estava vestindo suas vestes. Ela olhou para mim e ela balançou a cabeça. Como se ela achasse que eu não deveria estar aqui.

Você não deveria. Você tem apenas dezessete anos. Diego fizera o possível para limpar Jaime depois que Zara o despejara na cela. A maioria de suas feridas eram cortes superficiais e ele tinha dois dedos quebrados -

mas havia uma ferida profunda e perigosa em seu ombro. Nos últimos dias, ela inchou e ficou vermelha. Diego se sentiu impotente e com raiva - Caçadores de Sombras não morriam de infecções. Eles eram curados por *iratzes* ou morreriam em batalha, em uma chama de glória. Não assim, de febre, numa cama de farrapos e palha.

Jaime sorriu seu sorriso torto. — Não tenha pena de mim — disse ele. — Você teve a pior parte do negócio. Eu tive que correr por todo o mundo com a Eternidade. Você teve que ter um romance com a Zara.

— Jaime…

Jaime ofegou uma tosse. — Espero que você tenha tirado um dos seus famosos movimentos de Diego Rosales, como ganhar um grande bicho de pelúcia em um carnaval.

— Jaime, devemos falar sério.

Os largos olhos negros de Jaime se abriram. — Meu desejo de morte é que não sejamos sérios.

Diego se sentou com raiva. — Você não está morrendo! E

precisamos conversar sobre Cristina.

Isso chamou a atenção de Jaime. Ele lutou para ficar em uma posição sentada. — Tenho pensado em Cristina. Zara não sabe que ela tem a Eternidade - a herança familiar - e não há motivo para ela saber.

— Poderíamos tentar descobrir uma maneira de avisar Cristina.

Dizer a ela para abandonar a herança familiar em algum lugar - dar a outra pessoa - isso lhe daria uma vantagem inicial…

— Não — os olhos de Jaime brilhavam de febre. — Absolutamente não. Se disséssemos a Zara que Cristina tem, ela torturaria Cristina para obter as informações da mesma maneira que me torturou. Mesmo que tivesse sido jogado nas profundezas do oceano, Zara não se importaria - ela iria torturar Cristina independentemente. Zara não pode saber quem tem.

— E se disséssemos a Cristina para dar a Zara? — Diego disse lentamente.

— Não podemos. Você realmente quer que a Tropa coloque as mãos nela? Nós nem sequer entendemos tudo o que faz — ele estendeu a mão e pegou a mão de Diego em sua febre quente. Seus dedos pareciam tão finos quanto quando ele tinha dez anos. — Eu vou ficar bem — disse ele. — Por favor. Não faça nada disso por mim.

Houve um barulho quando Zara apareceu no corredor, seguida pela figura curvada de Anush Joshi. Cortana brilhou em seu quadril. A visão

irritou Diego: Uma lâmina como Cortana deveria ser usada amarrada nas costas. Zara se importava mais em mostrar a espada do que em ter uma arma tão especial.

Anush carregava uma bandeja com duas tigelas com o habitual gole nela. Ajoelhando-se, ele deslizou através da abertura baixa no fundo da porta da cela.

Como pode alguém tão maravilhoso como Divya ter um primo tão terrível? Diego pensou.

— Isso mesmo, Anush — disse Zara, rondando seu companheiro. — Esta é a sua punição por nos abandonar na floresta, trazendo a lama aos nossos piores e mais cheirosos prisioneiros. — ela zombou de Diego. — Seu irmão não parece tão bem. Febril, eu acho. Já mudou de ideia?

— Ninguém mudou de ideia, Zara — disse Jaime.

Zara o ignorou, olhando para Diego. Ele poderia dizer a ela o que ela queria saber e trocar a segurança de Jaime pela herança familiar. A parte dele que era um irmão mais velho, que sempre protegeu Jaime, pediu-lhe que fizesse isso.

Mas estranhamente, no momento, ele se lembrou de Kieran dizendo: *Você decide que encontrará uma solução quando chegar a hora, mas quando o pior acontecer, você estará despreparado.*

Ele poderia salvar Jaime no momento, mas ele entendia Zara o suficiente para saber que isso não significaria que Jaime e Diego sairiam livres.

Se a Tropa conseguisse o que queria, ninguém andaria livre novamente.

— Jaime está certo — Diego disse. — Ninguém mudou de ideia.

Zara rolou os olhos. — Tá bom. Eu te vejo mais tarde.

Ela foi embora, Anush se apressando como uma sombra desanimada em seu rastro.

*

Emma sentou-se ao lado de Cristina na mesa do escritório e olhou para a vista. As paredes eram de vidro, e através delas ela podia ver o oceano de um lado e as montanhas do outro. Parecia que as cores do mundo haviam sido restauradas para ela, depois da escuridão de Thule. O mar parecia cantar azuis e dourados, dourados e verdes. O deserto também brilhava com areia e terra de terracota ricas, brilhantes e opacas, e profundas sombras púrpuras entre as colinas.

Cristina tirou um pequeno frasco do bolso, feito de vidro azul grosso. Ela destampou e segurou até a luz.

Nada aconteceu. Emma olhou para Cristina de lado.

— Sempre leva um pouco de tempo — disse Cristina tranquilizadoramente.

— Eu ouvi você na Corte Unseelie — disse Emma. —Você disse que não eram as Linhas Ley - que era a praga. Você descobriu, não é? O que estava causando a doença dos feiticeiros?

Cristina virou o frasco ao redor. — Eu suspeitei, mas eu não tinha certeza absoluta. Eu sabia que a praga em Brocelind era a mesma que a praga da Corte das Fadas, mas quando percebi que o Rei estava causando a ambos - que ele queria envenenar nosso mundo - percebi que poderia ser o que estava machucando os feiticeiros.

— E Catarina sabe?

— Eu disse a ela quando voltamos. Ela disse que iria investigar…

Fumaça começou a fluir para fora do frasco, branco-acinzentado e opaco. Ele lentamente se moldou em uma cena ligeiramente distorcida, oscilando nas bordas: elas estavam olhando para Tessa em um vestido azul solto, uma parede de pedra visível atrás dela.

— Tessa? — Emma disse.

— Tessa! — disse Cristina. — Catarina também está aí?

Tessa tentou sorrir, mas vacilou. — Na noite passada, Catarina caiu em um sono que não conseguimos acordá-la. Ela está muito doente.

Cristina murmurou em solidariedade. Emma não conseguia parar de encarar Tessa. Ela parecia tão diferente - não mais velha ou mais jovem, mas mais viva. Ela não tinha percebido o quanto as emoções da Tessa de Thule pareciam mortas, como se ela tivesse desistido há muito tempo de tê-las.

E esta Tessa, Emma lembrou, estava grávida. Ainda não estava visível, embora Tessa descansava uma das mãos com proteção leve em sua barriga enquanto falava.

— Antes que Catarina ficasse inconsciente — disse Tessa. — Ela me disse que achava que Cristina estava certa sobre a praga.

Temos algumas amostras aqui, e nós as estudamos, mas temo que chegaremos tarde demais para salvar Magnus e Catarina - e tantos outros — seus olhos brilhavam de lágrimas.

Emma saltou para tranquilizá-la. — Nós achamos que podemos ter a resposta — disse ela, e se esforçou para contar sua história novamente,

terminando em seu encontro com Tessa na caverna. Não parecia haver razão para dizer a ela agora o que acontecera depois disso.

— Eu te disse isso? — Tessa parecia surpresa. — Uma eu que você encontrou em outro mundo?

— Eu sei que parece difícil de acreditar. Você estava morando naquela caverna, a grande na Praia Staircase. Você tinha Church com você.

— Isso soa certo — Tessa parecia atordoada. — Qual é o plano? Posso ajudá-los, embora haja poucos outros feiticeiros bem o suficiente para se juntar a mim…

—Não, tudo bem — disse Cristina. — Jace e Clary estão indo.

Tessa franziu a testa. — Isso parece perigoso.

— Aline encontrou uma hora amanhã, quando ela acha que não haverá guardas no Lago Lyn — disse Cristina. — Eles vão sair de madrugada.

— Eu suponho que o perigo nunca pode ser evitado pelos Nephilim — disse Tessa. Ela olhou para Cristina. — Emma e eu podemos falar por um momento sozinhas, por favor?

Cristina piscou surpresa, depois pulou da mesa. — Claro — ela bateu no ombro de Emma, amigavelmente, enquanto ela saía pela porta, e então Emma estava sozinha no escritório com uma Tessa vacilante, mas determinada.

— Emma — disse Tessa assim que a porta se fechou atrás de Cristina. — Eu queria falar com você sobre Kit Herondale.

***

Havia algo repousante nesse espaço, onde o mar se encontrava com a costa. Kit aprendera há muito tempo no Mercado das Sombras que havia espaços - intermediários - no mundo, onde era mais fácil fazer certos tipos de magia: o meio de pontes, cavernas entre a terra e o submundo, fronteiras entre as Cortes Seelie e Unseelie. E o próprio Mercado das Sombras, entre o Submundo e o mundano.

A linha da maré era um lugar assim e, por causa disso, parecia lar. O lembrava de uma velha canção que ele lembrava de alguém cantando para ele. Deve ter sido seu pai, embora ele sempre se lembrasse disso na voz de uma mulher.

Diga a ele para me comprar um acre de terra, Salsa, sálvia, alecrim e tomilho; Entre a água salgada e a areia do mar, Então ele será um verdadeiro amor meu.

— Essa é uma música muito antiga — disse uma voz. Kit quase caiu da pedra que ele estava sentado. O céu era azul profundo, cravejado de nuvens brancas, e em cima dele, em um monte de pedras, estava Shade. Ele usava um terno marinho esfarrapado com gola e punhos costurados, sua pele verde com um contraste gritante.

— Como você sabe?

Kit, que nem percebeu que estava cantarolando, encolheu os ombros. Shade usava o seu capuz habitual. Seu rosto verde era forrado e bem-humorado, o cabelo encaracolado e branco. Pequenos chifres se projetavam de suas têmporas, curvando-se para dentro como conchas.

Algo sobre ele atingiu Kit um pouco estranho. — Ouvi no mercado.

— O que você está fazendo sem sua sombra?

— Ty não é minha sombra — disse Kit com raiva.

— Me desculpe. Eu suponho que você seja a dele. Os olhos de Shade eram solenes. — Você veio me contar sobre o progresso que fizeram em seu plano tolo de ressuscitar a irmã dele?

Não foi por isso que Kit veio até aqui, mas ele se viu dizendo a Shade de qualquer maneira, sobre o retorno de Emma e Julian (embora ele não fizesse menção a Thule) e as visitas que fizeram ao Mercado das Sombras no caos que se seguiu, ninguém percebendo que eles tinham ido embora. Julian, geralmente o irmão mais velho com olhos de águia do mundo, estiveram inconscientes e, até hoje, pareciam sem foco e grogue.

— Vocês fizeram melhor do que eu pensei que fariam — disse Shade de má vontade, olhando para o mar. — Mesmo assim. Vocês principalmente conseguiram as coisas fáceis. Ainda há alguns objetos que deveriam os surpreender.

— Parece que você quer que a gente falhe — disse Kit.

—Claro que sim! — Shade gritou. — Você não deveria estar brincando com necromancia! Nunca faz bem a ninguém!

Kit recuou até os calcanhares baterem nas ondas. — Então por que você está nos ajudando?

— Olha, há uma razão para eu estar aqui — disse Shade. — Sim, Hypatia passou a mensagem de Tiberius para mim, mas eu estava indo para a caverna de qualquer maneira para ficar de olho em você.

— Em mim?

— Sim, você. Você realmente acha que eu estava por perto e ajudando vocês com sua necromancia idiota apenas como um favor para Hypatia? Nós não somos tão próximos. Jem é quem me pediu para cuidar de você. Togo o negócio dos Carstairs deverem aos Herondales. Você sabe.

Era estranho para Kit, a ideia de que alguém estaria preocupado em protegê-lo apenas por causa de seu sobrenome. — Ok, mas por que você está nos ajudando com as coisas mágicas?

— Porque eu disse que te protegeria, e eu vou. Seu Ty é teimoso como os Blackthorns são teimosos, e você é teimoso. Se eu não ajudasse vocês dois, algum outro feiticeiro faria, alguém que não se importaria se vocês dois se machucassem. E não, eu não contei a ninguém sobre isso.

— Muitos dos outros bruxos estão doentes — disse Kit, percebendo que isso era o que parecia estranho em Shade. Ele não parecia nem um pouco doente.

— E eu posso ficar doente também, eventualmente, mas sempre haverá usuários de magia inescrupulosos - para o que você está olhando todo vesgo, garoto?

— Eu acho que eu estava pensando que você não sabia que eles encontraram uma cura para a doença dos feiticeiros — disse Kit.

— No Instituto.

Foi a primeira vez que ele viu o feiticeiro parecer genuinamente surpreso. — Os Nephilim? Encontraram uma cura para a doença dos feiticeiros?

Kit pensou na maneira em como ele foi apresentado à ideia dos Caçadores de Sombras. Não como pessoas, mas como um exército cruel e santo dos verdadeiros crentes. Como se todos fossem como Horace Dearborn, e nenhum deles fosse como Julian Blackthorn ou Cristina Rosales. Ou como Alec Lightwood, pacientemente segurando um copo de água com um canudo para que seu namorado feiticeiro doente pudesse beber.

— Sim — disse ele. — Jace e Clary vão recuperá-la. Vou me certificar de que você receba um pouco.

O rosto de Shade se torceu e ele se virou, então Kit não pôde ver sua expressão. — Se você insiste — ele disse rispidamente. — Mas certifique-se de que Catarina Loss consiga primeiro, e Magnus Bane. Eu tenho algumas proteções. Eu ficarei bem por um bom tempo.

— Magnus será o primeiro a conseguir, não se preocupe — disse Kit. — Ele está no Instituto agora.

Nisso Shade girou de volta. — Magnus está aqui? — ele olhou para o Instituto, onde brilhava como um lendário castelo em uma colina. — Quando ele estiver bem, diga a ele que estou na caverna da Praia de Staircase — ele disse. — Diga a ele que Ragnor diz olá.

Ragnor Shade? Seja qual for a força que abençoou as pessoas com bons nomes, passou longe daquele pobre sujeito, Kit pensou.

Ele se virou para voltar pelo caminho da praia até a rodovia. A areia se estendia diante dele em um crescente cintilante, a linha da maré tocada com prata.

— Christopher — disse Shade, e Kit fez uma pausa, surpreso com o som do nome que quase ninguém o chamava. — Seu pai — começou Shade, e hesitou. — Seu pai não era um Herondale.

Kit congelou. Naquele momento, ele teve um súbito terror que tudo tinha sido um erro: ele não era um Caçador das Sombras, ele não pertencia aqui, ele seria retirado de tudo isso, de Ty, de todo mundo…

— Sua mãe — disse Shade. — Ela era a Herondale. E uma incomum. Você deveria procurar sobre sua mãe.

Alívio socou Kit como um golpe. Algumas semanas atrás, ele teria ficado feliz em saber que não era Nephilim. Agora parecia o pior destino que ele poderia imaginar. — Qual era o nome dela? — ele disse. — Shade! Qual era o nome da minha mãe?

Mas o feiticeiro pulou da rocha e foi embora; o som das ondas e da maré engoliu as palavras de Kit, e Shade não se virou.

*

Bonecas assassinas, bosques sinistros, ghouls sem olhos e cemitérios cheios de névoa. Dru teria listado essas como suas principais coisas favoritas sobre *Asylum: Frozen Fear*, mas elas não pareciam interessar muito a Kieran. Ele se esparramou no outro lado do sofá, olhando melancolicamente para o espaço, mesmo quando as pessoas na tela começavam a gritar.

—Esta é a minha parte favorita — disse Dru, parte de sua mente em mordiscar pipoca, a outra parte sobre Kieran estar ou não imaginando-se em um lugar diferente, pacífico, talvez uma praia. Ela não sabia exatamente como ela o herdou após a reunião, só que eles pareciam ser as duas pessoas que não receberam uma tarefa para fazer.

Ela escapou para a toca e, alguns instantes depois, Kieran apareceu, se sentou no sofá e pegou um calendário de gatos fofos que alguém - bem, ela - havia deixado por perto. — O pedaço onde ele pisa no boneco de vodu e explode em sangue e…

— Essa maneira de marcar a passagem do tempo é uma maravilha — disse Kieran. — Quando você termina com um gatinho, então tem outro gatinho. No próximo solstício de inverno, você terá visto doze gatinhos completos! Um deles está em um copo!

— Em dezembro, há três gatinhos em uma cesta — disse Dru.

— Mas você deveria assistir ao filme…

Kieran colocou o calendário de lado e olhou para a tela com alguma perplexidade. Então ele suspirou. — Eu simplesmente não entendo — ele disse. — Eu amo eles dois, mas parece que eles não conseguem entender isso. Como se fosse um tormento ou um insulto.

Dru apertou o botão de mudo e abaixou o controle. Finalmente, ela pensou, alguém estava falando com ela como um adulto.

Evidentemente, Kieran não estava fazendo muito sentido, mas ainda assim.

— Caçadores de Sombras são lentos para amar — ela disse — Mas uma vez que amamos, amamos para sempre.

Era algo que ela lembrava de Helen ter dito a ela uma vez, talvez em seu casamento.

Kieran piscou e focou nela, como se ela tivesse dito algo inteligente. — Sim — disse ele. — Sim, isso é verdade. Eu devo confiar no amor de Mark. Mas Cristina, ela nunca disse que me ama.

E os dois se sentem tão distantes agora.

— Todo mundo se sente distante agora — Dru disse, pensando em quão solitários os últimos dias haviam sido. — Mas isso é porque eles estão preocupados. Quando eles ficam preocupados, eles se puxam para dentro de si mesmos e às vezes eles esquecem que você está lá — Ela olhou para sua pipoca. — Mas isso não significa que eles não se importam.

Kieran apoiou o cotovelo no joelho. — Então, o que eu faço, Drusilla?

— Hum — disse Drusilla. — Não fique em silêncio sobre o que você quer, ou você pode nunca conseguir.

— Você é muito sábia — disse Kieran gravemente.

— Bem — disse Dru. — Na verdade, eu vi isso em uma caneca.

— Canecas neste mundo são muito sábias — Dru não tinha certeza se Kieran estava sorrindo ou não, mas pelo jeito que ele se sentou de volta e cruzou os braços, ela sentiu que ele não iria mais perguntar nada. Ela aumentou o volume da TV.

*

Emma tirou os alfinetes, cuidadosamente tirou a corda de cores diferentes, os velhos recortes de jornais, as fotos enroladas nas bordas. Cada um deles representando uma pista, ou o que ela pensava ser uma pista, sobre o segredo das mortes de seus pais: quem os matou? Por que eles morreram como morreram?

Agora Emma sabia as respostas. Ela havia perguntado a Julian há algum tempo o que deveria fazer com todas as evidências que coletou, mas ele indicou que era a decisão dela. Ele sempre a chamou de Muralha da Loucura, mas de várias maneiras Emma pensou nisso como uma parede de sanidade, porque criá-la a manteve sã durante um tempo em que ela se sentiu desamparada, sobrecarregada com a falta de seus pais e o apoio seguro de seu amor.

Isso foi por vocês, mamãe e papai, ela pensou, jogando as últimas fotos em caixas de sapato. *Eu sei o que aconteceu com vocês agora, e a pessoa que os matou está morta. Talvez isso faça diferença. Talvez não. Eu sei que isso não significa que eu sinto menos a falta de vocês.*

Ela se perguntou se deveria dizer mais. Essa vingança não era a panacéia que ela esperava. E que, na verdade, ela estava com um pouco de medo agora: ela sabia o quão poderoso era, como isso o levava. Em Thule, ela vira como a vingança de um garoto abandonado e raivoso incendiara o mundo. Mas não fez Sebastian feliz. A vingança só tornara Sebastian em Thule infeliz, embora ele tivesse conquistado tudo o que viu.

Houve uma batida na porta. Emma enfiou as caixas no armário e foi atender. Para sua surpresa, era Julian. Ela pensou que ele havia descido com os outros. Eles tiveram um grande jantar na biblioteca -

entrega de comida tailandesa - e todos estavam lá, relembrando e brincando, Magnus cochilando suavemente nos braços de Alec, enquanto ambos se esparramavam no sofá. Era quase como se Jace e Clary não tivessem que sair em uma missão perigosa ao amanhecer, mas esse era o jeito dos Caçadores de Sombras.

Sempre haviam missões. Sempre havia um amanhecer perigoso.

Emma queria estar com eles, mas estar perto de Julian e de outras pessoas quando ele estava assim machucava. Doía olhar para ele e esconder o que sabia, e se perguntar se os outros notavam e, se sim, o que eles pensavam.

Julian foi inclinar-se contra o peitoril da janela. As estrelas estavam saindo, apontando o céu com pedaços de luz.

— Acho que estraguei as coisas com Ty — disse ele. — Ele queria falar comigo e acho que não respondi da maneira correta.

Emma passou as mãos no joelhos. Ela estava vestindo uma camisola verde-clara que era um vestido. — O que ele queria falar com você?

Alguns cachos soltos de cabelos castanhos escuros caíam sobre a testa de Julian. Ele ainda era lindo, Emma pensou. Não fazia diferença o que ela *sabia*; ela doía ao ver suas mãos de pintor, fortes e articuladas, a suave escuridão de seu cabelo, o arco de cupido de seu lábio, a cor de seus olhos. A maneira como ele se movia, sua graça de artista, as coisas sobre ele que sussurravam *Julian* para ela.

— Eu não sei — disse ele. — Eu não entendi. Eu *teria* entendido… Eu sei que teria… se não fosse pelo feitiço.

— Você subiu naquela pira por ele — ela disse.

— Eu sei… eu te falei, foi como um instinto de sobrevivência, algo que eu não tinha controle sobre. Mas isso não é uma questão de vida e morte. São emoções. E então minha mente não vai processá-

las.

Emoções podem ser questões de vida e morte. Emma apontou para o armário. — Você sabe por que eu tirei tudo isso?

A testa de Julian franziu. — Você terminou com isso — disse ele. — Você descobriu quem matou seus pais. Você não precisa mais dessas coisas.

— Sim e não, eu acho.

— Se tudo correr bem, espero que Magnus possa tirar o feitiço de mim amanhã ou no dia seguinte — disse Julian. — Depende de quão rápido a cura funcione.

—Você já poderia ter falado com ele sobre isso — disse Emma, movendo-se para inclinar-se contra o peitoril ao lado de Julian.

Lembrou-se de tempos passados, tempos melhores, quando ambos sentavam no peitoril e liam, ou Julian desenhava, silencioso e contente por horas. — Porque esperar?

—Eu não posso contar tudo a ele — disse Julian. — Eu não posso mostrar a ele o que eu escrevi no meu braço - ele iria querer o feitiço imediatamente, e ele não está forte o suficiente. Isso poderia matá-lo.

Emma se virou para ele surpresa. — Isso é empatia, Julian.

Você está entendendo o que Magnus pode sentir. Isso é bom, certo?

— Talvez — ele disse. — Há algo que tenho feito quando não tenho certeza sobre como lidar com algo emocional. Eu tento imaginar o que *você* faria. O que você levaria em conta. A conversa com Ty foi muito rápida para fazer isso, mas ajuda.

— O que eu faria?

— Tudo se desfaz quando estou com você, é claro — ele disse.

— Não consigo pensar no que você gostaria que eu fizesse sobre você ou perto de você. Eu não posso te ver através dos seus próprios olhos. Eu não posso nem *me* ver através dos seus olhos — Ele tocou no braço nu dela levemente, onde sua runa *parabatai* estava, traçando suas bordas.

Ela podia ver o reflexo dele na janela: outro Julian com o mesmo perfil aguçado, os mesmos cílios sombreados. — Você tem um talento, Emma — disse ele. — Uma bondade que faz as pessoas felizes. Você assume que as pessoas não são apenas capazes de fazer o melhor, mas que querem ser melhores. Você assume o mesmo sobre mim. — Emma tentou respirar normalmente. A sensação de seus dedos em sua runa estava fazendo seu corpo tremer. — Você acredita em mim mais do que eu acredito em mim mesmo.

Seus dedos traçaram um caminho pelo braço nu dela, até o pulso, e de volta para cima. Eles eram dedos leves e inteligentes; ele a tocou como se estivesse desenhando seu corpo, traçando as linhas de sua clavícula. Pastando o entalhe na base de sua garganta.

Deslizando para correr ao longo do decote de seu vestido, apenas roçando a curva superior de seus seios.

Emma estremeceu. Ela poderia se perder nessa sensação, ela sabia, poderia se afogar nela e esquecer, proteger-se atrás dela. — Se você vai fazer isso — ela disse — Você deveria me beijar.

Ele a pegou em seus braços. Sua boca na dela era quente e suave, um beijo suave se aprofundando em calor. As mãos dela se moviam sobre o corpo dele, a sensação agora familiar: os músculos lisos sob a camiseta, a aspereza das cicatrizes, a delicadeza das omoplatas, o oco curvo de sua

espinha. Ele murmurou que ela era linda, que ele a queria, que ele sempre quis.

Seu coração estava batendo em seu peito; cada uma de suas células estava lhe dizendo que este era Julian, seu Julian, que ele sentia, provava, respirava o mesmo e que ela o amava.

— Isso é perfeito — ele sussurrou contra sua boca. — É assim que podemos ficar juntos e não machucar ninguém.

Seu corpo gritou para ela não reagir, apenas para acompanhá-

lo. Mas sua mente a traiu. — O que você quer dizer exatamente?

Ele olhou para ela com o cabelo escuro meio na cara. Ela queria puxá-lo para ela e cobrir a boca dele com mais beijos; ela queria fechar os olhos e esquecer que algo estava errado.

Mas ela nunca teve que fechar os olhos com Julian antes.

— São as emoções que importam, não o ato — disse ele. — Se eu não estou apaixonado por você, podemos fazer isso, ficar juntos fisicamente e não vai importar para a maldição.

Se eu não estou apaixonado por você.

Ela se afastou dele. Era como se ela estivesse rasgando sua própria pele, como se ela olhasse para baixo e visse o sangue escorrendo das feridas onde ela se arrancara dele.

— Eu não posso — disse ela. — Quando você tiver seus sentimentos de volta, vamos nos arrepender de ter feito isso quando você não se importava.

Ele parecia intrigado. — Eu quero você tanto quanto eu já quis.

Isso não mudou.

Ela se sentiu de repente exausta. — Eu acredito em você. Você acabou de me dizer que me queria. Que eu era linda. Mas você não disse que me amava. Você sempre disse isso antes.

Houve um breve lampejo em seus olhos. — Eu não sou a mesma pessoa. Não posso dizer que sinto coisas que não entendo.

— Bem, eu quero a mesma pessoa — disse ela. — Eu quero Julian Blackthorn. *Meu* Julian Blackthorn.

Ele chegou a tocar o rosto dela. Ela recuou, afastando-se dele -

não porque não gostasse do toque dele, mas porque gostava muito.

Seu corpo não sabia a diferença entre este Julian e o que ela precisava.

— Então, quem sou eu para você?— Ele perguntou, soltando a mão.

— Você é a pessoa que eu tenho que proteger até meu Julian voltar a viver dentro de você novamente — ela disse. — Eu não quero isso. Eu

quero o Julian que eu amo. Você pode estar numa jaula, Jules, mas enquanto você estiver assim, *eu estou na jaula com você.*

*

A manhã chegou como sempre, com a luz do sol e o irritante chilrear dos pássaros. Emma cambaleou para fora do quarto com a cabeça latejando e descobriu Cristina à espreita no corredor do lado de fora da porta. Ela estava segurando uma caneca de café e usando um lindo suéter de pêssego com pérolas ao redor do colarinho.

Emma dormira apenas três horas depois que Julian saíra do quarto, e tinham sido umas três horas ruins. Quando ela bateu a porta do quarto atrás dela, Cristina saltou nervosamente no ar.

— Quanto café você já bebeu? — perguntou Emma. Ela puxou o cabelo para cima e prendeu-o com uma faixa amarela de pano com margarida.

— Este é o meu terceiro. Eu me sinto como um beija-flor — Cristina acenou para a caneca e caminhou ao lado de Emma enquanto se dirigiam para a cozinha. — Eu preciso falar com você, Emma.

— Por quê? — Emma disse cautelosamente.

— Minha vida amorosa é um desastre — disse Cristina. — *Qué lío*.

Que confusão.

— Ah bom — disse Emma. — Eu estava com medo de que fosse algo sobre política.

Cristina parecia trágica. — Eu beijei Kieran.

— O que? Onde? — perguntou Emma, quase caindo dos degraus.

— No Reino das Fadas — Cristina lamentou.

— Na verdade, quero dizer, na bochecha ou o que?

— Não — disse Cristina. — Um beijo de verdade. *Com bocas*.

— Como foi?— Emma estava fascinada. Ela não conseguia imaginar beijar Kieran. Ele sempre parecia tão frio e tão distante. Ele certamente era lindo, mas como uma estátua era bonita, não uma pessoa.

Cristina corou por todo o rosto e pescoço. — Foi encantador — disse ela em voz baixa. — Gentil e como se ele se importasse muito comigo.

Isso foi ainda mais estranho. No entanto, Emma sentiu que o objetivo era se esforçar para apoiar Cristina. Ela preferia que Cristina estivesse com Mark, é claro, mas Mark estava reclamando, e havia aquele feitiço de ligação… — Bem — disse Emma. — O que acontece no Reino das Fadas fica no Reino das Fadas, eu acho?

— Se você quer dizer que eu não deveria contar a Mark, ele sabe — disse Cristina. — E se você vai perguntar se eu quero ficar com Mark sozinho, eu não posso responder a isso também. Eu não sei o que eu quero.

— E como Mark e Kieran se sentem um com o outro?— disse Emma. — Ainda é romântico?

— Eu acho que eles se amam de uma maneira que eu não posso tocar — disse Cristina, e havia uma tristeza em sua voz que fez Emma querer parar no meio do corredor e colocar os braços ao redor de sua amiga. Mas eles já haviam chegado a cozinha. Estava lotado de pessoas - Emma sentia o cheiro de café, mas não de comida. A mesa estava vazia, a cozinha fria. Julian e Helen, juntamente de Mark e Kieran, estavam reunidos ao redor da mesa, onde Clary e Jace estavam sentados, todos eles olhando com descrença a um pedaço de papel que parecia oficial.

Emma parou subitamente, Cristina com os olhos arregalados ao lado dela. — Nós pensamos… vocês já foram a Idris e voltaram? Eu achei que vocês tinham que partir ao amanhecer? — Emma falou.

Jace olhou para cima — Nós nunca partimos — ele disse. Clary ainda estava encarando o papel que segurava, seu rosto branco e atordoado.

— Teve algum problema? — Emma perguntou ansiosamente.

— Você pode dizer isso — o tom de Jace era leve, mas seus olhos dourados eram tempestuosos. Ele bateu no papel. — É uma mensagem da Clave. De acordo com isso, Clary e eu estamos mortos.

***

Zara sempre escolhia a mesma cadeira no escritório do Inquisidor. Manuel suspeitava que fosse porque gostava de se sentar sob o retrato de si mesma, para que as pessoas fossem forçadas a olhar para duas Zaras, e não apenas uma.

— Relatórios vêm chegando o dia todo — disse Zara, girando uma de suas tranças. — Os institutos estão respondendo com indignação à notícia da morte de Jace e Clary nas mãos das fadas.

— Como nós esperávamos — disse Horace, mudando de posição em sua cadeira com um grunhido de dor. Aborreceu Manuel que Horace ainda estava reclamando de seu braço, uma massa de bandagens brancas abaixo do cotoco do cotovelo. Certamente as *iratzes* teriam curado o corte, e Horace tinha apenas a si mesmo para culpar por deixar a cadela Wrayburn sair melhor do que ele.

Manuel detestava Horace. Mas Manuel detestava os verdadeiros crentes em geral. Ele não poderia ligar menos se houvesse Submundanos em Alicante ou fadas na Floresta Brocelind ou lobisomens em sua banheira. O preconceito contra os Submundanos lhe parecia chato e desnecessário. A única coisa é que foi útil para fazer as pessoas ficarem com medo.

Quando as pessoas estavam com medo, elas faziam o que você quisesse se achassem que as tornariam seguras novamente. Quando Horace falou em recuperar a glória passada dos Nephilim, e as multidões aplaudiram, Manuel sabia para o que eles estavam torcendo, e não era glória. Foi uma cessação do medo. O medo que sentiam desde a Guerra Maligna os fez entender que eles não eram invencíveis.

Uma vez, eles acreditavam, eles eram invencíveis. Eles estavam com as botas no pescoço de Submundanos e demônios, e eles se sentaram sobre o mundo. Agora eles se lembraram dos corpos em chamas na Praça do Anjo e ficaram com medo.

E o medo foi útil. O medo poderia ser manipulado em mais poder. E o poder era tudo o que Manuel se importava, no final.

— Já ouvimos alguma coisa do Instituto de Los Angeles? — Horace perguntou, descansando atrás de sua grande mesa. — Sabemos do Reino das Fadas que os Blackthorn e seus companheiros voltaram para casa. Mas o que eles sabem?

O que eles sabem? Horace e Zara se perguntaram o mesmo quando o corpo de Dane voltou para eles, quase desmembrado.

Dane tinha sido um tolo, fugindo do acampamento de Oban no meio da noite para buscar a glória de recuperar o Volume Negro por conta própria. (E ele havia levado o medalhão de tempo com ele, o que significava que Manuel descobriu que havia perdido um dia ou dois quando retornou a Idris.) Manuel suspeitou que houvesse uma ferida de uma espada longa sob aquelas mordidas de kelpie, mas ele não mencionou isso para os Dearborns. Eles viram o que queriam ver, e se Emma e Julian sabiam que Horace havia colocado um assassino em sua trilha, isso não importaria por muito mais tempo.

— E sobre Clary e Jace? — Manuel disse. — Eu tenho certeza de que eles sabem que eles desapareceram pelo Portal em Thule.

Seria impossível recuperá-los, no entanto. O tempo passou, o Portal fechou, e Oban me garantiu que Thule é um lugar mortal. Agora eles serão ossos descorados na areia de outro mundo.

— Os Blackthorns e aquela Emma não ousariam dizer nada contra nós de qualquer maneira — disse Zara. — Nós ainda mantemos o segredo deles nas palmas de nossas mãos. — ela tocou o punho de Cortana. — Além disso, nada deles será deles por muito mais tempo, nem mesmo o Instituto. Alguns outros podem estar contra nós: Cidade do México, Buenos Aires, Mumbai. Mas vamos lidar com todos eles.

Zara também era uma verdadeira crente, pensou Manuel com certo desagrado. Ela era uma tábua e entediante, e ele nunca acreditara que Diego Rocio Rosales realmente via algo nela; na balança, ele parecia estar certo. Ele suspeitava que Diego estava definhando na cadeia tanto por rejeitar Zara quanto por ajudar algum idiota a fugir da Scholomance.

Horace se virou para Manuel. — E a sua fase do plano, Villalobos?

— Tudo está em ordem. As forças Unseelie estão se concentrando sob o Rei Oban. Quando eles chegarem às muralhas de Alicante, sairemos para mostrar nossa disposição de conversar com eles sobre os Campos Imperecíveis. Vamos nos certificar de que todos os Caçadores de Sombras de Alicante nos vejam. Depois dessa charada, retornaremos ao Conselho e lhes diremos que as fadas se renderam. A Paz Fria terminará e, em troca de sua disposição em nos ajudar, todas as entradas para o Reino das Fadas serão seladas com alas. Será feito fora dos limites para os Caçadores de Sombras.

— Muito bom — disse Horace. — Mas com o Portal para Thule fechando, onde isso nos deixa com a praga?

— Exatamente onde queremos estar — disse Manuel. Ele ficou satisfeito… fingir que desejavam destruir a praga com fogo fora sua ideia. Ele sabia que não funcionaria e o fracasso deixaria os Nephilim mais assustados do que antes. — O veneno se espalhou o suficiente para nossos propósitos. A Clave sabe da praga agora e teme o que isso vai fazer.

— E o medo os tornará dispostos — disse Horace. — Zara?

— Os feiticeiros estão ficando mais doentes — disse Zara com satisfação. — Não há relatos de transformações, mas muitos Institutos adotaram feiticeiros em um esforço para curá-los. Uma vez que eles se transformam em demônios, você pode imaginar o caos sangrento que acontecerá.

— O que deve facilitar a promulgação da lei marcial e nos livrar do resto dos feiticeiros — disse Horace.

O fato de que a praga não serviria apenas para assustar os Caçadores de Sombras, mas também para prejudicar os feiticeiros, sempre foi visto como uma vantagem para Horace, embora Manuel não tenha visto razão em um exercício que limitaria seriamente a habilidade dos Caçadores de Sombras para fazer coisas como abrir Portais e curar doenças incomuns. Esse era o problema com os verdadeiros crentes. Eles nunca foram práticos. Ah bem. Alguns feiticeiros provavelmente sobreviveriam, ele argumentou. Uma vez que todas as exigências da Tropa fossem cumpridas, eles poderiam se dar ao luxo de ser generosos e destruir a praga para sempre. Não era como se Horace gostasse da praga, ou de sua propensão a amortecer a magia angelical. Era simplesmente uma ferramenta útil, como os Larkspears tinham sido.

— Você não está preocupado que os feiticeiros transformados vão ficar fora de controle e abater os Caçadores de Sombras? Até mesmo mundanos?

— Eu não estou — disse Horace. — Um Caçador de Sombras devidamente treinado deveria ser capaz de lidar com um feiticeiro que virou demônio. Se eles não puderem, então fizemos a nossa sociedade um favor em abatê-los.

— Minha pergunta é se Oban pode ser confiável — disse Zara, curvando o lábio. — Ele é uma fada, afinal.

— Ele pode — disse Manuel. — Ele é muito mais maleável do que seu pai. Ele quer o seu reino e nós queremos o nosso. E se lhe trouxermos a cabeça do príncipe Kieran como prometido, ele ficará muito satisfeito de fato.

Horace suspirou. — Se apenas esses acordos não precisassem ser secretos. Toda a Clave deveria se gloriar no acerto de nosso plano.

— Mas eles não gostam de fadas, papai — disse Zara, que era, como sempre, incrivelmente literal. — Eles não gostariam de fazer acordos com seres do submundo ou incentivá-los a levar a doença a Idris, mesmo que fosse por uma causa digna. *É* ilegal trabalhar com magia demoníaca - embora eu saiba que é necessário — acrescentou ela apressadamente. — Eu queria que Samantha e Dane ainda estivessem por perto. Então poderíamos conversar com *eles*.

Manuel pensava com pouco interesse de Dane, desfeito pela sua própria estupidez, e de Samantha, atualmente delirando nas Basilias. Ele duvidava que qualquer um deles tivesse sido de muita ajuda, mesmo em seus estados anteriores.

— É um fardo solitário, filha, ser os encarregados de fazer a coisa certa — disse Horace pomposamente.

Zara levantou-se da cadeira e deu um tapinha no ombro dele. — Pobre papai. Você quer olhar para o espelho de reconhecimento mais uma vez? Isso sempre te anima.

Manuel sentou-se na cadeira. O espelho mágico era uma das poucas coisas que ele não achava chato. Oban havia o enfeitiçado para refletir os campos antes da Torre Unseelie.

Zara ergueu o espelho para que a luz das Torres Demoníacas soltasse sua alça prateada. Deu um gritinho quando o vidro ficou claro e, através dele, viram os campos verdes da Unseelie Corte e a torre antracite. Alinhados em frente à torre, havia fileiras e mais fileiras de guerreiros Unseelie, tantos que a visão deles enchia a cena, mesmo quando as filas diminuíam à distância: um exército sem limite, sem fim. Suas espadas brilhavam à luz do sol como um vasto campo plantado com lâminas afiadas.

— O que você acha? — Disse Horace com orgulho, como se ele próprio tivesse reunido o exército. — Espetacular, não é, Annabel?

A mulher de longos cabelos castanhos escuros, sentada em silêncio no canto da sala, assentiu calmamente. Ela usava roupas que combinavam com as que ela usara naquele maldito dia no Salão dos Acordos; Zara havia feito cópias quase exatas, mas foi Manuel quem primeiro pensou em desdobrá-las, como se fossem elas mesmas uma arma.

Havia poucas coisas mais fortes que o medo. Desde a reunião do Conselho, os Caçadores de Sombras ficaram aterrorizados com Annabel Blackthorn. Se ela aparecesse diante deles, eles se acovardariam atrás de Horace. Sua capacidade de protegê-los seria tudo o que importavam.

E quando se tratava de Julian Blackthorn e o resto de sua irritante família, haveria mais do que apenas medo. Haveria raiva.

Ódio. Todas as emoções que a Tropa poderia explorar.

Horace deu uma risada nervosa e voltou a estudar o espelho.

Escondido pelas sombras alongadas, Manuel riu selvagemente.

Absolutamente ninguém estava preparado para o que estava por vir.

Do jeito que ele gostava.

24
A Longa Noite

Aline Penhallow, diretora do Instituto de Los Angeles:
Bandeiras brancas de luto sobrevoam nossa capital hoje e bandeiras verdes para acelerar a cura de nossos corações.

Heróis da Guerra Maligna, Jonathan Herondale e Clarissa Fairchild foram mortos pelas mãos dos Unseelie. Eles estavam em uma missão para a Clave, e suas mortes serão celebradas como a morte de heróis. Seus corpos ainda não foram recuperados.

Tal quebra brutal da Paz Fria deve ser levada em conta. A partir desta manhã, ao nascer do sol em Alicante, nós estaremos em estado de Guerra com as fadas. Os membros do Conselho entrarão em contato com a Corte para buscar conversas e reparações. Se uma fada for vista fora de suas terras, você pode capturá-la e trazê-la para Alicante para interrogatório. Se você precisar matar a fada em questão, não estará violando os Acordos.

As fadas são astutas, mas nós prevaleceremos e vingaremos nossos heróis caídos. Como sempre em um estado de Guerra, espera-se que os Caçadores de Sombras individuais retornem a Idris para se apresentarem em quarenta e oito horas. Por favor, notifique a Clave sobre seus planos de viagem, uma vez que a atividade do Portal em Idris será monitorada.

Horace Dearborn, Inquisidor
NOTA: Como nossa Consulesa, Jia Penhallow, é suspeita de envolvimento com fadas, ela está sendo mantida na torre da Gard até o momento em que ela poderá ser interrogada.

— Jia? — Emma disse em descrença. — Eles prenderam a Consulesa?

— Aline está tentando chegar até Patrick — disse Helen em voz baixa. — A prisão domiciliar é uma coisa, mas esta é outra. Aline está exaltada.

— Quem sabe que você está vivo? — Alec exigiu, voltando-se para Jace. — Quem sabe que o que está nesta carta não é verdade?

Jace pareceu surpreso.

— As pessoas nesta casa. Magnus… onde está Magnus?

— Dormindo — disse Alec. — Então, além de nós?

— Simon e Izzy. Mamãe. Maia e Bat. Apenas eles.

Ele girou em torno de sua cadeira.

— Por quê? Você acha que devemos ir para Alicante? Expor as mentiras deles?

— Não — disse Julian. Sua voz era baixa, mas firme. — Você não pode fazer isso.

— Por que não? — Perguntou Helen.

— Porque isso não é um erro — disse Julian. — Esta é uma operação bandeira falsa. Eles acreditam que vocês estão mortos, eles não arriscariam isso se vocês não estivessem, e eles estão colocando a culpa no Reino das Fadas para encorajar uma guerra.

— Por que alguém iria querer uma guerra? — Perguntou Helen.

— Eles não viram o que a última fez?

— As pessoas tomam o poder em guerras — disse Julian. — Se eles fazem do Reino das Fadas o inimigo, eles podem se tornar os heróis. Todos esquecerão as reclamações que tiveram sobre o atual Conselho. Eles vão se unir por trás deles em uma causa comum.

Uma guerra pode começar com uma única morte. Aqui eles têm duas… e ambos são famosos, heróis da Clave.

Ambos, Jace e Clary pareciam desconfortáveis.

— Eu vejo uma falha neste plano — disse Jace. — Eles ainda têm que lutar e vencer a guerra.

— Talvez — disse Julian. — Talvez não. Depende de qual é o plano deles.

— Eu vejo outra falha — disse Clary. — Nós não estamos realmente mortos. É muito arrogante pensar que eles podem fingir que estamos.

— Eu acho que eles acreditam nisso — disse Emma. — A briga na Corte foi um caos. Eles provavelmente não percebem quem passou pelo Portal para Thule e quem não o fez. E quem sabe o que Manuel disse a eles. Ele gosta de desviar a verdade de qualquer maneira, e sem a Espada Mortal, ele pode se curvar. Aposto que ele quer uma guerra.

— Mas certamente o Conselho não apoiará verdadeiramente a ideia de uma guerra com o Reinos das Fadas — disse Clary. — Ou você realmente acha que todo o Conselho para nós está perdido?

Emma ficou surpresa.

Clary estava olhando para Julian como se ela estivesse profundamente envolvida em sua resposta, embora ela fosse cinco anos mais velha. Era estranho pensar que o brilhantismo de Julian não pertencia apenas a ela, a família dele.

— A maioria deles — disse Julian. — A maioria deles já ficou atrás da Tropa e desta mensagem. Caso contrário, eles não exigiriam que todos nós

voltássemos para Alicante em dois dias.

— Mas nós não vamos fazer isso — disse Mark. — Não podemos voltar a Alicante agora. Está tudo sob o controle da Tropa.

— E da última vez que estivemos lá, Horace nos enviou em uma missão suicida — Emma apontou. — Eu não acho que todos nós estaríamos seguros em Idris.

Era um pensamento preocupante… Idris era sua terra natal, destinada a ser o lugar mais seguro do mundo para Caçadores de Sombras.

— Não vamos — disse Helen. — Não seria apenas inseguro, mas significaria abandonar os bruxos às devastações da praga.

— Mas Jace e Clary não podem ir ao Lago Lyn — disse Alec.

Seu cabelo preto estava de pé em uma bagunça e suas mãos estavam apertadas em punhos. — Toda a atividade do Portal está sendo monitorada.

— É por isso que você não saiu de madrugada — disse Emma, imaginando quanto tempo Clary e Jace estavam sentados ali, olhando para a carta com horror.

— Mas tem que haver alguma maneira — disse Jace, olhando para Alec com desespero. — Clary e eu podemos viajar por terra, ou…

— Vocês não podem — Emma interrompeu. — Há partes disso que eu não entendo, mas posso dizer uma coisa. A Tropa está usando suas mortes para conseguir o que eles querem. Se vocês dois forem a Alicante e a Tropa souber disso, mesmo um sussurro, eles vão colocar tudo o que eles têm para matar vocês.

— Emma está certa — disse Julian. — Eles têm que continuar acreditando que vocês estão mortos.

— Então eu vou — disse Alec. — Clary pode fazer um portal para mim para algum lugar perto de Idris e eu posso atravessar a fronteira a pé.

— Alec, não. Magnus precisa de você aqui — disse Clary. — Além disso, você é o chefe da Aliança Integrantes do Submundo-Caçadores de Sombras. A Tropa adoraria colocar as mãos em você.

Kieran levantou-se.

— Nenhum de vocês pode ir — disse ele. — O que falta nos Nephilim é sutileza. Você iria galopar em Idris e derrubaria todos nós.

Enquanto isso, as fadas podem entrar em Idris tão rápido quanto uma sombra e trazer de volta o que você precisa.

— Fadas? — Jace levantou uma sobrancelha. — Você parece ser uma fada. Talvez duas, se contarmos metade de Helen e metade de Mark.

Kieran parecia irritado.

— As fadas são proibidas de pisar no solo de Idris — disse Alec.

— Provavelmente existem alas e sensores…

— Não é conveniente que existam corcéis de fadas que voam — disse Kieran — e cavaleiros que montam esses corcéis, e que eu sou um deles?

— Esta é uma maneira rude de oferecer ajuda — disse Jace, e chamou a atenção de Clary. — Mas eu geralmente sou — acrescentou. — Você está se oferecendo para voar em Idris e coletar a água?

Kieran começou a andar. Seus cabelos escuros tinham se tornado azuis profundos, enredados com fios brancos.

— Você precisará de mais de uma fada. Você precisará de uma legião. Aqueles que podem voar em Idris, coletar a água, destruir a praga e trazer a cura para os feiticeiros de todo o mundo. Você precisa da Caçada Selvagem.

— A Caçada? — Disse Mark. — Mesmo com Gwyn como amigo de Diana, eu não acho que a Caçada faria isso pelos Nephilim.

Kieran se levantou. Pela primeira vez, Emma viu alguns de traços de seu pai em sua postura e no conjunto de sua mandíbula.

— Eu sou um Príncipe das Fadas e um Caçador — disse ele. — Eu matei o Rei Unseelie com minhas próprias mãos. Eu acredito que eles farão isso por mim.

*

No telhado, Kit podia ouvir vozes flutuando da cozinha abaixo -

vozes levantadas e frenéticas. No entanto, ele não podia ouvir o que eles estavam falando.

— Uma carta de Livvy — disse ele, virando-se para olhar para Ty.

O outro garoto estava sentado na beira do telhado, com as pernas pendendo para o lado. Kit odiava quão perto Ty estava disposto a chegar às extremidades das coisas: às vezes parecia que ele não tinha senso de perigo espacial, a realidade do que aconteceria se ele caísse.

— A outra Livvy, do outro universo.

Ty assentiu. Seu cabelo muito longo caiu em seus olhos, e ele empurrou de volta com impaciência. Ele estava usando um suéter branco com buracos nos punhos, e ele havia empurrado seus polegares para dentro, como se ele estivesse enganchando as mangas.

— Emma deu para mim. E eu me perguntei se você gostaria de ler.

—Sim — disse Kit. — Eu leio.

Ty estendeu a mão para ele e Kit pegou o envelope de luz e olhou para o rabisco na capa. *Tiberius*. Parecia a letra de Livvy? Ele não tinha certeza. Ele não se lembrava de estudar sua caligrafia; ele sabia que estava esquecendo o som da voz dela.

O sol batia no telhado, fazendo com que o medalhão de ouro de Ty brilhasse. Kit abriu a carta e começou a ler.

Ty, Eu pensei muitas vezes sobre o que eu diria a você se você reaparecesse de repente. Se eu estivesse andando pela rua e você saísse do ar, andando ao meu lado como costumava fazer, com as mãos nos bolsos e a cabeça inclinada para trás.

Mamãe costumava dizer que você andava celestialmente, olhando para o céu como se estivesse examinando as nuvens em busca de anjos. Você se lembra disso?

Em seu mundo eu sou cinzas, eu sou ancestral, minhas memórias, esperanças e sonhos foram para construir a Cidade dos Ossos. No seu mundo, eu tenho sorte, porque não tenho que viver em um mundo sem você. Mas neste mundo, eu sou você. Eu sou a gêmea solitária. Então eu posso te dizer isto: Quando seu gêmeo sai da terra em que você vive, ela nunca mais fica da mesma maneira: o peso de sua alma se foi e tudo está desequilibrado. O mundo balança sob seus pés como um mar inquieto. Eu não posso te dizer que fica mais fácil. Mas fica mais estável; você aprende a viver com o novo balanço da nova terra, da maneira como os marinheiros ganham as pernas do mar. Você aprende. Eu prometo.

Eu sei que você não é exatamente o Ty que eu tinha neste mundo, meu brilhante e lindo irmão. Mas eu sei por Julian que você é lindo e brilhante também. Eu sei que você é amado. Eu espero que você esteja feliz. Por favor, seja feliz. Você merece muito isso.

Eu quero perguntar se você se lembra do jeito que costumávamos sussurrar palavras um para o outro no escuro: estrela, gêmeo, vidro. Mas eu nunca saberei sua resposta.

Então, eu vou sussurrar para mim mesma quando eu dobrar esta carta e colocá-la no envelope, esperando que, de alguma forma, chegue até você. Eu sussurro seu nome, Ty. Eu sussurro a coisa mais importante: Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Livvy

Quando Kit abaixou a carta, o mundo inteiro parecia um pouco afiado e brilhante, como se estivesse vendo através de uma lupa. Sua garganta doía.

— O que… O que você achou?

Eu te amo, eu te amo, eu te amo Deixe ele ouvir isso, deixe ele acreditar e solte.

— Eu acho que…

Ty estendeu a mão para a carta e a dobrou de volta no bolso da jaqueta.

— Eu acho que esta não é a minha Livvy. Tenho certeza de que ela é uma boa pessoa, mas ela não é a minha.

Kit sentou-se um pouco de repente.

— O que você quer dizer?

Ty olhou para o oceano, para sua constante incursão e recessão.

— Minha Livvy gostaria de voltar para mim. Esta não quis. Seria interessante conhecer esta Livvy, mas provavelmente é bom que ela não tenha voltado com Emma e Jules, porque então não poderíamos trazer de volta a Livvy certa.

— Não — disse Kit. — Não, você não entende. Não é que ela não quisesse voltar. Ela é necessária lá. Tenho certeza de que ela gostaria de estar com sua família se pudesse. Imagine ter que suportar essa perda…

— Eu não quero — Ty o cortou bruscamente. — Eu sei que ela se sente mal. Eu sinto muito por ela. Eu sinto — ele pegou um pedaço de linha do bolso e parecia preocupado com as mãos nervosas. — Mas não é por isso que eu te trouxe a carta. Você sabe o que é isso?

— Eu acho que não — disse Kit.

— É a última coisa que precisamos para o feitiço — disse Ty. — É um objeto de outra dimensão.

Kit sentiu como se estivesse em uma montanha russa que de repente, precipitadamente, caiu. Ele estava prestes a dizer algo quando Ty fez um som suave de admiração; ele inclinou a cabeça para trás, enquanto sobre eles voavam um cavalo preto-cinza e um marrom, os cascos arrastando vapor de ouro e prata. Ambos assistiram em silêncio quando os cavalos pousaram na grama em frente ao Instituto.

Um dos cavaleiros era uma mulher familiar em um vestido preto.

Diana. O outro era Gwyn ap Nudd, líder da Caçada Selvagem. Os dois observaram atônitos quando Gwyn desmontou antes de ajudar Diana a descer.

*

Dru subiu no telhado. Ty e Kit já estavam lá, inquietos perto da borda do telhado. Ela não ficou surpresa; ela descobrira há muito tempo que sempre que queriam conversar em particular, eles desapareciam ali, como Emma e Julian costumavam fazer quando eram mais jovens.

Ela realmente não tinha falado com nenhum deles desde o momento em que ela entrou no quarto de Ty. Ela não sabia o que dizer. Todos os outros membros da família — Helen, Mark — estavam falando sobre o quão bem Ty estava se recuperando, o quão forte ele estava sendo, como ele estava se segurando diante da morte de Livvy.

Mas ela viu o quarto dele dilacerado e o sangue em suas fronhas. Isso fez com que ela olhasse mais de perto para ele — como ele estava magro e os arranhões nas juntas dos dedos.

Depois que o pai deles morrera, Ty passara por uma fase de morder suas próprias mãos. Ele acordava no meio da noite tendo roído a pele sobre os nós dos dedos. Ela imaginou que ele estava fazendo isso de novo, e era por isso que havia sangue em seus travesseiros. Helen e Mark não conseguiam perceber isso; eles não estavam lá anos atrás. Livvy também saberia. Julian saberia, mas ele acabara de chegar em casa. E além disso, conversar com alguém sobre isso parecia uma traição de Ty.

A história de Thule também a assombrava - um mundo no qual Ty estava morto. Em que ela mesma estava desaparecida. Em que os Blackthorns não eram mais uma família. Um mundo onde Sebastian Morgenstern governava. Até mesmo o nome Ash a assombrava, como se ela tivesse ouvido isso antes, embora ela não tivesse memória de ter feito isso. A ideia de Thule era um pesadelo sombrio, lembrando-a da fragilidade dos laços que a prendiam à sua família. A última coisa que ela queria fazer era chatear Ty.

E então ela o evitou, e Kit por consequência, desde que eles estavam sempre juntos. No entanto, eles não eram donos do telhado.

Ela pisou forte até onde eles estavam, fazendo muito barulho para que ela não os surpreendesse.

Eles não pareciam incomodados em vê-la.

— Gwyn e Diana estão aqui — disse Kit.

Quando ele veio até eles, parecia um pouco pálido, como se tivesse passado a maior parte do tempo dentro de casa e nos mercados noturnos. Agora ele tinha cor - o início de um bronzeado e bochechas coradas. Ele

parecia mais com Jace, especialmente agora que seu cabelo tinha crescido e começara a se enrolar.

— Eu sei.

Ela se juntou a eles na borda do telhado.

— Eles estão indo para Idris. Eles vão pegar a água do Lago Lyn.

Ela contou tudo para eles rapidamente, satisfeita por ser aquela que tinha novidades para variar. Kieran tinha saído do Instituto e estava atravessando a grama em direção a Diana e Gwyn. Suas costas estavam bem retas, o sol brilhante em seu cabelo preto azulado.

Kieran inclinou a cabeça para Diana e se virou para Gwyn.

Kieran mudou, Dru pensou. Ela se lembrou da primeira vez que o viu, sangrento e furioso e amargamente irritado com o mundo. Ela o considerara um inimigo de Mark, de todos eles.

Ela tinha visto lados diferentes dele desde então. Ele havia lutado ao lado deles. Ele assistira a filmes ruins com ela. Ela pensou nele reclamando sobre sua vida amorosa na noite anterior, e rindo, e olhou para ele agora: Gwyn colocou a mão em seu ombro e estava balançando a cabeça, claro respeito em seus gestos.

As pessoas eram compostas de todos os tipos de pedaços diferentes, Dru pensou. Pedaços engraçados e românticos, pedaços egoístas e pedaços corajosos. Às vezes você via apenas alguns deles. Talvez tenha sido quando você vira todos eles que você percebia que conhecia alguém muito bem.

Ela se perguntou se haveria alguém além de sua família que ela conhecia assim.

— Devemos descer as escadas — disse Ty, com os olhos cinzentos curiosos. — Descobrir o que está acontecendo.

Ele se dirigiu para o alçapão que levava às escadas. Kit tinha acabado de começar a segui-lo quando Drusilla lhe deu um tapinha no ombro.

Kit se virou para olhá-la.

— O que é isso?

— Ty — disse ela em voz baixa. Dru olhou para o irmão automaticamente quando ela disse o nome dele; ele já havia desaparecido nos degraus. — Eu quero falar com você sobre ele, mas não com qualquer outra pessoa por perto, e você tem que prometer não contar a ele. Você pode prometer?

*

— Uma boa patrulha para você — Jace disse, bagunçando o cabelo de Clary.

Diana e Gwyn partiram para Idris. Emma os tinha visto desaparecer até se tornarem uma mancha no horizonte, desaparecendo na névoa do ar de Los Angeles. Alec fora ficar com Magnus e os outros concordaram em se revezar para patrulhar o perímetro do Instituto.

— Precisamos estar em alertas — disse Julian. — Esta mensagem da Tropa é um teste de lealdade. Eles vão estar assistindo os Institutos para ver quem corre para Alicante para se comprometer com a luta contra as fadas. Eles sabem que vamos adiar o maior tempo possível — ele apontou para Mark e Helen. — Mas eu não duvidaria que eles vão primeiro que nós.

— Isso não seria muito inteligente — disse Mark, franzindo a testa. — Tudo o que eles têm que fazer é esperar, e eles podem nos declarar traidores em breve.

— Eles não são tão espertos — Julian concordou severamente.

— Cruéis, mas não inteligentes.

— Infelizmente, Manuel é muito esperto — disse Emma, e embora todos parecessem mais sombrios do que nunca, ninguém discordou.

Clary e Emma tiveram o segundo turno depois de Jace e Helen; Helen já havia entrado para verificar Aline, e Emma estava tentando olhar para longe enquanto Clary e Jace se beijavam e faziam barulhos maliciosos um para o outro.

— Espero que esteja tudo bem em Alicante — ela disse finalmente, mais para determinar se eles ainda estavam se beijando do que qualquer outra coisa.

— Não pode ser — disse Jace, se afastando de Clary. — Todos eles acham que eu estou morto. É melhor que haja um desfile de luto.

Devemos descobrir quem está enviando flores.

Clary revirou os olhos, não sem afeição.

— Talvez Simon ou Izzy possam fazer uma lista. Então, quando voltarmos dos mortos, podemos enviar para eles flores.

— As mulheres estarão de luto ao saber do meu falecimento — disse Jace, subindo os degraus. — O vestuário será alugado. Aluguel, eu te digo.

— Você está comprometido — Clary o lembrou. — E não é como se você fosse o único herói morto.

— O amor não conhece limites — disse Jace, e ficou sério. — Vou checar Alec e Magnus. Eu vejo vocês mais tarde.

Ele acenou e desapareceu. Clary e Emma, ambas em marcha, começaram a atravessar a grama em direção ao caminho que levava ao redor do Instituto.

Clary suspirou.

— Jace odeia estar longe de Alec em momentos como este.

Não há nada que ele possa fazer, mas eu entendo querer estar com seu *parabatai* quando eles estão sofrendo. Eu gostaria de estar com o Simon.

— Não é como se ele estivesse lá apenas para ele — disse Emma. O céu estava azul escuro e perseguido por nuvens que se desvaneciam. — Tenho certeza que é melhor para Alec, ter ele lá.

Quero dizer, acho que parte do que foi tão horrível para o Alec em Thule foi que ele deve ter se sentido muito sozinho quando perdeu Magnus. Vários de seus amigos já estavam mortos, e seu *parabatai* estava pior do que morto.

Clary estremeceu.

— Deveríamos falar sobre algo mais alegre.

Emma tentou pensar em coisas alegres. Julian tirando o feitiço dele? Não era um tópico que ela pudesse discutir. Zara sendo esmagada por uma pedra a fez parecer vingativa.

— Poderíamos discutir suas visões — disse ela com cuidado.

Clary olhou para ela surpresa. — As que você me contou, onde você disse que viu a si mesma morrer. No Tribunal Unseelie, quando você olhou através do Portal…

— Eu percebi o que estava vendo, sim — disse Clary. — Eu estava me vendo, e eu estava morta, e também estava vendo o sonho que estava tendo. — ela respirou fundo. — Eu não tenho o sonho desde que voltamos do Reino das Fadas. Eu acho que os sonhos estavam realmente tentando me dizer sobre Thule.

Elas haviam alcançado o lugar onde a grama se transformava em deserto e arbustos; o oceano era uma linha grossa de tinta azul à distância.

— Você disse a Jace? — Emma perguntou.

— Não. Eu não posso fazer isso agora. Eu me sinto tão estúpida, e de uma forma que ele nunca poderia me perdoar… e, além disso, Jace precisa se concentrar em Alec e Magnus. Todos nós devemos. — Clary chutou uma pequena pedra para fora de seu caminho. — Eu conheço Magnus desde que era uma garotinha. A primeira vez que eu o conheci, eu puxei o rabo do seu

gato. Eu não sabia que ele poderia ter me transformado em um sapo ou uma caixa de correio, se ele quisesse.

— Magnus vai ficar bem — disse Emma, mas ela sabia que não tinha certeza. Ela não podia ter.

A voz de Clary tremeu.

— Eu sinto que, se os feiticeiros estão perdidos… se a Tropa consegue colocar Caçadores de Sombras contra os Seres do Submundo na guerra… então tudo que eu fiz foi inútil. Tudo que eu desisti durante a Guerra Maligna. E isso significa que eu não sou um herói. Eu nunca fui.

Clary parou de andar para se inclinar contra uma enorme pedra, uma que Ty gostava de subir. Ela estava claramente lutando para não chorar. Emma olhou para ela com horror.

— Clary — disse ela. — Foi você quem me ensinou o que significa ser um herói. Você disse que os heróis nem sempre ganham.

Que às vezes eles perdem, mas continuam lutando.

— Eu pensei que tinha continuado lutando. Eu acho que pensei que tinha ganhado — Clary disse.

— Eu estive em Thule — Emma disse ferozmente. — Esse mundo era assim porque você não estava nele. Você foi o ponto de crise, você fez toda a diferença. Sem você, Sebastian teria vencido a Guerra Maligna. Sem você, muitas pessoas estariam mortas e tanta bondade seria extirpada do mundo para sempre.

Clary respirou fundo.

— Nós nunca terminamos de brigar, não é?

— Acho que não — disse Emma.

Clary se afastou da rocha. Elas se juntaram ao caminho, curvando-se pelo deserto entre os arbustos, verde-escuro e violeta-

giz. O sol estava baixo no horizonte, iluminando em ouro a areia do deserto.

— Em Thule — Emma disse ao dobrar a esquina do Instituto — Jace estava sob o controle da mente de Sebastian. Mas havia algo que eu não disse na biblioteca. Sebastian só conseguiu controlar Jace porque mentiu sobre seu envolvimento em sua morte. Ele estava com medo de que mesmo sob um feitiço, não importasse o quão forte fosse o feitiço, Jace nunca o perdoaria por deixar você se machucar.

— E você está me dizendo isso por quê? — Clary olhou para Emma de lado.

— Porque Jace te perdoaria por qualquer coisa — disse Emma.

— Vá dizer a ele que você estava sendo uma bunda mole por um bom motivo, e peça a ele para se casar com você.

Clary começou a rir.

— Isso é romântico.

Emma sorriu.

— Essa é apenas a minha sugestão sobre o sentimento. A proposta atual é com você.

***

Helen havia dado a Magnus e Alec um dos quartos maiores.

Jace suspeitava que provavelmente algum dia pertencera aos pais dos Blackthorns.

Era estranho, na verdade, até pensar nos pais dos Blackthorns e não pensar em Julian - quieto, competente, reservado Julian - como aquele que cuidava das crianças. Mas as pessoas se tornavam o que tinham que ser: Julian provavelmente não queria ser pai aos doze anos, assim como Jace não queria deixar Idris e perder o pai aos nove anos. Ele não acreditaria se alguém lhe dissesse que ganharia uma nova e melhor família em Nova York, assim como Julian não acreditaria que amaria seus irmãos tão ferozmente que valeria a pena. Ou então, pelo menos, Jace suspeitava.

Jace olhou para Alec, o irmão que ele ganhara. Alec estava apoiado em um dos lados da grande cama de madeira no centro da sala: Magnus estava deitado ao lado dele, enrolado de lado, o cabelo preto rígido contra o travesseiro branco.

Jace não tinha visto Alec tão exausto e com o olhar cansado desde que Magnus havia desaparecido em Edom cinco anos atrás.

Alec tinha ido buscá-lo de volta: ele teria ido a qualquer lugar para Magnus.

Mas Jace estava com medo —mais do que com medo — que Magnus estivesse indo para algum lugar que Alec não pudesse seguir.

Ele não queria pensar sobre o que aconteceria se Magnus partisse; a história de Thule enviara agulhas geladas para suas veias.

Ele suspeitava que ele sabia o que aconteceria com ele se ele perdesse Clary. Ele não suportava pensar em Alec com tanta dor insuportável.

Alec se inclinou e beijou a têmpora de Magnus. Magnus se mexeu e murmurou, mas não acordou. Jace não o tinha visto acordado desde a noite anterior.

Alec olhou para Jace, com os olhos profundamente sombrios.

— Que horas são?

— Pôr-do-sol — disse Jace, que nunca carregara um relógio. — Eu posso descobrir se você precisa saber.

— Não. Provavelmente já é tarde demais para chamar as crianças. — Alec esfregou as costas da mão sobre os olhos. — Além disso, continuo esperando poder chamá-los com boas notícias.

Jace se levantou e foi até a janela. Ele sentiu como se não pudesse respirar. *Tire essa dor de Alec,* ele rezou para o Anjo Raziel.

Vamos lá, nós já nos conhecemos. Faça isso por mim.

Era uma oração pouco ortodoxa, mas era sincera. Alec levantou uma sobrancelha para ele.

— Você está rezando?

— Como você sabia? — fora da janela, Jace podia ver a grama em frente ao Instituto, a rodovia e o oceano além. O mundo inteiro continuava em seu caminho comum, não se importando com os problemas dos Caçadores de Sombras e dos bruxos.

— Seus lábios estavam se movendo — disse Alec. — Você quase nunca reza, mas eu agradeço o pensamento.

— Eu geralmente não tenho que rezar — disse Jace. — Normalmente, quando as coisas dão errado, chegamos o Magnus e ele as conserta.

— Eu sei — Alec pegou em um fio perdido em sua pulseira. — Talvez devêssemos ter nos casado — disse ele. — Magnus e eu.

Fomos casados extraoficialmente todo esse tempo, mas queríamos esperar que a Paz Fria acabasse. Para que Integrantes do Submundo e os Caçadores de Sombras pudessem ser adequadamente casados.

— No ouro dos Caçadores de Sombras e no azul dos feiticeiros — disse Jace. Ele já tinha ouvido isso antes, a explicação de por que Alec e Magnus ainda não tinham se casado, mas planejavam um dia.

Ele até tinha ido com Alec para escolher anéis para o dia em que Alec e Magnus finalmente se casassem – simples bandas de ouro com as palavras *Aku Cinta Kamu* gravadas nelas. Ele sabia que os anéis eram um segredo de Magnus, porque Alec queria surpreender seu parceiro, mas ele não sabia que havia medos e preocupações por trás de algo que parecia tão certo que aconteceria tudo no tempo certo.

Sempre fora difícil dizer a verdade dos relacionamentos de outras pessoas.

— Então Magnus pelo menos saberia o quanto eu o amo — disse Alec, inclinando-se para frente para escovar um fio de cabelo da testa de Magnus.

— Ele sabe — disse Jace. — Você nunca deve duvidar que ele sabe.

Alec assentiu. Jace olhou para trás pela janela.

— Eles apenas trocaram de patrulha — disse ele. — Clary disse que ela virá ver como Magnus está quando ela terminar essa patrulha.

— Eu deveria fazer uma patrulha? — Alec perguntou. — Eu não quero decepcionar ninguém.

O nó na garganta de Jace doía. Ele sentou-se ao lado de seu *parabatai*, a quem jurara seguir, para viver ao lado dele, para morrer com ele. Certamente isso também abrangia o compartilhamento de fardos e sofrimento.

— Esta é a sua patrulha, irmão — disse ele.

Alec exalou suavemente. Ele colocou uma mão no ombro de Magnus, o mais leve dos toques. Ele estendeu a mão e Jace pegou, entrelaçando os dedos. Eles se abraçaram em silêncio enquanto o sol se punha sobre o oceano.

*

— Então o que acontece? — Aline disse. Elas estavam na beira de um penhasco, com vista para a rodovia e para o mar. — Se Magnus começar a se transformar em um demônio. O que acontece?

Seus olhos estavam vermelhos e inchados, mas suas costas estavam retas. Ela conversara com o pai, que lhe contara apenas o que sabia: que os guardas haviam chegado de manhã cedo para levar Jia ao Gard. Que Horace Dearborn havia prometido que nenhum mal aconteceria a ela, mas que "uma demonstração de boa fé" era necessária para tranquilizar aqueles que tinham "perdido a confiança."

Se ele achava que tudo era mentira, ele não havia dito, mas Aline sabia que era mentira e havia chamado Dearborn de todos os nomes no livro para Helen, no minuto em que ela desligou o telefone.

Aline sempre conhecera um número impressionante de palavrões.

— Nós temos a Espada Mortal — disse Helen. — A de Thule.

Está escondida, mas Jace sabe onde está e o que fazer. Ele não deixará Alec fazer isso sozinho.

— Não poderíamos… eu não sei… tentar capturar o demônio?

Transformá-lo de volta em Magnus?

— Oh, querida, eu não sei — disse Helen cansada. — Eu não acho que há algum retorno após ser transformado em um demônio, e Magnus não gostaria de viver assim.

— Não é justo — Aline chutou uma pedra de bom tamanho. Ela navegou pela borda dos penhascos; Helen podia ouvi-la desmoronar na encosta em direção à rodovia. — Magnus merece melhor que esse lixo. Todos nós merecemos. Como tudo ficou assim… tão ruim, tão rápido? As coisas estavam bem. Nós éramos felizes….

— Estávamos no exílio, Aline — disse Helen. Ela colocou os braços em volta da esposa e apoiou o queixo no ombro de Aline. — A crueldade da Clave me tirou da minha família, por causa do meu sangue. Por causa do que não posso ajudar. As sementes desta árvore venenosa foram plantadas há muito tempo. Nós só estamos vendo agora começar a florescer.

*

O sol já tinha se posto quando Mark e Kieran começaram a assistir.

Mark esperava estar junto de Julian, mas por alguma razão Emma queria ir com Clary e eles acabaram estranhamente combinando.

Eles caminharam por um tempo em silêncio, deixando o crepúsculo se pôr na escuridão ao redor deles. Mark não conversou com Kieran sobre algo significativo desde que eles voltaram do Reino das Fadas. Ele queria, aflito, mas ele tinha medo de tornar a situação ainda mais confusa.

Mark começou a se perguntar se o problema era ele: se a metade humana e a sua metade fada continham ideias contraditórias sobre amor e romance. Se metade dele queria Kieran e a liberdade do céu e a outra metade queria Cristina e a grandeza e responsabilidade dos anjos terrestres.

Foi o suficiente para fazer alguém sair para o jardim e bater a cabeça repetidamente contra a estátua de Virgil.

Não que ele tenha feito isso.

— Podemos também conversar, Mark — disse Kieran. Uma lua brilhante estava subindo; iluminou o oceano escuro, transformou-o em uma folha de vidro preto e prateado, as cores dos olhos de Kieran. O deserto da noite estava vivo com o som das cigarras.

Kieran estava andando ao lado de Mark com as mãos enlaçadas atrás dele, enganosamente parecendo humano em seus jeans e camiseta. Ele

tinha o dom de vestir qualquer equipamento. — Não nos faz bem ignorar um ao outro.

— Eu senti sua falta — disse Mark. Não parecia haver sentido em não ser honesto. — Nem pretendo te ignorar ou te machucar.

Peço desculpas.

Kieran olhou para cima com um flash surpreso de prata e preto.

— Não há necessidade de se desculpar, Mark. — ele hesitou. — Eu tenho, como você diz aqui no mundo mortal, muito em minha mente.

Mark escondeu um sorriso no crepúsculo. Era irritantemente fofo quando Kieran usava frases modernas.

— Eu sei que você também tem — continuou Kieran. — Você estava com medo por Julian e por Emma. Compreendo. E, no entanto, não consigo me manter longe dos pensamentos egoístas.

— Que tipo de pensamentos egoístas? — Mark disse.

Estavam perto do estacionamento, entre as estátuas que Arthur Blackthorn pagara para embarcar aqui anos atrás. Uma vez eles estiveram nos jardins da Casa dos Blackthorn em Londres. Agora Sófocles e os outros habitavam este espaço deserto e olhavam para um mar longe do mar Egeu.

— Eu acredito em sua causa — disse Kieran lentamente. — Eu acredito que a Tropa é de pessoas más, ou pelo menos pessoas sedentas de poder que buscam soluções malignas para os problemas que seus medos e preconceitos criaram. No entanto, embora eu possa acreditar, não posso deixar de sentir que ninguém está olhando para o bem-estar da minha terra natal. Para o Reino das Fadas. Era – é – um lugar que possui bondade e se maravilha entre seus perigos e provações.

Mark virou-se para Kieran em surpresa. As estrelas eram brilhantes no céu, do jeito que só estavam no deserto, como se estivessem mais perto da terra ali.

As estrelas vão sair antes que eu esqueça você, Mark Blackthorn.

— Eu não ouvi você falar sobre o Reino das Fadas desse jeito antes— disse Mark.

— Eu não falaria dessa maneira para a maioria — Kieran tocou o lugar em sua garganta onde, uma vez, seu colar de elfo tinha descansado, então soltou sua mão. — Mas você… você conhece o Reino das Fadas de uma forma que outros não conhecem. A maneira como a água cai como gelo sobre as quedas de Branwen. O gosto da música e o som do vinho. O cabelo

de mel das sereias nos riachos, o cintilar dos farrapos nas sombras das florestas profundas.

Mark sorriu apesar de si mesmo.

— O brilho das estrelas… as estrelas aqui são apenas sombras pálidas daqueles do Reino das Fadas.

— Eu sei que você era um cativo lá — disse Kieran. — Mas eu gostaria de pensar que você veio para ver algo de bom nisso, como você viu algo de bom em mim.

— Há muito que é bom em você, Kieran.

Kieran olhou inquieto para o oceano.

— Meu pai era um mau governante e Oban seria ainda pior.

Imagine o que um bom governante poderia fazer das Terras das Fadas. Temo pela vida de Adaon e também temo pelo destino do Reino das Fadas sem ele. Se meu irmão não pode ser rei ali, que esperança há para minha terra?

— Poderia haver outro Rei, outro Príncipe das Fadas que é digno — disse Mark. — Poderia ser você.

— Você esquece o que eu vi na piscina — disse Kieran. — O

jeito que magoo as pessoas. O jeito que eu te machuquei. Eu não deveria ser Rei.

— Kieran, você se tornou uma pessoa diferente, e eu também — disse Mark. Ele quase podia ouvir a voz de Cristina no fundo de sua mente, a maneira suave como ela sempre defendeu Kieran – nunca desculpando, apenas entendendo. Explicando. — Estávamos desesperados na Caçada e o desespero pode tornar as pessoas indelicadas. Mas você mudou… Eu vi você mudar, mesmo antes de tocar as águas da piscina. Eu vi como você era gentil quando vivia na Corte do seu pai, e como você era amado por causa disso, e enquanto a Caçada Selvagem escondia essa gentileza, ela não era apagava. Você só foi bom para mim, para minha família, para Cristina, desde que você voltou da Scholomance.

— A piscina…

— Não é só a piscina — disse Mark. — A piscina ajudou a descobrir o que já estava lá. Você entende o que significa para os outros sofrer e que a dor deles não é diferente da sua. A maioria dos Reis nunca entende uma coisa como empatia verdadeira. Pense como seria ter um governante que tivesse.

— Eu não sei se tenho essa fé em mim mesmo. — Kieran falou baixinho, sua voz tão silenciosa quanto o vento através do deserto.

— Eu tenho essa fé em você — disse Mark.

Com isso, Kieran virou-se totalmente para Mark. Sua expressão estava aberta, como Mark não via há muito tempo, uma expressão que não escondia nada – nem seu medo, nem sua incerteza, nem a transparência de seu amor.

— Eu não sabia… Eu temia ter quebrado sua fé em mim e com ela o vínculo entre nós.

— Kier — disse Mark, e viu Kieran estremecer com o uso desse antigo apelido. — Hoje você se levantou e ofereceu todos os seus poderes como Príncipe e fada para salvar minha família. Como você pode não saber como me sinto?

Kieran estava olhando para a própria mão, onde pairava na borda do colarinho da camisa de Mark. Ele olhou como se estivesse hipnotizado no lugar onde a pele deles se tocava, os dedos contra a clavícula de Mark, deslizando para escovar a garganta, o lado da mandíbula.

— Você quer dizer que é grato?

Mark pegou a mão de Kieran, levou-a ao peito e pressionou a palma da mão aberta de Kieran contra seu coração martelando.

— Isso parece *gratidão*?

Kieran olhou para ele com os olhos arregalados. E Mark estava de volta à Caçada de novo, ele estava em uma colina verde na chuva, com os braços de Kieran em volta dele.

Me ame. Mostre-me.

— Kieran.

Mark respirou, e o beijou, e Kieran deu um pequeno grito severo e pegou Mark pelas mangas, puxando-o para perto. Os braços de Mark se prenderam ao redor do pescoço de Kieran, atraindo-o para o beijo: suas bocas deslizaram juntas e Mark provou sua respiração compartilhada, um elixir de calor e desejo.

Kieran se afastou do beijo finalmente. Ele estava sorrindo, o sorriso perversamente alegre que Mark suspeitava que ninguém mais viu além dele. Segurando Mark pelos braços, ele caminhou de volta vários passos até que Mark foi para o lado de uma pedra. Kieran se inclinou para ele, sua boca contra a garganta de Mark, seus lábios encontrando a pulsação

martelando e sugando suavemente até que Mark engasgou e enterrou as mãos no cabelo sedoso de Kieran.

— Você está me matando — disse Mark, o riso borbulhando suavemente das profundezas de seu peito.

Kieran riu, suas mãos movendo-se para deslizar sob a camisa de Mark, acariciar suas costas, patinar sobre as cicatrizes em suas omoplatas. E Mark respondeu seu toque. Passou os dedos pelos cabelos de Kieran, acariciou seu rosto como se estivesse mapeando as curvas, deixou que seus dedos se tocassem na pele que lembrava como a substância de um sonho: a garganta sensível de Kieran, a clavícula, os pulsos, o belo e inesquecível terreno de o que ele achava que estava perdido. Kieran respirou em gemidos severos quando Mark deslizou as mãos sob a camisa do príncipe, acariciando sua pele descoberta, a dureza da seda de sua barriga lisa, as curvas de sua caixa torácica.

— Meu Mark — Kieran sussurrou, tocando o cabelo de Mark, sua bochecha. — *Eu te adoro*.

Te adoro, Mark.

A pele de Mark ficou fria; tudo parecia subitamente errado. Ele largou as mãos abruptamente e deslizou para longe de Kieran. Ele sentiu como se não conseguisse recuperar o fôlego.

— Cristina — disse ele.

— Cristina não é o que nos separa — disse Kieran. — Ela é o que nos une. Tudo o que dissemos, todos os caminhos que mudamos…

— Cristina — Mark disse novamente, limpando a garganta, porque ela estava em pé na frente deles.

*

Cristina sentiu como se seu rosto pudesse realmente pegar fogo.

Ela tinha saído para dizer a Mark e Kieran que ela e Aline estavam preparadas para assumir a patrulha, sem ao menos pensar que poderia estar interrompendo-os em um momento particular.

Quando ela se aproximou da pedra, ela congelou – isso a lembrou tanto da primeira vez que os viu juntos. Kieran encostado a Mark, seus corpos juntos, as mãos no cabelo um do outro, beijando como se nunca pudessem parar.

Eu sou uma idiota horrível, ela pensou. Os dois estavam olhando para ela agora: Mark parecia chocado, Kieran estranhamente calmo.

— Eu sinto muito — disse Cristina. — Eu só saí para dizer a vocês que o horário da patrulha de vocês estava acabando, mas…

Eu… Eu vou.

— Cristina — disse Mark, começando em direção a ela.

— Não vá — disse Kieran.

Era uma exigência, não um pedido: havia uma rica escuridão em sua voz, um profundo anseio. E embora Cristina não tivesse razão para ouvir, ela se virou devagar para olhar para os dois.

— Eu realmente acho — ela disse — Que eu provavelmente deveria. Não é?

— Recentemente, recebi um conselho de uma pessoa sábia para não permanecer em silêncio sobre o que eu desejava — disse Kieran. — Eu te desejo e amo você, Cristina, e o Mark também. Fique conosco.

Cristina não conseguiu se mexer. Ela pensou novamente na primeira vez que viu Mark e Kieran juntos. O desejo que ela sentiu.

Ela pensou que na época ela queria algo parecido com o que eles tinham: que ela queria aquela paixão por si mesma e um garoto sem nome cujo rosto ela não conhecia.

Mas fazia muito tempo que qualquer cara em seus sonhos, não tinha sido nem de Mark nem de Kieran. Desde que ela imaginou qualquer olho olhando para os dela que eram ambos da mesma cor.

Ela não queria uma vaga aproximação do que eles tinham: ela queria *eles*.

Ela olhou para Mark, que parecia preso entre a esperança e o terror.

— Kieran — disse ele. Sua voz tremeu. — Como você pode perguntar isso a ela? Ela não é uma fada, ela nunca mais falará conosco…

— Mas vocês vão me deixar — disse ela, ouvindo sua própria voz como se fosse de um estranho. — Vocês se amam e pertencem um ao outro. Vocês vão me deixar e vão voltar para o Reino das Fadas.

Eles olharam para ela com expressões de choque idêntico.

— Nós nunca vamos deixar você — disse Mark.

— Vamos ficar tão perto de você quanto a maré para a costa — disse Kieran. — Nenhum de nós deseja mais nada. — ele estendeu a mão. — Por favor, acredite em nós, Dama das Rosas.

Os poucos degraus da areia e da grama eram os mais compridos e curtos que Cristina já havia tomado. Kieran esticou os dois braços: Cristina entrou entre eles e levantou o rosto e beijou-o.

Calor e doçura e a curva de seus lábios sob os dela quase a levantaram do chão. Ele estava sorrindo contra sua boca. Dizendo o nome dela. A mão dele ao lado dela, polegar gentilmente acariciando o mergulho da cintura dela.

Ela se inclinou para ele e estendeu a mão livre. Os dedos quentes de Mark se fecharam ao redor de seu pulso. Como se ela fosse uma princesa, ele beijou a parte de trás de seus dedos, roçando seus lábios nos nós dos dedos.

Seu coração estava batendo três vezes quando ela se virou nos braços de Kieran, de costas para ele. Ele tirou o cabelo dela da nuca e apertou um beijo ali, fazendo-a estremecer quando estendeu a mão para Mark. Seus olhos brilhavam azuis e dourados, vivos com desejo por ela, por Kieran, pelos três juntos.

Ele deixou-a atraí-lo e eles se entrelaçaram juntos. Mark beijou seus lábios quando ela se recostou contra o peito de Kieran, a mão de Kieran no cabelo de Mark, seguindo a bochecha de Mark para traçar a linha de sua clavícula. Ela nunca sentiu tal amor; ela nunca tinha estado tão perto.

Um grande clamor explodiu no céu acima deles — um clamor que todos sabiam, embora Kieran e Mark soubessem disso melhor.

Eles se afastaram rapidamente enquanto o ar corria ao redor deles: o céu girava com movimento. Jubas e chicotes chicoteavam ao vento, olhos brilhavam em mil cores, guerreiros rugiam e gritavam, e no centro de tudo aquilo havia um grande cavalo tigrado preto com um homem e uma mulher sentados em suas costas, parando para olhar a terra abaixo como o som de uma corneta de caça desapareceu no ar.

Gwyn e Diana haviam retornado e não estavam sozinhos.

*

Julian sempre achou que seu estúdio – que era de sua mãe – era o quarto mais bonito do Instituto. Você conseguia ver tudo através das duas paredes de vidro: oceano e deserto; as outras paredes eram cremosas e brilhantes com as pinturas abstratas de sua mãe.

Ele podia ver agora, mas ele não podia sentir isso. Qualquer que fosse a sensação que ele tinha levado na sua alma de artista, tinha ido embora.

Sem sentir, ele pensou, *estou me dissolvendo, como a água da realeza dissolve o ouro*. Ele sabia disso, mas ele não podia sentir isso também.

Saber que você estava desesperado, mas não ser capaz de sentir que o desespero era uma experiência estranha. Ele olhou para as tintas que havia arranjado, ao redor do pano branco liso esticado sobre a ilha central. Azul e dourado, vermelho e preto. Ele sabia o que deveria moldar com eles, mas quando ele pegou o pincel, ele apenas hesitou.

Tudo instintivo em relação ao desenho o deixara, tudo o que dizia a ele o que tornaria uma curva do pincel melhor do que a outra, tudo que combinava com tons de cores com nuances de significado.

Azul era apenas azul. O verde era verde, claro ou escuro. Vermelho sangue e semáforo vermelho eram os mesmos.

Emma está me evitando, ele pensou.

O pensamento não trouxe dor, porque nada fez. Era apenas um fato. Ele se lembrou do desejo que sentira em seu quarto na noite anterior e colocou o pincel no chão. Era estranho pensar no desejo como divorciado do sentimento: ele nunca desejara alguém que ele não tivesse amado. Nunca desejara ninguém além de Emma.

Mas na noite anterior, com ela nos braços, ele se sentiu quase como se pudesse romper o entorpecimento que o rodeava, que o sufocou com seu nada; como se as chamas de a querer, o queimassem e ele estaria livre.

Era melhor que ela o evitasse. Mesmo nesse estado, sua necessidade por ela era muito estranha e forte demais.

Algo passou pelo vidro da janela do estúdio. Ele foi olhar para fora e viu que Gwyn e Diana estavam no gramado e que vários dos outros os cercavam: Cristina, Mark, Kieran. Gwyn estava entregando uma jarra de vidro para Alec, que a pegou e correu de volta para o Instituto, voando pela grama como uma de suas próprias flechas. Dru estava dançando para cima e para baixo com Tavvy, girando em círculos. Emma abraçou Cristina e depois Mark. Gwyn tinha um braço ao redor de Diana, que estava apoiando a cabeça no ombro dele.

O alívio passou por Julian, breve e frio como um esguicho de água. Ele sabia que deveria sentir mais, que deveria sentir alegria.

Ele viu Ty e Kit um pouco separados dos outros; Ty tinha a cabeça inclinada para trás, como sempre fazia, e apontava para as estrelas.

Julian olhou para cima enquanto o céu escurecia com uma centena de cavaleiros no ar.

*

Mark não pôde deixar de ter consciência da tensão de Kieran, quando a Caçada Selvagem começou a pousar ao redor deles, pousando na grama como sementes de dente-de-leão sopradas pelo vento.

Ele não podia culpá-lo.

Mark se sentiu tonto com o choque e os efeitos posteriores do desejo – já aqueles momentos com Cristina e Kieran pela pedra pareciam um sonho febril. Isso acontecera? Provavelmente – Cristina estava alisando o cabelo com movimentos rápidos e nervosos, os lábios ainda vermelhos de beijos. Mark verificou suas próprias roupas rapidamente. Ele não tinha mais fé de que ele não teria arrancado a própria camisa e lançado no deserto com o anúncio de que nunca mais precisaria de camisas. Tudo parecia possível.

Kieran, no entanto, havia se erguido, com o rosto como uma máscara que Mark conhecia bem – era o olhar que ele sempre usara quando o resto da Caçada zombava dele e o chamava de principezinho. Mais tarde, ele conquistara o respeito deles e conseguira proteger tanto a si mesmo quanto a Mark, mas não tivera nenhum amigo na Caçada, além de Mark – e talvez Gwyn, a seu próprio modo estranho.

Mark, porém, nunca ganhou o respeito deles. Ou então ele sempre pensara. Enquanto ele olhava ao redor do grupo de Caçadores silenciosos em seus corcéis, alguns rostos familiares e novos, ele viu que eles o consideravam diferente. Não havia nenhum desprezo em seus olhos quando notaram as novas Marcas em seus braços, o equipamento que ele usava e o cinto de armas em sua cintura, cheio de lâminas serafins.

A tumultuosa celebração que se seguiu à chegada de Gwyn e Diana acalmou a chegada da Caçada. Helen pegou Dru e Tavvy e os levou de volta para casa, depois de seus protestos. Diana escorregou das costas de Orion e foi ficar ao lado de Kit e Ty quando Emma voltou para o Instituto com Aline para ver se eles poderiam ajudar Alec.

Gwyn desmontou, removendo o capacete ao fazê-lo. Para o espanto de Mark, ele inclinou a cabeça para Kieran. Ele não tinha certeza se ele já tinha visto Gwyn inclinar a cabeça para alguém antes.

— Gwyn — disse Kieran. — Por que você trouxe toda a Caçada aqui? Eu pensei que eles estavam entregando a água.

— Eles queriam agradecer a você antes de partirem para a missão — disse Gwyn.

Um dos Caçadores, um homem alto com um rosto impassível e cheio de cicatrizes, curvou-se da sela.

— Nós fizemos a sua vontade — disse ele. — Suserano.

Kieran empalideceu.

— Suserano? — Ecoou Cristina, claramente atordoada.

Diana tocou Gwyn levemente no ombro e voltou para o Instituto.

A cabeça de Mark estava girando: "Suserano" era o que a Caçada frequentemente chamava de monarca, um Rei ou Rainha do Reino das Fadas. Não era um mero príncipe, e não era um jurado à Caçada.

Kieran inclinou a cabeça, finalmente.

— Meus agradecimentos — disse ele. — Eu não vou esquecer isso.

Isso pareceu satisfazer a Caçada; eles viraram os cavalos e voaram para o céu, explodindo no céu como fogos de artifício. Ty e Kit correram para a borda da clareira para observá-los enquanto eles se moviam no céu, cavaleiros e corcéis se misturando nas mesmas silhuetas. Seus cascos agitaram o ar e um estrondo de trovão soou pelas praias e enseadas.

Kieran virou-se para encarar Gwyn.

— O que foi isso? — ele exigiu. — O que você está fazendo, Gwyn?

— Seu irmão louco Oban está sentado no trono de Unseelie — disse Gwyn. — Ele bebe, ele prostitui, ele não faz leis. Ele exige lealdade. Ele organiza um exército para levar a sua discussão com a Tropa, apesar de seus assessores alertarem contra isso.

— Onde está meu irmão? — disse Kieran. — Onde está Adaon?

Gwyn parecia desconfortável.

— Adaon é fraco — disse ele. — E ele não é aquele que matou o Rei. Ele não ganhou o trono.

— Você colocaria um Caçador no trono — disse Kieran. — Um amigo para suas causas.

— Talvez — disse Gwyn. — Mas independentemente do que eu quero, Adaon é um prisioneiro em Seelie. Kieran, haverá uma batalha. Não há como evitá-la. Você deve tomar o manto da liderança de Oban como todos olham.

— Tomar o manto da liderança? — disse Mark. — Isso é um eufemismo?

— Sim — disse Gwyn.

— Você não pode honestamente dizer a ele para matar seu irmão no meio de uma batalha — disse Cristina, parecendo furiosa.

— Kieran matou o pai no meio de uma batalha — disse Gwyn.

— Eu deveria pensar que ele poderia fazer isso. Não há sentimento familiar entre Kieran e Oban.

— Pare! — Kieran disse. — Eu posso falar por mim mesmo. Eu não farei isso, Gwyn. Eu não estou apto para ser Rei.

— Não se encaixa? — Gwyn exigiu. — O melhor dos meus Caçadores? Kieran…

— Deixe-o em paz, Gwyn — disse Mark. — É a escolha dele, sozinho.

Gwyn colocou o capacete na cabeça e se jogou nas costas de Orion.

— Eu não estou pedindo para você fazer isso porque é a melhor coisa para você, Kieran — disse ele, olhando para baixo das costas do cavalo. — Estou pedindo porque é a melhor coisa para o Reino das Fadas.

Orion saltou no ar. Ao longe, Ty e Kit deram um pequeno aceno, acenando para Gwyn do chão.

— Gwyn enlouqueceu — disse Kieran. — Eu não sou a melhor coisa para qualquer lugar.

Antes que Mark pudesse responder, o telefone de Cristina apitou. Ela pegou e disse: — É a Emma. Magnus está se recuperando. — ela sorriu por todo o rosto, brilhante como uma estrela. — A água do lago está funcionando.

25
Por Levantar Ventos

A LUZ DO SOL ENTRAVA NA BIBLIOTECA através de todas as janelas disponíveis: todas haviam sido abertas. Estava em quadrados no chão e pintava a mesa em listras brilhantes. Transformou o cabelo de Mark e Helen em ouro branco, transformou Jace em uma estátua de bronze despenteada e acendeu os olhos de gato de Magnus para a turmalina enquanto ele se sentava enrolado no sofá, parecendo pálido mas com energia, e bebendo a água do Lago Lynn de um frasco de cristal com um canudo colorido.

Ele estava encostado em Alec, que estava sorrindo de orelha a orelha e repreendendo Magnus para beber mais água. Emma não teria pensado que era possível fazer as duas coisas ao mesmo tempo, mas Alec estava acostumado com multitarefa.

— Esta água está me deixando bêbado — reclamou Magnus. — E o gosto é horrível.

— Não contém álcool — disse Diana. Ela parecia cansada – o que não era surpreendente, depois de sua jornada de ida e volta de Idris -, mas composta como sempre, em um vestido preto sob medida. — Pode ter um leve efeito alucinatório.

— Isso explica por que eu posso ver sete de você — disse Magnus para Alec. — Minha fantasia final.

Dru cobriu as orelhas de Tavvy, embora Tavvy estivesse brincando com uma mola maluca que Alec lhe dera e parecia surdo para o mundo.

Magnus apontou.

— Aquele de você ali é extremamente atraente, Alexander.

— Aquilo é um vaso — disse Helen.

Magnus olhou para ela.

— Eu estaria disposto a comprar de você.

— Talvez mais tarde — disse Helen. — Agora todos nós devemos nos concentrar no que Diana tem para nos dizer.

Diana tomou um gole de café. Emma tomava chá; todos os outros estavam tomando cafeína e açúcar. Alec tinha saído em um estado de felicidade louca e comprou dezenas de pães de canela, donuts e tortas para o café da manhã. Isso teve o efeito de fazer com que todos corressem em alta velocidade para a biblioteca, incluindo Kit e Ty. Mesmo o garoto de 15 anos mais reservado não era imune a bolinhos de maçã.

— Eu disse a alguns de vocês ontem à noite, mas é melhor que eu explique de novo — disse ela. — Conseguimos uma grande quantidade de água do Lago Lyn com a ajuda da Caça Selvagem; eles estão atualmente distribuindo para feiticeiros em todo o mundo.

— A Clave e o Conselho não notaram nada — disse Helen. — Aline falou com o pai esta manhã e ele confirmou. — Aline estava no escritório agora, acompanhando o progresso das entregas da água do lago para os feiticeiros, mesmo nos lugares mais remotos.

Emma levantou sua xícara de isopor de chá.

— Bom trabalho, Diana!

Aplausos em volta da mesa; Diana sorriu.

— Eu não poderia ter feito isso sem Gwyn — disse ela. — Ou sem Kieran. São fadas que nos ajudaram.

— Os Filhos de Lilith realmente estarão em dívida com os Filhos das Cortes depois deste dia, Kieran Kingson — disse Magnus, olhando atentamente para o que ele claramente achava que era a direção em que Kieran estava.

— Esse foi um discurso muito bom, Bane — disse Jace. — Infelizmente, você está falando com um donut.

— Eu aprecio o sentimento independentemente — disse Kieran.

Ele tinha corado com as palavras de Diana e os topos das maçãs do rosto ainda estavam rosados. Fez um bom contraste com o cabelo azul dele.

Diana limpou a garganta.

— Nós trouxemos a água do lago para a praga — disse ela. — Parecia impedi-la de se espalhar, mas a terra ainda está arruinada.

Eu não sei se vai curar.

— Tessa diz que vai parar de afetar os feiticeiros — disse Cristina. — Que a terra sempre será marcada, mas a doença não vai mais se espalhar.

— Você viu mais alguma coisa em Idris? — perguntou Julian.

Emma olhou para ele de lado; doía olhar para ele diretamente. — Mais alguma coisa que devemos saber?

Diana virou a xícara em suas mãos pensativamente.

— Idris parece… vazia e estranha sem os Submundanos lá.

Parte de sua magia sumiu. Uma Brocelind sem fadas é apenas uma floresta. É como se um pedaço da alma de Idris tivesse desaparecido.

— *Helen*... — Era Aline, batendo a porta atrás dela; ela parecia desgrenhada e preocupada. Na mão dela havia um pedaço de papel levemente carbonizado – uma mensagem de fogo. Ela parou quando pareceu perceber quantas outras pessoas estavam na biblioteca. — Acabei de falar com a Maia em Nova York. Uma multidão de Caçadores de Sombras desceu sobre um grupo de fadas inofensivas e as matou. Kaelie Whitewillow está morta. — A voz de Aline estava tensa.

— Como eles se atrevem? — Magnus endireitou-se, seu rosto vivo com fúria. Ele bateu o frasco na mesa. — A Paz Fria não foi suficiente? Banir os Submundanos que viviam em Idris durante séculos não foi suficiente? Agora é assassinato?

— Magnus — Alec começou, claramente preocupado.

Uma chama azul disparou das mãos de Magnus. Todos recuaram; Dru pegou Tavvy. Kieran lançou um braço através de Cristina para protegê-la; e Mark também o fez, ao mesmo tempo.

Ninguém parecia mais assustada do que Cristina.

Emma levantou uma sobrancelha para Cristina do outro lado da mesa. Cristina corou e Mark e Kieran baixaram os braços rapidamente.

A chama azul se foi em um momento; havia um traço de chamusco na mesa, mas nenhum outro dano. Magnus olhou para as mãos surpreso.

— Sua mágica está de volta! — disse Clary.

Magnus piscou para ela.

— Alguns dizem que nunca foi embora, biscoito.

— Isso não pode continuar — disse Jace. — Este ataque foi uma vingança por *nossas mortes*.

Clary concordou.

— Temos que dizer às pessoas que estamos vivos. Não podemos deixar nossos nomes se tornarem instrumentos de vingança.

Um burburinho de vozes irrompeu na mesa. Jace parecia doente; Alec tinha uma mão no ombro do seu *parabatai*. Magnus estava severamente estudando suas mãos, ainda azuis nas pontas dos dedos.

— Seja realista, Clary — Helen disse. — Como você planeja se revelarem e ainda se manterem seguros?

— Eu não me importo em estar segura — disse Clary.

— Não, você nunca se importa — Magnus apontou. — Mas você é uma arma significativa contra a Tropa. Você e Jace. Não se tire da equação.

— Uma mensagem de Idris veio enquanto eu estava no escritório — disse Aline. — A negociação com o Rei Unseelie e Horace Dearborn acontecerá nos Campos Imperecíveis em dois dias.

— Quem vai estar lá? — disse Emma.

— Apenas a Tropa e o Rei — disse ela.

— Então eles poderiam dizer qualquer coisa um ao outro, e nós não saberíamos? — Disse Mark.

Aline franziu a testa.

— Não, isso é estranho. A carta dizia que a conversa seria projetada em toda Alicante. Todos na cidade poderão assistir.

— Horace *quer* ser observado — disse Julian, meio para si mesmo.

— O que você quer dizer? — Emma perguntou a ele.

Ele franziu a testa, claramente confuso e frustrado.

— Eu não... eu não tenho certeza absoluta...

— Manuel falou disso no Reino das Fadas — disse Mark, como se de repente lembrasse de algo. — Não disse, Kieran? Ele disse a Oban: "quando todos os Caçadores de Sombras verem você se encontrar e alcançar uma paz mutuamente benéfica, todos perceberão que você e Horace Dearborn são os maiores líderes, capazes de alcançar a aliança que seus antepassados não puderam."

— Oban e Manuel sabiam que isso aconteceria? — disse Emma. — Como eles poderiam saber?

— De alguma forma, este é o desdobramento do plano da Tropa — disse Magnus. — E isso não pode ser bom. — ele franziu a testa.

— Envolve apenas metade da Corte das Fadas. A metade Unseelie.

— Mas eles são a metade que estão tentando destruir os Nephilim. A metade que abriu o Portal para Thule e trouxe a praga — disse Mark.

— E é fato que muitos Caçadores de Sombras simplesmente pensarão que é outro sinal de que os Povos da Fadas são maus — disse Cristina. — A Paz Fria fez pouca distinção entre Seelie e Unseelie, embora tenha sido apenas a Corte Seelie que lutou ao lado de Sebastian Morgenstern.

— Também foi apenas a Corte Seelie que aceitou os termos da Paz Fria — disse Kieran. — Na mente do Rei, tem sido uma guerra entre Unseelie e Nephilim desde então. Claramente, Oban e a Tropa estão planejando tornar

essa guerra uma realidade. Oban não se importa com o seu povo, e nem Horace Dearborn. Eles planejam que a discussão falhe antes de tudo, e Dearborn e Oban arrancarão o poder das ruínas.

Julian ainda estava franzindo a testa, como se tentasse resolver um quebra-cabeça.

— O poder vem de tempos de guerra — disse ele. — Mas...

— Agora que os bruxos estão curados, é hora de pararmos de nos esconder — disse Jace. — Precisamos interceder em Idris...

antes dessa discussão simulada...

— Interceder? — disse Julian.

— Uma equipe de nós vai entrar — disse Jace. — Os habituais suspeitos – vamos trazer Isabelle e Simon, Bat e Maia e Lily, o grupo central em que confiamos. Nós vamos ter a vantagem da surpresa.

Entramos no Gard, libertamos a cônsul e fazemos o Inquisidor de prisioneiro. E fazemos ele confessar o que fez.

— Ele não vai confessar — disse Julian. — Ele é um verdadeiro crente. E se ele morrer pela sua causa, é melhor para ele.

Todos olharam para Julian com alguma surpresa.

— Bem, você não pode sugerir que deixemos a Tropa continuar como está — disse Cristina.

— Não — disse Julian. — Eu estou sugerindo que nós levantemos uma resistência.

— Não há o suficiente de nós — disse Clary. — E aqueles que se opõem à Tropa estão espalhados por toda parte. Como vamos saber quem é leal a Horace e quem não é?

— Eu estava na sala do Conselho antes que Annabel matasse minha irmã — disse Julian. Emma sentiu sua espinha congelar; certamente os outros notariam como ele falava sem sentimentos sobre Livvy? — Eu vi como as pessoas reagiram a Horace. E no funeral também, quando ele falou. Existem aqueles que se opõem a ele. Estou sugerindo que alcancemos os Submundanos, as fadas, os feiticeiros e os Caçadores de Sombras que sabemos que são contra a Tropa, para formar uma coalizão maior.

Ele está pensando em Livvy de Thule, Emma percebeu . *Seus rebeldes: Submundanos e Caçadores de Sombras juntos. Mas ele deveria dizer rebeldes, então. Lutadores da liberdade. Livvy inspirou as pessoas a lutar...*

Com o canto do olho, ela viu Kieran se levantar e sair silenciosamente da sala. Mark e Cristina o observaram partir.

— É muito perigoso — disse Jace, parecendo verdadeiramente arrependido. — Nós poderíamos trazer um traidor para o nosso meio.

Não podemos simplesmente adivinhar no que as pessoas acreditam...

— Julian é a pessoa mais inteligente que conheço — disse Mark com firmeza. — Ele não está errado sobre como as pessoas se sentem.

— Nós acreditamos nele — disse Alec. — Mas não podemos correr o risco de trazer alguém para a nossa confiança que possa revelar nossos segredos para a Tropa O rosto de Julian ainda estava parado, apenas seus olhos se mexendo, subindo e descendo a mesa, estudando os rostos de seus companheiros.

— O que a Tropa tem de vantagem é que eles estão juntos. Eles estão unidos. Estamos individualmente nos colocando em perigo para poupar os outros do perigo. E se ao invés disso, todos nós estivéssemos juntos? Nós seríamos muito mais poderosos...

Jace o interrompeu.

— É uma boa ideia, Julian, mas não podemos fazer isso.

Julian ficou quieto, embora Emma sentisse que ele tinha mais a dizer. Ele não ia pressionar isso. Talvez se ele fosse mais ele mesmo, mas não este Julian.

Alec levantou-se.

— É melhor Magnus e eu irmos para Nova York hoje à noite. Se todos nós formos para Idris, devemos levar as crianças para minha mãe. Podemos trazer Simon e Izzy de volta conosco.

— Nós vamos ficar aqui — disse Jace, indicando a si mesmo e Clary. — Este lugar ainda é vulnerável a um ataque da Tropa. Nós seremos a primeira linha de defesa.

— Todos nós devemos estar prontos — disse Clary. — Se estiver tudo bem, Helen, vamos até a sala de armas, ver se precisamos requisitar qualquer coisa. — Ela fez uma pausa. — Eu acho que não podemos falar com as Irmãs de Ferro, podemos?

— Eles se opõem ao governo em Idris — disse Aline. — Mas eles se fecharam na Cidadela Adamant. Eles ainda não responderam a nenhuma mensagem.

— Há outras maneiras de obter armas — disse Ty. — Há o Mercado das Sombras.

Emma ficou tensa, imaginando se alguém iria apontar que o Mercado das Sombras estava tecnicamente fora dos limites para os Caçadores de

Sombras.

Ninguém o fez.

— Boa ideia — disse Jace. — Armas são possíveis se precisarmos delas... há esconderijos de armas em todas as igrejas e prédios sagrados em Los Angeles, mas...

— Mas você não está lutando contra demônios — disse Kit. — Você está?

Jace deu-lhe um longo olhar; era difícil perder a semelhança deles quando estavam próximos.

— Não o tipo usual — disse ele, e ele e Clary se dirigiram para a sala de armas.

Mark também estava de pé; ele saiu da sala com Cristina ao seu lado, e Ty e Kit seguiram logo depois. Dru saiu com Tavvy e sua mola maluca. Em meio à dispersão, Magnus olhou através da mesa para Julian, os olhos de seu gato afiados.

— Você fica — disse ele. — Quero falar com você.

Helen e Aline pareciam curiosas. Alec levantou uma sobrancelha.

— Tudo bem — disse ele. — Eu vou ligar para Izzy e deixá-la saber que estamos voltando. — Ele olhou para Aline e Helen. — Eu poderia precisar de alguma ajuda para fazer as malas. Magnus ainda não está bem o suficiente.

Ele está mentindo para tirá-las do quarto, Emma pensou. A comunicação invisível entre Alec e Magnus era fácil de ler: ela se perguntava se as pessoas poderiam ver o mesmo com ela e Julian.

Ficava claro quando eles estavam conversando silenciosamente?

Não que eles estivessem fazendo isso desde que eles voltaram de Thule.

Magnus começou a se virar para Emma, mas Julian sacudiu a cabeça minuciosamente.

— Emma sabe — disse ele. — Ela pode ficar.

Magnus sentou-se enquanto os outros saíam da sala. Em um momento estava vazio, exceto pelos três: Emma, Julian e Magnus.

Magnus estava olhando para os dois Caçadores de Sombras em silêncio, seus olhos fixos se movendo de Julian para Emma e de volta novamente.

— Quando você contou a Emma sobre o feitiço, Julian? — Magnus perguntou, sua voz enganosamente branda. Emma suspeitava que havia mais a questão do que era imediatamente óbvio.

As sobrancelhas escuras de Julian se juntaram.

— Assim que eu pude. Ela sabe que eu quero que você tire isso de mim.

— Ah — disse Magnus. Ele recostou-se no sofá. — Você implorou por esse feitiço — disse ele. — Você estava desesperado e em perigo. Tem certeza de que quer que eu o remova?

A luz do sol brilhante virou os olhos de Julian para a cor dos oceanos tropicais em revistas; ele usava uma camisa de mangas compridas que combinava com seus olhos, e ele era tão bonito que fez seu coração gaguejar em seu peito.

Mas era a beleza de uma estátua. Sua expressão estava quase em branco; ela não conseguia lê-lo. Eles mal se falaram desde aquela noite em seu quarto.

Talvez tivesse sido tempo suficiente agora que ele tivesse esquecido o que significava sentir; talvez ele não quisesse mais.

Talvez ele a odiasse. Talvez fosse melhor se ele a odiasse, mas Emma nunca poderia acreditar que seria melhor se ele nunca sentisse algo de novo.

Depois de um momento de silêncio excruciante, Julian se abaixou e puxou a manga esquerda. Seu antebraço estava sem bandagens. Ele esticou o braço para Magnus.

VOCÊ ESTÁ EM UMA GAIOLA.

A cor sumiu do rosto de Magnus.

— Meu Deus — disse ele.

— Eu cortei isso no meu braço em Thule — disse Julian. — Quando tive minhas emoções de volta, pude perceber o quão miserável eu estava sem elas.

— Isso é... brutal. — Magnus estava claramente abalado. O

cabelo dele tinha ficado meio desgrenhado, Emma pensou. Era raro ver Magnus menos do que perfeitamente penteado. — Mas suponho que você sempre foi determinado. Eu conversei com Helen enquanto vocês estavam desaparecidos, ela confirmou para mim que você estava dirigindo o Instituto por um bom tempo por conta própria.

Cobrindo Arthur, que nunca se recuperou de sua experiência no Reino das Fadas — O que isso tem a ver com o feitiço? — perguntou Julian.

— Parece que você sempre teve que fazer escolhas difíceis — disse Magnus. — Para você e para as pessoas de quem você gosta.

Esta parece ser outra escolha difícil. Eu ainda sei menos do que gostaria de fazer sobre o resultado da maldição *parabatai*. Um amigo meu tem

investigado isso, e pelo que ele me disse, a ameaça é muito real. Ele parecia aflito. — Você pode estar melhor como está.

— Eu não estou — disse Julian. — E você sabe que isso não é emocionalmente falando. — Apesar da amargura das palavras, seu tom era plano. — Sem minhas emoções, sem meus sentimentos, sou um pior Caçador de Sombras. Eu tomo as decisões mais pobres. Eu não confiaria em alguém que não sentisse nada por ninguém. Eu não gostaria que eles tomassem decisões que afetassem outras pessoas.

Você gostaria?

Magnus pareceu pensativo.

— Difícil de dizer. Você é muito inteligente.

Julian não parecia que o elogio o afetava de um jeito ou de outro.

— Eu não fui sempre inteligente da maneira que você quer dizer.

A partir do momento em que fiz doze anos, quando meu pai morreu e as crianças se tornaram minhas responsabilidades, tive que aprender a mentir. Manipular. Então, se isso é esperteza, eu tinha. Mas eu sabia onde *parar*.

Magnus levantou as sobrancelhas.

— Julian sem sentimentos — disse Emma — não sabe onde parar.

— Eu gostei da sua ideia mais cedo — disse Magnus, olhando para Julian com curiosidade. — Levantando uma resistência. Por que você não pressionou mais?

— Porque Jace não estava errado — disse Julian. — Nós poderíamos ser traídos. Normalmente eu poderia pensar além disso.

Imaginar uma solução. Mas não assim. — Ele tocou sua têmpora, franzindo a testa. — Eu pensei que seria capaz de pensar com mais clareza, sem sentimentos. Mas a verdade é o oposto. Eu não consigo pensar em nada. Não propriamente.

Magnus hesitou.

— Por favor — disse Emma.

— Você vai precisar de um plano — disse Magnus. — Eu sei que seu plano antes era o exílio, mas isso foi quando Robert poderia ajudá-lo. Horace Dearborn não vai.

— Dearborn não vai, mas outro Inquisidor pode. Devemos derrubar a Tropa em qualquer caso. Há uma chance de o próximo Inquisidor ser razoável — disse Julian.

— Eles não têm um histórico de ser razoável — disse Magnus.

— E nós realmente não sabemos o tempo aqui. — Ele tamborilou com os dedos na mesa. — Eu tenho uma ideia — disse ele finalmente. — Você não vai gostar.

— Que tal uma que *gostaríamos*? — Emma sugeriu. Magnus deu-lhe um olhar sombrio.

— Há algumas coisas que, em uma situação emergente, quebrarão seu vínculo. Morte, que eu não recomendo. Ser mordido por um vampiro– difícil de arranjar, e também pode acabar em morte.

Ter suas Marcas arrancadas e ser transformado em um mundano.

Provavelmente a melhor opção.

— Mas só os Irmãos do Silêncio podem fazer isso — disse Emma. — E não podemos nos aproximar deles agora.

— Tem o Jem — disse Magnus. — Ele e eu já vimos Marcas serem arrancadas. E ele era um Irmão do Silêncio. Juntos, poderíamos fazer acontecer. — Ele parecia um pouco doente. — Seria doloroso e desagradável. Mas se não houver outra escolha...

— Eu vou faço — Emma disse rapidamente. — Se a maldição começar a acontecer, tire minhas Marcas. Eu posso aguentar.

— Eu não… — Julian começou. Emma segurou a respiração; o verdadeiro Julian nunca a deixaria oferecer isso. Ela tinha que convencê-lo a concordar antes que Magnus tirasse o feitiço. — Eu não gosto da ideia — disse Julian por fim, parecendo quase intrigado, como se seus próprios pensamentos o surpreendesse. — Mas se não houver outra escolha, tudo bem.

Magnus deu a Emma um longo olhar.

— Vou tomar isso como uma promessa de ligação — disse ele depois de uma pausa. Ele estendeu uma mão com anéis. — Julian.

Venha aqui.

Emma assistiu em uma agonia de antecipação... e se algo desse errado? E se Magnus não conseguisse remover o feitiço? Julian foi até o feiticeiro e se sentou em uma cadeira de frente para ele.

— Prepare-se — disse Magnus. — Vai ser um choque.

Ele estendeu a mão e tocou a têmpora de Julian. Julian começou quando uma faísca de luz voou dos dedos de Magnus para roçar sua pele; Desapareceu como um vaga-lume piscando, e Julian recuou, de repente respirando com dificuldade.

— Eu sei. — As mãos de Julian estavam tremendo. — Eu já passei por isso em Thule. Eu posso... fazer de novo.

— Você ficou doente em Thule — disse Emma. — Na praia.

Julian olhou para ela. E o coração de Emma saltou: Nesse olhar estava tudo, todo seu Julian, seu *parabatai*, melhor amigo e primeiro amor. Nela estava a conexão brilhante que sempre os ligara.

Ele sorriu. Um sorriso cuidadoso, pensativo. Nela, ela viu mil memórias: da infância e do sol, brincando na água enquanto corria para cima e para baixo na praia, de Julian sempre guardando as melhores e maiores conchas para ela. Cuidadosamente segurando a mão dela quando a cortou em um pedaço de vidro e era muito jovem para um *iratze*. Ele chorou quando eles costuraram, porque ele sabia que ela não queria, embora a dor fosse horrível. Ele pediu uma mecha de cabelo dela quando os dois completaram doze anos, porque ele queria aprender a pintar a cor. Ela se lembrava de estar sentada na praia com ele quando tinha dezesseis anos; a alça de seu traje de banho caiu e ela se lembrou da respiração ofegante, do jeito que ele desviou o olhar rapidamente.

Como ela não sabia? ela pensou. Como ele se sentia. Como ela se sentia. A maneira como eles se olhavam não era o jeito que Alec olhava para Jace, ou Clary para Simon.

— Emma — Julian sussurrou. — Suas Marcas...

Ela balançou a cabeça, lágrimas amargas no fundo da garganta.

Está feito.

O olhar em seu rosto partiu seu coração. Ele sabia que não adiantava argumentar que ele deveria ser o único a ter suas Marcas arrancadas, Emma pensou. Ele podia lê-la novamente, assim como ela podia lê-lo.

— Julian — disse Magnus. — Me dê seu braço. O da esquerda.

Julian desviou o olhar de Emma e ofereceu seu braço com cicatrizes para Magnus.

Magnus correu os dedos azuis com surpreendente suavidade ao longo do antebraço de Julian, e as letras gravadas, uma por uma, sumiram e desapareceram. Quando ele terminou, ele soltou Julian e olhou entre ele e Emma.

— Vou lhe dar uma pequena notícia boa — disse ele. — Vocês não eram *parabatai* quando estavam em Thule. Isso foi uma lesão no seu vínculo que está se curando. Então vocês têm uma pequeno amortecedor de tempo durante o qual o vínculo será mais fraco *Obrigada ao anjo.*

— Quanto tempo? — Emma disse.

— Isso depende de você. O amor é poderoso, e quanto mais você estiver junto, e se sentir o que sente, mais forte será. Vocês precisam ficar longe um do outro. Para não tocar um no outro. Não falem um com o outro. Tente nem pensar um no outro. — Ele agitou os braços como um polvo. — Se vocês se virem pensando com carinho um pelo outro, pelo amor de Deus, parem imediatamente.

Ambos os encararam.

— Não podemos fazer isso para sempre — disse Emma.

— Eu sei. Mas esperançosamente, quando a Tropa acabar, teremos um novo Inquisidor que poderá presentear você com o exílio.

E espero que isso aconteça em breve.

— O exílio é um presente muito amargo — disse Julian.

O sorriso de Magnus estava cheio de tristeza.

— Muitos presentes são.

***

Não foi difícil encontrar Kieran. Ele não foi muito longe; estava em pé no corredor perto de uma das janelas que davam para as colinas. Ele tinha a palma da mão pressionada contra o vidro, como se ele pudesse tocar a areia e as flores do deserto através da barreira.

— Kieran — disse Mark, parando antes de chegar a ele. Cristina também parou; havia algo remoto na expressão de Kieran, algo distante. O constrangimento que havia entre todos eles desde a noite anterior ainda estava lá também, proibindo gestos simples de conforto.

— Temo que meu povo seja assassinado e meu país seja destruído — disse Kieran. — Que toda a beleza e magia da Terra das Fadas sejam dissolvidas e esquecidas.

— As fadas são fortes e mágicas e sábias — disse Cristina. — Eles viveram todas as idades dos mortais. Estes... esses *culeros* não podem eliminá-las.

— Eu não vou esquecer a beleza da Terra das Fadas e nem você — disse Mark. — Mas não chegará a isso.

Kieran se virou para olhá-los com olhos sem ver.

— Precisamos de um bom Rei. Precisamos encontrar o Adaon.

Ele deve tomar o trono de Oban e acabar com essa loucura.

— Se você quiser encontrar Adaon, vamos encontrá-lo. Helen sabe como chegar a Nene. Ela pode pedir a Nene para encontrá-lo na Corte Seelie —

disse Cristina.

— Eu não queria presumir que ela faria isso por mim — disse Kieran.

— Ela sabe como você é querido para mim — disse Mark, e Cristina assentiu em concordância. Helen, parte fada, certamente entenderia.

Mas Kieran apenas fechou os olhos, como se estivesse com dor.

— Eu que agradeço. Vocês dois.

— Não há necessidade de ser tão formal — começou Cristina.

— Há toda necessidade — disse Kieran. — O que tivemos ontem à noite... fico feliz nesses momentos e agora sei que nunca mais o faremos. Eu vou perder um de vocês e possivelmente vou perder vocês dois. De fato, parece o resultado mais provável.

Ele olhou de Mark para Cristina. Nenhum deles se moveu ou falou. O momento se estendeu e continuou; Cristina ficou paralisada.

Ela ansiava por chegar aos dois, mas talvez eles já tivessem decidido? Talvez fosse mesmo impossível, assim como Kieran disse.

Certamente ele saberia. E Mark parecia angustiado... certamente ele não ficaria assim se não tivesse os mesmos medos que ela sentia? E

Kieran...

A boca de Kieran se estabeleceu em uma linha dura.

— Me perdoe. Eu preciso ir.

Cristina observou-o se afastar, desaparecendo nas sombras no final do corredor. Do lado de fora da janela, ela viu Alec e Magnus emergirem da porta dos fundos do Instituto para a luz do sol. Clary e Jace seguiram. Ficou claro que eles estavam dando adeus a Magnus e Alec por enquanto.

Mark encostou as costas contra a janela.

— Eu gostaria que Kieran entendesse que ele seria um grande Rei.

A luz através da janela afiou seu cabelo pálido com dourado.

Seus olhos queimavam âmbar e safira. Seu garoto de ouro. Embora a escuridão prateada de Kieran fosse tão bonita, à sua maneira.

— Precisamos conversar em particular, Mark — disse Cristina.

— Me encontre fora do Instituto hoje à noite.

***

Emma e Julian deixaram a biblioteca em silêncio e voltaram para seu quarto no mesmo silêncio antes de Julian finalmente falar.

— Eu deveria deixar você aqui — disse ele, apontando para a porta dela. Ele soou como se sua garganta doesse, áspera rouca.

Sua manga ainda estava enrolada até o cotovelo, mostrando a pele curada de seu antebraço. Ela queria tocá-lo... tocá-lo, para se assegurar de que ele estava de volta a si mesmo. Seu Julian novamente. — Você vai ficar bem?

Como eu poderia ficar bem? Ela alcançou a maçaneta cegamente, não conseguiu se virar. As palavras que Magnus dissera rodopiavam em seu cérebro. *Maldição, Marcas arrancadas, ficar longe um do outro.*

Ela se virou, pressionando as costas contra a madeira da porta.

Olhou para ele pela primeira vez desde que eles estiveram na biblioteca.

— Julian — ela sussurrou. — O que nós faremos? Não podemos viver sem conversar um com o outro ou mesmo não pensar um no outro. Não é possível.

Ele não se mexeu. Ela bebeu à vista dele como um alcoólatra prometendo-se que esta era a última garrafa. Ela manteve-se junto pelo que pareceu tão longo, dizendo a si mesma que quando o feitiço acabasse, ela o teria de volta. Não como um parceiro romântico, mesmo, mas como Jules: seu melhor amigo, seu *parabatai*.

Mas talvez eles tivessem acabado de trocar um tipo de gaiola por outra.

Ela se perguntou se ele pensava o mesmo. Seu rosto não estava mais vazio: estava vivo de cor, emoção; Ele parecia atordoado, como se tivesse subido muito depressa de um mergulho em mar profundo e a dor das curvas acabasse de atingi-lo.

Ele pegou o rosto dela nas mãos. As palmas das mãos dele se curvaram contra suas bochechas: ele a abraçou com uma leve e gentil admiração que ela associava ao tratamento reverente de objetos preciosos e quebradiços.

Seus joelhos ficaram fracos. Incrível, ela pensou; Julian sob o feitiço podia beijar sua pele nua e ela se sentia vazia por dentro. Este Julian, seu verdadeiro Julian, tocou seu rosto levemente e ela foi inundada por um desejo tão forte que era quase dor.

— Nós temos — disse ele. — Em Alicante, antes de eu ir a Magnus pedir a ele para colocar o feitiço em mim, foi porque eu sabia… — Ele engoliu em seco. — Depois que quase... na cama...

senti minha runa começando a queimar.

— É por isso que você correu para fora do quarto?

— Eu podia sentir a maldição. — Ele abaixou a cabeça. — Minha runa estava queimando. Eu podia ver chamas sob a minha pele.

— Você não me contou essa parte. — A mente de Emma girou; lembrou-se do que Diana dissera em Thule: *suas runas começaram a queimar como*

fogo. Como se tivessem fogo em suas veias em vez de sangue.

— Esta é a primeira vez que isso importou — disse ele. Ela podia ver tudo o que parecia invisível para ela antes: a contusão...

sombras escuras sob seus olhos, as linhas de tensão ao lado de sua boca. — Antes disso, eu tinha o feitiço em mim, ou estávamos em Thule e nada poderia acontecer. Nós não éramos *parabatai* lá.

Ela pegou em seu pulso esquerdo. Ele se encolheu; não foi dor, no entanto. Ela sabia disso instintivamente. Foi a intensidade de cada toque; ela também sentiu, como a reverberação de um sino.

— Você sente muito que Magnus tirou o feitiço de você?

— Não — ele disse imediatamente. — Eu preciso estar no meu melhor agora. Eu preciso ser capaz de ajudar com o que está acontecendo. O feitiço me transformou em uma pessoa que eu não quero ser. Uma pessoa de quem não gosto nem acredito. E eu não posso ter alguém em quem eu não confio perto de você, perto das crianças. Você é muito importante para mim.

Ela estremeceu, ainda segurando o pulso dele. Suas palmas eram ásperas contra suas bochechas; Ele cheirava a terebintina e sabão. Ela sentiu como se estivesse morrendo; ela o perdera, ganhara de volta e estava o perdendo novamente.

— Magnus nos disse que tínhamos um amortecedor de tempo.

Nós apenas temos que fazer o que ele diz. Ficar longe um do outro. É

tudo o que podemos fazer por agora — disse Julian.

— Eu não quero ficar longe de você — ela sussurrou.

Seus olhos estavam fixos nela, implacável mar azul de vidro.

Escuro como o céu em Thule. Sua voz era contida, quieta, mas a fome crua em seu olhar era como um grito.

— Talvez se nos beijarmos uma última vez — ele disse asperamente. — Isso saia dos nossos sistemas.

Alguém morrendo de sede recusava a água? Tudo o que Emma precisou fazer foi acenar com a cabeça e eles se chocaram com tanta força que a porta do seu quarto sacudiu em sua estrutura. Qualquer um poderia ir pelo corredor e vê-los, ela sabia. Ela não se importava.

Ela agarrou o cabelo dele, as costas da camisa dele; sua cabeça bateu na porta quando suas bocas se juntaram.

Ela abriu os lábios sob os dele, fazendo-o gemer e xingar e puxá-la contra ele, cada vez mais forte, como se ele pudesse esmagar seus ossos um contra o outro, fundindo-os em um único esqueleto. Ela arranhou a camisa

dele em punhados em suas mãos; seus dedos passaram pelos lados dela, emaranhados em seus cabelos. Emma estava ciente de quão perto eles estavam de algo verdadeiramente perigoso– ela podia sentir a tensão em seu corpo, não pelo esforço de segurá-la, mas de se conter.

Ela sentiu atrás dela pela maçaneta da porta. Girou. Ela se abriu atrás dela e eles tropeçaram separados.

Parecia ter sua pele arrancada. Como agonia. Sua runa doía com uma dor profunda. No meio do caminho para o quarto, ela se segurou na porta como se nada mais a mantivesse em pé.

Julian estava ofegante, desgrenhado; ela sentiu como se pudesse ouvir o coração dele batendo. Talvez fosse o dela, uma batida ensurdecedora em seus ouvidos.

— Emma...

— Por quê? — ela disse, sua voz tremendo. — Por que algo tão horrível aconteceria por causa do vínculo *parabatai*? É algo tão bom.

Talvez a rainha tenha razão e seja maligno.

— Você não... confie na rainha — disse Julian sem fôlego. Seus olhos eram todo pupila: pretos com uma borda azul. O coração de Emma bateu como uma supernova, uma estrela negra de desejo frustrado em colapso.

— Eu não sei em *quem* confiar. — Há uma corrupção no coração do laço de *parabatai*. Um veneno. Uma escuridão que espelha sua bondade. — Isso é o que a rainha disse.

A mão ao lado de Julian se fechou em punho.

— Mas a rainha...

É mais que a rainha. Eu deveria contar a ele. O que Diana disse em Thule sobre os parabatai. Mas Emma conteve-se: Ele não estava em condições de ouvir e, além disso, ambos sabiam o que precisavam fazer.

— Você sabe o que tem que acontecer — disse ela finalmente, sua voz quase um sussurro. — O que Magnus disse. Nós temos um pouco de tempo. Nós precisamos não... não forçar isso.

Seus olhos eram sombrios, assombrados. Ele não se mexeu.

— Diga-me para ir embora — disse ele. — Diga-me para deixar você.

— Julian...

— Eu sempre farei o que você me pede para fazer, Emma — disse ele, sua voz áspera. Os ossos de seu rosto pareciam de repente muito afiados e nítidos, como se estivessem cortando sua pele. — Por favor. *Me peça.*

Ela lembrou-se da época em que, anos atrás, Julian pusera Cortana nos braços e ela segurara com tanta força que deixara uma cicatriz. Ela se lembrou da dor e do sangue. E a gratidão.

Ele deu a ela o que ela precisava então. Ela daria a ele o que ele precisava agora.

Ela levantou o queixo. Poderia doer como a morte, mas ela poderia fazer isso. *Eu sou do mesmo aço e temperamento que Joyeuse e Durendal.*

— Vá embora, Julian — disse ela, colocando cada grama de aço que podia nas palavras. — Eu quero que você vá embora e me deixe em paz.

Mesmo que ele tenha pedido a ela para dizer isso, mesmo sabendo que não era o desejo dela, ele ainda se encolheu como se as palavras fossem flechas perfurando sua pele.

Ele deu um aceno curto e brusco. Virou com precisão afiada. Foi embora.

Ela fechou os olhos. Quando seus passos recuaram pelo corredor, ela sentiu a dor em sua marca *parabatai* desaparecer e disse a si mesma que isso não importava. Isso nunca aconteceria novamente.

***

Kit estava à espreita nas sombras. Não porque ele queria, precisamente; ele gostava de pensar que tinha entregado uma nova folha e era menos propenso a espreitar e planejar atos dissimulados do que costumava ser.

O que, ele percebeu, poderia ser um exagero. A necromancia era bastante dissimulada, mesmo a participação desinteressada na necromancia. Talvez fosse como a árvore caindo na floresta: Se ninguém soubesse sobre suas atividades necromânticas, elas ainda eram dissimuladas?

Pressionando-se contra a parede do Instituto, ele decidiu que provavelmente eles estavam.

Ele veio para fora para conversar com Jace, não percebendo que quando viu Jace saindo pela porta dos fundos, ele estava a caminho de se juntar a Clary, Alec e Magnus. Kit percebeu que ele tinha se despedido e se esgueirou desajeitadamente para as sombras, esperando não ser notado.

Clary havia abraçado Alec e Magnus, e Jace havia dado a Magnus um amistoso *high five*. Então ele agarrou Alec e eles se abraçaram pelo que pareceram horas ou possivelmente anos. Eles se deram um tapinha nas costas e se abraçavam enquanto Clary e Magnus olhavam indulgentemente.

Ser *parabatai* parecia uma coisa intensa, Kit pensou, revirando os ombros para se livrar da cãibra no pescoço. E, estranhamente, fazia um longo tempo desde que ele pensou em ser *parabatai* de Ty.

Talvez fosse porque Ty não estava em condições de tomar esse tipo de decisão.

Talvez fosse outra coisa, mas ele se afastou do pensamento quando Alec e Jace se soltaram. Jace deu um passo para trás, deslizando a mão na de Clary. Magnus levantou as mãos e as faíscas azuis voaram de seus dedos para criar a porta giratória de um Portal.

O vento que soprou levantou poeira e areia; Kit apertou os olhos, mal conseguindo ver quando Alec e Magnus entraram. Quando o vento acabou, ele viu que Alec e Magnus tinham ido embora, e Jace e Clary estavam voltando para o Instituto, de mãos dadas.

Kit fechou os olhos e bateu a cabeça silenciosamente contra a parede.

— Você faz isso porque gosta ou porque se sente bem quando para? — disse uma voz.

Os olhos de Kit se abriram. Jace estava em pé na frente dele, braços musculosos cruzados, um olhar divertido em seu rosto. Clary deve ter entrado.

— Desculpe — Kit murmurou.

— Não se desculpe. Não faz qualquer diferença para mim se você quer mexer seus cérebros como ovos.

Resmungando, Kit saiu das sombras e ficou piscando ao sol, limpando a camisa.

— Eu queria falar com você, mas não queria interromper todos os abraços de adeus — disse ele.

— Alec e eu não temos medo de expressar nosso amor viril — disse Jace. — Às vezes ele me carrega como uma donzela desmaiada.

— Sério? — disse Kit.

— Não — disse Jace. — Eu sou muito pesado, especialmente quando totalmente armado. O que você queria conversar comigo?

— Na verdade, isso — disse Kit.

— Meu peso?

— Armas.

Jace pareceu encantado.

— Eu *sabia* que você era um Herondale. Esta é uma excelente notícia. O que você quer discutir? Tipos de espadas? Duas mãos versus uma mão? Eu tenho *muitas* ideias.

— Ter minha própria arma — disse Kit. — Emma tem Cortana.

Livvy tinha seus sabres. Ty gosta de atirar facas. Julian tem bestas.

Cristina tem seu canivete borboleta. Se eu vou ser um Caçador de Sombras, eu deveria ter uma arma de escolha.

— Então você decidiu? — Jace disse. — Você vai ser um Caçador de Sombras?

Kit hesitou. Ele não sabia exatamente quando aconteceu, mas aconteceu. Ele percebeu isso na praia com Shade, quando ele temeu por um momento que ele não era Nephilim, afinal.

— O que mais eu seria?

A boca de Jace se curvou nos cantos com um sorriso insolente.

— Eu nunca duvidei de você, garoto. — Ele bagunçou o cabelo de Kit. — Você não tem nenhum treinamento, então eu diria arco e flecha e bestas e facas de arremesso estão fora para você. Eu vou te encontrar alguma coisa. Algo que diz *Herondale*.

— Eu poderia matar com meu senso de humor mortal e charme perverso — disse Kit.

— Agora *isso* diz Herondale. — Jace pareceu satisfeito. — Christopher, posso te chamar de Christopher?

— Não — disse Kit.

— Christopher, a família para mim nunca foi sangue. Sempre foi a família que escolhi. Mas acontece que é legal ter alguém com quem estou relacionado neste mundo. Alguém que eu possa contar histórias familiares chatas. Você conhece Will Herondale? Ou James Herondale?

— Eu acho que não — disse Kit.

— Excelente. Horas do seu tempo serão arruinadas — disse Jace. — Agora eu vou te encontrar uma arma. Não hesite em vir a mim a qualquer momento se precisar de conselhos sobre vida ou armamento, de preferência os dois. — Ele fez uma saudação brusca e saiu correndo antes que Kit pudesse perguntar o que você deveria fazer se alguém com quem você realmente se importava queria levantar um morto de uma maneira imprudente.

— Provavelmente foi para o melhor — ele murmurou para si mesmo.

— Kit! Kit! *Pssst* — alguém sibilou, e Kit pulou vários metros no ar e se virou para ver Drusilla se inclinando para fora da janela superior e gesticulando para ele. — Você disse que podíamos conversar.

Kit piscou. O desdobrar dos eventos tinha acabado com o seu acordo com Dru.

— Tudo certo. Eu vou subir.

Enquanto ele subia os degraus em direção ao andar de Dru, ele se perguntou onde Ty estaria. Kit estava acostumado a ir a todos os lugares com ele – a encontrar Ty no corredor, ler, quando ele se levantava pela manhã e ir para a cama apenas depois de ambos terem se esgotado pesquisando ou se esgueirando pelo Mercado das Sombras sob o olho divertido de Hypatia. Embora Ty não se importasse com o clamor do Mercado das Sombras, todos pareciam amá-lo, o extremamente educado Caçador de Sombras que não exibia armas, não ameaçava, apenas calmamente perguntava se eles tinham isso ou aquilo que ele estava procurando.

Ty era notável, pensou Kit. O fato de que as tensões estavam aumentando entre Submundanos e Caçadores de Sombra não parecia tocá-lo. Ele estava totalmente focado em uma coisa: o feitiço que traria Livvy de volta. Ele estava feliz quando a busca estava indo bem e frustrada quando não estava, mas ele não levou suas frustrações para os outros.

A única pessoa com quem ele era cruel, pensou Kit, era ele mesmo.

Nos últimos dias, porém, desde que Julian e Emma tinham acordado, Ty tinha sido mais difícil de encontrar. Se ele estivesse trabalhando em alguma coisa, ele não havia incluído Kit – um pensamento que doía com uma intensidade surpreendente. Ainda assim, eles tinham planos para aquela noite, então isso era algo.

Não foi difícil encontrar o quarto de Dru: ela estava pairando na porta, dançando de cima a baixo com impaciência. Ao avistar Kit, ela o conduziu para dentro e fechou a porta atrás dele, trancando-a para dar ênfase.

— Você não está planejando me matar, não é? — ele perguntou, levantando ambas as sobrancelhas.

— Ha-ha — ela disse sombriamente, e se jogou na cama. Ela estava usando um vestido de camiseta preta com uma cara de grito.

Seu cabelo estava em tranças tão apertadas que se projetavam perpendicularmente à cabeça. Era difícil lembrar-se dela vestida como a empresária vaidosa que enganou Barnabas Hale. — Você sabe perfeitamente o que eu quero falar com você.

Kit encostou as costas na mesa.

— Ty.

— Ele não está bem — disse Dru. — Não que ele pareça não estar. Você sabia disso?

Kit esperava que ele dissesse algo defensivo ou negasse que algo incomum estivesse acontecendo. Em vez disso, ele recostou-se contra a mesa, como se tivesse colocado um peso pesado, mas suas pernas ainda tremiam ao carregá-lo.

— É como... eu não sei como... as pessoas simplesmente não estão vendo — ele disse, tão aliviado por poder dizer as palavras que quase doeu. — Ele não está bem. Como ele poderia estar?

Quando Dru falou novamente, sua voz era mais gentil.

— Nenhum de nós está bem — disse ela. — Talvez isso seja parte disso. Quando você está sofrendo, às vezes é difícil ver como outras pessoas podem estar sofrendo de forma diferente ou pior.

— Mas Helen...

— Helen não nos conhece muito bem. — Dru puxou uma mecha de seu cabelo. — Ela está tentando — ela admitiu. — Mas como ela pode ver como Ty está diferente agora, quando ela não sabe como ele era antes? Mark foi pego em coisas de fadas, e Julian e Emma não estavam aqui. Se alguém irá perceber, agora que as coisas se acalmaram um pouco, será Julian.

Kit não tinha certeza de como você poderia descrever a "sociedade provavelmente à beira de uma guerra" como "calmas", mas ele sentiu que os Blackthorns tinham uma escala diferente para essas coisas do que ele.

— Quero dizer, de certa forma, ele *está* bem — disse Kit. — Acho que é o que é confuso. Parece que ele está funcionando e fazendo coisas normais, todos os dias. Ele toma café da manhã. Ele lava suas roupas. É só que a única coisa que o faz passar por tudo isso é...

Ele parou, as palmas das mãos subitamente suadas. Ele quase disse isso. Jesus Cristo, ele quase quebrou sua promessa para Ty só porque Dru era um cara amigável para conversar.

— Desculpe — ele disse em silêncio. Dru estava olhando para ele intrigado. — Eu não quis dizer nada.

Ela estreitou os olhos para ele com desconfiança.

— Você prometeu a ele que não diria — disse ela. — Ok, que tal eu adivinhar o que ele está fazendo e você me diz se estou certa ou errada?

Kit encolheu os ombros, cansado. Não havia como ela adivinhar de qualquer maneira.

— Ele está tentando se comunicar com o fantasma de Livvy — disse ela. — A história de Thule me fez pensar nisso. Pessoas que morrem, elas

existem em outras formas. Seja como fantasmas ou em outras dimensões. Nós simplesmente não podemos... Alcançá-los. — ela piscou muito rapidamente e olhou para baixo.

— Sim — Kit se ouviu dizer, como se estivesse a uma distância enorme. — É isso aí. Isso é o que ele está fazendo.

— Eu não sei se é uma boa ideia. — Dru parecia infeliz. — Se Livvy atravessou, se ela estiver em um bom lugar, seu espírito não estará aqui na terra. Quero dizer, eles dizem que fantasmas podem aparecer algumas vezes brevemente para alguma coisa importante...

ou se eles são chamados do jeito certo...

Kit pensou no *parabatai* de Robert Lightwood, ao lado de sua pira em chamas. *Alguma coisa importante.*

— Eu poderia tentar falar com ele — Dru disse em voz baixa. — Lembrá-lo de que ele ainda tem uma irmã.

Kit pensou na noite em que Dru os acompanhara até Barnabas.

Ty parecia mais leve, feliz por tê-la lá, mesmo que ele não fosse admitir.

— Vamos esta noite para… — Não. Melhor não contar a ela sobre Shade. — Para obter a última parte do que precisamos para o feitiço — ele mentiu rapidamente. — Nos encontraremos na estrada às dez. Se você chegar lá, pode ameaçar nos dedurar, a menos que deixemos você vir conosco.

Dru enrugou o nariz.

— Eu tenho que ser o cara mau?

— Vamos lá — disse Kit. — Você vai mandar em nós por aí.

Não me diga que você não vai curtir um pouco.

Ela sorriu.

— Sim, Provavelmente. Acordo aprovado. Eu te vejo lá.

Kit se virou para destrancar a porta e sair. Então pausou. Sem olhar para Dru, ele disse: — Passei toda a minha vida mentindo e enganando as pessoas. Então, por que é tão difícil para mim mentir para essa pessoa? Para Ty?

— Porque ele é seu amigo — disse Dru. — Que outro motivo você precisa?

***

Abrir a gaveta que continha suas pinturas tinha significado para Julian novamente. Cada tubo de tinta trazia sua própria promessa, sua própria personalidade. Vermelho de Tyrian, azul Prussiano, laranja de cádmio, violeta de manganês.

Ele voltou para a tela de tecido que havia deixado em branco na noite anterior. Ele despejou os tubos de tinta que ele selecionou na mesa. Branco de titânio. Umber bruto. Nápoles amarela.

Essas eram cores que ele sempre usava para pintar o cabelo de Emma. A lembrança dela passou por ele como uma faca: o jeito que ela olhava na porta do quarto, o rosto branco, os cílios estrelados de lágrimas. Houve um horror em não ser capaz de tocar a pessoa que você amava, beijá-la ou segurá-la, mas um horror ainda maior em não ser capaz de consolá-la.

Deixar Emma, mesmo depois de ela ter pedido, parecia que estava o torcendo por dentro: suas emoções eram muito novas, cruas e intensas demais. Ele sempre procurara conforto no estúdio, embora não tivesse encontrado nada na noite anterior, quando tentar pintar parecia tentar falar uma língua estrangeira que nunca aprendera.

Mas tudo estava diferente agora. Quando ele pegou o pincel, pareceu uma extensão de seu braço. Quando ele começou a pintar em traços longos e ousados, ele sabia exatamente o efeito que queria. Quando as imagens tomaram forma, sua mente se aquietou.

A dor ainda estava lá, mas ele podia aguentar.

Ele não sabia quanto tempo ele estava pintando quando a batida veio na porta. Fazia muito tempo desde que ele tinha sido capaz de cair no estado de sonho vertiginoso de criar; mesmo em Thule, ele tinha pouco tempo com os lápis de cor.

Ele colocou os pincéis que ele estava usando em um copo de água e foi ver quem era. Ele meio que esperava que fosse Emma – meio que *torcia* que fosse Emma – mas não era. Era Ty.

Ty tinha as mãos nos bolsos da frente do moletom branco. Seu olhar cintilou no rosto de Julian.

— Posso entrar?

— Claro. — Julian observou Ty enquanto ele passeava pela sala, olhando para as pinturas, antes de vir estudar a nova tela de Julian. Ty há muito desejava esse quarto como escritório ou câmara escura, mas Julian sempre o mantivera teimosamente.

Não que ele tenha tirado Ty disso. Quando Ty era mais jovem, a experimentação com tintas e papel o mantinha distraído por horas.

Ele nunca fez nada de concreto, mas ele tinha um excelente senso de cor – não que Julian fosse tendencioso. Todas as suas pinturas resultaram em

redemoinhos intensos de pigmentos intercalados, tão brilhantes e ousados que pareciam saltar do papel.

Ty estava olhando para a tela de Julian.

— Esta é a espada de Livvy — disse ele. Ele não parecia aborrecido, mais questionador, como se não tivesse certeza do motivo pelo qual Julian estaria pintando.

O coração de Julian pulou uma batida.

— Eu estava tentando pensar no que melhor simbolizaria ela.

Ty tocou o pingente de ouro em sua garganta.

— Isso sempre me faz pensar em Livvy.

— Isso é uma boa ideia. — Julian se inclinou contra a ilha central. — Ty — disse ele. — Eu sei que não estive aqui por você desde que Livvy morreu, mas eu estou aqui agora.

Ty pegou uma escova não usada. Ele passou os dedos pelas cerdas, tocando-as a cada ponta dos dedos, como se estivesse perdido na sensação. Julian não disse nada: sabia que Ty estava pensando.

— Não é sua culpa — disse Ty. — O Inquisidor mandou você embora.

— Se foi minha culpa ou não, eu ainda estava desaparecido — disse Julian. — Se você quiser falar comigo sobre qualquer coisa agora, eu prometo ouvir.

Ty olhou para cima, seu breve olhar cinza como um leve toque.

— Você sempre esteve lá por nós, Jules. Você fez tudo por nós.

Você costumava administrar todo o Instituto.

— Eu...

— É a minha vez de estar lá para o resto de vocês — disse Ty, e pousou a escova. — Eu devo ir. Eu tenho que encontrar o Kit.

Quando ele se foi, Julian se sentou em um banquinho puxado para cima em um cavalete em branco. Ele olhou sem ver adiante, ouvindo a voz de Ty ecoar em sua mente.

Você costumava administrar todo o Instituto.

Ele pensou em Horace, na determinação de Horace em fazer todo o mundo dos Caçadores de Sombras vê-lo falar com o Rei Unseelie. Ele não entendeu por que antes. Sem suas emoções, ele não foi capaz de entender as razões de Horace. Agora ele sabia, e ele sabia que era ainda mais imperativo do que ele acreditava que o impedisse.

Pensou no antigo escritório de Arthur, nas horas que passara lá de madrugada, compondo e respondendo cartas. O peso do selo do Instituto

em sua mão. Aquele selo estava no escritório de Aline e Helen agora. Elas pegaram o que puderam do escritório de Arthur para ajudá-las em seu novo emprego. Mas elas não sabiam sobre os compartimentos secretos na mesa de Arthur, e Julian não estava lá para dizer a eles.

Você costumava administrar todo o Instituto.

Nesses compartimentos estavam as listas cuidadosas que ele mantinha de nomes... todos os Submundanos importantes, todos os membros do Conselho, todos os Caçadores de Sombras em cada Instituto.

Ele olhou para a janela. Sentia-se vivo, energizado – não exatamente feliz, mas zumbindo com um propósito. Ele terminaria a obra de arte agora. Mais tarde, quando todos estivessem dormindo, seu verdadeiro trabalho começaria.

26
A Stir in the Air

Thunk. Thunk. Thunk.

Emma girou e jogou as facas balanceadas uma após a outra, rápido: para cima, para cima e de lado. Elas cortaram o ar e entraram primeiro no alvo pintado na parede, suas alças tremendo com a força aplicada.

Ela se abaixou e pegou mais duas da pilha a seus pés. Ela não tinha mudado para roupas de treinamento e ela estava suando em sua blusa e em seu jeans, com o cabelo solto grudado na parte de trás do pescoço.

Ela não se importou. Era quase como se ela tivesse voltado ao tempo antes de perceber que estava apaixonada por Julian. Um momento em que ela estava cheia de raiva e desespero que atribuíra inteiramente à morte de seus pais.

Ela jogou as duas facas seguintes, lâminas deslizando por entre os dedos, o vôo suave e controlado com força. *Thunk. Thunk*.

Lembrou-se dos dias em que jogara tantas shurikens que fizera suas mãos se separarem e sangrarem. Quanto dessa raiva tinha sido sobre seus pais - porque muito disso tinha sido, ela sabia - e quanto tinha sido sobre o fato de que ela manteve as portas de sua consciência bem fechada, nunca se deixando saber o que queria, o que a faria verdadeiramente feliz?

Ela pegou mais duas facas e se posicionou de costas para o alvo, respirando com dificuldade. Era impossível não pensar em Julian. Agora que o feitiço estava fora dele, ela sentiu um desejo desesperado de estar com ele, misturada com a amargura do arrependimento - arrependimento por escolhas passadas feitas, arrependimento por anos desperdiçados. Ela e Julian tinham estado em negação e olha o que lhes custara. Se algum deles soubesse por que não deveria ser *parabatai*, não estariam enfrentando a separação um do outro. Ou exílio de tudo que eles amavam.

O amor é poderoso, e quanto mais você está junto, e se deixa sentir o que você faz, mais forte ele será. Vocês não podem tocar um ao outro. Não

podem falem um com o outro. Tentem nem pensar um no outro.

Thunk. Uma faca passou por cima do ombro dela. *Thunk.* OutrA.

Ela se virou para ver as alças vibrando onde elas saíam da parede.

— Belo lance.

Emma se virou. Mark estava encostado na porta, o corpo dele como um longo e magro raio nas sombras. Ele estava usando seu equipamento e parecia cansado. Mais do que cansado, ele parecia abatido.

Fazia um tempo desde que ela passara o tempo com Mark sozinho. Não foi culpa deles - houve separação em Idris, depois no Reino das Fadas e Thule - mas talvez houvesse algo também. Havia uma tristeza apreensiva em Mark nos dias de hoje, como se ele estivesse constantemente à espera de ser informado de que perdera alguma coisa. Parecia mais profundo do que o que ele havia trazido do Reino das Fadas.

Ela pegou outra faca. — Você quer tentar uma vez?

— Muito mesmo.

Ele veio e pegou a faca dela. Ela deu um passo para trás enquanto ele mirava, avistando a linha de seu braço em direção ao alvo.

— Você quer falar sobre o que está acontecendo com Cristina?

— Ela disse hesitante. — E...Kieran?

Ele deixou a faca ir. Afundou na parede ao lado de uma das de Emma. — Não — disse ele. — Eu estou tentando não pensar sobre isso, e não acho que discutir isso irá atingir esse objetivo.

— Tudo bem — disse Emma. — Você quer apenas jogar facas de um jeito de irmão, irritado e silencioso junto comigo?

Ele deu um leve sorriso. — Há outras coisas que podemos discutir do que minha vida amorosa. Como *sua* vida amorosa.

Foi a vez de Emma pegar uma faca. Ela jogou duro, violentamente, e bateu na parede com força suficiente para quebrar a madeira. — Isso parece tão divertido quanto me esfaquear na cabeça.

— Eu acho que os mundanos discutem o clima quando não têm mais nada para conversar — disse Mark. Ele tinha ido levantar um arco que caiu da parede. O arco era uma obra delicada, esculpida com runas de filigrana. — Nós não somos mundanos.

— Às vezes me pergunto o que somos — disse Emma. — Considerando que eu não acho que os poderes atuais que estão em Alicante gostariam que fossemos Nephilim.

Mark recuou o arco e deixou uma flecha voar. Ela chicoteou pelo ar, mergulhando diretamente no centro do alvo na parede. Emma sentiu uma torção de orgulho sombrio; as pessoas frequentemente subestimavam o quão bom era o Mark como guerreiro.

— Não importa o que eles pensam. — disse Mark. — Raziel nos fez Caçadores de Sombras. Não a Clave.

Emma suspirou. — O que você faria se as coisas fossem diferentes? Se você pudesse fazer qualquer coisa, qualquer coisa. Se tudo isso acabasse.

Ele olhou para ela pensativo. — Você sempre quis ser como Jace Herondale — disse ele. — O maior de todos os lutadores. Mas eu gostaria de ser mais como Alec Lightwood. Eu gostaria de fazer algo importante para Caçadores de Sombras e Seres do Submundo.

Pois eu sempre serei parte de cada mundo.

— Eu não posso acreditar que você lembra que eu sempre quis ser como Jace. Isso é tão embaraçoso.

— Foi fofo que você queria ser uma lutadora, especialmente quando você era muito pequena.— Ele sorriu. Um sorriso verdadeiro, um que iluminou seu rosto. — Eu me lembro de você e Julian quando você tinha dez anos - ambos com espadas de madeira e eu tentando te ensinar a não bater na cabeça uns dos outros com eles.

Emma riu. — Eu pensei que você fosse tão velho - catorze!

Ele ficou sério. — Tenho pensado que nem tudo o que é estranho é ruim — disse ele. — Desde que eu vim do Reino das Fadas da maneira que eu fiz - isso diminuiu a diferença de anos entre eu e Julian, e eu e você. Eu tenho sido capaz de ser muito melhor amigo de vocês dois agora, ao invés de um irmão mais velho, e isso tem sido um presente.

— Mark... — ela começou, e parou, olhando para fora da janela virada para o oeste. Algo - alguém - estava subindo a estrada em direção ao Instituto, uma figura escura se movendo propositalmente.

Ela pegou um lampejo de ouro.

— Eu tenho que ir. — Emma pegou uma espada longa e fugiu da sala de treinamento, deixando Mark olhando para ela. A energia era como pingue-pongue através de seu corpo. Ela subiu as escadas de três em três degraus, abriu as portas da frente e atravessou a grama no exato momento em que a figura que tinha visto alcançou o topo da estrada.

A lua estava brilhante, inundando o mundo com brilhantes lanças de iluminação. Emma piscou as estrelas e olhou para Zara Dearborn, seguindo

em sua direção através da grama.

Zara estava completamente vestida com seu equipamento Centurião, o alfinete *Primi Ordines* e tudo mais. Seu cabelo estava firmemente trançado em volta de sua cabeça, seus olhos castanhos se estreitaram. Na mão dela havia uma espada dourada que brilhava como a luz do amanhecer.

Cortana. *Um lampejo de ouro*.

Emma endureceu toda. Ela sacou a espada longa de sua bainha, embora parecesse um peso morto em sua mão agora que ela estava olhando para sua própria amada lâmina. — Pare — disse ela.

— Você não é bem-vinda aqui, Zara.

Zara deu-lhe um pequeno sorriso estreito. Ela estava apertando Cortana tudo errado, o que cegou Emma com raiva. Wayland o Ferreiro fizera aquela lâmina e agora Zara a tinha em sua mão incompetente e pegajosa. — Você não vai perguntar sobre isso? — Ela perguntou, girando a espada como se fosse um brinquedo.

Emma engoliu raiva amarga. — Eu não vou fazer nada a não ser pedir para você sair da nossa propriedade. Agora.— — Mesmo?

— Zara arrulhou. — *Sua* propriedade? Este é um Instituto, Emma.

Propriedade da Clave. Eu sei que você e os Blackthorns tratam como se fosse de vocês. Mas não é. E você não vai morar aqui por muito mais tempo.

Emma apertou mais sua longa espada. — O que você quer dizer?

— Você recebeu uma mensagem — disse Zara. — Não finja que você não sabe sobre isso. A maioria dos outros Institutos apareceu em Idris para provar seu apoio. Não vocês, no entanto. — Ela girou Cortana inexperientemente. — Você nem sequer *respondeu* à convocação. E os nomes em seu registro eram uma piada. Você achou que éramos muito estúpidos para fazer isso?

— Sim — disse Emma. — Além disso, parece que você levou uma semana para descobrir, pelo menos. Quem conseguiu no final?

Manuel?

Zara corou com raiva. — Você acha que é fofo, não levar nada a sério? Não levar a sério a ameaça Submundana? Samantha está *morta*. Ela se atirou pela janela das Basílias. Por causa do seu amigo fada…

— Eu já sei o que realmente aconteceu — disse Emma, com um sentimento de imensa tristeza por Samantha. — Kieran tirou Samantha da

piscina. Ele tentou ajudá-la. Você pode distorcer as coisas, Zara, mas não pode simplesmente fazer os fatos como quiser.

Você ficou por perto e *riu* quando Samantha caiu naquela água. E a crueldade que ela viu - a dor terrível que ela causou - foi por causa de você e do que você a fez fazer. E essa é a verdade.

Zara olhou para ela, seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Você não merece Cortana — disse Emma. — Você não merece tê-la em sua mão.

— Eu não mereço? — Zara assobiou. — Ela foi dada a você porque você é uma Carstairs! Isso é tudo! Eu trabalhei e trabalhei para obter respeito, e as pessoas simplesmente deram a você como se você fosse especial porque seus pais morreram na Guerra Maligna. Muita gente morreu na Guerra Maligna. Você não é nada especial. — Ela deu um passo em direção a Emma, Cortana tremendo em seu aperto. — Você não entende? Nada disso é seu.

Nem o Instituto. Nem esta espada. Nem os Blackthorns, que não são *sua* família. Nem a reputação de ser uma grande guerreira. Você não ganhou nada disso.

— Que sorte para você que sua reputação como uma imbecil intolerante seja totalmente justificada — disse Emma.

O rubor de Zara havia desaparecido. Seus olhos brilharam com raiva. — Você tem vinte e quatro horas para ir a Idris e jurar lealdade à Tropa. Se você estiver cinco minutos atrasada, será considerada desertora e eu mesma derrubarei todos os desertores. Começando com você.

Emma levantou a espada. — Então me derrube agora.

Zara deu um passo para trás. — Eu disse que você tinha vinte e quatro horas.— Raiva chiou pelos nervos de Emma. — *E eu disse para me derrubar agora*. — Ela apontou a espada na direção de Zara; Ela pegou a ponta do manto de Zara e cortou-o. — Você veio aqui.

Você me desafiou. Você ameaçou *minha* família.

Zara ficou boquiaberta. Emma suspeitava que Zara raramente teve que se envolver em uma briga que não estava em seus termos.

— Você é uma mentirosa, Zara — disse ela, avançando com a espada desembainhada. Zara tropeçou para trás, quase tropeçando na grama. — Você nunca realizou nada. Você tomou crédito pelo que outras pessoas fizeran e usou para se sustentar, mas as pessoas podem ver através de você.

Você escolhe aqueles que têm menos poder do que você para parecer forte. Você é uma valentona e uma ladra e uma covarde.

Zara rosnou, levantando Cortana. — Eu não sou uma covarde!

— Então, *lute comigo*! — Emma balançou a espada; Zara mal levantou Cortana no ar e bateu forte contra a lâmina de Emma, o ângulo estranho girando o pulso de Zara sobre si mesma. Ela gritou de dor e Emma bateu Cortana novamente - sentia-se além do errado estar lutando *contra* Cortana, como se o mundo tivesse sido virado do avesso.

Ela deveria sentir simpatia pela dor de Zara, Emma pensou. Mas ela não o fez. Sentiu apenas uma raiva selvagem enquanto dirigia a outra garota ofegante e ofegava de um lado para o outro pela grama adornada até chegarem à beira dos penhascos, até que o mar estivesse abaixo delas.

Zara cavou os calcanhares e lutou, mas quando ela levantou Cortana e girou no ar em Emma, a lâmina se desviou no último momento, parecendo se curvar como uma coisa viva em sua mão.

Zara gritou, quase desequilibrando-se; Emma chutou e varreu as pernas de Zara debaixo dela. Zara bateu no chão, seu corpo meio pendurado na borda do penhasco.

Emma andou em direção a ela, espada longa na mão. Uma onda de energia passou por ela como eletricidade correndo através de um fio. Sentia-se quase tonta com isso, como se estivesse subindo acima de Zara a uma altura imensa, olhando para ela com a indiferença de um anjo vingador, um ser de luz dotado de poder tão grande que os tornara quase desumanos.

Eu poderia derrubar minha espada e cortá-la ao meio. Eu poderia levar Cortana de volta.

Ela levantou sua espada longa. Ela podia se ver como se do lado de fora, uma figura enorme sobre Zara.

Suas runas começaram a queimar como fogo, como se tivessem fogo em suas veias em vez de sangue. As pessoas diziam que as lâminas daqueles que as combatiam se estilhaçavam em suas mãos.

Linhas pretas se espalharam por seus corpos e se tornaram monstruosas - fisicamente monstruosas.

Emma tropeçou para trás, a voz de Diana ecoando em sua cabeça. Ela ficou sem se mover quando Zara, ofegante, recuou da beira do penhasco, rolando de joelhos.

A visão de Emma de si mesma como um anjo vingador se foi.

Em seu lugar, uma voz fria e razoável sussurrou na parte de trás de sua cabeça, inconfundivelmente Julian, dizendo que Horace Dearborn certamente sabia onde sua filha estava, saberia quem culpar quando ela desaparecesse, que ou machucando Zara ou tomando Cortana ia trazer a Clave para o Instiituto de Los Angeles.

— Levante-se — disse Emma, sua voz afiada com desprezo.

Zara se ergueu. — E saia daqui.

Zara estava ofegante, o rosto manchado de sujeira. — Sua pequena *pervertida* — ela sussurrou, toda a pretensão de sorrir. — Meu pai me contou sobre você e seu *parabatai* - você é nojenta - eu acho que você quer ser como Clary e Jace, hein? Querendo o que é proibido? E *desagradável*?

Emma revirou os olhos. — Zara, Clary e Jace não eram *parentes*.

— Sim, bem, eles pensaram que eram, então dá no mesmo! — Zara gritou, uivando ilogicamente. — E eles estão mortos agora! Isso é o que vai acontecer com você e Julian! Vamos deixar seus cadáveres no campo de batalha e os corvos escolherão seus olhos, eu vou me certificar disso …

— Que campo de batalha? — Emma disse calmamente.

Zara empalideceu. Sua boca funcionou, cuspindo em seus lábios. Por fim, ela levantou Cortana entre ela e Emma, como se estivesse afastando um vampiro com um crucifixo. — Vinte e quatro horas — ela respirou. — Se você não estiver nos portões de Alicante, então, não haverá um único de vocês vivo.

Ela se virou e foi embora. Levou cada grama do autocontrole de Emma para não segui-la. Ela se forçou a se afastar de Zara. Para voltar ao Instituto.

Ela correu pelo gramado e subiu as escadas. Quando chegou à porta da frente, sua raiva estava se transformando em antecipação: ela precisaria conversar com Julian. Ela tinha que contar a ele sobre Zara.

Ela abriu a porta da frente, imaginando o que Julian diria. Ele diria a ela para não se preocupar. Ele teria uma ideia sobre o que eles deveriam fazer. Ele poderia até fazê-la rir... Houve um surto de dor aguda no braço dela.

Sua runa. Ela ofegou e se encolheu; ela estava na entrada do Instituto. Estava deserta, graças ao anjo. Ela puxou a manga de sua camisa.

A runa *parabatai* brilhava em seu braço como uma marca, vermelha contra sua pele.

Ela caiu de costas contra a parede. Se até *pensar* em Julian fez isso, então quanto tempo eles tinham? Quanto tempo antes dela ter que ir para

Magnus e ter suas runas apagadas para sempre?

***

Caindo contra a parede da cela do Gard, Diego segurou seu irmão nos braços.

Jaime tinha adormecido em algum momento durante a noite anterior, ou pelo menos Diego achava que era noite - era difícil dizer quando não havia maneira de medir a passagem do tempo, exceto pelas refeições, e essas eram servidas de forma irregular. Só dormia, comia e tentava conservar a força de Jaime.

Jaime respirou contra ele, respirações irregulares baixas; seus olhos estavam fechados. Algumas das primeiras lembranças de Diego eram de segurar seu irmão. Quando ele tinha cinco anos e Jaime tinha três anos, ele o carregava para todos os lugares. Ele estava com medo de que, caso contrário, Jaime, dando a volta em suas perninhas curtas, perderia todas as coisas no mundo que Diego queria que ele visse.

Às vezes, no final de um longo dia, seu irmãozinho adormecia em seus braços, e Diego o levava para a cama e o acomodava. Diego sempre cuidara de seu irmão, e o desamparo que sentia agora o enchia de raiva. e desespero.

Por muito tempo, ele pensou em Jaime como um garotinho, rápido e travesso. Mesmo quando fugiu com a *Eternidad*, parecia mais um dos seus jogos, em que ele estava sempre fugindo dos problemas e pregando peças. Mas nesses últimos dias, quando Jaime enfraquecera, mas se recusou a falar uma palavra para Zara sobre a herança, Diego viu o aço sob a atitude lúdica de seu irmão, seu compromisso com a família e a causa deles.

Ele beijou Jaime no alto da cabeça; seu cabelo preto estava esfarrapado, bagunçado e sujo. Diego não se importou. Ele estava sujo mesmo. — *Siempre estuve orgulloso de ti*— , disse ele.

— Sempre me orgulhei de você também — murmurou Jaime sem abrir os olhos.

Diego deu uma risada rouca de alívio. — Você está acordado.

Jaime não se mexeu. Suas bochechas estavam vermelhas de febre, seus lábios rachados e sangrando. — Sim. Estou acordado e vou guardar isso para sempre.

Para sempre. Muito provavelmente nenhum deles teria o para sempre. Diego pensou na herança, seu otimista símbolo do infinito dando voltas e mais, prometendo um futuro sem fim. *Eternidad*.

Não havia nada a dizer. Ele acariciou o cabelo de Jaime em silêncio e escutou seu irmão respirar. Cada respiração era uma luta, dentro e fora como água áspera através de uma represa quebrada. O

desespero de Diego por uma estela era como um grito silencioso, subindo por trás de sua garganta.

Os dois ergueram os olhos quando um som familiar anunciou a chegada do que Diego imaginou ser o café da manhã. Certamente tinha que ser de manhã. Ele piscou com a luz fraca vinda da porta aberta da prisão. Uma figura chegou mais perto de sua cela; era Anush Joshi, carregando uma bandeja.

Diego olhou para Anush sem falar. Ele desistiu de implorar a algum dos guardas por ajuda. Se eles fossem monstruosos o suficiente para sentar e assistir Jaime morrer lentamente, então não adiantava pedir nada a eles. Isso só fez Jaime se sentir pior.

Anush se ajoelhou com a bandeja. Ele usava a libré do guarda do

Conselho, seu

cabelo escuro emaranhado, os

olhos avermelhados. Ele colocou a bandeja no chão.

Diego pigarreou. — Jaime está muito doente para comer isso — disse ele. — Ele precisa de frutas frescas. Suco. Qualquer coisa com calorias.

Anush hesitou. Por um momento, Diego sentiu um lampejo de esperança. Mas Anush apenas empurrou a bandeja lentamente através da abertura na parte inferior da porta.

— Acho que ele vai querer comer isso — disse ele.

Ele se levantou e se afastou apressadamente, fechando a porta da prisão atrás dele. Mantendo Jaime apoiado contra ele, Diego puxou a bandeja para si com uma mão.

Um choque de surpresa passou por ele. Deitado ao lado das tigelas habituais de mingau, havia uma estela e um bilhete. Diego agarrou os dois com uma mão trêmula. O bilhete dizia: *Você foi o único que foi gentil comigo no Scholomance. Estou deixando Idris e os guardas. Eu sei que há uma resistência por aí. Eu vou encontrá-la.*

Cuide do seu irmão.

***

— O que é isso? — Kit chamou; ele podia ver Ty descendo a estrada de terra em direção à estrada, uma pedra rúnica de luz de bruxa na mão.

Lançou-o na sombra, mas a pequena criatura agachada em seu ombro ainda era visível.

— É um rato de madeira — , disse Ty. A luz da bruxa piscou quando ele se juntou a Kit ao lado da rodovia. Ele estava todo de preto, com o brilho do pingente de Livvy na gola de sua camisa.

Kit, que não era fã de ratos, olhou para o animal no ombro de Ty com alguma cautela. Não parecia o tipo habitual de rato: tinha orelhas arredondadas e um rosto e cauda peludos. Parecia estar mordiscando uma noz com casca.

— Eles são inofensivos — , disse Ty. — Eles gostam de colecionar coisas para seus ninhos - tampas de garrafas e folhas e bolotas.

O rato de madeira terminou o lanche e olhou para Ty com expectativa.

— Eu não tenho mais — disse ele, arrancou o rato de seu ombro, e colocou-o no chão suavemente. Ele correu para os arbustos à beira da estrada. — Então, — Ty disse, limpando as mãos. — Devemos repassar tudo o que temos para o feitiço?

O estômago de Kit deu um nó. Ele estava meio imaginando onde Dru estava, meio ansioso sobre o que Shade iria fazer. Se o feiticeiro planejava parar Ty, ele certamente esperava até o último minuto.

— Claro — disse Kit, tirando a lista do bolso. — Incenso do coração de um vulcão.

— Adquirido no Mercado das Sombras. Verifica.

— Giz em pó dos ossos de uma vítima de assassinato.

— Certo.

— Sangue, cabelo e osso da pessoa a ser trazida — disse Kit, um ligeiro travamento em sua voz.

O rosto pálido de Ty era como uma meia-lua na escuridão. — Eu tenho uma mecha do cabelo de Livvy e um dos seus dentes de leite.

— E o sangue? — disse Kit, cerrando os dentes. Parecia mais sombrio estar falando sobre pedaços de Livvy, como se ela fosse uma boneca e não uma pessoa viva e respirando.

Ty tocou o pingente em sua garganta, ainda manchado de ferrugem. — Sangue.

Kit forçou um ruído de reconhecimento através da garganta apertada. — E mirra cultivada por fadas—— Um galho quebrou. Os dois se viraram, a mão de Ty indo para a cintura. Kit, percebendo, colocou a mão no braço de Ty um momento antes de Drusilla sair das sombras.

Ela ergueu as mãos. — Uau. Sou só eu.

— O que você está fazendo aqui? — A voz de Ty estalou de raiva.

— Eu estava olhando pela minha janela. Eu vi você andando na direção da estrada. Eu queria ter certeza de que tudo estava bem.

Kit ficou impressionado. Dru realmente era uma boa mentirosa.

Cara aberta e honesta, voz firme. Seu pai teria lhe dado uma estrela de ouro.

— Por que você estava falando sobre fadas e mirra e todas as outras coisas? — Ela continuou. — Você está fazendo um feitiço?

Ty parecia um pouco doente. Culpa bateu Kit com a força de um chicote. Ty não era bom em mentir e não se deu bem com as mudanças inesperadas nos planos que fizera. — Volte para a casa, Dru — disse ele.

Dru olhou para ele. — Eu não vou. Você não pode me obrigar.

Kit se perguntou se ainda era atuação.

— Se você me mandar de volta, eu vou dizer a todos que você está fazendo coisas mágicas com giz mal — disse Dru.

Ty corou com aborrecimento. Kit puxou Ty na direção dele pela manga e sussurrou em seu ouvido: — Melhor deixá-la vir conosco. Se não o fizermos, e ela diz, poderíamos ser pegos ou colocar Shade em apuros.

Ty começou a sacudir a cabeça. — Mas ela não pode-— — Vamos fazê-la esperar do lado de fora da caverna — disse Kit. Ele percebeu que eles teriam que fazer isso de qualquer maneira; as primeiras palavras que Shade disse minariam as cuidadosas meias-verdades que Kit havia dito a Dru.

Ty exalou. — Tudo bem.

Dru bateu palmas juntas. — Uhu!

Atravessaram a estrada juntos e Dru tirou os sapatos quando chegaram à areia. Era uma noite suave, o ar fazendo cócegas em sua pele, o oceano respirando em baixas e suaves exalações, apressando a maré até a praia. Kit sentiu uma espécie de dor no centro de como era bonito, misturado com amargura ao pai por nunca tê-lo trazido para cá. Outra verdade negada a ele: Sua cidade era linda.

Como eram outras coisas. Ty chutou pela beira da areia, com as mãos nos bolsos. O vento levantava o cabelo e os fios se agarravam às maçãs do rosto como se fossem marcas de tinta escura. Ele estava propositalmente ignorando Drusilla, que estava brincando com a maré, subindo e descendo a praia com o cabelo torto, os punhos do jeans molhado com água salgada.

Ela olhou para Kit e piscou, uma piscadela conspiratória que dizia: *Estamos ajudando Ty juntos*.

Kit esperava que isso fosse verdade. Seu estômago estava dolorido quando chegaram à entrada da caverna. Ty parou no buraco escuro no penhasco de pedra, balançando a cabeça para a irmã.

— Você não pode vir conosco — disse ele.

Dru abriu a boca para protestar, mas Kit deu-lhe um olhar significativo. — É melhor se você esperar do lado de fora — disse ele, enunciando cada palavra claramente para que ela soubesse que ele estava falando sério.

Dru desabou na areia, parecendo desolada. — OK . *Tudo bem*.

Ty entrou na caverna. Kit, depois de um olhar apologético para Dru, estava prestes a segui-lo quando Ty emergiu novamente, carregando uma bola cinzenta de cotão.

O rosto de Dru se abriu em um sorriso. — Church!— — Ele pode fazer companhia a você — disse Ty, e colocou o gato no colo da irmã. Dru olhou para ele com olhos brilhantes, mas Ty já estava voltando para a caverna. Kit o seguiu, embora não pudesse deixar de se perguntar se Ty já percebera o quanto Dru olhava para ele. Ele não podia deixar de pensar que, se ele tivesse um pequeno irmão que o admirasse, ele teria gasto todo o seu tempo se exibindo.

Ty era diferente, no entanto.

No momento em que entraram no túnel, Kit pôde ouvir música arranhada - algo como o som de uma música que não tinha sido baixada corretamente. Quando eles entraram na caverna principal, encontraram Shade girando lentamente ao redor da sala ao som de uma melodia triste tocando em um gramofone.

— *Non, rien de rien* — Shade cantou junto. — *Je ne regrette rien. Ni le bien qu'on m'a fait, ni le mal*— Kit limpou a garganta.

Shade não parecia nem um pouco envergonhado. Ele parou de girar, olhou e estalou os dedos. A música desapareceu.

— Não me lembro de convidá-lo para vir hoje à noite — disse o bruxo. — Eu poderia estar ocupado.

— Enviamos um bilhete — disse Kit. Shade baixou as sobrancelhas brancas para ele e olhou para a mesa de madeira riscada. Um frasco vazio estava sobre ele, do tipo que eles usaram para distribuir a água do Lago Lyn. Kit ficou satisfeito ao ver que Shade bebeu a cura, embora um pouco preocupado que pudesse estar alucinando.

Ty deu um passo ansioso para frente. — Nós temos tudo. Todos os ingredientes para o feitiço.

O olhar de Shade foi para Kit rapidamente e depois para longe.

Ele parecia sombrio. — *Todos* eles?

Ty assentiu. — Incenso, sangue e osso— — Um objeto de outro mundo?

— Também temos isso — disse Kit quando Ty tirou a carta dobrada do bolso. — É de um lugar chamado Thule.

Shade olhou para a carta, a cor se esvaindo de seu rosto, deixando-lhe a tonalidade doentia de alface. — *Thule*?

— Você conhece esse mundo? — Perguntou Ty.

— Sim. — A voz de Shade era sem tom. — Eu conheço muitos outros mundos. É um dos piores.

Kit podia ver que Ty estava confuso: ele não esperava que Shade reagisse assim. — Mas nós temos tudo — ele disse novamente. — Todos os ingredientes. Você disse que nos daria uma fonte de energia.

— Sim, eu disse isso. — Shade sentou-se na mesa de madeira frágil. — Mas eu não vou.

Ty piscou incrédulo. — Mas você disse-— — Eu sei o que eu disse — Shade retrucou. — Eu nunca pretendi que você encontrasse todos os ingredientes, sua criança tola. Eu pensei que você desistiria.

Você não desistiu. — Ele jogou os braços para o ar. — Você não entende que isso seria a pior coisa que você poderia fazer? Que os efeitos disso seguiriam você durante toda a sua vida? A morte é o fim por uma razão.

— Mas você é imortal. — Os olhos de Ty eram enormes e cinza-claros, moedas prateadas contra o rosto duro.

— Eu tenho uma vida longa, mas não vou viver para sempre — disse Shade. — Todos nós temos a vida que nos foi destinada. Se você puxar Livvy para você de onde ela pertence, você deixará um buraco no universo para ser preenchido por tristeza negra e pesar miserável. Isso não é algo que você pode sair ileso. Não agora.

Nunca.

— Então você mentiu para nós — disse Ty.

Shade se levantou. — Eu menti. Eu faria de novo. Nunca vou te ajudar a fazer isso, você me entende? E eu vou espalhar a palavra.

Nenhum bruxo irá ajudá-lo. Eles vão enfrentar a minha ira se o fizerem.

As mãos de Ty estavam se fechando em punhos, seus dedos arranhando as palmas das mãos. — Mas Livvy—— — Sua irmã está morta — disse

Shade. — Eu entendo sua dor, Tibério. Mas você não pode quebrar o universo para recuperá-la.

Ty se virou e correu para o túnel. Kit olhou para Shade.

— Isso foi muito brutal — disse ele. — Você não tinha que falar com ele assim.

— Eu tinha — disse Shade. Ele caiu de volta em sua cadeira.

— Vá atrás do seu amigo. Ele precisa de você agora, e Deus sabe que eu não preciso.

Kit recuou, depois girou e correu, seguindo a luz de bruxa de Ty.

Ele caiu na praia para encontrar Ty já lá, curvado e ofegante.

Dru saltou de pé, derramando uma igreja miando no chão. — O

que aconteceu? O que há de errado?

Kit colocou a mão nas costas de Ty, entre as omoplatas. Ele ficou um pouco surpreso ao encontrar as costas de Ty mais sólidas e levemente musculosas do que ele teria imaginado. Ele sempre pensou em Ty como frágil, mas ele não se sentia frágil. Sentia-se como ferro martelado: flexível, mas inquebrável.

Kit se lembrava de ter ouvido em algum lugar que era reconfortante esfregar círculos nas costas de alguém, então ele fez isso. As respirações de Ty começaram a regular.

— Não vai funcionar — disse Kit, olhando firmemente para Dru sobre as costas de Ty. — Nós não vamos poder ver o fantasma de Livvy.

— Sinto muito — Dru sussurrou. — Eu teria gostado de tê-la visto também.

Ty se endireitou. Seus olhos estavam molhados; ele os esfregou ferozmente. — Não, me desculpe, Dru.

Kit e Dru trocaram um olhar surpreso. Não havia ocorrido a Kit antes que Ty pudesse sentir-se não apenas desapontado, mas como se tivesse decepcionado os outros.

— Não se desculpe — disse Dru. — Algumas coisas não são possíveis. — Ela colocou a mão para fora, um pouco timidamente. — Se você se sentir mal, eu vou assistir filmes a noite toda com você na sala de TV. Eu também posso fazer biscoitos. Isso sempre ajuda.

Houve uma longa pausa. Ty estendeu a mão para pegar a mão de Dru. — Isso seria legal.

Kit sentiu uma onda de alívio tão enorme que quase cambaleou.

Ty lembrava que ele tinha uma irmã. Certamente isso era alguma coisa. Ele esperava muito pior: uma decepção que ele não conseguia calcular, uma dor tão profunda que nada poderia ter dito que a tocaria.

— Venha. — Dru puxou a mão de Ty, e juntos eles começaram a voltar para o Instituto.

Kit seguiu, parando quando eles começaram a subir as primeiras paredes de pedra que bloqueavam o caminho através da praia. Quando Ty e Dru subiram, ele olhou por cima do ombro e viu Shade observando-os da escuridão de sua entrada na caverna. Ele balançou a cabeça para Kit uma vez antes de desaparecer de volta para as sombras.

***

O vento soprava do deserto; Cristina e Mark sentaram-se perto das estátuas que Arthur Blackthorn havia importado da Inglaterra e colocaram entre os cactos das montanhas de Santa Mônica. A areia ainda estava quente da luz do sol do dia, e suave sob Mark, como a pilha profunda de um tapete. Na Caça Selvagem, ele e Kieran teriam achado isso uma cama muito boa.

— Estou preocupada — disse Cristina, — acho que machucamos Kieran hoje cedo.

Ela estava descalça na areia, vestindo um vestido de renda curto e brincos de ouro. Olhar para ela fez o coração de Mark doer, então ele olhou para a estátua de Virgil, seu velho amigo de noites frustradas. Virgil olhou para trás impassível, sem conselho.

— Suas preocupações são minhas preocupações também — disse Mark. — É difícil aliviar seus medos quando não posso aliviar o meu próprio.

— Você não tem que aliviar os medos de outras pessoas para compartilhar o seu, Mark. — Cristina estava brincando com seu medalhão, seus longos dedos acariciando a gravura de Raziel. Mark queria muito beijá-la; em vez disso, ele enfiou os dedos na areia.

— Eu poderia dizer o mesmo para você — disse ele. — Você ficou tensa como uma corda de arco o dia todo. Você está com medo também.

Ela suspirou e cutucou a perna dele levemente com o pé descalço. — Bem. Você me diz e eu lhe direi.

— Tenho me preocupado com a minha irmã — disse Mark.

Cristina pareceu intrigada. — Isso não é o que eu pensei que você diria.

— Minha irmã foi exilada por causa de seu sangue de fada — disse Mark. — Você conhece a história - toda ela. Você sabe disso melhor do que

a maioria. — Ele não pôde evitar; colocou a mão sobre a dela na areia. — Toda a minha família sofreu porque temos parentesco fada. Nossa lealdade sempre foi questionada. O quão pior seria para ela e para Aline se eu estivesse com Kieran e ele fosse o Rei da Corte Unseelie? Parece tão estranho dizer e tão egoísta …

— Não é egoísta.

Os dois olharam para cima; Kieran estava no espaço entre duas estátuas, pálido como uma estátua. Seus cabelos eram negros como asas de corvos na escuridão, que lavavam todo o azul de sua cor.

— Você está preocupado com sua família — disse Kieran. — Isso não é egoísmo. É o que aprendi com você e com Julian. Querer proteger os outros mais do que você quer a sua própria felicidade— Ele olhou de lado. — Não que eu queira assumir que estar comigo lhe traria felicidade.

Mark ficou sem palavras, mas Cristina esticou os braços.

Pulseiras de ouro brilhavam contra sua pele marrom quando ela acenou para Kieran. — Venha e sente-se conosco.

Kieran também estava descalço; fadas muitas vezes estavam.

Ele rondava como um gato pela areia, seus passos não levantavam poeira, seus movimentos silenciosos enquanto ele caía de joelhos ao lado de Cristina e Mark.

— Isso me faria feliz — disse Mark. — Mas como você disse— Ele pegou um punhado de areia e deixou que ele peneirasse seus dedos. — Há outras coisas a se considerar.

— Eu posso não me tornar rei — disse Kieran.

— Mas você também pode se tornar — disse Cristina. — Eu também estou com medo. Falei com minha mãe hoje. Alguém havia dito algo desagradável para ela sobre mim. Que eu estava envolvida com fadas. Que eu era uma garota suja, manchada por Seres do Submundo. Você sabe que eu não me importo com o que alguém diz sobre mim — acrescentou ela apressadamente. — E minha mãe também poderia suportar isso, mas - é um mau momento para ser um Rosales. Nossa história de amizade com fadas já nos trouxe problemas. Jaime e Diego estão na prisão. E se eu trouxer mais problemas para eles?

— Agora eu vou te dizer algo egoísta — disse Kieran. — Eu estava com medo que vocês dois se arrependessem do que aconteceu ontem à noite. Que vocês dois se arrependeram de mim.

Mark e Cristina se entreolharam. Ela balançou a cabeça, o vento levantando seu cabelo escuro.

— Não há arrependimento — disse Mark. — Somente-— — Eu sei — disse Kieran. — Eu sabia disso quando Gwyn veio e me disse que eu deveria ser o rei. Eu sabia o que isso significaria. Até mesmo o que significaria para mim estar envolvido na Corte, como parece que eu devo estar. A Clave quer controlar o acesso aos tribunais.

Eles sempre quiseram. Para dois Caçadores de Sombras eles não controlam ter a orelha do Rei seria anátema para eles. — — Mas, Kieran — disse Cristina.

— Eu não sou um tolo — disse Kieran. — Eu sei quando algo é impossível. — Seus olhos eram escudos de metal: um manchado, um novo. — Eu sempre fui uma alma inquieta. No pátio do meu pai e depois na Caça, eu me enfureci e invadi meu coração. Ele inclinou a cabeça. — Eu sabia que quando conheci Mark, havia encontrado a pessoa que deu paz à minha alma. Eu não acho que eu encontraria isso em mais ninguém, mas encontrei. Se eu pudesse ficar quieto aqui com vocês dois antes da tempestade, isso significaria muito para mim.

— E para mim — disse Cristina. Ela estendeu a pequena mão e pegou uma de Kieran gentilmente. Ele levantou a cabeça quando Mark pegou a outra, e Mark e Cristina juntaram as mãos também, completando o círculo. Nenhum deles falou: não havia necessidade.

Estarem juntos era suficiente.

***

Emma ainda se sentia nervosa quando entrou na cozinha pela manhã, como se tivesse bebido muitas xícaras do café que ela desprezava.

A batida do martelo das palavras de Diana em Thule ecoou em sua cabeça. Ela não tinha ido a Julian na noite passada para contar a ele sobre Zara, mas tinha relutantemente acordado Helen e Aline para avisá-los. Então ela voltou para a sala de treinamento, na esperança de que chutar e socar e cair sobre os tapetes duros no chão a faria esquecer a queima de sua runa. Sobre o *parabatai* de Thule. Sobre as palavras da rainha.

Mais tarde, quando adormeceu, sonhara com a runa parabatai na Cidade do Silêncio e com o sangue no cabo de Cortana e uma cidade em ruínas, onde gigantes monstruosos espreitavam o horizonte. Ela ainda se sentia desconfortável, como se estivesse meio presa em pesadelos.

Ela estava feliz em ver a cozinha cheia de gente. De fato, havia muitos para caber na pequena área de alimentação. Alguém teve a brilhante ideia de suplementar a mesa existente com uma caixa de armas virada da sala de treinamento, e cadeiras dobráveis foram arrastadas de toda a casa.

Ela estava preocupada que a manhã seria horrível quando todos correram para se preparar para invadir Alicante. Ela não podia deixar de sentir ressentimento por ela e Julian não estarem indo. Era a luta deles também. Além disso, ela precisava da distração. A última coisa que queria era ser deixada no Instituto com Julian e supervisão mínima.

Mas o grupo reunido parecia tudo menos sombrio. Se não fosse pelo espaço onde Livvy deveria estar, a cena estava quase perfeita -

Helen e Aline sorrindo para as crianças por cima das canecas de café. Mark entre Kieran e Cristina, como se Mark nunca tivesse sido arrancado de sua família em primeiro lugar. Jace e Clary visitando a maneira como a família nunca tinha sido realmente capaz de receber visitas ocasionais quando Arthur estava no comando. Kit sendo a peça que faltava, eles nunca tinham conhecido Ty, roubando uma batata do prato de Ty e fazendo-o sorrir. Diana irradiando sua calma firme, trazendo uma cabeça nivelada para uma família propensa a dramáticas. Até mesmo Kieran, que parecia deixar Felipe e Cristina mais felizes quando estava por perto, acabara de fazer parte do grupo: estava mostrando a Tavvy e Dru as alegrias de morangos molhados em xarope de bordo.

E Julian, claro, de pé ao lado da cozinha, virando panquecas com a facilidade de um especialista.

— Uma panqueca de cada vez, Tavvy — Helen estava dizendo.

— Sim, eu sei que você *pode* colocar três em sua boca, mas isso não significa que você *deveria*.

Os olhos de Emma encontraram os de Julian. Ela viu a tensão em seus ombros, sua boca, quando ele olhou para ela. *Seja normal*, ela pensou. *Esta é uma refeição feliz e comum com a família.*

— Você fez panquecas? — Ela disse, mantendo o tom alegre.

— O que causou isso?

— Às vezes, quando você começa uma guerra, você quer fazer panquecas — disse Julian, colocando duas panquecas em um prato e segurando-o para Emma.

Jace engasgou com a torrada. — O que você disse, Julian?

Julian olhou para o relógio que pairava sobre o fogão da cozinha. Ele desligou o queimador de gás e começou a desatar calmamente o avental. — Eles devem estar chegando a qualquer momento — disse ele.

— Eles deveriam o *quê*? — Diana abaixou o garfo. — Julian, do que você está falando?

Tavvy estava de pé em uma cadeira bamba, o rosto pressionado contra a janela. Ele fez um barulho estridente animado. — Quem são todas as pessoas subindo a estrada, Jules?

Kit e Ty imediatamente puseram-se de pé e correram para uma vista da janela. — Eu vejo fadas — disse Ty. — Eu acho que esses são lobisomens - esses carros pretos têm que ser vampiros -— — E

Caçadores de Sombras — disse Kit. — Muitos Caçadores de Sombras— — O Santuário está quase pronto — disse Julian, jogando uma toalha de prato. — A menos que alguém queira fazer isso, descerei e cumprimentarei nossos convidados.

Jace se levantou. Clary olhou para ele em preocupação: Seus olhos dourados estavam chateados de raiva. — Não vou lhe perguntar uma segunda vez, Julian Blackthorn — disse ele, e sua voz usualmente divertida não tinha nada de divertido. — O que você fez?

Julian inclinou o quadril contra o balcão. Emma percebeu com um choque que, embora ele parecesse muito mais jovem, ele era tão alto quanto Jace. — Lembra quando você disse que minha ideia de coalizão era ruim porque não podíamos confiar em outros Caçadores de Sombras para nos dizer a verdade sobre suas lealdades?

— Vividamente — disse Jace. — Mas eu sei que você convidou todo mundo para um conselho de guerra, de qualquer maneira?

— Eles estão aqui agora? — Clary balbuciou. — Mas, eu estou vestindo uma camiseta que diz 'Unicorn Power'

— Não existem coisas como unicórnios — disse Jace.

— *Eu sei* — disse Clary. — É por isso que é *engraçado.*

— Voltando à questão da traição — Jace começou.

— E se eu lhe dissesse que esperava traição? — Perguntou Julian. — Na verdade, eu estava contando com isso? Que isso fazia parte do meu *plano*?

— Que plano? — disse Jace.

— Eu sempre tenho um plano — disse Julian calmamente.

Dru levantou a xícara de café. — É ótimo ter você de volta, Jules. Eu senti falta dos seus esquemas lunáticos.

Helen estava de pé agora. Aline parecia estar tentando não rir.

— Como você convidou todos eles para cá? — Helen disse. — Como você poderia ter entrado em contato com tantos Seres do Submundo e Nephilim, e tão rapidamente?

— Eu me correspondi com eles durante anos — disse Julian. — Sei como mandar mensagens de fogo para bruxos e Caçadores de Sombras, e mensagens de bolota para Reino das Fadas, e os números de telefone de todos os vampiros e lobisomens importantes.

Eu sabia como chegar à Aliança Caçadores de Sombras com Membros do Submundo. Eu tinha que saber essas coisas. Por cinco anos, foi o meu trabalho.

— Mas você não costumava escrever para eles como Arthur antes? — perguntou Helen, claramente preocupada. — Quem você fingiu ser desta vez?

— Escrevi sendo eu mesmo — , disse Julian. — Conheço essas pessoas. Conheço suas personalidades. Sei qual deles estará do nosso lado. Sou o diretor do instituto há anos. Eu chamei meus aliados, porque tem sido meu trabalho saber quem são meus aliados.

— Sua voz era baixa, mas firme. Não havia nada de desrespeitoso no que ele dissera, mas Emma sabia o que ele queria dizer: *eu sou diplomata há anos, desconhecido e não reconhecido. Mas isso não significa que eu não fosse habilidoso nisso. Eu coloquei essas habilidades para funcionar - quer você goste ou não.*

— Não podemos lutar contra a Tropa sozinho — acrescentou ele. — Eles são parte de nós. Parte do nosso governo. Eles não são uma ameaça externa como Sebastian era. Nós precisamos desses aliados. Você verá.

E então ele olhou para Emma, como se não pudesse evitar. A mensagem em seus olhos era clara. Embora ela estivesse se recuperando do choque do que ele tinha feito, ele estava esperando por sua aprovação. Como ele sempre teve.

Ela sentiu um pulso ardente através de sua runa *parabatai*. Ela estremeceu, olhou para o braço esquerdo: sua pele estava quente e apertada, mas a runa parecia normal. Acabou de ser um olhar, ela pensou. Isso foi tudo.

— Eu vou ajudar a terminar de montar o Santuário para a reunião — disse ela. — Nós vamos precisar de cadeiras— Kieran ficou de pé, empurrando o cabelo azul-celeste atrás das orelhas. — Eu também vou

ajudar — disse ele. — Eu agradeço em nome do meu povo por chamar Seres do Submundo para a mesa como iguais.

Você está certo. Nenhum de nós pode fazer isso sozinho.

Diana levantou-se. — Vou mandar uma mensagem para Gwyn — disse ela. — Eu sei que ele terá prazer em vir, e você terá o Caçada Selvagem do seu lado.

Foi a vez de Cristina se levantar. — Você chegou ao Instituto da Cidade do México?

— Sim — disse Julian. — Sua mãe disse que ela ficaria feliz em comparecer.

Cristina pareceu alarmada. — Eu tenho que ir trocar de roupa — disse ela, e fugiu.

Os mais jovens Blackthorns observavam com os olhos arregalados quando Jace levantou a mão. Emma ficou tensa. Jace era um poderoso Caçador de Sombras - não apenas fisicamente, mas politicamente. Ele e Clary poderiam perturbar todas as facetas desse plano, se quisessem.

— Você convidou Magnus e Alec? — Ele disse. — Eles sabem que nossos planos mudaram?

Nossos planos. Emma começou a relaxar.

— Claro. — disse Julian. — Convidei todos que achei que ficariam do nosso lado. E eu disse a todos que eu convidei que eles poderiam alcançar os outros em quem confiavam.

— Esta é provavelmente uma má ideia — disse Jace. — Tipo, uma ideia ruim de quebrar o recorde. Como uma má idéia de ir para baixo na história. Mas— Clary saltou para seus pés. — O que ele quer dizer é que estamos — disse ela. — Nós amamos idéias ruins.

— Isso é verdade — admitiu Jace, com um sorriso no rosto. De repente ele parecia ter dezessete novamente.

Aline foi a última a se levantar. — Tecnicamente, este é o meu Instituto — disse ela. — Nós fazemos o que eu digo. — Ela fez uma pausa. — E eu faço o que Helen quer. O que você quer, amor?

Helen sorriu. — Eu quero um conselho de guerra — disse ela.

— Vamos nos preparar.

27
LONGE E LIVRE

ELES FLUÍRAM ATRAVÉS DAS portas abertas do Santuário, um após o outro: Submundanos e Caçadores de Sombras em uma cascata aparentemente interminável.

Primeiro vieram os vampiros com seus rostos brancos como papel e elegância fria, encantados guarda-chuvas pretos erguidos no alto enquanto davam os poucos passos de seus carros de janelas escuras para as portas do Santuário, ansiosos para escapar do sol. Emma reconheceu Lily Chen entre eles, no braço de um vampiro alto com dreadlocks. Um bando de vampiros suecos loiros entrou conversando com os Lindquists, que administravam o Instituto de Estocolmo.

Havia lobisomens de todo o mundo: Luke Garroway, desalinhado e barbudo em sua jaqueta de flanela, a mãe de Clary, Jocelyn, ao seu lado. Lobisomens em kilts e hanboks e qipaos. Maia Roberts e Bat Velasquez — Emma sentiu uma pontada, pensando na outra versão deles em Thule: ainda juntos, ainda de mãos dadas.

Também havia bruxos, mais do que Emma já vira em um só lugar.

Catarina Loss, de pele azul e cabelos brancos: Ela marchou com Tessa e Jem, usando roupa de enfermeira, e olhou em volta pensativamente. Seus olhos brilharam em Kit, e ela olhou para ele com um reconhecimento silencioso de que ele, absorto em conversar com Ty, não percebeu.

Hypatia Vex, com seus cabelos bronzeados e pele escura, real e curiosa. Bruxos com asas de morcego, com cascos e guelras e olhos de arco-íris, com antenas delicadas e chifres de veado curvados.

Uma mulher com cara de morcego que foi até Cristina e começou a resmungar em espanhol. Um bruxo de pele escura com uma marca branca na bochecha em forma de teia de aranha.

E havia Caçadores de Sombras. Emma tinha visto muitos Caçadores de Sombras reunidos antes – ela esteve em algumas reuniões do Conselho – mas foi gratificante ver quantos responderam ao telefonema de Julian. Ele

estava na frente da sala, onde os Blackthorns e seus amigos haviam montado uma longa mesa apressadamente. Uma faixa enrolada estava pendurada na parede atrás dela. Julian se inclinou calmamente contra a mesa, mas Emma podia sentir a tensão correndo através dele como linhas elétricas enquanto os Caçadores de Sombras começaram a entrar no Santuário.

Julie Beauvale e Beatriz Mendoza, suas runas *parabatai* brilhando em seus antebraços. Marisol Garza, vestindo branco em memória de Jon Cartwright. Magnus e Alec tinham acabado de chegar com Maryse e seus filhos, e estavam de pé ao lado da porta em frente a Aline e Helen, cumprimentando os Submundanos enquanto as duas mulheres cumprimentavam os Caçadores das Sombras. Kadir Safar, do Conclave de Nova York, deu um aceno triste para Diana antes de falar com Maryse, que estava enrolando o pequeno Max azul no colo enquanto Rafe corria ao redor deles em círculos.

Os Romeros vieram da Argentina, os Pedrosos do Brasil, os Keos do Camboja e os Rosewain do norte da Inglaterra. Uma mulher pequena de cabelos escuros correu até Cristina e a abraçou com força. *A mãe de Cristina!* Emma teve um desejo de se curvar em reconhecimento à mulher que nomeara Diego Perfeito.

— É legal ver a Aliança em ação — disse Mark, que ajudava os outros a montar fileiras de cadeiras. Ele vestia um paletó escuro e sombrio na tentativa de parecer mais sério. Como o arranjo cuidadoso da comida na reunião no outro dia, o pequeno gesto fez o coração de Emma brilhar com ternura. Havia muitas maneiras de servir sua família, ela pensou. A de Julian estava em grandes e apaixonados gestos; A Mark era menor e mais calma, mas significativa da mesma forma. — Alec parece conhecer todos os Submundanos do lugar.

Era verdade – Alec cumprimentava uma garota lobisomem que falava em francês excitável e perguntava a ele algo sobre Rafael; um vampiro alto de cabelos escuros usando uma camiseta com caracteres chineses bateu nas costas dele, e Lily e Maia se aproximaram para conversar com ele em voz baixa. Mark de repente se endireitou. Emma seguiu seu olhar e viu que várias fadas tinham entrado no quarto. Ela colocou a mão no braço de Mark, imaginando se ele se lembrava da última vez que estivera nesse Santuário, quando a Caçada Selvagem o havia devolvido para sua família.

Kieran havia se virado– estivera falando com Julian em voz baixa– e também estava olhando: Gwyn entrara, é claro, o que todos esperavam, mas seguindo-o haviam vários outros. Entre as dríades e duendes e nixies Emma reconheceu vários pixies, o Povo das Fadas que ela e Julian tinham encontrado na Cornualha. Atrás deles veio um phouka alto em uma camiseta da JUSTIÇA POR KAELIE, e depois dele, uma mulher com um longo manto verde, o rosto escondido, mas um pouco de cabelo loiro-branco escapando, no entanto.

Emma se virou para Mark.

— É Nene.

— Eu preciso falar com ela. — Mark deu um tapinha no ombro de Emma e desapareceu do outro lado da sala para cumprimentar sua tia. Emma avistou tanto Kieran quanto Cristina observando-o, embora Cristina tivesse sido firmemente capturada por sua mãe e claramente não ia a lugar nenhum.

Emma olhou para Julian novamente. Ele havia se movido para trás da mesa e estava em pé com os braços ao lado do corpo. Helen e Aline se juntaram a ele atrás da mesa também. O resto da família estava reunido em um grupo de cadeiras à esquerda da sala, Kit e Ty juntos, Dru com a mão no ombro de Tavvy, virando-se para olhar para uma figura que acabara de entrar no Santuário.

Era Cameron. Ele estava sozinho, curvando-se um pouco como se esperasse que ninguém o visse, embora seu cabelo vermelho brilhante fosse como um farol. Emma não podia se ajudar; ela correu para ele.

Ele pareceu surpreso quando ela se aproximou dele e pegou as mãos dele nas dela.

— Obrigado por ter vindo, Cameron — disse ela. — Obrigado por tudo.

— O resto da minha família não sabe — disse ele. — Eles estão muito...

— Do lado da Tropa, eu sei — disse Emma. — Mas você é diferente.

Você é um cara legal. Eu sei disso com certeza agora, e me desculpe se eu já machuquei você no passado.

Cameron pareceu ainda mais alarmado.

— Não acho que devamos voltar — disse ele.

— Oh, definitivamente não — disse Emma. — Estou feliz por você estar bem.

Ela olhou para Julian, que estava acenando e dando um sinal de positivo para Cameron por trás da mesa. Parecendo apavorado, Cameron correu para

a segurança dos assentos.

Algum dia talvez ela contasse a ele sobre Thule.

Talvez.

Ela acenou para Simon e Isabelle quando eles entraram, de mãos dadas. Isabelle seguiu imediatamente para a mãe e Max.

Simon olhou para Kieran com um olhar de surpresa, antes de atravessar a sala para conversar com Vivianne Penhallow, a reitora da Academia dos Caçadores de Sombras. Às vezes, Emma se perguntava se Simon gostara de seu tempo na Academia. Ela se perguntou se *ela* gostaria de lá. Mas não fazia sentido pensar no futuro agora.

Ela olhou para Julian. As portas largas ainda estavam abertas e uma brisa estava passando, e por um momento Emma viu Livvy - não como ela estivera em Thule, mas a Livvy deste mundo - como uma visão ou uma alucinação, de pé atrás de Julian, sua mão seu ombro, seu cabelo etéreo subindo ao vento.

Emma fechou os olhos e, quando os abriu novamente, Julian estava sozinho. Como se ele pudesse sentir seu olhar, Julian olhou para Emma. Ele pareceu incrivelmente jovem para ela por um momento, como se ainda fosse o menino de doze anos que andara de um lado para o outro da estrada, arrastando sacolas pesadas, para garantir que seus irmãos e irmãs tivessem mantimentos.

Se você tivesse me contado, ela pensou. S *e eu soubesse quando você precisava de ajuda.*

Ela não poderia ser *parabatai* de Julian, ou seu parceiro, agora. Ela não podia sorrir para ele como Clary sorriu para Jace, ou colocar uma mão tranquilizadora contra suas costas do jeito que Alec fez com Magnus, ou segurar a sua mão como Aline segurou a de Helen.

Mas ela poderia ser sua aliada. Ela podia ficar com os outros na frente da sala e encarar a multidão, pelo menos. Ela começou a atravessar a sala em direção à mesa.

*

Mark alcançou Nene ao mesmo tempo que Helen. A tia parecia agitada, os dedos longos e pálidos trabalhando no material esmeralda de seu manto. Seus olhos dispararam entre eles quando se aproximaram, e ela deu um aceno pequeno e rígido.

— Miach — disse ela. — Alessa. É bom ver que vocês estão bem.

— Tia Nene — disse Helen. — É bom de você ter vindo, e está tudo bem?

— Recebi ordens para permanecer na Corte depois que a rainha voltou da Unseelie — disse Nene. — Ela ficou furiosa e desconfiada desde aquela época. Para eu estar aqui, desobedeci a uma ordem direta da minha monarca. — Ela suspirou. — É possível que eu nunca possa voltar à Corte.

— Nene — Helen parecia horrorizada. — Você não precisava vir.

— Eu queria — disse Nene. — Vivi com medo da rainha durante toda a minha vida. Vivi com medo do que desejava– deixar o tribunal e viver como uma das fadas selvagens. Mas você, minha sobrinha e sobrinho– vocês vivem entre os mundos e não têm medo.

Ela sorriu para eles, e Mark queria apontar que ele estava com medo na metade do tempo. Ele não fez isso.

— Eu farei o que puder para ajudá-lo aqui — disse ela. — Sua causa é justa. É hora de a Paz Fria chegar ao fim.

Mark, que não percebeu que Julian estava prometendo um fim para a Paz Fria, fez um leve barulho de asfixia.

— Adaon — disse ele. — Eu sei que Helen escreveu para você sobre ele. Ele salvou nossas vidas...

— Eu queria trazer a notícia para você mesmo. Adaon está bem — disse Nene. — Ele se tornou uma espécie de favorito da Rainha Seelie e subiu rapidamente na Corte.

Mark piscou. Ele não estava esperando por isso.

— Um *favorito* da Rainha Seelie?

— Eu acho que Mark quer saber se ele é amante da Rainha Seelie — disse Helen, com sua franqueza habitual.

— Oh, provavelmente. É bastante surpreendente — disse Nene.

— Fergus está sendo deixado de lado, pois ele já foi o favorito dela uma vez.

— Saudações, Nene — disse Kieran, caminhando até eles. Ele havia tirado o jeans e parecia o príncipe das fadas, como Mark o vira pela primeira vez, em calças de linho e fulvo. Seu cabelo era escuro, azul marinho noturno. — É bom ver você bem. Como está Adaon meu irmão? Não muito sob o polegar da Rainha?

— Só se ele quiser — disse Nene alegremente.

Kieran pareceu intrigado. Mark colocou o rosto nas mãos.

*

— Emma!

No meio do caminho para a mesa, Emma se virou e encontrou Jem se aproximando dela, com um sorriso tímido no rosto. Ela o viu entrar mais cedo, com Tessa, que agora estava sentada ao lado de Catarina Loss. Ela piscou para ele quando ele a alcançou; parecia séculos desde que ela o viu, o dia terrível do funeral de Livvy.

— Emma. — Jem pegou as mãos dela. — Você está bem?

Ele vê como pareço cansada, pensou ela. *Meus olhos inchados, roupas amarrotadas, quem sabe o que mais*. Ela tentou sorrir.

— Estou muito feliz em ver você, Jem.

A luz do candelabro iluminava as cicatrizes nas maçãs do rosto.

— Isso não é realmente uma resposta para a minha pergunta — disse ele. — Tessa me contou sobre Thule. Você esteve em uma jornada e tanto.

— Eu acho que todos nós estivemos — disse ela em voz baixa. — Foi horrível, mas estamos de volta agora.

Ele apertou as mãos dela e as soltou.

— Eu queria te agradecer — disse ele. — Por toda a ajuda que você e seus amigos nos prestaram para curar a doença do feiticeiro.

Você tem sido uma amiga melhor para mim do que eu fui para você, *mèi mei*.

— Não, você me ajudou muitas vezes — protestou Emma. Ela hesitou. — Na verdade, há uma pergunta que quero fazer a você.

Jem colocou as mãos nos bolsos.

— Claro, o que é?

— Você sabe como tirar as Marcas de um Caçador de Sombras? — disse Emma.

Jem parecia atordoado.

— O quê? — Ele olhou ao redor da sala como se quisesse se certificar de que ninguém estava olhando para eles; a maioria das pessoas ocupava seus lugares e, felizmente, olhava para a frente da sala com expectativa. — Emma, por que você me perguntaria sobre algo tão horrível?

Ela pensou rapidamente.

— Bem, a Tropa. Talvez a maneira de removê-los do poder não seja– não seja machucá-los, mas torná-los não mais Caçadores de Sombras. E você era um Irmão do Silêncio, então você poderia fazer isso, ou…

Sua voz sumiu com o olhar horrorizado no rosto dele.

— Emma, nem todas as decisões estão em seus ombros. A Clave será restaurada e *eles* vão lidar com a Tropa. — A voz de Jem se suavizou. — Eu sei que você está preocupada. Mas como um Irmão do Silêncio, eu fiz parte da cerimônia de tirar as Marcas de um Caçador de Sombras antes. É algo tão horrível que eu nunca iria repeti-lo. Eu *nunca* faria isso. Não sob quaisquer circunstâncias.

Emma sentiu como se estivesse engasgando.

— Claro. Me desculpe por ter mencionado isso.

— Está tudo bem. — Havia tanta compreensão em sua voz que partiu seu coração. — Eu sei que você está com medo, Emma. Nós todos somos.

Ela olhou enquanto ele se afastava. O desespero estava tornando difícil para ela respirar. *Eu tenho medo*, ela pensou. *Mas não da Tropa*. *De mim mesma*.

Emma tomou seu lugar atrás da mesa na frente da sala; Mark também se juntou ao pequeno grupo, e ela ficou ao lado dele, a alguma distância de Julian. As portas tinham sido fechadas e as tochas acesas, e filas e mais fileiras de rostos olhavam para elas das filas de cadeiras instaladas no meio da sala. Eles tinham ficado sem cadeiras, de fato, e alguns Submundanos e Caçadores de Sombras estavam encostados nas paredes, observando.

— Obrigado a todos por responderem à minha convocação — disse Julian. Emma podia sentir seus nervos, sua tensão, acelerando o ritmo de seu próprio sangue através de suas veias. Mas ele não mostrou nada disso. Havia um comando fácil em sua voz, a sala silenciosa enquanto ele falava sem que ele precisasse gritar. — Eu não vou arrastar nenhuma explicação ou introdução. Vocês sabe quem eu sou. Vocês conhecem minha irmã e meu irmão; Vocês conhecem Aline Penhallow e Emma Carstairs. Vocês sabem que a mãe de Aline, nossa cônsul, foi presa ilegalmente. Vocês sabem que Horace Dearborn tomou o poder em Idris…

— Ele foi votado — disse Kwasi Bediako, o feiticeiro que Emma havia notado antes, com a marca da aranha branca no rosto; Cristina sussurrou para ela que Bediako era o Alto Bruxo de Acra. — Não podemos fingir o contrário.

— Ninguém *votou* nele para jogar minha mãe na cadeia — disse Aline.

— Ninguém *votou* nele para remover o Cônsul do poder para que ele pudesse estar no comando.

— Há outros na cadeia também — disse a mãe de Cristina. Cristina, sentada ao lado dela, ficou vermelha. — Diego Rocio Rosales foi preso!

Por nada!

Kieran olhou para ela, um pequeno sorriso no canto da boca.

— Assim como minha prima Divya — disse Anush Joshi, um jovem com um corte de cabelo preto e um rosto ansioso. — O que você planeja fazer sobre isso? Interceder com o Conselho?

Julian olhou brevemente para as mãos, como se estivesse se recompondo.

— Todos... todos nós aqui– sempre aceitamos certa quantidade de preconceito da Clave como normal, por escolha ou necessidade.

O quarto estava quieto. Ninguém discordou, mas havia muitos olhos abatidos, como se estivessem envergonhados.

— Agora a Tropa mudou o que consideramos normal — disse Julian.

— Nunca antes os Submundanos foram expulsos de Idris. Nunca antes os Caçadores de Sombras prenderam outros Caçadores de Sombras, nem mesmo sem a pretensão de um julgamento.

— Por que nos importamos com o que os Caçadores de Sombras fazem uns aos outros? — Exigiu o phouka na camiseta da Kaelie.

— Porque esse é o primeiro passo, e o que eles farão com os Submundanos será pior — disse Emma, surpreendendo-se; ela não pretendia falar, apenas tinha que ficar ao lado de Julian. — Eles já registraram muitos de vocês.

— Então você está dizendo que precisamos lutar contra eles? — Disse Gwyn em sua voz retumbante. — Esta é uma chamada às armas?

Julie Beauvale levantou-se.

— Eles podem não ser uma boa Clave, mas ainda são Caçadores de Sombras. Há muitas pessoas que seguem a Tropa que estão com medo. Eu não quero ferir essas pessoas, e o medo delas é real, especialmente agora que Jace e Clary estão mortos. Eles eram nossos heróis e eu os conhecia...

— Julie — sussurrou Beatriz. — Sente.

— Jace e eu estávamos pessoalmente muito próximos — continuou Julie. — Eu não hesitaria em chamá-lo de meu melhor amigo, e eu...

— *Julie*. — Beatriz pegou a barra da camisa de Julie e puxou-a de volta em seu assento. Ela limpou a garganta. — Eu acho que o que Julie *quis dizer* é que você está dizendo que a Tropa quer destruir o governo, mas eu estou supondo, dado todo o segredo, que você *também* quer destruir o governo, e eu... Não sei como faremos isso sem ferir pessoas inocentes.

Houve um barulho de conversa. Nas sombras, Emma os viu– ela não sabia quando eles entraram, mas uma única Irmã de Ferro e um único Irmão do Silêncio ficaram imóveis contra a parede oposta, com os rostos na sombra.

Um leve arrepio passou por ela. Ela sabia que as Irmãs de Ferro estavam contra a Tropa. Ela não sabia sobre os Irmãos do Silêncio.

Ambos pareciam emissários da Lei, permanecendo ali em silêncio.

— Não estamos sugerindo destruir o governo — disse Julian.

— Estamos dizendo que já está sendo destruído agora, de dentro. A Clave foi construída para dar voz a todos os Caçadores de Sombras.

Se todos nós estamos sem voz, então não é o nosso governo. A Lei foi promulgada para nos proteger e nos permitir proteger os outros.

Quando as leis são dobradas e quebradas para colocar o inocente em perigo, então não é a nossa lei. Valentim queria governar a Clave.

Sebastian queria queimá-la. Queremos apenas devolver nosso legítimo Cônsul ao poder e permitir que o governo dos Caçadores de Sombras seja o que deveria ser– não uma tirania, mas uma representação de quem somos e do que queremos.

— Essas são algumas palavras bonitas — disse o lobisomem francês que estava falando com Alec anteriormente. — Mas Jace e Clary eram amados do seu povo. Eles vão querer uma guerra contra aqueles que os prejudicaram, — Sim — disse Julian. — Eu estou contando com isso.

Não houve nenhum gesto, nenhum sinal de que Emma pudesse ver, mas as portas do Santuário se abriram e Jace e Clary entraram, como se fosse uma sugestão.

No começo não houve reação da multidão. A luz das tochas eram brilhantes, e nenhum dos dois estava em marcha: Jace usava jeans e Clary um vestido azul liso. Enquanto passavam pela multidão, as pessoas piscaram para eles até que, finalmente, Lily Chen, parecendo irritada, se levantou e disse, em voz alta e entediada: — Eu não posso acreditar em meus próprios olhos. Não são Jace Herondale e Clary Fairchild, de volta DOS MORTOS?

A reação que atravessou a multidão foi elétrica. Clary olhou com algum alarme quando o rugido cresceu; Jace apenas sorriu quando os dois se juntaram a Emma e os outros atrás da longa mesa. Lily retomou o assento e examinou as unhas.

Julian estava chamando as pessoas para ficarem quietas, mas sua voz foi abafada pelo barulho. Sentindo que esta era uma área em que ela poderia se sobressair, Emma pulou sobre a mesa e gritou.

— TODOS — ela gritou. — TODOS CALEM A BOCA.

O nível de decibéis caiu imediatamente. Emma podia ver Cristina rindo, a mão sobre a boca. Ao lado dela, Jace atirou com os dedos em Julie Beauvale, que ficara cor-de-rosa brilhante.

— É bom ver você, melhor amiga — ele disse.

Os ombros de Simon estavam tremendo. Isabelle, que estava assistindo com um meio sorriso, deu um tapinha nas costas dele.

Clary franziu o nariz para Jace e depois se virou para a multidão.

— Obrigada — ela disse, sua voz baixa, mas carregada.

— Estamos felizes por estarmos aqui.

A sala caiu em silêncio.

Emma pulou da mesa. Julian estava examinando a assembléia, as mãos presas atrás das costas, como se perguntando o que ele achava da situação que ele arquitetou. As pessoas estavam olhando, extasiadas e silenciosas, para Clary e Jace. *Então é assim que é ser heróis*, Emma pensou, olhando as expressões nos rostos da multidão.

Ser aqueles com sangue de anjo, aqueles que literalmente salvaram o mundo. As pessoas olham para você como se… quase como se você não fosse real.

— O inquisidor Lightwood nos mandou para o Reino das Fadas — disse Clary. — Para procurar uma arma na posse do Rei Unseelie, uma que seria mortal para os Caçadores de Sombras. Descobrimos que o Rei Unseelie havia aberto um Portal para outro mundo, um sem magia angelical. Ele estava usando a terra daquele outro mundo para criar a praga de que você ouviu falar– a que come através da Floresta Brocelind.

— Essa praga foi erradicada na noite anterior — disse Jace. — Por uma equipe de Nephilim e Povo das Fadas, trabalhando juntos.

Agora o silêncio quebrou: Houve um zumbido de vozes confusas.

— Mas nós não somos os únicos Nephilim trabalhando com fadas — disse Clary. — O atual Rei Unseelie, Oban e a Tropa têm trabalhado juntos. Foi a Tropa que providenciou que ele fosse colocado no trono.

‘ — Como sabemos que isso é verdade? — gritou Joaquin Acosta Romero, do Instituto Buenos Aires. Ele estava sentado ao lado da garota lobisomem francesa, com o braço ao redor dos ombros dela.

— Porque eles não fizeram nada além de mentir para vocês — disse Mark. — Eles disseram que Jace e Clary estavam mortos. Eles disseram que fadas mataram eles. Aqui estão eles, vivos.

— Por que a Corte Unseelie concorda em fazer parte de um esquema no qual eles são culpados por assassinato? — disse Vivianne Penhallow.

Todos olhavam com expectativa para Julian.

— Porque a Tropa e o Rei Unseelie já concordaram exatamente com o que ambos receberão dessa negociação — disse ele. — A negociação é uma performance. É por isso que Horace está projetando para que todos os Caçadores de Sombras possam vê-lo.

Porque o desempenho é mais importante que o resultado. Se ele é visto como conseguir o que quer do Povo da Fadas, então a confiança na Tropa crescerá tão forte que nunca teremos a chance de derrubá-los.

Emma tentou esconder um sorriso. *Você está de volta, Julian*, pensou ela.

— Este é um governo que vai assassinar o seu próprio povo para controlá-lo — disse Jace. O sorriso desapareceu de seu rosto e qualquer pretensão de divertimento: sua expressão era pedregosa e fria. — Desta vez, fomos nós. Por sorte, sobrevivemos e estamos aqui para contar nossa história. O Inquisidor deve defender a lei. Não se esconder atrás disso como um álibi para assassinar os seus próprios Caçadores de Sombras.

— Que tal assassinar aqueles que não são Caçadores de Sombras?

— falou uma naga sentada perto de alguns membros da família Keo.

— Nós somos contra isso também — disse Jace.

— Já tivemos membros ruins do nosso governo — disse Julian. — Mas isso é diferente. Eles quebraram o sistema que pode consertar a situação. Eles estão manipulando a Clave, manipulando todos nós.

Eles estão criando a ilusão de ameaças para nos controlar por medo.

Eles alegam que as fadas assassinaram Jace e Clary para que eles possam declarar uma guerra injustificada– e sob o manto desse caos, eles colocam nosso Cônsul na prisão. Quem pode falar contra a guerra agora?

Um Nephilim loiro levantou a mão. — Oskar Lindquist aqui — disse ele. — Instituto de Estocolmo. Você está dizendo que não devemos ir a Alicante? A negociação está marcada para amanhã. Se não chegarmos lá esta noite, seremos considerados desertores.

Traidores.

— Não — disse Julian. — Na verdade, precisamos que você se junte aos outros Caçadores de Sombras de Alicante como se tudo estivesse normal.

Não faça nada para alarmar a Tropa. A discussão vai acontecer nos campos imperecíveis. Nós, a resistência, vamos interrompê-lo, com todo mundo assistindo. Apresentaremos nossa prova e, quando isso for feito, precisaremos de você para defender a Clave e fazer com que a Clave seja responsável pelo que fez.

— Nós somos a prova — acrescentou Jace, indicando a si mesmo e Clary.

— Eu acho que eles sabiam disso — Emma murmurou. Ela viu Jem, na platéia, dar-lhe um olhar divertido e ficou tensa. *É algo tão horrível que eu nunca iria repeti-lo. Eu nunca faria isso. Não sob nenhuma circunstância.*

Ela determinadamente colocou suas palavras fora de sua mente. Ela não conseguia pensar nisso agora.

— Por que isso durante a discussão? — disse Morena Pedroso, chefe do Instituto do Rio. Uma garota de aparência entediada com a idade de Dru, com longos cabelos castanhos, sentou-se ao lado dela. — Por que não confrontá-los mais cedo?

— Horace quer– não, ele *precisa*– que todo mundo o veja triunfar sobre as forças Unseelie — disse Julian. — Cada Caçador de Sombras em Idris vai estar observando-o através de uma projeção massiva. — Houve um murmúrio de surpresa entre os Submundanos.

— Isso significa que eles poderão ver e ouvir não apenas ele, mas se nos unirmos a ele– nós. Essa é a nossa chance. A Tropa está reunindo todos de uma forma que não temos o poder de fazer. Esta é a nossa oportunidade de mostrar a todos os Caçadores de Sombras o que a Tropa realmente é.

— E se chegar a uma batalha? Nós estaremos lutando contra outros Caçadores de Sombras — disse Oskar Lindquist. — Tenho certeza de que não sou o único que não quer isso.

— Espero que possamos fazer isso sem lutar — disse Julian. — Mas se chegar a ter uma batalha, devemos estar prontos.

— Então você tem um plano para Caçadores de Sombras — disse Hypatia Vex. Ela olhou para Kit e Ty e piscou; Emma se perguntou sobre o que era aquilo, mas não teve tempo de pensar nisso. — E

nós? Por que você trouxe os Submundanos aqui?

— Para testemunhar — disse Julian. — Estamos alinhados aqui.

Estamos do mesmo lado contra a Tropa. Sabemos que somos melhores, mais fortes, quando Submundanos e Caçadores de Sombras trabalham

juntos. E queríamos que vocês soubessem que, mesmo que a Tropa seja barulhenta e odiosa, eles são uma minoria.

Vocês têm aliados. — Ele olhou ao redor da sala. — Alguns de vocês estarão conosco. Kieran Kingson. Magnus Bane. Mas quanto ao resto de vocês, depois que os Caçadores de Sombras atravessarem os Portais para Idris, vocês precisarão voltar para casa para o seu povo.

Porque se vocês não souberem de nós depois da discussão, vocês podem assumir que fomos derrotados. E se formos derrotados, vocês estarão em perigo.

— Podemos resistir à Tropa — disse Nene, e Mark a olhou surpreso.

— Há muito menos deles do que os Submundanos.

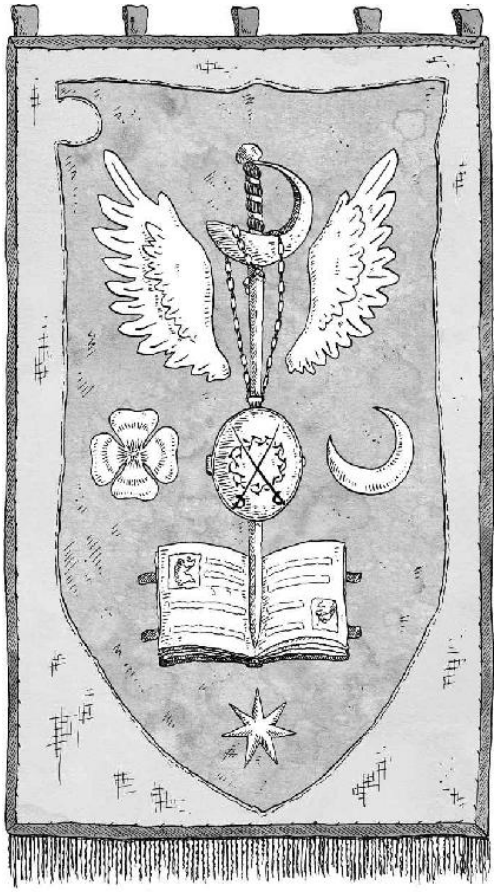
— Se perdermos, não será apenas a Tropa que você precisará temer — disse Julian. — Uma vez que bons Caçadores de Sombras não possam mais enfrentá-los, eles começarão a destruir e controlar os Seres do Submundo. E enquanto eles fizerem isso, não haverá ninguém para resistir à maré do mal de outros mundos. Eles se preocupam tanto com seu preconceito, sua pureza imaginada e suas leis, que esqueceram nosso mandato: *Proteger este mundo dos demônios*.

Um sussurro percorreu a sala; um som de horror. *Eu vi o mundo invadido por demônios*, Emma quis dizer. *Não há lugar para os Submundanos*.

— Somos um exército. Uma resistência — disse Emma. — Estamos buscando justiça. Não será bonito, mas só vai piorar. Quanto mais esperarmos, mais danos eles causarão e mais sangue será derramado ao tentar impedi-los — Horace não quer uma guerra — disse Diana. — Ele quer glória. Se parecer que ele está enfrentando perigo, eu acredito que ele vai recuar.

— Se somos um exército, como somos chamados? — disse Simon.

Julian virou-se e desatou a lona enrolada pendurada na parede atrás dele, que havia sido mantida no lugar com tachas. Um suspiro subiu enquanto se desenrolava



Julian havia pintado uma bandeira, do tipo que um exército levaria antes em tempo de guerra. O item central era um sabre, apontando para baixo, pintado de um ouro pálido cintilante. Atrás do sabre estendia-se um par de asas de anjo, enquanto em toda a volta se agrupavam símbolos do Submundo– uma estrela para vampiros, um livro de feitiços para bruxos, uma lua para lobisomens e um trevo de quatro folhas para fadas.

Pendurado no punho do sabre havia um medalhão com um círculo de espinhos na frente.

— Somos chamados de a Armada de Lívia — disse Julian, e Emma viu Ty endireitar-se em sua cadeira. — Levamos esta bandeira em honra de minha irmã, para que todos os que foram feridos pela Tropa não sejam esquecidos.

Jace varreu seu olhar ao redor do quarto. — Se houver alguém que não queira lutar ao nosso lado, eles podem partir agora. Sem ressentimentos.

A sala ficou em silêncio. Nenhuma cadeira se mexeu. Nenhuma pessoa se levantou. Ainda encostada na parede perto das portas, a Irmã de Ferro e

o Irmão Silencioso que tinham vindo observar o procedimento estavam imóveis.

* * *

Dru, sentada em um outeiro de grama, observou uma dúzia de feiticeiros criando Portais no gramado da frente do Instituto.

Certamente não era algo que ela já pensou que iria ver. Um feiticeiro ocasional ou Portal, claro, mas não muitos deles ao mesmo tempo.

Através dos Portais, ela podia ver os campos em frente aos muros de Alicante: Era impossível entrar diretamente na cidade dos Caçadores de Sombras sem permissão prévia; o mais próximo que você poderia conseguir era os portões da frente. O que era bom de qualquer maneira, porque os Caçadores de Sombras precisavam checar com a Tropa e se certificar que Dearborn sabia que eles estavam lá. Dru estava um pouco desapontada– ela esperava que eles estivessem correndo para a cidade, espadas piscando, mas esse não era o estilo de Julian. Se ele pudesse conseguir o que queria sem uma briga, ele conseguiria.

A poucos metros de distância, Tavvy estava zumbindo, correndo com um velho carrinho de brinquedo para cima e para baixo em uma rocha lisa.

Ela sentou sozinha durante a reunião, embora Kit tivesse lhe dado um sorriso encorajador em um momento. E ela tinha visto Julian olhar para ela quando ele disse "a Armada de Lívia." Ele olhou para todos eles, espalhados pela sala: Mark e Helen, Dru e Tavvy, e por último, Ty.

Dru estava preocupada desde a noite anterior, quando Ty saíra daquela estranha caverna perto da praia. Kit o seguiu e não estava lá, como ela estava, para ver o olhar no rosto de Ty quando ele saiu pela primeira vez. Foi um olhar difícil de explicar. Metade como se ele pudesse chorar e meio como se ele pudesse quebrar o jeito que ele às vezes fazia quando as coisas o dominavam. Livvy sempre foi capaz de acalmá-lo, mas Dru não sabia se ela poderia fazer o mesmo. Ela não era uma substituta de Livvy.

Então Kit saiu do escritório e a expressão de Ty mudou, como se ele tivesse percebido alguma coisa. E Kit pareceu aliviado, e Dru também queria se sentir aliviada.

Ela se preocupou com Ty quando Julian revelou o banner, e havia o medalhão de Livvy, o que Ty usava agora, enrolado em torno de um sabre. E quando Julian disse as palavras "a Armada de Lívia", lágrimas quentes queimaram a parte de trás dos olhos de Dru. Ela se sentiu orgulhosa, mas

também vazia, onde a peça dentro dela que tinha sido Livvy havia se perdido na escuridão.

Julian estava ao lado das portas do Santuário, falando com a Irmã de Ferro de cabelos escuros que havia chegado à reunião. Os últimos dos Caçadores de Sombras estavam passando pelos Portais. Alguns dos Submundanos permaneceram dentro do Santuário, evitando o sol; outros se levantaram, olharam para o oceano e conversaram entre si. Maryse Lightwood estava ao lado do Portal que Magnus criara, sorrindo enquanto observava Max e Rafe correrem em círculos ao redor de Alec.

Rochas e areia rangeram: Dru olhou para cima e viu Julian parado em cima dela, em silhueta ao sol. — Ei, garota. — disse ele.

— O que está acontecendo com as Irmãs de Ferro e os Irmãos do Silêncio? — Perguntou Dru. — Eles estão do nosso lado?

— As Irmãs de Ferro já rejeitaram a Tropa — disse Julian. — Elas estão nos apoiando. A irmã Emilia até teve uma boa ideia sobre a Espada Mortal. Os Irmãos do Silêncio são... bem, não são neutros. Eles também não gostam da Tropa. Mas qualquer deserção da sua parte será mais óbvia e poderá dar a nossa mão. Eles vão se posicionar em Alicante para ficar de olho nas coisas e evitar que a Tropa fique desconfiada.

Essa era uma das coisas que Dru amava sobre Julian. Ele não falou com ela, nem mesmo sobre estratégia.

— Falando de Alicante — disse ela. — É hora de irmos, hein?

Ela sabia que isso estava chegando. Julian havia contado sobre isso antes da reunião. Ela pensou que ficaria bem com isso, considerando que *queria* entrar em Alicante, e essa era praticamente a única maneira de acontecer.

Não que Julian soubesse disso. Ela torceu o rosto em uma expressão triste. — Eu não vejo porque você tem que nos deixar para trás.

— Eu não vou te deixar para trás — disse Julian. — Estou te enviando à frente. Você faz parte da Armada de Lívia. Não se esqueça disso.

Dru continuou a franzir o cenho. Tavvy ainda estava brincando com seu carro, mas ele também estava observando-os com o canto do olho. — Semânticos não são amigos de ninguém.

Julian se ajoelhou na frente dela. Dru ficou surpresa; ela não teria pensado que ele iria querer sujar os joelhos quando ele estivesse vestindo roupas bonitas, mas aparentemente ele não se importava.

— Dru — ele disse. — Eu não posso te deixar aqui. Não é seguro. E eu não posso levá-lo para onde estamos indo. Pode haver uma batalha. Uma

grande batalha.

— Eu posso lutar — disse Dru.

Julian colocou os dedos sob o queixo e levantou o rosto para que ela estivesse olhando diretamente para ele. Ela se perguntou se era assim que a maioria das crianças olhava para os pais. Esse era o rosto que ela associava com elogios e repreensões, com assistência noturna de pesadelo e chocolate quente quando era necessário e Band-Aids quando se precisavam deles. Julian segurou sua mão na aplicação de suas primeiras Marcas. Foi ele quem colocou seus terríveis desenhos na geladeira com ímãs. Ele nunca esqueceu um aniversário.

E ele ainda era um garoto. Foi a primeira vez que ela foi capaz de olhar para ele e ver. Ele era jovem, mais jovem que Jace e Clary ou Alec e Magnus. E, no entanto, ele se levantou na frente do Santuário cheio de pessoas e disse a eles o que eles iam fazer, e eles ouviram.

— Eu sei que você pode lutar — disse ele. — Mas se eu acho que você está em perigo, eu não sei se *eu* posso.

— E Kit e Ty?

Ele sorriu para ela.

— Não diga a eles, mas Magnus prometeu se certificar de que eles não chegariam perto da batalha real.

Dru deu um sorriso relutante.

— Vai ser um saco não saber se vocês estão bem.

— Todos nós estaremos usando as runas Familias — disse Julian.

— Tavvy também. Então isso é alguma coisa. Se você precisa saber como um de nós está, ative a sua. Seus olhos escureceram. — Dru, você sabe que eu te protegeria até meu último suspiro, certo? Eu daria minha última gota de sangue para você. E Emma também.

— Eu sei — disse Dru. — Eu também te amo.

Ele puxou-a para um abraço rápido, depois se levantou e ofereceu sua mão. Ela deixou que ele a colocasse de pé e limpou o pó quando ele pegou Tavvy. Ela seguiu atrás dos dois enquanto se dirigiam para Maryse, Max e Rafe. Ela não queria parecer como se estivesse ansiosa para ir a Alicante. Ela se sentiu um pouco mal por enganar Julian, mas se havia alguma coisa que ela aprendeu com Kit e Ty nas últimas semanas, foi que às vezes você tinha que enganar um trapaceiro em seu próprio jogo.

***

— Mas por que os pequenos estão indo? — disse Gwyn enquanto Diana observava Max, depois Rafe, depois Tavvy passava pelo Portal para Alicante. — Eu entendi que Julian queria mantê-los todos juntos.

Diana suspirou e escorregou a mão na de Gwyn.

— É porque ele os ama e por isso está mandando eles embora.

Batalha não é lugar para uma criança.

— Temos crianças na caça selvagem. Com apenas oito anos, às vezes — disse Gwyn.

— Sim, mas nós também vimos como isso é uma coisa ruim, Gwyn.

— Às vezes eu esqueço todas as lições que você me ensina — disse Gwyn, mas ele parecia divertido. Dru estava apenas atravessando o Portal para Alicante: Ela se virou no último momento e olhou para Julian. Diana o viu acenar encorajando a irmã enquanto Dru entrava no redemoinho e se fora. — Não é certo que haverá uma batalha também.

— Não é certo que não haverá — disse Diana. Julian se afastou do Portal; o olhar encorajador que ele usara para Dru e Tavvy tinha desaparecido, e ele parecia oco e triste. Ele se dirigiu para as portas do Instituto.

Os rostos falsos que usamos para os que amamos, pensou Diana.

Julian iria sangrar por essas crianças e nunca pediria um curativo com medo de que as perturbasse. — As crianças estarão seguras com Maryse. E não ficar preocupados com eles vai liberar Julian e o resto de nós para fazer o que precisamos fazer.

— E o que é que vocês precisam fazer?

Diana inclinou a cabeça para trás para olhar para Gwyn.

— Ser guerreiros.

Gwyn tocou um cacho de cabelo.

— Você é uma guerreira todos os dias.

Diana sorriu. Julian tinha chegado às portas do Santuário e tinha se virado para lá, olhando para o grupo em frente ao Instituto: uma

coleção heterogênea de feiticeiros, Caçadores de Sombras e um grupo de lobisomens jogando saco hacky.

— Hora de entrar — disse ele, sua voz carregando o som do mar. — O encontro real está prestes a começar.

***

Da janela do Gard, Manuel podia ver Caçadores de Sombras atravessando o Grande Portão, a entrada principal da cidade de Alicante.

Todas as saídas estavam guardadas agora e protegidas contra a ameaça imaginária de invadir as terras dos Unseelie.

— Não parece que a reunião dos Blackthorns foi um sucesso — disse Horace. Ele podia ver a janela da grande mesa do Inquisidor. Era estranho, pensou Manuel; ele ainda não pensava em Horace como o Inquisidor. Talvez porque ele nunca se importou com quem era o Inquisidor ou o Cônsul. Eram posições de poder e, portanto, desejáveis, mas não possuíam nenhum significado inerente. — As famílias que ele convidou para sua pequena insurreição ainda estão chegando.

Zara entrou sem bater, como era seu estilo habitual. Ela usava seu uniforme de Centurião, como sempre fazia. Manuel achou pretensioso.

— As Rosewains estão aqui, e os Keos, e os Rosaleses. — Ela estava fumegando. — Todos eles chegaram ao mesmo tempo, através dos portais. É como se eles nem estivessem *tentando* esconder isso.

— Oh, eu não sei — disse Manuel. — Se não tivéssemos sido avisados sobre a reunião, eu não acho que teríamos notado. Muitas pessoas indo e vindo.

— Não *elogie* Julian Blackthorn — disse Zara, carrancuda. — Ele é um traidor.

— Oh, claramente — disse Manuel. — Mas agora vamos puni-los, o que eu vou gostar.

— Eu tenho certeza que você vai. — Zara deu a ele um olhar superior, mas Manuel sabia que ela iria desfrutar do castigo dos Blackthorns tanto quanto ele. Ambos odiavam Emma. Obviamente, Manuel tinha um bom motivo– ela o mostrara desrespeito na última reunião do Salão dos Acordos – enquanto Zara estava apenas com inveja.

— Vamos fazer um exemplo deles — disse Horace. — Depois da discussão. Não os Blackthorns mais novos– ninguém gosta de ver uma criança morrer, mesmo que as sementes do mal estejam nelas.

Mas Julian certamente, e aquele irmão mestiço e sua irmã. A garota Carstairs, claro. Aline Penhallow é uma questão complicada...

A porta se abriu. Manuel olhou ao redor com curiosidade; havia apenas um outro visitante no escritório de Horace que, como Zara, nunca se incomodou em bater.

Um alto e louro Caçador das Sombras entrou no quarto. Manuel o vira mais cedo, passando pelos Grandes Portões. Oskar Lindquist, tendo se separado do resto de sua família igualmente loira.

Horace olhou para cima. Seus olhos brilharam.

— Feche a porta atrás de você.

Oskar fez um som entre um rosnado e uma risada, fechando e trancando a porta do escritório. Houve um leve brilho no ar quando ele se virou e começou a mudar. Era como ver água derramando sobre uma pintura, distorcendo e alterando as linhas dela.

Zara soltou um leve ruído de nojo quando a cabeça de Oskar caiu para trás e seu corpo se contraiu, seu cabelo escureceu e caiu sobre seus ombros, sua espinha se comprimindo enquanto ele se encolhia em uma moldura menor, as linhas de sua mandíbula. suavizando em um novo e familiar esboço.

Annabel Blackthorn olhou para eles com olhos azul-esverdeados firmes.

— Então, como foi a reunião? — Horace disse. — Supomos que não tenha corrido bem, considerando o número de Caçadores de Sombras retornando a Idris.

— Eu acredito que foi como pretendido. — Horace franziu a testa enquanto Annabel sentou-se rigidamente em uma cadeira em frente à sua mesa. Zara a observou cautelosamente; Horace continuava se referindo a Annabel como o presente do Rei Unseelie para ele, mas talvez Zara não o considerasse um presente. — Exceto pelo fato de que eu estava lá.

— Ninguém imaginou que você não fosse Oskar? — disse Zara.

— Obviamente não. — Annabel estava estudando as mãos como se não fossem familiares para ela. — O plano deles é simples ao ponto de ser rudimentar. O que poderia ser visto como uma vantagem– menos para dar errado.

Horace se inclinou para frente, braços descansando em sua mesa.

— Você está dizendo que devemos estar preocupados?

— Não — disse Annabel, tocando o frasco de vidro gravado em sua garganta, pensativo. Líquido vermelho rodou dentro dela. — O elemento de surpresa foi sua única vantagem. Tolos deles para assumir que não seriam traídos. — Ela sentou-se na cadeira.

— Vamos começar com o básico. Jace Herondale e Clary Fairchild ainda estão vivos...

*

Emma estava na porta do Instituto. O último dos Submundanos tinha ido embora, e todos eles partiriam para Brocelind em breve. O Irmão Shadrach

havia assegurado a Julian e aos outros que todos os guardas em Idris tinham sido chamados à cidade para a discussão. A floresta estaria deserta.

O sol da tarde brilhava no mar e, a distância, ela se perguntou se, depois de hoje, jamais voltaria a ver o Oceano Pacífico. Há muito tempo seu pai lhe dissera que as luzes que dançavam na superfície da água do mar vinham de jóias brilhantes por baixo, e que, se você alcançasse sob a superfície, poderia pegar uma jóia em sua mão.

Ela estendeu a mão na frente dela agora, com a palma para cima, e pensou nas palavras de Jem, e depois nas de Diana.

S*uas runas começaram a queimar como fogo, como se tivessem fogo em suas veias em vez de sangue. Linhas pretas espalhadas por seus corpos e eles se tornaram monstruosos - fisicamente monstruosos.*

Do outro lado do interior do seu antebraço, onde a pele era pálida e lisa, havia uma faixa escura de linhas pretas, como rachaduras de mármore, quase do tamanho da palma da mão.

PARTE TRÊS

Lady Vingança



Seus fortes encantamentos falharam,
Suas torres de medo em ruínas,
Seus galhos secos de venenos
E a faca no pescoço dela,

A Rainha do Ar e da Escuridão
Começou com um choro agudo,
“Oh meu jovem, ó meu matador,
Amanhã você morrerá.”

Ó Rainha do Ar e da Escuridão,
É verdade o que você diz,
E Eu vou morrer amanhã;
Mas você morrerá hoje.

—A. E. Housman, “Seus Fortes Encantamentos Falharam”

28
E Sombras Lá

FOI LEGAL NA FLORESTA BROCELIND; a invasão do outono acrescentou uma mordida fria de metal no ar que Emma podia sentir em sua língua.

O silêncio veio subitamente depois da viagem de Portal, a montagem de tendas em um espaço aberto entre as árvores antigas e a terra verde. Estavam longe das áreas arruinadas, Diana prometeu-lhes – ao longe, sobre os topos das árvores, Emma podia ver o brilho das torres demoníacas de Alicante.

Ela ficou em pé, observando onde eles estavam acampando.

Havia cerca de uma dúzia de barracas, montadas em fileiras, cada uma com duas tochas acesas na frente das portas de flape. Elas eram aconchegantes por dentro, com tapetes grossos no chão e até mesmo cobertores.

Alec deu a Magnus um olhar de lado quando eles apareceram do nada.

— Eu *não* os roubei — Magnus disse, olhando atentamente para as unhas. — Eu peguei emprestado.

— Então você vai devolvê-los para a loja de camping? — disse Alec, com as mãos nos quadris.

— Na verdade eu os consegui de um armazém que fornece adereços para filmes — disse Magnus. — Levará anos até que alguém perceba que eles se foram. Não — ele acrescentou apressadamente — que não vou devolvê-las, é claro. Todos, tentem não colocar fogo em suas barracas! Elas não são nossa propriedade!

— Normalmente, alguém as incendeia? — disse Kieran, que tinha sua própria tenda – Mark e Julian compartilhavam uma, e Emma compartilhava outra com Cristina. — Isso é uma tradição?

Mark e Cristina sorriram para ele. A estranheza acontecendo com os três estava ficando mais intensa, Emma pensou, e resolveu perguntar a Cristina sobre isso.

A oportunidade chegou mais cedo do que ela estava pensando.

Ela estava inquieta sozinha dentro da tenda – Cristina estava ajudando Aline e Julian, que se encarregaram de cozinhar o jantar.

Todo mundo estava murmurando em torno de mapas e planos, exceto Jace, que tinha caído visivelmente, dormindo com a cabeça no colo de Clary.

Emma não conseguia se concentrar. Seu corpo e mente zumbiam com energia. Tudo o que ela queria era conversar com Julian. Ela sabia que não podia, mas a necessidade de dizer a ele tudo era doloroso. Ela nunca havia tomado uma decisão tão importante sem dizer a ele antes.

Ela acabou vestindo rapidamente um suéter e deu uma volta pelo perímetro do acampamento. O ar cheirava tão diferente ali do que em casa – pinheiros, bosques verdes, fumaça de fogueira. No interior, sem cheiro de sal ou mar. Ela subiu a pequena elevação rochosa sobre o acampamento e olhou para baixo.

Amanhã eles cavalgariam para desafiar Horace Dearborn e sua Tropa. Muito provavelmente haveria um confronto. E seu *parabatai*, aquele que sempre lutou ao lado dela, estaria perdido para ela. De uma forma ou de outra.

O sol estava se pondo, provocando o brilho distante das torres demoníacas. Emma podia ouvir os pássaros noturnos cantando nos bosques próximos e tentou não pensar no que mais havia na floresta.

Ela se sentiu tremendo – não, ela estava *tremendo*. Ela se sentiu desorientada, quase tonta e seu processo cognitivo estranhamente difuso, como se sua mente estivesse correndo muito rápido para ela se concentrar.

— Emma! — Cristina estava subindo a ladeira em direção a ela, seus olhos escuros cheios de preocupação. — Eu procurei você na tenda, mas você não estava lá. Você está bem? Ou você está de vigia?

Se recomponha, Emma.

— Eu apenas pensei que alguém deveria tentar ficar de olho nas coisas, você sabe, no caso de uma parte dos membros da Tropa decidisse dar uma olhada mais de perto na Brocelind.

— Então você está de vigia — disse Cristina.

— Talvez — disse Emma. — O que está acontecendo com você e Kieran e Mark?

— *Ay ay*! — Cristina sentou-se em uma pedra, batendo sua testa suavemente contra sua mão. — Sério? Agora?

Emma sentou-se ao lado da amiga.

— Nós não temos que falar sobre isso, se você não quiser. — Ela apontou o dedo indicador para Cristina. — Se nós duas morrermos na batalha amanhã, nunca vamos falar sobre isso, e você nunca vai ter o benefício da minha enorme sabedoria.

— Olhe para essa garota louca — disse Cristina, apontando para uma audiência invisível. — Tudo bem, tudo bem. O que faz você pensar que algo novo está acontecendo, afinal?

— Eu vejo a maneira como todos vocês se olham. Eu nunca vi nada parecido — disse Emma.

Cristina ficou sóbria imediatamente, sua mão indo para o medalhão de anjos em sua garganta como costumava fazer quando estava nervosa.

— Eu não sei o que fazer — disse ela. — Eu amo os dois. Eu amo Mark e eu amo Kieran. Eu amo os dois de maneiras diferentes, mas com não menos intensidade.

Emma falou com cuidado.

— Eles estão pedindo para você escolher entre eles?

Cristina olhou para o pôr do sol, listras de ouro e vermelho acima das árvores.

— Não. Não, eles não estão me pedindo para escolher.

— Eu entendo — disse Emma, que não tinha certeza se havia entendido. — Então…

— Decidimos que era impossível — disse Cristina. — Kieran, Mark e eu... estamos todos com medo. Se estivéssemos juntos, do jeito que queremos estar, traríamos sofrimento para aqueles que amamos.

— Sofrimento? Por quê? — As mãos de Emma estavam tremendo de novo; ela as empurrou entre os joelhos para que Cristina não visse.

— Kieran teme pelo Reino das Fadas — disse Cristina. — Depois de tantos Reis terríveis, depois de tanta crueldade, ele deseja voltar e ocupar um lugar na Corte e cuidar do bem-estar de seu povo.

Ele não pode se afastar disso, e nem Mark, nem eu queremos que ele o faça. Mas para nós... Não podemos conhecer o futuro. Mesmo se a Tropa se for, isso não significa o fim da Paz Fria. Mark tem medo por Helen, por todos os Blackthorns, que se ele estivesse envolvido com um príncipe do Reino das Fadas e todos soubessem disso, sua família seria punida. Temo o mesmo pela minha família. Então isso nunca funcionaria. Você entende?

Emma girou um pedaço de grama entre os dedos.

— Eu nunca julgaria você — disse ela. — Primeiro porque é você, e segundo porque dificilmente tenho o direito de julgar alguém.

Mas eu acho que você está deixando o seu medo ficar no caminho do que você realmente quer, porque o que você realmente quer é o que você tem medo.

Cristina piscou.

— O que você quer dizer?

— Do lado de fora, aqui está o que eu vejo — disse Emma. — Quando Mark e Kieran estão sozinhos juntos, eles são puxados para o seu passado difícil. Isso os consome. Quando Mark e você estão juntos, ele se preocupa que ele não é bom o suficiente para você, não importa o que você diga. E quando Kieran e você estão juntos, às vezes você não consegue superar o abismo entre o entendimento dos Caçadores de Sombras e o entendimento das fadas. Mark ajuda você a superar esse abismo. — O sol estava quase se pondo, o céu azul escuro, a expressão de Cristina estava perdida na sombra. — Isso parece errado?

— Não — disse Cristina após uma longa pausa. — Mas isso não...

— Você tem medo do que todo mundo tem medo — disse Emma. — Tendo seus corações partidos, sendo feitos miseráveis pelo amor. Mas o que você está dizendo é o que a Tropa quer. Eles querem fazer as pessoas ficarem com medo, fazer com que fiquem distantes porque criaram um ambiente de medo e suspeita onde você poderia ser punido por estar com alguém que ama. Se eles conseguissem o que querem, puniriam Alec por estar com Magnus, mas isso não significa que Magnus e Alec deveriam se separar. Estou fazendo sentido?

— Um pouco de sentido demais — disse Cristina, puxando um fio solto na manga da blusa.

— Eu sei uma coisa com certeza — disse Emma. — Cristina, de todas as pessoas que conheço, você é a mais generosa e passa a maior parte do tempo pensando no que faz as outras pessoas felizes.

Eu acho que você deveria fazer o que te faz *feliz*. Você merece isso.

— Obrigada — Cristina deu-lhe um sorriso trêmulo. — E você e Julian? Como estão as coisas entre vocês?

O estômago de Emma balançou, surpreendendo-a. Era como se ouvir as palavras "você e Julian" tivessem colocado algo dentro dela.

Ela empurrou o sentimento, tentando controlá-lo.

— É muito difícil — ela sussurrou. — Julian e eu não podemos nem falar um com o outro. E o melhor que podemos esperar depois de tudo isso é algum tipo de exílio.

— Eu sei. — Cristina pegou a mão de Emma na dela; Emma ainda tentou manter as mãos quietas. O toque tranquilizador de Cristina ajudou. Pela milionésima vez, Emma desejou ter conhecido Cristina antes – que Cristina fosse sua *parabatai*. — Depois do exílio, se acontecer, venha e fique comigo, onde quer que eu esteja. México, em qualquer lugar. Eu cuidarei de você.

Emma fez um som a meio caminho entre uma risada e uma fungada.

— É o que eu quero dizer. Você está sempre fazendo coisas para outras pessoas, Tina.

— Ok, bem, então eu vou pedir para você fazer algo por mim.

— O que? Eu farei qualquer coisa. A menos que isso faça sua mãe ficar brava. Sua mãe me assusta.

— Você quer matar Zara na batalha, se houver uma batalha, não é? — disse Cristina.

— O pensamento passou pela minha cabeça. Ok. Sim. Se alguém a matar, eu ficarei muito brava. — Emma fez uma careta.

Cristina suspirou.

— Nós nem sabemos se haverá uma batalha, Emma. Se Zara será poupada, aprisionada ou escapará, ou se alguém a matar, eu não quero que você se dedique a ela. Concentre-se no que você quer que sua vida seja *depois* de amanhã.

Depois de amanhã eu vou ser exilada, Emma pensou. E *u vou te ver de novo, Cristina? Eu sempre sentirei sua falta?*

Cristina estreitou os olhos em preocupação.

— Emma? Me promete?

Mas antes que Emma pudesse prometer, antes que pudesse dizer qualquer coisa, as vozes de Aline e Helen cortaram o ar da noite, chamando-as para jantar.

***

— Alguém já experimentou ketchup em um *s'more*[1]? — Perguntou Isabelle.

— É por *isso* que você é uma má cozinheira — disse Alec.

Simon, envolto em um suéter e encostado a um tronco, se esgueirou como se esperasse se tornar invisível. — Você realmente gosta de comida

repugnante. Não é, tipo, um acidente.

— Eu gosto de ketchup e *s'mores* — disse Simon lealmente, e moveu a boca para Clary, *eu não gosto deles*.

— Eu sei — disse Clary. — Eu posso sentir através do vínculo *parabatai* o quanto você não gosta deles.

— Julian é um excelente cozinheiro — disse Emma, espetando um marshmallow.

Magnus havia produzido sacos deles junto com os biscoitos de chocolate e de graham. Ele deu a Emma um olhar sombrio que parecia dizer: *Fique longe de Julian e também de sua cozinha.*

— Eu também sou um excelente cozinheiro — disse Mark, colocando uma bolota em seu *s'more*. Todos olhavam.

— Ele não pode evitar — disse Cristina lealmente. — Ele viveu com a Caçada Selvagem por tanto tempo.

— Eu não faço isso — disse Kieran, comendo um *s'more* da maneira correta. — Mark não tem desculpa.

— Eu nunca imaginei Caçadores de Sombras comendo comida — disse Kit, olhando ao redor do fogo. Era como uma cena de sonhos de acampamento que ele teve quando era criança – o fogo, as árvores, todos enrolados em suéteres e sentados em volta de toras, fumaça em seus olhos e cabelos. — Por outro lado, este é o primeiro *s 'more* que eu já comi que não saiu de uma caixa.

— Isso não é *s'more* — disse Ty. — Isso é um cookie. Ou algum cereal.

Kit sorriu e Ty sorriu de volta para ele. Ele se inclinou contra Julian, que estava sentado ao lado dele; Julian colocou um braço distraído em torno de seu irmão mais novo, a mão dele bagunçando o cabelo de Ty.

— Animado para a sua primeira batalha? — Jace disse para Kit.

Jace estava sentado de pernas cruzadas com os braços em volta de Clary, que estava criando um enorme *s'more* de várias barras de chocolate.

— Ele não vai! — Clary disse. — Ele é muito jovem, Jace. — Ela olhou para Kit. — Não dê ouvidos a ele.

— Ele parece velho o suficiente — disse Jace. — Eu estava lutando em batalhas quando eu tinha dez anos.

— Fique longe dos meus filhos — disse Magnus. — Estou te observando, Herondale.

Kit sentiu um breve solavanco antes de perceber que Magnus não estava falando com ele. Então outra quando ele percebeu que ele reagiu

inconscientemente ao nome Herondale.

— Isso é ótimo — disse Helen, bocejando. — Eu não tenho acampado há tanto tempo. Você não pode ir acampar na Ilha Wrangel. Seus dedos se transformarão em pingentes de gelo e partirão imediatamente.

Emma franziu a testa.

— Onde está Cristina?

Kit olhou ao redor: Emma estava certa. Cristina havia escapado do grupo.

— Ela não deveria estar andando ao redor da borda da floresta — disse Magnus, franzindo a testa. — Há armadilhas lá. Muito bem escondidas, se eu dissesse por mim mesmo. — Ele começou a se levantar. — Eu vou buscá-la.

Mark e Kieran já estavam de pé.

— Nós vamos encontrá-la — disse Mark apressadamente. — Na Caçada, aprendemos muito sobre armadilhas.

— E poucos sabem mais sobre os caminhos da floresta do que sobre as fadas — disse Kieran.

Magnus deu de ombros, mas havia uma faísca em seus olhos que Kit não entendeu muito bem.

— Tudo certo. Vão em frente.

Enquanto eles desapareciam nas sombras, Emma sorriu e colocou outro marshmallow no palito.

— Vamos fazer um brinde. — Aline levantou um copo de água.

— Nunca se separar de nossas famílias novamente. — Ela olhou para o fogo. — Uma vez que o amanhã chegar, nós nunca vamos deixar a Clave fazer isso com qualquer um de nós novamente.

— Não se separar da família *ou* dos amigos — disse Helen, levantando o copo.

— Ou *parabatai* — disse Simon, piscando para Clary.

Alec e Jace aplaudiram, mas Julian e Emma ficaram em silêncio. Emma parecia desoladoramente triste, olhando para baixo em seu copo de água. Ela não pareceu ver Julian, que olhou para ela por um longo momento antes de desviar o olhar.

— Para nunca se separar — disse Kit, olhando através da fogueira para Ty.

O rosto magro de Ty estava limpo à luz das chamas vermelho-douradas.

— Para nunca se separar — disse ele, com uma ênfase grave que fez Kit tremer por razões que ele não entendia.

***

Maryse não podia mais voltar para a casa do Inquisidor, pois Horace e Zara haviam se mudado para lá. Em vez disso, ela levou Dru e os outros para a casa Graymark, a que Clary disse que tinha ficado quando chegou a Idris pela primeira vez.

Dru foi para a cama assim que ela educadamente pôde. Deitou-se com as cobertas até o queixo, olhando os últimos raios de sol desaparecerem das janelas circulares. Este lado da casa dava para um jardim cheio de rosas da cor de renda antiga. Uma treliça subiu até as janelas e circulou-as: no auge do verão, provavelmente pareciam colares de rosas. Casas de pedra antiga desciam morro abaixo em direção às muralhas de Alicante – muralhas que amanhã seriam alinhadas com Caçadores de Sombras de frente para os Campos Imperecíveis.

Dru se enfiou mais embaixo das cobertas. Ela podia ouvir Maryse no quarto ao lado, cantando para Max e Rafe e Tavvy, uma canção cadenciada em francês. Era estranho ser velho demais para cantar para consolá-lo, mas jovem demais para participar dos preparativos de batalha. Ela começou a dizer seus nomes para si mesma, como uma espécie de amuleto de boa sorte: *Jules e Emma.*

Mark e Helen. Ty e Li...

Não. Não Livvy.

O canto parou. Dru ouviu passos no corredor e sua porta se abriu; Maryse enfiou a cabeça para dentro.

— Está tudo bem, Drusilla? Precisa de alguma coisa?

Dru teria gostado de um copo de água, mas ela não sabia exatamente como falar com a impressionante avó morena de Max e Rafe. Ela ouviu Maryse brincando com Tavvy mais cedo, e ela apreciou o quão gentil era essa mulher que era basicamente uma estranha para eles. Ela só queria saber como dizer isso.

— Não, tudo bem — disse Dru. — Eu não preciso de nada.

Maryse encostou-se no batente da porta.

— Eu sei que é difícil — disse ela. — Quando eu era jovem, meus pais costumavam levar meu irmão, Max, com eles para caçar demônios e me deixar em casa. Eles disseram que eu ficaria com medo se eu fosse com

eles. Eu sempre tentei dizer a eles que eu estava mais assustada e preocupada que eles nunca mais voltariam.

Dru tentou imaginar Maryse jovem, e não conseguiu. Ela parecia velha para Dru até para ser mãe, embora soubesse que não era. Ela era realmente uma jovem avó, mas Dru se acostumara com pessoas que pareciam Julian e Helen como mães e pais para ela.

— Eles sempre voltaram — disse Maryse. — E sua família também. Eu sei que parece que o que Julian está fazendo é arriscado, mas ele é esperto. Horace não tentará nada perigoso na frente de tantas pessoas.

— Eu deveria ir dormir — Dru disse em voz baixa, e Maryse suspirou, deu-lhe um aceno compreensivo e fechou a porta.

Se ela estivesse em casa, uma pequena voz disse na parte de trás da mente de Dru, ela não teria que pedir nada – Helen, que sabia que amava chá, mas que a cafeína a mantinha acordada, teria entrado com uma caneca de café. A mistura especial descafeinada que haviam comprado na Inglaterra, com leite e mel na caneca do jeito que Dru gostava.

Ela sentia falta de Helen, Dru percebeu. Era um sentimento estranho – em algum lugar ao longo do caminho, seu ressentimento em relação a Helen havia desaparecido. Agora ela só queria ter dito um melhor adeus à sua irmã mais velha antes de sair do Instituto.

Talvez fosse melhor que ela não tivesse dito o tipo certo de despedida para sua família.

Talvez isso significasse que ela definitivamente iria vê-los novamente.

Talvez isso significasse que eles seriam mais indulgentes quando descobrissem o que ela estava planejando fazer.

A luz piscou no corredor; Maryse deveria ter ido dormir. Dru se livrou do cobertor; ela estava completamente vestida por baixo, até suas botas e jaqueta de engrenagem. Ela saiu da cama e foi até a janela circular; Estava presa, mas ela estava esperando por isso.

Pegando uma pequena adaga com uma lâmina de *adamas* do bolso, ela começou a abri-la.

***

Kit ficou acordado na escuridão, contando as estrelas que ele podia ver através da aba aberta da tenda.

Emma e Julian haviam dito que as estrelas no Reino das Fadas eram diferentes, mas aqui em Idris elas eram as mesmas. As mesmas constelações que ele observara durante toda a sua vida, espreitando através

do nevoeiro acima de Los Angeles, brilhavam acima da Floresta Brocelind. O ar estava limpo ali, limpo como cristal cortado, e as estrelas pareciam quase alarmantemente próximas, como se ele pudesse estender a mão e pegar uma.

Ty não voltou com ele da fogueira. Kit não sabia onde ele estava. Ele tinha ido falar com Jules ou Helen? Ele estava vagando na floresta? Não, Simon e Isabelle teriam parado ele. Mas talvez Ty tivesse encontrado um animal de que gostasse no acampamento. A mente de Kit começou a correr.

Onde ele está? Por que ele não me levou com ele? E se ele não puder domar esses esquilos do jeito que ele consegue em casa? E se ele for atacado por esquilos?

Com um gemido, Kit chutou as cobertas e pegou uma jaqueta.

Ty enfiou a cabeça na tenda, momentaneamente apagando as estrelas.

— Oh bom, você já está se preparando.

Kit baixou a voz.

— O que você quer dizer, estou me preparando? Preparando para *que*?

Ty se agachou e olhou para a tenda.

— Ir ao lago.

— Ty — disse Kit. — Eu preciso que você explique. Não presuma que eu saiba do que você está falando.

Ty exalou com força suficiente para fazer sua franja escura de cabelo flutuar acima de sua testa.

— Eu trouxe o feitiço comigo e todos os ingredientes — disse ele. — O melhor lugar para ressuscitar os mortos é perto água. Eu pensei que faríamos ao lado do oceano, mas o Lago Lyn é ainda melhor. Já é um lugar mágico.

Kit piscou vertiginosamente; ele sentiu como se tivesse acordado de um pesadelo apenas para descobrir que ainda estava sonhando.

— Mas não temos o que precisamos para fazer o feitiço funcionar. Shade nunca nos deu o catalisador.

— Eu pensei que ele não poderia fazer isso — disse Ty. — É

por isso que eu peguei uma fonte alternativa de energia da última vez que estivemos no Mercado das Sombras.

Ele enfiou a mão no bolso e pegou uma bola de vidro transparente do tamanho de um damasco. A chama vermelho-alaranjada brilhava dentro dela como se fosse um planeta pequeno e ardente, embora fosse claramente frio ao toque.

Kit recuou.

— De onde veio *isso*?

— Eu te disse... Do Mercado das Sombras.

Kit sentiu uma onda de pânico.

— Quem vendeu para você? Como sabemos que isso funcionará?

— Tem que funcionar. — Ty colocou o cristal de volta no bolso.

— Kit. Isso é algo que tenho que fazer. Se houver uma batalha amanhã, você sabe que não faremos parte dela. Eles acham que somos jovens demais para lutar. Esta é a maneira que eu posso ajudar que não seja lutando. Se eu trouxer Livvy de volta, nossa família estará inteira para a batalha. Isso significará que todos serão felizes novamente.

Mas a felicidade não é tão simples, Kit queria chorar; *você não pode separá-lo e montá-lo novamente sem ver as costuras.*

A voz de Kit estava irregular.

— É perigoso, Ty. É muito perigoso. Não acho que seja uma boa ideia mexer com esse tipo de mágica, com uma fonte de energia desconhecida.

A expressão de Ty fechou. Foi como ver uma porta fechada.

— Eu já procurei armadilhas. Eu sei como podemos chegar lá.

Eu pensei que você viria comigo, mas mesmo se você não for, eu vou sozinho.

A mente de Kit correu. *Eu poderia acordar o acampamento e colocar Ty em apuros, ele pensou. Julian iria detê-lo. Eu sei que ele faria.*

Mas toda a mente de Kit se revoltou com a ideia; Se havia uma coisa que seu pai o proporcionou a entender, era que todo mundo odiava um dedo duro.

Além disso, ele não suportava o olhar no rosto de Ty.

— Tudo bem — disse Kit, sentindo pavor em seu estômago como uma pedra. — Eu irei com você.

***

Formas dançaram no coração do fogo. Emma sentou-se em um tronco nas proximidades, as mãos enfiadas nas mangas do suéter enorme para mantê-las aquecidas. O grupo se afastou do fogo quando a refeição terminou, retirando-se para suas tendas individuais para dormir. Emma ficou onde estava, vendo o fogo morrer; ela supôs que poderia ter voltado para sua própria tenda, mas Cristina não estava lá, e Emma não se sentia muito bem deitada sozinha no escuro.

Ela olhou para cima quando uma sombra se aproximou. Era Julian. Ela o reconheceu pela maneira como ele andava, mesmo antes de a luz do fogo iluminar seu rosto – a mão no bolso, os ombros relaxados e o queixo virado para cima. Enganosamente casual. A umidade no ar frio tinha enrolado seu cabelo contra suas bochechas e têmporas.

Julian escondeu tantas coisas de tantas pessoas. Agora, pela primeira vez, ela estava escondendo algo dele. Era assim que ele sempre se sentia? Este peso em seu peito, a dor no coração dele?

Ela meio que esperava que ele passasse por ela sem falar, mas ele fez uma pausa, seus dedos brincando com a pulseira de vidro do mar em seu pulso.

— Você está bem? — ele perguntou, sua voz baixa.

Emma assentiu.

Faíscas do fogo refletiam nos olhos azuis de Julian.

— Eu sei que não devemos conversar um com o outro — disse ele. — Mas precisamos discutir algo com alguém. Não é sobre você ou eu.

Eu não posso fazer isso, Emma pensou. *Você não entende.*

Você ainda pensa que poderíamos tirar minhas Marcas se as coisas dessem errado.

Mas, novamente – sua runa não tinha queimado desde que eles haviam saído de Los Angeles. A teia negra em seu antebraço não tinha crescido. Era como se seu sofrimento estivesse segurando a maldição de volta. Talvez fosse.

— É sobre quem?

— É sobre uma das coisas que aprendemos em Thule — disse ele. — É sobre a Diana.

***

Diana acordou de sonhos de voar ao som de algo arranhando a porta de sua barraca. Ela rolou para fora de seus cobertores e pegou uma faca, levantando-se agachada.

Ela ouviu o som de duas vozes, uma subindo sobre a outra: — Polvo!

Ela tinha uma vaga lembrança de que essa era a palavra-código que todos haviam escolhido antes. Ela colocou a faca longe e foi abrir o zíper da barraca. Emma e Julian estavam do outro lado, piscando no escuro, pálidos e de olhos arregalados como suricatos assustados.

Diana ergueu as sobrancelhas para eles.

— Bem, se vocês quiserem entrar, entrem. Não fiquem ai, deixando todo o ar frio entrar.

As tendas eram altas o suficiente para ficarem de pé, sem móveis, exceto tapetes e roupas de cama. Diana afundou de volta no ninho de suas cobertas, enquanto Julian se inclinou contra sua mochila e Emma sentou de pernas cruzadas no chão.

— Desculpe acordar você — disse Julian, sempre o diplomata.

— Não sabíamos quando mais poderíamos falar com você.

Ela não conseguiu evitar bocejar. Diana sempre dormira surpreendentemente bem na noite anterior a uma batalha. Ela conhecia Caçadores de Sombras que não conseguiam dormir, que ficavam acordados com os corações martelados, mas ela não era um deles.

— Falar comigo sobre o quê?

— Eu quero me desculpar — disse Julian, enquanto Emma se preocupava com o joelho desgastado de seus jeans. Emma não parecia ser ela mesma – não desde um bom tempo, Diana pensou.

Não desde que eles voltaram daquele outro mundo, embora uma experiência como essa pudesse mudar qualquer um. — Por pressioná-la para ser a diretora do Instituto.

Diana estreitou os olhos.

— Por que está dizendo isto?

— A sua versão da Thule nos contou sobre o seu tempo em Bangkok — Emma disse, mordendo o lábio. — Mas você não tem que falar sobre nada para nós que você não queira.

A primeira reação de Diana foi um reflexo. *Não, eu não quero falar sobre isso. Agora não.*

Não na véspera da batalha, não com tanto em sua mente, não enquanto ela estava preocupada com Gwyn e tentando não pensar sobre onde ele estava ou o que ele poderia fazer amanhã.

E ainda. Ela estava em seu caminho para dizer a Emma e Julian exatamente o que eles estavam perguntando agora, quando ela descobriu que não poderia alcançá-los. Ela recordou de sua decepção. Ela estava determinada então.

Ela não lhes devia a história, mas ela devia a si mesma para contar.

Os dois ficaram sentados em silêncio, olhando para ela. A noite antes de uma batalha e eles tinham vindo a ela por isso – não por segurança, mas para deixá-la saber que era sua escolha se envolver ou não.

Ela limpou a garganta.

— Então vocês sabem que eu sou transgênero. Vocês sabem o que isso significa?

Julian disse: — Sabemos que quando você nasceu, você recebeu um gênero que não reflete quem você realmente é.

Algo em Diana se soltou; ela riu.

— Alguém esteve na Internet — disse ela. — Sim, isso é certo, mais ou menos.

— E quando você estava em Bangkok, você usou medicina mundana — disse Emma. — Para se tornar quem você realmente é.

— Criança, eu sempre fui quem eu realmente sou — disse Diana. — Em Bangkok, Catarina Loss me ajudou a encontrar médicos que mudariam meu corpo para representar quem eu sou, e pessoas que eram como eu, para me ajudar a entender que eu não estava sozinha. — Ela se acomodou contra a jaqueta enrolada que ela estava usando como travesseiro. — Deixe-me te contar a história.

E em voz baixa, ela contou. Ela não mudou muito a história que contou a Gwyn, porque essa história aliviara seu coração. Ela observou suas expressões enquanto falava: Julian calmo e silencioso, Emma reagindo a cada palavra com olhos arregalados ou mordida nos lábios. Eles sempre tinham sido assim: Emma expressando o que Julian não podia ou não queria. Tão parecidos e tão diferentes.

Mas foi Julian quem falou primeiro quando ela terminou.

— Sinto muito pela sua irmã — disse ele. — Eu sinto muito.

Ela olhou para ele com uma pequena surpresa, mas, é claro...

Isso seria o que tocaria o coração de Jules, não seria?

— De certa forma, a parte mais difícil de tudo era não poder falar sobre Aria — disse ela.

— Gwyn sabe, certo? — Emma disse. — E ele foi bom sobre isso? Ele é gentil com você, certo? — Ela soou tão feroz quanto Diana já a ouvira.

— Ele é, eu prometo — disse Diana. — Para alguém que colhe os mortos, ele é surpreendentemente empático.

— Não vamos contar a ninguém, a menos que você queira — disse Emma. — É da sua conta.

— Eu me preocupava que eles descobrissem o meu tratamento médico se eu tentasse me tornar diretora do Instituto — disse Diana.

— Que eu seria tirada de vocês, crianças. Punida com exílio. — Suas mãos se apertaram em seu colo. — Mas o Inquisidor descobriu de qualquer maneira.

Emma sentou-se em linha reta.

— Ele descobriu? Quando?

— Antes de eu fugir de Idris. Ele ameaçou me expor a todos como traidora.

— Ele é um bastardo — disse Julian. Seu rosto estava apertado.

— Vocês estão com raiva de mim? — Diana disse. — Por não dizer a vocês antes?

— Não — disse Julian, sua voz calma e firme. — Você não tinha obrigação de fazer isso. Nunca.

Emma chegou mais perto de Diana, o cabelo dela um halo pálido no luar que fluía através da ponta da barraca.

— Diana, nestes últimos cinco anos, você tem sido a coisa mais próxima que eu tive de uma irmã mais velha. E desde que te conheci, você me mostrou o tipo de mulher que eu quero ser quando crescer.

— Ela estendeu a mão e pegou a mão de Diana. — Me sinto muito grata e tão privilegiada que você quis nos contar sua história.

— Concordo — disse Julian. Ele inclinou a cabeça, como um cavaleiro reconhecendo uma dama em uma pintura antiga. — Eu sinto muito por ter te pressionado. Eu não entendi. Nós...eu pensei em você como uma adulta, alguém que não poderia ter problemas ou estar em perigo. Eu estava tão focado nas crianças que não percebi que você também era vulnerável.

Diana tocou o cabelo dele levemente, do jeito que ela costumava fazer quando ele era mais jovem.

— Isso está crescendo, não é? Descobrir que os adultos são pessoas com seus próprios problemas e segredos.

Ela sorriu ironicamente quando Helen enfiou a cabeça pela aba ainda descompactada.

— Oh bom, vocês estão de pé — disse ela. — Eu queria saber quem ficará para trás amanhã...

— Eu tenho uma lista — disse Julian, deslizando a mão no bolso de sua jaqueta.

Emma se levantou, murmurando que precisava encontrar Cristina. Ela saiu pela porta da tenda, parando apenas para olhar uma vez para Julian

enquanto ia, mas ele estava em profunda conversa com Helen e não pareceu notar.

Algo estava acontecendo com aquela garota, Diana pensou.

Depois que chegassem amanhã, ela teria que descobrir o que era.

[1] Petisco tradicional para fogueiras noturnas populares nos Estados Unidos.

Consiste em um marshmallow assado no fogo e uma camada de chocolate entre duas fatias de graham cracker– bolachas do tipo maizena.

29
TENTAR AS ÁGUAS

— Cristina! *Cristina*!

Vozes ecoaram pela floresta abaixo. Surpresa, Cristina se levantou, olhando para a escuridão.

Tinha sido muito doloroso na fogueira, olhando para Mark e Kieran, sabendo que ela estava contando as horas até que um ou os dois deixassem sua vida para sempre. Ela se esgueirara para se sentar entre as árvores, a grama e as sombras de Brocelind. Havia flores brancas aqui, entre o verde, nativo de Idris. Ela os vira antes somente em fotos, e tocar suas pétalas lhe dava uma sensação de paz, embora sua tristeza permanecesse sob ela.

Então ela ouviu as vozes. Mark e Kieran, chamando por ela. Ela estava sentada no topo de uma elevação verde de grama entre as árvores; ela se levantou, afastou-se e desceu correndo a colina em direção ao som de seu nome.

— *Estoy aquí*! — ela chamou, quase tropeçando enquanto corria descendo a colina. — Eu estou bem aqui!

Eles explodiram das sombras, ambos com os rostos brancos. Mark a encontrou primeiro e levantou-a, abraçando-a com força. Depois de um momento ele a soltou para os braços de Kieran enquanto eles tentavam explicar: algo sobre Magnus e armadilhas e ter medo de ela ter caído em um buraco cheio de facas.

— Eu nunca faria isso — ela protestou quando Kieran afagou os cabelos do rosto. — Mark... Kieran… acho que estávamos errados.

Kieran a soltou imediatamente.

— Errado sobre o que?

Mark estava de pé ao lado de Kieran, os ombros deles apenas roçando. Seus meninos, Cristina pensou. Os que ela amava. Ela não podia escolher entre eles mais do que ela poderia escolher entre a noite e o dia. Ela também não queria.

— Errado que é impossível — disse ela. — Eu deveria ter dito isso antes. Eu estava com medo. Eu não queria me machucar. Não é isso que todos nós tememos? Que seremos feridos? Mantemos nossos corações na prisão, com medo de que, se os libertássemos no mundo, eles ficassem feridos. Mas eu não quero estar em uma prisão. E eu acho que vocês sentem o mesmo, mas se vocês não...

Em sua voz rouca e macia, Mark disse: — Eu amo vocês dois, e não posso dizer que amo um de vocês mais do que o outro. Mas tenho medo. A perda de vocês dois me mataria, e aqui parece que estou correndo o risco de ter meu coração partido não uma vez, mas duas vezes.

— Nem todo amor termina em coração quebrado — disse Cristina.

— Você sabe o que eu quero — disse Kieran. — Fui eu quem disse primeiro. Eu amo e desejo vocês dois. Muitos são felizes assim na Terra das Fadas. É comum esses casamentos...

— Você está propondo para nós? — disse Mark com um sorriso torto, e Kieran ficou vermelho brilhante.

— Há uma coisa — disse ele. — O Rei das Fadas não pode ter consorte humano. Vocês dois sabem disso.

— Não importa agora — disse Cristina ferozmente. — Você não é rei ainda. E se você for, encontraremos um caminho.

Mark inclinou a cabeça, um gesto de fada.

— Como diz Cristina. Meu coração vai com suas palavras, Kieran.

— Eu quero estar com vocês dois — disse Cristina. — Eu quero poder beijar vocês dois e segurar vocês dois. Eu quero ser capaz de tocar vocês dois, às vezes ao mesmo tempo, às vezes quando somos apenas dois. Eu quero que vocês sejam capazes de beijar e abraçar um ao outro porque isso faz vocês felizes e eu quero que vocês sejam felizes. Eu quero que nós fiquemos juntos, todos os três.

— Eu penso em cada um de vocês o tempo todo. Eu anseio por você quando você não está lá. — as palavras pareciam explodir de Kieran como água não aquecida. Ele tocou o rosto de Mark com os dedos de ossos longos, leves como o roçar do vento na grama. Ele se virou para Cristina e, com a outra mão, acariciou sua bochecha. Ela podia sentir que ele estava tremendo; ela colocou a mão sobre a dele, pressionando-a contra o rosto. — Eu nunca quis nada tão desesperadamente como isto.

Mark colocou a mão sobre Kieran.

— Eu também. Eu acredito nisso, em nós. O amor desperta o amor, a fé desperta a fé. — ele sorriu para Cristina. — Todo esse tempo estávamos esperando por você. Nós nos amávamos, e foi uma grande coisa, mas com você é ainda maior, — Me beije, então — Cristina sussurrou, e Mark a puxou para perto e a beijou calorosamente, depois ardentemente. As mãos de Kieran estavam de costas, no cabelo dela; Ela inclinou a cabeça contra ele enquanto ele e Mark beijavam seu ombro, seus corpos embalando os dela, suas mãos ligadas uma na outra.

Kieran estava sorrindo como se seu rosto fosse quebrar; eles estavam todos se beijando e rindo com felicidade e tocando os rostos um do outro com dedos pensativos.

— Eu te amo — disse Cristina para os dois, e eles disseram isso de volta para ela ao mesmo tempo, suas vozes se misturando, então ela não tinha certeza de quem falou primeiro ou por último: — *Eu te amo.*

— *Eu te amo.*

— *Eu te amo.*

***

Kit tinha visto o Lago Lyn antes em fotos, as imagens intermináveis do Anjo saindo dele com os Instrumentos Mortais que estavam dentro de cada prédio dos Caçadores de Sombras, em todas as paredes e tapeçarias.

Foi uma coisa totalmente diferente na vida real. Movia-se como uma mancha de óleo sob o luar: a superfície era de um negro prateado, mas atravessada por explosões de esplendor cromático, listras de azul violeta e vermelho quente, verde-gelo e violeta. Pela primeira vez, quando Kit imaginou o Anjo Raziel, maciço e sem rosto, saindo da água, sentiu um arrepio de temor e medo.

Ty montara seu círculo cerimonial à beira do lago, onde a água lambia uma praia de areia rasa. Na verdade, eram dois círculos, um menor dentro do outro maior, e na fronteira entre os dois círculos, Ty tinha gravado dezenas de runas com um bastão pontudo.

Kit vira círculos cerimoniais antes, muitas vezes em sua própria sala de estar. Mas como Ty se tornara um especialista em produzi-los?

Seus círculos eram mais organizados do que os de Johnny, suas gravuras mais cuidadosas. Ele não estava usando as runas dos Caçadores de Sombras, mas uma linguagem rúnica que parecia mais espinhosa e mais desagradável. Era ali que Ty estivera todas aquelas vezes que Kit se virou para encontrá-lo e ele havia desaparecido?

Aprendendo a ser um mágico negro?

Ty também colocara seus ingredientes em fileiras ao lado dele: a mirra, o giz, o dente de leite de Livvy, a carta de Thule.

Depois de colocar cuidadosamente a bolsa de veludo que continha uma mecha do cabelo de Livvy entre os outros objetos, Ty olhou para Kit, que estava de pé perto da beira da água.

— Eu fiz certo?

Uma onda de relutância veio sobre Kit; a última coisa que ele queria era se aproximar do círculo mágico.

— Como eu iria saber?

— Bem, seu pai era um mágico; achei que ele poderia ter te ensinado um pouco disso — disse Ty.

Kit chutou a beira da água; faíscas luminosas voaram.

— Na verdade, meu pai me manteve longe de aprender feitiços reais. Mas eu sei um pouco.

Ele caminhou pela praia na direção de Ty, que estava sentado com as pernas cruzadas na areia. Kit costumava pensar que a noite e a escuridão pareciam o ambiente natural de Ty. Não gostava de luz solar direta e sua pele pálida parecia nunca ter sido queimada. No luar, ele brilhava como uma estrela.

Com um suspiro, Kit apontou para a bola vermelha que Ty pegara do Mercado das Sombras.

— O catalisador fica no meio do círculo.

Ty já estava pegando.

— Venha sentar ao meu lado — disse ele. Kit ajoelhou-se quando Ty começou a colocar os objetos no círculo cerimonial, murmurando em voz baixa ao fazê-lo. Ele estendeu a mão, soltou a corrente do medalhão e entregou a Kit. Com um profundo sentimento de medo, Kit colocou o medalhão perto da borda do círculo.

Ty começou a cantar mais alto.

— *Abyssus abyssum invocat in voce cataractarum tuarum; omnia excelsa tua et fluctus tui super me transierunt*. Chamadas profundas a fundo na voz de suas cachoeiras; todos os seus redemoinhos e ondas passaram por mim Enquanto ele cantava, um por um dos objetos no círculo pegaram fogo, como fogos de artifício explodindo em uma fileira. Eles queimaram com uma chama branca limpa, sem serem consumidos.

Um vento forte começou a soprar do lago: cheirava a barro e terra. Kit começou a ouvir um clamor de vozes e se virou, olhando– alguém estava lá? Eles foram seguidos? Mas ele não viu ninguém. A praia estava deserta.

— Você ouviu isso? — ele sussurrou.

Ty apenas balançou a cabeça, ainda cantando. O lago brilhava, a água se movendo. Figuras brancas pálidas erguiam-se da água escura. Muitos estavam em marcha, alguns em armaduras mais antiquadas. Os cabelos deles desciam e giravam ao redor deles, translúcidos ao luar. Eles estenderam os braços para ele, na direção de Ty, que não conseguia vê-los. Seus lábios se moveram silenciosamente.

Isso está realmente acontecendo, Kit pensou, gelando até os ossos.

Qualquer minúscula esperança que ele tivesse de que isso não funcionasse desaparecera. Ele se virou para Ty, que ainda estava cantando, cuspindo as palavras memorizadas como fogo de metralhadora.

— *Hic mortui vivunt, hic mortui vivunt*…

— Ty, pare. — suas mãos dispararam e agarraram os ombros de Ty. Ele sabia que não deveria – Ty não gostava de se assustar –, mas o terror estava fervendo em seu sangue como veneno. — Ty, não faça isso.

O latim sufocou no meio da frase: Ty olhou para Kit, confuso, seus olhos cinzentos se moviam da clavícula de Kit para o rosto e voltavam para baixo novamente.

— O que você quer dizer? Eu não entendo.

— Não faça isso. Não a levante da morte.

— Mas eu tenho que fazer — disse Ty. Sua voz soou esticada, como um fio. — Eu não posso viver sem a Livvy.

— Sim, você pode — Kit sussurrou. — Você pode. Você acha que isso tornará sua família mais forte, mas irá destruí-los se você a trouxer de volta. Você acha que não pode sobreviver sem Livvy, mas você pode. Nós vamos passar por isso juntos. — o rosto de Kit estava frio; ele percebeu que estava chorando. — Eu te amo, Ty. Eu te amo.

O rosto de Ty ficou em branco de surpresa. Kit continuou, independentemente disso, mal sabendo o que ele estava dizendo.

— Ela se foi, Ty. Ela foi para sempre. Você tem que passar por isso.

Sua família vai te ajudar. Eu vou te ajudar. Mas não se você fizer isso.

Não se você fizer isso, Ty.

O vazio desapareceu do rosto de Ty. Sua boca torceu, como se ele estivesse tentando segurar em lágrimas; Kit conhecia o sentimento.

Ele odiava ver isso no rosto de Ty. Ele odiava tudo o que estava acontecendo.

— Eu tenho que recuperá-la, Kit — sussurrou Ty. — Eu *tenho*.

Ele se afastou do aperto de Kit, voltando-se para o círculo, onde os vários objetos ainda estavam queimando. O ar estava cheio do cheiro de queimado.

— *Ty*! — disse Kit, mas Ty já estava cantando latim de novo, com as mãos estendidas para o círculo.

— *Igni ferroque, ex silentio, ex animo*...

Kit se jogou em Ty, jogando-o na areia. Ty tombou para trás sem luta, surpreso demais para se defender; eles rolaram a ligeira inclinação em direção à água.

Eles mergulharam nas águas rasas e Ty pareceu voltar à vida; ele empurrou Kit, acotovelando-o com força na garganta. Kit tossiu e soltou; ele agarrou Ty novamente e Ty chutou ele. Ele podia ver que Ty estava chorando, mas mesmo chorando, ele era um lutador melhor do que Kit. Embora Ty parecesse frágil como raios de lua, ele era um Caçador de Sombras nascido e treinado. Ele lutou livre e arremessou a areia em direção ao círculo, estendendo a mão para o fogo.

— *Ex silentio, ex animo!* — ele gritou, ofegante. — *Livia Blackthorn! Resurget! Resurget! Resurget!*

A chama no centro do círculo ficou preta. Kit afundou-se nos calcanhares, provando sangue na boca.

Tinha acabado. O feitiço havia sido feito.

As chamas escuras subiram em direção ao céu. Ty recuou, olhando, enquanto eles rugiam para cima. Kit, que tinha visto magia negra antes, cambaleou a seus pés. Qualquer coisa poderia dar errado, ele pensou sombriamente. Se eles tivessem que correr, ele iria derrubar Ty com uma pedra e arrastá-lo para longe.

A água do lago começou a ondular. Os dois meninos se viraram para olhar, e Kit percebeu que os mortos cintilantes tinham sumido. Havia apenas uma figura transparente agora, saindo da água, o cabelo longo e prateado. O contorno de seu rosto, seus olhos, ficaram claros: o cabelo flutuante, o medalhão em volta da garganta, o vestido branco à deriva que não parecia ser algo que Livvy teria escolhido.

— Livvy — Kit sussurrou.

Ty correu para a beira do lago. Ele tropeçou, caiu de joelhos na linha d'água enquanto o fantasma de Livvy se aproximava deles na água, espalhando fagulhas luminosas.

Ela chegou às margens do lago. Seus pés descalços arrastavam na água brilhante. Ela olhou para Ty, seu corpo transparente como uma nuvem, sua expressão incontrolavelmente triste.

— Por que você me incomodou? — ela disse em uma voz tão triste quanto o vento de inverno.

— Livvy — disse Ty. Ele estendeu a mão, como se pudesse tocá-la.

Seus dedos passaram pela saia do vestido dela.

— Não é realmente ela. — Kit limpou o sangue do rosto. — Ela é um fantasma.

Alívio lutou com a miséria em seu peito: ela não estava morta, mas certamente levantar um fantasma contra sua vontade também não era uma boa ideia.

— Por que você não está aqui? — disse Ty, sua voz subindo. — Eu fiz tudo certo. Eu fiz *tudo* certo.

— O catalisador que você usou foi corrompido. Não foi forte o suficiente para me trazer de volta — disse Livvy. — Pode ter outras consequências também. Ty…

— Mas você pode ficar comigo, certo? Você pode ficar comigo assim? — Ty interrompeu.

Os contornos do corpo de Livvy ficaram embaçados enquanto ela se balançava em direção ao irmão.

— É isso que você quer?

— Sim. É por esse motivo que fiz tudo isso — disse Ty. — Eu quero você comigo de qualquer maneira que você possa ser. Você estava lá comigo antes de eu nascer, Livvy. Sem você, eu só... não há *nada* se você não estiver lá.

Não há nada se você não estiver lá. Piedade e desespero rasgaram Kit. Ele não podia odiar Ty por isso. Mas ele nunca significaria nada para Ty e nunca significou: Isso estava claro.

— Eu te amei, Ty, eu te amei mesmo quando estava morta — disse o fantasma de Livvy. — Mas você derrubou o universo e todos nós pagaremos por isso. Você rasgou um buraco no tecido da vida e da morte. Você não sabe o que fez. — lágrimas escorriam pelo rosto de Livvy e caíam

na água: gotas individuais e brilhantes como faíscas de fogo. — Você não pode pedir emprestado da morte. Você só pode pagar por isso.

Ela desapareceu.

— *Livvy!* — Ty não gritou a palavra tanto como foi arrancado dele; ele se enrolou, abraçando-se, como se estivesse desesperado para impedir que seu corpo se espalhasse.

Kit podia ouvir Ty chorando, soluços escuros e terríveis que soaram puxados para fora dele; uma hora atrás ele teria movido o Céu para que parasse. Agora ele era incapaz de dar um passo, sua própria dor era uma agonia que o mantinha congelado no lugar. Ele olhou para o círculo cerimonial; as chamas estavam queimando de novo e os objetos dentro começavam a ser consumidos. A bolsa de veludo virou cinzas, o dente escureceu, o giz e a mirra destruídos.

Apenas o colar ainda brilhava inteiro e sem ferimentos.

Enquanto Kit observava, a carta de Thule pegou fogo e as palavras na página brilharam para queimar um preto brilhante antes de desaparecer: *Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.*

***

Na porta da prisão do Gard, Dru fez uma pausa, picareta na mão.

Ela estava respirando com dificuldade de subir a colina. Ela não tinha tomado os caminhos normais, mas rastejou pela vegetação rasteira, ficando fora de vista. Seus pulsos e tornozelos foram rasgados pelos arranhões de ramos e espinhos.

Ela mal sentiu a dor. Agora era o momento do julgamento. Do outro lado dessa ação, não havia como voltar atrás. Não importa o quão jovem ela era, se Horace e os outros prevalecessem e aprendessem o que ela fez, ela seria punida.

A voz de Julian ecoou em seus ouvidos.

Você faz parte da a Armada de Lívia. Não se esqueça disso.

Livvy não teria hesitado, Dru sabia. Ela teria se adiantado, desesperada para corrigir qualquer injustiça que visse. Ela nunca teria se atrasado. Ela nunca teria hesitado.

Livvy, isto é para você, minha irmã.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Ela foi trabalhar na fechadura.

***

A entrada para a Cidade do Silêncio era exatamente como Emma se lembrava. Uma trilha mal marcada cortava um canto da floresta Brocelind, cercada por vegetação espessa. Ficou claro que poucos passaram por este caminho e, raramente, sua luz de enfeitiçada revelou um caminho quase sem marcas.

Ela podia ouvir o canto dos pássaros noturnos e o movimento de pequenos animais entre as árvores. Mas algo estava faltando em Brocelind. Sempre tinha sido um lugar onde se poderia esperar ver o brilho dos fogos entre as folhas ou ouvir o crepitar de uma fogueira ao redor da qual lobisomens estavam reunidos. Havia algo muito presente em seu atual silêncio, algo que fez Emma andar com cuidado extra.

As árvores cresceram juntas mais densamente quando ela alcançou a encosta da montanha e encontrou a porta entre as pedras. Parecia exatamente como há três anos: apontada para o alto e esculpida com um baixo-relevo de um anjo. Uma pesada aldrava de latão pendia da madeira.

Agindo principalmente por instinto, Emma chegou atrás dela e tirou a Espada Mortal de sua bainha. Tinha na mão um peso que nenhuma outra espada, nem mesmo Cortana, tinha e que brilhava à noite como se emitisse sua própria luz.

Ela a tirara da tenda de Julian, onde estivera escondida sob o saco de dormir, envolta em um tecido de veludo. Ela a substituiu por outra espada. Não passaria por um exame minucioso, mas ele não tinha motivos para estar correndo para a tenda a cada cinco minutos para verificar. Afinal, o acampamento estava guardado.

Ela colocou a mão contra a porta. A mensagem do Irmão Shadrach tinha dito que a Cidade do Silêncio estaria vazia hoje à noite, os Irmãos do Silêncio servindo como guardas nas muralhas da cidade na noite anterior à discussão. E ainda a porta parecia pulsar contra a palma da mão, como se batesse como um coração.

— Eu sou Emma Carstairs e carrego a Espada Mortal — disse ela. — Abra em nome de Maellartach.

Por um momento agonizantemente longo, nada aconteceu. Emma começou a entrar em pânico. Talvez a Espada Mortal de Thule fosse diferente, de alguma forma, seus átomos eram muito alterados, sua magia alienígena.

A porta se abriu de repente, silenciosamente, como uma boca se abrindo. Emma deslizou para dentro, olhando uma vez por cima do ombro para a

floresta silenciosa.

A porta se fechou atrás dela com o mesmo silêncio, e Emma se viu em uma passagem estreita e lisa que levava a uma escada que descia. Sua luz enfeitiçada parecia saltar das paredes de mármore enquanto descia, sentindo como se estivesse passando pela memória. A Cidade do Silêncio em Thule, vazia e abandonada.

Círculos de fogo em quartos de ossos enquanto ela selava seu ritual *parabatai* com Julian. Seu maior erro. Aquele que terminou com essa jornada.

Ela estremeceu quando saiu para a parte principal da cidade, onde as paredes eram revestidas de crânios e fêmures e delicados candelabros de ossos pendiam do teto. Pelo menos em Thule, ela não estava sozinha.

Por fim, entrou na sala das estrelas que falavam. Foi exatamente como no sonho dela. O chão brilhava como o céu noturno virado de cabeça para baixo, as estrelas se curvando em uma parábola diante da mesa de basalto onde os Irmãos do Silêncio se sentavam quando em sessão. A mesa estava vazia e nenhuma Espada Mortal estava pendurada atrás dela em seu lugar habitual.

Emma pisou nas estrelas, suas botas batendo suavemente contra o mármore. Em seu sonho, o chão simplesmente se abriu. Agora nada aconteceu. Esfregou os olhos exaustos com os nós dos dedos, sentindo-se dentro de si pelo instinto que a guiara a abrir a porta da cidade.

Eu sou uma parabatai, ela pensou. *A magia que me prende a Julian está entrelaçada neste lugar, no tecido de Nephilim.* Hesitante, ela tocou um dedo na lâmina da Espada Mortal. Passou a ponta do dedo suavemente para baixo, deixando sua memória voltar àquele momento em que esteve no fogo com Julian– *teu povo será meu povo, teu Deus será meu Deus…*

Uma gota de sangue se formou na ponta de seu dedo e caiu sobre o mármore a seus pés. Houve um clique, e o chão, que parecia transparente, abriu e deslizou para trás, revelando uma lacuna negra abaixo dele.

Naquela lacuna havia uma placa. Ela podia ver isso muito mais claramente do que ela tinha em seu sonho. Era feito de basalto branco, e nele havia uma runa *parabatai* pintada em sangue tão antigo que o próprio sangue havia se dissolvido por muito tempo, deixando para trás apenas uma mancha marrom avermelhada na forma da runa.

A respiração de Emma ficou presa na garganta. Apesar de tudo, estar na presença de algo tão velho e tão poderoso pegou em seu coração.

Sentindo-se sufocada, ergueu a Espada com as mãos, a ponta da lâmina apontada para baixo.

Ela podia se ver fazendo isso, empurrando a espada para baixo, dividindo a placa. Ela imaginou o som disso se quebrando. Seria o som de corações quebrando, em todo o mundo, como *parabatai* foram separados. Ela imaginou-os procurando um ao outro em um horror incompreensível – Jace e Alec, Clary e Simon.

A dor que Julian sentiria.

Ela começou a soluçar silenciosamente. Ela seria uma exilada, uma pária, expulsa como Caim. Ela imaginou Clary e os outros se afastando dela com aparência de aversão. Você não podia ferir pessoas assim e ser perdoado.

Mas ela pensou novamente na Diana de Thule. *Suas runas começaram a queimar como fogo, como se tivessem fogo em suas veias em vez de sangue. As pessoas diziam que as lâminas daqueles que as combatiam se estilhaçavam em suas mãos. Linhas pretas se espalharam por seus corpos e se tornaram monstruosas – fisicamente monstruosas. Eu nunca vi isso acontecer, lembre-se, ouvi tudo isso em terceira mão. Histórias sobre criaturas brilhantes e implacáveis, destruindo cidades.Sebastian teve que libertar milhares de demônios para derrubá-los. Muitos mundanos e Caçadores de Sombras morreram.*

Ela e Julian não podiam se tornar monstros. Eles não podiam destruir todos que conheciam e amavam. Era melhor quebrar os laços parabatai do que ser responsável pela morte e destruição. Parecia uma eternidade desde que Jem havia explicado a maldição para ela.

Eles haviam tentado de tudo para escapar disso.

Eventualmente, o poder os deixaria loucos, até se tornarem monstros.

Eles destruiriam suas famílias, aqueles que amavam. A morte os cercaria.

Não havia escapatória, a não ser isso. Suas mãos apertaram mais forte ao redor do punho da espada. Ela ergueu Maellartach.

Me perdoe, Julian.

— Pare! — uma voz soou pela Cidade dos Ossos. — Emma! O que você está fazendo?

Ela se virou, sem se afastar das Estrelas Faladoras ou abaixar a Espada. Julian estava na entrada da câmara. Ele estava com o rosto branco, olhando

para ela em choque total. Ele estava claramente correndo: ficou sem fôlego, deixou os cabelos e a lama nos sapatos.

—Não tente me impedir, Julian. — sua voz estava quase um sussurro.

Ele estendeu as mãos para mostrar que estavam vazias de armas e deu um passo à frente, na direção dela. Ela balançou a cabeça e ele parou.

— Eu sempre pensei que seria eu — disse ele. — Eu nunca pensei que seria *você* fazendo isso.

— Saia daqui, Julian. Eu não quero que você esteja aqui para isso.

Se eles me encontrarem aqui, quero que eles me encontrem sozinha.

— Eu *sei* — disse ele. — Você está se sacrificando. Você sabe que eles culparão alguém – alguém com acesso à Espada Mortal – e você quer que seja você. Eu *conheço* você, Emma. Eu sei exatamente o que você está fazendo. — ele deu outro passo em direção a ela. — Eu não vou tentar te impedir. Mas você não pode me obrigar a deixar você também.

—Mas você tem! — sua voz subiu. — Eles vão me exilar, Julian, na melhor das hipóteses, mesmo que Horace seja derrubado; até mesmo Jia não esqueceria isso, ninguém faria ou poderia, eles não vão entender, se somos nós dois, eles vão pensar que nós fizemos isso para que pudéssemos ficar juntos, você vai perder as crianças.

Eu não vou deixar isso acontecer, não depois de tudo...

— *Emma!* — Julian estendeu as mãos para ela. A pulseira de vidro do mar em seu pulso brilhava, cor brilhante neste lugar de ossos e cinza.

— Eu não vou te deixar. Eu nunca vou te deixar. Mesmo se você quebrar essa runa, eu não vou te deixar.

Um soluço rompeu Emma. E depois outro. Ela caiu de joelhos, ainda segurando a espada. O desespero rasgou dentro dela, tão forte quanto alívio. Talvez tenha sido alívio. Ela não podia dizer, mas podia sentir Julian se aproximando em silêncio e se ajoelhando em frente a ela, seus joelhos contra a pedra fria.

— O que aconteceu? — ele disse. — E quanto à almofada de tempo que Magnus disse que nós tínhamos...

— Minha runa está queimando, e a sua também, eu sei disso. E tem isso. — ela puxou a manga do suéter, virando a mão para mostrar a marca em seu antebraço. Um padrão escuro de teia de aranha, pequeno, mas crescente. — Eu não acho que tenhamos tempo sobrando.

— Então poderíamos tirar nossas marcas — disse Julian. Sua voz era suave, reconfortante. Uma voz que ele salvou para as pessoas que ele mais

amava. — As minhas assim como as suas. Eu pensei que...

—Eu conversei com Jem na reunião — disse Emma. — Ele me disse que nunca faria isso, nunca, e Magnus não pode fazer isso sozinho — ela prendeu a respiração. — Em Thule, Diana me disse que quando Sebastian começou a assumir, os *parabatai* naquele mundo se transformaram em monstros. Suas runas queimavam e suas peles estavam cobertas de marcas pretas, e então eles se tornaram monstros. Isso é o que está acontecendo conosco, Julian. Eu sei que é. Todas essas coisas sobre a maldição nos transformando em monstros. É como se essa monstruosidade estivesse escondida no coração do vínculo. Como... como um câncer.

Houve uma longa pausa.

— Por que você não me contou sobre isso?

— Eu não acreditei no começo — ela sussurrou. — Pelo menos, achei que era algo que só poderia acontecer em Thule. Mas nossas runas queimaram. E as marcas pretas na minha pele, eu *sabia*...

— Mas nós não sabemos — ele disse suavemente. — Eu sei como você se sente. Você se sente instável, certo? Sua mente está correndo. Seu coração está acelerado também.

Ela assentiu.

— Como...

— Eu me sinto da mesma maneira — disse ele. — Eu acho que é a maldição. Jem disse que nos daria poder. E eu sinto como se tivesse sido iluminado com eletricidade e eu não consigo parar de tremer.

— Mas você parece bem — disse Emma.

— Acho que me recuperar do feitiço, para mim, é como sair de um buraco — disse ele. — Ainda não estou no topo, onde você está.

Estou um pouco protegido. — ele colocou os braços em volta dos joelhos. — Eu sei porque você está com medo. Qualquer um estaria.

Mas ainda vou pedir para você fazer algo por mim. Eu vou pedir para você ter fé.

— Fé — ela disse. — Fé em quê?

— Em nós — disse ele. — Mesmo quando você me disse por que era proibido para nós estarmos apaixonados, mesmo quando eu sabia que nunca deveríamos ter nos tornado *parabatai*, eu ainda tinha todas as lembranças de como era maravilhoso ser seu parceiro, ter nossa amizade transformada em algo sagrado. Eu ainda acredito em nosso vínculo, Emma. Eu ainda

acredito nos laços de *parabatai*, na importância disso, na beleza do que Alec e Jace têm, ou o que Jem teve no passado.

— Mas e se isso puder ser feito contra nós? — perguntou Emma. — Nossa maior força se tornar em nossa maior fraqueza?

— É por isso que pedi que você tivesse fé — disse ele. — Acredite em *nós*, se você não acredita na ideia disso. Amanhã podemos entrar em batalha. Nós contra eles. Precisamos que Jace, Alec, Clary e Simon, precisamos que *nós mesmos*, sejamos inteiros e ininterruptos no campo de batalha. Precisamos estar mais fortes. Mais um dia, Emma. Nós chegamos tão longe. Podemos fazer mais um dia.

— Mas eu preciso da Espada Mortal — disse Emma, abraçando a lâmina para ela. — Eu não posso fazer isso sem ela.

— Se vencermos amanhã, então podemos obter ajuda da Clave — disse Julian. — Se não ganharmos, Horace ficará feliz em tirar nossas runas. Você sabe que ele vai.

— Pensei nisso — disse Emma. — Mas não podemos ter certeza, podemos?

— Talvez, talvez não — disse ele. — Mas se você fizer isso, se você cortar os laços, então eu vou ficar ao seu lado e levar a culpa junto com você. Você não pode me impedir.

— Mas as crianças... — ela sussurrou. Ela não suportava o pensamento de Julian sendo separado deles, de mais dor e sofrimento vindo para os Blackthorns.

— Eles têm Helen e Aline agora — disse Julian. — Eu não sou o único que pode manter nossa família unida. Quando eu estava no meu pior, você estava no seu melhor para mim. Eu só posso fazer o mesmo por você.

— Tudo bem — disse ela. — Tudo bem, eu vou esperar um dia.

Como se ouvisse sua voz, o chão se fechou a seus pés, escondendo a placa *parabatai* sob o mármore protetor. Ela queria se aproximar de Julian, tocar suas mãos, dizer que estava agradecida. Ela queria dizer mais, dizer as palavras que eles estavam proibidos de dizer, mas ela não disse. Apenas olhou para ele em silêncio e pensou neles, imaginando se alguém havia pensado nessas palavras antes na Cidade do Silêncio. Se eles tivessem pensado assim: com igual esperança e desespero.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

30
Os Ricos Que Mentem

UM RUÍDO de arranhar na aba da barraca acordou Emma. Ela dormira sem sonhos a noite inteira, acordando apenas quando Cristina entrou na tenda tarde e se enrolou em seus cobertores. Ela lutou acordada agora, sentindo-se grogue; ela podia ver através da abertura no tecido da tenda que estava cinza do lado de fora, o céu pesado com chuva iminente.

Helen estava fora de sua tenda.

— Aviso de trinta minutos — ela disse, e seus passos retrocederam enquanto ela continuava com o chamado de despertar.

Cristina gemeu e rolou para fora de seus cobertores. Ambos dormiram em suas roupas.

— Minha estela — disse ela. — Nós deveríamos — ela bocejou. — Marcar uma a outra. Além disso, é melhor que haja café.

Emma tirou a blusa, tremendo quando Cristina fez o mesmo. Elas trocaram runas – Agilidade e Sure-Footedness por Emma, Bloqueando e Desviando runas por Cristina, Sure-Strike e Farsight por ambas. Cristina não perguntou por que Emma não estava recebendo suas runas de Julian. Ambos sabiam.

Elas fecharam e entraram em seu equipamento e botas e saíram da barraca, esticando seus músculos duros. O céu estava pesado de nuvens escuras, o chão úmido de orvalho. Parecia que todo mundo já estava acordado e correndo ao redor do acampamento – Simon estava fechando seus equipamentos, Isabelle polindo uma espada longa. Magnus, vestido sombriamente em cores escuras, estava ajudando uma alça de Alec em seu tremor de flechas. Aline estava desenhando uma runa de Fortitude nas costas do pescoço de Helen. Mark, com o cinto de armas cheio de punhais, estava mexendo um pouco de mingau sobre o fogo.

Cristina choramingou.

— Eu não vejo café. Apenas mingau.

— Eu sempre disse que você é viciada em café — disse Emma. — Dê-me sua mão, eu vou desenhar uma runa de energia.

Cristina resmungou, mas estendeu a mão; uma boa runa de energia funcionava muito como a cafeína. Emma olhou para Cristina carinhosamente enquanto corria a estela sobre sua pele. Ela suspeitava que sabia onde Cristina estivera na noite anterior, embora agora não fosse a hora de perguntar.

— Eu não posso acreditar que isso está realmente acontecendo — disse Cristina quando Emma devolveu a mão.

— Eu sei — disse Emma. Ela apertou a mão de Cristina antes de colocar sua estela longe. — Eu vou te cobrir se alguma coisa acontecer. Você sabe disso.

Cristina tocou seu medalhão e depois a bochecha de Emma, os olhos sérios.

— Que o Anjo te abençoe e te guarde, minha irmã.

Vozes altas chamaram a atenção de Emma antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa. Ela se virou para ver Julian em pé com Ty e Kit; Ty falava alto, claramente zangado, enquanto Kit ficava com as mãos nos bolsos. Ao se dirigir a eles, viu a expressão de Kit mais claramente. Isso a chocou. Ele parecia totalmente esgotado e desesperado.

— Queremos estar lá com você — Ty estava dizendo. Mark recomeçou, abandonando o mingau. Helen, Aline e Kieran estavam por perto, enquanto os outros não estavam prestando atenção. — Queremos lutar ao seu lado.

— Ty. — Novas runas se destacaram negras e brilhando nos pulsos e clavículas de Julian. Emma se perguntou quem os havia feito. Mark? Helen? Não importava. Deveria ter sido ela. — Isso não é uma luta. É uma conversa. Uma reunião de paz. Eu não posso trazer toda a minha família.

— Não é como se você fosse convidado e nós não — disse Ty. Ele estava em marcha; assim como Kit. Uma palavra curta pairou no quadril de Ty. — Nenhum de nós é convidado.

Emma escondeu um sorriso. Sempre foi difícil argumentar com Ty quando ele fazia boas obervações.

— Se todos aparecermos, será um caos — disse Julian. — Eu preciso de você aqui, Ty. Você sabe qual é o seu trabalho.

Ty falou com relutância:

— Dar o aviso. Ficar seguro.

— Isso mesmo — disse Julian. Ele pegou o rosto de Ty em suas mãos; Ty ainda era uma cabeça mais baixa que ele. — Fique seguro, Tiberius.

Mark pareceu aliviado. Kit ainda não tinha falado uma palavra. Sobre a cabeça de Ty, Julian acenou para Magnus, que estava ao lado de Alec no abrigo de uma árvore próxima. Magnus assentiu de volta. Interessante, Emma pensou.

Os outros começaram a se aproximar agora que parecia que a discussão terminara: Cristina e Kieran, Diana, Isabelle e Simon, Clary e Jace. Jace foi até Kit e tocou o menino no ombro com toda a gentileza que Emma sabia que ele era capaz, mas que ele raramente mostrava. Enquanto Emma observava, Jace ofereceu a Kit uma adaga de prata fina com um desenho de garças em vôo gravadas no cabo. Kit pegou com cuidado, acenando com a cabeça. Emma não podia ouvi-los falando, mas Kit, pelo menos, parecia um pouco menos infeliz.

Kieran e Cristina estavam falando um com o outro em voz baixa. Kieran se afastou dela agora, vindo enfrentar Julian e o resto daqueles que estavam indo para os Campos - Emma e Cristina, Alec e Mark. O cabelo escuro de Kieran se curvou em torno do rosto.

— É a minha vez de ir também, eu acho.

— Sinto muito que você não possa permanecer conosco nesta parte do plano — disse Julian. — Você tem sido uma grande ajuda, Kieran. Parece que você pertence a nós.

Kieran deu a Julian um olhar de medição.

— Eu não te vi claramente o suficiente no passado, Julian Atticus. Você tem um coração implacável.

Julian pareceu ligeiramente surpreso, e então ainda mais surpreso quando Kieran foi beijar Mark como adeus – então se virou para Cristina e a beijou também. Ambos sorriram para ele enquanto todos olhavam. *Acho que eu estava certa*, Emma pensou, e levantou uma sobrancelha para Cristina, que corou.

Kieran murmurou algo para os dois que Emma não conseguiu ouvir, e se derreteu na floresta, desaparecendo como névoa.

— Aqueles de nós que deixarão o acampamento devem ir — disse Diana. — A negociação será em breve e levará uma hora pelo menos para chegar aos campos.

Clary estava conversando com Simon; Ela deu um tapinha nos ombros dele e se virou preocupada para Isabelle, que a abraçou. Alec foi falar com

Jace. Em todos os lugares eram *parabatai* preparando-se para serem separados, mesmo que brevemente. Emma sentiu uma sensação de irrealidade. Ela esperava que os laços fossem quebrados agora. Era estranho estar de pé onde ela estava – ainda não fugindo, ainda não odiada ou exilada.

Alec apertou a mão de Jace.

— Se cuida.

Jace olhou para ele por um longo momento, e o soltou. Clary se afastou de Simon e foi ficar com Jace. Eles observaram quando Magnus cruzou a grama molhada até Alec, inclinou a cabeça e beijou-o gentilmente.

— Eu gostaria que você pudesse vir — disse Alec, com os olhos brilhantes.

— Você sabe que não posso. Nenhuma criatura do submundo assustando Horace — disse Magnus. — Fique bem, meu arqueiro. Volte para mim.

Ele foi para ficar com Jace e Clary. Helen e Aline se juntaram a eles, assim como Kit e Ty. Fizeram um grupo pequeno e silencioso, observando enquanto os outros se viravam e entravam na floresta de Brocelind.

* * *

— Você nunca vai falar comigo de novo? — Ty disse.

Ele e Kit estavam sentados em um buraco verde na floresta, perto do acampamento. Uma pedra cinzenta coberta de musgo verde-marrom subia atrás deles; Ty estava encostado nas costas, com os olhos semicerrados de exaustão.

Kit mal se lembrava de voltar do lago Lyn na noite anterior. Ty mal conseguira andar. Ele tinha se inclinado em Kit a maior parte do caminho, mas Kit não tinha falado então. Nem mesmo quando começou a chover e eles jorraram juntos pela umidade miserável. Não quando Ty teve que parar para secar ao lado do caminho. Não quando ele se dobrou e engasgou com Julian como se, de alguma forma, Julian aparecesse do nada e tornasse tudo melhor.

Era como se as emoções de Kit estivessem presas em algum lugar em um pote de matar sem ar. Ty não o queria, não como amigo, não como qualquer coisa. Cada respiração doía, mas sua mente se esquivava do porquê: de quem ele realmente culpava pelo que havia acontecido.

— Deveríamos ficar quietos — foi tudo o que ele disse agora.

Ty deu-lhe um olhar duvidoso.

— Não é isso — disse ele. — Você está com raiva de mim, eu acho.

Kit sabia que deveria dizer a Ty o que estava sentindo. Era mais do que injusto esperar que ele adivinhasse. O único problema era que ele não tinha certeza.

Ele se lembrou de voltar ao acampamento, lembrou-se de rastejar em sua tenda juntos, Ty se enrolando em si mesmo. Kit queria chamar Julian, mas Ty só balançou a cabeça, pressionando o rosto contra os cobertores, cantando em voz baixa até que seus músculos relaxaram e ele caísse num sono exausto.

Kit não dormiu.

Ele enfiou a mão no bolso.

— Olhe ontem à noite, depois…. bem, antes de sairmos do lago, voltei ao fogo. Tinha apenas cinzas e carvão, exceto um resquício brilhante. O colar de ouro de Livvy, brilhando como tesouro de pirata entre as cinzas.

Kit o segurou e viu os olhos de Ty enrugarem nos cantos, como faziam quando ficou muito surpreso.

— Você trouxe isso para mim? — Ty disse.

Kit continuou segurando o colar. Ele balançou entre eles, um pêndulo cintilante. Ty estendeu a mão lentamente para pegá-lo. O sangue havia sido queimado longe da superfície. O medalhão brilhou limpo quando ele prendeu ao redor do pescoço dele.

— Kit — ele começou hesitante. — Eu pensei que você… Eu pensei que seria…

Folhas esmagadas; um galho estalou. Kit e Ty ficaram instantaneamente em silêncio. Depois de um momento, com a mão no pingente em sua garganta, Ty se agachou e começou a assobiar.

* * *

Emma e os outros seguiram em silêncio quase total através dos bosques, úmidos e verdes e cheios de folhas e água. Gotas frias de chuva atravessavam o dossel ocasionalmente e deslizavam pelas costas do colarinho de Emma, fazendo-a tremer.

Eles haviam chegado a uma bifurcação na estrada alguns anos atrás. Diana, Isabelle e Simon foram para a direita. Os outros foram para a esquerda. Não havia se despedido, embora Alec tivesse beijado sua irmã na bochecha sem uma palavra.

Eles caminharam agora como um grupo de cinco: primeiro Julian, depois Mark e Cristina – não de mãos dadas, mas juntos, os ombros se tocando – e Alec e Emma, tomando a retaguarda. Alec estava atento, seu arco sempre pronto, seus olhos azuis varrendo as sombras em ambos os lados do caminho.

— Você já quis uma grande tapeçaria de si mesmo? — Emma disse a ele.

Alec não era do tipo que sacudia facilmente.

— Por quê? — Ele disse. — Você tem uma?

— Eu tenho, na verdade — disse Emma. — Eu resgatei do escritório do Inquisidor e o carreguei pelas ruas de Alicante. Eu tenho alguns gostos bem estranhos.

A boca de Alec se contorceu.

— Eu aposto que sim.

— Eu não queria que o inquisidor jogasse fora — disse Emma. — Ele quer fingir que a Batalha de Burren não importava. Mas eu fui a Thule. Eu sei o que significaria se nunca houvesse uma Clary. Ou um Jace. Ou você.

Alec baixou o arco ligeiramente.

— E imagine onde estaríamos agora — disse ele — se não houvesse um Julian, um você, uma Cristina ou um Mark. Há tempos, penso eu, em que somos chamados. Onde podemos escolher subir ou não. O que você fez no Reino das Fadas… — Ele se interrompeu. — Você sabe, você deveria dar essa tapeçaria para Magnus. Se alguém gostasse de tê-lo, seria ele.

A luz atravessou as árvores de repente. Emma olhou para cima, pensando que as nuvens haviam se separado, e percebeu que haviam chegado à beira da floresta. As árvores se desbastavam, o céu se arqueava em tons de cinza perolado e azul esfumaçado.

Eles haviam saído da floresta. Na frente deles, estendia-se o campo verde, até as paredes distantes de Alicante. Ao longe, ela podia ver figuras escuras, pequenas como besouros, aproximando-se do centro dos Campos Imperecíveis. A Tropa? O Rei Unseelie?

Mesmo com as runas do Olhar Avançado, elas estavam muito distantes para contar.

— Emma — disse Julian. — Você está pronta?

Ela olhou para ele. Por um momento, foi como se não houvesse ninguém, a não ser os dois, como se eles se enfrentassem no chão da câmara *parabatai* na Cidade do Silêncio, a conexão entre eles brilhando com sua força. O rosto de Julian estava pálido acima do preto de seu equipamento;

seus olhos azul-esverdeados queimavam quando ele olhou para ela. Ela sabia o que ele estava pensando. Ele tinha chegado tão longe, até a borda de onde não havia como voltar atrás. Ele precisava que ela desse o último passo com ele.

Ela ergueu o queixo.

— Escolhemos subir — disse ela, e, pisando na grama dos Campos, começou a marchar em direção aos muros de Alicante.

* * *

E o céu estava cheio de anjos.

Dru estava ao lado do canal em frente à casa dos Graymark, segurando a mão de Tavvy. Durante toda a cidade de Alicante, Caçadores de Sombras velhos e jovens se alinharam nas ruas, olhando para o céu.

Dru teve que admitir que o que Horace fez foi impressionante. Era como olhar para uma enorme tela de cinema, um IMAX ou algo maior. Quando eles saíram da casa pela primeira vez, Maryse espantou Rafe e Max à sua frente, eles pararam para olhar embasbacados para a enorme praça no céu. Tudo o que eles puderam ver foi o verde dos Campos e um pedaço de céu cinza-azulado.

Então Horace e Zara entraram na armação, atravessando a grama, e por causa do tamanho da projeção e do ângulo, pareciam anjos caminhando pelo céu. Horace olhou como sempre, com uma diferença marcante: a manga cobrindo o braço esquerdo estava pendurada para fora do cotovelo.

Zara tinha o cabelo solto, o que era impraticável para a luta, mas dramático como um visual. Ela também tinha a dourada Cortana amarrada a seu lado, o que fez o estômago de Dru virar.

— Essa é a espada de Emma — disse Tavvy com raiva. Dru não o repreendeu. Ela não se sentiu menos aborrecida.

Horace e Zara foram seguidos por um pequeno grupo de guardas – Vanessa Ashdown e Martin Gladstone entre eles – e um contingente de centuriões. Dru reconheceu algumas desde o tempo em que ficaram no Instituto, como Mallory Bridgestock, Jessica Beausejours e Timothy Rockford. Manuel não estava com eles, no entanto, o que a surpreendeu. Ele sempre a impressionou como alguém que gostava de estar no centro das coisas.

Quando eles tomaram seus lugares no campo, Maryse balançou a cabeça e murmurou algo sobre Gladstone. Ela estava tentando encurralar Max e

Rafe, nenhum dos quais estava interessado nas fotos sombrias do céu, mas agora ela olhou para Horace e franziu a testa.

— O Círculo parece se repetir — disse ela. — Era assim que Valentine estava… Tão certo da sua própria justiça. Tão certo que deu a ele o direito de decidir pelos outros como eles deveriam acreditar.

Um suspiro audível percorreu os Caçadores das Sombras. Não uma reação às palavras de Maryse – elas estavam todas olhando para cima. Dru esticou o pescoço para trás e viu, chocado, que o exército da Corte Unseelie estava marchando pelos Campos em direção à Coorte.

Eles pareciam vastos, um número incontável de fadas na farda escura do Rei dos Invisíveis. Cavaleiros a cavalo com lanças de prata e bronze brilhando à luz da manhã. Goblins atarracados com machados de aparência severa; dríades com caixotes de madeira robustos e kelpies ranger seus dentes afiados de faca. Marchando na frente havia redcaps em seus uniformes tingidos de sangue, suas botas de ferro tocando na terra. Eles cercaram um homem coroado a cavalo – o novo rei dos Unseelie. Não o que Dru conhecia das fotos; este rei era jovem. Sua coroa estava inclinada despreocupadamente para o lado.

Quando se aproximou, Dru pôde ver que se parecia um pouco com Kieran. A mesma boca reta, as mesmas feições desumanamente belas, embora o cabelo do rei fosse preto como carvão e com listras roxas. Ele foi até o Inquisidor e o resto da Coorte e olhou para eles com frieza.

Maryse fez um barulho de surpresa. Outros Caçadores de Sombras estavam ofegando, e alguns em pé na Ponte da Cisterna aplaudiram. Por mais que Dru odiasse Horace, ela poderia dizer que era um bom teatro: o pequeno grupo da Coorte enfrentando um grande exército do Reino das Fadas.

Ela estava apenas feliz por ter algum teatro planejado por ela mesma.

— Saudações, meu senhor Oban — disse Horace, inclinando a cabeça. — Agradecemos por concordar em conversar conosco esta manhã.

— Ele está mentindo — disse Tavvy. — Olhe para o rosto dele.

— Eu sei — Dru disse em voz baixa. — Mas não diga isso onde as pessoas podem ouvir você.

Oban deslizou graciosamente de seu cavalo. Ele se curvou para Horace. Houve outro suspiro coletivo que subiu pelas ruas de Alicante. Fadas não se curvaram aos Caçadores de Sombras.

— O prazer é meu.

Horace sorriu expansivamente.

— Você entende a gravidade da nossa situação — disse ele. — A morte de dois dos nossos, especialmente os famosos caçadores de sombras como Jace Herondale e Clary Fairchild deixa um buraco no coração da nossa comunidade. Tal ferida não pode ser suportada por uma sociedade civilizada. Isso exige recompensa.

Ele quer dizer retribuição, pensou Dru. Ela sabia que os dois eram diferentes, embora duvidasse que pudesse explicar exatamente como.

— Nós das Terras dos Invisíveis não discordamos — disse Oban pomposamente. — Parece-nos provado que os integrantes do Submundo e os Caçadores de Sombras não podem ocupar o mesmo espaço em segurança. É melhor que nos separemos e respeitemos uns aos outros à distância.

— Muito bem — disse Horace. — Respeitar um ao outro à distância parece muito bom.

— Sério — Maryse murmurou. — Ninguém pode estar acreditando nessa porcaria, podem?

Dru olhou de relance para ela.

— Você realmente soa como uma nova-iorquina às vezes.

Maryse sorriu torto.

— Eu vou aceitar isso como um elogio.

Houve uma agitação repentina. Dru olhou para cima e viu que Horace, que estava concordando com o rei Oban, estava olhando para a distância, a boca aberta em estado de choque.

Oban virou-se e uma carranca – a primeira expressão genuína que ele mostrou – espalhou-se pelo rosto dele.

— O que é essa intromissão?

Incapaz de se conter, Dru bateu palmas. Ao entrar no foco da Projeção, caminhando pelos campos verdes em direção à Coorte, estavam Julian, Emma e o resto do grupo. Contra todas as probabilidades, eles haviam chegado.

* * *

O vento havia subido e açoitado através dos Campos, sua força intocada por paredes ou árvores. A grama se inclinou na frente de Emma e dos outros, e as vestes de Inquisidor de Horace se agitaram ao redor dele. Zara tirou o

cabelo do rosto e olhou furiosa para Julian antes de voltar seu olhar de ódio para Emma.

— Você… — ela sussurrou.

Emma sorriu para Zara com todo o ódio despertado pela visão de Cortana pendurada ao lado de Zara.

— Eu sempre quis que alguém jogasse você para mim — disse ela. — Me faz sentir como se estivesse em um filme.

Horace zombou.

— O que vocês estão fazendo aqui? Como ousa interromper essa conversa? Este é um assunto sério, não um jogo para crianças.

— Ninguém disse que isto era um jogo, Dearborn. — Julian parou entre Horace e uma multidão de cavaleiros de fadas e capuzes vermelhos, ladeado por Mark e Alec de um lado, Emma e Cristina do outro. — E nem somos crianças.

— Eu certamente não sou — Alec apontou suavemente.

Um homem de pé no centro dos redondos moinhos apontou para Mark. Ele tinha um olhar de Kieran sobre ele, com o cabelo bagunçado e púrpuro e uma argola de ouro ligeiramente inclinada sobre a cabeça.

— Eu conheço você.

Mark olhou com raiva.

— Infelizmente, isso é verdade. — Ele se virou para os outros. — Esse é o Príncipe Oban.

— Rei Oban — Oban estalou. — Inquisidor Horace, exijo que eles me mostrem respeito.

— Eles não deveriam estar aqui — disse Horace. — Minhas desculpas por esta intrusão. — Ele virou uma mão presunçosa em sua direção. — Ashdown, Gladstone, livrem-se desse lixo.

— Você o ouviu. — Vanessa deu um passo à frente, sua mão na lâmina em sua cintura.

— É muito difícil imaginar o que Cameron fez para merecer parentes como você — Emma disse a ela, e teve a satisfação de vê-la ficar com uma cor borrada.

Alec levantou o arco. O mesmo aconteceu com o Mark.

— Se vocês não entregarem suas armas — disse Horace — nós seremos forçados a…

— É realmente isso que você quer que todos vejam? — Julian interrompeu. — Depois de tudo que você disse sobre a morte de jovens

Caçadores de Sombras – você quer ser a causa de mais deles? — Ele se virou de Horace, em direção às paredes de Alicante, e falou com uma voz clara e dura. — Esta discussão é falsa. É inteiramente para se mostrar. Não apenas o Inquisidor está aliado a Corte Unseelie, como também colocou Oban no trono como seu fantoche.

Zara engasgou audivelmente.

Onde Horace parecia presunçoso, ele agora parecia atordoado.

— Mentiras. Essas são mentiras vergonhosas! — Ele rugiu.

— Eu suponho que você vai dizer que ele matou Jace e Clary também — disse Zara.

Julian não se incomodou em olhar para ela. Ele continuou olhando para Alicante. Emma imaginou os Caçadores de Sombras na cidade. Eles poderiam vê-lo, ouvi-lo? Eles entenderam?

— Eu não ia dizer isso — disse Julian. — Porque eles não estão mortos.

* * *

Eles não estão mortos.

Um rugido subiu em torno de Dru. Havia caos nas ruas: ela podia ouvir as pessoas gritando em felicidade e outras em surpresa ou raiva; ela podia ouvir os nomes de Jace e Clary falados repetidas vezes. Tavvy levantou os punhos para o céu, onde a imagem de Julian se elevava acima deles, flanqueada por Emma e seus amigos.

Esse é meu irmão, Dru pensou orgulhosamente. *Meu irmão Julian.*

* * *

— É de muito mau gosto fazer essas piadas — retrucou Gladstone. — O mundo dos Nephilins ainda lamenta a perda de Jace e Clary…

— E encontramos suas roupas manchadas de sangue — disse Zara. — Nós sabemos que eles estão mortos.

— As pessoas deixam cair coletes às vezes, Zara — disse Alec. — Jace é meu *parabatai*. Se ele estivesse morto, eu saberia.

— Ah, sentimentos — disse Horace com nojo. — Isso é tudo sobre seus sentimentos, é isso, Lightwood? Nós, da Tropa, lidamos com fatos! Nossos fatos!

— Ninguém é dono de fatos — disse Cristina em voz baixa. — Eles são imutáveis.

Horace deu a ela um olhar de desgosto e se virou para Oban.

— Jace Herondale e Clary Fairchild estão mortos, não estão?

A expressão de Oban era uma mistura de raiva e desconforto.

— Um dos meus capuzes vermelhos me disse que sim e, como você sabe, meu povo não pode mentir.

— Aí está — disse Horace. — Estou sem paciência com você, Blackthorn! Guardas, venham e levem-os para o Gard. A punição deles será decidida depois.

— Nós vamos levá-los. — Zara se adiantou, Timothy Rockford ao seu lado. Ela tirou Cortana de sua bainha e levantou-a para gesticular para os intrusos. — Emma Carstairs, eu te prendo em nome de…

Emma estendeu a mão. Ela estendeu a mão ao longo de todos os anos desde que Julian havia colocado Cortana em seus braços no início da Guerra Maligna. Ela estendeu a mão como na sebe espinhosa do Reino das Fadas, como se estivesse descendo o passado para tocar as mãos de todas as mulheres Carstairs que mantiveram Cortana ao longo dos anos.

A mão de Zara se sacudiu. O aperto de Cortana se soltou de seus dedos e a lâmina atravessou o espaço entre eles.

O punho bateu na mão de Emma. Reflexivamente, ela agarrou-a e ergueu a espada para o alto. Cortana era dela novamente.

* * *

Eles estavam sentados em uma das toras da fogueira, conversando, embora Helen estivesse nervosa demais para manter sua mente firme na conversa. Ela não conseguia manter sua mente longe de Jules e Mark, e o perigo que eles estavam enfrentando agora.

— Eles vão ficar bem — Magnus disse depois que ele fez uma pergunta duas vezes e ela não respondeu. Ela estava olhando para a profusão de árvores, todo o seu corpo ficou tenso. — Horace não iria prejudicá-los na frente de tantas pessoas. Ele é um político.

— Todo mundo tem um ponto de ruptura — disse Helen. — Vimos pessoas fazendo coisas bem estranhas.

Os olhos de gato de Magnus brilharam.

— Eu suponho que nós temos.

— É bom ver você de novo — disse Aline para ele. — Não passamos muito tempo juntos desde Roma.

Ela sorriu para Helen; Roma foi onde eles se encontraram, anos atrás.

— Eu continuo dizendo a mim mesmo que vou evitar guerras e batalhas no futuro — disse Magnus. — Mas, de alguma forma, elas continuam vindo para mim. Deve ser alguma coisa no meu rosto.

O som do apito fez Helen ficar de pé, junto com Aline. Não foi um grande aviso. As árvores ao redor deles tremiam; Helen tinha acabado de desembainhar a espada quando um grupo de cinquenta ou sessenta membros da Coorte fortemente armados irrompeu deles, liderados por Manuel Villalobos, e foi direto para o campo.

Magnus não se incomodou em levantar do tronco.

— Ah, Deus — disse ele em uma voz entediada. — Um ataque aterrorizante e inesperado.

Aline bateu no ombro dele. Os membros da Tropa subiram a colina e invadiram o acampamento, cercando Magnus, Helen e Aline. Manuel usava seu equipamento completo de Centurião; seu manto vermelho e cinza girou impressionantemente quando ele agarrou Aline e a puxou de volta contra o peito, a adaga para fora.

— Qual tenda é a de Jace e Clary? — Ele exigiu. Ele fez um gesto com a adaga. — Vocês dois! Milo, Amelia! Pegue às mãos do feiticeiro. Ele não pode fazer mágica sem elas. — Ele lançou um olhar de desprezo a Magnus. — Você deveria estar morto.

— Ah, de fato, mas a coisa é, eu sou imortal — Magnus disse alegremente, enquanto um corpulento Caçador de Sombras — Milo, aparentemente puxava suas mãos atrás dele. — Alguém deveria ter dito a você.

Helen não estava tendo um tempo tão fácil e alegre. Aline lançou-lhe um olhar reconfortante, mas a visão de sua esposa no aperto de Manuel ainda era mais do que ela podia suportar.

— Deixe-a ir! -— Ela exigiu.

— Assim que você me disser onde Jace e Clary estão — disse Manuel. — De fato, deixe-me expressar em palavras que você possa entender. Diga-me onde eles estão ou vou cortar a garganta da sua esposa.

Helen e Aline trocaram um olhar.

— É aquela azul ali — disse Helen, e apontou para o que ela esperava parecer uma maneira relutante.

Manuel empurrou Aline para longe dele. Helen a pegou e eles se abraçaram com força.

— Eu odiei isso — Helen resmungou contra o pescoço de Aline enquanto membros da Coorte atiravam neles, suas lâminas desembainhadas brilhando.

— Eu também não amei — respondeu Aline. — Ele cheira a colônia. Como uma pinha. Vamos.

Elas olharam para Magnus, que estava assobiando alegremente e ignorando seus guardas, que pareciam suados e preocupados. Magnus acenou para eles e eles correram atrás de Manuel e os outros, que estavam se aproximando da barraca azul.

— Pegue-os — disse Manuel, indicando as estacas da tenda. — Arranque-as do chão.

A tenda foi apreendida, levantada do chão e arremessada para o lado, desmoronando em uma pilha de tecidos.

Revelado abaixo estavam Jace e Clary, sentados de pernas cruzadas no chão, encarando um ao outro. Eles estavam jogando o jogo da velha no chão com paus. Clary tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo e parecia ter quinze anos.

Manuel emitiu um ruído estridente.

— Mate-os — disse ele, voltando-se para seus companheiros. — Continue. Mate eles.

A Tropa parecia desconcertada. Amelia deu um passo à frente, levantando a lâmina – depois hesitou visivelmente.

As árvores ao redor do acampamento estavam sussurrando alto.

Os membros da Coorte que haviam permanecido na linha de árvores, com as armas desembainhadas, olhavam ao redor, intrigados e cheios de medo.

Jace desenhou o terceiro em uma linha de X no chão e jogou seu bastão para o lado.

— Xeque-mate — disse ele.

— Xeque-mate é xadrez — Clary apontou, ignorando inteiramente a Tropa ao redor deles.

Jace sorriu. Era um sorriso brilhante e bonito, o tipo de sorriso que fez Helen entender por que, todos aqueles anos atrás, Aline o beijara apenas para ver.

— Eu não estava falando sobre o nosso jogo — disse ele.

— Eu disse para matá-los! — Manuel gritou.

— Mas, Manu — disse Amelia, apontando um dedo tremendo.

— As árvores, as árvores estão se movendo Aline segurou a mão de Helen quando a floresta explodiu.

* * *

Houve um momento de silêncio. Maravilha genuína mostrou em quase todos os rostos, até mesmo Oban. Como uma fada, talvez ele entendesse o significado da escolha de Cortana, gostasse ou não.

O olhar de Emma encontrou Julian. Ele sorriu para ela com os olhos. Julian entendeu o que isso significava para ela. Ele sempre fez.

Zara deu um grito.

— Dê isso de volta! — Ela avançou em Emma, que levantou Cortana em triunfo. Seu sangue cantou em suas veias, uma canção de ouro e batalha. — Vocês, trapaceiros! Ladrões! Chegando aqui, tentando estragar tudo, tentando arruinar o que estamos construindo!

— Cortana não quer você, Zara — Julian disse calmamente. — Uma espada de Wayland, o Ferreiro, pode escolher seu portador, e Cortana não escolhe mentirosos.

— Nós não somos mentirosos.

— Mesmo? Onde está Manuel? — Mark exigiu. — Ele estava no Reino das Fadas quando eu estava lá. Eu o vi tramando com Oban. Ele falou de uma aliança com a Tropa.

— Então ele falou dessa conversa! — Horace rugiu. — Esta é uma aliança, não é segredo.

— Isso foi muito antes de você dizer à Clave que Jace e Clary haviam morrido — disse Cristina. — Manuel pode ver o futuro?

Horace realmente bateu o pé.

— Vanessa! Martin! Livre-se desses intrusos!

— Meus capuzes vermelhos podem levá-los — disse Oban. — Sangue de Caçador de Sombras faz um corante justo.

A Tropa congelou. Julian deu um pequeno sorriso frio.

— Sério, príncipe? — Disse Mark. — Como você saberia?

Oban se virou para ele.

— Você vai se dirigir a mim como seu rei! Eu governo as terras do Unseelie! Eu tirei o título do meu pai…

— Mas você não o matou — disse Cristina. — Kieran fez isso. Kieran Kingson.

O exército dos Unseelie começou a murmurar. Os capuzes vermelhos olhavam friamente.

— Acabem com essa farsa, Dearborn — disse Julian. — Envie o exército Unseelie para casa. Venha e enfrente seu pessoal no Salão do Conselho.

— Encare eles? — Horace disse, sua boca trabalhando em desgosto. — E como você sugere que eu faça isso quando ainda não arranjei justiça? Você simplesmente esqueceria aqueles bravos Caçadores de Sombras, aqueles que você diz ser amigos, que morreram nas mãos dos Seres do Submundo? Eu não vou abandoná-los! Eu falarei por eles…

— Ou você poderia deixá-los falar por si mesmos — disse Alec suavemente. — Desde que, você sabe, aqui estão eles.

— Ah, olhe, e tem o Manuel — disse Emma. — Nós sentimos muito por ter saudades dele, mas eu vejo que ele estava…

— Não diga — avisou Julian.

—… Amarrado. — Emma sorriu. — Desculpa. Não pode resistir a um trocadilho ruim.

E amarrado, ele estava: Manuel, junto com um grupo de cinquenta ou mais membros da Tropa, estava sendo conduzido com firmeza pelos Campos da beira da Floresta Brocelind. Suas mãos estavam amarradas atrás das costas. Eles estavam sendo impulsionados por uma multidão de Caçadores de Sombras – Aline e Helen, Isabelle e Diana e Simon.

Andando ao lado deles, tão casualmente como se estivessem fora para um passeio matinal, estavam Jace e Clary. Acima deles, agitavam o estandarte da Armada de Livia, Clary segurava a escora da qual a bandeira voava. Os olhos de Emma arderam – o medalhão e o sabre de Livvy, voando bem acima dos Campos Imperecíveis.

E atrás deles, atrás deles veio uma onda de todos os seres do submundo que esperaram na floresta durante a noite: feiticeiros, lobisomens e fadas de todos os tipos, saltando e caminhando e espreitando entre as árvores. A Floresta Brocelind estava cheia de membros do submundo mais uma vez.

Horace congelou. Zara se encolheu contra seu corpo, olhando através de seu cabelo emaranhado.

— O que está acontecendo? — Disse Zara com voz aturdida.

Emma quase sentiu pena dela.

Julian estendeu a mão e soltou o fecho que segurava seu manto. Ela escorregou de seus ombros, revelando o cabo da Espada Mortal, prata preta com asas de anjo abertas.

Horace olhou para ele, ofegando ligeiramente. Emma não sabia se ele reconheceu a Espada Mortal ou não; ele parecia além disso.

— O que você fez, seu garoto estúpido? — Ele assobiou. — Você não tem ideia… O planejamento cuidadoso… Tudo o que fizemos em nome dos Nephilins …

— Bem, olá, Dearborn. — Horace recuou, como se a visão de Jace e Clary tão perto queimasse. Jace segurou Manuel na frente deles com as costas do seu uniforme, a expressão do Centurion estava aborrecida e irritada. — Parece que os rumores de nossa morte foram muito exagerados. Por você.

Clary empurrou a estaca que ela estava segurando na terra, então a bandeira tremulou na vertical.

— Você sempre quis dizer isso, não é? — Ela perguntou a Jace.

Alec olhou para os dois e balançou a cabeça. O resto dos Caçadores de Sombras e Membros do Submundo se espalhou pelo campo entre a área de negociação e as muralhas de Alicante. Rostos familiares se misturaram à multidão: Simon e Isabelle estavam perto, e perto deles Emma reconheceu Catarina, Diana, Maia e Bat; Ela olhou para Magnus e finalmente encontrou-o de pé perto da borda da Floresta Brocelind. O que ele estava fazendo tão longe?

— Dearborn — disse Alec. — Esta é a sua última chance. Cancele esta reunião e volte conosco para a Sala do Conselho.

— Não — disse Horace. Alguma cor voltou para o rosto dele.

— Mas todo mundo pode ver que você mentiu — disse Emma. — Você mentiu para todos os Caçadores de Sombras, tentou nos assustar com a obediência.

— Estes não são Jace e Clary — Horace apontou para eles com dedos trêmulos. — Estes são alguns… Alguns impostores, uma magia de feiticeiro destinada a enganar e enganar…

— As Irmãs de Ferro previram que você diria isso — disse Julian. — É por isso que eles me deram isso. — Ele chegou por trás dele e tirou a Espada Mortal de sua bainha. O metal parecia cantar enquanto a lâmina se arqueava no céu, espalhando fagulhas. Um suspiro audível surgiu das fadas Coorte e Unseelie; Emma só podia imaginar a comoção ocorrendo na cidade. — A Espada Mortal, reforjada.

Silenciosamente, Julian agradeceu a Irmã Emilia e sua disposição de enganar a Tropa.

A boca de Horace funcionou.

— Uma Farsa! Uma Farsa!

— Então você não se importará se Manuel a segurar — disse Julian. — Ordene-lhe que a segure.

Horace congelou. Seus olhos dispararam da Espada para Manuel e voltaram; foi, surpreendentemente, Oban quem quebrou o silêncio.

— Bem, se for uma falsa, deixe o menino pegá-la — disse ele. — Vamos sofrer esta farsa apenas brevemente. — Seus olhos prateados se voltaram para Manuel. — Pegue a espada, centurião.

Com os lábios apertados, Manuel estendeu as mãos, e Julian colocou a Espada Mortal neles, a lâmina em suas mãos. Emma viu Manuel sacudir como se estivesse com dor e sentiu um alívio frio. Então o poder da espada estava funcionando. Foi doloroso ser forçado a dizer a verdade. O poder da Espada doía, e não apenas aqueles que mentiam, mas qualquer um que desejasse proteger seus segredos.

Julian cruzou os braços e olhou para Manuel. Era um olhar duro e frio, um olhar que remontava a gerações de Blackthorns que haviam sido os próprios inquisidores. — Você e a Tropa tentaram matar Clary e Jace agora?

O rosto de Manuel estava manchado de branco e vermelho, seu cabelo cuidadosamente desarrumado.

— Sim — ele assobiou. — Sim. Nós tentamos. Ele atirou em Horace um olhar venenoso. — Foram ordens do Inquisidor. Quando ele descobriu que ainda estavam vivos e estariam na Floresta Brocelind na noite passada, ele ordenou que nós os matássemos ao amanhecer.

— Mas isso não aconteceu — disse Julian.

— Não. Eles devem ter sido avisados. Eles estavam esperando por nós, e as florestas estavam cheias de membros do submundo. Eles atacaram. Não tivemos chance.

— Então você estava disposto a matar colegas Nephilins e colocar a culpa em Submundanos — disse Julian. — Por quê? Por que fomentar a guerra?

— Eu fiz o que Horace me mandou fazer.

— E no Reino das Fadas — disse Julian. — Quando você ajudou Oban a se tornar rei. Quando você intermediou uma aliança entre a Tropa e a Corte Unseelie. Foi por que Horace pediu para você fazer isso?

Manuel estava mordendo o lábio com tanta força que o sangue escorria pelo queixo. Mas a espada era mais forte que sua vontade.

— A ideia foi minha — ele suspirou. — Mas Horace a abraçou, ele adorava a ideia de fazer um truque sob os narizes da Clave. Nós colocamos Oban no trono porque Oban era um idiota que faria o que queríamos, ele iria encenar essa discussão conosco, e nós fingiríamos chegar a um acordo, um acordo em que ambas as partes conseguiriam o que queriam. A Corte Unseelie colocaria os Caçadores de Sombras ao seu lado contra Seelie e outros Habitantes do Submundo e a Tropa poderia dizer que eles forçaram a Corte Unseelie a um acordo de paz, que eles concordaram em nunca mais entrar em Idris. Ambos os lados pareceriam fortes para o seu povo…

— Chega! — Oban gritou. Ele chegou para pegar a Espada Mortal de Manuel, mas Mark se moveu na frente dele, bloqueando seu caminho. — Silencie esse pirralho!

— Tudo bem — Julian disse inesperadamente, e arrancou a espada do aperto de Manuel. — Chega com as ligas juniores. Dearborn, pegue a espada.

Ele andou em direção a Horace, segurando a espada. Todos ao redor de Horace caíram sobre os membros da Tropa, parecendo alternadamente chocados e furiosos. Não foi muito difícil dizer quem ficou surpreso com as revelações de Manuel e quem não foi.

— É hora de você falar com seu povo, Dearborn — disse Julian. — Eles podem ver você. Eles podem te ouvir. Você lhes deve uma explicação. Ele segurou a Espada para ele, nivelado e pronto. — Deixe-o ser testado.

— Seremos testados em batalha! — Horace gritou. — Eu vou provar a mim mesmo! Eu sou o líder deles! Seu legítimo cônsul!

— Os cônsules não mentem para os membros do Conselho — disse Julian. Ele abaixou a Espada Mortal para que a parte plana da lâmina ficasse na palma da mão esquerda, estremecendo um pouco quando a compulsão da verdade se consolidou. — Você culpou as fadas pela morte de Dane Larkspear. Eu matei Dane Larkspear.

Emma sentiu seus olhos se arregalaram. Ela não esperava que Julian dissesse isso.

— Talvez um pouco de muita honestidade radical — Simon murmurou.

— Eu o matei porque você o mandou para o Reino das Fadas para me matar e matar minha *parabatai* — disse Julian. — Estou segurando a Espada Mortal. Eu não estou mentindo. Você pode ver isso. — Ele falou

como se estivesse se dirigindo apenas a Horace, mas Emma sabia que ele estava se dirigindo a todos os Caçadores de Sombras e Seres do Submundo que podiam ouvi-lo. — Samantha Larkspear ficou ferida quando tentou torturar Kieran Kingson na Scholomance. Possivelmente também sob suas ordens. — Ele deu um pequeno suspiro; a espada estava claramente machucando-o. — Você colocou Caçadores de Sombras contra Caçadores de Sombras e contra membros do submundo inocentes, todos a serviço de enganar o Conselho a adotar suas reformas preconceituosas, tudo a serviço do medo.

— *Sim, eu fiz!* — Horace gritou. Zara voou para o lado do pai e puxou a manga vazia; ele parecia mal percebê-la. — Porque os Nephilim são tolos! Por causa de pessoas como você, que dizem que os Submundanos são nossos amigos, que podemos viver em paz ao lado deles! Você nos faria esticar nossos pescoços de bom grado para a lâmina de abate! Você quer que nós morramos deitados, não brigando! — Ele jogou o braço direito na direção de Oban. — Eu não teria que aceitar uma aliança com esse tolo bêbado se a Clave não tivesse sido tão estúpida e tão teimosa! Eu precisava mostrar a eles – mostrar a eles como nos proteger honrosamente dos Submundanos!

— "Honrosamente"? — Julian ecoou, levantando a Espada Mortal para que não tocasse mais a palma da mão. Era uma arma de novo agora, não um teste da veracidade do portador. — Você expulsou os Submundanos de Brocelind. Você sabia que a Corte Unseelie estava espalhando a praga que estava matando feiticeiros e você não fez nada. Como isso é honroso?

— Como se tudo o que ele fez não fosse nada — disse Mark. — Ele encorajou o rei a espalhar sua terra envenenada aqui, para matar os filhos de Lilith.

— Eu acho que nós terminamos aqui. — Alec falou friamente, em uma voz soando. — É hora da Corte Unseelie ir, Horace. Sua lealdade está em questão e você não é mais capaz de negociar em nome dos Submundanos ou Nephilim.

— Você não tem poder para nos mandar embora, rapaz! — Retrucou Oban. — Você não é o Cônsul, e nosso acordo é com Horace Dearborn sozinho.

— Eu não sei o que Horace prometeu a você — disse Jace, satisfação fria em seu tom. — Mas ele não pode ajudá-lo, Princípe.

— Eu sou o Rei. — Oban levantou o arco.

Do nó dos Submundanos, uma mulher fada deu um passo à frente. Foi Nene, a tia de Mark e Helen. Ela enfrentou Oban orgulhosamente.

— Você não é o nosso rei — disse ela.

— Porque você é gente da Seelie — zombou Oban.

— Alguns de nós são Seelie, alguns Unseelie e alguns dos povos selvagens — disse Nene. — Nós não reconhecemos você como o Rei das Terras Invisíveis. Nós reconhecemos Kieran Kingson, que matou Arawn, o Velho Rei, com suas próprias mãos. Ele tem o direito do trono pelo sangue em suas veias e pelo sangue derramado.

Ela deu um passo para o lado e Kieran emergiu do círculo das fadas. Vestira-se com as roupas das Fadas: túnica de linho cru, calça de couro de cervo e botas. Ele se ergueu, as costas retas, o olhar nivelado.

— Saudações, irmão Oban — disse ele.

O rosto de Oban se contorceu em um rosnado.

— A última vez que te vi, irmão Kieran, você estava sendo arrastado acorrentado atrás dos meus cavalos.

— Isso é verdade — disse Kieran. — Mas falam mais mal de você do que de mim. — Ele olhou para as massas à distância de silenciosos guerreiros Unseelie. — Eu vim para desafiar meu irmão para o trono de Unseelie — disse ele. — O método usual é um duelo até a morte. O sobrevivente assumirá o trono.

Oban riu incrédulo.

— O que? Um duelo agora?

— E por que não agora? — Perguntou Nene. Mark e Cristina olhavam um para o outro com horror; ficou claro que nenhum deles conheciam essa parte do plano. Emma duvidava que alguém tivesse apenas o próprio Kieran e algumas outras fadas. — Ou você está com medo, meu senhor Oban?

Em um movimento suave e repentino, Oban levantou o arco e atirou em Kieran. A flecha voou livre; Kieran empurrou de lado, a flecha faltando apenas seu braço. Voou pelo campo e bateu em Julie Beauvale; Ela desceu como uma muda atingida, seu chicote voando de sua mão.

Emma ofegou. Beatriz Mendoza gritou e caiu de joelhos ao lado de Julie; Alec girou e disparou uma rajada de flechas contra Oban, mas os redcaps já haviam se fechado em torno do rei. Vários desceram com as flechas de Alec enquanto ele colocava flecha após flecha no arco e voava em direção aos guerreiros Unseelie.

— Depois dele! Siga Alec! — Gritou Maia. Os lobisomens caíam no chão de quatro, brotando pêlos e presas. Com um grito, a coorte cercando Horace pegou suas armas e atacou; Julian defendeu um golpe de Timothy com a Espada Mortal, enquanto Jessica Beausejours se jogou em Emma, sua espada chicoteando ao redor de sua cabeça.

Nene correu para a frente para armar Kieran com uma espada de prata; relampejou como relâmpago quando ele colocou sobre ele. As fadas Unseelie de Oban, leais ao seu rei, surgiram para protegê-lo, uma onda de lanças e espadas eriçadas. Mark e Cristina se lançaram em direção a Kieran, Cristina armada com uma espada longa de dois gumes, voando com elfos da proa de Mark. Redcaps amarrotados a seus pés. Simon, Jace e Clary já haviam desenhado suas espadas e saltaram para a briga.

Timothy gritou quando sua espada se partiu ao meio contra a lâmina de Maellartach. Com um gemido, ele desapareceu atrás de Horace, que estava gritando descontroladamente para todos pararem, para a batalha parar, mas ninguém estava ouvindo. O barulho da batalha foi incrível: espadas batendo contra espadas, lobisomens uivando, gritos de agonia. O cheiro de sangue e metal. Emma desarmou Jessica e chutou as pernas para fora de debaixo dela; Jessica desceu com um grito de dor e Emma girou para encontrar dois guerreiros goblins com seus dentes de vidro quebrado e rostos de couro se aproximando. Ela levantou Cortana quando alguém correu para ela. O outro desceu de repente, com as pernas presas em uma armadilha de eletrum.

Emma despachou o primeiro goblin com uma lâmina para o coração e se virou para ver Isabelle, seu chicote de ouro preso nas pernas do segundo.

O duende preso gritou e Simon cuidou disso com o golpe de uma espada longa, sua expressão sombria. Julian chamou e Emma se virou para ver um cavaleiro das fadas se levantar atrás dela; antes que ela pudesse levantar Cortana, ele cambaleou para trás com uma das facas de Julian afundadas na garganta.

Emma girou; Julian estava atrás dela, a Espada Mortal reluzente em sua mão. Havia sangue nele e um hematoma em sua bochecha, mas com Maellartach em sua mão ele parecia um anjo vingador.

O coração de Emma bateu em grandes e poderosos golpes; Era tão bom ter Cortana na mão dela novamente, tão bom lutar com Julian ao seu lado. Ela podia *sentir* a magia guerreira *parabatai* trabalhando entre eles, podia vê-la como um cordão brilhante que os unia, movendo-se quando eles se moviam, ligando mas nunca os enlaçando.

Ele gesticulou para ela segui-lo, e juntos eles mergulharam no coração da batalha.

* * *

A projeção no céu explodiu como fogos de artifício, as imagens caindo em direção à cidade em cacos brilhantes. Mas Dru tinha visto o suficiente. Todos eles tiveram.

Ela se virou para ver Maryse atrás dela, olhando para o céu como se estivesse cega por um eclipse.

— Pobre Julie, você viu?

Dru olhou para Max e Rafe, que estavam apegados, claramente aterrorizados.

— Você tem que levar as crianças para a casa. Por favor. Pegue Tavvy.

— Não! — Tavvy gemeu quando Dru o empurrou para Maryse e a porta vermelha da casa Graymark. — Não Silla, eu quero ir com você! NÃO! — ele gritou, a palavra rasgando seu coração quando ela o soltou e recuou.

Maryse estava olhando para ela, ainda parecendo atordoada.

— Drusilla, fique na casa…

Atrás de Maryse as ruas estavam cheias de pessoas. Eles pegaram armas, vestiram-se em equipamentos. Uma batalha começara e Alicante não esperaria.

— Sinto muito — sussurrou Dru. — Eu não posso.

Ela saiu correndo, ouvindo Tavvy gritando por ela muito tempo depois que ela estava fora do alcance da voz. Ela entrou e saiu de multidões de Caçadores de Sombras em marcha, arcos e espadas pendurados sobre os ombros, a pele brilhando com novas runas. Era a Guerra das Trevas mais uma vez, quando voaram freneticamente pelas ruas de paralelepípedos, o caos ao redor deles. Ela recuperou o fôlego quando atravessou a Cistern Square, disparou por um beco estreito e saiu na Praça Hausos, em frente ao Portão Ocidental.

As grandes portas do portão estavam fechadas. Dru esperava isso. Linhas de guerreiros da Coorte bloquearam as multidões de Caçadores de Sombras – muitos dos quais Dru reconheceu da reunião do conselho de guerra – de acessá-los. A praça estava rapidamente se enchendo de Nephilim, suas vozes iradas levantadas.

— Você não pode nos segurar aqui! — Gritou Kadir Safar, do Conclave de Nova York.

Lazlo Balogh fez uma careta para ele.

— O Inquisidor decretou que nenhum Caçador de Sombras deixasse a cidade! — Ele gritou de volta. — Para sua própria proteção!

Alguém agarrou a manga de Dru. Ela pulou um pé e quase gritou; era Tavvy, sujo e desgrenhado.

— Os Irmãos do Silêncio — por que eles não fazem alguma coisa? — Ele exigiu, angústia impressa em todo o seu pequeno rosto.

Os Irmãos do Silêncio ainda estavam de pé nos pontos de observação que lhes haviam sido atribuídos, imóveis como estátuas. Dru passou por muitos deles na noite anterior, embora nenhum deles tivesse tentado detê-la ou perguntado a ela. Ela não conseguia pensar nos Irmãos do Silêncio agora, no entanto. Ela pegou Tavvy e quase o sacudiu.

— O que você está fazendo aqui? É perigoso, Tavvy!

Ele esticou o queixo.

— Eu quero estar com você! Eu não ficarei mais para trás!

A multidão explodiu em uma nova onda de gritos. A Tropa guardando o portão estava começando a parecer abalada, mas nenhum deles se movera.

Não houve tempo para enviar Tavvy de volta. Isso poderia se transformar em um banho de sangue a qualquer momento, e ainda mais do que isso, a família e os amigos de Dru estavam nos campos imperecíveis. Eles precisavam de ajuda.

Ela agarrou a mão de Tavvy.

— Então, continue — ela retrucou, e eles começaram a correr, empurrando e abrindo caminho através da multidão até o outro lado da praça. Eles correram pelo Canal Princewater e atravessaram a ponte, alcançando a rua Flintlock em questão de minutos. Estava deserta – algumas casas haviam sido abandonadas tão rapidamente que suas portas ainda se abriram.

No meio da rua estava a loja com sua pequena placa. A FLECHA DE DIANA. Dru voou até a porta e bateu com força – três batidas rápidas e depois três lentas. *Abra*, ela rezou. *Abra. Abra. Abra.*

A porta voou larga. Jaime Rocio Rosales estava do outro lado, vestido em um traje de batalha preto. Ele carregava uma brilhante besta de prata, apontada diretamente para ela.

— Sou eu — Dru disse indignada. — Você sabe, aquela que tirou você da cadeia?

— Você nunca pode ser cuidadosa demais, princesa — disse ele com uma piscadela, e abaixou o arco, chamando por cima do ombro para Diego e os outros. Eles começaram a derramar na rua todos em marcha, eriçados com armas novas: espadas longas e espadas, bestas e maças, machados e bolas. — Quem te ensinou a escolher os cadeados daquele jeito? Eu nunca tive a chance de perguntar a você na noite passada.

Kit Herondale, Dru pensou. O pensamento de Kit a lembrava de outra coisa também. Tavvy estava olhando de olhos redondos para todas as armas reluzentes: Diego ostentava um machado, Divya um lance de duas mãos, Rayan uma bola espanhola. Até mesmo Jia estava enfeitada com sua espada favorita, um dao curvo.

— Tudo bem, todo mundo — disse Dru. — Essas armas são da Diana e, depois de hoje, elas precisam ser devolvidas à loja.

— Não se preocupe — disse Jaime. — Eu escrevi um recibo.

— Ele não escreveu um recibo — disse Diego.

— Eu considerei isso — disse Jaime.

— Às vezes não é o pensamento que conta, irmãozinho — disse Diego, e havia um calor profundo em sua voz que Dru nunca tinha ouvido antes. Ela simpatizava com isso – ela sabia como era perder um irmão e recuperá-lo.

— Temos que ir — disse Tavvy. — Todo mundo nos portões está gritando e a Tropa não os deixa sair.

Jia se adiantou.

— Eles não podem nos manter presos na cidade — disse ela. — Me sigam.

Jia parecia ter um mapa mental da cidade em sua cabeça. Ela atravessou várias ruas maiores, por ruas estreitas e atrás de casas. No que pareceram minutos, eles saíram para a Praça Hausos.

— Alguém deixe os prisioneiros saírem! — Gritou uma voz, e então outras vozes se juntaram, com muitos chamando o nome de Jia.

— Afaste-se! — Rayan gritou. Ele havia se colocado de um lado de Jia, ao lado de Diego. Divya e Jaime estavam do outro. Dru correu para trás, ainda segurando a mão de Tavvy, junto com os outros que haviam escapado do Gard. — Abram caminho para o cônsul!

Isso cortou a gritaria. A multidão ficou em silêncio enquanto Jia esculpia um caminho entre a multidão como um navio de guerra atravessando o mau tempo. Ela caminhava orgulhosa, o sol fraco brilhando em seu cabelo

preto-acinzentado. Chegou ao centro do portão trancado, onde ficava Lazlo Balogh, uma lança de pé ao lado dele.

— Abra o portão, Lazlo — disse ela em voz baixa que, no entanto, carregava. — Essas pessoas têm o direito de se juntar a seus amigos e familiares na batalha.

O lábio de Lazlo se curvou.

— Você não é a líder da Clave — disse ele. — Você está sob investigação. Estou agindo sob as ordens de Horace Dearborn, inquisidor e cônsul temporário.

— Essa investigação acabou — Jia disse calmamente. — Horace Dearborn chegou ao poder ilegalmente. Ele mentiu e nos traiu. Todos aqui ouviram as palavras de sua própria boca. Ele injustamente me aprisionou como ele agora nos aprisionou em nossa cidade enquanto vidas estão em risco nos Campos. Abra os portões.

— Abra os portões! — Gritou um menino de cabelos escuros — Dru viu Divya sorrir. Era Anush, sua prima.

— Abra os portões! — Divya chorou, empurrando sua espada no ar. — Abra os portões em nome de Raziel!

Jaime assobiou, seu sorriso contagiante.

— *Abre las puertas!*

O grito subiu no ar. Mais e mais Nephilim se juntaram – Kadir Safar e Vivianne Penhallow, o grito de "Abra os portões!" levantando um coro. Tavvy e Dru se juntaram, Dru se perdendo por um momento na gritaria, a sensação de fazer parte de algo maior e mais forte que ela sozinha. Ela subiu em um banco, puxando Tavvy para o lado dela, para que ela pudesse ver toda a cena: a Coorte obviamente desconfortável, os Nephilim gritando, os poucos Caçadores de Sombras que permaneciam quietos e inseguros.

— Não desobedeceremos ao verdadeiro cônsul! — Gritou Lazlo, com o rosto escurecido. — Nós vamos morrer aqui antes que você nos forcem a trair a Lei!

Os gritos vacilaram; ninguém esperava isso. Os olhos de Tavvy se arregalaram.

— O que ele quer dizer?

A multidão congelou. Nenhum Nephilim queria ser forçado a prejudicar outro Nephilim, especialmente após o pesadelo da Guerra Maligna. Jia pareceu hesitar.

Um Irmão do Silêncio deu um passo à frente. Então outro e outro, suas vestes de pergaminho farfalhando como folhas ao vento. A multidão recuou para abrir caminho para eles. Dru não pôde deixar de olhar. A última vez que ela olhou para um grupo de Irmãos do Silêncio, foi no dia do funeral de sua irmã.

Uma voz silenciosa ecoou pela praça. Dru podia ver pelas expressões nos rostos dos outros na multidão que todos podiam ouvir, ecoando dentro de suas mentes.

Eu sou o irmão Shadrach. Nós conferimos entre nós mesmos o que a Lei nos instrui a fazer. Concluímos que a verdadeira consulesa é Jia Penhallow. O irmão Shadrach fez uma pausa. Ele e os outros fizeram um quadro silencioso, contra os membros da Coorte. *Abra os portões.*

Houve um silêncio. O rosto de Balogh funcionou.

— Não! — Era Paige Ashdown. Havia uma nota alta e zangada em sua voz – o mesmo tom agudo e maldoso que ela sempre usava quando ligava para os nomes de Ty, quando ela zombava das roupas e do peso de Dru. — Você não pode nos dizer o que fazer…

O irmão Shadrach levantou a mão direita. O mesmo aconteceu com os outros irmãos. Houve um som como algo enorme rasgando ao meio, e os portões se abriram, batendo nos membros da Coorte como se tivessem sido atingidos por uma mão gigantesca. O ar estava cheio do som de seus gritos quando eles foram deixados de lado; os portões se abriram e, além deles, Dru pôde ver os Campos Imperecíveis, verdes sob um céu cinzento e invadidos por lutas.

— Nephilins! — Jia tinha desenhado seu dao; ela abaixou para apontar diretamente à frente na batalha furiosa. — Nephilins, vão em frente!

Rugindo com o desejo de lutar, os Caçadores de Sombras começaram a sair dos portões abertos da cidade. A maioria deles passou por cima da Coorte caída enquanto rolavam no chão, gemendo de dor. Apenas Cameron Ashdown, visível graças aos cabelos ruivos, parou para ajudar a irmã Paige a ficar de pé.

Diego e os outros começaram a se mover em direção aos portões. Dru viu Jaime se aproximar e bater no ombro do irmão; Diego assentiu e Jaime se afastou do grupo e correu na direção de Dru. Ela ficou congelada de surpresa em seu banco enquanto ele voava através da multidão em direção a ela. Ele era gracioso como uma faca lançada, seu sorriso tão brilhante quanto a borda de sua lâmina brilhante.

Ele chegou até ela; com ela em pé no banco, eles tinham a mesma altura.

— Não poderíamos ter feito isso sem você — disse ele. — Você é a única que nos libertou — ele a beijou na testa, seus lábios leves e rápidos. — No campo de batalha, vou pensar em você.

E ele se foi, correndo em direção a seu irmão enquanto Dru desejava que ele estivesse correndo em direção a ela.

Ela tinha sonhado que ela poderia lutar também, ao lado dos outros. Mas ela não podia deixar Tavvy. Ela sentou-se no banco e puxou-o para seu colo, segurando-o enquanto observavam Diego e Jaime, Rayan e Divya, até mesmo Cameron Ashdown, desaparecerem na multidão que entrava pelos portões para os Campos.

31
Um Brilho Avermelhado

— EU NÃO POSSO ACREDITAR QUE MAGNUS fez isso conosco — disse Ty.

Ele e Kit estavam sentados no espaço abaixo do carvalho, perto do acampamento semi-destruído. Kit estava com frio por ter ficado sentado no chão por tanto tempo, mas não era como se ele pudesse ir a qualquer lugar. Antes de sair para o campo de batalha com os outros, Magnus havia prendido Ty e Kit às raízes do carvalho com correntes de luz bruxuleantes.

— Desculpe, pessoal — ele disse, faíscas azuis dançando de seus dedos — Mas eu prometi a Julian que você ficaria em segurança, e a melhor maneira de garantir que isso aconteça é garantir que você fique bem aqui.

— Se ele não tivesse, você estaria seguindo Julian e os outros para os Campos Imperecíveis — disse Kit — Você pode ver o seu raciocínio.

Ele chutou a corrente em torno de seu tornozelo. Era feito de lampejo – não havia substância real, apenas brilhantes laços de luz, mas o mantinha no lugar tão firmemente quanto se tivesse sido feito de *adamas*. Quando ele tocou a luz em si, ele sentiu um leve choque, como o choque da eletricidade estática.

— Pare de lutar — disse Ty. — Ainda não conseguimos sair; nós não vamos conseguir agora. Teremos que encontrar outra solução.

— Ou podemos simplesmente aceitar que temos que esperar que eles voltem — disse Kit, afundando-se contra as raízes. De repente, ele se sentiu muito cansado – não fisicamente, mas bem no fundo.

— Eu não aceito isso — disse Ty, cutucando a corrente brilhante em torno de seu tornozelo com uma vara.

— Talvez você devesse aprender a aceitar coisas que não podem ser mudadas.

Ty olhou para cima, seus olhos cinzentos brilhando em seu rosto magro.

— Eu sei do que você está realmente falando — ele disse. — Você *está* com raiva de mim.

— Sim — disse Kit — Eu estou bravo com você.

Ty jogou o bastão de lado; Kit saltou.

— Você sabia que eu ia despertar Livvy — disse ele. — Você sabia o tempo todo e me disse que estava tudo bem. Você foi junto até o último minuto e depois disse para eu não fazer isso. Eu pensei que você se importasse, mas você mentiu para mim. Assim como todo mundo.

Kit ofegou com a injustiça disso. *Eu pensei que você se importasse?*

Ele disse à Ty o quanto ele se importava e Ty tratou como nada. A humilhação da noite anterior inundou-o em uma onda quente, provocando uma raiva amarga.

— Você só se importa com o que é melhor para você — disse ele entre os dentes. — Você despertou Livvy para você, não para ela ou qualquer outra pessoa. Você sabia o dano que isso poderia causar. Você só pensou em si mesmo. Eu queria… eu gostaria de nunca ter conhecido você…

Os olhos de Ty se encheram de lágrimas repentinas. Chocado, Kit ficou em silêncio. Ty era Ty; ele não chorava facilmente, mas estava enxugando as lágrimas do rosto com as mãos trêmulas. A raiva de Kit desapareceu; ele queria rastejar pela cavidade em direção a Ty, que balançava a cabeça, dizendo algo em voz baixa…

— Estou aqui.

A expressão de Ty mudou completamente. Ainda havia lágrimas em suas bochechas, mas seus lábios se separaram em espanto.

Deslumbrado.

Ela se ajoelhou na beira do oco, meio transparente. O vento não levantava as bordas de seu cabelo castanho, nem tremia em seu longo vestido branco. O vestido que ele se perguntou sobre na noite anterior, pensando que ela nunca o teria escolhido.

Só agora Kit percebera que ela não tinha: o vestido era o que ela havia sido queimada, um vestido funerário de Caçador das Sombras.

— Livvy — disse Ty. Ele tentou se levantar, mas o cordão de luz ao redor de seu tornozelo o empurrou de volta para baixo. Ele caiu em algum musgo.

O fantasma de Livvy Blackthorn sorriu. Ela desceu na cavidade – não subindo nem caindo, mas flutuando como uma pena ao vento.

— O que você está fazendo? — Perguntou Ty enquanto se ajoelhava ao lado dele.

— Eu não deveria ter ficado tão brava com você na noite passada — disse Livvy. — Você queria o bem.

— Você veio se *desculpar*? — disse Kit.

Livvy se virou para olhá-lo. O medalhão de ouro brilhou em sua garganta. Era estranho ver dois deles – o que Ty usava, real e brilhante, e o que cintilava no pescoço de Livvy. Um sussurro das lembranças dela? A maneira da morte de projetar uma imagem do que as pessoas esperavam que Livvy se parecesse?

— Eu esqueci — disse Livvy. — Você pode ver fantasmas, Herondale.

Ela soava como Livvy. Mas não como Livvy. Havia uma distância legal em seu tom e a verdadeira Livvy o chamaria de *Kit*.

Ainda assim, ela se inclinou para tocar o tornozelo de Ty suavemente e, ao seu toque, a corrente de luz de Magnus tremeluziu e desapareceu. Ty se ajoelhou.

— Por que você fez isso? Porque você sente muito?

— Não — disse Livvy. — Fantasmas realmente não fazem coisas porque sentem muito.

Ela tocou a bochecha de Ty, ou pelo menos ela tentou – seus dedos passaram pelo contorno do corpo dele. Ty estremeceu, mas manteve o olhar fixo nela.

— Julian e Mark e Helen e Emma estão nos Campos Imperecíveis — disse Livvy, com os olhos desfocados, como se estivesse vendo o que estava acontecendo em outro lugar. — Você deve ir para ajudá-los. Você deve lutar na batalha. Eles precisam de você do lado deles.

Como se fosse uma reflexão tardia, ela se virou e tocou a corrente de Kit. Ela desapareceu – e Livvy também. Ela inclinou a cabeça e se foi, nem mesmo uma nuvem de névoa para mostrar que alguma vez estivera ali.

A devastação passou pelo rosto de Ty e Kit sentiu uma pontada de pena. Como seria para ele, mesmo que Livvy viesse e fosse como um fantasma? Ela nunca ficaria muito tempo, e não havia como ter certeza de que, se ela fosse, voltaria. Seria como perdê-la de novo e de novo e de novo.

Ty ficou de pé. Kit sabia que ele não diria nada sobre Livvy.

— Você não tem que vir para a batalha — disse Ty. — Você pode ficar aqui.

Ele começou a sair do buraco. Sem palavras, Kit o seguiu.

*

Cristina conhecia sua história de Caçadores de Sombras melhor do que a maioria. Enquanto corria pela relva verde, pensou no passado: que aqui nos Campos Imperecíveis foi onde Jonathan Caçador de Sombras lutara contra uma legião de demônios.

Enquanto ela corria, golpeando com a espada, ela seguiu os passos dele.

Mark estava ao lado dela. Ele estava armado com um arco, mais leve e menor que o de Alec, mas capaz de atirar com velocidade e precisão. O exército Unseelie se aproximou deles enquanto seguiam em direção a Kieran, e a mão de Mark foi para seu arco repetidas vezes, derrubando trolls e ogros com raios de elfo na garganta e no peito. Cristina virou-se para os Capuzes Vermelhos menores e mais rápidos, cortando e cortando, notando com um horror distante que o próprio sangue deles desaparecia contra seus uniformes já manchados de sangue.

Um rugido saiu de trás deles.

— O que é isso? — Mark exigiu, limpando o sangue e suor de seus olhos.

— Reforços vindo para se juntar a Horace e os outros — disse Cristina severamente. — Eles estavam em guarda ao redor da cidade.

Mark xingou baixinho.

— Nós temos que chegar a Kieran.

Cristina imaginou que Mark estava tendo o mesmo pânico que ela – havia apenas um de Kieran e uma massa de Capuzes Vermelhos e soldados da infantaria Unseelie, de kelpies a goblins, que juraram lealdade a Oban. Em qualquer direção que ela olhasse, ela via povo Unseelie trancados em batalha com os Habitantes do Submundo e Caçadores de Sombras: Simon e Isabelle estavam segurando duendes com espada e chicote, Alec cortando ogros um após o outro com seu arco, Maia e Bat rasgando trolls com garras e dentes. Ao longe, ela viu Emma e Julian lutando de costas um contra o outro, e Jace travou uma briga com Timothy Rockford… Mas por que Jace estava usando a lâmina *plana*…?

— Lá está ele — disse Mark.

Eles tinham coberto uma colina; descendo a encosta estava Kieran. Ele carregava a espada que Nene lhe dera e estava enfrentando um Capuz Vermelho de ombros largos em enormes botas de ferro.

Mark praguejou.

— Eles o chamam de General Winter porque ele pode acabar com uma aldeia inteira mais rápido do que uma geada mortal.

— Eu me lembro dele. — Cristina estremeceu. Ela recordou a luta feroz dos Capuzes Vermelhos na sala do trono da Corte Unseelie. — Mas… Ele vai matar Kieran. Eu li sobre Capuzes Vermelhos. Mark, isso é ruim.

Mark não discordou. Ele estava olhando para Kieran com os olhos preocupados.

— Vamos.

Eles desceram a encosta, passando por um número de soldados Unseelie que corriam para o meio da batalha. Oban ainda estava cercado por um círculo de goblins, protegendo-o: alguns Capuzes Vermelhos formavam um grupo solto em torno de Winter e Kieran. Eles pareciam ter se reunido para desfrutar da luta.

Os Capuzes Vermelhos aplaudiram quando Winter atacou com sua espada, pousando um golpe de raspão no ombro de Kieran. A camisa branca de Kieran já estava listrada de sangue. Seu cabelo era branco, da cor de neve ou cinza, as maçãs do rosto em chamas. Ele defendeu o golpe seguinte do espadachim e disparou para o torso de Winter; o general Capuz Vermelho mal deslizou para o lado a tempo de evitar o impulso.

Winter riu.

— Que pena! Você luta como um Rei — disse ele. — Em cem anos você poderia ter sido bom o suficiente para me enfrentar.

— *Bastardo* — Mark assobiou. — Cristina…

Ela já estava sacudindo a cabeça.

— Se formos até Winter agora, os outros guardas cairão sobre nós — disse ela. — Rápido… Sinalize para Gwyn. Ele atacará Oban.

Pode nos dar uma chance.

Os olhos de Mark brilharam com realização. Ele colocou a mão em torno de sua boca e assobiou, o baixo, cantarolando, o assovio da Caçada Selvagem que parecia vibrar dentro dos ossos de Cristina.

Uma sombra passou pelo céu. Rodou e voltou: Gwyn na parte de trás de Orion. Ele voou baixo sobre o campo; Cristina viu Diana se virar e levantar os braços. Um momento depois, Gwyn a colocou ao lado dele em Orion. Eles subiram de volta no ar, Diana e o líder da Caçada Selvagem.

Juntos, eles voaram baixo sobre os goblins que cercam Oban. Diana, com o cabelo escuro voando atrás dela, curvou-se nas costas do cavalo, balançando a espada para baixo, cortando o peito de um guarda dos goblins. Os outros gritaram e começaram a se dispersar quando Diana os perseguiu do céu, Gwyn sorrindo sob o capacete.

Mas Kieran ainda estava com grandes problemas. Ele mal estava segurando Winter, cuja espada bateu de novo e de novo contra sua lâmina. Enquanto Cristina observava com horror, um dos golpes de Winter derrubou Kieran no chão; ele rolou para o lado e ficou de pé, quase perdendo um segundo golpe mortal.

Mark e Cristina saíram correndo em direção a ele, mas um Capuz Vermelho que vigiava a luta virou-se para bloquear o caminho. Nesse intervalo, o arco de Mark era de menor utilidade; ele tirou uma espada curta do cinto e atirou-se ao guarda, golpeando ferozmente o Capuz Vermelho enquanto tentava alcançar Kieran. Outro guarda se levantou na frente de Cristina; ela o despachou com um golpe cortante, rolando sob o caminho de outra lança. Uma bota de metal bateu em seu lado e ela gritou, sentindo suas costelas quebrarem. A dor agonizante queimou através dela quando ela caiu no chão.

Enquanto isso, o guarda dos goblins de Oban teve o suficiente.

Soltando suas armas na pressa de fugir, eles fugiram de Oban para o meio da batalha, seguindo Diana e Gwyn. Oban, abruptamente sozinho no campo, olhou em volta em pânico furioso antes de pegar a espada de um goblin.

— Voltem, seus bastardos! — ele gritou. — Voltem aqui! Eu ordeno vocês!

Ofegando em agonia, Cristina tentou se levantar. A cicatriz de ossos quebrados fez seu canivete cair contra o chão; ela viu dois Capuzes Vermelhos acima dela e pensou: *Este é o fim.*

Eles caíram, um de cada lado dela, ambos mortos. Um Mark coberto de sangue se inclinou sobre ela, seu rosto branco.

— Cristina! *Cristina!*

Cristina pegou Mark, ofegando de dor.

— *Iratze.*

Mark procurava sua estela quando Winter gritou em voz alta.

— Rei Oban!

Cristina virou a cabeça para o lado. Winter estava sobre Kieran, que estava amassado no chão, sua espada estilhaçada ao seu lado. O

coração de Cristina afundou-se ao mesmo tempo em que Mark puxou uma leve *Iratze* em sua pele.

Ela mal notou a dor partir. *Oh, Kieran.*

— General Winter! — Oban gritou, acenando com as mãos para o Capuz Vermelho sobre Kieran como se estivesse golpeando uma mosca. Rendas manchadas voaram de suas mangas e seus calções de veludo foram esmagados além do reparo. — Eu comando você para matar o traidor!

Winter balançou a cabeça devagar. Ele era uma figura enorme, seus ombros quase dividindo as costuras de seu uniforme tingido de sangue.

— Você deve fazer isso, senhor — disse ele. — É a única maneira de tornar sua reivindicação sobre o trono verdadeira.

Com uma carranca petulante, Oban, com a espada ao seu lado, avançou, cruzando o pedaço de grama entre ele e Kieran. Mark olhou para Cristina. Ela assentiu, *sim*, e ele estendeu a mão, levantando-a a seus pés.

Eles se entreolharam uma vez. Então Mark partiu para a direita, disparando em direção a Winter e Kieran.

Cristina caminhou para a esquerda e entrou diretamente na frente de Oban.

— Você não vai tocar em Kieran — disse ela. — Você não dará outro passo.

Ela ouviu Winter gritar de surpresa. Mark se jogou nas costas do general Capuz Vermelho. Winter atirou, mas não antes que Kieran tivesse ficado de pé.

Oban olhou para Cristina com exasperação.

— Você sabe quem eu sou, menina Caçadora de Sombras? — Ele exigiu. — Você se atreve a cruzar o caminho do Rei Unseelie?

Você não é ninguém e nada importante.

Cristina ergueu a espada entre ela e Oban.

— Eu sou Cristina Mendoza Rosales, e se você machucar ou matar Kieran, então você terá que lidar comigo.

Ela viu o brilho nos olhos prateados de Oban e se perguntou por que ela achava que ele se parecia com Kieran. Eles não eram nada parecidos.

— Você não é tal coisa como os Reis são feitos — disse ela em voz baixa. — Corra agora. Deixe isso para trás e viva.

Oban olhou para Winter, que estava lutando contra Mark e Kieran; eles estavam pressionando-o de volta e de volta. Capuzes Vermelhos mortos espalhados pelo campo; a grama estava escorregadia de sangue. Ao longe, Gwyn e Diana circulavam Orion.

Aos olhos de Oban, Cristina viu seu horror, não a morte ao seu redor, mas a visão de tudo isso se esvaindo – realeza, riqueza, poder.

— Não! — ele gritou, e investiu contra ela com sua espada.

Cristina encontrou o golpe de Oban por conta própria, balançando sua espada em um arco selvagem. A surpresa cintilou em seus olhos quando suas lâminas tocaram juntas. Ele caiu de surpresa, mas se recuperou rapidamente. Ele era um bêbado e um perdulário, mas ainda um príncipe do Reino das Fadas. Quando ele se lançou novamente, os dentes à mostra, sua espada bateu contra a dela com força suficiente para tocar através de seus ossos. Ela tropeçou, se conteve e golpeou novamente – e novamente. Ele encontrou seus golpes, sua própria espada rápida e furiosa. A ponta cortou seu ombro e ela sentiu o sangue começar a fluir.

Cristina começou a rezar.

Bendito seja o Anjo, minha força, que ensina minhas mãos para a guerra e meus dedos para lutar.

Toda a sua vida ela queria fazer algo para aliviar a dor da Paz Fria. Aqui estava sua chance. Raziel tinha trazido isso para ela. Ela faria isso por Emma, pelos Blackthorns, por Diego e Jaime, por Mark e Kieran, por todos os Rosales. Para todos prejudicados pela paz que foi verdadeiramente uma guerra.

Uma quietude calma encheu seu coração. Ela ergueu a lâmina como se fosse Gloriosa, como se fosse uma lâmina brilhante do céu. Ela viu o medo nos olhos de Oban, mesmo quando ele se moveu para atacá-

la novamente, trazendo sua espada ao redor em um arco lateral. Ela girou em um círculo completo, evitando o golpe dele, e quando ela virou ela dirigiu sua lâmina entre as costelas dele.

Um suspiro pareceu passar pelo mundo. Ela sentiu o metal de sua espada moer contra os ossos, sentiu o sangue quente espirrar em seu punho. Ela empurrou a espada de volta; Oban cambaleou, olhando para baixo, incrédulo, com o sangue se espalhando pela frente de seu gibão.

— *Você* — ele respirou, ainda em descrença. — Quem é você?

Ninguém importante.

Mas não adiantava falar. Oban caíra no chão, as mãos soltas ao lado do corpo, os olhos se abrindo. Ele estava morto.

Mark e Kieran estavam lutando desesperadamente e descuidadamente. Cristina sabia que eles estavam lutando não por suas próprias vidas, mas um pelo outro.

— O Príncipe Oban está morto! — ela gritou. — Oban está *morto*!

Ela deu um passo à frente na grama molhada de sangue, chamando Winter, Mark e Kieran, para todos que podiam ouvir.

Foi o General Winter que a ouviu gritar. Ele se levantou, tão alto e ameaçador quanto uma parede entre Cristina e os meninos que ela amava. Sua cabeça coberta por um capuz vermelho virou-se. Seus olhos vermelhos absorveram Cristina, e então o que havia atrás dela, um monte de sangue e veludo.

Seus dedos, onde ele segurava sua espada, ficaram brancos.

Por um momento, Cristina imaginou-o se vingando de seu Rei em Kieran e Mark. Sua respiração ficou presa na garganta.

Ponderoso e aterrorizante como uma avalanche, Winter caiu lentamente de joelhos. Ele curvou a cabeça escurecida pelo sangue.

Sua voz soou como trovão quando ele disse: — Meu senhor, Rei Kieran.

Kieran e Mark estavam lado a lado, as lâminas ainda erguidas, respirando em uníssono. Cristina atravessou a terra encharcada de sangue para ficar de pé para que ela e Mark estivessem cercando Kieran.

O rosto de Kieran estava mortalmente pálido. Havia um olhar desamparado e perdido sobre ele, mas seus olhos procuraram o rosto de Cristina como se ele pudesse se encontrar lá. Ela apertou a mão dele. Os olhos de Kieran viajaram de Cristina para Mark, e seu queixo se ergueu. Ele ficou com as costas retas como uma lâmina. Cristina observou-o ajeitar os ombros delgados como se estivesse se preparando para suportar um fardo pesado.

Ela fez um juramento silenciosamente para si mesma: Ela e Mark o ajudariam a suportá-lo.

— O Príncipe Oban está morto — disse Mark. Sua voz se elevou para os céus, para Diana e Gwyn circulando bem acima de suas cabeças.

— Kieran Kingson é o novo rei dos Unseelie! Vida longa ao rei!

*

Eles haviam chegado à orla da floresta, correndo o tempo todo, tropeçando nas raízes das árvores na pressa de chegar aos Campos Imperecíveis. Não havia uma fronteira definida entre os Campos e a floresta: as árvores se diluíram e Ty parou, com a respiração acelerada. Kit parou ao lado dele, olhando.

Parecia um filme. Ele não pôde evitar o pensamento, embora se sentisse vagamente envergonhado – como um filme com efeitos incríveis e atenção

a cada detalhe. Ele tinha pensado em batalhas como organizadas, duas linhas de soldados avançando um sobre o outro. Em vez disso, essa era o caos – menos um jogo de xadrez do que uma torre Jenga desmoronada. Soldados lutavam em grupos, rolavam em valas, espalhavam-se em padrões aleatórios pelos Campos. O ar tresandava a sangue e agitava-se com ruído – o clangor de metal sobre metal, soldados gritando, o uivo dos lobos, os gritos dos feridos.

O barulho. Kit virou-se para Ty, que ficara pálido.

— Eu não posso… Eu não trouxe meus fones de ouvido — disse Ty.

Kit também não se lembrava deles, mas ele realmente não esperava estar na luta. Ele nem imaginou que *haveria* uma briga nessa escala.

Foi maciço. Os portões da cidade de Alicante estavam abertos e mais Caçadores de Sombras jorravam, aumentando o barulho e o caos.

Ty não podia fazer isso. Ele não sobreviveria estando no centro daquilo sem nada para proteger seus ouvidos, seus olhos.

— Você vê Julian? — Kit perguntou. Talvez se Julian estivesse por perto, se pudessem chegar até ele…

A expressão de Ty foi apagada ligeiramente.

— Espere.

Ele verificou o interior de sua jaqueta, onde ele escondeu várias facas e um estilingue. Ele também tinha um bolso cheio de pedras; Kit os vira antes.

Ty correu até a árvore mais próxima – um carvalho grande e ramificado – e começou a escalar.

— Espere! — Kit correu para a base do tronco e olhou para cima. Ty já estava desaparecendo entre as folhas. — O que você está *fazendo*?

— Eu acho que posso ver os outros de uma posição mais elevada — Ty gritou.

Um galho chacoalhou.

— Lá estão eles… Vejo Alec. E Jace; ele está lutando contra alguns membros da Tropa. Mark e Cristina acabaram com os Capuzes Vermelhos. Ali está Helen… Um troll está vindo atrás dela…

Houve um chocalhar de assobio e um farfalhar de folhas.

— Não mais — Ty acrescentou em uma voz de prazer, e Kit percebeu que ele deveria ter usado seu estilingue.

— Kit, suba aqui… Você pode ver tudo.

Não houve resposta.

Ty se inclinou através dos galhos, procurando o chão da floresta abaixo do carvalho. Estava vazio. Kit fora embora.

*

Alec tinha encontrado uma rocha, uma das poucas nos Campos.

Isso era uma coisa boa, porque ele estava no seu melhor de uma suave elevação – enquanto Jace corria em direção a ele, tecendo através de soldados Unseelie e amigáveis Submundanos, ele assistia com fraternal admiração enquanto Alec deixava flecha atrás de flecha voar com velocidade mortal e uma precisão ainda mais mortal.

— Alec. — Jace alcançou Alec. Um troll corria na direção deles, as presas manchadas de sangue, o machado erguido. Seus olhos brilhavam com ódio. Jace puxou uma faca de seu cinto e atirou-a e o troll caiu, gorgolejando, a lâmina em sua garganta.

— O que é isso? — Alec não olhou para ele. Ele prendeu novamente o arco, desenhou e empalou um globlin de dentes de vidro que estava correndo na direção de Simon. Simon deu-lhe uma saudação de improviso e voltou a lutar com uma coisa coberta de musgo que Jace suspeitava ser uma dríade que tivesse dado errado.

— Os portões da cidade estão abertos…

— Eu notei.

Alec atirou na dríade. Ele correu em direção às árvores.

— Mais membros da Tropa estão entrando em campo.

— Assim como mais dos nossos aliados. Jia está aqui — disse Alec.

— Verdade. — Um ogro veio na direção de Jace pela esquerda. Ele o cortou com eficiência rápida. — Onde está Magnus?

Alec observou Simon com olhos estreitos; ele se juntou Clary para reduzir um Capuz Vermelho. Os Capuzes Vermelhos eram os soldados das fadas mais letais no campo, mas Jace ficou contente ao ver Clary lidar com os dela com desenvoltura. Ela cortou os joelhos e, quando caiu, Simon decepou a cabeça. Bom trabalho sólido *parabatai*.

— Por que você quer saber onde Magnus está? — Alec disse.

— Porque esses membros da Tropa são todos *Caçadores de Sombras* — Jace disse francamente. — Eu tenho tentado não matá-

los. Eu tenho usado a parte plana da minha espada, batendo nas cabeças deles quando eles caem, ou deixando Clary usar suas runas de nocaute, mas é muito mais difícil não matar pessoas do que matá-

las. — Ele suspirou e jogou uma faca atacando uma pixie. — Poderíamos usar a ajuda de Magnus.

— Você sabe — disse Alec — os vampiros são realmente bons em derrubar as pessoas sem matá-los. Apenas pegue uma pessoa, beba o sangue suficientemente para fazê-los desmaiar e voilà.

— Não é útil — disse Jace. Outro troll correu para eles. Jace e Alec pegaram suas armas ao mesmo tempo. O troll olhou para eles, virou-se e saiu correndo.

Alec riu.

— Você está com sorte, *parabatai* — disse ele, e apontou para a borda da Floresta Brocelind.

Jace seguiu seu gesto. A borda das árvores estava profundamente sombreada, mas Clary havia colocado runas de Visão em cima dele mais cedo. Ele podia até ver uma pequena figura empoleirada na metade de um carvalho, usando um estilingue para derrubar soldados Unseelie. Interessante. Ele também viu Magnus, que acabara de sair das sombras sob as árvores.

Ele estava em pleno traje de feiticeiro – um manto preto costurado com estrelas de prata, correntes de prata em sua garganta e pulsos, cabelo espetado até a altura máxima. Fogo azul se espalhou de suas mãos. Fluía no ar e as nuvens já grossas começaram a se juntar.

Clary correu para eles, abrindo caminho entre trolls e ogros mortos.

Ela estava radiante.

— Eu pensei que ele estava preocupado que ele não pudesse fazer isso — ela exclamou. — Ele parece tão legal.

— Apenas observe — disse Alec, piscando para ela. — E ele parece legal.

Ele atirou em um troll se aproximando, apenas no caso de alguém estar preocupado que ele estava falhando.

Jace não estava. O campo estava começando a se agitar no caos, lobisomens e bruxos, fadas e Caçadores de Sombras, virando-se para olhar para Magnus enquanto a magia negra-negra se desenrolava de suas mãos, espalhando-se pelo céu.

O próprio céu começou a escurecer. Era como se um lençol estivesse sendo desenhado: luz filtrada, mas não toda luz – uma luz azulada como a iluminação das estrelas ou da luz da lua. Gwyn e Diana circularam contra o céu que escurecia.

Magnus começou a balançar. Jace sentiu Alec ficar tenso. Esta foi uma imensa magia – o tipo que poderia drenar o poder de um bruxo.

Outra figura saiu da floresta. Um homem com pele verde e chifres encaracolados, cabelo branco como o de Catarina. Ele usava jeans e uma camiseta preta com letras brancas.

Ele colocou a mão no ombro de Magnus.

— É Ragnor Fell em uma camiseta do 'Ragnor Lives'? — Clary ficou surpresa. Ragnor era um dos amigos mais antigos de Magnus e passara vários anos fingindo estar morto e depois vários outros fingindo ser um feiticeiro chamado Shade. Jace e Clary tinham bons motivos para conhecê-lo bem.

— Eu não usaria uma camiseta do 'Simon Lives' para uma batalha — disse Simon, que estava ao alcance da voz. — Parece alguém pedindo por problemas.

Alec riu.

— Eu acho que ele vai ficar bem — disse ele enquanto Ragnor se agarrava rapidamente a Magnus e Magnus levantou as mãos, liberando mais luz azul-negra. — Ele está apenas dando a Magnus um pouco de sua força.

O céu ficou escuro como o pôr do sol, sem o brilho do sol poente. Magnus abaixou as mãos para a floresta atrás dele, e protegida pela nova escuridão, explodiu de vampiros – Lily na liderança, correndo pelo campo para se juntar à batalha.

— Eu sei o que você disse — disse Jace, observando enquanto os vampiros fechavam o espaço entre eles e a Tropa — mas os vampiros receberam o memorando sobre não matar Caçadores de Sombras?

Alec sorriu.

*

— Pelo Anjo! — Aline praguejou, sua boca caindo aberta.

Helen virou, levantando sua espada. Lutar ao lado das pessoas que você amava sempre era aterrorizante. Você não estava apenas lutando para se proteger; você estava lutando por eles também. Ela teria lutado contra um Demônio Maior para salvar Aline.

Aline pegou o braço da espada de Helen.

— Minha mãe! — Ela era quase incoerente. — Eles estão saindo da cidade… e minha mãe está com eles!

Os portões de Alicante haviam sido abertos e Caçadores de Sombras estavam entrando. À frente da cavalgada ela podia ver Jia, vestida em equipamento de batalha com um enorme *sabre* curvado em sua mão e Centuriões – Diego, Rayan, Divya e outros – em ambos os lados dela. *Sogra mais assustadora do que nunca*, pensou Helen.

Helen e Aline correram em direção aos recém-chegados. Quando se aproximaram, Aline libertou-se e correu para abraçar sua mãe. Jia baixou a espada e abraçou a filha ferozmente com o braço livre, as cabeças escuras inclinadas juntas.

— Onde está o papai? — Perguntou Aline, recuando para estudar o rosto da mãe.

— Ainda na cidade. Ele está coordenando com Carmen Mendoza e os Irmãos do Silêncio para garantir que as pessoas de dentro permaneçam seguras.

— Mas como você saiu do Gard? — Aline perguntou.

Jia quase sorriu.

— Drusilla nos deixou sair ontem à noite. Ela é uma criança muito empreendedora! Falando em Blackthorns, Helen, venha aqui.

Um pouco hesitante, Helen se aproximou de Jia. Ela sempre achou que sua sogra era impressionante, mas nunca foi tão intimidadora quanto neste momento.

Jia abraçou-a e abraçou-a com tanta força que Helen se lembrou de sua própria mãe Eleanor e da força de seu abraço.

— Minha querida, você fez um trabalho maravilhoso no Instituto — disse Jia. — Estou tão orgulhosa.

Divya fungou.

— Isso é *tão* fofo.

Jia terminou o abraço, era tudo negócios novamente.

— Tudo bem, todo mundo, chega de ficarem boquiabertos.

Estamos entrando em uma batalha, em que estaremos lutando contra outros Caçadores de Sombras. Nós preferimos não matar.

Precisamos fazer uma configuração Malachi.

Helen lembrou vagamente o que era uma Configuração de Malachi – uma prisão mágica temporária criada por *adamas* e runas. Às vezes era usado pelo Inquisidor ou pelos Irmãos do Silêncio quando eles não tinham outra maneira de manter um prisioneiro.

Diego respondeu primeiro.

— Estou dentro! — Ele pegou uma lâmina serafim e cruzou a borda dos Campos antes de se ajoelhar para apunhalá-la na terra. — Eu vou para o norte; Divya, você vai para o sul; Rayan, vá para o leste. Precisamos marcar as quatro direções cardeais.

— Mandão, mandão — disse Divya, mas ela estava sorrindo. Aline se moveu para ajudar também, indo para o ponto ocidental. O resto dos recém-chegados estavam sacando armas. Jaime tinha seu arco e estava claramente ansioso para entrar na luta.

Jia disse: — Lembre-se do que Drusilla disse sobre o plano do relógio. Tentem não matar membros da Tropa se vocês tiverem uma escolha. Rebente-os de volta para a configuração. Eles ainda são Caçadores de Sombras, mesmo que sejam mal orientados.

Com gritos e uivos, os Caçadores de Sombras correram para o campo e mergulharam na batalha no momento em que um doce ruído soou e a Configuração de Malaquias se acendeu.

A luz jorrava das quatro lâminas do anjo, formando uma gaiola cujas paredes eram feitas de luz em movimento. Parecia delicado como asas de borboleta, prismáticas como vidro. Helen olhou para a configuração e esperou que seu plano de poupar as vidas da Tropa não fosse em vão. As paredes luminosas da prisão pareciam muito frágeis para conter tanto ódio.

*

— Deixe-me ir! — Kit gritou.

Ele sabia que não faria muito bem. Emma o segurou firmemente pela parte de trás da camisa e o estava arrastando ao longo da borda da floresta, mantendo-se nas sombras. Ela parecia absolutamente furiosa.

— O que você está fazendo aqui? — ela exigiu.

Ela segurou sua espada de ouro em sua mão livre, seu olhar correndo ao redor em raiva e vigilância.

— Quando te vi, quase tive um ataque cardíaco! Você deveria estar no acampamento!

— E Ty? — Kit disse, torcendo contra o aperto de ferro de Emma. — Ele está lá! Ele está *em cima de uma árvore*. Nós não podemos simplesmente deixá-lo sozinho.

Algo assobiou por cima de suas cabeças, e um ogro se aproximando caiu em um amontoado, um círculo limpo perfurado no meio de sua testa.

— Ele parece estar bem — disse Emma secamente. — Além disso, prometi a Tessa que não te deixaria perto de batalhas *ou* fadas e esta é uma batalha cheia de fadas. Ela vai me *matar*.

Kit foi picado.

— Por que não batalhas ou fadas? Eu não sou tão ruim assim!

Emma girou em torno dele então ele a encarou, felizmente soltando a parte de trás de sua camisa enquanto ela fazia isso.

— Não é sobre isso!

Ela disse com raiva.

Seu equipamento estava sujo e manchado de sangue, o rosto arranhado e cortado. Kit imaginou onde Julian estava… os *parabatai* geralmente lutavam juntos em batalha, não é?

— Eu não vejo o que é tão importante sobre mim — disse Kit.

— Você é mais importante do que pensa — disse Emma. Seus olhos se arregalaram de repente. — Ah *não*.

— O quê? — Kit olhou em volta descontroladamente. No começo, ele não viu nada incomum… ou, pelo menos, nada incomum para uma enorme briga entre fadas e Caçadores de Sombras.

Então uma sombra caiu sobre eles, e ele percebeu.

A última vez que vira os Cavaleiros de Mannan estava em Londres.

Havia seis deles agora, brilhando em bronze e ouro; seus cavalos eram calçados com ouro e prata, seus olhos eram negros. Os Cavaleiros usavam armaduras sem juntas ou rebites para segurá-los juntos – um bronze liso e líquido que os cobria do pescoço ao pé como as carapaças reluzentes de insetos.

— Fique atrás de mim, Kit. — Emma ficou pálida. Ela entrou na frente de Kit, levantando Cortana. — Fique abaixado. Eles provavelmente estão vindo para mim, não para você.

Os Cavaleiros se aproximaram, como uma chuva de estrelas cadentes. Eles eram lindos e horríveis. Kit pegara apenas a adaga dos Herondale que Jace lhe dera. Ele percebeu agora como ele estava despreparado. Que tolo.

Um dos Cavaleiros se sacudiu e gritou, apertando o braço dele. O

estilingue de Ty, Kit percebeu, e sentiu uma onda de calor relutante e uma súbita pontada de medo… E se ele nunca mais visse Ty?

O cavaleiro atingido cuspiu uma maldição; estavam quase no alto, e Kit viu seus rostos – o cabelo bronzeado, as feições aguçadas e frias.

— Seis de você contra um? — Emma gritou, o vento chicoteando seu cabelo. — Você é tão desonroso assim? Desça um por um e lute comigo! Eu desafio vocês!

— Parece que você não pode contar, pequena assassina de Caça às Sombras — disse Ethna, a única mulher entre os Cavaleiros. — Há dois de vocês.

— Kit é uma criança — disse Emma, o que irritou Kit, mesmo quando ele percebeu que ela provavelmente estava certa em dizer isso. A voz de Kieran estava em sua mente: *os filhos de Mannan nunca foram derrotados.*

Do outro lado do campo, Julian corria na direção deles. Helen correu ao lado dele e Aline. Mas eles nunca alcançariam Emma e Kit a tempo.

— Kit é *a* criança — disse Etarlam com um sorriso. — O descendente do Primeiro Herdeiro.

— Dê ele para nós — disse Karn. — Dê ele para nós e podemos poupá-la.

A garganta de Kit ficou seca.

— Isso não está certo — disse ele. — Eu não tenho sangue de fada. Eu sou um Caçador de Sombras.

— Um pode ser os dois — disse Ethna. — Nós adivinhamos quando vimos você naquela cidade suja.

Ela queria dizer Londres, Kit pensou vertiginosamente. Ele se lembrou de Eochaid olhando para ele, dizendo: *Eu conheço você. Eu conheço seu rosto*.

— Você parece com ela — disse Eochaid agora com um sorriso. — Assim como Auraline. E assim como sua mãe.

— Nós a matamos — disse Ethna. — E agora nós vamos matar você também, e acabar com qualquer traço de sua linhagem manchada deste mundo e do nosso.

Kit esqueceu seu medo, esqueceu a exortação de Emma de que ele ficasse atrás dela. Esqueceu que alguém estava vindo para ajudá-los.

Esqueceu tudo, exceto as palavras de Ethna.

— Você matou minha mãe? *Minha* mãe?

— O que você achou que aconteceu com ela, criança? — Perguntou Ethna. — Sim, nós derramamos o sangue dela às ordens do Rei. Ela morreu gritando por você, embora mesmo quando a torturamos, ela nunca falou seu nome ou revelou seu paradeiro.

Talvez isso seja um conforto para você, nestes últimos momentos! — Ela desatou a rir e, num momento, os Cavaleiros estavam todos rindo, seus cavalos recuando contra o céu.

Fogo frio se espalhou pelas veias de Kit; ele se moveu em direção aos Cavaleiros, como se pudesse levantar e puxá-los do céu.

Ele sentiu a runa de Talentos que Ty lhe dera começar a queimar em seu braço.

Emma praguejou, tentando agarrar Kit e puxá-lo para trás dela.

— Você não pode — ela estava dizendo. — Você não pode, eles são imbatíveis, *Kit*…

Os Cavaleiros sacaram suas espadas. Metal brilhou no céu. Eles bloquearam o sol quando se precipitaram em direção a Emma e Kit.

Emma ergueu a espada quando Ethna, de olhos esbugalhados montada em seu cavalo, bateu contra ela, lâmina contra lâmina.

Emma foi levantada e jogada para trás. Ela bateu no relvado com um impacto que Kit pôde ouvir. Ela ficou de pé quando Ethna girou seu corcel, rindo, e começou a correr para Kit, mas os outros estavam chegando — eles estavam dirigindo seus cavalos em direção a Kit com tal força que a grama abaixo deles achatou — ele ergueu as mãos como se ele poderia afastá-los com um gesto e ouviu Eochaid rir…

Algo dentro dele se separou, inundando seu corpo com poder. Ele subiu através dele, elétrico, explodindo das palmas de suas mãos com força suficiente para pressioná-lo de joelhos.

Emma olhou para ele incrédula quando a luz branca disparou de suas mãos e cercou os Cavaleiros como uma rede. Kit podia ouvi-los gritando de horror e surpresa; eles instigaram os cavalos mais alto, para o céu…

Ele fechou as mãos em punhos e os cavalos desapareceram.

Apagado da existência entre uma respiração e a próxima. Os Cavaleiros, que já haviam caído alto no céu para fugir, caíram gritando pelo ar até o chão; eles caíram no meio da onda de batalha e desapareceram de vista.

Kit rolou de costas na grama. Ele estava ofegando. *Morrendo*, ele pensou. *Estou morrendo. E eu não posso ser quem eles disseram que eu sou. É impossível.*

— Kit! — Emma estava agachada sobre ele, puxando a gola da camisa para o lado para colocar uma *iratze* ali. — Kit, pelo anjo, o que você fez?

— Eu não… sei. — Ele sentiu como se não houvesse respiração em seu corpo. Seus dedos lutaram fracamente contra a sujeira.

Me ajude, Emma. Ajude-me.

Diga a Ty...

— Está tudo bem. — Havia outra pessoa curvada sobre ele, alguém com um rosto familiar e uma voz calma. — Christopher. Christopher, respire.

Foi Jem. Fechando os olhos, Kit deixou os braços gentis de Jem levantá-lo do chão, e a escuridão desceu como a cortina no final de uma peça.

*

— Emma!

Atordoada, Emma tropeçou um pouco quando ela se endireitou. Ela estava se debruçando sobre Kit, e então Jem tinha vindo… e Kit tinha ido embora. Ela ainda estava tonta com o choque do ataque dos Cavaleiros e a estranheza que se seguiu.

Kit fez os corcéis dos Cavaleiros desaparecerem e eles caíram na multidão de batalha, causando estragos. E agora Julian estava aqui, olhando para ela com inquietação e preocupação.

— Emma — disse Julian novamente, colocando as mãos em seus ombros e virando-a para olhar para ele. — Você está bem?

— Aline e Helen — disse ela sem fôlego. — Elas estavam com você…

— Elas voltaram para ajudar os outros — disse ele. — Os Cavaleiros estão causando caos no campo…

— Sinto muito — disse Emma — eu não sabia que Kit…

— Eu não sinto muito — disse Julian, e havia uma selvageria em seu tom que a fez olhar para cima, limpando a cabeça.

O rosto de Julian estava manchado de sangue e sujeira. O material do seu uniforme foi rasgado no ombro, suas botas grossas de lama e sangue.

Ele era lindo.

— O que quer que tenha acontecido, o que quer que Kit tenha feito, ele salvou sua vida. Os Cavaleiros teriam matado você.

Ela estava sem fôlego com medo, não por si mesma, mas por Julian.

Os Cavaleiros odiavam os dois. Gwyn e Diana estavam circulando pelos Campos, gritando que Oban estava morto, que Kieran era o rei.

Talvez Kieran pudesse ordenar os Cavaleiros por aí… talvez não. No momento, eles não haviam jurado lealdade a ele. Eles eram sem mestre, aqui por sangue e vingança, e muito perigosos.

— Você precisa de uma *iratze*? — Julian ainda estava segurando seus ombros. Ela queria abraçá-lo, queria tocar seu rosto e se certificar de que

ele estava inteiro e ileso. Ela sabia que não podia.

— Não — disse Emma. Runas entre eles eram muito perigosas. — Estou bem.

Lentamente, ele inclinou a cabeça e tocou sua testa na dela.

Eles ficaram parados por um momento, imóveis. Emma podia sentir a energia *parabatai* em ambos, vibrando sob sua pele como uma corrente elétrica. Não havia ninguém ao redor deles; eles estavam no limite da batalha, quase na floresta.

Ela se sentiu sorrir um pouco.

— Ty está em uma árvore com um estilingue — disse ela, quase em um sussurro.

Julian recuou, um olhar de diversão em seu rosto.

— Eu sei. O lugar mais seguro para ele, eu acho, embora quando eu descobrir como ele saiu do encantamento de Magnus, eu não tenho certeza de qual deles eu vou matar.

Houve uma comoção repentina; Emma olhou para o campo e viu flashes de bronze. Os Cavaleiros se reagruparam; eles estavam se deitando com suas lâminas, cortando um caminho através dos Caçadores de Sombras. Vários corpos jaziam amarrotados no chão: com uma pontada, ela reconheceu o cabelo louro-avermelhado de Vivianne Penhallow, agora salpicado de sangue.

Emma pegou Cortana.

— Julian… onde está a Espada Mortal?

— Dei a Jace — disse ele enquanto ambos se apressavam pela grama pisoteada. — Eu odiava carregar essa coisa por aí. Ele vai gostar disso.

— Provavelmente — Emma admitiu. Ela olhou em volta: os céus acima agitavam em azul-preto. Os corpos dos Integrantes do Submundo e Caçadores de Sombras estavam espalhados pelo campo; enquanto seguiam em frente, Emma quase pisou em um cadáver com uniforme de Centurião, os olhos rolados para o céu. Era Timothy Rockford. Ela lutou contra uma onda de náusea e se virou.

Um Capuz Vermelho surgiu atrás dela.

Ela levantou Cortana, a lâmina cortando o ar.

— Emma! — Julian pegou em seu ombro. — Está tudo bem — disse ele quando o Capuz Vermelho virou e desapareceu de volta na multidão. — Os soldados Unseelie não sabem o que fazer. Alguns ainda estão seguindo Oban. Alguns estão recuando às ordens de Kieran. É o caos.

— Então pode estar acabando? — Ela disse sem fôlego. — Nós poderíamos estar ganhando?

Ele passou as costas da mão pelo rosto, sujando mais suas maçãs do rosto. Seus olhos eram de um azul-esverdeado brilhante sob a estranha luz das nuvens; seu olhar subiu e desceu, e ela reconheceu seu olhar como o abraço que ele não podia dar, as palavras que ele não podia dizer.

— A Tropa não vai desistir — disse ele em seu lugar. — Eles ainda estão lutando. Estamos tentando não prejudicá-los, mas eles não estão facilitando isso.

— Onde está Horace? — Emma perguntou, esticando a cabeça para ver o que estava acontecendo no campo.

— Ele se manteve cercado por seus seguidores — disse Julian, saltando sobre o corpo de um troll morto. — Jace e os outros estão tentando chegar até ele, mas a Tropa está disposta a morrer por ele e nós não queremos matá-los. Como eu disse, eles não estão facilitando.

— Devemos voltar e ajudar. — Ela começou a correr através do campo, Julian ao lado dela.

Seres do Submundo passaram por eles, atirando-se nas fadas Unseelie e nos Nephilim da Tropa. Jessica Beausejours estava lutando para se defender de um vampiro de cabelos negros com uma Lâmina Serafim, enquanto nas proximidades um lobisomem rolou no chão com um enorme troll, dois conjuntos de presas estalando.

Emma ouviu alguém gritar. Era Mark — ela também via Cristina, não muito longe, espada a espada com Vanessa Ashdown. Cristina lutava com cuidado, tentando não machucar Vanessa; Vanessa não estava demonstrando tal cuidado — ela segurava um espadachim na mão e empurrava Cristina para trás, golpeando-a com força.

Mark, no entanto… Mark estava de frente para Eochaid. Um cavaleiro o encontrou.

Emma e Julian partiram instantaneamente, correndo em direção a Mark. Ele estava se afastando, de proa na mão, mirando com cuidado, mas cada flecha que atingia Eochaid parecia apenas atrasá-

lo, e não detê-lo.

Ninguém matou um dos Cavaleiros de Mannan em toda a história que conheço.

Emma matou um dos cavaleiros. Mas Emma teve Cortana. Mark tinha apenas um arco comum, e Cristina e Kieran estavam ambos presos na vasta

multidão. Eles nunca poderiam chegar a Mark a tempo.

Emma ouviu Julian sussurrar o nome de seu irmão.

Mark.

Eles estavam correndo sobre o terreno irregular — Emma podia sentir a energia *parabatai* empurrando-os para frente — quando algo se elevou e a atingiu. Ela voou, bateu no chão e ficou de pé.

Em pé na frente dela estava Zara.

Ela estava cortada e imunda, seus longos cabelos emaranhados em tufos de sangue e sujeira. Seu colorido uniforme de Centurião havia sido cortado em fitas. Havia marcas de lágrimas sujas em seu rosto, mas suas mãos, segurando uma espada longa, estavam firmes.

Como era seu olhar fixo em Cortana.

— Devolva-me minha espada, sua *cadela* — ela rosnou.

*

Preso pela queda de Emma, Julian se virou e viu sua *parabatai* encarando Zara Dearborn. Zara estava chicoteando sua espada para trás e para frente enquanto Emma a observava com um olhar confuso: Zara não era uma lutadora muito boa, mas ela não era *tão* ruim assim.

Emma encontrou os olhos de Julian quando ela levantou Cortana: *Vá, vá para Mark,* sua expressão dizia. Julian hesitou por um momento, mas Emma podia mais do que lidar com Zara. Ele se virou e correu para o irmão.

Mark ainda estava lutando, embora estivesse pálido, sangrando por um corte no peito. Eochaid parecia estar brincando com ele, como um gato brincava com um rato, enfiando a espada e depois virando-a para cortar em vez de esfaquear. Isso significaria uma morte lenta de cortes e sangrias. Julian sentiu a amargura da raiva no fundo de sua garganta. Ele viu Cristina bater o punho da espada contra a cabeça de Vanessa; A prima de Cameron caiu com força e Cristina se virou, correndo em direção a Mark.

Outro Cavaleiro a interrompeu. O coração de Julian afundou; ele estava quase lá, mas reconheceu Ethna, com sua longa trança de bronze e uma carranca cruel. Ela carregava uma espada em uma das mãos e um cajado na outra e virou-se para Cristina, derrubando-a com força no chão.

— *Pare!*

A palavra era um grito de cascalho. Cristina e Mark estavam ambos no chão; seus oponentes se viraram, encarando. Kieran estava diante deles, o

ombro atado com bandagens brancas. Foi Winter quem falou: O Capuz Vermelho estava em pé, espadachim na mão. Ele apontou a ponta afiada dele para Eochaid.

— Pare — ele disse novamente. — O Rei ordena que você se afaste.

Eochaid e Ethna trocaram um olhar. Seus olhos metálicos ferviam de raiva. Eles não esqueceriam logo de serem expulsos do céu e humilhados.

— Nós não vamos — disse Eochaid. — Nosso Rei era Arawn, o Mais Velho. Ele nos ordenou a matar os Blackthorns e seus aliados.

Vamos promulgar esse comando e nenhuma palavra sua mudará.

— Nós ainda não juramos lealdade a você — disse Ethna. — Você não é o nosso Rei.

Julian se perguntou se Kieran iria recuar. Ele não fez isso.

— Eu sou seu Rei — disse ele. — Deixe-os em paz e voltem para os Unseelie ou sejam considerados traidores.

— Então seremos traidores — disse Ethna, e trouxe sua espada longa para baixo.

Nunca atingiu seu alvo. O ar pareceu ondular e, de repente, Lança do Vento mergulhava na direção de Ethna, recuando: ele atingiu Ethna no peito com os cascos da frente. Houve um tinido quando ela foi jogada para trás. Um momento depois, Cristina estava de pé, com o pulso sangrando, mas ela segurou a espada com firmeza.

— Vá para Mark! — ela gritou, e Kieran saltou para as costas de Lança do Vento e mergulhou em direção a Eochaid; o Cavaleiro era como uma queda de faíscas, gracioso e inevitável. Ele voou no ar, chicoteando ao redor com a espada na mão, a lâmina colidindo contra a de Kieran.

Mark saltou no ar – um salto giratório e gracioso – e pegou Eochaid, envolvendo os braços em volta da garganta do Cavaleiro por trás.

Eles caíram juntos no chão; Eochaid saltou de pé. Julian correu na direção de Mark, arremessando-se entre o irmão e o Cavaleiro, levantando a espada para desviar um golpe.

Eochaid riu. Julian mal teve tempo de ajudar Mark a se levantar quando algo o atingiu por trás… Era Karn, o Cavaleiro, uma torre de bronze rugindo. Julian girou e rebateu com toda a força. Karn cambaleou para trás, parecendo surpreso.

— Bom golpe — disse Mark.

É por causa da Emma. Eu posso sentir a ligação parabatai *queimando dentro de mim.*

— Obrigado — disse ele, erguendo a lâmina para afastar outro golpe de Karn.

Kieran e Cristina estavam atacando Eochaid; Ethna estava lutando contra Winter de joelhos. Mesmo a força *parabatai* não era suficiente, Julian sabia. Os Cavaleiros eram muito fortes. Foi uma questão de tempo.

Houve outro flash de bronze. Mark resmungou uma maldição: era Delan, o cavaleiro de uma mão, atraído por seus irmãos. Agora havia quatro deles: apenas Etarlam e Airmed ainda estavam desaparecidos, em algum lugar da batalha.

Delan usava uma meia máscara de bronze e balançava um mangual dourado; ele estava correndo em direção a Kieran, o mangual balançando…

Um machado bateu nele por trás, o espalhando. Foi a vez de Eochaid de praguejar. Ethna gritou, mesmo quando Delan se levantou e se virou para encarar o atacante.

Era Diego Rosales. Ele piscou para Kieran no momento em que o mangual girava em direção à sua cabeça; ele afastou com a base do machado. Kieran, que parecia surpreso e satisfeito com a aparência de Diego, saltou das costas de Lança dos Ventos e correu em direção a Delan. Winter correu atrás dele quando Cristina se virou para a Etna.

Houve um estilhaço quando a espada de Cristina se quebrou. Ela engasgou, saltou para trás – Mark e Kieran se viraram, atingidos – Ethna levantou a lâmina…

E foi soprada fora de seus pés. Linhas de energia dourada entremeavam-se no campo, levantando cada um dos Cavaleiros no ar e lançando-os pelo chão como brinquedos espalhados. Julian ficou espantado ao ver Hypatia Vex em pé por perto com as mãos levantadas, a luz caindo em cascata da ponta dos dedos.

— Magnus me enviou — disse ela enquanto os Nephilim lutadores a encaravam. Até Winter estava olhando, parecendo que ele poderia ter se apaixonado. Julian suspeitava que suas chances com Hypatia não eram boas. — Isso nos dará algum tempo, mas eles voltarão. Os Cavaleiros de Mannan…

Ela suspirou dramaticamente.

— Caçadores de Sombras. Por que eu sempre acabo misturada em seus negócios?

*

Zara estava lutando como uma coisa selvagem. Emma se lembrava de Zara como uma guerreira medíocre, e ela era, mas a partir do momento em que suas duas lâminas se tocaram, Zara foi eletrificada.

Ela balançou a lâmina como se quisesse derrubar uma árvore com ela; Ela se atirou em Emma várias vezes, deixando suas defesas completamente abertas. Como se ela não se importasse se ela vivesse ou se ela morresse.

E perversamente, estava fazendo Emma se conter. Ela sabia que tinha todo o direito e razão para atacar Zara. Mas Zara parecia louca com o que Emma só podia identificar como dor… ela havia perdido amigos, Emma sabia, mortos no campo como Timothy. Mas Emma suspeitou que sua dor fosse mais pela amargura da perda e pela dor da vergonha. O que quer que tenha acontecido, a Tropa nunca recuperaria sua glória. As mentiras que eles contaram nunca seriam esquecidas.

Julian tinha visto isso.

— Você não pode simplesmente deixar bem o suficiente *em paz* — Zara sibilou, pulando em Emma com o pulso esticado. Emma evitou o golpe facilmente sem precisar se desviar. — Você tinha que ser a intrometida moral. Você tinha que enfiar o nariz em *todos os lugares*.

— Zara, você assumiu o governo — Emma apontou, dando um passo para o lado quando Zara se lançou novamente. Nesse ritmo, Zara se cansaria. — Seu pai tentou nos matar.

— Porque você queria nos machucar — Zara sibilou. — Porque tem um nós e um eles, Emma, sempre existe. Existem aqueles que querem proteger você e aqueles que querem machucá-lo.

— Isso não é verdade…

— Sério? — Zara jogou o cabelo sujo e ensanguentado de volta. — Você teria sido minha amiga? Se eu te pedisse?

Emma pensou nas coisas que Zara havia dito sobre os Submundanos. Sobre o Mark. Sobre *mestiços* e *pervertidos* e registros e crueldades grandes e pequenos.

— Isso é o que eu pensei — Zara zombou. — E você acha que é muito melhor que eu, Emma Carstairs. Eu *ri* quando Livvy morreu, todos nós, apenas com a aparência de seus rostos estúpidos e presunçosos…

Raiva inundou Emma, quente.

Ela cortou com Cortana, virando a lâmina no último segundo para que o plano batesse em Zara, derrubando-a. Ela bateu no chão de costas, tossindo

sangue e cuspiu em Emma enquanto se inclinava sobre ela, colocando a ponta de Cortana contra sua garganta.

— Vá em frente — Zara assobiou. — Vá em frente, sua cadela, faça isso, *faça isso…*

Zara era a razão pela qual todos estavam aqui, Emma pensou, a razão pela qual todos estavam em perigo: a Tropa tinha sido a razão pela qual eles precisavam lutar e lutar por suas vidas, tinha sido a razão pela qual Livvy morreu lá no tablado no Salão do Conselho. O

anseio por vingança estava quente em suas veias, queimando contra sua pele, implorando para ela empurrar a lâmina para frente e cortar a garganta de Zara.

E ainda assim, Emma hesitou. Uma voz estranha surgiu em sua cabeça – uma lembrança de Arthur Blackthorn, de todas as pessoas.

Cortana. Feito pelo Ferreiro Wayland, o lendário forjador de Excalibur e Durendal. Disse para escolher seu portador. Quando Ogier levantou-o para matar o filho de Carlos Magno no campo, um anjo veio e quebrou a espada e disse-lhe: "A misericórdia é melhor do que a vingança".

Ela havia tirado as fotos em seu quarto porque estava cheia com a vingança. Cristina estava certa. Ela precisava acabar com aquilo.

Naquele momento, ela sabia que nunca cortaria a runa *parabatai*, não importando o que acontecesse agora. Ela tinha visto muitos *parabatai* no campo de batalha hoje. Talvez ser *parabatai* fosse uma fraqueza que pudesse prendê-lo. Mas também havia qualquer tipo de amor, e se o amor era uma fraqueza, também era uma força.

Ela moveu a espada de lado.

— Eu não vou te matar.

Lágrimas escorreram dos olhos de Zara e desceram pelo rosto sujo quando Emma se afastou dela. Um segundo depois, Emma ouviu Julian chamar seu nome; ele estava lá, puxando Zara a seus pés por um braço, dizendo algo sobre levá-la onde estavam os prisioneiros. Zara estava olhando para Emma, sem tentar lutar; ela ficou passiva no aperto de Julian, mas seus olhos — ela estava olhando além de Julian, e Emma não gostou da expressão em seu rosto.

Zara fez um pequeno ruído de asfixia, quase uma risada.

— Talvez eu não seja a pessoa com quem você tem que se preocupar — ela disse, e apontou com a mão livre.

Julian ficou branco como giz.

Em um espaço limpo no campo, sob o céu azul e preto, estava Annabel Blackthorn.

Era como se a visão dela se formasse em um punho que socasse Emma diretamente nas entranhas.

Ela ofegou.

Annabel usava um vestido azul, incongruente no campo de batalha. Um frasco de fluido vermelho brilhou em sua garganta. Seu cabelo castanho escuro levantou e soprou ao redor dela. Seus lábios se curvaram em um sorriso.

Algo estava errado, Emma pensou. Algo estava muito, muito errado, e não apenas o fato de que Annabel não poderia estar aqui. Que Annabel estava morta.

Algo estava mais errado do que isso.

— Você não acha realmente que poderia me matar, não é? — Annabel disse, e Emma viu que seus pés estavam nus, pálidos como pedras brancas no chão ensanguentado. — Você sabe que eu sou feita de outras coisas. Coisas melhores que sua irmã. Você não pode fazer *minha* vida acabar com o meu sangue enquanto eu grito por misericórdia…

Julian soltou Zara e correu para ela. Ele rasgou o chão e atirou-se em Annabel, assim como Emma gritou seu nome, gritou para ele que algo estava errado, gritou para ele parar. Ela começou a andar em direção a ele e um golpe atingiu-a com força nas costas.

A dor veio um segundo depois, quente e vermelha. Emma se surpreendeu e viu Zara em pé com uma pequena faca na mão. Ela deve ter tirado do cinto.

O cabo estava vermelho e pingando. Ela havia esfaqueado Emma nas costas.

Emma tentou levantar Cortana, mas seu braço parecia que não estava funcionando. Sua mente também estava correndo, tentando se recuperar de sua lesão. Enquanto tentava chamar Julian, sufocando-se em sangue, Zara enfiou a faca no peito de Emma.

As pernas de Emma saíram de debaixo dela.

Ela caiu.

32
O Céu Desce

ESTAVA ACONTECENDO TUDO DE NOVO.

Annabel estava à frente dele e ela estava olhando para ele com um desdém zombeteiro. Nos olhos dela, ele podia ver o reflexo de si mesmo no estrado do Salão do Conselho, ensopado no sangue de Livvy. Ele a viu em Thule, gritando por Ash. Ele se lembrou do balanço de sua espada, seu sangue se espalhando por todo o corpo dela.

Nada disso importava. Ela mataria Emma se pudesse. Ela mataria Mark e Helen; ela cortaria a garganta de Ty e a de Dru e de Tavvy.

Ela era o fantasma de todo medo que ele já teve de que sua família seria tirada dele. Ela era o pesadelo do qual ele havia acordado e não era capaz de destruir.

Ele a alcançou sem diminuir a velocidade e mergulhou sua longa espada em seu corpo. Deslizou como se não houvesse resistência — sem ossos, sem músculos. Como uma faca no ar ou no papel. Ele afundou até o punho e se viu encarando seus olhos vermelho escarlates, a apenas alguns centímetros de distância.

Seus lábios se afastaram de seus dentes em um silvo. *Mas os olhos dela não são vermelhos. Eles são azul-Blackthorn.*

Ele recuou, arrastando a espada com ele. O punho estava escuro com icor negro. O fedor do demônio estava em toda parte. Em algum lugar na parte de trás de sua cabeça, ele podia ouvir Emma chamando-o, gritando que algo estava errado.

— Você não é Annabel — disse ele. *Você é um demônio.*

Annabel começou a mudar. Suas feições pareciam derreter, pingar como cera de vela. Sob a pele pálida e os cabelos escuros, Julian podia ver os contornos de um demônio Eidolon informe — gorduroso e branco, como uma barra de sabão sujo, todo coberto de crateras cinzentas. O frasco brilhante feito de vidro gravado ainda pendia do pescoço.

— *Você conhecia meu irmão* — o demônio sussurrou. — *Sabnock.*

De Thule.

Julian se lembrava do sangue. De uma igreja na Cornualha. De Emma.

Ele pegou uma lâmina serafim no cinto e a chamou rapidamente.

— *Sariel.*

O demônio estava sorrindo. Ele lançou-se sobre Julian e ele mergulhou a lâmina serafim nele.

Nada aconteceu.

Isso não pode estar acontecendo. Lâminas Serafim matavam demônios. Elas sempre, sempre funcionaram. O demônio arrancou a lâmina de sua lateral enquanto Julian olhava, incrédulo. O demônio se lançou contra ele, Sariel estendido. Despreparado para o ataque, Julian levantou um braço para afastar o golpe…

Uma forma escura deslizou entre eles. Um kelpie, com cascos afiados e com dentes de vidro. O cavalo fada ergueu-se no ar entre Julian e o Eidolon, e Julian reconheceu o kelpie: era o que ele salvara do dinamarquês Larkspear.

Ele bateu um casco no peito do Eidolon, e o demônio voou para trás, a lâmina de serafim escorregou de sua mão. O kelpie olhou por cima do ombro para Julian e piscou, depois foi atrás dele quando o Eidolon se levantou e começou a correr.

Julian começou a segui-lo. Ele havia dado apenas alguns passos quando a dor passou por ele, repentinamente, queimando.

Ele se dobrou. A dor parecia estar através dele. Suas costas, seu peito. Não havia razão para isso, exceto…

Emma.

Ele se virou.

Tudo estava acontecendo de novo.

Emma estava no chão, de alguma forma, a frente de seu uniforme molhado de sangue. Zara se ajoelhou sobre ela — parecia que elas estavam lutando. Julian já estava correndo, passando pela dor, a cada passo de uma milha, a cada respiração por hora. Tudo o que importava era chegar a Emma.

Ao se aproximar, viu que Zara estava agachada ao lado de Emma, tentando arrancar Cortana de sua mão vermelha, mas o aperto de Emma era muito feroz. Sua garganta, seus cabelos estavam molhados de sangue, mas seus dedos no punho de Cortana eram inflexíveis.

Zara olhou para cima e viu Julian. Ele devia parecer-se com a morte em forma humana, porque ela ficou de pé e correu, desaparecendo na multidão.

Ninguém mais parecia ter notado o que havia acontecido ainda. Um uivo estava se formando no peito de Julian. Ele escorregou de joelhos ao lado de Emma e a ergueu em seus braços.

Ela estava frouxa em suas mãos, pesada como Livvy estava pesada.

Da mesma forma como as pessoas pareciam pesadas quando paravam de lutar. Ele enrolou Emma em direção a ele e sua cabeça caiu contra seu peito.

A grama ao redor deles estava molhada. Havia muito sangue.

Tudo estava acontecendo de novo.

— Livvy, Livvy, minha Livvy — ele sussurrou, embalando-a, febrilmente acariciando seu cabelo molhado de sangue longe de seu rosto. Havia muito *sangue. Ele estava coberto em segundos; tinha encharcado as roupas de Livvy, até seus sapatos estavam encharcados. — Livia — Suas mãos tremiam; ele pegou sua estela, colocou no braço dela.*

Sua espada caiu. Sua Estela estava em sua mão; o *iratze* parecia uma memória muscular, seu corpo agia mesmo sem a capacidade de sua mente de compreender o que estava acontecendo.

Os olhos de Emma se abriram. O coração de Julian balançou.

Estava funcionando? Talvez estivesse funcionando. Livvy nunca olhou para ele. Ela estava morta quando ele a levantou do estrado.

O olhar de Emma se fixou no dele. Seus olhos castanhos escuros seguravam seu olhar como uma carícia.

— Está tudo bem — ela sussurrou.

Ele chegou a desenhar outro *iratze*. O primeiro desaparecera sem deixar vestígios.

— Ajude-me — ele disse asperamente. — Emma, precisamos usá-lo. O vínculo *parabatai*. Nós podemos curar você…

— Não — disse ela. Ela estendeu a mão para tocar sua bochecha.

Ele sentiu o sangue dela contra sua pele. Ela ainda estava quente, ainda respirando em seus braços. — Eu prefiro morrer assim a ser separado de você para sempre.

— Por favor, não me deixe, Emma — disse Julian. Sua voz falhou. — Por favor, não me deixe neste mundo sem você.

Ela conseguiu sorrir para ele.

— Você foi a melhor parte da minha vida — disse ela.

Sua mão caiu frouxa em seu colo, seus olhos se fecharam.

Através da multidão, Julian podia ver pessoas correndo em direção a eles. Eles pareciam estar se movendo devagar, como se estivessem em um sonho. Helen, chamando seu nome; Mark, correndo desesperadamente; Cristina a seu lado, clamando por Emma — mas nenhum deles chegaria a tempo e, além disso, não havia nada que pudessem fazer.

Ele agarrou a mão de Emma e apertou-a com força, com tanta força que ele pôde sentir os pequenos ossos rangerem sob seu aperto.

Emma. Emma, volte. Emma, podemos fazer isso. Nós derretemos pedra. Você salvou a minha vida. Nós podemos fazer qualquer coisa.

Ele chegou ao fundo de suas memórias: Emma na praia, olhando por cima do ombro para ele, rindo. Emma se agarrando à barra de ferro da roda-gigante no Pacific Park. Emma entregando-lhe um punhado de flores silvestres limpas que ela havia escolhido no dia do funeral de sua mãe. Seus braços ao redor de Emma enquanto andavam de moto por Thule. Emma em seu vestido pálido no Teatro da Meia-Noite. Emma deitada em frente ao fogo na cabana de Malcolm.

Emma.

Seus olhos se abriram. Eles estavam cheios de chamas, dourado e bronze e cobre. Seus lábios se moveram.

— Eu me lembro — disse ela.

Sua voz soava distante, quase desumana, como o toque de um sino.

Algo profundo dentro de Julian ficou frio de medo e exultação.

— Eu deveria parar? — ele disse.

— Não. — Emma começou a sorrir. Seus olhos estavam queimando agora. — Deixe-nos queimar.

Ele colocou os braços ao redor dela, a conexão *parabatai* queimando entre eles, ouro reluzente e branco. As pontas do cabelo dela começaram a queimar e as pontas dos dedos dele também. Não havia calor nem dor. Apenas o fogo. Ele se levantou para consumi-los em uma cascata de fogo.

*

Diego jogou Zara na Configuração Malachi. Havia alguns outros membros da Tropa lá e ela cambaleou, quase tropeçando em seu esforço em evitar esbarrar neles. A maioria deles estava olhando para ela com profundo desgosto. Diego não imaginava que a filha de Horace seria muito popular agora.

Ela se virou para encará-lo. Não havia necessidade de ele bater a porta da prisão — a Configuração mantinha quem estava dentro, com porta ou sem porta — mas ele desejava poder.

— Eu consideraria isso um anúncio de que o nosso compromisso acabou — disse ele.

Seu rosto estremeceu de raiva. Antes que ela pudesse responder, um pilar de fogo branco subiu do leste, subindo em direção ao céu. Gritos ecoaram pelo campo de batalha.

Diego girou para sair correndo. Um Capuz Vermelho surgiu à sua frente, com ponta de aço e um arco brilhante no céu. A dor agonizante explodiu em sua cabeça antes que ele caísse na escuridão.

*

Mark pegou o pulso de Cristina e a puxou para trás, assim que a chama branca explodiu como uma torre do lugar onde Julian e Emma estiveram momentos antes.

Ela sabia que gritava o nome de Emma. Mark estava puxando as costas dela contra si mesmo; ela podia senti-lo ofegante. *Julian*, ela pensou. *Oh Deus, não, não Julian*.

E então: *Esta deve ser a maldição. Queimá-los vivos... é tão cruel...*

Mark respirou: — Olhe.

Figuras brilhantes estavam emergindo do fogo. Não Julian e Emma, ou pelo menos não Julian e Emma como tinham sido.

As chamas tinham subido pelo menos dez metros no ar, e as figuras que emergiram delas eram pelo menos tão altas quanto. Era como se Julian e Emma tivessem sido esculpidos em luz brilhante… Os detalhes deles estavam lá, suas feições e expressões, até mesmo Cortana ao lado de Emma, uma lâmina de fogo celestial do tamanho de uma árvore.

— Eles são gigantes — Cristina ouviu alguém dizer. Era Aline, olhando para cima, boquiaberta. Helen tinha a mão sobre a boca.

— Gigantes, não — disse Cristina. — Nephilim.

Havia gigantes na terra naqueles dias, e também depois, quando os anjos vieram até as filhas dos homens e tiveram filhos com elas.

Ela respirou estremecendo.

— Eles eram… os primeiros.

Mais pessoas estavam se aproximando, de ambos os lados da batalha. Quando as chamas diminuíram em volta de Emma e Julian, o céu acima se

agitou e se partiu — era como se o fogo celestial tivesse queimado a escuridão que Magnus derrubara. As nuvens sombrias começaram a se desintegrar e se desintegrar.

Aterrorizados, os vampiros começaram a fugir do campo, correndo em direção à floresta. Eles passaram correndo por Magnus, que estava de joelhos, Ragnor ao seu lado, faíscas azuis tocando suas mãos como se fossem fios elétricos rasgados. Cristina viu Alec correndo pelo campo; ele alcançou Magnus no momento em que o feiticeiro caiu para trás, exausto, em seus braços.

Emma — ou o que Emma havia se tornado, uma grande criatura brilhante — deu um passo hesitante para frente. Cristina mal podia respirar. Ela nunca tinha visto um anjo, mas imaginou que era assim que seria estar perto de um. Eles foram feitos para serem belos, terríveis e medonhos como o Céu era: uma luz muito brilhante para os olhos mortais.

Ninguém poderia sobreviver a isso, ela pensou. Nem mesmo Emma.

Julian estava ao lado de Emma; eles pareciam estar ganhando confiança enquanto se moviam. Eles não andavam como os gigantes: eles pareciam flutuar, seus gestos arrastados por varreduras de luz.

Cristina podia ouvir a Tropa gritando quando Julian se abaixou e pegou Horace, como uma criança gigante arrancando uma boneca.

Horace, que havia escapado de toda a batalha se escondendo atrás de seus seguidores, estava chutando e lutando, sua voz era um gemido agudo. Cristina teve apenas um segundo para sentir quase pena dele antes que Julian pegasse Horace com as duas mãos e quebrasse sua espinha ao meio.

Ele o jogou de lado como um brinquedo quebrado. O silêncio que tomou conta do campo foi quebrado quando as pessoas começaram a gritar.

*

O corpo de Horace Dearborn bateu no chão com um baque doentio, a poucos metros de Manuel.

Isso não está acontecendo. Isso não pode estar acontecendo.

Manuel, já no chão, começou a se arrastar para trás. A Tropa, que estava presa na Configuração Malachi, estava gritando. Ele queria que eles se calassem. Ele precisava desesperadamente pensar.

O treinamento religioso de sua infância, impiedosamente reprimido antes, agitou-se dentro dele. O que brilhou acima dele era o poder dos anjos

— não anjos de asas brancas fofas, mas os anjos vingadores que tinham dado seu poder para criar os Caçadores de Sombras.

Assim, naquela mesma noite, o Anjo do Senhor partiu e matou cento e oitenta e cinco mil guerreiros que se encontravam no acampamento dos assírios. Quando o povo se levantou ao raiar do dia seguinte, lá jaziam sobre a terra todos os cadáveres.

Mas isso não fazia sentido. O que estava acontecendo era impossível. As pessoas não se transformavam em enormes gigantes brilhantes e passavam pelos campos de batalha despachando seus inimigos. Este não poderia ter sido um plano que os Blackthorn e seus aliados tivessem. Nenhum humano mortal tinha acesso àquele poder.

A grande coisa brilhante que tinha sido Emma Carstairs alcançou uma de suas mãos. Manuel encolheu-se no chão, mas ela não estava procurando por ele. Ela agarrou o demônio de Eidolon agachado que tinha sido o grande truque de Horace e apertou seu punho ao redor dele.

O demônio Eidolon gritou, um uivo que parecia vir do abismo entre os mundos. O toque da mão brilhante de Emma agia como ácido. Sua pele começou a queimar e derreter; Ele gritou e se dissolveu e deslizou para longe entre os dedos como sopa fina.

Quando o povo se levantou ao raiar do dia seguinte, lá jaziam sobre a terra todos os cadáveres.

Aterrorizado, Manuel rastejou em direção ao corpo de Horace, ainda pingando sangue, e arrastou-o sobre si mesmo. Horace não conseguiu proteger ninguém enquanto ele estava vivo. Talvez as coisas fossem diferentes agora que ele estava morto.

*

Mas como eles poderiam viver assim?

Mark ainda segurava Cristina; nenhum deles parecia ser capaz de se mover. Aline e Helen estavam próximas; muitos outros Caçadores de Sombras ainda estavam no campo. Mark não conseguia tirar os olhos de Julian e Emma.

Ele estava apavorado. Não por causa deles. Ele estava apavorado por eles. Eles eram grandes e brilhantes e magníficos, e eles estavam com os olhos vazios como estátuas. Emma se endireitou após destruir o Eidolon, e Mark podia ver uma grande fissura correndo ao longo de seu braço, onde,

uma vez, a cicatriz feita por Cortana tinha estado. Chamas saltavam dentro dela, como se ela estivesse cheia de fogo.

Emma levantou a cabeça. O cabelo dela voou em volta dela como relâmpago dourado.

— CAVALEIROS DE MANAN! — ela chamou, e sua voz não era uma voz humana. Era o som de trombetas, de trovões ecoando pelos vales vazios. — CAVALEIROS DE MANAN! Venham e nos enfrentem!

— Eles podem conversar — sussurrou Cristina.

Bom. Talvez eles possam ouvir a razão.

Talvez.

— Emma! — Mark chamou. — Julian! Estamos aqui! Ouça-nos, estamos aqui!

Emma não pareceu ouvi-lo. Julian olhou para baixo, inteiramente sem reconhecimento. Como um mundano olhando para um formigueiro.

Embora não houvesse nada mundano sobre eles.

Mark se perguntou se invocar um anjo tinha sido assim para Clary e Simon.

Houve uma agitação na multidão. Os Cavaleiros, caminhando pelo campo. Sua chama de bronze brilhou ao redor deles, e Mark lembrou-se de Kieran sussurrando para ele histórias dos Cavaleiros que dormiam sob uma colina até que o Rei Unseelie os chamou para caçar.

A multidão se separou para deixá-los passar. A batalha havia terminado, em qualquer sentido real: o campo estava cheio de espectadores agora, olhando em silêncio enquanto os Cavaleiros pararam para olhar para Emma e Julian.

Ethna esticou a cabeça para trás, o cabelo cor de bronze caindo sobre os ombros.

— Nós somos os Cavaleiros de Mannan! — ela gritou. — Nós matamos o Firbolg! Não temos medo de gigantes!

Ela se lançou no ar e Delan seguiu. Eles navegaram como pássaros de bronze através do céu, suas espadas esticadas.

Emma estendeu a mão quase preguiçosamente e arrancou Ethna do ar. Ela a rasgou como papel de seda, rasgando sua armadura de bronze, estalando sua espada. Julian pegou Delan e atirou-o de volta à terra com uma força que rasgou um sulco na terra: Delan derrapou no chão e ficou quieto.

Os outros Cavaleiros não correram. Não estava na natureza deles correr, Mark sabia. Eles não se retiraram. Eles não tinham capacidade de fazê-lo. Cada um tentou lutar, e cada um foi pego e esmagado ou rasgado, atirado de volta ao chão em pedaços. A terra estava escorregadia com o sangue deles.

Julian se afastou deles primeiro. Ele estendeu a mão em direção à Configuração Malachi e espalhou-a, enviando as barras de luz voando.

Os gritos da Tropa perfuraram o ar. Cristina se afastou de Mark e correu em direção a Emma e Julian.

— Não! — exclamou ela. — Emma! Jules! Eles são prisioneiros!

Eles não podem nos machucar!

Helen correu para frente, as mãos estendidas.

— A batalha acabou! — exclamou ela. — Nós vencemos, vocês podem parar agora! Vocês mataram os Cavaleiros! Vocês podem parar!

Nem Julian nem Emma pareciam ouvir. Com uma mão graciosa, Emma levantou um membro da Tropa da multidão e o jogou de lado.

Ele gritou quando ele navegou pelo ar, seus uivos cortados de repente quando ele bateu no chão com um baque esmagador.

Mark parou de se preocupar se Emma e Julian sobreviveriam a isso. Ele começou a se preocupar se algum deles o faria.

*

Dru estava parada dentro dos portões e olhava para os Campos Imperecíveis.

Ela nunca tinha visto uma batalha como essa antes. Ela esteve no Salão dos Acordos durante a Guerra Maligna e viu a morte e o sangue, mas a escala dessa luta — o caos que era difícil de acompanhar, a velocidade ofuscante da luta — era quase impossível de se ver. Não ajudou que ela estivesse muito longe para descobrir detalhes: ela viu os cavaleiros de bronze chegarem e sentirem terror; ela os viu cair na multidão de luta, mas não o que aconteceu com eles depois. Ocasionalmente, ela via a figura embaçada de um homem ou uma mulher cair no campo e se perguntar: era Mark? Foi Emma? A doença do medo residia em seu estômago e não se movia.

Na última hora, os feridos vinham pelos portões, às vezes andando, às vezes carregados. Os Irmãos do Silêncio avançaram em redemoinhos de vestes cor de osso para levar membros da Tropa e Caçadores de Sombras

comuns às Basilias para curar. Em um ponto, Jem Carstairs entrou pelos portões, carregando o corpo inconsciente de Kit.

Ela começou a correr para eles, e parou quando viu Tessa Grey correndo pela multidão de Irmãos do Silêncio, Catarina Loss com ela.

Ambos já tinham sangue em suas roupas e claramente tratavam os feridos.

Ela queria ir para Kit. Ele era amigo dela, e ele importava muito para Ty. Mas ela ficou para trás, com medo de que adultos como Jem e Tessa quisessem que ela voltasse para a casa de Amatis e ela seria levada para longe dos portões, sua única janela para sua família. Ela ficou para trás nas sombras enquanto Tessa ajudava Catarina a carregar Kit em uma maca.

Jem e Catarina seguraram as pontas da maca. Antes de começarem a subir a colina em direção às Basílias, Tessa se curvou e beijou Kit suavemente na testa. Isso aliviou o nó de aperto no peito de Dru — embora Kit tivesse sido ferido, pelo menos ele seria cuidado por aqueles que se importavam com ele.

Mais feridos vieram, então, os ferimentos cada vez piores enquanto a batalha continuava. Beatriz Mendoza foi levada pelos portões, soluçando de forma entrecortada. Ela não estava visivelmente ferida, mas Dru sabia que sua *parabatai*, Julie, tinha sido a primeira Caçadora de Sombras a ser morta na batalha. Dru queria virar o rosto de Tavvy para longe de tudo. Não era comum os Caçadores de Sombras protegerem as crianças dos resultados da batalha, mas ela não podia deixar de pensar nos pesadelos dele, nos anos ouvindo-o gritar na escuridão.

— Tavs — disse ela finalmente. — Não olhe.

Ele pegou a mão dela, mas ele não virou o rosto. Ele estava olhando para o campo de batalha, sua expressão concentrada, mas não com medo.

Foi ele quem viu os gigantes primeiro e apontou.

O primeiro instinto de Dru foi se perguntar se isso era um plano de Julian. Ela viu fogo branco se incendiar e depois grandes figuras brilhantes atravessando o campo. Eles a encheram com um sentimento de espanto, de choque com aquela beleza, da mesma forma como ela se sentia quando ela era pequena, olhando para as ilustrações de Raziel.

Ela examinou o campo ansiosamente — a luz branca do fogo estava perfurando o céu. As nuvens estavam se quebrando e se despedaçando. Ela podia ouvir gritos, e as figuras escuras de vampiros começaram a fugir pelo campo em direção às sombras de Brocelind.

A maioria deles fez isso. Mas quando as nuvens se afastaram e a luz do sol cinzenta penetrou como uma faca, Dru viu um vampiro, mais lento que o resto, bem na borda da floresta, tropeçando em um raio de sol. Houve um grito e uma conflagração.

Ela afastou o olhar das chamas. *Este não pode ser um plano de Julian.*

Tavvy puxou a mão dela.

— Temos que ir — disse ele. — Temos que ir para Emma e Jules.

Ela agarrou-o com força.

— É uma batalha, não podemos ir lá.

— Temos que ir. — Havia urgência em seu tom. —É Jules e Emma.

Eles *precisam* de nós.

— Dru!

Um grito a fez olhar para cima. Duas pessoas estavam passando pelos portões. Um era Jaime. A visão dele fez seu coração pular: ele ainda estava vivo. Empoeirado e arranhado, seu uniforme imundo, mas vivo e de olhos brilhantes e corado com esforço. Ele estava meio carregando Cameron Ashdown, que tinha um braço pendurado no ombro. Cameron parecia estar sangrando de uma ferida na lateral dele.

— Cameron! — Dru correu em direção a eles, puxando Tavvy com ela. — Você está bem?

Cameron a olhou de esguelha.

— Vanessa me apunhalou. Algum tipo de coisa de demônio na lâmina. — Ele estremeceu.

— Sua *prima* esfaqueou você? — Dru disse. Ela sabia que os Ashdowns estavam divididos politicamente, mas a família era família em sua opinião.

— Jantares de férias serão muito difíceis a partir de agora — disse Jaime. Deu um tapinha nas costas do outro rapaz enquanto um Irmão do Silêncio se aproximava de Cameron e o levava para as Basílias.

Jaime passou a mão suja pela testa.

— Vocês dois devem se afastar da batalha — disse ele. — Ninguém lhe disse para não ficar nos portões?

— Se não ficarmos nos portões, não podemos ver nada — apontou Dru. — Aqueles são… no campo, são realmente Jules e Emma?

Jaime assentiu. O coração de Dru afundou. Alguma parte dela esperava que fosse uma ilusão terrível — Eu não entendo o que está acontecendo? — sua voz subiu. — Este é um plano de Julian? Você sabe sobre isso?

— Eu não acho que é um plano — disse Jaime. — Eles parecem totalmente fora de controle.

— Eles podem ser *parados*?

Jaime falou com relutância.

— Eles mataram os Cavaleiros de Mannan. Agora os soldados estão tentando formar uma parede de corpos para proteger a cidade deles. Todas as crianças estão aqui. — Ele indicou Alicante. Dru pensou em Max e Rafe com Maryse. Seu coração pulou uma batida.

— Eu não sei o que vai acontecer — Jaime olhou dela para Tavvy. — Venham comigo — disse ele abruptamente. — Eu posso levá-los para a floresta.

Dru hesitou.

— Não podemos nos afastar deles. Temos que ir até Jules e Emma — disse Tavvy com firmeza.

— É perigoso… — Jaime começou.

— Tavvy está certo. Temos que ir. — Dru olhou para a runa incompleta que se espalhava por seu antebraço. Ela se lembrou de Julian colocando lá ontem; isso pareceu muito tempo atrás. — Você não precisa ajudar.

Jaime suspirou e tirou a besta do suporte nas costas.

— Eu vou te dar cobertura.

Dru estava prestes a seguir Jaime para fora dos portões quando Tavvy a cutucou ao lado. Ela se virou para ver que ele estava segurando sua estela.

— Não se esqueça — disse ele.

Ela exalou — ela quase tinha esquecido. Dru colocou a ponta da estela em seu braço e começou a completar a runa Famílias.

***

Kieran estava cercado pelo exército Unseelie, pelo menos trinta fadas. Isso já era ruim o suficiente, porque ele não podia ver nem Mark nem Cristina sobre a massa agitada de seu povo, mas ele mal conseguia controlar Lança do Vento, que estava se empinando e relinchando embaixo dele. Lança do Vento não gostava nem de multidões nem de gigantes, e no momento ambos estavam muito perto.

Winter estava ao lado de Kieran. Ele tinha grudado nele como cola durante a batalha, que Kieran achou admirável e surpreendente. Ele não estava acostumado a tal lealdade.

— As pessoas vieram até você, senhor — disse Winter. — Quais são as suas ordens para eles?

Ordens para eles? Kieran pensou freneticamente. Ele não tinha ideia do que deveriam fazer. Era por isso que ele queria que Adaon fosse o rei, mas Adaon era prisioneiro no Tribunal Seelie. O que Adaon diria sobre um exército de fadas presas em um campo com furiosos gigantes anjos?

— Por que eles não estão todos correndo para a floresta? — Kieran perguntou. A floresta era um lugar que o Povo das Fadas se sentia em casa, cheio de coisas naturais, água e árvores. Há muito tempo existiam fadas na Floresta Brocelind.

— Infelizmente, a floresta está cheia de vampiros — disse Winter sombriamente.

— Os vampiros são nossos aliados! — gritou Kieran, agarrando a juba de Lança do Vento enquanto o cavalo se levantava.

— Ninguém acredita realmente nisso — disse Winter.

Por todos os Deuses da Escuridão e da Luz. Kieran queria gritar e quebrar alguma coisa. Lança do Vento se levantou novamente, e desta vez, Kieran avistou uma figura familiar. Mark. Ele o conheceria em qualquer lugar — e Cristina ao lado dele. Ele disse um obrigado silencioso. *O que eles me diriam para fazer?* Ele pensou na generosidade de Mark, na gentileza de Cristina. Eles pensariam nos soldados Unseelie primeiro.

— Precisamos tirar o nosso pessoal desse campo — disse Kieran. — Eles não podem lutar contra anjos. Ninguém pode. Como todos vocês chegaram aqui?

— Oban abriu uma porta — disse Winter. — Você pode fazer o mesmo, soberano. Abra uma porta para o Reino das Fadas. Como Rei você pode fazer isso. Estenda a mão para a sua terra e ela vai chegar de volta para você.

Se o bêbado sangrento de Oban fez isso, eu posso fazer isso também, Kieran pensou. Mas isso não foi de grande ajuda. Ele tinha que chegar à sua Terra, um lugar que ele havia amaldiçoado por muito tempo, e esperar que ela o alcançasse.

Ele deslizou das costas de Lança do Vento enquanto o cavalo se aquietava embaixo dele. Lembrou-se de Mark dizendo: *Não vou esquecer a beleza do Reino das Fadas e nem você. Mas não chegará a isso.*

E ele pensou no que ele próprio dissera, quando se lembrava de que o Reino das Fadas estava ameaçado.

A maneira como a água cai como gelo sobre as quedas de Branwen.

O gosto da música e o som do vinho. O canto das sereias nos riachos, o cintilar dos farrapos nas sombras das florestas profundas.

Kieran respirou fundo. *Deixe-me passar,* ele pensou. *Deixe-me passar, minha Terra, pois eu pertenço a você: eu vou me doar a você como os Reis das Fadas fizeram, e você vai florescer quando eu florescer. Eu não trarei nenhuma praga às suas praias, nem sangue para murchar suas flores nos campos, mas apenas paz e uma estrada amável que se ergue em colinas verdes.*

— Meu soberano — disse Winter.

Kieran abriu os olhos e viu que o morro baixo antes dele tinha começado a se separar. Através da brecha ele podia ver a grande torre Unseelie se erguendo à distância e os campos pacíficos diante dela.

Vários das mais próximas fadas assobiaram um elogio. Elas começaram a percorrer o espaço, mesmo quando se alargou. Kieran podia vê-los emergindo do outro lado, alguns até mesmo caindo de joelhos com gratidão e alívio.

— Winter — disse ele em uma voz instável. — Winter, leve todo mundo pela passagem. Coloque-os em segurança.

— Todas as fadas? — disse Winter.

— Todo mundo — disse Kieran, olhando severamente para seu primeiro comandante. — Caçadores de Sombras. Feiticeiros. Todos que buscam refúgio.

— E você, meu soberano? — perguntou Winter.

— Eu devo ir para Mark e Cristina.

Pela primeira vez, Winter pareceu amotinado.

— Você deve deixar seus amigos mortais, senhor.

Winter era um Capuz Vermelho, jurado em sangue para proteger o Rei e a linhagem real. Kieran não poderia estar zangado com ele, e ainda assim ele devia fazê-lo entender. Ele procurou pelas palavras certas.

— Você é minha guarda leal, Winter. Mas, como você me guarda, você também deve guardar o que eu mais amo, e Mark Blackthorn e Cristina Rosales são o que eu mais amo neste mundo e em todos os outros.

— Mas a sua *vida*… — disse Winter.

— Winter — disse Kieran sem rodeios. — Eu sei que eles não podem ser meus consortes. Mas eu morrerei sem eles.

Mais e mais fadas estavam inundando a porta das Terras Imortais.

Havia outros com eles agora — alguns feiticeiros, até mesmo um bando de licantropos.

Winter travou sua mandíbula.

— Então eu te darei cobertura.

*

Helen sentiu como se estivesse no meio de um rio que fluía de duas formas diferentes ao mesmo tempo.

Fadas estavam correndo em uma direção, em direção a uma elevação montanhosa no extremo leste do campo. Caçadores de Sombras estavam correndo no outro, em direção à cidade de Alicante, presumivelmente para se esconder atrás de suas muralhas.

Aline saiu correndo para investigar, prometendo estar de volta momentaneamente.

Alguns ainda rodeavam o centro do campo — a Tropa parecia estar gritando e correndo em círculos, disposta a não se juntar nem ao êxodo de fadas nem a companheiros Caçadores de Sombras. Helen tinha ficado perto de onde os outros que ela conhecia se reuniram — Kadir e Jia estavam ajudando feridos no campo, Simon e Isabelle estavam em conferência com Hypatia Vex e Kwasi Bediako, e Jace e Clary tinham ido com um grupo de outros, incluindo Rayan e Divya, para se colocar entre Emma e Julian e os prisioneiros da Tropa.

— Helen! — Aline estava correndo em direção a ela do outro lado da grama. — Eles não estão fugindo.

— O que você quer dizer? — Helen disse.

— Os Caçadores de Sombras. Eles vão proteger a cidade, no caso dos gigantes… no caso de Emma e Julian fazerem um movimento em direção a ela. Está cheio de crianças e pessoas idosas. E além disso — acrescentou ela —, os Caçadores de Sombras protegem Alicante.

É o que fazemos.

Ela falava como a filha da Consulesa.

— Mas Emma e Julian nunca… eles não… — Helen protestou.

— Não sabemos o que eles farão — disse Aline gentilmente, assim como Hypatia Vex e Kwasi Bediako passaram correndo por eles. Eles correram em direção ao gramado pisado onde Emma e Julian estavam, e Kwasi estendeu as mãos quando Hypatia colocou as palmas das mãos em seus ombros. Uma rede dourada cintilante irrompeu no ar sobre Emma e Jules:

ela se assentou sobre eles como uma fina teia de aranha, mas Helen sentiu que era feita de algo muito mais forte.

Emma ergueu uma grande e brilhante mão para empurrar a rede. Ele se manteve firme. Kwasi estava respirando rápido, mas Hypatia o firmou.

Um grito rompeu de Martin Gladstone.

— Faça isso agora! Reúna os Blackthorns! Mostre a esses monstros o que acontecerá com suas famílias se eles não pararem!

O membro da Tropa levantou um coro. Helen podia ouvir Zara gritando que eles deveriam fazer isso, que eles tinham o direito de se proteger.

Aline deu um passo na frente de Helen.

— Aquele *bastardo*! — ela franziu o cenho.

Julian enfiou os dedos no material da rede brilhante e rasgou-a. Ela caiu e Julian se abaixou para pegar Gladstone.

Com um movimento de seus dedos, ele quebrou o pescoço de Gladstone.

Julian e Emma se moveram em direção aos outros membros da Tropa, que começaram a se dispersar. Emma pegou Zara…

E Jace deslizou entre eles, entre a mão cintilante de Emma e a figura em fuga de Zara. A Espada Mortal foi embainhada em suas costas; ele estava sem armas. Ele jogou para trás sua cabeça dourada e gritou: — Parem! Emma e Julian! A batalha acabou! *Parem!*

Sem expressão, como uma estátua de um anjo vingador, Emma se abaixou e varreu Jace fora do caminho. Ele foi jogado vários metros e atingiu o chão com um baque feio. Clary gritou e voou pela grama, correndo em direção a Jace com seus cabelos ruivos atrás dela como fogo.

Levante-se, levante-se, pensou Helen. *Levante-se, Jace*.

Mas ele não o fez.

*

Dru nunca havia usado a runa Familias antes, e a experiência era estranha.

Ela se sentiu puxada em direção aos irmãos de uma maneira que ela não podia definir. Parecia que algo estava amarrado no interior de sua espinha — o que era nojento, mas interessante — e a estava puxando para um destino. Ela ouvira sobre a maneira como as runas de rastreamento eram descritas e suspeitava que isso não fosse diferente.

Ela deixou ser puxada, correndo atrás dele com a mão apertando firmemente o pulso de Tavvy. Eles mantiveram-se nas extremidades do

campo de batalha, Jaime ao lado deles com a besta apontada para qualquer um que se aproximasse.

Eles deixaram o abrigo das muralhas da cidade e atacaram a borda da floresta, ainda seguindo a força da runa. Ela tentou não olhar para o campo, para Emma e Julian. Era como olhar pilares de fogo em um momento, em monstros terríveis no outro.

Houve um farfalhar no alto e Ty caiu de um carvalho. Dru deu um pequeno suspiro de surpresa, e depois outro, enquanto Ty caminhava direto em sua direção e a abraçou com força.

Ele a soltou e franziu a testa.

— Por que você está no campo? Você deveria estar na cidade.

Tavvy também. — Ele se virou para Jaime. — É perigoso.

— Sim — disse Jaime. — Estou ciente disso.

— *Você* está aqui fora — Dru apontou.

— Eu estava em uma árvore — disse Ty, como se isso melhorasse de alguma forma. Antes que Dru pudesse entrar em uma discussão muito divertida sobre isso, Helen veio correndo, seus cachos loiros pálidos tremulando. Aline estava em seus calcanhares.

— Dru! *Tavvy!* — Helen correu em lágrimas até os dois, tentando pegar Tavvy; Dru notou que ele estendeu os braços para ela automaticamente, algo que ele realmente só tinha feito para Julian antes. Helen levantou-o e apertou-o com força. — O que vocês dois estão *fazendo* aqui? Dru, você usou a runa do Famílias de propósito?

— Claro que sim! — disse Dru. — Temos que sair no campo.

Temos que parar Emma e Jules. Nós temos que recuperá-los… fazer com que eles voltem para si mesmos.

— Estamos tentando — disse Helen. — Você não acha que estamos tentando?

Dru queria apertar os dentes juntos. Por que Helen não *escuta*? Ela pensou que as coisas seriam melhores, mas ela precisava que sua irmã a ouvisse tanto que pudesse sentir como um nó na garganta.

Ela sabia o que eles tinham que fazer. Parecia tão claro. Como ela poderia fazer o resto deles ver isso?

Ela sentiu uma pontada no braço, onde a runa estava, e então Mark estava lá, correndo com Cristina ao seu lado.

— Dru! Você nos chamou… — Ele viu Ty e sorriu deliciado. — Eu estava te observando com o seu estilingue — disse ele. — Sua pontaria é

ótima, irmãozinho.

— Não o encoraje, Mark — disse Helen. — Ele deveria ter ficado no acampamento.

— Olha — Dru disse. — Eu sei que não faz muito sentido. Mas se todos nós formos juntos para Emma e Jules, se formos até eles e falarmos com eles, podemos passar. Nós temos que tentar. Se não podemos fazer isso, ninguém pode, e então todo mundo estará em perigo.

Helen sacudiu a cabeça.

— Mas por que isso está acontecendo?

Cristina e Mark trocaram um olhar que Dru não conseguiu decifrar.

— Eu acho que é por causa do vínculo *parabatai* — disse Cristina.

— Porque Emma quase morreu? — Aline disse, perplexa.

— Eu não sei — disse Cristina. — Eu só posso deduzir. Mas há fogo celestial queimando dentro deles. E nenhum ser mortal pode sobreviver por muito tempo.

— É muito perigoso para nós abordá-los — disse Mark. — Temos que confiar em Emma e Julian. Confie que eles podem acabar com isso por conta própria.

Houve uma longa pausa. Jaime assistiu impassível enquanto os Blackthorns e sua família estendida permaneciam na quietude de um intenso silêncio.

—Não — Helen disse finalmente, e o coração de Dru afundou. Helen levantou os olhos, brilhando em azul-Blackthorn em seu rosto coberto de sujeira. — Dru está certa. Temos que ir. — Ela olhou para Dru. — Você está certa, meu amor.

— Vou andar com você até o campo — disse Jaime a Dru.

Ela estava feliz por sua companhia quando todos partiram, Blackthorns juntos. Mas não era Jaime que ela estava pensando quando se viraram para caminhar em direção ao coração da batalha.

Foi a irmã dela. *Helen acreditou em mim. Helen entendeu.*

No meio da escuridão da batalha, seu coração parecia um pouco mais leve.

Jaime de repente se levantou.

— Diego — disse ele, e depois uma torrente de espanhol. Dru e Helen se viraram e Dru prendeu a respiração.

Não muito longe, um Capuz Vermelho arrastava o corpo inerte de Diego pelo campo. Pelo menos, Dru achou que era Diego: suas roupas eram

familiares e seu cabelo escuro. Mas seu rosto estava totalmente obscurecido pelo sangue.

Helen tocou o ombro de Jaime.

— Vá até seu irmão — disse ela. — Rápido. Nós ficaremos bem.

Jaime saiu correndo.

*

Jace estava acordado. Ele estava piscando e começando a se sentar quando Clary o alcançou, e ela estava dividida entre se jogar em seus braços e bater nele por aterrorizá-la.

Ela estava desenhando um iratze em seu braço. Parecia estar fazendo seu trabalho — o longo arranhão sangrento ao longo do lado do rosto já havia sarado. Ele estava meio sentado, inclinando-se contra ela para recuperar o fôlego, quando Alec veio correndo e se ajoelhou ao lado deles.

— Você está bem, *parabatai?* — Alec disse, olhando ansiosamente para o rosto de Jace.

—Por favor, prometa que você nunca fará isso de novo — disse Clary.

—Eu prometo que nunca vou ficar entre Zara Dearborn e um gigante novamente — disse Jace. — Alec, o que está acontecendo? Você está no campo…

— Julian e Emma jogaram Vanessa Ashdown por cerca de seis metros — disse Alec. — Eu acho que eles estão com raiva porque ela esfaqueou Cameron, embora, por que, eu não posso dizer.

Clary olhou para Emma e Julian. Eles ficaram muito quietos, olhando para a Tropa, como se escolhessem o que fazer com eles. De vez em quando um membro da Tropa se libertava e corria, e Emma ou Julian se moviam para colocá-los de volta.

Era quase como um jogo, mas os anjos não jogavam. Clary não pôde deixar de lembrar-se da visão de Raziel, saindo do Lago Lyn. Muitas pessoas não olhavam para um anjo. Muitas pessoas não olhavam para os olhos frios do Céu, com sua indiferença para pequenas preocupações mortais. Será que Emma e Julian sentiam uma fração daquela indiferença, aquela despreocupação que não era crueldade, mas algo estranho e totalmente maior — algo que não era humano?

Emma subitamente cambaleou e caiu de joelhos. Clary olhou em choque quando a Tropa uivou e fugiu, mas Emma não fez nenhum movimento em direção a eles.

Julian, ao lado dela, estendeu a mão para levantá-la de volta.

— Eles estão morrendo — Jace disse calmamente.

Alec pareceu intrigado.

— O quê?

— Eles são Nephilim… verdadeiros Nephilim — disse Jace. — Os monstros de antigamente que uma vez caminharam pela terra. Eles têm fogo celestial dentro deles, alimentando tudo o que fazem. Mas é demais. Seus corpos mortais vão queimar. Eles provavelmente estão em agonia.

Ele ficou de pé.

— Temos que detê-los. Se ficarem muito enlouquecidos com dor, quem sabe o que farão.

Emma começou a se mover em direção à cidade. Clary podia ver Isabelle e Simon correndo em direção ao bloqueio dos Caçadores de Sombras entre Emma e Julian e a cidade de Alicante.

— Pará-los como? — Alec disse.

Gritando, Jace desembainhou a Espada Mortal. Antes que ele pudesse se mover, Clary colocou a mão em seu ombro.

— Espere — ela disse. — Veja.

Não muito longe agora, um pequeno grupo caminhava em direção às figuras brilhantes e monstruosas de Emma e Julian. Helen Blackthorn, com todos os seus irmãos ao lado dela — Mark e Tiberius, Drusilla e Octavian. Eles se moveram juntos em uma linha forte e constante.

— O que eles estão fazendo? — Alec perguntou.

— A única coisa que eles podem fazer — disse Clary.

Lentamente, Jace abaixou a Espada Mortal.

— Pelo Anjo — disse ele, prendendo a respiração. — Aquelas crianças…

*

— Diego. Acorde, meu irmão. Por favor, acorde.

Houve apenas escuridão, intercaladas com brilhantes faíscas de dor.

Agora havia a voz de Jaime. Diego queria ficar na escuridão e no silêncio. Para descansar onde a dor era mantida no comprimento do braço, no mundo silencioso.

Mas a voz de seu irmão era insistente e, desde a infância, Diego fora treinado para responder a isso. Para levantar da cama quando seu irmão chorava, para correr para ajudá-lo quando ele caía..

Ele abriu os olhos. Ele se sentia pegajosos. Seu rosto queimava.

Acima dele estava o céu escuro e enregelante e Jaime, sua expressão profundamente perturbada. Ele estava de joelhos, seu arco ao seu lado; a uma certa distância, um Capuz Vermelho jazia morto com uma flecha projetando-se de seu peito.

Jaime segurava uma Estela na mão. Ele estendeu a mão e empurrou o cabelo de Diego; quando ele tirou a mão, ficou vermelho de sangue.

— Fique parado — disse ele. — Eu te dei vários *iratzes*.

— Eu preciso levantar — sussurrou Diego. — Eu devo lutar.

Os olhos escuros de Jaime brilharam.

— Seu rosto está aberto, Diego. Você perdeu sangue. Você não pode se levantar. Eu não vou permitir isso.

— Jaime…

— No passado, você sempre me curou — disse Jaime. — Deixe-me ser aquele que te cura agora.

Diego tossiu. Sua boca e garganta estavam cheias de sangue.

— Quão ruim… quão ruins serão as cicatrizes?

Jaime pegou sua mão e foi quando Diego percebeu que era ruim de fato. Ele implorou a Jaime silenciosamente para não mentir para ele ou ter pena dele.

O sorriso de Jaime foi lento e torto.

— Eu acho que vou ser o mais bonito da família agora — disse ele. — Mas pelo menos você ainda é muito musculoso.

Diego se engasgou com o riso, o gosto do sangue, a estranheza de tudo aquilo. Ele passou os dedos nos do irmão e segurou firme.

*

A caminhada pelo campo foi surreal.

Quando os irmãos se aproximaram de Emma e Julian, outros Caçadores de Sombras se aproximaram dos Blackthorn, às vezes parecendo intrigados, às vezes quase envergonhados. Dru sabia que eles sentiam que o grupo estava caminhando em direção à morte certa. Alguns disseram que deviam deixar Tavvy para trás, mas ele apenas se aproximou de seus irmãos e irmãs, balançando a cabeça.

Emma e Julian estavam claramente indo em direção à cidade. Eles se moviam como sombras brilhantes, fechando a distância entre eles e a barricada dos Caçadores de Sombras que ficavam entre eles e Alicante.

—Precisamos chegar até eles — ela murmurou, mas a multidão na frente deles estava formando outro tipo de barricada. Ela viu os Caçadores de Sombras que ela reconheceu entre eles — Anush e Divya Joshi, Luana Carvalho, Kadir Safar e até mesmo alguns Submundanos — Bat Velasquez e Kwasi Bediako entre eles — que estavam dizendo para para não se aproximarem de Julian e Emma, que não era seguro.

Ela olhou para os outros, em pânico.

— O que nós faremos?

— Eu não posso atirar neles com as flechas — disse Mark. — Eles têm boas intenções.

— Claro que não! — Helen olhou horrorizada. — Por favor! — Ela gritou. — Deixem-nos passar!

Mas sua voz estava perdida no rugido da multidão, que os afastava da cidade, longe de Emma e Jules. Dru começara a entrar em pânico quando ouviram o estrondo dos cascos.

Caçadores de Sombras se moveram relutantemente para trás enquanto Lança do Vento, com Kieran em suas costas, separava a multidão. Seus flancos estavam cheios de suor; ele claramente correu pelo campo. Os olhos em pânico de Kieran voaram pelo grupo até encontrar Mark e depois Cristina.

Os três trocaram um olhar rápido e significativo. Mark jogou a mão para cima, como se estivesse alcançando o novo Rei Unseelie.

— Kieran! — Ele gritou. — Ajude-nos! Precisamos chegar a Emma e Julian!

Dru esperou que Kieran dissesse que era perigoso. Impossível. Em vez disso, ele se inclinou sobre o pescoço de Lança do Vento; ele parecia estar sussurrando para o cavalo.

Um momento depois, o céu escureceu com formas voadoras. A Caçada Selvagem veio. Caçadores de Sombras e Seres do Submundo se espalharam quando a Caçada se abateu. De repente, os Blackthorns puderam avançar novamente, e o fizeram, movendo-se o mais rápido que podiam para Emma e Julian, que quase haviam fechado a brecha entre eles e a linha de Caçadores de Sombras que guardavam a cidade.

Ao passarem, Dru levantou-se para acenar para Diana e Gwyn, que haviam se separado da Caçada Selvagem e se preparavam para pousar ao lado dos Blackthorns. Diana sorriu para ela e apertou a mão sobre o coração.

Dru fixou os olhos na meta à frente. Eles estavam quase lá. Kieran se juntou a eles. A coroa de Unseelie brilhava em sua testa, mas sua atenção estava fixada em proteger os Blackthorns. Com Lança do Vento, ele mantinha a multidão afastada de um lado, enquanto Gwyn e Diana faziam o mesmo do outro.

O campo se nivelou. Eles estavam perto agora, perto o suficiente para que Emma e Julian brilhassem. Era como olhar para as árvores na floresta cujos topos você não podia ver.

Dru respirou fundo.

— Tudo bem — disse ela. — Apenas nós agora. Apenas Blackthorns.

Todo mundo ficou parado.

Mark pressionou a testa contra a de Cristina, de olhos fechados, antes de ajudá-la a subir em Lança do Vento, ao lado de Kieran.

Kieran apertou a mão de Mark firmemente e envolveu seus braços ao redor de Cristina como se dissesse a Mark que ele a manteria segura.

Aline beijou Helen suavemente e foi ao lado de sua mãe no meio da multidão. Eles observaram, um grupo pequeno e preocupado, enquanto os Blackthorns se aproximavam para fechar a distância entre eles e Emma e Jules.

Eles pararam a poucos metros das figuras gigantes de Julian e Emma. Por um momento, a certeza de que tinha levado Dru até aqui falhou. Ela só pensara em chegar aqui. Não do que ela faria ou diria quando chegassem.

Foi Tavvy quem deu um passo à frente primeiro.

— Jules! — Ele gritou. — Emma! Estamos aqui!

E, finalmente, Emma e Julian reagiram.

Eles se afastaram da cidade e olharam para os Blackthorns. Dru esticou a cabeça para trás. Ela podia ver suas expressões. Eles estavam completamente em branco. Nenhum reconhecimento vivia em seus olhos brilhantes.

— Nós não podemos apenas dizer-lhes para parar — disse Mark. — Todo mundo já tentou isso.

Tavvy se moveu um pouco mais para frente. Os olhos dos gigantes o seguiram como lâmpadas maciças, brilhantes e desumanas.

Dru queria estender a mão e pegá-lo de volta.

— Jules? — Ele disse, e sua voz era pequena e baixa e apunhalou o coração de Drusilla. Ela respirou fundo. Se Tavvy pudesse se aproximar deles, ela também poderia. Ela se moveu para ficar atrás de seu irmão mais

novo e inclinou os ombros para trás até que ela estava olhando diretamente para Emma e Julian. Era como olhar para o sol; seus olhos arderam, mas ela os manteve abertos.

— Emma! — Ela chamou. — Julian! É Dru… Drusilla. Olha, todo mundo está dizendo para vocês pararem porque a batalha está ganha, mas eu não estou aqui para dizer isso. Estou aqui para dizer-lhe para parar porque amamos vocês. Nós precisamos de vocês.

Voltem para nós.

Nem Emma nem Julian mudaram de expressão. Dru seguiu em frente, as bochechas queimando.

— Não nos deixem — disse ela. — Quem vai assistir filmes de terror ruins comigo, Julian, se você for embora? Quem vai treinar comigo, Emma, e me mostrar tudo o que estou fazendo errado e como ser melhor?

Algo mudou atrás de Dru. Helen veio para ficar ao lado dela. Ela estendeu as mãos como se pudesse tocar as figuras brilhantes diante dela.

— Julian — disse ela. — Você criou nossos irmãos e irmãs quando eu não pude. Você sacrificou sua infância para manter nossa família unida. E Emma. Você guardou essa família quando eu não pude. Se vocês dois me deixarem agora, como eu vou ter a chance de fazer as pazes com vocês?

Julian e Emma ainda estavam sem expressão, mas Emma inclinou a cabeça ligeiramente, quase como se estivesse ouvindo.

Mark avançou, colocando a mão magra no ombro de Dru. Ele esticou a cabeça para trás.

— Julian — ele chamou. — Você me mostrou como fazer parte de uma família novamente. Emma, você me mostrou como ser amigo quando esqueci a amizade. Você me deu esperança quando eu estava perdido. — Ele ficou ereto como um raio de elfo, olhando para o céu. — Voltem para nós.

Julian se mexeu. Foi um movimento minucioso, mas Dru sentiu seu coração pular. Talvez… talvez.

Ty deu um passo à frente, seu uniforme empoeirado e rasgado onde a casca da árvore o havia rasgado. Seus cabelos negros caíam em fios escuros no rosto. Ele os afastou e disse: — Nós perdemos Livvy.

Nós… nós a perdemos.

Lágrimas picaram as costas dos olhos de Dru. Havia algo no tom da voz de Ty que fazia parecer que era a primeira vez que ele percebia a finalidade e a irrevogabilidade da morte de Livvy.

Os cílios de Ty brilharam de lágrimas quando ele ergueu o olhar.

— Nós não podemos te perder também. Nós seremos… nós acabaremos quebrados. Julian, você me ensinou o que cada palavra que eu não entendi significava, e Emma, você afugentou qualquer um que fosse malvado comigo. Quem vai me ensinar e me proteger se vocês não voltarem a ser vocês mesmos?

Houve um grande e trovejante acidente. Julian caiu de joelhos. Dru cobriu um suspiro — ele parecia menor do que ele, embora ainda enorme. Ela podia ver as fissuras pretas em sua pele brilhante onde faíscas vermelhas de fogo vazaram como sangue.

Há um fogo celestial queimando dentro deles. E nenhum ser mortal pode sobreviver por muito tempo.

— Emma — Dru sussurrou. — Julian.

Eles não estavam mais sem expressão. Dru vira estátuas de anjos de luto, de anjos atravessados por espadas flamejantes, chorando lágrimas de agonia. Não era fácil empunhar uma espada para Deus.

Ela podia ver aquelas estátuas novamente nos olhares em seus rostos.

— Emma! — O grito explodiu de Cristina; ela se separou dos outros e foi correndo em direção aos Blackthorns. — Emma! Quem será minha melhor amiga se você não for minha melhor amiga, Emma? — Ela estava chorando, lágrimas se misturando com o sangue e sujeira em seu rosto. — Quem cuidará da minha melhor amiga quando eu não puder, Julian, se você não estiver lá?

Emma caiu de joelhos ao lado de Julian. Ambos estavam chorando — lágrimas de fogo, vermelho e dourado.

Dru esperava desesperadamente que isso significasse que eles sentissem alguma coisa, e não que eles estivessem morrendo, desmoronando em chamas gêmeas de fogo.

— Quem vai me deixar louco com perguntas na sala de aula, não é?

— Chamou Diana. Ela estava vindo em direção a eles também, e Kieran e Aline também, deixando Gwyn segurando o freio de Lança do Vento, seu rosto refletindo admiração e respeito.

Aline limpou a garganta.

— Emma e Julian — disse ela. — Eu não conheço vocês tão bem, e essa coisa gigantesca é reconhecidamente uma grande surpresa. Isso não foi um trocadilho. Eu estava sendo literal. — Ela olhou de lado para Helen. — Mas

estar perto de vocês faz minha esposa muito feliz, e é porque ela ama os dois. — Ela fez uma pausa.

— Eu também gosto de vocês, e nós vamos ser uma família, porra, então venham aqui e *estejam* nesta família!

Helen deu um tapinha no ombro de Aline.

— Isso foi muito bom, querida.

— Julian — disse Kieran. — Eu poderia falar do jeito que Mark te ama, e Emma, eu poderia falar da amizade que Cristina tem por você.

Mas a verdade é que eu tenho que ser o Rei da Corte Unseelie, e sem o seu brilhantismo, Julian, e sua bravura, Emma, temo que meu reinado seja breve.

Ao longe, Dru pôde ver Isabelle e Simon se aproximando. Alec estava com eles, seu braço ao redor de Magnus, e Clary e Jace caminharam ao lado deles, de mãos dadas.

Tavvy levantou os braços.

— Jules — disse ele, sua pequena voz clara e tocando. — Me carregue. Estou cansado. Eu quero ir para casa.

Lentamente — tão lentamente quanto a passagem de eras — Julian estendeu as mãos brilhantes, fissuradas pela escuridão da qual o fogo celestial derramou-se como sangue. Ele estendeu a mão para Tavvy.

Houve uma explosão de luz que queimava os olhos de Dru. Quando ela piscou, viu que Julian e Emma não estavam mais lá — não, eles haviam caído no chão; eram figuras sombrias dentro de uma aura de luz, cada vez menores, cercadas por uma poça de iluminação da cor do ouro sangrento.

Por um momento aterrorizado, Dru teve certeza de que estavam morrendo. Quando a luz terrível se desvaneceu, ela viu Emma e Julian — de tamanho humano novamente — no chão. Deitavam-se com as mãos juntas, os olhos fechados, como anjos que haviam caído do céu e agora dormiam pacificamente sobre a terra novamente.

33
REVERÊNCIA

— ACORDE, EMMA. É hora de acordar.

Havia uma mão gentil em sua testa, uma voz suave chamando-a para fora da longa escuridão.

Por algum tempo houve apenas sombras. Sombras e frio depois de um longo período de queima. O mundo tinha se inclinado a distância. Ela tinha visto um lugar muito brilhante para lembrar e figuras que brilhavam como lâminas no sol. Ela tinha ouvido vozes chamando seu nome. Emma. *Emma.*

Emma significa universo, Julian dissera.

Mas ela não tinha acordado. Ela tinha ouvido a voz de Julian novamente, desta vez misturada com a de Jem.

— Foi um toque inteligente — disse Jem — não tendo uma reunião, mas duas. Você sabia que qualquer um dos Caçadores de Sombras poderia ser leal à Tropa, então você os fez participar apenas da primeira reunião. Dessa forma, quando relataram a Horace quais eram seus planos, ele estava preparado apenas para você interromper a conversa. Não para o ataque do Submundo.

— Jace e Clary concordaram em ser a isca — disse Julian. Ele parecia cansado, mesmo em seu sonho.

— Sabíamos que Horace faria qualquer coisa para colocar as mãos neles. Dessa forma, poderíamos mostrá —los na frente de todos e provar que Horace estava errado, que eles não estavam mortos e que ele estava tentando matá-los.

Houve uma longa pausa. Emma flutuou em mais escuridão, embora ela pudesse ver formas agora, formas e sombras.

— Eu sabia que haveria espiões na reunião — disse Julian. — Eu admito que eles me surpreenderam enviando um demônio. Eu nem descobri até ver o Eidolon no campo de batalha. Como você acha que entrou no Santuário? Apenas posando como Oskar Lindquist não deveria tê —lo protegido —

Demônios são conhecidos por usar sangue de Caçadores de Sombras para entrar nos Institutos.

Oskar Lindquist foi encontrado morto ontem. É possível que seu sangue tenha sido usado.

— Mas isso daria ao demônio o poder de ser invulnerável a lâminas de serafins? — Julian disse.

Houve uma longa pausa. — Eu não conheço mágica suficiente para isso. — Jem parecia perturbado. — Os Irmãos do Silêncio vão querer saber…

Emma abriu os olhos com relutância, não querendo deixar a suavidade da escuridão. — Jem? — Ela sussurrou. Sua garganta e boca estavam incrivelmente secas.

— Emma! — Ela foi puxada para um abraço. Os braços de Jem eram fortes. Ela pressionou a cabeça no ombro dele. Era como ser abraçada pelo pai - uma lembrança que sempre guardava no fundo de sua mente, preciosa e inesquecível.

Ela engoliu a secura em sua garganta. — Julian? — Ela sussurrou.

Jem recuou. Ela foi capaz de ver onde ela estava — em uma pequena sala com duas camas brancas, uma janela na parede deixando entrar a luz do sol. Julian estava sentado na cama em frente à dela, vestindo uma camiseta limpa e calças largas diferentes de roupas de treinamento. Alguém a colocou na mesma roupa; o cabelo dela estava emaranhado, e todo o corpo dela doía como uma contusão gigante.

Julian parecia ileso. Seus olhos se encontraram e sua expressão se suavizou; as costas dele estavam retas e tensas, os ombros eram uma linha dura.

Ela queria ir abraçá-lo. Pelo menos para segurar a mão dele. Ela se forçou a não se mexer. Ela se sentia frágil por dentro, com o coração trovejando de amor e medo. Ela não confiava em si mesma para controlar suas emoções.

— Você está nas Basilias — disse Jem. — Acordei você, Emma, depois que Julian acordou. Eu pensei que vocês gostariam de ver um ao outro.

Emma olhou em volta. Através de uma janela na parede, ela podia ver uma sala maior de camas cobertas de branco, metade das quais estavam ocupadas com pacientes. Os Irmãos do Silêncio se moviam entre as fileiras e o ar cheirava a cura — ervas e flores, os remédios da Cidade do Silêncio.

O quarto deles tinha um teto baixo e arqueado pintado com runas curativas em ouro, vermelho e preto. Mais janelas davam para os prédios

de Alicante: as casas de telhado vermelho, as agulhas finas das torres demoníacas.

— As crianças, estão bem? — Disse Emma. — Helen…?

— Eu já perguntei — disse Julian. Era difícil para Emma desviar o olhar e também era doloroso olhar para ele — ele parecia diferente de alguma forma. Mudou. Ela desviou o olhar e olhou para Jem, que se levantara para ficar perto da janela. — Está tudo bem, Emma.

— Até Kit? Ele salvou minha vida.

— Ele estava bastante esgotado e doente — disse Jem. — Mas ele se recuperou bem. Ele está na Cidade do Silêncio. Perdemos bons guerreiros no campo de batalha, mas nossos amigos estão seguros. Você ficou inconsciente por três dias, então perdeu os funerais. Mas você tem assistido a muitos funerais ultimamente.

Emma franziu a testa. — Mas por que Kit está na Cidade do Silêncio? As Basilías …

— Emma — disse Jem. — Eu não vim falar com você sobre Kit.

Eu vim falar sobre você e Julian. — Ele afastou o cabelo do rosto; ele parecia cansado, a faixa branca no cabelo mais pronunciada. — Você me perguntou há muito tempo sobre a maldição *parabatai*. O que acontece quando dois *parabatai* se apaixonavam. Eu te disse o que eu sabia, mas eu nem sonhava que você estava se perguntando.

Emma sentiu —se ficar quieta. Ela olhou para Julian, que assentiu.

— Ele sabe — disse Julian em um tom de voz plano. Emma se perguntou o que ele estava sentindo. Ela não conseguia lê —lo como costumava fazer, mas provavelmente ambos estavam em estado de choque. — Todo mundo sabe agora.

Emma abraçou os braços em volta de si mesma. — Mas como…

— Eu gostaria de ter sabido — disse Jem — Embora eu possa entender por que você não me contou. Eu falei com o Magnus. Eu sei tudo o que você fez para tentar combater a maldição. Ninguém poderia ter lutado mais. Mas esta não é uma maldição que pode ser desfeita, exceto pela destruição de todos os vínculos *parabatais* em todo o mundo. — Ele olhou para Emma com olhos penetrantes, e ela sentiu o peso repentino de quão velho Jem era, e o quanto ele sabia sobre as pessoas. — Ou pelo menos, isso é o que se acreditava, e toda tentativa de investigar a maldição não registrou o que poderia acontecer se a maldição fosse realizada. Nós só conhecíamos sintomas: aumento de poder com runas, habilidade de fazer

coisas que nenhum outro Nephilim poderia fazer. O fato de você ter quebrado a Espada Mortal, Emma - tenho certeza que foi em parte a força de Cortana e em parte o poder da maldição. Mas estas foram todas as coisas que nós apenas imaginamos por muitos anos. Então a batalha de três dias atrás aconteceu. E de que você se lembra?

— Emma estava morrendo em meus braços — disse Julian. Sua voz tremeu. Era estranho, porém, normalmente Emma teria sentido uma pontada nas costelas, um lampejo de dor. Agora ela não sentiu.

— Havia uma luz branca — e éramos gigantes, olhando para baixo.

Não sinto o que sentimos, mas lembro de pessoas parecendo formigas correndo em volta de nossos pés. E sentindo como se estivéssemos em uma missão, como se estivéssemos sendo direcionados. Eu não sei como explicar isso. Como se estivéssemos nos dizendo o que fazer e não tínhamos outra escolha senão fazê-lo.

— Como se algo estivesse trabalhando através de você. — disse Jem. — Uma vontade maior que a sua?

Emma colocou as mãos no peito. — Eu me lembro agora — Zara me esfaqueou — eu estava sangrando … — Ela se lembrou de novo da sensação de queimação e do mundo girando para longe e para baixo. — Nós éramos gigantes?

— Eu preciso lhe contar um pedaço da história dos Nephilim — disse Jem, embora Emma desejasse ficar mais próxima do tema dos gigantes: Emma e Julian se transformaram neles? — Há muito, muito tempo atrás, no início da história dos Caçadores de Sombras, havia enormes demônios que ameaçavam a Terra. Muito maiores do que qualquer demônio que temos agora, salvam os Demônios Maiores que às vezes podem se tornar. Naquela época, era possível para Caçadores de Sombras se tornarem verdadeiros Nefilins. Gigantes na terra. Temos antigas xilogravuras e desenhos deles, e os escritos daqueles que os viram lutando contra demônios. — Ele pegou um pedaço de papel do bolso e leu em voz alta: — "A terra que passamos como espiões é uma terra que devora. seus habitantes; e todas as pessoas que vimos nele são de grande tamanho. Ali vimos os Nephilins; e para nós mesmos que parecíamos gafanhotos, e assim parecemos a eles."

— Mas isso é história — disse Julian. — As pessoas não se transformam em gigantes agora.

Uma terra que devora seus habitantes. Emma não pôde deixar de pensar em Thule e nas histórias de gigantes ali.

— A maioria não sobreviveu às suas transformações. — disse Jem. — Foi o derradeiro sacrifício, incendiar-se com fogo celestial e morrer destruindo demônios. Mas notou —se que muitos que sobreviveram eram *parabatai*. Caçadores de Sombras eram mais propensos a viver a transformação se tivessem um parabatai que não se transformasse, ancorando-os à terra.

— Mas ambos nos transformamos. — disse Emma.

— Você entende — disse Jem — que por anos nós tentamos entender a maldição *parabatai* e o que ela poderia ser, mas nós certamente nunca a vinculamos à época dos Nephilins. O fim do tempo dos Nephilim veio quando os gigantes demônios deixaram de vir à terra. Nós não sabemos porque eles desapareceram; eles simplesmente fizeram. Talvez eles estivessem todos mortos. Talvez eles tenham perdido o interesse neste mundo. Talvez eles temessem os Nephilins. Isso foi há oitocentos anos e muitos registros foram perdidos.

— Então, quando nos transformamos em gigantes — disse Julian, parecendo que as palavras o deixaram doente — você percebeu que a maldição parabatai estava ligada aos Nephilim de alguma forma?

— Depois da batalha, corremos para mostrar todos os registros dos verdadeiros Nephilim. Ao fazê-lo, descobri um conto de um acontecimento terrível. Um Caçador de Sombras se tornou um verdadeiro Nephilim para combater um demônio. Seu *parabatai* deveria ficar para trás como uma âncora, mas, ao contrário, eles também se transformaram, incontrolavelmente. Ambos ficaram loucos. Eles mataram o demônio e então eles assassinaram suas famílias e todos aqueles que tentaram detê — los até que eles queimaram vivos no fogo celestial. — Ele fez uma pausa. — Eles eram um casal. Naqueles dias não havia lei contra amar seu *parabatai*. Alguns meses depois aconteceu de novo, desta vez com outro casal de amantes .

— E as pessoas não sabiam disso? — Disse Emma.

— Muito foi feito para encobri-lo. A prática *parabatai* é uma das ferramentas mais poderosas que os Caçadores de Sombras possuem. Ninguém queria perdê-lo. E desde que os grandes demônios haviam desaparecido, não se pensava que haveria necessidade de empregar os verdadeiros Nephilins novamente. Na verdade, ninguém nunca o fez, e o

método pelo qual os verdadeiros Nephilim foram feitos foi perdido. Poderia ter terminado lá, e de fato não há registros na Cidade do Silêncio sobre o que aconteceu, mas Tessa conseguiu encontrar um arquivo no Labirinto Espiral. Foi a história de dois Caçadores de Sombras que se tornaram como feiticeiros — magos poderosos, cujas runas eram diferentes das outras. Eles arrasaram uma cidade pacífica até o chão antes de serem queimados até a morte. Mas suspeito que eles não foram queimados até a morte pelas pessoas da cidade. Eu suspeito que eles morreram do fogo celestial. — Ele fez uma pausa. — Não muito tempo depois da data deste conto, a Lei foi aprovada que nenhum parabatai poderia se apaixonar.

— Isso é suspeito — murmurou Emma.

— Então, o que você está dizendo, — disse Julian — é que os Caçadores de Sombras destruíram seus próprios registros de por que eles criaram a Lei sobre o amor *parabatai* sendo proibido? Eles temiam que as pessoas se aproveitassem do poder - mas valorizavam demais os benefícios do *parabatai* para desistir do ritual?

— Isso é o que eu suspeito. — disse Jem — Embora eu não ache que seremos capazes de provar isso.

— Isso não pode continuar acontecendo — disse Emma. — Precisamos contar a todos a verdade.

— A verdade não vai parar de acontecer — disse Julian. Ele olhou para ela com firmeza. — Eu teria me apaixonado por você, mesmo que soubesse exatamente qual era o perigo.

O coração de Emma pareceu tropeçar em si mesmo. Ela tentou manter a voz firme. — Mas se as horríveis punições forem tiradas — ela disse — se as pessoas não acharem que perderão suas famílias, elas se apresentarão. Misericórdia é melhor que vingança — não é?

— Os Irmãos do Silêncio têm conferido e concordam com você — disse Jem. — Eles farão uma recomendação ao Cônsul e ao novo Inquisidor quando ele for nomeado.

— Mas Jia - Jia ainda é a Consuelesa? — Disse Emma.

— Sim, embora ela esteja muito doente. Ela tem estado há algum tempo. Espero que ela tenha agora tempo e espaço para descansar e melhorar.

— Oh. — Emma ficou surpresa. Jia parecia invulnerável para ela.

— Os membros da Tropa que sobreviveram estão detidos na prisão de Gard. Vocês ganharam a batalha por nós, afinal. Embora eu não recomende tentar essa tática novamente.

— O que vai acontecer com a gente? — Perguntou Julian. — Seremos punidos?

— Pelo que aconteceu no campo? Eu não penso assim — disse Jem. — Foi uma guerra. Você matou os Cavaleiros de Mannan, pelos quais todos são gratos, e você matou vários membros da Tropa, o que você poderia ter feito de qualquer maneira. Eu acho que você vai ser uma curiosidade agora — verdadeiros Nephilim não foram vistos em séculos. Além disso, você pode ter que fazer serviço comunitário.

— É sério? — Disse Emma.

— Na verdade não. — disse Jem, e piscou para ela.

— Eu quis dizer sobre a coisa *parabatai* — disse Julian. — Nós ainda estamos quebrando a lei, sentindo como fazemos uns sobre os outros. Mesmo que eles tornem as Leis mais gentis, nós ainda teremos que ser separados, exilados até, então isso nunca mais acontecerá.

— Ah — disse Jem, e ele se recostou contra a parede, com os braços cruzados. — Quando suas roupas foram cortadas de você para que você pudesse ser curado, aqui nas Basilias, percebeu-se que suas runas *parabatai* haviam desaparecido.

Emma e Julian ficaram olhando para ele.

— Agora, uma runa parabatai pode ser cortada de sua pele, e você não perderá sua ligação — disse Jem. — A runa é o símbolo, não o próprio vínculo. Mas era curioso, porque não havia marcas ou cicatrizes onde suas runas *parabatai* tinham estado; Era como se nunca tivessem sido desenhadas. Os Irmãos do Silêncio olharam em suas mentes e viram que a ligação havia sido cortada. — Ele fez uma pausa. — Na maioria dos casos, sinto que estou lhe dando más notícias, mas neste caso, talvez não. Vocês não são mais *parabatai*.

Nenhum deles se mexeu ou respirou. Dentro do peito de Emma, seu coração parecia estar tocando como um sino em um vasto espaço, o eco profundo de uma caverna cujo teto era tão alto que todo o som desapareceu em silêncio e sonhos. O rosto de Julian estava branco como as torres demoníacas.

— Não somos *parabatai*? — Ele disse finalmente, sua voz como a de um estranho.

— Vou dar um momento à vocês dois para digerir a notícia — disse Jem, um sorriso enrolando a borda da boca. — Eu irei falar com sua família. Eles estão preocupados com você. — Ele saiu da sala, e embora usasse

jeans e um suéter, a sombra das vestes parecia se mover ao redor dele enquanto ele ia.

A porta se fechou atrás de Jem, e ainda assim Emma não conseguia se mexer. O terror de se deixar acreditar que o horror tinha acabado, que tudo ficaria bem, a manteve congelada no lugar. Por muito tempo ela viveu com um peso nos ombros. Por muito tempo foi a primeira coisa que ela pensou quando acordou e o último de seus pensamentos antes de dormir; a comida de pesadelos e o fim de todo medo secreto: *Eu vou perder Julian. Eu vou perder minha família. Eu vou me perder.*

Mesmo nos momentos mais brilhantes, ela pensava que perderia uma dessas coisas. Ela nunca sonhara que iria manter todos eles.

— Emma — disse Julian. Ele ficou de pé, mancando um pouco, e o coração de Emma se partiu: ela sabia que isso não poderia ser mais fácil para ele do que para ela. Ela ficou de pé, as pernas tremendo. Eles se encararam no espaço entre as duas camas.

Ela não sabia quem quebrou e mudou primeiro. Poderia ter sido ela ou ele; eles poderiam ter se movido em uníssono como haviam feito por tanto tempo, ainda conectados, mesmo que o vínculo *parabatai* tivesse desaparecido. Eles colidiram no meio da sala; ela jogou os braços ao redor de Julian, seus dedos enfaixados cavando na parte de trás de sua camisa.

Ele estava aqui, realmente aqui, sólido em seus braços. Ele beijou o rosto dela febrilmente e passou as mãos pelo cabelo dela.

Ela sabia que lágrimas escorriam pelo seu rosto; Ela segurou-o o mais forte que pôde, sentindo-o tremer em seus braços. — Emma — ele estava dizendo, mais e mais, sua voz quebrando, quebrando a palavra. — Emma, Emma, minha Emma.

Ela não conseguia falar. Em vez disso, ela traçou seus dedos desajeitadamente em suas costas, escrevendo o que ela não podia dizer em voz alta, como faziam há muito tempo.F-I-N-A-L-M-E-N-T-E.

Ela escreveu.F-I-N-A-L-M-E-N-T-E.

A porta se abriu. E pela primeira vez, eles não se separaram: eles mantinham as mãos um do outro, mesmo quando a família e os amigos entravam na sala, chorosos e brilhantes de felicidade e alívio.

* * *

— Eles estão com muito medo de você no Reino das Fadas agora, Cristina — disse Kieran. — Eles chamam você de matadora de reis e príncipes.

Uma terrível Caçadora de Sombras.

Os três — Mark, Cristina e Kieran — estavam sentados perto de uma fonte seca na Angel Square, fora das Basilias. Cristina sentou-se entre as pernas de Mark, seus braços ao redor dela. Kieran se inclinou contra o seu lado.

— Eu não sou aterrorizante — protestou Cristina.

— Você me assusta — disse Mark, e Cristina se virou e fez uma careta para ele. Kieran sorriu, mas não riu: parecia haver muita tensão nele. Talvez porque fosse difícil para ele estar em Alicante.

Tinha sido fortemente à prova de fadas durante a Guerra Negra, ferro e sal estrategicamente implantados em quase todas as ruas. As Basilias estavam cobertas de pregos de ferro martelado, de modo que Mark e Cristina esperaram notícias de Jules e Emma na praça com Kieran, deixando o sol brilhante aquecê —los enquanto descansavam.

Depois da Guerra Negra, Mark sabia, este quadrado estava cheio de corpos. Cadáveres dispostos em fileiras, os olhos atados com seda branca, prontos para serem queimados e enterrados. Agora estava pacificamente quieto. Houve mortes na batalha três dias antes e, no dia seguinte, um grande funeral nos Campos. Jia havia falado: da tristeza suportada, da necessidade de reconstruir novamente e da importância de não agir em vingança contra a Tropa, cinquenta dos quais estavam agora na prisão de Gard.

— Minha mãe é aquela que é aterrorizante — disse Cristina, sacudindo a cabeça. Ela estava quente nos braços de Mark, e Kieran era um peso reconfortante contra o seu lado. Se não fosse por preocupação com Emma e Jules, ele teria ficado perfeitamente feliz.

— Eu disse a ela sobre nós ontem à noite.

— Você fez? — Mark estava parado.. A mãe de Cristina era aterrorizante — ouvira dizer que, depois que os Portões da Cidade foram abertos pelos Irmãos do Silêncio, ela subiu em uma das paredes e jogou dezenas de lanças nas fadas dos Unseelie com uma precisão mortal que havia enviado os capuzes vermelho correndo para longe da cidade. Havia também um boato de que ela havia perfurado Lazlo Balogh no nariz, mas ele decidiu não confirmá-lo.

— O que ela disse? — Os olhos pretos e prateados de Kieran estavam preocupados.

— Ela disse que talvez não fosse a escolha que ela teria feito por mim — disse Cristina, — mas o que importava era que eu estava feliz. Ela também disse que não ficou surpresa em levar dois homens para encher os sapatos de Diego. — Ela sorriu.

— Como Diego salvou a minha vida, vou absorver essa ligeira sem responder — disse Kieran.

— E eu amarro os cadarços dele na próxima vez que eu o vir — disse Mark. — Você acredita que eles encontraram Manuel escondido sob o cadáver de Horace?

— Eu só estou surpreso que ele não tenha cortado o corpo de Horace e se escondido dentro dele — disse Kieran severamente.

Mark socou-o levemente no ombro.

— Por que você me ataca? — Kieran protestou. — Isso já foi feito antes no Reino das Fadas. Uma vez um guerreiro covarde se escondeu dentro de uma kelpie por uma semana.

Algo branco esvoaçou do céu. Uma mariposa, que depositou uma bolota no colo de Kieran e voou para longe.

— Uma mensagem? — Mark disse.

Kieran desparafusou o topo da bolota. Ele parecia sombriamente sério, provavelmente porque agora estava vestido com um rei Unseelie. Ainda dava a Mark uma sacudida ao vê —lo, todo de preto — botas pretas, calções pretos e um colete preto costurado com ondas bordadas de ouro e verde para simbolizar a herança nixie de Kieran. — De Winter — disse Kieran. — Todos os Caçadores de Sombras e Seres do Submundo são agora devolvidos das terras dos Unseelie para suas casas.

Kieran havia aberto a hospitalidade da Corte Unseelie àqueles que haviam fugido da batalha nos Campos. Alec havia dito que achava que o gesto seria um longo caminho para reverter as leis da Paz Fria. Uma reunião para discutir como a Clave iria avançar estava marcada para o dia seguinte, e Mark estava ansioso por isso.

Kieran não ficou muito tempo na Corte Unseelie. Ele havia retornado a Mark e Cristina no dia seguinte à batalha, e eles ficaram felizes em tê —lo de volta.

— Olha! — Gritou Cristina. Ela se sentou, apontando: Uma das janelas das Basílias tinha se aberto e Dru havia colocado a cabeça para fora. Ela estava acenando para eles, gesticulando para eles entrarem. — Emma e Julian estão acordados! — Ela chamou. — Subam!

Cristina ficou de pé e os outros seguiram. *Julian e Emma*. E Dru estava sorrindo. Agora, Mark pensou, agora ele estava perfeitamente feliz.

Ele começou em direção às Basilias, Cristina ao lado dele. Eles estavam quase lá quando perceberam que Kieran não tinha seguido.

Mark virou —se. — Kieran — Ele franziu a testa. — O ferro é muito difícil?

— Não é isso — disse Kieran. — Eu deveria voltar para o Reino das Fadas.

— Agora? — Perguntou Cristina.

— Agora e para sempre — disse Kieran. — Eu não voltarei de lá.

— *O quê?* — Mark caminhou de volta para Kieran. A carta branca de Winter tremulou na mão de Kieran como a asa de um pássaro. — Fale com sentido, Kieran.

— Eu estou falando com sentido — Kieran disse suavemente. — Agora que sabemos que Emma e Julian vão viver, devo voltar para meu reino. É a barganha que fiz com Winter. Ele olhou para a carta.

— Meu general me convoca. Sem um rei, a terra corre o risco de cair no caos.

— Eles têm um rei! — Cristina correu para o lado de Kieran. Ela usava um xale azul claro; Ela puxou-a em torno de si com força em agitação, balançando a cabeça. — Você é o rei deles, se você está lá ou aqui.

— Não. — Kieran fechou os olhos. — O rei está ligado à terra.

Cada momento que o rei está no mundo mortal, a terra enfraquece.

Eu não posso ficar aqui. Eu não queria ser rei - não pedi para ser rei -

mas eu sou rei e não posso ser mau. Não estaria certo.

— Podemos ir com você, então — disse Mark. — Nós não poderíamos ficar no Reino das Fadas o tempo todo, mas poderíamos visitar.

— Eu também pensei nisso. Mas depois de um curto período como Rei na Corte, eu penso o contrário agora — disse Kieran. Seu cabelo ficou totalmente preto sob o fino anel de ouro que agora envolvia sua testa. — O rei não tem permissão para ter um consorte mortal.

— Nós sabemos disso — disse Cristina, lembrando suas palavras em Brocelind. Mesmo assim, ela acreditava que Kieran não poderia se tornar rei. Esse caminho seria encontrado. — Mas seu pai teve consortes mortais, não é? Não há alguma maneira de contornar as regras?

— Não. Ele tinha amantes mortais. — A palavra soou feia. — Um consorte é uma posição oficial. Companheiros mortais são brinquedos para

brincar e jogar de lado. Ele não se importava como eles eram tratados, mas eu me importo. Se eu o trouxesse para a Corte como tal, você seria tratado com desprezo e crueldade, e eu não suportaria ver isso.

— Você é o rei — disse Cristina. — Eles são o seu povo. Você não pode pedir que eles não sejam cruéis?

— Eles tiveram anos de um reinado cruel — disse Kieran. — Eu não posso ensiná-los durante a noite. Eu não aprendi sozinho. Eu tive que aprender com a bondade de vocês dois. — Seus olhos brilharam.

— Meu coração está partido e não consigo ver uma saída. Você é tudo que eu quero, mas devo fazer o que é melhor para o meu povo.

Eu não posso enfraquecer minha terra vindo aqui, e não posso ferir você trazendo você para lá. Nós nunca teríamos paz em nenhum dos lugares.

— Por favor, Kieran — disse Mark. Ele pegou no pulso de Kieran: eu estou segurando o braço do Rei Unseelie, ele pensou. Foi talvez a primeira vez que ele pensou em Kieran como o Rei e não simplesmente em seu Kieran. — Podemos encontrar uma solução.

Kieran puxou Mark para ele e beijou-o, duro e de repente, seus dedos cavando no pulso de Mark. Quando ele o soltou, ele estava pálido, suas bochechas queimando de cor. — Eu não dormi por três dias. É por isso que eu queria que Adaon fosse rei. Outros querem o trono. Eu não. Eu só quero você.

— E você vai ser um grande rei por causa disso. — disse Cristina, seus olhos castanhos brilhando com lágrimas não derramadas. — E se fosse apenas você e Mark? Mark é meio fada — certamente isso deve significar alguma coisa …

— Ele é um Caçador de Sombras para eles — disse Kieran, soltando a mão de Mark. Ele caminhou até Cristina. Seus olhos estavam sujos de cansaço. — E eu amo vocês dois, minha corajosa Cristina. Nada pode mudar isso. Nada nunca vai.

As lágrimas que ela estava segurando derramaram por suas bochechas quando Kieran segurou seu rosto gentilmente. — Você está realmente indo? Tem de haver outro jeito!

— Não há outro caminho. — Kieran a beijou, rápida e duramente, como ele beijou Mark; Cristina fechou os olhos. — Saiba que sempre amarei você, não importa o quão longe eu esteja.

Ele a soltou. Mark queria protestar, mas mais do que Cristina, ele entendia as realidades cruéis do Reino das Fadas. Os espinhos entre as

rosas. O que significaria ser um brinquedo e brinquedo do Rei de uma corte de fada; ele podia suportar por si mesmo, mas não por Cristina.

Kieran saltou para as costas de Lança do Vento. — Sejam felizes um com o outro — disse ele, seus olhos desviados como se ele não pudesse suportar olhar para eles. — É meu desejo como rei.

—Kieran — Mark disse.

Mas Kieran já estava indo embora com velocidade trovejante. As lajes tremiam com os cascos dos cascos de Lança do Vento; dentro de segundos, Kieran estava fora de vista.

*

Kit odiava a Cidade do Silêncio, embora seu quarto fosse razoavelmente confortável, pelo menos em comparação com o resto da Cidade do Silêncio, que eram todos objetos afiados feitos de esqueletos humanos. Uma vez que você pegou três ou quatro crânios e murmurou — Ai, pobre Yorick — para eles, a novidade se dissipou rapidamente.

Ele suspeitava que seus quartos fossem os aposentos de um Irmão Silencioso. Havia muitos livros numa prateleira de madeira, todos sobre história e batalhas gloriosas. Havia uma cama confortável e um banheiro no corredor. Não que ele quisesse pensar nas condições do banheiro na Cidade do Silêncio. Ele esperava esquecê-

los o mais rápido possível.

Ele tinha ficado com pouco a fazer além de curar e pensar sobre o que havia acontecido no campo de batalha. Ele se lembrava de uma e outra vez da onda de poder que passou por ele quando atingiu os Cavaleiros e fez seus cavalos desaparecerem. Foi magia negra?

Foi por isso que ele foi trancado? E como era possível que ele tivesse sangue de fada? Ele podia tocar ferro e madeira de Rowan. Ele viveu toda a sua vida cercado por tecnologia. Ele não se parecia em nada com uma fada e ninguém no Mercado das Sombras jamais sussurrara sobre a possibilidade.

Era mais do que suficiente para ocupar sua mente e impedi-lo de pensar em Ty. Pelo menos deveria ter sido.

Ele estava deitado na cama olhando para o teto de pedra quando ouviu passos se aproximando no corredor do lado de fora de seu quarto. Seu primeiro pensamento foi a comida — um Irmão do Silêncio lhe trouxe uma bandeja de comida simples e nutritiva, três vezes ao dia.

Mas os passos clicaram na pedra. Calcanhares. Ele franziu a testa. O cônsul? Diana, mesmo? Ele tocaria legal e explicaria que ele não tinha feito nada de errado. Ele sentou-se, passando os dedos pelo cabelo e imaginando como os Irmãos do Silêncio jamais fizeram qualquer coisa sem possuir espelhos. Como eles sabiam que suas vestes não eram para trás?

A porta se abriu e Tessa Gray entrou. Ela usava um vestido verde e uma faixa de cabelo como Alice no País das Maravilhas. Ela sorriu para ele carinhosamente.

— Por favor, me tire daqui — disse Kit. — Eu não quero fic'ar preso aqui para sempre. Eu não fiz nada de errado, especialmente nenhuma necromancia.

O sorriso de Tessa desapareceu. Ela se aproximou para se sentar ao pé da cama, seus olhos cinzentos preocupados. Tanto para jogar legal, Kit pensou.

— Christopher — disse ela. — Sinto muito por ter deixado você aqui por tanto tempo.

— Está tudo bem — disse ele, embora não tivesse certeza de que estava. — Mas não me chame de Christopher. Ninguém chama.

— Kit — disse ela. — Eu sinto muito por ter deixado você aqui.

Nós estávamos cuidando de Julian e Emma, então não pudemos deixar a cidade. Foi por um tempo, mas eles acabaram de acordar. — Ela sorriu. — Eu pensei que você gostaria de saber.

Kit ficou feliz em ouvir isso. E ainda assim… — E os outros, eles estão bem? E quanto a Ty?

— Ty e os outros estão bem. E Emma está bem em parte graças a você. Você salvou a vida dela.

Kit caiu de costas contra a cabeceira de metal da cama, alívio passando por ele. — Então, eu não estou com problemas pelo que fiz no campo de batalha?

— Não — disse Tessa lentamente. — Mas você precisa saber o que isso significa. Existe uma história. Um envolto em mistério e desorientação. Um que muito poucas pessoas vivas sabem.

— Algo sobre o sangue das fadas — disse Kit. — O piloto . . .

Ele disse: "Kit é a criança. O descendente do primeiro herdeiro". Mas eu não vejo como isso seria possível.

Tessa alisou a saia sobre as pernas. — Há muito tempo atrás, o Rei dos Invisíveis e a Rainha Seelie formaram uma aliança para unir as cortes das fadas. Eles trouxeram mágicos de todo o país para lançar feitiços,

garantindo que a criança que eles tinham seria o herdeiro perfeito. Nem toda a magia era boa magia. Algumas delas estavam escuras. O rei sonhava com um filho que unisse os reinos, inspirasse lealdade perfeita e amor perfeito, que seria mais corajoso do que qualquer cavaleiro de fada que já existisse antes.

— Claro que parece comigo — murmurou Kit.

Tessa lançou-lhe um sorriso simpático. — Mas quando a criança nasceu, ela era uma menina, Auraline.

— Reviravolta na história — disse Kit.

— O rei esperava um herdeiro do sexo masculino e ficou. . .

chateado. Aos olhos dele, a criança tinha defeitos e, por fim, atribuía a um cavaleiro de fada a tarefa de matá-la, embora o rei tivesse a história de que ela havia sido sequestrada, e essa é a história em que mais se acredita.

— O rei planejou matar sua própria filha?

— De fato, e ele teve todas as filhas de seus mortos desde então, em amargura por Auraline. Pois ela o desafiou — ela ainda era a herdeira. Ela chamou a lealdade do cavaleiro para ela e ele a soltou. Isso é o que o rei tentou esconder. Ele fingiu que a morte de Auraline era culpa de outra, mesmo quando Auraline fugiu para o mundo dos mortais. Lá ela conheceu um feiticeiro que se tornou seu marido — um feiticeiro que era descendente de uma linha de Caçadores de Sombras que haviam deixado a Clave.

— Os Herondale Perdidos — Kit adivinhou.

— Correto. Eles eram seus ancestrais; sua linha levou a sua mãe. Através de todas as décadas passadas, o Rei Unseelie perseguiu aqueles que ele achava que eram descendentes de sua filha, e assim os Herondales ocultaram, ocultos por nomes falsos e poderosa magia.

— Por que o rei faria isso? — Disse Kit.

— Auraline herdou uma grande quantidade de magia. Os feitiços feitos nela antes e depois de ela nascer eram poderosos. Ela é chamada de a Primeira Herdeira porque ela foi a primeira fada nascida que era herdeira da Seelie e Unseelie Court ambas. E assim são todos os seus descendentes. Seu sangue lhe dá direito ao Alto Reinado das Fadas.

— *O quê?* — Disse Kit. — Mas eu não quero isso. Eu não quero ser o Grande Rei das Fadas!

— Não importa o que você quer, não para eles — Tessa disse tristemente. — Mesmo que você nunca chegue perto do trono do Reino das

Fadas, existem facções em guerra que adorariam se apossar de você e usá-lo como um peão. Um exército com você na frente poderia derrubar o rei ou a rainha ou ambos.

Arrepios inundaram os braços de Kit. — Mas todo mundo não sabe quem eu sou agora? Por causa do que aconteceu com os Cavaleiros? Eles estão me caçando?

Tessa colocou a mão no pulso dele. Foi um toque gentil e maternal. Kit não conseguia lembrar de um toque assim em toda a sua vida. Apenas a lembrança de cabelos loiros claros e o som de uma voz cadenciada cantando para ele. A história que eu te amo, não tem fim.

— Parte da razão pela qual nós mantivemos você aqui nos últimos dias foi chegar ao Submundo para ver se alguém estava falando sobre você — disse Tessa. — Temos muitas conexões, muitas maneiras de seguir fofocas nos mercados. Mas com o caos da batalha, toda a conversa é sobre a morte dos Cavaleiros, o que aconteceu com Emma e Julian, e a ascensão de Kieran. Houve palavras de um bruxo que fez os grandes cavalos dos Cavaleiros desaparecerem, mas nós espalhamos a notícia de que era Ragnor Fell. Ela revirou os olhos.

— Eu pensei que o nome dele fosse Ragnor Shade?

— É Ragnor Fell — ela disse — e sorriu de um jeito que fez ela parecer que tinha dezenove anos. — Ele é um feiticeiro e está escondido há alguns anos. Ele ressurgiu em grande estilo durante a batalha, e agora todo mundo sabe que Ragnor Fell está de volta — e que ele derrotou os Cavaleiros, para arrancar. — Ela riu. — Ele será insuportável.

— Ele realmente não fez isso — disse Kit.

— Isso não fará diferença para Ragnor — disse Tessa gravemente.

— Assim . . . Estou seguro? — Kit disse. — Eu poderia voltar para o Instituto em Los Angeles?

— Eu não sei. — Uma linha de preocupação apareceu entre as sobrancelhas de Tessa. — Já nos sentíamos nervosos antes, deixando você, mesmo com você no Instituto e e Ragnor por perto para protegê —lo. Ele até te seguiu quando você foi ao Mercado das Sombras.

— Ele disse por que íamos ao Mercado das Sombras? — Kit disse, esquecendo, em seu repentino medo por Ty, não agir com suspeita.

— Claro que não — disse Tessa. — Ele não estava lá para tagarelar sobre você, apenas protegê-lo. — Ela acariciou seu ombro distraidamente enquanto Kit refletia sobre a estranha lealdade de pessoas que você mal

conhecia. — A coisa é que antes, nós não sabíamos que você manifestaria qualquer um dos poderes do herdeiro. Poucos dos seus antepassados têm antes, salvo Auraline.

Nós pensamos que se mantivéssemos você longe de coisas que poderiam desencadear os poderes…

— Nenhuma fada. — recordou Kit. — Sem batalhas.

— Exatamente. Se isso acontecer novamente, a palavra pode se espalhar. Além disso, as fadas têm memórias longas e queremos torná —lo o mais seguro possível.

— Isso significa deixar —me na Cidade do Silêncio? Porque eu não gosto daqui — disse Kit. — Eu não sou bom com silêncio. E eu não quero falar sobre a situação do banheiro.

— Não — disse Tessa. Ela respirou fundo e Kit percebeu que estava realmente nervosa. — O que eu estou dizendo é que você deve vir morar comigo e com Jem e a criança que vamos ter. Depois de toda a nossa peregrinação, decidimos nos estabelecer e construir uma casa. Nós queremos que você construa isso conosco. Para fazer parte da nossa família.

Kit estava quase atordoada demais para falar, não menos a revelação de que Tessa estava grávida. — Mas por que?

Tessa olhou para ele diretamente. — Porque há muito tempo atrás os Herondales deram a Jem e a mim uma casa, e nós queremos fazer o mesmo por você.

— Mas eu sou realmente um Herondale? — Ele perguntou. — Eu achava que meu pai era um Herondale e minha mãe era mundana, mas parece que ambos eram Caçadores de Sombras.

Então eu nem sei qual deve ser o meu nome.

— O verdadeiro sobrenome do seu pai não é conhecido — disse Tessa. — Ele tinha uma pequena quantidade de sangue de Caçador de Sombras. Isso permitiu que ele tivesse a visão.

— Eu pensei que sangue de Caçador de Sombras se fixaria de verdade?

— É verdade, mas ao longo de muitas gerações pode se tornar diluída. Ainda assim, seu pai poderia ter treinado e Ascendido se ele quisesse. Ele nunca fez. Foi sua mãe quem deu runas. Foi a sua mãe que fez de você o Herondale Perdido que procuramos por tanto tempo. A escolha é sua, claro. Você pode ter qualquer nome que quiser. Ainda lhe daríamos boas-vindas em nossa família, se você fosse chamado de Kit Herondale ou não.

Kit pensou em Jace e na mãe que ele nunca conhecera, que ele lembrava agora apenas nas canções que ela havia cantado uma vez.

A mãe que desistiu de sua própria vida pela dele.

— Eu vou ser um Herondale — disse ele. — Eu gosto do anel da família. É elegante.

Tessa sorriu para ele.

— De qualquer forma — disse Kit. — Onde você está planejando viver?

— Jem é dono de uma casa em Devon. Uma grande e velha pilha. Nós vamos lá. Nós sabemos que você se importa com os Blackthorns, então vamos entender se você quiser ficar com eles — ela adicionou rapidamente. — Nós ficaríamos tristes, mas faríamos o possível para protegê-lo. Ragnor ajudaria e Catarina. - teríamos que contar aos Blackthorns por que você precisava da proteção, é claro …

Ela ainda estava falando, mas Kit tinha parado de ouvi-la. As palavras se espalharam ao redor dele em uma corrida sem sentido, enquanto todas as memórias que ele estava tentando empurrar de volta voaram para ele como pássaros bicando agudamente. O

Instituto, a praia, os Blackthorns, sempre gentis com ele; Emma salvou sua vida, Julian o levou ao mercado e o ouviu falar sobre Ty — mesmo assim, ele queria falar sobre Ty.

Toda a energia dele tinha ido para Ty, toda a sua devoção e esperanças para o futuro. Ele gostava dos outros Blackthorns, mas ele mal os conhecia bem. Ele provavelmente conhecia Dru da melhor maneira e gostava dela como amiga, mas isso era uma coisa pequena em comparação com a dor e a humilhação que sentia quando pensava em Ty.

Ele não culpou Ty pelo que aconteceu. Ele se culpou: ele estava muito obcecado em não perder Ty para lhe dizer o que ele precisava ouvir. Todo mundo precisava ser impedido de fazer escolhas ruins às vezes, mas ele não tinha parado Ty. E ele conseguiu o que merecia, realmente. Agora que sabia que não significava muito para Ty, como poderia viver no Instituto de novo? Vê-los todos os dias? Sinta-se como um idiota constantemente, sinta a pena de sua família, ouvindo os dizendo que ele deveria tentar fazer outros amigos, sobreviver na mesma casa que Ty enquanto Ty o evitava? Não havia uma pergunta real sobre isso. *Eu não posso enfrentar voltar lá e viver com eles.*

Esta é a minha chance de começar de novo e aprender o que significa ser quem eu sou.

— Eu irei com você. Eu gostaria de morar com você — disse Kit.

— Oh. — Tessa piscou. — Oh! — Ela agarrou a mão dele e apertou —a, sorrindo por todo o rosto gentil. — Isso é lindo, Kit, isso é maravilhoso. Jem vai ficar tão feliz também. E será maravilhoso para o bebê ter companhia. Quer dizer, espero que você goste do bebê também. — Ela corou. Kit achou que seria realmente bom ter uma pequena pessoa de tipo irmão em sua vida, mas ele não disse nada.

— Estou balbuciando — disse Tessa. — Estou tão animada.

Nós vamos hoje à noite - Te levar a salvo e resolvido o mais rápido possível. Nós providenciaremos para você ter um tutor — para todos os feitiços de proteção necessários a serem feitos pelos Irmãos do Silêncio.

— Isso soa muito bem — disse Kit, um pouco exausto pelo pensamento de tudo que precisava ser feito. — Eu só tenho essa bolsa, nenhuma outra bagagem. Era verdade, e não havia nada com que ele se importasse muito na bolsa, além do punhal Herondale e da luz de bruxa que Ty lhe dera.

— Eu imagino que você gostaria de dizer adeus aos Blackthorns antes de irmos.

— Não — disse Kit. — Eu não quero vê-los.

Tessa piscou.

— É melhor que eles não saibam sobre todas as coisas do Primeiro Herdeiro — disse Kit. — É mais seguro para eles. Jem pode dizer a eles que eu acabei de decidir que Los Angeles não era para mim. Eles estão todos muito à frente de mim em treinamento, e eu deveria aprender desde o início se eu quiser ser um Caçador de Sombras.

Tessa assentiu. Kit sabia que ela não tinha comprado totalmente a desculpa dele, mas também sabia o suficiente para não se intrometer. Foi muito reconfortante.

— Eu tenho uma pergunta antes de irmos. — disse Kit, e Tessa olhou para ele com curiosidade. — Vou ter orelhas pontudas? Talvez um rabo? Eu vi algumas fadas de aparência estranha no Mercado das Sombras.

Tessa sorriu. — Eu acho que nós vamos descobrir.

*

Todos queriam passar pela casa do canal e cumprimentar Emma e Julian agora que haviam deixado as Basilias. Pessoas com quem Dru estava familiarizado, assim comoa pessoas que não foram inundadas no andar

térreo, trazendo flores e pequenos presentes: novas manoplas para Emma, uma jaqueta para Julian.

Alguns estavam excessivamente brilhantes e felizes cumprimentando Emma e Julian como se nada de estranho tivesse acontecido com eles. Alguns os elogiavam como se achassem que o todo "se tornando enorme e quase morrendo" fazia parte de um plano predeterminado que havia valido a pena. Outros eram desajeitados — aqueles que tinham estado um pouco perto demais da Coorte — suspeitava Dru — como se se perguntassem se Emma e Julian poderiam crescer imenso a qualquer momento e esmagá — los ali mesmo na cozinha. Uma gentil senhora idosa cumprimentou Julian por ser alto e um silêncio terrível caiu; Tavvy disse: — O que está acontecendo? — E Dru teve que arrastá-lo para a sala de estar.

Alguns outros pareciam ter tido grandes experiências de vida. — Acabou de chegar a mim no campo que eu deveria passar mais tempo com minha família — disse Trini Castel. — Momentos de paz são momentos preciosos. Nós nunca os recuperaremos.

— É verdade — disse Julian.

Ele parecia estar tentando a não rir. Todos os outros assentiram pensativamente. Era muito estranho - durante vários dias, Dru se preocupara que Emma e Julian fossem punidos de alguma forma quando acordassem: ou oficialmente, pela Clave, ou pelo julgamento ignorante de outros Caçadores de Sombras. Mas isso não parece estar acontecendo.

Ela se aproximou de Magnus, que estava sentado perto do fogo, comendo os chocolates de uma caixa que alguém trouxe para Emma.

Ele veio com Maryse, Max e Rafe para que pudessem brincar com Tavvy. Alec, Jace e Clary estavam vindo depois, aparentemente com algum tipo de surpresa. Isabelle e Simon já haviam retornado ao Instituto de Nova York para ficar de olho nas coisas.

— Por que as pessoas não estão bravas? — Ela sussurrou. — Com Emma e Julian?

Magnus mexeu as sobrancelhas para ela. Magnus tinha sobrancelhas muito divertidas; Dru sempre o achou uma pessoa divertida em geral, com sua imensa estatura e recusa em levar qualquer coisa a sério. — Bem — disse Magnus. — Sem o conselho de guerra de Julian e sua estratégia para lidar com Dearborn, era provável que a Tropa teria prevalecido. A estrada pela qual a Tropa viajava levou à guerra civil e ao derramamento de sangue. Todo mundo está feliz por ter sido evitado.

— É verdade. — disse Drusilla. — Mas isso foi antes de se tornarem monstros gigantes e anjos.

— Anjos são mensageiros. — Magnus limpou o pó de cacau de suas mãos, parecendo pensativo. — Eles falam de maneira estranha, até para vocês, seus filhos. Horace e sua Tropa falaram como se estivessem fazendo a vontade dos anjos e, por causa disso, as pessoas os temiam. No campo de batalha, queimando com fogo celestial, Julian e Emma provaram que não era o caso. Os anjos falaram através deles.

— Então, basicamente, todo mundo que não gostava de Horace queria que um grande anjo esmagasse a Tropa? — Disse Dru.

Magnus sorriu. — Eles não querem dizer isso, mas acredite, foi imensamente satisfatório para eles.

Naquele momento, Jace e Clary chegaram com Alec e um enorme bolo eles se congelaram. A maioria dos estranhos já havia partido, e Ty ajudou-os a colocá-lo no aparador, onde a caixa de bolo foi aberta para revelar que as letras diziam: PARABÉNS POR NÃO

SEREM MAIS GIGANTES!

Todos riram e se juntaram para cortar pedaços do bolo de chocolate com limão. Julian e Emma se inclinaram um contra o outro, seus ombros se tocando. Desde que haviam retornado das Basilias, parecia que um enorme peso estava nos ombros de Julian. Ele parecia mais leve e feliz do que antes da Guerra das Trevas. Dru sabia que ele e Emma não eram mais *parabatai*: a magia dos anjos havia queimado isso de alguma forma. Não foi preciso ser um gênio para descobrir que eles provavelmente estavam muito satisfeitos com isso, considerando todos os sorrisos e toques que estavam fazendo.

Mark e Cristina, por outro lado, pareciam tristes. Eles estavam quietos entre todas as conversas brilhantes na sala. Em um ponto Dru viu Emma levar Cristina para a cozinha e abraçá-la como se algo ruim tivesse acontecido.

Dru não sabia o que era, mas ela percebeu que Kieran não estava lá.

Ty também estava quieto. Toda vez que ele passava por Julian, Jules o puxava para um abraço e bagunçava seu cabelo do jeito que ele gostava quando ele era pequeno. Ty sorria, mas parecia incomumente desinteressado, desinteressado mesmo em espionar as conversas dos convidados e fazer anotações para seus manuais de detetive como costumava fazer.

Eventualmente, ele foi até Magnus, que estava sentado em uma cadeira azul ao lado da lareira segurando seu filho azul profundo em seu colo e fazendo cócegas nele. Dru se aproximou da lareira, imaginando o que Ty queria dizer ao bruxo.

— Onde está Kit, realmente? — Ty disse, e Dru pensou: eu deveria saber. Jem disse a eles que Kit estava vindo morar com ele e Tessa em Devon, mas não por que, nem por que eles tiveram que sair com tanta pressa. Julian e os outros pareciam pensar que Kit os visitaria em breve, mas Dru não tinha certeza. — Eu continuo perguntando, mas ninguém me diz.

Magnus olhou para cima, os olhos do gato encapuzados. — Kit está bem. Ele está com Tessa e Jem. Ele vai morar com eles.

— Eu sei — disse Ty. Sua voz tremeu. — Eu sei, mas - posso dizer adeus a ele? Se eu pudesse falar com ele uma vez …

— Ele já se foi — disse Magnus. — Ele não queria dizer adeus a você. Para qualquer um, mas suspeito que tenha sido principalmente você.

Dru teve que abafar um suspiro. Por que Magnus diria algo tão descaradamente indelicado?

— Eu não entendo — disse Ty, sua mão esquerda tremulando ao seu lado. Ele pegou em seu pulso com a mão direita como se pudesse pará-lo.

Julian sempre chamara as mãos de Ty de suas borboletas e dizia que eram bonitas, graciosas e úteis - por que não deixá-las voar? Mas Dru preocupado. Ela pensou que eles tremulavam como corações, um sinal de que Ty estava desconfortável.

A expressão de Magnus era grave. — Venha comigo.

Magnus deu seu filho para Maryse para levar para a sala de estar e subiu as escadas, Ty em seus calcanhares. Dru não hesitou. Se Magnus estivesse zangado com Ty, ela descobriria o porquê e defenderia Ty, se necessário. Mesmo que Magnus a transformasse em um sapo. Ela seguiu.

Havia um quarto vazio no alto da escada. Magnus e Ty entraram nela, Magnus inclinando seu longo corpo contra a parede nua. Ty sentou-se na beira da cama enquanto Dru se colocava na abertura da porta.

— Eu não entendo — Ty disse novamente. Dru sabia que ele provavelmente estava trabalhando no problema em sua mente todo o caminho até os degraus: O que Magnus quis dizer? Por que Kit não queria dizer adeus a ele?

— Ty — disse Magnus. — Eu sei o que você fez. Ragnor me contou. Eu gostaria que ele tivesse me dito mais cedo, mas então eu estava morrendo,

então eu entendo porque ele não estava. Além disso, ele achava que ele estava indo embora. Mas ele não fez, não é? Você tem uma fonte de energia do mercado e você fez o feitiço de qualquer maneira.

O feitiço? Aquele que criou o fantasma de Livvy?

Ty ficou olhando. — Como você sabe?

— Eu tenho fontes nos mercados — disse Magnus. — Eu também sou um feiticeiro e o filho de um demônio maior. Eu posso sentir a magia negra em você, Ty. É como uma nuvem ao seu redor que eu posso ver. Ele sentou-se no parapeito da janela. — Eu sei que você tentou trazer sua irmã dos mortos.

Ele fez o que? A percepção explodiu na mente de Dru, junto com o choque: você não apenas tentou ressuscitar os mortos. Veja o que aconteceu com Malcolm. Tentar se comunicar com um espírito era uma coisa, necromancia outra.

Ty não protestou, no entanto. Ele sentou na cama, seus dedos atados e desatentos.

— Você é tão, tão sortudo que seu feitiço não funcionou — disse Magnus. — O que você fez foi ruim, mas o que você poderia ter feito teria sido muito pior.

Como você pôde, Ty? Como você pôde, Kit?

— Clary trouxe Jace de volta dos mortos — disse Ty.

— Clary pediu a Raziel para trazer Jace de volta dos mortos.

Pense nisso - o próprio Raziel. Você está mexendo na magia reservada aos deuses, Ty. Há razões pelas quais a necromancia é algo que as pessoas odeiam. Se você trouxer de volta uma vida, você deve pagar com algo de igual importância. E se tivesse sido outra vida? Você gostaria de matar alguém para manter Livvy com você?

Ty levantou a cabeça. — E se fosse Horace? E se fosse alguém mal? Nós matamos pessoas em batalha. Eu não vejo a diferença.

Magnus olhou para Ty por um longo tempo; Dru estava com medo que ele pudesse dizer algo duro para ele, mas as linhas do rosto de Magnus haviam se suavizado. — Tiberius — disse ele por fim. — Quando sua irmã morreu, ela não mereceu. Vida e morte não são distribuídas por um juiz que decide o que é justo, e se fosse, você gostaria de ser aquele juiz? Toda vida na ponta dos dedos e também toda morte?

Ty fechou os olhos com força. — Não — ele sussurrou. — Eu só quero minha irmã de volta. Sinto falta dela o tempo todo. Parece que há um

buraco em mim que nunca será preenchido.

Dru pensou. Quão estranho seria Ty descrever com mais precisão o que seria perder Livvy. Ela apertou a mão para o lado dela.

Um buraco onde minha irmã deveria estar.

— Eu sei — Magnus disse gentilmente. — E sei que você passou grande parte da sua vida sabendo que é diferente e é verdade. Você é. Eu também sou.

Ty olhou para ele.

— Então você acha que esse sentimento que você tem, de perder metade de si mesmo, deve ser consertado. Que não pode ser o que todo mundo está sentindo quando perde alguém. Mas isso é. O

luto pode ser tão ruim que você não consegue respirar, mas é isso que significa ser humano. Perdemos, sofremos, mas temos que continuar respirando.

— Você vai dizer a todos? — Ty disse em um quase sussurro.

— Não. — Magnus disse. — Desde que você prometa nunca fazer nada assim novamente.

Ty pareceu nauseado. — Eu nunca faria.

— Eu acredito nisso. Mas, Ty, há outra coisa que gostaria que você fizesse. Eu não posso te pedir para fazer isso. Eu só posso sugerir isso.

Ty pegou um travesseiro; ele passava a mão pelo lado áspero e texturizado, repetidas vezes, a palma da mão lendo mensagens no tecido.

— Eu sei que você sempre quis ir para a Scholomance. — disse Magnus.

Ty começou a protestar. Magnus levantou a mão.

— Apenas deixe-me terminar, e então você pode dizer o que quiser. — disse Magnus. — No Instituto de Los Angeles, Helen e Aline podem mantê-lo seguro e amá-lo, e sei que você pode não querer deixar sua família. Mas o que você precisa é de mistérios para resolver, para manter sua mente ocupada e sua alma cheia. Eu conheci pessoas como você antes - elas não descansam até que suas mentes estejam livres e resolvam problemas. Conheci Conan Doyle no passado. Ele adorava viajar. Passou seu terceiro ano de faculdade de medicina em um barco.

Ty ficou olhando.

Magnus pareceu perceber que ele desviou do curso. — Tudo o que estou dizendo é que você tem uma mente curiosa", disse ele. — Você quer resolver mistérios, ser um detetive da vida - é por isso que sempre quis ir para o Scholomance. Mas você não achou que poderia. Porque a sua irmã

gêmea queria ser *parabatai* com você e você não poderia fazer as duas coisas.

— Eu teria desistido da Scholomance por ela — disse Ty. — Além disso, todo mundo que conheci e foi lá - Zara e os outros -

foram horríveis.

— A Scholomance vai ser bem diferente agora — disse Magnus.

— A Tropa envenenou, mas eles vão embora. Eu acho que seria um lugar maravilhoso para você. — Sua voz suavizou. — O sofrimento é difícil. A mudança pode ser tudo o que precisa.

— Obrigado — disse Ty. — Posso pensar sobre isso?

— Claro. — Magnus parecia cansado e um pouco arrependido.

Como se ele desejasse que as coisas pudessem ser diferentes; como se ele desejasse que houvesse algo mais a dizer do que as coisas que ele disse. Ele se virou para a porta — Dru se encolheu — e fez uma pausa.

— Você entende que a partir de agora você está amarrado ao fantasma da sua irmã — disse Magnus.

Amarrado ao fantasma de sua irmã?

Fantasma de Livvy?

— Eu entendo — disse Ty.

Magnus olhou para a porta do quarto como se estivesse vendo através do passado. — Você acha que sabe — disse ele. — Mas você realmente não vê isso. Eu sei que ela te libertou na floresta.

Agora, isso parece melhor do que nada, melhor do que ficar sem ela.

Você ainda não entendeu o preço. E espero que você nunca tenha que pagar.

Ele tocou o ombro de Ty levemente, sem olhar para ele, e saiu.

Dru mergulhou no quarto ao lado até que os passos de Magnus desapareceram pelas escadas.

Então ela respirou fundo e entrou para conversar com Ty.

Ele não tinha se movido do final da cama na sala vazia. Ele olhou para as sombras, seu rosto pálido quando ele olhou para ela. — Dru? — Ele disse hesitante.

— Você deveria ter me dito — disse Dru.

Ele franziu as sobrancelhas arqueadas. — Você estava ouvindo?

Ela assentiu.

— Eu sei — disse ele. — Eu não queria que você me parasse. E

eu não sou bom em mentir. É mais fácil para mim simplesmente não dizer.

— Kit mentiu para mim — disse ela. Ela estava furiosa com Kit, embora tentasse não demonstrar isso. Talvez fosse melhor que ele não estivesse voltando com eles. Mesmo que ele tivesse mostrado a ela como pegar os cadeados. — O fantasma de Livvy — ela está realmente por perto?

— Eu a vi hoje. Ela estava nas Basilias quando Emma e Julian acordaram. Ela estava sentada em um dos departamentos. Eu nunca sei quando ela vai estar lá ou não estar lá. Magnus disse que ela está ligada a mim, então…

— Talvez você possa me ensinar a vê-la. — Dru se ajoelhou e colocou os braços em volta de Ty. Ela podia sentir as pequenas vibrações passando por seu corpo; ele estava tremendo. — Talvez possamos vê-la juntos.

— Não podemos contar a ninguém — disse Ty, mas também colocou os braços ao redor de Dru; ele estava abraçando —a, seu cabelo contra sua bochecha tão suave e fino quanto o de Tavvy. — Ninguém pode saber.

— Eu não vou dizer nada. — Ela segurou seu irmão, segurando-o com força, como se pudesse mantê-lo preso à terra. — Eu nunca vou contar.

*

Emma estava deitada em cima das cobertas de sua cama, a única luz na sala refletia o brilho das torres de demônio enquanto brilhava através da janela.

Ela supôs que não era surpreendente que ela não conseguisse dormir. Ela dormiu por três dias e despertou para uma série de choques: percebendo o que tinha acontecido, a explicação de Jem, a casa cheia de pessoas. O estranho sentimento que a seguia constantemente, de que ela havia esquecido alguma coisa, que ela havia colocado algo no outro quarto e precisava se lembrar de pegá-

lo.

Era o vínculo parabatai, ela sabia. Seu corpo e seu cérebro não tinham percebido o fato de que ele havia desaparecido. Ela estava sentindo falta do jeito que as pessoas que perderam membros às vezes ainda as sentiam lá.

Ela estava sentindo falta de Julian. Eles estiveram juntos o dia todo, mas sempre cercados por outras pessoas. Quando a casa finalmente se esvaziara de estranhos, Julian levara Tavvy para a cama, oferecendo-lhe uma noite boa e desajeitada diante dos outros.

Ela foi para a cama não muito tempo depois, e ficou deitada ali, preocupada por horas. Tudo seria estranho agora que eles não eram parabatai? Agora que eles flutuaram em um novo lugar entre amigos e amantes? Eles nunca se declararam porque palavras como “namorado” e “namorada” pareciam banais diante de maldições e monstros gigantes. E se tudo o que aconteceu fosse tão devastador que nunca pudessem chegar a um lugar de normalidade?

Ela não aguentou. Ela rolou para fora da cama, levantou-se e alisou a camisola. Ela abriu a porta do quarto, pronta para marchar através do corredor até o quarto de Julian e fazê-lo falar com ela, não importando o quão desajeitado pudesse ser.

Do lado de fora de sua porta estava Julian, com a mão estendida, parecendo tão surpreso ao vê-la quanto ela ao vê-lo.

Ele abaixou a mão devagar, a distante luz da lua refletindo em seu bracelete de vidro marinho. O corredor estava escuro e silencioso, lançando o rosto de Julian na sombra. — Eu não sabia se você queria que eu entrasse — ele disse.

O alívio fez Emma cair contra a porta. — Eu quero que você entre.

Ela voltou para o quarto enquanto ele fechava a porta atrás dele.

Eles estavam ambos na escuridão agora, apenas a luz das torres de vidro fornecendo iluminação. Julian, todo negro, era uma sombra entre as sombras enquanto olhava para ela; o cabelo dele também parecia preto, golpeando contra a pele pálida dele. — Eu não sabia se você queria que eu te beijasse.

Ela não se mexeu. Mais do que qualquer outra coisa, ela queria que ele fosse até ela e colocasse as mãos sobre ela. Ela queria senti-lo contra ela quando o espaço entre eles não era mais um espaço de coisas amaldiçoadas e proibidas.

— Eu quero que você me beije — ela sussurrou.

Ele fechou a distância entre eles em um passo. Suas mãos seguraram a parte de trás de sua cabeça, sua boca inclinada sobre a dela, quente e doce como chá com mel. Ela passou os dentes levemente pelo lábio inferior dele e ele fez um som gutural que levantou os cabelos ao longo de seus braços.

Seus lábios quentes se moveram para roçar sua bochecha, seu maxilar. — Eu não sabia se você queria que eu tocasse em você — ele murmurou contra sua pele.

Foi um prazer apenas olhar para ele devagar. Para saber que nada disso precisava ser apressado. Ela tirou a camisola sobre a cabeça e viu o rosto dele ficar apertado de desejo, os olhos escuros como o fundo do mar.

— Eu quero que você me toque — disse ela. — Não há nada que você possa fazer para mim que eu não queira, porque é você.

Ele a pegou em seus braços e foi estranho por um momento, sua pele nua contra suas roupas, algodão e denim e rebites de metal enquanto ele a levantava e a levava para a cama. Eles caíram juntos, Julian se debatendo em sua camisa, seus jeans; Emma rastejou sobre ele, inclinando-se para beijar sua garganta, para lamber e chupar o ponto de pulsação lá onde ela podia sentir a batida de seu coração.

— Eu quero ir devagar — ela sussurrou. — Eu quero sentir tudo.

Ele agarrou seus quadris e virou sua posição, rolando para que ele estivesse acima dela. Ele sorriu maliciosamente para ela.

— Então vamos devagar — disse ele.

Ele começou com os dedos dela, beijando cada um deles; Ele beijou as palmas de suas mãos e seus pulsos, ombros e clavículas.

Ele traçou um caminho de beijos sobre seu estômago até que ela estava se contorcendo e ofegando e ameaçando-o, o que só o fez rir baixinho e voltar sua atenção para lugares ainda mais sensíveis.

Quando o mundo ficou branco atrás de seus olhos várias vezes, ele se levantou sobre ela e afastou o cabelo úmido do rosto dela. — Agora — ele sussurrou, e cobriu a boca com a sua própria como ele juntou seus corpos juntos.

Foi lento como ele dissera que seria, como nunca antes; não havia desespero além do desejo deles. Eles se deitaram transversalmente na cama, esparramados e famintos, ansiando e se tocando. Ela acariciou seu rosto levemente, com reverência: a curva de sua boca, seus cílios tremulando contra as maçãs do rosto, e com cada toque e momento sua respiração ficou mais irregular, seu aperto nos lençóis mais apertados. Suas costas se arquearam para encontrá-lo, a cabeça cheia de faíscas: eles se levantaram e se misturaram até que tudo estivesse em chamas. E quando finalmente se puseram em chamas, incapazes de esperar mais um momento, eles eram uma só pessoa. Eles eram incandescentes como anjos.

*

Do quarto de Mark, ele podia ver a lua, e isso o incomodava.

Houve tantas noites a cavalo, a lua andando com elas como se também caçasse no céu. Ele podia ouvir o riso de Kieran em seus ouvidos, mesmo agora, risadas claras intocadas pela tristeza.

Ele esperava que Kieran fosse rir de novo daquele jeito.

Ele só podia imaginá —lo sentado na escuridão, na sala do trono enegrecido do Rei Unseelie, um lugar sombrio e solitário. Um rei de corações despedaçados e almas quebradas, solitário em seu trono de granito, envelhecendo lentamente através das eras do mundo.

Era mais do que ele podia suportar. Ele ficou grato além da medida quando Cristina entrou no quarto e se arrastou para a cama com ele. Ela usava um pijama branco, o cabelo solto e escuro. Ela se encolheu ao lado dele, pressionando o rosto em seu pescoço. Suas bochechas estavam molhadas de lágrimas.

— É realmente assim que acaba? Nós três, todos infelizes? — Ele disse.

Ela colocou a mão sobre o coração dele. — Eu te amo, Mark — ela disse, sua voz suave. — Eu odeio pensar em seu coração rasgado como o meu.

— Estou mais feliz quando você está aqui — disse ele, colocando a mão sobre a dela. — E ainda …

— E ainda — disse ela. — Eu tenho uma ideia, Mark. Talvez seja loucura. Mas isso pode funcionar. Pode significar que poderíamos vê —lo novamente. — Seus olhos escuros eram claros.

— Eu precisaria de sua ajuda.

Ele puxou-a para cima e a beijou; Ela foi suave contra ele, seu corpo curvando-se no dele. Ela era rica e doce como o mel, sedosa como uma cama de flores silvestres. Ela era a única mulher que ele amaria.

Ele afastou as lágrimas de suas bochechas e sussurrou: — Minha mão, meu coração, minha lâmina são seus. Diga-me o que preciso fazer.

*

Emma deitou com a cabeça no peito de Julian, sentindo a batida de seu coração lentamente voltar ao normal. De alguma forma, a maioria das cobertas saíra da cama e estava no chão; eles estavam meio embrulhados em lençóis, a mão livre de Julian brincando com o cabelo dela.

— Então, eu acho que você se sente muito bem consigo mesmo — disse ela.

Ele piscou para ela com sono. — Por que sentiria?

Ela riu, sua respiração mexendo os cachos suaves e escuros de seu cabelo. — Se você não sabe, eu não vou te dizer.

Ele sorriu. — Como você está se sentindo?

Ela cruzou os braços sobre o peito dele, olhando para ele. — Feliz. Tão feliz, mas também como eu não mereço ser.

A mão dele ficou imóvel no cabelo dela. — Por que não? Você merece ser feliz mais do que qualquer um que conheço.

— Se não fosse por você, eu teria feito uma coisa terrível — disse Emma. — Eu teria quebrado todos os laços parabatai. Isso teria causado muita devastação.

— Você estava meio louca pela maldição — disse Julian. — Você não estava pensando direito.

— Mesmo assim. Eu me deixei manipular pela rainha. Mesmo sabendo que ela só se importa com ela mesma. Eu sabia disso e deixei-a entrar na minha cabeça. Eu deveria ter fé.

— Mas você teve — disse ele. — A fé nunca teve dúvidas; está tendo o que você precisa para superá-los. — Ele acariciou levemente sua bochecha. — Todos nós temos coisas que nos arrependemos de fazer. Eu me arrependo de pedir a Magnus para fazer esse feitiço. Eu lamento que não pudemos ajudar Ash. Ele era apenas uma criança.

— Eu sei — disse ela. — Eu odeio que o deixamos para trás.

Mas se ele estivesse aqui, alguém sempre estaria procurando por ele.

Tudo o que precisaria seriam alguns feitiços do Volume Negro para torná-lo tão poderoso que todo mundo iria querer usá-lo.

— Ainda bem que não há nenhum Volumes Negro — disse Julian. — Por um tempo, foi como um jogo de tapa-mole. Acho que contribuí para isso. — Ele sorriu torto. — Ah, e me arrependo de matar Dane Larkspear.

— Ele ia nos matar — disse Emma. — Você fez o que tinha que fazer.

— Ah, há a garota assassina que eu conheço e amo — disse Julian. —— Eu não sei como vou compensar Dane. Mas eu tenho fé que você vai me ajudar a descobrir.

— Eu acredito que você merece ser feliz — disse Emma. — Você é a pessoa mais corajosa e amorosa que eu conheço.

— E eu acredito que você merece ser feliz — disse Julian. — Então, que tal eu acredito nisso para você, e você acredita em mim?

Podemos acreditar um pelo outro.

Emma olhou para a janela. Ela podia ver os primeiros traços de luz do sol no céu. A manhã estava quebrando.

Ela olhou para Julian. Dawn tocou as bordas de seus cabelos e cílios com ouro. — Você tem que voltar para o seu quarto? — Ela sussurrou.

Ele sorriu para ela. — Não — disse ele. — Não precisamos mentir ou fingir agora. Nós não temos que mentir ou fingir nunca mais.

*

Era a primeira vez que Emma estava no Salão do Conselho desde que Livvy morrera.

Não foi a única razão pela qual ela estava desesperada para o encontro acabar, mas certamente fazia parte disso. O sangue poderia ter sido arrancado do palanque, mas ela sempre o veria ali. Ela sabia que era o mesmo para Julian; Ele ficou tenso ao lado dela enquanto atravessavam as portas com o resto dos Blackthorns. Toda a família estava quieta, até mesmo Tavvy.

O salão estava cheio a ponto de explodir. Emma nunca tinha visto tão cheio: Caçadores de Sombras foram esmagados juntos nas fileiras de assentos, e os corredores estavam cheios com aqueles que estavam de pé; alguns projetavam-se de institutos distantes, suas formas brilhantes, meio transparentes, brilhando ao longo da parede do fundo. Emma reconheceu Isabelle e Simon entre eles e acenou.

Felizmente, os assentos foram reservados para os Blackthorns por Jaime e Diego. Jaime havia segurado uma fileira inteira ao deitar-se sobre ela; Ele apareceu quando eles se aproximaram e deixaram todos entrarem, piscando para vários Caçadores de Sombras que esperavam encontrar um assento.

As pessoas olhavam para todos os Blackthorns, mas especialmente Emma e Julian, enquanto tomavam seus lugares.

Tinha sido o mesmo em casa no dia anterior: estranhos boquiabertos, de olhos arregalados. Emma lembrou o que ela tinha pensado sobre Jace e Clary na reunião do conselho de guerra: *Então é isso que é se um herói. Ser aqueles com sangue de anjo, aqueles que literalmente salvaram o mundo. As pessoas olham para você como se. . . quase como se você não fossem reais.*

Como se viu, isso fez você se perguntar como você era real.

Emma acabou sentada entre Cristina e Julian, as pontas dos dedos tocando discretamente Julian no assento entre eles. Agora que ela e Julian

não eram mais parabatai, tudo o que ela queria era chegar em casa e começar sua nova vida. Eles discutiam o ano de viagem e planejavam todos os lugares aonde iriam. Eles visitavam Cristina no México, e Jace e Clary em Nova York, e tia-avó Marjorie na Inglaterra. Eles iam para Paris e ficariam de frente para a Torre Eiffel de mãos dadas e não havia nada de errado com isso e nada era proibido.

Talvez seja uma reunião curta? Ela olhou ao redor da sala, observando as expressões sérias no rosto de todos. Nós daqueles que foram amigáveis com a Tropa, mas não brigaram com eles no campo, amontoados em bancos, sussurrando. Simpatizantes de Dearborn como Lazlo Balogh, que permaneceu na cidade durante a batalha, não foram presos - somente aqueles que levantaram armas contra outros Nephilim seriam julgados.

— As pessoas parecem sombrias — ela murmurou para Julian.

— Ninguém quer sentenciar a Tropa — ele disse. — Muitos deles são jovens. Parece brutal, eu acho.

— Zara merece ser sentenciada — resmungou Emma. — Ela me esfaqueou e ela totalmente chateou Cristina com todo esse casamento falso.

Julian olhou para Cristina, que estava com a cabeça no ombro de Mark. — Acho que Cristina seguiu em frente — disse ele. — E

Diego também.

Emma lançou um olhar para onde Diego. - seu rosto enfaixado -

estava sentado e conversando com um Divya brilhante, que estava emocionado por Anush ter lutado ao seu lado no campo. Interessante.

Houve um farfalhar e um floreio quando os guardas fecharam as portas laterais e Jia entrou pela parte de trás do salão. A sala silenciou quando ela se moveu para o estrado, suas vestes varrendo os degraus. Atrás dela, usando as túnicas coloridas de prisioneiros, estavam os membros da Coorte capturados. Havia talvez cinquenta ou sessenta deles, muitos deles jovens, exatamente como Julian havia dito. Muitos foram recrutados através do Scholomance e seu alcance. Vanessa Ashdown, Manuel Villalobos, Amélia Overbeck e a própria Zara, sua expressão desafiadora.

Eles entraram no estrado atrás de Jia, os guardas os guiando em fileiras. Alguns ainda estavam enfaixados da batalha. Tudo aborrece iratzes. Suas túnicas foram impressas com runas destinadas a mantê-los presos na cidade. Eles não podiam passar pelos portões de Alicante.

Chama para lavar nossos pecados, Emma pensou. Era estranho ver prisioneiros com as mãos soltas, mas mesmo que cada um deles estivesse

com duas longas espadas, eles dificilmente seriam páreo para as centenas de outros Caçadores de Sombras no Salão do Conselho.

Ela viu Diego se inclinar para sussurrar algo para Jaime, que balançou a cabeça, o rosto conturbado.

— Nós nos reunimos em um momento de dor e cura — anunciou Jia, sua voz ecoando nas paredes. — Graças à bravura de tantos Caçadores de Sombras, lutamos nobremente, encontramos novos aliados, preservamos nossos relacionamentos com os Submundanos e abrimos um novo caminho.

Zara fez uma expressão horrível com a frase "preservamos nossos relacionamentos". Emma esperava que ela fosse sentenciada a limpar banheiros pelo resto da eternidade.

— No entanto — disse Jia. — Eu não sou a líder que pode nos levar nesse caminho.

Murmúrios corriam pela sala; Jia estava realmente dizendo o que eles achavam que ela estava dizendo? Emma sentou-se na cadeira e olhou para Aline, mas ela parecia tão chocada quanto o resto da sala. Patrick Penhallow, porém, sentado na primeira fila, não parecia surpreso.

— Eu vou presidir a sentença da Tropa — continuou Jia, imperturbável. — Será meu último ato como consuelesa. Depois disso, haverá uma eleição aberta para um novo cônsul e um novo inquisidor.

Helen sussurrou para Aline, que pegou a mão dela. Emma sentiu um arrepio passar por ela. Isso foi uma surpresa e a última coisa que ela queria era uma surpresa. Ela sabia que era egoísta - ela se lembrava de Jem dizendo que Jia estava doente - mas ainda assim, Jia era uma quantidade conhecida. O desconhecido apareceu.

— E quando eu digo uma eleição aberta — Jia continuou — quero dizer uma eleição aberta. Todos neste salão terão um voto.

Todo mundo vai ter uma voz. Não importa a idade deles; não importa se eles estão projetando de seu instituto de origem. Não importa — ela acrescentou — se eles são membros da Tropa.

Um rugido atravessou a sala.

— Mas eles são criminosos! — Gritou Joaquin Acosta Romero, diretor do Instituto Buenos Aires. — Criminosos não têm voto!

Jia esperou pacientemente que o rugido morresse em silêncio.

Até mesmo a Tropa estava olhando para ela com perplexidade. — Veja o quão cheio este Salão do Conselho está — disse ela. As pessoas se

contorciam em seus assentos para olhar as fileiras de assentos transbordando, as centenas de Projeções no fundo da sala.

— Vocês estão todos aqui porque na semana passada, e especialmente desde a batalha, vocês perceberam quão urgente era essa situação. A Clave foi quase tomada por extremistas que teriam nos levado ao isolamento e autodestruição. E todos que ficaram para trás e permitiram que isso acontecesse - por desatenção, por apatia e excesso de confiança — Sua voz tremeu. — Bem. Somos todos culpados. E, portanto, todos nós vamos votar, como um lembrete de que toda voz conta, e quando você escolhe não usar sua voz, você está se deixando silenciar.

— Mas eu ainda não vejo por que os criminosos deveriam votar!

— Gritou Jaime, que aparentemente levou a parte do discurso "não importa a sua idade".

— Porque, se não — disse Diana, levantando-se e dirigindo-se à sala — eles sempre poderão dizer que, seja qual for o novo cônsul, eles foram eleitos porque a maioria não tinha voz. A Tropa sempre floresceu dizendo a mentira que eles falam por todos os Caçadores de Sombras — que eles dizem as palavras que todos falariam se pudessem. Agora vamos testar essa mentira. Todos os Caçadores de Sombras vão falar. Incluindo eles.

Jia assentiu gravemente. — A Senhorita Wrayburn está correta.

— Então, o que será feito com os prisioneiros, então? — Perguntou Kadir. — Eles vão andar entre nós, livres?

— A Tropa deve ser punida! Eles devem ser! — A voz era um grito cru. Emma se virou e se encolheu; ela sentiu a mão de Julian apertar a dela. Foi Elena Larkspear. Ela estava sozinha; seu marido não tinha ido à reunião. Ela parecia tão abatida como se tivesse envelhecido cinquenta anos na semana passada. — Eles usaram nossos filhos - como se fossem lixo - para fazer coisas muito imundas ou perigosas para eles! Eles assassinaram minha filha e meu filho! Eu exijo reparações!

Ela caiu de volta em seu assento com um soluço seco, cobrindo o rosto com as mãos. Emma olhou para a Tropa, sua garganta doendo: até mesmo Zara estava tendo dificuldade em enxugar o olhar de horror do rosto.

— Eles não ficarão impunes — disse Jia gentilmente. — Eles foram testados pela Espada Mortal e confessaram seus crimes. Eles enviaram Dane Larkspear para matar outros Caçadores de Sombras, e foram diretamente responsáveis por sua morte. — Ela inclinou a cabeça para Elena. — Eles assassinaram Oskar Lindquist para que um demônio pudesse

ocupar seu lugar em uma reunião realizada no Instituto de Los Angeles. Liderado por Horace Dearborn, esse grupo usou mentiras e intimidações para tentar levar a Clave a uma falsa aliança com o Reino das Fadas …

— E agora vocês estão tentando levar a Clave a uma aliança com o novo rei — como isso é diferente? — Gritou Zara, reunindo-se.

Emma virou a cabeça para estudar a sala. Muitos Caçadores de Sombras pareciam furiosos ou irritados, mas havia aqueles que claramente não discordavam de Zara. Ugh.

Uma voz soou clara, pedregosa e fria. Alec Lightwood — Porque o engajamento político aberto é muito diferente de negar qualquer relação com os Submundanos em público enquanto conspiram para cometer assassinato com eles nas costas das pessoas que você deveria governar.

— A Tropa aprisionou os Nephilins leais e enviou outros para a morte — disse Jia depois de um olhar fulminante para Zara. — Nós fomos levados à beira da guerra civil. — Ela olhou para a Clave. — Vocês podem pensar que eu quero puni-los severamente, tirar suas marcas e enviá-las para o mundo mundano que eles tanto desprezam. Mas devemos considerar a misericórdia. Muitos da Tropa são jovens e foram influenciados por desinformação e mentiras descaradas. Aqui nós podemos dar a eles uma chance de novamente se juntar à Clave e se redimir. Para sair do caminho do engano e do ódio e andar mais uma vez à luz de Raziel.

Mais murmúrios.Os membros da Coorte se entreolharam confusos. Alguns pareciam aliviados, alguns mais irritados do que nunca.

— Depois dessa reunião — prosseguiu Jia — a Tropa será dividida e enviada a diferentes Institutos. Vários dos Institutos que participaram do conselho de guerra de Julian Blackthorn se ofereceram para receber antigos membros da Tropa e mostrar —lhes uma maneira melhor. Eles terão a chance de se provar antes de voltarem para a terra natal.

Agora havia uma erupção de conversas. Alguns gritaram que a punição era indulgente. Alguns gritaram que era cruel “exilar-los de Alicante”. Jia acalmou o grito com um gesto.

— Qualquer pessoa que não seja a favor dessa punição, por favor, levante sua mão ou voz. Manuel Villalobos, você não tem permissão para votar sobre esta questão.

Zara prendeu Manuel, cuja mão estava meio levantada, com uma carranca.

Mais algumas mãos foram levantadas. Emma quase quis levantar o seu e dizer que eles mereciam pior. Mas então, ela poupou a vida de Zara no campo, e o gesto levou a tudo isso: levou ao fim da batalha, e a liberdade dela e de Julian.

Talvez Arthur estivesse certo. Talvez misericórdia fosse melhor que vingança.

Ela manteve a mão abaixada, assim como todos os outros Blackthorns. Ninguém que ela conhecia bem levantou a mão, nem Diego nem Jaime, que tinham bons motivos para odiar Zara e seus amigos.

Jia pareceu aliviada. — E agora — ela disse — a eleição de um novo cônsul.

Jace estava de pé antes de ela terminar de falar. — Eu nomeio Alec Lightwood.

Os Blackthorns bateram palmas ferozmente. Alec parecia atordoado e tocado. Clary aplaudiu, e a alegria se espalhou — muitos na sala acenaram com as mãos em apoio, e o coração de Emma inchou. Jace poderia ter alcançado a posição de Cônsul que ele queria; ele e Clary eram amados; ou ganharia com facilidade. Mas ele havia colocado Alec à frente, porque era o que Alec queria — e porque Jace sabia que Alec era a escolha certa.

Delaney Scarsbury levantou-se de pé, com o rosto vermelho. — Oponho —me. Alec Lightwood é jovem demais. Ele não tem experiência e notoriamente é consorte de um membro do submundo.

— Você quer dizer, liderar a Aliança dos Caçadores de Sombras com Membros do Submundo, que é seu trabalho, é consorciar com os Submundanos? — Perguntou Julian.

— Ele também faz isso em seu tempo livre, Blackthorn — disse Scarsbury com um sorriso desagradável. Emma preferiu que Magnus estivesse lá e pudesse transformá —lo em um sapo, mas os Seres do Submundo não estavam na reunião. Eles se recusaram a estar no mesmo quarto que os membros da Coorte, e Emma não podia culpá —los.

— Você sabe o que eles querem dizer — disse Zara. — Ele é um pervertido imundo. Jace deveria representar o cônsul.

— Eu também sou um pervertido imundo — disse Jace — ou pelo menos eu aspiro a ser. Você não tem ideia do que eu faço no meu tempo livre. Na semana passada pedi a Clary para me comprar um …

Clary puxou-o para baixo ao lado dela e o elaborou com os punhos. Ele sorriu.

— E Patrick Penhallow? — Alguém gritou. — Ele sabe o que está fazendo!

Patrick, sentado na primeira fila, levantou-se com uma expressão de pedra. — Eu não vou ficar como cônsul — disse ele. — Minha esposa deu o suficiente. Minha filha deu o suficiente. É hora de minha família receber paz e descanso.

Ele sentou-se em silêncio mortal.

Delaney Scarsbury disse: — Eu nomeio Lazlo Balogh.

O medo real apunhalou Emma pela primeira vez naquele dia.

Ela e Julian olharam um para o outro, ambos lembrando o mesmo momento — Lazlo se levantando no Salão dos Acordos para entregar as palavras que enviaram Helen ao exílio e abandonaram Mark à Caçada. *Tanto Mark quanto Helen Blackthorn têm o sangue de fadas nelas. Sabemos que o garoto já se juntou a Caçada Selvagem, então ele está além de nós, mas a garota não deveria estar entre os Caçadores de Sombras. Não é decente.*

Aqueles que não torceram pela indicação de Alec pareciam satisfeitos, assim como a Tropa. — Ele seria um cônsul terrível — disse Emma para Julian. — Ele colocaria tudo de volta.

— Nós realmente não temos um sistema melhor — disse Julian.

— Tudo o que podemos fazer é perguntar às pessoas o que elas querem.

— E espero que eles escolham a coisa certa — disse Cristina.

— Alec ficaria muito melhor na cédula de dinheiro — disse Mark.

— Não colocamos o cônsul no dinheiro — disse Julian. — E nós não imprimimos dinheiro, de qualquer maneira.

— Poderíamos começar a fazer as duas coisas — disse Mark.

— Alec Lightwood nunca viveu em Idris — disse Lazlo, levantando-se. — O que ele sabe sobre governar nossa terra natal?

Alec levantou-se. — Meus pais foram exilados — disse ele. — E

a maioria dos Caçadores de Sombras não vive em Idris — como você os governará se você acha que os únicos Caçadores de Sombras que importam vivem em Alicante?

— Seus pais foram exilados porque estavam no Círculo! — Retrucou Balogh.

— E ele aprendeu com os erros de seus pais! — Maryse retrucou. — Meu filho sabe melhor do que ninguém o horror que a intolerância e o preconceito podem trazer.

Alec deu-lhe um aceno de cabeça e falou friamente. — Você votou em meu pai para Inquisidor, Balogh, então isso não o incomodou — ele disse. — Meu pai deu sua vida nesta sala pela Clave. O que você fez além de exilar crianças Caçadores de Sombras porque você estava com medo do sangue de suas fadas?

— Droga — disse alguém no fundo. — Ele é bom.

— Lightwood acabaria com o Registro do Submundo — disse Lazlo. — E a paz fria.

— Você está certo, eu gostaria — disse Alec. — Não podemos viver com medo de Submundanos. Seres do Submundo nos deram Portais. Eles nos deram uma vitória sobre Valentine. Eles nos deram uma vitória nos campos agora. Não podemos continuar fingindo que não precisamos deles, assim como eles não podem fingir que não precisam de nós. Nosso futuro depende do nosso mandato. Nós somos os caçadores de demônios, não os caçadores de nossos próprios aliados. Se o preconceito nos desviar, todos nós podemos morrer.

A expressão de Lazlo ficou sombria. Aplausos soaram pela sala, embora nem todos estivessem aplaudindo. Muitos Caçadores de Sombras sentaram-se com as mãos firmes no colo.

— Acho que chegou a hora da votação — disse Jia. Ela pegou um recipiente de vidro manchado de um suporte no estrado e entregou a Patrick na fila da frente. Ele inclinou a cabeça e sussurrou no frasco.

Emma observou com interesse - ela tinha ouvido falar do processo de votação para o cônsul, mas nunca tinha visto. O frasco passou de mão em mão, cada Caçador de Sombras sussurrando nele como se confessasse um segredo. Aqueles que projetavam tinham o frasco estendido para eles, obrigando as mãos, pois as projeções podiam falar, mas não tocar nos objetos.

Quando o frasco chegou a ela, ela levou —o à boca e disse: “Alexander Lightwood”, em voz firme e alta. Ela ouviu Julian rir enquanto passava para Cristina.

Por fim, o frasco havia sido compartilhado com todos os Caçadores de Sombras, exceto a Tropa. Foi dado a Jia, que passou para Zara.

— Vote sabiamente — disse ela. — A liberdade de escolher seu próprio cônsul é uma grande responsabilidade.

Por um momento, Zara olhou como se ela pudesse cuspir no pote. Ela tirou a mão de Jia, falou e entregou a Manuel à sua direita.

Ele sorriu enquanto sussurrava dentro do frasco, e os ombros de Emma se apertaram, sabendo que cada voto da Coorte era um voto contra Alec.

Finalmente a votação final foi lançada, e o jarro retornou para Jia, que pegou sua estela e puxou uma runa para o lado. O frasco tremeu na mão dela enquanto a fumaça pálida jorrava de seu pescoço aberto, a respiração expelida de centenas de Nefilins. Ele se formou em palavras pelo ar.

ALEXANDER GIDEON LIGHTWOOD

Clary e Jace se jogaram em Alec, rindo, enquanto o ar explodia com aplausos. Aline e Helen deram um sinal positivo para Alec. As projeções de Isabelle e Simon acenaram do fundo da sala. Os Blackthorns gritaram e aplaudiram; Emma assobiou. Maryse Lightwood enxugou as lágrimas de felicidade quando Kadir lhe deu um tapinha no ombro.

— Alec Lightwood — gritou Jia. — Por favor, levante-se. Você é o novo cônsul da Clave.

Emma esperava uma explosão de Lazlo, ou pelo menos uma expressão de raiva negra. Em vez disso, ele apenas sorriu friamente quando Alec se levantou entre aplausos e aplausos.

— Esta votação não conta! Não deveria contar! — Gritou Zara.

— Se aqueles que morreram no campo pudessem ter votado, Alec Lightwood nunca teria vencido!

— Eu vou trabalhar para a sua reabilitação, Zara — disse Alec uniformemente.

Prata brilhou. Zara havia arrancado uma longa adaga do cinto de armas de um guarda que estava perto dela; ele não fez nenhum movimento para impedi-la. Houve suspiros quando o resto dos guardas atirou armas para os outros membros da Tropa, aço acendendo na luz das grandes janelas.

— Nós nos recusamos a reconhecer Alec Lightwood como cônsul! — Gritou Manuel. — Nós defendemos nossas antigas tradições, pela maneira como as coisas sempre foram e sempre deveriam ser!

— Guardas! — Jia gritou, mas os cerca de vinte guardas não estavam fazendo nenhum esforço para impedir a Tropa - na verdade, eles se juntaram a eles em uma enxurrada de adagas desembainhadas. Emma olhou para Lazlo Balogh, que observava com os braços cruzados, claramente sem surpresa. De alguma forma, Emma percebeu, os aliados da Tropa tinham plantado guardas que eram simpáticos à sua causa. Mas o que diabos eles estavam planejando? Ainda havia apenas uma fração deles em comparação com o número esmagador de Caçadores de Sombras que votaram em Alec.

Jia saltou do palanque, desembainhando a espada. Por todo o salão, Caçadores de Sombras levantavam-se e puxavam os braços.

Alec tinha alcançado seu arco, Jace sua espada. Dru alcançou Tavvy, o rosto pálido, enquanto o resto da família pegava suas armas.

Então Zara levantou a adaga e colocou na própria garganta.

O movimento no quarto cessou. Emma ainda segurava Cortana, encarando Manuel seguindo o gesto de Zara, colocando a lâmina de sua própria adaga em sua garganta. Amelia Overbeck fez o mesmo — Vanessa Ashdown seguiu, com Milo Coldridge — até que todos os membros da Tropa ficaram com as espadas em suas gargantas.

— Vocês podem colocar suas armas para baixo — disse Zara, segurando a faca contra sua garganta com tanta força que o sangue escorria por sua mão. — Nós não estamos aqui para ferir nossos companheiros Caçadores de Sombras. Você se prejudicou o suficiente com seu voto tolo e míope. Estamos agindo para salvar Alicante da corrupção e as torres de vidro da ruína. — Seus olhos brilhavam loucamente. — Você falou antes do valor das terras fora de Alicante como se Alicante não fosse o coração do nosso povo. Muito bem então, saia e abrace o mundo mundano, longe da luz do Anjo.

— Você está exigindo que saiamos de Alicante? — Disse Diana, incrédula. — Nós que somos Nephilim como você é?

— Nenhum consorte de uma fada é tão Nephilim quanto eu sou — Zara cuspiu. — Sim. Nós pedimos - nós exigimos - que você vá.

Clary Fairchild pode criar portais; deixe ela fazer um agora. Passe por isso e vá para onde desejar. Em qualquer lugar que não seja Alicante.

— Vocês são apenas algumas pessoas — disse Emma. — Você não pode chutar o resto de nós fora de Alicante. Não é a sua casa na árvore.

— Sinto muito que tenha chegado a isso. — disse Lazlo — Mas não somos poucas pessoas. Nós somos muitos mais. Você pode ter intimidado as pessoas para votarem em Lightwood, mas o coração delas está conosco.

— Você proporia uma guerra civil? Aqui no Salão do Conselho?

— perguntou Diana.

— Não é uma guerra civil — disse Zara. — Sabemos que não podemos vencer contra você na batalha. Você tem muitos truques imundos. Você tem feiticeiros do seu lado. — Ela olhou para Alec. — Mas estamos dispostos a morrer por nossas crenças e por Alicante.

Nós não vamos sair. Vamos derramar o sangue dos Caçadores de Sombras, sim. Nosso próprio sangue. Vamos cortar nossas próprias gargantas e morrer aqui a seus pés. Ou vocês vão ou nós lavaremos este quarto limpo em nosso sangue.

Jaime levantou-se. — Chame seu blefe — disse ele. — Eles não podem nos manter como reféns Zara acenou com a cabeça para Amelia, que mergulhou o punhal que ela segurava em seu estômago e torceu-o violentamente para o lado. Ela caiu de joelhos jorrando sangue quando o quarto explodiu com suspiros de horror.

— Você pode construir sua nova Clave no sangue de crianças mortas? — Zara gritou para Alec. — Você disse que mostraria misericórdia. Se você nos deixar morrer, toda vez que você entrar nesta sala a partir deste momento, você estará andando em nossos cadáveres.

Todos olharam para Jia, mas Jia estava olhando para Alec.

Alec, o novo cônsul.

Ele estava estudando não o rosto de Zara, mas os rostos dos outros na sala — aqueles que olhavam para Zara como se ela fosse a promessa de liberdade. Não havia piedade nos rostos da Coorte.

Nenhum deles alcançou Amelia enquanto seu sangue corria pelo chão.

— Muito bem — disse Alec com uma calma mortal. — Nós iremos.

Os olhos de Zara se arregalaram. Emma suspeitava que não esperava que seu plano funcionasse, mas esperava morrer como um mártir a destruir Alec e o resto deles no processo.

— Você entende, — disse Lazlo — Que uma vez que você vá, Lightwood, não poderá voltar. Nós trancaremos as proteções de Idris contra você, arrancaremos o Portal das muralhas da Gard, construiremos as entradas da Cidade do Silêncio. Você nunca poderá voltar.

— Arrumar as entradas para a Cidade do Silêncio? — Perguntou Diego. — Você cortaria seu próprio acesso aos Irmãos do Silêncio? Pela a taça e espada?

— Quem detém Idris detém o Espelho Mortal — disse Lazlo. — Quanto aos Irmãos do Silêncio, eles foram corrompidos, como as Irmãs de Ferro. Nós os separaremos de Alicante até que eles vejam o erro de seus caminhos. Até que eles vejam quem são os verdadeiros Caçadores de Sombras.

— O mundo é maior do que Idris — disse Jace, de pé e orgulhoso ao lado de Alec. — Você acha que está tomando a nossa pátria, mas está fazendo da

sua prisão. Assim como nunca podemos voltar, você nunca poderá sair.

— Fora das alas de Idris, vamos lutar para proteger o mundo — disse Alec. — Aqui, você vai apodrecer enquanto brinca de ser soldados sem nada para lutar, mas um com o outro.

Alec virou as costas para Balogh, movendo-se para encarar a Clave. — Vamos abrir o Portal agora. — disse ele. — Aqueles que não moram em Alicante retornam para suas casas. Aqueles que moram aqui terão uma escolha. Reúna suas famílias e venha conosco ou permaneça aqui, preso para sempre, com a Tropa como seus governantes. É a escolha de cada Caçador de Sombras se eles desejam ser presos ou livres.

Clary levantou-se e caminhou até as portas no fundo da sala, tirando a estela do bolso. A Clave ficou olhando em silêncio enquanto sua estela brilhava em sua mão e um redemoinho cinza prateado começou a crescer contra as portas, abrindo-se para fora, brilhando ao longo das paredes até se tornar um enorme Portal.

Ela se virou para olhar o quarto. — Eu vou manter isso aberto enquanto alguém precisar deixar Idris — disse ela, com voz firme e clara. — Eu serei a última a passar. Quem quer ser o primeiro?

Emma se levantou e Julian se moveu com ela, agindo juntos como sempre. — Vamos seguir o nosso cônsul — disse Emma.

— Os Blackthorns irão primeiro — disse Julian. — Mantenha sua prisão, Zara. Nós estaremos livres sem você.

O resto de sua família se levantou com eles. Aline foi até Jia e passou o braço pela mãe. Emma teria pensado que a sala estaria cheia de gritos e caos, de discussões e brigas. Mas parecia que um manto de aceitação atordoada fora atraído sobre os Caçadores de Sombras, tanto os que partiam quanto os que ficavam. A Coorte e seus aliados observavam em silêncio enquanto a maioria dos Caçadores de Sombras se dirigia para o Portal ou ia recolher suas coisas de suas casas em Alicante.

Alicante seria uma cidade fantasma, uma cidade fantasma em uma terra fantasma, pensou Emma. Ela procurou por Diana, encontrou-a por perto no meio da multidão. — A loja do seu pai — disse ela. — Seu apartamento…

Diana apenas sorriu. — Eu não me importo — disse ela. — Eu sempre voltava com você para Los Angeles, amor. Eu sou professora.

Não dona de uma loja em Idris. E por que eu iria querer morar em algum lugar que Gwyn não poderia ir?

Cristina abraçou Diego e Jaime enquanto eles estavam de pé, prontos para retornar à Cidade do México. Divya e Rayan estavam se preparando. Assim como Cameron e Paige Ashdown, embora Vanessa ainda permanecesse no estrado, olhando para eles com os olhos apertados. O corpo de Amelia estava a seus pés. Emma sentiu uma pontada de pena. Sacrificar-se tanto por uma causa que não importava nada para você e depois morrer desanimada. Parecia muito cruel.

Cameron virou as costas para Vanessa, indo para as escadas, juntando-se aos Blackthorns e seus amigos enquanto Clary dirigia o Portal para devolvê-los a Los Angeles. Ele não olhou para o primo.

Emma esperava que ele a visse sorrir para ele encorajadoramente.

Os Ashdowns não eram a única família que seria dilacerada por isso. Mas a cada passo que dava ao Portal, sabia que estavam fazendo a coisa certa. Nenhum novo mundo brilhante poderia ser construído sobre sangue e ossos.

O Portal surgiu antes de Emma, claro e brilhante. Através dela, ela podia ver o oceano e a costa, a forma iminente do Instituto.

Finalmente os Blackthorn estavam indo para casa. Eles passaram pelo sangue, pelo desastre e agora pelo exílio, mas finalmente voltaram para casa.

Ela pegou a mão de Julian e eles entraram.

34
A CIDADE no Oceano

KIERAN ESTAVA ESPERANDO NO prado já fazia um tempo agora. Ninguém nunca lhe disse, ele pensou, que quando você se tornasse um rei de uma corte de fadas, teria que usar veludo e seda muito coceira quase o tempo todo. As botas eram boas – o rei tinha seu próprio sapateiro, que moldava o couro a seus pés –, mas ele poderia ter feito sem usar um cinto de joalharia, anéis pesados e um gibão com cinco libras de bordado em um dia claro de verão.

Um farfalhar na grama anunciou a chegada do General Winter, que se curvou profundamente diante de Kieran. Kieran disse a ele muitas vezes para não fazer isso, mas Winter persistiu.

— Adaon Kingson, seu irmão — anunciou ele, e se afastou, permitindo que Adaon passasse por ele e se aproximasse de Kieran.

Os dois irmãos se olharam. Adaon usava a libré verde de uma página do Tribunal Seelie. Isso lhe convinha. Ele parecia descansado e calmo, seus olhos escuros pensativos enquanto olhava para Kieran.

— Você pediu para que conversássemos a sós, meu soberano — disse ele.

— Winter, vire de costas — disse Kieran. Na verdade, ele não se importava com o que Winter ouvia: ele não se incomodara em guardar segredos da cabeça de seus guardas. Era melhor para um rei não ter segredos se pudesse evitá–lo, em sua opinião. Simplesmente deu as ferramentas para chantagem nas mãos inimigas.

Winter deu alguns passos e virou as costas. Houve um farfalhar quando o punhado de guardas vermelhos que vieram com ele fizeram o mesmo. Adaon ergueu uma sobrancelha, mas certamente não se surpreendeu: os guardas eram bons em se fazer invisíveis, mas os reis não ficavam sozinhos nem desprotegidos nos prados.

— Você veio até as portas de uma corte inimiga para me ver — disse Adaon. — Eu suponho que eu sou privilegiado.

— Você é o único irmão em quem confio — disse Kieran. — E eu vim lhe perguntar se você queria, se você consideraria se tornar rei no meu lugar.

As sobrancelhas de Adaon piscaram como asas de pássaros.

— Você não gosta de ser rei?

— Não é por ser apreciado ou não apreciado. Isso não importa. Deixei Mark e Cristina, que eu amo, para ficar como Rei, mas não posso suportar. Eu não posso viver assim. — Kieran brincou com seus anéis pesados. — Eu não posso viver sem eles.

— E eles não sobreviveriam à corte — Adaon tocou o queixo pensativamente. — Kieran, não vou me tornar rei por duas razões. Uma é que com você no trono do rei e eu ao lado da rainha, podemos trabalhar pela paz entre Seelie e Unseelie. A rainha odiava Arawn, mas ela não te odeia.

— Adaon… — a voz de Kieran estava crua.

— Não — Adaon disse com firmeza. — Já fiz a Rainha ver a sabedoria de uma paz entre as Terras, mas se eu deixar ela para se tornar o Rei dos Invisíveis, ela me odiará e nós voltaremos a ser inimigos.

Kieran respirou fundo. A campina cheirava a flores silvestres, mas ele se sentia nauseado, doente, quente e desesperado. Como ele poderia viver sem ouvir a voz de Cristina de novo? Sem ver o rosto de Mark?

— Qual foi o seu segundo motivo, então?

— Você tem sido um bom rei — disse Adaon. — Embora você tenha mantido apenas a posição nas últimas semanas, Kieran, você já fez muitas coisas boas – libertou prisioneiros, promulgou uma justa redistribuição de terras, mudou as leis para melhor. Nosso povo é fiel a você.

— Então, se eu fosse um rei incompetente, como Oban, eu poderia ter a vida que eu quero? — Kieran disse amargamente. — Uma recompensa estranha pelo trabalho bem feito.

— Eu sinto muito, Kieran — disse Adaon, e Kieran sabia que deveria ser verdade. — Mas não há mais ninguém.

A princípio, Kieran não conseguiu falar. Antes dele, ele viu os longos dias se estendendo sem amor ou confiança neles. Ele pensou em Mark rindo, girando a Lança do Vento ao redor, seu corpo forte e cabelos dourados. Pensou em Cristina dançando, fumaça e brasa acendendo na noite, sua suavidade e sua ilimitada generosidade de espírito. Ele não

encontraria essas coisas novamente; ele não encontraria tais corações novamente.

— Eu entendo — disse Kieran remotamente. Este foi o fim, então. Ele teria uma vida de serviço obediente – uma vida que se estenderia por muitos anos – e apenas o prazer de fazer o bem, que não era nada, para sustentá-lo. Se ao menos a Caçada Selvagem soubesse que esse seria o destino de seu caçador mais selvagem. Eles teriam rido. — Eu devo manter meu dever. Eu me arrependo de ter perguntado.

O rosto de Adaon se suavizou.

— Eu não tenho dever acima do amor, Kieran. Preciso lhe contar, ouvi de Cristina.

A cabeça de Kieran se ergueu.

— O que?

— Ela fez uma sugestão de que eu lhe desse meu chalé. Existe em um lugar nas Terras Fronteiriças que não é nem no Reino das Fadas nem no mundo mortal. Não te enfraqueceria como o mundo mortal nem Mark e Cristina ficariam ameaçados, como estariam na Corte. Adaon pousou a mão no ombro de seda e veludo de Kieran. — Você poderia estar com eles lá.

A emoção crua que ele sentiu quase abalou Kieran.

— Você faria isso, Adaon? Você me daria sua casa de campo?

Adaon sorriu.

— Claro. Para que servem os irmãos?

***

Emma estava sentada em sua mala na esperança de tentar fechar. Ela pensou com arrependimento de todas as coisas que ela já tinha escondido na bolsa de Julian. Ele era um empacotador organizado e minimalista, e tinha uma mala pronta para entrar no corredor por uma semana. Começava a ficar um pouco borbulhante com os itens extras que ela usava enquanto ele não estava olhando – uma escova de cabelo, um saco de rabo-de-cavalo, chinelos e alguns óculos de sol extras. E um travesseiro de pescoço. Você nunca sabia quando você ia precisar de um travesseiro de pescoço, especialmente quando você estava tomando todo o seu ano de viagem para passear pelo mundo.

— Você está pronto para ir à festa? — Era Cristina, em um vestido azul e arejado, uma margarida em seu cabelo escuro. Ela enrugou o nariz. — O que você está fazendo?

— Saltando para cima e para baixo nesta mala — Emma se levantou e tirou os sapatos. — Ande logo — ela disse para a mala, e subiu em cima dela. — OK. Eu estou pulando.

Cristina pareceu horrorizada.

— Você nunca ouviu falar de um cubo de embalagem?

— O que é um cubo de embalagem? É algum tipo de espaço extra-dimensional? — Ela começou a pular para cima e para baixo na mala como se fosse um trampolim.

Cristina recostou-se contra a porta.

— É bom ver você tão feliz.

A mala fez um som horrível. Emma parou de pular.

— Pronto! Feche!

Rindo, Cristina ficou de joelhos e puxou o zíper fechado. Emma pulou para o chão e ambos olharam para a mala cheia, Cristina com apreensão e Emma orgulhosa.

— O que você vai fazer da próxima vez que tiver que fechá–lo? — Perguntou Cristina.

— Eu não estou pensando tão longe — Emma se perguntou se deveria ter se vestido um pouco mais – a festa era para ser casual, apenas um grupo deles celebrando a ascensão oficial de Aline e Helen como Diretoras do Instituto de Los Angeles.

Ou pelo menos, essa era a história.

Ela encontrou um vestido midi de seda dos anos sessenta com laços para cima e para baixo nas costas e pensou que era brincalhão e retrô, mas Cristina parecia tão elegante e calma que Emma se perguntou se deveria ter sido mais formal. Ela decidiu encontrar seu grande grampo de cabelo dourado em algum lugar e colocou o cabelo para cima. Ela só esperava que não estivesse em sua mala, porque essa era uma área definitiva.

— Eu realmente pareço feliz?

Cristina colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha de Emma.

— Mais feliz do que eu já vi antes — ela disse, e como ela era Cristina, cada palavra que ela falava brilhava com sinceridade. — Estou tão feliz por você.

Emma caiu de volta em sua cama. Algo a cutucou nas costas. Era o seu grampo de cabelo. Ela agarrou-se com alívio.

— Mas e você, Tina? Eu me preocupo que você não esteja feliz.

Cristina encolheu os ombros.

— Eu estou bem. Eu estou sobrevivendo.

— Cristina, eu te amo, você é minha melhor amiga — disse Emma. E era fácil dizer agora, "melhor amiga", porque, embora Julian ainda fosse seu melhor amigo também, ele era mais do que isso também e, finalmente, todos sabiam disso. — Sobreviver não é suficiente. Que tal ser feliz?

Cristina suspirou e sentou–se ao lado de Emma.

— Nós chegaremos lá, Mark e eu. Estamos felizes, mas também sabemos que há uma felicidade maior que poderíamos ter. E nos preocupamos com Kieran todos os dias.

— Você contatou Adaon? — Perguntou Emma.

— Eu contatei, mas não tive uma resposta. Talvez não seja algo que Kieran queira.

Emma franziu a testa. Ela achou todo o negócio confuso, mas uma coisa ela estava certa – não havia nada que Kieran quisesse mais do que estar com Mark e Cristina.

— Cristina! — Uma voz ecoou fracamente de fora do Instituto; Emma atravessou a cama até a janela e abriu-a. Um segundo depois, Cristina estava ao lado dela. As duas puseram as cabeças para fora, vendo Diego e Jaime em pé no gramado da frente, agitando os braços energicamente. — Cristina! Desça rápido!

Cristina começou a rir e, por um momento, sob sua tristeza silenciosa, Emma viu a menina que deveria estar na Cidade do México quando era criança, brigando com os irmãos Rosales e se metendo em confusão.

Ela não pôde deixar de sorrir. *Eu gostaria de ter te conhecido antes, Tina. Espero que possamos ser amigas a vida toda.*

Mas Cristina estava sorrindo e Emma não queria quebrar seu frágil bom humor com melancolia.

— Vamos lá — disse ela, pegando um par de sandálias. — Vamos para a praia.

***

Com a ajuda de Ragnor e Catarina, a faixa de areia da costa abaixo do Instituto foi bloqueada para uso privado, a área cercada por cartazes de glamour, alegando que a praia estava fechada devido a uma terrível infestação de sapateira.

Magnus também havia lançado feitiços de abafamento que acalmavam os sons do tráfego da estrada. Emma sabia que ele não estava envolvido

com o tempo, mas era quase como se ele tivesse: um dia perfeito, o céu azul e profundo, as ondas como cetim azul entremeadas de ouro.

Caçadores de Sombras e Membros do Submundo pontilhavam a praia, toda para cima e para baixo da curva de areia dourada rodeada de pedras. Alec, alto e bonito em um suéter marfim e calças pretas, ajudava Catarina e Ragnor a montar mesas de comida. Emma notou que suas mãos tremiam um pouco quando ele colocou os pratos e os pauzinhos. Magnus convocara bolinhos de massa de todo o mundo – *jiaozi chinês, gyoza japonês, pierogi de queijo polonês, pelmeni amanteigado russo, mandu coreano.* Ragnor havia fornecido garrafas de vinho ridiculamente caro de seu vinicultor argentino favorito, além de água com gás e suco de maçã franceses para as crianças. Catarina havia criado uma fonte de chocolate suíço, que já havia atraído a atenção de Max e Rafe.

— Os dedos fora do chocolate — Magnus estava dizendo a eles. — Ou eu vou transformar vocês dois em esponjas do mar.

Cristina seguiu pela praia com os irmãos Rosales para conversar com Mark, que estava sentado sozinho em um outeiro de areia, com os olhos fixos na distância média. Emma se curvou para amarrar sua sandália. Quando ela se endireitou, Julian tinha aparecido, o jeans dele estava de joelhos e os pés descalços de areia de brincar na beira da água com Tavvy e Helen. Ele parecia despreocupado de uma maneira que ela quase nunca o tinha visto: seus olhos verde-azulados brilhavam como o vidro do mar em seu pulso, e seu sorriso era lento e fácil quando ele se aproximou para deslizar o braço em volta da cintura dela.

— Você está linda.

— Você também — ela disse, o que era verdade, e ele riu e beijou-a. Ela se maravilhou um pouco – Julian, que sempre foi tão cuidadoso, era aquele que não se importava com quem sabia sobre o relacionamento deles. Ela sabia que a família deles entendia tudo, que Jem havia explicado para eles em Alicante. Mas ela sempre se preocupava – os outros se perguntariam quanto tempo eles estavam apaixonados, o quanto isso se sobrepunha ao tempo de *parabatai*?

Ninguém parecia se importar, e Julian menos do que tudo. Ele sorria sempre que a via, a pegava e a beijava, segurava sua mão com orgulho. Ele até parecia gostar do lamento de boa índole de seus irmãos quando eles passavam por Julian e Emma se beijando nos corredores.

Era incrível não ter que ser segredo, não se esconder. Emma não estava acostumada ainda, mas ela beijou Julian de qualquer maneira, não se importando com quem via.

Ele tinha gosto de sal e oceano. Assim como o Lar. Ele acariciou o queixo contra a testa dela.

— Estou feliz que todos tenham vindo — disse ela.

Foi uma grande multidão. No final da praia, Maia, Simon e Bat estavam jogando vôlei com Anush. Os vampiros não tinham aparecido ainda desde que o sol ainda estava fora, mas Lily continuou mandando mensagens de texto para Alec para ter certeza que eles estariam fornecendo O negativo no gelo para mais tarde. Isabelle estava decorando o bolo de camadas que Aline havia feito com glacê, e Marisol e Beatriz estavam fazendo um castelo de areia. Ambos usavam luto branco e pareciam compartilhar uma tristeza quieta e meditativa. Emma esperava que fossem bons um para o outro: ambos haviam perdido alguém que amavam.

Jace e Clary tinham enfrentado a água e estavam espirrando um ao outro enquanto Ragnor passava por um grande lago flutuante, bebendo uma limonada. Jocelyn Fairchild e Luke Garroway sentaram-se com Jia, Patrick e Maryse a alguma distância da praia, e Diana e Gwyn estavam abraçadas em um cobertor perto da costa.

— Temos muitos aliados — disse Julian.

O olhar de Emma deslizou pela praia em direção a Magnus e Alec.

— Esta vai ser uma noite importante — disse ela. — E isso está sendo compartilhado conosco. Isso não é sobre ter aliados. Isso é ter amigos. Nós temos muitos amigos.

Ela imaginou que ele faria uma réplica provocativa; Em vez disso, seu rosto suavizou.

— Você está certa — disse ele. — Eu acho que nós temos.

***

Manter um olho nas crianças havia se tornado um hábito. Mesmo enquanto brincava na linha da maré, desenterrando caranguejos eremitas e deixando-os mexer nas mãos, Dru mantinha um olho lateral em Tavvy, Max e Rafe. Ela sabia que todos eram bem cuidados por um grupo de feiticeiros e caçadores de sombras ansiosos, mas ela não podia evitar.

— Drusilla?

Jaime estava descendo a praia na direção dela, assim como quando ele veio em resposta à convocação de Cristina. Ele parecia mais saudável do

que ele – menos magro, mais cor nas bochechas. O mesmo cabelo negro selvagem chicoteado pelo vento, os mesmos olhos castanhos cintilantes. Ele sorriu para ela, e ela se perguntou se deveria ter usado algo mais brilhante e bonito como as outras garotas. Ela usava vestidos pretos em todos os lugares por tanto tempo que mal pensava sobre isso, mas talvez ele achasse estranho?

— Então, o que está reservado para você depois de tudo isso? — Jaime perguntou. — Você vai para a nova academia?

A Aliança de Caçadores de Sombras com Submundanos havia se reunido para construir uma nova academia para Caçadores de Sombras em um local já seguro e cercado – a fazenda de Luke Garroway no interior de Nova York. Segundo relatos, estava quase pronto – e de acordo com Simon, cerca de mil vezes melhor do que a antiga Academia, onde ele encontrara ratos em sua gaveta de meias.

— Ainda não — disse Dru, e viu a lembrança rápida e a percepção dos olhos dele: era jovem demais para freqüentar a nova academia, que começava aos quinze. — Talvez em alguns anos — ela chutou uma concha. — Vou ver você de novo?

Ele usava uma expressão que ela não tinha visto em seu rosto antes. Uma espécie de seriedade dolorosa.

— Eu não acho que seja muito provável. Cristina está indo embora, então não tenho mais motivos para vir aqui — O coração de Dru afundou. — Eu tenho que voltar para casa para acertar as coisas com meu pai e o resto da minha família. Você sabe como é. A família é a coisa mais importante.

Ela mordeu de volta as palavras que queria dizer.

— Mas talvez eu te veja na academia um dia — acrescentou ele. — Você ainda tem aquela faca que eu te dei?

— Sim — Dru disse, um pouco preocupada. Ele disse que era um presente, certamente ele não pediria de volta?

— Boa menina — disse Jaime. Ele bagunçou o cabelo dela e se afastou. Ela queria correr atrás dele e puxar a manga dele. Peça a ele para ser seu amigo novamente. Mas não se ele fosse tratá-la como uma criança, ela lembrou a si mesma. Ela gostava dele porque ele agia como se ela tivesse um cérebro totalmente funcional. Se ele não pensasse mais…

— Dru! — Era Ty, descalço e arenoso, com um caranguejo eremita que ele queria mostrar a ela. Tinha uma concha delicadamente manchada. Ela inclinou a cabeça sobre as mãos em concha, agradecida pela distração.

Ela deixou a voz dele fluir ao redor dela quando ele virou o caranguejo em suas mãos cuidadosas e delicadas. As coisas eram diferentes com ela e Ty agora. Ela era a única além de Kit e Magnus que sabiam o que tinha acontecido com sua tentativa de trazer Livvy de volta.

Ficou claro para ela que Ty confiava nela de uma nova maneira. Que eles guardaram os segredos um do outro. Ela era a única que sabia que, às vezes, quando ele desviava o olhar e sorria, sorria para o fantasma de Livvy, e ele era o único que sabia que ela poderia pegar uma fechadura em menos de trinta segundos.

— Há uma *bioluminescência* no outro extremo da praia — disse Ty, depositando o caranguejo de volta na areia. Correu pelo buraco. — Você quer vir ver?

Ela ainda podia ver Jaime, que havia se juntado a Maia e Diego e estava conversando animadamente. Ela supôs que poderia ir até eles e tentar se juntar à conversa, tentar parecer mais crescida e digna de conversa. *Mas eu tenho treze anos*, ela pensou. *Eu tenho treze anos e vale a pena conversar sem fingir que sou algo que não sou. E eu não vou me incomodar com quem não vê isso.*

Ela pegou sua longa saia preta e correu atrás de Ty pela praia, seus passos espalhando luz.

***

— Ok, aqui está bom — disse Helen, sentando–se apenas na linha da maré. Ela estendeu a mão para puxar Aline para baixo ao lado dela. — Nós podemos assistir a maré baixar.

Aline sentou-se e franziu o cenho.

— Agora minha bunda está molhada — disse ela. — Ninguém me avisou.

Helen pensou em várias coisas atrevidas para dizer, mas se conteve. Aline estava especialmente linda agora, ela pensou, com uma saia e um top florido, os ombros castanhos expostos ao sol. Ela usava pequenos brincos de ouro na forma de runas Amor e Compromisso.

— Você nunca se sentou na praia em Wrangel? — perguntou ela.

— De jeito nenhum. Estava congelando. — Aline mexeu os dedos dos pés descalços na areia. — Isto é muito melhor.

— É muito melhor, não é? — Helen sorriu para sua esposa, e Aline ficou rosada, porque mesmo depois de todo o tempo que eles estiveram juntos, a

atenção de Helen ainda fez Aline corar e brincar com seu cabelo. — Vamos administrar o Instituto.

— Não me lembre. Tanta papelada — Aline resmungou.

— Eu pensei que você *queria* dirigir o Instituto! — Helen riu.

— Acho que emprego estável é uma boa ideia — disse Aline. — Também precisamos vigiar as crianças para que elas não se tornem bagunceiras.

— Tarde demais, eu acho. — Helen olhou para a praia com carinho na direção de seus irmãos.

— E acho que devemos ter um bebê.

— Sério? — Helen abriu a boca. Fechei de novo. Abriu. — Mas, querida, como? Sem medicina mundana…

— Eu não sei, mas devemos perguntar a Magnus e Alec, porque parece que os bebês simplesmente caem do céu quando estão por perto. Como chuva de criança.

— Aline — Helen disse em sua voz serio.

Aline puxou sua saia.

— Você quer um bebê?

Helen chegou perto de Aline, puxando as mãos frias da esposa para o colo.

— Meu amor — disse ela. — Eu quero! Claro! É só que ainda penso em nós no exílio, um pouco. Como se estivéssemos à espera que a nossa vida real começasse de novo. Eu sei que não é lógico…

Aline levantou as mãos unidas e beijou os dedos de Helen.

— Cada minuto que passei com você foi minha vida real — disse ela. — E mesmo na Ilha Wrangel, uma vida melhor do que eu jamais tive sem você.

Helen sentiu-se começando a ficar com os olhos marejados.

— Um bebê seria como uma nova irmã ou irmão para Ty, Dru e Tavvy — disse ela. — Seria tão maravilhoso.

— Se fosse uma menina, poderíamos chamá–la de Eunice — disse Aline. — Era o nome da minha tia.

— Não vamos.

Aline sorriu maliciosamente.

— Veremos…

***

Quando Alec veio falar com Mark, Mark estava no meio de fazer animais de balão para Tavvy, Rafe e Max. Max parecia contente, mas Rafe e Tavvy estavam cansados do repertório de Mark.

— É uma mantícora — disse Mark, segurando um balão amarelo.

— É uma cobra — disse Tavvy. — Eles são todas cobras.

— Bobagem — disse Mark, produzindo um balão verde. — Este é um dragão sem asas e sem cabeça. E este é um crocodilo sentado em seus pés.

Rafe parecia triste.

— Por que o dragão não tem cabeça?

— Desculpe-me — disse Alec, tocando Mark no ombro. — Posso falar com você por um segundo?

— Ah, graças ao anjo — disse Mark, soltando seus balões e se levantando. Ele seguiu Alec em direção aos blefes quando Magnus se mudou para divertir as crianças. Mark o ouviu dizendo a Rafe que o dragão havia perdido a cabeça em um jogo de pôquer.

Mark e Alec pararam na sombra de um penhasco, não muito longe da linha da maré. Alec estava usando um suéter leve com um buraco na manga e parecia calmamente agradável – surpreendentemente, para um cônsul tentando juntar um governo quebrado.

— Espero que isso não seja sobre os balões — disse Mark. — Eu não tenho muito treinamento.

— Não é sobre os balões — disse Alec. Ele estendeu a mão para esfregar a nuca. — Eu sei que nós realmente não tivemos muita chance de conversar, mas eu ouvi muito sobre você de Helen e Aline. E me lembrei de você por um longo tempo depois que nos encontramos no Reino das Fadas. Quando você se juntou à Caçada.

— Você me disse que se eu fosse para Edom com você, eu morreria — lembrou Mark.

Alec parecia levemente envergonhado.

— Eu estava tentando proteger você. Mas eu pensei muito em você depois disso. Quão duro você foi. E como foi errado, a forma como a Clave tratou você, só porque você era diferente. Eu sempre desejei que você estivesse por perto para se juntar à Aliança de Caçadores de Sombras e Seres do Submundo. Trabalhar com isso é algo que realmente vou sentir falta.

Mark ficou surpreso.

— Você não vai mais trabalhar com a Aliança?

— Eu não posso — disse Alec. — Eu não posso fazer isso e ser cônsul – é demais para qualquer um. Não sei o quanto você ouviu, mas o governo está se instalando em Nova York. Em parte por minha causa, não posso estar muito longe de Magnus e das crianças. E tem que estar em algum lugar.

— Você não precisa se desculpar — disse Mark, perguntando-se para onde tudo isso estava indo.

— Há muito que temos a fazer — disse Alec. — Temos conexões em todo o mundo, com todas as organizações religiosas, com sociedades secretas que conhecem demônios. Todos terão que decidir a quem dão o dízimo – a nós ou ao governo de Alicante. Temos que encarar que vamos perder pelo menos alguns dos nossos aliados. Que vamos lutar por fundos, por credibilidade. Por tanta coisa.

Mark sabia que os Caçadores de Sombras sobreviveram com o dinheiro que recebiam das organizações – religiosas, espirituais, místicas – que conheciam os demônios e valorizavam a guarda do mundo. Ele nunca pensou sobre o que aconteceria sem esses fundos. Ele não invejou Alec.

— Gostaria de saber se você gostaria de se juntar à Aliança — disse Alec. — Não apenas junte-se a ele, mas nos ajude a liderá-lo. Você poderia ser um embaixador do Reino das Fadas, agora que a paz fria está sendo dissolvida. Não vai ser um processo curto. Temos muita reconexão a ver com os feéricos, e precisamos ajudá-los a entender que o governo em Idris não representa mais a maioria dos Caçadores de Sombras. — Ele hesitou. — Eu sei que as coisas têm sido loucas parasua família, mas você realmente seria um membro valioso.

— Onde eu precisaria viver? — Perguntou Mark. — Eu não quero estar muito longe da minha família ou de Cristina.

— Nós íamos pedir a Cristina para se juntar a nós também — disse Alec. — O conhecimento dela sobre fadas será útil, e o relacionamento de sua família com eles também. Você pode ter um lugar no Instituto de Nova York e é bem-vindo ao Portal para ver sua família quando quiser.

Mark tentou envolver a ideia. Nova York parecia distante, mas ele não parou para pensar no que poderia querer agora que a crise parecia ter acabado. Ele não tinha interesse em nada parecido com a Scholomance. Ele poderia permanecer em Los Angeles, é claro, mas se o fizesse, estaria longe de Cristina. Ele já sentia falta de Kieran, assim como ela; ele não suportava

sentir falta dela também. Mas qual seria o propósito dele, se ele a seguisse até o México? O que Mark Blackthorn queria fazer de sua vida?

— Eu preciso pensar sobre isso — disse Mark, surpreendendo-se.

— Tudo bem — disse Alec. — Tome todo o tempo que você precisa. — Ele olhou para o relógio. — Eu tenho algo importante que tenho que fazer.

***

Cristina sentou-se com as pernas enfiadas debaixo dela, olhando para o mar. Ela sabia que deveria se juntar ao resto da festa – sua mãe sempre a repreendia por ficar em seu quarto em ocasiões sociais –, mas algo sobre o mar era reconfortante. Ela sentiria falta quando voltasse para casa: a batida constante da maré, a superfície em constante mudança das ondas. Sempre o mesmo, mas sempre novo.

Se ela virasse a cabeça um pouco, poderia ver Emma com Julian, Mark conversando com Alec. Isso foi o suficiente por agora.

Uma sombra caiu em sua visão.

— Olá amiga.

Era Diego. Ele sentou-se ao lado dela na grande pedra de rocha que encontrara. Ele parecia mais casual do que ela o via há muito tempo, em uma camiseta e calça de carga enrolada. A cicatriz brutal e cruel em seu rosto estava se curando rapidamente, como fizeram as cicatrizes dos Caçadores de Sombras, mas nunca desapareceria na invisibilidade. Ele nunca mais seria o perfeito Diego do lado de fora. Mas ele mudara tanto para melhor por dentro, pensou ela. E isso era o que realmente importava.

— En qué piensas? — Era a mesma pergunta que ele sempre fazia, tão comum era uma piada interna entre eles. *Em que está pensando?*

— O mundo parece tão estranho para mim agora — disse ela, olhando para os dedos dos pés em suas sandálias. — Eu não consigo entender que Alicante está perdida para nós. A terra natal dos Caçadores de Sombras não é mais nossa casa. — Ela hesitou. — Mark e eu estamos felizes de estar juntos, mas também tristes; Kieran se foi, parece um corte fora do nosso relacionamento. É como ter Idris cortado do mundo dos Caçadores de Sombras. Uma peça que está faltando. Ainda podemos ser felizes, mas não ficaremos inteiros.

Foi a primeira vez que ela falou com Diego sobre a natureza estranha de seu relacionamento. Ela se perguntou como ele reagiria. Ele apenas assentiu.

— Não há mundo perfeito — disse ele. — O que temos agora é uma ferida, mas ainda é melhor do que a Paz Fria e melhor do que a Tropa. Muito poucas pessoas têm a oportunidade de alcançar e mudar as injustiças que vêem no mundo, mas você fez, Cristina. Você sempre quis acabar com a Paz Fria e agora acabou.

Estranhamente tocada, ela sorriu para ele.

— Você acha que nós vamos ouvir alguma coisa de Idris?

— Para sempre é um tempo muito grande — ele cruzou os braços sobre os joelhos. Não houve comunicação até agora. Alec – o Cônsul – enviou uma mensagem de incêndio a Idris no dia em que a Paz Fria foi oficialmente dissolvida, mas não houve resposta. Eles nem podiam ter certeza de que tinham sido recebidos; as proteções ao redor de Idris agora eram mais espessas e mais fortes do que quaisquer outras guardas vistas antes. A terra natal dos Caçadores de Sombras se tornara tanto prisão quanto fortaleza. — Zara é muito teimosa. Pode demorar um bom tempo. — Diego fez uma pausa. — Alec me ofereceu a posição de Inquisidor. Claro que tem que haver um voto, mas…

Cristina jogou os braços ao redor de seus ombros largos.

— Parabéns! Isso é maravilhoso!

Mas Diego não parecia totalmente feliz.

— Sinto que não mereço ser Inquisidor — disse ele. — Eu sabia que os guardas do Conselho, aqueles que trabalham no Gard, estavam sob a influência da Tropa. Eu disse tanto para Jaime quando eles vieram escoltando Zara e os outros prisioneiros. Mas eu não levantei uma objeção. Eu acreditava que não seria possível que eu, sozinho, visse um problema em potencial.

— Ninguém poderia prever o que aconteceu — disse Cristina. — Ninguém teria imaginado aquele gambito suicida e nada mais teria funcionado, mesmo que tivessem os guardas do lado deles. Além disso, ser o inquisidor não é um favor ou uma recompensa. É um serviço que você dá. É uma maneira de pagar de volta ao mundo.

Ele começou a sorrir.

— Eu suponho que sim.

Ela piscou.

— Além disso, fico feliz em saber que, se precisar de alguém para dobrar a lei a meu favor, terei um amigo poderoso.

— Eu vejo que você aprendeu muito com os Blackthorns — diego disse sombriamente.

Uma sombra passou por eles – mais escura que uma nuvem e grande demais para ser uma gaivota. Recuando de Diego, Cristina inclinou a cabeça para trás. Uma figura voadora subiu no céu, cintilando de branco contra o azul escuro. Circulou e começou a descer, preparando-se para pousar na areia.

Cristina ficou de pé e começou a descer as pedras em direção à praia.

***

O sol mergulhara para tocar a borda do horizonte. Era uma enorme bola brilhante de laranja e vermelho agora, iluminando o oceano com faixas de ouro metálico.

Julian estava na marca d'água, uma faixa mais escura na areia. Emma estava ao lado dele, seu cabelo dourado pálido escapando do clipe que ela colocara para segurá-lo; secretamente, ele estava satisfeito. Ele amava o cabelo dela. Ele adorava ser capaz de ficar ao lado dela assim, para pegar a mão dela e não ter um piscar de olhos. Na verdade, quase todos que conheciam pareciam tão bem com isso que ele se perguntou se muitos deles já não tinham suspeitas.

Talvez eles tivessem. Ele não se importou.

Ele estava pintando de novo – Emma, quando ele podia fazê-la ficar quieta e ser uma modelo. Ele a havia pintado por tanto tempo em segredo, as pinturas, sua única saída para seus sentimentos, que a pintavam movendo-se, rindo e sorrindo, um borrão de dourados, azuis e âmbares, era quase mais do que seu coração podia aguentar.

Ele pintou Ty, perto da beira da água, e Dru parecendo pensativo ou carrancudo, e Helen e Aline juntas, e Mark com os olhos erguidos para o céu como se ele estivesse sempre procurando pelas estrelas.

E ele pintou Livvy. Ele pintou a Livvy que ele sempre conheceu e amou, e às vezes ele pintava a Livvy em Thule que ajudou a curar seu coração da ferida da perda de sua irmã.

Nunca seria inteiramente curado. Isso sempre machucaria, como a morte de sua mãe, como a morte de seu pai. Como a morte de Arthur fez. Ele seria como todo mundo era, especialmente Caçadores de Sombras: uma colcha de retalhos de amor e tristeza, de ganhos e perdas. O amor ajudou você a aceitar a dor. Você tinha que sentir tudo.

Ele sabia disso agora.

— Posso falar com você, Jules?

Julian se virou, ainda segurando a mão de Emma; era Mark. A luz dourada do sol fez seu olho dourado brilhar mais forte; Julian sabia que ele ainda estava de luto pela perda de Kieran, mas pelo menos agora, na praia com sua família, ele estava sorrindo.

— Não se preocupe — disse Emma com um sorriso. Ela beijou a bochecha de Julian e desceu a praia para falar com Clary, que estava de pé com Jace.

Mark enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Jules — ele disse novamente. — A… Alec me ofereceu um emprego – ajudando a administrar a Aliança – e não tenho certeza se devo aceitá-lo. Eu sinto que deveria ficar aqui e ajudar Helen e Aline enquanto você tem o seu ano de viagem para que você não tenha que se preocupar. Você cuidou de tudo por tanto tempo. Eu deveria estar cuidando das coisas agora.

Julian sentiu uma onda de amor por seu irmão – se alguma vez houvesse algum ciúme, ele desaparecera. Ele estava apenas feliz por ter Mark de volta.

Ele colocou as mãos nos ombros do irmão.

— Aceite o emprego — disse ele.

Mark pareceu surpreso.

— Aceitar?

— Você não precisa se preocupar. As coisas não são mais assim — Julian disse, e pela primeira vez, quando ele disse as palavras em voz alta para seu irmão, ele realmente acreditou nelas. — No passado, eu tinha que cuidar das coisas porque não havia mais ninguém que pudesse fazer isso. Mas agora Helen e Aline estão em casa. Elas querem cuidar do Instituto, das crianças – é tudo o que queriam há anos. — Ele baixou a voz. — Você sempre fez parte de dois mundos. Fada e Nephilim. Isso soa como uma maneira de você ter uma força. Então faça. Eu quero que você seja feliz.

Mark puxou-o para um abraço feroz. Julian segurou seu irmão, com a maré batendo em ambos os pés, segurou–o com tanta força quanto imaginara se agarrar a ele durante todos os anos em que esteve fora.

— Mark! Mark!

Os irmãos se afastaram um do outro; Julian se surpreendeu ao ver Cristina correndo na direção deles ao longo da praia, ziguezagueando entre os festeiros assustados. Suas bochechas estavam vermelhas de excitação.

Ela os alcançou e agarrou a mão de Mark.

— Mark, *mira!* — disse ela, sua voz subindo com entusiasmo. — Veja!

Julian esticou a cabeça para trás – todo mundo estava, toda a festa paralisada pela visão de um cavalo das fadas circulando sobre eles. Um cavalo branco com olhos escarlates, dois cascos de ouro e dois de prata. Eram Lança do Vento e Kieran que estava de costas.

O sol estava se pondo em um clarão final, enquanto Lança do Vento pousava na praia, a areia soprando em volta de seus cascos. Max gritou de alegria ao ver o pônei, e Magnus o agarrou de volta rapidamente quando Kieran saltou das costas do cavalo. Ele estava todo de azul escuro, o tipo de traje elaborado que Julian mal podia começar a entender – havia definitivamente veludo e seda envolvidos, e algum tipo de couro azul escuro, e anéis em todos os dedos, e seu cabelo também estava azul escuro. Ele parecia etéreo e surpreendente e um pouco alienígena.

Ele parecia um Rei.

Seus olhos percorreram inquietos o grupo de foliões e se fixaram em Mark e Cristina. Lentamente, Kieran começou a sorrir.

— *Lembre-se* — disse Mark, sua mão na de Cristina, sussurrando em uma voz tão baixa que Julian se perguntou se deveria ouvi–la. — *Lembre-se que tudo isso é real.*

Ele e Cristina começaram a correr. Lança do Vento decolou no ar, circulando alegremente no alto. Julian viu Emma, parada perto da fonte de chocolate, juntando as mãos deliciosamente enquanto Mark, Kieran e Cristina se atiravam nos braços um do outro.

***

— Então — disse Alec. Ele e Magnus tinham encontrado abrigo a sotavento de uma grande rocha, sua superfície desgastada por uma textura granular por anos de sal e vento. Magnus, encostado a ela, parecia jovem de uma forma que fez o coração de Alec se romper com uma mistura de amor e nostalgia. — Desde que eu sou o cônsul agora, eu acho que eu faço as regras.

Magnus levantou uma sobrancelha. Ao longe, Alec podia ouvir os sons da festa: pessoas rindo, música, Isabelle chamando Max e Rafe. Ela foi encarregada de assisti-los enquanto Alec e Magnus levaram um momento para si mesmos. Alec sabia que, quando voltassem, as duas crianças seriam cobertas com um delineador brilhante, mas alguns sacrifícios valiam o removedor de maquiagem.

— Isso era você flertando? — Magnus disse. — Porque eu tenho que te dizer que eu sou mais do que eu pensei que seria.

— Sim — disse Alec. Ele fez uma pausa. — Não. Um pouco. — Ele colocou a mão sobre o coração de Magnus, e Magnus olhou para ele com pensativos olhos verde-dourados, como se sentisse que Alec estava falando sério. — Quero dizer, eu faço todas as regras. Estou no comando agora.

— Eu já te disse que eu estava — Magnus disse.

Alec deslizou a mão até o queixo do namorado. Havia barba por fazer na pele de Magnus, que Alec sempre amou. Isso o fez pensar no modo como Magnus parecia quando acordou, antes que o resto do mundo o visse, antes de vestir suas roupas como uma armadura, quando ele era apenas Alec.

— Nós poderíamos nos casar — disse ele. — No azul dos feiticeiros e no ouro dos Caçadores de Sombras. O jeito que sempre quisemos.

Um sorriso incrédulo se espalhou pelo rosto de Magnus.

— Você está realmente me perguntando…?

Alec respirou fundo e se ajoelhou na areia. Ele olhou para Magnus, observando seu rosto ir de divertido para outra coisa. Algo suave e sério e tremulamente vulnerável.

— Eu quase perdi você — disse Alec. — Eu me acostumei tanto a pensar em você como imortal. Mas nenhum de nós é. — Ele tentou evitar que suas mãos tremessem; ele estava mais nervoso do que ele pensava que seria. — Nenhum de nós é para sempre. Mas pelo menos eu posso fazer tudo o que puder para que saiba o quanto eu te amo todos os dias que temos. — Ele respirou fundo. — Eu gostaria de poder lhe prometer uma vida completamente tranqüila e pacífica ao meu lado. Mas tenho a sensação de que estaremos sempre cercados de aventura e caos.

— Eu não quereria de outra maneira — disse Magnus.

— Quando te encontrei, não sabia o que estava encontrando — disse Alec. — Palavras sobre coisas que são lindas e preciosas para mim não são fáceis. Você sabe disso. Você me conhece melhor do que ninguém. — Ele lambeu os lábios secos. — E quando um dia as pessoas olharem para mim e o que minha vida significava, eu não quero que elas pensem: “Alec Lightwood lutou na Guerra Maligna” ou até “Alec Lightwood foi cônsul uma vez.” Eu quero que elas pensem, “Alec Lightwood amou tanto um homem que mudou o mundo para ele.”

Os olhos de Magnus brilhavam como estrelas. Ele olhou para Alec com os olhos cheios de alegria, de um sentimento tão profundo que Alec se

sentiu humilhado por fazer parte disso.

— Você sabe que já mudou o mundo para mim.

— Você vai se casar comigo? — Alec sussurrou. Seu coração batia como as asas de um pássaro frenético. — Agora mesmo? Esta noite?

Magnus assentiu sem palavras e puxou Alec para seus pés. Eles abraçaram um ao outro, e Alec se inclinou um pouco, já que Magnus era um pouco mais alto, que ele sempre amou.

E eles se beijaram por um longo tempo.

***

A praia era um ramo de atividade. O sol se pôs, mas o céu ainda brilhava de um azul opalino. Simon e Jace estavam colocando uma plataforma de madeira na areia, onde a vista da costa era melhor. Julian e Emma estavam acendendo velas ao redor da plataforma, Clary, que tinha mudado em um vestido azul, estava espalhando flores, Ragnor e Catarina estavam discutindo enquanto pratos de comida de aparência deliciosa eram convocados para pesar as mesas já rangentes. Isabelle estava colocando Max e Rafe em roupas adoráveis, enfeitadas de ouro e azul, enquanto Max lamentava e Rafe parecia resignado.

Helen e Aline estavam ajudando os Blackthorns mais jovens a colocar suas runas douradas de compromisso e amor, fé e graça. Cristina, correndo em seus pulsos e garganta, se ofereceu para ajudar a alinhar a praia com tochas. Ela cantarolou enquanto trabalhava, cercada por Caçadores de Sombras e Seres do Submundo rindo juntos. Ela sabia que haveria tempos difíceis chegando, que o Clave-no-exílio não teria tempo simples. Alec teria decisões difíceis na frente dele; todos eles iriam. Mas esse momento, esses preparativos, parecia um momento de felicidade encerrado em uma bolha, a salvo da dureza da realidade.

— Tome isto. — Com um sorriso, Kieran apertou uma tocha na mão dela; ele havia se estabelecido para trabalhar ao lado de todos os outros como se ele não fosse o Rei da Corte Unseelie. No crepúsculo, seus cabelos pareciam tão pretos quanto suas roupas.

— E eu tenho mais. — Mark, descalço e de cabelos claros, colocou mais tochas na areia oposta à de Cristina. Ao se estabelecerem, começaram a queimar com uma luz fraca que logo se tornaria mais forte: eles estavam tecendo um caminho de fogo através da praia, para o mar.

— Kieran — disse Cristina, e ele olhou para ela através das tochas, sua expressão curiosa. Ela não tinha certeza se deveria perguntar a ele, mas não

podia evitar. — Eu enviei nossa mensagem para Adaon há muito tempo e não ouvimos nada de volta. Levou muito tempo para decidir o que fazer?

— Não — ele disse com firmeza. — Adaon não me disse imediatamente que você havia enviado uma mensagem para ele. Eu não sabia que você tinha contatado ele. Eu estava tentando esquecer vocês dois – eu estava tentando ser um bom rei, e aprender a viver uma vida significativa sem vocês. — Uma mecha de seu cabelo ficou azul-prateada. — Foi terrível. Odiei cada minuto disso. Finalmente, quando não aguentei mais, fui até Adaon e perguntei se ele estaria disposto a trocar de lugar comigo. Ele recusou, mas foi quando me ofereceu o chalé.

Cristina ficou indignada.

— Eu não posso acreditar que ele fez isso! Ele deveria ter entrado em contato com você imediatamente!

Kieran sorriu para ela. Ela se perguntou se alguma vez encontrara algo sobre ele severo ou distante. Eles se aproximaram um do outro, um grupo silencioso de três entre o fogo e o riso, as cabeças inclinadas juntas.

— Será que realmente vai funcionar? — Mark parecia preocupado. Ele estendeu a mão para escovar a areia da manga de veludo de Kieran. — Existe realmente um lugar onde podemos estar juntos?

Kieran produziu uma chave de uma corrente em torno de sua garganta – parecia antiga, enegrecida com a idade, uma prata em brasa.

— A casa é nossa agora. Isso nos dará um lugar onde não há reis, rainhas, mortais ou fadas. Apenas os três de nós juntos. Não será o tempo todo, mas será o suficiente.

— Por enquanto eu vou levar algum tempo com vocês dois que eu possa ter — disse Cristina, e Kieran se inclinou para beijá-la suavemente. Quando ele recuou, Mark sorria para os dois.

— Cristina e eu estaremos muito ocupados, eu acho — disse ele. — Entre nossas famílias em diferentes Institutos e nosso trabalho com a Aliança. E você também estará ocupado com seu novo reino. O tempo que passamos juntos será de fato precioso.

Cristina deu um tapinha no bolso.

— Diego e Jaime disseram que ficariam gratos se eu vigiasse a *Eternidad*. Então tudo o que você precisa fazer é nos enviar uma mensagem, Kieran, e nós iremos até você.

Kieran ficou pensativo.

— Você vai me trazer um daqueles calendários de gato dos quais eu gostei? Eu gostaria de decorar a cabana.

— Na verdade, existem outros tipos de calendários. Uns com lontras, coelhos e filhotes — disse Mark, sorrindo.

Parecendo beatífico, Kieran inclinou a cabeça para trás para ver as estrelas.

— Esta é verdadeiramente uma terra de maravilhas.

Cristina olhou para os dois, seu coração tão cheio de amor que doía.

— Realmente é.

***

Quando Alec e Magnus voltaram para a praia, ela havia sido transfigurada.

— *Você* planejou isso? — Magnus disse, olhando em volta, maravilhado. Ele não tinha ideia – nenhuma, mas era inconfundível. Magnus e Alec tinham ficado acordados tantas noites em seu apartamento no Brooklyn, enquanto o ventilador de teto girava lentamente acima, e sussurravam seus pensamentos e planos para aquele dia distante em que eles fariam suas promessas em ouro e azul. Ambos sabiam o que queriam.

Seus amigos tinham trabalhado rapidamente. Os Caçadores de Sombras vestiram runas de casamento, proclamando seu testemunho de uma cerimônia de amor e compromisso. Os Seres do Submundo tinham amarrado tiras de seda azul-cobalto em torno de seus pulsos esquerdos, como os convidados dos casamentos dos feiticeiros faziam cerimoniosamente. Fazia tanto tempo, Magnus pensou, já que ele tinha ido a um casamento para um dos seus. Ele nunca pensou que isso aconteceria para ele.

Tochas cintilantes, suas chamas intocadas pelo vento, descreviam caminhos na praia, levando a uma plataforma de madeira que tinha sido colocada em vista do mar. Magnus crescera capaz de ver o oceano, e ele uma vez – apenas uma vez – mencionara a Alec que gostaria de se casar ao som de suas ondas. Seu coração parecia como se estivesse sendo esmagado em milhares de peças alegres agora, desde que Alec se lembrava.

— Estou feliz por você ter dito sim — disse Alec. — Eu odiaria ter que explicar a todos que eles teriam que colocar as decorações de lado. E eu já disse às crianças que tive uma surpresa para você.

Magnus não pôde se ajudar; Ele beijou Alec na bochecha.

— Você ainda me surpreende todos os dias, Alexander — disse ele. — Você e seu maldito rosto impassível.

Alec riu. Enquanto seus amigos os acenavam avidamente, Magnus podia ouvir suas saudações e aplausos, carregados pelo vento. Runas brilhavam douradas sob a luz da tocha, e a seda azul cobalto sussurrava ao vento.

Jace deu um passo à frente primeiro, com uma jaqueta de engrenagem impressa com runas douradas, e estendeu a mão para Alec.

— Eu sou o *suggene* de Alexander Lightwood — disse ele com orgulho.

Magnus sentia em relação a Jace como ele se sentia em relação a muitos Caçadores de Sombras ao longo dos anos, Fairchilds e Herondales e Carstairs e outros: carinho e leve exasperação. Mas em momentos como esse, quando o amor de Jace por Alec brilhou verdadeiro e desimpedido, ele sentiu apenas gratidão e afeição.

Alec pegou a mão de Jace e eles começaram a andar pelo caminho da luz. Magnus fez para segui-los, bruxos sem tradição de suggenes – um companheiro para o altar – mas Catarina deu um passo à frente, sorrindo e pegou o braço dele.

— Eu lutei contra o nosso frenome verde mútuo pelo privilégio de escoltá-lo — disse ela, indicando um Ragnor fulminante com uma inclinação de cabeça. — Vamos, agora – você não acha que eu deixaria você se aproximar do altar sozinho? E se você ficar com os pés frios e fugir?

Magnus riu enquanto passavam por rostos familiares: Maia e Bat, Lily usando uma coroa de flores embriagada, Helen e Aline assoviando e batendo palmas. Helen tinha uma faixa azul ao redor de seu pulso, assim como runas douradas em suas roupas; o mesmo aconteceu com o Mark.

— Meus pés nunca foram mais quentes — disse Magnus. — Eles estão positivamente torrados.

Ela sorriu para ele.

— Sem dúvidas?

Eles haviam chegado ao final do caminho iluminado. Alec ficou esperando, Jace ao lado dele na plataforma. Atrás deles estava o oceano, estendendo-se em azul prateado como a magia de Magnus, todo o caminho até o horizonte. Seus amigos mais próximos cercaram a plataforma – Clary com os braços cheios de flores azuis e amarelas, Isabelle carregando Max e fungando de volta as lágrimas, Simon aceso e sorrindo, Maryse com Rafe ao seu lado: ele parecia solene, como se estivesse ciente do significado do

ocasião. Jia Penhallow estava onde um sacerdote estaria em uma cerimônia mundana, o Codex em sua mão. Todos vestiram xales ou blusões de seda, feitos de ouro; bandeiras de seda pendiam suspensas no céu, impressas com runas de amor e fé, compromisso e família.

Magnus olhou para Catarina.

— Sem dúvidas — disse ele.

Ela apertou a mão dele e foi ficar ao lado de Jia. Havia um segundo anel ao redor da plataforma: os Blackthorn e seus amigos estavam todos ali, agrupados perto. Julian sorriu seu lento sorriso para Magnus; Emma brilhou de felicidade quando Magnus atravessou a plataforma de madeira e tomou seu lugar em frente a Alec.

Alec estendeu as mãos e Magnus as pegou. Ele olhou nos olhos azuis de Alec, a cor precisa de sua própria magia, e sentiu uma grande calma descer sobre ele, uma paz além de qualquer outra paz que ele já conhecera.

Sem dúvidas. Magnus não precisou procurar sua alma. Ele pesquisou milhares de vezes, dez mil, nos anos em que conheceu Alec. Não porque ele duvidasse, mas porque o chocou tanto que ele não o fez. Em toda a sua vida, ele nunca conhecera essa garantia. Ele vivera feliz e não se arrependia, fizera poesia de admiração e perambulação, vivera sem limites e glorificado em liberdade.

Então Magnus conheceu Alec. Ele se sentiu atraído por ele de uma forma que ele não poderia ter explicado ou previsto: ele queria ver Alec sorrir, vê-lo feliz. Ele assistiu Alec se transformar de um garoto tímido com segredos para um homem orgulhoso que encarou o mundo abertamente e sem medo. Alec lhe dera o dom da fé, uma fé que Magnus era forte o suficiente para deixar Alec feliz, mas uma família inteira feliz. E em sua felicidade, Magnus se sentiu não apenas livre, mas cercado por uma glória inimaginável.

Alguns podem ter chamado a presença de Deus.

Magnus apenas pensou nisso como Alexander Gideon Lightwood.

***

— Vamos começar — disse Jia.

Emma subiu na ponta dos pés em emoção. Todos sabiam que haveria um casamento surpresa na praia – uma surpresa para Magnus, de qualquer forma. Se Alec estivesse nervoso, ele tinha feito um bom trabalho em esconder isso. Ninguém mais pensou que Magnus pudesse dizer não, mas

Emma lembrou-se do ligeiro tremor das mãos de Alec mais cedo, e seu coração borbulhou de felicidade que tudo havia dado certo.

Jace se adiantou para ajudar Alec a vestir uma jaqueta azul escura com estampas de runas douradas, enquanto Catarina pendia uma jaqueta de seda de cobalto e dourado em volta dos ombros de Magnus.

Ambos se afastaram, e um silêncio caiu sobre a multidão quando Jia falou.

— Através dos séculos — disse ela — tem havido poucas uniões entre Caçadores de Sombras e Seres do Submundo que foram reconhecidos como tal. Mas uma nova era amanheceu e, com uma nova era, surgem novas tradições. Hoje à noite, quando Magnus Bane e Alec Lightwood misturam suas vidas e corações, estamos prontos para reconhecer essa união. Para testemunhar um verdadeiro vínculo entre duas almas que se uniram. — Ela pigarreou. Ela parecia um pouco arrastada, como no Salão do Conselho, mas muito menos cansada. Havia deleite e orgulho em seu rosto enquanto ela olhava ao redor do grupo reunido. — Alexander Gideon Lightwood. Encontraste o que a tua alma ama?

Foi uma pergunta feita em todos os casamentos: parte da cerimônia dos Caçadores de Sombras por mil anos. A multidão silenciou, o silêncio da santidade, do ritual sagrado observado e compartilhado. Emma não pôde evitar segurar a mão de Julian; ele a puxou contra o seu lado. Havia algo sobre o modo como Magnus e Alec se entreolharam. Emma pensara que eles estariam sorrindo, mas ambos estavam sérios: olhavam um para o outro como se a outra pessoa fosse tão brilhante quanto uma lua cheia que pudesse apagar todas as estrelas.

— Eu o encontrei — disse Alec. — E eu não vou deixá-lo ir.

— Magnus Bane — disse Jia, e Emma não pôde deixar de se perguntar se era apenas a segunda vez na história que esta pergunta fora feita a um bruxo. — Entraste no meio dos vigias e nas cidades do mundo? Encontraste o que a tua alma ama?

— Eu o encontrei — disse Magnus, olhando para Alec. — E eu não vou deixá–lo ir.

Jia inclinou a cabeça.

— Agora é hora de trocar as runas.

Este é o momento em que, em uma cerimônia tradicional, os Caçadores de Sombras se marcavam com runas de casamento e falavam as palavras dos votos. Mas Magnus não podia suportar runas. Eles queimariam sua

pele. Confusa, Emma observou quando Jia pressionou algo que cintilava ouro na mão de Alec.

Alec se aproximou de Magnus e Emma viu que era um broche de ouro na forma da runa União Matrimonial. Enquanto Alec se aproximava de Magnus, ele proferiu as palavras dos votos dos Nefilins: — *O amor brilha como fogo, o tipo de chama mais brilhante. Muitas águas não podem apagar o amor, nem as inundações o afogam.* — Ele prendeu o broche sobre o coração de Magnus. Olhos azuis nunca deixando o rosto de Magnus. — *Agora, coloca-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço; porque o amor é forte como a morte. E assim somos obrigados: mais fortes que as chamas, mais fortes que a água, mais fortes que a própria morte.*

Magnus, seu olhar fixo em Alec, colocou a mão sobre o broche. Era a sua vez agora: Alec afastou o paletó e arregaçou a manga, mostrando o braço. Ele colocou uma estela na mão de Magnus e apertou os dedos de Magnus dentro da sua. Com as mãos entrelaçadas, Alec traçou a forma da runa União Matrimonial em seu próprio braço. Emma assumiu que a segunda runa, aquela sobre o coração, seria acrescentada mais tarde, em particular, como geralmente era.

Quando terminaram, a runa se destacou e ficou preta na pele de Alec. Isso nunca iria desaparecer. Isso nunca o deixaria, um sinal de seu amor por Magnus por todo o tempo. Emma sentiu uma dor profunda em sua alma, onde esperanças e sonhos não ditos viviam. Para ter o que Magnus e Alec tinham, qualquer um teria sorte.

Lentamente, Magnus baixou a mão, ainda apertado no de Alec. Ele olhou para a runa no braço de Alec em uma espécie de torpor, e Alec olhou para ele, como se nenhum dos dois pudesse desviar o olhar.

— Os anéis agora — disse Jia, e Alec parecia começar um sonho. Jace se adiantou e colocou um anel na mão de Alec, e outro no de Magnus, e disse algo em voz baixa para os dois que os fez rir. Simon estava esfregando as costas de Isabelle enquanto ela fungava ainda mais alto, e Clary estava sorrindo em suas flores.

Emma estava feliz por sua runa de Visão Noturna. Com ele, ela podia ver que os anéis eram anéis da família Lightwood, gravados com o desenho tradicional de chamas do lado de fora, e com palavras inscritas no interior.

— *Aku cinta kamu* — Magnus leu, olhando para o interior do anel, e ele sorriu para Alec, um brilhante sorriso de mundo. — Meu amor por você,

meu coração por você, minha alma por você, Alexander. Agora e para todo o sempre.

Catarina sorriu ao que devem ter sido palavras familiares. Magnus e Alec colocaram os anéis nos dedos um do outro e Jia fechou o livro.

— Alexander Lightwood-Bane. Magnus Lightwood-Bane. Vocês estão casados agora — disse ela. — Vamos nos alegrar.

Os dois homens se cruzaram nos braços um do outro, e um grande aplauso surgiu: todos gritavam, abraçavam e dançavam, e o céu explodiu em uma luz dourada quando Ragnor, por fim, começou a encher o ar de fogos de artifício. que explodiu nas formas de runas de casamento. No centro de tudo isso, Magnus e Alec se abraçavam com força, anéis brilhando em seus dedos como as lascas de um novo sol que se quebrava no horizonte.

***

A cerimônia de casamento tinha terminado em uma festa, os hóspedes animados se aglomeravam na praia. Ragnor tinha criado um piano de algum lugar e Jace estava tocando, sua jaqueta pendurada no ombro como um antigo músico de blues. Clary sentou-se no tampo do piano, jogando flores no ar. Dançarinos giravam descalços na areia, Caçadores de Sombras e Seres do Submundo perderam na música. Magnus e Alec dançaram juntos, seus filhos entre eles, um feliz emaranhado de família.

Diana e Gwyn sentaram-se a certa distância. Gwyn tinha colocado sua capa para Diana se sentar. Ela ficou comovida com o gesto: o manto do líder da Caçada Selvagem era um item poderoso, mas ele não parecia pensar duas vezes antes de usá-lo como um cobertor de praia.

Diana se sentiu efervescente, leve de felicidade. Ela tocou Gwyn no pulso e ele sorriu para ela.

— É bom ver tantos felizes. Eles merecem isso — disse ele. — Não apenas Magnus e Alec, mas Mark e Kieran e Cristina também.

— E Emma e Julian. Eu sempre me perguntei… — Diana falhou. — Em retrospecto, é claro, o amor deles parecia perfeitamente claro.

— Eu assumi isso — disse Gwyn. — Eles se olham como eu olho para você. — Ele inclinou a cabeça para o lado — estou feliz que eles estão felizes agora. Todos os corações verdadeiros merecem isso.

— E o líder da Caçada? E a felicidade dele? — Disse Diana.

Ele se aproximou dela. O vento do oceano estava frio, e ele puxou o xale para mais perto de sua garganta para mantê-la aquecida.

— Sua felicidade é a minha — disse ele. — Você parece pensativa. Você vai me contar o que se passa em sua mente?

Ela cavou os dedos na areia fria.

— Eu estive tão preocupada por tanto tempo — disse ela. — Eu mantive tudo em segredo – sendo transgênero, usando remédios mundanos – porque estava com medo. Mas agora eu disse a todos. Todo mundo sabe, e nada de terrível aconteceu. Ela deu um sorriso agridoce. — Nosso mundo inteiro virou de cabeça para baixo, e meu segredo agora parece uma coisa tão pequena.

Dois dias depois de voltarem de Idris, Diana reunira os habitantes do Instituto de Los Angeles e contara sua história a todos que lhe importavam. Ela deixara claro que não era segredo para o cônsul. Ela já havia conversado com Alec, que prontamente admitiu que sabia menos do que ele achava que deveria sobre os Caçadores de Sombras transgêneros (ou mundanos, para esse assunto), mas estava ansioso para aprender.

Ela fizera tudo bem, dissera Alec; ela manteve seus segredos dos médicos mundanos, ela não trouxe nenhum risco para Caçadores de Sombras. Só lamentava que ela tivesse vivido com medo, como ele já tivera.

— Mas não mais — dissera ele, sua convicção audível. — A Clave sempre atendeu à força dos Caçadores de Sombras, mas não à sua felicidade. Se podemos mudar isso…

Ela prometeu que iria trabalhar com ele. Os Blackthorn tinham respondido à sua história com amor e simpatia e, como todos os outros, podiam descobrir ou não. Ela não devia nada a ninguém.

— Você está sorrindo — observou Gwyn.

— Eu tinha dois segredos. Agora eu não tenho nenhum. Estou livre como o vento — disse Diana.

Ele pegou o rosto dela em suas grandes mãos.

— Minha lady, meu amor — disse ele. — Nós vamos montar o vento juntos.

***

A música do piano foi acompanhada pela música da flauta, tocada – surpreendentemente – por Kieran. Ele não era muito ruim, Julian pensou, enquanto Simon se juntou aos dois, carregando seu violão. Talvez todos os três pudessem começar a banda mais estranha do mundo.

Emma e Cristina estavam dançando juntas, ambas rindo tanto que continuaram se dobrando. Julian não queria interrompê-las: ele sabia que o tempo que passavam juntas era precioso antes que ele e Emma viajassem. Ele deixou-se assistir Emma por um momento – ela era adorável na luz das tochas, seu cabelo e pele reluzindo dourados como runas de casamento – antes que ele fizesse seu caminho em torno dos dançarinos, até a areia molhada onde as ondas entraram. O litoral.

Ty e Dru estavam juntos, Ty inclinando-se para explicar para sua irmã mais nova o que fazia as ondas brilharem.

— Bioluminescência — ele estava dizendo. — Pequenos animais vivos no oceano. Eles brilham como vagalumes subaquáticos.

Dru olhou duvidosamente para a água.

— Eu não vejo nenhum animal.

— Eles são microscópicos — disse Ty. Ele pegou um punhado de água do mar; brilhava em suas mãos, como se estivesse segurando um derramamento de diamantes cintilantes. — Você não pode vê-los. Você só pode ver a luz que eles fazem.

— Eu queria falar com você, Ty — disse Julian.

Ty olhou para cima, seu olhar fixo em um ponto logo à esquerda do rosto de Julian. O medalhão de Livvy brilhava ao redor de sua garganta. Ele estava começando a parecer mais velho, Julian pensou com uma pontada. A última redondeza infantil desaparecera de seu rosto, de suas mãos.

Dru deu a ambos um aceno.

— Vocês podem conversar. Eu vou ver se Lily vai me ensinar o Charleston. — Ela saltou pela praia, espalhando fagulhas luminosas.

— Você tem certeza de que está tudo bem comigo indo? — Perguntou Julian. — Emma e eu, nós não temos que ir.

Ty sabia, é claro, que Julian estava indo em seu ano de viagem. Não era segredo. Mas Ty era o membro mais averso à mudança da família, e Julian não podia deixar de se preocupar.

Ty olhou para Magnus e Alec, que estavam balançando Max entre eles enquanto ele gargalhava.

— Eu quero ir para a Scholomance — Ty disse abruptamente.

Julian começou. Era verdade que eles estavam iniciando a Scholomance, com novos instrutores e novas classes. Não seria como foi. Mas ainda…

— A Scholomance? Mas a Academia não seria melhor? Você tem apenas quinze anos.

— Eu sempre quis ser capaz de resolver mistérios — disse Ty. — Mas as pessoas que resolvem mistérios, sabem muitas coisas. A Academia não vai me ensinar as coisas que eu quero saber, mas a Scholomance vai me deixar escolher o que eu aprendo. É o melhor lugar para mim. Se eu não posso ser *parabatai* de Livvy, isso é o que eu deveria ser.

Julian tentou pensar no que dizer. Ty não era a criança que Julian estava tão desesperado para proteger. Ele havia sobrevivido à morte de sua irmã, ele havia sobrevivido a uma enorme batalha. Ele havia lutado contra os Cavaleiros de Mannan. Para toda a vida de Ty, Julian tentou ajudá-lo a dominar todas as habilidades que ele precisaria para levar uma vida feliz. Ele sabia que eventualmente ele precisaria deixá-lo ir para que ele pudesse viver.

Ele simplesmente não percebeu que aquele momento chegaria em breve.

Julian colocou a mão no peito de Ty.

— Em todo o caminho de seu coração, isso é o que você quer?

— Sim. É isso que eu quero. Ragnor Fell estará ensinando lá, e Catarina Loss. Eu voltarei para casa o tempo todo. Você me fez forte o suficiente para que eu possa fazer isso, Julian. — Ele colocou a mão sobre o de seu irmão. — Depois de tudo o que aconteceu, é o que eu mereço.

— Contanto que você saiba que o lar está sempre esperando por você — disse Julian.

Os olhos de Ty eram cinzentos como o oceano.

— Eu sei.

***

O céu estava cheio de faíscas – dourado, azul e púrpura, cintilando como vagalumes ardentes, enquanto os fogos de artifício de casamento desapareciam. Eles flutuaram da praia para alcançar o nível dos penhascos onde Kit estava com Jem e Tessa em ambos os lados dele.

Era uma cena familiar e desconhecida. Ele implorou por isso: uma parada rápida via Portal para ver o Instituto de Los Angeles uma última vez. Ele se perguntou como seria; Ficou surpreso ao perceber que se sentia como se pudesse entrar facilmente na festa de casamento e ocupar seu lugar com Julian, Emma, Cristina e o resto. Dru teria lhe dado boas-vindas. Todos eles iriam.

Mas ele não pertencia lá. Não depois do que aconteceu. De tudo o pensamento de ver Ty machucou mais.

Não que ele não pudesse vê-lo. Ele podia ver todos eles: Dru em seu vestido preto dançando com Simon, e Mark e Cristina conversando com Jaime, e Kieran ensinando a Diego algum tipo de dança fada estranha, e Emma com seu cabelo como uma cachoeira de luz âmbar, e Julian começando para subir a praia na direção dela. Eles estavam sempre indo em direção um ao outro, aqueles dois, como ímãs. Ele tinha ouvido falar de Jem que eles estavam namorando agora, e desde que ele nunca realmente entendeu a nebulosa coisa *parabatai* de não poder namorar, ele desejou-lhes bem. Ele podia ver Aline e Helen também, Aline segurando uma garrafa de champanhe e rindo, Helen abraçando Tavvy e balançando-o ao redor. Ele podia ver Diana com Gwyn, o líder da Caça Selvagem, com um grande braço jogado protetoramente ao redor de sua dama. Ele podia ver Alec deitado na areia ao lado de Jace, em profunda conversa, e Clary conversando com Isabelle, e Magnus dançando com seus dois filhos ao luar.

Ele podia vê-los todos e, claro, ele podia ver Ty.

Ty estava à beira da água. Ele não queria estar perto do barulho, das luzes e dos gritos, e Kit odiava que, mesmo agora, ele quisesse ir até a praia e tirar Ty, para protegê-lo de qualquer coisa e de tudo que pudesse perturbá-lo. Ele não parecia chateado, no entanto. Ele estava de frente para as ondas brilhantes. Qualquer outra pessoa teria pensado que ele estava chapinhando na bioluminescência sozinho, mas Kit podia ver que ele não estava sozinho.

Uma garota de vestido longo e branco, com cabelo castanho-escuro, flutuava descalça sobre a água. Ela estava dançando, invisível para qualquer um, menos para Ty – e Kit, que via até o que ele não queria ver.

Ty jogou algo no oceano – seu telefone, pensou Kit. Livrar-se do volume negro e suas imagens para sempre. Pelo menos isso era alguma coisa. Kit observou Ty se afastar um pouco, inclinando a cabeça para trás, sorrindo para Livvy que só ele podia ver.

Lembre-se dele assim, pensou Kit, feliz e sorridente. Sua mão subiu para tocar a cicatriz branca desbotada em seu braço esquerdo, onde Ty desenhou a tal runa Talent que parecia há muito tempo.

Jem colocou a mão no ombro de Kit. Tessa estava olhando para ele com profunda simpatia, como se entendesse mais do que ele adivinhou.

— Nós devemos ir — disse Jem, sua voz suave como sempre. — Não faz bem a ninguém olhar para trás por muito tempo e esquecer que o futuro está por vir.

Kit se virou para segui-los em sua nova vida.

***

O Amanhecer estava começando a aparecer.

A festa de casamento durou a noite toda. Embora muitos dos convidados tivessem saído cambaleantes para dormir no Instituto (ou foram levados, protestando, pelos pais e irmãos mais velhos), ainda restavam alguns, encolhidos em cobertores, observando o sol nascer por trás das montanhas.

Emma não conseguia se lembrar de uma comemoração melhor. Ela estava enrolada em um cobertor listrado com Julian, no abrigo de uma confusão de pedras. A areia sob eles era fresca, prateada pela luz do amanhecer, e a água começara a dançar com fagulhas douradas. Ela recostou-se contra o peito de Julian, seus braços ao redor dela.

Sua mão moveu–se suavemente pelo braço dela, dedos dançando contra sua pele. N–O–Q–U–E–V–O–C–Ê–E–S–T–Á–P–E–N–S–A–N–D–O–?

— Só que eu estou feliz por Magnus e Alec — disse ela. — Eles estão muito felizes, e eu sinto que um dia – podemos ser felizes assim também.

Ele deu um beijo no topo da cabeça dela.

— Claro que seremos.

Sua total confiança espalhou calor através dela, como um cobertor reconfortante. Ela olhou para ele.

— Lembra quando você estava sob o feitiço? — Ela disse. — E eu perguntei por que eu peguei todas essas coisas no meu armário, sobre meus pais. E você disse que era porque eu sabia quem os matou agora, e ele estava morto. Porque eu me vinguei.

— E eu estava errado — disse ele.

Ela pegou uma das mãos dele na dela. Era uma mão tão familiar para ela quanto a dela – ela conhecia todas as cicatrizes, todos os calos; ela se alegrava com cada gota de tinta. — Você sabe o porquê agora?

— Você fez isso para honrar seus pais — disse ele. — Para mostrar a eles que você deixaria tudo de lado, que você não iria deixar a vingança controlar sua vida. Porque eles não teriam desejado isso para você.

Ela beijou seus dedos. Ele estremeceu, aproximando-se dela.

— Isso mesmo. — Ela olhou para ele. A luz do amanhecer transformou seu cabelo emaranhado pelo vento em um círculo brilhante. — Eu continuo me preocupando — disse ela. — Talvez eu não devesse ter deixado a Zara ir. Talvez Jia e o Conselho devessem ter prendido todos os simpatizantes da Tropa, como Balogh, não apenas os que lutaram. Pessoas como ele são a razão pela qual as coisas saíram do jeito que fizeram.

Julian estava observando o oceano enquanto se iluminava lentamente.

— Só podemos prender as pessoas pelo que fazem, não pelo que pensam — disse ele. — Qualquer outra maneira de fazer as coisas nos faz gostar dos Dearborns. E ficamos melhor com o que temos agora do que estaríamos se nos tornássemos como eles. Além disso — ele adicionou. — Toda escolha tem uma longa vida após a morte de consequências. Ninguém pode saber o resultado final de qualquer decisão. Tudo o que você pode fazer é fazer a melhor escolha que você pode fazer no momento.

Ela deixou a cabeça cair contra o ombro dele.

— Você se lembra de quando costumávamos vir aqui quando éramos crianças? E fazer castelos de areia?

Ele assentiu.

— Quando você saiu mais cedo neste verão, eu vim aqui o tempo todo — disse ela. — Eu pensei em você, e em quanto eu sentia sua falta.

— Você teve pensamentos sensuais? — Julian sorriu para ela, e ela deu um tapinha no braço dele. — Não importa, eu sei que você teve.

— Por que eu te conto as coisas? — reclamou ela, mas os dois estavam sorrindo um para o outro, de um jeito tolo que ela tinha certeza de que qualquer espectador acharia intolerável.

— Porque você me ama — disse ele.

— Verdade — ela concordou. — Ainda mais agora do que eu costumava amar.

Seus braços se apertaram ao redor dela. Ela olhou para ele; seu rosto estava tenso, como se estivesse com dor.

— O que foi? — Perguntou ela intrigada; ela não queria dizer nada que pudesse machucá-lo.

— Apenas um pensamento — ele disse, sua voz baixa e áspera. — De poder falar sobre isso, com você. É uma liberdade que eu nunca imaginei que alguma vez teríamos, que eu jamais teria. Eu sempre achei que o que eu queria era impossível. Que o melhor que eu poderia esperar era uma vida de desespero silencioso como seu amigo, que pelo menos eu seria capaz de estar em algum lugar perto de você enquanto você vivesse sua vida e eu me tornasse cada vez menos parte disso…

— Julian. — Havia dor em seus olhos, e mesmo que fosse uma dor lembrada, ela odiava vê-la. — Isso nunca teria acontecido. Eu sempre te amei. Mesmo quando eu não sabia, eu amava você. Mesmo quando você não sentiu nada, mesmo quando não era você, lembrei-me do verdadeiro

você e eu amava você. — Ela conseguiu se virar, deslizar os braços ao redor de seu pescoço. — E eu te amo muito mais agora.

Ela se inclinou para beijá-lo, e suas mãos deslizaram em seu cabelo: Ela sabia que ele amava tocar em seu cabelo, assim como ele sempre amava pintá-lo. Ele a puxou para seu colo, acariciando suas costas. Sua pulseira de vidro de mar estava fria contra sua pele nua enquanto suas bocas se encontravam lentamente; A boca de Julian era suave e tinha gosto de sal e sol. Ela pairou no beijo, no prazer eterno, em saber que não foi o último, mas foi um dos primeiros, selando a promessa de um amor que duraria os anos de suas vidas.

Eles saíram do abraço com relutância, como mergulhadores que não querem deixar para trás a beleza do mundo subaquático. O círculo dos braços um do outro, a sua própria cidade privada no mar.

— Por que você disse isso? — Ele sussurrou sem fôlego, acariciando o cabelo em sua têmpora. — Que você me ama mais agora?

— Você sempre sentiu tudo tão intensamente — disse ela depois de um momento de pausa. — E isso foi algo que eu amei em você. Quanto você amou sua família, como você faria qualquer coisa por eles. Mas você manteve seu coração fechado. Você não confia em ninguém, e eu não culpo você – você pegou tudo em si mesmo, e você guardou muitos segredos, porque achou que precisava. Mas quando você abriu o Instituto para o conselho de guerra, você se fez confiar em outras pessoas para ajudá-lo a executar um plano. Você não se escondeu; você se deixa estar aberto a ser ferido ou traído para poder guiá-los. E quando você veio até mim na Cidade do Silêncio e me impediu de quebrar a runa… — Sua voz tremeu. — Você me disse para confiar não apenas em você, mas na bondade intrínseca do mundo. Esse foi o meu pior ponto, meu ponto mais escuro, e você estava lá, apesar de tudo, com o coração aberto. Você estava lá para me levar para casa.

Ele colocou os dedos contra a pele nua do braço dela, onde sua runa *parabatai* havia estado.

— Você me trouxe de volta também — disse ele com uma espécie de espanto. — Eu te amei a vida toda, Emma. E quando não senti nada, percebi – sem esse amor, eu não era nada. Você é a razão pela qual eu queria sair da gaiola. Você me fez entender que o amor cria muito mais alegria do que qualquer dor que cause. — Ele inclinou a cabeça para trás para olhá-la, seus olhos azul-esverdeados brilhando. — Eu amei minha

família desde o dia em que nasci e sempre amarei. Mas você é o amor que escolhi, Emma. De todos no mundo, de todos que eu conheci, eu escolhi você. Eu sempre tive fé nessa escolha. No limite de tudo, amor e fé sempre me trouxeram de volta e de volta para você.

No limite de tudo, amor e fé sempre me trouxeram de volta. Emma não precisou perguntar; ela sabia o que ele estava pensando: seus amigos e familiares se alinhavam diante deles nos Campos Imperecíveis, o amor que os trouxera de volta de uma maldição tão forte que todo o mundo dos Caçadores de Sombras tinha temido isso.

Ela colocou a mão sobre o coração dele, e por um momento ficaram sentados em silêncio, suas mãos lembrando onde suas runas *parabatai* haviam estado. Eles estavam se despedindo, Emma pensou, para o que eles tinham sido: tudo a partir daquele momento seria novo.

Eles nunca esqueceriam o que aconteceu antes. A bandeira da Armada de Lívia voou até o telhado do Instituto. Eles se lembrariam de seus pais, de Arthur e Livvy, e de tudo que haviam perdido, mas entrariam no mundo que a nova Clave estava construindo com esperança e lembrança misturadas, porque embora a Rainha Seelie fosse uma mentirosa, todo mentiroso era sincero às vezes… Ela estava certa sobre uma coisa: sem tristeza, não pode haver alegria.

Eles abaixaram as mãos, seus olhares travados. O sol estava nascendo sobre as montanhas, pintando o céu como uma das telas de Julian em ouro real, roxo e sangrento. Era madrugada em mais de um sentido: eles iriam entrar no mundo a partir deste momento sem sentir medo. Este seria o verdadeiro começo de uma nova vida que eles enfrentariam juntos, em toda a sua fragilidade e imperfeições humanas. E se alguma vez um deles temia o mal em si, como todas as pessoas faziam às vezes, eles tinham o outro para lembrá-los do bem.

EPÍLOGO

A RAINHA SENTOU-SE em seu trono enquanto trabalhadores fadas entravam e saíam da sala.

Tudo havia mudado. A cor do triunfo era de ouro e o rei Unseelie estava morto. Seu filho favorito havia se tornado o conselheiro mais próximo da Rainha e seu amigo leal. Depois de tanto tempo imersa no gelo da tristeza pela perda de Ash, a Rainha começara a se sentir viva novamente.

Trabalhadores tinham polido o chão de mármore, removendo os sinais de queimadura. Jóias tinham sido colocadas nas paredes onde havia buracos: elas brilhavam agora como olhos piscando, vermelhos, azuis e verdes. Borboletas com asas brilhantes circulavam o telhado, lançando padrões prismáticos e mutáveis sobre o trono coberto de seda e os sofás baixos que haviam sido transportados para os cortesãos acomodarem-se.

Logo o novo Rei Unseelie, Kieran, faria uma visita e ele não encontraria a sala do trono menos do que deslumbrante. Ela estava curiosa sobre o jovem rei. Ela o conhecera antes, um dos filhos ferozes do Rei Unseelie, ferido e apoiado pelos Caçadores de Sombras. O que a surpreendeu foi que ele havia se levantado rápido. Talvez ele tivesse outras qualidades ocultas.

A nova proximidade dos Caçadores de Sombras e da Corte Unseelie era preocupante, é claro. Ela havia perdido vários bons cortesãos para as artimanhas dos Caçadores de Sombras, Nene entre eles. Talvez ela devesse ter tentado mais para conseguir que o menino Blackthorn e a garota Carstairs destruíssem a runa parabatai e enfraquecessem seu exército. Mas ela só pode plantar as *sementes* da discórdia; ela não podia ter certeza de que cada uma delas cresceria. O jogo foi longo e a impaciência não serviu bem a ninguém.

Ela também estava perturbada com a perda do filho. Ela estava procurando por ele desde então, mas com pouca esperança. Outros mundos não tinham uma magia que as fadas entendiam bem.

A cortina de veludo dourado que pendia na entrada da sala do trono farfalhou e Fergus entrou. Ele usava uma expressão permanentemente

azeda hoje em dia, já que seu lugar a seu favor se tornara o de Adaon. Havia mais do que acidez agora, no entanto. Houve mais do que um pequeno alarme.

— Minha senhora — disse ele. — Você tem visitantes.

Ela levantou-se em sua cadeira para mostrar seu vestido de seda branco, agarrado e leve, para melhor proveito.

— É o Rei Unseelie?

— Não — disse ele. — Um Caçador de Sombras. Jace Herondale.

Ela fechou os olhos para Fergus.

— Jace Herondale está proibido de entrar na minha sala do trono — a última vez que ele esteve lá, ele quase a esfaqueou. Foi irresponsabilidade de Fergus esquecer tal coisa. — Você está doente, Fergus? Por que você não o mandou embora?

— Porque acho que você vai querer vê-lo, minha senhora. Ele entregou suas lâminas para mim de bom grado, e ele não… está sozinho.

— É melhor valer a pena o meu tempo, Fergus, ou vai custar-lhe o seu segundo quarto. — Ela acenou com uma mão irritada em sua direção. — Deixe-o entrar, mas volte também para ficar de guarda.

Fergus foi. A Rainha distraidamente considerou ter Jace bicado por duendes, mas parecia um problema e incomodaria desnecessariamente o novo governo dos Caçadores de Sombras. A palavra era que eles tinham colocado Alec Lightwood no comando – lamentável, como ela não gostava dele desde que ele matou Meliorn, seu último campeão – e ele provavelmente não perdoaria problemas provocados em seu melhor amigo.

Talvez fosse por isso que Jace estava aqui? Forjar uma aliança? Ela tinha acabado de pensar quando a cortina sussurrou novamente e Fergus entrou, escoltando dois companheiros, um vestido e encapuzado.

O outro era Jace Herondale, mas não era o Jace Herondale que ela conhecia. O Jace que ela conhecia era lindo como os anjos eram lindos: esse Jace era mais velho, abatido. Ainda bonito, mas à maneira de um penhasco de granito queimado por um raio. Não havia gentileza em seus olhos, e ele era musculoso como um adulto, sem nada de infantil nele. Havia uma luz escura sobre ele, como se ele carregasse um miasma de mágoa com ele onde quer que ele andasse.

— Eu tenho suas lâminas. — disse Fergus. — Você pode querer vê-las.

Ele as colocou nos pés da Rainha. Uma espada maior com estrelas impressas em sua lâmina de prata escura, com punho e punho revestidos

em ouro. Uma espada menor de ouro negro e adamas, um padrão de estrelas no cume central.

— Heosphorus e Phaesphorus — disse a Rainha. — Mas elas foram destruídas.

— Não no meu mundo — disse Jace. — Em Thule, muitos que aqui estão mortos, lá estão vivos. E muitos que estão mortos lá, vivem aqui. Em seu mundo, Rainha.

— Você com enigmas — disse a Rainha, embora seu antigo coração tivesse começado a bater com uma rara rapidez. *A terra de Thule é a própria morte. E vai chover morte aqui*. — Você é do mundo que o Rei Unseelie chamava de Thule?

Ele varreu um arco zombeteiro. Suas roupas estavam sujas de poeira, e elas não se pareciam com nenhum equipamento de Caçador de Sombras que ela já tinha visto.

— Eu não sou o Jace Herondale que você conhece ou já conheceu. Eu sou seu espelho escuro. Eu realmente vim desse mundo. Mas meu amigo aqui nasceu aqui, em sua corte.

— Seu amigo? — A Rainha respirou.

Jace assentiu.

— Ash, tire seu capuz.

O companheiro levantou as mãos e recuou o capuz do manto, embora a Rainha já soubesse o que veria.

Cachos de prata branca caiam sobre a testa. Ele estava alguns anos mais velho do que quando atravessou o Portal na sala do trono do Rei Unseelie. Ele parecia um mortal em sua adolescência, seu rosto já começando a mostrar sinais de sua própria beleza. Seus olhos eram verdes como grama, como os olhos verdadeiros de seu pai tinham sido. Ele a olhou com um olhar calmo e direto.

— Ash — ela respirou, levantando-se. Ela queria lançar os braços em volta do filho, mas se conteve. Ninguém deu algo por nada em sua corte. — Você traz meu filho para mim — disse ela. — E por isso eu agradeço. Mas o que você deseja em troca?

— Um lugar seguro para Ash viver. Para ficar com ele enquanto ele cresce.

— Ambos os desejos podem ser facilmente concedidos — disse a Rainha. — Não há mais nada?

— Há mais uma coisa — disse o Jace que não era Jace, seus olhos dourados e duros. — Eu quero que você me traga Clary Fairchild.

Sobre a Autora

CASSANDRA CLARE É a autora do best-seller #1 do New York Times e do USA Today, *Dama da Meia-Noite*, bem como da série e da trilogia best-sellers internacionais *Os Instrumento Mortais* e *As Peças Infernais*. Ela é co-autora de *As Crônicas de Bane* junto com Sarah Rees Brennan e Maureen Johnson e Contos da Academia dos Caçadores de Sombras, com Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson e Robin Wasserman, além do *Codex dos Caçadores de Sombras*, que ela co-roteirou com seu marido, Joshua Lewis. Seus livros têm mais de 50 milhões de cópias impressas em todo o mundo e foram traduzidos para mais de trinta e cinco idiomas, um longa-metragem e um programa de TV, *Shadowhunters*, atualmente em exibição na Freeform. Cassandra vive no oeste de Massachusetts. Visite-a em CassandraClare.com. Saiba mais sobre o mundo dos Caçadores de Sombras em shadowhunters.com.

CONHEÇA OS AUTORES, ASSISTA AOS VÍDEOS E MAIS
SimonandSchuster.com/teen
http://www.simonandschuster.co.uk/authors/Cassandra-Clare

Also by Cassandra Clare

THE MORTAL INSTRUMENTS

City of Bones
City of Ashes
City of Glass
City of Fallen Angels
City of Lost Souls
City of Heavenly Fire

THE INFERNAL DEVICES

Clockwork Angel
Clockwork Prince
Clockwork Princess

THE DARK ARTIFICES

Lady Midnight
Lord of Shadows

The Shadowhunter's Codex
With Joshua Lewis

The Bane Chronicles
With Sarah Rees Brennan and Maureen Johnson

Tales from the Shadowhunter Academy
With Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson, and Robin Wasserman

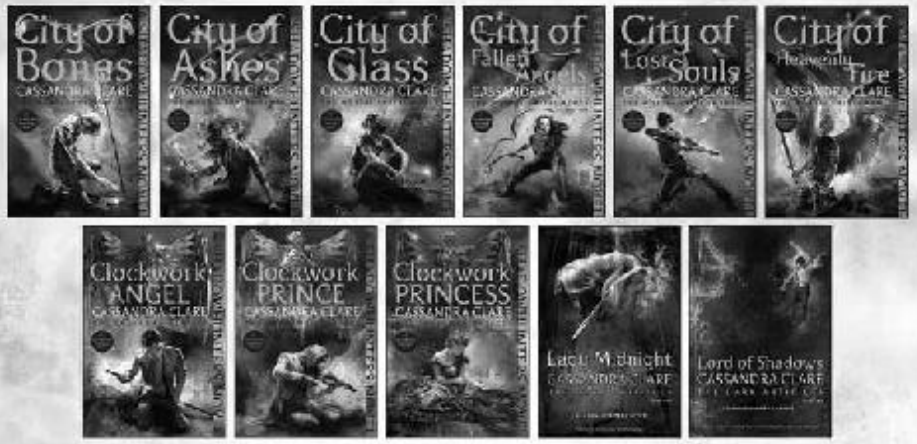
CASSANDRA CLARE'S

#1 *New York Times* Bestselling Series

THE MORTAL INSTRUMENTS
THE INFERNAL DEVICES
THE DARK ARTIFICES

A thousand years ago, the Angel Raziel mixed his blood with the blood of men and created the race of the Nephilim. Human-angel hybrids, they walk among us, unseen but ever present, our invisible protectors.

They call themselves Shadowhunters.

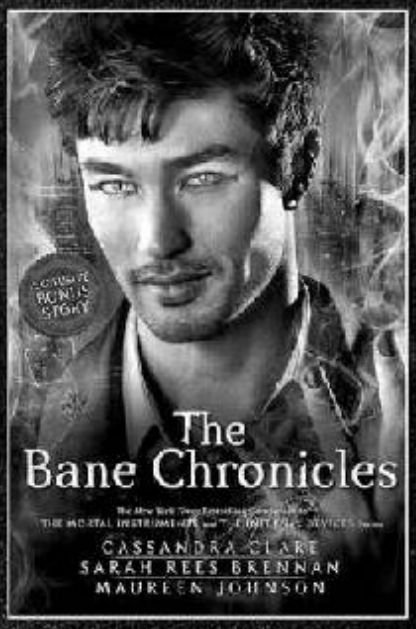


PRINT AND EBOOK EDITIONS AVAILABLE

From Margaret K. McElderry Books | simonandschuster.com/teen







Go deeper into the world of the Shadowhunters with

THE SHADOWHUNTER'S CODEX,

the essential guide to becoming one of the Nephilim.

PRINT AND EBOOK EDITIONS AVAILABLE

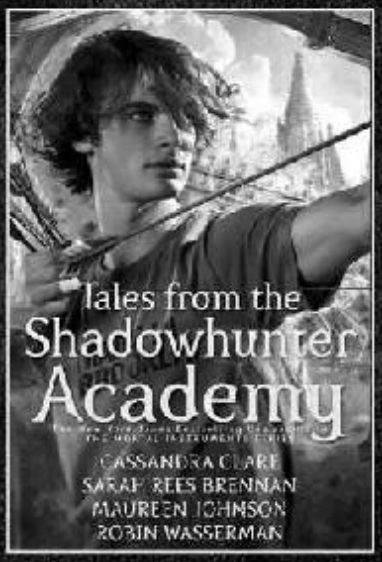
Explore the legends and legacy of Magnus Bane in

THE BANE CHRONICLES

What happens when Magnus meets Marie Antoinette?
And what *really* happened in Peru?
Find out the answers in this illustrated short-story collection featuring everyone's favorite warlock.

PRINT AND EBOOK EDITIONS AVAILABLE

From Margaret K. McElderry Books | TEEN.SimonandSchuster.com



CONTINUE THE ADVENTURES OF SIMON LEWIS,

one of the stars of Cassandra Clare's internationally bestselling Mortal Instruments series, in *Tales from the Shadowhunter Academy*. Packed with special appearances by characters from The Dark Artifices, The Mortal Instruments, and The Infernal Devices, *Tales from the Shadowhunter Academy* is a riveting short-story collection that follows the trials of Simon as he prepares to enter the next phase of his life: Shadowhunter.

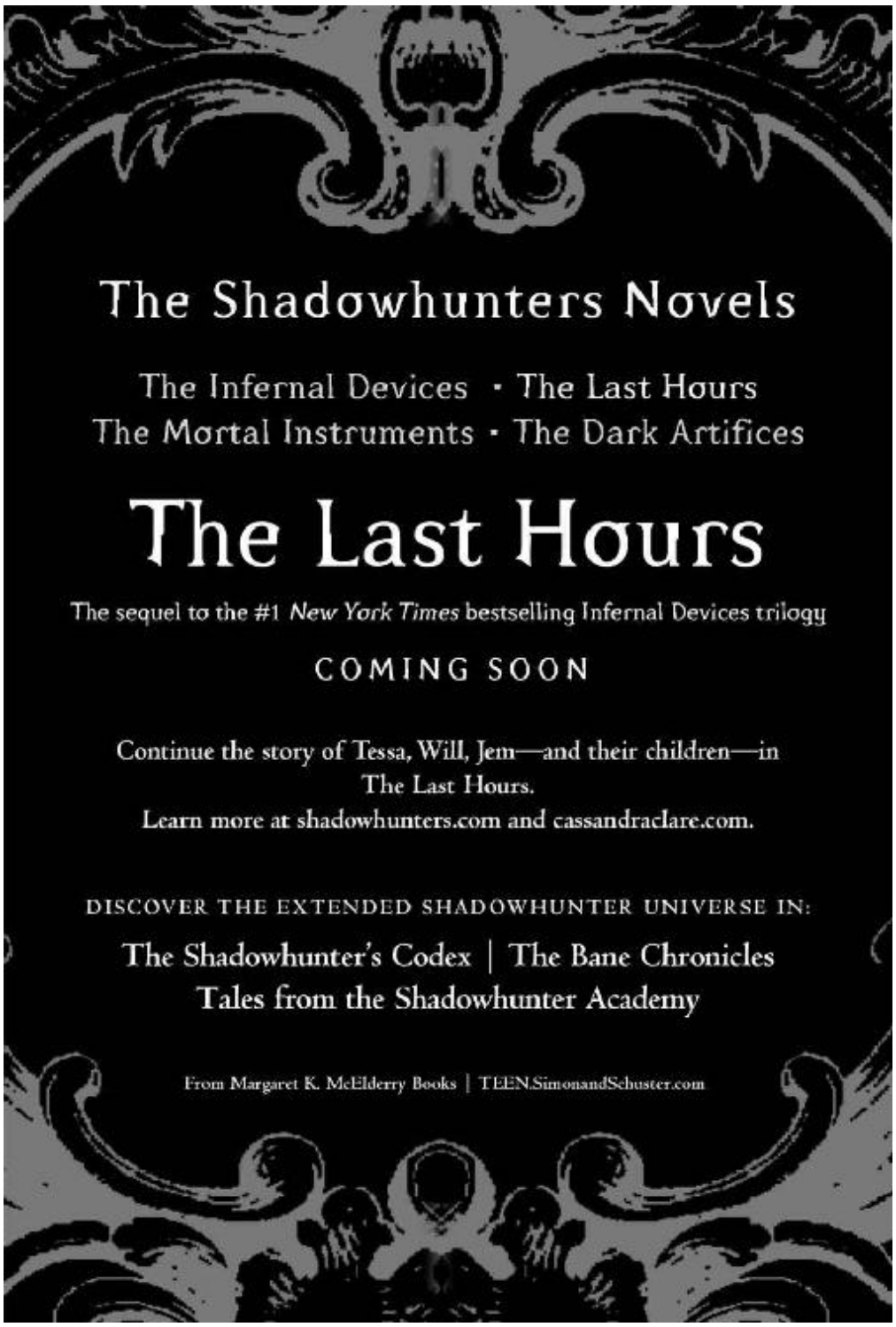
PRINT AND EBOOK EDITIONS AVAILABLE

Learn more at shadowhunters.com and cassandraclare.com.

DISCOVER THE SHADOWHUNTER UNIVERSE:

The Infernal Devices | The Last Hours
The Mortal Instruments | The Dark Artifices
The Shadowhunter's Codex | The Bane Chronicles
Tales from the Shadowhunter Academy

From Margaret K. McElderry Books | simonandschuster.com/teen


The Shadowhunters Novels
The Infernal Devices · The Last Hours
The Mortal Instruments · The Dark Artifices
The Last Hours
The sequel to the #1 New York Times bestselling Infernal Devices trilogy
COMING SOON
Continue the story of Tessa, Will, Jem—and their children—in The Last Hours.
Learn more at shadowhunters.com and cassandraclare.com.
DISCOVER THE EXTENDED SHADOWHUNTER UNIVERSE IN:
The Shadowhunter's Codex | The Bane Chronicles
Tales from the Shadowhunter Academy
From Margaret K. McElderry Books | TEEN.SimonandSchuster.com

Primeira Publicação na Grã-Bretanha em 2018 pela Simon and Schuster UK Ltd
Uma Companhia CBS

Publicado pela primeira vez nos EUA em 2018 por Margaret McElderry Books, uma marca da Simon & Schuster Children's Publishing Division

Direitos Autorais © 2018 by Casandra Clare, LLC
Ilustração da Capa © 2018 by Cliff Nielson
Ilustração na página 652 tem seus direitos reservados © 2018 por Kathleen Jennings

A Berne Convention tem Direitos Autorais deste livro.
Não reproduza sem permissão
Todos os Direitos reservados

O direito de Cassandra Clare de ser identificada como a autora deste trabalho foi afirmado por ela de acordo com as seções 77 e 78 dos Direitos Autorais, Designs e Atos de Patente de 1998.

Simon & Schuster UK Ltd
Primeiro Andar, 222 Gray's Inn Road
London WC1X 8HB

www.simonandschuster.co.uk

Simon & Schuster Australia, Sydney
Simon & Schuster India, New Delhi

Um registro de catálogo CIP deste livro está disponível na British Library.

Edição Especial HB ISBN 978-1-4711-7708-8
TPB ISBN 978-1-4711-1670-4
eBook ISBN 978-1-4711-1672-8

Este livro é um trabalho de ficção. Quaisquer referências a eventos históricos, pessoas reais ou lugares reais são usados ficticiamente. Outros nomes, personagens, lugares e eventos são produtos da imaginação da autora, e qualquer semelhança com eventos reais, lugares ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Table of Contents

Capa
Dedicatória
Epígrafe
Parte Um: Não Sinta Tristeza
- Capítulo 1: A Morte Olha Para Baixo
- Capítulo 2: Águas Melancólicas
- Capítulo 3: Descanso Eterno
- Capítulo 4: Nada Que Seja Nosso
- Capítulo 5: Região de Vidro
- Capítulo 6: De Uma Torre Orgulhosa
- Capítulo 7: Flores de Pedra
- Capítulo 8: Castelos Há Muito Esquecidos
- Capítulo 9: Pórticos Régios
- Capítulo 10: Muitos Santuários Maravilhosos
- Capítulo 11: Algum Mar Mais Distante e Mais Feliz
- Capítulo 12: Sob o Céu
- Capítulo 13: Babilônia
- Capítulo 14: O Vinhedo, a Violeta e a Videira
- Capítulo 15: Torres e Sombras
- Capítulo 16: Mil Tronos

Parte Dois: Thule
- Capítulo 17: Em Uma Cidade Estranha
- Capítulo 18: Inferno Crescente
- Capítulo 19: A Joia dos Mortos
- Capítulo 20: As Horas Estão Respirando
- Capítulo 21: Nenhum Raio do Céu
- Capítulo 22: O Pior e o Melhor
- Capítulo 23: Que os Ventos Possam Ser
- Capítulo 24: A Longa Noite
- Capítulo 25: Por Levantar Ventos
- Capítulo 26: Uma Agitação no Ar
- Capítulo 27: Longe e Livre

Parte Três: Lady Vingança
- Capítulo 28: E Sombras Lá

Capítulo 29: Tentar as Águas
Capítulo 30: Os Ricos que Mentem
Capítulo 31: Um Brilho Avermelhado
Capítulo 32: O Céu Desce
Capítulo 33: Reverência
Capítulo 34: A Cidade no Mar
Epílogo
Sobre a Autora
Copyright